A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4094-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Quinta-feira, 1 de Junho de 1922

Telefone n. 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Rosa, 71 — Preço 10 centavos

Perguntas insoluveis de toda a especie:

Quando parte para Timor
O seu ilustre Governador?

Politica externa

Ha quinze ou vinte dias publicou o «Dia» um artigo, que não nos passou despercebido, e ao qual desde logo deliberamos fazer algumas anotações, que até hoje não tem sido possiveis em consequencia de varios assuntos de flagrante actualidade que tem reclamado a nossa atenção.

O artigo a que nos referimos era de comentario a um outro que o sr. dr. Bernardino Machado inserira no nosso colega «O Mundo», e no qual se examinava a nossa politica externa depois de terminada a grande guerra, em que esforçadamente nos batemos, junto dos aliados, contra o poder formidavel da Alemanha.

Que facto importante sugeria ao sr. dr. Bernardino Machado as suas considerações?

O sr. dr. Bernardino Machado verificava que a nossa ação internacional tem sido, mais do que frouxa, quasi inteiramente apagada. Fôramos para a conferencia de Genova sem programa, sem orientação, sem directriz. Mais uma vez se seguira o comodo sistema de nortiar o nosso procedimento sempre pelo da Inglaterra. Tem-se, com efeito, julgado e continua a julgar-se que não ha outra politica externa para nós. Acompanhar em tudo a nossa aliada, tal o tema das instruções dadas aos nossos representantes. Verdade, verdade, em tais condições, quasi não vale a pena mandar ás conferencias internacionais delegados nossos. Bastaria passar uma procuração, com plenos poderes ao governo inglez.

O sr. Bernardino Machado viu lucidamente a questão. E' ele, sobretudo, quem tem procurado demonstrar, com uma firmeza que o natural melindre do assunto não oculta, a necessidade de dar á aliança inglesa uma acepção diversa daquela que até agora, por comodismo ou subserviencia, lhe tem sido dada. Aliança não quer dizer dependencia, subordinação, inferioridade. Aliança quer dizer egualdade. Firmam-se as alianças nessa egualdade de direitos sem os quais não haveria acordos dignificadores, mas servidões humilhantes. E, porque não dize-lo? o mais alto, o mais patriotico, o mais belo pensameeto dos que se empenharam pela participação na guerra, residia precisamente na aspiração, no desejo, na vontade, de fazer do pacto que liga há seculos as duas nações um compromisso geralmente honroso para ambas.

Se Portugal não quer ser uma provincia da Espanha, tão pouco quer ser uma feitoria da Inglaterra. Nos tempos da monarquia, fraca, abastardada e corrupta, essa situação era desgraçadamente aceita sem protesto. No tempo da Republica não podia ser. Portugal tinha que mostrar a sua independencia, a sua autonomia perante todas as nações do mundo. Tinha de a valorisar; tinha de patentear as suas reservas de energia, de fé e de orgulho nacional. Era preciso derramar sangue? derramar-se-ia para proveito e dignificação da patria.

A tão elevado pensamento deve corresponder uma diplomacia activa, e não uma diplomacia passiva. O sr. dr. Bernardino Machado, com a especial autoridade que lhe dá o facto de ter sido o Chefe do Estado na ocasião de se declarar a guerra, não duvida pôr a questão nos seus termos. O «Dia» aproveita o ensejo para desmerecer o nosso esforço, E' porque não vê ou não quer vêr a elevada importancia, a significação nobilissima da politica que nos levou para os campos da batalha. E tão pequena é a sua visão ou tão grande é a sua má fé que não quer reconhecer nas palavras do sr. Bernardino Machado senão talvez o arrependimento dessa intervenção. Engano! Nem o sr. dr. Bernardino Machado nem nenhum dos republicanos que advogaram a participação na guerra está arrependido da sua atitude. E' precisamente ela que nos dá o direito de levantar a cabeça, reclamando, com segurança e altivez, a consideração que nos é devida. Só é lastima que não haja governos que correspondam a esta alta noção patriotica da consciencia nacional.

PELAS CREANÇAS

A RAÇA!

A ADMIRAVEL PARADA DE BELESA QUE FOI A FESTA DO «STADIUM», DEVE-SE A UM NOTAVEL DIPLOMADO DR. GINESTAL MACHADO.—UMA GRANDE OBRA DA REPUBLICA :—: :—: :—: :—: :—: :—: :—:

Dentre os politicos destacam-se nitidamente duas categorias extremas—os homens de estomago e os homens de coração.

Aqueles são os balôfos «fracks» do acesso, da aventura oportunista, do palavroso ôco do comicio, do «panache» ingenuo e adventicio. Estes são os «sportsmen» do Governo, os que governam por dedicação e por dilettantismo, os que são apesar de tudo elegantes, os que tem a atração da politica como se tem a atração da arte, os que fazem da Politica uma arte, a arte suprema da Vida, a arte plastica de modelar multidões, de dar forma á ideais coletivos, de infiltrar belesa no espirito ambiente das nacionalidades.

Os politicos artistas da politica são homens de coração, generosos e violentos como combatentes de box: Cunha Leal é essencialmente um esteta da vida, um «sportsman» de arrojos insauditos, um pugilista de violencias indomaveis, um homem que com alguns discursos «directos», em plena pista do Parlamento, pôs «knock-out» todo um governo de oposição, um homem que lançou medidas de finanças como chicotadas dum domador pimpão de feras tontas.

Ginestal Machado, o pedagogo do partido liberal, politico de sentimento e de luvas brancas homem limpo de palavras e de ações, teve, no governo desse generoso e bem intencionado Granjo, uma linda nota de ternura, alem dum sentido nobre ou elevado de inteligencia e de cultura: A festa da educação fisica escolar.

Ninguem citou o seu nome a proposito dessa maravilhosa parada de belesa, de graça e de esperança que foi a festa de domingo, talvez a mais linda festa que se fez dentro da vigencia acidentada e tumultuosa da Republica.

A Gesta, está obliterada entre nós, no que ela tem de nobre e dignificador.

Infelismente os portuguezes não têm festas, sobretudo os portuguezes de Lisboa.

Nós temos a «pandega», a pandegata, o peixe frito das hortas, o cortejo civico «pacheco» e á paisana, a parada militar monotona e sem colorido.

A festa civica, com seu caracter de belesa, com sua expressão etnica, com seu simbolismo religioso, perdeu-se, apagou-se, esquecemo-nos dela. A alma popular esgota se, perdida, nas vielas do fado, e estoira em todos os póros dum sentimentalismo lamecha e decadente. O teatro, nas pachuchadas das revistas do ano ou na «cagnelotte» das traduções de 2.ª ordem, anedotico morbido e vicioso, é mais um factor de deseducação que um estimulo de apuramento moral ou estetico.

Por tudo isso, a festa de domingo, pondo a descoberto ao claro sol de Lisboa os peitos juvenis de 2000 crianças, fazendo respirar a plenos pulmões a mocidade triste das nossas escolas pobres e feias, levando para o ar livre as crianças livres, trazendo saude á Raça, dando alegria e movimento á vida,—foi uma sentida e linda nota de encanto.

Por tudo isso, o sr. Ginestal Machado, pedagogo moderno e orientado, e que foi o ministro que teve a honra de firmar o diploma creador dessa festa brilhante, merece o meu inteiro aplauso, o meu entusiastico acolhimento e o meu vivo agradecimento como portuguez e como professor.

As palavras escritas neste jornal, de indefectiveis tradições republicanas e dum passado de sacrificios pela ideia generosa da democracia, mesmo firmadas por alguem estranho ás suas passadas orientações, têm ainda o valor da sinceridade da independencia e do espirito moço que foram a caracteristica dos muitos e brilhantes jornalistas que nestas paginas escreveram. E' com o valor, mais dessa tradição que da autoridade de quem as firma, que estas linhas vão como agradecimento a quem tão altamente soube compreender a missão que cabe a um ministro da instrução e da educação publica num país moderno, ou que pretende sê-lo.

E' certo que duas penadas dum diploma podem á primeira vista parecer afinal de contas uma coisa simples, mas quando elas, como neste caso, representam uma rara intuição das necessidades inadiaveis, quando pelo facto de ter sido ministro um homem se não esqueceu da sua profissão, digamos melhor do seu sacerdocio de professor, e cria, com disvelo e carinho, uma coisa linda e que os outros só não criaram porque nunca lhe sentiram a belesa, esse homem merece sem favor que sobre ele chamemos a atenção respeitosa de todos os outros.

Os ministros da instrução tem que ser professores. São os ministros das creanças, os ministros da mais grave e mais importante assistencia.

As escolas são os melhores «stocks» de energia—o abandono ao acaso duma pasta como a da instrução, em qualquer país, representa o mais palpavel sinal de inconsciencia governativa. Por tudo isso, repetimos,—nós que o não fazemos senão pelo natural e expontaneo desejo de glorificar tudo que nos parece grande e digno,—o sr. dr. Ginestal Machado foi sob o ponto de vista pedagogico, um dos mais interessantes e notaveis ministros da Republica.

E, se quem escreve estas linhas, por estranha coincidencia, já publicamente, em carta aberta se dirigiu a esse professor, não concordando nessa altura com ele, é com praser que hoje, tambem publicamente lhe testemunha o seu estreito aplauso.

LEITÃO DE BARROS
prof. do Liceu

A ilha de Chipre

deseja anexar-se á Grecia

LIMASSOL (ILHA DE CHIPRE) 31—O conselho nacional acaba de se pronunciar por unanimidade pela união á Grecia. Em consequencia deste voto foi expedido um telegrama ao ministerio inglez das colonias, exprimindo o desejo de que a Inglaterra não quererá governar a ilha contra a vontade da sua população.—(R.)

N. R.—A ilha de Chipre é actualmente um protectorado inglez que, juntamente com Malta e Gibraltar constitue no Mediterraneo um dos trez pontos estrategicos que da a Gran Bretanha a supremacia naval naquele mar interior. E' uma base de «ravitaillement» para a Inglaterra e centro de operações da guerra para toda a costa da Asia Menor.

Um Jornalista Italiano

Suicidou-se a tiros de revolver

MILAO, 31. — Suicidou-se com um tiro de revolver o director do jornal «Seccolo» desta cidade.—(R.)

N. B. — «Il Secolo» é, conjuntamente com o «Corriére della Sera» e o «Avanti», um dos maiores e mais importantes jornais da Italia. E' «Il Seccolo» que dita ahi á opinião publica em todo o norte italiano.

Uma bandeira historica

Foi entregue pelo governo francez aos Estados Unidos

WASHINGTON, 1.—O embaixador da França entregou ao presidente Harding a bandeira americana que esteve içada ao lado da bandeira franceza na torre Eiffel quando os Estados Unidos declararam a guerra á Alemanha. Esta bandeira será colocada no museu nacional.—(R.)

CORÔA VERDE E ENCARNADA...

O novo regimen do inquilinato

A sublocação de quartos e partes de casa, segundo a proposta de lei ministerial
Carta dum cidadão que receia ser victima de tanta iniquidade

Interrompemos hoje a analise que vimos fazendo á proposta de lei do inquilinato, para ceder o lugar á publicação de uma carta que versa um dos pontos que mais interessa á população das cidades. Ao contrario do que supõe o nosso correspondente, o aspecto versado na sua carta já aqui foi tratado ontem e num outro numero do jornal. Em todo o caso, a carta do nosso leitor tem actualidade e, pelo seu desenvolvimento e argumentação nova, tem direito a ser aqui arquivada. De resto, ninguem corre atraz de nós e temos tempo de sobra para expor os outros inconvenientes da proposta ministerial, inconvenientes de tal ordem, que podem afectar mesmo a ordem publica, pelo desespero que a execução de tão draconiana lei desencadeará na grande maioria das populações citadinas.

Eis a carta:

Sr. redactor. — Tem vindo o seu jornal comentando algumas das disposições contidas no projecto de lei do inquilinato, ha dias apresentado ao Parlamento pelo sr. ministro da Justiça. Uma disposição, porém, escapou á analise do comentador, o que não admira, por isso que ela foi introduzida no projecto com tal astucia, que facil se torna não dar pela sua existencia.

Referimo-nos á impossibilidade em que ficam todos os inquilinos, pela projectada lei, de darem de aluguer um ou mais dos compartimentos da casa em que habitam.

Ora, sabe-o toda a gente, sabe-o muito bem o sr. ministro da Justiça, que muitas centenas de familias não poderão pagar ao senhorio, se não tiverem quem as auxilie nesse pagamento, tomando-lhes de aluguer um ou mais aposentos, ou, como se costuma dizer, partes de casa.

A falta de recursos obriga essas pobres familias a lançar mão dêsse meio, privando-se assim de todo o conforto, ainda o mais superficial.

Sabido é tambem, e o sr. Catanho de Menezes igualmente o não ignora, que um numero enorme de individuos, não podendo ter casa propria, nem habitarem em hoteis, devido á exiguidade dos seus recursos, condições de vida, etc., lançam mão dos quartos de aluguer, ali encontrando comodidades em relação e em proporção com os seus magros haveres.

A privação dêste recurso constitue, pois, para toda essa gente, uma verdadeira catastrofe, uma pungente calamidade, um desastre formidavel e irremediavel.

Pela letra do projecto de inquilinato de que nos estamos ocupando, não mais poderá qualquer inquilino dar de aluguer um simples quarto!! *A menos que o senhorio nisso consinta por escrito.* Mas, quanto não pedirá o senhorio pela renda do predio, em troca dêsse consentimento? Dez, quinze, vinte vezes a renda que o inquilino está pagando?! E lá irá tudo então parar á algibeira do senhorio, que desta forma passa a dar o predio de renda primeiro, e passa, depois, a alugar êle os quartos, por intermedio do arrendatario!!

E isto não respeita só aos futuros inquilinos. Respeita igualmente aos actuais, que pelo projecto são obrigados a fazer novos arrendamentos, para que fiquem bem jungidos á monstruosidade das suas disposições.

Assim, convertido em lei o projecto, todos os actuais inquilinos que tenham quartos alugados terão de despedir os respectivos alugadores, sob pena de ficarem á mercê do senhorio, que poderá requerer imediatamente a acção de despejo com fundamento no artigo 18.º, n.º 4.º e seu § 3.º.

Duvidam?

Diz o artigo 18.º: «São tambem fundamento para a ação de despejo, antes de findar o prazo de arrendamento:

....

«4.º A sublocação da casa, no *todo* ou em *parte*, sem autorização escrita do senhorio, nos casos em que esta é necessaria, podendo esta sublocação *provar-se por qualquer meio admitido em direito.*»

....

«§ 3.º Para os efeitos dos n.os 3.º e 4.º dêste artigo, *presume-se que ha sublocação quando, além do arrendatario, sua familia, serviçais, ou pessoas suas subordinadas com quem vive vida domestica, a casa é habitada por outrem, que nela reside habitualmente.*»

O sr. Catanho de Menezes poz toda a argucia de que é capaz na redacção do numero e do paragrafo que ficam transcritos. Um e outro não deixam lugar a duvidas. *O inquilino que não possua autorização escrita do senhorio para alugar um simples quarto, será inexoravelmente posto na rua,* porque o aluguer dêsse quarto *presume-se sublocação, sempre que na casa arrendada habitem outras pessoas que não sejam o arrendatario, sua familia, serviçais, ou pessoas suas subordinadas!!*

O sr. Catanho de Menezes, na preocupação de chamar sobre si as simpatias dos senhorios, foi até á iniquidade. E' discutivel se conviria ou não proibir a sublocação do *todo*. Mas que leve a audacia a ponto de proibir que o inquilino se prive *de uma parte da casa*, tolhendo-lhe, assim, com manifesto sacrificio, os meios de êle poder completar o quantitativo da renda que o senhorio lhe exige, isso é simplesmente inaudito, simplesmente monstruoso.

E não se diga que o inquilino que dá de aluguer um, ou mais quartos, está especulando com a casa que não é sua. Este argumento não passa de um artificio inconsistente. O inquilino, cedendo a outrem alguns aposentos da casa que habita, nada mais faz do que renunciar ao direito que adquiriu, pelo contracto celebrado com o senhorio, de usufruir êsses aposentos. Que razões de ordem moral podem impedir-lhe essa renuncia?

E' com ela, com a privação das suas comodidades, que o inquilino especula, quando se vê na triste necessidade de alugar quartos.

A especulação é com a sua propria miseria e não com a casa do seu senhorio.

Não o compreendeu, porém, assim o sr. ministro da Justiça, antes entende que o senhorio tem direito a participar dos parcos proventos daquela forçada especulação. E porque assim o entende, vá de tornar dependente de autorização o aluguer de qualquer cubiculo!

Com artificio evidente foram redigidos quer o n.º 4.º do artigo 18.º do projecto, quer o seu § 3.º.

A coisa tinha de fazer-se, assim, *astuciosamente*, para que os clamores indignados dos atingidos por aquelas disposições não viessem perturbar os nervos do venturoso homem publico, que nunca se viu forçado a dar de aluguer um aposento da casa em que habita, para assim completar a soma destinada ao senhorio.

A astucia, porém, não sortiu o desejado efeito. A subtil inteligencia do sr. ministro da Justiça ahi está bem patente nesse artigo 18.º do projecto, cujos n.º 4.º e § 3.º, sendo um ataque inclassificavel á economia do povo, dão bem a medida dos sentimentos democraticos do sr. Catanho de Menezes.

Agradecendo a publicação, sou de V., etc. — (a) *Mariano de Sousa*, c/v. rua Manuel Bernardes, 31, 1.º.

O Dia das atrizes

Um numeroso grupo de actrizes dos nossos teatros juntamente com jornalistas, escritores teatrais e artistas, pensa em levar a efeito em um dos jardins publicos de Lisboa, uma linda festa de confraternisação entre os trabalhadores dos teatros e dos jornais.

E' uma gentil ideia que decerto vai encontrar em todos quantos trabalham nos palcos ou nas redações um eco acolhedor. O produto dessa festa dedica-se inteiramente á Casa dos Jornalistas e á Casa Gil Vicente.

Brevemente iremos dando mais pormenores sobre «O Dia das atrizes».

O processo dos socialistas russos

Provoca grande celeuma entre a multidão de Moscou

MOSCOU, 31. — Quando Vandervelde, Rosenfeld e Liebknecht chegaram a esta cidade para defender os socialistas revolucionarios cujo processo deve em breve principiar, foram recebidos hostilmente pela multidão nas proximidades da gare, tendo de intervir a policia para os proteger.—(R).

AS INICIATIVAS DOS PORTUGUEZES DO BRAZIL

O que é o jardim da Europa

NA CIDADE BRAZILEIRA DE S. PAULO, UMA OUTRA CIDADE ULTRA-MODERNA E DUMA RARA ELEGANCIA, LEVANTA-SE DEVIDO AO ESFORÇO DO CAPITALISTA PORTUGUEZ — — — MANUEL GARCIA DA SILVA — — —

Está agora correndo mundo em todos os jornais do sul brasileiro a noticia de um empreendimento notavel, devido ao esforço e á energia do comerciante português sr. Manuel Garcia da Silva, que Lisboa conhece tão bem e que neste momento, em S. Paulo, está agitando a opinião publica com um dos maiores empreendimentos que ultimamente tem revolvido a topografia da velha capital do grande Estado brasileiro.

Em pleno coração de uma cidade pendurada no alcantil de uma serra, a cinco minutos de distancia do grande *corso* longitudinal que divide a cidade de ponta a ponta, a varinha de condão duma tenacidade transmontana abriu, com a maravilhosa deligencia, a homogenea elegancia de uma empresa norte-americana, uma cidade nova, talhada no mato virgem, arejada, fresca, ultra moderna, onde a graça severa dos arruamentos em curva mole produziu aspectos inteiramente ineditos nesse dificil e complicado sentimento de equilibrio artistico, imprescindivel no tira-linhas de um construtor do nosso tempo.

O sr. Garcia da Silva, português de uma velha tempera que já vai desaparecendo, revela-se, na nossa epoca de energias frouxas, um rude e forte combatente, cheio de ideias, onde passa sempre o sopro reanimador da actualidade, apoiado em vastissimos recursos materiais. A sua ideia de construir um bairro, que é quasi uma cidade, em pleno coração de uma metropole que de dia para dia vai engrandecendo e embelezando, não podia germinar num cerebro mediocre. E do milhão de metros quadrados de que podia dispôr, o sr. Garcia da Silva propoz-se fazer qualquer coisa de grande, o que efectivamente conseguiu.

Do gosto e da elegancia com que o novo bairro — o Jardim Europa — foi desenhado e construido, podem os nossos leitores fazer uma ideia, lançando os olhos para a planta que noutro lugar publicamos. Quem o idealizou e o planeou é incontestavelmente um fino espirito de artista. As graciosissimas curvas que fazem, entre outras, a rua da Alemanha, a rua da Belgica e a rua da Italia, são magistralmente lançadas, convergindo na monumental Praça das Nações, que é, no seu genero, uma perfeita *trouvaille*.

Uma variante devéras notavel é o facto da divisão dos terrenos ser feita de forma que todas as casas dispõem de jardins, havendo além disso um grande parque publico, com uma superficie de quatro hectares. O que é êsse parque, com a sua luxuriante vegetação tropical, talhado em nobres e severas alamedas, que dá á desordenada flora do Brasil a aparencia correta e digna de um grande parque inglês, só o poderá imaginar quem conhece o gosto requintadamente artista do sr. Garcia da Silva, servido pela mais solida e mais abundante profusão de capitais. Com efeito, o *Jardim Europa* está hoje avaliado em quantia superior a dezaseis mil contos, e, para se poder fazer ideia do seu desenvolvimento e quasi conclusão, basta dizer-se que as despesas a fazer para que fique totalmente concluido são hoje pouco superiores a dois mil e quinhentos contos.

Não ha hoje na cidade de São Paulo — cidade das empresas e dos progressos fulgurantes por excelencia — uma iniciativa que de longe sequer tenha a vastidão e o interesse das que o sr. Garcia da Silva realiza neste momento. Não ha, talvez, nessa imensa superficie de um milhão de metros quadrados um quinto da area total disponivel. Os palacios e as vivendas sucedem-se vertiginosamente e em menos de dois anos poderá dar-se como terminada plenamente essa aspiração que custou longos e penosos cuidados ao seu fundador.

Neste momento, em que tanto se fala das iniciativas dos portuguezes no Brasil, vem a talhe de foice dar relevo á do notavel comerciante e industrial portuguêz. Na patria que escolheram e que adoptaram não vão apenas buscar ou a fortuna que ambicionam ou o socêgo que debalde procuraram no seu paiz. Deixam tambem nas novas patrias distantes o produto concreto e sempre grande do seu esforço e da sua inteligencia. E é isso realmente consolador para nós e por isso mesmo a melhor parte de Portugal é talvez ainda aquela que não limita a palavras vãs o seu esforço e antes o demonstra na terra alheia porventura com a melancolia de ser totalmente impossivel manifestá-lo no solo patrio.

Com efeito, a empresa a que se propoz o sr. Manuel Garcia da Silva é de uma tal vastidão, que mesmo na generosa terra do Brasil, fertilissima e acolhedora de todas as iniciativas, encontrou de começo dificuldades de execução pratica. Foi preciso lutar contra a floresta, lutar com o clima, lutar contra mil causas fortuitas a golpes de audacia e de talento. Tarefa que só o Brasil moço e corajoso poderá coroar com um pleno exito. O *Jardim de Europa* no coração de Lisboa, como o está no coração de S. Paulo, seria totalmente impossivel.

E é de tal forma grandiosa a sua elaboração, que só a vontade de ferro do sr. Garcia da Silva, animado pelas mais nobres e mais inteligentes intenções, o poderia ter posto de pé tal como êle se encontra hoje.

O 19 de Outubro

Vai protelar-se indefenidamente o julgamento dos oficiaes outubristas?... Contra isso protesta, com veemencia, «A Capital».

Chegou hoje ao nosso conhecimento que principia a desenhar-se um incidente processual, capaz de adiar para epoca incerta e afastada o julgamento dos oficiaes ultimamente presos como «presumidos delinquentes» do outubrismo. A opinião da «A Capital» tem sido expressa por vezes, mas convem, neste momento, repeti-la: entendemos que devam ser apuradas judicialmente todas as responsabilidades respeitantes aos crimes d'assassinio ou tentativa de assassinio praticados á sombra do pronunciamento militar outubrista, mas não sancionaremos, nem mesmo pela passividade dum silencio acomodaticio, que se protelem os julgamentos, conservando sob custodia individuos que, se oficialmente são considerados «presumidos delinquentes» tambem podem ser classificados de «presumidos inocentes.» Posto isto, digamos o que nos consta:

Ha duvidas quanto ao tribunal competente para julgamento dos presos, isto é, ainda se não sabe se o tribunal será o da Marinha se será o do Exercito. A lei manda julgar os crimes pelo tribunal a que pertencer o mais graduado dos militares presos. Nesta hipotese seria competente o Tribunal Militar do Exercito, visto que a maior patente é a de coronel. Mas, por outro lado, o local onde os crimes foram praticados tambem serve para definir a competencia do tribunal. Nesta hipotese o foro competente seria o do Tribunal Militar de Marinha, por ter sido no Arsenal que se deram os factos delictuosos mais impressionantes. Ora se chegar a iniciar-se a discussão a tal respeito nunca mais acaba.

Certamente que é muito respeitavel e absolutamente constitucional o criterio que preceitua que o Poder Executivo ou mesmo o Poder Legislativo não intervenham na discussão, deixando ao Poder Judicial o cuidado de desenvencilhar-se de duvidas, como e quando quizer. Mas ha tambem uma lei que se chama Razão de Estado ou Salvação da Republica, que, para nós, é imperativa e superior a todas as outras. Entendemos, pois, que ao Governo compete informar-se do que existe, realmente, a competir

Balburdias e barafundas

A ORDEM PUBLICA E AS MEDIDAS DE VIOLENCIA EM FACE DO MOMENTO QUE PASSA

Escreveu um dia Eça de Queiroz, com aquela fria perspicacia tão peculiar na sua obra, que se um dia a Republica viesse a ser proclamada em Portugal, desataria numa sanguinolenta balburdia. O grande escriptor exagerou um pouco. Sangue tem corrido bastante durante a escassa duzia de anos do novo regimen, mas a balburdia não passa de Lisboa. Em todo o paiz tem havido socego. O povo adapta-se conforme póde ás leis republicanas, e vai trabalhando nos campos e nas fabricas, senão tão ingenuamente como outr'ora, ao menos com a compreensão tacita do velho aforismo do que quem não trabuca não manduca.

Em Lisboa, porem, a balburdia tem tido repetidas fases de circunstancia, a ultima das quaes se distinguiu pelo espingardeamento do fundador da Republica, o pobre almirante «honoris causa», e mais umas cinco victimas, incluindo um presidente de ministros. Tão crucis foram esses assassinios, que o chefe do governo, erguido pelos revoltosos desse inesquecivel 19 de outubro, passava agitado no seu gabinete, bradando:

—Os assassinos são peores que feras! Ajudem-me a descobri-los, e eu os mandarei fusilar!

Isto era bem a balburdia sanguinolenta. Cadaveres tombados a tiro, e um tirano no alto com sêde de mais tiros e mais cadaveres! Mas como sempre acontece neste paiz, os lances mais violentos e criminosos vão esquecendo com o tempo. Adensa-se sobre esses lances uma atmosfera de transigencia que, ao cabo de uns seis mezes, se torna espessa. Já passaram quatro sobre o morticinio: esperem mais dois ou tres. Os indicados actualmente presos serão entregues aos tribunais quando o vermelhidão do sangue se mudar em côr de cinza: os libelos da acusação serão formulados com veemencia, e as culpas, que as haja, ha-de leval-as uma sentença absolutoria. Foi sempre assim. Quem forneceu as carabinas a Buissa Costa? Não se sabe. Quem armou o braço do assassino de Sidonio? Ignora-se. Quem açulou as feras do Arsenal na noite sangrenta? Tambem se não ha-de saber; tambem se ha-de ignorar!

A consciencia publica, tal como ela se manifesta entre nós, não sofrerá com o facto de ficarem impunes certos assassinos. E' uma vestal que só se comove surpreendida; finda a surpreza, desmemoria-se, alheia dos acontecimentos que a comoveram, e espera que outros se produzam para de novo sentir a comoção e esquecel-a. Mas a impunidade é que é grande mal. Ha sempre quem veja nos delictos impunes um estimulo a baixos instinctos, e nisto reside manifestamente a possibilidade de se eternizar a balburdia lisboeta. Uma revolução é sempre a abertura de uma situação nova, a mudança de governantes, o ensejo de medidas excecionais, a subida de varios ambiciosos que por meios legitimos não sabem satisfazer os seus caprichos. Nada de hesitações! Faça-se uma revoluçãosinha com algumas mortes para lhe dar tom—unico processo de se obter, á custa da tranquilidade publica e da degradação do regimen, logares chorudos para uma chusma de politicos em disponibilidade!

Pouco depois do meado deste mez de fevereiro, os boatos de uma nova revolução na Lisbia amada, tomaram tamanho vulto que estravazaram por todo o paiz, e até por toda a Europa, Africa e America. Jornais de todas as procedencias se fizeram eco do que corria em Lisboa, e o governo democratico da presidencia do sr. Antonio Maria da Silva, de tais processos usou contra a prejectada irrupção revolucionaria que poz nos animos um grande susto.

Numerosas tropas da provincia foram chamadas a toda a pressa á capital, formando-se com elas um cerco a Lisboa, como se o rei de Castela marchasse através da fronteira, á frente de um grande exercito. Tremia o solo sob as patas dos cavalos e o rodado da artelharia arrastava-se com estrondo.

No dia 20, havia sete mil homens armados, distribuidos por varios sectores. Na Amadora, no Carrascal, em Linda-a-Velha, Sacavem, Carnaxide e nos fortes do Alto do Duque, do Bom Sucesso, da Ameixoeira acamparam forças numerosas, municiadas e prontas para o combate á primeira voz.

Era tal o perigo da revolução, que o Governo declarou em nota oficiosa, publicada no dia 21, ter tido conhecimento de estar para se produzir um movimento de caracter politico e social. Seguindo os ditames da prudencia, o Governo, a Presidencia da Republica e o trem da casa presidencial, abandonaram Lisboa, indo refugiar-se na cidadela de Cascais. Em Caxias, espiava os primeiros rebates da insurreição, o sr. ministro da Guerra e o seu estado maior. Tudo a postos! Se nesse momento estoirasse um foguete, Lisboa seria bombardeada e atacada á baioneta.

Felizmente, nem um tiro se disparou. A revolução, alterada por esta atitude belicosa do Governo, encolheu-se. Pudera! Fizeram-se certas transferencias na Guarda Republicana. Um vaso de guerra foi mandado sair a barra em viagem de estudo, outro foi reduzido na sua guarnição e no seu armamento; o sr. Presidente da Republica e o Governo regressaram á capital; e, comquanto a concentração de tropas em volta da cidade continuasse a operar-se, os boatos desvaneceram-se, a normalidade foi-se acentuando, o temor da revolta acabou por se dissipar.

O final dêste episodio será o regresso das tropas aos quarteis, após uma limpeza de suspeições em varias unidades da força publica. Oxalá que essa desinfecção seja eficaz e valha a formidavel despesa que o cêrco de Lisboa impoz ao orçamento geral do Estado.

Mas será o processo usado pelo Governo, realmente util para assegurar a ordem de que o paiz tanto carece? Será possivel que com êste conspecto de forças fieis se ponha ponto na balburdia sanguinolenta que tem sido a divisa da vida politica em Lisboa? Sinceramente o desejarão todos os bons portugueses, aqueles que amam a felicidade da Patria e reconhecem que só pelo trabalho, pela paz, pela harmonia dos partidos essa felicidade pode obter-se. No entanto, o Governo temia uma revolução politico-social. Se o temor era verdadeiro, é de recear que um movimento dêsse caracter ficasse completamente extinto com o cêrco sêco que se faz a Lisboa; se não era, é caso para se citar o titulo Shakespereano *Much ado about nothing*, isto é, muito barulho para coisa nenhuma.

...as duvidas juridicas aqui denunciadas tratando, quanto antes, de as resolver.

O Poder Legislativo tem a faculdade de fazer leis novas e interpretar as antigas. Nestas condições não lhe falta competencia constitucional para desfazer duvidas interpretativas dos textos legais que regulam a competencia dos tribunais militares. Resolva, pois, o Governo ao Parlamento se o julgar necessario, por forma a que o julgamento dos «presumidos delinquentes» ou «presumidos inocentes» se faça no mais curto espaço de tempo possivel. São esses os nossos votos, como velhos e ardentes republicanos que todos somos e que, por isso mesmo, pomos acima de tudo a segurança e estabilidade das Instituições, que é como quem diz a segurança e estabilidade da Patria.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 3/16 — 4 1/16
» 90 dias	4 5/16 — —
Paris, cheque	1173 — 1210
Suissa, cheque	2465 — 2541
Belgica, cheque	1087 — 1121
Italia, cheque	672 — 693
Berlim, cheque	45 — 49
Holanda, cheque	5005 — 5150
Madrid, cheque	2028 — 2090
New-York, cheque	12875 — 13271
Brasil, cheque	50 — 53
Austria, cheque	1 — 3
Noruega, cheque	2332 — 2393
Suecia, cheque	3337 — 3439
Dinamarca, cheque	2830 — 2917

Libras . . . . . 64$500 — 66$000

CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

Nota dos individuos falecidos no estrangeiro e ultramar, e cujos espolios deram entrada na Caixa Geral de Depositos durante o mez de Abril ultimo:

Joaquim Chagas de Sousa—Santana Fernandes—Antonio Roberto da Cruz—Eduardo Martins Jacinto—Francisco Antonio Martins—Antonio da Costa—José Nogueira da Costa—Antonio Narciso Gomes de Sousa—Luiz Gomes—Fernando Cruz e Henrique d'Almeida.

A linha Paris-Strasburgo

Um aeroplano em «panne» provoca ferimentos graves nos passageiros

STRASBURGO, 31.—Um aeroplano da companhia franco-romaica que faz serviço de passageiros da linha Paris Strasburgo foi obrigado a aterrar parece que em virtude duma panne no motor pouco depois de ter largado do campo de aviação desta cidade.

Todos os passageiros que viajavam no aparelho assim como os pilotos ficaram gravemente feridos e foram ao hospital desta cidade.—(R.)

No Rio de Janeiro

Uma interessante homenagem aos «raidmen» Sacadura Cabral e Gago Coutinho, promovida por alguns socios correspondentes da Sociedade de Geografia de Lisboa

O sr. Comendador Oliveira Guimarães, prestigiosa figura do comercio portuguez do Rio de Janeiro, tomou a iniciativa de promover uma homenagem a Gago Coutinho e Sacadura Cabral, logo que os dois grandes portuguezes deem entrada na capital federal do Brasil. A carta que abaixo transcrevemos, dirigida pelo sr. Comendador Oliveira Guimarães á Sociedade de Geografia de Lisboa, relata os trabalhos já realizados; a homenagem a que ela se refere, em verso pelo sr. Rui Chianca, será publicada amanhã.

Ex.mo Sr. Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa—Rio de Janeiro, 27 de Abril de 1922.

A excepcional importancia das horas que teem decorrido desde que partiram de Lisboa os nossos dois heroicos aviadores; a anciedade com que para nós decorrerão ainda as que faltam até chegar o instante de os vermos incolumes e gloriosos no Rio de Janeiro; o alto significado de tamanho empreendimento, cujo alcance scientifico, politico e diplomatico eu creio apreender, tudo isto justificará aos olhos de V. Ex.ª e aos dos nossos dignos consocios o procedimento que julguei dever tomar na qualidade de socio correspondente dessa ilustre Sociedade, para que, entre as manifestações patrioticas do caracter oficial, a Sociedade de Geografia de Lisboa não deixe de ser representada como o seu caracter e o seu prestigio exigem.

Assim, de comum acordo com os nossos consocios srs. Sampaio Garrido, consul geral de Portugal; dr. Diniz Junior, director-presidente do jornal «A Patria» e Francisco Cruz, todos egualmente socios correspondentes, pelos quais foi aprovada sem hesitações a ideia que lhes propuz, convidei o poeta patricio sr. Rui Chianca, cuja obra dramatica e historica cheia de patriotismo é uma garantia moral e literaria, a escrever uma saudação em verso que, em nome da Sociedade de Geografia de Lisboa, será lida publicamente e assim entregue em pergaminho iluminado aos dois gloriosos oficiais da nossa Marinha de guerra Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

Do original envio uma copia á maquina por não estarem ainda impressos os exemplares que sob minha responsabilidade mandei tipografar a fim de serem distribuidos pelas agremiações portuguezas e brazileiras.

Aguardando a sanção de V. Ex.ª subscrevo-me com a mais alta consideração e apreço.

De V. Ex.ª Att.º Vnr.—A. d'Oliveira Guimarães.

• • •

A proposito desta festa, «A Patria», do Rio de Janeiro, publicou o seguinte suelto, em forma de carta dirigida ao sr. Comendador Oliveira Guimarães:

Comendador Oliveira Guimarães
Meu confrade!

Sua ideia de ofertar á colonia portuguesa, aos intrepidos aviadores Cabral e Coutinho, um hidro-plano, a que se dê o nome de «Brasil», é simplesmente luminosa.

Digo-lhe mesmo que, dificilmente, poderia haver outra mais bela ou mais expressiva.

E, alem disto, ela traduz, num simbolo perfeito, o espirito harmonioso que preside os destinos da heroica travessia.

«Lusitania» é a eloquencia de um voto, que diz a magnitude da aliança, moral, espiritual e economica, dos dois grandes povos atlanticos da mesma raça.

Ela sintetisa o sonho que ha-de fazer maiores, quando mais proximos, o seu e o meu paiz.

De um e outro lado do mar das nossas façanhas. Portugal e Brasil devem estar cada vez mais ligados mais fraternisados, assumindo o papel comum de senhores das aguas, de dominadores pacificos, mas dominadores do oceano que os navegantes de Sagres devassaram.

O mar é a vida, é a fortuna dos povos.

E este mar do sul é nosso.

«Brasil» vai ser, em Portugal, o perpetuo e emocionante sinal de que estamos vigilantes pelos nossos designios, pela realisação da grande obra de união lusitania.

E, nos ares em que primeiro subiu Bartolomeu de Gusmão, ele recordará, bravamente, guiado por Cabral e Coutinho, o genio descobridor da mais ilustre e afirmativa das raças.

Luminosa ideia, meu confrade!
Et semper.

João, apenas.

O convenio luso-transvaliano

Um jornal da noite publicava hontem este «energico suelto»:

«Como a prosperidade do Sul de Moçambique depende da emigração para as minas do Rand, que nos acarreta a ruina, o convenio com o Transvaal que, segundo corre, nós temos de negociar e assinar, mesmo de má vontade, deve ser para nós uma especie de corda de enforcar.»

Temos por varias vezes tratado da questão do Rand nas colunas deste jornal e combatendo até certo ponto as condições em que se produz a corrente emigratoria do preto de Moçambique para os territorios da União Sul-africana, nunca todavia poderiamos ter chegado á conclusão de que a emigração desse preto representa uma ruina para nós, porque de facto assim não é.

Não tem sido e não o são provavelmente por emquanto causas de ruina a corrente emigratoria que sempre se manifestou entre os portuguezes com grande intensidade. Ninguem ignora que o macaista se espalha com grande profusão no extremo Oriente, e que em Bombaim, na India Ingleza, ha perto de trinta mil indios portuguezes sem contar ainda os que vão para Moçambique. Correntes emigratorias de gradne intensidade são as que levam grande porção de caboverdeanos para Angola e para S.-Thomé as que arrastam multidões de açoreanos e de madeirenses para a California e para as Sandwich, as que transportam para o Brazil uma grande parte das provincias do Minho e de Traz-os-montes. E essas correntes emigratorias pode afoitamente afirmar-se que tem cantribuido em grande parte para a economia geral da nação.

Os direitos de exportação

São reduzidos na Provincia de Angola

O conselho legislativo da provincia de Angola aprovou uma proposta do Alto Comissario pela qual são reduzidos de 50 o/o os direitos de exportação, abolido o diferencial de bandeira e é estabelecida a obrigação de os exportadores receberam na provincia 50 o/o, pelo menos, das cambiais resultantes da exportação.

Esta proposta é aqui considerada altamente lesiva dos interesses da metropole, pois que com a abolição do diferencial de bandeira afecta gravemente a Marinha mercante nacional e mata o porto de Lisboa, porque deixará de fazer-se a reexportação e as cargas e descargas correlativas e agrava a situação cambial da metropole com a obrigação de levarem os exportadores para a provincia 50 o/o das exportações que até agora ficava todo na metropole.

A questão irlandeza

...mente as suas declarações no Parlamento

LONDRES, 1. — O sr. Churchil fez hontem finalmente na camara dos comuns as declarações sobre a questão irlandeza que já por duas vezes tinham sido adiadas. Falando com grande veemencia disse que se tinha o direito de esperar que as eleições gerais no sul da Irlanda permitissem que o povo decidisse se aceitava ou não a oferta generosa do home rule compreendida.

Parecia que o pacto estabelecido entre Collins e De Valera não permitia que isto sucedesse. O tratado estipulava que os membros do novo governo deviam declarar a sua adesão ao tratado e se De Valera e outros fossem incluidos no novo governo sem assinar a declaração do tratado este ficaria roto, e o governo imperial recuperaria a sua liberdade de ação quer sobre os poderes que já tinham sido outorgados ao governo provisorio quer sob a reocupação do territorio irlandez.

A Inglaterra não se desviará da interpretação estrita e honesta do tratado tanto na sua letra como no seu espirito.

Disse tambem que os acontecimentos do Ulster, tornavam mais dificil a situação do governo provisorio de cuja boa fé não se podia duvidar, e que mais uma vez prometera por em vigor o tratado.

No debate que se seguiu Churchill disse que no caso da republica ser proclamada o governo se apoderaria de Dublin como base das operações militares.

Os srs. Collins e Griffiths assistiram ao debate na galeria dos visitantes ilustres.—(R.)

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

Cá temos, na primeira parte da ordem do dia, o infindavel projecto dos emolumentos dos oficiais do registo civil; e, na segunda parte, a discussão dos orçamentos ministeriais da Agricultura e Justiça. Conclue, é claro, que a sessão de hoje, como já aconteceu á de ontem, não oferecerá interesse jornalistico.

A sessão abriu com 39 deputados presentes, sob a presidencia do sr. Domingos Pereira. Galerias desertas; na bancada ministerial, ninguem, por emquanto.

Emquanto se lêem a acta e o expediente, que ninguem ouve, os legisladores palestram; ha um que dormita... O discurso, ontem pronunciado no Senado pelo sr. Ribeiro de Melo, é bastante comentado. Parece que o sr. Veiga Simões foi posto em lençois de vinho... Atribue-se ao sr. Ribeiro de Melo, no seu ataque ao ex-ministro dos Estrangeiros e actual plenipotenciario em parte incerta, esta frase:

—O sr. Veiga Simões fez a sua carreira vagabundeando por aqui e por ali; agora é uma mariposa, pousando num paiz ou noutro, libando o mel de bons esterlinos de cavalinho...

O Senado ria muito e parece ter gostado da arrojada metafora do ilustre senador.

A proposito da acta, o sr. deputado Lucio dos Santos rectifica algumas palavras que lhe foram atribuidas num jornal. Não disse que a Universidade de Coimbra precisava ser expropriada, nem é pessoa capaz de proferir tais expressões. Interveiu no debate acerca das dotações orçamentarias, para defender o aumento da dotação á Universidade de Coimbra e tambem para dizer que deviam ser conservados os aumentos concedidos ás Universidades de Lisboa e Porto; o seu criterio, que é o de se dar a cada Universidade tudo aquilo de que ela precise, é o unico que lhe parece justo.

Reata-se a discussão acerca dos emolumentos dos oficiais do registo civil. Entrou em discussão e votação o artigo 12.º e vai-se caminhando lentamente para o ultimo. Este negocio talvez fique hoje terminado.

O sr. ministro do Trabalho, que é o unico membro do Governo presente, poz na bancada ministerial, defronte de si, uma pasta, muitos livros e papeis varios. Pedíu logo a palavra.

UM DEBATE INTERESSANTE

Ao discutir-se um dos artigos da nova lei do registo civil, travou-se um debate breve, mas interessante. Tratava-se da faculdade, reivindicada pela minoria catolica, para que o padre catolico possa batizar, independentemente do registo civil, o recem-nascido *in articulo mortis*. O sr. Lino Neto defendeu, com vigor, o ponto de vista catolico; o sr. Nunes Loureiro pronunciou-se tambem a favor, embora com restricções; o sr. Mourr Pinto vai falar tambem sobre a questão. Não sabemos se os debates terminarão a tempo de ser aqui noticiada a solução que a Camara adoptar.

O CONFLITO ENTRE O *LEADER* DEMOCRATICO SR. ALMEIDA RIBEIRO E O SR. MINISTRO DAS FINANÇAS.

Numa das salas da Camara está reunida a comissão de Finanças, com assistencia do sr. presidente do Ministerio.

Trata-se de procurar uma solução conciliatoria na questão provocada pelo sr. Almeida Ribeiro no relatorio ás propostas de Finanças. E' certo que o sr. ministro das Finanças poz a sua pasta sobre a questão, não aceitando as modificações propostas pelo sr. Almeida Ribeiro.

OS TRANSPORTES MARITIMOS ESTADO

Foi enviado para a mesa o parecer da comissão de comercio e industria acerca da proposta adoptada pelo sr. ministro do Comercio.

A comissão propõe que a adjudicação dos navios se faça por concurso publico, devendo os concessionarios dar participação dos lucros ao Estado e sustentar carreiras periodicas para o Brasil, norte e sul, e para as duas costas das nossas colonias africanas.

A VOTAÇÃO NA QUESTÃO DO BATIZADO RELIGIOSO DE CRIANÇAS «IN ARTICULO MORTIS»

O sr. Lino Neto requereu votação nominal, que foi aprovada. Posta á votação a proposta do sr. Marques Loureiro (que estatuia o batismo catolico independente do registo civil para os recem-nascidos em artigos de morte) foi regeitada por 49 contra 38 votos. Houve algumas abstenções.

No Senado

Na presidencia o sr. Pereira Ozorio, tendo a secretarial-o os srs. Ramos Pereira e Sousa Varela.

Acta aprovada por 31 senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Ramos de Miranda protesta contra uma local vinda num jornal em que se diz que a comissão de orçamento do Senado não tem diligenciado pronunciar-se sobre os orçamentos que já lhe foram distribuidos, quando em outra rubrica vem o contrario.

O sr. Ribeiro de Melo pronuncia-se sobre o mesmo assunto.

O sr. Afonso de Lemos protesta contra uma insinuação feita num jornal da manhã em que um membro da Camara dos Deputados afirma que a verba dos 15 mil contos, destinados á construção de linhas de caminhos de ferro, só pode ser autorisada pelo Governo, o que não é exato, pois que essa autorisação depende apenas do Parlamento, tendo o projecto já sido aprovado no Senado.

ORDEM DO DIA

Prossegue na sua interpelação, interrompida desde a sessão anterior, o sr. Ribeiro de Melo, ao sr. ministro dos Estrangeiros, sobre as irregularidades cometidas naquele Ministerio.

O «orador» começa por lêr á Camara varias biografias de consules portuguezes no estrangeiro, insertas no Anuario Diplomatico, combatendo energicamente os favoritismos que se tem feito.

A sessão continua.

Criterios diferentes em casos identicos

Na policia de Investigação Criminal continua a não haver criterio nem harmonia nas resoluções a tomar. Com a mesma facilidade com que se envia um criminoso para o Tribunal, tambem se remete para juizo um inocente, sucedendo ainda ás vezes libertarem-se deliquentes e remeter os inocentes para a Boa-Hora.

Ha dias na Junqueira, o chauffeur José Fragoso matou uma criança. Todas as testemunhas incluindo o pai da morta foram unanimes em afirmar que o chauffeur não tivera culpabilidade chegando até a atirar com o carro para cima de umas arvores afim de assim salvar a menor. Pois o chauffeur foi enviado a juizo não havendo forma da policia se convencer que se tratava de um inculpado.

Nas Janelas Verdes, outro chauffeur Antonio Martins Cotovia, atropelou com o auto de que era condutor o menor Augusto Antonio Campos, de 8 anos que tambem morreu. Pois o Cotovia foi posto em liberdade sendo o processo competente enviado a juizo.

O director da policia de Investigação poder-nos-ha explicar o que motivou criterios diferentes em casos identicos?

A gréve dos fragateiros

Reuniu-se hoje pelas 10 horas a classe dos fragateiros a fim da respectiva comissão de melhoramentos dar parte dos resultados dos seus trabalhos.

A classe resolveu não declarar a gréve de facto proseguindo no entanto nas suas "demarches„ a fim de conseguir melhoria de situação.

Os fragateiros que se encontravam presos foram restituidos á liberdade por ordem do sr. ministro da Marinha.

POEIRA DA ARCADA

O sr. ministro da Marinha autorisou a banda do corpo de marinheiros a tomar parte no festival que se vai realisar no Jardim Zoologico e na tourada em Algés, cujo produto se destina á compra dum hidro-avião.

—Amanhã são expedidas malas postais, pelo vapor «Antonio Delfino», para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, e pelo «Usaekoma», para Las Palmas, Angola e Congo, sendo ás 8 horas a ultima tiragem da correspondencia da caixa geral para o primeiro e ás 14 para o segundo, fechando para estes os registos ás 12.

O ultimo movimento revolucionario

No tribunal de Santa Clara foram hoje ouvidos varios presos da Trafaria

Ao forte da Trafaria recolheram já o major Arez e os capitães srs. Virgilio Costa e Sousa Guerra. O primeiro que comandava a G. N. R. no Terreiro do Paço na noite dos morticinios é acusado de pouca energia no comando dessas forças.

Os dois capitães fazem parte do «Comité» revolucionario outubrista e dahi as suas prisões aconselhadas pelo capitão sr. Campos Rego, chefe da repartição de justiça Militar do Quartel General.

No 1.º Tribunal Militar territorial foram hoje de tarde largamente interrogados os coroneis srs. Manuel Maria Coelho e Nobre da Veiga; o tenente-coronel sr. Marreiros e o alferes sr. Soares Lopes.

Estes oficiaes sairam da Trafaria no vapor das 13 horas, sendo o coronel Coelho acompanhado de outro oficial de egual patente e o alferes sr. Lopes Soares de um tenente. Os restantes presos vieram á vontade, e uma vez no 1.º Tribunal Militar foram ouvidos pelo auditor general sr. Carmona, que á pressa foi chamado para tal diligencia, porquanto hontem á tarde coisa alguma estava resolvida sobre o assunpto.

O que tudo indica é que o governo deu as suas instruções no sentido de ver se ainda é possivel salvar a «embrulhada» que o capitão sr. Campos Rego arranjou com as injustificaveis prisões...

A situação em Macau

Um telegrama recebido em Lisboa diz que a situação em Macau vai-se normalisando. O comercio abriu já as suas portas, a entrada de generos de abastecimento da cidade faz-se com regularidade e os operarios chinezes abstiveram-se de fazer novos disturbios.

Conselho de ministros

O conselho de ministros reuniu-se hoje na secretaria do interior, não tendo fornecido qualquer nota á imprensa. Depois da sessão houve uma larga conferencia entre o chefe do Governo e o sr. ministro dos Negocios Estrangeiros, ao que consta, acerca dos acontecimentos de Macau.

Em poucas linhas

Os gatunos entraram por arrombamento em casa de Maria Paula, rua da cidade de Manchester, 27, 1.º, donde furtaram objectos e roupas no valor de 2.000 escudos.

—Augusto da Cruz, Estrada de Sacavem, 42, queixou-se contra Deolinda da Conceição Avenida Almirante Reis 176, cave acusando-a de lhe ter furtado uma colcha no valor de 140 escudos.

—Maria do Carmo, beco de Estevão Pinto 6, 1.º, queixou-se contra Carmina Ferreira Almeida, rua de Campolide, pateo do Gonçalves 8, acusando-a de lhe ter furtado varios objectos no valor de 161$50.

—Para o tribunal da Boa Hora foram hoje remetidos os implicados no furto de medicamentos e especialidades farmaceuticas na farmacia Natividade do Rocio.

A questão das reparações

PARIS, 1 — A comissão das reparações, respondendo á carta do sr. Wirth, de 28 de Maio, diz tomar nota das medidas adoptadas e a adoptar pelo Reich e reconhecer os esforços serios do governo alemão para corresponder aos pedidos da comissão.

Consequentemente, resolve confirmar a moratoria provisória concedida em 21 de Março para a parte dos pagamentos que a Alemanha devia efectuar em 31 de Maio, moratoria que se tornará efectiva em 17 do corrente e será anulada se a comissão verificar que a Alemanha faltou ás condições prescritas e se não forem satisfeitas as melhorias alcançadas na regulação das questões em litigio ou se a Alemanha não der execução ás medidas relativas á diminuição da divida flutuante. — (H.).

Theatros e Cinemas

Nota do dia

A epoca teatral, prestes a findar, tem sido tão pouco prodiga, já não digo de originais, mas até daquelas novidades que habitualmente importamos do estrangeiro, sediças para uma grande parte do publico, que ha que constatar um caso curioso e que, mais do que nunca, êste ano se acentuou.

Os beneficios dos artistas dos diferentes teatros são, geralmente, constituidos, conforme a sua categoria, por primeiras representações de peças ainda não conhecidas ou pela *reprise* das que maior agrado tenham obtido do publico. Este ano, porém, houve tão poucos sucessos, em contrario do que rezam os cartazes anunciadores, que, quasi todos êles, fizeram as respectivas festas com retalhos de diferentes peças e *um acto de variedades*, em que colaboraram diferentes artistas e amadores, que foram sempre os mesmos e cujo reportorio se repetiu em todas as festas.

E a tal ponto, que o espectador já não encontra *variedade* nos espectaculos, e, o que é mais curioso, quasi já confunde os profissionais com os amadores, de tal forma êles se confundem.

ALVARO LIMA

A festa do maestro Benjamin

Do nosso camerada de imprensa, Mario Bonança, recebemos a seguinte carta:

Meu caro Alvaro Lima—Li a tua «Nota do dia» referente ao infortunado maestro Manoel Benjamim. Como tudo o que costumas escrever, é sensato, ponderado e honesto, pozías as coisas nos seus devidos logares, terminando por manifestares a tua opinião, que não é mais nem menos do que os amigos do maestro e ele proprio reclamam: que o dinheiro lhe seja entregue.

Não deseja a comissão organisadora da recita entregar-lhe a importancia auferida sob o pretexto de que em pouco tempo ele a dissipará? E' louvavel, mas injusto! Se o velho musico tem sido dissipador, perdulario, o que ainda ninguem comprovou, tem sido apenas do dinheiro ganho pelo seu trabalho, e, portanto, ninguem tem nada com isso. Foi esta a primeira festa de caridade que se fez em seu favor; não devemos ofende-lo, nem humilha-lo. Se alguma tivesse já sido levada a efeito e o seu produto malbaratado, admitia-se; assim não!

Toda a gente sabe que Manoel Benjamin tem atualmente 19.000$00, que a matinée rendeu. Se daqui a quatro mezes vier dizer que está na miseria, ele que seja a unica e voluntaria vitima da má administração do seu peculio.

Nomearam-me presidente da Comissão que representa os amigos e espectadores que concorreram á sua festa e desejam que ele entre em posse do que é seu. Trabalharei quanto puder para o fim para que fui nomeado. Mas, meu caro Alvaro Lima garanto-te sob minha palavra de honra, que se o dinheiro não fôr gasto por peso, conta e medida, como muito bem dizes não serei eu quem dê mais um passo em seu favor e os artistas e o publico que façam o mesmo, e nada tem a pesar-nos na nossa consciencia.

M-a tutela-lo agora sob qualquer pretexto é que não pode ser, é que não deve ser.

Teu amigo e admirador sincero,
—Mario Bonança.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Auto dos Faroleiros» e «Cavalgada das Nuvens».

POLITEAMA—A's 9,30—«Regresso».

Teatro musicado

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».

EDEN TEATRO — A's 9 — Companhia espanhola — «El pobre Valbuena, La Alegria de la Huerta e El Santo de la Isidra».

CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».

SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparotes».

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

Conferencias

A *Liga Anti-Alcoolica Portugueza* promove hoje, ás 21 h. na Associação, do Ensino Liberal, R. Alexandre Herculano 129, uma sessão de propaganda em que serão oradores os srs. drs. Carneiro de Moura e Esteves da Silva sobre: «A atitude de Portugal na campanha mundial contra o alcoolismo.

Tribuna e entrada livres.

As iniciativas portuguesas no Brasil

Planta do «Bairro Europa», iniciativa do sr. Garcia da Silva, a quem nos referimos na 1.ª pagina

Os portuguezes em Venezuela

O sr. conde Planas Suarez, ilustre ministro plenipotenciario da Republica de Venezuela em Portugal e que como advogado se interessa bastante pelos assuntos de catedra, publicou um curioso trabalho «Los Extrangeiros em Venezuela» que é uma autentica obra de direito internacional e que, pela parte que se refere a nós, portuguezes, justo é encarecer o trabalho do ilustre escritor.

O progresso dos estados tem conseguido, tanto no Direito Publico como no Direito Privado, a fixação de principios determinantes nos deveres de ambos e para com todos os povos. Abertas de par em par as portas da hospitalidade, apagadas das consciencias as preocupações do futuro, a axioma da sã doutrina juridica tem sido proclamada e já eminentes publicistas europeus teem apoiado o principio consagrado elementarmente pelo Direito Internacional e pela legislação de todas as Republicas sul-americanas, onde os estrangeiros gosam dos mesmos direitos civis que os filhos da terra.

O cristianismo, com as suas admiraveis doutrinas e principios liberais estabeleceu a unificação da humanidade e ainda influe bastante nos melhoramentos das leis que ha-de regular os homens nas nações estrangeiras. Nem o Fendalismo, que sucedeu á invasão dos barbaros, nem a ruina do Imperio romano foram suficientemente poderosos para quebrar os estreitos laços que unia todos os povos do mundo. O culto rendido a um só Deus substituiu, por assim dizer, as inumeraveis divindades do paganismo e a humanidade apareceu, a caminho da pacificação e da harmonia universal, animada pelo espirito de concordia, porque, como dizia Lactanerd, «O laço supremo entre os homens é a humanidade. Quem o romper é um malvado e um parricida, porque todos nós precedemos de um só homem feito por Deus. Somos todos do mesmo sangue e se de um só Deus temos recebido o sôpro da vida, que somos na terra, senão irmãos, e irmãos tanto mais unidos não só espiritualmente como pela carne?»

As Constituintes Francezas, de 1790, onde tão alta consagração receberam os direitos do homem, fizeram com que todos os povos distrutassem governos incapazes de desrespeitar os direitos sagrados da humanidade. O principio de reciprocidade admitido no Codigo Napoleonico seguiu a egualdade civil dos estrangeiros reconhecida pelo artigo 355 da Constituição.

A legislação de Venezuela consagra em forma liberal, adquada em absoluto á indole e tendencias do seu foro e direitos e os deveres dos estrangeiros que nela habitam, a quem confunde com os nacionais, no goso de todos os direitos civis e por lhes conceder certos beneficios ou isenções, de forma que, ao contrario dos tempos passados, a condição aos estrangeiros em Venezuela, envolve os maiores beneficios.

O espirito de liberdade de cultura que domina o foro venezuelano faz da igualdade dos direitos civis de nacionais e estrangeiros não só um dever de equidade, mas tambem uma verdadeira necessidade para o sentimento nacional.

O Codigo Civil, no seu artigo 20 declara que os estrangeiros gosam em Venezuela dos mesmos direitos civis do que os nacionais, e estão especialmente sugeitos á «Constituição e Leis da Republica» e ao estipulado nos «Tratados Internacionais» que resume no artigo 3.º do mesmo codigo: «A autoridade na lei, estende-se aos habitantes da Republica, até aos estrangeiros».

Os progressos do Direito e da Civilisação, tem assegurado, amplamente a liberdade de pensamento, até constituir um principio de legislação universal, a que todos os povos cultos rendem homenagem. A liberdade de consciencia, como a soberania do pensamento, são e hão-de ser funções sagradas do individuo, que nenhum poder, nem social nem moral tem o direito de coartar ou violentar.

Em Venezuela a liberdade de consciencia, o mesmo que a liberdade de religião não é só uma garantia assegurada pela Constituição a favor de todos quantos habitam o solo nacional mas sim uma alta manifestação do espirito de tolerancia, de cultura e de mutuo respeito que vive no animo de todo o venezolano.

Na Republica não existem problemas religiosos; no ambito das instituições, na proteção decidida das autoridades, no comprimento da lei e do proprio sentimento nacional dominam e ha-de dominar o espirito de concordia, a cordialidade como regra e a paz como principio essencial em todas as consciencias.

O 19 de Outubro

As manifestações de protesto contra as prisões

Promovida pelo Diretorio dos Grupos de Defeza da Republica não federados realisa-se no proximo domingo uma manifestação de solidariedade com todos os oficiais republicanos presos como implicados no movimento do 19 de Outubro. Por este motivo, o Directorio dos grupos civis, convida todos os republicanos a associarem-se á manifestação que será organisada na Trafaria pelas 14 horas do proximo domingo.

—Uma comissão de republicanos irá em nome dos manifestantes a S. Julião da Barra saudar tambem os oficiais ali presos.

—Tambem o Gremio Republicano «Os Jovens Lusitanos», os centros Republicanos 5 d'Outubro, Antonio Maria Baptista e 19 d'Outubro. Os grupos revolucionarios «Companheiros do Bem», Ribeira Brava, 5 d'Outubro, Patria e Republica convidam todos os seus associados e o povo republicano a comparecerem pelas 14 horas no Casa da Trafaria onde será organisada a manifestação.

TAUROMAQUIA

A tourada de beneficencia de domingo

Ha muito tempo que os bons aficionados — os que conhecem a fundo a tauromaquia de Espanha—desejavam ver em Lisboa o «diestro» Antonio Calvache, que em varias corridas afirmou sempre uma excelente personalidade artistica. Fino e culto, Calvache punha ao serviço da sua «aficion» a sua inteligencia. Assim e dotado de grande valentia, triunfava constantemente e dominava o toureio em todos os seus lances. Algumas fotografias que vão ser expostas por varias montras dirão ao publico o classicismo do Calvacho com o capote e a muleta, o seu sangue frio e arte com as bandarilhas.

Foi preciso realisar-se uma tourada de beneficencia para que Calvache abandonasse em Madrid os seus reputadissimos ateliers fotograficos—porque ele é um dos mais artisticos fotografos de Espanha—e viesse emocionar-nos e alegrar-nos com a sua arte. Porque Calvache quasi só acede a tourear corridas de beneficencia.

No domingo o veremos no Campo Pequeno, na tourada para o cofre de beneficencia do «Seculo». Nos puros touros do novo ganadero sr. Malta — para mais descendentes de sementais espanhois —deve Calvache encontrar ocasião de brilhar.

SPORT

Remo

Na prova de remo que devia designar a equipe que representaria a França nas grandes regatas de Henley ganhou o club de Marne que bateu o Rowing Club de Paris por 4 comprimentos.

Automobilismo

O Grand Prix de Indianopolis, a prova mais interessante que se disputa na America, realisou-se no dia 30.

Inscreveram-se 3 carros francezes, contra a formidavel coligação americana.

A distancia da corrida é de 500 milhas, ou sejam 804 quilometros.

Os corredores teem que dar 200 voltas no autodromo.

—No Grand Prix de Consumo que o Auto organisou a marca «Citroen» gastou nos 100 quilometros apenas 3 litros de gazolina, fazendo 40 quilometros de media.

Box

O jornal «Sporting» do Porto organisou uma festa de box, no teatro Carlos Alberto.

Tavares Crespo, bateu rapidamente Ferreira Junior e o suisso Smith fez uma exibição de um metodo de treno.

—O boxeur Faustino Pereira ainda não recomeçou os trenos, em virtude de se ter agravado o estado do braço direito.

—Com a vitoria do francez Criqui sobre o inglez Fox ficou aquele indicado para se encontrar com o actual campeão do mundo da sua categoria, o americano Kilbane.

—Vai encontrar-se o francez «Nilles», campeão de França dos pesados e Lewis que ha pouco foi batido por Carpentier.

Water-polo

No Porto o Comercio Foot-Ball Club, bateu o Club Fluvial Portuense por 3 a 0.

Foot-ball

No match disputado entre o Salgueiros e o Foot-ball Club do Porto, ficou vencido este ultimo por 5 bolas a 1.

O F. C. P. que ganhou por esta vitoria o campeonato do norte, está indicado para disputar o campeonato de Portugal, entre o campeão de Lisboa que é o Sporting Club de Portugal.

Ciclismo

Já se devia ter corrido em França o campeonato de França de meio-fundo em pista, para o qual estavam apurados 8 concorrentes.

Motociclismo

Numa corrida de 24 horas, disputada em Paris, a marca de motor «Motosacoche», cobriu 1245 quilometros durante esse espaço de tempo.

Pesos e alteres

A categoria dos pesados no campeonato da Sociedade Atletica de Montmarte, foi ganha este ano pelo francez Duchateau, que esteve em Lisboa na «Semana sportiva» organisada pelo jornal «O Mundo».

NOTICIARIO

15.ª TRAVESSIA DO TEJO A NADO

Abre hoje a inscrição para esta prova que o Ginasio Club Português organisa anualmente desde 1907.

A taxa de inscrição é de Esc. 10$00 por cada concorrente, aberta a todos os Clubs filiados na Liga Portugueza dos Clubs de Natação.

A prova deve realisar-se no mez de Setembro proximo.

MEIA MILHA — TAÇA GINASIO CLUB

Está aberta a inscrição para a prova de natação da meia milha no percurso de 923 metros, que o Ginasio Club Português organisa e na qual se disputa a Taça «Ginasio Club».

A inscrição é de Esc. 5$00 por cada concorrente, podendo inscreverem-se os amadores dos Clubs filiados na Liga Portugueza dos Clubs de Natação.

Os boletins para a inscrição podem ser pedidos na secretaria do Club.

PROVAS FINAES DO GINASIO CLUB PORTUGUEZ

Estão marcados para o dia 30 do corrente as provas finaes de Esgrima de sabre, espada e florete, jogo de pau, box, ginastica aplicada e artistica, ginastica sueca para adultos e ginastica sueca para crenças e dança, classe de meninas.

Devem ser bastante concorridas dado o grande numero de alunos que durante o ano frequentaram as classes.

FOOT-BALL

Taça Mutilados da Guerra

Reunem hoje pelas 21 horas e meia na redacção do nosso colega «Os Sports» os delegados dos clubs de foot-ball das divisões, afim de assentar na organisação deste torneio que deverá começar brevemente com auctorisação da A. F. L.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

OS NOIVOS

por JULIO CESAR MACHADO

— Ha de fazer-te sofrer do estomago.

— Ela?

— O inferno. Deve ser de digestão dificil.

— Ah! tu zombas! Ah! tu ris! Pois sim, vai para lá! Entrega-te em holocausto ao martirio de lhe dares trêla. Tu, tens o talento, de saber escutar? E' talento que eu não desfruto, infelizmente; sinto a alma estropiada pela verbosidade da minha interlocutora! Ah! Gonçalo Dantas, pobre Gonçalo Dantas, não casaste com uma mulher, casaste com um monologo! Esta noiva é um soliloquio, de que eu conservarei eternas e causticas lembranças! Adeus: deixa-me sair; Lara, pedia soda nos banquetes; eu peço ar nesta festa!

Ha uma idade em que as mulheres mudam tão subitamente de indole, que não estranhei quasi que Carminho, a quem eu conhecera modesta, espirituosa, sem ambições a preciosa de salão, e cheia de atracção e de graça na sua simplicidade encantadora, houvesse, em dois meses que eu a não vira, passado pela metamorfose de que Carlos Eduardo me dava a descrição. Tive vontade, — palavra de honra! — tive vontade de ir contar-lhe tudo e fazer-lhe ver a que se expunha o seu talento de loquacidade; todavia, não conhecia o marido e não tinha para com ela familiaridade que me autorizasse a isso.

Decorreu algum tempo sem eu tornar a ver Carminho, nem Gonçalo Dantas. Seis ou oito meses depois, em Cintra, no hotel Lawrence, tive a fortuna de os encontrar. Era em Março. Cintra realizava já o delicioso *Eden* de Byron, mas não parecia ainda o sitio caracteristico do verão elegante. Em Colares não se encontrava nenhuma das formosuras de Lisboa a recrear-se na varzea, ou gravando com a ponta de uma tesoura um nome ou uma data na casca do olmeiro. Nem a varzea estava já cheia, nem o bole lá estava ainda. Aquele lugar encantador de poesia achava-se todo entregue á melancolica serenidade da sua solidão. A aragem balonçava molemente os ramos e a côr verde dêles parecia falar das felicidades que deviam vir no futuro.

— Como Cintra está insipida neste momento! disse-me Carminho com o seu sorriso simples e bom, mas mais languido e mais triste do que outrora.

— Cintra é sempre bela! replicou o marido, bocejando.

— Os poetas têm-na envelhecido, redarguiu Carminho, a rir. O sussurrar da brisa na folhagem, o rolar da agua sobre as pedras na sua marcha obscura, o canto namorado dos passarinhos nas tardes quedas do estio, os raios brancos da lua que se divisam entre as ramagens do arvoredo, são tudo coisas lindas, que enfastiam apenas... os que as vêem!...

— A tranquilidade é um doce estado! ponderou o marido.

— A tua observação é do tempo da gavota!

— Não é facil ser novo... aos quarenta anos! Vamos nós jantar?

Fomos jantar, todos. Gonçalo Dantas pareceu-me um excelente homem, levemente misantropo, amavel de meia em meia hora, e tendo o espirito... de não pensar em o ter.

Carminho conversou pouco, mas conversou galantemente. Não gesticulava, não falava alto, não falava muito, — eu não sabia realmente a que atribuir a opinião de tagarela e de preciosa que Carlos Eduardo lhe dispensara! Falou-me de um album, é verdade, — assustador indicio! — mas num tom tão ligeiro e facil, que não atraiçoava as ambiciosas vaidades de alguma coleccionadora de autografos.

— Encarrego-o muito de escrever alguma coisa esta noite ainda. O meu pobre album tem tanta pagina em branco, que a miseria dele dá-me o direito de impôr uma contribuição forçada aos que têm a fortuna de poderem dar a esmola... do espirito!

A' despedida, entregou-me o album.

— Não seja avarento! Escreva bastante. Os ricos não devem ser mesquinhos! Ha dois meses que tenho êsse album e não conta ainda senão uma pagina escrita! Se os senhores poetas se fizerem rebeldes êste verão, eu e o Gonçalo acabaremos de o encher! Não é assim, Gonçalo? Faremos versos um ao outro, meu amor! Queres isto?

E dando um salto para chegar ás barbas de seu marido, pareceu pendurar-se nelas, cheia de alegria, emquanto êle lhe formava um colar com os seus dois braços.

Fui para o meu quarto, encantado de os vêr. A sorte daquele Gonçalo parecia-me invejavel. E' glorioso aos quarenta anos ser amado por quem tem quinze. — «Fria!» disse eu a mim proprio, recordando-me do dialogo no baile: fria, ela! Com aqueles olhos e aquela voz! Se Carlos não se enganou, então enganou-se Deus!...

Abri o album.

Havia apenas alguns desenhos, e, como ela propria o dissera, uma só pagina escrita.

Principiei a ler.

«Que importa ao sultão que as mais belas odaliscas se extorçam de desespero em cima das peles de tigre? Que a favorita perturbe com as suas lagrimas na agua do tanque o reflexo do seu rosto encantador? Fica frio no meio do amor que inspira, e debalde o eunuco, ministro dos devaneios dêle, alcança a peso de oiro as escravas mais raras. Nada pode demorar um instante o olhar distraido do soberano. A materia fatiga-o e cança-o. Namora-se do impossivel e quizera lançar-se nas regiões ideais, á procura da beleza sem defeito. A embriaguez não lhe basta; — precisa de extase. A' força de opio tenta soltar os laços, que prendem a alma ao corpo, e pede á alucinação o que a realidade lhe não quere dar...

— Ah! ah! interrompi eu. Este foi incomodar o sultão para o pôr num album! Não me parece caridoso!...

E continuei a ler:

«Por isso, aqueles ombros de nacar, aqueles braços artisticos, aqueles colos de setim que o sopro da vida faz ondear, — toda aquela mocidade, todo aquele brilho, não bastam para encantar o *spleen* dêsse coração insaciavel! Ao lado das formas mais puras de que a beleza humana se possa revestir, o sultão diz a si proprio: — E' só isto?!...

— Com mil diabos! interrompi eu, outra vez. Ha fogo! Ha fogo! Quem é que me diz, até onde vão chegar as veementes apostrofes dêste observador do sultão, que tem todo o ar de um poeta namorado?!

A pagina estava quasi no fim.

«O que êle pede a cada instante é o espirito, é a alma, é o raio! Quere um amor com azas de chama, um corpo de luz que se mova no infinito e na eternidade, como a ave no ar! E' a terra que estende os braços para o ceu! — para o ceu, que olha para ela com ternura pelos seus olhos, Carminho, pelos seus admiraveis e prestigiosos olhos!...»

— Uf!...

E dei um pulo.

Por baixo da ultima linha acabava de ler o nome de Carlos Eduardo de Lemos.

Que havia êle feito, — êste implacavel amigo! — das veementes apostrofes, que arremeçara á noiva, naquela noite em que a achara fria e abelhuda, e em que me dissera da sua fisionomia e da sua formosura tudo que lhe lembrou de excentrico... menos que o ceu houvesse olhado para a terra pelos olhos dela!? A pagina, de mais-a-mais, estava datada de Cintra, e da vespera, o que dava esperança de me encontrar com êle no dia seguinte nos Pisões ou em Seteais.

De manhã, porém, tão depressa abri a janela do meu quarto para olhar a serra que principiava a dourar-se pelos primeiros raios do sol, vi, quasi ao meu lado, no terraço da entrada, Carlos Eduardo, embrulhado numa manta, fumando tranquilamente o seu charuto madrugador.

(Continua)

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4094 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Sexta-feira, 2 de Junho de 1922

Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Rosa, 71 — Preço 10 centavos

Perguntas insoluveis de toda a especie:

Até que valor maximo poderá e deverá chegar a libra esterlina?

O CONVENIO luso-transvaliano

Telegramas de Lourenço Marques e do Cabo da Boa Esperança communicam que a União Sul-Africana fez tais exigencias ao nosso delegado para as negociações do convenio luso-transvaliano, que o sr. Freire de Andrade reclamou a presença imediata do sr. Brito Camacho, Alto Comissario em Moçambique, para as negociações prosseguirem. Acrescenta o telegrama de Lourenço Marques que naquela cidade lavra a maior indignação contra a atitude do governo sul-africano, havendo mesmo quem pense que o melhor é desistir de qualquer convenio.

São estas as informações que os jornais publicam. Quanto ao Governo, nada nos diz, possivelmente porque tudo ignora.

E' preciso encarar esta questão como ela deve ser encarada, não só pela importancia das negociações que se estão entabolando, como pelo aspecto, porventura não menos grave, que a acção dos Altos Comissariados já ha algum tempo revela. O facto a que neste momento aludimos não é, decerto, de molde a desfazer a má impressão que o regimen dos Altos Comissarios suscita, com legitimo fundamento.

Com efeito, quando se pensou em adoptar êsse sistema, decerto não acudiu á mente de ninguem que êle pudesse dar origem á estranha situação criada entre os Altos Comissarios e o Governo da metropole. Nem o regimen das cartas organicas, nem êsses Comissariados, poderiam nunca estabelecer entre as nossas provincias ultramarinas a que o sistema era aplicado, e o Poder Central, uma tal separação, que êste ultimo ficasse quasi inteiramente no desconhecimento das mais importantes questões nessas provincias tratadas. Por muito largos, por muito latitudinarios que fossem os poderes dos Altos Comissarios, em assuntos como êste, em que se joga o futuro de uma das nossas mais importantes colonias, por meio de uma negociação de caracter internacional, nunca se poderia pensar em dispensar as instruções superiores do Governo da metropole. Não pode ser! Moçambique é Portugal, como Angola é Portugal, e o Governo em Portugal é um só.

Não é só deprimente a situação: é perigosissima. Para o sr. Freire de Andrade tomar a resolução de chamar imediatamente o sr. Brito Camacho á cidade do Cabo, é porque as exigencias da União devem ser absolutamente excessivas. E que vai lá fazer o Alto Comissario em Moçambique? Vai resolver por si só, tomando uma responsabilidade com que o sr. Freire de Andrade não quiz arcar? Evidentemente, num caso desta ordem, só o Governo pode dizer a ultima palavra, ou mesmo só o Parlamento. Porventura pensará alguem que o regimen dos Altos Comissariados dispensa estas sanções?

Ha, no nosso paiz, sempre uma tendencia para o exagero. As observações que estamos formulando não significam que os Altos Comissariados não tenham razão de ser. O que não tem razão de ser é o abuso do poder, ou, para melhor nos exprimirmos, — o criterio falso que se aplica a certas atribuições. Os Altos Comissarios não podem manter aparencias magestaticas; não estão á frente de Estados desligados de Portugal. Ha casos em que não podem proceder sem instruções superiores, e, sobretudo, o seu primeiro dever é dar aos Governos da metropole todos os esclarecimentos e informações sobre os assuntos de maior importancia. Continuar um paiz inteiro na ignorancia do que se passa em questões que afectam os seus mais altos interesses e a propria dignidade pessoal, é situação contra a qual a opinião publica reage com os seus protestos.

A eterna Irlanda

Continua no novo estado catholico com morticinios constantes nas ruas das suas cidades

BELFAST, 2.—Os combates nas ruas desta cidade continuaram ontem tendo havido mais tres mortes. Em Strabane e Lifford continuam tambem os combates.—(R.)

Lloyd George fala

servindo-se de ideias perfeitamente acacianas

LONDRES, 2.—Hontem na camara dos comuns, antes do parlamento se encerrar para as ferias de Pentecostes, Lloyd George falando sobre a questão das reparações exprimiu a sua satisfação por ter desaparecido a tensão atual e disse esperar que agora tudo se arranjaria satisfatoriamente.—(R.)

A subscripção do Porto

faz recordar o balão do malogrado Belchior

A subscrição do Porto para a compra de um hydro-avião a oferecer a Gago Coutinho e Sacadura Cabral, dá de novo actualidade a um caso sucedido na capital do norte ha quasi dezanove anos.

A 12 de Novembro de 1903 Belchior Fernandes da Fonseca, Cesar Marques e José de Almeida subiram num balão esferico partindo do Palacio de Cristal. O espirito de aventura que os animava a todos os tres era totalmente desamparado de fundo scientifico embora o mais ligeiro. Belchior e os seus companheiros nem mesmo fizeram experiencias preparatorias que lhes permitissem avaliar as condições de viabilidade do seu «raid». Na tarde em que os aeronautas aventureiros subiram soprava um vento de leste ligeiro mas constante que os impeliria fatalmente para o mar. Os balões de ensaio largados previamente claramente o demonstraram. Apesar disso Belchior e os seus companheiros, com uma audacia apenas comparavel á sua total imprevidencia, entraram para a barquinha do balão preparando-se para a subida. Ao sinal da largada, imediatamente o balão tomou a direção da Foz desaparecendo a breve trecho no horisonte maritimo sem que nunca mais pudessem conseguir-se noticias dos aeronautas.

A consternação no Porto foi então enorme. Até altas horas da noite, defronte das redações dos jornais acumulava-se a multidão ansiosa por noticias. Com o fundo sebastianista que nunca abandona os portuguezes, durante semanas e semanas houve gente que esperou o milagroso regresso de Belchior e dos seus companheiros. Ainda hoje ha quem afirme que Belchior não morreu e desceu numa ilha perdida no meio do mar onde vive angustiado e tragico, pesquisando no horisonte a passagem dum paquete. Em que ilha? Numa ilha de quimera e de lenda porque Belchior e os seus amigos que ainda hoje a alma popular se compraz em supor vivos comquanto miseraveis, encontraram horas depois da partida no meio das aguas um fim tragico que poderiam talvez ter evitado mas que apesar de tudo não foi destituido de grandeza.

Os Caminhos de Ferro do Perú

4000 quilometros de linhas

PERU, 2.—O presidente Leguia assinou com o representante do sindicato anglo-canadiano o contrato para a construção de quatro mil quilometros de caminhos de ferro de penetração e ligação dos grandes rios navegaveis da região oriental do Peru.—(Lat. Am.)

N. R. —4000 quilometros de linhas é quasi o dobro das que existem em Portugal. De facto o territorio do Peru é quinze vezes maior mas as dificuldades da sua orografia transformam esta empreza numa gigantesca tentativa uma das muitas da florescente America, que assim corresponde ao declinar e ao morrer da velha Europa.

Em Angola

O Alto Comissario protege a navegação estrangeira com prejuizo da nacional—Porque motivo não trata o sr. ministro das Colonias de se informar convenientemente?...

No dia 30 do mez passado demos a noticia de que o Alto Comissario de Angola, sr. general Norton de Matos, concedeu especiais vantagens á navegação estrangeira para transporte de artigos de exportação produzidos na colonia. Destacamos, então, os inconvenientes desastrosos de tal criterio administrativo, que vinha completar a obra nefasta da «Lei da Fome» e era contraditorio com o principio, assente pelo Poder Central, de proteger e dar incitamento á navegação mercante portugueza. A noticia de «A Capital» foi recentemente confirmada pelo seguinte despacho, publicado nos jornais metropolitanos:

LOANDA, 31.—O Conselho Legislativo aprovou a proposta do alto comissario pela qual são reduzidos de 50 o|o os direitos de exportação, abolido o diferencial da bandeira portuguesa e estabelecida a obrigação de os exportadores receberem na provincia pelo menos 50 o|o das cambiais resultantes da exportação.

Esta proposta é aqui considerada altamente lesiva dos interesses da metropole, pois que a abolição do diferencial da bandeira afecta grandemente a Marinha mercante nacional e mata o porto de Lisboa, porque deixará de fazer-se a reexportação e as cargas e descargas correlativas e agrava a situação cambial da metropole, devido á obrigação de os exportadores levarem para a provincia 50 o|o das exportações que até agora ficavam todas na metropole.—(Lat. Am.)

Esta questão teve repercussão na Camara dos Deputados, ontem. O sr. Rodrigues Gaspar, ministro das Colonias, declarou, em resposta ás perguntas dum deputado, que o governo nada sabia e que o telegrama da «Agencia Americana» tanto podia ser verdadeiro como falso.

Assim será. Mas o telegrama da «Latino-Americana» apenas confirma, ampliando-a, a noticia de «A Capital».

O sr. ministro das Colonias tem, aliás, um processo facil de se informar. Basta dirigir-se aos srs. Thomaz & Fernandes, que estão á frente da Agencia Geral de Angola e que tem competencia para informar o governo e elementos de informação de absoluta fidelidade.

O actor Chaby Pinheiro que apoz uma longa ausencia, se estreiou hontem com a sua companhia no Teatro Avenida

CASOS TRISTES E PESADOS

O novo regimen do inquilinato

O espirito do sr. ministro da Justiça arranjou, sem dar por isso, uma tenebrosa embrulhada que não satisfaz nem inquilinos nem senhorios

SUBLOCAÇÃO DOS ARRENDAMENTOS

IV

(Releiam-se os artigos anteriores)

Já aqui dissémos, não nos recordamos onde nem em que circunstancias, que o sr. ministro da Justiça é um cavalheiro de esfusiante espirito. E' provavel, é quasi certo, que êle nunca desse por isso; se realmente assim acontece, é porque o sr. Catanho de Menezes faz espirito como o outro fazia prósa, — sem o sentir. A *piada* sae-lhe naturalmente, sem esforço. E é tão notavel essa faculdade de excepção que não escapam, a ela, os documentos oficiais, a prosa das congeminações governativas. Ora leia-se o § 3.º do artigo 8.º:

«§ 3.º Quando o estabelecimento pertencer ao dono do predio em que se encontra instalado, o trespasse, mesmo anterior á vigencia desta lei, compreende sempre o arrendamento da parte ocupada com a instalação, embora tal declaração se não fizesse no titulo de trespasse, e o Estado receberá 10 por cento, calculado proporcionalmente sobre o valor resultante do rendimento colectavel.»

Esta disposição é bastante divertida. Parece concluir-se dela que o sr. Catanho de Menezes quiz prever a hipotese do proprietario do predio trespassar o estabelecimento que tambem lhe pertence e está instalado no predio. O Estado, receberá 10 por cento de quantia incerta, visto que já não é, como na hipotese do § 2.º do mesmo artigo, sobre o preço do trespasse. Porquê? São misterios que reputamos insondaveis. Os 10 por cento são calculados *proporcionalmente* sobre o valor resultante do rendimento colectavel. Mas *proporcionalmente* a quê? E que diabo *de valor será êsse resultante* do rendimento colectavel? Será o valor de todo o predio? Se é isso que a proposta quere dizer, embora não diga, temos de admitir que só rarissimas vezes será possivel o proprietario trespassar o seu proprio estabelecimento, por ser enorme, relativamente e na maioria das hipoteses, o valor de todo o predio. Se se trata, porém, do valor predial do estabelecimento, a charada torna-se indecifravel, porque lhe faltam premissas que conduzam a qualquer solução.

E' de notar, ainda, que a proposta suprime a faculdade do senhorio receber 15 por cento do preço do trespasse, naturalmente porque admite que, na hipotese do estabelecimento e do proprio predio pertencerem ao trespassante, não ha lugar ao recebimento dos 15 por cento sobre o preço do trespasse. Será assim? Mas isso não impede que fiquem colocados em manifesta desigualdade perante a lei o proprietario do predio que trespassa o seu estabelecimento nele instalado e o comerciante ou industrial que não tem a felicidade de possuir um predio onde instale o estabelecimento e é, portanto, simples inquilino de um proprietario completamente estranho ao negocio.

Mais uma vez se verifica que o sr. ministro da Justiça descarrega sobre os inquilinos todo o pêso da feroz lei, deixando em repouso, no gôzo de especiais regalias, o venturoso proprietario, merecedor dos melhores anhelos do insigne homem de Estado. E foi para se chegar a êste resultado que o Supremo Arquitecto, muito das relações do sr. ministro da Justiça, mandou dizer pelo seu amado e sacrificado Filho que passava a ser lei irrevogavel a sentença da propagação perpetua da especie!

V

A proposta suprime o direito de sublocação em certos casos.

O § 1.º do artigo 5.º diz o seguinte:

«§ 1.º Os que sucedem, no exercicio das suas funções, aos notarios, escrivães dos juizes de direito, conservadores do registo civil e predial e a outros proprietarios de cargos publicos cujas funções devem ser desempenhadas em repartições publicas, têm o direito de, para o mesmo fim, ocupar durante um ano as casas ou compartimentos em que se encontravam instalados os respectivos serviços, pagando ao senhorio a renda que era paga ao seu antecessor, ou a que fôr proporcional ás casas ou compartimentos já ocupados com a instalação dos mesmos serviços.»

Ha aqui uma lamentavel confusão, que demonstra que o sr. Catanho de Menezes tem vivido na lua e desconhece as circunstancias em que exercem as suas profissões os individuos que, por dever de oficio, mais proximos andam, na luta pela vida, do advogado sr. Catanho de Menezes. Este jurisconsulto dá Boa Hora confunde os notarios com os outros funcionarios, dando assim a mais eloquente demonstração que desconhece (apesar de ser ministro da Justiça) as condições em que uns e outros exercem as suas funções, não só em relação ao publico, mas tambem ao Estado. Pois vamos dar-lhe uma lição — permitimo-nos fazê-lo, porque é mais vulgar do que se pensa a realidade da excepção que ordena, quasi como obra de caridade e amor ao proximo, o dever de ensinar o padre-nosso ao Vigario.

E' que ha vigarios e Vigarios...

Um notario, sr. ministro da Justiça, não pode pôr-se em igualdade de circunstancias, no que respeita a cartorio, com, por exemplo, um conservador. Este, ex.mo sr., tem a renda da sua repartição paga pelas Camaras Municipais. V. ex.ª sabe isto? Se não sabia, fica sabendo. E o notario, ilustrissima excelencia, paga o cartorio do seu bolso. Faz diferença, não é verdade?

Mas ha mais. O notario, sr. ministro da Justiça, faz o seu cartorio á custa do esforço proprio, chamando a si o publico, que é quem lhe paga; e o conservador espera que o publico o procure, sem ter a canceira de o atrair, porque êste não tem remedio senão procurá-lo.

Basta isto, preclaro chefe (?) da Magistratura Portuguesa, para demonstrar o seguinte: o notario fez, com tempo, inteligencia e sciencia, o seu cartorio, que vale mais ou menos conforme a quantidade e qualidade dos fregueses. E' tal qual uma casa de comercio. Um cartorio de notario valoriza-se tanto e pelos mesmos motivos e processos que uma casa de modas, uma livraria ou outro qualquer estabelecimento. *Nessas condições, tem um valor de trespasse.* O sr. ministro da Justiça, com uma semcerimonia notavel e uma inconsciencia absoluta, inutiliza êsse valor nas mãos do notario-profissional, ao qual sómente pertence, e transfere-o, inteirinho, para o senhorio, que expulsa o notario no fim de um ano e trespassa depois o cartorio, por bons e autenticos contos de réis, a um notario rival do despejado. E digam-nos, depois de mais êste exemplo, o sr. Carvalho da Silva mais os outros ardentes defensores dos direitos dos proprietarios, se o sr. ministro da Justiça é ou não é um amigo!

Não contente com tudo isto, que já é um cumulo, o sr. ministro da Justiça acautela ainda o direito á extorsão, exercido pelo senhorio, com uma clausula, que já aqui foi transcrita e comentada e que é a seguinte:

«O senhorio terá sempre o direito de preferencia, excepto se o trespasse fôr para descendentes, ou para ascendentes em primeiro grau.»

Até para o trespasse de um cartorio de notario tem preferencia o senhorio, — ainda que não seja notario e exerça apenas a honrosa profissão de açambarcador de batotas ou de clubs de jogo proibido e clandestino.

CONCLUSÃO

Suspendamos, por hoje, a escalpelização do aborto. E o ponto final do artigo consistirá em transcrever a seguinte noticia, estampada num jornal da manhã de hoje:

UM QUADRO TRISTE

«Esteve ontem nesta redacção o sr. Alfredo Santos, polidor de moveis, que nos referiu que Maria Emilia Branca Rodrigues, rodeada de 3 filhos menores, foi expulsa da casa em que residia, nas escadinhas do Monte, pela senhoria, Augusta Rodrigues, ficando sem abrigo nem onde recolher os seus parcos haveres.

A pobre mulher conserva-se ha 3 dias na rua, sem que as autoridades procurem pôr termo a tão triste quadro.»

Scenas como esta hão de aparecer ás centenas, logo que a proposta bolchevista dos senhorios, adoptada e defendida por um Governo que se diz democratico, fôr convertida em lei. A Justiça não terá mãos a medir na faina dos despejos, visto que se criará a impossibilidade absoluta de pagar as rendas, ainda na hipotese de inquilino e senhorio conseguirem uma formula de acordo para renovação do arrendamento. Lisboa será então digna de ser visitada pelo estrangeiro, que verificará, espantado, quanto é facil viver... *au clair de la lune*

O "Mundo" e a "Manhã"

A «Victoria» publicou hoje uma interessante local sobre a fusão dos dois jornais republicanos: «O Mundo» e a «Manhã», integrando-se este ao primeiro que é o de mais antigas tradições republicanas. Já ha dias sabiamos que se preparava esta fusão, a que justificadamente a «Victoria» dá fóros dum acontecimento jornalistico, e se a não noticiamos foi para não transtornar-mos, porventura, as negociações em curso. Essas negociações finalisaram realmente ontem, e as informações da «Victoria» são, segundo nos afirmam, em tudo conformes á verdade, excepto no ponto em que diz que com o regresso do sr. Meyer Garção ao «Mundo», este receberá a orientação que o seu novo director lhe imprimir. Trata-se evidentemente dum lapso visto um pouco mais acima a «Victoria» noticiar que a direção do «Mundo» continuará a ser exercida pelo sr. Urbano Rodrigues, cuja orientação tem sido excelentemente recebida por todos os republicanos ponderados e conscientes.

O sr. Meyer Garção fará no «Mundo» uma colaboração inteiramente livre, dentro dos moldes dos principios republicanos, de que se tem mostrado tão extremo defensor, secção a que decerto continuará imprimindo como nos seus artigos de «A Manhã», um cunho eminentemente pessoal. Como «A Victoria» regosijamo-nos que pela junção das duas brilhantes folhas republicanas que certamente será ensejo a que «O Mundo» se torne, como no tempo da propaganda, um dos mais autorisados orgãos da democracia portuguesa.

As monstruosidades modernas

Os «arranha ceus» americanos começam invadindo a Europa

O preço do terreno no coração da cidade de Berlim subiu de tal maneira, a exemplo do que sucede nas grandes cidades americanas, que os proprietarios berlinenses não podendo alargar os seus predios em superficie, ampliaram-nos em altura. Abriu-se ha tempos um concurso para a subscrição de um «arranha-ceus» destinado á gare de Friedrichstrasse. Apareceram monstruosidades horriveis de vinte e cinco andares, moles imensas de cantaria, inteiramente desprovidas de beleza e que dão bem a ideia do sentir moderno em arquitectura. Berlim, como de resto a grande parte das capitais europeias, tomará dentro em breve a aparencia de New York: qualquer coisa de muito moderno é facto, mas tambem de muitissimo feio. Tudo isto servirá apenas para que os teimosos contemplativos, fosseis no seculo XX, ao passarem nas ruas de Broadway ou de «Unter den Linden» recordem com mais saudade a imarcessivel arte que fez pousar nos cabeços moles do Hymeto, ha tres mil anos, os templos simples da Victoria Aptera ou do Erectreu, olhando o mar azul, bancos de branco marmore. Quanto belo!

Orfeon da Universidade de Coimbra

No proximo domingo chega a Lisboa o orfeon da Universidade de Coimbra, composto de 180 figuras que vem á capital dar dois concertos, o primeiro dos quais se realisa no dia 4, no teatro de S. Carlos, havendo outro no dia 5, no Coliseu.

O orfeon, composto de belissimos elementos vai com certeza causar em Lisboa grande sensação.

A borracha da India Inglesa

O abandono da sua cultura vai levantar o preço e o valor da borracha brasileira

PENANG, 2.—As plantações de borracha cuja exploração tem estado abandonada devido á grande baixa do preço no mercado da borracha começam a ser infestadas por bandos de tigres, rinocerontes e elefantes.—(R.)

O aumento de soldo aos oficiais

A questão do aumento de soldo aos oficiais continua agitando a opinião publica e muito principalmente os interessados. Em volta deste caso que é apenas uma das pautas da nossa miseranda situação economico-financeira, tem-se levantado os mais nocivos boatos.

Fala-se por exemplo, entre outras cousas num movimento analogo ao das espadas, uma especie de gréve de braços cruzados, provinda de grande numero de oficiais do exercito. E mais se indicam entre os vultos principais nesse movimento, os nomes dos generais Sousa Rosa e Gomes da Costa, ambos eles com uma larga folha de serviços.

Claro que a simples aceitação como verdades destes boatos que circulam entre mil boatos, nos repugna. Decerto a desmoralisação e a indisciplina invadiram todos os elos sociais mas seria realmente a salvação de todos os principios que porventura ainda nos restam, a gréve dos oficiais que nós nem mesmo concebemos como se possa realizar que, de qualquer maneira que se efectivasse teria, sem contestação, a hostilidade e a repulsa de toda a gente.

Entretanto estes factos são revelladores dum estado de coisas que não pode em verdade permanecer como está. Dentro dos limites da ordem e da disciplina, assiste aos oficiais do exercito o dever e o direito de reclamar. E' do dominio de toda a gente que os soldos actuais são uma irrisão —e que fatalmente, inadiavelmente tem de ser aumentados. Que utilidade encontra o Governo em protelar, adiar, enredar uma questão que fatalmente se verá obrigado a resolver duma forma satisfatoria?

E' uma pergunta que só tem duas respostas para ninguem de boa fé. Será mister que os legisladores verifiquem que a miseria ou coisa muito parecida entrou hoje em oitenta por cento nos lares portuguezes. E' uma verdade amarissima que urge encarar de frente para que deixe de se supôr que a sociedade portugueza é exclusivamente composta pelos cavalheiros que vão jantar á Garrett pelos que tomam chá no Berard e invadem as plateias das primeiras representações.

Verificarão os legisladores estas coisas? E' duvidoso. Em geral os legisladores são inteiramente ineptos para verificar seja o que fôr. E, fatalmente pela urgencia das coisas, sob pena de serem varridos com uma decisiva vassourada, deverão demorar cinco minutos da sua preciosa atenção neste problema urgentissimo.

E sabido como é que se torna fatalmente necessario elevar os soldos, vantajoso seria que se pensasse na forma racional e logica de os elevar.

As comissões especiais não podem ignorar que ha hoje sargentos em situações tais que percebem mais do que alferes e não esquecerão sem duvida que as escalas de vencimentos compreendendo subsidios e ajudas de custo estão de tal maneira feitas «á la diable» que não ha em verdade diferenças apreciaveis entre o soldo dum oficial subalterno e o dum oficial superior.

Sem duvida uma grande parte da indisciplina latente é motivada pela desatenção daqueles que tem por principal obrigação evitar conceituosamente que tais manifestações irrompam. E para que se não desenvolvam é mister que se olhem para estas coisas com olhos de vêr!

A estiagem

Começamos a chegar á estação inevitavel em que principia faltando a agua em Lisboa. E' certo e sabido que todos os anos sucede o mesmo facto em Lisboa, sem que haja meio de evitar um estado de coisas que tem resistido aos mais tremebundos relatorios das comissões tecnicas. A cidade de Lisboa só pode hoje ser servida como o era ha vinte ou trinta anos. A sua população e a sua area triplicaram e o volume de agua fornecido á cidade continua o mesmo.

Urge, pois, modificar as condições actuais em que a agua do Alviela percorre os 114 quilometros de distancia para chegar a Lisboa. Se os sifões actuais, pela sua exiguidade, não são suficientes, que se alarguem ou se construam outros. Um tal estado de coisas é que não pode continuar. Não pode sujeitar-se a cidade de Lisboa a apenas ter agua por zonas e a horas certas. E' essa, de facto, a maneira de remediar em parte a pobreza do *delit* e o director delegado da Companhia das Aguas, sr. Carlos Pereira, tem aplicado energica e criteriosamente o unico processo possivel nas actuais circunstancias. Mas isso não constitue uma razão para que elas se não modifiquem. E é isso que se torna urgente fazer quanto antes.

Uma pagina das memorias do imperador-duque

O diplomata Oliveira Lima, ex-embaixador do Brasil em Londres, tornou publico, recentemente, nos centros cultos do Rio de Janeiro, que D. Pedro IV, quando primeiro imperador da nossa antiga colonia, tôra jornalista, o que a imprensa fluminense agora divulga pela pena de Assis Cintra.

Não só foi jornalista, mas ate fundou um jornal «Diario Fluminense», com o competente «testa de ferro» a afigi-lo, ó profissional João Loureiro que mais tarde, em 24 de novembro de 1825 o tornou publico em carta, informando que «Os unicos artigos que vieram ao «Diario Fluminense» eram da pena do imperador, que escrevia com muita vangloria e a miudo, a guarda um anonimo, de que se gabava.

D. Pedro tinha contra si numerosos adversarios, o grande parte da opinião publica, que estava ao lado do grande patriota José Bonifacio. Para o defrontar com essas inimisades, quiz o defensores de confiança, mas com os seus sempre expunham rigorosamente o seu pensamento, criou o jornal e tomou a seu cargo a parte politica.

Só ele, atacando José Bonifacio de Andrade, seria capaz de escrever o seguinte sob a rubrica «P. Ultra-Patriotas»:

—«O imperador tem muita paciencia com toda esta gente. Ele tem feito tudo pelo Brazil e o Brazil nada por ele. O que significa essa oposição, ó Fluminenses? Socego, ó Brazileiros, que os lobos vestidos de cordeiros, os anarquistas republicanos, querem turvar as aguas para devorar os inocentes. Perdestes a razão? Onde estaes que não vêdes a loucura do folar do vosso imperador? Ele é justo e defensor dos fracos e amigo dos amigos ingratos! Quem fez a vossa independencia? Falses em Maçonaria! Mas ela conspirou até 1822 sem poder fazer nada, e se quiz alguma coisa foi preciso recorrer a D. Pedro, e sem ele nada se faria. Quem fez a Assembleia Constituinte? Foi o imperador D. Pedro, contra a vontade dos seus proprios ministros e do seu proprio povo. Nem a Maçonaria, nem o Lêdo, nem o Clemente, nem o Andrade, nem ninguem seria capaz de fazer o que o imperador, que é brazileiro de coração, sinceramente, quiz fazer. Se ele quizesse, ainda eréis o que fostes, a Monarquia, e sem D. Pedro era o Nada. O' Fluminenses, ó Brazileiros patriotas, rememorae o sucedido e ainda dizer se ha razão para se atacar o principe que quebrou os grilhões da Patria que é nosso. Rememorae o vereis a verdade que anarquistas, republicanos, perversos e retrogrados, pretendem agora esconder, conspirando em conventiculos malditos por todas e pela loi nos desforos da noite, se acompanharão esses lobos, ó Brazileiros, não conteis mais com o imperador.

Lá do outro lado do mar, ha um glorioso povo que muito o quer e que muito o chama. E se o perderdes, e só ele partir, ai ! do Brazil nas garras dos anarquistas republicanos. Pobre Brazil! E' tempo de ter juizo».

O seu pesadelo era, o continuavo sendo, o Andrade com os seus partidarios, a quem novamente, atacou, dizendo:

—«Quem poupa os inimigos nas mãos lhe morre». Ahi estão os Andrades, com o velho «Sabio» na frente. Cuidado com ele, Flumin·nse! Ele não fez a Independencia, como vivem a basofiar os seus amigos».

Foi o imperador com o Lêdo e o Clemente da Maçonaria, foi o Grande Oriente, do qual ele, depois de ter sido Grão Mestre, foi inimigo. O velho Andrade acompanhou a onda. D. Pedro perdoou-lhe. Ele volta, a agitação começou, o mar está bravo, mas se fazer conspiração como em 1823, a lei o imperador serão inexoraveis, sem piedade para «Ninguem».

Afinal Andrade regressou ao Rio e hospedou-se em casa do padre Feijó. D. Pedro sobresaltou-se, farejava a todos os momentos conspirações, e sabendo que, um dia naquela casa estavam reunidos varios amigos do patriota, foi ele mesmo, á frente de 10 soldados cercar o predio, prendendo os que lá estavam. Um dos seus homens de confiança julgou presentir dentro dum armario alguem escondido, o «Chalaça», era este a sua alcunha — abriu-o e D. Pedro, desembainhando a espada, avançou intimando quem estava lá dentro a sair.

Apareceu, aterrada, uma preta, escrava de Feijó, ainda creança, que rolou, aterrada pelo c.ão, exclamando:

—«Ah! Sinhosinho, vou morrer... espêtoda!»

Todos se riram estrondosamente e D. Pedro foi logo descrever no seu jornal, a scena humoristicamente, com o pseudonimo «Ultra-Brazileiro» terminando assim:

—«O intendente da policia está satisfeito: provou ao imperador que os conspiradores, inclusivé o «Grande sabio das Arabias», não conspiram mais, como antigamente, com o «bode preto»: o simbolo, agora, é uma «bodinha preta».

O imperial jornalista redigia mal e servia-se de expressões grosseiras, pelo que submetia a sua prosa ao João Bernardo, ou aos seus secretarios, que lhe corrigiam os desmandos de linguagem e as ofensas á gramatica.

Um dia publicou uma proclamação, em que se referia, grosseiramente, a José Bonifacio, sem a ter, primeiro mostrado á imperatriz, como era costume, quando se tratava de documentos oficiais. D. Leopoldina censurou-o e repreendeu-o, pois era senhora sensata e delicada. O marido substituiu-a por outra mais comedida, engeitando a paternidade da sua redação».

Se houvesse tido quem o dirigisse e educasse, teria menos defeitos, mas talvez se não lembrasse de ser... jornalista.

Politica francesa

PARIS, 1.—Respondendo na camara dos deputados ás interpelações sobre a politica externa, o sr. Poincaré fustigou em primeiro lugar os atentados e os crimes cometidos contra as tropas aliadas na Alta Silesia e recordou as condições em que foram vitimas os soldados franceses. O presidente do conselho expoz em seguida a maneira como foi julgado o processo de Petersdorff, em que foram condenados 15 reus, a apreensão em Gleiwitz de 914 espingardas, 27 metralhadoras pesadas, 27 metralhadoras ligeiras, 10,000 granadas e 20,000 cartuchos.

Em seguida declarou que enquanto a Alemanha nos não ajudar a procurar os reus, estamos autorisados a duvidar dos seus sentimentos e a proceder em conformidade. E' escandaloso que em plena paz e em operações que não provocam ninguem, os soldados franceses estejam expostos á morte.

E' preciso afastar estes riscos. Tomaremos medidas tendentes a realisar o plebiscito e as tropas aliadas devem voltar brevemente com o sentimento do dever cumprido, a fim de assegurarem aquela região uma paz duradora. O sr. Poincaré constatou em seguida que, assim como aqui foram as tropas francesas que mais trabalharam para assegurar a paz, que se acusa a França de comprometer agora muito de proposito. A melhor maneira de defender a paz na Alta Silesia, no Reno e em toda a parte consiste em não separar a paz do cumprimento dos tratados e a primeira condição de uma paz duradora e fecunda é não a basear no desprezo do tratado e nas violações dos direitos gentes.—(H).

PARIS, 1.—O sr. Poincaré declarou que a França se mantem afecta a sociedade das nações que tem prestado grande serviço a paz.

Respondendo ás interrupções da extrema esquerda, declarou esperar não ter que recorrer a uma acção isolada contra a Alemanha, acrescentando, porem; que esta respeitou sempre a força obrigando a França a respeitar o sua. Falando das negociações com Moscou, não contestou c direito dos soviets de fazerem apelo ao credito da Europa, mas este tem o direito de lho conceder ou recusar. Denunciou o espirito belicoso da Russia que se tem inquietado para os Estados de proprio Estado.

Sobre a proxima conferencia de Haya o sr. Poincaré disse, que o governo francez se não recusaria a participar na nova conferencia da qual não participarão, todavia os Estados Unidos.

Disse desejar o restamento das reações germanas, mais é impossivel não atender aos fermentos de odio que agitam a Alemanha pois cada dia nos traz a prova da má vontade deste, quer se trate das responsabilidades dos culpados da guerra, quer se discutam as reparações.

Protestou na camara contra as afirmações do sr. Wirth, acusando o tratado de Versailles de ser um instrumento de combate e destruição.—(H).

PELO TELEGRAFO

As instalações ferro-viarias na Alemanha

PARIS, 1.—A conferencia dos Embaixadores comunicou ao representante da Alemanha que deverão ser suspendidas imediata e definitivamente todas as instalações ferroviarias dos paizes renanos que tenham ou possam ter em seu tempo aplicação militar. Alem disso, uma vez que se realise a evacuação da tropas aliadas, serão igualmente destruidas as instalações analogas existentes actualmente.—(R)

Aliança defensiva

ROMA, 1—Os rossos firmaram um novo tratado destinado a produzir tanta sensação como o tratado russo-alemão. Tchitcherine ajustou com o delegado diplomatico da Tcheco-slovaquia um convenio em virtude do qual a Russia e a Tcheco-slovaquia se reconhecem mutuamente, prometem ajudar-se comercialmente e afirmam a sua neutralidade reciproca em caso de ataque de um terceiro.—(R)

O eixo terrestre deslocado

BERLIM, 1.—Segundo as observações do professor Schnauder de Potsdam houve recentemente um deslocamento sensivel do eixo terrestre.

O professor constatou que a latitude do centro da Alemanha aumentou duma quantidade representada por cerca de meio segundo de arco o que pensa que o este aumento corresponde uma diminuição de latitude nos antipodas.

Ele concluiu que os dois polos terrestres deslocaram-se cerca de 15 metros, é claro que em sentido contrario, e que o novo eixo não coincide com o antigo.—(R).

O pacifismo teutão

MUNICH, 1.—Durante uma cerimonia comemorativa do corpo dos esclarecedores bavaros, o general Ludendorff declarou que a França antes da guerra tinha alistado uma quantidade de homens mobilisaveis maior do que a Alemanha.

Foi pelo nosso pacifismo, declarou ele, que somos responsaveis pela guerra e pelo seu desfecho.—(R).

O bispo de Aix abençoa o Mediterraneo

PARIS 2.—Foi abençoado pelo arcebispo de Aix, revestido dos vestes prelaticias, um hidro-avião que foi lançado no Mediterraneo o qual fez sessenta milhas á hora, podendo navegar bastante tempo sobre as ondas. Em seguida o arcebido abençoou o mar.—(Lat. Am.)

Uma nova infanta na casa d'Austria

MADRID, 1.—A ex Imperatriz Zita deu á luz uma menina, no Palacio del Prado, sendo assistida pelo ginecologista austriaco. Sr. Delug o uma sentinela austriaca. O Rei e a Rainha tiveram noticia da fausta nova, dirigiram-se á residencia da augusta ex-Soberana. A creança será batisada na capela do Palacio Real, sendo padrinhos os Rei e a Rainha D. Cristina.—(R).

Uma domadora domada

SARAÇOSA, 1.—Num circulo instalado em Santa Engracia, uma domadora de feras chamada Mlle Rosana fazia exercicios com duas lobas. No meio do espectaculo uma dellas desmandou-se e atirando-se sobre a domadora te-la-hia devorado se não acudissem os demais artistas e empregados do circo armados de ferros. Lá que foi a fera pôde ser dominada, foi levada da jaula. Mlle. Rosana que apresenta gravissimas feridas no peito e braço esquerdo. A impressão do publico foi enorme.—(R).

Musica

A festa artistica de Madame Mantelli

No proximo domingo realisa-se no Teatro Polyteama a festa artistica desta notavel professora de canto com o concurso dos seus mais distintos alunos. No programa figuram entre outros Donizetti, Brito e Massenet cantando-se alem disso o terceiro acto do «Rigoleto» pelo sr.ª D. Angela Correge e os srs. Luiz Macieira, Jorge Macieira e João Teixeira.

Participam no espectaculo outros discipulos de Madame Mantelli entre os quaes as senhoras D. Albertina Ferreira da Costa, D. Lucia Piedade, D. Maria Emilia Macieira, D. Justa Ventura, D. Maria Mota Capitão, D. Maria Aida Roberto, D. Margarida Brito, D. Alzina Pegado, D. Mabel Potter, D. Valentina Roldan, D. Maria Pereira, D. Mafalda Gomes e os srs. Antonio Sarrano, Paulo Amorim, José Cabral, Mario Montalvão, A. Mota Capitão, Alvaro Martins, Miguel de Almeida, Manuel Mergulhão, Antonio Oliveira e Manuel Soares de Albergaria.

Salão Central

«SALVANDO A VIDA»

Curioso titulo este do 5.º episodio do colossal film de aventuras «Nas garras do Dragão», quando a sua protagonista, a muito popular actriz norte americana, e não menor querida do nosso publico, Maria Walcamp, não faz senão defrontar-se com os mais extraordinarios perigos.

«Arriscando a vida», sim, é que estaria bem, pois que outra coisa não faz a inegualavel artista.

Mas é a prodigiosa aventureira do animatografo não se expossesse, constantemente, ora arriscando a vida, ora fazendo por salva-lo, como poderia o publico assistir aos seus actos de autentica heroina ?

Ir admira-la na fita de grande metragem «Nas garras do Dragão» é assistir ao mais colossal triunfo da fotografia animada. A completar o programa, será exibido tambem em estreia, o emocionante drama em 5 partes «Sem nome» do repertorio dos eximios artistas Gastão Manaldi e Fernanda Battelo.

A SITUAÇÃO dos professores de ginastica, dos Liceus

Temos demonstrado o alto valor tecnico dos professores de ginastica dos Liceus.

Para provar o seu valor, foi suficiente a brilhante parada e a forma como foi executada a lição de ginastica no Stadium.

Não discutimos o esquema da lição, mas discutimos a maneira como os professores interpretaram esse esquema, provando á saciedade a sua alta competencia tecnica.

Um pormenor para o qual chamamos a atenção dos leitores da «Capital» e de todos que se interessam pela causa da educação fisica, é o facto de não ter havido nenhum ensaio geral e os exercicios saírem com a correção que todos viram. A nossa mania de achar tudo quanto o estrangeira faz é que é bom, desta vez podemos garantir sem receio de desmentido que no estrangeiro ainda se não fez melhor com tanta homogeneidade como em Portugal se fez no dia 28 de maio p. findo.

O primeiro passo para as provas praticas de Educação Fisica, foi dado com grande brilhantismo, e só dirá mal quem não assistiu, ou possua um mesquinho espirito contraditorio.

Domingo 4 do corrente cabe a vez ás alunas de prestarem as suas provas. E' de crêr que não fiquem atraz dos seus colegas.

O ex-ministro da Instrução Publica, sr. tenente-coronel Ferreira Simas, levantou a voz no Parlamento elogiando a maneira brilhante como foram executados os exercicios de ginastica e belo efeito da parada em continencia. Não concordou s. ex.ª com alguns exercicios desportivos. Faltou apenas que s. ex.ª insistisse e mostrasse ao Parlamento a triste e falsa situação dos professores de ginastica e a situação critica em que vão ficar no fim do corrente mez se encerrarem os Liceus por terminar o periodo escolar.

Ninguem calcula a vida tribulada que passam os professores de ginastica durante os mezes de Julho, Agosto, Setembro e Outubro.

No Parlamento e nos jornais de larga circulação procura-se mostrar a situação de miseria em que vive o oficial do Exercito, mas ninguem se lembrou de dizer no Parlamento quanto sacrificio, e abnegação resignada passa o pobre professor de ginastica dos Liceus.

Para o Exercito pode se melhorar a sua situação numa redação dos efectivos levando ao estritamente preciso, porem no professorado da ginastica, estam os precisos, isto é, urge completar os quadros, porque há Liceus na provincia que não teem um unico professor.

O que nos causa espanto, é vermos tanto escrupulo para umas coisas e nenhum para outras.

Em torno do 19 de outubro

Veiu á nossa redação o sr. Celestino de Vasconcelos, secretario do Directorio dos Grupos Civis não federados, declarar-nos, ao contrario do que publicaram os jornais da manhã, que a manifestação aos oficiais presos em S. Julião da Barra e Trafaria se realisa de facto no proximo domingo.

Que essa manifestação não é promovida contra o actual governo, mas de solidariedade de simpatia, e de homenagem aos oficiais republicanos, que levaram a efeito um movimento republicano.

Mais nos declarou que o Directorio se encontra incondicionalmente ao lado do Governo a quem já pediu por intermedio do seu presidente o mais rapido julgamento dos oficiais presos.

O sr. Celestino de Vasconcelos afirmou-nos ainda que a manifestação do domingo levada a efeito por republicanos não poderia ser hostil ao governo que nada tem com os prisões, embora fosse esse o desejo dos inimigos da ordem.

O namoro da Europa aos Estados Unidos

A America recusa-se a tomar parte na conferencia de Haya

WASHINGTON, 2. — Os embaixadores aliados, informa o ministerio dos negocios estrangeiros, convidaram os Estados Unidos a tomar parte na conferencia do Haia, mas o governo recusou tornando a dizer que essa conferencia não era senão a continuação da de Genova.—(R.)

A questão das Reparações

Foi confirmada a concessão duma moratoria

PARIS, 2.—A Comissão das Reparações em resposta á nota alemã confirma a concessão duma moratoria provisoria duma parte dos pagamentos a fazer em 1922 e faz notar que o não cumprimento das condições prescritas fará caducar o adiamento desses pagamentos.—(H).

Chicharro, primeiro pintor

Obteve a medalha douro na Exposição de Belas Artes em Madrid

MADRID, 1.—Foi concedida a medalha de honra, na Exposição de Belas Artes, por pintura, ao sr. Chicharro, pelo seu quadro— A Tentação de Buda—por 133 votos, sendo 145 o numero de volantes.— O governador civil de Madrid ofereceu um banquete em honra do novo ministro plenipotenciario de Portugal em Madrid, sr. Melo Barreto. Entre os convivas notava-se o presidente do conselho, o ministro dos negocios estrangeiros, o sr. Melquiades Alvarez e outras personalidades marcantes.—(H).

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

HOJE HA DUAS SESSOES

Se não fosse o empenho manifesto do presidente sr. Domingos Pereira, que não cumpriu o regimento, não se realizaria a sessão diurna. A chamada começou tarde e, apesar disso, quando ela terminou, não havia *quorum*. Mas esperou-se pacientemente pelos retardatarios e, ás 15 horas e 20 minutos, o sr. Domingos Pereira declara aberta a sessão, com 36 deputados presentes.

A falta de respeito ás disposições regimentais, tão deploravelmente manifestada pela mesa, provocou protestos veementes. Mas o sr. Domingos Pereira tapou os ouvidos, dando tempo ao tempo. Vê-se que o celebre *Solar dos Barrigas* deixou profundas raizes na politica portuguesa.

A ordem do dia é a mesma de ontem: continua a dar que fazer o projecto sobre os emolumentos dos oficiais do registo civil e, a seguir, os orçamentos ministeriais. Será, como ontem, uma sessão sem interesse de maior.

De resto, o publico assim o entende, porque está representado, nas galerias, por meia duzia de sonolentos espectadores, em concordancia com a bancada ministerial, onde o sr. ministro do Trabalho fez uma rapida aparição.

UM TELEGRAMA DO GOVERNO GREGO

Na mesa foi recebido o seguinte despacho telegrafico:

«Para sua excelencia o presidente da Camara dos Deputados de Lisboa. — Atenas, 1 — Tenho a honra de transmitir a V. Ex.ª o texto da seguinte resolução, votada na sessão de hoje da Assembléa Nacional:

A terceira Assembléa Nacional, reunida em Atenas, profundamente comovida com a descrição dos terriveis crimes perpetrados no passado e que não cessaram de se cometer desde ha três anos, em conformidade com o sistema premeditado na Asia ocupada por Kemal-Pachá, contra a população grega e cristãos inofensivos, incapazes de se defenderem, e dos quais perto de dois milhões foram exterminados a ferro e fogo, pela força e pela perseguição, fazendo-se ainda interprete dos sentimentos que animam todo o helenismo, magoado por motivo de tais horrores, denuncia ao mundo civilizado êsses crimes, que aniquilam pela exterminação e da maneira mais selvagem e mais feroz a nacionalidade grega e toda a comunidade cristã da Asia Menor. A Assembléa Nacional, tendo ouvido com a mais profunda emoção a manifestação de interesse muito vivo e de simpatia calorosa do Santo Pontifice de Roma e dos chefes das igrejas de Inglaterra e America, assim como dos Parlamentos e da imprensa da Europa e da America, a proposito de tais crimes, que revoltam o espirito e a solidariedade humanas, invoca a assistencia de toda a Humanidade civilizada com o fim de salvar os desgraçados, que são objecto de todas as perseguições. — O presidente, (a) Lombardos.»

A sessão vai-se arrastando lamentavelmente. Para se arranjar numero para votações, foi preciso continuar a infringir as disposições regimentais, fazendo alguns deputados discursos sem objectivo definido, tudo para ganhar tempo. E a sessão, assim conduzida, vai gastando os artigos do projecto sobre oficiais do registo civil, que são votados no meio de geral indiferença.

A meio da sessão, o sr. Aires de Ornelas chamou a atenção do Governo para as noticias alarmantes vindas de Angola e Moçambique. O sr. ministro da Agricultura prometeu transmitir as considerações do orador ao titular da pasta das Colonias.

A sessão continua.

No Senado

Preside o sr. Pereira Ozorio, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Sousa Varela, sendo a acta aprovada por 31 senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Julio Ribeiro insurge-se contra uma local inserta num jornal monarquico, incitando o Exercito a rebelião e insultando o regime, por motivo da prisão dos oficiais implicados na noite sangrenta. O orador não citando o nome do jornal afirma que é aos delegados do Procurador da Republica o quem compete investigar e liquidar o assunto.

O sr. Santos Garcia insurge-se contra a demora havida na remessa dos documentos que pedira por varias vezes, e que classifica duma ofensa feita aos membros do Senado, afirmando que, se não for atendido em breve, renovará a iniciativa de um projecto de lei apresentado em tempos pelo sr. Julio Ribeiro, punindo os funcionarios que não acatem as reclamações do Parlamento.

O sr. ministro da Justiça respondendo ao sr. Julio Ribeiro, declarou extranhar deveras que a imprensa se presta a atacar assim o regimen, quando é certo não ser essa a sua missão. Promete mandar investigar o assunto e chamar á ordem o jornal que fôr.

O sr. Q. Guimarães chama a atenção da Camara para varios casos ocorridos nas provincias de Angola e Moçambique, os quais podem acarretar-nos a perda do nosso patrimonio colonial, proferindo palavras cheias de patriotismo.

A sessão continua.

Raid Lisboa-Brasil

A suscrição aberta no Governo Civil para o grande bodo aos pobres ficou hoje, á tarde, na quantia de 38.069$08.

Os carteiristas

O sr. Domingos dos Santos, rua Caetano Palha, 10, 2.º, esquerdo, queixou-se á policia de que num carro electrico, desde o Corpo Santo até ao Conde Barão, lhe furtaram a carteira com a quantia de 9.420$60, varios documentos e um cheque ao portador na importancia de 739 escudos.

A carteira foi mais tarde encontrada na Calçada dos Mestres, em Campolide, contendo ainda o cheque que os larapios por medo não chegaram a descontar. As investigações foram confiadas ao agente Delgado, da 4.ª secção.

Ribeiro de Melo

Parte amanhã para Agueda, regressando na segunda feira, o ilustre senador sr. Ribeiro de Melo.

Prestes Salgueiro

No Governo Civil esteve hoje apresentando cumprimentos de despedida ao chefe do distrito e pessoal de todas as secretarias o 1.º tenente sr. Prestes Salgueiro que em breves dias parte para a Africa em serviço do Estado.

Nova Matança

Deve ser distribuida amanhã e ordem do Exercito, n.º 8, da 2.ª serie.

Conferencias

Na secretaria do interior realisou-se hoje uma conferencia entre o chefe do governo, o sr. ministro da Marinha e o sr. dr. Mesquita de Carvalho, presidente do Supremo Tribunal Administrativo.

O sr. Ernesto de Vasconcelos, director dos serviços diplomaticos do ministerio das Colonias, tem realisado varias conferencias com o respectivo Ministro, acerca das negociações para o novo convenio luso-transvaliano.

A abolição das diferenciais

O sr. Ministro das Colonias mandou averiguar se o telegrama recebido em Lisboa, acerca da abolição do diferencial da bandeira, em Angola, publicado nos jornais, assunto que fôra tratado no Parlamento pelo deputado sr. Cancela de Abreu é ou não verdadeiro, visto as informações até agora entradas nas estações oficiais nada dizerem a tal respeito.

O interessante será talvez saber se a informação é exacta ou falsa...

Cruzador „Vasco da Gama„

Vai ser exonerado de comandante do cruzador «Vasco da Gama» o capitão de mar e guerra sr. Nascimento Trigo, sendo nomeado para o substituir o oficial da mesma patente sr. Pereira Leite.

Um novo mercado agricola

O sr. O'Neill Pedroso, em nome da direcção da Associação dos Agricultores e Horticultores do districto de Lisboa, apresentou á Camara Municipal uma proposta para aquela coletividade construir um amplo mercado para uso da agricultura, em substituição do ignobil mercado provisorio que funciona na rua 24 de Julho. A mesma direcção chamou a atenção dos associados para o facto de serem gratuitos os lugares de direcção e facilites ver a necessidade de, com antecedencia fazerem as suas acquisições de sementes.

Os ferro-viarios

Realisa-se hoje na Sociedade de Geografia o seu 1.º Congresso

Inauguraram-se hoje na sala Portugal da Sociedade de Geografia as sessões do 1.º Congresso dos ferro-viarios do Paiz, estando presente 66 congressistas. A sessão abriu ás 12 horas sob a presidencia do sr. Miguel Correia que era secretariado pelos srs. Manuel Henriques Reis da Companhia Portuguesa e Adriano Monteiro, do Minho e Douro, vendo-se entre os congressistas os delegados ferro-viarios de Madrid e França o delegados da C. G. T., U. S. O., Operarios mobiliarios, Correios, Carris de Ferro etc.

Após a leitura do expediente em que figuravam saudações de varias colectividades o presidente agradeceu á Sociedade de Geografia a cedencia das suas salas e saudou os delegados ferro-viarios espanhois e franceses bem como a imprensa ali representada.

O orador passou depois a expor o que ontem se passou numa conferencia entre o Chefe do Governo e Governador Civil a fim de ser autorisado que os delegados extrangeiros pudessem usar da palavra e sendo apenas concedido que eles fizessem saudações e nada mais.

Iniciou-se a avalanche de discursos: rompeu o sr. Manuel Joaquim de Souza que saudou o Congresso e os operarios de todo o mundo; Alberto Monteiro, da U. S. O. que protesta contra o facto do governo não permitir que os delegados estrangeiros usem da palavra; João Mathias, da Federação Mobiliaria que agradece as saudações á sua classe; Farjas Gomez, delegado nacional de Madrid que saúda em nome dos 45,000 ferro-viarios espanhoes os seus camaradas portuguezes fazendo o elogio da forma como foram organisadas as teses.

O sr. Marcel Ridagoy da Federação Internacional de Transportes lamenta que as autoridades portuguezas tivessem proibido que usassem da palavra quando se não trata de qualquer movimento revolucionario.

Saudam ainda o Congresso os srs.: Alfredo Pinto, Adriano Monteiro, do Minho e Douro; Antonio José Piloto, do Sul e Sueste; Mario Oliveira, dos Ferro-viarios de Lourenço Marques.

Precedeu-se em seguida á eleição da comissão revisora do mandato e de pareceres.

A primeira ficou composta dos srs.: Alfredo Antonio Carvalho, do Sul e Sueste; Daniel Antunes Garcia, da C. P.; Antonio Bento Duarte, do Minho e Douro; Americo d'Almeida, da Companhia Nacional e Manuel d'Oliveira Especial, do Vale do Vouga.

A comissão de pareceres ficou constituida pelos srs.: Alfredo Pinto, do Sul e Sueste; Raul de Barros Bisnquet, do Minho e Douro; José Modesto Lacerda, da C. P.; J. de Mendes Teixeira, da Companhia Nacional; José Pereira Fernandes, da Lourenço Marques; Manuel Filipe Barbosa, da C. P. e José Mendes dos Reis, do Minho e Douro.

Cerca das 15 horas suspendeu-se a sessão para os congressistas irem ao Seguir-se á 1.ª sessão dos trabalhos marcada para as 16 horas. Ficou aprovada para presidir a esta sessão o sr. João Julio Pena Cortez, da C. P. e para secretarios os srs. Carlos Sousa Monteiro, do Minho e Douro e Augusto Feliz Marques Junior do Sul e Sueste.

Em poucas linhas

O sr. Alves Afonso, vila Candida, queixou-se de que lhe haviam furtado um relogio no valor de 150 escudos.

As investigações sobre o 19 de Outubro

No Tribunal Militar de Santa Marta não foram hoje ouvidos os oficiais presos, em consequencia de se realizar um julgamento. Os interrogatorios proseguem amanhã e no domingo, tendo o juiz auditor, sr. dr. Almeida Ribeiro, recebido instrucções para trabalhar todos os dias e com a maior urgencia. Todos os dias serão ouvidos oficiais em grupos de 4, calculando-se que em 15 dias estarão concluidos todos os interrogatorios, incluindo os das testemunhas.

Os oficiais que que se apure não terem responsabilidades nos acontecimentos, serão restituidos á liberdade e os restantes pronunciados e julgados no prazo de um mês.

No processo não figura nenhuma testemunha que se refira ao tenente-coronel sr. Marreiros, pelo que se não se compreende a prisão daquele oficial. O tenente-coronel referido vai processar o general sr. Pedroso de Lima e o capitão Campos Rêgo, este ultimo principal responsavel da *gaffe*.

O sr. general Carmona remete hoje o processo dos oficiais enlutristas ao Quartel General da 1.ª Divisão Militar.

Theatros e Cinemas

Primeiras representações

TEATRO AVENIDA — «A maluquinha de Arroios», 3 actos *de André Brun.*

A engraçada comedia, tocando, por vezes, a nota da farça, de André Brun, obteve hontem no Avenida o mesmo sucesso de gargalhada que, ha sete anos, no teatro S. Luis. Cheia de graça, de observação e de critica, tem, por parte de Chaby Pinheiro que a plateia de Lisboa, ha muito tempo via, com saudade, afastado dos palcos lisboetas, aquela interpretação que, nos habituámos a aplaudir, sem reservas, em todos os papeis que lhe são confiados e que ele valorisa com o seu extraordinario talento de comediante. A companhia que, naquele teatro, iniciou, agora, uma serie de representações, embora com alguns elementos de valor é, «malgré tout» uma companhia de «tournée» e assim se compreende que, abolida, mesmo, a ideia de qualquer confronto, a representação da peça de André Brun tivesse deficiencias de desempenho, descarando-se um pouco, até, a propria «mise-en-scène». Mas, Chaby é tão perfeito na exteriorisação do «sr. Esteves do bacalhau», que ha que rir e esse é, certamente, o principal objectivo e, por ventura, o melhor sucesso para a peça. Jesuina e Cremilda, bem, Sayal muito interessante e o conjuncto destes quatro artistas, cobrindo as deficiencias de representação, por parte dos demais colegas.

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

Os trez primeiros quadros da «Revista do Praxedes», original de André Brun, e que será a peça destinada á temporada de verão no teatro S. Luiz intitulam-se: «A milessima segunda noite. A ultima historia e Rua de S. João dos Bemcasados.

● Já começaram as obras de decoração do novo teatro Maria Victoria, que será inaugurado este mez no «Avenida Parque».

● Está um pouco melhor o actor emprezario Otelo de Carvalho.

● O Sero Cunha realisa na noite de 5 do corrente, no Politeama a sua festa com a «reprise», em recita unica, da peça de Francisco Lage e Correia de Oliveira «Os Lobos». No mesmo espectaculo e num acto de variedades tomarão parte Angela Pinto, Amelia Rey Colaço, Auzenda de Oliveira, Aldina de Souza, Sofia Santos e Fernando Pereira.

● Acerca da exploração do teatro Nacional, durante a epoca de verão, parece nada haver ainda de positivo.

● E' a seguinte a distribuição do «Condenado» que, em recita extraordinaria, deve subir á scena no teatro Nacional, na proxima semana:

«José do Monte» (Lendeo) Clemente Pinto; «Ricardo» Jorge Grave; «Tadeu» Joaquim Costa; «D. Antonio do Souto» Luiz Leitão; «Advogado» Augusto de Melo; «Pedro» Soares; «Francisco» Antonio Nascimento; «Maria do Rosario» Irene Grave; «Quiteria» Palmira Torres; «Mafalda» Laura Hirsch; «Josefa» Ana de Oliveira; «Isabel» Maria Helena; «Joaquina» Maria do Pilar.

Estrangeiro

O teatro Variétés de Paris vai fazer «reprise» da peça «Ma tante de Monsieur».

● O Nouvel Ambigu, apoz as representações de «Montmartre» cujo papel principal é desempenhado pela atriz Polaire, reporá em scena «Arsène Lupin» com André Boulé no protagonista.

● Regressou a Paris, a «troupe» da Comedie Française que tinha ido dar uma serie de representações em Londres, no Theatro Sa Magesté.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Auto dos Faroleiros» e «Cavalgada das Nuvens».

POLITEAMA—A's 9,30—«Regresso»

AVENIDA—A's 9,15—«A Maluquinha de Arroios».

Teatro musicado

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».

EDEN TEATRO — A's 9 — Companhia espanhola — «El Santo de la Isidra». «La Patria Chica», (Estreia) e «La Revoltosa».

CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».

SALÃO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparote».

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

A conferencia de Haya

Diz-se já que Facta, chefe do governo italiano e presidente da Conferencia de Genova, vai dirigir os convites para a Conferencia de Haya, quer dizer, vai convidar diversas nações para uma conferencia onde se estude e resolva o intrincadissimo problema russo.

Quem irá a essa conferencia? Quais as nações que lá não aparecerão?

Ao certo não sabemos.

Comtudo, desde já se pode afirmar que a America não está disposta, por emquanto pelo menos, a imiscuir-se nas questões de politica europeia e que a França lá comparecerá com a mesma tensão de nervos e de espirito com que apareceu em Genova.

Isto não é condenar a França. Ante a situação da Russia e ante o regimen que o governo, na verdade, não ha que confiar esperançadamente numa rapida reabilitação desse paiz, nem que acreditar em quaisquer prometimentos dos bolchevistas.

Senão, vejamos:

Não neguemos já a questão russa sob o aspecto juridico, vejamo-la sob o aspecto pratico.

A Russia precisa de capitais. Isto o disseram os seus delegados em Genova e não é sem fundamento que eles afirmaram precisarem de dinheiro.

A sua moeda está desvalorisadissima. A sua ultima reforma monetaria pode economisar algum papel, mas não creará qualquer recurso novo e todos os traços da vida russa demonstram uma terrivel falta de capitais. A industria não tem fundos renovaveis. A população não possue quaisquer economias.

Tudo, pois, indica que dentro em pouco o regimen bolchevista sentir-se-hia perto do tumulo que tão profundamente tem cavado e é para procurar distancia-lo ainda um pouco desse tumulo foram a Genova e pediram dinheiro e irão a Haya e pedirão oiro.

A Russia precisa, pois, de oiro; carece, por isso, que as demais nações lh'o emprestem. Tudo se arranjaria, mas o caso é que ninguem até agora conseguiu poder vêr qualquer fórma de ser desse dinheiro reembolsado pelo bolchevismo.

Até agora, os bolchevistas teem pago quasi tudo com dinheiro «roubado». Essa fonte de receita, porém, está esgotada. Logo, de futuro, a Russia nada poderá pagar, senão depois de conseguir exportar, em larga escala, os seus productos agricolas e industriais.

Mas quando poderá ela exportar, em grande escala, esses productos agricolas e industriais?

Se nós atentarmos um pouco na sua verdadeira situação imediatamente poderemos constatar que a Russia não poderá vender ao estrangeiro aquilo que ela não possue.

Materias primas não as tem em tanta abundancia que cheguem para fazer face ás necessidades do paiz.

Generos alimenticios, como ha-de ela possui-los se o povo russo morre de fome?

Logo... os leitores tirem as conclusões.

Asilo d'Espie Miranda

Neste asilo, situado nos Arcos das Aguas Livres, Campolide, realisa-se no proximo dia 18, a festa do 22º aniversario da abertura desta instituição.

Entre outros numeros, haverá sessão solene, festa da flor. Daremos brevemente o programa completo da festa.

Os "Restauradores"

Grupo de Beneficencia da freguezia de Santos-o-Velhos

Realisa-se no dia 24 do corrente no teatrinho do Jardim Colegio um espetaculo cujo produto reverte a favor do cofre de beneficencia deste grupo.

O programa consta das operetas «Os Zuavos» e «Filha da sr.ª Angot» desempenhadas por amadores.

Os pedidos de bilhetes para esta festa devem ser dirigidos á secretaria do grupo, rua de Santos-o-Velho, n.º 64, 3.º

O Albergue das Creanças Abandonadas

e as festas do seu aniversario

Já decorreram 25 anos que abriu as suas portas á infancia abandonada, esta muito util casa de beneficencia a qual apezar das maiores dificuldades porque tem passado o nosso pais não deixou até agora de se manter e de continuar a acudir aos que, em harmonia com o seu regulamento precisam dos seus serviços.

A fundação do Albergue das Crianças, cuja historia é já conhecida, partiu de um grupo de bemfeitores, poderosamente auxiliados pela imprensa da capital, tendo começado por um donativo de dez centavos, em fevereiro de 1897 e em 1921 tinha já recebido em legados e donativos a importante soma de Esc. 402.900$63 e dispunha com as cinco mil creanças a quem acudiu no periodo de 24 anos, de 350.811$29.5 ficando um saldo de Esc. 110.111$49 que se converteu em papeis de credito.

As bodas de prata que o Albergue vai festejar no proximo dia 4 e domingos seguintes, constarão de kermesse, tombolas, concertos musicais, e recitas no seu elegante teatrinho, devem ser muito concorridas tendo em vista as muitas simpatias que possue esta instituição e ideia que presidiu no espirito de quem as organisa, consiste em alcançar mais receita para o seu custeio.

No domingo proximo será aqui publicado o respectivo programa.

A telefonia sem fios

A decisão da repartição ministerial dos correios de se aproveitar dos novos progressos da telefonia sem fios para experimentar a sua utilidade em larga escala despertou no publico um enorme interesse. Estão-se tomando medidas para estabelecer estações em todos os centros importantes do pais onde serão enviadas informações e onde se receberão por telefonia sem fios. E é muito provavel que estas experiencias, nas quais os homens de negocios estão cordialmente cooperando, venham a tomar corpo e a ter por resultado um projecto de grande importancia comercial e pratica. Os jornalistas estão mesmo nutrindo as esperanças de que um dia a comunicação por telefone sem fios será uma das comodidades caseiras e de escritorio tão comum neste pais como é agora o sistema telefonico actual.

E' preciso acrescentar que todas estas coisas se passam... em Inglaterra.

A noção da economia

Julga-se, geralmente, em Portugal, que reclamar economias na administração publica é mero platonismo, isto é, musica celestial a que não correspondem realidades efectivas.

Pensa-se assim, por duas razões:

1.ª—Porque se contraiu por tal fórma o habito de desperdiçar dinheiro, de servir afilhados politicos, de crear clientela que parece impossivel travar a marcha nesse fatal caminho para a voragem financeira.

2.ª—Porque, tudo se anarquisou por tal fórma em Portugal, politica, moral e financeiramente, que não se julga possivel implantar qualquer reforma que traduza sacrificio, abnegação, ordem nas finanças e nos costumes.

E porque assim se pensa e porque tresloucadamente se procede, todos nós vamos sentindo os crueis efeitos dessa série infinda de desatinos que nos prejudicam e nos desacreditam.

O que se não faz em Portugal e que parece impossivel possa vir a fazer-se, está sendo realisado em outros Estados onde ha a compreensão nitida de que não é licito avançar inconscientemente para o abismo.

A Gran-Bretanha, por exemplo, mal viu, ha tempos, diminuirem sensivelmente as receitas publicas, intimou os diversos ramos de serviços administrativos a reduzirem os seus pedidos de dotações, para o Estado poder realisar uma economia de 113 milhões de libras esterlinas, julgada indispensavel para equilibrar o orçamento.

O que sucedeu?

Tratou-se, desde logo, de fazer economias; mas viu-se que essas economias não podiam ir alem de 75 milhões de libras.

Acham, por acaso, os nossos leitores portugueses que se desistiu do proposito formal em que se estava?

Nada disso!

O governo reconheceu que as reduções das despesas eram insuficientes e ordenou que as despesas publicas sofressem uma diminuição de 100.000:000 de libras.

Se bem o ordenou, melhor se preparou para serem imediata e formalmente executadas as suas determinações.

Criou-se, desde logo, uma comissão especial, não para lançar poeira aos olhos do publico, ou para empatar soluções, como costuma suceder em Portugal, mas para realisar trabalho efectivo e proficuo.

Ficou sendo chamada «Comissão das Economias» e os seus trabalhos vão sendo conhecidos e devidamente apreciados.

Foram publicados agora os dois primeiros relatorios da Comissão das Economias. Denunciam economias feitas na importancia de 75.061:875 libras, o que em tempos normais quereria dizer uns 400.000 contos de réis, e ao cambio actual, equivaleria a mais de 3,750:000 contos!

Espera-se que não tarde terceiro relatorio da Comissão de Economias com uma reducção de 25.000:000 de libras.

Se se tentasse em Portugal realisar córtes parecidos nas despezas publicas, de todos os lados surgiriam vozes a reclamar que careceram de gastar com a Marinha de guerra porque da armada vieram as nossas mais gloriosas tradições. Que é convenientemente ter um aguerrido exercito, porque vastos territorios nos cumpre defender, pelo mundo além, Etc., etc.

A Inglaterra não quiz saber disso. Cortou nas despezas da marinha 21 milhões de libras, nas do exercito 20.197:800, nas da aviação 5.550:000 e assim por diante.

E' que a Gran-Bretanha prende-se com pequenas coisas.

Prende-se com contas e orçamentos.

Em Portugal não se desce a essas ninharias.

E' gastar, gastar sempre, gastar muito!

E cara alegre, porque tristezas não pagam dividas!...

Ecos & Noticias

CASAMENTO

Realisou-se hoje o registo civil do casamento da sr.ª D. Irene de Sousa Soares, filha do ilustre africanista sr. Joaquim de Jesus Soares e da sr.ª D. Balbina Adelaide de Sousa Soares, com o sr. Alfredo do Amaral Leiro, filho do infatigavel africanista sr. Valentim Pires Leiro e da sr.ª D. Ursula Maria do Amaral Leiro.

Amanhã celebra-se na egreja de S. Jorge de Arroios a cerimonia religiosa, oficiando o rev. dr. Pontes.

Os noivos partem no paquete Moçambique para Angola onde vão estabelecer residencia, com a familia da noiva, na vila do Lubango.

SPORT

Boxeurs negros

E' uma lenda o dizer-se que os negros são em geral, melhores boxeurs que os brancos.

Entre tanta celebridade antiga da nobre arte, apenas quatro pugilistas de côr, se salientaram. Jack Jonshon, que chegou a ser campeão do mundo, e que hoje depois de ter cumprido a pena de prisão na America, anda a fazer momiganguas pelo Mexico.

Sam Mac Vea, á pouco morto na miseria e que esteve entre nós, Joe Jeneto, o mais scientifico de todos, hoje entraineurs dos campeões, e Sam Langford hoje quasi retirado.

Os negros teem, é inevitavel grande resistencia, mas quasi todos padecem de falta de espirito combativo.

Hoje existe nos Estados Unidos da America um negro de nome Willis, em quem muitos querem ver um adversario temivel para o proprio Dempsey. Parece-me essa opinião exagerada visto que Willis ha pouco tempo só conseguiu vencer o seu colega de cor, o velho Langford aos pontos e dificilmente.

Na Europa um senegalez Siky, deu que falar, pois tem optimas qualidades e grande intuição, mas não consegue treinar-se com afinco, não passando portanto dum «outsider» perigoso.

E que me lembre a respeito de boxeurs de côr mais não ha.

E' claro que não meto nesta lista o amador Abel Cunha, professor obsequioso do G. C. P., pois sendo ele ainda um principiante, não pode avaliar o seu valor como boxeur.

Ao que ele diz deve ser homem de valor... num futuro, é claro, ainda remoto...

RUY DA CUNHA

NOTICIARIO

SPORT LISBOA E BEMFICA

Realisa-se no dia 2 pelas 21 horas, na séde do Sport Lisboa e Bemfica; a reunião de delegados dos clubs inscritos no concurso de despertos atleticos.

O FOOT-BALL NAS CALDAS DA RAINHA

Realisa-se na proxima segunda-feira, 5, um desafio oficial entre o Caldas Sporting Club, e o novo team Lusitano Sport Club Caldense. Este desafio está despertando imenso interesse.

IMPARCIAL FOOT-BALL CLUB

Com o titulo acima mencionado formou-se um novo grupo desportivo cuja séde provisoria é na Azinhaga do Arieiro 9, 2.º Lisboa para onde deve ser dirigida, toda a correspondencia sendo os seus corpos gerentes a seguintes:

Conselho de Administração — presidente, Antonio Carmona; 1.º secretario, Alfredo Damasceno Pereira da Costa; 2.º secretario, Renato José Fernandes; tesoureiro, Agostinho Luiz de Sá e Santos; vogas, Joaquim Salgueiros de Almeida e Carlos Carvalho.

Conselho Fiscal—presidente, Antonio José Melo; vogais, Francisco Faro Viana e Mario Costa.

Conselho Tecnico — Provisoriamente o Conselho de Administração.

GINASIO CLUB PORTUGUES

Deve realisar-se num dos domingos de Junho no Ginasio Club Portugues, uma interessante festa para provas finais da classe de ginastica do Asilo de S. João, que aquele club mantem ali sob a direcção do professor Artur dos Santos. Frequentam aquela classe cerca de 40 alunos, que teem tirado optimos resultados.

O Ginasio Club conta ainda estender a sua benefica acção de ensino da ginastica, por varios outros asilos da capital que por falta de recursos não podem manter um professor de ginastica.

TIRO DE GUERRA

Atendendo á necessidade de treinar os nossos atiradores e de preparar a seleção da equipe representativa de Lisboa, um grupo de atiradores conscios das responsabilidades do momento, faz um apelo a todos os atiradores, civis e militares, para que concorram ás provas de tiro que promovem em Junho e Julho.

As provas de Junho constam de 60 tiros a 200 metros, nas tres posições regulamentares, em alvo circular, com Mauser Vergueiro, e de 30 de pistola regulamentar a 25 metros.

As provas realisam-se nos domingos 4, 11, 18 e 25 de Junho, terminando a inscrição no dia 25 ás 13 horas.

O regulamento detalhado das provas está patente na Carreira de Tiro de Pedrouços. Em meados de Junho serão expostas as artisticas medalhas para premios.

COMBATE DE BOX

Realisa-se ámanhã, no Coliseu dos Recreios, um extraordinario combate de «box» entre o famoso «rei do Knock-out» Criqui o celebre campeão da Europa Ledoux. Criqui foi o vencedor do ultimo campeonato de leves realisados em Londres.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 3/16 — 4 1/16
» 90 dias	4 5/16 — —
Paris, cheque	1171 — 1209
Suissa, cheque	2465 — 2545
Belgica, cheque	1082 — 1116
Italia, cheque	670 — 690
Berlim, cheque	45 — 51
Holanda, cheque	4980 — 5140
Madrid, cheque	2027 — 2091
New-York, cheque	12870 — 13270
Brazil, cheque	50 — 58
Austria, cheque	1 — 3
Noruega, cheque	2238 — 2374
Suecia, cheque	3387 — 3499
Dinamarca, cheque	2855 — 2902

Libras . . . . . 64$000 — 66$000

Pensionistas de sangue

Foi concedida a prorogação da licença para residir no extrangeiro á pensionista de sangue Maria Olga Morais Sarmento da Silveira.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

OS NOIVOS

por JULIO CESAR MACHADO

O leitor, até êste instante, tem tido os encargos de prestar a sua imaginação a dar côr e vulto aos personagens do meu conto. Confiei-os á sua fantasia, por uma delicada atenção, que deve ter-lhe sido sensivel. Ha sempre para mim não sei que vago receio de desenhar um personagem, que não quadre ao gosto do leitor. Sei de espiritos meticulosos, que de tudo fazem delictos; e tive medo, em verdade o digo, de apresentar Carminho trigueira ou loira sem consultar primeiro a opinião de quem me está lendo.

Isto posto, os fantasiadores saltem os seguintes trechos de descrição, colorindo a seu agrado as figuras que lhes apresentei; e os leitores reverentes emprestem-me por duas paginas a sua compreensão obsequiadora.

Carlos Eduardo era um dêstes homens de quem se diz em Lisboa: E' muito bom rapaz!

Muito bom rapaz em quê, e porquê, é o que ninguem pregunta. Isto nasce de alguma forma da indiferença com que o espirito do nosso publico aceita as reputações; e ainda nasce mais de haverem as coisas chegado ao ponto de que *ser muito bom rapaz* não significa coisa nenhuma.

Assim, todos nós conhecemos:

Um bom rapaz, *que é um tolo;*

Um bom rapaz, *que é um mentiroso;*

Um bom rapaz, *que é um petulante;*

Um bom rapaz, *que é um jogador de oficio;*

Um bom rapaz, *que é um lamurento;*

Um bom rapaz, *que é um cobarde;*

Um bom rapaz, *que é um traidor;*

Um bom rapaz, *que é um caloteiro;*

Um bom rapaz, *que é um vilão.*

A sociedade, por uma *nuance* delicada, abre apenas uma variante á maneira de falar dêles, e em vez de principiar por dizer de um homem — «E' muito bom rapaz!» e enumerar em seguida as suas boas qualidades, — começa pelos seus defeitos e conclue pelo simples expediente de uma adversativa conciliadora:

— «Mas, é muito bom rapaz»!...

Carlos Eduardo não tinha no rol dos seus defeitos nenhum pecado de leso-pudor. Todavia, era uma destas criaturas que provam uma ou outra vez de todos os defeitos da humanidade, sem terem sequer a força de se lhes apegar a alma a um. Tratava-se de jogar, perdia até a cruz de oiro que sua mãe lhe puzera ao peito, como reliquia e como memoria. Depois, é certo, não pensava mais no jogo, até que em certa ocasião dada, o chocalhar dos dados, ou o baralhar das cartas, lhe despertavam no ouvido uma adormecida sensação. Propunha uma noite perdida a alguns amigos lá de tempos em tempos, e aceitava sem réplica a noite perdida que outros amigos lhe propuzessem a êle. Era prodigo, ás vezes, para ter que contar; libertino para se entreter uma hora; avarento, para poder depois ser perdulario. No fundo de tudo isto, está o egoismo, evidentemente. E' a unica coisa que êle era sem intervalos!...

Os homens achavam-no feio; as senhoras diziam-no simpatico. Ele dava-se bem assim, e conquistava o seu terreno palmo a palmo nos interesses da vida ou nos interesses do coração. Tinha fama de feliz em amores; insinuava-se com um artificio extremo no espirito de todos, *caracterizando o seu caracter* ao geito e gosto de cada um. A serpente tem uma pele só, êle tinha sete: por isso, mudava-a muito mais vezes!

A sua fisionomia denotava sofrimentos, que ninguem conhecera. Dir-se-ia que a desgraça havia passado por aquela existencia o seu sopro glacial. Era um rosto pallido, de olhos profundos e faces descoradas, que traduzia o fastio da vida ou a impressão de uma saudade. Tudo isto se dissipava em êle principiando a falar, á medida que um espirito mais agradavel do que original, mais facil do que verdadeiro, mais gracioso de que exacto, se auxiliava na sua conversação de todos os estudados recursos de um jogo de fisionomia, aberto, caracteristico e franco.

Falemos agora de Carminho.

Nas novelas inglesas desenham-se sobre um fundo de paisagem, cercadas de um ceu limpido e claro, as figuras de heroinas que se harmonizem com a côr azul do ceu e que sejam loiras, frescas e serenas! No retrato que se pudesse fazer de Carminho, encontrar-se-iam mil reminiscencias das mulheres de Richardson.

As feições da noiva apresentavam uma combinação de traços puros e nobres, que não se apreciavam á primeira vista e só lentamente se revelavam. Era alta, formosa, brilhante de saude e de vida! Os seus olhos escuros por baixo dos loiros cabelos, que lhe ornavam a fronte, davam um caracter particular áquela fisionomia em que a sinceridade se deixava lêr. Tinha a testa breve, mas desenhada com pureza, e o todo do seu rosto indicava uma alta terna e boa!

Era ela capaz de um heroismo? Não sei. Creio, quasi, que não. Compreendia as coisas grandes e sérias da vida? Era capaz de apreciar o que vale um destino e o que um destino importa? Duvido ainda.

Era uma destas criaturas, que seguem a primeira impressão, que se sujeitam á primeira lei, que se curvam ao primeiro olhar. Alma sincera e candida, que, no seu rapido periodo de solteira, gostara muito de namorar e ser namorada. O seu espirito não costumava prender-se a nenhuma das distracções que para as senhoras de sociedade tomam por vezes as proporções da paixão: nem a musica, nem a literatura, nem a pintura lhe mereciam o decidido interesse, a que só as vocações, conduzem. Gostava alguma coisa de tudo isto, mas, nesse pouco amor que por tantos ramos repartia, não se revelava porventura a alma que para nenhum deles nascera!!

Caracter meigo e honesto, sabia atender aos preceitos da dignidade do seu sexo, e prometia tornar feliz um espirito desambicioso, que só queira de uma esposa a fidelidade e o coração; mas, se algum grande talento elevasse para ela vôos ardentes de uma fantasia caprichosa, como a dos poetas ou a dos artistas, viria tempo em que por si mesmo caisse o amor veemente que um homem superior lhe désse, ao conhecer que não podia aquela alma simples, aquela imaginação serena e quieta resistir ao sopro ardente da paixão, que se inflama em aspirações e em sonhos, á medida que a imaginação a engrandece, no colorido, que sabem prestar ao amor, os que amam mais pela cabeça do que pelo coração.

Parecera haver nascido para os serenos destinos da vida domestica, simples, harmoniosa e pacifica. Ha flores que não resistem ao dardejar do sol e florescem na penumbra recatada dos crepusculos!

— Olá! Carlos Eduardo? gritei eu da janela ao fumista do terraço.

— Em Cintra! exclamou êle. Em Cintra e neste tempo!?

— Que ar magnifico!

— E' um pouco cêdo ainda!

— Sete horas da manhã!

— Um pouco cêdo para vir para Cintra, queria eu dizer!

— Ah! Não julgo assim. A primavera é a unica época da vida para os campos ou para o amor. A proposito de amor. — Li, esta noite, uma pagina sua, traçada com uma graça extrema!

(Continua)

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4095-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Sabado, 3 de Junho de 1922

Telefone n. 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Perguntas insoluveis de toda a especie:
Quando serão amplamente aclarados os misterios dos Transportes Maritimos do Estado?

Os interesses da nação

O "Seculo,, de hoje expressa-se em termos altamente indignados contra o que chama as campanhas levantadas, com fundamento em questões do maior interesse nacional, contra varios membros do governo, senão mesmo contra todo o governo.

Já aqui dissemos ha dias que não fazemos campanhas, mas isso não pode de maneira alguma significar que renunciemos á analise de determinados actos dos governos, quando esses actos se nos afigurem prejudiciais para o paiz ou para as instituições.

Se algumas pechas tem tido a 'Capital,, é a de defender governos, alguns dos quais acabamos por verificar não merecerem a nossa defesa. Mas em todo o caso tudo é preferivel a fazer campanhas em que os interesses publicos são gravemente atingidos, Dessa acusação estamos nós livres, a não ser que se minta descaradamente.

Assim, ninguem pode estar esquecido de que nestas colunas puzemos a nu a traficancia dos 50 milhões de dollars, "escroquerie,, colossal cujo fim foi provocar uma alta ficticia para depois se especular desalmadamente no regresso da inevitavel baixa. Comtudo, enquanto nós viamos os aspectos suspeitos dessa operaçao criminosa, alguns jornais deram-lhe afinal de contas, o auxilio da sua grande publicidade, contribuindo em larga escala para a burla de que o publico foi vitima. Eis ahi uma campanha bem desgraçada, sem a qual os alugadores de Williams não teriam conseguido tão facilmente o exito dos seus infames propositos.

Consciente, ou inconscientemente, teem sido servidos os interesses de certos aventureiros por uma imprensa que depois procura ser a censora de outros jornais. Agora mesmo, todos assistiram ao barulho que se fez em torno da operação dos 3 milhões de libras. Se não é uma mistificação como a do contracto dos 50 milhões de dollars, negociado pelo sr. Afonso Costa em Paris, é comtudo, e apenas, um negocio da Inglaterra. Não é um negocio para Portugal. E tanto assim que, como aqui noticiámos, o cambio não só não melhorou, como sensivelmente se agravou. E mais se agravará quando se pagarem as primeiras prestações do credito. Todavia, a imprensa ponderada, sensata, a que reivindica para si o exclusivismo do sentimento patriotico, não tem apontado nenhuma destas circunstancias ao seu publico.

Se não fazemos campanhas caluniosas, se não procuramos sistematicamente derrubar ministerios, antes temos empregado os maiores esforços para aguentar no poder varios governos, não abdicamos do direito, que de resto é um dever, de criticarmos os seus actos. Ser contra este ou aquele acto dos ministros. não é ser contra um governo. Não é querer deita-lo a terra. Que ganhamos nós com deitar governos a terra? O que desejamos é apontar erros para que se remedeiem, sempre que esses erros existam.

Temos dito que as propostas de finanças, se forem aprovadas sem profundas modificações, darão em resultado agravar-se espantosamente o custo da vida. Só não o vê quem é cego. Não quer isto, porém, dizer, que sejamos inimigos irreductiveis do sr. Portugal Durão, como o não somos do sr. Catanho de Menezes, ministro da Justiça, que elaborou uma lei do inquilinato má para os senhorios, pessima para os inquilinos, que só pode vir contribuir ainda mais para a miseria geral, como o não somos para o sr. Correia Barreto, ministro da guerra por cuja pasta se teem cometido os maiores escandalos, as maiores injustiças, os maiores arbitrios.

Em 4 de outubro de 1910, o sr. Portugal Durão era monarquico, o sr. Catanho de Menezes era monarquico. O sr. Correia Barreto é que já era republicano mas ás escondidas.

E com certeza, no momento dificil que antecedeu a Republica, em 4 de outubro de 1910, não leu o que aqui escrevemos nessa data rematado por um grito que nesse momento era perigoso: Viva a Republica!

A geografia dos franceses

"Le Journal" e o "raid" Lisboa-Rio

Em materia de geografia, os franceses são uma inteligencia miraculosa. Dir-se-ia que não ha mapas, nem globos, nem grafico algum da Terra. Para quê? Tudo termina nas fronteiras da França e o mais começa e acaba na cabeça de qualquer dos seus filhos.

—Como patriotismo, nada mais louvavel que essa idiosyncrasia geografica; mas, fóra daí, essa ignorancia das terras e dos mares chega a comprometer seriamente a autoridade da propria raça que produziu o «Larousse»!

Toda a gente sabe que até hoje os franceses confundem Buenos Aires com o Rio de Janeiro e ainda o ultimo almanaque «Hachette» ignorava o nome do presidente da Republica do Brasil, cuja fotografia tambem nunca vira.

Não obstante, foram gentis e debaixo de um claro, indicando a ausencia do retrato aventuraram o seguinte: «Monseigneur Silv.».

Isso fez desconfiar da probidade scientifica de um povo que se interessa tanto pela humanidade!

Ainda, agora, os nossos colegas do «Le Journal», de Paris, a Cidade Luz, noticiam na sua pagina de honra, no alto da coluna, o «raid» Lisboa-Rio.

Como sempre, um sucesso de noção geografica. Os dois «audacieux aviateurs» acabavam de deixar Lisboa para tentar a travessia do «Oceano Pacifico» e alcançar o Brasil!

«Desta feita, a rôta é do extremo sul de Portugal ao Cabo de S. Vicente para, daí chegar a Las Palmas».

Ora, o cabo de S. Vicente é nas Antilhas e o noticiarista, com uma audácia realmente napoleonica, transporta-o para a costa da Africa! Tudo isso porque ignora a existencia do arquipelago de Cabo Verde com a sua ilha S. Vicente!

Contado não se acredita! E' preciso vê-lo!

A França

não desiste de se imiscuir nos negocios da Russia

PARIS, 3.—O sr. Poincaré enviou um memorandum a todos os governos que foram convidados para tomar parte na conferencia de Haia, expondo as condições que a França julga indispensaveis para assegurar o exito da nova conferencia, sobre os negocios russos. O memorandum recorda os principios juridicos, universalmente aceites, como base indispensavel a todas as negociações com os soviets e concluo mostrando que alem das negociações tecnicas entre os peritos, a nova conferencia parece votada a um malogro em consequencia do metodo diplomatico seguido pelos soviets. O governo francês resolvera ulteriormente se julga oportuno ir ou não ir á conferencia de Haia.

Moçambique em fóco

O governo pode contar com o apoio de todos os portuguezes na defeza do patrimonio nacional

São inquietadoras as noticias que ultimamente têm chegado de Angola e Moçambique mas principalmente de Moçambique. São inquietadoras pelo seu laconismo, visto que o Governo não tem querido — ou não tem podido — esclarecer a situação. Nestas condições, não podemos senão entrar no caminho das conjecturas. E como o caso de Moçambique é extremamente melindroso, tratá-lo-hemos com o cuidado patriotico que se impõe.

* * *

A crise de Moçambique — se realmente existe, com aspecto de gravidade — não é de hoje. E' de ontem, é de sempre. A colonia desperta a ambição dos visinhos, que ontem eram os ingleses e hoje são os boers da União Sul-Africana.

Acerca da posse de Lourenço Marques, já a Inglaterra teve comnosco um grave conflicto, que foi resolvido por arbitragem, a nosso favor; parece que a crise vai surgir de novo, provocada agora pelo general Smuths, chefe do Governo de Pretoria.

O general Smuths não oculta os seus propositos de anexação de Moçambique á União Sul-Africana. Já em tempo noticiámos que aquele homem de Estado procurara, em Paris, o sr. Afonso Costa, então chefe da delegação portuguesa á Conferencia da Paz, e o sondara acerca da cedencia, por Portugal, de uma faxa de terreno ligando Lourenço Marques á União, alienando-se o porto a favor desta. A resposta foi, é claro, nitidamente negativa. O certo é, porém, que o sr. Afonso Costa não encontrou em Londres um acolhimento carinhoso, antes pelo contrario, quando, por sua vez, sondou o *Foreign-Office* acerca da atitude que assumiria o Governo britanico no caso de surgir um conflicto entre Portugal e a União Sul-Africana, acerca da posse de Lourenço Marques. Esse conflicto inicia-se agora? E quando será e porque forma se produzirá a sua eclosão?...

E' necessario fixar, para bem se compreender a gravidade do momento, que a Inglaterra domina bastante nominalmente na sua Africa. A guerra alterou profundamente as condições do equilibrio politico de todo o mundo, sem exclusão dos laços que prendiam os dominios ingleses á metropole europeia. A União Sul-Africana entrou na guerra, ao lado dos aliados, expulsando da Africa, juntamente comnosco, com os belgas e com os franceses, o germano, e contribuindo, com exercito proprio, tal qual nós, para a vitoria que o tratado de paz de Versailles tão extemporaneamente deturpou, pelo menos nos seus resultados praticos. E' mesmo interessante verificar que a historia da intervenção na guerra da União Sul-Africana se assemelha á de Portugal: a União combateu em Africa, como nós; a União enviou soldados ao teatro europeu da guerra, como nós; a União sofreu perturbações intestinas fomentadas pelos germanofilos, como nós — embora a luta assumisse entre os boers quasi o aspecto de guerra civil, enquanto em Portugal se limitou, felizmente, a perturbações de ordem publica, tendentes a derrubar a Republica, que impelia o paiz para a directriz nitidamente, intransigentemente aliadofila. Até sob o ponto de vista dos objectivos politicos, a atitude da União Sul-Africana se assemelhou á nossa, embora seja ainda cêdo para fazer a critica historica sobre êsse muito particular ponto de vista...

O que é certo, é isto: a União Sul-Africana adquiriu, por efeito da guerra, uma liberdade de movimentos que não tinha antes da paz de Versailles. Eis o perigo principal!

* * *

Aconteça o que acontecer, o Governo, seja qual fôr, pode contar com o apoio de todos os portugueses para a defesa da honra nacional e da integridade do territorio patrio. Lembramos, todavia, que lhe incumbe tambem o dever de elucidar a opinião publica, não mantendo um sistematico segredo a respeito de tudo quanto se passa em Africa. Não queremos insistir neste assunto, mas esperamos que o Governo não persistirá em se couraçar dentro da Tôrre de Marfim do Misterio e do Silencio. Se o fizer, vai por errado trilho, porque não é êsse o processo de conseguir a confiança, que lhe é indispensavel, de toda a Nação!

O que se estipulou em Genova

E o que na realidade se faz

A Conferencia de Genova tratou pomposamente hieraticamente graves e profundos problemas. Assim por exemplo a resolução 13.ª estabelece que toda a proposição tendente a entravar a liberdade do mercado dos cambios ou a violar os segredos entre banqueiros e os seus clientes deve ser condenada,

Aconselha uma cooperação internacional, visando a impedir a evasão dos capitais por meio dum duplo imposto, questão esta que está, de resto, sendo estudada pela Sociedade das Nações.

Ficou isto resolvido assim mas a França entendeu-o duma maneira diferente daquela que precisamente tinha preconizado na conferencia. E assim é que na Camara francesa foi entregue um projecto de lei que contem tres disposições fiscais absolutamente contrarias ao primitivamente assente na Conferencia de Genova. Com a primeira disposição verifica-se que todos os depositantes em bancos, que até aqui escaparam ás investigações do fisco e nada pagaram ao Estado por esses depositos, vão de hora avante contribuir com um imposto que será cuado com uma percentagem sobre esses depositos.

Na segunda disposição, os portadores de titulos que recebiam «coupons» em qualquer banco e que até aqui estavam dispensados de qualquer verba para o fisco passam a pagar uma percentagem sobre esses «coupons» apresentados. Finalmente a terceira disposição estipula que nos cofres fortes dos bancos postos á disposição dos particulares, ao proceder-se á sua abertura, em caso de falecimento do proprietario, a ela deve assistir um agente oficial encarregado de verificar o que lá se encontra e de arbitrar o imposto respectivo sobre os valores arrecadados. Como se vê vão passar-se as coisas exactamente ao contrario do que ficou resolvido em Genova e é por esta forma que a França tenta obstar á evasão dos capitais.

Por outro lado a Alemanha, muito embora se não saiba como vai legislar sobre o assunto, preocupa-se extremamente tambem com essa evasão dos capitais e pensa em apresentar ao Reichstag até ao fim do corrente mes, um conjuncto de medidas que oponham restrições e diques a esse escoamento do dinheiro que é hoje uma das caracteristicas principais em quasi todos os estados da velha Europa.

Ocorre perguntar qual a vantagem da reunião de Genova uma vez que as resoluções tomadas em conjuncto não teem nem podem ter uma realisação pratica.

Trotsky belicoso

Prepara uma ofensiva que visa a Polonia

VARSOVIA, 3.—Estão-se fazendo grandes preparativos para as grandes manobras do exercito vermelho na Ukrania no proximo mez. Estas manobras serão feitas segundo os planos elaborados por Baussiloff por Trotsky em pessoa.—(R.)

VARSOVIA, 3.—A imprensa continua comentando com certa anciedade os movimentos militares na Ukrania. As autoridades bolchevistas fecharam a fronteira da Ukrania para o transito de mercadorias.—(R.)

Os arcebispos anglicanos

telegrafam a Lenine protestando

LONDRES, 2.—Os arcebispos anglicanos de Canterbury e de York e os presidentes das diferentes seitas protestantes de Inglaterra e do país de Galles assinaram o seguinte telegrama dirigido a Lenine: «Em nome das comunidades cristãs que representamos protestamos vivamente contra o ataque dirigido contra a igreja ortodoxa russa na pessoa do patriarca Tikhon. O mundo civilisado não pode tolerar um atentado tão grave».—(R.)

O GOLPE DE MISERICORDIA

O novo regimen do inquilinato

Encarecimento geral da vida das classes pobres, pela elevação dos preços dos generos alimenticios agricolas

Vamos examinar hoje o regimen que a proposta do sr. ministro da Justiça impõe á propriedade rustica. O leitor vai convencer-se de que, se o regimen citadino é inaceitavel, por vexatorio, iniquo e asfixiante da economia particular, o regimen rural será verdadeiramente catastrofico, logo que a proposta seja convertida em lei.

I

ELEVAÇÃO DE RENDAS DE PREDIOS RUSTICOS

O artigo 16.º da proposta regula assim o arrendamento da propriedade rural:

«Nos arrendamentos de predios rusticos celebrados antes desta lei entrar em vigor, podem os senhorios elevar as rendas com o quantitativo correspondente ao acrescimo de encargos tributarios e aos que lhes provêem da diferença para mais no pagamento dos respectivos foros, quando pagos em generos, comparando a média da tarifa camararia dos ultimos três anos com a tarifa do tempo do contracto.»

E' sabido que os encargos tributarios que incidirão sobre a propriedade rustica serão elevados muitas vezes sobre o montante pago em 1914 e mesmo nos anos que proximamente se seguiram.

O sr. ministro da Justiça, com aquela simpatia que nunca deixa de manifestar respectivamente aos ricos, áqueles que bem instalados estão na vida, e com a antipatia, que nêle parece até instintiva, pelos pobres, por aqueles que da vida não conhecem senão a servidão e as amarguras, o sr. ministro da Justiça aproveitou a ocasião para isentar o grande proprietario rural de todos os encargos tributarios, carregando com êles para cima do arrendatario, que é, em regra, um verdadeiro servo da gleba. E' por isso que os senhorios *podem elevar a renda dos predios rurais com o quantitativo dos encargos tributarios*, isto é, não pagam realmente contribuição alguma ao Estado, porque toda ela passa para os ombros esqueleticos do misero arrendatario. Tal qual como nas cidades!

II

ELEVAÇÃO DO CUSTO DA VIDA

Admitindo, simplesmente a titulo de hipotese, que tal disposição venha a converter-se em realidade pratica, bem facil é de compreender que os encargos que pesarão sobre o inquilino rural virão a pesar sobre o consumidor dos generos alimenticios arrancados aos campos. O proprietario não paga realmente os impostos, porque os recebe, em contra-partida, da mão do arrendatario dos seus predios rurais; o arrendatario, por seu lado, encarece os generos, tanto quanto seja preciso para transferir, para o consumidor, os encargos dos impostos, e o consumidor, por seu turno, lança sobre o produto do seu comercio ou da sua industria o equivalente á extorsão: o resultado final será pagar sómente aquele que menos tem, convertendo-se a pobreza em miseria. O resultado será o encarecimento geral da vida, encarecimento que será elevado a um tal expoente, que, por enquanto, desafia toda a previsão. Que grande homem, que luminosissimo estadista que é o sr. ministro da Justiça!

III

ATÉ OS FOROS

Não se esqueceu de nada, o sr. ministro da Justiça, no seu empenho de proteger o proprietario. Que prodigiosa memoria! Até a circunstancia minima dos foros mereceu os cuidados do legislador, preceituando que os *senhorios rurais poderiam elevar as rendas com a diferença para mais no pagamento dos foros*. O arrendatario tem que pagar o foro que incida sobre o proprietario, que adquiriu o predio com êsse encargo, levado em conta, naturalmente, no valor que tinha no tempo da aquisição. E o arrendatario tem que pagar em dinheiro o foro que o proprietario paga em genero. Que excelente negocio... para o foreiro! E que desgosto êle terá por não ser obrigado a pagar muito mais em generos, visto que muito mais ganharia em dinheiro!

CONCLUSÃO

Findamos, com êste artigo, a analise da proposta ministerial. Mas isso não quere dizer que abandonamos o assunto. Pelo contrario insistiremos nele, comentando com desenvolvimento, noutros artigos, os aspectos mais violentos e iniquos da proposta e desenvolvendo os pontos de vista, que nestes agora ficaram esboçados.

A decadencia monetaria na Europa Central

As consequencias da decadencia monetaria da Alemanha, da Austria e da Russia, destes tres paizes com quasi 100 milhões de habitantes e com quasi 300 milhões de consumidores, se se contar com a Polonia, a Yugo Slavia, da Roumania e de outros paizes sofrendo a desvalorisação da sua moeda, essas consequencias, repito, são incalculaveis. Tomêmos para exemplo o Brasil com os seus embaraços comerciais provenientes do decrescimento na exportação do café.

De que provem esta diminuição? Unicamente do facto da Alemanha assim como os outros paizes do Oriente da Europa não poderem pagar este genero, tornado um luxo dos ricos emquanto que noutro tempo era até consumido pelas classes muito pobres.

O quilo de café de medicre qualidade, que antes da guerra custava dois marcos e meio, custa agora 300 marcos, razão pela qual se tornou um genero de consumo exclusivamente reserva o aos hoteis e cafés das classes muito ricas, sobretudo, dos viajantes estrangeiros.

Para o chá, o cacau e o chocolate, a situação é a mesma.

Não ha senão um remedio para todos os efeitos deploraveis da guerra ou talvez da paz de Versailhes: é provocar a alta do marco alemão. E esta alta é impossivel enquanto o governo francez continuar a exigir e a extorquir á Alemanha em curto periodo de 10 dias 31 milhões de marcos em oiro, o que equivale a dois biliões e meio de marcos em papel.

A Alemanha não produz oiro, sendo obrigada a compra-lo em todos os mercados do oiro do mundo: — em New York, em Londres, em Amsterdam e, quanto mais oiro a Alemanha compra, mais se desvaloriza o marco-papel.

A sorte da Alemanha é a do naufrago sem agua potavel:—bebe agua salgada e quanto mais bebe mais a sua sêde aumenta. A conferencia de Genova devia ter alterado esta situação insuportavel, não tendo modificado absolutamente nada,

O valor do dollar, que á data do começo da conferencia de Genova era de 270 marcos, é hoje de 310.

Eis aqui um exemplo frizante da sabedoria dos homens de Estado reunidos solenemente em Genova!

Ha uma frase profunda do Papa Julio III (1550 1555) a um frade portuguez—«Nescis, mi fili, quantilla prudentia regatur orbis?»—que na Alemanha é repetida todos os dias. Ha homens que se chamam de «Estado», cuja sabedoria não conhece outro fim senão o de fazer todo o mal possivel á Alemanha, mesmo com prejuiso do seu proprio paiz.

"O Mundo,, e "A Manhã,,

A proposito da nossa local ontem publicada diz o nosso presado colega «A Manhã»:

Nós temos senão que corroborar as informações, absolutamente verdadeiras, do nosso colega. Pela noticia da «Victoria» poder-se-hia inferir que alguma modificação se iria operar na direcção do «Mundo», que é e continuará escrupulosamente exercida pelo nosso velho amigo e ilustre jornalista o sr. Urbano Rodrigues, que brilhantemente tem imprimido ao velho orgão da Democracia uma orientação segura e o mais adequada ás necessidades da Republica, orientação que é fundamentalmente a mesma de «A Manhã» e por isso mesmo facilitou e justificou a resolução tomada pelos dois jornais.

A «Victoria» insere hoje um pequeno echo que em presença da transcripção acima, invalida completamente o comentario deste conhecido jornal da manhã.

Uma gentilesa de Tchitcherine

aos pilares de justiça que lhe guardaram as costas

ROMA, 3. — Ao deixar a Italia Tchitcherine presenteou com cigarreiras de prata incrustadas com rubis e ornadas com o emblema dos soviets os policias encarregados da sua guarda.—(R.)

ALBERT JOURDAIN

expõe no «Salão Bobone»

Vimos do «Salão Bobone» onde, mais uma vez, tivemos o agradavel ensejo de comunicar de perto com a sensibilidade moderna, por vezes ultra-moderna mesmo, do pintor Albert Jourdain.

Já conhecido do publico lisboeta, daquele publico lisboeta que vai ás exposições de pintura e ás recitas francesas, com a mesma «toilette» interior com que vai aos chás da cinco da «Garrett» e da «Marques», o pintor Albert Jourdain é uma individualidade em destaque—bastante pessoal na maneira de interpretar as coisas e os sêres—conseguindo, em cada exposição, afirmar mais poderosamente a sua feição creadora.

E' um modernista que sabe aproveitar as qualidades da escola, desprezando quasi que absolutamente os seus defeitos. E dissemos quasi porque o «Isolado»—felizmente isolado—não parece de Albert Jourdain, mas de outro qualquer, sem a sinceridade que nos habituamos a vêr e a admirar na obra deste pintor.

Que linda a «Agonia», e que delicioso aquele «dia de chuva»!

Mas o que mais atraiu a nossa atenção e a nossa sensibilidade emotiva foram aqueles tres lindissimos estudos do Tejo—tão dignos do Tejo e do pincel que os pintou!

Albert Jourdain é um colorista como Eduardo Viana, mas menos objectivo que este. Ha em Albert Jourdain a alma que valorisa e dá eternidade ás obras de arte verdadeiras.

E é esta, sem duvida, a melhor qualidade deste pintor, que tão brilhantemente se tem evidenciado, com uma alegria de viver tão grande que o leva a dizer como a Verhaeren:

—«Fonte la egoi est dans l'essor!»

NO CENTENARIO DUMA INDEPENDENCIA

Qual será a dadiva de Portugal?

Proseguem com uma febril actividade os trabalhinhos da Exposição do Rio de Janeiro. Todas as nações que se fazem representar, no certamen fluminense entraram numa politica que não é apenas de entendimento mas de adulação e por esse motivo todos rivalisam em dar ao Brasil a marca suprema ou do seu reconhecimento ou da sua admiração. Segundo informa a imprensa brasileira é avultadissimo o numero de iniciativas e de dadivas provenientes de muitos paizes que se fazem representar, não á exposição mas á grande republica latina da America. E ocorre perguntar o que nós portuguesses oferecemos ao Brasil.

Já aqui o frizamos. Os Estados Unidos alem duma estatua monumental que oferecem ao Rio de Janeiro, dão-lhe tambem o vastissimo palacio que lá se está construindo para exibição dos seus produtos, palacio que ocupa uma area enorme e que só por si representa milhões de dolars. E apenas citamos, entre outros paizes, os Estados Unidos que não tem com o Brasil as comunidades da lingua, da raça, de costumes e de interesses que os portugueses incontestavelmente teem.

Nada demos nunca ao Brasil alem do esforço individual de milhões de compatriotas nossos que enriqueceu-o e engrandecendo o sul-americano trabalhem todavia para os seus interesses.

Penhor de gratidão, monumento duradoiro de amisade desinteressada dadiva aberta e franca aos irmãos de além-mar, não aparecem nem nos marmores das praças publicas, nem nas iniciativas da acção geral, nem mesmo nos limites mais obscuros mais tenues da intelectualidade pura e simples.

Ha de facto instituições portuguesas ricas e vastas em toda a cidade do Rio. Citando entre elas o «Real Gabinete de Leitura Portugues», o «Hospital da Assistencia Portuguesa» mencionando duas das principais entre cem, entre duzentas de menor envergadura. Mas estas iniciativas são de portugueses do Brasil quasi exclusivamente para os portugueses no Brasil e nelas não tem a grande nação brasileira nem interferencia nem beneficios, nem vantagens directas. De facto não subsiste em todas elas uma parcela sequer de empreendimento que signifique uma gratidão ou uma dadiva da patria portuguesa á patria brasileira. E procurando na metropole fluminense o sonho portugues em qualquer manifestação de vida, encontraremos quando muito ás portas da egreja da Candelaria, obra do estatuario Teixeira Lopes, nosso otimissimo trabalho que lhe foi encomendado a esse ilustre artista.

* * *

Decerto a exposição, na parte portuguesa representa um notavel esforço da parte de Portugal e a obra do Comissariado tem na realidade um grande valor, seja qual fôr o ponto de vista porque se encare. Mas é apenas revelador duma pobreza que nos oprime e que neste caso nos deslustra, o facto do pavilhão portugues, montavel e desmontavel, ir viajar em caixotes até ao Rio de Janeiro para em seguida ser desarmado e trazido novamente a Portugal. Não será preciso enumerar as multiplas causas que nos levam a ser gratos ao Brasil; estão no espirito de toda a gente. Masseria convo-

PELO TELEGRAFO

Harding irá ao Alaska

WASHINGTON, 3. — O presidente Harding aceitou o convite do embaixador de Inglaterra para visitar as cidades de Vitoria e Vancouver na Colombia ingleza por ocasião da sua viagem ao Alaska.—(R).

Donativo de 1 milhão de dollars

NEW YORK, 3 — O millionario George Fisher Baker, presidente do National Bank, deu um milhão de dollars ao Museu Metropolitano desta cidade.—(R).

A embrulhada chinesa

PEKIM, 3. — Li Yuan-Hung assumiu a presidencia da Republica Chineza em substituição de Hus-Hih-Chang que resignou.—(R).

Tal e qual como cá!

PARIS, 3. — Na sessão de hontem da conferencia parlamentar internacional de comercio votou-se uma moção preconisando a abstenção do aumento de circulação fiduciaria, o estabelecimento de tarifas alfandegarias mutuamente favoraveis e a omissão de grande numero de obrigações, representativas das dividas de reparações.—(R).

A divida publica americana

WASHINGTON, 3. — Durante o mês de maio a divida publica sofreu uma redução de 51.000.000 dollars ficando fixado em 31,138.83.826,607 de dollars.—(R.)

Uma «blaque» aeria

PARIS, 3. — Estão-se preparando os planos para carreiras aerias entre França e a America do Sul.

As correntes aerias teem sido cuidadosamente estudadas por meio de balões lançados de navios e de algumas ilhas.—(R.)

Uma corrida de automoveis

INDIANAPOLIS, 3.—A corrida de automoveis de 500 milhas foi ganha por Murphy que recebeu 28.000 dollars e em premios.—(R.)

A Australia e o Canadá

MELBOURNE, 3.—O Canadá apresentou propostas ao governo australiano para o estabelecimento de reciprocidade de tarifas.—(R).

A baixa da corôa austriaca.

VIENA, 2.—A demora das potencias em ajudar financeiramente a Austria e a desconfiança crescente que este facto produz no publico, causaram uma nova baixa da corôa nesta praça. As divisas estrangeiras alcançaram as mais altas cotações conhecidas, tendo-se cotado o dollar a 11.000 corôas.—(R).

Um crime passional

LONDRES, 2.—O major Armstrong condenado á morte por ter envenenado sua mulher com arsenico foi executado na manhã do dia 31 na prisão de Gloucester.—(R).

Stinnes reclama

BERLIM, 2.—Na ultima sessão da comissão dos negocios estrangeiros as palavras de Hugo Stinnes reclamando a continuação da baixa do mercado provocaram vivas explicações entre ele e o ministro da economia publica sr. Schmidt, socialista majoritario.—(R).

...nto frisar quanto possivel, o este momento seria excelente para esse fito, que a independencia do Brasil que vai comemorar-se não representa para nós um facto que deslustre a nossa historia; antes pelo contrario. Partindo desse criterio deve considerar-se a patria nova criada e desenvolvida em um seculo, como ela realmente merece ser vista: uma perpetuação de Portugal, por assim dizer uma descendencia viva, moça e energica a que devemos carinho e a que devemos ternura.

* * *

Onde está o tributo de gratidão do velho avô aos netos cheios de seiva e juventude, desatentos, irrequietos e talvez porventura, mas netos «quand même». Não existe. E o momento azado incontestavelmente o preferido para esse tributo. Decerto não podemos ter a pretenção de legar á capital fluminense um pavilhão em ferro e em cimento armado. Mas tanta coisa ha ainda a fazer, gentil e simples!

O presente de Portugal á Republica Brasileira, no primeiro centenario da sua independencia tinha uma significação que ninguem em verdade poderá obscurecer. E não se trata apenas duma gentileza. E' mais e melhor, E' um dever para a hospitaleira terra do Brasil que atravez dum seculo de vida independente tem acolhido milhões de portuguezes que, esquecerem a sua terra, encontram alem do mar uma segunda pa...

O 19 de Outubro

A manifestação de domingo aos oficiais presos em S. Julião da Barra e Trafaria

O Directorio dos Grupos de Defesa da Republica não federados, reunido, resolveu levar a efeito a anunciada manifestação de simpatia e de homenagem aos oficiais republicanos presos, pelo motivo do movimento de 19 de Outubro, cuja manifestação se deve realizar ámanhã pelas 14 horas, sendo organizada no Caes da Trafaria.

O Directorio resolveu ainda tornar publico o seu reconhecimento pela imparcialidade como têm tratado das recentes prisões os jornais «O Mundo», «Capital», «Rebate» e «Imprensa da Manhã» e declara que a manifestação não significa hostilidade ao Governo, mas apenas o dar rapido andamento ao julgamento dos oficiais republicanos actualmente presos.

MUSICA

Academia de Amadores de Musica

Esta Academia realisa o seu 163.º concerto, segundo desta epoca, na proxima quarta-feira, ás 21 horas e meia no seu salão, Rua Antonio Maria Cardoso.

No programa figuram produções de Gounod, Sarti, Padre Martini, D. Popper, Ponchielli, Rubinstein, Mercadante, Freitas Branco e Lamas, executadas pelas sr.as D. Amelia Serra, canto; D. Mariana Pimentel, piano; Pedro de Freitas Branco, canto e viola d'amor; e professores Sánvicens Moliné, violoncelo; e A. Luiz de Melo, piano.

No dia 23 realisar-se-ha uma audição de alunos e o encerramento das aulas.

Misericordia de Lisboa

Recebem-se requerimentos para as 13 esmolas de 2$50 da testamentaria de D. Luiza Francisca Bordez, que se distribuem a 10 do corrente mez, requerimentos que devem conter, além do atestado de pobreza da junta de freguezia, atestado medico do peticionario ser entrevado.

A exposição Alberto Cardoso

Abriu ha pouco no salão nobre do teatro Nacional a exposição Alberto Cardoso. O moço pintor expõe pela primeira vez e se é certo que, aqui e alem, o seu desejo de novidade e de imprevisto o tornam complicado aos nossos olhos—temos de reconhecer-lhe, porem, em alguns dos seus trabalhos expostos, flagrantes qualidades de talento. Os «novos» tem quasi sempre o vivo desejo de «épates» os que o não são. E' uma qualidade? E' um defeito? Não sabemos. Sabemos apenas que no dia em que Alberto Cardoso acalmar os seus nervos—dar-nos-ha certamente uma obra mais curiosa e mais sugestiva ainda. Destácamos da sua galeria «Jardim da Escola», «Boneca chinesa», «Mulher das tranças», "Cabeça de velha" e alguns dos seus desenhos e "gouaches".

NA ESCOLA MILITAR

Fayol e a industrialisação dos Exercitos

E' hoje ás 17 horas, que no Salão Nobre da Escola Militar o professor, sr. tenente-coronel do estado maior Pires Monteiro realisa a sua anunciada conferencia sobre «O Metodo Fayol na organisação militar», que pela novidade do assunto está despertando natural interesse nos nossos meios militares e navais.

A entrada na Escola Militar é pelo Largo da Bemposta e á conferencia presidirá o sr. ministro da Guerra.

Conferencias na Universidade Livre

Na Praça Luiz Camões, 46, 2.º, realizam hoje, sabado, o sr. dr. João Camoezas e a sr.ª D. Maria O'Neill, uma conferencia sobre: «Causas, efeitos e supressão do alcoolismo», com projecções luminosas, sendo a entrada publica.

Os serviços da Assistencia

Não pode haver uma sociedade bem organizada sem que antes de mais nada, e primeiro que tudo, cuide a valer da Assistencia que cumpre dispensar aos desprotegidos, aos invalidos, aos desgraçados que, fazendo parte da mesma sociedade, careçam absolutamente de ser socorridos e amparados.

E nós, que nos velhos tempos da propaganda republicana, nós, que em tempos não muito distantes e já bem saudosos tanto criticámos, tanto censurámos, tanto recriminámos a monarquia pelo despreso absoluto que votava a todos os desprotegidos da sorte, caímos precisamente no mesmo erro, descurando criminosamente a situação deveras aflitiva em que se encontram, por vezes, muitos velhos, muitas crianças, muitos doentes que não têm qualquer especie de protecção ou amparo e que a Sociedade, o Estado com a cumplicidade de nós todos, deixam — quantas vezes! — morrer á mingua.

Proteger o velho, a criança e o invalido seria o primeiro dever de qualquer Sociedade bem organizada.

Acudir á situação miseravel de todos os desprotegidos, é um dever de honra que se impõe á consciencia e no coração de todos os homens de bem.

A Assistencia Publica, que existe actualmente, e que a Republica fundou com a melhor das intenções, não tem correspondido em nada, absolutamente, ao fim a que se destinava.

E porquê? Porque em vez de se cumprir a lei entregando todos os serviços da Assistencia ás Juntas Gerais dos respectivos distritos, erradamente se andou, centralizando essa importante função dos corpos administrativos junto do poder central que atende mais ás conveniencias politicas do momento, para a aplicação da assistencia de que cada um carece, do que propriamente ás mais urgentes necessidades dos infelizes que á Assistencia Publica têm de recorrer.

Manter os serviços de Assistencia Publica e hospitalares como se têm mantido até esta data, é mais do que um êrro — é um crime.

Com as verbas orçamentais destinadas á Assistencia e aos hospitais, fariam os corpos administrativos uma grande, uma imensa, uma bela obra de Assistencia, por forma a garantir um asilo a todo o invalido e um hospital a todo o doente.

Assim, sem fiscalização possivel e distribuindo-se por pessoal e funcionalismo desnecessario metade do que aos asilos e hospitais pertence para o fim a que se destinam, não é possivel realizar a obra de Assistencia que a Republica tem o dever indeclinavel de pôr em pratica, obra que só pode ter uma efectivação real, insofismavel, honesta e imediata desde que seja entregue, como a lei o exige, aos corpos administrativos.

E emquanto assim não fôr, continuaremos sem ter um asilo para albergar um orfão, sem ter um hospital para receber um doente, sem ter um manicomio para recolher um alienado.

De quando em quando são dirigidas aos diferentes governadores civis reclamações que resultam sempre estereis.

Não ha maior vergonha, maior deshonra, maior degradação moral que esta de se não curarem sequer as desgraçadas que o aviltamento e a baixeza de uma sociedade mal dirigida lançaram para a perdição, para o crime, e que por cima lhe regateia, até, o direito que tinham a um lugar no hospital para se tratarem das chagas e doenças que arruinaram os seus corpos e perverteram as suas almas.

Não se lhes acode a elas, como se não cuida dos muitos que com elas se hão de contaminar.

E assim se vai envenenando, perdendo, contagiando, com as mais perigosas e variadas doenças uma sociedade inteira, por caprichosa teimosia daqueles a quem competia pôr a lei e os superiores interesses de um paiz acima das suas ilegitimas e criminosas vaidades.

Não ha quem tome providencias sobre os factos que mais podem interessar á Assistencia Publica.

O proprio Ministerio do Trabalho, por onde indevidamente correm todos estes serviços, não ouve, não atende nunca as reclamações que lhe são dirigidas, como não obriga qualquer dos seus funcionarios ao cumprimento dos seus deveres, levando-os a estudar e a propôr as providencias imediatas julgadas mais oportunas sobre factos de tanta gravidade como os que acima ficam mencionados, ou a reconhecerem a sua incompetencia, confessando-o, para que estes serviços sejam entregues, como é de lei, aos melhores cuidados, á mais honesta administração e ao mais desvelado carinho dos corpos administrativos.

A lei que está em vigor manda que ás Juntas Gerais dos Distritos sejam confiados os serviços de Assistencia.

Porque se não cumpre a lei?

Provado está pelo que acima fica exposto que não ha um asilo para um orfão, um hospital para um doente, um manicomio para um alienado.

Os recursos nacionais

Ainda a proposito do «raid» Lisboa-Brasil

A travessia aerea do Atlantico tem sido tentada varias vezes por arrojados aviadores. Para esses raids os governos de diversos paizes têm emprestado grande auxilio, fornecendo os elementos julgados de necessidade ao exito das provas. A proposito do empreendimento dos dois pilotos portuguezes—fazendo a travessia pelo espaço, de Lisboa ao Rio—sente-se que as demonstrações anteriores foram muito menos arriscadas do que a actual. E' evidente que a victoria maior cabe aos «azes» lusitanos Cabral e Coutinho.

Senão, vejamos, comparando os recursos de que até agora dispuzeram aqueles que procuraram fazer as longas viagens aereas atravós os oceanos.

Basta um exemplo. Quando os comandantes norte-americanos P. N. L. Belinger, A. C. Real e J. H. Towers, tentaram a travessia do Atlantico, de Terra Nova a Lisboa, tocando nos Açores, em tres hydro-aviões, o governo da America do Norte mandou que um numero consideravel de navios de guerra se estendesse em linha para garantir o percurso a ser vencido. Eram perto de 70 navios. E estes navios, durante a viagem, quando se fazia noite, utilizavam-se dos seus colossaes holofotes, o que muito auxiliou os aviadores, dando-lhes a certeza de que num caso de desastre, não ficariam desamparados em pleno Oceano.

Neste raid só o avião N. C. 4 atingiu a maior distancia do ponto de partida, chegando aos Açores depois de percorrer 3789 quilometros. Os outros dois aviões cairam antes daquele ponto, sendo então socorridos.

Um outro raid Estados Unidos-Irlanda foi tentado pelo aviador irlandez Alcook, que, partindo de Terra Nova, caiu no mar, proximo do ponto da chegada. O percurso inteiro era de 5 mil quilometros.

No raid dos aviadores portuguezes ha a notar que a distancia é de 8.199 quilometros e, procurando acompanhar a marcha do imenso voo, seguiram apenas tres navios da esquadra portugueza.

Sendo assim vencendo as etapes que venceram desde Lisboa, passando em Las Palmas e Cabo Verdo, até ao dia da amerisagem nos rochedos de S. Pedro e S. Paulo, Cabral e Coutinho já ofereceram uma prova impressionante para a aviação. Tanto maior deve ser considerada a sua vitoria, desde que se queira atentar que não tiveram o auxilio de tantos vasos de guerra como os seus colegas norte-americanos.

A diferença era de 67 vasos para os americanos contra 3 para os portuguezes. Maiores etapes e um só vaso em cada etapa.

Não ha duvida que só a audacia e o arrojo pode justificar essa longa travessia entre o mar e o ceu.

"Diario de Noticias"

Numero da primavera

Foi hoje posto á venda o numero de "Primavera", edição de "O Diario de Noticias", que constitue um notavel acontecimento na arte tipografica.

Primorosamente ilustrado e com um texto interessantissimo o "numero da Primavera", está destinado a um exito retumbante dando de facto a nota de como já se trabalha em Portugal nas edições de luxo.

Festa no Albergue das Creanças Abandonadas

Amanhã 4 do corrente inaugeram-se as festas comemorativas do aniversario da fundação do Albergue das Creanças Abandonadas, estando o edificio e suas instalações patentes ao publico das 14 ás 16, começando depois o concerto pelas excelentes sociedades musicais «Tuna Recreativa Tondelense» e «Banda Alunos de Apolo».

No recinto das festas foi armado um pavilhão onde serão sorteados lindos e valiosos brindes.

A' noite será o mesmo recinto iluminado a luz electrica.

No teatro dar-se-hão concertos musicaes e representações variadas.

O sr. Governador Civil de Lisboa, visitou hoje esta instituição de beneficencia.

O Dia das actrizes

O grupo de artistas dramaticos que tenciona levar a efeito uma grande festa no proximo dia 17 no Jardim da Estrela, obteve já a cooperação dos principais artistas representantes de todas as companhias teatrais que actualmente funcionam nas casas de espectaculos de Lisboa.

O producto dessa festa é destinado á casa Gil Vicente e Casa dos Jornalistas.

A reunião dessa grande comissão realisa-se amanhã 5 do corrente, no teatro Nacional pelas 17 horas.

A vida financeira nos Estados Unidos

132 falencias numa semana

NEW YORK, 2.—Durante a semana que terminou em 27 de maio houve 132 falencias nos Estados Unidos mais 22 que na semana anterior.—R.

ULTIMA HORA

Algumas palavras claras acerca da participação de Portugal na Exposição do Rio de Janeiro

Não sabemos tudo quanto se passa nos bastidores da politica indigena acerca da representação portuguesa no grande certamen com que o Brasil comemora o primeiro centenario da sua independencia politica. Entretanto, não é indispensavel possuir um perfeito conhecimento dos *dessous* politiqueiros para adivinhar que o exito da participação lusitana se encontra comprometido, graças, principalmente, á inercia que varios conselheiros empatadores opõem á actividade do Comissariado Geral. Os jornais da manhã dão efectivamente noticia da reunião da Comissão de Assistencia e, dos relatos, verifica-se que o sr. Lisboa de Lima, Comissario Geral, se encontra inactivo, não por sua vontade, mas por falta de acção do Governo, que não resolve as questões pendentes. Como isso é profundamente prejudicial aos interesses nacionais, *A Capital* intervem, ainda que não seja senão para evitar que se suponha que o jornal é cumplice nas manobras daqueles que parecem apostados em torpedear as diligencias patrioticas postas em acção para prestigiar e glorificar o nome português no estrangeiro. Contra essa politica dissolvente, que o Governo não parece disposto a contrariar capazmente, protestamos nós, como portugueses e republicanos, com a maior veemencia, — e não escrevemos *com violencia*, por ser essa uma expressão que está fora das nossas tradições jornalisticas.

Ha pormenores, que são do nosso conhecimento, verdadeiramente espantosos. Vamos relatar um dêles, a vêr se é possivel dar remedio á situação.

O transporte *Pedro Nunes* foi designado pelo Governo para levar ao Rio de Janeiro a ossatura dos pavilhões portugueses, o seu material decorativo, bastantes volumes com mostruario e uma parte do pessoal português encarregado de montar os serviços administrativos da secção. O *Pedro Nunes* aparelhou e está pronto a seguir viagem. Está pronto ha mais de trinta dias. Pois, apesar disso, ainda nem ao menos começou a carregar! O material está na Alfandega, pejando os armazens e dificultando os serviços de exploração do Porto; os funcionarios aduaneiros queixam-se e com razão; os tripulantes do *Pedro Nunes* permanecem, porém, inactivos, porque o Ministerio da Marinha se recusa, não se sabe porquê, a dar ordem para se fazerem os embarques. Tudo isto é espantoso!

Por outro lado, o Governo não dá providencias algumas quanto aos recursos materiais de que o Comissariado necessita para continuar no desempenho da sua missão. Os serviços atrazam-se, de dia para dia. Já não será possivel, por maior que seja o esforço empregado, abrir a secção portuguesa no dia 1 de Setembro, que é quando se inaugura a Exposição. Será já, só isto, um desastre inevitavel, cuja responsabilidade é exclusiva dos homens que no Terreiro do Paço andam a simular que governam uma nação civilizada. Mas corre-se velozmente para a inutilização completa dos esforços já feitos, aproximando-se o momento em que não haverá outro recurso que desistir da nossa representação na Exposição Internacional do Rio de Janeiro.

Apelemos para o Governo, mais uma vez. Tal desleixo e descaso são verdadeiros, autenticos crimes de lesa-Patria. O partido democratico quere que se escreva, para acrescentar á sua historia, mais um capitulo de vergonha e de crime?...

Em poucas linhas

Foi preso Manuel Viana sem residencia que furtou peças de roupa no valor de 100 escudos a Abilio Russel, rua do Amparo, 24, 2.º

—Os larapios entraram em casa de Vitoria da Conceição, rua de S. Bento 338, 2.º, donde levaram varios objectos avaliados em 150 escudos.

—A um dos calabouços do Governo Civil recolheu José Barbosa, rua da Amendoeira, 20 loja, que furtou a quantia de 100 escudos a João dos Santos travessa do Beco, nos Anjos, 18 r/c.

—Carlos Gomes, Praça das Amoreiras 22, loja queixou-se de que lhe furtaram de casa varios objectos no valor de 100 escudos.

—Uma comissão de estudantes procurou hoje o sr. Governador Civil de Lisboa afim de solicitar autorisação para queimar morteiros á chegada do orfeon da Academia de Coimbra á estação do Rocio. O pedido foi indeferido devido ás constantes reclamações contra os «estoiros»...

Congresso Ferro-Viario

Na sessão de hoje foram aprovados os Estatutos dos trabalhadores dos Caminhos de Ferro de Portugal e Colonias

Para proseguimento dos trabalhos do Congresso Ferro-Viario que se está realisando na Sociedade de Geografia a sessão de hoje reabriu pouco depois das 12 horas tendo logo de começo o sr. Entrudo Junior enviado para a mesa uma questão previa afim de cada orador não poder falar mais de 10 minutos. Não concordam com a questão previa os srs. Fragoso Amado, Jaime Neves, Manoel Rijo e outros o que não impede que a assembleia aprove a proposta com exclusão do sr. Fragoso Amado.

Entra em seguida em discussão o projecto de estatutos da Federação dos Trabalhadores de Caminhos de Ferro de Portugal e colonias sobre o qual usam da palavra os congressistas srs. Entrudo Junior, Miguel Correia, Jaime Neves, Fragoso Amado, José Piloto e outros, tendo a discussão decorrido por vezes com certo calor e agitação. A certa altura o sr. José Nunes requer que o artigo 2.º seja votado com prejuizo dos oradores inscritos. O «abafarete» é aprovado por maioria tendo o sr. Antonio José Piloto requerido que a votação se fizesse nominalmente.

A chamada faz-se com certa morosidade dividindo-se as opiniões dos congressistas, verificando-se por fim que aprovaram 51 e rejeitaram 25.

Após a leitura do expediente prosegue a discussão do artigo 28 do capitulo VI dos estatutos e sobre o qual recai larga discussão.

A sessão decorre com pouco interesse notando-se apenas de vez em quando a vivacidade do sr. Fragoso Amado que irrequieto e nervoso interrompe todos para discutir os assuntos com calor e entusiasmo.

Um embaixador da Alemanha

esquece as suas credenciais

WASHINGTON, 2.—Celebrou-se ontem a receção na Casa Branca do embaixador da Alemanha sr. Otto Wiedfeldt, acto que se tivera de suspender por este ter esquecido as credenciais. Em logar delas, o novo embaixador apresentou ao presidente sr. Harding, uma copia telegrafica das mesmas. A cerimonia, contra o costume estabelecido, revestiu uma simplicidade tão notavel que alguns jornais desta cidade a qualificam de frieza.—(R).

O 19 de Outubro

No 1.º tribunal territorial foram hoje interrogados pelo juiz auditor sr. dr. Almeida Ribeiro, o major sr. Cortez dos Santos e os tenentes srs. Molta e Magalhães, presos nos fortes como implicados nos acontecimentos de 19 de outubro. Amanhã devem ser interrogados mais 4 oficiais, ficando os interrogatorios suspensos na 2.ª feira, por nesse dia se realisar um julgamento, proseguindo no entanto na terça-feira.

Conselho de Ministros

Em consequencia da reunião do conselho de ministros que hoje se efectuou no palacio de Belem, sob a presidencia do Chefe de Estado o sr. ministro da Instrução não poude ir ao Porto tomar parte na sessão solene que ámanhã se realisa na Faculdade Tecnica, em homenagem ao ilustre professor sr. dr. Gomes Teixeira, mas fez-se representar pelo reitor interino da Universidade, sr. dr. Maximiliano de Lemos.

Reunião em Belem

O conselho de ministros está reunido em Belem sob a presidencia do Chefe do Estado. O sr. Antonio Maria da Silva, fará ao sr. Presidente d Republica a exposição da situação presente. O sr. Vitorino Guimarães já se encontra em Lisboa e empregam-se varias diligencias para evitar uma crise total do governo.

A MA ESTRELA DOS T. M. E.

Um grande incendio

Ficaram hoje de madrugada destruidos os armazens gerais dos Transportes Maritimos

Pelas 5 horas da manhã de hoje declarou-se incendio com extraordinaria violencia num enorme barracão medindo 100 metros de frente por 16 de largo existente na doca da Rocha do Conde d'Obidos e onde não ha muitos dias abateu parte da Muralha que na sua queda arrastou um outro barracão o qual como o que actualmente ardeu eram pertença do T. M. E.

Mais uma vez a má sina dos Transportes Maritimos se patenteou pois as chamas devoradoras reduziram a um montão de cinzas o actual barracão destinado a armazens gerais.

Ali se encontravam instaladas as oficinas de roupas brancas, depositos de mantimentos, oficina electrica, depositos de fardos de algodão e de louças, etc.

O barracão teve de ser cortado a meio conseguindo-se assim salvar parte dos escritorios, muito mobiliario, etc. Os prejuizos no entanto foram enormes e avaliados pelos bombeiros em 1200 contos.

O incendio estava dominado trez quartos de hora depois de declarado e extinto ás 10 horas começando depois o rescaldo que se prolongou pelo dia adeante tendo ficado de prevenção no entreposto um piquete. Os trabalhos de ataque foram dirigidos pelo comandante interino auxiliado pelo ajudante Alves, chefe da divisão e chefe de secção.

O incendio foi combatido com o auxilio de 14 agulhetas dos bombeiros Voluntarios e Municipais, tendo do lado do mar trabalhado tambem as bombas do rebocador «Setubal» e mais dois. As roupas brancas que arderam são avaliadas em 200 contos.

No local o serviço de ordem foi feito por uma força de infanteria da G. N. R. e por guardas civicos das esquadras proximas. O incendio segundo supoem os bombeiros foi devido a um «curtocircuito» ou a qualquer faulha saída de alguma fogueira que os operarios costumam acender na doca junto aos armazens.

Os bombeiros queixaram-se-nos da dificuldade que tiveram em fazer chegar o material ao armazem incendiado, devido á ponte existente no entreposto, toda cheia de escadas e pelas quais o material não poude avançar.

O fogo ainda pegou ao vapor «Machico» que estava atracado ao cais ficando destruidas as pontes do comando. O «Machico» foi rebocado para o largo.

A viagem do "Carvalho Araujo"

O raid recomeçará breve

Segundo comunicação recebida no ministerio da Marinha o cruzador «Carvalho Araujo» só hoje ao anoitecer deverá chegar a Fernando Noronha.

PERNAMBUCO, 3—O cruzador portuguez «Carvalho Araujo» fundeou ao largo de Fernando Noronha ás 5 horas e 40 minutos.—(Particular).

Cruzador "Vasco da Gama"

Foi mandado seguir de Las Palmas para o Funchal o cruzador «Vasco da Gama».

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Quem seja um pouco observador, certamento terá notado nas diversas paredes do interior dos nossos teatros, um impresso afixado, lembrando aos espectadores um artigo do Regulamento da Policia, datado de 1900, pelo qual se proibe que o publico dos balcões, camarotes ou galeria se manifeste com os pés, em caso de desagrado da peça. Como se vê, não se pode dizer que entre nós, os regulamentos não sejam aplicados e se procurem cumprir e a prova é que, estando nós no ano de 1922, só agora ocorre a ideia de profusamente espalhar, para ser posto em pratica, o regulamento de 1900.

Consta até que, em virtude dos espectadores não estarem incursos no artigo do citado regulamento, as emprezas teatrais pensam em augmentar os preços daqueles logares que, quando outra vantagem não tenham, possuem a de o publico poder aquecer os «pesinhos» no inverno, visto a «chauffage» das nossas casas de espectaculo servir apenas de decoração. Para os que se não podem manifestar, no caso de o desejarem, talvez se arranje uma «claque» para os «aquecer» á saida, o que não seria caso virgem. Felizmente que estamos no verão.

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

Estão escrevendo uma revista que destinam a um dos teatros do genero os srs. Armando Ferreira, João Ameal e Luiz de Oliveira Guimarães.

● A empreza Rey Colaço-Robles Monteiro, durante a epoca de verão, porá talvez, em scena as peças «La Figurante» de François de Curel e «A Importancia de chamar-se Ernesto», de Oscar Wilde.

● Na festa de Laura Costa, que vai realisar-se no teatro Salão Foz, a revista «Piparotes» será ampliada com um quadro novo intitulado «Propaganda de Portugal».

● O actor Alfredo Ruas, que esteve gravemente enfermo, já sai de casa tencionando ir em breve para Coimbra, fazer uma cura de repouso.

● Já se estão efectuando no proprio recinto do novo teatro Maria Victoria alguns dos ensaios da nova revista «Lua Nova», original de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão, com que o mesmo será inaugurado.

● Amanhã no Eden, a companhia espanhola representará pela ordem em que vão mencionadas as zarzuelas «La Revoltosa», «Las Bribonas» e «El pobre valbuena».

● Acentuam-se as melhoras do actor emprezario Otelo de Carvalho.

● A temporada de verão no teatro de S. Luiz, não será inaugurada antes da segunda quinzena do corrente mez, embora estejam já bastante adeantados os ensaios da revista do «Proxedes», original de André Brun.

● O Apolo fez hontem «reprise» da revista de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa «Porto tantos de tal», estreiando-se uma nova apoteose no final do segundo acto, que agradou.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Auto dos Faroleiros» e «Cavalgada das Nuvens».

POLITEAMA—A's 9,30—«Azas quebradas».

AVENIDA—A's 9,15—«A Maluquinha de Arroios».

Teatro musicado

APOLO—A's 9,15—«Porto tantos de tal»

EDEN TEATRO—A's 9—Companhia espanhola—«El Santo de la Isidra», «La Patria Chica», e «Las Bribonas» (Estreia).

CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».

SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparotes».

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 3/16 — 4 1/16
» 90 dias	4 1/4 — —
Paris, cheque	1170 — 1208
Suissa, cheque	2455 — 2585
Belgica, cheque	1080 — 1115
Italia, cheque	672 — 692
Berlim, cheque	46 — 50
Holanda, cheque	4980 — 5140
Madrid, cheque	2026 — 2000
New-York, cheque	12900 — 13200
Brazil, cheque	59 — 53
Austria, cheque	1 — 3
Noruega, cheque	2324 — 2360
Suecia, cheque	3316 — 3428
Dinamarca, cheque	2842 — 1886
Libras	64$000 — 66$000

Uma pagina da Historia Morta

que tem muitos pontos de contacto com as paginas da historia dos vivos

Corria o mez de junho de 1848.

Na sessão da Camara dos deputados de 19 desse mez, o deputado Antonio José de Avila ergueu-se e fallou assim:

—Sr. presidente, hontem tiveram logar nesta capital algumas prisões que teem feito uma grande impressão, supondo-se que foram feitas fóra das atribuições ordinarias do governo. Eu entendo que o governo deve dar explicações ao parlamento, a este respeito. Não quero emitir juizo nenhum sobre o comportamento do governo: quero, crêr que foi justo; mas entendo que faço serviço ao mesmo governo convidando-o a dar explicações a este respeito. Este negocio é de alta gravidade.

O ministro dos estrangeiros entrou nesse momento e, logo a seguir entrou Saldanha.

Avila proseguiu assim:

—O meu fim é provocar explicações a respeito das prisões que tiveram logar no sabado. As circunstancias em que estas prisões foram feitas as fizeram naturalmente referir a motivos politicos e ajunta-se que foram feitas saindo o governo das atribuições ordinarias; nestas circunstancias, o caso torna-se muito grave. O sr. ministro do reino tinha declarado nesta camara, quando se lhe perguntou se o governo na legislação atual, isto é, nas leis ordinarias, tinha força bastante para reprimir qualquer tentativa que por ventura, aparecesse contra a ordem publica, que não precisava de alguns outros poderes para esse fim, alem dos poderes ordinarios.

O ministro respondeu:

—Sr. presidente, o governo mandou proceder á captura dos srs. Manoel José Mendes Leite, Manoel de Jesus Coelho, Antonio José Duarte Nazareth, Luiz Diogo Leite e Joaquim da Fonseca, boticario em Cintra. Eu, por parte do governo, peço ao ilustre deputado e peço á camara que acredite que o governo não exorbitou das suas atribuições; não exorbitou das faculdades que a lei permite. O negocio é por extremo grave, e o bem publico exige que sobre isso se não dê por ora, mais explicações.

Tinham-se passado factos de caracter meramente politico. Referiam-se a conspirações politicas que o governo declarava conhecer, sabendo os logares onde se conspirava e os individuos que conspiravam.

A proposito, Saldanha afirmou:

—Dia e noite, estou prompto, promptissimo, a esmagar com mão de ferro (não me pejo da repressão) a anarquia, logo que ela apareça.

Isto passou-se, vai para setenta e quatro anos.

Perante a anarquia social que hoje lavra, dir-se-hia que vai para setenta e oito horas!

Agora, como então, prisões efectuadas de individuos conhecidos em luctas politicas causaram impressão vivissima na opinião publica.

As prisões realisadas em 1848 referiam-se, pois, a méras conspirações, em que apenas a politica dominava.

As sensacionaes prisões de 1922 referem-se a sucessos que, muito embora enxertados em acontecimentos politicos, constituem pavorosos atentados contra a vida de personalidades altamente colocadas na magistratura do seu paiz.

Em 1848, a mão do conspirador segurava a viseira com que pretendia ocultar o rosto áquele contra quem maquinava. Em 1922, a mão do assassino armou-se de pistola automatica para matar e de bayoneta para acabar de trucidar os homens publicos arrancados canibalescamente á tranquilidade dos seus lares.

O caracter das prisões de 1848 não é, pois, o mesmo do das de 1922 E' bem diverso. E'. Sêria proprio a comover profundamente a opinião publica, se a opinião publica, tão experimentada por extranhas sensações, não tivesse já consideravelmente embotada a sensibilidade.

O que vai seguir-se ás prisões de 1922? Quem o podera prever, neste momento?

Os tempos mudaram!...

Se fossemos a escutar e a acreditar a voz dos partidos, haviamos de concluir que as prisões de agora obedecem ao proposito de descobrir e punir os autores e cumplices dos assassinios de outubro do ano passado.

Efectivamente, no n.º 2.º do acordo celebrado a 23 de novembro de 1921, isto é, tres dias após os assassinatos, entre delegados dos partidos republicano portuguez, liberal e de reconstituição nacional, lê-se que esses delegados proclamavam,

«2.º—O seu proposito terminante de se adoptar procedimento energico contra os autores e cumplices dos assassinios de 19 e 20 de outubro.

Parecia pois, que os principais partidos militantes estavam solidariamente empenhados em não deixar impunes crimes que causaram geral indignação e que tais nos desacreditaram aos olhos dos estranhos.

Mais tarde, a 9 de dezembro, na exposição feita pelo governo á nação e publicada no «Diario do Governo», firmada pelo governo saido da revolução, liam-se estas palavras, que não deixam logar a duvidas:

«A repulsa geral pelo crime, aglutinando espontaneamente as consciencias dentro de uma logica simplista, mas sincera, provocou em toda a nação um brado imenso de pavor e de vingança, ateou uma labareda solta que no seu manto envolveu mesmo aqueles a quem a tragedia mais profundamente atingira».

Mais adiante, como fecho do programa que serve de remate á proclamação, o governo falou assim:

«O governo, garantida a punição dos hediondos crimes praticados, realisada uma reforma administrativa com que julga bem merecerá da patria, apresentar-se-ha finalmente, ao congresso da republica, com a tranquilidade de consciencia...»

Vão passados alguns mezes sobre a publicação destas afirmativas e é tempo demasiado para, nos tempos que vão correndo, se manter, pura e intangivel, qualquer afirmação, por mais peremptoria e evidente que pareça.

Se fossem dois dias!... Se fossem duas horas!... Se fossem dois minutos!... Se fossem dois segundos!... Em dois segundos, mudam os pareceres mais formaes da generalidade dos politicos.

Desta sorte, ainda hoje se pergunta, como perguntava ha dois mezes, onde estará a garantia da «punição dos hediondos crimes praticados», tão categoricamente denunciada na proclamação feita pelo governo do paiz, em começos de dezembro de 1921.

Onde estará?!...

Onde?!...

Em terra onde se encontre.

A incapacidade do governo alemão

O governo alemão mostra de dia para dia cada vez mais a sua incapacidade para cumprir os deveres elementares de todo o governo:—proteger o povo contra os criminosos que enriquecem á custa da miseria do proprio povo. Um exemplo entre cem:—a Alemanha é ainda agora um dos primeiros paizes entre os produtores de assucar; comtudo, não ha assucar na Alemanha senão por preços exorbitantes: 40 a 50 marcos o quilo. O governo sabe tambem, como de resto toda a gente, que isto provem das medidas criminosas das fabricas de assucar e dos comerciantes gananciosos que açambarcam o assucar para o venderem depois a preços fantasticos as fabricas de confeitos e de chocolates.

O governo não tem a coragem de pôr termo a este estado de coisas, escandaloso. Com o papel dá-se a mesma coisa. Nem os editores de livros nem os jornaes podem comprar papel a um preço razoavel, havendo comtudo um comercio regular e continuo de exportação de papel.

A Alemanha tornou-se o paiz das leis mais perfeitas, mas de execução a mais execravel.

Qual é a causa?

A falta de respeito dos funcionarios fiscais pelo governo. Em nenhum paiz do mundo se fabricam tão belas leis como na Alemanha, mas tambem em parte alguma é mais descuidada a forma porque são executadas.

A Alemanha tornou-se, ou antes transformou-se, repentina e inesperadamente n'uma republica, mas é uma republica que não é respeitada pelos republicanos, se é que ha republicanos.

O governo alemão está muito descontente com esta falta de respeito da parte dos cidadãos e de quando em quando os ministros apelam para o sentimento de respeito que deve ter o povo. Porém, o respeito é uma das coisas deste mundo que não se produz com belos dicursos, mas unicamente por meio de acções respeitaveis.

O povo sabe-o e dil-o mesmo:—O governo da republica alemã que nos forneça batatas, assucar, papel, etc., a preços razoaveis e nós lhe daremos o respeito devido.

Quem tem razão, o governo ou o povo? O povo tem sempre razão quando discorda do governo.

TAUROMAQUIA

Calvacho, Simão da Veiga e filho na tourada de amanhã

Efectua-se amanhã no Campo Pequeno uma dessas corridas que dificilmente podem deixar de corresponder a especiativa de magnificos que todo os aficionados antevêem quando encontram solidos motivos para isso.

Oito touros puros de procedencia espanhola, esmeradamente criada e apurada, fornecidos por um garadero que se estreia, o sr. João Malta, serão lidados.

—Por ocasião das proximas Festas da Cidade, haverá tres corridas, duas no Campo Pequeno, nas noites de 10 e 15 do corrente, e uma na praça de Algés na tarde de 11. Os programas devem contentar por completo o publico e os amadores.

Uma evasão frustrada

Esta madrugada tentou fugir do Aljube a conhecida gatuna Emilia Rosa «A mosca» de 30 anos, natural de Braga, que tentou saltar o muro caindo e fracturando a perna esquerda dando por isso entrada no Hospital de S. José.

A Provincia na "Capital,,

A feira do Espirito Santo em Sacavem

SACAVEM, 3.—Começou hoje nesta povoação a tradicional feira do Espirito Santo que costuma ser muito concorrida e animada. A Praça da Republica apresenta um lindo aspeto pelo grande numero de barracas que possue, tais como Pim-pam-pum, quinquilherias, tiro ao alvo, cavalinhos, comidas, etc.. Iniciaram-se já as transações de gado cavalar, bovino e suino. Está chegando muita gente dos arredores. Amanhã espera-se grande concorrencia de Lisboa.

SPORT

Coisas de sport...

Tem a «Capital», publicado varios artigos defendendo os professores de ginastica dos liceus, que, devem ter uma posição definida.

Nada mais justo.

Mas o que não bate certo é o argumento de que isso deve ser, visto a maioria dos professores, segundo o articulista, serem medicos e militares. Ora o que ha feito, pouco ou muito deve-se ao nucleo de professores civis, que ha vinte anos veem trabalhando em pról da causa, e a quem os militares e os medicos querem pôr de lado agora, que o caminho está traçado...

* * *

Depois do cheque de Carpentier, os franceses viram em Criqui apoz a vitoria sobre Ledoux, o futuro campeão do mundo da sua categoria.

E' o seu sonho dourado, terem um campeão do mundo de box...

Ora no combate realisado entre Criqui, e o campeão inglez Fox, este apesar de vencido, teve sempre vantagem sobre o francez, que chegou a estar desamparado e cuja manifesta inferioridade como sciencia foi notoria.

Baixaram as acções de Criqui, e os franceses teem que esperar por outro fatuoo campeão do mundo...

* * *

Não só entre nós as Federações fazem asneiras...

A prova mais importante do ciclismo em Italia, a «volta de Italia», em que todos os campeões e todas as marcas se inscrevem, fica este ano sem interesse, devido a uma medida injusta da União Velocipedica Italiana.

Um corredor impingiu o regulamento. A União em logar de proceder com energia, aplicou um leve castigo.

Os outros corredores, sentindo-se lesados abandonaram a prova.

O «sport» perdeu. Foi o triunfo da asneira...

Lá como cá...

* * *

Vai o Ginasio Club, organisar uma festa, que fará parte do programa das festas da cidade.

Optima ocasião de propaganda para a gente da provincia, que certamente deve afluir á capital.

Mas pelas alminhas cuidado com o programa e com o cartaz... que não apareça novo diluvio de campeões, de «geração espontanea», nem se anunciem combates que existam só na imaginação do reclamista...

RUY DA CUNHA

NOTICIARIO

ASSOCIAÇÃO DE FOOT BALL DE LISBOA

Comunicações oficiais

«Semana de Lisboa»—A convite do jornal «O Seculo» abre esta associação inscrição gratuita para os clubs seguintes:

Sport Lisboa e Bemfica, Sporting Club de Portugal, Club de Foot-Ball «Os Belenenses», Casa Pia Atletico Club, para disputa duma taça pelo mesmo jornal instituida.

Na proxima quinta-feira 8 realisa-se o sorteio caso os clubs se inscrevam todos.

OLIMPICO CLUB PORTUGUEZ

Amanhã dia 4 do corrente deslocam-se para o Monte Estoril trez linhas deste club onde vão jogar trez desafios com o «Monte Estoril Foot-Ball Club.

A partida do Cais do Sodré é ás 10,30, pedindo o cap. geral para não faltarem os jogadores das respectivas linhas.

CAMPEONATO DE SABRE

E' hoje pelas 21 horas que se realisa este campeonato, organisado pelo Ginasio Club Portuguez e na sua sala de armas.

Estão inscritos os atiradores seguintes:

Grupo de Armas e Sport—Ermelindo dos Santos e Manuel Costa.

Escola Militar—Francisco A. Pimenta da Gama, Luiz J. Leotte Tavares, Mario A. de Carvalho Nunes, Ruy da Silva Horta, Eduardo Reverendo da Conceição, Carlos Moreira do Carmo.

Casa Pia Atletico Club—José Simões e José Agostinho dos Santos.

Centro Nacional de Esgrima—Rodrigues Lima.

Ginasio Club Portuguez—João Formosinho Simões e Antonio Soares de Almeida.

NATAÇAO NO GINASIO CLUB PORTUGUEZ

E' amanhã 4 de junho que se realisa a abertura da epoca de natação do Ginasio Club Portuguez.

Esta aberta na secretaria do club a inscrição para a classe de natação para filhos ou tutelados dos socios nas mesmas condições da classe de ginastica sueca.

Dirige-se a classe o sr. Levy Janocho. A classe de natação para os socios é dirigida pelo sr. Emilio Renou que dará tambem lições de saltos para a agua.

O Ginasio Club Portuguez tem na doca de Alcantara um barracão para uso dos seus socios.

COMBATE DE BOX

Criqui e Ledoux no Coliseu dos Recreios

O publico de Lisboa vai ter hoje ocasião de ver dois dos mais notaveis pugilistas do mundo: o celebre Criqui «rei do knock out» vencedor do ultimo campeonato de leves realisado em Londres, e Ledoux o notabilissimo campeão da Europa.

O combate entre os dois valentes boxeurs está despertando o maior interesse.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

OS NOIVOS

por JULIO CESAR MACHADO

—Uma pagina!?

—Uma pagina, sim.

—O meu amigo ignora que eu nunca escrevi senão cartas a alguma namorada!

—E' talvez isso!

—Como diz?

—Digo... que não é bem isso!

—Trata-se então?

—De um album!

Oh! exclamou êle, como acordando a uma ideia nova. Já sei, meu amigo! Não me fulmine! Essa é a historia mais deploravel da minha existencia, senão da existencia humana! Eu tenho pelo album um horror que nenhum grito, nenhuma frase, nenhum suspiro explica. O homem tem presentimentos fatais: eu sonhei em pequeno, uma noite em que não saira o luar, que haveria um dia de escrever num album! Decorreram muitos anos, e, á semelhança dos herois de melodrama, que têm todas as manhãs um remorso á cabeceira, a ideia pavorosa, a sombra escura, o aspecto aterrador de um album era sempre o meu «Deus te salve!» Fugi de Lisboa e fui para a provincia, na intenção de me esquivar ao meu destino. Chegado a Traz os Montes, onde eu cuidava que as pequices da civilização não houvessem penetrado ainda respirei com a suprema alegria de um homem que descobre um mundo do seu agrado. Na primeira casa em que entrei, de umas excelentes senhoras, aliás, havendo-me regalado com um jantar abundante, e com as mais amaveis maneiras dêste mundo, ensinaram um tão bem passado dia proporcionando-me uma colica!

—Oh! desgraçado!

—Faça ideia! Pois não me apresentam, á hora do café, dois valentes e recheadudos albuns, um da casa, outro da visinha, para eu enriquecer com alguma das minhas *melhores poesias!!* Dois albuns, meu amigo; a unica coisa, diz um autor, que se tem descoberto de peior... que um!...

—Era caso para um suicidio!

—Se condisse com uma noticia diversa, tinha-o feito! Este odio cordial que me inspira o album dispensa-me de lhe descrever o quarto de hora de agonia, que veiu oferecer-me êsse que leu!

—Agonia que se disfarçou no mais eloquente entusiasmo!

—Vou ser franco comsigo. Eu não escrevi essa pagina para aquele album, mas na dificuldade de me inspirar pela dona dêste, recorri ao expediente de lhe repetir exactamente o mesmo que escrevera de uma dama, que está a esta hora provavelmente tomando o seu banho de leite no Brasil!

E Carlos Eduardo cantarolou, como recordando-se, numa toada graciosa e meiga, não sei que canção da America

Gentes, gentes,
Se voando...

Isso prova apenas que teve o talento de acertar duas vezes, porque não ha forma de presentir que não fosse inspirada por Carminho!

Oh! A vaidade dela dir-lhe-ha que sim! E todavia, que diferença, que mundo, que abismo, entre o olhar destas duas mulheres! A minha estrela, que ainda é mais casoista do que funesta, trouxe-me a Cintra antes de ontem. Encontrei em Colares Gonçalo Dantas e sua mulher. Eu trazia o ouvido enfastiado dos elogios com que Lisboa tem formado á noiva um concerto de louvores; isto devia ter um resultado menos propicio, e assim foi, — a noiva já tem album! Aqui está para que serve a admiração posta em musica, cantada em redor da beleza pelas vozes de uma população! Cintra em Março e sob as influencias de um album, é uma coisa caustica: vou partir!

—Hoje mesmo?

—Dentro de instantes. Aconselho-lhe que siga a mesma ideia: dou-lhe condução, venha comigo para Lisboa!

—Não. Cheguei ontem e conto ficar dois dias.

—Que distancia entre nós! Eu fujo do album; e o meu amigo fica... por êle!

Pouco tempo depois, Carlos Eduardo partiu para Lisboa, encarregando-me de fazer as suas despedidas aos noivos, que estavam recolhidos ainda. Acompanhara-o até ao portão; e êle disse-me apenas, erguendo a vista para o hotel:

—Deixo sempre êste quarto com saudade! E' pena que Cintra não esteja... em toda a parte!

Fiquei um instante a olhar o caleche que o conduzia. Uma camelia caiu a meus pés. Fui a olhar e senti fechar uma janela. Apanhei a camelia e level-a para cima.

—De quem é esta flôr, rapaz? preguntei a um criado.

—Isso ha de ser dêsse senhor, que foi para Lisboa, que trouxe ontem uma camelia de Monserrate.

Dêste senhor...

Ninguem estava levantado ainda no hotel senão o criado e eu. Eram sete horas, estavamos em Março e o frio convidava apenas a madrugar algum pobre diabo: poeta ou folhetinista, que goste até de admirar a natureza, constipando-se.

Fui para o meu quarto, puz a camelia num copo e agarrei num livro que andava a lêr.

Era a *Apologia da revolta d'Eva.*

O autor admite como exacto o que diz o Genesis, da desobediencia da primeira mulher; todavia, longe de reputar isso um crime, demonstra-nos com uma precisão admiravel que essa rebelião tinha sido ao mesmo tempo um acto de coragem, de dedicação e de sacrificio! Era um verdadeiro livro para se lêr em Cintra!

«A primeira de todas as revelações, de que o genero humano conserva memoria, — dizia o livro — essa revolução simbolica e sagrada que nasce no andar dos tempos todo o progresso do homem e das sociedades, vêmo-la aparecer nas Escrituras sob o nome e imagem de uma mulher; o Todo-Poderoso disse aos conjuges, fracos e ignorantes, mas felizes e imortais:

«Não haveis de comer o fruto da arvore da sciencia, ou morrereis!» Resignou-se o homem a esta inactiva felicidade, mas a mulher escutando em si mesma a voz do espirito da liberdade, aceitou o desafio, preferindo a dôr á ignorancia, e a morte á escravidão. Sem que lhe importe o perigo, arranca com pequenina mão ousada o fruto proibido, e leva comsigo o homem nesta nobre rebelião. Banidos depois e condenados á morte Eva ficou sempre, todavia, aos olhos da sua triste e orgulhosa posteridade, a personificação gloriosa e maldita da independencia do genio humano.»

E' singular! disse eu interrompendo a leitura, a scismar, e volvendo os olhos para a camelia: é realmente singular que Carlos Eduardo trouxesse ontem esta camelia de Monserrate!

O livro estava-me interessando. Fechei-o. Que me dizia êle, ao fim de tudo, senão que sem o erro de Eva procurar-se-hia debalde a causa das inquietações da mulher? O que vinha êle a dizer-me senão que o espirito da liberdade é imortal, e que a revolta, essa Eva perpetuamente moça, prefere ainda hoje, como nos primeiros dias do mundo, o desterro, o anatema, a dôr e a morte á monotona paz da ignorancia, da escravidão, ou da felicidade até!...

Entreguei o album a Carminho, á hora do almoço. Ela pareceu-me contrariada e triste, por ter que deixar Cintra antes da tarde; uma carta de sua irmã lhe pedia muito que voltasse a Lisboa; estava doente e só tinha esperanças em vê-la. Carminho confessou-me que era para ela o mais atroz dos sacrificios apartar-se de repente das sestas nos Pisões e das tardes no Castanheiro, mas que, ainda que supunha que sua irmã teria apenas um defluxo, desejava ir melhorá-la, abraçando-a.

Um daqueles garotos que acompanham as burricadas á Peninha para lhe buscar cruzinhas de pedra e fazerem um *bouquet* de flôres silvestres, que nascem por ali ao acaso nos valados, apareceu á porta, de barrete na mão, a dirigir a classica pregunta:

(Continua)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL

DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA	PORTO
R. do Ouo, 18 a 24	28, Paça da Liberdade, 29

Rua do Comercio, 186 a 140

Mario Duarte
Cirurgia da boca e dentes
P. RESTAURADORES, 13
Telef. 914 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.° e 2.°

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Estremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Vianna do Castelo, Villa Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue du Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 23 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshasa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Teto, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Parahiba, Pará e Manaus.

Recomendam-se às Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banco Colonial Português

Séde:—Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — **Casa Pinto & Sotto Mayor**
RIO DE JANEIRO — **Banco Português e Brasileiro**

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: Escudos 100.000:000$
CAPITAL EMITIDO: Escudos 10.000:000$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL
e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, Ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.°

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.° 2293
Fabricas — Paio Pires n° 16
Armazens — Poço do Bispo, n° 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.° 168, 2.°
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada
FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner"
DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Rana, Pampilhosa do Botão e Leiria
AGENCIAS: Em varios pontos do país

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamolos a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — **Rua de Santa Justa, 26 a 32**

Telef. 8040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias
Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha)
Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha)
Turbinas, instalações de ceramica, etc.

Usines Reduverde S. A. Liége (Belgica)
Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia)
Maquinas-ferramentas

Bädal & C.° Dresden (Alemanha)
Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha)
Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa)
Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia)
Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem lendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificos

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4086-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Segunda-feira, 5 de Junho de 1922

Telefone n. 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Rosa, 71 — Preço 10 centavos

Ás 15 horas e 20 minutos chegou a Lisboa a noticia da chegada a Pernambuco dos aviadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Está pois inteiramente realisada a travessia de continente a continente.

JORNAIS E JORNALISTAS

O nosso colega *A Manhã* terminou ante-ontem a sua publicação e já ontem ingressaram novamente no *O Mundo* os antigos jornalistas que dali haviam saido para fundarem o matutino que desaparece agora. Se o facto constitue, dentro do meio dos jornais, um acontecimento discutido em todos os seus aspectos, não é menos certo que êle revela, nas suas caracteristicas, qualquer coisa que é, em realidade, um sintoma desanimador.

Nas colunas d'*A Manhã* diluiram o jornal talento e tenacidade os jornalistas que durante alguns anos ali escreveram e entre êles, principalmente, Mayer Garção e Luiz Derouet. E *A Manhã* desaparece, ninguem o ignora, porque o favor publico, evoluindo numa desatenção e numa indiferença cada vez maiores, parece recusar sistematicamente tudo que o force a nal cujos elementos se conglobam na forma primitiva, cumpre vincar a figura de excepcional relêvo, que, pontualmente, ha quasi uma vida de homem, dá todas as manhãs, num editorial, a clara lucidez das suas ideias numa elegancia irrepreensivel de estilista de raça: Mayer Garção. E' êle que, nas horas de triunfo, nas horas de epopeia, é vibrante como um clarim e fresco e moço como uma alma de vinte anos. No seu grito ha todos os gritos, todas as ternuras estão na sua ternura; *A Capital*, onde êle escreve desde a sua fundação, está repleta do seu brilhantissimo espirito. Só podem sentir, só podem avaliar o seu tremendo labor todos aqueles que sabem como se faz um jornal e quanta soma de esforço êle representa. Mayer Garção é incontestavelmente o primeiro jornalista português de hoje: todos os seus camaradas

Mayer Garção

pensar e a agir, para se refugiar ou na forma emoliente e lassa dos jornais que se escrevem com logares comuns ou na maneira amorfa e inconsistente dos periodicos que não pugnam por ideias porque são meramente informativos.

Triste sintoma é êsse, que nos dá mais um elemento para o estudo da triste evolução que estamos cumprindo. Seria, na realidade, ridiculo e por demais inutil vociferar contra a ordem das coisas que tende a eliminar o que poderiamos chamar a imprensa livre, quer dizer, a imprensa que, debatendo e agitando ideias, define situações; porque, muito provavelmente, essa ordem de coisas, que, neste momento, parece decretar a morte dos periodicos que conquistam posições de combate e as guardam, vai produzir como resultado fatal e certo o resurgimento do antigo modo de difusão de ideias com o panfleto e o prospecto. Se as dificuldades materiais crescem a todo o instante de ponto para os jornais portuguezes, mercê de circunstancias que estão no animo de todos, não é todavia menos certo que para poder arcar com elas e conduzir uma folha de larga vitalidade, é fatalmente necessario ter todas as opiniões, não repudiar nenhuma e ser eclectico perante os problemas que por todos os lados surgem ao assalto do nosso *modus vivendi*. Daqui nasce imediatamente a necessidade de não ter nenhuma opinião ou de as ter todas.

Para o publico que, todas as manhãs ao almoço ou todas as noites ao deitar, apenas pretende saber o que se passa na China ou nas alegrias, dôres e vaidades do visinho, são, na verdade, estas considerações meramente insignificantes. Mas ainda ha gente que se preocupa com o que de perto lhe diz respeito porque certos problemas debatidos claramente com simplicidade e isenção são a nossa vida de hoje e o nosso futuro de amanhã. Para essas pessoas, o desaparecimento de um jornal como *A Manhã* constitue deveras um acontecimento. E um acontecimento que se deve lastimar, porque, muito embora voltem ao seu antigo jornal as penas brilhantes que dêle sairam ha anos, de facto desaparece mais um campeão, justamente no momento em que todos juntos são ainda poucos para tentar galvanizar uma nação que não é ainda um cadaver porque nós não queremos que o seja, mas que está indubitavelmente mergulhada em profunda letargia.

* * *

Mas a par de um jornal que se extingue, a par de um outro jorde imprensa lhe devem a justiça desta afirmação. Combativo, apaixonado, transbordante de fé, tem azas na alma, como poderia dizer Romain Rolland. E' da nobre familia dos Rochefort, dos Pelletan, dos Mewren, que abalaram tronos e demoliram instituições. Se tivesse querido ser tribuno, seria émulo de Passos Manuel. Se a vida o houvesse deixado ser poeta, teria sido uma das mais ricas, mais quentes expressões da alma peninsular, com o mesmo lirismo de Espronceda, a mesma fuga apaixonada de Ruben Dario, a mesma melancolia doce e pensativa de João de Lemos ou de Zorilla. Mas, como é o jornalista, quasi exclusivamente o jornalista, todo o seu ritmo em ebulição, flexivel e dextro, evoluiu para uma imensa tarefa de luta diaria, ofegante, esmagadora luta, que todos os dias rola o rochedo de Sysipho, e que a sua pena fez sempre notavel e sempre brilhante. Quem o siga a par e passo na inextrincavel rêde das incompetencias e das vaidades que pululam pelas redacções, hesitará no que ha de admirar nêle. Porque, de facto, êste jornalista, que é do seu tempo mas que o seu tempo não merece, transita por todas as modalidades que o talento dos homens pode conceber. E grave e enternecido, violento e demolidor, amoroso, ironico, cruel por vezes, ponderado sempre. O que nêle ha de exuberante e de demasiado é sempre corrigido por uma filosofia natural que vê claro e observa bem. Colocado no meio das duas classes de foliculários peculiares ao momento, entre os conselheiros com fulguração e os larvados com aptidões, — é dos que são incontestavelmente jornalistas, pondo ao serviço da sua pena uma ilustração muito vasta, uma inteligencia muito lucida, um conhecimento dos homens e das coisas muito completo. Nós, que vivemos na mediocridade de um meio intelectual agonisante e nos estiolamos na melancolia sordida de uma cidadesinha intriguista e cinematografeira, podemos e devemos lamentar que semelhantes individualidades vivam a sua existencia e cumpram o seu ciclo por entre uma multidão que, depois de ter perdido completamente o senso moral, está em via de perder o senso comum. Mas é preciso conhecer Mayer Garção, para compreender bem até que ponto êle pode fugir, alhear-se dêsse morbo deleterio, que trabalha para a extinção de todas as velhas fórmulas. Com a sua miopia, que lhe dá, através os vidros da luneta, crispações faiscantes, rolando uma bonhomia em que ha scepticismo e bondade, alguma indiferença e muitissimo sonho, êle põe, afinal, em prática o preceito fundamental dêsse nebuloso néo-cristão que se chamou Tolstoi: *Não mobiles apenas a casa em que habitas, torna tambem confortavel o cerebro em que vives.* Nós não conhecemos a casa de Mayer Garção, mas amplamente lhe prescrutámos o espirito. E êsse está luminosamente mobilado, mobilado de forma a prescindir dos tarecos alheios, com mobilia que se não compra nos estofadores, que não se paga com dinheiro, e que não é para toda a gente — louvado seja Deus!

Alice Rey Colaço

CANTORA-PINTORA

Raras vezes é dado ás pessoas encarregues de preencher dolorosamente algumas tiras de papel que se chamam a cronica diaria das nossas existencias, o prazer magnifico de escrever uma pagina de admiração. Quantos adjectivos retumbantes e consideraveis se não aplicam a toda a hora com uma convicção que, á força de constituir um habito vulgar, é quasi sincera. No entanto, mais abaixo, mais no fundo da nossa sensibilidade, mais na pura região das nossas intimidades esteticas, fica alguma coisa de singularmente inedito, algumas palavras raras e sentidas, que nem sequer timidamente afloram aos bicos magoados das penas de escrever, e que só aparecem, mesmo quando comovidamente se escreve como eu agora escrevo, convencionalmente maquilhadas com as proporções e os costumes da prosa dos jornais.

E, eu hoje, apetecia-me, (como se fosse possivel), escrever a meia-voz, escrever em voz baixa, escrever só para nós, só para nós aqueles que podemos ainda compreender e viver de coisas delicadas e ternissimas.

Falar de Alice Rey Colaço, «a dos olhos maravilhosamente tranquilos, e a das melodias de ritmo unico» como me escreveu nostalgicamente de Madrid certo poeta espanhol, é falar com as mais gratas palavras que nós podemos alguma vez proferir.

Tu, leitor banal do acaso, a quem estas linhas caem de imprevisto sob os olhos, e que nos intervalos da tua vida sêca e monotona não podes ou não sabes viver as seduções melhores, tu não leias. Não são para ti estas linhas. Que sabes tu duma Arte toda intima, dum encanto todo novo, que os teus olhos jamais presentiram, que a tua emoção jamais acompanhará? Deixa-nos. Perdoa-nos. Nós vivemos assim minutos diferentes, minutos melhores talvez. Esses minutos pagamo-los com a tortura infinita duma vida dolorosamente ansiosa, mas esses minutos vivemo-los completamente, — tão completamente que êles dão a razão inteira de toda a nossa vida...

* * *

As audições Rey Colaço e a exposição da casa Araujo e Bastos veio trazer de novo ao foco duma inevitavel atenção publica o nome de Alice Rey Colaço, de delicadas tradições artisticas.

A esta familia priveligeada dos Rey Colaço, um dos grupos mais atraentes da alta mentalidade de Lisboa, devemos nós todos horas de prazer espiritual, dignas do nosso agradecimento enternecido. São todos desde Alexandre Rey Colaço, admiravel e bem constituido organismo de artista de raça, de bela intelectualidade e de cultura notavel — (esse bondoso «Pae-Colaço», com seus claros óculos redondos, e seu claro sorriso a iluminar-lhe a barba rala e a curva arabe dos cilios) — até Amelia Rey Colaço, a actriz eminente, senhora do maior futuro dramatico dos palcos portuguezes, a quem se deve a mais moderna obra femenina dentro do nosso teatro.

Desde Maria Rey Colaço, a pianista de tão alto estilo e tão vibrante emotividade até Jorge Colaço, o espontaneo caricaturista, o decorador dos azulejos tão facil e tão rico, até mesmo áqueles que se juntaram em familia aos Colaços, como D. Branca — talvez ainda a mais cativante e feminina figura da literatura portugueza — e o proprio Robles Monteiro um tão esforçado e honesto temperamento de artista, todos eles, é bem verdade, são figuras gratas de recordar nesta terra de pasmaceira intelectual e de parasitagem mundana, onde todos eles marcam um raro exemplo de trabalho respeitavel e enternecedor.

* * *

Mas, Alice Rey Colaço, é, para mim, uma artista creadora. Ela tem sabido fazer-me sentir com as suas estilisações sobre os motivos populares, um ritmo novo e cheio de personalidade.

As ovarinas — essas mulheres que correm sobre o areal do Aterro com a «souplesse» de bailarinas gregas e tem nas suas curvas uma das mais belas expressões de elegancia da raça, essas mulheres que nas descargas violentas do carvão e do sal, pelas madrugadas azuis das docas, sobre a tabua fragil duma ponte, têm o imprevisto de aparições tenicias, ou, já seias, á brisa fresca do Tejo tomam as pregas das «Victorias» helenicas — essas mulheres encontraram no lapis fragil e contemplativo de Alice Rey Colaço a sua magistral e unica fixadora.

* * *

A cantora do «leader» cujo alto poder de exteriorisação plastica se estende á musica e cuja inteligente compreensão tem tornado possiveis tantas e desconhecidas paginas fundamentalmente presas á propria genese da Raça, mereço de nós tambem — áquele mistico e sereno olhar, áquele olhar «de lo más tranquilo» como dizia o poeta espanhol, o agradecimento quasi religioso, que á religiosidade da sua Arte compete.

Não ha crise!...

A novidade politica desta manhã — Programa do governo Afonso Costa, logo de entrada — Desafiamos qualquer desmentido...

A avaliar pelas noticias optimistas que os mais intimos amigos do Governo se encarregaram, esta manhã, de fazer circular atravez de Lisboa, a crise politica, que esteve eminente pelo desacordo entre o sr. Almeida Ribeiro, «leader» da maioria parlamentar e o sr. Portugal Durão, ministro das Finanças, parece ter sido afastada, obtendo-se, mais ou menos a custo e á sobreposse, uma «solução» dilatoria. Importa pouco saber qual ela é; mas é interessante conhecer a marcha que o novo estado de coisas vem imprimir á politica portugueza. Temos a esse proposito, informações que reputamos veridicas e que vamos transmitir aos leitores de «A Capital».

Foi o sr. Victorino Guimarães, recem-chegado de Paris e de Genova, que foi portador do raminho de oliveira que, agitado freneticamente, conseguiu acalmar os animos exaltados dos dois estadistas aborrecidos. Esse ramo de oliveira consistiu, principalmente, no «mot d'ordre» que escorreu dos labios porpurinos do sr. Afonso Costa e foi religiosamente recolhido no aparelho auricular do sr. Victorino Guimarães. Emfim, um recado, um simples recado.

O sr. Victorino Guimarães limitou-se a dá-lo, integralmente, embora talvez carregado nas tintas: «Aquietem-se, tinha-lhe segredado o grande homem do Boul'Mich. Aquietem-se e sigam este programa...»

E o sr. Afonso Costa completa o seu pensamento, ordenando que se aprovassem, até fins de Junho corrente, os orçamentos, as propostas de finanças e a lei do inquilinato e, se fosse possivel, se resolvessem parlamentarmente as questões dos caminhos de ferro, cerealifera, estradas de rodagem e outras, que constituem restos de maior quantia ou troços miudos do funcionamento do Poder Legislativo.

Conseguido isto, o sr. Victorino Guimarães deu esperanças seguras de que o sr. Afonso Costa largará o homisio de Paris, trocando o doce pão de França pela escura e gradosa amassa que entre nós se convencionou denominar de alimento primordial.

E', pois, quasi certo que o sr. Afonso arrebentará por ahi, o mais tardar lá para fins de Julho. Constituirá então governo, com uma "mayonnaise,, heterogenea, que é a mais homogenea na culinaria politica. E já se anuncia, embora nós acreditemos que a versão tem apenas por fim "épater le bourgeois,, que o gabinete Afonso Costa dedicará toda a sua atenção e actividade á conclusão das obras do Rocio e á ornamentação do Parque Eduardo VII, não mexendo nas obras de Santa Engracia, porque as ideias do sr. Afonso Costa muito se modificaram e o grande estadista mundial não quer, desta vez, beliscar, mesmo ao de leve, as gloriosas tradições da terra que teve a ventura de lhe ser berço.

O "raid" realisado

Os aviadores chegam a Pernambuco

Os marinheiros portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral levantaram vôo da ilha Fernando de Noronha, a bordo do «Fairey 17», ás 7 horas e 45 minutos (hora local) em direcção á costa brasileira.

No alto mar, no seu vôo esplendido e magnifico, foram vistos por um grande paquete inglês, que, por um radio, comunicou seguir o avião galhardamente em pleno vôo.

As manifestações, á saida de Fernando de Noronha, foram delirantes, tendo toda a população da ilha assistido á largada, que foi imponentissima e levantou enorme entusiasmo, quando o «Fairey 17», descrevendo uma curva esplendida, desapareceu no horizonte maritimo, em direcção ao continente americano.

Depois de 4 horas e 35 minutos de vôo sereno e majestoso, os heroicos marinheiros avistaram a costa arenosa e baixa de Pernambuco, e, pouco depois, a cidade de Recife, onde desceram triunfalmente ás 12 horas e 20 minutos (hora local).

De facto, desde que os aviadores desceram no rochedo de S. Paulo, estava virtualmente feita a travessia da Europa á America do Sul. Agora, porém, ela é completa e não sofre contestação de especie alguma. Sacadura Cabral e Gago Coutinho, partidos do continente europeu, fizeram ha meia duzia de horas no continente americano.

Os cáis, as docas, os canais da Veneza americana como habitualmente se chama a Pernambuco, encontravam-se negros de uma multidão espessa, que, em delirio, saudou os marinheiros portuguezes numa larga explosão de entusiasmo, que durou horas sem se extinguir e sem mesmo abrandar. Foram horas inolvidaveis, que hão de sempre retumbar no coração dos dois portuguezes, que, neste momento, são o simbolo da Patria Portugueza.

O cruzador «Carvalho de Araujo» largou de Fernando de Noronha com destino á Bahia, onde aguardará o «Fairey 17», na sua segunda étape ao longo da costa. Muito provavelmente, depois do indispensavel descanso, os aviadores partirão do Recife para êste porto, que dista apenas 350 milhas da capital de Pernambuco.

A distancia, a vôo de abelha, de Pernambuco ao Rio de Janeiro é de mil e cem milhas.

POR PORTUGAL!...

A questão do convenio entre Moçambique e a União Sul-Africana

Breve resumo das reivindicações das duas partes — Mas ha só isto ou ha mais que isto?...

Embora já bastante se tenha escrito ácerca de Moçambique nas suas relações com a União Sul-Africana, ainda não se disse claramente em que consistem as reclamações dos nossos visinhos na Africa Oriental. Vamos resumir o que mais importante nos parece ser, habilitando o leitor a fazer uma ideia da marcha das negociações e das dificuldades com que se debatem as negociações do novo convenio.

A União Sul-Africana compõe-se actualmente dos seguintes territorios: Orange, Transvaal, Natal, Bechuanalandia e Damaralandia. A Rodesia ainda não foi anexada, pelo menos de uma forma claramente efectiva.

O general Smuths, que não oculta os seus propositos de, cêdo ou tarde, incorporar a provincia de Moçambique, ou parte dela, nos territorios da União, reclama o seguinte:

1.º — Que o porto da Beira seja aparelhado com tudo quanto preciso fôr para dar vazão ao serviço de importação e exportação pela Rodesia;

2.º — Que se modifique o regimen do recrutamento de serviçais indigenas de Moçambique, destinados aos trabalhos mineiros do Transvaal;

3.º — Que se altere o regimen ferroviario no caminho que liga Lourenço Marques a Pretoria.

Examinemos estas reivindicações.

O porto da Beira necessita, realmente, de obras importantes, muito dispendiosas, mas tambem é certo que, depois de realizados êsses melhoramentos, a região fica em condições de progredir rapidamente, com proveito para as duas partes interessadas: para Portugal, porque a sua colonia se valorizará muito mais, e para a União, pelo beneficio que a Rodesia terá na intensificação do trafego do porto da Beira.

De resto, êstes melhoramentos no porto da Beira não são irrealizaveis, antes, pelo contrario, porque facil seria um acordo entre o Governo e a Companhia de Moçambique. Mais dificeis de resolver são as outras duas questões.

A questão da mão de obra para as minas do Transvaal é importantissima para nós e para a União. E o peor é que, por vezes, os dois interesses parecem irreductivelmente antagonicos.

O Transvaal precisa de um numero ilimitado de trabalhadores; o governo de Moçambique não pode deixar de limitar o exodo, sob pena do despovoamento da provincia.

Ha tambem o aspecto economico. A União, pelo regimen que foi dado por findo, pagava o salario do trabalhador moçambicano, deixando parte em poder do operario e remetendo a outra parte aos cofres do governo da provincia. Assim se conseguia uma entrada razoavel de ouro no tesouro governamental de Moçambique. O governo da União quere, agora, pagar tudo ao trabalhador, certo, como está, de que o indigena portuguez deixará ficar no territorio da União todo o lucro que o seu trabalho lhe fizer ganhar.

A questão do caminho de ferro de Lourenço Marques a Pretoria não é tambem facil de resolver. Até agora, a receita dos caminhos de ferro portuguez e sul-africanos era recolhida num cofre comum e repartida, depois, em conformidade com as clausulas convencionais.

Eis, ácerca das reivindicações ferroviarias, o que diz um jornal de Lourenço Marques, *A Colonia*:

«Tudo quanto precisamos sobre êste ponto do novo tratado é que a União se comprometa a manter nas suas linhas tarifas iguais, por milha, ás que vigorarem na nova *zona de competencia*. Não precisamos de favores. Só precisâmos que, por meio de vantagens especiais, maiores facilidades de material circulante, tarifas diferenciais ou acordos especiais com as companhias de navegação, levando-as a aumentar os fretes para êste porto, não seja desviado daqui o trafego descendente ou ascendente a que a nossa posição geografica e os sacrificios de ordem financeira

O tratamento da tuberculose

Realisa-se com exito, com o emprego de «Fibrocalcina», associada á «Zyrobiase» extracto de carne glicerinado e ás gotas de guiacol compostas. Pedidos a Raul Vieira L.da, Rua da Prata, 51, 3.º.

Coronel Sá Carneiro

Segundo informações ultimamente recebidas, o coronel sr. Sá Carneiro que acompanhou a Lourenço Marques o general Freire de Andrade para os negocios do novo convenio luso-transvaliano, não regressará por agora a Portugal, devendo tomar o cargo de director do porto de Lourenço Marques.

Um apelo ao sr. ministro da Instrução

a proposito dum funcionario extraviado

Publicamos em tempos uma noticia referente á Biblioteca existente na Rua Ivens n.º 35 referindo-nos a uma queixa motivada pela desatenção dum empregado ali existente.

Escreve-nos hoje um outro reclamante informando-nos de que desejando consultar um livro lhe foi dito só o poder fazer com o consentimento do bibliotecario. Durante quinze dias, a todas as horas, a todos os instantes voltou á Rua Ivens e sempre em vão porque o funcionario que autorisava a leitura nunca se encontrava no seu lugar. Informaram-no de que ás vezes, raras, lá costuma ir mas simplesmente porque tem diversas actividades que lhe tiram todo o tempo.

Para o caso chamamos a atenção do sr. ministro da Instrução.

Um desastre na aviação

vitima dois tripulantes americanos

EL PASO, 6. — O tenente Jenkins e o sargento Jeangling quando voavam para Fort Bliss tiveram uma pane no motor e cahiram de grande altura, tendo-se incendiado o aparelho, morrendo os aviadores carbonisados. O horrivel desastre foi presenciado pelo regimento a que ambos pertenciam. — (R).

Os bandidos na Catalunha

Procedem romanticamente á maneira classica de Frá Diavolo

BARCELONA, 5. — Na estrada de Sarrais, dez homens armados detiveram dois individuos que conduziam 25 mil pesetas para pagamento de salarios aos operarios da construção do palacio real. — (Lat. Am.)

A Irlanda

Continua-se em plena agitação nos condados do sul

LONDRES, 6. — Artur Griffiths, presidente de Dail Eireann que chegou a Dublin no sabado com os outros membros da delegação do sul da Irlanda, conferenciou com Collins e com outros membros do governo provisorio.

Um comunicado oficial do departamento de publicidade retifica as declarações feitas pelo sr. Griffiths antes de sahir de Londres, acentuando que o que ele disse foi que estava na mesma posição em que se achava quando assinou o tratado em Dezembro.

A noite passada continuou o tiroteio em Belfast tendo havido um morto e doze feridos. — (R.)

A questão do pão

Na capital do Alemtejo

A união dos Sindicatos Operarios de Evora convidava ontem para um comicio na capital do Alemtejo o povo trabalhador, que tanto monta dizer o povo operario. A reunião tinha por fim elaborar uma forma concreta de protesto conta a qualidade do pão que segundo parece se torna nas provincia do Sul cada vez peor.

Queixas deste genero que se exteriorisam aqui e alem em protestos mais ou menos violentos, são infelizmente ás centenas. Seria bom que se remediasse um estado de coisas intoleravel para evitar que os protestos subam de centenas a milhares...

O aspecto comercial

do convenio Luso-Transvaliano é uma das modalidades mais importantes do futuro acordo

Tem preocupado grandemente a todos a Convenção em tudo o que diz respeito á emigração e trafego, mas poucos teem estudado se a Convenção, conservando as suas formulas actuais, representa alguma coisa de vantajoso para a Provincia de Moçambique, apesar de ser esse um dos aspectos que mais nos deve interessar porque, conjuntamente com o da emigração, é o que mais fundamente afecta a vida de toda a Provincia.

Sumariamente encarado, este aspecto revela-nos á primeira vista que, nos ultimos cinco anos temos recebido do Transvaal mais mercadorias do que aquelas que para lá enviemos, acusando-se, cada ano, mais e mais o desequilibrio entre as importações e exportações. Em 1916 o valor das mercadorias importadas excedeu em 391.949$00 o valor das mercadorias exportadas, mas em 1920, ultimo ano para o qual já ha estatisticas elaboradas, esse «deficit» avolumou-se enormemente, atingindo nesse ano a importancia de 2.049.555$00.

Não ha nada que impeça que o desequilibrio se acentue, tudo indicando ao contrario que dia a dia ele será maior. Os generos que constituiam o maior volume da nossa exportação, aqueles que mais a avolumavam e faziam avultar, vão saindo cada ano para o Transvaal em quantidades cada vez menores, ao mesmo tempo que aqueles, que o Transvaal exporta para nós vão vindo para cá em quantidades maiores de ano para ano.

E' assim que vemos o açucar, do qual exportamos para o Transvaal 2.755 toneladas em 1916, 7.770 toneladas em 1917 descer para 4.929 toneladas em 1918, para 1.478 toneladas em 1919 e para 267 quilos em 1920.

Com os legumes, com as madeiras, com o amendoim dá-se o mesmo decrescimento constante, a mesma diminuição desoladora e se com outros productos, como o bagaço e os bolos de sementes oleaginosas, o carvão vegetal, cocos, hortaliças, couros, mantemos o mesmo valor na exportação, os seus valores são tão infimos e diminutos, que pouca atenção merecem em assunto tão momentoso. Um só dos nossos artigos de exportação se mantem em equilibrio, mas esse mesmo ameaçado a breve trecho pela industria nascente do Transvaal, os oleos vegetais.

Se procurarmos as causas deste decrescimento continuo, desta continua descida no valor da nossa exportação, encontramo-las facilmente na situação geografica do Transvaal, na distribuição do seu clima que emquanto nas zonas de atitude é nitidamente temperado, logo que se desce para o fundo dos vales ou que nos aproximamos da Rhodesia do Sul a temperatura media sobe a valores tais que o clima é inteiramente sub-tropical.

Sendo todas as nossas culturas caracteristicamente tropicais, encontramos nas regiões que acabamos de julgar como concorrentes naturais da nossa Provincia nas suas produções mais tipicas, naquelas mesmo em que nós supunhamos que nunca podiamos ser batidos pela nossa especial situação geografica, de possuidores de um paiz tropical, cujas costas são banhadas por uma corrente oceanica quente.

Todas as nossas oleaginosas, os nossos legumes cereais, os nossos cereais teem que se defrontar cada dia com uma concorrencia cada vez maior de produtos similares produzidos dentro do territorio do Transvaal, por modo tal que pudemos ter a certeza do que se hoje a situação para nós se apresenta ma, cada dia ela ira a pior, e que se hoje no nosso comercio com o Transvaal não conseguimos manter uma situação de equilibrio, a situação cada dia se nos apresentará mais desfavoravel, por mais esforços que façamos, por mais energia que empreguemos porque, dentro da União, hão-de sempre empregar contra nós mil meios para nos levarem de vencida nesta luta, a sua concorrencia comercial, contra os quais de nada valerão as Convenções mais argutamente negociadas.

Podemos estar certos que nessa luta havemos de ser dominados, que dentro em breve havemos de estar impossibilitados de enviar uma só das nossas mercadorias produzidas na Provincia, para o mercado transvaliano, porque ele ha-de estar inundado por productos iguais saidos dos vales do Incomati, do Limpopo, do Rio dos Elefantes e até do proprio Sabié, e a certeza disso deve nos antes levar a cuidarmos seriamente da defesa do nosso mercado interno, ameaçado cada dia, mais e mais, pela onda sempre crescente dos produtos transvalianos, que avança sobre nós atraves da portela do Incomati.

A mais momentosa batalha, aquela que mais nos interessa, é a que se está travendo de nossas portas para dentro, entre os productos transvalianos e como, mais ou menos, fomos derrotados na outra travada do Rand devemos concentrar todo o nosso esforço, todas as nossas atenções nesta aqui, no nosso territorio em que uma concorrencia comercial, cada vez mais forte, começa criando dificuldades á colocação dos nossos produtos. Para muitos deles, o seu preço hoje não é regular e já pela sua escassez ou abundancia dentro da provincia, pela exiguidade ou fartura da colheita obtida aqui mas pelos preços correntes do Transvaal.

Ninguem desconhece que nos ános em que as colheitas falham, mercê de circunstancias climatológicas adversas, os prejuizos sofridos pela agricultura, os «deficits» que surgem nessas condições são sempre diminuidos pela compensação resultante de uma subida de preços correspondente a uma menor oferta, mas aqui, na Provincia, nada disso se dá se paralelamente não houve uma escassez igual no Transvaal.

Tomos este ano a exemplo mais flagrante, a prova mais completa desta afirmação, este ano em que as chuvas faltaram quasi inteiramente na epoca propria, para só cairem agora, tão tardiamente. Era natural, absolutamente logico que surgisse uma alta de preços nos produtos, entre eles o milho, cujas colheitas se perderam quasi totalmente em muitos pontos, mas essa alta não se deu, porque lá se encontra o Transvaal, funcionando como regulador do nosso mercado, forçando a descida quando tudo logicamente marcava a subida.

Traz isto agora, é certo, uma estabilisação de preços no mercado, anulando uma subida que totalmente teria que se dar, mas ao mesmo tempo fornece-nos um indice precioso sobre a nossa situação interna, tal como ela nos foi criada pela Convenção denunciada ha mezes. Desemo-nos garantir contra um estado de coisas como este absolutamente nocivo não só para a nossa economia, mas ainda tambem, para o desenvolvimento da nossa Provincia, sendo urgente criar barreiras fiscais que impeçam que dentro do nosso territorio os produtos do nosso solo sejam prejudicados pelos do Transvaal, que agora entram aqui livres de toda a tributação.

...que nos temos sugeitado para o apetrechamento do nosso cáis nos dão direito.

Isso é o *minimo* a que, sem favor, temos direito e do qual não devemos abdicar.

Deve ainda estabelecer-se que, quando, por circunstancias a que sejamos estranhos, o trafego seja artificialmente desviado do nosso porto, o governo da União deverá indemnizar-nos por uma tarifa equivalente ás tarifas vigentes, acrescidas de 50 por cento, da tonelagem que deixarmos de transportar, quer se trate de trafego ascendente ou descendente.»

Isto é o que, por emquanto, se sabe. Ha mais que isto? Vão muito mais longe as exigencias do general Smuths? O Governo o dirá, se quizer. Parece mesmo, a avaliar por noticias publicadas nos jornais da manhã, que o sr. ministro das Colonias está resolvido a fazer declarações hoje, numa das casas do Parlamento.

Os Estados-Unidos

aguardam as propostas dos aliados para a consolidação das dividas

WASHINGTON, 6.—O governo dos Estados Unidos pediu aos governos aliados para que esboçassem as suas propostas sobre a consolidação da divida antes de enviarem os seus representantes a Washington.—(R).

A viagem do Principe de Galles

O herdeiro de Inglaterra regressa brevemente a Londres

LONDRES 6. — Consta que o principe de Galles que é esperado no dia 21 deste mez, visitará o Egito quando passar por aquele paiz na sua viagem de regresso.—(R.)

A embrulhada chineza

e as tentativas para a sua unificação

PEKIM 6. — O general Wu-Pei-Fu que recentemente derrotou as tropas de Chang-Tso-Lin declarou que se Sun Yat-Sen, presidente da China do sul, persistir em se opor aos planos para a unificação da China, terá que ser eliminado, mesmo pela força se necessario for.—(R.)

Lloyd George descança

mas nem por isso descança

LONDRES, 6.—Lloyd George, que está passando as ferias de Pentecostes na sua casa do paiz de Galles, colocou a primeira pedra no Memorial Hall que se vae construir em Criccieth.—(R).

A doença de Lenine

Parece ser um ataque de paralisia

BERLIM, 6.—O «Lokal Anzeiger» diz que Lenine está sofrendo de um ataque de paralisia causado por um derramamento sanguineo no cerebro do que foi acometido em seguida á operação que recentemente lhe fizeram.—(R).

A super-população das cidades

Poderia utilmente povoar as solidões de Moçambique

O general Freire de Andrade, fez, numa entrevista que deu recentemente, referencias com que ninguem pode deixar de concordar, ácerca de Moçambique que, é uma das mais ricas possessões ultramarinas de Portugal, como deve ser tambem uma das menos populosas e desenvolvidas. O general Freire de Andrade manifestou o seu desgosto pelo facto do numero de colonos europeus portuguezes que nela trabalha não ser maior do que é. Esse desgosto é com certeza compartilhado pela maior parte das pessoas que se interesam pelo desenvolvimento da colonia.

A perfeita distribuição da população é, no momento presente, um dos maiores problemas de varios paises, e da sua inteligente solução depende não só a prosperidade da nação respectiva mas tambem o bem-estar da sua população. O Governo Britanico levou ha pouco ao Parlamento um projecto de lei regulando a emigração do Imperio e a colonisação das terras que promete resultados que bem resolverão o problema da situação economica creada pela guerra. Ao passo que grandes areas dos Dominios se encontram quasi sem população existe gente de mais na Metropole, de modo que se alega, e muito justamente, que qualquer plano que faça diminuir a congestão de população nas cidades e a falta de trabalho, que reduza o numero de ocupações escuras e que facilite o problema da falta de casas e das dificuldades de vida, melhorará as condições fisicas, mentais e morais de toda a nação.

Os beneficios que advem para o paiz que recebe os novos emigrantes como elementos de aumento da sua população branca, são obvios, desde que eles sejam trabalhadores e produtores. Muito gostariamos de ver seguir-se em Moçambique uma politica semelhante e estamos certos de que o Governo não podia dedicar as suas atenções a trabalho melhor do que o de lançar as bases dum grande plano de colonisação, fixando o europeu á terra e dando-lhe elementos para tirar dela a riqueza. A quasi totalidade da colonia encontra-se por desbravar, uma grande parte da população branca existente acumula-se em volta de trabalhos profissionais e burocraticos e das industrias urbanas, e, o que é pior ainda, poucas esperanças existem de obter ocupações que não sejam improdutivas para a maior parte da geração que está crescendo, desde que se não olhe a serio para a agricultura e se deixem continuar incultas e mortas areas enormes do uberrimo terreno.

Um paiz de que nos possamos orgulhar, não é aquele em que todas as actividades estão centralisadas em cidades e povoações, mas sim aquele em que o esforço produtivo esteja espalhado por todo o seu territorio, promovendo-se assim a prosperidade geral e aumentando-se a riqueza de toda a população.

O congresso ferro-viario

Terminou hoje de tarde os seus trabalhos

Na sala Portugal da Sociedade de Geografia realisou-se hoje a ultima sessão do Congresso ferro-viario.

Os trabalhos recomeçaram, pouco depois das 10 horas, vendo-se na presidencia o sr. Salazar Palma da V. V., que era secretariado pelos srs. José Afonso da C. P. e José Pegado do S. S.

Foram largamente discutidas entre outras as theses: «Assistencia medica aos empregados de Caminho de Ferro»; «Instrução Pedagogica aos filhos dos ferro-viarios», estas ultimas da autoria do sr. Antonio José Piloto. O congresso terminou os seus trabalhos pelas 16 horas.

Em poucas linhas

Virgilio Azevedo com tabacaria na rua da Vitoria 73, queixou-se de que lhe furtaram um globo e lampadas eletricas no valor de 130 escudos.

—Foi preso Manuel Barbosa, rua do Crucifixo, 68, que furtou a quantia de 168 escudos a Antonio Domingos Correia James, rua da Prata, 237.

—Manuel Alberto Viana queixou-se de que lhe furtaram um cordão de ouro e o relogio tudo no valor de 545 escudos.

—Antonio Ferreira rua Luz Soriano 15 loja apresentou queixa contra Jacinto Olival acusando-o de lhe ter roubado uma carteira com 175 escudos depois de o haver agredido brutalmente.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque.	4 3/16— 4 1/16
» 90 dias.	4 5/15— —
Paris, cheque.	1167— 1203
Suissa, cheque.	2454— 2028
Belgica, cheque	1077— 1117
Italia, cheque.	667— 687
Berlim, cheque.	45— 50
Holanda, cheque.	4994— 5148
Madrid, cheque	2026— 2068
New-York, cheque	12782— 13175
Brasil, cheque.	59— 80
Austria, cheque.	1— 3
Noruega, cheque	2329— 2366
Suecia, cheque	3323— 3425
Dinamarca, cheque.	2842— 2886
Libras	64$500 — 65$000

Napoleão Ferreira Leão

Faleceu em Lourenço Marques, vitima da tuberculose, o antigo e conhecido colono Napoleão Luis Ferreira Leão, que era uma figura tipica e estimada nesta cidade.

Durante uma residencia de cerca de 30 anos conheceu varias camadas de funcionarios e colonos e por isso a sua conversa era por vezes cheia de espirito, contando incidentes varios a que tinha assistido. Era um trabalhador incansavel e dedicou a sua actividade em varias iniciativas tendo tambem prestado serviços ao Estado. Ultimamente explorava com exito as suas propriedades agricolas da Matlana e parece que tinha chegado a um momento em que podia viver com uma certa largueza, mas infelizmente não poude gosar por muito tempo esse bem estar.

Napoleão da Matola, como era vulgarmente conhecido, tinha uma boa alma e era extremamente amigo das crianças, tendo nesta cidade muitos amigos.

Salão Central

«Nas garras do Dragão» «Sem nome»

Duas peliculas de enorme sucesso que estão atraindo tudo quanto Lisboa tem de mais distinto ao elegante Cinema.

Da primeira, será hoje exibido, em estreia, o 5.º episodio, intitulado «Salvando a vida,» dois actos cheios de interesse, não só pelas suas encantadoras passagens, como pelo magnifico desempenho da formosa e intrepida artista Maria Walcamp.

A segunda, em 5 partes, será toda exibida e mais uma vez despertará o entusiasmo do publico, pelo primoroso desempenho dos seus dois principais interpretes, os distintos artistas Fernanda Battiferi e Gastão Monaldi.

Na cidade de Verdun

Por ocasião da entrega de uma medalha falou o sr. Poincaré e o embaixador dos Estados Unidos

VERDUN, 4.—Ao fazer a entrega a esta cidade da medalha do congresso dos Estados Unidos, o sr. Myron T. Herrick, embaixador em Paris, declarou que a homenagem á valentia dos defensores de Verdun é o tributo de todo o povo dos Estados Unidos á França inteira.

O sr. Herrick fez votos para que os alemães compreendam a sinceridade e a fé na justiça da causa pela qual combatemos a injustiça da sua, a fim de que a paz seja uma realidade. A amisade dos Estados Unidos pela França será duradoura apesar de todos os mal entendidos e facilitará as concessões mutuas necessarias. O sr. Poincaré agradeceu aos Estados Unidos e fez o elogio da legião de americanos que combateram pelo mesmo ideal que a França. Depois, falando da lenda de imperialismo da França, o sr. Poincaré declarou que perante os perigos a que a França em todos os tempos esteve exposta de pois dos sofrimentos suportados, os homens de boa fé compreenderão que estamos resolvidos a não sofrer mais as mesmas provações.

Nada desejamos tanto como poupar os franceses aos perigos e tristezas da guerra mas somos obrigados a manter as possibilidades de força ao serviço das nossas reclamações.

Démos provas duma extraordinaria moderação para com a Alemanha, pagámos já 24 biliões de francos para a reconstrução das regiões devastadas, que teem direito a obter o que a Alemanha lhes prometeu, compromissos esses tomados á face do mundo pelos novos vencidos e que não podem ser violados impunemente. A França tem uma grande confiança nos seus antigos companheiros de armas para recear que eles a desaprovem ou desmintam.—(H).

Os cristãos do imperio mussulmano

Continuam as atrocidades turcas na Asia Menor

ATENAS, 5.—O sr. Baltazzio, ministro dos Negocios Extrangeiros da Grecia, pronunciou um discurso n Camara, no qual se referiu ás atrocidades cometidas pelos turcos contra os gregos da Asia Menor.

O numero de pessoas assassinadas depois da guerra, nas dioceses de Aurassia, de Niksar, de Trebizonda, de Kolonia, etc., seria de 303.000 não contando com os cristãos assassinados em outros locais mais longinquos da Anatolia onde é dificil proceder a investigações.—(R).

N. R.—Estas perseguições não se executam apenas contra os gregos, mas na generalidade contra todos os cristãos, da Anatolia, da Carcasia, e do Kurdistão. A população ortodoxa e christãa cresce desmedidamente motivo porque em periodos regulares os turcos executam um massacre medico.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

MARCOU-SE SESSÕES DUPLAS, DIARIAMENTE, MAS NENHUMA DELAS FUNCIONA A VALER.

Os orientadores da politica nacional não ocultam o seu desgosto pelo desinteresse manifestado pelos seus amigos partidaristas, com entrada no templo das leis. E' com extrema dificuldade que, á hora regimental, se consegue numero suficiente para a Camara funcionar. Hoje, o sr. Pedro de Castro, que foi quem abriu a sessão da Camara dos Deputados, teve de fazer prodigios para evitar que a sessão não abrisse por falta de numero. Afinal, com muito desrespeito pela legalidade regimental, foi-se esperando pacientemente, e muito depois das 15 horas a sessão foi declarada aberta, embora sem numero suficiente para votações.

Para dar remedio a está situação, pensa-se em estabelecer o subsidio anual, com fortes multas aos legisladores que demonstrem pouca assiduidade. E' uma lembrança como outra qualquer. Cremos que não chegará a efectivar-se praticamente.

Antes da ordem discute-se, com largo dispendio de inflamados tropos, se deve ou não extinguir-se uma escrivania da comarca de Loulé. A questão é, como se calcula, de uma importancia capital para a nacionalidade. Ela provoca um duelo oratorio, em que tomam parte os srs. Paulo Cancela, da minoria monarquica, e Carlos Pereira, da maioria democratica. Mas tudo isto se fez, parece, para dar tempo a haver numero. O projecto foi, afinal, aprovado na generalidade e especialidade, com emendas.

A QUESTÃO COLONIAL

Como se noticiou, na sessão de hoje foi tratada a questão colonial. O sr. Alvaro de Castro pediu esclarecimentos ao sr. ministro das Colonias. As declarações prestadas por este ilustre membro do Poder Executivo foram, resumidamente, as seguintes, correspondendo ás preguntas formuladas pelo chefe do partido reconstituinte:

Entende que é inconveniente discutir-se, neste momento, no Parlamento, a marcha das negociações para o convenio entre Moçambique e a União Sul-Africana. Entende, porém, que é util, para a tranquilidade da opinião publica, dizer, *com toda a verdade*, o estado em que estão as relações entre os governos de Moçambique e da União.

Ha realmente necessidade de se fazer um novo convenio, porque o antigo não está de acordo com as condições actuais de toda a Africa do Sul. A União necessita da mão de obra portuguesa: devemos estudar, com lealdade verdadeiramente portuguesa, a forma mais viavel de lha fornecer. Iniciaram-se negociações com o principe de Connaught e, como resultado, nomearam-se as comissões que presentemente tratam de resolver o problema. A comissão portuguesa recebeu instruções do Governo e do Alto Comissario em Moçambique. Não ha que temer-se qualquer coisa, por insignificante que seja, que possa atentar contra a soberania de Portugal. Não ha proposta alguma da União Sul-Africana que inspire apreensões a tal respeito. (Apoiados). De resto, o convenio que se negociar ha de vir ao Parlamento (apoiados) e sem a sanção dele não será valido. (Apoiados). «As altas individualidades que tratam e defendem na Africa do Sul os interesses portugueses devem merecer a nossa confiança; elas não admitirão seja o que fôr que possa diminuir a nossa soberania na colonia portuguesa da Africa Oriental».

Refere-se ao desenvolvimento de Lourenço Marques, que tem custado muitos sacrificios á metropole, feitos em beneficio, principalmente, da União Sul-Africana; outros melhoramentos se realizaram na colonia portuguesa: tudo isso demonstra que Portugal não esquece os seus deveres de boa visinhança e tudo tem feito para a intensificação das soluções politicas e mercantis entre Moçambique e a União Sul-Africana. O nosso passado é, pois, uma boa garantia daquilo que estamos dispostos a fazer em satisfação das legitimas reivindicações do dominio britanico da Africa do Sul. Reivindicando o direito de cada um em sua casa se governar como entender, pode a União estar certa de que se executará o que no final ficar convencionado, a bem dos dois povos visinhos e amigos.

O sr. Alvaro de Castro requere a generalização do debate. E' regeitada, em prova e contra-prova. A favor da generalização votaram, apenas, os reconstituintes, os monarquicos e os catolicos.

Usando da palavra para explicações o sr. Alvaro de Castro declara que a sua intenção, ao requerer a generalização do debate, era provocar a manifestação unanime da Camara em favor dos homens de Estado que, pelo Governo, foram encarregados de negociar com o Governo da União Sul Africana.

A maioria opoz-se; essa atitude é censuravel porque recorda os velhos principios despoticos do «posso, quero e mando», aplicado contra as minorias (Apoiados).

Não pode haver receio de que ele, vencer, fosse inconveniente; o certo é que os delegados portuguezes vivem numa atmosfera hostil, alimentada por continuos votos de confiança do parlamento sul africano.

Deviamos nós fazer o mesmo, dando força aos delegados de Portugal. A maioria não o quiz. Vá a responsabilidade a quem couber!

As palavras do sr. Alvaro de Castro fizeram profunda impressão. Só depois dele falar é que a maioria pareceu compreender o que fez! A maioria democratica quer, com certeza, emendar o erro praticado.

O sr. Presidente Domingos Pereira pretende, habilmente solver a situação fazendo uma consulta á Camara sobre se permite que outros oradores usem da palavra. E' uma forma habil e generalisar o debate.

Alguns deputados pedem a palavra para explicações. Ha agitação. A Camara, o requerimento do sr. Ferreira da Rocha, concedem que usem da palavra os srs. João Luiz Ricardo, e Ferreira de Lima, que pretendem estender a egualdade praticada por democraticos e liberais, negando a generalisação do debate.

O sr. Alvaro de Castro declara aceitar as explicações produzidas pelos dois partidos da Republica. O orador anuncia uma interpelação ao sr. ministro das Colonias, especialisando Moçambique. Quando o sr. ministro se der por habilitado então se discutirá devidamente; por agora apenas constata que, se o debate tivesse sido generalisado, toda a Camara aprovaria a sua moção dando apoio nacional aos negociadores portugueses do convenio.

Usa ainda da palavra o sr. Fausto de Figueiredo, que censura com veemencia aqueles que negaram o seu voto á generalisação do debate. Foi isso um grande erro, da que, alias, já foi declarado o arrependimento. Em todo o caso não sabe se, realmente, seria mais util generalisar o debate que impedir uma discussão que poderia ser inconveniente.

O sr. presidente do Ministerio que pretende, agora, esclarecer o incidente. Do relato da conversa que teve com o sr. Alvaro de Castro e entende que bem fez a Camara em não permitir a generalisação do debate. As declarações que fez o sr. Alvaro de Castro foram estas: a generalisação do debate é inconveniente e inoportuna. Por isso a maioria regeitou a generalisação e fez muito bem.

O sr. Sá Cardoso quer que se volte ao principio: A moção do sr. Alvaro de Castro deve ser posta á votação. Não concorda porque entende que é desnecessario. O sr. João Camoezas, mas concorda o sr. Concelo de Abreu. Mas, desde que o sr. ministro das Colonias declarou que os negociadores tinham a confiança do governo não é preciso aprovar-se a moção Alvaro de Castro.

Finalmente depois de falarem, ainda, o sr. João Luis Ricardo, Alvaro de Castro e Ferreira da Rocha, a Camara resolveu não insidir votação sobre a moção do sr. Alvaro de Castro.

O incidente ficou assim encerrado. E passou-se á ordem do dia, que é a discussão dos orçamentos. Eram 17 horas e meia.

No Senado

O sr. José Sequeira alude a crise que atravessa a industria corticeira em Portalegre, a falta de transporte ferro-viario.

O sr. ministro da Justiça promete transmitir ao sr. ministro do Comercio para tratar das dividas dos Transportes Maritimos a varias firmas industriais, cujos creditos em credito ascendem a um capital social.

O sr. Vasco Marques chama a atenção do Governo para os recentes incendios nos Transportes Maritimos do Estado, onde foram destruidos valores importantes, lamentando mais esta mancha em serviços do Estado, que só serve para preocupar a opinião publica.

O sr. ministro da Justiça lamenta o ocorrido e promete transmitir as considerações do orador ao sr. ministro do Comercio.

ORDEM DO DIA

Volta a ser discutido o projecto de lei n.º 30 alterando o artigo 2107 do Codigo Civil sobre bens dotados ou doados.

Pronuncia-se sobre ele o sr. Joaquim Crisostomo que, á hora de encerrar-mos este extracto, continua no uso da palavra.

Almoço politico

Com o sr. Teixeira Gomes, ministro de Portugal em Inglaterra, almoçaram hoje no Avenida Palace os srs. Vitorino Guimarães e Portugal Durão.

O sr. Teixeira Gomes deve partir para Londres depois de amanhã.

Raid Portugal-Brasil

A partida dos intrepidos aviadores de Fernando Noronha bem como a chegada a Pernambuco foi conhecida em Lisboa por salvas constantes de morteiros dadas em varios pontos da cidade.

Os primeiros morteiros foram lançados no Terreiro do Paço pelo pessoal dos telegrafos que afixou «placards» nas janelas das suas repartições.

As referidas janelas estavam iluminadas a electricidade e engalanadas com bandeiras, vendo-se tambem o interior da Repartição embandeirado e ao fundo o busto da Republica encimando os retratos dos intrepidos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Em frente á Central Telegrafica como dos «placards» dos jornais estacionou durante o dia grande quantidade de povo que com entusiasmo e alegria lia os telegramas expedidos do Pernambuco.

O sarau de amanhã no Coliseu

E' amanhã que no Coliseu dos Recreios se realisa o grande sarau organisado pelo sr. Governador Civil de Lisboa e cujo producto reverte a favor do bodo aos pobres que em signal de regosijo pelo feito heroico de Gago Coutinho e Sacadura Cabral vai ser distribuido por 10.000 pobres da cidade de Lisboa.

No espectaculo cujo programa é brilhantissimo tomam parte artistas de todos os Teatros de Lisboa, incluindo a Companhia espanhola de Zarzuela que está trabalhando no Eden, a banda da G. N. R. da regencia do maestro Fão. Será tambem cantada a opera «A Ceia dos Cardeais» pelos discipulos do ilustre cantor D. Francisco de Souza Coutinho, «Chico Redondo».

Um candonguei o assassino

Foi hoje enviado para o Tribunal da Boa-Hora «O Cacho col»

A policia de investigação enviou hoje para o tribunal da Boa-Hora, 1.º juizo, o candongueiro Manuel Rodrigues, mais conhecido pelo «Cachocol», 21 anos, solteiro, do Fundão, rua de D. Estefania, 2 .. 3.º, que na noite de 29 do mez ... no largo Marqueza de Niza em Xabregas, agrediu á facada o seu companheiro Manuel Antonio Galvinho, que residia na calçada da Cruz da Pedra 8. Como ha dias referimos o Galvinho atingido por um fundo golpe, no coração faleceu quando a caminho do hospital de S. José.

A vida na Provincia

O problema da habitação preocupa a cidade de Leiria

LEIRIA, 3.—Vai se agravando dia a dia o problema da habitação na cidade de Leiria. As casas que ha são insuficientes para a população, que tem aumentado nos ultimos tempos em virtude da organisação de familias, e ainda pela falta de novas construções, falta ocasionada pelo extraordinario agravamento da mão de obra e do preço por que são vendidos os materiais. Ainda ha poucos anos a renda mais elevada que havia em Leiria era de 12 escudos mensais; hoje por qualquer pardieiro infecto pedem 50 escudos.—(H).

O dia de Camões

Os nossos camaradas de «A Imprensa da Manhã» vão festejar o dia de Camões, com dois arrayaes que se realisarão nas noites de 9 e 10 do corrente.

As festas realisar-se-hão na praça onde se ergue a estatua do cantor das nossas glorias, havendo iluminações, concertos populares, etc.

O sr. ministro da Guerra determinou que as bandas de infanteria 1 e dos Sapadores de Caminho de Ferro abrilhantem os arraiaes que prometem decorrer no meio da maior alegria e animação.

Por lá e por cá

Em Moçambique, como em Portugal não se responde a perguntas indiscretas

O sr. José Torres, no conselho legislativo da provincia de Moçambique pediu em tempos uma nota das despezas feitas em emolumentos de toda a especie a funcionarios de toda a especie. E admira-se com indignação o sr. Torres de que até hoje ainda não tenha sido deferido o seu pedido facultando-se-lhe a nota pedida.

Deve consolar-se o notavel colonial com o exemplo de cá. Se no Parlamento alguem fizesse identico pedido, podia esperar pela solução dele até ao dia de Juizo!

Associação do Registo Civil

Aula de musica

Reabre na proxima terça-feira, 6, a aula de musica que esta Associação tem mantido, sob a regencia do sr. André de Oliveira Paredes antigo professor de musica da mesma Associação.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Uma epoca houve em que a iebre das «revistas» teve, dentro do nosso teatro, um decrescimento sensivel. Foi, porem, «sol de pouca dura» e assim é que, na proxima epoca de verão, teremos, salvo qualquer contratempo da ultima hora, nada menos de 6 teatros a explorar aquele genero.

Serão êles ao que se diz, o S. Luis, Apolo, Foz, Chiado Terrasse, Maria Victoria e Eden. E' curioso observar que, ao passo que, dia a dia, os auctores que, com sucesso têm cultivado o teatro de declamação, se vão retraindo, certamente pela deficiencia de elencos que lhes possam valorisar os trabalhos, a «revista» tenta e consegue novos adeptos, apesar da pouca evolução sofrida, ou justamente por isso, fazendo crer na facilidade da sua factura. E, como desta concorrencia, só prejuizo pode advir aos proprios exploradores do genero, não permitindo que assuntos sejam tratados mais competentemente, visto que, colegas se anteciparam, estragando, por vezes, ideias muito aproveitaveis, ficaremos reduzidos á «fantasia» que, entre nós, mais propriamente, o vulgo classifica o com uma certa verdade de «fantesia» possivelmente bela na inauguração dos autores, porque, na pratica, por variados motivos um dos quais o da nossa «pobreza franciscana» não podemos f zer concorrencia ao que lá fóra nos é dado ver.

E ó pena porque, de tantas coisas que lá vamos buscar para a «originalidade» de muitas das nossas revistas, a riqueza de scenarios seria, por ventura, a que mais apreciariamos. Provado está e é pena, que nem tudo se pode copiar.

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

O actor Valerio Rejanio da companhia Chaby, concluiu uma peça sob o titulo «Monona».

● O teatro Eden, ao que consta, será explorado na epoca de verão, por uma companhia de revistas.

● Acentuam-se de melhoras da actriz Ausenda d'Oliveira.

● A companhia hespanhola Barreto-Ballester, a seguir á temporada que está fazendo no Eden, irá dar uma serie de representações no Porto, onde se deve estrear a 17 do corrente mez.

● A companhia do teatro Apolo, presentemente no Brazil, não tem ali obtido grande sucesso, tendo tido apenas agrado geral, até á data, «Gato por lebre» o «Dia de Juizo» de Schwalbach. «A Princeza Mangalona» não foi bem recebida, devendo já ter subido á scena «Risos e flores».

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«Carta anonima» e «Cavalgada nas Nuvens».

POLITEAMA—A's 9,30—«Os Lobos»—variedades

AVENIDA—A's 9,15—«A Maluquinha de Arroios».

Teatro musicado

APOLO—A's 9,15—«Porto tantos de tal»

EDEN TEATRO — A's 9— Companhia espanhola — «La Patria Chica», «Mala Sombra» e «El Amigo Melquiades».

CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».

SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparote».

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

A homenagem dos portugueses do Brasil

aos aviadores Coutinho e Cabral têm como cantor o poeta Ruy Chianca actualmente no Rio de Janeiro

(A proposito das manifestações que a colonia portuguesa no Rio de Janeiro vai pôr em pratica á chegada áquela cidade dos aviadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral, escreveu Ruy Chianca, actualmente na capital fluminense, os versos que abaixo transcrevemos e que dão bem a nota do espirito juvenil, moço e fresco do laureado poeta do Aljubarrota*).*

Homens de Portugal! Mulheres! Creanças! Velhos!
Erguei as mãos ao céu! Cahi sobre os joelhos!
E ao fremito de amor que em vossas almas passa
Respondei-lhe resando esta oração da Raça:—

* * *

Lá, onde a terra acaba, o dorso de um Titan
Deitado sobre o Mar, talvez desde a manhã
Da Creação, rugoso e negro avultada! Enorme,
Alastra o plaino azul!—Ha seculos que dorme!

E, quando o Oceano, em furias levantado,
Ao alto as ondas ergue e em trombas despenhado,
Rugindo atroz, iroso ataca e ás nuvens leva
Co'a luminosa espuma um incendio azul na treva,
Não se move o Titan que o vendaval açoite,
Deitado sobre o Mar... interrogando a Noite!...

Pois bem! Sobre o rochedo ou semi-deus vencido,
—Domado Prometheu, dragão adormecido—
Posto ao cabo do Mundo, intransponivel porta,
Um dia, ao acordar, a Humanidade absorta,
Viu, sem medo ás visões que em febres a consomem,
De pé sobre o Titan, olhando o Mar—: Um Homem!

Esse Pigmeu subido aos hombros de um gigante
Rasgou, com seu olhar, a treva alucinante!
E o Mar, ao ve-lo, inchou de colera bravia!
E Ele gritou ao Mar—: «Hei de vencer-te um dia!»—

Abalaram tufões o monstro de granito...
E o Homem não tremeu!... O olhar adeante fito!

E eis que uma estranha voz de timbre sobre-humano
Dominando o fragor do revoltado Oceano,
E as visões e os terror's das gerações passadas,
Mais forte que o rugir da vaga e das nortadas,
Bradou:
—«Deixae passar esse meu Filho eleito
Que leva a cruz de Christo a chammejar ao peito!»—

E a um gesto do Pigmeu, de pé sobre o Titan,
Antes que o Mar se acalme e que rompa a manhã
Correm de encontro á furia immensa das procellas,
Com Deus no coração e a cruz posta nas velas,
Cavalleiros que são apenas pescadores!...
Paladinos que tem por unicos amores:
«—Patria e Deus!»—Por divisa: «Alem Mar! Para a Luz!—»

E ao gesto do Pigmeu que lhes aponta a cruz,
Ei-los que vão brandindo a espada fulgurante!
Domando o Mar! Rasgando a Treva! E sempre ávante!
Dando a morte ao Pavor e a guerra aos cataclismos,
Até fazer calar os pavidos abysmos!

E o Oceano vencido, e os seus tritões chimericos,
Obedecendo á voz dos paladinos homericos,
Vão a Sagres beijar, agora, humildemente,
O corpo do Titan que acorda docemente,
Sentindo sobre o dorso o peso da Aguia Real!

Era o Pigmeu:—Henrique! E o Titan:—Portugal!

* * *

Portugal e Brazil—ó patria immensa!—escuta
A voz do trovador abençoando a lucta
Que trouxe ao Mundo a Luz e a Vida eterna á Raça!

De joelhos! E ouvi! Que a Historia é Deus que passa!

De «Portugal» chegou, nas azas côr de neve,
Pelo ar, sobre o Mar, mais do que os Anjos leve,
O Espirito da Patria! O Genio creador
Que ao dar mundos ao Mundo exige o seu Amor!
Sobre o dorso de pomba alvissima, elegante,
A Cruz de Christo evoca o Sangue rutilante
Dos que sabem morrer de morte sem igual!
Dos Cavaleiros bons do nosso Portugal!

Naquela Cruz vermelha, os vossos corações
Sentem o estremecer do Genio de Camões!

Ali:—O Condestabre! Os Doze d'Inglaterra!
Esse que disse ao mar:—«Ó Mar! Eu quero Terra!...»—
Aljubarrota! Ceuta! Arzilla! Goa! Ormuz!
A India, preciosa! A Santa e Vera-Cruz!

O velho Portugal, guerreiro que não cansa,
Eis o que vem, enfim, naquela pomba mansa!

São antigos herois que as mais nações divisam,
E é Portugal de agora o que Eles simbolisam!

O velho paladino a quem julgavam morto,
Estava apenas olhando a paz do mundo, absorto!
E quando a guerra ergueu o facho incendiario,
O Cavaleiro andante, abrindo o santuario
A que chamavam campa, ouviu clamar:—«Socorro!
Eu sou a Liberdade e como escrava morro!...»—
E para defender creanças e mulheres
O sangue portuguez sagrou Armentières!...

E o Mundo, que o esquecera, então compreendeu
Que o Velho... resurgiu! Ou que jamais morreu!...

* * *

Homens de Portugal! Mulheres! Creanças! Velhos!
Erguei as mãos ao Céu! Cahi sobre os joelhos!
E ao fremito de amor que em vossas almas passa,
Resai comigo, agora, esta oração da Raça:

«—Bendita seja a Patria! O Sangue! O ritual
Do Santo Portugal!

«—Bendita seja a Luz! Bemdita seja a Terra
«Onde nasceu Camões!
«Terra em que não se exgota o immenso bem que encerra!
«E Luz que alumiou as nossas ilusões!

«Benditos, Vós, herois, que ao Mundo ensinais rindo
«Como se vence a Morte olhando o Ideal!
Bemditos os que vão indo
Na esteira de Portugal!

«E benditas as Mães! Benditas como Deus!
Porque ao derem á Patria guias para a Luz,
«Entregam os filhos seus
Como Deus fez a Jesus!

«Herois do Ar! Bendita a nave imaculada
«Em que trazeis tão longe a Patria nossa amada!
«Bendito o que sangrou pelo caminho agreste!
«Bendita como santa, a farda que vos veste!—»

E vós, lá, que me ouvis: Portuguez ou quem sois,
Tirai fóra os chapeus á frente dos herois!

Como se foram Gama ou Alvares Cabral!...

De joelhos! Resai! Que passa Portugal!

RUY CHIANCA.

SPORT

O sport de força

O «sport» de pesos e alteres morreu por completo.

O tempo aureo em que João de Azevedo, Camilo Barhem, Manuel da Silveira e mais tarde P. dinha, abrilhantavam os Torneios de força, entrando e trabalhando por amor ao «sport», e não por vaidade de se mostrar, acabou de vez.

Os campeonatos, não se realisam por falta de concorrentes, que não querem entrar senão «pela certa», criterio modernissimo, que foi a estocada final no belo e são «sport» dos pesos e alteres.

Em festas publicas, os amadores annunciam pesos que não representam a verdade iludindo o publico, e iludindo-se a si mesmo.

E assim acabou entre nós o unico «sport» que não permite o «chiquê»...

Os quilos levantam-se ou não se levantam.

A balança é o «tira-teimas»

Mas ainda havia um meio de fazer envivar o gosto pelos movimentos de força, e principalmente interessar o grande publico.

Desafio entre atletas, com numeros de força vistosos, exercicios de força geral, onde a robustez do atleta se poder apreciar, mas sahindo do convencionalismo a que se chamou classico, e que só os entendidos podem avaliar.

Interessante seria um match entre atletas de nome apresentando cada um, o seu numero, devidamente montado, numero de força, e em que fosse levado em linha de conta a apresentação, a maneira de estar em publico, emfim o conjunto do numero, a arte e a força do atleta.

O organisador que isso fizesse não perderia o seu dinheiro, e o sport de força ganharia milhares de adeptos

RUY DA CUNHA

Ciclismo

Vai disputar-se a prova de estrada entre Paris-Saint-Etienne, na distancia de 500 quilometros

A corrida é feita em duas étapas e devem entrar 100 ciclistas.

—A União Velocipedica Italiana castigou com a multa de mil liras as duas equipes de corredores que abandonaram a prova de estrada «A volta da Italia».

Aviação

O aviador Pinsard realisou um raid maravilhoso fazendo em 4 horas e meia com uma velocidade de mais de 200 quilometros á hora, a viagem Paris-Bruxelas-Londres-Paris.

Automobilismo

No autodromo de Brooklands foi batido o record das 24 horas em pista, pelos corredores Jayco e Day que fizeram 2.551 quilometros durante esse espaço de tempo.

Box

O antigo campeão do boxe francez Ledoux vai lançar-se nas corridas de automoveis pilotando uma conhecida marca.

A comissão de reparações

e a sua resposta á Alemanha

Numa nota assinada pelos quatro delegados—francez, inglez, italiano e belga—a comissão de reparações fez saber ao chanceler alemão que, no conjunto, julgavam bastante satisfatorias as suas declarações de forma a poder ser mantida a moratoria provisoria concedida á Alemanha em 21 de março.

Eis o texto da decisão da Comissão: «A comissão de reparações estudou atentamente a carta do chanceler alemão de 28 de maio, dando a conhecer as medidas já tomadas e as novas medidas que o governo alemão se compromete a tomar para satisfazer as condições impostas pela comissão nas suas notas de 21 de março e 13 de abril, relativas á prorogação parcial para os pagamentos a realisar durante o ano de 1922.

Lastimando que o governo alemão não haja mais cedo começado a tomar essas medidas, mas tendo em conta as explicações dadas pelo governo alemão, a comissão reconhece que o que o governo alemão já fez e as novas medidas que ele promete tomar constituem um esforço serio da sua parte para responder ás preguntas da comissão.

Por consequencia, decide confirmar a prorogação provisoria concedida em 21 de março. A referida prorogação tornar-se-ha definitiva a partir de 1 de junho, consoante o ultimo paragrafo da decisão n.º 1841.

A comissão regista que varias das medidas projectadas para satisfazerem as condições impostas pela comissão, permanecem ainda para ácerca delas detalhadamente se resolver entre o governo alemão e a comissão de garantias.

Regista ainda, por outro lado, que as propostas relativas á divida fluctuante não são consideradas pelo governo alemão como susceptiveis de serem postas em execução sem que a Alemanha possa obter um auxilio externo razoavel por meio de um emprestimo.

A comissão das reparações deve lembrar que a prorogação actualmente confirmada permanece susceptivel de ser anulada em qualquer ocasião conformemente ao ultimo paragrafo «in fine» da decisão n.º 1841, se a comissão ulteriormente chegar á conclusão de que a Alemanha faltou ao cumprimento das condições prescritas.

Sem prejuizo para os poderes gerais que ela se reservou no dito paragrafo, a comissão reserva-se expressamente o direito de anular a prorogação:

Se, em qualquer momento, não se achar satisfeita com os progressos realisados no regulamento das questões ainda suspensas, ou se, no caso em que a Alemanha, não chegando a obter auxilio externo, que deseja, não execute as medidas relativas á limitação da divida flutuante, especificadas na carta do chanceler de 28 de maio e desde que outras medidas que deem satisfação á comissão não intervenham para regular as questões do «deficit» orçamental e da divida flutuante».

TAUROMAQUIA

Vae realisar-se a primeira nocturna da epoca, com Sanchez Torres no programa

Com touros da Sociedade Progresso Agricola, inauguram-se no sabado no Campo Pequeno as corridas nocturnas. O espada será Sanchez Torres, E' um elemento excelente que em Lisboa já agradou e sempre terá de agradar. Traz um bandarilheiro, sendo os restantes lidadores os cavaleiros Rufino da Costa e Ricardo Teixeira e os bandarilheiros Cadete, Tomé, Luciano, Alfredo dos Santos, Rodrigo Largo, Mateus Falcão, Agostinho Coelho e «Malagueño». O grupo de forcados foi organisado pelo arrojado Chico Marujo e tel-o-ha como seu cabo. Leopoldo Finai, aficionado competente, dirigir a lide.

Grandiosas festas no Estoril

em favor da Misericordia de Cascais, Instituto Branco Rodrigues e famintos cabo-verdianos e russos

No proximo domingo 11, iniciam-se no frondoso pinhal do Viana, pertença da Sociedade Estoril, uma série de encantadoras festas, em que a beleza natural dos Estoris e os atrativos dos originais divertimentos que a comissão organisadora destes festejos vai proporcionar nesses dias aos visitantes deve levar a essa dulcissima região milhares de forasteiros. Entre os variadissimos numeros do programa destacam-se uma chistosa e artistica «Corrida de burros» no grande campo de obstaculos para a qual já estão inscritos 50 cavaleiros de garbosos exemplares da raça asinina, «Danças gentilicas» e batuque no bosque por um grupo de indigenas cabo verdianos, etc. etc.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

OS NOIVOS

por JULIO CESAR MACHADO

— A senhora não quere levar um ramo de camelias?

— Não! respondeu Carminho.

— São ainda tão bonitas! Todas raiadas! continuou o rapaz.

— Não! Não quero! insistiu ela.

— Raiada, achei uma ainda agora e linda! disse eu.

Carminho não disse nada. Olhei-a, pareceu-me fazer-se córada; continuei:

— Permite-me V. Ex.ª oferecer-lha? Ela está ainda viçosa, apesar de haver sido apanhada ontem.

— Entendi dizer-me que a achara ainda agora?

— Sim. Caiu-me aos pés, escapando das mãos de alguem numa destas janelas; todavia, foi colhida ontem em Monserrate, ao que me disseram.

— E' talvez dessas meninas inglezas que cá estão? respondeu ela, fazendo-se mais vermelha ainda.

— Provavelmente, disse eu.

Duas horas depois, os noivos partiam, e Carminho levava como recordação de Cintra... aquela Camelia.

A irmã de Carminho era uma menina alta e delgada, que parecia não ter mais de dezeseis anos e tinha vinte. Elegante, cheia de gentileza e de graça, era de uma tão distinta figura de formas, que faria cuidar que ia quebrar-se toda, quando mudava de atitude!

Havia uma mistura sublime de inquietações e de resignação na sua fisionomia melancolica. Era dotada de uma sensibilidade extrema, mas que em raras ocasiões se revelava. Só grandes dôres podiam abater aquela gentil fronte inspirada!

Não era destas criaturas cheias de bondade e todas coração, — como se usa chamar-lhes, — que são boas para todos, sem distinção nem na intensidade do favor, nem na forma de o fazer, nem na facilidade de o concederem. Tinha as suas pessoas predilectas para quem era toda delicadeza; para as demais, sem as ofender com desdens, afastava-as pela indiferença. Não era amiga de conversar, senão com os que lhe mereciam estima; no seu conceito, confiar a um e outro ideias um pouco mais intimas como são as que no decurso duma conversação inevitavelmente acodem de uma ou outra vez é dar muito a quem nos merece pouco. Por isso, reservava para as suas amisades favoritas toda a expansão dos seus sentimentos e das suas ideias. Uns acusavam-na de altiva e pouco amavel, por lhes não atender; outros, chamavam-lhe fria, porque raramente chorava. Quando a primeira lagrima atravessasse as suas longas pestanas, traria apoz si um diluvio de pranto, que nem o tempo reprimiria, — porque a magoa então seria extrema!

O que havia de antigo e severo nos traços da sua beleza, era suavisado por uma expressão serena e meiga. Como ela era bela á noite, á claridade das luzes! A côr da sua pele, levemente biliosa de dia, tornava-se então de uma alvura magnifica.

Tinha cabelos louros, finos, lisos e iguais. As azuladas olheiras, que se desenhavam por baixo dos seus meigos olhos, davam uma expressão de inteligencia e de melancolica firmeza áquela airosa fronte, cuja beleza linear tocava as proporções do belo antigo!

Tinha vaidade, — algum defeito havia de ter! — tinha vaidade em duas coisas: em cantar bem e em ter os mais bonitos pés do mundo. Ai de mim! Não pode esta pena sincera e imparcial contestar-lhe o direito a semelhante orgulho! Ela tinha devéras uns lindos pés e um lindo talento musical! Deus atendera aos dois extremos desta adoravel criatura: num paiz como o nosso, em que tanta gente não *tem pés nem cabeça*, fazia-se ela valer sobretudo pela cabeça e pelos pés!

Pés! que pesinhos! De uns que ha, em que se procuram azas nos calcanhares, por nos parecer razoavel que a gentil criatura que os possue deva ser filha do ar!

E andava, aquela tontinha, andava pelo chão, como qualquer de nós! a martirisar, impiedosa, aquelas duas admiraveis miniaturas!...

Chamava-se Amelia. Era mais velha cinco anos que Carminho. De indole perfeitamente diversa, havia um mundo entre as duas irmãs.

Ela tinha, mais que tudo, o condão de não se impressionar. Era uma destas criaturas de quem se não pode ficar sem lembrança, quando uma vez as encontrámos. Podia agradar ou desagradar; não podia esquecer!

Para o seu espirito, a melhor e mais doce distracção parecia ser a musica, porque em todas as ocasiões de melancolia ou de tristeza recorria ao piano como pedindo consolações ás melodias. Então, compondo ao acaso sobre alguma poesia cheia de queixas e lamentos, traduzia a inquietação, a anciedade, a febre, no timbre meigo e encantador, que suspirava em notas saudosas como uma harpa viva, preza ao seu coração!

Porque era ela infeliz? Não sei; e todavia era-o. Todas as condições materiais da existencia humana porfiavam em a fazer sorrir: era rica, formosa, moça, bem nascida e educada com os mil esmeros de uma mãe carinhosa; e, apesar de tudo, a sua fronte dobrava-se a todo o instante ao peso de uma singular tristeza. Porque havia querido Deus distanciar tanto o caracter destas duas crianças? Carminho só pedia á vida a esperança; Amelia parecia pedir á esperança a morte!

Quando Gonçalo Dantas foi apresentado em casa da mãe destas meninas, não conhecia nenhuma delas. Levou-o ali, por suprema distinção, um amigo da familia, na simples intenção de lhe proporcionar uma noite agradavel. Era um homem grandemente instruido, um pouco caustico, mas de uma sinceridade extrema. Para que o leitor não diga que os meus herois vivem todos do ar, façamo-lo medico. Gonçalo Dantas chegava da provincia e cuidava tudo, menos que havia de namorar-se de alguem em Lisboa. O pai das duas meninas acabava de lhes faltar. Encontravam-se herdeiras de um excelente nome... e de uma excelente fortuna. Diz-se na sociedade que Gonçalo pensara nisto, quando se propoz o pedir a mão de Carminho. O que se sabe apenas, é que a sua simpatia por ela não ia tão longe que o impedisse de dirigir ao seu amigo esta singular pregunta:

— A qual achas tu que eu faça a côrte?

— Gostas de alguma delas?

— De ambas!

— E' mais dificil do que se principiasses por não gostar... de nenhuma!

— No teu caso?

— No meu caso, esquecia isso.

— Tens um motivo?

— Tens uns poucos. Estas meninas são duas criaturas angelicas, mas, ordinariamente, dos anjos não se fazem boas donas de casa.

— Prosaismo!

— Prosaismo será; mas não é pelos poetas que se inventou a prudencia! Nenhuma destas meninas te convém, Gonçalo: és rude de mais, meu velho, para te entenderes com qualquer destas querubins. Que idade tens tu, Mathusalem?

— Quarenta e um!

— Salvo o erro!...

— A que veiu a pregunta?

Para esta resposta, — uma delas tem quinze, a outra ainda não fez vinte anos!

— Historias da vida, meu amigo! Andam vocês apegados a essa falsa maxima de que as crianças devem casar umas com as outras! Se eu tivesse tambem quinze anos, dir-me-hias tu que estava apto para marido de alguma destas donzelas! E's estupido como uma porta e massador como uma porta a ranger. Tenho quarenta anos, é verdade, mas tenho muito mundo e sei a vida na ponta da lingua!

— Tambem não é assim!

— Pois, dirás como é!

(Continua)

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4097 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Terça-feira, 6 de Junho de 1922

Telefone n. 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Perguntas insoluveis de toda a especie:

Quando manda a Camara Municipal tirar do Terreiro do Paço os sinistros pausinhos que lá colocou?

A moção do sr. Alvaro de Castro

O facto de ontem no dia politico foi incontestavelmente a discussão que na Camara dos Deputados se estabeleceu sobre o caminho que parecem levar as negociações para o proximo convenio luso-transvaaliano. Estando em discussão o assunto, o sr. Alvaro de Castro requereu a generalização do debate a fim de apresentar uma moção.

O sr. Alvaro de Castro é uma figura de alta envergadura dentro da politica portuguesa, jurista muito distinto e colonial de raro valor, estando perfeitamente ao facto de todas as questões que de perto ou de longe interessam a provincia de Moçambique. Não podia a sua moção envolver nenhuma hipotese desfavoravel ou contraditoria á maneira de ver e de pensar dos elementos que constituem uma grande parte da Camara. Apesar disso e mesmo talvez por isso, a Camara regeitou a generalização do debate e o sr. Alvaro de Castro não poude ver discutida a sua moção.

Porque não foi discutida nem sequer aceita esta moção? O sr. ministro das Colonias entendeu não ser esta a ocasião propicia para debater as negociações do convenio, limitando pouco mais ou menos a isto as suas declarações, onde pouca ou nada de substancial transpareceu. E, partindo dêste modo de vêr, a Camara recusou generalisar um debate e tomar conhecimento de uma moção que, pela situação que ocupa o sr. Alvaro de Castro, não podia ser, nem de facto era, coisa que prejudicasse, obrigasse ou modificasse as linhas gerais do caso que se debate.

Sentiu-se, pouco depois, que a moção do chefe reconstituinte constituia apenas um voto de confiança aos elementos da missão que foi ao Cabo negociar o futuro convenio. E a Camara, que pouco antes, sem a conhecer, regeitara a moção, quiz emendar o erro e, mercê de jogos malabares a que o Regimento dá azo, remediar até certo ponto a aspereza da sua primitiva resolução.

Tem a emenda tentada uma importancia secundaria. O facto que subsiste e que perdura, consiste na resolução da Camara não querer votar a moção de confiança ao general Freire de Andrade. De facto, assim foi. Ao contrario do que se passa neste momento no Parlamento de Pretoria, onde os votos apoiando os membros da comissão do convenio por parte da União se sucedem a todos os instantes e são sempre aprovados, o Parlamento português não quiz enveredar na mesma ordem de ideias, que tornariam de facto irreductiveis e com ampla liberdade de acção, o sr. Freire de Andrade e os seus colaboradores. E, procedendo desta forma, evidentemente a Camara dos Deputados adóptava o ponto de vista do sr. ministro das Colonias, que julgava inoportuna toda e qualquer discussão sobre Moçambique no momento presente.

Estamos em plena época de formalismo, não só quanto á pratica essencial das nossas leis, como tambem na evolução normal das nossas ideias. Estamos, evidentemente, na época das chancelas. Todos delegamos uns nos outros, todos nos submetemos uns aos outros. Quer-nos parecer, todavia, que o problema que o sr. Alvaro de Castro pretendeu ontem desenvolver no Parlamento interessa vivamente toda a nacionalidade e não pode ser protelado ou afastado pelos que têm o dever de o apreciar, pelo simples facto do sr. Rodrigues Gaspar achar inoportuna a sua discussão.

Já o dissemos. No Parlamento da União Sul-Africana o proximo convenio luso-transvaaliano é amplamente e claramente discutido. E é em Pretoria, a dois passos de Lourenço Marques, a quatro passos de Cap-Town, que as coisas se passam. Entre nós, a quinze dias de viagem, em face de uma situação cuja gravidade o sr. Freire de Andrade é o primeiro a avaliar, chamando para ela a atenção do sr. Brito Camacho, o sr. ministro das Colonias não julga oportuna a discussão do convenio e, como êle, atraz dêle, o cenaculo inteiro dos representantes da Nação, que está positivamente a recordar o inefavel Panurgo.

O TUNEL da estação do Rocio

A sua travessia continua a fazer-se ás escuras.

Por diversas vezes nos teem chamado a atenção para o facto da travessia do tunel, que desemboca na estação do Rocio, continuar a ser feita, com as carruagens iluminadas a lamparinas de azeite. Afirma-nos pessoa da maxima confiança, que algumas vezes tem sucedido fazer o percurso com a carruagem completamente ás escuras, prevendo-se o que sucederia se houvesse a fatalidade de uma paragem subita ou um panico causado por qualquer acidente.

Realmente não se compreende, que em pleno seculo de progresso, quando em todos os paizes, as locomotivas electricas estão fazendo pôr de parte o emprego do carvão, se não tenha conseguido algumas locomotivas electricas para serem empregadas na travessia do tunel, como sucede em todos os paizes onde se encontram os metropolitanos.

Dizem-nos que a Companhia não pode com tal encargo; mas para se conseguir a energia electrica para a iluminação do tunel, parece-nos que a despeza não será tão elevada que a Companhia não possa fazer-lhe face. Mas ainda mesmo que a Companhia não tenha fundos para fazer a despeza com a iluminação electrica dos comboios que atravessam o tunel e ainda para melhor iluminação deste, poderá crear uma sobretaxa sobre os bilhetes, com o fim de proporcionar ao publico um melhoramento tão ambicionado. Aquilo, é que não deve continuar assim. E' uma vergonha, uma justificada origem de más impressões deixadas nos estrangeiros que frequentemente visitam Cintra e que teem aquela passagem forçada, ás escuras e sob a atmosfera asfixiante de fumarada das locomotivas. Crêmos que a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes não deixará por mais tempo este assunto sem solução.

Ao sr. Comandante da Policia

Temos pedido ao sr. comandante da policia em todos os tons e de todas as maneiras que manda efectuar duma forma pratica o policiamento da Praça Luis de Camões e suas imediações. Quando a nossa reclamação é recente aparece sempre um ou outro guarda... por espaço de tres horas. Depois some-se novamente.

Decerto, por muita paciencia que haja por muita filosofia que seja necessario manter para se viver nesta cidade entregue a si mesma, o que é facto é que ha certas coisas que excedem tudo quanto se possa imaginar. E apontaremos ao sr. comandante da policia dois casos:

1.º — Esta manhã, quasi á nossa porta, na rua do Norte, 14, cahiu na sacada um homem com um ataque. Houve grande reboliço na visinhança. Só «trinta e cinco minutos» depois apareceu um policia, o n.º 707 que levou o homem em charola.

2.º — Uma pobre mulher mentecapta e invalida costuma andar ahi pelas ruas proferindo em grande berreiro obscenidades capazes de fazer corar um carroceiro. Escolhe as ruas principais é sempre seguida por uma garotada que a excita por todas as formas. Todas as tardes passa pelas nossas janelas e mercê de nenhuma vigilancia, demora-se proferindo as mais tremendas obscenidades aos ouvidos de quem passa. Já não falamos do nosso interesse, falamos apenas do interesse comum.

Uma decisão acertada do Ministerio da Agricultura

(mas não é do de cá)

O ministro da Agricultura, no Brasil, mandou fazer uma distribuição gratuita e em larga escala, por todos os estados limitrofes do Rio de Janeiro, duma porção de sementes uteis a todos os lavradores a fim de, pela plantação antecipada, prevenir a crise de productos da lavoura, durante as festas do Centenario, atendendo á população adventicia que naquele periodo deverá receber a capital fluminense.

Esta noticia de ligeira aparencia mostra bem como são tratados os problemas mesmo os que parecem de mais insignificancia e de interesses remotos. E' tal e qual como cá.

Presidencia do Brazil

O dr. Epitacio Pessoa, presidente da Republica brasileira, que cede o seu cargo ao seu sucessor dr. Arthur Bernardes, no proximo dia 15 de Novembro, partirá para a Europa, a exemplo de todos os chefes de Estado das republicas americanas, depois de terminado o seu mandato.

O dr. Epitacio Pessoa escolherá a Italia para a sua permanencia durante as ferias.

Para a historia dos dois marinheiros

Apontamentos para as memorias de Gago Coutinho e Sacadura Cabral

Dos jornais do Rio de Janeiro:

O sr. Antonio da Costa Ivo, agente da Financial do Rio de Janeiro recebeu na data propria o seguinte telegrama:

FERNANDO NORONHA, 1 de Maio.—Avião partiu dia 26. Prepara jantar e ceia Rio fins de Maio. Sacadura e Gago abraçam amigo velho.

O sr. Costa Ivo, com quem tivemos o prazer de entreter uma palestra ontem á noite, no Flamengo Hotel, é amigo intimo de Sacadura e de Gago, os dois herois da travessia atlantica Portugal Brasil.

Com que curiosidade, com que enlevo ouvimos ontem as suas impressões pessoais sobre os dois grandes «azes» portuguezes!

Modesto em extremo, portuguez dos mais patriotas, o sr. Costa Ivo, fugindo de falar sobre a missão de confiança e trabalho que o traz ao Brasil, preferia falar sobre a excelsa proeza e nos perguntou avidamente:

—Antes do mais, meu amigo, que ha de novo sobre os dois herois?

Falamos-lhe dos ultimos telegramas. O «Bagé» passará hoje, com o novo avião, pelos penedos de São Pedro e São Paulo.

Sacadura e Gago aguardam-no, a bordo do cruzador «Republica».

Como a fé, a certeza inabalavel da chegada deles á Guanabara é tanto portugueza como brasileira, os dois pensamentos são identicos.

—E'es hão de chegar!

—Eles chegarão!

Foi então que o sr. Costa Ivo nos mostrou, como se fôra uma preciosa joia, o despacho acima.

Por ele nós ficamos sabendo que os dois intrepidos aviadores contam aqui estar nos fins deste mez.

Como o sr. Costa Ivo goza da intimidade dos dois herois—o que é para ele motivo de justo orgulho—uns dados interessantes nos são relatados.

Assim é que de uma feita, quando foi do raid á Madeira, os dois aviadores, que sempre andam juntos, porque um completa o outro no temperamento, na coragem, no amor a Portugal, na dedicação pela carreira, verificou-se a inutilisação do hidro-avião em que realisavam o raid.

«Os dois, quando viajam, comunicam-se por intermedio de um livro. O ruido do motor impossibilita-lhes ouvir e serem ouvidos. Vai dahi, quando Sacadura escrevia «boa viagem!», verificou-se o acidente. O livro, apesar de molhado, foi salvo e ainda hoje Gago o conserva como um grande amigo das horas do perigo...»

Referindo-se ao temperamento dos dois heroes, o sr. Costa Ivo disse-nos algo sobre a abstração de Sacadura, que é capaz de passar um dia inteiro ao volante do aparelho esquecido de tudo e de todos, e tambem sobre o ar despreocupado e modestia sincera de Gago, cujas previsões são perfeitas e excelentes.»

— «De uma feita, adverti ao Sacadura: — «Como te arranjarás, lá no alto mar, se esta casca de noz se abrir?» A sua resposta foi definitiva: «Deixa estar que eu me arranjarei, pelo menos, durante umas duas horas...»

Por ahi se vê a tempera moral dos grandes devassadores dos ares atlanticos!

A questão irlandeza

A conquista do Estado Livre pelos ingleses

LONDRES, 6.—As tropas britanicas travaram já o primeiro combate com os irlandeses do sul e apoderaram-se de um «saliente» na aldeia de Pettigo, de uma milha de extensão, tomando espingardas e metralhadoras. Em consequencia do seu avanço, as tropas britanicas penetraram duas milhas no territorio do Estado Livre.—(R.)

LONDRES, 6.—O governo britanico enviou um documento contendo seis perguntas aos delegados irlandezes, assumindo a forma dum ultimatum de cuja resposta dependeria a continuação ou a rutura das negociações. A resposta dada pelos delegados irlandezes foi satisfatoria.—(R.)

Leaes portuguezes

de regresso á Patria

Deve chegar hoje a Lisboa o dr. Teixeira de Abreu, homem ilustre que honrou Portugal no estrangeiro.

Os leitores lembram-se, certamente: o dr. Teixeira de Abreu foi ministro no consulado de João Franco. Foi acremente combatido por quem jámais se subordinaria a um Governo restaurador do regimen absoluto. De resto, nenhumas relações pessoais tivemos ou temos com o dr. Teixeira de Abreu. Mais autoridade que outro qualquer possuimos, neste momento, para manifestar sincero regosijo pelo regresso á Patria do leal português, que, no Brasil, e especialmente em S. Paulo, tão dignamente soube honrar a Patria distante e jámais esquecida. Durante a sua longa permanencia no Brasil, o dr. Teixeira de Abreu soube criar-se, a golpes de talento, uma situação de destaque, da qual sempre fez generoso uso em favor dos portugueses desvalidos, sem nunca querer saber se êles eram republicanos ou monarquicos.

Bem vindo seja, pois, a Portugal, o benemerito português Teixeira de Abreu, a quem *A Capital* endereça cumprimentos de respeitosa admiração pelas qualidades brilhantes de coração e espirito que soube evidenciar no exilio.

Tambem está em Lisboa o nosso velho amigo Luiz de Noronha. Este nome é ainda recordado, com saudade, por todos aqueles que trabalharam, ha mais de doze anos, no mister ingrato do jornalismo, ao lado do ex-reporter do *Seculo*.

Luiz de Noronha foi para o Rio de Janeiro á procura da fortuna. Foi feliz, — graças ás excepcionais qualidades de trabalho e inteligencia com que a natureza o dotou. A generosidade do seu coração, que êle tem a preocupação de ocultar sob aparencias de excentricidade, não foi alterada na luta pela vida, tão ingrata para quem procura um lugar ao sol, principalmente no estrangeiro. Protegeu os seus amigos em *detresse*, fazendo aceitar o beneficio sem humilhação de quem o recebia, porque era de todos ignorado o nobre gesto. Acreditamos que *só* almas de escol são capazes de gestos tão nobres.

A Capital dá as boas vindas ao seu antigo companheiro.

A delegação portuguesa e a Conferencia Internacional de Comercio

PARIS, 5. — Apoz a sessão plenaria celebrada no Senado, voltou a reunir-se a comissão vinicola da conferencia Internacional do Comercio, onde o delegado portuguez reiterou as manifestações feitas naquela sessão, relativamente aos acordos da conferencia de Bordeus. A instancia do mesmo delegado acordou-se que todos os estados se comprometam a proteger as aspirações regionais quando não estiverem em contradição com os acordos de Madrid, Versailles e artigos correspondentes dos tratados da paz.—(R.)

A França nega

pela boca de Poincaré a sua tendencia militarista

PARIS 6. — Falando no domingo num lunch a que assistiu o embaixador dos Estados Unidos por ocasião da entrega da medalha do congresso americano a Verdun, Poincaré negou terminantemente a acusação do militarismo que fazem á França e disse que ella tinha mostrado uma moderação extraordinaria para com a Alemanha. Poincaré disse tambem que se a paz devesse enriquecer a Alemanha á custa da França isso representaria a irremediavel derrota da causa dos aliados.—(R.)

As embaixadas scientificas e intelectuaes da Alemanha

A Alemanha está espalhando pelo mundo alem o seu inumeravel artigo «made in Germany», uma verdadeira chuva de intelectuaes e scientistas que levam aos quatro cantos do universo a «maior gloria da Alemanha». Ainda agora para a America do Sul partiu uma verdadeira fornada deles, especie de embaixada do pensamento que, sem pompa, sem «reclames» se vae infiltrando de novo em todos os meios.

Chegou ao Rio de Janeiro o professor Krause, medico de reputação universal, em Montevideu, no Uruguay, instalou-se por quatro anos o professor Ruppert e para Buenos-Ayres, a convite do governo Argentino dirige-se o professor Max Hermes.

Estes elementos que constituem a suprema expressão do mundo medico alemão, vão realisar conferencias, divulgar metodos de ensino, demonstrar sciencia experimental, por todas as formas divulgar a moderna expressão da Alemanha scientista.

ALEM-MAR

Nós e a União Sul-Africana

Expõem-se as principais reivindicações portuguezas nas negociações para o convenio entre Moçambique e a União Sul-Africana

Muito sucintamente, como é de fatal necessidade num periodico onde se não pode perder tempo com demasiada pormenorisação dos assuntos tratados, deu ontem *A Capital* noticia das reivindicações da União Sul-Africana nas negociações para o novo convenio. E' agora ocasião de dizer, tambem em resumo, quais devem ser os pontos de vista portugueses. E' o que vamos fazer.

A mão d'obra indigena

O recrutamento de indigenas portugueses para os trabalhos mineiros do Rand deve ser permitido, embora com restricções e condições que salvaguardem os interesses moçambicanos. Nessas condições, ao governo da provincia de Moçambique deve competir fixar anualmente o numero de trabalhadores contratandos, as áreas onde se possa fazer êsse recrutamento e a forma como devem ser pagos os trabalhadores, não esquecendo, por forma alguma, que uma parte dêsses salarios devem dar entrada nos cofres do Estado, a fim de compensar, pela imigração do ouro sul-africano, a emigração dos braços indigenas. Igualmente deve merecer a atenção dos delegados portugueses as garantias que o governo da União Sul-Africana se compromete a dar e especialmente respeitantes á vida, saude e conforto dos emigrandes portugueses.

Permuta de produtos

Ao lado do convenio respeitante ao trabalho braçal do indigena, português emigrado para o Rand, devem fixar-se as condições de permuta internacional de produtos. Assim, deve ficar sujeito ás tarifas ferroviarias mais baixas o intercambio dos produtos do solo e serem, tambem, isentos de direitos, com reciprocidade absoluta. Quanto a produtos do solo manufacturados, deve convencionar-se um regimen especial, que proteja equitativamente o comercio e a industria das duas regiões. As excepções, que será forçoso estabelecer, devem ser especificadas numa lista. Eis o que, a tal respeito, encontramos exposto num jornal de Lourenço Marques:

«Se, porém, forem indispensaveis algumas excepções a esta regra, devem elas constar de uma lista apensa á convenção, e, ao elaborar-se essa lista, deve haver o cuidado de *eliminar* todos os productos industriais que se produzam na área do Transvaal a que venha a aplicar-se a nova convenção, *desde que tais produtos se estejam já a produzir, ou possam vir a produzir-se*, nesta provincia. Existem já nesta provincia diferentes e importantes fabricas de moagem, fabricas de oleos, uma fabrica de massas, uma fabrica de curtimento de sola, uma fabrica de sabão e em breve, uma fabrica de cimento. Todas essas industrias terão uma vida dificil e periclitante se se permitir na nova convenção que, sem pagamento de direitos, industriais congeneres da União com muito maior mercado e, portanto, mais economica produção e maiores recursos financeiros, com elas venham competir. Isso representaria a ruina certa dessas nossas industrias, que ao Governo cumpre proteger, e um grave prejuizo para aqueles que na provincia produzem as materias primas com que essas industrias laboram. Este ponto da convenção é importantissimo e estamos certos que os nossos delegados lhe dispensarão os seus melhores cuidados e atenções.»

Tarifas ferro-viarias

O Transvaal é servido por caminhos de ferro, cujos principais são os seguintes:

Linha de Lourenço Marques a Pretoria;

Linha do Natal a Pretoria;

Linha que, pelo Orange, chega a Pretoria;

Linha do Cabo a Pretoria.

São estas as estradas de ferro de mais importancia, não falando nas da Rodesia.

O ponto de vista português tem de ser êste: a União Sul-Africana tem de convir num *modus vivendi* que eleve a vida do caminho de ferro de Lourenço Marques a Pretoria, impedindo-se uma guerra de tarifas que redundaria em prejuizo apenas de Moçambique. E' êste um ponto muito delicado da questão e será realmente dificil encontrar-se uma formula que satisfaça as duas partes contratantes.

E' indispensavel que a União se comprometa a manter nas suas linhas tarifas iguais, por milha, ás que vigorarem na nova *zona de competencia*. Precisamos que, por meio de vantagens especiais, maiores facilidades de material circulante, tarifas diferenciais ou acordos especiais com as companhias de navegação, levando-as a aumentar os fretes para Lourenço Marques, não seja desviado dali o trafego descendente ou ascendente a que a nossa posição geografica e os sacrificios de ordem financeira a que nos temos sugeitado para o apetrechamento do nosso, cais nos dão direito.

Isso é o *minimo* a que, sem favor, temos direito e do qual não devemos abdicar.

Deve ainda estabelecer-se que, quando, por circunstancias a que sejamos estranhos, o trafego seja artificialmente desviado do nosso porto, o governo da União deverá indemnizar-nos por uma tarifa equivalente ás tarifas vigentes, acrescidas de 50 por cento, da tonelagem que deixarmos de transportar, quer se trate de trafego ascendente ou descendente.

Ficam expostas as principais reclamações portuguesas. Ha ainda outras, ás quais não fazemos referencia, por não nos parecerem de tão capital importancia como aquelas que ficam expostas.

Conclusão

O problema é, como se compreende, de muito dificil solução. Entendemos, porém, que, se não faltar firmeza aos delegados de Portugal, não será impossivel obter-se uma vitoria diplomatica, visto que temos na nossa mão um trunfo importante, mesmo decisivo, e que consiste na necessidade que a União Sul-Africana tem da mão de obra do indigena português, sem a qual não pode passar e da qual não pode tambem privar-se por um prazo de tempo excessivamente longo.

O preço do pão em Berlim

Tendo subido de preço continua ainda mais barato que entre nós

BERLIM, 6.—Em consequencia do aumento dos salarios dos padeiros o preço do pão passou a ser de 10 marcos por 1.400 gramas.—(R).

N. R.—Como 10 marcos ao cambio de hoje representam 765 reis segue-se que o preço do quilo de pão, actualmente, em Berlim, é de 550 reis.

Inglezes privados de banho

Apareceram tubarões na costa de Inglaterra

LONDRES 6. — Foram apanhados dois tubarões no canal de Bristol tendo sido avisados os veraneantes nas praias de que era perigoso tomar banhos do mar. — (R.)

As atrocidades dos turcos na Anatolia

Uma comissão vai investigar

WASHINGTON, 6.—O governo americano aceitou o convite do governo inglez para ser representado na comissão para investigar as atrocidades dos turcos na Asia Menor.—(R)

Os serviços de Assistencia

O artigo que no sabado ultimo aqui publicamos sob este titulo, e que é destacado duma das teses apresentadas ao Congresso Municipalista, por lapso de revisão deixou de ir assinado pelo seu autor J. Raimundo Alves. Levemos nós esta rectificação.

Memorias sobre Sidonio Pais

O sr. Rocha Martins, autor do livro «Memorias sobre Sidonio Pais» e nosso camarada de imprensa, acaba de protestar contra a determinação superior que mandou prender um empregado que abaixava pelas esquinas os cartazes-reclames do seu livro

O rei de Espanha em Barcelona

O programa da festa

BARCELONA, 5.— Amanhã pela manhã deve chegar a esta cidade o rei Afonso XIII acompanhado do presidente do Conselho e alguns ajudantes de campo. O rei e o seu sequito hospedar-se-hão no hotel Ritz. Visitará a Exposição do Automovel cujo encerramento foi adiado por esse motivo. De tarde visitará na montanha de Monjuich as obras da Exposição de Industrias Electricas indo imediatamente a Pedralvez onde se está construindo o Palacio Real. Nos jardins do Palacio será servido um chá sendo a seguir içada a bandeira que indicará a conclusão das obras externas do edificio. Na 3.ª feira inaugurará o primeiro grupo de Casas Economicas. Tambem presidirá ao banquete que o comité da Exposição do Automovel oferece no Ritz ás autoridades, e assistirá á «verbena» aristocratica que no mesmo hotel organisou a cooperativa militar das Casas Baratas.

O rei mostrou desejos de ter livre a tarde de 4.ª feira para poder passear pela cidade. Fazem-se diligencias para que permaneça dois dias mais em Barcelona.

O rei parte de Madrid

MADRID, 6.—A's seis horas da tarde de ontem partiu para Barcelona o rei acompanhado do presidente do conselho.

Calcula-se que regressará na sexta feira, pois que, em virtude de reiterados convites, visitará a sociedade de pescadores de Badalona, as cooperativas e outras instituições sociais.—(Lat. Am.)

E prepara outra viagem

MADRID, 5. — Assevera-se que pouco depois do seu regresso de Barcelona, o rei propõe-se visitar Las Hurdes, certa zona na provincia de Salamanca que se encontra extremamente abandonada o que actualmente ave esa uma angustiosa situação.—

Chegando a Barcelona de manhã

BARCELONA 6.—Pelas 9.15 chegou o rei acompanhado do presidente do Conselho e seu sequito. A população fez-lhe uma calorosa ovação.—(R.)

Reunião de parlamentares

na Camara dos Deputados

O sr. Victorino Guimarães convocou para amanhã, o Grupo Parlamentar Democratico, a fim de expor o seu ponto de vista acerca da marcha da politica portugueza.

Diz-se—não sabemos com que fundamento—que o sr. Victorino Guimarães é portador de declarações precisas do sr. Afonso Costa, sendo natural que, depois de expostas, desapareçam totalmente as divergencias que vieram á supuração em virtude das desinteligencias entre o sr. Almeida Ribeiro, «leader» democratico, e o sr. Portugal Durão, ministro das Finanças.

O explorador Amundsen

Partiu para uma nova exploração

SEATTLE, 5.—O explorador norueguez Amundsen saiu hoje deste porto para uma viagem de exploração aos mares articos que deve durar sete anos.

Uma grande multidão fez uma entusiastica despedida ao intrepido explorador.—(R).

LLOYD GEORGE

regressando de Genova

FALA E PENSA, PENSANDO E FALANDO

Não existia com certeza duvida alguma ácerca da entusiastica recepção com que o sr. Lloyd George seria acolhido á sua volta de Genova. Na ocasião da sua chegada o caminho, desde Whitehall a achava-se literalmente coberto por uma multidão animada e alegre. Aquela gente estevo ali esperando certamente multissimo tempo, pois que o vapor que transportara o primeiro ministro tivera grande demora no Canal da Mancha, onde fôra retido pelo nevoeiro.

A vitalidade do sr. Lloyd George é assombrosa. Chefe do governo durante o mais critico periodo da guerra, tendo afrontado as intermimaveis crises e dificuldades enormes tanto nacionaes como estrangeiras que se têem sucedido áquele periodo grave, ele não mostra aparentemente que tudo isso produzisse sobre o seu organismo outros efeitos além de um pouco mais de brancura nos seus cabelos. Dir-se-hia que a sua energia é inexgotavel; e cinco semanas passadas em Genova com os seus tão vulgares enredos e confusões parece terem-lhe deixado mais vigor e melhor humor do que nunca antes tivera. Poucos homens são dotados de uma tal tempera.

Mostra-se completamente optimista com relação aos resultados de Genova. Cremos que ele visou alto e que, compreendeu perfeitamente os espantosos obstaculos da empreza, se preparára bem de antemão, quaisquer que fossem os efeitos da conjuntura, para se julgar satisfeito no caso de conseguir um modesto avanço na vereda que deseja seguir. Porém julgamos que ele realisou em Genova pelo menos uma coisa que para todos é evidente. E' ter demonstrado que a politica da Gran Bretanha se póde resumir numa palavra só: a Paz. Ela apoiará todos os que puzerem os seus esforços ao serviço da paz, convencida como está de que a paz representa hoje a mais instante necessidade do mundo, «Quando fizemos a guerra fizemo-la, disse Lloyd George com todo o nosso poder e com todas as nossas forças. Hoje o nosso empenho é a paz, objectivo a que tendem esforços de uma igual intensidade».

E' um ideal, é até alguma coisa mais do que um ideal: porque representa, pelo que toca á Gran-Bretanha, uma necessidade. «A' opinião publica europeia, acrescentou Lloyd George, sabe que nós queremos restabelecer os negocios — negocios praticos reais no seu mais amplo sentido. Tambem os povos europeus desejam voltar aos seus negocios».

Muito depende de Moscou que a proxima conferencia da Haya marque um novo passo para a frente. Mas o negociante britanico, eminentemente pratico como é, não faz depender o seu negocio de qualquer eventual oportunidade que dali lhe possa advir. Acha-se muito mais inclinado a ver vantagem em desenvolver as suas relações comerciais com os paizes escandinavos, á America do Sul e com o imperio britanico. Está acostumado a tratar com clientes que não repudiam as suas dividas e julga mais simples desenvolver o seu conhecimento com pessoas que ele já sabe que podem e querem pagar.

Desejaria sem duvida fazer negocio por uma forma normal com a Russia, mas fraco incentivo encontra lá ao examinar os principios enunciados em Genova pelos Russos. Se a Russia deseja as mercadorias britanicas (assim se exprime o fabricante britanico) a Russia pode obte-las contanto que ela forneça as convenientes garantias. A Grã-Bretanha restabeleceu-se e viveu bem sem a Russia e não ha aqui a menor duvida de que a restauração das antigas relações, seria, em todo o caso, durante muitos anos principalmente e quasi inteiramente para proveito dos russos e não dos inglezes.

O povo britanico comoveu-se muitissimo com a narração dos terriveis sofrimentos que as minorias christãs da Asia, Menor têem recebidos dos kemalistas. Não póde já haver logar para duvidas que o governo de Angora inaugurou de proposito deliberado e desenvolveu sistematicamente um projecto de exterminio das referidas minorias. O processo pelo qual milhares de creaturas foram reduzidas a um punhado de desgraçados e miseraveis que ainda continua e vai diminuindo rapidamente é typico se o considerarmos como eficaz substituto ao cruel e imediato massacre inventado pelos Jovens Turcos, visto que por um tal meio eles obtêem (os actuais kemalistas) um exito muito maior na eliminação das inconvenientes minorias do que o conseguido por esse infame e sanguinario Abdul Hamid de detestada memoria.

Conduzidos para fora do seu paiz e de suas casas, reduzidos á situação de vagabundos, aqueles pobres christãos teem estado absolutamente á mercê dos seus perseguidores. As mulheres e os meninos com mais sorte são os que são roubados ou raptados; ao resto é aplicado o processo da expoliação e do assassinio, fazendo-os, para isso, marchar até cairem mortos de fome e de febre. A via dolorosa da sua agonia acha-se bem indicada por centenas de cadaveres insepultos. A Italia e a França prometeram unir-se á Grã-Bretanha no intuito de realisar um inquerito sobre aquelas infamias a não ser que o governo kemalista dê provas de ser ele tambem criminoso e o culpado, recusando o acesso e os meios de investigação aos representantes dos aliados. Até lá, a opinião britanica não toleraria que se desse o minimo passo a mais para concluir a paz com a Turquia, até que esta preste uma reparação por esses actos de incrivel deshumanidade.

Raid Portugal-Brasil

Dizem de S. Paulo que a aviadora Therezinha de Marzo acaba de obter autorisação do Jockey Club Paulistano para efectuar uma grande tarde de aviação no Hipodromo da Moóca, em homenagem aos intrepidos aviadores portuguezes Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

Embora ainda em via de organisação a festa da gentil «sóta» paulista, podemos assegurar que ela vai ser a mais completa prova de aviação que até hoje se realisou em S. Paulo.

Com efeito, terá a participação de tres aparelhos, que voarão separados ou simultaneamente, o tão baixo quanto possivel, afim de que possa ser devidamente apreciado por todos um interessante combate aereo, espectaculo inedito.

O aviador Fritz Roesler, que foi o instrutor da joven campeã dos ares e João Robba com quem ela efectuou os seus primeiros vôos, intervirão na festa tripulando respectivamente um Caudron e um Aviatic, ambos de 120 HP e proprios para acobracia.

Therezinha de Marzo voará em aparelho igual ao do seu instrutor. O baptismo desse aparelho que se chamará S. Paulo e que será pintado com as cores da bandeira paulista far-se-ha nesse dia devendo o acto ser paraninfado pelos dois denodados aviadores vencedores do raid Lisboa-Rio.

Reveste-se de grande imponencia a corrida de gala que se realisa depois de amanhã em Algés pelas 17,30.

O notavel espada «Alcalareno» desenvolverá com as suas incomparaveis aptidões artisticas um toureio alegre nos seus dois touros desembolados.

O cavaleiro Simões da Veiga filho conquistará novos aplausos pelo seu trabalho animado e correto, como o demonstrou no domingo por ocasião da sua alternativa.

Jorge Cadete e Alfredo dos Santos Tomaz da Rocha e Luciano, Custodio Domingos e Agostinho Coelho, são artistas de valor que demonstrarão ao publico o seu merecimento toureando touros em pontas.

Chico Marujo dispõe-se com o seu grupo de forcados a patentear mais uma vez a valentia de pegadores de touros.

O curro de 10 bravissimos touros todos puros foi bizarra e gentilmente oferecido pelo opulento lavrador sr. José Maria Posser de Andrade que apresentará 10 belas estampas como ha muito se não vêem nas nossas praças de touros.

Os camarotes presidencial, dos oficiais da aviação, e do sr. encarregado dos Negocios do Brasil, ostentarão vistosas ornamentações.

Os bilhetes estão á venda na bilheteira da Praça dos Restauradores.

Para a marcação de bilhetes termina o prazo na 4.ª feira ao meio dia.

Festa de caridade

A linda festa de caridade que vai realisar-se na Sociedade das Belas Artes ficou transferida para os dias 23, 24 e 25 de Junho corrente para uma melhor preparação dos mais sensacionais numeros do que consta e ainda em virtude das diversões da «Semana de Lisboa».

A comissão está recebendo valiosas prendas para o bazar e objectos interessantissimos para os varios lugares da Praça. Um dos numeros que despertarão maior entusiasmo será certamente o das danças e descantes populares. Os estimados floricultores portuenses Moreira da Silva & Filhos ofereceram á comissão todo o seu precioso concurso.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

SESSÃO DIURNA

Na ordem do dia estão marcados debates acerca dos orçamentos dos Ministerios dos Estrangeiros e do Interior.

A sessão abre ás 15 horas, com 55 deputados presentes. A acta e o expediente são lidos, sem incidentes.

ANTES DA ORDEM

Para dar tempo a que o Governo se faça representar na Camara sem o que não é ainda uso ou abuso discutirem-se orçamentos, o sr. Sampaio Maia discreteia sobre questões de ensino publico. O sr. Sampaio Maia fala repetidas vezes, ao sr. ministro da Instrução, sendo ouvido com atenção pelos correligionarios mais proximos e pela deserta cadeira ministerial. De resto o ilustre parlamentar contenta-se em que o sr. ministro da Instrução lhe dissesse se está resolvido a dissolver a Junta Escolar da Feira. Como a cadeira se não comove, o sr. deputado não terá remedio senão esperar pela resposta, em data incerta.

O sr. Joaquim d'Oliveira trata dum caso que classifica de grave e que se refere ás perseguições de que é objecto a Irmandade de S. Bento da Porta Aberta, á qual se pretende roubar dinheiro e sagradas imagens. O caso diz respeito ao ministerio do Trabalho, mas o sr. Vasco Borges está ausente. Estamos convencidos que só a essa circunstancia é que o sr. Joaquim d'Oliveira deve a felicidade de não ouvir uma resposta categorica do sr. ministro do Trabalho, que não se privaria de aconselhar á Irmandade que não tenha mais a porta aberta, se realmente quer acautelar o seu dinheiro e a intangibilidade que o ex-chefe do ex-partido do sr. Joaquim d'Oliveira só reconhecem aos que não eram santos nem coisa que se parecesse.

Nos Passos Perdidos comentava-se o discurso, demasiadamente prolixo e empolado, do sr. Joaquim de Oliveira, que já foi ministro da Instrução. O parlamentar quebrou lanças pela Irmandade de S. Bento da Porta Aberta por causa dos votos que os administradores da corporação lhe prometeram, se, porventura, conseguissem ver-se livres dema sindicancia que está em andamento e que o ex-ministro da Republica deveria esperar que terminasse. E' claro que tudo isto é, muito simplesmente, má lingua dos correligionarios despeitados do sr. Joaquim de Oliveira.

O sr. Carvalho de Abreu faz perguntas sobre os Transportes Maritimos do Estado e desastres a que eles, tão frequentemente, tem andado sujeitos, respondendo-lhe o sr. ministro do Comercio, com larga copia de palavras e argumentos.

Devia passar-se á

ORDEM DO DIA

que seria a continuação da discussão do orçamento do ministerio do Interior. Como, porem o Governo tinha de comparecer na solenidade da entrega de credenciais do sr. ministro dos Estados Unidos da America do Norte, resolveu sustar o debate, entrando em discussão alguns projectos de lei, indicados pelo sr. Manoel Fragoso e a seu requerimento.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio, sendo secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Sousa Varela. Acta aprovada por 32 senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Ribeiro de Melo pede a comparencia do sr. ministro dos Estrangeiros para contestar varias afirmações feitas por s. ex.a quando lhe respondeu á sua interpelação.

Os srs. Aragão e Brito e Santos Garcia instam mais uma vez pela remessa de varios documentos pedidos ha tempo.

O sr. presidente propõe um voto de sentimento pela morte do velho republicano Miguel Verdial. Foi aprovado por unanimidade.

ORDEM DO DIA

Prosegue a discussão sobre a proposta de alteração ao novo regimento pronunciando-se na especialidade os srs. Mendes dos Reis, Medeiros Franco, Tomaz de Vilhena, Machado Serpa e Aragão e Brito.

O sr. Xavier da Silva requereu a palavra para em negocio urgente se ocupar do Convenio Luso-Transvaliano. Concedido.

O orador refere-se ás boas relações existentes entre as colonias de Moçambique e Transvaal. Não dá credito ás campanhas que se tem feito á nossa politica administrativa e deseja ouvir do sr. ministro das Colonias explicações sobre o assunto.

Vai responder o sr. ministro das Colonias.

Conselho de ministros

Como dissemos, o conselho de ministros reuniu-se hoje na Secretaria do Interior, durando a sessão aproximadamente duas horas. Segundo a nota oficiosa fornecida á imprensa, além de assuntos de expediente, o conselho ocupou-se do estudo da proposta de lei a apresentar ao Parlamento para reforço da verba destinada a ocorrer ás despesas com a representação de Portugal na Exposição do Rio de Janeiro.

O RAID LISBOA-BRAZIL

O cruzador «Carvalho Araujo» saiu de Pernambuco para a Bahia, onde deve chegar hoje á noite e depois da chegada dos aviadores a esta cidade, seguirá para o Rio de Janeiro.

O cruzador «Republica», partiu já de Pernambuco para Victoria.

Os aviadores devem partir amanhã de Pernambuco.

De Victoria os aviadores seguirão em vôo directo até ao Rio de Janeiro.

O grande bodo aos pobres

O Governador Civil de Lisboa, major sr. Viriato Lobo recebeu hoje importantes quantias para a subscrição a favor do grande bodo que vai ser distribuido pelos pobres da capital em sinal de regosijo pelo feito heroico do Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Até ás 18 horas de hoje a subscrição estava em 38.328$08.

O grande bodo será distribuido a 10.000 pobres tendo o chefe do districto determinado que os requerimentos dos que desejam ser contemplados sejam entregues nas esquadras da area onde o requerente reside isto em consequencia da grande maioria das juntas de freguezia se ter recusado a auxiliar o sr. Governador Civil na sua patriotica missão.

As unicas juntas de freguesia que teem prestado o seu concurso ao chefe do districto foram as da Conceição Nova e dos Martyres que segundo nos informaram no Governo Civil não fazem politica com a pobreza!

Hoje realiza-se no Coliseu dos Recreios o grande sarau de gala, organizado pelo sr. governador civil de Lisboa e cujo produto reverte a favor do mesmo bodo.

Depois de amanhã tem lugar na Praça de Algés a tourada a favor do bodo, devendo ser lidados 10 puros e nobres touros, gentilmente cedidos pelo opulento lavrador sr. Posser de Andrade.

Em poucas linhas

O gerente do Hotel Borges queixou-se á policia de que lhe furtaram roupas e outros objectos, no valor de 800 escudos.

Pelas investigações a que a policia procedeu, apurou-se que os autores do furto tinham sido os criados Francisco Iglesias Vasques e Albano Gonçalves, os quais, tendo sido presos, confessaram o crime.

Parte do furto foi ainda apreendido aos gatunos.

Francisco Fernandes Rodrigues, rua Pinheiro Chagas, 11, 1.º, queixou-se de que lhe haviam furtado da escada da sua residencia uma cadeira de espaldar com pregos amarelos, no valor de 200 escudos.

A Margarida Rodrigues, rua da Cruz do Cruzeiro, 43, pateo, furtaram uma bolsa de prata no valor de 80 escudos.

No tribunal da Boa Hora foi julgado hoje Adelino Montes, estabelecido na rua de S. João da Praça, 46, acusado de ter insultado o agente da fiscalização, Frederico Ramos Portugal. Foi absolvido.

Julio da Fonseca, Azinhaga da Ceboleira, J. F., queixou-se contra Gaspar Rodrigues, seu companheiro de casa, acusando-o de lhe ter furtado a quantia de 80 escudos.

A agitação em Bagdad

LONDRES, 6.—A agitação em Bagdad é muito tensa e os jornais indigenas protestam energicamente contra a conclusão do tratado entre a Inglaterra e o Irak antes da eleição da assembleia Nacional á qual o tratado deverá ser apresentado.—(R).

A ocupação da Alemanha

As tropas americanas continuam na margem do Rheno

NEW-YORK, 6.—O general Allen comandante das tropas americanas na Alemanha recebeu um telegrama do ministerio da Guerra ordenando-lhe que conserve 1.200 homens na testa de ponte de Coblentz.

Isto parece demonstrar que os americanos em contrario da sua decisão anterior decidiram não evacuar completamente o Rheno no dia 1 de Julho.—(R).

As viagens do "Vasco da Gama,,

Ha mais de quatro meses saiu de Lisboa o cruzador *Vasco da Gama*. Foi para os Açores e para a Madeira e por lá anda bordejando de um lado para o outro, ora no Funchal, ora em Ponta Delgada. E' um barco vagabundo, um barco em delirio, que não se sabe muito bem onde poisa.

Mas o interessante do caso, é que nos fins dos meses o *Vasco da Gama* sobrepticiamente ferra e larga para as Canarias. Para quê?

Afirma-se que para serem recebidos os vencimentos a que têm direito as tripulações quando em porto estrangeiro. O que é facto, é que depois desta pequena formalidade o *Vasco da Gama* volta para a Madeira ou para os Açores... até ao fim do mês seguinte. E anda nisto ha mais de quatro meses!

Almoço ao sr. dr. Teixeira Gomes

O sr. Urbano Rodrigues ofereceu hontem um almoço ao sr. Teixeira Gomes, nosso ministro em Londres. Assistiram os srs. drs. Augusto Soares e Alvaro de Castro.

Uma nova descoberta

utilisada pela aviação

LONDRES, 6.—A descoberta do *helicopter*, feita pelo inglês Brennan, é um dos primeiros e mais brilhantes passos na navegação aerea. As autoridades dar-lhe-hão um premio de 50.000 libras. Este aparelho é perfeito.

Todos os trabalhos para esta descoberta foram realizados no mais absoluto segredo e só agora foi desvendado o misterio, quando das experiencias feitas no aerodromo de Farnborough no Hampshire.

O *helicopter* faz elevar o avião pela sua propria força e na primeira hora leva em si o combustivel para o fazer voar. O avião que possua o *helicopter* resistirá, parado, a qualquer vento por violento que seja e dá um andamento de 200 milhas á hora. Uma das testemunhas, verdadeiramente maravilhada, interrogou o guarda do aparelho, que lhe disse que uma das maiores vantagens do *helicopter* é que vai causar uma verdadeira revolução na navegação aerea, e que daqui em diante serão dispensados os grandes aerodromos para levantar vôo e amarrisar, podendo para isso ser utilizados os telhados das casas.—(Lat. Am.).

O dia de Camões

A Sociedade da Cruz Vermelha presta o seu concurso ás festas

O sr. ministro da marinha determinou que a banda da Armada abrilhante o arraial que a *Imprensa da Manhã* realiza nas noites de 9 e 10 do corrente na Praça de Camões.

No programa das festas figuram concertos populares da seguinte forma:

Dia 9 — Das 18 ás 21 horas, pela banda de infantaria 1; das 21 ás 0 horas pela banda da marinha.

Dia 10 — Das 18 ás 21 horas, pela banda de Sapadores dos Caminhos de Ferro e das 21 ás 0 horas pela banda da G. N. R.

A Sociedade da Cruz Vermelha cedeu 100.000 flores para serem vendidas ao publico por senhoras, que ostentarão fatos á moda do Minho.

America e Portugal

O novo ministro da America entrega as suas credenciais

O novo ministro da America em Lisboa fez hoje á tarde a entrega solene das credenciais ao sr. Presidente da Republica no Palacio de Belem. A' cerimonia assistiram os srs. Presidente do ministerio e ministros dos Negocios Estrangeiros, Instrução, Guerra e Trabalho, o secretario geral da Presidencia sr. Jaime Atias, o secretario particular do Chefe de Estado sr. Manuel Serras, tenentes Alves e capitães srs. Costa Dias e Mendonça e o chefe do protocolo da Presidencia sr. Luiz Barreto da Cruz.

O novo diplomata que se fazia acompanhar do chefe do protocolo do ministerio dos Estrangeiros sr. Eugenio dos Santos Tavares, chegou ao Palacio de Belem cerca das 17 horas numa carruagem da presidencia, escoltado por um esquadrão de cavalaria da G. N. R.

Na sala das Bicas era o representante da America recebido pelo sr. Luiz Barreto da Cruz que o acompanhou até a sala D. João V onde se encontrava o secretario geral da Presidencia, seguindo depois o diplomata para a sala dourada.

Após os cumprimentos da praxe houve a troca dos discursos que a absoluta falta de espaço nos impede de publicar.

O sr. Presidente da Republica demorou-se depois, alguns minutos conversando com o novo ministro da America o qual se retirou cerca das 18 horas com o mesmo cerimonial para o Hotel Europa onde se encontra hospedado.

No pateo dos Bichos a guarda de honra era feita por uma força da G. N. R. com respectiva banda.

POEIRA da ARCADA

Amanhã são expedidas malas postais: pelo *Braga*, para os Açores e New York; pelo *Araguaya* para a Madeira, Cabo Verde, Pernambuco, Pará, Manaus, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres, e pelo *Oriana*, para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres. A ultima tiragem da caixa geral é ás 8 horas para o primeiro e ás 11 para os restantes, fechando para estes os registos ás 9 horas.

Os representantes do Estado Livre

partem hoje para Londres a conferenciar com o governo inglez

DUBLIN 6.—Representantes do governo provisorio da Irlanda partem hoje para Londres para rever o projecto da constituição dos Estados Livres da Irlanda, visto o governo inglez ter regeitado o projecto apresentado a semana passada.

A resposta dos sinaterios irlandeses ás seis perguntas que lhes foram dirigidas pelo governo inglez são completamente satisfatorias e oferecem terreno para esperar que as emendas na constituição serão aceitaveis. No entanto causou grande surpresa na imprensa o entendimento entre Collins e De Valera com referencia ás proximas eleições na Sul da Irlanda.

Depois do entendimento foi publicado um manifesto em que se pede a todos os irlandezes para não votar nos candidatos independentes, mas sim nos filiados no partido «sinn-feiner».

O correspondente do «Daily News» na Irlanda crê que nas condições presentes este manifesto é um convite ao exercito republicano para evitar pela força a eleição dos independentes que por qualquer razão favoreceu o tratado anglo-irlandez.—(Lat. Am.)

PELO TELEGRAFO

O estado de Lenine

BERLIM, 6.—Radeck e Litvinov que se encontram nesta cidade foram chamados urgentemente a Moscou devido ao estado de saude de Lenine ser muitissimo grave.—(R).

Prisões na Siberia

REVAL, 6.—O governo dos soviets ordenou a prisão do arcebispo Anatole e mais vinte individuos por fazerem a propaganda contra o regimen.—(R).

Um discurso de Poincaré

LONDRES, 6.—A imprensa comentando o discurso pronunciado na Camara pelo sr. Poincaré diz que este politico se exprimiu duma maneira muito correta mas muito firme mantendo os direitos da França em face do tratado de Versailles.—(R).

Um emprestimo original

RIGA, 6.—O comissariado das finanças de Moscou pretende lançar um emprestimo interno, mas como o rublo está muito depreciado esse emprestimo será feito em centeio devendo atingir 160.000 toneladas deste cereal.—(R).

Tumultos na Alta Silesia

GLEIWITZ, 6.—Tem-se dado violentos recontros entre alemães e polacos tendo havido muitos mortos e feridos. O centro dos tumultos é na região de Kunow.—(R.)

A Italia e a Yugoslavia

ROMA, 6.—O governo italiano desmente que forças de marinha tenham ocupado Scutari e outros locais da Costa albaneza, dizendo que isso são boatos propalados para prejudicar as boas relações entre a Italia e a Jugoslavia.—(R).

A Alemanha e o tratado de Versalles

LONDRES, 6.—O tratado de Versailles não permite á Alemanha que disponha dum exercito superior a cem mil homens. Os alemães mantem porem os quadros militares de 75.000 oficiais instrutores que poderão rapidamente instruir e enquadrar grandes massas de tropas em contradição com o espirito do tratado de Versailles.—(R.)

A visita do sr. Poincaré a Londres

PARIS, 6.—O sr. Poincaré deverá chegar a Londres no dia 17 de junho, conferenciando com Lloyd George no dia 19 e voltando a Paris no dia 20.—(R.)

O Montenegro agitado

CETIGNE, 6.—As tropas servias incendiaram a aldeia montenegrina de Martiniwek.—(Lat. Am.)

A situação em Marrocos

MADRID, 6.—Continuam a apresentar-se em Melilla muitos indigenas.

Dizem que Abd-el-Krim prendeu nos ultimos dias um grande numero de chefes de diversas kabilas acusados de manter relações com espanhois.

Realisaram-se sem novidade os comboios para Peñon e Alhucemas.—(Lat. Am.)

Orlando agraciado

ROMA, 6.—O sr. Orlando, ex-presidente do conselho, foi agraciado com o grau de cavaleiro da ordem da Annunziata, entregando-lhe o rei pessoalmente as insignias.

Esta ordem é a mais elevada recompensa honorifica da Italia e uma das mais consideradas do mundo, equiparando-se ao Tosão de Ouro de Espanha e á Jarreteira de Inglaterra.—(Lat. Am.)

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Fala-se que as nossas actrizes pensam em levar a efeito, em Lisboa, uma festa, cujo produto reverterá a favor da *Casa Gil Vicente* e da *Casa dos Jornalistas*, que, anualmente, se repetirá e a que chamarão *O dia das actrizes*.

Defensor, como tenho sido, da necessidade que, dia a dia, se vai tornando quasi inadiavel, da fundação de uma casa de repouso em que, seja pela velhice, seja por variadas contingencias, os nossos comediantes possam no final da vida ou quando a fortuna lhes seja adversa, encontrar um relativo bem estar sem ter que recorrer á caridade publica, conglobando todos os esforços no sentido de se efectivar uma iniciativa, que um pouco de reflexão já teria conseguido pôr em pratica, não pode deixar de merecer toda a minha simpatia a festa que se projecta, desejando bem que, finalmente, ela consiga uma *reussite* tal, que de futuro não haja que fazer festas a *A* ou *B*, mas simplesmente tratar de organizar um espectaculo anual, que, com um pouco de boa vontade, daria de sobejo para acudir ás despesas de exploração da *Casa Gil Vicente*. E' costume dizer-se que *mais vale tarde do que nunca*... Será desta vez possivel a realização dêsse ideal, a que têm emprestado o melhor do seu esforço Antonio Pinheiro e Casimiro Tristão?

Lembrem-se, ao menos, que nos demais paizes civilizados existem essas casas de repouso e que não basta copiar o que de lá vem de mau. Uma vez por outra, copiemos tambem o que lá existe de bom.

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

A companhia de zarzuela que tanto tem agradado no Eden, vai começar a dar as suas recitas de despedida e assim é que já se anunciam para 2.ª feira proxima a festa artistica do 1.º actor Pedro Barreto e para 3.ª feira, com o ultimo espectaculo da companhia a festa do outro 1.º actor Luiz Ballester.

● E' absolutamente desconhecida para Lisboa a fantasia «A Vida» que vai ser representada no Apolo.

Essa peça que tem 2 actos e 19 quadros é original de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa estando informados de que a empresa a montará com um explendido scenario e guarda-roupa.

● Proseguem activamente no teatro S. Luiz os ensaios da «A Revista do Praxedes» original de André Brun que naquele teatro fará a temporada de verão. Os 4.º, 5.º, 6.º e 7.º quadros dessa peça serão respectivamente assim intitulados: «Dois dedos de conversa», «Suave milagre», «A caminho» e «Lisboa cais da Europa».

● O novo teatro Maria Vitoria installado na Avenida Parque (antigo Parque Mayer) á rua do Salitre, será inaugurado ainda no corrente mez. A primeira peça que nele subirá á scena é a revista «Lua nova» original de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão. A musica é exclusivamente do maestro Alves Coelho, uma parte original e outra coordenada.

● A companhia espanhola Barreto Ballester está ensaiando a fim de serem representadas no Eden entre outras as seguintes zarzuelas «La gran via», «Verbena de la Paloma» e «Ensenato libre».

Estrangeiro

Na proxima epoca de inverno, Rip, o aplaudido revisteiro francez, de colaboração com Marcel Lattes, fará representar uma opereta intitulada «La plus belle femme de France».

● O teatro do Gymnase vae pôr em scena a peça de Charles Miré «La femme masquée», ha pouco visto, entre nós, pela troupe da Cora Laparcerie. Neste teatro, fará a protagonista a actriz Vera Sergine.

● No teatro Sarah Bernhardt obteve sucesso, segundo a critica, a peça de Michel Carré e Albert Acremant intitulada «La Mome».

Cartaz do dia

Teatro musicado

EDEN TEATRO — A's 9 — Companhia espanhola — «El Duo de la Africana» «El amigo Melquiades» e «Mala Sombra».

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9,15 — Grande sarau a favor da subscrição aberta pelo sr. Governador Civil para o bodo dos pobres da capital.

A odisseia duma pobre mulher

Não sabemos a que especie de autoridade compete a punição de factos como o que vamos narrar. E' possivel mesmo que nem existam num paiz onde toda a gente faz o que quer. Procurou-nos uma pobre mulher de nome Maria Gertrudes da Silva, moradora hoje na rua Sabino de Souza 12 3.º, que nos contou uma historia verdadeiramente edificante, uma historia de esfregar os olhos e de fazer supor que não vivemos nem no nosso tempo nem na nossa idade.

Maria Gertrudes da Silva morava num pobre casebre da estrada da Charneca n.º 17 numa habitação de que da casa só tem o nome. Como o senhorio, Francisco Sales, lhe aumentou o aluguer do misero casebre ficou a dever doze escudos o que tanto bastou para que imediatamente a puzesse na rua, destelhando o telhado e, contra todas as prescrições da lei do inquilinato pôr no meio da estrada os tarecos da pobre mulher. Como a Maria Gertrudes se achasse de cama ha mez e meio com uma febre tifoide, vestiu-a e pô-la na beira do caminho juntamente com os moveis, tendo a desgraçada recolhido pela caridade do sr. Artur Belo de Morais. Transitando, sempre por caridade para uma outra quinta ali foi agredida constantemente, diariamente pelos trabalhadores da malta que até por varias vezes tentaram assassina-la. Tendo-se queixado, foi autuada, presa e levada para o Governo Civil. Os tarecos foram levados para a Aregoaria e quando ao fim de 12 dias saiu do calabouço n.º 1 indo em procura dos seus trastes verificou que tudo estava quebrado causando-lhe prejuizos que representa super o[illegible] a 280 escudos. Mais nos diz a pobre mulher, que é surda, a sua surpresa por encontrar saqueados e destruidos objectos que estavam fechados á chave no gabinete do «quem governa» segundo a sua pitoresca expressão.

Não conhecemos expressão suficientemente energica para a classificação destes factos. Teremos que recorrer ao processo de fazer justiça por nossas proprias mãos visto o outro ser inteiramente inexistente.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 3/16 — 4 1/16
» 90 dias	4 1/4 — —
Paris, cheque	1167 — 1200
Suissa, cheque	2450 — 2530
Belgica, cheque	1080 — 1112
Italia, cheque	666 — 686
Berlim, cheque	45 — 50
Holanda, cheque	4990 — 5150
Madrid, cheque	2000 — 2002
New-York, cheque	12810 — 13210
Brazil, cheque	50 — 53
Austria, cheque	1 — 3
Noruega, cheque	2323 — 2365
Suecia, cheque	3373 — 3425
Dinamarca, cheque	2845 — 2889

Libras . . . . . 64$500 — 66$000

Uma epidemia nova

Em Lourenço Marques

Não é uma noticia agradavel, mas não é tambem motivo para inquietações, visto tratar-se duma enfermidade relativamente benigna.

Ha tempos que os clinicos que costumam requisitar analises de sangue para pesquisa dos agentes patogenicos do impaludismo e da febre tifoide vinham ficando surpreendidos com os resultados negativos frequentes das investigações laboratoriais.

Alguns clinicos trabalhando empenharam-se em encontrar a justificação daqueles resultados das analises. O estudo clinico atento acompanhado das necessarias pesquisas laboratoriais levaram á conclusão de que se tratava duma entidade morbida velha no mundo e que estava tomando presentemente em Lourenço Marques a feição duma pequena vaga epidemica: «Dengue», se chama ou «Febre dos sete dias», muito conhecida dos medicos coloniais ingleses da India.

Devemos dizer que ha medicos ilustres, como Sir Leonard Rogers, que consideram a «Febre dos sete dias» uma doença, embora com alguns sintomas comuns aos da «Dengue», mas perfeitamente distinta dela; enquanto outros medicos coloniais não menos ilustres, como Castellani e Chalmers, afirmam que a «Febre dos sete dias» não é mais do que uma variedade da velha «Dengue».

Esteja ou não «dengosa» a cidade de Lourenço Marques, certo é que a sintomatologia daquelas doenças tem bastantes pontos de contacto, sendo, felizmente de muito pouca gravidade a doença que se manifesta agora e que ligeiros cuidados clinicos debelam por completo.

Os funcionarios publicos das Colonias

Dum jornal da India portuguesa, Nova Gôa, extraimos a seguinte noticia que, com o titulo de «Apelo» aquele periodico publicou:

«Funcionarios de Angola, residentes na India, não estando pagos de seus vencimentos desde Novembro do ano findo, apelam para os seus camaradas e colegas doutras colonias e deste Estado que promovam entre si uma subscrição em seu favor, a fim de lhes atenuar a crise economica por que estão passando, devido á falta de pagamento dos referidos vencimentos.

O produto da subscrição será rateado pelos interessados na proporção dos seus vencimentos em divida e será considerado com o adiantamento feito pelos seus camaradas e colegas que acudirem a este «apelo», comprometendo-se a reembolsa-los das importancias adiantadas assim que o Governo se resolva a dar providencias á sua situação aflitiva, providencias estas que veem solicitando ha 4 meses. Nova Goa, 11 de Maio de 1922. A Comissão.»

Coisas semelhantes só podem existir no grão-ducado de Gerolstein. O corre perguntar para que serve esta pomposa maquina governativa que pelo visto custa por cá rios de dinheiro mas que por lá nada custa... porque se não paga...

Recreios Desportivos da Amadora

AMADORA, 5. — Promete ser muito animada a época de verão nos Recreios Desportivos. Para a proxima 6.ª feira está uma comissão de meninas organisando um baile ao ar livre, que promete decorrer com o maior entusiasmo.

A patinagem começa a estar concorrida. O nosso amigo sr. Antonio Correia está em negociações para obter fitas interessantes, para se exibirem ao ar livre, ás 5.as feiras.

O Cinema tem apresentado todas as 4.as feiras e domingos programas que despertam grande interesse.

Agora está-se projectando a fita os Misterios do Oriente, que tem levado grande concorrencia ao elegante salão dos Recreios Desportivos. — (S).

A emigração portugueza para o Brazil

O presidente da Republica Brasileira, na mensagem presidencial, falando ácerca da emigração diz que devido ao estado anarquico de certos paizes, o governo foi obrigado a restringir a corrente emigratoria. A emigração japoneza continua a encaminhar-se para São Paulo, e em breve se encaminhará tambem para Minas. A alemã adquire proporções animadoras; os obstaculos que surgiram em relação á italiana foram já removidos.

Em todas as suas considerações sobre o assunto, não fala o dr. Epitacio Pessoa na emigração portuguesa. E decerto não poderia falar nela enquanto essa emigração não fôr vinculada em bases diferentes, e não encontrar da parte do governo portuguez uma coadjuvação eficaz e inteligente. E' melhor não falar em coisas tristes!

A amizade anglo-americana

Em Washington são vitoriados os oficiais do «Raleigh»

WASHINGTON, 6. — Hontem quando a camara dos representantes estava em sessão entraram na galeria reservada uns oficiais do navio de guerra inglez «Raleigh». O sr. Hicks membro por New York que estava falando interrompeu o seu discurso e dirigindo-se á presidencia disse que estando na galeria alguns oficiais inglezes lhe parecia que se lhes devia exprimir os sentimentos de sincera amisade da camara e dizer-lhes que eram bemvindos ao congresso. Estas palavras foram cobertas por calorosos aplausos e o sr. Hicks e outros membros foram á galeria e trouxeram os oficiais para a sala onde lhes foi feita uma calorosa recepção tendo sido apresentados ao presidente. — (R.)

Associação dos Escoteiros de Portugal

Foram aprovados por decreto de 8 ultimo, os novos Estatutos da Associação dos Escoteiros de Portugal. Nos termos do disposto neste diploma fizeram-se as seguintes nomeações:

Delegados dos grupos:

Roberto Moreton, dr. Tovar de Lemos, coronel Apolinardo Chagas, Antonio Curson, Amancio Salgueiro Junior, Cardoso, Luiz Passos, Cosme Vieira e Eduardo Moreira.

Comissão executiva:

Presidente, dr. Tovar de Lemos; vice-presidente, Roberto Moreton; secretario, Eduardo Moreira; escoteiro chefe geral, dr. Tovar de Lemos; chefe geral dos Serviços Administrativos, Amancio Salgueiro Junior.

Comissão tecnica:

Escoteiro Chefe Geral; comissario chefe da Divisão dos Cadetes, Lima Basto; comissario chefe da Divisão dos Juniors, Joaquim Borrego; comissario chefe da Divisão dos Seniors, Diniz Curson.

Comissão administrativa:

Chefe geral dos serviços administrativos; secretario geral, Fausto Salazar Leite; tesoureiro geral, Amancio Salgueiro Junior; secção de excursões, Cosme Vieira; secção de material e fardamentos, Amancio Salgueiro Junior; secção de organisação e propaganda, Curson; secção grafica e da biblioteca, Vasconcelos; secção internacional, Curson.

Comissão revisora de contas:

Presidente, Antonio Curson; coronel Apolinardo Chagas Cardoso.

Zona de Lisboa:

(Grupos 1, 2, 5, 11, 13, 14)

Presidente da Direção, coronel Apolinardo Chagas; comissario tecnico, Joaquim Borrego.

Zona de Lourenço Marques:

Comissario tecnico, Joaquim Pala.

Musica

Academia de Amadores de Musica

Por motivo de força maior é transferido para o dia 15 do corrente o concerto anunciado para 7, sendo validos para esse dia os programas distribuidos com esta data.

As teses do Congresso Municipalista

Campos municipais de Jogos

Ha tres iniciativas importantissimas que as Camaras Municipais Portuguesas poderiam tomar, não falando já nos estadios que estão em moda por toda a Europa, tendo-se construido alguns verdadeiramente grandiosos, a todos superando o projectado em Milão.

As iniciativas a que nos referimos são as Piscinas, as Escolas ao ar livre e os Campos de Recreio e Jogos (Playgrounds) para adolescentes. Dos dois primeiros já alguma coisa se tem falado e escrito, tendo na Camara de Lisboa defendido com calor e inteligencia a creação das ditas Escolas o sr. Joaquim Domingues, e das Piscinas outro vereador e distinto homem de desporto, o sr. Ryder da Costa.

Falemos, pois, especialmente, dos Campos de Recreio e Jogos, tais como eles nasceram e se desenvolvem no seu berço natal.

Creio estar entendido que se trata duma iniciativa particular; mas aos Playgrounds o governo federal prontamente prestou o seu auxilio moral e alentador, deixando operar e facilitando a vida de quem a ancetava com tão boa vontade. E' assim que se procede nas democracias robustas, na Suissa como na Australia, na Norte-America como na Gran-Bretanha.

Aqui pedir-se-hia pelo habito velho, o imediato auxilio monetario do Estado; mas lá afluiram logo aos cofres da Associação fundada para dirigir o movimento, quinhentos mil dolars de contribuições particulares!

Posso ainda dizer-vos que só o sustento da grande obra no ano de 1920 custou mais de sete milhões de dolars! Estavam creados em principios do ano passado, em 465 cidades e vilas norte americanas, 4000 campos de jogos, com seus baloiços e bolas, seus lagos e praias artificiais de recreio, que umas carroçadas de areia formam, seus prados de relva de livre acesso e seu pessoal especialmente adestrado ao trato da infancia e da adolescencia, o qual atingia o numero de dez mil e duzentas pessoas, das quais seis mil do sexo feminino.

Dos 465 concelhos servidos de «Playgrounds», em 361 eram esses campos sustentados no todo ou em parte por fundos municipais.

No todo, em 249 municipalidades.

Em outras, além das instituições já referidas, o Estado sustenta a obra numa cidade, a Cruz Vermelha em quatro, o famoso Exercito de Salvação em uma, etc., é até Camaras de Comercio e Associações Comerciais, em cinco.

Tal importancia tomou a Associação dos «Playgrounds» que já em 1919 a filha do presidente da Checo Eslováquia, a Doutora Alice Masarykovia, lhe pedia o envio de técnicos para organisarem no seu país os Campos de Recreio. E não só a Checo-Eslovaquia, essa juvenil nação, cheia de vitalidade, que surgiu da velha Boémia escravisada pela monarquia dual, mas o Japão, a China, a Russia, a Polonia e várias republicas sul-americanas entraram em relações com iniciadores do simpatico movimento, pedindo sugestões e alvitres e literatura esclarecedora. Pelo ultimo relatorio que possuo e ponho á vossa disposição para exame, verifica-se que a sete mil cartas ascendia no começo de 1921 o movimento dessa correspondencia internacional.

A Catalunha, cheia de iniciativa e actividade, creou já em Barcelona o «Parc d'infants» sob a proteção da Ponència d'Educació Física da Mancomunitat de Catalunya.

Compreenderam as suas responsabilidades e a grandiosidade do movimento.

Portugal, entretanto, parece que nem sonha que tal coisa existe...

Eu estou de aqui a pressentir o riso escarninho de muitos, lá fóra, em face da minha tese modesta. Estou habituado.

Ora! Criar a «arte de brincar», a tres seculos de distancia da classica «Arte de Furtar»! Pretender a possibilidade duma tecnica scientifica do recreio utilitario!

Pois é assim mesmo. Quem não perceber, quem não quizer avançar, que se deixe ficar para traz!

Devia pois tentar-se:

1.º — Que cada Camara Municipal se prontifique a criar, dentro das suas possibilidades orçamentais, um ou mais campos de jogos no respectivo concelho, desde que haja quaisquer Associações ou Institutos, como sejam Colegios de reconhecida competencia directiva, grupos de Escotismo oficialmente patrocinado, o Triangulo Vermelho, o Triangulo Azul, etc., que se comprometam a manter pessoal idoneo e a organisar os programas de recreio dentro das bases tecnicas, o que é de excepcional importancia.

2.º — Que se forme, com elementos saidos deste Congresso e séde na capital da Republica, uma Comissão Nacional dos Campos Municipais de Recreio, para que entre em relação directa com o Serviço Nacional de Educação Fisica de Washington, com a Associação dos «Playgrounds» de Nova-York e com quaesquer outras instituições nacionais ou estrangeiras, oficiais ou particulares, para a melhor elaboração dos programas do recreio utilitario.

3.º — Que esta Comissão, quando para tal obtiver auxilio, promova por meio de impressos, fotografias, conferencias e exibição de projeções luminosas, a propaganda dos Campos de Jogos, onde o seu conhecimento perfeito não haja chegado.

4.º — Que a mesma Comissão procure evitar que se recrutem, para dirigir os Campos de Jogos, pessoas de espirito mercenario e sem os conhecimentos pedalogicos nem o temperamento e vocação apropriados, criando um estagio quando lhe seja possivel e diplomando ou recomendando quem tal lhe mereça.

EDUARDO MOREIRA.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

OS NOIVOS

por JULIO CESAR MACHADO

— O mundo que tu conheces não é êste. Vieste três invernos a Lisboa na intenção de passeares pela capital a reputação, que te haviam feito na provincia, de cavalheiro bizarro. Meteste-te no Marrare, — o Marrare nesse tempo levava dinheiro! Fizeste mil diligencias por uma dançarina, que faria mil diligencias de tu a quereres. Foste ás partidas de um fidalgo, apontaste com libras em cada carta; perdeste sempre. Ceaste em casa de uma prima-dona. Estafaste dois cavalos e tiraste um dente no Vitry. — Aqui está o que fizeste em Lisboa; nada mais! Ficaste sabendo alguma coisa do mundo dos homens e nada dos homens do mundo!

— Disparatá p'r'ahi! Ha uma coisa que eu guardo, ainda nos meus quarenta anos, é o pudor. Quando uma mulher se me desse por esposa, para me deshonrar depois, matava-a.

— Isso tudo, á 1/4 de fora!

— Conheces-me desde criança e sabes que não sou vaidoso. Sinto-me em toda a força da vida, podes crê-lo, e obstino-me a não concordar em que já não é tempo de me casar. A idade é o pão dos imbecis. Tudo tem de ser! Podes achar-te belo como Apolo, ter vinte e cinco anos e a gloria dar-te o seu melhor sorriso; — a tua namorada terá um capricho e trocar-te-ha pelo primeiro alferes que lhe apareça! Esperar o peor, ou não esperar nada; eis tudo! Carmo e Amelia têm o dom de me encantar e tu vais escolher-me uma delas; fecho os olhos e aceito. E'-me igual uma ou outra; quem é que diferencia os anjos?

— Sim! Tambem me parece, meu amigo, respondeu o doutor. Ha em cada donzela um anjo, que mal roça pela terra as azas; mais tarde, deixa como mãe o suave rasticio dos seus passos, e depois de haver vivido como a rosa, sem perder o viço e o [illegible] anjo que rido dos salões torna-se ás vezes, quando envelhece, em demonio do lar domestico!

— Que importa? Lê alguem, de longe, o seu destino? E' um capricho, uma loucura, talvez, o ir eu casar-me, quem sabe, todavia, se êste casamento tem de evitar-me alguma loucura maior! Vamos, doutor! mostra-te meu amigo, escolhe-me a noiva e encarrega-te perante ela das flores de meu elogio!

— Olha que é asneira, Gonçalo!

— Melhor para ti: evita-te cair noutra semelhante! Deixa-me ser todo a meu modo; os tolos prestam serviços á sociedade, encarregando-se de fazer os «disparates» que estavam reservados para os que têm juizo!

— Pois bem! Vou acender a fogueira; esta noite já te darei resposta. Tu não gostas mais dos olhos da Amelia?

— E os cabelos de Carminho?

— A outra tem melhor sorriso!

— E aquela melhor olhar!

— Oh! impio ancião, — queres as duas?

— Não rias, redarguiu Gonçalo; ha alguma coisa de sério em tudo isto e toda esta aparencia de frivolidade é apenas como o véu de um sonho! Estou casado, doutor, ou nenhuma delas me quere!...

Todo êste dialogo teve lugar, passeando os dois no Chiado. Era das três para as quatro horas, quando a sociedade elegante passa inquieta, entrando ou saindo das lojas de modas. Um caleche parou perto da casa Londré: o medico apertou o braço ao seu amigo, quando viu a viscondessa e suas duas filhas, que se apearam.

— Vem! disse-lhe. Vamos encontra-las! Escolherás talvez!

— Ser-me-ia agora impossivel, antes de saber o que pensam de mim!

— Até á noite, então!

— No teatro.

Com um fino tacto de diplomacia amorosa, o doutor, que foi jantar a casa da viscondessa, tratou de insinuar Gonçalo no animo das duas meninas. Era um homem astucioso e arteiro para esta ordem de empreitadas e possuía o segredo de saber conversar com senhoras, acompanhando-as naquele borboletear de espirito, que passa incessantemente de um assunto a outro sem poisar em nenhum!

Quando se quere recomendar um homem aos olhos de uma senhora, antes de se fazer o elogio dêle, deve contar-se-lhe o elogio que êle fez dela. O doutor sabia todas estas praticas da vida e pô-las em acção; mas, se a vaidade de Carminho foi levemente tocada por êste improviso, Amelia, ao contrario, sorriu friamente ao ouvir o nome de Gonçalo e deixou cair esta frase, que foi a peor condenação:

— Grosseira criatura!

— O meu amigo Gonçalo! pregunta o doutor.

— Se é seu amigo... de mais, arrependo-me de haver dito isto.

— Oh! diga! diga! acudiu o doutor, que percebeu logo que era util aproveitar a antipatia de uma para merecer a simpatia de outra. Parece até — caso estranho! — parece que se ajustam as guerras de coração na distancia e na escuridade!

— Porquê? preguntaram ambas.

— Porque Gonçalo Dantas, respondeu o doutor rindo, não tem uma predilecção grandemente decidida pela sr.ª D. Amelia, e...

— E...?

— E adora o espirito da sr.ª D. Carminho!

Este é o momento em que se faz córada a donzela mais indiferente ao amor. Quando uma declaração chega por intermedio de terceiro, ganha tanta côr de sinceridade, como os suspiros e segredos, que um coração contasse á brisa! Não ha maneira de desconfiar de quem nos admira em silencio. A alma humana tem para uma senhora mil razões de vaidade, e elas absolvem com gratidão os que cometem a ousadia... de as adorar. Gonçalo tomou nesse instante ou[illegible]ra Carminho as proporções de vulto interessante. Não é porventura inevitavel reconhecer espirito em quem no-lo encontra? E depois, o doutor descreveu o seu amigo com os toques brilhantes da paixão e de entusiasmo: que era um tipo excentrico, bravo e leal; que tinha olhos pretos e um bigode magnifico; que atirava como um mestre de armas; que era impetuoso como um leão e meigo como uma donzela... Quando o leitor fizer o seu plano de ataque numa campanha amorosa, incumba sempre um amigo de o retratar á sua escolha, realçando-lhe os dotes e esquecendo-se dos defeitos. Isto lhe poupa-lhe meia jornada... se o amigo que escolher não tratar da si, em vez de tratar do senhor, — o que tambem pode acontecer, poupando-lhe dessa forma a jornada toda!...

A viscondessa, a quem Gonçalo caiu em graça, encaminhou muito sua filha Carmo, na maneira de se conduzir para com êle em poucos dias, o doutor, que fizera ao seu amigo uma primeira carta para a menina, viu-se rogado por esta, numa confidencial mais que extremosa, a aconselhá-la se devia responder ou não.

E' inutil explicar que quando o doutor disse que sim, já a viscondessa tinha dado a Carmo o rascunho do que cumpria copiar.

O casamento efectuou-se com uma [illegible] incrivel, e o que Carlos Eduardo no principio desta historia nos contou ácerca da boneca de presente de nupcias era perfeitamente exacto.

Ao chegarem de Cintra, os noivos foram imediatamente a casa da viscondessa.

— Pobre maná! exclamou Carmo á entrada. Já sei que está aflitissima! Ai! Ela não está má [illegible]

— Como, [illegible]?

— Como melhor! Melhor da doença que a conserva de cama ha dois dias.

— Mas tua irmã está perfeitamente, meu anjo! respondeu [illegible] com a mais sincera expressão de quem ouve uma novidade. Escuta! Não ouves o piano? Não a conheces nesta valsa? Quem pode haver-te dado semelhante ideia?

(Continua)

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

Perguntas insoluveis de toda a especie:

Onde estará «guardada» a serpente do cavalo do sr. D. José I ?

N.º 4098 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Redacção e Administração — R. do Norte, 5 | LISBOA — Quarta-feira, 7 de Junho de 1922 | Telefone n. 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

Coisas nossas

Ha anos, quando se declarou a primeira greve dos operarios da Companhia das Aguas, sujeitando a população de Lisboa aos tormentos da séde, a Companhia mandou os seus engenheiros reparar as avarias que os grevistas intencionalmente haviam realizado nas maquinas do reservatorio dos Barbadinhos. Os engenheiros viram, observaram, meteram mãos á obra, e não conseguiram pôr as maquinas a funcionar. Que provou isto? Que os engenheiros não sabiam do seu oficio. Entretanto, passado tempos, dando-se nova greve operaria, e verificando-se avarias da mesma natureza, produtor de manifestos actos de sabotage, os engenheiros já souberam encontrar-lhes remedio, e as maquinas funcionaram. Que quer isto dizer? Quer dizer que tinham aprendido, e o que primeiro fôra considerado impossivel tornou-se depois manifestamente possivel.

A incapacidade mora paredes meias com a rotina. Por isso mesmo a vida reclama hoje de todos os que trabalham um espirito sempre vivo, inquieto, perscrutador, inventivo. Na multidão de situações diversas que a complicada engrenagem da existencia social, nos nossos eras, cria e multiplica, é preciso, para assim dizer, acudir a cada caso especial. Do contrario corre-se o risco de estabelecer a confusão, ferindo-se interesses legitimos, paralisando-se serviços necessarios, e dando-se assim a impressão dum desprezo ou duma incuria que, sendo violentos não só por essa violencia se tornam intoleraveis porque atestam, ainda por cima, falta de zelo e de inteligencia.

Temos debaixo dos olhos um exemplo dos prejuizos que pode causar uma tal falta de criterio, se criterio se lhe pode chamar. Anda-se tratando agora de instalar o cabo que deve fornecer ao Bairro Alto a eletricidade necessaria, tanto para efeitos de iluminação, como para força motriz. Escavou-se o solo, remexe-se revolve-se tudo, e entretanto corta-se a electricidade nos predios onde já existia, como por exemplo naquele em que se encontram instalados os nossos escritorios e oficinas. Não se calculam os transtornos, as dificuldades, os prejuizos que essas interrupções nos acarretam. São a todo o momento, mas muito especialmente no momento em que a elaboração do jornal está no seu auge. Constituem o nosso martirio; lesam consideravelmente os nossos interesses.

E' preciso saber que ha maquinas que só podem ser acionadas pela electricidade, e quem tem essas maquinas não as tem para divertimento ou luxo. Elas são o nervo de certas industrias, e quanto a iluminação em pleno dia só quem não sabe as condições em que muitas casas de Lisboa se encontram é que poderá extranhar que a luz electrica não possa ser dispensada, para determinados trabalhos nem uma hora por dia.

E contudo esta situação prolonga-se. Todos os dias sentimos estas faltas; todos os dias interrupções destas correntes vêem prejudicar gravemente os nossos interesses. Observações, reclamações, protestos, de nada servem! Não só não seremos indemnisados como não somos escutados.

Mas perguntamos: não haverá maneira de evitar que esses prejuizos ocorram? Os tecnicos que dirigem trabalhos desta especie ainda não acertaram nestes inconvenientes? Será impossivel providenciar de maneira que, não prejudicando as obras que se executam, não sejam lesados interesses absolutamente legitimos?

Não se poderão estabelecer certas ligações suplementares que sirvam determinadas zonas? E se isto não se faz, é porque não se quer fazer, ou é porque ainda não se aprendeu a fazê-lo?

No primeiro caso estariamos em presença dum procedimento revoltante. No segundo, verificar-se ia uma incompetencia manifesta. Em qualquer dos casos, porem, o que não sofre duvida é que se trata duma situação intoleravel, dessas situações que é um dever remediar, e não agravar, ou mesmo simplesmente manter.

A situação na Irlanda

Uma reunião importante

LONDRES, 7.—São hoje esperados nesta cidade o sr. Griffith e os seus colegas com o projecto de constituição revisto para ser estudado pelo governo inglez.

Por causa da ausencia do chefe do governo será o sr. Churchill que presidirá á reunião que deve ter logar no Ministerio das Colonias.

O comandante da policia de Londonderry proibiu terminantemente a exportação para Donegal por terra ou por mar de generos alimenticios, combustivel e mercadorias.—(R.)

BOLAS DE SABÃO

Os pratos do dia com môlho á Ponson du Terrail

"Trémolo„ na orquestra e frases altisonantes a proposito dos telegramas exátos -:- -:- da Agencia Latino-Americana -:- -:-

Apareceram ultimamente e inopinadamente em certos jornais da imprensa de Lisboa varios artigos que frizam á evidencia o mesmo fim e têm por objectivo aparente lançar animosidades e suspeições contra uma das principais agencias de publicidade existentes entre nós.

Trata-se do caso dos telegramas enviados das Africas Oriental e Ocidental á agencia de publicações Latino-Americana referindo-se ás negociações do Convenio Luso-Transvaliano e a poblemas de navegação na costa de Angola, em que o sr. Norton de Matos tivesse tido interferencia.

O que é facto positivo e concreto é que o sr. ministro das Colonias, tendo ha dias declarado que se lhe afigurava suspeita a proveniencia, a origem e a boa fé dos telegramas que acima mencionamos, se encontrava no dever de averiguar quer da proveniencia, quer da autenticidade dêles. Terá já, inclusivamente, tido tempo de telegrafar para qualquer dos dois Altos Comissarios e de receber dêstas duas entidades uma resposta que lhe permitisse fazer declarações mais concretas e que de todo o ponto ilibassem uma organização que tem, acima de tudo, a necessidade e o dever de ser sempre extremamente correcta. O sr. Rodrigues Gaspar não fez, infelizmente, neste assunto, uma afirmação clara e positiva. Falou em falsificações de telegramas, em inexactidão de informações e, peor, na falta de noticias que sobre êste caso tem o Governo.

Sobre êste ultimo ponto não vemos que haja nenhuma duvida. Que o Governo carece absolutamente de noticias sobre todos os problemas que lá fóra se discutem e que interessam até a propria estructura da nossa nacionalidade, — é êsse um facto incontestavel e que a todos os momentos tem provado pela forma abundante é repetida com que afirma não saber de coisa alguma. Está bem. Mas que o mesmo Governo lance o descredito ou tente lançá-lo sobre a Agencia Latino-Americana, falando em telegramas apocrifos e em afirmações destituidas de fundamento, dando-lhe um caracter malevolo, isso é que não está bem. Pode o Governo afirmar que a materia que constitue a noticia dos telegramas é absolutamente infundada? Pode o Governo provar que o telegrama não foi expedido? Não pode, aliás já o teria feito. Logo, a logica mais elementar aconselha a perfilhar a ideia de que de facto se pretende dar a esta questão um aspecto e uma gravidade que ela realmente não tem.

Partindo dêste conceito, certo numero de jornais encetou uma campanha, cuja inconsistencia é manifesta e que ainda não produziu um só argumento atendivel e capaz de robustecer a hipotese verdadeiramente mirabolante da crime de lesa-patria. E o que se torna essencialmente notavel, é que o numero daqueles que tomam a nuvem por Juno é exclusivamente composto pelos que exaltaram, defenderam e aconselharam o miserrimo contracto dos 50 milhões de dollars, que êsse, sim, era um crime de lesa-patria, pelas fraudes imensas que envolvia, constituindo na realidade uma manobra de baixistas. Beneficiando interesses inconfessaveis, agenciando beneficios de toda a especie, os promotores dêsse nefasto *bluff* encontraram em parte da imprensa apoio, louvor e incentivo; e, entretanto, essa é que era uma verdadeira e deploravel manobra de *baixistas*. Mas, como se dá o caso de uma agencia receber e transmitir aos jornais, juntamente com outros de menor interesse, telegramas que podem não agradar a uma manifesta politica de silencio, mas que nem por isso deixam de ser matematicamente exactos, logo se pretende, sem o menor fundamento, lançar sobre o caso suspeições que nem mesmo chegam a ser ofensivas, porque não têm o mais ligeiro gume por onde possam ser discutidas. E revestiram-se mesmo os factos com uma pomposa gravidade, tratando-se de uma agencia que não é oficial, que não é mesmo oficiosa e que tem incontestavelmente prestado relevantes serviços a êste e a outros Governos na sua propaganda de Portugal no estrangeiro.

Manifestamente se pretende, com coisas minusculas, desviar a atenção dos grandes problemas. No Ministerio respectivo e em alguns jornais, transformam-se e ampliam-se estas bolas de sabão, para que se extingam num silencio propicio os casos vitais que se debatem: as propostas de finanças, que vão arrancar o resto da pele á todos os portugueses e as leis do inquilinato, que vão rapar o resto do dinheiro a todos os inquilinos. Onde se discutem essas coisas? Onde se debatem êsses assuntos? Onde se pensa nessas importantissimas questões? Em parte alguma. Ha organismos que discutem a viabilidade e a autenticidade de telegramas exactissimos e que ainda ninguem desmentiu — mas não ha agremiações, seja qual fôr a sua natureza, que protestem, se indignem e pugnem pelo que é indispensavel interessar e defender. Sempre o silencio. O silencio sempre! E, como a opinião publica se enerva e reclama e quer saber, porque lhe assiste o direito de saber, serve-se-lhe uma historia á Ponson du Terrail com telegramas limpidos, que passam a ser tenebrosos e crimes de lesa-patria, que fazem encolher os ombros a toda a gente.

Os Poderes constituidos querem, de facto, o silencio sobre aquilo em que o julguem necessario, servindo ao publico *mayoneses* com mau azeite. Assim se trata de pretendidas manobras de baixistas, para que pinguem em sepulcral escuridão as propostas de finanças. E assim, a Associação dos Lojistas, esquecendo-se da lei do inquilinato, se entretem em coisas mais urgentes erguendo para o dia de Camões melancolicos pausinhos pelas praças publicas e afixando pelas esquinas cartazes que ridicularizam o épico. Que a indiferença e a desatenção gerais se entretenham com estas coisas, é muito possivel. Mas ainda ha gente acordada, gente com sangue e nervos que protesta contra inepcias que mascaram factos importantes e infantilidades que escondem a tremenda realidade da vida de cada dia.

A situação em Macau

O que dizem os viajantes recemvindos

Varios passageiros recem-chegados de Macau, embora de lá tenham saido muito antes dos acontecimentos recentes naquela provincia, dão, nas suas informações gerais, algumas impressões do estado de absoluta anarquia daquela colonia.

Os chineses encontram-se num periodo de efervescencia, que não tem sido possivel acalmar. Por qualquer incidente minimo de rua, corre-se o risco de desenvolver-se um conflito de que sempre se desconhece a amplitude, porque todos os elementos de desordem aproveitam imediatamente todos os pretextos para a fomentar.

A questão, que, desde ha muito, causa descontentamento entre os chins e portugueses, sobre a delimitação de fronteiras, entrou agora num periodo mais agudo, supondo-se que, de um instante para o outro, possa tomar um aspecto mais grave.

O embaixador da Russia nos Estados Unidos

Vae deixar de ser reconhecido nos Estados Unidos

WASHINGTON, 7.—O ministerio dos negocios estrangeiros notificou o governo dos soviets que a partir de 30 deste mez deixará de reconhecer como embaixador da Russia o sr. Bakhumtieff, que foi nomeado em 1917 por Kerensky.—(R.)

Os desempregados no Canadá

Reclamam junto do primeiro ministro do Dominio

OTTAWA, 7.—O primeiro ministro prometeu atender as reclamações que lhe foram apresentadas pelos desempregados que tinham vindo num grande cortejo desde Hamilton protestar contra a falta de assistencia do Estado, a qual lhe tinha sido prometida.—(R.)

Exposição do Rio de Janeiro

O Governo resolveu-se, finalmente, a pedir novo credito ao Parlamento — Mais vale tarde que nunca!..

Noticiam os jornais da manhã que foi enviada á mesa do Senado a proposta de lei reforçando com 4.100 contos a dotação da secção portugueza na Exposição Internacional do Rio de Janeiro. A proposta foi para a comissão respectiva. Quando será, porem, desentranhado o respectivo parecer, habilitando o Parlamento a resolver tão urgente assunto?...

Diga-se o que se disser, a verdade é esta: o exito da representação portugueza está já seriamente comprometido. Contra a inercia governamental teem lutado, diariamente, o Comissariado Geral e a Comissão de Assistencia. Tudo quanto estes organismos podiam ter feito, fez-se. Construiram-se os pavilhões, lançou-se apelo aos expositores, que acabaram por se inscrever em grande numero, cimentaram-se no Rio de Janeiro os fundamentos onde hão-de assentar as construções, etc., etc. Mas, depois disso, parou tudo!

O «Pedro Nunes», aparelhado completamente para o transporte da ossatura dos pavilhões e das amostras, continua imobilisado no Tejo, sem se saber, ao certo, porquê e para quê; os pavilhões estão na Alfandega, amontoados no cais, á espera de serem transportados para os porões do «Pedro Nunes» e, entretanto, sofrendo a ação do tempo que, felizmente, não tem sido ingrato para a conservação do ferro com que os pavilhões foram trabalhados; as amostras destinadas á secção portugueza da Exposição estão amontadas nos armazens...

Agora temos o pedido de credito. Permita o seu elemento que sobre ele não durmam os legisladores e que, em breve espaço de tempo, o Parlamento resolva habilitar o Comissariado e a comissão de Assistencia a concluirem a missão patriotica a que tão devotadamente se dedicaram. Mais vale tarde que nunca. Porque, se é certo que ha já prejuizos irremediaveis, tambem não deixa de ser verdade que cada minuto de demora a maior desvantagem e até vergonhas arrastará a nacionalidade.

O numero da Primavera

O «numero da Primavera» publicado recentemente pelo nosso colega "Diario de Noticias„ constituiu em verdade um acontecimento notavel como de resto não podia deixar de o ser, sendo dirigido pelo notavel homem de letras que é Manuel de Souza Pinto. Com efeito o "numero da Primavera„ pode abertamente rivalisar com os seus similares publicados pelos grandes jornais estrangeiros. A magnifica colaboração de que vem recheado transformou-o mais num interessantissimo «magazine» do que num numero de propaganda. E' o criterio dum homem de letras muito distinto que preencheu na confecção deste numero excecional que debaixo de todos os pontos de vista é digno da atenção da critica.

O «S. Paulo» de Rubens

Evadiu-se do museu imperial de Stuttgart

STUTTGART, 6.—Uns desconhecidos roubaram durante a noite o celebre quadro de Rembrandt — S. Paulo na prisão — que é avaliado em cinco milhões de marcos.—(H).

Uma mina fluctuante

nas costas de Portugal

O capitão do vapor francez «Gaulois», sr. Magnour, declarou ter encontrado na viagem de Bordeus para o Porto uma mina fluctuante, na posição aproximada de: 44º,21, N.; longitude, 6º,19, O.

Um chásophobo

Que esqueceu os chineses nas suas tremendas conclusões

LONDRES, 7.— O professor Jony de Dublin enviou uma carta ao «Times» em que expunha a sua opinião de que o abuso do chá provocava o cancro. Interrogado acerca desta opinião sir Charles Ryoll celebre cirurgião inglez disse que os russos e os chineses grandes bebedores de chá não estão mais expostos do que os hobitantes dos outros paizes aos estragos produzidos por essa doença.—(R).

O RAID LISBOA-BRAZIL

O sr. ministro da Marinha enviou hoje ao comandante Sacadura o seguinte telegrama:

"Comandante Sacadura—Cruzador "Republica".—Pernambuco. Concluida travessia Atlantico, felicito-os calorosamente nome Marinha optimos resultados e ensinamentos colhidos. Podem ter Lusitanos orgulho haverem projectado e realisado uma das mais belas obras em proveito da sciencia e humanidade".

Tambem enviou ao comandante do cruzador "Republica" o seguinte telegrama:

"Agradeço felicitações enviadas sendo-me grato reconhecer valiosa colaboração pessoal cruzador bom exito travessia realisada".

O cruzador "Carvalho Araujo" deve ter chegado hoje á Bahia, onde aguardará o "Fairey 17", a fim de lhe dar assistencia.

Os aviadores, como se sabe, partem amanhã de Pernambuco para a Bahia e após a largada, o cruzador "Republica" seguirá para Victoria.

Os aviadores devem regressar do Rio de Janeiro a bordo de um dos cruzadores, provavelmente o "Republica".

O governo tem recebido varios telegramas de saudação pela chegada a Pernambuco dos ilustres aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral e dando lhe conta das muitas manifestações que se teem realisado na provincia por aquele motivo.

Onde pára a serpente?

Tivemos, pelo fim da tarde, a visita espavorida de um nosso leitor, que nos veiu pedir noticias da serpente que ha perto de 170 anos se deixa complacentemente esmagar pelos cascos do cavalo de D. José, no Terreiro do Paço. Havia lá, com efeito, uma serpente em bronze, mas o que é facto é que êste inofensivo ofideo foi veranear para outro sitio. Não nos admiraremos que algum notavel colecionador de metais a tenha ido lá buscar, mas, como é natural, que para isso se tivesse servido de algum material, escadas, martelos e chaves de parafusos, não será, talvez, indiscrição demasiada perguntar á respeitavel policia se já ouviu falar no rapto dêste estimavel reptil.

Esta é uma hipotese. Pode tambem ter-se dado o caso da ilustre vereação ter embirrado com a serpente; realmente, a sujeição permanente dêste bicho a um cavalo realengo, embora de bronze, torna-se repugnante. Em todo o caso, seria talvez interessante saber onde pára a serpente.

D. Virginia Quaresma

A sr.ª D. Virginia Quaresma, directora da Agencia Latino-Americana, que, inquestionavelmente, tem prestado á propaganda de Portugal no estrangeiro assinalados serviços, tem sido entrevistada pelos redactores de jornais de todas as côres politicas a proposito do incidente criado por um telegrama e a que, em outro logar, nos referimos.

A todos êsses redactores tem D. Virginia Quaresma explicado simplesmente que aguarda que os acontecimentos fundamentem o telegrama em questão e que mais uma vez se reconheça até que ponto tem sido util a Portugal a iniciativa e a orientação da Agencia Latino-Americana.

Dos 400.000 tuberculosos

Que regista a estatistica nacional, ha já muitos milhares que devem melhoras consideraveis á «Fibrocalcina», que é duplamente economica, no seu custo e nos seus efeitos rapidos. Depositario exclusivo Raul Vieira L.da, R. da Prata, 51.

Os hotentotes revoltados

Dão que fazer á policia da União Sul-Africana

CIDADE DO CABO, 7. — Tem havido frequentes combates perto do rio Orangé entre os hotentotes revoltados e as forças do protetorado de sudoeste tendo os primeiro sofrido muitas baixas entre as quais 50 mortos.—(R)

NO BRASIL

Eleição á Presidencia da Republica

Um minuto doloroso na politica brasileira — Deposição e reposição do Presidente do Estado do Maranhão — Agitação e tumultos noutros pontos do Brasil — Aproxima-se o momento decisivo

Temos noticiado que a politica brasileira atravessa um periodo de crise acerba, graças ás lutas ocasionadas pela eleição á Presidencia da Republica. Apareceram, como é sabido, dois candidatos, um protegido pela situação dominante e outro, de oposição, denominado candidato da Reação Republicana.

Feitas as eleições, ambos os candidatos se disseram vencedores no pleito: os situacionistas deram vencimento de causa ao dr. Artur Bernardes e a Reação Republicana apregoou, pela sua imprensa, que triunfara o dr. Nilo Peçanha. Parece, pela leitura dos jornais brasileiros, que a candidatura do dr. Nilo Peçanha era, realmente, favorecida pela opinião publica; mas é de crêr que a pressão oficial tenha conseguido, efectivamente, levar ás urnas um numero maior de votos. Seja como fôr, a Reação Republicana propoz que as duvidas fossem resolvidas por um tribunal de Arbitramento. Esse tribunal seria assim constituido:

Um juiz do Supremo Tribunal Federal; um representante de cada candidato; dois senadores e dois deputados federais filiados na Reação Republicana; dois senadores e dois deputados federais do partido situacionista; um senador e um deputado sorteados.

Como se vê o Tribunal compor-se-hia de treze membros, ficando habilitado a resolver definitivamente o pleito, por maioria relativa.

A proposta foi regeitada e os senadores e deputados que apoiaram o sr. Nilo Peçanha abandonaram, acto continuo, o Congresso, desinteressando-se do apuramento final da eleição presidencial.

A eleição para a presidencia da Republica faz-se por sufragio directo e universal; o apuramento é realisado, porem, pelo Congresso da Republica. Segue-se, pois, que a verdadeira eleição é realisada pela reunião conjunta de deputados e senadores, não podendo deixar de ser favoravel ao sr. Sr. Artur Bernardes, visto que a maioria da representação nacional se pronunciou já a seu favor. E' certo, todavia, que o abandono do Congresso pelos parlamentares amigos do sr. Nilo Peçanha diminuirá singularmente a autoridade moral o Congresso para efeito do apuramento final da eleição presidencial.

Por outro lado, a opinião publica e, o que é mais grave, a vontade das forças armadas da Republica, tem-se manifestado a favor do sr. Nilo Peçanha,—e com uma tal veemencia que as autoridades civis demonstram apreensões frequentes quanto á estabilidade da ordem publica. O dr. Artur Bernardes foi mesmo acusado de ter escrito uma carta insultuosa para o Exercito, levantando-se, a proposito, uma campanha pela imprensa e pelo comicio, que profundamente apaixonou camadas diversas da sociedade brasileira.

A agitação dos espiritos irradiou do Rio de Janeiro para alguns Estados da União, produzindo-se tumultos graves, mais ou menos sufocados com a intervenção do governo federal. Foi assim que no Estado do Maranhão um movimento revolucionario depoz o governo; nos Estados do Ceará e do Espirito Santo registaram-se tumultos populares, com mortos e feridos; em Goyaz, na cidade de S. José do Duro, os populares insurreccionados mataram um soldado da policia estadual e feriram outros; e, finalmente, no Estado de Santa Catarina factos anormais tambem se passaram, se bem que não seja possivel reconstitui-los pelo noticiario escasso dos jornais fluminenses.

As desordens foram como dissemos facilmente sufocadas pelas forças militares que a União poz em acção: o Presidente do Estado do Maranhão foi reposto no seu logar e a tranquilidade restabeleceu-se nos outros pontos do Brasil, pelo menos aparentemente e á data das ultimas noticias.

Aproxima-se o momento decisivo. O falecimento prematuro do dr. Urbano dos Santos, que foi o candidato á vice-presidencia da Republica apoiado, conjuntamente com o dr. Artur Bernardes, parecia dever facilitar um acordo com os amigos do sr. Nilo Peçanha, dando vencimento eleitoral ao sr. J. J. Seabra, presidente do Estado da Baía e candidato, com o sr. Nilo Peçanha, á vice-presidencia da Republica. Parece que não aconteceu assim. As paixões continuam a degladiar-se. O apuramento da eleição pelo Congresso deve estar a fazer-se, porque o prazo é que em 15 de novembro do ano corrente os eleitos apurados pelo Congresso tomem posse. Se, até ao apuramento, não se chegar a acordo, não é despropósito prever que a luta extravasará para as ruas e para os sertões, resolvendo-se, á custa de muito sangue e enormes prejuizos materiais, a crise politica que vem afligindo o Brasil.

E' de supor, todavia, que a dedicação patriotica de todos os brasileiros consiga evitar a intromissão da força brutal das armas num pleito onde só é legitimo intervir a vontade nacional expressa pelas urnas eleitorais.

A Associação Cristã dos Moços

No Rio de Janeiro habita esta associação cristã que provavelmente esquecida dos ditames que lhe impõe o seu rotulo se entretem numa campanha nativista em que os portuguezes são habitualmente fulminados com golpes de oratoria. Estes moços produzem diariamente o seu forte na séde da associação vociferando diatribes de toda a especie em que ha bastante odio e pelo visto nenhum amor ao proximo, cousa notavel tratando-se do moços cristãos!

A conferencia de Haya

leva o caminho de continuar como a de Genova

PARIS, 6. — A Agencia Havas declara que o governo francês se pronunciará quanto antes acerca da sua participação na conferencia de Haia. Provavelmente a França far-se-ha representar por peritos financeiros e economicos na reunião preliminar que se deve realisar de 15 a 25 do corrente entre os aliados e os neutros, com exclusão dos soviets; a França, todavia, não continuará a tomar parte no seguimento da discussão com os russos se verificar que naquela reunião se não observam as condições do memorandum de 1/6, que considera indispensavel o exito das novas negociações.

...mesmo com os delegados da Belgica

PARIS, 7. — Os delegados da Belgica a conferencia da Haya serão os srs. Theunis, Jaspar, Cattier e Jalupin. O sr. Wittmeur acompanha-los-ha.—(R).

A delicia de viver na Irlanda

Durante a noite ha fuzilaria em Belfast

BELFAST, 6.—Na segunda-feira á noite as balas penetraram no Hospital Catolico de N. S. da Misericordia partindo grande numero de vidros e causando grandes prejuizos materiais.

A fuzilaria que precedia aparentemente do fogo dirigido contra a prisão durou 15 minutos e provocou o terror entre os doentes.—(H).

... e desembarcam contingentes ingleses

LONDRES, 7.—Desembarcaram em Belfast varios contingentes de tropas inglesas que ocuparam varias cidades da fronteira ameaçadas pelos sinnfeiners.

Teem-se descoberto varios depositos de armas nos bairros de Belfast onde predominam os catolicos.—(R).

A doença de Lenine

Está averiguado que o ilustre bolchevista é imortal ...

MOSCOU, 7.—O «Vestnik» orgão oficioso de Lenine diz que depois da grave crise provocada pela gastro-enterite o doente está em via de restabelecimento.—(H).

... apesar de se afirmar que está paralitico

BERLIM, 7.—Lenine foi atacado de paralisia parcial depois da operação que lhe foi feita por um cirurgião alemão para a extracção duma bala de revolver que se tinha alojado no pescoço do chefe bolchevista. Esta operação foi muito delicada porque se tinha formado um kisto junto da carotida.—(R).

Egualdade economica e socialisação da riquesa

Os principios teoricos de Karl Marx em face da dura realidade das coisas

Desde Karl Marx, ahi por pouco anis do meado do seculo findo, andam os socialistas a proclamar a egualdade economica. Querem a socialização das riquezas, da sciencia e da autoridade. E o que é socializar? — Socializar, dizem êles, significa que as sociedades se devem engrandecer com o esforço material e intelectual de todos os individuos, com proveito de todos, o sentido da felicidade geral, suprimindo os privilegios e os exclusivismos de toda a ordem.

Mas ao mesmo tempo que os socialistas afirmam êste principio teorico, querem a maxima expansão do individuo, claro é, que dentro do respeito ao direito dos outros. Seria uma injustiça que o individuo, possuindo certas faculdades herdadas *ab eterno*, chegasse a um ponto historico da sua evolução, e houvesse quem lhe proibisse o exercicio delas. — «Ora, essa! — responderia o individuo. Então Deus, quando fez o mundo, deu-me a inteligencia, a vontade, a energia, tôdas as qualidades pelas quais hei de vencer a natureza ruta; eu sinto-me disposto para a luta, isto é, para trabalhar com os recursos que Deus me deu, para sofrer, para amar e para gozar — e vós vindes dizer-me que não devo usar das vantagens que constituem o meu proprio ser individual?

Os socialistas sentiram esta razão suprema e disseram: — «Não; o homem não deve deixar de se expandir, mas, dentro do respeito devido aos outros homens, êle tem o dever de socializar as riquezas, a sciencia e a autoridade!»

Isto quere dizer que o homem ha de ser, ao mesmo tempo, socialista e individualista, uma contradicção, um ilogismo, um absurdo. Quem diz socialização economica, diz abdicação dos beneficios da liberdade; e quem diz expansão do individuo, proclama com toda a veemencia a negação da autoridade alheia. Vamos! Seria muito bom que em vez de se fazer esta filosofia incongruente, se principiasse, por exemplo, pela defesa do trabalho individual, reclamando a abolição da lei das oito horas. Pois quem é que, dentro da justiça, pode tolher ao individuo o direito de trabalhar durante o tempo que as suas forças lho permitam? O homem que traça estas linhas tem trabalhado duas e três semanas seguidas, dezoito horas por dia, dando ao sono e ás refeições a parte restante na marcação do relogio. Não é por prazer: é pela necessidade que o obriga. Se o paiz fosse bem administrado, talvez não se produzissem anomalias como esta. Mas produzem-se. Porquê? Porque o individualismo é a lei da vida, é o principio incontroverso da ordem familial, social e mundial. Preguntem a um parisiense, a um fellah, a um zulu ou a um hotocudo, se consente em regrar a sua liberdade economica pela opinião de qualquer outro individuo, mesmo quando êste lhe ofereça as melhores garantias de seriedade. — «Não; — dirá o homem civilizado e o homem barbaro — nós não damos licença a ninguem para nos vir impôr a sua vontade ou as suas ideias. Procedemos como entendemos; e, se procedermos mal, não vamos pedir reparações, porque a consciencia nos diz que o êrro é nosso!»

Tão clara é esta doutrina, que parece impossivel haver quem adopte a sua contraria. Até na vida social comum a todos os homens; nesta vida colectiva em que somos forçados a coexistir por virtude da nossa propria natureza, como as formigas, as abelhas e os rebanhos, nós insistimos em ser individualistas. Venham propor-nos uma sociedade sem garantias; venham dizer-nos que os nossos bens estão mais seguros nas mãos alheias; venham aconselhar-nos a pôr as nossas economias sob a tutela dos governos — isso sim! Se os governos são bons, honestos, progressivos, respeitadores dos interesses da patria, — vamos lá! — concederemos uma parte do que nos sobra na compra de inscrições. Vamos lá!

O dinheiro português, oiro, que tem emigrado para França, Espanha, Inglaterra e Estados Unidos, pode calcular-se, aliás sem exactidão, nuns 80 ou 100.000 contos. Que admira? Ele não é barro, não se adquire a brincar, não se encontra a cada canto. Arrecadá-lo, defendê-lo, escondê-lo é um dever nas épocas em que as proprias instituições o cobiçam. E qual é o principio doutrinario que projecta o ouro português para fora do paiz, confiando mais nos estranhos do que nos nossos compatriotas? E' o individualismo.

Bibliotecas Escolares

Em regra, no nosso paiz, o aluno quando sae da escola, depois de haver terminado os seus estudos, assemelha-se um pouco a um cavalo — perdoem a comparação — quando sae do picadeiro.

Nem olha para traz, o que quere é libertar-se, fugir para longe dessa casa de tortura, onde durante alguns anos sofreu pacientemente os desmandos de todos nós.

Julgo que não exagero, quando chamo casa de tortura a um tugurio de alguns metros quadrados de superficie, onde se amontoam dezenas de crianças, sem ar nem luz, chovendo-lhe como na rua e tendo como mobiliario, algumas carteiras corridas, á pai Adão, verdadeiros pôtros que deformam horrivelmente.

O instinto de conservação obriga a mocidade portuguesa a fugir dêsse inferno e só o recorda com arrepios.

Se a escola do povo fosse o que devia ser, nunca me cansarei de dizê-lo, teriamos nela o mais precioso elemento para o engrandecimento de Portugal.

Se em cada escola existisse uma biblioteca, onde abundassem livros que fossem fontes de conhecimentos praticos — que os temos dos melhores — que os alunos levassem para suas casas, lendo e espalhando êsses conhecimentos pela familia, as nossas populações rurais teriam nitidas e lucrativas noções sobre a sua faina quotidiana e manejariam proficientemente a economia rural que é a base fundamental da riqueza de uma nação.

Os livros admiraveis do sr. Mota Prego seriam lidos com avidez e aproveitados os seus ensinamentos; os manuais de artes e oficios da *Biblioteca de Instrução Profissional* andariam de mão em mão, contribuindo eficazmente para o progresso das industrias, quasi primitivas nas nossas aldeias.

A aquisição de alguns livrinhos desta natureza, cuidadosamente escolhidos e distribuidos, não seria problema tão dificil que um respeitabilissimo ministro o não resolvesse em meia duzia de dias e ficaria sendo, talvez, a melhor obra da sua fugaz carreira ministerial.

Com a milesima parte do dinheiro que se *enterrou* — deixem passar o termo — nos *Bairros Sociais* tinham-se adquirido alguns milhares de lanternas de projecção luminosa, que, distribuidas pelas escolas das aldeias, produziriam salutares efeitos.

Aos domingos, á noite, na escola, haveria *sessão de cinematografo*, e ali se juntariam homens, mulheres e crianças, na ansia de umas horas bem passadas, que, bem aproveitadas pelo *operador*, que seria o professor, seriam magnificas lições de arte, historia, arquitectura, botanica, zoologia, etc.

A projecção do Mosteiro da Batalha, por exemplo, daria motivo a que em linguagem simples fossem ministrados conhecimentos tambem muito simples de «arte medieval» e da vida desse grande rei que foi D. João I.

A figura grandiosa de «Mestre Afonso Domingues» seria apontada como simbolo da honra nacional, depois de explicada a historia da abobada da «Casa do Capitulo».

Os Jeronimos dariam tema para uma explicação rudimentar do «estilo manuelino» e da nossa Epopeia Maritima.

As figuras de Afonso de Albuquerque e D. João de Castro vê-las-hia o povo com religioso respeito depois de explicada a sua obra grandiosa na India.

A fauna e a flora das nossas colonias, os costumes dos seus habitantes dar-lhes-ia conhecimentos verdadeiros sobre as nossas riquesas dalem-mar, quasi que desafiando-os a empregarem ali a sua actividade, em vez de irem morrer de fome para o Brazil e para a America do Norte.

Isto tornaria o povo feliz e rico e ainda para aqueles que em longiquas paragens quisezem tentar fortuna, ou angariar os meios necessarios á vida que cá não encontrassem, proporcionar-lhe-ia um coeficiente de conhecimentos, que os emparelharia com os emigrantes estrangeiros, evitando assim, que o pobre emigrante portuguez desempenhasse unicamente funções de besta de carga.

Mas por mal dos nossos pecados, em vez de se mostrar e explicar ao povo coisas que fariam dele um factor da maxima importancia para o ressurgimento nacional, prefere-se patentear-lhe a todo o momento o magico «écran» da nossa vida politica, onde uma tenebrosa e rocambolesca fita se desenrola constantemente.

Os efectivos militares nos Estados Unidos

WASHINGTON, 7.—O senado votou o aumento dos efectivos do exercito de 115,000 para 131,000 homens.—R.

MUSICA

Realisou-se no domingo, 21 de maio no salão do Conservatorio, uma interessante audição de piano, para apresentação das discipulas da ilustre professora D. Adelia Heinz. Todas as alunas se portaram á altura dos creditos da distinta professora, executando com a maior correção todos os trechos proficientemente escolhidos, sendo muito dificil especialisar competencias.

Não podemos, porem, deixar de nos referir-mos especialmente ás alunas Maria Isaura Povia de Magalhães, Maria L. de Souza Dias, Victoria Fernandes, Maria Alice de Souza Dias, Maria Luiza de Castro Neves, Maria Laura do Carmo Almeida, Elsa Aguiar e Joaquina Amelia Salgueiro da Costa que, na primeira parte, se distinguiram, bem como as alunas Nerina de Souza Melo, Maria José Nunes, Belmira Coelho, Maria Sarmenho e Maria da Conceição Sá que nas segunda e terceira partes do programa tocaram com muito brilho e execução peças dificeis que agradaram sem reserva, sendo todas as executantes muito aplaudidas.

A sr.ª D. Adelia Heinz que foi tambem muito elogiada é digna dos maiores louvores pelo seu excelente metodo de ensino e competencia profissional sendo-nos grato registar todo o saber e cuidado que vem demonstrando de ano para ano criando verdadeiros artistas.

Maria Walcamp

«Nas garras do Dragão»

E' sempre bom prevenir o publico que os primeiros episodios deste incomparavel «film» de aventuras estão a sair do écran do Salão Central.

Não pôde a empresa demorá-los por mais tempo no seu programa, por ter de fazer a estreia dos seguintes, dos quais nos dizem maravilhas e que prometem assombrar o publico frequentador daquele elegante cinema, Maria Walcamp, a grande artista norte-americana, até hoje a primeira mulher que se abalançou a desempenhar o protagonista duma fita de aventuras, continua sendo o enlevo dos numerosos «habitués» do Central não só pelos seus dotes de formosura como pela sua arte e notavel intrepidez com que afronta os perigos que se lhe apresentam.

O 6.º episodio da surpreendente pelicula, estreado hoje, foi mais um enorme sucesso para a gloriosa actriz. Intitula-se «A prisioneira», podendo-se avaliar a serie de perigos a que se expõe e a enormidade de façanhas que pratica.

ESCOLA OFICINA N.º 1

A associação dos alunos desta escola, cujos fins educativos, altruistas, o progresso adiantados do ensino são de todos conhecidos, realisa no proximo dia 11 um espectaculo pelos seus socios ordinarios, com auxilio dos professores e á semelhança do que tem feito os outros anos. O custo pouco elevado dos bilhetes não deixará de atrair os numerosos amigos daquela instituição, cujas festas se notabelezam sempre pela novidade e pelo brilho. Escusado é dizer que a sua sede é no Largo da Graça 58.

Conferencia

A Direcção do Centro Republicano Radical 19 de Outubro com séde na R. de S. João da Praça 90 1.º convida todos os socios a assistirem amanhã 8 pelas 21 horas a uma conferencia sobre o «Problema financeiro» que realisa o sr. dr. Albino Vieira da Rocha, Lente da Faculdade de Direito e membro do Partido Republicano de Fomento Nacional.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque.	4 3[16 — 4 1[16
» 90 dias.	4 1[4 — —
Paris, cheque.	1100 — 12.6
Suissa, cheque.	2443 — 2510
Belgica, cheque	1073 — 1107
Italia, cheque.	665 — 685
Berlim, cheque.	43 — 48
Holanda, cheque.	4900 — 5100
Madrid, cheque	2014 — 2076
New-York, cheque	12700 — 13100
Brazil, cheque.	50 — 53
Austria, cheque.	1 — 3
Noruega, cheque	2329 — 2365
Suecia, cheque	3373 — 3425
Dinamarca, cheque	2845 — 2889
Libras	648000 — 668000

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

SESSÃO DIURNA

Continuam a marcar-se duas sessões diarias, que se arrastam com maior ou menor dificuldade. Para a sessão diurna de hoje estão marcados os debates ácerca do credito de 250 contos, pedido pelo Governo para custear as despezas de divulgação e consagração do «raid» Portugal-Brazil, e ácerca dos orçamentos ministeriais do Interior e dos Estrangeiros.

Emquanto se faz a chamada sentam-se nos seus logares o Chefe do Governo e o titular da pasta do Trabalho.

A sessão é aberta ás 15 horas e meia, com a presidencia do sr. Domingos Pereira e a presença de 61 deputados.

Duzia e meia de espectadores guarnecem o deserto das galerias publicas.

A proposito da acta o sr. deputado Joaquim de Oliveira retifica uma noticia jornalistica, segundo a qual o ilustre deputado pretendia entravar o andamento duma sindicancia á Irmandade de S. Bento da Porta Aberta. O sr. Joaquim de Oliveira diz que não, que quer justiça e mais nada.

A lei manda que o sindicante a Irmandade seja o Auditor administrativo; em vez dele nomeou-se um sindicante «adhoc». Contra isso é que o sr. Joaquim d'Oliveira protestou. Feita a rectificação, que nos foi pedida pelo ilustre parlamentar, consideramos liquidado o assunto, que não interessa senão á intriga eleiçoeira de que é centro a Irmandade de S. Bento da Porta Aberta. Em resumo: fica fechada a porta.

ANTES DA ORDEM

Discursa o sr. Nuno Simões, reatando as suas considerações acerca do credito de 250 contos para as despezas da divulgação e consagração do «raid» Portugal-Brazil.

Não combate intransigentemente a proposta mas insta com o sr. ministro dos Estrangeiros para que lhe diga como e em quê se vai empregar o dinheiro.

Emquanto o sr. Nuno Simões desenvolve o seu discurso, onde o sr. ministro dos Estrangeiros é levemente contundido, entremos no caminho da anecdota.

Entre os democraticos menos acomodaticios discute-se, com paixão, a politica intervencionista que o sr. Barros Queiroz pos em ação, empregando os seus bons oficios em resolver, com muita felicidade, o conflito aberto entre o sr. Almeida Ribeiro, «leader» democratico, e o sr. Portugal Durão, ministro das Finanças. Efectivamente deve-se á inteligente intromissão do sr. Barros Queiroz nos negocios internos do partido democratico o afastamento duma crise ministerial que esteve eminente. A actividade do sr. Barros Queiroz foi agradavel ao governo e aos liberais; mas os democraticos não deixam de salientar que a escora do sr. Barros Queiroz, tão claramente plantada no terreno do democratismo partidarista, é um pessimo exemplo e pode constituir um perigoso precedente. E' claro que tudo isto não passa duma tempestade em copo de agua, que não altera a boa harmonia que despoticamente se apoderou de todos os partidos republicanos nas suas relações com o Governo actual.

Responde ao sr. Nuno Simões o sr. Presidente do Ministerio. O Governo não pediu o credito de 250 contos para pagar despesas já feitas; é para outras, a fazer. O Governo pensa na divulgação e consagração do «raid», fazendo-se uma publicação para o que não é demais destinar 100 contos; outra verba destina-se a festejos publicos, quando os «raidmen» cheguem á Baía e ao Rio de Janeiro e essa berba não pode ser inferior a 50 contos; restam 100 contos que avolumarão a subscrição para um monumento.

A Camara resolva, porem, como entender, porque o Governo não faz questão politica do resultado final da votação.

Como dêsse a hora passa-se á

ORDEM DO DIA

que é a discussão do orçamento. O debate é iniciado, hoje, pelo sr. Pereira Bastos, que fica no uso da palavra á hora de fecharmos este relato.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio.
Secretarios os srs. Pessanha das Neves e Godinho do Amaral.
Acta aprovada por 32 senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. José Sequeira chama a atenção do sr. ministro do Trabalho para protestar contra o arrendamento por dez anos da igreja da Misericordia de Portalegre onde existem objectos de valor.

O sr. ministro do Trabalho promete estudar o assunto e tomar as devidas providencias.

O sr. Vasco Marques refere-se ao facto de o Hospital do Isolamento, antigo Lazareto de Gonçalo Ayres que tão relevantes serviços tem prestado sempre que uma epidemia visita o Funchal, ter sido invadido por um grande numero de pessoas que ali estabeleceram residencia, ocupando todas as casas, destruindo roupas e mobilias.

O sr. ministro do Trabalho promete mandar proceder a um inquerito a fim de apurar responsabilidades.

O sr. Souza Varela envia para a meza um projecto de lei autorisando o governo a mandar inscrever no orçamento do ministerio do Comercio a verba necessaria ao estudo e limpeza do rio Maior (Vale de Sant'Ana-Cartaxo) de forma a torna-lo navegavel, como já foi, até á quinta do Seabra, freguezia de S. João da Ribeira.

O sr. Aragão e Brito insiste mais uma vez pela comparencia do sr. ministro do Comercio afim de se ocupar das dividas dos T. M. E.

A sessão continua.

Em poucas linhas

Antonio Ferreira de Carvalho, rua Ferreira Lapa, 13, apresentou queixa na policia contra o seu visinho Marcelino da Conceição da mesma rua A. F. rez co chão, acusando-o de se recusar a entregar-lhe roupas que lhe pertencem e são avaliadas em 250 escudos.

—O sr. Governador Civil de Lisboa tendo recebido denuncia de que na sede do Centro Coronel Antonio Maria Baptista existiam bombas de dinamite ordenou que dois agentes da Policia de Segurança do Estado ali fossem passar uma busca.

Foram encontradas duas grandes bolas de ferro tendo-se verificado que se tratava de dois pesos duma prensa ou dum «balancé» e não de explosivos.

—A José Figueiredo de Matos, rua Penha de França, Vila Mariano Cardoso, 6, furtaram 7 pares de botas para homem e 7 pares de sapatos para senhora tudo no valor de 329 escudos.

—Foi preso José Pedro de Melo, travessa da Amoreira, 10, loja que furtou a quantia de 150 escudos a Augusto Ernesto da Silva, largo do Moinho Deus, 12, 1.º.

—O comandante do vapor inglez «City of Remis» podiu á policia a captura dos tripulantes Harvees Martyn, de cor, e James Cowluer que fugiram de bordo.

Um americano de numerosa prole

Concorre vantajosamente com os patriarchas da Biblia

NEW YORK, 7.—A setima mulher de Robert Baker, do Kentucky, de 74 anos, presenteou-o com o seu trigesimo terceiro filho.—(R)

A viagem de Afonso XIII

O rei é alvo duma recepção entusiastica em Barcelona

BARCELONA, 7.—O rei que veiu a esta cidade a fim de inaugurar a exposição de automoveis, foi alvo de uma recepção entusiastica, sendo constantemente ovacionado, tanto á sua chegada, como no percorrer a povoação de carruagem, sendo-lhe arremessadas muit as flores.

Num aerodromo inglez

Obtem-se a velocidade de 336 kilometros á hora

LONDRES, 7. — No aerodromo de Weddon um avião pilotado por J. H. Jomes atingiu a velocidade fantastica de 326 kilometros á hora. —(R).

A terra treme

WELLINGTON, 7.—No distrito de Taupo, na Nova Zelandia, teem-se sentido tremores de terra sucessivos desde nove de maio ultimo.—R.

Uma intriga de amôr

O caso está sendo apurado pela policia

Uma das secções da policia de investigação está tratando de pôr a claro um caso que segundo parece se relaciona com uma intriguinha amorosa e em que tiveram interferencia a governanta e duas creadas, uma delas de 14 anos, de um coronel do exercito.

Esse oficial que foi director de um dos mais importantes clubs de Lisboa tinha como colega na direção do referido club um individuo muito conhecido que foi quem hoje apresentou a queixa na policia e da qual resultaram as prisões mencionadas.

A creadinha de 14 anos segundo parece servia de intermediaria na entrega de umas cartas que o queixoso julga graves para a sua honra.

Repressão do jogo

O tenente Pio da policia civica que está actualmente substituindo o alferes sr. Lopes Soares na repressão do jogo, percorreu hoje de madrugada cosinho os varios clubs da capital onde havia suspeitas que se estivesse jogando.

O referido oficial passou minuciosas buscas a todos os clubs sendo demoradissima a visita ao Montanha na rua da Gloria onde tudo foi rigorosamente visto, inclusivamente os gabinetes da direcção e das senhoras, cosinha, mobiliario, etc.

O agente Gonçalves da policia de investigação acompanhado de todo o piquete em serviço no Governo Civil voltou ao romper do dia a passar buscas a todos os clubs nada encontrando de suspeito.

Ministro das Finanças

Conferenciaram ontem com o sr. ministro das finanças, os srs. Luis de Lencastre e Joaquim Pessôa, directores da Companhia dos Fosforos; dr. Baltazar Cabral e Henrique de Mendonça.

Raid Portugal-Brasil

O grande bôdo aos pobres

Ao gabinete do Governador Civil continuam afluindo importantes donativos para o grande bodo que vae ser distribuido aos pobres da capital. O chefe do distrito recebeu hoje mais as seguintes quantias:

Deputado sr. Marques Loureiro 10$00, Montepio Nacional 5 $00, Henriques Alcaras, chanceller do consulado da Argentina 25$00, Bernardino F.ºs & Ribeiro, 40$00, actriz Laura Costa, 50$00, das educandas do Asylo de Santo Antonio de Lisboa 20$00, Armindo do Carmo Viegas 25$00, Legação dos Estados Unidos de Venezuela 25$00.

A subscrição que fechou hoje em 38.571$28 deve amanhã sofrer um grande aumento devido á receita do sarau de ontem no Coliseu dos Recreios calculada por alto em 10.000 escudos. No gabinete do sr. Governador Civil são já recebidas as listas que foram distribuidas por varios pontos, aguardando o chefe do distrito que lhe seja enviada tambem a receita da imponente festa realisada ha dias no Monumental Club.

Conforme acima referimos as educandas do Asilo Santo Antonio subscreveram com 20 escudos para o bodo tendo ido hoje uma comissão de 6 alunas acompanhada de dois directores fazer entrega ao major sr. Viriato Lobo da referida importancia ou seja a percentagem que lhes cabe nos seus trabalhos de cartonagem e estojos.

O gesto das educandas foi muito apreciado pelo sr. Governador Civil que comovidamente agradeceu a lembrança das pequeninas.

No gabinete do sr. Governador Civil começaram já a dar entrada muitos requerimentos de pobres. Esses requerimentos teem de ser entregues nas esquadras das areas onde residam os requerentes com excepção dos pobres de Santos-o-Velho, Martyres, Conceição Nova, Pena, Ameixoeira e Santa Catharina cujas juntas de freguezia, teem auxiliado o chefe do distrito na sua bela iniciativa.

A tourada de amanhã em Algés

Está despertando um interesse fóra de vulgar a grande corrida de touros que amanhã se realisa na praça de Algés e cujo produto se destina a engrosser a subscrição para o bodo aos pobres da iniciativa do chefe do districto.

Serão lidados 10 touros, gentilmente cedidos pelo opulento lavrador sr. Posser de Andrade.

Cavaleiros da tarde são: Rufino da Costa, Ricardo Teixeira, Justiniano Gouveia, Simão da Veiga e Simão da Veiga Junior.

Prestam igualmente o seu brilhante concurso á corrida os aplaudidos bandarilheiros: Jorge Cadete, Tomas da Rocha, Luciano Moreira, Alfredo dos Santos, Custodio Domingos, Agostinho Coelho, Rodrigo Largo, e «Alfarero».

Espada da tarde é o valente «Alcalareno» que lidará a terros de palmo dois touros desembolados, sendo pelos nossos bandarilheiros lidados igualmente tres touros em pontas. O grupo de forcados é capitaneado pelo valente Chico Marujo. A banda de marinheiros executa um concerto popular antes da corrida.

O sr. encarregado de Negocios do Brasil está alimentando dificuldades á representação portugueza na Exposição

Supunhamos nós — e ainda acreditamos, apesar de tudo — que o governo do Brasil se empenha pelo menos tanto quanto o de Portugal, na representação portugueza na Exposição do Rio de Janeiro. Nessas condições não é despropósito admitir que as autoridades brasileiras em Lisboa facilitem a missão dos organisadores dessa representação. Dá-se, porem, absolutamente o contrario: a Embaixada do Brasil, adventiciamente gerida pelo sr. Belford Ramos, opõe, á iniciativa portugueza toda a especie de embaraços. Um exemplo recente servirá para o demonstrar.

O ministerio dos Estrangeiros passou, a favor dos operarios portuguezes que teem de trabalhar na secção da Exposição do Rio de Janeiro, os passaportes indispensaveis. Por mais deligencias que se tenham feito junto do sr. Belford Ramos não foi possivel obter os vistos legais. Apesar dos passaportes serem oficiais, o sr. Encarregado dos Negocios do Brasil exige os documentos suplementares mais disparatados.

As coisas chegaram a tal ponto que o ministerio dos Estrangeiros teve de recorrer directamente para Itamaraty, por intermedio, é claro, do nosso embaixador junto do Governo do Brasil.

A atitude do sr. Belford Ramos não é de estranhar, principalmente entre que conhecem os seus sentimentos com respeito á Republica e aos republicanos.

O sr. Encarregado dos Negocios do Brasil possuiu-se dum delirio de fidalguia, — e a tal excesso chegou a prosapia e taes dificuldades criou ao falecido e saudoso Fontoura Xavier que este ilustre diplomata se viu obrigado a indicar ao sr. Belford Ramos que não devia continuar a fazer da sede da Embaixada sua residencia particular. Não teremos duvida em contar a historia toda, se a tal formos convidados...

O que, naturalmente, se pode assegurar, desde já, é que o sr. Belford Ramos se sente imensamente mal entre republicanos, esquecendo-se frequentemente de que o Estado Portuguez é republicano e como tal reconhecido e acatado pelo Governo do Rio de Janeiro.

Temos tido, até agora, a paciencia de ir aturando as extravagancias aristocraticas do sr. Belford Ramos. Elas estão, porem, prejudicando os dois paizes irmãos e isso não pode ser, não convem que seja. Nem nos convem a nós nem ao Brasil. Mas pode convir ao sr. Belford Ramos, que parece empenhado em incompatibilisar-se comnosco, querendo talvez obter assim, indirectamente, uma ambicionada transferencia de posto.

O novo generalissimo grego

ATENAS, 8.—O general Hadjianesti foi nomeado comandante em chefe das tropas gregas na Asia Menor em substituição do general Papoulas.—R.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Em volta das nomeações para as vagas de societarios do nosso teatro Nacional, fez-se um silencio tumular. E, no entanto, é de urgencia que o caso se decida, sob pena de, quando iniciada a nova epoca, a casa de Garrett se nos apresentar, como até aqui, com um quadro incompleto de societarios e uma lista de escriturados, dos quais uma grande maioria, se não explica a sua permanencia naquele teatro. Na epoca que está prestes a findar, houve o argumento, verdadeiro ou não, de que havia que aceitar como bôa a herança deixada pelo sr. Galhardo! Tal alegação, porem, já não poderia ser aceite na futura epoca, mesmo para os que a aceitaram como boa agora, desconhecedores de que foi já na gerencia do sr. Augusto Pina que o actor Artur Duarte foi contratado e que, na «reprise» a fazer da peça «O condenado» de Afonso Gaio, foi preciso ir buscar ao Conservatorio uma figura que qualquer societaria se negaria a desempenhar e que, até a propria escriturada Maria Sampaio, segundo me informam, recusou por não estar á «altura da sua categoria». E' justamente com as categorias que é preciso acabar! Consta que o ministro da Instrução, segundo indicação do Comissario do Governo, mandou convocar o Conselho Teatral para se pronunciar sobre o valor dos concorrentes ás vagas existentes no Nacional.

Se assim é, andou o sr. ministro muito bem, relegando para um segundo plano as cartas de empenho e daqui lhe enviamos os nossos calorosos aplausos.

Quiz-se insinuar, segundo me informam, de que a «Capital», analisando tal assunto, tinha em mira uma campanha.

Aqui proclamamos bem alto, a não verdade do que é vil calunia, já porque este jornal não é useiro e vezeiro desses processos, já porque o signatario é, suficientemente independente e incapaz de pôr a sua pena ao serviço de causas que não sejam de absoluta justiça. Aguardemos, pois, que o Conselho Teatral se pronuncie e bom será que ele não deixe de emitir tambem opinião sobre a interpretação a dar á lei e estamos absolutamente convencidos de que tudo se fará não, ao melhor dos interesses em jogo, mas simplesmente como deve ser feito.

ALVARO LIMA

Noticiario

Estrangeiro

Consta que Fatty o conhecido comico do «film» será contractado na proxima epoca de inverno para o teatro Marigny, de Paris.

● Sacha Guitry e André Messager estão escrevendo uma opereta que será representada no teatro Eduardo VII no proximo inverno.

● O teatro de Verdura, do Pré-Catelan representará na segunda quinzena do mez corrente um acto em verso de J. B. Clenet, intitulado «Les cerises».

● No teatro des Arts obteve sucesso a peça de Maurice Dekobra «La perle de Chicago», tendo tambem agradado as novas peças do Grand-Guignol «Une nuit á Londres» e «La glorieuse incertitude».

Cartaz do dia

Teatro musicado

EDEN TEATRO — A's 9 — Companhia espanhola — «Alegria de la Huerta», «La Gran-Via» (estreia) e «El amigo Melquiades».

APOLO—A's 9,15—«Porto tantos de tal»

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«Carta anonima» e «Cavalgada nas Nuvens».

POLITEAMA—A's 9,30—«A menina virtuosa»

AVENIDA—A's 9,15—«A Maluquinha de Arroios».

CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».

SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparotes».

COLISEU DOS RECREIOS—A's 8,30—Animatografo e variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

O desmanchar da feira

Retiraram totalmente de Genova todas as delegações

A impressão é a mesma que se prova quando uma festa de arraial acaba e se apagam as luminarias: uma pequena impressão de frio e tristeza, acompanhada de um principio de desilusão.

Volta ao que eram antes o Palacio Real, Palacio Patrone e todas as diferentes sédes das delegações.

Todos aqueles automoveis de luxo que corriam pela cidade com o distinctivo da Conferencia, entram nas suas «garages», os destacamentos de policia e militares, vindos de varias provincias de Italia, reentram nos seus quarteis, e os hoteis, onde era dificilissimo apanhar um quarto, começam a esvaziar-se pouco a pouco com as partidas das diversas delegações estrangeiras; forasteiros, etc.

A Conferencia acabou.

Bastaram apenas vinte e quatro horas para desfazer aquilo que, febrilmente, levou quasi tres mezes a preparar.

Agora passemos aos resultados...

A Conferencia não teve aquele exito pleno e completo que se esperava; isto é, a entrada de negociações com a Russia; porém seria muito errado dizer, apezar d'isto não se ter podido conseguir, que a Conferencia tenha falhado completamente.

A cidade de Genova hospedou durante quarenta dias os representantes oficiais de 34 nações e os representantes da Imprensa de todo o mundo; hospedou-os com uma gentileza e finesa encantadora que, superou todas as previsões imaginaveis, deixando em todos uma impressão excelente do que realmente é e pode a Italia;

Para os italianos este resultado foi já um importantissimo fruto da Conferencia.

Em Genova examinaram-se e discutiram-se, durante seis semanas, todas as mais importantes questões politicas estrangeiras, e o publico pôde segui-las de perto e bem avaliar qual é a situação da Italia defronte dos grandes problemas internacionais.

Tambem isto não foi um pequeno resultado nem uma vantagem insignificante.

Finalmente, em Genova reuniu-se todo o mundo: pela primeira vez, depois da guerra, as nações vencidas se sentaram ao lado das vitoriosas; pela primeira vez ainda podémos ver cara a cara, os representantes da Russia dos «soviets», daquele bolchevismo que ha quatro anos a esta parte era o papão de toda a Europa.

Até isto foi util: o bolchevismo visto a olho nú perdeu todo o terrivel. O facto dos seus representantes, dos seus apostolos não terem vindo aqui para pedir dinheiro, foi uma prova do falimento do principio convertido em governo. Dinheiro, não sob a fórma de creditos aos industriaes, comerciantes, agricultores; mas dinheiro de governos burguezes a governo bolchevico, e não pouco: 3 biliões de rublos em oiro!! Em troca, o governo bolchevico oferecia a Russia a pedaços — petroleo, mineraes, minas de carvão e metaes—a quem mais desse. Não, um governo que só sabe concluir isto, tendo atraz de si um povo inteiro a morrer de fome, não faz medo a ninguem.

Quando se iniciou a Conferencia de Genova, a maioria das pessoas nutria grande optimismo pela Russia. Não se acreditava na força de factos do regimen bolchevico, mas tinha-se esperança na boa vontade dos homens que julgavamos terem vindo aqui tratar e representar, com toda a sinceridade, o proprio paiz, ameaçado de uma ruina irreparavel.

Tambem deste optimismo nos curou a Conferencia; e neste sentido, o não ter podido concluir nada com a Russia, por causa da intransigencia dos delegados dos «soviets», poupou-nos um erro irreparavel. Com isto não desejamos dizer que a Russia se deva pôr de lado. Unicamente queremos dizer que essa ainda deve percorrer muito caminho para chegar a atingir aquele terreno, em que sómente será possivel entender-se.

Será Haya aquele terreno? Deus queira que sim.

Fazemos votos para que a futura Conferencia de Haya termine e corôe a obra que Genova, sem nenhumas duvidas, levou a muito bom caminho.

O jornalista Bottomley

terminou no tribunal uma vida bastante aventurosa

«O telegrafo anuncia-nos que Bottomley foi condenado na Inglaterra a sete anos de trabalhos forçados».

Bottomley era deputado no parlamento inglez e não o era, certamente pela primeira vez; a sua personalidade, comtudo, sobresaia principalmente, porque estava associada a um popularissimo semanario, o «John Bull» sempre defensor de um plebeu e vociferante patriotismo.

O sr. Bottomley era, pois, o que costuma chamar-se um profissional do patriotico e á sombra da sua situação creou varias sociedades para colocação de dinheiro, com os nomes de Victory Bond Club, de War Lock Combination, do Thrift Price Bond Club, do Victory Club e Victory Club Sweepstake Club. Aqui realisou os seus negocios durante e depois da guerra. Distribuidos por todas estas casas, conseguiu que o publico depositasse nas suas mãos meio milhão de libras esterlinas, e 10.200 contos em outras moedas, dos quais apenas restituiam aos seus proprietarios uma minima parcela.

Perseguido por quebra fraudulenta e julgado, sobre ele recaiu uma sentença que o condenou a sete anos de trabalhos forçados.

Assim termina a carreira de um dos maiores aventureiros modernos da politica e do jornalismo.

Bottomley não é um exemplar tipicamente inglez. E', porém, ingleza a ingenuidade com que, a despeito da sua pessima reputação, o publico lhe entregava os seus milhões, sugestionado pelo prestigio parlamentar e, principalmente, pela onda de verbalismo da sua prosa jornalistica.

Era um desses aventureiros da politica e da imprensa, tão representativos da nossa epoca, que sabem «embarrilar» um publico desprevenido e paradisiacamente confiado. Com um pouco mais de talento, Bottomley, teria chegado a ser o que foi o Hanstyanké.

Bottomley é um heroe do melodrama politico, comum a todos os paizes.

Encontram-se exemplos similhantes em todos os parlamentos, em todas as sociedades e em muitas zonas da imprensa.

Porém, com uma grande diferença: enquanto homens iguais a estes, na Inglaterra não conseguem fugir ás leis, aos codigos, na maior parte dos demais paizes conseguem um vitalicia imensidade; amparados já a uma acta parlamentar ou a uma pasta ministerial, já por publicações mais ou menos sombrias.

Em todos os paizes existem homens da estirpe de Bottomley, tão responsaveis ou mais do que ele, mas só em Inglaterra, e ás vezes tambem na França, ha uma consciencia publica bastante culta e tribunais bastante rectos para castigarem quem actos destes pratica.

UM CHEFE DE ESTADO

Que não sabe muito bem se é presidente da Republica

TIEN-TSIN, 7.—Li Yuan-Hang que foi de novo chamado a exercer o cargo de presidente da Republica ainda não abandonou esta cidade, porque não estando bem seguro da legalidade da sua chamada á presidencia, deseja consultar jurisconsultos a esse respeito.—(R).

Higiene individual

O prof. sr. Horacio Inglez Tavares, inaugura hoje 4.ª feira, ás 21 horas pontuais, na Sociedade Naturista, rua da Madalena, 225 1.º, uma serie de lições de higiene naturista, sendo tratados nesta 1.ª lição os seguintes assuntos:

I—A RESPIRAÇAO—Orgãos da respiração.—Orgãos auxiliares da respiração.—Como se efectua a respiração.—Respiração completa ou plena respiração.—Respiração nasal e bocal.—Respiração pela pele.—Dormir com a janela aberta.

II—A DIGESTAO—Fome e apetite.—O que devemos comer e beber, onde e quando, e como se devem cosinhar os alimentos.—Como se deve mastigar.—Orgãos da digestão.—Diversos actos por meio dos quais se realisa a digestão.—Como se efectua normalmente a digestão.—Regras para auxiliar a digestão.—Digestão anormal.—Cinzas organicas.—Preceitos que se devem seguir para gozar boa saude.

O curso continua ás 4.as feiras e a entrada é livre.

SPORT

Por aqui e acolá...

Carpentier, vai fazer o papel principal, numa peça cujo assunto é passado no meio do box. Vae ser o clou teatral desta epoca em Paris. Se agrada, é capaz, o campeão francez de ficar societario da «Comedie».

Eu vou já requerer para societario do «Nacional...»

* * *

Um grupo de homens de sport, pede-me com insistencia para publicar «as minhas memorias», nesta secção.

Assim farei para passar á posteridade...

* * *

Conte, o mestre d'armas italiano, que fixou residencia ha anos em Madrid, está actualmente de passagem em Paris.

Os da velha guarda, ainda se lembram da exibição de esgrima de sabre, dada pelo mestre, e pelo seu discipulo o conde de la Falaise, francez, no salão da Trindade, e que foi um acontecimento de arte, e um derroche de faculdades e conhecimentos.

* * *

As empresas de cinema na America, só contratam artistas, que saibam montar a cavalo, nadar e fazer box.

Aviso aos aspirantes a rivais do Fairbanks e do Polo, que entre nós já são ás centenas.

RUY DA CUNHA

NOTICIARIO

HOCKEY

Partem no sabado para o Porto, os dois 1.os teams do «Hockey Club de Portugal», e «Lisboa Ginasio Club» que a convite da revista «Sporting», vão realisar no Palacio de Cristal, um desafio d'hockey em patins, e outros exercicios de patinagem.

A festa realisa-se no dia 11, sendo o programa, como segue:

1.ª parte—Desfile, corrida de estafetas, saltos em altura, luta de tracção, saltos em comprimento e corrida de obstaculos.

2.ª parte—Desafio de hockey entre o H. C. P. e L. G. C.

DESAFIO DOS ACTORES

E' definitivamente no proximo dia 10, pelas 16 1/2 horas que se realisa no campo do Sporting Club de Portugal (Campo Grande) gentilmente cedido, este interessante desafio a favor da Caixa de Reformas e Pensões da A. C. T. T. sendo guarda redes o impagavel actor comico Nascimento Fernandes e o distinto baritono D. Francisco de Sousa Coutinho (Chico Redondo). Em seguida terá logar a disputa da taça «Trabalhadores do Teatro» entre os valorosos 1.os teams do Sport Lisboa e Bemfica e Casa-Pia Atletico Club, que será entregue no campo ao team vencedor.

Por especial deferencia para com a comissão jogam os distintos halfback centro Cosme Damião e Antonio Couto.

Na proxima 2.ª feira

Memorias do atleta RUY DA-CUNHA

Biblioteca Popular

A proposito das diversas noticias que aqui temos publicado sobre o mau funcionamento dos serviços por parte do pessoal desta biblioteca, diz-nos o seu director não haver nada que justifique algumas reclamações porquanto o serviço se faz em condições normaes.

Mais nos forneceu o director da Biblioteca Popular algumas informações interessantes. Assim por exemplo, nos anos de 1919, 1920 e 1921 o numero de leitores na biblioteca da rua Ivens foi respectivamente de 9.985, 13.393 a 19.734 tendo sido dados a leitura nos mesmos anos 26.500 volumes em 1919, 47.745 em 1920 e 76.766 em 1921. Como se vê o numero dos leitores vae subindo.

Em torno do 19 de Outubro

Um protesto do Diretorio dos Grupos de Defeza da Republica não Federados

Afim de apreciarem uma nota dimanada da Federação dos grupos civis, publicada em varios jornaes de 4 do corrente a proposito da manifestação aos oficiais presos, reuniu o Directorio dos Grupos civis (não Federados) com os delegados do Gremio Republicano «Jovens Lusitanos» Grupo Companheiros do Bem e Centro Republicano 5 d'Outubro promotores dessa manifestação, tendo resolvido:

Dar conhecimento que a manifestação de homenagem aos oficiais republicanos presos era promovida aos que se encontravam na Trafaria e S. Julião da Barra, conforme foi anunciado.

Que nenhum dos seus membros solicitou na presente situação politica cargos de destaque em gabinetes ministeriais nem cargos administrativos.

Por fim aprovou uma saudação aos oficiais presos na Trafaria e S. Julião da Barra, que vai ser transmitida aos srs. coronel Manuel Maria Coelho e capitão Camilo d'Oliveira.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

OS NOIVOS

por JULIO CESAR MACHADO

Carminho ficou extatica, e, com um ar infantil e desconfiado, meio risonho, meio triste, respondeu com voz tremulo:

—Se a mamã receiasse dar-me uma má noticia...

—Uma má noticia, filha da minh'álma! Mas, que quer dizer essa insistencia!

Gonçalo que se conservava pasmado, contemplando sua sogra com o olhar especialissimo de um genro de provincia, entendeu ser tempo de tomar a palavra, e tomando a viscondessa pelo braço, disse-lhe a meia voz:

—Ha seja o que fôr em tudo isto, senhora viscondessa! Eu afirmo a v. ex.ª que li hoje uma carta de sua filha, minha senhora suplicando a Carmo de que voltasse sem demora para a acompanhar na sua doença!

—Que louco «imbroglio!» ponderou a fidalga. Vai, minha filha, vai pedir a tua irmã que interrompa o entusiasmo da sua valsa, e te explique...

O doutor entrava neste momento.

—Oh! proseguiu a viscondessa. Aqui está o doutor, que, na qualidade de medico da casa, vai informar-nos das melhoras de Amelia!

—Como, das melhoras? Pois esta manhã ainda a vi tão bem disposta, e venho ter a magoa de a encontrar doente!?

—E' a historia de D. Basilio! disse a viscondessa, rindo. E' preciso ir tira-la do piano, e entoar-lhe o «Vad'a letto!...» Não, doutor, não! Minha filha, Deus louvado, tem apenas hoje, como sempre, a doença da poesia, que é a doença... de quem não tem outra! Tem estado toda a tarde a compôr musica para uns versos, enfermidade que não me dá muito cuidado... por ser da moda! Vamos nós fazer um wisth?

—Com muito prazer! disse o doutor.

Em quanto a viscondessa, Gonçalo, o doutor, e uma velha aia da casa se entreteem na sua partida de wisth, aqui está o que se passa entre as duas irmãs.

—Sabes que não compreendo a singular noticia da tua doença, de que nem a mamã, nem o doutor, nem a nossa velha aia Justina estão informados?!

— Meu amor, — respondeu Amelia, sorrindo,—eu não estive doente.

—A tua carta, todavia...

—A minha carta mentiu.

—Com a intenção...?

—De te salvar.

—Que queres dizer?

—Digo de te salvar, meu pobre anjo,—e abraçou-se-lhe com uma meiguice melancolica e encantadora—meu pobre anjo, tu vais perder-te!

Carminho tornou-se palida.

— O que pode fazer-te supôr...?

—Sei tudo. Carlos Eduardo tem uma irmã, que estava comigo no convento das Salesias, e, se essa irmã é a unica pessoa para quem ele não tem segredos, a unica pessoa para quem ela os não tem sou eu!

Carminho curvou a fronte sobre o seio de Amelia, orvalhando-o de lagrimas.

—Que te disse, pois?

—Que Carlos Eduardo tem um capricho por ti, um capricho, minha pobre irmã! e que tu autorisas a sua temeridade... esquecendo-te de Gonçalo, e não lho recordando a ele!

—Oh! Vou dizer-te. Uma predestinação fatal preside a tudo isto. Desde o meu baile de nupcias, que os olhos daquele homem me procuram, me seguem, e me prendem! O que ha nele de singular, não sei; tento fugir áquela vista aguda, penetrante e irresistivel, mas ele subjuga-me, vence-me e prostra-me. Eu tenho medo, Amelia, medo dele! E todavia não se é mais docil, mais submisso, mais delicadamente respeitoso do que o tem sido sempre para mim. Um poder, que eu não explico, encadeia a minha alma a pensar nele! Não é certo mais belo do que os homens, e apenas o seu espirito o distingue do maior numero; mas, quando ele aparece no teatro, no circo, ou nos bailes, a sala parece redobrar de luz pelo seu olhar! Sente-se que ha tristeza na sua aparente alegria. Ele parece falso, aquele homem: ha afectação no seu ar de simplicidade e de distração, e, apesar do meu desdem, do meu horror até por tudo que não é verdadeiro, enleia-me, seduz-me, encanta-me, aquele tipo especial de ironia e de inocencia, e fico scismando nele, sem saber se devo adora-lo como o anjo do infortunio, se como o anjo do mal!... Nada nele é sincero, vês tu! Estuda, prepara, e planeia tudo. A ouvi-lo no mundo, ele não pode suportar a minha belesa, e está continuamente em remoques ácerca dos meus dotes do espirito. Gonçalo já uma vez me disse que apenas lhe perdoava a pouca simpatia que eu parecia inspirar-lhe, pelas galanterias com que se esforçava em vencer o seu natural desamor por mim! Que idéa preside a tudo isto? Porque não dispensa ele nunca, no mundo, ocasião de desdenhar do meu merecimento, — quando, por menor que ele seja, parece have-lo prendido? E' esta a sua arte de guerra no amor, talvez: amar desdenhando, para que ninguem suspeite do objecto da sua adoração! Nós somos fracas, Amelia: todas nós somos fracas, minha irmã, e eu sinto, Deus me perdoe, que adoro esse homem!...

A irmã mal teve força para a abraçar e conduzi-la até á janela do quarto, que deitava para o jardim.

—Olha! disse-lhe. Não gostas de ver de novo ao pé de ti estas arvores, de que toda a nossa vida temos aspirado o perfume e escutado o murmurio? Ha consolações em tudo isto, irmã; e tu, que vens do mundo, do ruido... e das paixões, precisas falar com Deus! Deus está aqui: na doce serenidade desta natureza simples e alegre! Não o sentes? Não o escutas? Não o adoras, Carminho? Quando estamos abraçadas, como outr'ora, a esta mesma janela, entretidas a ver os ramos escuros das arvores balouçarem ao sopro da viração do noite, não te faz medo o mundo, e a tua alma á simples idéa dele não recua aterrada de ver de perto a inquietação, que a espera, não se abraça a si mesma, e não redobra de de força e de enegia?

Carminho escondia a fronte entre as mãos e chorava.

—Se eu fosse solteira ainda! balbuciou ela.

Horrivel frase de uma noiva frase em que vai quasi sempre a honra do marido e a virtude da mulher,—a felicidade de ambos!...

(Continua)

A CAPITAL

Di[illegible]ublicano da Noite

N.º 4093 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Quinta-feira, 8 de Junho de 1922

Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Os espectaculos maravilhosos:

Nas imediações da rua do Norte pairou hoje novamente um policia, rapido como um meteoro. Era o mesmo, o 1196 —mas mais magro.

Despesas escandalosas

Não se pode dizer que o parlamento não está manifestando um louvavel empenho de prestigiar a Republica, votando no praso constitucional o orçamento geral do Estado, e procurando aprovar ainda nesta sessão legislativa as propostas de finanças. E' mesmo de justiça acrescentar que na discussão dos orçamentos não menos se tem patenteado o desejo de fazer economias. Nos orçamentos discutidos observam-se mesmo já reduções importantes.

Está muito bem que se economise, está muito bem que se reduza. Chegou a hora dos sacrificios, por ora não se tem cortado pelo superfluo. Mas ao mesmo tempo que este empenho se manifesta no parlamento, que vemos nós? Vemos que, como foi ultimamente revelado na imprensa, se encontram em Genova, ha não sabemos quanto tempo, sete tenentes de Marinha, estudando engenharia naval é que poderiam estudar no país.

Cada um desses estudantes custa ao Estado, mensalmente, 110 libras em ouro, o que representa ao cambio de 60 escudos a libra 6600 escudos. Multiplicando por 7 esta importancia chega-se a conclusão de que o Estado dispende mensalmente com esses afortunados oficiaes, mais de 46 contos, ou seja num ano, 554 contos! Para isto, não vale a pena fazer economias, andando a engravatar pelos ministerios as mais pequenas gratificações, as mais insignificantes despesas.

Hoje, com as importancias dispendidas com os automoveis do Estado, que representam um sorvedoiro, servindo ~~apenas~~ para a ostentação de varios funcionarios, são as comissões no estrangeiro, as despesas pagas lá fora, uma das maiores causas do nosso desiquilibrio financeiro.

Não basta vir dizer que se paga em ouro representando esses pagamentos em ouro pouco mais ou menos o mesmo que representavam nas epocas normais anteriores á guerra. Que nos importa que um funcionario civil ou militar, um comissionado, um subsidiado, não ganhem mais do que uma libra por dia, se essa libra vier a representar para a nossa moeda um valor dez, vinte ou cincoenta vezes superior, tornando-se quasi impossivel ao Estado a sua aquisição, nome quantia tão importante?

Mandar para o estrangeiro não só custosas delegações, como ainda estudantes, pagando-lhes, como não podia deixar de ser em ouro, é positivamente esvasiar o tesouro portuguez. O que temos gasto, no estrangeiro, em tais condições, deve hoje orçar por muitos milhares de contos.

Todavia, quando se pensa em estancar, pelo menos tanto quanto possivel, essa fonte do nosso desequilibrio, grita-se logo que não pode ser. As razões apresentadas podem ser muito engenhosas, mas o motivo, o motivo primacial, o grande motivo dessa relutancia, é que são geralmente os politicos em evidencia, ou os protegidos desses politicos que aproveitam dessas situações privilegiadas.

Ainda se tirassemos algum resultado desses cambalachos! Mas o paiz sabe que todas as promessas de compensações, todas as promessas de indemnisações e lucros não passaram de mistificações mais ou menos ardilosamente disfarçadas. Onde vai já o oiro das indemnisações alemãs, por exemplo! E de que serviu termos luminares no estrangeiro, para um vulgar «escroc», o Williams do famoso contrato dos 50 milhões de dollars, que infligiu a burla mais colossal que a historia dos ultimos tempos regista?

Desenganemo-nos. A obra a fazer não comporta excepções, nem deve ser susceptivel de injustiças.

Não ha o direito de pedir grandes sacrificios ao paiz, o tirar o pão a quem quer que seja, emquanto se gastarem centenas e centenas de contos em gastos dispensaveis. O caso dos estudantes de Genova é tudo quanto ha de mais significativo. Prova uma insensibilidade moral. E a politica de hoje tem de ser moral, tem de ter autores para que possa prevalecer.

EXTRAVAGANCIAS GOVERNATIVAS

Como desaparece o movimento do porto de Lisboa

Mercê dum decreto excessivamente protecionista que nem protege a nevegação nacional nem auxilia a cabotagem extrangeira

Uma grande parte das decisões governativas perde-se na desatenção do publico e só vem a conhecer-se ou pelas vantagens que demonstra mais tarde ou nos erros que posteriormente revela. Infelizmente, são incomparavelmente mais numerosos os casos de ligeireza iniludivel.

Está neste caso o porto de Lisboa, sacrificado, cerceado em todas as suas possiveis expansões, mercê de um decreto, que, muito embora represente uma protecção á navegação nacional, é incontestavelmente excessivo e mostra com clareza a maneira absolutamente leviana por que se pretende auxiliar forças proprias. Um exemplo, entre mil, vai demonstrar claramente como o porto de Lisboa, ha anos ameaçado pela concorrencia de Vigo e de Cadiz, está em via de estiolar-se num completo abandono.

Ninguem ignora que uma grande parte da navegação mercante se faz hoje em navios que se deslocam por motores acionados por oleos pesados a fim de evitar o consumo de carvão cada vez mais caro. Ao porto de Lisboa, preferindo-o aos similares espanhois da costa do Atlantico, vinham inumeros barcos carregar o combustivel indispensavel, deixando, como é óbvio dizer-se, no nosso porto somas importantissimas. Esses barcos deixaram de vir a Lisboa, preferindo Vigo, Cadiz e Malta.

Porquê?

Porque os poderes publicos, sem hesitarem, sem pensarem, sem verificarem, sem um estudo prévio, tratando de coisas que demandam competencias tecnicas, com a mais absoluta *sans-façon* protegendo a navegação nacional, deram um golpe de misericordia na navegação estrangeira, fabricando um decreto, o decreto 7.822.

* * *

Para que possa avaliar-se bem a importancia do consumo de oleos pesados para acionamento de navios mercantes, basta que se diga que a *Lisbon Coal and Oil fuel C.º* repartiu em curtos meses, a centenas de navios que demandaram a nossa barra, milhares e milhares de toneladas dêsse combustivel. Uma companhia, que, em perto de três anos, tem fornecido mais de oitocentos barcos, que tem visto passar pelas suas tubagens mais de 250 mil toneladas de oleos combustiveis, que paga mais de mil contos de férias e de ordenados por ano e que em doze curtos meses vê saírem dos seus tanques, apenas em gazolina, quantias superiores a catorze mil contos — encontra-se de repente a braços com uma resolução governativa, que não lhe afecta apenas os interesses, mas que arruina completamente o porto de Lisboa.

Um carregamento de aproximadamente 6.500 toneladas de *fuel oil* vindo para Lisboa pagava, como direitos do porto, até 31 de Dezembro de 1921, perto de sete contos de réis. Desde 1 de Janeiro do corrente ano, em virtude do estipulado no decreto a que acima nos referimos, passou a pagar noventa e quatro contos! Só noventa e quatro! E, nos portos rivais, nos portos concorrentes, nos portos que ha longos anos, por todos os processos, procuram matar o movimento sempre crescente do porto de Lisboa, em Malta, por exemplo, o mesmo carregamento de oleo paga apenas de direitos 15 libras, que, ao cambio actual, representam só 900 escudos. E é assim que se pretende levantar o moribundo porto de Lisboa!

* * *

E', todavia, necessario acrescentar que a procura e o consumo de oleos para funcionamento dos navios mercantes são de tal maneira vastos, que nos grandes mercados se tem estabelecido bolsas, que não só lhes regulam os preços, como tambem estabelecem concorrencias, onde se disputam e se baixam tabelas até no minimo possivel. Com efeito, as empresas, nas suas propostas, não fazem reducções de libras, mas fazem mais e melhor: na sua lucta, descem até diminuições de *shillings* e de *pence* por tonelada. Por uma simples diferença de *dois pence* por *tonelada* pode uma casa qualquer deixar de vender uma vasta partida. E isto, que nos dá claramente a ideia da acuidade e da aspereza da lucta para conservar um mercado, fica agora inteiramente destruido por um aumento intempestivo e prejudicial que de sete contos passa para noventa e quatro. Simplesmente 87 contos de diferença, emquanto Malta continua impassivelmente nas suas 15 libras.

* * *

Resultado palpavel e imediato: todos os navios — centenas de navios — que vinham no porto de Lisboa carregar oleo, deixaram de vir e estão neste momento fazendo os seus fornecimentos onde o encontram mais barato, porque realmente não pode passar pela cabeça de nenhum legislador a ideia de que, apesar do tremendo aumento de direitos, êsses barcos continuariam a abastecer-se em Lisboa. Era uma hipotese inverosimil, que nunca poderia congeminar-se num cerebro legislifero, ainda mesmo que o aumento fosse apenas duplo, quanto mais elevando-o perto de quinze vezes a primitiva taxa.

E' o resultado pratico das coisas arquitectadas com uma lamentavel ligireza. Ainda ha bem pouco tempo nós vimos ameaçados de ver desaparecer do porto de Lisboa todos os paquetes ingleses, por motivo do intempestivo regimen a que eram submetidos. Está ainda a questão de pé, em vista da promessa feita então de se reverificar êsse estado de coisas. De facto, uma grande parte dos paquetes deixou de vir. Os barcos mercantes movidos a oleo já não veem igualmente. E' esta a situação. E, a par disto, pensa-se e fala-se, ha anos sem conto, em elevar o porto de Lisboa á categoria de primeiro porto europeu, grande e solido entreposto de toda a America e de uma parte da Africa. Mas o que é incontestavel, é que assim não chegaremos lá nunca.

As propostas de finanças

ainda darão muito que falar...

Ao contrario do que se tem dito e escrito, não é perfeito, ainda, o acordo entre os parlamentares democraticos quanto ás propostas de finanças. Embora se tenham artificialmente arredado as dificuldades sugeridas pelo sr. Almeida Ribeiro, outros parlamentares não ocultam a má vontade que os anima respectivamente á gerencia infeliz do sr. Portugal Durão. Sabe-se mesmo que no seio da comissão de Finanças, onde as propostas do sr. Portugal Durão sofrem tratos de polé e andam de mão em mão, em pitoresca vagabundagem, as discussões têm assumido excepcional calor, não tendo o sr. Portugal Durão sido muito feliz nas respostas que deu a alguns discursos oposicionistas. Cita-se, a proposito, uma frase do sr. Velhinho Correia, que já foi titular da pasta das Finanças e que, dentro do P. R. P., dispõe de certa influencia como personagem de destaque. O sr. Velhinho Correia teria exposto a sua opinião ácerca das propostas de Finanças, exclamando:

— Outras... outras... que estas já não passam!

Isto é, realmente, muito significativo.

Contrariando estas informações, ha quem diga que as propostas de Finanças serão sustentadas, através de tudo, — graças ao apoio dos reconstituintes e á firmeza do sr. Barros Queiroz, que não permitirá uma oposição dos parlamentares liberais alem de certos limites, previamente concertados entre êle e o sr. Antonio Maria da Silva.

Por entre tudo isto sirandeia, felicissimo, o sr. ministro das Finanças, a quem os seus colegas do Comercio e da Agricultura impelem para a direita ou para a esquerda, ao sabor dos ventos...

French agraciado

Foi nomeado conde pelo rei de Inglaterra

LONDRES, 8. — O rei concedeu o titulo de Conde de Ypres ao marechal French. — (R).

NO PARTIDO LIBERAL

Alguns incidentes que podem vir a perturbar gravemente a boa harmonia entre os partidaristas

Levantámos ontem uma ponta do véu, que esconde, apenas transparentemente, certo mal estar que se vai desenvolvendo na vida intestina do Partido Republicano Liberal. Julgamo-nos hoje habilitados a dar informações complementares e mais pormenorizadas.

Alguns membros categorizados do P. R. L. não ocultam o seu desgosto perante a atitude que o sr. Barros Queiroz mantem em face do Governo. Já não falta quem atribua ao sr. Barros Queiroz propositos de chefia, arrogando-se o direito de impelir o partido para onde entenda ou mais lhe convenha. As negociações de que o sr. Barros Queiroz se fez o centro impulsor e que tiveram como finalidade a sustentação, no Poder, do sr. Portugal Durão, ministro das Finanças, são especialmente apontadas como um exemplo eloquente da acção invasora do ilustre homem de Estado.

E' talvez devido a êsse estado dos espiritos que o sr. Moura Pinto se afastou temporariamente dos trabalhos parlamentares, solicitando uma licença, que a Camara lhe concedeu, para gozo ou a pretexto de umas ferias de repouso; e ha igualmente quem atribua o mesmo proposito ao sr. Vicente Ferreira, se bem que esta ultima hipotese não seja admitida por muitos parlamentares liberais.

O que se pode dar por certo, de uma maneira geral, é que, realmente, dentro do P. R. L. ha quem veja com pessimos olhos o apoio incondicional do grupo parlamentar ao Governo, visto que êsse apoio se aproxima da mais formal solidariedade politica e está em desacordo com a opinião da grande maioria dos partidaristas.

A SITUAÇÃO NA IRLANDA

A conferencia de Griffiths e de Churchill

LONDRES, 8. — A conferencia entre Griffiths e os seus colegas com Churchill no ministerio das Colonias durou duas horas. Discutiu-se o projecto emendado da constituição irlandesa que parece dar ao conselho privado a ultima decisão sobre todos os assuntos constitucionais devendo o rei aprovar todas as medidas legislativas e conservando-se o juramento de fidelidade ao tratado.

O sr. Collins muito preocupado com as proximas eleições só virá a Londres sendo absolutamente necessario. — (R).

Os candidatos ao parlamento do sul

LONDRES, 8. — Ontem procedeu-se á apresentação dos candidatos no parlamento do sul da Irlanda; em 20 circulos 96 candidatos do partido Collins-de Valera lutam contra 47 independentes; em sete circulos onde não ha oposição foram reeleitos 24 membros do actual Dail Eireann dos quais 17 são a favor do tratado e 17 contra. — (R).

As doutrinas de De Valera

LONDRES, 8. — O governo inglez resolveu proceder com energia ácerca da questão irlandesa fazendo compreender claramente que não quer tomar conhecimento das doutrinas expostas pelo sr. De Valera e desejando que as seis perguntas que dirigiu ao governo do Estado Livre da Irlanda tenham uma resposta pronta e satisfatoria. — (R.)

Na fronteira do Ulster

LONDRES, 8. — As tropas inglesas que ocupam o territorio de Fermanagh cortaram todas as comunicações com o Estado Livre da Irlanda, sendo os caminhos vigiados de dia e de noite por um corpo especial de policia. — (R.)

Novos atentados em Belfast

LONDRES, 8. — Teem continuado os tumultos em Belfast, tendo havido novas rixas e tendo explodido varias bombas. Quando o sr. Flanagan saía da catedral do Newry foi morto a tiros de revolver por tres homens que cometido o atentado se poseram em fuga de automovel. O magistrado Flanagan teria sido condenado á morte numa reunião de sinnfeiners. — (R).

Os impostos na Inglaterra

Um municipio escocez reduz a meta de o imposto de rendimentos

LONDRES, 8. — A assemblea legislativa da ilha de Man reduziu também o imposto de rendimento, sendo a taxa minima de cinco pence por libra para os rendimentos inferiores a 500 libras e o maximo 8 pence e tres quartos para os rendimentos superiores a 1 500 libras. — (R).

A MEMORIA DOS HOMENS

O dia de Camões e o dia de Dante

COMO A ITALIA COSTUMA FESTEJAR O SEU POETA NACIONAL E AS ESPANTOSAS BANDEIRINHAS DA CIDADE DE LISBOA

A Camara Municipal de Lisboa vai celebrar mais uma vez depois de amanhã o seu feriado. Trata-se como toda a gente sabe, do dia de Camões que veio substituir os santos tradicionais que se celebram durante todo o mez de junho. E ainda mesmo que as locais da imprensa e certo costume preestabelecido nos não falassem das proximas festas, bastaria ver os molhos de mastros já dispersos pelas praças publicas para se averiguar das intenções alegres da Camara Municipal e da Associação dos Lojistas.

O pausinho, com uma bandeira exotica no tope, é de facto o «clou» de toda a festança lisboeta. Se acrescentarmos a este pausinho obcecante duas ou tres filarmonicas que hão-de soprar sons no momento proprio e um cortejo sumamente pitoresco onde o Epico está descendo do pedestal para ir visitar as «étalages» do Chiado, teremos enumerado «grosso modo» o programa das manifestações. E' assim que se festeja entre nós o «imortal cantor»...

* * *

Em determinado dia e em conjunto, atravez dum vasto territorio, a Italia comemora «una voce» com religiosa veneração um poeta que não é nem maior nem mais universalmente conhecido do que o Camões: o Dante Allighieri. Não é um feriado que se transforma numa «ripaille» pantagruelica em hostes suburbanas, não é um pretexto para acrescentar mais um dia de vadiagem a outros dias inumeraveis de «farniente». E' uma homenagem viva e orgulhosa ao poeta supremo que cantou o amor, a verdade, a fama e a morte. Dum extremo ao outro da Italia, das lagoas do Veneto ás falasias de Reggio di Calabria, com muitas poucas bandeiras e quasi nenhumas filarmonicas, celebra-se um aniversario. Mas na manhã tepida com que esse dia começa, em todas as cidades da peninsula, onde se ergue nos «squares», nos jardins, nas praças publicas a fronte rude e pensativa, a aureolada face do genio do poeta da «Divina Comedia», mãos misteriosas e recolhidas, mãos que não pertencem a funcionarios de nenhuma agremiação oficial, deixam nos plintos, e depõem nos pedestais todas as flores dessa Italia coroada de rosas que é imarcessivel atravez dos seculos porque nela vive ainda a mesma força que a tornou eminentemente artista atravez de dois mil anos. E nesse mesmo dia, em todas as escolas primarias, nessas admiraveis escolas onde floresce ainda o esforço apaixonado e quente de Ziguelli e de Pinzetto, onde ainda ha professores e alunos que parecem arrancados dessa vibrante frescura que se chama «Coração», d'Amicis, explica-se amoravelmente, enternecidamente quem foi e o que foi o Dante, como ele foi grande, não porque amou a Italia, não porque cantou com fogo e genio, mas porque foi a expressão simbolica do espirito do seu tempo, o o humano coração que vibrou, sofreu e amou e soube transmitir as imorredouras verdades que são os pontos fixos entre os quais gira a vida dos homens. A multidão infantil fixa e repete. Depois é a hora quente em que, desde Ravenna até Chiazzi resplandece esse amoroso, quanto adoravel sol que envolve as pessoas e as coisas numa caricia enebriante e voluptuosa. A multidão remoreja nas encrusilhadas e formam-se os cortejos civicos, as longas manchas cinzentas que vão desfilar em silencio perante o monumento coberto de flores, alma viva do genio italiano. E ha gritos isolados, exteriorisações vibrantes da inquieta alma florentina. De facto, perante Dante, com o nome dele em todas as bocas, o poeta não é só o expoente maximo do espirito latino, é o primeiro esforço da Italia irridenta, a «morgue» aristocratica de Florença caminhando para altos destinos o inicio da eclosão formidavel dos universalistas do seculo de 500, todo o incomparavel vôo da Italia artista. Toda a gente sente, toda a gente sabe isto; o dia de Dante é na realidade um dia em que os italianos constatam a vitalidade da sua raça, a orgulhosa certeza do seu direito de viver. E as suas manifestações tem a expressão severa de quem se concentra em força intima. De facto Dante desapareceu e é apenas a Italia soberba, vitoriosa e imarcessivel — que está de pé.

* * *

Quanto diferente dos pausinhos tristes, quanto diferente dos montinhos de areia vermelha que neste momento a solicita camara está dispondo ao longo da Avenida da Liberdade. Não podemos conceber outra manifestação de regosijo que não seja a do arraial nem os citadinos bipedes que rolam o seu eterno encolher de hombros por todas as esquinas admitem uma manifestação completamente desprovida de vinhos e comidas. Da mocidade das escolas nem se pensa e da disciplina publica que poderia levar no mesmo impeto de reconhecimento e de homenagem uma multidão reverente e grata ao monumento de Camões, — é melhor mesmo não falar. E todavia o Camões não foi nem menos notavel nem de menor reputação. Simplesmente onde na Italia qualquer garoto de dez anos dá uma noção exacta e concentrada de Dante, em Portugal, na grande maioria dos seus adultos, senão na sua quasi totalidade o mais que se consegue apanhar sobre o epico constitue uma parca explicação acerca dum homemsinho que fez uns versos patrioticos.

E na realidade assim é. Os pausinhos telamente «chauvinistas», os montinhos de areia encarnado, o proprio poeta a ver as «montres», tudo isto representa uma homenagem em que o glorificado é da estatura dos glorificadores: pequenino. Se não existisse uma pessima estatua numa praça publica de Lisboa, se não fosse de uso patriotaça e familiar citar entre arrotos pedaços dos «Lusiadas», ninguem saberia quem fosse o Camões — porque de facto poucos, pouquissimos lhe conhecerão a obra e ainda menos terão lido os «Lusiadas».

E' lamentavel e tanto mais desconsolador no momento em que se fala muito de raça e se usa duma expressão que, sem significado, está, todavia, consagrada. Das sinistras festas que são apenas uma vergonha, não tem culpa os promotores que afinal não fazem mais do que seguir a corrente do seu tempo. Mas que se trata duma coisa capaz de envergonhar toda a gente de gosto e de bom senso, a esse respeito não ha duvida nenhuma.

O contrabando de gado para Espanha

Nas nossas linhas ferreas transita diariamente muito gado para a fronteira

As feiras portuguesas continuam a ser percorridas por contrabandistas espanhois que compram quanto gado lhes aparece para fazer passar para Espanha.

Desde 1 de janeiro a 31 de maio transitaram pelas linhas ferreas do Corgo e Mirandela 314 bois e 304 vitelas, com destino a Chaves e a Bragança.

Na secção fiscal de Chaves foram apreendidos por contrabando 55 bois e vacas.

Nas secções de Vinhais e Bragança houve 25 apreensões, sendo 82 bois, 102 carneiros e 10 chibos.

Por transgressão foram tambem apreendidos 55 bois, 143 carneiros e 28 chibos.

Ao que nos consta, ante-ontem seguiram para Vila Real dois vagons carregados de gado, sendo um de Penafiel e outro de Marco, e parece que estão requisitados mais 17 vagons para o mesmo fim.

Em qualquer outro paiz seria necessario lembrar aos governantes a conveniencia de dificultar o transporte de gado para a fronteira, no evidente proposito de a transpôr?

A crise japoneza

E' atenuada pela iniciativa do regente imperial

TOKIO, 8. — O gabinete demitiu-se em virtude da oposição dos ministros da instrução e dos caminhos de ferro ao projecto de reorganisação do gabinete proposto pelo presidente do ministerio. O regente pediu para que o governo se conservasse no poder por emquanto. — (R).

O RAID LISBOA-BRAZIL

Algumas noticias colhidas nos jornais sul-americanos, chegados ontem

Os portuguezes de Buenos Aires manifestam-se

BUENOS AIRES, 8 — A colonia portuguesa aqui residente, que tem efectuado varias reuniões, a fim de estudar a melhor maneira de manifestar a sua grande satisfação pelo grandioso feito aviatorio de seus patricios, os grandes pilotos aereos srs. Sacadura Cabral e Gago Coutinho, detentores do record de aviação sobre o mar, resolveu na reunião ontem efectuada oferecer duas ricas e artisticas medalhas de ouro, tanto ao piloto Sacadura Cabral como ao observador nautico Gago Coutinho.

Neste sentido, já a comissão encarregada de organisar o programa das manifestações a realisarem-se em homenagem áqueles ousados navegantes do ar providenciou, aproveitando a estadia nesta capital dos ilustres pintores portugueses srs. Carlos Reis e seu filho João Reis, pedindo-lhes para desenhá-las; sendo que, o escultor argentino sr. Leguizamon Pondal, se ofereceu para modelar as duas medalhas, que serão dois autenticos mimos de arte, onde reflectirá o profundo carinho e a grande admiração da colonia portuguesa, pelo grande feito realisado pelos aviadores lusitanos.

A colonia portuguesa continua efectuando reuniões bi-semanais, tendo já organisado quasi todo o programa das festas com que será celebrada oportunamente a grande tentativa aerea dos ilustres aviadores, sobre quem estão incidindo, e muito justamente, os olhares de todo o mundo, tanto desportivo como scientifico. As festas terão inicio, provavelmente, logo após a chegada dos aeronautas a essa capital, onde possivelmente irá uma comissão de portugueses apresentar calorosos cumprimentos da colonia portuguesa da Argentina aos seus distintos patricios aviadores.

O que diz o diario de bordo do «Paris-City» a respeito do naufragio do «Fairey 16»

Eram 8 horas e 45 minutos da noite do dia 11, quando recebemos um radio pedindo que procurassemos nas alturas dos rochedos de S. Paulo os aviadores portuguezes que tentavam o «raid» Lisboa-Rio.

Feita a alteração necessaria no rumo de navegação, foram dadas ordens á guarnição de ficar de sobreaviso. A's 11 horas e meia, recebemos sinais de socorros (tiros de pistola) do lado de boreste, fazendo, por isso, nova alteração no rumo de navegação.

Pouco tempo depois, eram então 12 horas e 15 minutos, mandamos um escaler, tripulado por quatro homens, sob o comando de um piloto, que regressou á 1 hora e 15 minutos rebocando o avião «Fairey 16», e trazendo os aviadores portuguezes Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

Como não fosse possivel içar para bordo o avião, foi ele amarrado ao costado do navio, isto á 1 hora e 30 minutos, e ao mesmo tempo fizemos chamada geral, sendo atendidos pelo cruzador portuguez «Republica» que foi avisado de que os aviadores tinham sido encontrados e que se achavam salvos, a nosso bordo, onde foram cercados de todos os cuidados.

A's 6 horas e meia da manhã do dia 12, chegou o «Republica» para cujo bordo passaram os aviadores, ás 6 horas da manhã. O avião já prestes a afundar, com os seus flutuadores cheios de agua, e bastante danificado, foi, por essa ocasião, entregue ao referido cruzador.

A impressão que os nossos aviadores produziram no comandante do «Paris-City»

A «Noite», do Rio de Janeiro, entrevistando o comandante do «Paris-City», colheu dele a impressão seguinte ácerca de Gago Coutinho e Sacadura Cabral:

— Esses homens — disse nos S. S. — chegaram aqui com o maior sangue frio, como se nada lhes houvesse sucedido. Completamente molhados e com ligeiros ferimentos, depois de passarem momentos de atroz angustia, eles não apresentavam nenhum sinal fisico de abatimento e, risonhos, lamentavam tão sómente o acidente que lhes ocorrera, não deixando, todavia, de demonstrar o firme proposito de levarem de vencida o «raid» que tentavam. São verdadeiramente admiraveis os dois aviadores portuguezes! Aqui a bordo deixaram as maiores simpatias, e, a começar por mim, admiramos, todos, aquêles dois homens de uma tempera de aço e de uma fé inquebrantavel. Creia que senti imensamente não poder tê-los, por mais tempo, aqui, comigo, a fim de poder desenvolver a amisade que nasceu entre nós. Guardo, contudo, uma admiração inexplicavel, e uma recordação indelevel dos dois pioneiros do ar, que são Sacadura Cabral e Gago Coutinho!

A verborrêa de Lloyd George

Lloyd George voltou a falar, num dos ultimos dias, na Camara dos Comuns.

Falou acerca das dividas internacionais e afirmou que a Inglaterra não poderia renunciar aos seus creditos a menos que os Estados Unidos tambem não passassem uma esponja sobre os que lhe são devidos. A seguir referiu-se ás reparações. Como o problema parece estar resolvido a contento de todos, Lloyd George quiz agradar á França: «Se na Alemanha existisse um governo que quizesse resistir ao tratado (de Versailles), que se recusasse a aplicar as suas clausulas, a França não estaria só a impôr as estipulações, nós estariamos com ela.»

Contudo, concluiu o primeiro ministro inglês, qualquer acção isolada da parte de quem quer que fosse seria desastrosa para a «Entente».

E' curioso constatarmos que a opinião publica inglesa está sempre com o seu ministro. Para onde êle fôr, ela vai. Para onde êle se inclinar, ela se inclina tambem.

Em parte alguma, em paiz algum, as lições da guerra foram tão estudadas e meditadas como na Inglaterra.

E, como Lloyd George foi o homem da guerra, o publico inglês deseja-o na paz. Que assim é, demonstra-o o facto de Lloyd George não ter sido quasi contestado quando manifestava, ante a Camara, as opiniões que nós rejeitamos e que, até certo ponto, não condizem e até contrariam as por êle emitidas sobre o mesmo assunto e no mesmo lugar.

As conveniencias impõem-se ainda mesmo ante os politicos e os diplomatas. Não é preciso apenas viver, é necessario saber-se viver.

Lloyd George procura viver e sabe viver. Não se dá aqui bem o caso de desejar estar de bem com Deus e com o diabo no mesmo tempo, mas é quasi o mesmo.

Demais, para que desejaria Lloyd George fazer voltar contra si a opinião publica francesa num momento em que não se tratava de defender êste ou aquele principio, esta ou aquela nação?

Não haja a menor duvida: Lloyd George é um dos politicos mais habilidosos que nos tem sido dado conhecer.

A intransigencia da França

Recusa reduzir a verba das reparações

PARIS, 8.—Corre que Poincaré informou a Comissão de Reparações de que a França se recusa terminantemente a reduzir as reparações. Consta tambem que a Comissão decidiu que era favoravel á concessão de maiores poderes á comissão de banqueiros que está estudando o realisado emprestimo internacional para a Alemanha. Os delegados franceses foram os unicos que discordaram.—(R).

O roubo na Farmacia Neto, Natividade & C.ª

Veio procurar-nos o sr. José Francisco Belo Fialho, proprietario da farmacia Bazeiga, afim de retificarmos uma noticia que ha dias demos a seu respeito a proposito do roubo cometido no deposito farmaceutico da aluida firma.

Declarou o sr. Fialho que não chegou a ser pronunciado por se ter provado a sua inocencia, tendo sido solto sem fiança alguma após 6 dias de prisão preventiva.

Isto demonstra, portanto que o referido senhor não tem qualquer culpabilidade na delinquencia, tanto mais que é apenas freguez da casa Neto, Natividade & C.ª e pode provar a sua seriedade em todos os negocios.

Ainda o naufragio do "Egipto,,

A atitude da tripulação

O afundamento do «Egypto» paquete da P. & O., o qual abalroara com outro vapor em consequencia da grande densidade do nevoeiro, deu ocasião a manifestarem-se as habituais qualidades de bravura e de sacrificio pessoal do marinheiro ingles e de sangue frio do passageiro britanico em similhantes circunstancias. Todos concordam que a grande perda de vidas ocasionada pelo afundamento foi devida quasi inteiramente ao panico dos lascarins que em largo numero faziam parte da equipagem. Estes formaram á doida grupos compactos que acorreram intempestivamente para os barcos salva-vidas antes de os oficiais britanicos e os poucos ingleses que se contavam na equipagem terem podido com a aplicação de medidas rigorosas restaurar a disciplina entre aqueles maritimos. Este incidente levantou novamente a questão da conveniencia do emprego de asiaticos em avultado numero nos grandes paquetes de passageiros. Muitos lascarins tornam-se excelentes marinheiros, e o serviço por eles prestado não é caro; mas não teem o habito do mar como os ingleses, e num momento de forte perigo não se pode confiar na sua disciplina ainda quando estejam sob a direcção dos melhores oficiais ingleses.

PELO TELEGRAFO

Um emprestimo feito nos Estados Unidos á Servia

NEW YORK, 8 — Afirma-se que o ministro das Finanças da Servia assinou um contracto com o Sindicato Blair desta cidade, para que seja concedido áquele paiz um emprestimo de 100.000.000 de dolars a 86 3/4 e com o juro de 8 por cento. O emprestimo destina-se principalmente a cobrir despesas a fazer com a construção de portos do Adriatico e de linhas ferreas ligando êsses portos com o interior do paiz. — (R).

A divida inglesa aos Estados Unidos

NEW YORK, 8 — O governo inglês, por intermedio do seu embaixador *sir* Auckland Geddes, começou as negociações ácerca do reembolso da sua divida aos Estados Unidos. A delegação oficial britanica que vem tratar dêsse assunto é esperada em Washington, para então se resolver definitivamente. — (R.).

As dividas da França aos Estados Unidos

PARIS, 8 — A embaixada americana comunicou ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros que os Estados Unidos vão tratar da questão das dividas de guerra. — (R.).

A guerra civil na China

HONG-KONG, 8 — As vantagens atribuidas aos exercitos de Sun Yat Sen na fronteira de Kiangsi são destituidas de fundamento. As forças do general Wu Pei Fou avançaram numa extensão de 25 milhas, tendo-se apoderado de Shuitwan. Sun Yat Sen dirigiu-se a Waichow e ameaça suicidar-se se não conseguir convencer o marechal Chenchuingming a voltar a Cantão. — (R.).

Tropas inglesas atacadas por turcos

SMIRNA, 8 — Um destacamento inglez foi atacado proximo dos Dardanelos por camponeses turcos. Foram enviados reforços para punir os culpados. — (R.).

TRATADO DE COMERCIO FRANCO-ESPANHOL

Com vista aos nossos exportadores de vinhos

Dizem de Madrid que estão em via de conclusão as negociações relativas ao tratado de comercio franco-espanhol. Na semana finda desapareceram as principais reservas da legação espanhola. Espera-se fixar para breve a data da assinatura do acordo que porá fim a uma guerra de tarifas declarada desde 10 de Dezembro ultimo, e que ha de regularisar as permutas comerciais entre os dois paizes.

O governo espanhol compreendeu que não devia insistir na politica ultra-protecionista do gabinete, cujos resultados haviam de acentuar a desordem do comercio externo espanhol, em baixa continua ha dois anos e provocar a carestia da vida, obstando ás importações.

Como afirmava recentemente um politico espanhol, compreendeu-se finalmente em Madrid que se tornava necessario um tratado baseado em concessões tão largas quanto possivel e comportando sérias vantagens como contra-parte.

Esta reviravolta veio na sua hora, porque se tornava evidente que não poderiam prosseguir as negociações a manter-se a intransigencia das primeiras entrevistas.

Se, como parece deduzir, presidir ao exame dos ultimos pontos em litigio, o espirito de conciliação que se manifestou nestes ultimos dias, pode fazer-se ideia das impressões optimistas que se observam actualmente em Madrid, sobretudo a confirmar-se que os negociadores espanhois abandonaram a pretensão de ver descer abaixo de dois o coeficiente dos vinhos

Exposição do Rio de Janeiro

O aumento da dotação para o Comissariado Geral do Governo Portuguez

E' do seguinte teor a proposta de lei, patrocinada pelo Governo, para reforço da verba destinada a custear as despesas com a nossa representação na Exposição do Rio de Janeiro:

Srs. deputados.—O Comissariado Geral da Exposição do Rio de Janeiro expõe ao Governo, no relatorio a este apenso, a impreterivel necessidade de reforçar com mais 4.100.000$ a verba de 2.500.000$ com que foram dotados os serviços da mesma Exposição pela lei n.º 1,233, de 30 de setembro de 1921.

Alega o Comissariado como justificação dessa necessidade.:

Que está assegurada uma grande representação do trabalho nacional na Exposição, e tão grande e tão completa que exige uma área coberta de mais de 6:000 metros quadrados;

Que assim tiveram de ser aumentados os pavilhões primitivamente projectados;

Que êsses pavilhões têm toda a ossatura metalica e a cobertura de fibrocimento ou vidro armado tudo facilmente montável e desmontável, o que, representando uma economia pelo aproveitamento ulterior dos pavilhões, representa contudo um maior dispendio inicial.

Que o transporte dos pavilhões, mercadorias a expor e pessoal exige quantias avultadissimas computadas em 1.600.00 $;

Que a duração da Exposição fixada primeiramente em dois meses e sete dias foi ampliada para quasi sete meses, obrigando á triplicação das despesas com a guarda e manutenção da Exposição, despesas que são muito elevadas.

Nestes termos e não podendo Portugal deixar de concorrer á Exposição do Rio de Janeiro, utilizando todo o trabalho feito e esforço dispendido, entende o Governo submeter á apreciação da Camara o problema que lhe é posto pelo Comissariado Geral, traduzindo-o na seguinte:

PROPOSTA DE LEI

Artigo 1.º E' reforçada com 4:100.000$ a verba fixada no artigo 2.º da lei n.º 1.233, de 30 de Setembro de 1921, para despesas a efectuar com a nossa representação na Exposição Internacional do Rio de Janeiro em 1922, devendo fazer-se a respectiva inscrição no capitulo 22.º, artigo 341.º do orçamento do Ministerio do Comercio e Comunicações, em vigor para o actual ano economico.

§ unico. Dêste reforço 1:600.000$ são especialmente destinados ao pagamento dos transportes de produtos e pessoal de Lisboa para o Rio de Janeiro.

Art. 2.º Finda a Exposição, o produto da venda dos pavilhões, que se pode reputar em 1:600.000$, e os saldos existentes de todas as receitas do Comissariado, darão entrada nos cofres do Estado como compensação das despesas efectuadas.

Art. 3.º Em harmonia com o disposto no artigo 7.º da lei n.º 1.233, de 30 de Setembro de 1921, as funções do Comissariado Geral do Governo na Exposição Internacional do Rio de Janeiro não estão sujeitas ás formalidades estabelecidas nas leis da contabilidade publica, salvo quanto á prestação final de contas que terão de ser elaboradas nos termos dessa lei e por ela julgadas.

§ 1.º Ao Conselho Superior de Finanças cabe porém o direito de conhecer em todos os seus detalhes os actos administrativos do Comissariado Geral, por intermedio do seu delegado junto do mesmo Comissariado.

§ 2.º O Governo publicará os regulamentos necessarios para a execução da presente lei.

Art. 4.º Fica revogada a legislação em contrario.

Sala das Sessões da Camara dos Deputados, 6 de Junho de 1922. — Os Ministros das Finanças e do Comercio e Comunicações, *Albano Augusto de Portugal Durão* — *Eduardo Alberto Lima Basto*.

COMERCIO COM CUBA

No Boletim da Direcção Comercial do Ministerio da Agricultura encontram-se as seguintes informações, a respeito do comercio entre Portugal e Cuba:

«As transacções com Portugal não têm atingido grande desenvolvimento, embora haja alguns productos que, por meio de activos representantes, podem encontrar aqui um bom mercado. Estão neste caso as sardinhas, frutas em conserva, vinhos, cortiça, sal, azeite, etc.

A maioria dêstes produtos são importados de Espanha, o que se justifica pela grande população espanhola que ha na ilha, que dá preferencia aos artigos procedentes do seu paiz. Outra vantagem da Espanha é a frequencia nas suas carreiras de navegação, alem de outras estrangeiras, ligando os seus diferentes portos com Cuba.

Para a introducção de quaisquer produtos neste mercado é necessario que possam ser vendidos a preços não superiores aos espanhois; haveria até probabilidade de se conseguir o desenvolvimento do comercio com Portugal, se os preços fossem sensivelmente menores.»

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

SESSÃO DIURNA

Abertura da sessão, leitura da acta e do expediente, tudo se fez á hora regimental. A presidencia é, como de lei, do sr. Domingos Pereira.

Está presente o sr. ministro do Comercio.

O PROBLEMA DOS TRANSPORTES MARITIMOS DO ESTADO

O sr. ministro do Comercio inicia o debate sobre as propostas respeitantes aos Transportes Maritimos do Estado, que estão dadas para primeira parte da ordem do dia.

Este problema dos Transportes Maritimos é considerado, por êle, ministro, como uma questão aberta; mas isso não quere dizer que o Governo aceite principios opostos áqueles que serviram para orientar a proposta do Governo. Nestas condições, o sr. ministro do Comercio não aceitará que o Estado continue a administrar os Transportes, visto que o principio basilar da sua proposta é diametralmente oposto. O contra-projecto da comissão, que foi oposto no dêle, ministro, não tem finalidade; se, por acaso, êle fôr aprovado, a administração do Estado continua. O contra-projecto é, pois, inaceitavel para o Governo.

Dentro desta ordem de ideias, o sr. ministro do Comercio procura fazer a demonstração dos seus pontos de vista, expressos concretamente na proposta governamental que foi regeitada na comissão de Comercio e Industria. E argumenta assim: se os concursos ficarem desertos, continua a administração do Estado; no seu entender, ha 99 hipoteses contra uma de que os concursos fiquem desertos: logo, é inaceitavel a contra-proposta.

O sr. ministro do Comercio entra, em seguida, na analise do valor de navigabilidade dos barcos dos Transportes, a fim de chegar á conclusão de que êles já não possuem as condições necessarias para se cumprirem as clausulas que a contra-proposta impõe para adjudicação dos Transportes a uma companhia exploradora. Nestas condições, os concursos ficarão desertos, a não ser que se adopte o principio consignado na proposta governamental e que consiste na faculdade, dada aos exploradores da frota, de trocarem uns navios por outros, em conformidade com as exigencias impostas pelos contractos.

A contra-proposta diz ainda que é reservada a frota mercante portuguesa para o transporte, nos limites do possivel, de emigrantes do continente, ilhas e colonias. O sr. ministro do comercio declara que não sabe nem compreende como será possivel efectivar tal condição.

O sr. ministro do Comercio continua no uso da palavra. Todo o seu discurso é um ataque cerrado á contra-proposta da Comissão. Nestas condições ou é aprovada a proposta governamental, pelo menos na generalidade, ou se dará crise, pela saida do sr. Lima Bastos do Governo.

Isto seria certo, noutros tempos, mas, presentemente, tudo são aparencias, mais ou menos.

Entretanto não ha duvida que entre o sr. ministro do Comercio e a maioria democratica não existe, por emquanto, perfeito acordo.

Neste momento, por exemplo, trocam-se apartes entre o titular da pasta e o membro da maioria, sr. Velhinho Correia, que parecem indicar que este ultimo parlamentar não está de acordo com a proposta governamental e antes parece simpatisar com a contra proposta da comissão.

O debate será, aliás, aceso e demorado. Já alguns deputados pediram a palavra, entre eles o sr. Velhinho Correia e Francisco Cruz.

UMA CARTA

Do deputado sr. Joaquim José de Oliveira recebemos a seguinte carta:

Sr. Diretor de «A Capital» e meu prezado amigo.—O relato Parlamentar que veio consignado no seu jornal de ontem não é exato na parte que me diz respeito. Eu quebrei lanças pela Mesa da Irmandade de S. Bento da Porta Aberta, porque é honesta e republicana, e não com o fim de conseguir votos. Não pretende a Mesa vêr-se livre de qualquer sindicancia. Pelo contrario foi a propria Mesa que, diretamente, e por meu intermedio, reclamou insistentemente essa sindicancia. Simplesmente desejamos que ela fôsse feita nos termos legais, e por pessoa que desse garantias de imparcialidade. Não aconteceu isso, infelizmente como ontem demonstrei, e dahi o meu vibrante e caloroso protesto, que terminou por pedir ao Ex.mo ministro do Trabalho que não procedesse para com a Mesa, orientando-se num inquerito organisado nas condições imorais que apontei; mas tomando como base uma sindicancia feita nos precisos termos do seu decreto de 25 de abril, cuja honestidade ninguem póde contestar. Finalmente, cumpre-me repelir a insinuação, constante do relato parlamentar a que me venho referindo, á honorabilidade, absolutamente indiscutivel da atual Mesa de S. Bento, insinuação que o sr. ministro do Trabalho não ousaria sequer esboçar, por que s. ex.ª é, acima de tudo, justo.

Pedindo a v. o obsequio da publicação desta carta no seu acreditado jornal, sou de v. etc.—Joaquim José d'Oliveira.

Apressamo-nos a dar publicidade a esta carta porque ela confirma a exatidão dos relatos parlamentares referentes ao caso vertente.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Sousa Varela.

Aprovam a acta 27 senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Roberto Baptista ocupa-se mais uma vez da situação dos nossos adidos militares e dos oficiais que a pretexto de varios serviços se encontram no estrangeiro.

O sr. ministro da Guerra afirma que os nossos adidos devem em breve concluir a sua missão, quanto aos oficiais tem uma opinião diametralmente oposta.

O sr. Roberto Baptista congratula-se com a resposta do sr. ministro da Guerra, pois que reputa este assunto da mais alta importancia para o tesouro.

O sr. Dias de Andrade requer que, pelo ministerio da Instrução lhe sejam fornecidas copias da representação e processo de sindicancia feita ao professor primario da Urgeira.

O sr. Vicente Ramos alude ao facto do Deposito de Fardamentos, possuidor dum edificio em Bemfica, intimar os inquilinos a pagar o dobro da renda.

O sr. ministro da Guerra promete tomar providencias no sentido de que seja cumprida a lei do inquilinato.

O sr. Mendes dos Reis envia para a mesa o parecer da comissão do orçamento sobre as despesas do ministerio das Colonias.

A sessão continua.

A patronal em fóco

Encontra-se preso o sr. Sergio Principe acusado de casos graves

Quando ontem á tarde fizemos a nossa visita habitual ao gabinete do sr. Governador Civil, fomos informados particularmente pelo Chefe do distrito de uma deligencia importante que se estava realisando e que se relacionava com uma encomenda feita numa tipografia de Vila Franca de Xira, de uns cartões de identidade destinados a agentes da policia de investigação.

Como todos os cartões e impressos da policia são feitos em tipografia propria ocioso se torna frisar que se tratava duma falsificação, motivo por que a policia de investigação iniciou imediatamente as suas diligencias.

O proprietario da tipografia ou minerva em questão foi preso, parecendo que algo de concreto se apurou porquanto tambem foi detido mais tarde como implicado no caso o comerciante da praça de Lisboa sr. Sergio Principe, que se tornou conhecido quando de uma das primeiras greves ferroviarias da Companhia Portugueza.

Ora de todas estas diligencias nós tivemos conhecimento mas a pedido do sr. Governador Civil nada publicámos a fim de que a acção policial não fosse prejudicada.

Um jornal da manhã de hoje refere-se porem ao assunto e levanta em parte o veu que encobria o caso.

Nessas condições julgamo-nos desobrigados do compromisso tomado e informaremos os nossos leitores que a encomenda dos taes cartões para agentes da policia de investigação se destinava á Confederação Patronal, a qual, tendo uma policia sua, ia agora pôr em pratica o *truc* de fornecer aos seus agentes êsses cartões, forma pratica de conseguir a entrada dêsses agentes secretos nas varias assembléas operarias.

O caso em si não tem senão a importancia de se fazer a falsificação de um cartão com o selo do Governo Civil de Lisboa o que representa um abuso.

Não chegaram a ser apreendidos quaisquer cartões mas simples provas tipograficas pois que a encomenda ainda não tinha sido principiada.

Dois selvagens

Nos calabouços do Governo Civil recolheram hoje Carlos Vieira da Rocha, calçada do Castelo Picão, 47, loja e Manuel Rodrigues, pateo do Batalha, 2, que no mercado 24 de Julho, agarraram num pobre cão e batendo com a cabeça do animal numa pedra fizeram com que os olhos lhe saltassem.

Em poucas linhas

Foi preso João Augusto das Neves, Praça do Comercio, 17, que furtou a quantia de 157 escudos a Antonio Machado, rua de S. Nicolau, 57.

—Os gatunos entraram por arrombamento em casa de Guilhermina Neto Dias, travessa dos Arameiros 37, donde furtaram objectos avaliados em 545 escudos. Na mesma travessa 35, casa do sr. Asdrubal Costa Pereira tambem os larapios entraram por arrombamento levando objecto cujo valor é ainda desconhecido.

—Isaura do Carmo, rua dos Mouros, 58 2.º queixou-se de que lhe furtaram objectos avaliados em 80 escudos.

O RAID

Os aviadores portuguezes chegaram á Bahia

Está vencida mais uma «étape» do glorioso «raid» Lisboa-Brasil. Os intrepidos aviadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral chegaram hoje sem novidade á Bahia, o que sobremaneira encheu de jubilo e de satisfação todos os portugueses.

De manhã os habitantes da cidade foram avisados pelos constantes morteiros que estralejaram, de que os notaveis aviadores haviam saido de Pernambuco e cerca das 17 horas novos morteiros explodiram indicando que os heroicos marinheiros haviam chegado sem novidade á penultima «étape» da sua viagem.

Na Central Telegrafica, onde o entusiasmo pelo raid é cada vez mais extraordinario, apareceram hoje afixados os seguintes telegramas:

PERNAMBUCO ás 9.5 —Os heroicos aviadores portuguezes partiram para a Bahia.

—Os aviadores passaram por cima de Maceió ás 9 horas e 50 minutos, hora local, em caminho para a Bahia.

Mal este telegrama foi afixado, milhares de pessoas se juntaram em frente á estação telegrafica. comentando o exito feliz dos bravos tripulantes do «Fiarey 17».

A Central Telegrafica iluminou exteriormente a electricidade produzindo a iluminação surpreendente efeito.

Cerca das 17 horas apareceu afixado na Central mais este telegrama:

Cabo Submarino á Central Telegrafica.—Chegada á Bahia ás 13,30.

Segundo comunicações recebidas no ministerio da Marinha, o avião tripulado pelos heroicos oficiais Sacadura e Gago Coutinho partiu de Pernambuco para a Bahia ás 9,5, horas locais, devendo ter passado sobre Maceió ás 10,40 e não ás 9,50 conforme comunicação que tambem foi recebida em Lisboa, visto a distancia de Pernambuco áquele ponto ser de 110 milhas e o avião caminhar com a velocidade de 70 milhas á hora, tendo chegado á Bahia pelas 13,30.

O posto de Monsanto largou dois radios para o ar, comunicando a hora da saida do avião de Pernambuco e a sua passagem por Maceió.

O cruzador *Republica* partiu de Pernambuco para a Bahia de Cabral, a fim de ali aguardar a chegada do avião, para lhe dar assistencia. Esta bahia é intermedia entre os portos da Bahia e da Vitoria, distando de cada um aproximadamente 200 milhas.

O comandante Sacadura enviou ao sr. ministro da Marinha o seguinte telegrama de Pernambuco:

«Agradecemos sinceramente felicitações de v. ex.ª, pedindo licença para lembrar que a travessia do Atlantico, executada pela marinha de guerra portuguesa e por nós, é obra de v.ex.ª».

O grande bodo aos pobres

Comunicam-nos do Governo Civil que em vista da maioria das juntas de freguezia não terem cedido os cadastros ou copias, dos pobres das suas respectivas areas, devem os individuos necessitados que desejem ser contemplados no bodo que o Chefe do Distrito vai fazer distribuir, entregar os seus requerimentos nas esquadras de policia das areas das suas residencias, exceptuando os das freguezias dos Martires, Conceição Nova, Pena, Ameixoeira, Santa Catharina, Santos-o-Velho, Santa Isabel, Merces, Sé e S. João da Praça e S. Nicolau, cujas juntas de freguezia já enviaram os seus cadastros ou relações dos nomes dos seus pobres.

As intrigas do sr. Belford, do Comercio

Recebemos a seguinte comunicação:

Sr. redactor. — Corre com insistencia que alguns dos vogais da comissão parlamentar á questão dos trigos declaram que rarissimas vezes puderam comparecer ás respectivas sessões, ou pelos seus afazeres ou por estarem ausentes de Lisboa. Que só tiveram conhecimento da primeira conclusão do relatorio, que assinaram sem reparar nas outras duas. E que, por isso, o presidente da comissão escrevera ao sr. Belford explicando o seu modo de ver e de sentir sobre o relatorio, no que, tambem se diz, em desacordo com as suas ultimas conclusões.

Parece que esta questão se deve apurar, para que se não continue a dizer que o relatorio e conclusões não são apenas da autoria do seu relator. — Muito grato pela publicação, sou de v., etc. — *A. Belford.*

Dr. Ramos Preto

Depois de alguns dias de permanencia em Lisboa, onde veio tratar de assuntos de interesse para a Escola Industrial de Reforma de S. Fiel, de que é director, regressou ontem a Castelo Branco o sr. dr. Ramos Preto ex-presidente do Governo.

A mão de obra na Australia

Os metalurgicos veem os seus salarios diminuidos

MELBOURNE, 8.—O Tribunal Federal de Arbitragem reduziu os salarios dos operarios metalurgicos de oitenta e quatro para setenta e sete shillings por semana em consequencia da diminuição do custo da vida. — (R)

Teatro Nacional

Sociedade Artistica

Foi fixada em 7 decimos e dois terços de parte a quota mensal da actriz Mercedes Blasco como societaria do Teatro Nacional Almeida Garrett.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Consta já que, na futura epoca de inverno, virão a Lisboa, seis companhias estrangeiras. O negocio com as «troupes». Pierat e Cora Laparcerie, foi tão bom ou tão mau que os nossos empresarios já não fazem a coisa por menos de meia duzia. Aos molhinhos como as cerejas ou como os raminhos de violetas, na epoca propria! As empresas que, segundo informações colhidas, estão em negociações são as do Nacional, Politeama e S. Luiz, o que, até certo ponto, garante ao publico a quasi certeza de que cada uma de per si, procurará fazer concorrencia ás outras e neste caso não poderão, felizmente, alheiar a parte artistica da parte comercial. O nosso publico não se pode dizer que, na epoca prestes a findar, tivesse um prazer espiritual em proporção do que, materialmente gastou e ainda bem que assim sucedeu, pois só dessa forma, estou em crer, deixará de ser o eterno «snob», criticando tudo o que é nosso e aplaudindo sem reserva o que importamos do estrangeiro.

Nunca me ha de esquecer que, quando da estada entre nós, da Sada Yacco, em determinada peça do reportorio daquela artista, um espectador meu visinho da plateia para se dar ares, sorria, com ar de entendido, algumas passagens e uma vez até, em voz alta, deixar escapar a seguinte frase: «Boa piada»!

ALVARO LIMA

Reclames

Coliseu dos Recreios

O emocionante film «Atlantida» que tão grande sucesso tem alcançado, está dando as suas ultimas exibições no Coliseu dos Recreios para se realisarem novas e empolgantes estreias.

No programa de hoje figuram tambem o grande combate de box entre Criqui e Ledoux e a notavel cançonetista Zorendo la Bella que apenas se apresenta ao publico esta semana.

Cartaz do dia

Teatro musicado

EDEN TEATRO — A's 9 — Companhia espanhola—«Mala Sombra», «Enseñanza Livre (estreia) e «La Gran-Via»

APOLO—A's 9,15—«Porto tantos de tal»

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«Carta anonima» e «Cavalgada nas Nuvens».

POLITEAMA—A's 9,30—«A menina virtuosa»

AVENIDA—A's 9,15—«A Maluquinha de Arroios».

CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».

SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparote».

COLISEU DOS RECREIOS—A's 8,30—Animatografo e variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações	
Londres, cheque	4 1/8—	4
» 90 dias	4 3/16—	—
Paris, cheque	1180—	1218
Suissa, cheque	2475—	2555
Belgica, cheque	1090—	1124
Italia, cheque	676—	698
Berlim, cheque	45—	50
Holanda, cheque	5035—	5220
Madrid, cheque	2084—	2112
New-York, cheque	12010—	13320
Brazil, cheque	50—	53
Austria, cheque	1/2—	2
Noruega, cheque	2311—	2347
Suecia, cheque	3408—	3462
Dinamarca, cheque	2884—	1929

Libras . . . . . 64$000 — 66$000

Exposição do Rio de Janeiro

Reune hoje, dia 8, pelas 17 horas na Associação Comercial de Lisboa, a comissão de arte que assiste o Comissariado, composta dos srs. dr. José de Figueiredo, dr. João Barreira, dr. Augusto Gil, Columbano Bordalo Pinheiro, Jorge Colaço e Adães Bermudes.

Os antecedentes da guerra civil na Irlanda

Apontamentos para a futura historia do movimento insurrecional da verde Erin

Os disturbios, a lucta na Irlanda, longe de se apaziguarem, vão, dia a dia aumentando de intensidade, desenvolvendo-se mais e mais e tornando-se tão complicados que para bem compreendermos a sua razão de ser, as suas causas, ser-nos-ha necessario fazer reviver um pouco o passado, regressar aos dias em que a Irlanda, subjugada ao dominio da Inglaterra, d'ela se procura libertar conseguindo-o.

Em 1914, a Irlanda conseguiu o «Home-rule». Porem uma minoria protestante, composta por emigrantes da Inglaterra ou da Escossia e agrupada no noroeste da ilha, á volta de Belfast, no Ulster, rejeitou-o e principiou de o combater tenazmente. Desde 1912 que aquela minoria se havia comprometido a repelir, mesmo pelas armas, qualquer tentativa para romper a união com a Inglaterra.

Vem a grande guerra e a aparição do «Home-rule» é suspensa. Esta e outras medidas exasperam os nacionalistas e, na Paschoa de 1916, rebenta a revolta. O movimento atribue-se aos «sinn-feinners». Este partido, que tem por programa «A Irlanda sem os inglezes», tinha por chefe Artur Griffith.

A revolta, mais ou menos pacifica, de resistencia pacifica, de não cooperação pouco mais ou menos como a da India, chefiada por Gaudhi, foi rapidamente reprimida. O descontentamento, porém, foi recrudescendo, intensificando-se e alastrando.

John Funbe é nomeado vice-rei da Irlanda em 1918. Os seus metodos, as medidas rigorosissimas mais e mais contribuem para aumentar o descontentamento. Procede-se ás eleições. Os «seinn-feinners» obteem uma grande maioria de deputados.

Em janeiro de 1919, estes deputados reunem-se em Dublin, transformam o parlamento em parlamento nacional —«Dail Eireann»— e proclamam a republica irlandesa, cujo presidente foi nomeado De Valera, condenado á morte depois da revolta de 1916.

A guerra rapido se desenrola entre as forças republicanas e as inglesas, guerra de golpes de mão, de emboscadas, de assaltos improvisados, febril e intensa de que os republicanos sempre tiraram vantagens.

Para findar com ela o governo inglez elaborou, em 1919, um novo «bill» de autonomia. Segundo esse «bill» a Irlanda ficava dividida em duas partes, a do Norte formada pelos seis condados do Ulster, com um parlamento de 52 membros; a do Sul, formada pelos restantes 26 condados, com um parlamento de 128 membros. Alem destes dois parlamentos era ainda criado um conselho superior de 40 membros, de que, num pé de igualdade, participariam o Norte e o Sul.

Entra em discussão o «bill» e, entretanto a guerra continuou até que ele foi definitivamente votado no fim do ano de 1920.

Se a lucta entre a Inglaterra e a Irlanda findára, nem por isso a nova republica entra num periodo de paz.

A guerra civil entra desastrosamente em ação.

Principiam as primeiras negociações. De Valera, presidente da republica do Sul e James Craig, «leader» dos unionistas encontram-se proximos de Dublin.

Em 25 de junho, Lloyd George convida James Craig, como ministro do Norte e de Valera, como presidente do Sul, para uma conferencia em que devia ser regulado o problema irlandez. Trocam-se depois muitas cartas, muitas notas, realisam-se novas conferencias e Lloyd George, finalmente propoz que a Irlanda ficasse constituindo um Dominio, com o do Canadá, com um parlamento unico, no mesmo tempo que De Valera devia reconhecer a supremacia do Imperio, aceitava a unidade do comando naval e prometia a contribuição financeira.

Estas negociações foram aprovadas pela camara dos comuns.

Durante todo este tempo o Ulster conservou-se numa atitude intransigente e, depois das eleições, o ministerio resolveu não adherir ás propostas de Lloyd George. Este, então, modifica o seu projecto dando ao Ulster a faculdade de não fazer parte do Dominio irlandez e, finalmente, em 6 de Dezembro de 1921, assignou-se o tratado, sobre aquelas bases.

O tratado desagradou em absoluto na Inglaterra.

O «Dail Eireann» não o sacrificou senão depois de interminos debates. De Valera, hostil ao tratado, demitiu-se e foi substituido por Grifith.

Restava, porém, regular as relações do novo Estado com o Ulster.

James Graig e Michael Colins chegam a um acordo, mas este acordo rapido rompeu-se, em virtude de uma questão de fronteiras. Das viscondados do Ulster, dois, Tyroe e Fermanagh, eram habitados por uma grande maioria de «sinn-feinners».

Collins, por isso, reclama-os para o sul, James Graig recusou-se terminantemente a cedê-los e a guerra civil declarou-se sobre os territorios contestados.

Em Belfast mesmo, a policia, embora reforçada por tres batalhões britanicos, não conseguiu manter a ordem.

«Catolicos e protestantes, dizia em 25 de março a «Yorksire Post», se exterminam mutualmente com uma ferocidade e uma brutalidade desumanas que nos transportam aos mais selvagens episodios da historia irlandeza».

Para pôr termo a esta luta um novo acordo James-Colins se assinou. Foi, porem, letra morta. A luta proseguiu e prosegue.

Progressos da aviação

No Brazil já se constroem aeronaves

Transcrevemos de *A Noite*, do Rio de Janeiro:

Na manhã de ontem foi feita a primeira experiencia de um novo aparelho construido nos estaleiros da firma Lage Irmãos, sob a direcção do capitão Lafay, da missão franceza. O avião tomou o nome «Independencia» e o seu primeiro vôo foi coroado de exito absoluto. Descolando, com toda a segurança e facilidade, o «Independencia» obedecendo ás manobras do aviador Lafay, manteve-se durante 10 minutos sobre o campo, sem a menor suspeita de qualquer falha.

O «Independencia» é o segundo aparelho construido nos estaleiros da firma Lage, pelo capitão Lafay, com material brasileiro. Por coincidencia fizeram, hontem, precisamente dois anos que o capitão Lafay levantou vôo no Rio de Janeiro, aparelho nacional, de que demos então circunstanciada noticia.

E' pensamento do capitão Lafay realisar um «raid» do Rio de Janeiro a Buenos Aires, pilotando o «Independencia», facto de uma grande expressão, por se tratar do primeiro vôo de um avião nacional. A patria de Santos Dumond confirmará, deste modo, os seus justos louros neste ramo de conquistas humanas.

E' certo, porém, que o «Independencia» figurará na Exposição do Centenario, atestando os progressos da nossa industria e o muito que temos realisado na aviação.

TAUROMAQUIA

Campo Pequeno

O cartaz da primeira corrida nocturna, marcada para depois de manhã, sabado, é tentador, principalmente pela apresentação do novilheiro Sanchez Torrez.

Toureiam a cavalo Rufino da Costa e Ricardo Teixeira, e a pé, Cadete, Luciano, Tomé, Alfredo, Rodrigo Largo, Agostinho Coelho, Antonio da Cruz, *Malagueño* e o bandarilheiro do espada, Manuel Castillo. O cabo dos forcados é Chao Marujo.

Serão lidados touros da Sociedade Progresso Agricola.

Algés

O «Quo-Vadis» e «Pau e bola pela certa» são os dois intermedios comicos da corrida de domingo, na qual, como de costume, serão lidados touros, vacas e garraios. A cavalo, toureia o amador José Gomes, e a pé, varios principiantes atrevidissimos. Ha um grupo de forcados, de rapazes do Arsenal da Marinha, chefiados por Manuel Pateo do Prior.

SPORT

Coisas de sport...

Grande barulho a favor dos professôres de ginastica dos liceus, a proposito da paradada dum dos ultimos domingos.

Parece que só agora, com a tal parada, se percebeu que os professores de ginastica faziam bom serviço...

De modo que no Ministerio da Instrução, nada se sabia, antes, apesar dos relatorios anuais dos liceus, das informações dos conselhos escolares, e dos reitores, e das festas nas sédes dos liceus, a que assistiram varios ministros por vezes.

Valha-me Santo Antonio...

* * *

Mario Duarte, em «Os Sports», insurge com toda a razão, de se consentir nesta epoca de verão, um desafio de «foot-ball».

E' sabido que em «sport», essencialmente violento, é em «sport» de inverno, e que sob o calor que faz actualmente, se podem dar casos fatais.

O que diz a isto a A. F. L.?

* * *

Segundo um jornal, um delegado do «C. I. F.», declarou numa reunião de homens de «sport», que o seu club não se interessava, por reuniões, «onde não houvesse» premios «a ganhar».

E são assim, quasi todos os amadores...

* * *

A «Federação Portugueza de Box», não concedeu o titulo de campeão de Portugal da sua categoria, ao «boxeur Tavares Crespo», no seu combate com «Silva Ruivo», visto não se ter cumprido o que ela determina sobre a decisão, que tem que ser dada entre o artista e os dois juizes.

Andou acertadamente.

O que não bate certo, é não ter sido dado o titulo, mas «Crespo» ter sido considerado vencedor...

O que era logico, era fazer o que os americanos usam nestes casos.

Adiam o «match»...

«No contest...»

Não houve combate.

RUY DA CUNHA

NOTICIARIO

TORNEIO DE BILHAR

Realisa-se no Ginasio Club Portuguez no proximo dia 12 do corrente pelas 21 horas, um torneio de bilhar inter-socios que está despertando muito interesse.

Os concorrentes são divididos em 4 categorias havendo premios para os melhores classificados.

A inscrição é gratuita.

CAMPEONATO DE SABRE

Terminou o 6.º campeonato de sabre para civis e militares que o Ginasio Club Portuguez organisou e ao qual concorreram amadores do Ateneu Comercial de Lisboa, Escola de Guerra, Ginasio Club Portuguez, Grupo de Armas e Sport e o Casa Pia Atletico Club.

A prova esteve muito animada tendo havido varios assaltos que despertaram bastante interesse.

A prova foi ganha pelo sr. Ermelindo dos Santos do Grupo de Armas e Sport e ficando tambem classificados os srs. Leote Tavares da Escola de Guerra e José Simões do Casa Pia Atletico Club.

NATAÇAO NO GINASIO CLUB PORTUGUEZ

Está já aberto na Doca de Alcantara o barracão do Ginasio Club Portuguez para uso dos socios que se dedicam á natação.

As classes devem começar brevemente sob a direcção do sr. Emilio Renou.

A classe da Casa Pia está já a funcionar.

Na proxima 2.ª feira

Memorias do atleta
RUY DA CUNHA

As falencias na Alemanha

Diminue o numero de quebras

BERLIM, 7. — O numero de quebras na Alemanha diminuiu durante o ultimo mez. Não se registaram mais de 98 falencias contra 105, no mez anterior e 284 no mez de Maio de 1921.—(R.)

Os transatlanticos

O movimento de touristas para a Europa é sem procedentes

NEW-YORK, 7. — Desde o 1.º de Janeiro deste ano sairam para a Europa deste porto mais de 137,000, passageiros. O serviço de estatistica diz que o trafego de touristes nos primeiros cinco meses deste ano é sem procedentes.—(R.)

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

OS NOIVOS

por JULIO CESAR MACHADO

— A irmã de Carlos Eduardo, disse Amelia, assustava-se sem motivo dos resultados desta temeridade. Aquela menina chegou a recear que a tua imaginação simples e sincera se impressionasse a ponto de esquecer o mundo e o dever. Eu jurei-lhe que não aconteceria assim e que a tua alma nobre e candida teria a força de repelir a tentação. Quando um homem é bastante calculista para ter animo de desdenhar por toda a parte da beleza da mulher que adora, embora haja para admirar a prudente subtileza do seu caracter, ha a deplorar contudo a pouca espontaneidade da sua indole! Antes um imprudente, que me perde, perdendo-se, do que um calculista; que me salve, ferindo-se! Tudo isto não foi mais do que um fatal episodio na tua existencia, que ainda agora desponta; os teus destinos de noiva iam perder-se sob a influencia de uma estrela do mal: chora hoje comigo a tua loucura, em vez de um dia eu ter de chorar sósinha a tua deshonra! Supõe por um instante que teu marido...

— Oh! exclamou Carminho, estremecendo. Nem me dês essa ideia! Quando ás vezes se fala diante de mim das leviandades de alguma senhora, a sua fronte enruga-se; e cada palavra dêle, austera e cruel, vem cair no meu coração como chumbo derretido! Gonçalo é uma boa alma, mas aterra-me!...

Ficaram silenciosas ambas, fitando vagamente o olhar no céu. A lua erguia-se palida, e, a pouco e pouco, á medida talvez que olhava a terra, melancolica, namorada, triste, ganhou côr, ganhou luz, ganhou alma e sorriu.

— Ontem á noite, em Cintra, disse Carmo como que a si propria — estava a lua como eu nunca a vi! Eu estava sósinha no terraço do hotel, enquanto Gonçalo lia os jornais. Tinha na mão uma camelia... que êle ma trouxera de Monserrate; ora olhava para ela, ora para o ceu! Não se ouvia senão o sussurro das aguas nas fontes dos Pisões, e não se via mais do que os pinheiros que se erguiam na sombra, as aves que lhes dormiam no tronco, e a lua a coroar a serra! Uns frocos de nuvensinhas brancas vieram como um veu afagar-lhe a face, e a casta deusa quasi parecia vaidosa! Depois, penderam-lhe dos lados, como os brincos alvejantes de uma virgem que se adorne: dali a nada molduraram-lhe a fronte como um diadema palido de noiva. De noiva!... E fugiram-lhe, e deixaram-na nua, bela, esplendida, toda luz, toda amor! Oh! se tu visses minha pobre Amelia, como a camelia resplandecia então de amor, de encanto e de luz, pensarias naquelas flores do Oriente, que embriagam a vista e trazem nas pétalas a loucura e a morte!

— Carmo! Carmo! disse a irmã, abraçando-se-lhe.

— Oh! sim! prometo-te: não me lembrarei mais dêle! Que a sua voz, meiga e suave, não torne a acordar a minha alma pela esperança. Esperança de quê e em quê? Não sou eu casada? Não procurei eu a morte? Aquele imprudente, que julgou que ia a tempo ainda de pedir-me a felicidade no meu baile de nupcias, — como se uma noiva a tivesse!...

— Oh! minha irmã, minha irmã!... Que estás dizendo? Pois não podes tu ser feliz com Gonçalo, que tanto te agradou de principio? Em que julgas tu superior êsse rapaz, que apenas conheces por leres versos dêle e porque o achas simpatico, a teu marido, que não faz versos, mas que já te pareceu simpatico a ti?

— Tiremo-nos desta janela! disse Carminho. A vista da lua enche-me de saudades, que me enlouquecem! Vai! Brilharás ainda para outra, como te vi brilhar para mim. Seja essa menos infeliz do que eu! O teu imperio é na solidão, oh lua! Vives sobre a serra e dormes por detraz dela. Levanta-te cada noite e vem sorrir á natureza e ás almas, porque a poesia morre se tu fugires... Mas, esconde-te na Peninha, louca! Nunca venhas para o mundo fulgir sobre a cidade! Não és a mesma aqui! E' preciso ver-te erguida sobre um trono de penedos, ao longe o mar, a solidão em roda, e aos teus pés a ave e a flôr!...

— Cuidado! disse Amelia, a meia voz, apertando a mão de Carmo. Sinto os passos da mamã!...

Pouco tempo depois, os noivos retiraram, tendo-se dado como unica explicação da carta de Amelia a impaciencia em que estava de ter perto de si sua irmã.

— De quem, dentro de um mez, V. Ex.ª terá de novo que separar-se! disse o marido, sorrindo.

— E porquê? preguntou Amelia inquieta.

— Porque devemos ir a Barcelos, para Carminho ver a nossa casa, e demorar-nos-hemos dois meses!

— Ora! replicou a noiva. Para que nos disseste isso já?! E' a maneira de Amelia principiar a afligir-se desde hoje!

— E porque não vem V. Ex.ª comnosco, mana, se a senhora viscondessa permite?

— Sou doente de mais para jornadas, e ia perturbar-lhes todo o prazer da sua viagem. Vão! Fazem muito bem! Vão! O tempo está lindissimo, para viver no campo. Não ha mais bonito Março do que êste! Ahi está que, pelo contrario do que supunham, alegra-me, em vez de inquietar-me, essa resolução em que os encontro de irem ver Barcelos. Dois meses correm depressa e, para ainda me ser mais facil, escrever-me-has muitas vezes; não é verdade, meu amor?

— Sim! Muitas vezes...

— Quando partem, mano? preguntou Amelia a Gonçalo.

— Em quinze dias, o muito.

— Devem partir antes: quando Março não tem inverno de manhã, é porque Junho vai tê-lo de manhã e de tarde. Tomara eu ter saude, que os acompanhava; mas haviamos de partir dentro em três dias!

— Tão depressa! disse Carmo — e acrescentou-lhe ao ouvido: — E's cruel!

— Três dias! exclamou Gonçalo, rindo. Ahi está justamente a imaginação dos dezaseis anos, nos seus frenesis, nos seus entusiasmos, nas suas ansiedades! Dou-me por feliz de Barcelos lhe haver caido em graça, mana: isto foi uma pura questão de acaso, que me salvou dos seus epigramas; se não tem acontecido assim, nunca eu conseguiria levar Carmo á provincia!...

A' saida, as duas irmãs abraçaram-se estreitamente e disseram, de relance, ao ouvido uma da outra:

Partirás?

Talvez.

— Sim!

Oito ou dez dias depois, passava-se a noite em casa da condessa de Alguber, que recebia ás segundas-feiras. A condessa tinha trinta anos e nascera feia; quando se é condessa e se nasce assim, aos trinta anos tem-se tedio ao mundo. A vida para esta dama era uma viagem monotona, uma jornada de churrião. Nada conseguia distrai-la, senão os mexericos de sociedade. A sua honestidade tinha ganho fama, á sombra do seu temperamento, que não lhe permitia senão ser fria; chamam-se ás vezes virtuosas estas organizações insensiveis. O que a recreava em extremo era levantar o véu ás mais intimas scenas da comedia social e seguir o andamento dêstes entrechos, um instante misteriosos, mas destinados de ordinario ao desenlace de um escandalo.

Os noivos achavam-se ali; Gonçalo a uma mesa de *wisth*; Carminho num grupo de senhoras, que discutiam com Carlos Eduardo de Lemos. O que discutiam êles? Eu não sei bem; discutiam modas, literatura, amor, politica, bailes de mascaras, religião, que sei eu?!

Falou-se em milionarios.

— O que Deus me defenda de eu ser um dia! disse Carlos, rindo.

— A poesia quasi lho asseguraf respondeu alguem. Se é preciso ser poeta para ser infeliz, não é infeliz quem quere!

(Continua)

Diario Republicano da Noite

N.º 4100-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Sexta-feira, 9 de Junho de 1922

Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71

Preço 10 centavos

Os espectaculos maravilhosos:

A Praça de Camões, negra de garotada, vê içarem-se as bandeirinhas do arraial que a municipalidade ali inaugurou esta tarde. No vasto largo, as cascas de laranja e outros detrictos de varia especie, servem de inocente entretem ás classes vagabundas. Assiste um policia esqueletico.

O caminho de ferro da Zambesia

Emquanto entre nós a indiferença dos poderes competentes é absoluta, limitando-se a logares comuns, sobre os problemas que englobam o desenvolvimento e o futuro da Provincia de Moçambique, a iniciativa, o «time is money» dos inglezes vai produzindo os seus fructos.

O ultimo numero do «Times, trade suplement» (Trans-Zambesia section) traz ao nosso conhecimento informações que nos eram já intrinsecamente conhecidas mas cujo espirito manifestamente falacioso não pode passar sem reparo de maior. Nenhum dos nossos leitores medianamente versado em geografia colonial, ignora que em menos de dois anos (1919 1920) foi construido o «Trans Zambesia railway», linha que partindo do porto da Beira, atravessa os territorios da Companhia de Moçambique para ir alcançar a margem direita do Zambeze, porto de Villa Fontes. Ahi, uma vez atravessado o grande rio africano por uma ponte vastissima cuja construção se pensa em breve levar a efeito esse caminho de ferro ligará com a via de Port-Herald e de Blantyre até ao protectorado do Nyassaland.

Eis os factos tais como eles se apresentam. Podem agora tirar-se as deduções:

O «trans Zambezia railway» partido da Beira á margem do Zambeze medo pouco mais ou menos tresentos quilometros de extensão atravessando uma região de florestas pertencente á Companhia de Moçambique. Não pode considerar-se como linha de despejo do distrito de Tete visto que a via natural deste distrito é o rio Zambeze perfeitamente navegavel. Manifestamente, depois de construida a ponte a que acima aludimos pretende ser a condução natural não só da Nyassaland como tambem da região dos lagos e da Norte Rodesia para o mar. Uma simples consulta da carta demonstra nitidamente este proposito. Por este motivo as proximas linhas de Quelimane ou do Chinde a Port-Heran, encontram-se de antemão destinadas a um trafego que em boa verdade se pode considerar insignificante e provavelmente não o completarão tão cedo.

Alegar-se-ha com aparente razão que a Beira é um porto tão portuguez como Chinde ou como Quelimane e que o facto de desviar mais para o sul ou mais para o norte a saida natural dos productos da Rhodesia e do Nyassa não tem para nós importancia de maior. Mas será justo egualmente considerar que toda a secção do caminho de ferro da Zambezia a que nos vimos referindo, e até o proprio porto da Beira, estão no territorio da Companhia de Moçambique, quer dizer, dentro das fronteiras duma empreza tão grande que tem poderes magestaticos e que infelizmente para nós, de dia para dia se desnacionalisa podendo talvez afirmar-se que no presente momento, alem do nome e duma parte do seu conselho de administração pouco ou nada tem de portuguez. Eis aqui o perigo que nós não podemos talvez remediar, mas que nos cumpre assignalar.

Ha, decerto, entre nós entidades que sabem estas coisas e se preocupam com elas. Mas quem são e onde estão? Não poderemos nunca admitir que por entre o silencio que o governo tem demonstrado em face de todos os problemas importantes e perigosos para a nossa soberania seja onde fôr,—passe tambem o nosso silencio. Se quem tem o dever e o direito de olhar pelos interesses inadiaveis e sagrados da nossa nacionalidade, não o pode ou não o quer fazer por um motivo ou por outro, só tem um caminho a seguir. E esse está naturalmente indicado.

O PÃO DO ESPIRITO

Na Academia das Sciencias de Lisboa

o dr. Antonio Baião comunica á douta asssembleia ter encontrado uma cronica desconhecida sobre o cerco de Diu e umas notaveis cartas amorosas duma freira do seculo XVIII

O que se passa no velho convento de Jesus, paredes-meias com a Faculdade de Letras, interessa vivamente o publico pela elevada categoria das pessoas que ali se reunem e que devem representar o escol da mentalidade portuguesa.

Constando-nos que o erudito socio efectivo, sr. dr. Antonio Baião, apresentara ultimamente á classe de letras dais valiosos trabalhos, tivemos o prazer de o ouvir:

— Com efeito, diz-nos o distinto investigador, numa das ultimas sessões tive o prazer de dar noticia á Academia de um manuscrito quinhentista muito valioso. Pertencente ao erudito oficial de marinha e meu amigo D. Carlos de Sousa Coutinho, hourou-me êste pedindo a minha opinião a seu respeito. Para quem está afeito a lidar com manuscritos seculares, reconheci logo tratar-se da grafia de 1500. Mas o codice não tinha nome do autor, e ahi foram as maiores dificuldades. Tive de lhe lêr o texto e vi que se tratava de uma cronica do celebre cêrco de Diu, no tempo em que lá foi capitão Dom João Mascarenhas. A narração divergia muito da classica de Jacinto Freire de Andrade e via-se que tinha sido escrita por uma testemunha presencial. Mas quem era o autor? Só após bastante trabalho conseguimos identificá-lo, consultando minuciosamente a *Biblioteca Lusitana*. Suponho poder afirmar que se trata do *Tratado do cêrco de Diu*, escrito por Leonardo Nunes, que não foi dado á estampa por... conter verdades amargas. A Academia vai publicá-lo e, quer o sr. D. Carlos de Sousa Coutinho acedendo ao desejo da Academia, quer esta incluindo-o no numero das suas publicações, prestam assinalado serviço ás letras e historiografia nacionais.

Quanto á sua outra comunicação, disse-nos ainda o sr. dr. Antonio Baião, dei tambem noticia á Academia, na ultima sessão, de uma colecção de cartas apaixonadas, loucamente apaixonadas, escritas por uma senhora a quem o seu amor levou a uma cela monacal. São a reprodução de um manuscrito do seculo XVIII, pertencente ao pintor portuense sr. Joaquim Vitorino Ribeiro. São trinta e oito cartas comoventes, impressionantes, nada banais e muito conceituosas e incisivas. A sua leitura, posso afirmar-lhe, causou sensação nos meus doutos consocios que a ela assistiram. Um comparava-as a Bernardes, pela sua filosofia tão transcendente; outro achava-as tão belas que as chegava a supôr apocrifas. Como sabe, igual debate se tem ventilado em volta das celebres cartas de soror Mariana Alcoforado. Mas o publico vai ter ocasião de admirá-las, pois á sua impressão, que se impõe, vai ser levada a cabo por uma livraria de Lisboa. O proprio dono do manuscrito e o seu filho, inspirado artista e professor, sr. Emanuel Ribeiro, ilustrám o volume, tendo êste até escrito uma eloquente saudação á autora. A mim coube-me prefaciá-lo, por benevolencia de Emanuel Ribeiro, e ontem, na Academia, fiz a leitura dessa carta-prefacio. Reconheço, sinceramente, que fica muito áquem do belo produto de literatura feminina que apresento. Mas, perante a insistencia e honra tamanha, não tive remedio senão ceder. Posso garantir-lhe que se trata de uma obra sensacional.

O sr. dr. Antonio Baião é um notavel erudito e os dois pontos de literatura a que nos fez referencia interessam sobremaneira as classes cultas. O manuscrito que se refere ao Cêrco de Diu, sobretudo, deve ser precioso, especialmente considerando-se que o mais completo relato dêsse facto historico se deve a Jacinto Freire de Andrade, exagerado por obrigação e campanudo por temperamento.

As cartas a que se refere tambem o dr. Baião prometem, na realidade, um apaixonado interesse de muitos leitores. Vem, sobre a vida monacal do seculo XVIII, derramar mais luz sobre particularidades, que, se em França foram esquadrinhadas a fundo pelos irmãos Goncourt, está todavia, entre nós, muito por explorar. O homem de letras e sabio investigador que é o dr. Antonio Baião presta realmente um serviço ás letras patrias arrancando do misterio em que jaziam dois trabalhos notaveis, que irão, com certeza, agitar o mar morto da nossa literatura.

Nota oficiosa da Agencia Latino Americana

«A Agencia Latino Americana vem por alguns indispensaveis e esclarecimentos ás desenhidas insinuações que lhe veem sendo feitas a proposito dos telegramas sobre assuntos coloniais que recentemente mandou para a Imprensa. Assume esta atitude constrangidamente, porque é seu desejo manter com todos os jornais as mais afectuosas relações de camaradagem e solidariedade. Mas é tambem seu dever, o que não falta, zelar o seu nome, provar perante o publico a lealdade e a correcção dos seus processos.

«A Agencia Latino Americana não dispõe apenas das informações telegraficas dos seus correspondentes. Procurando bem servir a imprensa, organisou os seus serviços por forma a dispor de muitos despachos, que todos os dias chegam a Lisboa para as entidades particulares de indiscutivel idoneidade, deles extraindo a parte noticiosa que possa interessar o publico. Essas entidades, em contacto para esse efeito com a Agencia Latino Americana, não se encontram ligadas por qualquer objectivo comum, antes exercem a sua função social em campos bem diversos.

«Foram-nos facultadas copias dos telegramas que enviámos para os jornais e que tanta discussão causaram. Esta afirmação é feita com a mais absoluta segurança sem receio do desmentido de ninguem. O chefe do governo a quem expuzemos já todos os detalhes da questão, tem neste momento as informações necessarias para não duvidar um instante da perfeita lealdade com que procedemos.

«Na Agencia Latino Americana não se forjam informações, tendenciosas ou não. E uma Agencia dirigida por portuguezes, que bem sabem o que devem á sua Patria e ao brio da profissão que exercem. Mais duma vez, em conjunturas delicadas para o paiz, a Agencia Latino Americana tem provado o seu desinteresse, o seu patriotismo, defendendo lá fora, sem nenhuma retribuição de qualquer governo, o nome de Portugal. Muitos dos homens publicos que teem passado pelas cadeiras do poder sabem perfeitamente como as nossas palavras traduzem a expressão rigorosa da verdade.

«Dando estes esclarecimentos ao publico afirmamos que não nos intimidam as ameaças injustas e desproporcionadas que nos são feitas. Na tranquilidade da consciencia que dá o cumprimento do dever, não nos recusaremos a prestar ainda novos esclarecimentos se eles forem necessarios para desfazer outras insinuações que porventura surjam.»

Apareceu finalmente uma nota oficiosa da Agencia Latino Americana, a proposito do tão debatido caso dos telegramas. Pela maneira peremptoria e decisiva porque está redigida, vêmos que o incidente ficará fechado duma forma definitiva.

Entretanto duas coisas de importancia conseguiram destaque. Mencionaremos primeiramente o proposito firme de se fazer um completo, um absoluto silencio sobre tudo que interessa as nossas questões d'Africa. E' inegavel que assim se tem procedido contra todas as conveniencias e contra todos os ditames. Por aqui poderá roçar talvez o tão falado crime de lesa-patria. E em seguida ha tambem a notar a campanha rancorosa de certos elementos extrangeiros que ao nosso paiz tem feito uma vida que lhes foi absolutamente vedada nas suas patrias de iniquos e que a proposito deste caso tão simples desataram a pedir o encerramento da Agencia Latino-Americana, quiçá a expulsão de todos os seus redactores. O que se não pode levar á paciencia é que o barulho levantado em torno destas coisas tenha unicamente por base um vulgarissimo sentimento de inveja aliado a uma muito banal e muito corriqueira inepcia.

A situação na Russia

Prisões e rebeliões de toda a especie no paraiso dos «soviets»

BERLIM, 8.—Os rebeldes da Ukrania fizeram saltar os deposito das munições de Lipovichi causando a morte a 37 soldados russos e a nove comissarios do povo.—(R).

UM DOLOROSO DRAMA

onde figuram os srs. Ministro do Comercio, Velhinho Correia, Barros Queiroz e outros personagens que se escondem na penumbra dos bastidores...

Aquelas almas ingenuas que pretenderam guiar-se na previsão dos acontecimentos politicos pelas lições do passado sofrem, a todo o momento, os mais eloquentes desenganos. E' possivel que a historia se repita em toda a parte. Somos, porém, forçados a admitir que, apesar de tanta experiencia secular, essa tal lei das repetições historicas não tem senão uma relativa eficacia em Portugal.

Vem isto a proposito do que se passou ontem na Camara dos Deputados. Com muita surpreza para aqueles que não andam suficientemente documentados ácerca das intrigas partidaristas, o debate sobre os Transportes Maritimos do Estado foi iniciado pelo sr. ministro do Comercio, que pronunciou um discurso de oposição. E contra quem? Contra a comissão parlamentar de Comercio e Industria, que rejeitara a proposta de lei governamental referente ao negocio dos Transportes Maritimos do Estado e adoptara uma outra, a que o proprio ministro denominou, no seu discurso, de contra-proposta. Ora isto significa, muito simplesmente, que o ilustre titular da pasta do Comercio foi batido no seio da comissão. Noutros tempos, quando as praxes parlamentares e as ficções constitucionalistas ainda mereciam algumas atenções, um ministro demitia-se, logo após uma votação contraria da comissão parlamentar que examinara uma proposta de lei da autoria e responsabilidade dêle, ministro. Agora, porém, não se faz assim. O ministro é derrotado na comissão? Que importa? Não se dá por achado e apresenta-se no Parlamento a combater a comissão. Isto ainda não é o mundo ás avessas, mas é já o dominio do cubismo politico...

O que torna ainda o caso mais interessante é saber-se que a contra-proposta é patrocinada principalmente pelos democraticos, tendo á frente o relator da comissão, sr. Velhinho Correia. São os correligionarios do sr. ministro que lhe engeitam o esforço administrativo; e a tal atitude responde o ministro declarando-se em oposição aos membros da maioria. Não é esta que nega um voto de confiança ao seu correligionario membro do Poder Executivo; é êste que expõe, em largo e documentado discurso, que não confia na maioria. Então, com todos os diabos, é a maioria que vai declarar-se em crise!

Tudo será concertado, felizmente. Já se diz que a questão vai ser resolvida numa reunião do grupo parlamentar democratico. Se assim fôr, pobre do sr. Velhinho Correia, porque será êle que pagará as custas do processo, onde maioria e ministro serão unanimente absolvidos.

O Partido Liberal está disposto, aliás, a auxiliar todas as *démarches* pacificadoras, enviando, em ultima extremidade, ao seio do amoravel grupo parlamentar democratico o sr. Barros Queiroz, que é agora o *corre a salvar-te* ou o medico parteiro desta especie de crises montanhosas e ratonas.

O nosso comercio exportador de vinhos ameaçado

Recebeu-se comunicação de que ontem devia ficar assinado o tratado de comercio franco-espanhol, pelo qual a França obtem grandes vantagens na aquisição de vinhos do paiz visinho.

Os franceses, vendo as suas colheitas comprometidas, trataram de comprar vinhos e os nossos servem-lhes á maravilha para a composição dos seus melhores tipos. Assim, têm-nos comprado muitos milhares de pipas.

Sucessivamente aqui têm aparecido comissarios a fazer importantissimas compras.

Agora essas compras vão sustar-se, com grande prejuizo para o nosso comercio e para os lavradores, que estavam conseguindo preços bastante renumeradores para os seus vinhos.

A comunicação recebida faz-se acompanhar do aviso para sustar até nova ordem a execução de importantes encomendas em transacções.

OS POETAS MORTOS

A casa de "Marilia de Dirceu"

habitação da musa inspiradora do poeta enternecido que se chamou Antonio Gonzaga — não será demolida

Pensou-se ultimamente, no Brazil, em demolir a velha casa onde durante muitos anos viveu «Marilia de Dirceu», a inspiradora do poeta Gonzaga que nos seus versos do «Livro de Marilia» tão extraordinario sucesso teve entre nós, no seu tempo.

Mas se em Portugal a fama do «livro de Marilia» foi inquestionavelmente enorme, sendo uma obra que poisou em todos os cestos de costura e fez soluçar e chorar todas as nossas avós,—não é menos certo que no Brazil tem ainda hoje uma reputação muito grande, não havendo ninguem medianamente culto que não saiba de cór meia duzia de versos do quente e apaixonado lirico.

Isto explica o movimento de protesto geral que se levantou quando o governo brazileiro pensou em demolir a casa de «Marilia» existente em Ouro Preto, no coração do estado de Minas Gerais. A comissão do Centenario dirigiu aos poderes competentes um pedido solicitando que se poupasse a casa da Amorosa e como no Brazil os politicos tem um grau de cultura que é habitualmente raro nesta classe de dirigentes,—a casa de Marilia foi respeitada. Continuarão de pé as velhas paredes tradicionais.

Vale a pena transcrever aqui uma evocadora cronica do escritor brazileiro Oliveira e Silva, sobre Ouro Preto e a «Casa de Marilia»:

«A tradição! Quem ficará insensivel ao encantamento do passado, ao prestigio do tempo ilustre que morreu, nas ruas de edificios coloniais, deante dos chafarizes seculares, das montanhas cujas cicatrizes lembram os mineradores, aos dobres dos sinos que ecoam longamente o éco profundo de quebrada em quebrada, faz-nos recordar os dias da sumtuosa Vila Rica de Altuquerque? Deslumbrado; sentia o coração bater com violencia.

Depois da Penitenciaria soturna e triste; da prisão onde se enforcou o suave Claudio Manuel da Costa, convertida prosaicamente em agencia postal; do palacio do Governador, quasi ao fundo do vale; da casa dos inconfidentes, onde desabrocharam e revoaram os primeiros pensamentos, de liberdade; da Escola de Minas, trepidante de uma geração apta a impulsionar a engenharia brasileira; da estatua de Tiradentes no logar em que expoz a cabeça do Convicto, os nossos passos teriam de rumar para a casa em que sofrio e sofreu a Musa de Thomaz Antonio Gonzaga.

A tarde estava fria, embora translucida. Um véo ligeiro de neblina toucava o Itacolomy.

Com Oswaldo Orico transponho o pequeno portão da estrada, onde deslisou naturalmente a cadeirinha do seculo desoito e nos encontramos no jardim abandonado, de matagal viçoso, da casa de Marilia. A ruina de um repuxo, ao centro, e o aspecto pungente do que fora outrora florido evocaram a figura, o encanto gentil da Inspiradora, as mãos brancas que enfeitiçavam e cuidavam os canteiros, colhendo tufos de rosas.

Como não imaginar aquele destino que respirara e fulgira no ambiente em que estavamos, mais de cem anos depois? Nesse instante recuámos do presente vulgar para o brilho das grandes horas na velha e sumptuosa capital de Minas. E não podiamos dizer palavra.

A casa verde de Marilia fica numa encosta, entre montanhas. Os homens praticos fizeram-na hospital militar, de uma companhia de metralhadoras, sentinela á porta . . . Ampla, solarenga, largas janelas, nós a olhavamos, a imaginação lyrica, esperando Marilia, evocando Marilia . . . Viria a Musa maravilhosa? quem o sabia? viria ou não ? . . . O nosso sonho continuava . . .

No interior da Casa Verde, de paredes massiças, percorremos as grandes salas, os corredores, o alpendre modernisado, o sitio enorme, ao fundo.

Nos quartos enfileiravam-se os enxergões dos possiveis doentes do hospital... A realidade entrevista não nos chocava, entretanto. Ali vivera a angelica Amorosa, e a este pensamento mergulhavamos no sonho...

Caía um crepusculo melancolico. As vozes dos sinos ecoaram, de repente, repercutindo, no horisonte de montanhas. Em Ouro Preto, os sinos ressoam como em nenhuma outra cidade: são extensos, graves, profundos.

Comovia-nos o sortilegio da hora ou da evocação?

A alma do Poeta inconfidente sonhava comnosco, revivia o amor doloroso, o desfecho, o acordar sinistro, o sofrimento, a saudade.

Num minuto veio-nos a ilusão de que Marilia chegara a uma janela e sorriu a Dirceu, sorrindo a nós... Instantaneamente, o jardim esquecido, com o repuxo agora murmurante, cheio de aromas, se engalanava: os canteiros floriam, ricos de cores, inebriantes... As mãos subtis da Musa colhiam ramos... Viamo-la perto, sorridente, agil, graciosa...

Nunca a vida nos pareceu mais bela do que ao contacto dessa ilusão».

A Conferencia de Genova

é discutida calorosamente no parlamento italiano

ROMA, 9 — Na Camara dos Deputados continuou a discussão sobre a Conferencia de Genova, replicando o ministro dos Estrangeiros ás criticas feitas pelo deputado Mossegli ácerca da politica externa.

O ministro disse que a delegação italiana se inspirou sempre numa politica de conciliação. Referindo-se ao problema russo, disse que a Italia empregou os seus esforços para que uma colaboração eficaz com a Russia conduzisse a resultados favoraveis para o ressurgimento da Europa. Tambem a Italia apoiou decididamente o pacto da não agressão que evitará á Europa novos sobresaltos. Referindo-se á intima colaboração entre a Italia e a Inglaterra, disse que ela não diminuiu em nada a autonomia da politica externa italiana, tendo-se fundado apenas uma justa apreciação reciproca dos interesses comuns, principalmente no Mediterraneo e no proximo Oriente. A Italia, acrescentou, saiu da Conferencia de Genova respeitada e prestigiosa e com largas esperanças para o seu futuro desenvolvimento.

O jornal *La Stampa* comenta favoravelmente as declarações do ministro dos Negocios Estrangeiros. — (R.).

Aos srs. medicos

Prevenimos que a «Lipobiase», extrato glicerinado de oleo de figado de bacalhau, pode ser tomada, tanto de verão, como de inverno, sem receio de intolerancia. Depositario exclusivo Raul Vieira Ltd., Rua da Prata, 121.

Afonso XIII em Barcelona

O Rei pronuncia na capital catalã um notavel discurso

MADRID, 9 — O discurso que o rei pronunciou ontem em Barcelona é o tema obrigado das conversações e da aprovação unanime em todos os centros, assim como nos jornais de todos os partidos.

Da mesma cidade, dizem que o rei e o presidente do conselho regressaram a Madrid no comboio das 8 horas da noite e que uma enorme multidão foi á estação do caminho de ferro para se despedir do rei, ovacionando-o calorosamente. A população daquela cidade apreciou de uma maneira muito particular a simplicidade que caracterizou a visita do rei, o qual se empenhou em tirar-lhe todo o cunho da frieza protocolar e em lhe imprimir o cunho da cordialidade, o que conseguiu inteiramente, sendo uma prova disso as continuas manifestações da mais viva simpatia que lhe foram prodigalisadas por todas as classes sociais, principalmente pela classe operaria na ocasião do seu regresso a Madrid. — (H.).

A doença de Lenine

Tão imortal como se fosse da Academia

BERLIM, 8—Teem corrido variadas versões sobre a doença de Lenine. Noticias recentes informam que a sua doença se limita a uma forte infecção intestinal.

Isto mesmo o confirma o jornal russo «Viestnik», orgão oficial do governo sovietista, no seu ultimo numero chegado a esta capital.

O mesmo jornal afirma que o chefe sovietista se encontra em franco restabelecimento.—(R).

Um torpedo

que «O Dia» tenta arremessar contra a Exposição do Rio de Janeiro, mas que não acerta no alvo. — Outro, que esse não presta!...

«O Dia», ontem, publicou o seguinte:

«Ouvimos dizer hoje que talvez tenham de gastar-se mais 5.000 contos para irmos, tarde e a más horas á Exposição do Rio de Janeiro, pois os 2.500 contos destinados a ela já se gastaram no Pavilhão e agora ou hão-de ficar perdidos ou teem de ser «reforçados» com aqueles outros milhares de contos. E fala-se em «compressão de despeza»!

Ainda se ha-de ver como se gastam muitos centenares de contos, com os «patriotas» que hão de fazer o «sacrificio» de ir á custa do Estado até ao Brazil ver a Exposição.

Ha-de ser um escandalo de dar brado!»

Escandalo só o dá «O Dia» e vamos dizer em que consiste.

«O Dia» nasceu com o maldo que sofre e que, pelo visto, é incuravel. «O Dia» é destructivo. A doença está-lhe na massa do sangue.

No tempo da monarquia ajudou-nos a destruir as instituições e nisso no que prestou um serviço ao paiz, embora não fosse essa a sua intenção. Agora, na vigencia da Republica, «O Dia» continuou a exercer a função destruidora, se bem que, por felicidade, se debate na mais absoluta impotencia. O que o berço dá, a tumba o leva. Resignamo-nos, pois, a sofrer os ataques lusofobos do jornal e que seja pelo maior espaço de tempo possivel.

Vai ser realmente reforçada a verba destinada á Exposição do Rio de Janeiro. E vai ser, porquê? O proprio «Dia» responde, quando confessa que a dotação já concedida pelo Parlamento se encontra esgotada com as despesas feitas, entre as quais avulta o custo dos Pavilhões. E nós dizemos que o Parlamento aprovará o credito pedido pelo Governo porque sabemos que os «leaders» dos partidos (incluindo o do partido constitucionalista) já manifestaram o seu voto aprovativo, numa reunião para que foram convocados pelo sr. Lisboa de Lima, Comissario do Governo na Exposição, e onde foram expostos os trabalhos já realisados e justificadas as despesas feitas.

Tudo isto é extremamente desagradavel ao «Dia». O seu desejo seria torpedear a beligerancia de Portugal na grande guerra. Hoje, como então, como sempre, «O Dia» ha-de debater-se no vacuo, roido de desgosto por não conseguir fazer vingar as suas ideias dissolventes. E' para inspirar compaixão!

Historia da Colonisação Portugueza no Brazil

Foi distribuido ao publico o 6.º fasciculo desta excelente publicação elaborada pelas primeiras mentalidades portuguezas, sendo pelo seu desenvolvimento e pela proficiencia com que são tratados os assuntos, incontestavelmente a primeira e unica obra no genero.

Chamamos todavia a atenção de quem superintende o administração nesta publicação para o facto de apenas termos recebido o primeiro fasciculo sem que, até agora, os outros se tenham seguido. Quer-nos parecer que se trata dum lapso facilmente remediavel.

Sejamos bolchevistas!

Para rebentar de miseria e de fome com grandeza nunca vista

VARSOVIA, 8.—Segundo comunicam de Pocwolczka, na fronteira polaco russa, a fome na Russia atingiu o auge.

Um comissario dos soviets que veio abastecer de viveres disse que a situação não tem já remedio e que nenhum socorro da Europa ou da America pode remediar o desastre.

«A catastrofe, segundo declarou o referido comissario, não diminuiu, nem diminuirá, antes pelo contrario tende a aumentar em terriveis proporções.

Não é somente a falta de viveres, mas ha tambem a impossibilidade de os ir buscar. Nas regiões famintas comeram-se todos os gados, por isso não ha possibilidade de lavrar a terra. Como consequencia desta situação sinistra o canibalismo. Os camponeses tornaram-se ferozes e preferem deixar-se fuzilar a entregar um quilo sequer de trigo, que ocultam muito cuidadosamente em sitios afastados».

O comissario terminou por declarar que hão de morrer mais de seis milhões de russos antes de se extinguir a fome.—(R).

O espectaculo do mundo

Destruição, dolo, indisciplina por toda a parte

O mundo oferece, neste momento, espectaculos extraordinarios, e é por estarmos todos mais ou menos corrompidos por ideologias burlescas, que não sentimos toda a extensão, profundidade e grandeza dos acontecimentos que no mundo se estão desenrolando.

Certo, ninguem, por mais impetuoso que seja, por mais que adore a agitação, a desordem, o desassocego e abomine a calma, a quietude, se lembrará, ante os acontecimentos a que temos assistido nos nossos dias, de desejar viver as épocas mais ardentes e intensas do passado, a idade média, a Renascença...

Estes desejos, no momento que passa, febril e tempestuoso, sangrento, catastrofico, seriam ridiculos, incompreensiveis porque o que é verdade é que nós revivemos agora os periodo mais tumultuosos das épocas historicas passadas.

Assim: Se queremos fazer uma idéa do que foram as guerras religiosas, nada mais temos que fazer do que olharmos para os tragicos acontecimentos que se desencadeiam na Irlanda.

Terras ha, cidades ha, como por exemplo Belfast, que a todos os momentos experimentam os golpes destruidores e assassinos dos canhões, das metralhadoras, das espingardas, de todos os instrumentos que o pensamento humano criou para destruir o genero humano.

O governo inglês acreditou que seria bastante conceder á Irlanda uma certa independencia para que a paz reinasse, mas os irlandeses, ante as ofertas feitas, as concessões prometidas, mais e mais se excitaram, arremessando-se, com uma tenacidade inaudita, para a luta pela sua total independencia.

Não se contentam em formarem um Estado dentro de outro Estado. Eles desejam ardentemente uma republica absolutamente liberta de algemas estrangeiras.

Depois, se, de relance, olharmos para a Italia, o espectaculo que ante os nossos olhos vive, passa e se desenrola é ainda mais estranho, mais febril, mais emocionante pela sua diversidade.

Um exercito, completamente experimentado e apetrechado, assentou arraiais ás portas de Bolonha desenvolvendo, á sua roda, uma serie de morticinios, uma hecatombe de destruições.

Passemos á Russia: a fome ceifando milhões de vidas, a miseria alastrando, alastrando sempre, a desordem, a desorganização.

Mais além, 300 milhões de chineses, em quem o exemplo da Russia frutificou, enfurecidamente, canibalescamente se destroem, se assassinam, se aniquilam e fazem bailar no espaço já uma sombra negra e fantasmagorica intentando projectar-se, caminhar, avançar para o ocidente.

Na India, no Egipto, em Marrocos, por toda a parte existe a luta, lavra a desordem, campeia a destruição e a morte.

E' desolador o espectaculo a que assistimos.

Exposição do Rio de Janeiro

Reunião da Comissão de assistencia

Sobre a presidencia do sr. general Oliveira Simões, diretor geral do Comercio e Industria, servindo de secretario o sr. dr. Rodrigues Pereira, reuniu no dia 6, no Ministerio do Comercio, a Comissão que assiste o Comissariado Geral do Governo na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, estando presentes alem do Comissario sr. engenheiro Lisboa de Lima, os srs. Jorge Colaço, dr. João Barreiro, Carlos Roma Machado, Mimoso Ruiz, Roldan y Pego, Ramiro Leão, João da Silva Fialho, Antonio Gonçalves de Morais, Balbino Esteves, Adães Bermudes, Almeida da Cruz e dr. Thiago Sales. Aberta a sessão ás 15 horas, o sr. Comissario comunicou que entregara já a s. ex.ª o ministro do Comercio o relatorio detalhado de todos os serviços e trabalhos que o Comissariado tem realisado desde o seu inicio até agora, conforme lhe fora solicitado pelo mesmo ministro, lendo-o á Comissão e explicando-o detalhadamente, havendo recebido a aprovação de todos os membros que a compõem. Acrescentou mais constar-lhe que o conselho de ministros na sua ultima reunião se ocupára de assuntos de grande importancia para a vida do Comissariado.

Todos os vogais presentes deliberaram por fim que se nomeasse dentre eles uma comissão que se avistasse com o sr. ministro do Comercio afim de solicitar de s. ex.ª, em nome dos interesses do paiz, a resolução imediata dos inadiaveis problemas que respeitam ao Comissariado, ficando a mesma comissão com poderes para agir de forma a não se protelarem assuntos de tamanha gravidade para o exito da Exposição e bom nome de Portugal.

* * *

Encerra-se hoje a exposição na Escola Marquez de Pombal em Alcantara, dos trabalhos em conjunto que as Escolas Industriais, Comerciais e de Artes e Oficios do paiz enviam á Exposição Internacional do Rio de Janeiro, e que teem sido já muito visitados e apreciados pelo publico.

Os srs. ministro do Comercio, Comissario Geral da Exposição sr. engenheiro Lisboa de Lima e o sr. Alvaro Coelho diretor geral do Ensino Industrial e Comercial que anteontem estiveram admirando os trabalhos, ficaram com a melhor das impressões sobre o estado de adeantamento do nosso ensino tecnico.

Pessoal dos Matadouros Publicos

Previnem-se as familias do empregados inabilitados ou já falecidos que foram dos Matadouros, que se encontrem em precárias circunstancias para, no prazo maximo de oito dias, inscreverem os seus nomes e moradas nos escritorios dos mesmos Matadouros afim de serem contemplados no bodo que deve ser distribuido no domingo seguinte á chegada dos aviadores portugueses ao Rio de Janeiro.

TAUROMAQUIA

Campo Pequeno

A instalação electrica foi reforçada de maneira que amanhã á noite deve ser esplendida a iluminação da praça. Os touros da Sociedade Progresso Agricola, que estão já nos currais da praça, são oito belas estampas e devem corresponder em bravura aos magnificos touros da mesma «ganaderia» lidados em Algés na festa de Artur Felix. O novilheiro Sanchez Torres terá por isso, como os restantes lidadores, excelente ensejo de brilhar com a sua arte e o seu extraordinario arrojo. Os artistas de pé são Cadete, Luciano, Tomé, Alfredo, Agostinho, Rodrigo Largo, Antonio da Cruz, «Malagueno» e o bandarilheiro do «espada» Manuel Castillo e a cavalo toureiam Rufino e Ricardo Teixeira. Os forcados são capitaneados pelo Chico Marujo.

Algés

Os intermedios de domingo «Quo Vadis» e «Pau e bola pela certa», são dois belos atrativos para o publico que procura numa função taurina o riso e a alegria. Os intervaleiros teem graça e teem valentia e os intermedios estão bem ensaiados e preparados. Ha artistas, amadores, praticantes e principiantes, forcados do Arsenal da Marinha e como de costume imprevistos cheios de chiste.

Os fascistas em Bolonha

investem contra a cidade italiana tendo um plano de ataque completo

As noticias de Bolonha são cada vez mais alarmantes.

A despeito das medidas tomadas, grupos de fascistas, completamente municiados não cessam de penetrar na cidade, depois de terem pelas aldeias por onde passam, lançado o fogo e destruido dezenas de casas, principalmente aquelas onde se encontravam instaladas as cooperativas operarias.

As manifestações hostis sucedem-se ininterruptamente.

Este incidente gravissimo de Bolonha, que é como que uma continuação dos desenrolados em Roma, na Liguria e em Verim, demonstram claramente que o armisticio — chamemos-lhe assim — mantido durante o decorrer da Conferencia de Genova se rompeu, entrando-se portanto, numa nova fase de lutas frementes, de lutas de vida ou de morte.

No momento em que isto escrevemos deve ter sido já tomada uma decisão pelo parlamento, decisão que certamente, não deixará de fazer-se repercutir intensamente no seio dos exercitos fascistas, «armados até aos dentes» e que estão acampados nas praças e visinhanças de Bolonha.

Ante os acontecimentos, verdadeiramente tragicos, que se teem desenrolado, a situação vai-se, cada vez, tornando mais grave, tanto mais que o fascismo politico, ameaçado por divisões internas e algum tanto enfraquecido pela recente adesão de D'Annunzzio, cede novamente o passo ao fascismo de combate, que pode contar com nada mais nem nada menos do que com cerca de 100.000 homens, experimentados na guerra e completamente municiados.

E', pois, de crer que, segundo lhes seja ou não favoravel a decisão tomada pelo parlamento os fascistas se resolvam ou a abandonar o seu plano de ataque a Bolonha ou a ele se lançarem, arrastando ante si tudo e todos, batendo-se com aquele desassombro, com aquela energia, com aquela valentia que tem conseguido com que as forças comunistas de Italia se tenham conservado com uma quietude e com uma ordem pasmodicas.

As intrigas do sr. Belford, do Comercio

Recebemos a seguinte carta:

Sr. director.—Peço a v. a fineza de declarar:

1.º que não conheço o sr. A. Belford, signatario da carta publicada ontem na «Capital».

2.º que não autorisei pessoa alguma a fazer tal publicação.

3.º que estando a questão submetida a uma sindicancia, sendo, por isso, da maior incorreção qualquer referencia ou assunto, a noticia dada, parecendo de pessoa que desejaria ser-me agradavel, talvez, que no fundo, apenas tivesse em vista comprometer quem é com toda a consideração e agradecimento, etc.—Joaquim Belford.

A politica europeia

Gira, no presente momento em volta de emprestimos...

PARIS, 9—Falando perante a comissão do senado das relações exteriores o sr. Poincaré disse que o emprestimo á Alemanha era perfeitamente compativel com todos os direitos e interesses da França mas que era condição essencial que o credito francez não sofresse redução alguma.—(R).

... e de amisades

LONDRES, 9—Num jantar que foi oferecido ao procurador geral dos Estados Unidos este, respondendo ao brinde do Lord Chief Justice disse que era motivo de congratulação para todos constatar-se que a amisade anglo-americana nunca tinha assentado em bases tão solidas como agora.—(R).

Pelo Telegrafo

A Tcheka apodera-se de navios italianos

ROMA, 9.— Os comissarios da Tcheka apoderaram-se de dois vapores italianos que estavam em Bartum confiscando o seu carregamento avaliado em nove milhões de francos.—(R).

A esposa de Asquith e a lei de proibição nos Estados Unidos

LONDRES, 9 — Mr. Margot Asquith tem discordado, nos seus artigos do *Evening Standard*, da opinião do *lady* Astor ácerca da lei da proibição de venda e consumo de bebidas alcoolicas nos Estados Unidos. Mr. Asquith diz que a interferencia do Estado em assuntos de ordem individual prejudica enormemente a democracia. Na Inglaterra não se sofreria essa interferencia nos direitos particulares que o Governo dos Estados Unidos exerce sobre os seus cidadãos. Mr. Asquith pregunta-se se democracia virá a falir como o ksarismo.—(R.).

A Turquia e a Russia

CONSTANTINOPLA, 9 — O governo de Angora negou oficialmente que tivesse aderido ao tratado germano-russo, desejando manter relações amigaveis com os aliados. Araloff, representante dos «sovietes» em Angora, publicou uma declaração em que diz que a Turquia e a Russia estão agora muito mais ligadas do que antes da Conferencia de Genova.

O representante dos bolchevistas acrescenta que a Alemanha reconheceu que só estando em boas relações com a Russia, poderá penetrar no oriente. A Turquia e a Bulgaria têm interesses que as farão aderir ao tratado germano-russo, porque a sua politica externa orienta-se de uma forma identica, lastimando que internamente não adoptem os principios comunistas.— (R.).

Recontro entre as tropas inglezas e os sinnfeinners

LONDRES 9.—No primeiro recontro entre as forças da corôa e os irlandezes do sul, as tropas inglezas ficaram de posse do saliente de Peltigo tendo-se apoderado dum automovel, espingardas, munições e metralhadoras.—(R.)

A legião britanica

LONDRES, 9. — O marechal Douglas Haig aceitou a presidencia da legião britanica. A legião tem feito os maiores esforços para auxiliar os mutilados de guerra, mas existem ainda na Grã-Bretanha cerca de 25.000 mutilados que esperam o auxilio que lhes é legitimamente devido.—(R).

O schisma da igreja russa

BERLIM, 9 — Os bolchevistas mostram-se muito satisfeitos com o Shisma da igreja ortodoxa russa, que favorece os seus fins politicos.

Monsenhor Konstanty, arcebispo de Mohilew, foi preso por resistir ás autoridades dos «soviets», que pretendiam confiscar os tesouros das igrejas da sua diocese. — (R.).

Veteranos da guerra do Canadá

OTAVA, 9 — Continuam as manifestações feitas pelos ex-combatentes do Canadá, que se encontram desempregados. O ministro do Interior prometeu ocupar-se da sua situação. — (R.).

A menina do quarto 29

Frank Mayo, o actor protagonista desta sublime pelicula, é hoje considerado um dos primeiros artistas da sua especialidade. Novo, elegante, dispondo duma belissima mascara e conhecendo os segredos da Arte do Silencio, tem conseguido um belo nome em todo o mundo, sendo os seus «films» muito conhecidos e apreciados. Em Portugal, onde conta numerosos admiradores, annunciar-se um trabalho seu é encher uma casa de espectaculos. Foi o que sucedeu hoje na «matinée» do Salão Central, com a primeira apresentação da linda pelicula «A menina do quarto 29» do repertorio do ilustre artista, e é o que sucederá esta noite com a sua segunda exibição.

Mas ainda ha outra atração não menos digna de aplauso: serão exibidos os 3.º, 4.º, 5.º e 6.º episodios da incomparavel fita de aventuras «Nas garras do Dragão», trabalho fenomenal, unico, da mais destemida actriz da America do Norte a famosa Marie Walcamp, tão conhecida como apreciada pelo nosso publico.

A volta ao globo em avião

Os tres aviadores britanicos que, tendo por chefe o major Blake, acham-se já empenhados no memoravel empreendimento de realizar um vôo em volta do globo, terminaram com bom exito a primeira parte da sua perigosa viagem. Este projecto impressionou a imaginação dos inglezes sem distinção, e antes de levantar vôo no «Empire Day», dia da festa nacional, o proprio rei enviou aos aviadores um telegrama em termos cordiaes exprimindo-lhes os seus melhores votos. Os preparativos foram feitos com toda a perfeição que a mais elevada pericia e providencia humana lhes podem imprimir e se esses tres bravos aventureiros fracassarem na sua empresa—um deles é irlandez, o outro é inglez e o terceiro é escocês—se fracassarem na sua tentativa não será por falta de sciencia, de preparação nem de espirito de decisão.

Grande numero de admiradores se foram despedir deles e os viram levantar vôo de um dos grandes aerodromos de Londres.

Mostravam uma alegria tão expontanea como se estivessem para realisar um qualquer pequeno vôo de experiencia. Uma das ultimas pessoas a apresentar-lhes as despedidas foi o pai do major Blake, verdadeiro exemplar do fino tipo inglez antigo, o qual ao apertar num ultimo adeus a mão de seu filho disse-lhe:—«Eu aqui estarei á tua vista para te dar as boas vindas, meu rapaz!»

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque.	4 1/8— 4
» 90 dias.	— 4 3/16
Paris, cheque.	1175— 1215
Suissa, cheque.	2477— 2555
Belgica, cheque	1090— 1125
Italia, cheque.	672— 698
Berlim, cheque.	44— 50
Holanda, cheque.	5060— 5220
Madrid, cheque	2048— 2115
New-York, cheque	12940— 13344
Brazil, cheque.	58— 62
Austria, cheque.	1/2— 2
Noruega, cheque.	2311— 2347
Suecia, cheque	3409— 3482
Dinamarca, cheque.	2884— 1920
Libras	64$500 — 66$000

Um massacre de creanças

Parece ter sido ordenado pelos bolchevistas a fim de eliminar os incuraveis

ROMA, 9—Diz a «Krasnaja Gazeta» que as autoridades dos soviets ordenaram o fusilamento de 117 crianças atacadas de doenças incuraveis.—(R).

N. R.—Este telegrama, embora inverosimil foi assim recebido textualmente mas não nos repugna acreditar na sua veracidade dada a forma expeditiva e radical por que os «soviets» costumam solucionar as questões.

A Provincia na "Capital,,

As festas dos Taboleiros

RIO DE MOINHOS (Abrantes), 8.—Continuam com grande entusiasmo os preparativos para as imponentes festas dos Taboleiros que se devem realisar nos dias 23, 24, 25 e 26 do corrente.

A Comissão tem recebido valiosissimos auxilios, entre os quais se regista ultimamente a gentil oferta da Tuna do Tramagal, que se propõe abrilhantar gratuitamente estes tradicionais festejos. Vão começar os trabalhos de ornamentação e instalações electricas. Já foram comprados os bois cuja carne será distribuida aos pobres da freguezia. Está chegando o fogo dos afamados pirotecnicos de Barquinha, Mouriscas e Viana de Castelo. Reina verdadeiro entusiasmo por estes festejos que se espera serem os mais imponentes até hoje realisados no distrito de Santarem. Está sendo construido um coreto em alvenaria que será inaugurado na ocasião dos festejos.

Aniversario do Albergue das Crianças Abandonadas

As festas do aniversario desta casa de beneficencia continuam amanhã, 10, e depois de ámanhã, com o seguinte programa:

Dia 10 — A's 17 horas, abertura da quermesse e das tombolas; concerto pelo grupo de bandolinistas *Amadeu Martins*. A's 21 horas, espectaculo no teatrinho do Albergue, em que toma parte o grupo dramatico da antiga Academia Instrutiva do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Leste e Norte.

Dia 11 — Abertura da quermesse e das tombolas á mesma hora do dia antecedente; concerto pela tuna do Club Recreativo Musical 6 de Setembro de 1903. A' noite, variado espectaculo no teatrinho ali estabelecido. Num dos intervalos, tocará varios fados o notavel guitarrista sr. Anjos.

S. ex.ª o encarregado dos Negocios do Brasil visita, por estes dias, esta instituição.

O produto da receita do dia 4 do corrente foi de 597$00.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

SESSÃO DIURNA

Preside o sr. Nunes Loureiro. A chamada acusa a presença de 30 legisladores, com os quais se declara aberta a sessão.

ANTES DA ORDEM

O sr. ministro do Comercio, que ficara com a palavra reservada, continua o seu discurso, todo orientado no sentido de convencer a Camara de que a contra-proposta da comissão de Comercio e Industria, respeitante ao problema dos Transportes Maritimos do Estado, não é aceitavel e deve, portanto, merecer a repulsa do Parlamento.

Ha uma diferença capital entre a contra-proposta da comissão e a proposta ministerial: a primeira, impõe aos futuros concessionarios da frota mercante do Estado carreiras determinadas, emquanto que a segunda deixa êsse cuidado e êsse dever aos tecnicos, conforme as necessidades de momento.

Nestas circunstancias, a proposta ministerial atrairá os concorrentes, emquanto que a contra-proposta os repele, tendo de abortar, necessariamente, em concursos desertos.

Analisa a questão dos subsidios e cita o que se faz na America do Norte, para demonstrar que os subsidios são indispensaveis para atrair os concorrentes á exploração da frota mercante do Estado. Os subsidios são um encargo para o Estado, é certo, mas êste, pelo seu lado, é participante nos lucros da empresa ou empresas exploradoras, o que é uma apreciavel compensação ao desembolso com os subsidios.

Fala dos fretamentos e declara que não terá duvida em aceitar, para a sua proposta, uma emenda que admita êsse modo de utilizar os navios, mas sómente emquanto se não conseguir fazer a liquidação completa. Os fretamentos têm sido mesmo aproveitados no novo regimen de administração dos navios mercantes do Estado, evitando-se as viagens redondas por conta do Governo, que são ruinosas para o tesouro publico.

Emquanto o sr. ministro do Comercio desenvolve as suas demonstrações, com citações varias e grande dispendio de termos tecnicos, passemos uma vista de olhos pelo hemiciclo e pelas galerias.

O sr. Velhinho Correia, que presta muita atenção ao orador, toma apontamentos e prepara-se para contraditar o sr. ministro, defendendo a contra-proposta da comissão. Será sustentado por muitos deputados da maioria? Ainda não é possivel prevê-lo. Diz-se que o sr. Lucio de Azevedo se pronunciará, no debate, na mesma ordem de ideias do sr. Velhinho Correia.

A minoria liberal está escassamente representada. Talvez seja por acaso...

Nas galerias estão três duzias de espectadores. Isto, quando se trata de resolver sobre o destino definitivo dos navios mercantes de Portugal... E diz-se ainda que nós somos um paiz de navegadores!...

O discurso do sr. ministro do Comercio entrou numa fase nova.

Agora faz a comparação das duas propostas, ponto por ponto, para chegar á conclusão de que a contra-proposta não fez senão tornar confusas muitas disposições que eram e são bem claras no texto da proposta.

E mais uma vez declara que aceita todas as emendas á sua proposta, contanto que elas não destruam os principios basilares que o orientaram na relação da proposta ministerial.

Declara que não aceita a contra proposta da comissão.

UM INCIDENTE

O sr. Lucio de Azevedo, em nome da Comissão de Comercio e Industria chama a atenção da Camara para um artigo em que se injuria o sr. Velhinho Correia, atribuindo-se-lhe responsabilidade unica na contraproposta referente aos Transportes Maritimos do Estado. Não é assim.

Toda a comissão estudou o problema e foi ela que redigiu a contra-proposta.

O sr. Velhinho Correia refere-se ao mesmo assunto. Faz a historia do trabalho que realisou, demonstrando que apenas cumpriu o seu dever.

Porque motivo, porem, o ataca o jornal? Porque ele orador, contrariou as ambições ilegitimas do actual dono do periodico. E prosegue nesta ordem de ideias, imprimindo ao seu discurso excepcional energia, calorosamente secundada com apoiados de todos os lados da Camara.

UM TELEGRAMA DA CAMARA DOS DEPUTADOS DO BRASIL

O sr. presidente Domingos Pereira lê um telegrama de calorosas felicitações da Camara dos Deputados do Brasil, redigido nos mais ferverosos termos, pela gloriosa travessia aeria levada a efeito pelos lusiadas Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

O sr. Domingos Pereira comunica que agradeceu imediatamente.

Alguns oradores, entre eles os srs. João Camoesas e Barros Queiroz pronunciam, a proposito, discursos congratulatorios.

A SESSÃO CONTINUA

No Senado

Preside o sr. Gaspar de Lemos, secretariado pelos srs. Pessanha das Neves e Sousa Varela. Aprovam a acta 26 senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Ribeiro de Melo deseja a comparencia no Senado dos srs. ministros dos Estrangeiros e da Marinha.

O sr. Roberto Baptista envia para a mesa um projecto de lei sobre ajudas de custo a militares e civis. Foi aprovada a urgencia.

ORDEM DO DIA

Continua a discussão do projecto de lei n.º 37, sobre arborisação de estradas.

Usam da palavra sobre êle os srs. Joaquim Crisostomo, Oriol Pena, Pais Gomes e Santos Garcia.

O sr. Pais Gomes envia para a mesa um contra projecto e requere que o projecto em discussão baixe á comissão de Agricultura. Foi admitido o contra-projecto e regeitado o requerimento.

A sessão continua, voltando a usar da palavra sobre o assunto o sr. Santos Garcia.

São 17 horas.

Em poucas linhas

José Saldanha Gomes, travessa das Larangeiras 9, 4.º queixou-se de que lhe furtaram objectos de ouro e prata no valor de 200 escudos.

—Foi preso Julio Martins sem residencia que furtou a Manuel Marques, quinta do Pombinho, o relogio e a corrente.

—A José Paes rua dos Poyaes de S. Bento 132 furtaram a carteira com 97 escudos.

—Caetano Henriques rua da Galé 26, 1.º queixou-se contra Fernando Oliveira acusando-o de lhe ter furtado a quantia de 100 escudos.

—Recolheu a um dos calabouços do Governo Civil Alberto Gomes da Fonseca que estando empregado na casa bancaria de José Augusto Dias na rua do Ouro dali furtou um «coupon» no valor de 25 libras vendendo-o a um individuo de apelido Mendes que por sua vez o vendeu á casa bancaria Pint. & Sotto Mayor.

—O agente Maia da 1.ª secção de investigação apreendeu na ourivesaria da firma Barbosa e Esteves na rua da Prata um magneto e uma bomba de ar objectos estes que se presumem ter sido furtados.

—Manuel de Matos mais conhecido pelo «Pintor» encontra-se preso nos calabouços do governo civil. Mais uma vez, com o vinho fez tropelias no Rocio, mas agora não tiveram importancia de maior.

Poeira da Arcada

Segundo o boletim de sanidade interna na semana finda em 3 do corrente manifestaram-se em Lisboa 6 casos de difteria, 2 de febre tifoide, 1 de meningite, 1 de sarampo e 30 de variola.

Conselho de Ministros

O conselho de ministros reuniu-se hoje na secretaria do interior, durando a sessão desde as 11 horas até ás 13,30. Segundo nota oficiosa, o conselho ocupou-se de assuntos de expediente e de administração publica.

Raid Portugal-Brasil

Está já definitivamente assente o programa das manifestações navais por motivo da chegada dos aviadores ao Rio de Janeiro.

Se a noticia fôr recebida de tarde, antes do pôr do sol, os navios embandeiram com as nacionais nos topes, salvando com 21 tiros os navios de guerra que o possam fazer. A' noite, os mesmos navios iluminarão, assim como os edificios dependentes do Ministerio da Marinha. No dia seguinte, repetir-se-ha, ás 12 horas, a salva de 21 tiros, embandeirando tambem os navios e edificios da marinha. Naqueles onde haja força militar, um oficial fará uma conferencia, tendo por tema o grande feito dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral. A' noite, os navios e edificios da marinha voltarão a iluminar, havendo melhoria de rancho para as praças da armada.

Se a noticia da chegada ao Rio de Janeiro fôr conhecida de manhã, as manifestações festivas serão as acima descritas para o segundo dia.

O cruzador *Republica* parte ámanhã, depois das 12 horas, para a Bahia Cabral, a fim de aguardar ali a chegada dos aviadores.

Theatros e Cinemas

Medalhão

Laura Costa

Faz hoje a sua festa no Salão Foz e, sem sombra de favor, merece bem que, aristocraticamente, o seu nome seja incluido nesta secção que outro fim nunca teve que o de prestar homenagem a todos os artistas que pelo seu esforço e pelo seu trabalho, tenham conseguido a simpatia do publico. Está nestes casos o de Laura Costa que, mercê da correcção e, por vezes, do brilhantismo com que desempenha os papeis que lhe são confiados, para o que muito concorre a sua radiante juventude e a sua graciosidade, despertou a atenção do espectador que a aplaude sem reservas e que hoje, certamente não deixará de lhe ir demonstrar o apreço em que a tem.

Reposições

Teatro Politeama—*Reprise de «A menina virtuosa».*

A peça que já, em tempos, tiveramos ocasião de ver no palco do Nacional onde não fez grande sucesso, foi remontada pela empresa do teatro Politeama e a sua remontagem só se explica pela necessidade de repouso dos principais artistas da companhia que presentemente, funciona naquele teatro.

Porque, o que é certo é que, quem está habituado a louvar sem exageros o esforço dispendido e as faculdades artisticas de Amelia Rey Colaço e Robles monteiro, ao ver representar «A menina virtuosa» quasi chegou a convencer-se de que uma outra companhia estava explorando o Politeama e essa de amadores, inferiores em merito a muitos dos que se veem em palcos particulares. E, justamente, pela muita consideração que nos merecem os dois artistas que constituem a empresa exploradora daquela casa de espectaculos, sentimos profundamente que, com o seu consentimento, se dê a publico o desempenho da peça que ontem nos foi dado ver. Excepção de Raul de Carvalho, fazendo á vontade, o seu papel de «pintor» e de Constança Navarro emprestando a sua graciosidade a uma pequena rapariga que fez com honestidade, tudo o mais é mau, desde a propria «mise-en-scene» ao desempenho das demais figuras, começando na sr.ª Leopoldina Veloso e acabando no sr. Gil Ferreira que, com uma exuberancia de gestos e «rodriguinhos», prejudica, por completo, o seu papel. E, propositadamente, melhor será que não pormenorisemos o trabalho das figuras secundarias.

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

E' a seguinte a distribuição do novo quadro «Propaganda de Portugal» que, em festa da actriz Laura Costa, hoje sobe á scena no Salão Foz, ampliando a revista «Piparote»:

«Pobre diabo», A. Gomes; «Politico», Otelo Carvalho; «Femenista», Julia de Assumpção; «Leite esterilisado», Deolinda de Macedo; «Jornalista», Dulce Menezes; «Borboleta», Ema Polonio; «3 caixeiras», Dina Moreira, Rosa Cerca, Colete Vasques; «Valo:», Felino de Souza; «Lealdade», José Guedes; «Merito», Carlos Barros; «Pão Aliança», José Moreira.

◆ Não ha hoje espectaculo no Nacional por motivo do ensaio geral da peça «O condenado» de Afonso Gaio que amanhã ali sobe á scena, em «reprise», com uma interpretação absolutamente diferente da primitiva.

◆ Segunda o terça feira proxima são as despedidas da Companhia Espanhola, realisando-se, nessas noites, respectivamente, as festas artisticas dos 1.os actores Pedro Barreto e Luiz Balaster.

◆ Devem ficar completamente concluidos no dia 15, os trabalhos de enscenação da nova revista «Lua Nova», que estão confiados ao actor José Climaco. E' com essa peça, original de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão, que será inaugurado, ainda no corrente mez, o teatro Maria Victoria.

◆ A fantasia revista «A Vida», peça que brevemente subirá á scena no Apolo, o que é original dos escritores portuenses Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, tem um prologo e 2 actos, que são divididos em 22 quadros, dos quaes os primeiros se intitulam «João de Deus», «A Vida é aí que mal sôa...» «Eça de Queiroz», «Sobre a nudez forte da verdade» e «O manto diafano da Fantazia».

◆ Otelo de Carvalho, faz a sua festa no Foz, no proximo dia 20. Nessa noite, aquele actor interpretará «O Frei Martinho», frade doido, personagem da tragi-comedia «Nau de amores», de Gil Vicente.

◆ Reuniu hoje no Politeama a comissão organisadora das festas do «O dia das actrizes» que terão lugar no proximo dia 28 na explanada de S. Pedro de Alcantara e a que, com mais vagar, nos referiremos.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

AVENIDA—A's 9,15—«A Maluquinha de Arroios».

POLITEAMA—A's 9,30—«A menina virtuosa»

Teatro musicado

APOLO—A's 9,15—«Porto tantos de tal»

EDEN TEATRO — A's 9 — Companhia espanhola—«La Verbena de la Paloma» (estreia), «Enseñanza Libre» e «El Amigo Melquiades».

SALÃO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparote».

CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».

COLISEU DOS RECREIOS—A's 8,30—Animatografo e variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

A ALEMANHA ACTUAL

A verdadeira situação da Imperial Republica

Vista por fóra, a crise alemã assume aspectos de pompa mentirosa

Era um dia de nevoa, escuro e frio, e os ventos caprichosos combatiam entre chuva e neve, quando o novo gigante dos oceanos, batisado «Bismarck», saiu do porto de Hamburgo prestes a fazer a sua primeira viagem para a Inglaterra, como objecto de tributo alemão. O magnifico paquete, com suas 56.500 toneladas, é agora o maior de todos, e bem digno do seu futuro nome ingles, «Majestic».

Tendo apenas começado a cortar as ondas o gigante parou, obstinadamente, ficando na areia. E os alemães disseram: «Não quer abandonar a patria».

Depois de muitas horas de faina, porem, o navio poderoso póde continuar a viagem, perdeu-se de vista nas sombras da noite humida, esta maravilha de trabalho alemão. E' apenas uma gota sobre a torrente dos tributos alemães, pois desde o armisticio até Janeiro de 1922, a Alemanha entregou aos poderes vencedores: propriedades dos alemães no estrangeiro, importando em 11,7 biliões de marcos ouro; a frota, 5,7 biliões de marcos ouro; locomotivas e vagões, 2 biliões m. o.; fundos alemães emprestados aos seus antigos aliados, 7 biliões m. o.; as minas do Saar, 1,1 bilião m. o.; propriedade fiscal da Alemanha na Alsacia-Lorena, 6 biliões de m. o.; carvão do tributo, 1,3 bilião m. o.; tributos em ouro estrangeiro, 1,5 bilião m. o.; objectos para exercitos, 4,5 biliões m. o.; productos varios (gado, maquinas, instrumentos, cereais, carros, madeira, drogas, etc.) 5,7 biliões m. o.

Resulta já destes factores um total de 46,5 biliões marcos ouro. Esta soma não inclue as colonias e os territorios perdidos.

Calculando-se tambem estes valores, o total importa em mais de 100 biliões de marcos ouro.

Apesar de tudo, qual é a situação da Alemanha?

Fica a Europa mais rica, por estas transacções gratuitas? E' a sua economia mais productiva, mais prospera, por estes desvios artificiais da substancia e do trabalho? «O comercio ingles, diz Mr. Lloyd George, está reduzido á metade das suas antigas dimensões, pela ruina da Europa Central e Oriental; o comercio francez perdeu 30 o|o; o comercio alemão monta agora a 25 o|o da sua antiga importancia; e ha terras em que o estado é ainda peor». Basta o exemplo do «Bismarck Majestic», para avaliar a complicação do problema. O Estado alemão perde este navio, que lhe custou 40 milhões marcos ouro ou 2 milhões de libras esterlinas; perde com ele o fructo do trabalho de milhares de operarios; é, pois, um enfraquecimento da capacidade economica na Europa Central.

Mas o navio construido na Alemanha não ocupa operarios ingleses, nem dá lucro á industria inglesa, e o Estado Britanico, posto que não pague nada á Alemanha ocupada, está obrigado a pagar somas imensas em assistencia aos seus proprios operarios nacionais não ocupados, o que não se pode dizer reconstrução economica. Se a Inglaterra com efeito precisava deste navio, e a Alemanha não fosse obrigada a fornecer este objecto gratuitamente os dois milhões de libras esterlinas teriam enriquecido a industria e os operarios ingleses se não precisava dele, a sua construção é um aumento superfluo da concorrencia na navegação e uma perda de forças produtivas que se poderiam empregar de maneira mais util na reconstrução europeia.

Com efeito, a requerimento das suas industrias, a Inglaterra e o Japão resolveram renunciar, daqui em diante, os navios de tributo. Quanto á Alemanha, ela está obrigada, não só pelo dever natural da honradez, mas tambem pelo tratado de paz, a remunerar estes trabalhos de tributo, pagando os preços do mercado ás fabricas e aos operarios, em marcos de papel alemães; o erario diminue, os operarios e as industrias recebem pagamentos, pois que não são obrigados a trabalhos de escravos, para a Alemanha.

Mas, vejamos a natureza verdadeira dos lucros prodigiosos que, segundo a ficção de calculadores fantasticos, deviam enriquecer os individuos alemães, pela pauperisação do Estado e pela queda do marco. Recebem belos marcos de papel, montanhas deles quanto mais altas, tanto menos preciosas. Abramos agora os livros de um comerciante ou industrial da Alemanha: ele possuia nos primeiros mezes de 1921, um capital de 20 milhões de marcos papel, naquele momento o equivalente de cerca de 2 milhões de marcos ouro, pois o cambio vacilava entre 10 e 14.

Durante o ano de 1921-22, ele ganhou 10 milhões e possue, pois, em março de 1922 um capital de 30 milhões de marcos papel. Mas, agora o cambio está a 1 1|2 e por consequencia, os seus 30 milhões nominaes são apenas o equivalente de 450 000 marcos ouro; não ganhou, pois, 10 milhões, mas perdeu 1 550.000 marcos ouro, e de certo não será capaz de comprar agora 2 pelos seus 30 milhões, quanto podia comprar pelos 20 milhões do ano passado, nos mercados internacionaes. Percebe-se o efeito fatal deste estado de cousas em cada casa de comercio, na Alemanha. Possuia, por exemplo, um comerciante qualquer, em janeiro de 1921, cerca de 40 toneladas de mercadorias substanciaes, avaliadas naquela época em 4 milhões de marcos papel; a tonelada a 100.000 marcos papel. Durante o ano de 1921, os preços subiram, como é sabido, com tanta veemencia, que pela venda de todos estes objectos ele acumulou 20 milhões de marcos papel. Mas, a alta dos preços, acompanhando automaticamente, em direcção inversa, a quéda do marco, o tal que a soma pela qual o comerciante vende hoje um kilograma de uma cousa qualquer amanhã não basta a comprar outro kilograma da mesma especie, mas apenas um fragmento dela. Calculando-se a tonelada a um milhão, no momento actual, em vez dos 100.000 marcos papel em janeiro de 1921, o negociante terá hoje pelos seus 20 milhões de marcos papel apenas 20 toneladas de mercadorias substanciaes, em vez das 40 toneladas por 4 milhões do ano passado. E' o caracteristico da inflação progressiva em um paiz forçado, como a Alemanha, a comprar ao estrangeiro a maxima parte das victualhas e da materia prima; o algarismo dos marcos papel ficucios sobe a alturas vertiginosas; a quantidade de valores substanciaes diminue-se constantemente, pela impossibilidade de os substituir em proporção correspondente, depois do consumo ou da perda.

Continuando estas condições economicas e financeiras, não tardará o dia em que qualquer negociante será proprietario feliz de 10 milhões de marcos papel, todos concentrados em um unico saco de batatas.

Ao sabor das tempestades

Hoje, toda a Alemanha é uma imensa bolsa, em febre de catastrofe: se um ministro alemão, ou europeu, ou americano, ou japonez, pronuncia uma palavra, favoravel ou desfavoravel á Alemanha, logo o cambio dá um salto para cima ou para baixo; mas, ao mesmo momento, é seguido agora pontualmente, dia a dia, por todos os factores da vida economica, mercadorias, preços nas lojas, e especuladores, em dansa frenetica.

Basta descobrir a mais palida scentelha de esperança, logo, mesmo o freguez alemão pode entrar na mais soberba loja de Berlim, sem receio de ser fulminado pela resistencia do negociante ou pelo terror dos preços; ao mais insignificante passo para baixo, perceptivel no marco exercitado, ao aparecer da mais leve sombra de nuvens, no horisonte politico ou diplomatico, a mais obscura galinha, nas asperas montanhas bavarezas ou nas planicies prussianas, põe ovos italianos, a preço puxado. Mesmo no talho crescem as flores da «conjuntura de catastrofe», regadas pela chuva de ditados, taxas e impostos, que puxam para cima, quanto o zelo dos especuladores esqueceisse, na pressa do seu vôo pelas alturas. Por mais abandonados que sejam em geral estes importantes centros da vida culinaria, ha aqui todas as sextas feiras, grande assembleia de mulheres, de cosinheiras, e de homens praticos, e todos compram, com zelo e perseverança. E' que todos os sabados, o preço da carne sobe: o kilograma vende-se actualmente a 80 e 100 marcos, nas cidades «baratas»; em outras a 120 e 150. Ao fim da semana, ha de subir, como sempre; e as mulheres cuidadosas sairão de casa, pouco depois do primeiro canto do galo, na sexta feira, para assediarem o talho, e se aproveitarem, mais uma vez, do «ultimo dia barato».

Seria, talvez, mais util, resistir á tentação dos preços movediços, mas, as forças de resistencia, enfraqueceram-se pelos trabalhos e privações dos longos anos da miseria, e da pressão; e ainda, hoje, este povo vê sempre no seu caminho a ameaça de novas complicações e crises, pela continuação da guerra comercial. Que prodigio que no momento actual, homens e mulheres de todas as classes querem transformar os seus ilusorios marcos em objectos uteis, ou mais duradouros, ou mais agradaveis, instantaneamente, depressa, pois sabem que a sua fortuna de papel está invertida nas ondas traiçoeiras da politica europei.?

Exterioridades brilhantes e miserias intimas

A febre está roendo o interior, e produz um aspecto vão e ilusorio de côres purpureas no exterior da Alemanha.

Encontram-se nos hoteis e nas ruas deste paiz, elegantes da cabeça aos pés, em casacão modernissimo, com botas brilhantes, e o chapeu — um poema, os aventureiros da riqueza de papel, que, hoje, gastam por uma bela exterioridade uma hora de prazer, um milhão, ganho da especulação basardista, e amanhã terão fome, ou continuarão o jogo da bolsa até que tenham realisado a sua propria ruina e a da sua familia. Andam pelas ruas, com passos de dansa, moças mais ou menos bonitas, ocupadas nas casas de comercio ou em escritorios quaisquer trazendo nos hombros toda a sua riqueza, num vestido de cores arrogantes.

Muito menos visiveis, porém, posto que mais activos, são os multissimos moços estudantes das sciencias e das artes que de dia trabalham na universidade, nos laboratorios e nos academias, e de noite, e nas férias, ou cada hora disponivel, trabalham nas fabricas e nas minas, como simples operarios, afim de ganharem o dinheiro necessario para os estudos; muito menos visiveis do que as mulheres dos «Schieber» são os milhões e milhões de mulheres modestas e industriosas, que não andam pelas ruas com ostentação, pois que o seu vestido está arruinado e suas creanças estão chorando, de fome. De certo, nos grandes hoteis e restaurantes, ha sempre um movimento brilhante e internacional: vê-se ahi o «homem da nuca de touros», gastando com largo gesto o superfluo do que ganhou pelo punho robusto; concentra-se aqui uma especie de transacções não admitidas nos centros oficiaes das operações financeiras. O vicio está entronado aqui, fraternisando com fraude, deleitando-se com o fruto, ganho em caminhos escuros. A vaidade encontra-se ao pé deles para oferecer ao mundo o espectaculo da sua nova riqueza, em scenas ostentativas quão ridiculas.

SPORT

Coisas de sport...

Vai tentar-se a organisação da «Associação dos jornalistas sportivos».

Oxalá que a ideia vá avante, pois muito terá que lucrar a propaganda da causa.

* * *

Numa festa feita em Marselha, á memoria do celebre campeão pedestre Bauin, o governo fez-se representar pelo alto comissario dos sports, junto do Ministerio da Guerra, mr. Pathé, o qual discursando disse: «que é preciso que a França dê todo o seu apoio ás sociedades de educação fisica, que são os melhores centros de educação social».

Isto foi, é claro, dito em França...

Aqui não péga.

Os «intelectuais não deixam...

* * *

A ancia de reclame do professor do G. C. P. que Abel se chama, é tanta, que até para os jornais do Porto mandou a tal carta apreciando a critica feita aqui sobre a exibição feita no Coliseu.

Talvez se cure, como ainda é novo...

RUY DA CUNHA

NOTICIARIO

TAÇA ATENEU

Resultado dos desafios realisados no dia 4;

Carcavelinhos venceu Internacional por 4 a 1.

Bemfica marca dois pontos ao F. s-foros.

Casa Pia marca 2 pontos ao Ad-cense.

Desafios para o dia 10:

Desempate da 2.a serie

Bemfica-Casa Pia em Palhavã ás 10 horas. Juiz Faustino Alcide (S. C P.).

FOOT BALL

E' amanhã que no campo do Sporting Club de Portugal (Campo Grande) se realisam os desafios de football organisados pela Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro a favor da sua Caixa de Pensões e Reformas, constando de duas partes, a primeira que principia ás 16 1|2 horas entre um team de actores do teatro de S. Luiz e outro team de actores de varios teatros sendo guarda-redes D. Francisco de Sousa Coutinho (Chico Redondo) e Nascimento Fernandes, e a 2.a parte entre os primeiros teams do Sport Lisboa e Bemfica e Casa Pia Atletico Club reaparecendo os antigos jogadores Cosme Damião e Antonio Couto, para ser disputada a Taça «Trabalhadores de Teatro».

O entusiasmo é grande por estes interessantes desafios, sendo grande a afluencia de publico á Rua do Mundo 81 2.º sede da Associação onde se encontram á venda os bilhetes das 12 ás 19 horas.

HOCKEY E PATINAGEM NO PORTO

Partem hoje no comboio das 21,15 para o Porto, os primeiros teams do Hockey Club de Portugal e do Lisboa Ginasio Club que vão áquela cidade a convite do jornal «Sporting».

No proximo domingo 11 os dois clubs farão um match de hockey em patins no Palacio de Cristal e bem assim diversos numeros de patinagem como saltos, corridas, luta de tracção, etc.

Na proxima 2.ª feira

Memorias do atleta RUY DA CUNHA

As novas bolachas "Lena,,

A Companhia Comercial e Industrial portugueza acaba de lançar no mercado com maior expansão uma deliciosa marca de bolachas cobertas de chocolate que de dia para dia vae tendo uma enorme aceitação entre as clientelas das suas importantes fabricas da Pampulha e S. Isidro.

A marca, denominada «Lena» é notavelmente apresentada vindo a publico em condições identicas ás das mais afamadas producções de Huntley e Palmers numa explendida caixa em que os productos se encontram acondicionados excelentemente.

Agradecemos a oferta da Companhia Comercial.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

OS NOIVOS

por JULIO CESAR MACHADO

— Oh! os ricos são hoje os unicos infelizes. Ha uma coisa apenas tão desgraçada como a miseria, é ter milhões! Não conheço um unico milionario feliz! Passam os dias amarrados á carteira, sem irem procurar um instante ao ar livre um só raio de sol que os aqueça! A sociedade, para tudo ser, obriga-os a representar cegamente o seu papel de ditosos: ha mil casamentos a procurarem-nos, mil falsos amigos a tomarem-lhes o tempo, mil parentes a desejarem-lhes a morte. Não lhes é permitido passar uma noite no Marrare, entre uns poucos de rapazes e umas garrafas de cerveja inglesa; chamam-lhes prodigos se derem, como nós, todo o troco ao criado! Receiam tomar intimidade com toda a gente, por cautela: ninguem os acompanha, que não tome logo o ar de explorador! Se têm amante, diz-se que são amados pela sua fortuna! Se frequentam uma familia honesta, a visinhança principia em remoques! Ninguem os quere, ninguem os respeita! São uma especie de leprosos sociais! Horrivel...

— Que os infelizes saibam amar melhor, convenho, disse um deputado, que se chegou ao grupo; mas que os infelizes sejam mais umados...

— A que chama infelizes? Aos desherdados, aos bastardos, aos filhos segundos? O unico amor que tem voz, é o que se apresenta despido das grandezas do mundo, que não brilha senão da luz da sua chama, não é par do reino, nem ministro, nada tem e nada ha de ter, e faz consistir a sua força nas graças atraentes da sua fraqueza! E' aquele palido semblante, que tem o sorriso melancolico e o olhar choroso; que se sente mal neste entendido, que ostenta a riqueza da sua miseria, que vive... de ser pobre, que interessa por ser pequeno, que comove por ser triste, que é feliz... por ser desgraçado! Eterno peregrino, que atravessa a vida encostado ao seu mau destino como a um bordão de romeiro; pede hospitalidade ao cair da noite, é mais bem tratado que o dono da casa, deve mais atenções á caridade do que os grandes da terra á opulencia, e parte de madrugada, para ir seguindo da mesma forma sempre a sua sublime romaria! E' êste amor, que é o perigoso. Pede esmola como um pobresinho, e êle sempre quem mais impera: bate á porta com humildade e anda depois pelas casas todas: tem ar de implorar as migalhas e o melhor manjar é-lhe destinado sempre!

As senhoras sorriam-se para Carlos Eduardo, como dizendo-lhe: — «Tem razão!» Apenas Carmo permaneceu séria, baixando a vista e cravando-a vagamente numa das flores do tapete. O deputado encarregou-se da replica, mas, para sermos exactos, as senhoras não o escutaram, o que me serve de pretexto agora para não lhe registrar o discurso!

— E' bem verdade tudo o que disse êste moço! ponderou a condessa ao ouvido de Carminho. A tentação, meu anjo, surge na vida do lado de que não se espera!

— De que maneira evitá-la então? preguntou a noiva com uma sublime acentuação de ingenuidade.

— Quem o sabe? disse a condessa, sorrindo: ou antes, minha querida, quem é que tem a força de procurar sabê-lo? Pela minha parte, confesso-lhe a verdade, tenho um grande fraco para desculpar o que o mundo chama más cabeças; inspiram-me muito menos confiança as boas. E' triste de dizer, mas é assim. O pára-raios é para as tempestades o que a tentação é para os corações. Atrae-os. Tirem do mundo os homens superiores; ou acusem-nos de perigosos, em vez de nos acusarem de fracas. Caluniam-nos os que dizem que só os tolos nos interessam!...

— Oh! Os tolos!... exclamou Carmo com horror.

— Sim. São êles proprios, creio eu, que fazem espalhar êsse boato! A sociedade é justamente a culpada de que os homens de merecimento passem na sombra para as distinções do amor; porque não os chama a si, porque não os requesta, porque os desdenha até? Ah! meu anjo, entra na vida, e ignora bem que pandemonium vai observar! Condenam-nos como classe, ás que nascemos em berços doirados. O mundo é o nosso juiz e o nosso algoz. O que é, infelizmente, uma mulher honesta? Menos que nada. Uma coisa em que não se fala!

— Ao menos, disse Carminho, desviando de Carlos o olhar com que o procurara, fica a consciencia ás que fogem da chama que vai queimá-las, e isto é o mesmo que ficar-lhes Deus, não é verdade, condessa?

— Eu sei! Eu sei, meu anjo! A humanidade é tão... deshumana: condena ou absolve ao acaso. Felizes dos que caem em graça, porque ha sempre desculpas para quem não se quere considerar culpado. A primeira coisa de que se deve acautelar na vida, minha perola...

— O que é? preguntou a noiva, anciosamente.

— E' de acreditar nos que a amarem. Veja que não lhe digo «dos que fingirem amá-la ou dos que lhe disserem que a amam» digo-lhe dos que a adorarem. Não ha mais inconsequente inimigo, do que o amor dos homens. O que êles estimam mais em nós, é justamente o que nos querem fazer perder... a virtude!...

— Para depois...?

— Nos acusarem, ou desprezarem-nos.

— Oh! E' horrivel! balbuciou a noiva.

— Horrivel, principalmente, porque quando a minha querida fôr obrigada a colocar um homem no lugar que lhe compete... já terá perdido o seu!

— Oh! Espero que...

— Sim! E que mais pode cada um do que confiar na Providencia... e um pouco em si? A fidelidade de mais a mais, tem as suas glorias. Aqui vê, passando a noite, algumas antigas ligações. Ha gente que pasma disto, sem saber que as ligações antigas duram... justamente por terem durado! A constancia tem um orgulho áparte!...

— Que é, neste caso, o orgulho da desgraça!

— Quando a desgraça dança nos bailes, minha boa amiguinha, nem Deus a vê. Ha uma nuvem, que costuma passar pela lua de mel das noivas; quando ela lhe aparecer, verá que ha de aconselhá-la a ser indulgente com o proximo!

— Que nuvem vem a ser?

— Simples devaneio, ás vezes. De outras vezes, a sombra de um crime. A curiosidade de Eva que renasce no meio de um espectaculo auxiliada por um oculo de teatro, o peor dos interpretes, o mais perigoso dos confidentes! O fruto proibido, que passa de *frack* e luva côr de violeta! A nuvem surge de repente e vem do lado de que não se espera. A' mesa, ao vêr partir um fruto que se nos destina; na igreja, ao aceitar a agua benta, no bissone que se nos oferece; no verão, entre as arvores, ao encontrar três vezes, fixos nos nossos olhos, uns olhos que nos procuram; no jornal, quando uma vaga simpatia pelo nome de um escritor nos obriga, antes mesmo de terminar a primeira pagina, a ir vê-lo no fim da segunda; no baile, quando o nosso braço, que não tremeu na primeira valsa, que demos a um deputado, nem na segunda, que demos a um poeta, nem na terceira, que demos a um principe, treme na inocente contradança que um desconhecido alcançou de nós!

— Mas, sabe tudo a condessa?

— Sei a vida apenas, meu anjo.

— E' possivel, contudo, que se a nossa alma tentar perder-se na coração da nuvem, uma voz amiga nos avise do perigo e nos subtraia a êle, pois não é?

(Continua)

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4101—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Sabado, 10 de Junho de 1922

Telefone n. 2293—Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Rosa, 71 — Preço 10 centavos

Faz hoje 342 anos que faleceu nesta cidade um mimoso poeta autor de algumas composições apreciaveis entre as quais um poema épico de que apenas nos resta a tradição e que se conjectura ter-se chamado «Os Lusiadas».

O genio da raça

O dia que hoje se comemora não tem na verdade significado para uma grande parte da população portugueza que apenas conhece do Principe dos Poetas Portuguezes a sua vida aventureira e infeliz e a reputação mundial do seu poema epico.

Passa por consequencia a tarde de hoje com as alegrias exuberantes e populares dos habituais domingos, misturando porventura aqui e alem a multidão que corre as ruas o nome de Camões na confusão dos seus pensamentos festivos.

Mas para aqueles, para quem na verdade, Camões não é apenas um cantor de glorias desaparecidas, este dia pode fazer acismar que o genio da raça aventureira e por conseguinte ousada, ainda não está de todo extinto. Pode não haver e não ha de facto hoje nem um meio ambiente favoravel ao aparecimento dum novo e grande poeta de epopeia e nem mesmo se torna viavel um genio com a amplitude dos que floresceram no seculo XVI. E se não ha poetas que cantem os grandes feitos essa lacuna provém porventura da ausencia desses grandes feitos.

Assim, Portugal decaído, exausto por esse grande sôpro de delirio suntuoso que deu a volta ao globo, repousa ha alguns seculos da sua tempestade de noventa anos e vê fenecer de todo a sua pleiade de cantores heroicos. Mas recordando hoje o Camões não relembra apenas os dias grandes da sua historia, faz tambem reviver um pouco, embora fugitivamente as irreprimiveis tendencias dum povo. E podemos verificar embora com melancolico desanimo que as qualidades fundamentais subsistem ainda, apagadas, diluidas na agitação da vida moderna e das ideias do tempo, mas apezar de tudo tenazmente vivas.

Não, decerto nós estamos materialmente e moralmente privados da fugaz soberba e corcunda de Aljubarrota e não pode já haver um Mestre de Aviz. E ainda mais falha-nos de todo a possibilidade da existencia dum poeta de genio que solta, viva e cante com superior e inextinguivel brilho esta chama oculta que ainda se clara que dos homens da Patria Nascente, que deu os cantores da Patria. Apesar disso—subsiste ainda, quanto apagada, quanto diminuta chama, agitada pelo fragor de todos os vendavais, mas persistente e viva. Não fomos nós, no letargo morbido da nossa vida actual que o constatámos. Mas foram portuguezes, nossos irmãos de além-mar, que abrindo os braços a dois marinheiros numa formidavel expressão de carinho e de entusiasmo, deram a prova vibrante da existencia desse genio imanente, saudando um feito incontestavelmente grande com uma recepção incontestavelmente suprema.

Ha dois homens que repetem em 1922 uma façanha de Lusiadas. Ha um povo inteiro de exaltados voluntarios que corôa e compreende e vibra com essa façanha e todo se funde em gritos e em lagrimas. E esses dois factos revelam soberanamente o genio da raça, imarcessivel raça que ainda não morreu porque ha quem saiba comprir coisas grandes e ha quem saiba compreende-las. Pode realmente ter desaparecido no nosso derrocar, vencida pela tempestade do modernismo e de lucta, a soberba epica figura desse Portugal truculento, guerreiro e audacioso que dorme na poeira dos seculos. O genio que o creou, somatorio duma raça, está ainda de pé. Não morreu. Não morrerá nunca!

A eterna questão

A delimitação de fronteiras entre o Chile e o Perú

WASHINGTON, 10.—Depois de tres semanas de conferencias os delegados chilenos e peruvianos não conseguiram por-se de acordo sobre a questão do plebiscito nos territorios em litigio.—(R.)

PIO XI

Não se sente á vontade dentro das paredes do Vaticano

PARIS, 10.—Segundo informações particulares de Roma, o Sumo Pontifice suportaria mal o internamento voluntario a que se encontra submetido por tradição no Vaticano. O Papa estava habituado a levar uma existencia activa e a vida sedentaria do Vaticano prejudicaria a sua saude.—(R.)

O rei Alexandre da Servia

Realisa o seu enlace matrimonial em Belgrado

BELGRADO, 10.—O casamento do rei Alexandre da Jugo-slavia com a princesa Maria da Romania foi brilhantissimo apezar da chuva.

A multidão com os seus trajes pitorescos deu a nota interessante á festa e não cessou de aclamar os soberanos apezar da chuva que caía.—(R.)

DOIS CASOS

A voracidade dos tubarões e o orçamento do Ministerio das Finanças—Projecta-se torpedear a representação portugueza na Exposição do Rio de Janeiro?...

Reflictam, srs. Deputados da Nação Portugueza!...

Trouxe *O Mundo* uma questão interessante ao debate jornalistico. O velho e ardente jornal dos tempos da propaganda republicana revelou que no estrangeiro estavam encafuados alguns oficiais, recebendo em bom e autentico ouro as gratificações com que o Estado portuguez lhes subvenciona os arduos estudos nauticos. Como moralidade do conto, *O Mundo* acentua que só é legitimo recorrer no fisco depois de passar pela razoira da mais inabalavel economia as despezas excessivas que o tesouro publico continua imperturbavelmente a custear.

A doutrina é identica á que temos sustentado nestas colunas. E nenhuma ocasião se apresenta mais propicia ás indispensaveis reformas, que a opinião publica reclama, que a da discussão do orçamento de despezas do Ministerio das Finanças. O debate deve estar proximo a iniciar-se. Não será, então, ocasião de vir á publicidade a relação viridica dos variadissimos *tubarões* que vivem de grande e á franceza á custa do tesouro nacional?...

Algumas revelações têm já sido feitas, a proposito. Já não é segredo de Estado que na Caixa Geral dos Depositos se anicharam politicos ilustres, rilhando uma parte consideravel dos lucros auferidos na exploração da Caixa e á sombra do giro vertiginoso dos capitais que são da Nação. Não mencionamos outros organismos dependentes do Ministerio das Finanças porque — estamos certos... — êles são tanto do nosso conhecimento como da comissão parlamentar que examina, claro está, com olhos de vêr, o orçamento de despezas do Ministerio das Finanças. Entretanto, lembramos apenas os Tribunais das Execuções Fiscais, cujo regimen actual permite ao juiz arrecadar grossissima soma, mais do que é licito a quem serve um Estado pauperrimo.

Mas não é apenas nas repartições do Estado, não centralizados no Terreiro do Paço, que existem e vão medrando muitos dos mais vorazes *tubarões* da fauna politica portugueza. Lá mesmo, no templo de que é magno sacerdote(mas adventicio, felizmente..) o sr. Portugal Durão, vivem encrustados e inamoviveis alguns cidadãos, cuja dedicação á Republica — e á Patria, que é a mesma coisa — é, pelo menos, extremamente duvidosa. O sr. Ricardo Malheiro é um dêles. Inventado pelo velho Carrilho para fazer as somas das verbas orçamentais, o actual director geral da Contabilidade Publica açambarca varios e pingues ordenados, com os quais até faz prendios, — emquanto os seus subordinados emagrecem com os jejuns forçados a que são obrigados pela exiguidade dos vencimentos. E é particularmente notavel que tão insigne funcionario, cujo analfabetismo é semi-completo porque, emfim, nada mais sabe que lêr, escrever e contar, encontre modos e geitos de se impingir para todas as boas comissões de serviço, para o estrangeiro a pêso de ouro. Até colaborou (?) na Conferencia de Genova!

Sabemos muito bem que tudo isto é prosa perdida. Os nossos homens publicos, logo que se amegendam nas poltronas ministeriais do Terreiro do Paço, ficam cegos, surdos e mudos. Ainda ontem, na Camara dos Deputados, o sr. Velhinho Correia proferiu palavras de indignação contra um artigo difamatorio com que o pretendeu atingir um estrangeiro. Mas, ámanhã, quando o sr. Velhinho Correia dispuzer outra vez dos cofres do Estado, pode vir a acontecer, sem estranheza para ninguem, que esse mesmo estrangeiro apareça em publico, *bras dessous, bras dessus*, com o sr. Velhinho Correia e ostentando, ainda por cima, uma gran-cruz qualquer, obtida com o beneplacito e mesmo á custa da influencia de ministro dadivoso e acomodaticio. Admitimos, é claro, que o sr. Velhinho Correia venha a ser uma excepção, mas a regra geral, lá por isso, não fica derrogada...

Nestas condições, não é arriscado vaticinar que se não façam as tais reduções de despezas reclamadas pela opinião, a fim de não ir perturbar as digestões pantagruelicas dos *tubarões* politicos. Resta apenas saber se os contribuintes aceitarão uma situação irreprimivelmente perdulária, vazando nos cofres do Estado o pé de meia onde arrecadaram o que veiu a sobrar-lhes do exaustivo trabalho diario.

Se os acontecimentos não tomarem um rumo diferente daquele que se está já acentuadamente desenhando, é bem possivel que a representação portugueza na Exposição Internacional do Rio de Janeiro se converta no mais deprimente e vergonhoso fiasco. Não por culpa dos organizadores, que, trabalhando dedicadamente sob a direcção de um homem de valor excepcional, deram demonstrações praticas de que é possivel obter realizações de valor evidente; não, tambem, por culpa do Governo, que, embora um pouco tarde, entregou ao Poder Legislativo a solução final do problema, com a sugestão de que era indispensavel votar-se, sem perda de tempo; mas exclusivamente por culpa de alguns legisladores, que não se apressam em enviar para a mesa da Camara dos Deputados, com o parecer respectivo, a proposta de lei pedindo um credito para reforçar os fundos do Comissariado Geral do Governo na Exposição do Rio de Janeiro. A proposta de lei dorme uma boa soneca no seio carinhoso da comissão, emquanto o tempo vai passando velozmente, — e tão velozmente, que já não será possivel inaugurar a secção portugueza na data fixada para a abertura do certamen.

O êxito da representação portugueza, na parte que respeita ao esforço até agora possivel, está assegurado. Graças á propaganda intensiva do Comissariado, os concorrentes inscritos passam já de 900, com amostras de todos os produtos das actividades economicas de Portugal e larga exemplificação das forças intelectuais e artisticas portuguezas; o Governo, compreendendo, pelo seu lado, a importancia material e moral da ação, deu o que pôde, com grande honra para as vistas largas e desempoeiradas do estadista que está á frente dos negocios da pasta do Comercio; mas o inefavel Parlamento, onde piam alguns agoirentes crisostomos, trata de embrulhar tudo, com magno gaudio dos monarquicos destrutivos, com o *Dia* á frente... Assim havemos de ir parar longe!...

Já no Rio de Janeiro se está passando por uma vergonha indecente. As obras de fundações, que estavam sendo executadas no recinto da Exposição, pararam, visto que não ha dinheiro para pagar aos operarios. Cremos, mesmo, que as ultimas folhas de féria não foram integralmente pagas. De modo que, emquanto o sacrificio sublime dos lusiadas Sacadura e Coutinho doiram com novo brilho o desbotado pendão das quinas, o derrotismo nacional prega cão nos operarios brasileiros, contractados por conta do Estado portuguez. Pode, acaso, imaginar-se nada mais deprimoroso, mais vexatorio, de maior vergonha e ignominia?

Permitimo-nos apelar para o bom senso dos senhores deputados da Nação Portugueza. Vejam, senhores, o que estão fazendo. Em questões como estas é criminoso o intriguismo partidarista. Porque, se os senhores não querem, realmente, que Portugal compareça na Exposição do Rio de Janeiro, é melhor resolvê-lo com clareza e coragem, pondo-se de parte o recurso vesgo ao torpedeamento por detraz da cortina...

"DOMUS NOSTRA"

Jornalismo e Jornalistas

Uma questão de processos e a Condessa de Gencé

Posso dizer com um pequeno esforço de expressão que é este o meu primeiro artigo, escrito á minha volta de Africa.

Porque os que antes se publicaram apenas representam notas acidentais. Este é que é realmente a retomada da minha pena para esta luta que usava chamar-se antigamente «a boa batalha».

E não é para extranhar que principie por uma especie de analise aos processos que sempre segui na minha curta mas intensa vida de jornalista e que com os meus companheiros de então me acostumei a considerar os mais nobres na nobre profissão da Imprensa.

Começámos todos por ter um grau de respeito pelos Mestres, cujos nomes acatavamos profundamente embora seguissemos orientações as mais diversas.

Estimando, com sacrificios enormes, a nossa profissão, procuravamos sempre coloca-la ao lado das mais nobres, mas jamais nos convencemos de que, porque tinhamos na mão uma pena poderiamos transforma-la em sceptro; menosprezando as outras profissões, ou em escopeta assaltando pelo desrespeito e pelo susto as situações a que só o estudo e um atorado trabalho dão jus a ser fruidas.

E assim nunca nos afoitavamos ao que seja considerar-se «o alto jornalismo», sem que nos afizessemos ao saber comezinho e ainda assim dificil do «miúdo do jornal». Era a noticia da rua, cosinhada sobre as notas do informador, a concatenação da correspondencia da provincia, a «lutoza», o extracto duma conferencia etc.

Depois, lá vinha a tradução do boletim, a reportagem dum acontecimento de maior vulto, um ou outro eco politico feito sobre as indicações do redactor principal ou do director...

E, se o redactor demonstrava as suas aptidões, começava a ser chamado jornalista e a ser encarregado de trabalhos de maior responsabilidade.

Aqui está exactamente o processo moroso de ser jornalista ha coisa duns vinte anos.

Processo moroso sem duvida, morosamente para estes intensos tempos em que a vida se tornou desmarcadamente febril.

Mas esse merito criava nos espiritos um sentimento claro das responsabilidades e uma nitida compreensão das proporções.

E' exactamente o contrario que eu vejo agora estadear-se pela prosa da maioria dos «novos».

E parece-me que sou bem insuspeito. Haverá poucos desses novos que tenham afirmado mais entusiasticamente a sua mocidade do que eu.

Mas atravez de todos os meus estos de pletorica, quantos e quantos duma irreverencia plena de audacia, eu nunca esqueci as normas do que sempre considerei «a minha profidade de escritor», raro perdi de vista esse tal sentimento das proporções e, sobretudo, lembrei-me sempre dos primacials dictames da boa educação que constituem o fundo dessa obra tão espalhada em edições populares de condessa de Gencé.

Nós, por ventura, tivemos uma escritora que tambem tratou do assunto —essa ilustre mulher que se chamou D. Maria Amalia Vaz de Carvalho e que escreveu a «Arte de bem viver na Sociedade».

Mas isto não constitue receita exclusivamente minha. Isto foi apenas a lição dos mestres seguida na mesma escola dos jornalistas da minha geração.

O jornalismo deve, em minha opinião, constituir um ramo de literatura. Mas não admite, nunca poderá admitir, confusões com os outros generos da literatura.

Tem que ser claro e preciso, sem circumloquios desnecessarios e pretenciosos, interessante pela mesma nitidez com que é exposto o assunto.

A escolha deste, precede, pelo seu interesse, a forma que deve ser cuidada mas correcta, fugindo de ser pantosa como o diabo da cruz.

Fazer dum artigo um conjunto de elementos autobiograficos «do jornalista» é erro crasso que nega o saber da profissão de quem o comete e encobre fastidiosamente o interesse principal do assunto.

Pior, porem, do que esses erros, é a falta de consideração com que nos jornais de hoje se tratam, por vezes, assuntos de suma importancia e individualidades cujo passado e cuja situação merecem e impõem respeito. Faia-se muito para ai «na elegancia jornalistica» formula que ainda não foi explicada por esses mesmos que tanto abusam dela.

Eu não sei, nem nunca ouvi dizer de elegancia possivel sem delicadeza. «Saiero» pode ser; elegancia nunca!

Ainda não ha muito li uma entrevista com o venerando pai dum dos nossos heroicos aviadores, creatura aquela de quem se deveria falar com o maximo carinho, extremos de galanteria.

Pois sabem o que o autor da entrevista fez sobressair no seu artigo? Um dos oleografias baratas que encontrou pelas paredes da casa!... —Umas malhas brancas que o velhinho tinha na pele da cara e que equivocamente não explicou o que eram.

Hontem coube a vez a um brilhante diplomata, cujo nome constitue para todos os jornalistas uma gloria para a nossa profissão. Pois ficamos sabendo que tinha uma ou mais brancas de riscas azues e que estava velho.

Boa vai ela! Ainda havemos de ver tal velhice, se agrega voltar á imprensa, meter num chinelo mui ta mocidade vaidosa.

Tudo isto é duma inconcebivel indiscrição, sem sombra de interesse para o publico.

E só isso.

O papel da Imprensa, meus senhores, é orientar a opinião publica não é discorrer sobre as fraldas de cada um.

FRANCISCO DA SILVA-PASSOS

Os pontos n[os] ii

João Chagas

não deixa, tão cedo de ser ministro

Sobre uma entrevista publicada ontem por um jornal da noite, bordava um nosso colega desta manhã, o nobilitante e até um antigo e brilhantissimo jornalista sr. João Chagas, que desde a implantação da Republica tão patrioticamente e com tanta elevação desempenha o cargo de ministro de Portugal em Paris, deixaria esse logar que tão vincadamente ilustrou, para tomar a direcção do «Diario de Noticias».

Esta informação carece absolutamente de fundamento, exprimindo apenas uma atrabiliaria «fuga» de fantasias exaltadas.

O sr. João Chagas, cujos serviços a Portugal como diplomata continuam valiosamente aqueles que á Republica prestou como ardente panfletario e modelar jornalista, de ha muito que pensa em voltar a Portugal, do qual só nunca desenraizou o seu coração de patriota. Mas não ha razão nenhuma para supor que esse facto—que, se por um lado enche de contentamento quantos professam com consciencia o jornalismo, deve constituir um desagradavel acontecimento para quem conheça bem a sua falta na Diplomacia Portugueza—se dará para breve, sem mais nem menos.

O que João Chagas não tenciona fazer é covalhocer pelos corredores das Chancelarias. Ele quer o lindo sol de Portugal lhe doire os arrebois em que há-de coiser a sua vida e um tanto ou quanto cultura dos «afficios» das Necessidades.

Dahi até sequer mais um logar vago» vai ainda um bom pedaço de caminho...

Dr. Alvaro de Castro

E' no dia 17 do corrente que o dr. Alvaro de Castro, major de infantaria e professor da Escola Militar realisa no Salão Nobre do Conselho de Instrução a sua conferencia subordinada ao titulo «A Paz e a Sociedade das Nações». Pelo nome do distinto professor de direito que se propoz desertar sobre assuntos de tão flagrante oportunidade, está esta conferencia despertando um vivo interesse em todos os meios cultos, tanto militares como navais e elemento civil.

Documentação brilhante

Se a «Fibrosoleina», recalcificante natural não fosse digna de ser preferida no tratamento da tuberculose, não seria aconselhada pelos ilustres especialistas srs. drs. D. Antonio de Lencastre, Lopo de Carvalho, Ferreira Alves, Forte de Lemos, José de Padua, Mendes Dordio, Alberto de Souza, Simões Ferreira, Rodarte de Almeida, João Correia, Adriano Fontes, etc, etc. Caixa custa apenas 1.20. Depositarios exclusivos, Raul Vieira Lda, Rua da Prata, 51.

Na União Sul-Africana

Terminou a revolta com a captura dum cabecilha

LONDRES, 10. — Comunicam da cidade do Cabo que o general Smuts anunciou na Assembleia da União que tinha sido capturado o leader da ultima revolta, bem como 150 seguidores.—(R.)

OS ESPECTROS DE HOJE

Lenine, dictador d'algumas Russias

RECEBE UM FOLICULARIO DE CUJA SAUDE SE INFORMA DEPOIS DE O TER MANDADO DESPIR E PASSAR EM REVISTA POR TRINTA :—: :—: :—: E DUAS BAIONETAS :—: :—: :—:

O telegrafo continua a dar-nos noticias vagas e inconsistentes sobre o estado de saude de Lenine, dictador de todas as Russias. De facto Lenine não só ainda não morreu como tambem ainda continua a dar que falar pelas suas medidas de ordem revolucionaria.

Tambem se não sabe ao certo de que doença sofre este incomparavel agitador de homens e de ideias. Dizem uns que se trata de ameaça de paralisia geral, outros afirmam que este emerito roceiro sofre para e simplesmente duma tuberculose pulmonar. Ha quem assevere que está completamente doido e que é necessario vestir-lhe de tempos a tempos um colete de forças mas algumas pessoas que garantem «beber do fino» exclamam, apertando os lobulos das orelhas:—Está são como um pero.

Como quer que seja os telegramas acerca de Lenine não passam de divagações telegraficas que porventura ocultarão intuitos politicos. De facto nada se sabe sobre Lenine e tudo quanto se escreve a seu respeito marcará uma fantasia mais ou menos viva, mas não traduz, na maior parte das vezes, uma realidade. Parece no entanto que o estado de saude do grande dictador russo é bastante precario. Ha tempos sofria duma afecção grave da garganta em virtude da qual teem sido convocados repetidas vezes os primeiros especialistas de Berlim. Alem disso, privado quasi em absoluto de colaboradores duma envergadura semelhante á sua, fatigou-se extraordinariamente com um trabalho excessivo, um labor infatigavel de que nada pode dar ideia.

Acresce ainda que o seu estado de fraqueza geral se acentuou com a extracção de duas balas que lhe tinha metido no corpo um socialista revolucionario em 1918, operação a que se submeteu ultimamente. Desde então Lenine permanece inteiramente invisivel e um dos maiores trabalhos que neste momento se pode ter nesse imenso pais de trabalhos que é a Russia, — consiste em avista-lo dois segundos que seja.

Um jornalista francez quiz no entanto entrevistar ultimamente o ministro bolchevista. Passou tratos de polé. Quando formulou o seu pedido pela primeira vez pouco faltou para que o fuzilassem. Todo o bom bolche vista abriu enormes olhos de furor, de indignação para com o misserrimo foliculario. Lenine não era só invisivel; era tambem intangivel. Emfim, depois de lutas tremendas em que varias vezes jogou a vida, conseguiu o jornalista, por intermedio de Kamenieff, presidente dos «soviets» de Moscou, o governador da nova capital russa, que o seu humilissimo, rastejante pedido chegasse aos ouvidos do grã-chefe. Mas justamente nessa epoca Lenine repousava numa quinta afastada da cidade, e administrada pelos bolchevistas unicamente para repouso e deleite dos grandes chefes esgotados. E' pelo visto uma especie de granja real. E foi preciso esperar que ele regressasse ao Kremlin.

De resto, Lenine consentiu em receber o jornalista. Imediatamente começou da parte das autoridades um prodigioso, extraordinario trabalho de investigação. Deram lhe em primeira mão um documento de livre transito para o Kremlin e depois ainda um outro para penetrar nos aposentos especiais do dictador e finalmente um terceiro para ser admitido á sua augusta presença. Ao entrar no Kremlin com o primeiro salvo-conduto a primeira coisa que lhe fizeram foi despi-lo inteiramente e depois de lhe vistoriarem a fatiota com uma severidade inaudita, vasculharam-lhe tambem varios pontos intimos do corpo. Inteiramente em pelota foi interrogado com a sisudez e minucia dos, perguntaram-lhe a filiação, o modo de vida, as taras hereditarias, sujeitaram-no a perguntas indiscretas, e detalhes inconcebiveis, a tormentos variados de diferentes especies. Fazia um frio de rachar pedras o que não impedia o misero «reporter» de suar por todos os poros.

Depois deram-lhe as calças.

Remunido de fatiota e com o segundo passe, o salvo conduto para os aposentos particulares, passou por um numero incalculavel de sentinelas dispostas em todos os corredores e em todos os angulos das paredes, sendo afrontosamente apalpado por homens de bigode e barba. Os ferros das baionetas roçavam por todos os pontos entre o rumor de coronhadas batidas com energia. Mais morto do que vivo, dando ao diabo a Russia e as suas delicias, chegou ás mãos duma trigessima sentinela que esperou na 1ª posta o segundo salvo conducto d'ora avante inutil e que lhe indicou uma porta de bolsa baixa por onde devia entrar. Entra no limiar dos aposentos particulares de Lenine.

Uma multidão de homens de varios tamanhos, varias cores e varias nacionalidades, precipitou-se sobre o, sendo novamente esquadrinhado com detalhado rigor. Eram os ajudantes de ordens do dictador. Posto isto empurraram-no para outra porta e por onde, revistado até ao fundo da alma, finalmente entrou. Estava no gabinete de Lenine—duas horas e quarenta e cinco minutos depois de ter transposto o portão principal do Kremlin.

De principio o jornalista confessou ter visto nenhum Lenine. Depois, mais refeito e mais atento, lobrigou por detraz duma grande secretaria de ministro um corpo exiguo encimado por um craneo quasi inteiramente calvo e onde fulgiam dois olhos de desusado esplendor. Uma barbinha rala e um bigode raspado enchiam os ornatos secundarios desta estranha figura. A solidão do imenso gabinete apenas era povoada por imensas rimas de livros amontoados pelo chão. Na parede um retrato de Karl Marx e uma fotografia onde uma donzela brejeira uma pombinha. E' visto o homem estranho e inconfundivel, levanta-se por detraz da secretaria, estende ao jornalista uma papuda e mole mão e diz-lhe em excelente francez estas coisas profundas e simples:

—Então como passou? Passou bem?

Depois disse mais coisas compassadas e graves donde, afinal, a custo, apenas se extrai uma desoladora banalidade. Nem uma palavra sobre Genova, nem meia palavra sobre a situação da Russia, nem mesmo um terço de palavra sobre as suas ideias de futuro. Nada. Talvez Lenine não tenha ideias: vem-se comummente estas coisas nos estadistas, quer sejam russos quer portuguezes. Enfim, «mutos» sobre aqueles assuntos que mais interessavam o jornalista. E para isto havia sido um homem despido e ignominiosamente apalpado!

Emquanto ele falava o repórter observava-o, detalhava-lhe as feições, o rosto extremamente palido, os sinais de fadiga. Toda a sua face era como uma face morta onde apenas vivia e fulgurava-lhe o clarão constante e insustentavel dos seus olhos. Tal um Max Bose, o director fabuloso daquelas «Russias», Gengis-Khan de jaquetão, Tamerlano de chapeu de coco e de dentes falsos, que no seu recinto inviolavel do Kremlin só faz apenas acismar as mentalidades que o combatem, mas infiltra tenazmente, teimosamente o seu «virus» maleficio nas multidões anonimas de todo o globo...

NO BRAZIL

esta definitivamente eleito Presidente da Republica o sr. Artur Bernardes—Vai proceder-se á eleição do Vice-Presidente

Ontem, já depois de paginado o jornal, recebemos um telegrama do Rio de Janeiro noticiando que o Congresso proclamara Presidente da Republica o sr. Artur Bernardes que, em data ainda não fixada, se procederia á eleição do vice-presidente da Republica na vaga do sr. Urbano dos Santos. O Congresso, em conformidade com a Constituição, não proclamou vice-presidente o candidato sr. J. J. Seabra, que fôra o mais votado depois do sr. Urbano dos Santos e que fôra apresentado ao eleitorado na lista de oposição, com o sr. Nilo Peçanha como candidato á Presidencia.

A situação politica está, pois, esclarecida. O Congresso deu ganho de causa á lista oficial, apoiada pela politica dominante na maior parte dos Estados da União. Ha apenas, ainda um ponto obscuro: o panorama fez-se na ausencia e sem o concurso dos parlamentares que apoiam os srs. Nilo Peçanha e J. J. Seabra. E' evidente que tal circunstancia não diminue o legalismo constitucional do acto.

E' de crêr que os amigos politicos do sr. Nilo Peçanha e J. J. Seabra não invoquem esse pretexto para contestarem ao sr. Artur Bernardes o direito á posse da Presidencia, que se realisará em 1 de Novembro do ano corrente.

PELO TELEGRAFO

Regresso do Principe de Gales.

LONDRES, 10 — No proximo dia 20 deve chegar ao porto o couraçado *Renown*, trazendo a bordo o principe de Gales, que regressa da sua viagem á India e ao Japão. Prepara-se-lhe uma imponente recepção. — (R.).

A aviação em Inglaterra.

LONDRES, 10 — O general inglês Croves, uma das maiores autoridades da Inglaterra e até da Europa em materia de aviação, declarou que a aviação na Inglaterra se encontra muito negligenciada e que a Inglaterra se encontrará á mercê de um ataque serio de um paiz hostil, no caso de não tomar convenientes medidas.—(R.).

O gabinete japonez demite-se.

LONDRES, 10 — Um telegrama de Tokio dá conta da demissão do gabinete japonês. — (R.).

A travessia a nado da Mancha.

LONDRES, 10 — Tentará brevemente a travessia a nado atraves do canal da Mancha a grande nadadora *miss* Ivy Hawke. — (R.).

Maximo Gorky virá para a França.

PARIS, 10 — Os jornais francêses têm-se ocupado da possivel vinda de Maximo Gorky á França para se tratar dos seus sofrimentos intestinais e nervosos nalgum estabelecimento termal do sul, onde melhor poderá encontrar a saude desejada. Embora alguns amigos do escritor revolucionario aplaudam essa ideia, o governo francês ainda não concedeu o visum aos passaportes e entre os jornais não socialistas ha divergencia de opiniões. — (R.).

A feira da Praga.

PRAGA, 10 — A Tcheco-Slovaquia prepara a sua quinta feira, que se celebrará no mês de Setembro. Chamarão, sobretudo, a atenção as instalações dedicadas ao assucar. A Tcheco-Slovaquia é o unico paiz da Europa exportador dêste artigo e o segundo do mundo na produção da beterraba. — (R.).

Receção no palacio de Buckingham.

LONDRES, 10 — O rei e a rainha de Inglaterra deram ontem, no palacio de Buckingham, a sua primeira recepção desta *season*, que marcou, pelo seu explendor e brilhantismo, a volta aos tempos anteriores á guerra. Assistiu todo o corpo diplomatico. — (R.).

Almirante inglez condecorado.

NORFOLK, (VIRGINIA), 10 — O contra-almirante Rodman entregou a medalha de serviços distintos, a mais alta condecoração que os Estados Unidos podem conceder a estrangeiros, ao almirante inglês sir William Pakenham, comandante em chefe da estação naval da America do Norte nas Indias Ocidentais, em recompensa dos serviços prestados ás forças navais americanas durante a guerra. — (R.).

As tarifas nos Estados Unidos.

WASHINGTON, 10 — O Ministerio dos Negocios Estrangeiros comunicou ao embaixador italiano que o governo dos Estados Unidos considera a questão de tarifas um assunto interno, que não pode ser publicamente discutido pelos plenipotenciarios acreditados em Washington. — (R.).

A aviação militar em França

PARIS, 10 — O ministro da Guerra apresentou a conselho de ministros um projecto de lei tornando autonomos os serviços de aviação militar. — (R.).

A politica economica internacional

A lentidão com que se operavam as diversas modificações da politica economica da Inglaterra deu lugar a que outros factores, que nada tinham de comum com os principios postos por Adam Smith, viessem influir no espirito dos legisladores ingleses.

A abundancia de capitais, o aperfeiçoamento tecnico das industrias na Inglaterra, a concorrencia das industrias dos outros paises, que começava a observar-se nos mercados estrangeiros, em que até ali dominava exclusivamente a industria inglesa, levo uos industriais a pedirem: a abolição dos direitos sobre as materias primas, porque êles aumentavam o custo de produção; a abolição dos direitos sobre os cereais, para baratear a alimentação dos operarios, facilitando a diminuição dos salarios, e ainda para obter, em compensação, dos estados continentais, a liberdade de entrada para os produtos fabricados da industria inglesa.

Pretendia-se que os estados continentais se consagrassem exclusivamente á agricultura, reservando-se a Inglaterra para lhes fornecer todas as manufacturas de que necessitassem.

A aparencia filantropica de que se revestia a intensa propaganda livre-cambista dos industriais inglêses dêsse tempo era principalmente um pretexto com que se procurava encobrir o verdadeiro objectivo, sintetizado na tendencia para um monopolio industrial, para a baixa dos salarios e ainda para a luta politica que se travou entre os grandes proprietarios e os grandes industriais, em que êstes ultimos foram os vencedores, por efeito da agitação promovida pela Anti-Corn-law League (Liga de Manchester).

As doutrinas preconizadas por Smith, depois de consagradas na legislação inglesa, apaixonaram os economistas e os legisladores de todos os estados da Europa, que orientaram a sua politica economica num sentido verdadeiramente livre-cambista.

Alguns economistas, em numero muito limitado, permitiram-se comentar desfavoravelmente a obra de Smith, mâs a sua voz não encontrou ambiente favoravel no grande publico da época. Só em 1841, Frederico List, com a publicação do seu «Sistema nacional de economia politica», veiu abalar profundamente a teoria livre-cambista.

List esteve durante alguns anos na America do Norte, onde conviveu com os membros da «Sociedade de Filadelfia para encorajamento da industria nacional», e dizem os seus biografos — os factos inspiraram-no mais que os livros; o seu espirito pratico, observador, foi impressionado sobretudo pelo êxito material do proteccionismo americano.

Para interpretar convenienmente a obra de List, a teoria de uma economia nacional, em contraposição do internacionalismo de Smith, é indispensavel recordar a evolução operada na Alemanha do seculo XIX; averiguar como ela abandonou a sua feição exclusivamente agricola, como se libertou do regimen das corporações que asfixiava as suas industrias, como conseguiu reunir os diferentes estados para fundar, em primeiro lugar a sua unidade economica, depois a sua unidade politica, transformando-se finalmente numa grande potencia industrial. Na transição para esta ultima fase, isto é, quando a sua industria se encontrava ainda na infancia, deparava-se-lhe, como o mais serio dos obstaculos á sua expansão, a industria inglesa, com os seus maquinismos aperfeiçoados, com a produção em grande escala, estimulada por uma longa tradição.

Consumada a unidade economica, por efeito da constituição do Zollverein, estabelecia-se um grande mercado interno, que permitia a especialização da industria alemã e isto era incontestavelmente o primeiro passo para o desenvolvimento do comercio externo.

O Zollverein tinha, no começo, um caracter francamente proteccionista, que a breve trecho era posto de parte, por efeito da vulgarização das doutrinas da Liga de Manchester e ainda por motivos de ordem politica, isto é, para excluir a Austria do Zollverein, em consequencia das rivalidades no campo economico, entre esta e a Prussia, visto que ambas pretendiam simultaneamente a hegemonia no novo imperio.

A Prussia entrava dêste modo, em 1862, numa politica abertamente livre-cambista, que obteve a sua consagração nos tratados realizados sucessivamente com a França, Belgica, Inglaterra e Italia (1865).

O regimen livre-cambista foi-se acentuando em progressão constante nos primeiros anos que se seguiram á fundação do imperio, de maneira a fixar-se numa formula mais radical do que na propria Inglaterra, pretendendo-se mesmo abolir os direitos puramente fiscais, que esta ultima havia conservado.

Nesta época, os tratados de comercio foram julgados, na Alemanha, como um recurso dispensavel, desde que se ultrapassasse o periodo de transição, no qual sómente êles tinham a sua função a desempenhar.

A circunstancia de haver a Prussia recorrido ao livre-cambismo, como arma politica, para afastar a Austria da União aduaneira, não quere dizer que a liberdade de comercio não tivesse os seus defensores, fora do ambito das preocupações politicas.

Os sacrificios materiais que a Prussia realizava, prescindindo das receitas aduaneiras, eram largamente compensados, porque, sem êles, decerto não promoveria com tão seguros resultados a criação do Zollverein, que, já em 1848, se considerava uma questão vital para o imperio. A supremacia que ela conseguiu conquistar dêste modo na União só foi seriamente ameaçada quando o ministro austriaco von Bruck apresentou e defendeu o plano de uma liga aduaneira, que devia compreender: a Alemanha, a Austria, a Hungria e a Italia Septentrional. O projecto era vastissimo e tinha incontestaveis vantagens de ordem economica, mas, sob o ponto de vista politico, não podia deixar de suscitar novas rivalidades entre a Austria e a Prussia. Esta ultima tratou de o anular, defendendo para a União a pratica do livre-cambio, que calculava não dever ser aceite pela Austria, porque esta não podia, em consequencia das suas condições de ordem financeira, prescindir do rendimento das alfandegas.

O tratado que a Prussia realizou com o Hanover e com o Oldenburgo tem como principais caracteristicos não só o acentuar para a União o regimen livre-cambista, mas ainda o encerramento dos portos do Mar do Norte e do Baltico, para a hipotese de uma liga entre os estados da Alemanha meridional com a Austria.

O tratado entre a Austria e a Prussia, de 1853, assegurava a esta a posição que havia tomado no Zollverein, embora consignasse, para a liga proposta pela Austria, apenas um adiamento.

Frederico List publicou em 1841, como vimos, o seu livro, que produziu uma sensação extraordinaria; a partir de 1843, redigiu um jornal — *Zollevereinsblatt*, em que realizou uma intensa propaganda proteccionista.

Emfim, as ideias de List sobre politica economica triunfaram na Alemanha, do mesmo modo que as de Adam Smith haviam triunfado em Inglaterra primeiro e nos paises continentais depois. As soluções propostas pelos dois celebres economistas eram diametralmente opostas, mas as circunstancias dos paises respectivos tambem eram muito diversas.

Independentemente, porém, das condições do meio, List refutou alguns pontos, que podemos considerar fundamentais, das doutrinas defendidas por Smith.

Quanto á actividade agricola, reservada pelos livre-cambistas inglêses, para a Europa continental, List, depois de afirmar que de todas as forças produtivas de uma nação, nenhuma é mais fecunda do que a industria manufactora, diz: «o desejo de acrescimo constante dos bens intelectuais e materiais, da emulação e da liberdade, caracterizam a fase manufactora e comercial; emquanto que, sob o regimen de uma agricultura informe, reinam a preguiça de espirito, a moleza do corpo, os velhos preconceitos, velhos habitos, velhos usos e velhos processos, a falta de educação, de bem estar e de liberdade. Melhor que a agricultura, as manufacturas permitem a utilização de todos os recursos materiais de um paiz: a agua, o vento, os minerais e os combustiveis. A propria agricultura recebe da presença das manufacturas um poderoso impulso».

FRANCISCO ANTONIO CORREIA

A repercursão do "raid" na imprensa estrangeira

O que diz o «London Mirror»

O artigo que a seguir publicamos do jornal londrino «London Mirror», refere-se á «étape» já realisada de Cabo Verde aos Penedos, mas não deixa de ser interessante transcrevelo para que os leitores vejam como lá fora é apreciado o glorioso feito:

«A audacia desses dois homens é digna de suscitar assomos de entusiasmo. Sacadura e Coutinho atravessam agora o Atlantico, em diagonal, na sua parte mais larga, sem que os governos portuguez e brasileiro, interessados na prova gigantesca, hajam organisado em todo o imenso percurso a ser coberto, a «fila indiana» de navios que é costume mobilisar para tentativa desta especie.

O fragil hydroplano terá que seguir a sua rota sem um só ponto de referencia na amplidão infinita dos mares. Este feito, absolutamente sem precedentes na historia da navegação aerea, só tem sido possivel graças aos aparelhos da invenção do capitão de mar e guerra Gago Coutinho, aparelhos, cuja eficiencia extraordinaria ficou já provada no vôo executado de Lisbôa a Las Palmas e de Las Palmas a Cabo Verde.

Infelizmente, não nos é dado satisfazer a curiosidade do publico e, sobretudo, dos nossos aviadores e engenheiros civis e militares, fornecendo-lhes a descripção pormenorisada dos instrumentos nauticos do hydroplano. Sabemos, em todo o caso que o nosso governo já recebeu informações relativas ás invenções do sr. Gago Coutinho.

Quanto ao piloto Sacadura Cabral, é ele conhecido como um habil aviador militar portuguez, não ignorando ninguem que essa arma do exercito dos nossos aliados, provou, durante a guerra ultima, a proficiencia verdadeiramente excepcional dos portuguezes em relação ao assunto.

Ha ainda a considerar neste «raid» o lado moral, que é de alta beleza. O Brazil foi descoberto pelos portuguezes, que desde o começo do seculo XV tinham conhecimento da existencia de «terras vastas para além da Madeira e dos Açores». Descoberto e colonizado pelos portuguezes, o Brazil conservou-se sempre fiel ás tradições e ao espirito dos seus gloriosos ascendentes, obtendo a sua independencia em 1822 quasi sem luta armada contra as forças da metropole. Portugal, por sua vez, não guardou nenhum resentimento contra a antiga colonia tornada independente, antes pelo contrario: os seus sentimentos de amizade pelo Brazil só se teem radicado, desenvolvido mais com o correr do tempo, sendo esta uma magnifica prova do temperamento amoravel e da largueza de espirito dos nossos fieis aliados, prova que só encontra exemplo na historia dos povos na estima reciproca que une os inglezes e os americanos.

A tentativa levada a cabo pelos dois aviadores de Lisbôa, tem assim significação muito especial, cuja beleza merece ser frizada.

O jornal londrino faz em seguida varias considerações relativamente ás dificuldades tecnicas a serem vencidas na terceira étape da prova: Cabo Verde-penedo de S. Pedro, terminando por dizer:

«Se o hydro-avião conseguir encontrar na vastidão marinha, após 15 horas vôo a grande velocidade, a ponta minuscula do penedo, esse feito bastará a assombrar todos os tecnicos do mundo, porquanto é preciso aos proprios comandantes de navios, que dispõem de meios muito mais faceis de correção de rumo, habilidade rara e conhecimento perfeito das zonas navegadas, para chegarem a resultado identico.».

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Condenado».

AVENIDA—A's 9,15—«A Maluquinha de Arroios».

POLITEAMA—A's 9,30—«A menina virtuosa»

Teatro musicado

APOLO—A's 9,15—«Porto tantos de tal»

EDEN TEATRO — A's 9— Companhia espanhola—«Enseñanza Libre», «Alma de Dios» (estreia) e «La Verbena de la Paloma»

SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparotes».

CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».

COLISEU DOS RECREIOS—A's 8,30—Animatografo e variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

ULTIMA HORA

A festa da cidade

Galardoando os soldados do dever

A' briosa corporação dos bombeiros municipais é oferecida uma bandeira na qual o chefe do Estado impõe a Torre e Espada

Foi imponente a cerimonia da oferta de uma bandeira á corporação dos Bombeiros Municipais bem como a imposição da Torre e Espada no mesmo estandarte.

Estava a cerimonia marcada para as 13 horas mas muito antes já a Praça do Municipio se encontrava animada vendo-se os passeios bem como a placa central apinhados de curiosos.

Em frente á Camara formavam os bombeiros municipaes, na sua maxima força, comandados pelo ajudante interino sr. Alves, os quaes tinham á sua esquerda e formando circulo até a rua do Comercio os bombeiros Voluntarios Lisbonenses, os Voluntarios da Ajuda com o seu estandarte; os voluntarios da 4.ª secção (Campo de Ourique) e o Corpo de Salvação Publica.

Os Bombeiros Voluntarios de Lisboa, não tomaram parte na formatura tendo comparecido no entanto a sua direção que como é sabido oferecia as insignias da Torre Espada aos Municipaes representando tal gesto prova de leal camaradagem e amisade.

A's 13 horas prefixas chegou aos Paços do Concelho em automovel o sr. Presidente da Republica que se fazia acompanhar do Secretario Geral da Presidencia sr. Jaime Athias e do secretario particular sr. Serras. Todos os bombeiros prestaram ao Chefe do Estado a continencia do estilo enquanto os ternos de cornetas executavam a marcha de continencia.

A' porta da Camara era o sr. dr. Antonio José de Almeida aguardado pelo presidente do Ministerio e seus secretarios e ministro do Comercio toda a vereação municipal, junta geral do distrito, vereadores das varias camaras do paiz que vieram assistir ao Congresso Municipalista; comandante interino dos bombeiros municipais sr. Baptista Ribeiro; dr. Kopke, secretario da Camara Municipal; Prestes da Fonseca Vieira da Silva, funcionalismo superior da Camara Municipal, etc.

Após os cumprimentos o sr. Presidente da Republica dirigiu-se para a Biblioteca aguardando que chegasse a guarda de honra(1) afim de se poder proceder á imposição da Torre-Espada no estandarte dos soldados do dever.

Uns 20 minutos depois aparecia uma companhia da G. N. R. com banda que foi postar-se á esquerda do edificio, dando-se começo pelas 13 horas e 35 minutos á cerimonia da oferta da bandeira.

Da biblioteca até á entrada principal do edificio organisou-se o cortejo sendo o estandarte Municipal empunhado pelo vereador sr. João Esteves Ribeiro da Silva.

A' entrada da porta principal procedeu-se em seguida á colocação do estandarte dos bombeiros no respectivo, mastro, tendo procedido a essa cerimonia o sr. Presidente da Republica, executando nessa ocasião a banda da G. N. R. o hino nacional enquanto as cornetas faziam ouvir a marcha a continencia. O vereador do pelouro dos incendios sr. Januario Esteves Nogueira recebendo o estandarte das mãos do sr. Presidente da Republica foi entregá-lo ao comandante interino dos bombeiros que perfilado ouviu as saudações que a corporação eram dirigidas pelo referido vereador. A bandeira foi depois entregue pelo comandante a uma escolta que no largo ja a aguardava, ouvindo-se nessa ocasião uma estridente salva de palmas.

Terminada que foi a continencia á bandeira esta de novo veiu á presença do chefe do Estado que lhe impôs então as insignias da Torre e Espada, ouvindo-se de novo o hino nacional, muitas palmas e vivas e caindo sobre o Chefe do Estado e sobre a escolta dos bombeiros uma verdadeira chuva de flores. Nessa ocasião o presidente da Camara pronunciou o seguinte discurso:

Senhor Presidente; meus senhores: O Corpo de Bombeiros Municipais de Lisboa vem de ha longos anos tornando-se credor da admiração dos moradores desta nobre capital, mercê da intemerata valentia com que tem combatido pavorosos incendios e do sublime altruismo empregado em salvar inumeras vidas humanas.

A maioria dos homens que formam o Corpo de Bombeiros são benemeritos e heroicos. Porque ha duas especies de heroicidade:—a colectiva, como se dá nos campos da batalha, em que o mesmo espirito anima um grupo de soldados, quer formem uma companhia, um batalhão ou um esquadrão, estabelecendo-se uma corrente que eletrisa até os mais timoratos—e a individual, que é o que sucede com os bombeiros, que na maioria dos casos, com risco iminente da propria vida, teem de, isoladamente, combater o terrivel elemento do fogo, que tudo devora, tudo reduz a cinzas e a escombros.

E é tão justa a homenagem que a Camara Municipal de Lisboa, vem hoje, publicamente, prestar ao valente Corpo de Salvação Publica, ofertando-lhe uma bandeira que, ate Sua Excelencia, o venerando Chefe do Estado se dignou honrar este acto com a sua augusta presença e vir, por suas proprias mãos, impôr a esse novo lábaro as insignias da Torre e Espada.

Terminando, formulamos votos para que os combatentes deste batalhão de incruentos lutadores, que mais são soldados do exercito da paz, continuem honrando as tradições do heroico Corpo de Salvação Publica.

CONGRESSO MUNICIPALISTA

Foi hoje inaugurado na Camara Municipal de Lisboa pelo sr. Presidente da Republica

Após a cerimonia da oferta da bandeira aos bombeiros municipais, a que nos referimos em outro lugar, o sr. Presidente da Republica subiu ao andar nobre da Camara Municipal, a fim de presidir á sessão solene da abertura do Congresso Municipalista. Pelas escadarias formavam, abrindo alas, os alunos da Escola Profissional de Agricultura e os escoteiros com os competentes ternos de corneteiros, que, á passagem do sr. Presidente da Republica, executaram as marchas de continencia, enquanto os rapazes perfilavam os varapaus. O sr. dr. Antonio José de Almeida, após alguns minutos de descanso no gabinete da presidencia, dirigiu-se para a sala das sessões, que se encontrava completamente cheia de congressistas, e assumiu o lugar de honra, tendo á direita o chefe do Governo e o sr. Costa Gomes, presidente da Junta Geral do distrito, e á esquerda os srs. Lima Bastos, ministro do Comercio, e Agostinho Estrela, presidente do Senado Municipal.

Eram 14 horas e 10 minutos, quando o sr. Costa Gomes, em nome do Chefe do Estado, declarou aberta a sessão, passando, depois de saudar o sr. Presidente da Republica, a historiar o que originou o Congresso Municipalista.

Em sua opinião, as Camaras devem ter todas as regalias, devendo dar-se-lhes todas as imunidades a que têm direito. O orador, que faz o elogio de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, mostra-se comovido com o feito heroico dêsses dois bravos, que, com o seu gesto, mostraram ao mundo inteiro que a raça portuguesa ainda se não extinguiu, antes parece remoçar, tantos são os sinais de vitalidade que surgem de momento a momento.

O sr. presidente do Ministerio falou em seguida, para agradecer a presença do Chefe do Estado á sessão que se estava realizando, afirmando que o sr. dr. Antonio José de Almeida, com a sua presença ao acto, honrou o Governo. O sr. Antonio Maria da Silva referiu-se depois ao tempo da propaganda republicana, ás promessas então feitas, as quais estão em completo acordo com as aclamações das Camaras Municipais.

Do Congresso que se está realizando ha de sair obra proveitosa — disse o orador — porquanto ha que modificar a legislação vigente, devendo do Congresso sair conclusões importantes para a vida do paiz.

O Chefe do Governo remeteu o seu discurso com um viva á Republica correspodido com grande entusiasmo.

Por fim o sr. João Costa Gomes encerrou a sessão em nome do Chefe do Estado o qual retirou com o mesmo cerimonial da entrada. Eram 14 horas e 15 minutos.

A 1.ª SESSAO

Quinze minutos depois iniciaram-se os trabalhos do Congresso sendo a presidencia ocupada pelo sr. Costa Gomes que era secretariado pelos srs. Tomaz Souza Rocha e coronel Ramos da Costa.

O presidente após o discurso de saudação e boas vindas aos congressistas mandou ler o regulamento do Congresso e cuja leitura a certa altura foi dispensada, passando a discutir-se na especialidade o referido regulamento, o sofrendo emendas ligeiras alguns dos seus artigos.

A's 17 horas foi encerrada a 1.ª sessão devendo os trabalhos continuar ás 21.

Após o encerramento da sessão foi oferecido um chá aos congressistas produzindo soberbo efeito a decoração da mesa em forma de T.

O RAID LISBOA-BRAZIL

Manifestações de Regosijo Nacional

Afim de perpetuar a chegada dos aviadores ao Rio de Janeiro foram organisadas varias comissões de funcionarios nas diferentes dependencias da Administração do Porto de Lisboa, para levarem a efeito os festejos que ali hão de ser efectuados logo que na Administração fôr recebida a fausta noticia, a qual será imediatamente comunicada telefonicamente para todos os entrepostos e caes da margem direita do rio na extensão compreendida entre o Bom Sucesso e Santa Apolonia. Paralisará o movimento geral do porto durante a meia hora imediata á recepção da noticia, começando os festejos pela ascensão de centenares de morteiros, engalanando as janelas e havendo á noite uma bem cuidada e especial iluminação na fachada do edificio da Administração, ao Caes Sodré, que será proficientemente ornamentada. A subscrição para as despezas a efectuar com os referidos festejos já ascende a bastantos centenares de escudos, tendo o Conselho de Administração Geral do Porto de Lisboa, contribuido com a quantia de 500$00, além de outras vantagens e facilidades concedidas para o maior luzimento da festa de regosijo Nacional.

As comissões são constituidas pelos seguintes funcionarios: —Escritorio Central, Pedro Carlos Lopes Valadas Guilherme Abranches de Carvalho, José Antonio Mil-homens, José Porfirio Duarte, Manuel Inacio Ferraz, Francisco da Conceição Rosa, Carlos Lopes de Oliveira; Entreposto de Santa Apolonia, Luiz Antonio Pereira, Bernardino Pedro, José Ferreira Junior; Entreposto Colonial, Manuel de Oliveira Velho, Augusto Ribeiro da Fonseca, Augusto Carlos Rosa, H. Ferry e David da Silva Sapeira; Entreposto Central, Ferdinand Compy, João Cutinelli, Gaspar Pereira Valente, Antonio Esteves, Sotero Antunes e Antonio de Almeida; Entreposto dos Santos, Joaquim Duarte, Vicente Caeiro Carrasco, e Luciano Marques; Entreposto de Alcantara, Joaquim de Magalhães, Raul Isidro, Antonio Maria Pinto e João Alves da Fonseca; Cais do Jardim, Abel Augusto de Carvalho, A. de Araujo Valente e Antonio Augusto. Cais da Areia, Aires Augusto dos Reis, Antonio Diogo e Antonio Goes. Cais do Santos, José Vicente, Carlos de Azevedo e Joaquim dos Santos. Cais do Alcantara, Francisco Duarte Raposo e Julio Guerra. Cais de St. Amaro, Angelo Tavares Adão e Manuel dos Santos. Cais do Bom Sucesso, Alfredo José.

A agricultura na Australia

SIDNEY, 10. — A comissão ministerial da Nova Galles do Sul encarregada de fazer um inquerito ao problema agrario comunica que dos 35 milhões de acres capazes de produzirem trigo situados a uma distancia de 12 milhas dos caminhos de ferro, sómente três milhões estão cultivados.—(R).

Findo que foi o discurso os bombeiros municipais circundaram a praça vindo desfilar em continencia ao Chefe de Estado sempre seguidos de todas as secções dos Voluntarios que assistiram á cerimonia e que acompanharam os seus camaradas até ao quartel da Boavista.

Honras excepcionais vão ser tributadas pelo Brazil a Portugal, na pessoa dos dois lusiadas Sacadura Cabral e Gago Coutinho

Os jornais da manhã publicam um telegrama do Rio de Janeiro que nos emocionou profundamente. Segundo esse despacho os nossos lusiadas serão transportados para terra na galeota de D. João VI, indo ao leme um almirante da Armada brasileira e aos remos os oficiais alunos da Escola de Aviação Brasileira.

E' a maxima honra que pode ser concedida a dois portuguêses! O Brasil quer certamente significar a Portugal que considera o heroismo dos dois lusiadas como uma expressão do valor da Raça. E tem razão. A familia é a mesma, separada apenas por um lençol de agua, que os aviadores portugueses ensinaram ao mundo, por duas vezes, que não é intransponivel.

A visita de Sacadura Cabral e Gago Coutinho é a afirmação de que nem o tempo nem o espaço podem diminuir e muito menos destruir os laços de afectuosidade intima que ligam as duas familias.

O gesto do Brasil obriga-nos singularmente.

Espalha-se nele a generosidade da alma lusitana, atavicamente expressa pelos portugueses no Brasil.

Temos o dever, nós, que somos os brasileiros de Portugal, de jámais a esquecer, deixando-a gravar-se indelevelmente e eternamente nos nossos corações.

Portugal nas olimpiadas Brazileiras

Está já confirmada a noticia que o jornal «Os Sports» deu ha dias sobre a representação nacional ás Olimpiadas brasileiras que se realisam em Setembro proximo por ocasião das festas do Centenario do Brasil.

O governo brasileiro que tem grande interesse na representação nacional, considera hospedes do Brasil os atletas portugueses limitando-se portanto as despesas ao transporte dos nossos atletas.

Sabemos que, tanto o sr. ministro do Comercio, como o Comissario Geral da Exposição, teem o maior empenho em que Portugal concorra ás Olimpiadas embora o numero de atletas não possa ser elevado devido ás dificuldades do transporte.

Torna-se portanto urgente a imediata constituição do Comité Olimpico Portuguez, entidade superior que junto dos Poderes Publicos seleccionará os atletas que deverão figurar na nossa representação.

Esperamos pois que, dado o momento de Portugal poder figurar nos jogos sportivos em concorrencia com brasileiros e sul-americanos, a constituição do C. O. P. não se faça esperar.

A crise das propostas de finanças

Embora tenhamos a consciencia do nosso optimismo e da nossa pondera ção, quizemos dar tempo a que nas altas esferas politicas se definisse o crise, a que esteve arriscado não só o governo mas, e por conseguinte, as proprias propostas de finanças. Agora que o temporal politico parece ter passado, vamos continuar a analisar o magno assunto. E indemnisaremos os leitores com a crónica de hoje, e do amanhã, sabado, e a de domingo.

Fazendo justiça ao sr. ministro das Finanças, discordamos, porém, da opinião de s. ex.ª no que respeita ao reflexo que sobre a situação financeira do paiz possa projectar o aprovação das referidas propostas.

A mecanica do assunto, salvo melhor e provada opinião, é esta: aprovadas as propostas do sr. Portugal Durão, o governo está comprometido a aumentar os vencimentos dos funcionarios publicos. Ipso facto, aumenta-se-há a despeza; os 240.000 contos a mais arrancados ao paiz, tornaram-se insuficientes para esse acrescimo de despeza. Surgirá novo «deficit» orçamental. O governo ver-se-há obrigado a aumentar a circulação fiduciaria. A vida encarece ainda mais em virtude da maior inflação fiduciaria, agravar-se-ha a situação cambial.

Ai teremos o funcionalismo a pedir mais dinheiro ao governo, e o governo a ter de exigir mais dinheiro ao contribuinte.

Suponhamos, agora, que uma administração mais rigida, sucessora do actual governo, não aumenta os vencimentos do funcionalismo.

Assim mesmo, a repercussão no cambio não deixaria de ressentir-se. E quando não fosse imediata, seria mais tarde, pois, que o agravamento de impostos trazendo um agravo do custo da vida, se reflectiria tambem no Estado que, com o orçamento desiquilibrado, «quand meme», iria buscar o novo agravamento fiduciario à cobertura do saldo negativo orçamental.

* * *

Imaginemos que as propostas de finanças não são aprovadas, já não diremos reprovadas in limine, mas o bastante para que a cobrança não atinja os 240.000 contos que s. ex.ª o sr. ministro das Finanças calcula.

Rejeitadas ao todo ou em parte, o Governo terá de voltar-se para o unico meio ao seu alcance, para realizar numerario: dar mais algumas voltas á manivela da machina de estampagem. Mais papel moeda, nova e proporcional desandadela cambial.

Conclusão: não é pelo imposto que o paiz poderá regressar a uma normalidade orçamental.

Só readquirindo o equilibrio da nossa balança comercial nós poderemos reconquistar o equilibrio financeiro.

Quem diz equilibrio da balança comercial diz equilibrio economico, fomento. A inflacção fiduciaria não teria tido as perniciosas consequencias que são patentes, se esse papel-moeda fosse, ao menos em parte, destinado ao desenvolvimento da riqueza nacional. E' inutil pensar na queima do papel-moeda, enquanto entradas de oiro não vierem dispensá-lo.

Ha ou não ha grandes obras de fomento nas colonias e no continente, problemas de resultados certos, praticos, onde ir buscar a salvação nacional?

Ha.

Indubitavelmente.

O necessario é que as esferas governamentais não se deixem dominar pela ideia fixa de remediar artificialmente a doença financeira.

E' indispensavel visão e coragem para enfrentar o momento, e sem nos importarmos com o cambio nem com o deficit, trabalharmos como se nada mais nos preocupasse.

Isto com a paralela e bem entendida compressão de despesas, favorecerá o emprestimo interno, animado pelo exemplo do emprestimo externo, que virá no dia em que ao capitalismo estrangeiro se apresentar uma massa de negocios, bem estudados, que justifiquem o emprego de capital que nunca se nega a financiar iniciativas ajuizadas e remuneradoras.

Dinheiro para tapar buracos não vem para Portugal.

A mesma relutancia, e aumentada, que o paiz mostra ter por êsse processo, quando lhe pedem dinheiro sob a forma de um agravamento de contribuições, tem-a o mercado externo se lhe pedirem dinheiro para pagar dividas ou juros.

Mas pegue-se, porém, nas sumidades estrangeiras que se celebrizaram em obras de irrigação, tragam-se a Portugal, encarreguem-se de estudar o problema da irrigação do nosso Alemtejo, peça-se-lhes um relatorio do capital necessario para essa obra e da remuneração que terá empregando-se ali, e o dinheiro estrangeiro não é prodigo rogá-lo, porque êle se oferecerá.

Escusado é dizer a revolução economica que essa obra traria á steppe alemtejana e a repercussão que isso teria na economia do paiz e na sua posição financeira.

Trabalhem-se os tratados de comercio, a começar pela Espanha e pelo Brazil, faça-se realidade o sonho hidro-electrico do Douro e do Tejo, e ahi têm outra fonte de riqueza e outro golpe de morte no deficit comercial, no deficit orçamental, que conteria em respeito o dragão cambial.

Emquanto quizermos sair dêste impasse com agravamentos e impostos, só conseguiremos enfraquecer a materia colectavel e agravar todos os nossos males desde a inflacção fiduciaria que caminha para o milhão até ao agravamento cambial que nem queremos pensar para onde se encaminha.

E' o enlizement.

Com propostas de finanças rejeitadas ou aprovadas, que consistam em aumentar impostos, não atingiremos outro fim senão o de nos distanciarmos cada vez mais do ressurgimento e aproximar-nos cada dia mais da ruina.

SPORT

NOTICIARIO

SARAU GINASTICO EM SETUBAL

Organisado pelo Ginasio Club Portuguez a convite do Vitoria Foot Ball Club deve realisar-se no domingo 18 na Praça Carlos Relvas, uma festa de ginastica na qual entram alunas dos melhores ginastas daquele ultimo club.

Esta festa está despertando bastante interesse no meio sportivo de Setubal onde os trabalhos ginasticos são muito apreciados.

FESTA NO GINASIO CLUB PORTUGUEZ

Foi adiada para o dia 25 a festa de ginastica que o Ginasio Club Portuguez realisa na sua séde para apresentação da classe de dança de que é professor o sr. J. J. Magalhães Peixoto, e duma classe de ginastico alunos do Asilo de S. João, classe que está sendo subsidiada pelo Ginasio Club Portuguez que tem sempre em vista a propaganda da educação fisica nas escolas.

FESTAS ATLETICAS NO BRAZIL

Devem realisar-se no Rio de Janeiro, por ocasião da celebração do Centenario do Brazil, diversas provas atleticas, e a Embaixada do Brazil comunicou ao Governo Portuguez que o comissão organisadora dessas festas teria o maior prazer em que os jogadores portuguezes tomassem parte nelas.

Já foi enviada a participação para todas as organisações federativas portuguezas, por intermedio da secretaria do Ginasio Club Portuguez.

Está pois nas mãos das respectivas Federações a nossa representação na Olimpiada do Rio de Janeiro.

O programa das festas deve ser publicado brevemente.

Os passaportes para Espanha

E' sabido de todos os embaraços provenientes das formalidades oficiais que é preciso cumprir quando se tenha de fazer uma viagem para Espanha.

A existencia e a exigencia de passaportes para quem tenha de viajar para o paiz visinho é uma coisa que não encontra justificativo no actual momento em que, mais do que nunca, se deveria facilitar o intercambio entre os dois paizes.

A França acaba de nos dar um sugestivo e belo exemplo. A partir de 15 do proximo são suprimidos os passaportes para Espanha.

E' um exemplo que deve ser tido na devida consideração, porque só vantagens nos podem advir duma formalidade que nada justifica.

TAUROMAQUIA

A primeira noturna realisa-se hoje

Com a instalação electrica da praça muito reforçada, o que devo produzir magnifico efeito, inauguram-se hoje os corridos noturnos no Campo Pequeno.

Principia a lide ás 9 e meia o será dirigida, por especial finesa, por Leopoldo Fizzi. Os oito touros são da Sociedade Progresso Agricola, que no beneficio de Artur Felix apresentou um curro bravo e de poder.

Algés

Poucas vezes o publico de Algés se poderá divertir como na tarde de amanhã devido ao excelente cartaz do genero comico organisado, no qual se destacam os intermedios em que os desiemidos e chistosos intervaleiros apresentarão o «Pau e bolo pela certa» e o «Quo vadis» parodia ao terrivel lance do Circo Romano em que o valente Ursus dominando um touro salvou Lygia arrebatada da cabeça da fera.

A chronica da verde Erin

O tratado Griffith-Collins

A Irlanda está num verdadeiro cáos. As primeiras convulsões da liberdade a agitam, o habito de opressão sobrevive num regimen de atentados.

Na Irlanda não existe apenas a luta entre os separatistas e não separatistas, entre o norte e o sul.

O Estado livre do sul está dividido tambem entre os partidarios do tratado de 6 de dezembro, que creou a autonomia daquele Esta do, e os adversarios desse tratado, que lutam pela separação absoluta.

Os partidarios do tratado compreendem o governo provisorio com Griffith e Collins, uma pequena maioria do «Dail Eireann» e tres quartes partes do paiz.

Os adversarios, chamados republicanos, compreendem o antigo presidente, De Valera, e a maior parte do exercito.

Em meio da maior surpresa concluiu-se em 20 de maio, entre os chefes dos dois partidos um acordo, relativo ás eleições gerais que devem realisar-se a 16 de junho.

Es e tratado provocou em Londres uma viva emoção e os signatarios de 6 de dezembro foram convidados a explicarem-se ante o governo inglês.

M. Griffith, Collins e outros foram, pois, a Londres e tiveram em 27 de maio a sua primeira conferencia com o governo britanico. Com eles levavam ainda um projecto de constituição para o Estado livre, segundo se afirma, muito pouco conforme ao tratado de 6 de dezembro.

Entrou imediatamente em discussão, como era de prevêr, esse projecto e sobre ele incidiu tão agitada e viva celeuma, que tudo indicava como possivel um rompimento de relações. Assim não sucedeu. Comtudo, parece-nos que não erraremos muito se dissermos que a situação é actualmente a seguinte:

Ou Griffith renuncia ao acordo feito com De Valera, ou o governo inglês considerará rompido o tratado de 6 de dezembro.

E, entretanto, a guerra civil continua. A zona principal de operações é a fronteira entre o Estado livre e a bacia nordeste da Irlanda que é habitada principalmente por protestantes.

As conclusões resumidas da grande guerra

As 150.000 Igrejas Evangelicas da America, que promoveram o movimento nacional que levou o presidente Harding a convocar a Conferencia do Desarmamento em Washington, em novembro passado, e na qual se fizeram representar quasi todas as nações do mundo, incluindo a nossa, continuam na sua missão de conseguir por todos os meios legitimos que a paz seja uma realidade na terra.

Para mostrar a loucura da guerra, publicaram os numeros indicativos do que custou a ultima guerra. São pavorosos!

Em dinheiro, incluindo o custo dos navios afundados, das propriedades destruidas, etc., só cambio medio actual, o custo da guerra foi em escudos 3.552.917.198.150.000$00. Quem poderá fazer ideia do que sejam trez mil quinhentos e cincoenta e dois biliões de contos?

Em vidas o custo foi tambem horroroso:

Mortos em campanha....	19,658.000
Aumento da mortalidade.	30.470.000
Diminuição da natalidade	40.500.000
Total ...	90,628.000

Mais de noventa milhões de homens!

Quasi 15 vezes a população de Portugal!

Um Conselho Federal para esse fim nomeado está fazendo a propaganda dos meios simples para evitar que estes horrores se repitam. Estes meios são em resumo:

1.º—Uma bem constituida Liga das Nações.

2.º—Comissões de Arbitragem e Conciliação para resolver pacificamente as diferenças entre os povos.

3.º—Um Tribunal Internacional para julgar os conflitos entre as nações, quando estes não possam resolver por conciliação.

Estamos convencidos de que é possivel promover a evolução do direito internacional neste sentido.

O proximo emprestimo alemão realisar-se-ha?

O «comité» dos banqueiros deve ter-se reunido ontem em Pariz e é na ... que, visto assim o desejar, lh tenham sido prestados todos os esclarecimentos relativos ao montante da divida alemã.

Fracassará o emprestimo? A Alemanha poderá contar com ele? Cremos ser legitimo formular estas perguntas emquanto não tivermos noticias de qualquer solução.

Na verdade, a concessão do emprestimo foi submetida a tal numero de condições que é de prever que ele não va muito longe.

Temos presente um jornal americano e entre as muitas coisas que se diz ácerca do emprestimo salienta-se o facto de os banqueiros não possuirem nos seus bolsos todos os biliões que serão necessarios. São intermediarios apenas afirma. Vendem uma certa especie de mercadorias que se chamam valores.

Para encontrar clientes devem satisfazer os desejos e as necessidades da clientela.

Tudo o que o Banco pode fazer é garantir o sucesso.

Os capitalistas, pois, segundo o jornal americano e que nos referimos exigem que a colocação do seu dinheiro seja, não só vantajosa como ainda segura.

Ora para ser vantajoso, o emprestimo alemão devia ser feito, pelo menos, a 8%. Por outro lado a França tem que renunciar as suas garantias porque, para ser seguro, o emprestimo alemão deverá ser garantido pelas regalias que o tratado de Versalhes da aos aliados.

Finalmente é preciso que todo o emprestimo não se destine ao pagamento das reparações. Se assim é, e tanto é preciso, quer-nos parecer que o emprestimo não se realisará.

A Alemanha, certamente, não está disposta a tomar compromissos que, de qualquer maneira possam contribuir para dificultar o seu desenvolvimento economico e tornar mais arriscada a sua situação financeira.

Por seu turno a França não ha de querer renunciar ás garantias que lhe dá o tratado de Versailles.

Ora se a Alemanha não aceita o emprestimo a um juro elevado nem com a condição de ele ser integralmente consagrado no pagamento das reparações e se ela ainda nada possue com que o possa garantir, não nos dirão o que se pode esperar?

Quer-nos parecer que as maiores dificuldades para o pagamento das reparações vão surgir agora.

A Alemanha comprometeu-se ante a comissão de reparações a tomar um certo numero de medidas que podessem concorrer para a melhoria da sua situação financeira mas nem se que tivessem demonstrado que essas medidas seriam inviaveis desde que não lhe fosse feito um emprestimo externo. Se assim é, e se o emprestimo falhar que fará a Alemanha? Poderá pagar as reparações? Paga-las-ha?

Agora é que não faremos mais previsões. Aguardemos que os banqueiros digam da sua justiça e faremos, a seguir, as considerações que á imprensa estrangeira merecerem as suas resoluções.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade Anonima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

ADMINISTRAÇÃO

Distribuição do Relatorio

São prevenidos os srs. Accionistas desta Companhia de que o Relatorio do Conselho de Administração, relativo ao Exercicio de 1920 e que deverá ser presente á Assembleia Geral Ordinaria convocada para o dia 30 de Junho corrente, está á disposição dos mesmos srs. Accionistas, na séde da Companhia, a partir de 12 do corrente.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes,—Lisboa, 9 de Junho de 1922.

O Presidente do Conselho de Administração—José A. Melo Sousa.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

OS NOIVOS

por JULIO CESAR MACHADO

— Que vos?

— A... de um marido, por exemplo!

— Os maridos não avistam nunca a nuvem, meu amor; e, por mais incautos, ou mais cegos do que o resto do genero humano, só depois de toda a gente falar do seu dissabor, chegam êles alguma vez a percebê-lo!...

— Alguma amiga, ao menos!

A condessa sorriu-se.

— As amigas na sociedade têm a missão exclusiva de nos tirarem o marido ou o amante. Nada mais! Ao avistar ua nuvem, passa-se palavra entre todas, mas há sempre cautela de não avisar a vitima da tempestade que a ameaça. E' um romance de horas, ou de toda a vida; um capricho, ou um amor; quasi sempre um capricho, felizmente! E' bom ser virtuosa. Carminho; ao menos, para enraivecer o proximo!...

— Cruel condição!

— Não é bem assim, perdoe-me! E' alegre contemplar a sociedade a exasperar-se de despeito e tem graça até vê-la babar epigramas em epigramas sobre o freio que é obrigada a roer!...

Neste momento, Carlos Eduardo, aproximando-se das duas senhoras, pegou no bouquet de Carminho e conservou-o na mão enquanto ali esteve. Conversou-se em coisas triviais, em teatros, em flores, em livros, em bailes de mascaras; todavia, êle achou um pretexto para dizer a Carminho, num tom sentimental e sisudo, volvendo friamente a vista na direcção da condessa:

— Os preceptores são sempre perfidos; para que os inocentes saibam evitar o êrro... revelam-lho!...

A noiva estremeceu.

Ouviu tudo! pensou ela...

Depois, Carlos Eduardo mudou de tom e por algum tempo fez o maior dos milagres de um namorado — teve espirito.

A condessa, com uma leve acentuação vingativa, disse-lhe em voz alta:

— Parece estar hoje feliz, sr. Carlos de Lemos!

— Sou-o sempre aqui, senhora condessa!

— Hoje mais que nunca, talvez!

— Creio-o bem, replicou o mancebo, com uma finura de olhar, que revelava distintamente haver percebido a intenção. V. Ex.ª sabe, senhora condessa, que a felicidade é do numero das coisas que diminuem em não aumentando!...

Foi a primeira vez que Carminho ergueu a vista para Carlos Eduardo, dando-lhe aquele caracteristico olhar de gratidão, com que uma senhora sabe recompensar a um homem de espirito a lucidez da replica que corte a crise.

A' saida, quando Gonçalo Dantas lançou o burnous sobre os ombros de sua mulher, um movimento casual fez que ela pedisse á condessa a graça de lhe segurar o bouquet. Esta dama guardou-o um momento e, ao entregá-lo de novo á sua amiga, disse-lhe a meia voz, com expressão de susto e de terror, indicando o ramo:

— A nuvem!

O marido, a êsse tempo, aconchegava ao pescoço as dobras do seu cache-nez e despedia-se do conde (porque nesta casa havia um conde, que era nem mais nem menos do que o marido da condessa; em ainda o não tinha dito; as maridos esquecem-se sempre!) por esta simples frase:

— Agora, meu caro conde, até á volta!

— Como, até á volta?!

— Sim. Vou a Barcelos.

— Para ter demora?

— Dois a três meses.

— E' muito natural que não vá só?

— Carmo está com desejo de passar uns dias na provincia e é util que se habitue á vida patriarcal do campo, onde eu tenho a intenção de passar de ora em diante os verões.

— Partem para a semana?

— Dentro em três dias. Escrevi já a meus irmãos, para nos esperarem.

— Muito boa jornada, Gonçalo Dantas.

— Obrigado, meu caro conde!

Até ao momento de entrar no quarto, a noiva mal pôde conter a inquietação em que a deixara a frase da condessa. Tocava apenas o bouquet pelas pontas dos dedos, como receando que êle a queimasse. Ao, soltar as flores e encontrar uma carta, a sua alma agitou-se num vago terror.

— A nuvem! disse a si propria, recordando-se do que a condessa lhe havia dito e estremecendo de vergonha. Quem é então que me quere perder? Êle que me escreve, ou ela que me avisa? Os seus olhos de lince observaram o que eu não chegaria a ver. E' ela a culpada de eu não atirar o meu bouquet pela janela, por medo de que esta carta fosse encontrada. E' incrivel a tristeza que tudo isto me produz e o horror que a condessa me inspira através dos seus conselhos amigaveis. Sentia-me menos culpada e mens infeliz enquanto ignorava tudo que ela hoje me contou. E' talvez a sua boa estima por mim, que lhe ditou as especiais considerações sobre o amor e a sociedade, com que me entreteve ha pouco! Mas, que empenho de me mostrar o mundo pela sua face medonha!? Perfidos preceptores, me disse êle, e disse bem: para nos ensinarem a evitar o êrro, principiam por nos dar a tentadora noticia do que isso é! Porque não tem a minha alma força para se resgatar de uma vez para sempre da ideia deste homem, que me afraz e me enleia? Se a felicidade não pode estar para mim senão na tranquilidade e na paz, — porque não hei de quebrar eu propria a tentação e dissipar a nuvem que me persegue?

E, pegando da carta e encostando-a á luz, olhou-a apenas quando a viu arder.

No dia imediato, Carminho, indo visitar sua mãe, encontrou-a de cama. As duas filhas passaram o dia á cabeceira da doente e, quando o Gonçalo ali apareceu á noite, pediu muito a sua mulher que não fizesse o sacrificio de o acompanhar a Barcelos, deixando sua mãe doente em Lisboa. A noiva, que não poderia deixar de consentir nisto, já essa noite ficou em casa da viscondessa, despedindo-se de seu marido, que partiu na manhã seguinte.

A doença da viscondessa prolongou-se por muitos dias e, quasi um mês depois, o doutor aconselhava o ar do mar, instando que partissem para uma casa que tinham em Paço de Arcos.

Durante todo êste tempo Carminho nunca mais pensara ou menos não tivera dó de em ... ao de pensar na condessa ... ta, ou nêle! Uma vida de ... conservava-a na impossibilidade de avistar a nuvem, como ela lhe chamava, ou o céu, como a sua alma lhe dizia! Amelia, pela sua parte, parecia feliz pela dignidade com que sua irmã terminava o seu mal encetado romance de noiva.

Partiram para Paço de Arcos, contentes, despreocupadas e alegres. O doutor, que era na verdade um personagem jovial e de bons ditos, dissipou durante os primeiros dias a monotonia daquela nova existencia, desacompanhada de sociedade e de distracções. Mas, nas horas de que êle ali faltava, a vida de Paço de Arcos tornava-se para as duas meninas de um fastio, de um torpor, de uma atonia insofrivel. Uma carta da condessa preveniu Carminho, por essa ocasião, de que, sendo o seu dia de anos, num sabado imediato, não a dispensava por nenhuma forma de a ter nessa noite. A condessa rematava a carta por êste post-scriptum: «Para que nenhum receio a afaste, certifico-lhe que a nuvem não aparecerá esse noite».

(Continua)

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4102 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Segunda-feira, 12 de Junho de 1922

Telefone n. 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71

Preço 10 centavos

Perguntas insoluveis de toda a especie:

Quando saberá o sr. Ministro das Colonias alguma cousa acerca de Macau?

A propaganda dos impostos

Quando foram apresentadas ao parlamento as propostas de finanças, resolveu o partido democratico torna-las conhecidas do país inteiro, explicando-as discutindo-as, defendendo-as, por forma a dar a toda a gente a noção exacta das necessidades que as provocavam e das vantagens que elas comportam.

Semelhante resolução foi acolhida por todos os partidarios do Governo com alvoroço e entusiasmo. Não só dessa maneira se julgava alcançar o concurso nacional para medidas de tamanha importancia, como, ao mesmo tempo, se faria uma obra de intensa propaganda do regimen, há muito reclamada como indispensavel. Dava-se ainda o caso de que a ia fazer o partido considerado o mais forte da Republica o que necessariamente deveria constituir uma garantia do seu exito.

Realmente essa propaganda das propostas de finanças começou. Iniciou-se em Lisboa, em diversos centros democraticos, aos quais foram falar alguns ministros, e planeiava-se mesmo já a organisação dum grande comicio em Lisboa, quando subitamente a propaganda cessou, desaparecendo os propagandistas ainda mesmos antes de terem percorrido a «via sacra» de todos os centros democraticos existentes na capital, embora eles não sejam em avultado numero.

Do comicio, nunca mais se falou embora o antigo partido republicano portuguez, que o partido democratico diz representar, recorresse constantemente á tribuna popular, onde nunca lhe faltavam os aplausos da multidão. E quanto á propaganda pelo país fóra, realmente a mais necessaria, tambem nunca mais se falou nisso.

E' esta uma situação singular, porque não nos podemos convencer de que o intuito do governo, que pertence ao partido democratico, fôra simplesmente capacitar os seus correligionarios, socios dos diversos centros, da excelencia da sua acção. O pensamento da propaganda relativa ás propostas de finanças não podia ser senão o de convencer o país. Os democraticos dos «clubs» partidarios esses consideram sempre excelente a acção ministerial dos governos que teem o seu carimbo politico.

Não é a primeira vez que assistimos a estas suspensões de iniciativas, tonitroantemente anunciadas ás turbas. Tambem pouco antes do movimento de 19 de outubro, elementos democraticos dos mais radicais formaram um nucleo a que deram o nome de «União Liberal» propondo-se ir pelo país fóra numa propaganda intensa contra uma pretendida reacção religiosa. Organisaram-se algumas sessões nos centros democraticos, não restando duvida que os auditorios sahiram desses centros tão convencidos como tinham entrado. Dessa vez ainda se chegou a ir até Sacavem, se não estamos em erro, mas ou os propagandistas se persuadiram de que o país acabava em Sacavem, ou resolveram, como agora, sumirem-se pelo chão abaixo. O facto é que se se não deu nem mais um passo.

Se é assim que se julga despertar o entusiasmo da nação pelas propostas de finanças, confessamos que não podemos depositar grandes esperanças no seu exito. A palavra convincente dos oradores democraticos não chegará até aos contribuintes convencendo-os da necessidade desses sacrificios. O que chegará é a mão do fisco para lhes arrancar tributos os quais, sem a justificação precisa, se lhes podem afigurar somente uma extorsão.

As cartas apocrifas

Atribuidas ao presidente dr. Artur Bernardes

RIO DE JANEIRO, 6.—O autor das cartas anonimas que provocaram tanta discussão politica nos jornais e que eram atribuidas ao presidente eleito Artur Bernardes compareceu perante um notario fazendo confissões completas, cujo texto os jornais publicam causando profunda sensação.—(H).

N. R.—Quando da candidatura do dr. Artur Bernardes á Presidencia da Republica veio a publico uma carta deste estadista manifestamente insultuosa para o Exercito. S. ex.a negou a sua autoria sendo certo que a carta apesar de tudo lhe provocou da parte do Exercito uma campanha hostil. Prova-se agora que as afirmações do dr. Artur Bernardes eram, como não podiam deixar de ser, inteiramente exactas.

O misterio dos 50 milhões

Reencarnação dum advogado celebrisado por Daudet — Emenda da Relação de Lisboa a um despacho do meritissimo juiz Sarmento, da Boa-Hora

Dão os periodicos noticia de que a Relação de Lisboa emendou o despacho do juiz da 1.ª instancia, que não encontrou fundamento para pronuncia dos argentarios e seus comparsas implicados na maroteira do misterio dos 50 milhões. Os autos vão, pois, baixar ao tribunal inferior e o respectivo juiz lavrará despacho de pronuncia. Muito bem.

Esta diferença de interpretação legal e de sensibilidade juridica demonstrada na divergencia entre a Relação e o juiz da 1.ª instancia, faz-nos lembrar um outro caso, aquele que, nos tempos do malogrado Sidonio Pais, apaixonou intensamente a opinião publica. Referimo-nos á celebre negociata das 3.500 acções da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses. Fez-se, então, um inquerito, que terminou pela afirmação de que havia culpados de não sabemos que crime. Pois foi o meritissimo juiz Julião Sarmento, o mesmo que não encontrou fundamento para pronuncia dos variadissimos personagens que desempenharam papeis no dramalhão *Misterio dos 50 milhões*, que poz pedra sobre os autos de investigação ácêrca das manigancias das 3.500 acções, arrumando a papelada, muito bem etiquetada, nas prateleiras do cartorio, onde se arquivam os processos que não têm possibilidade de acabarem num julgamento-crime, com reus sentados no infamante banco. Assim é que é dar-lhe, e tudo o mais são historias!...

O ilustre magistrado, portuguesinho valente, fortifica-nos na crença, que anda a despontar, de uma reincarnação do invencivel Branquebalme, aquele advogado demosthenico que defendeu o imenso Tartarin de Tarascon. Estamos desconfiados que o sr. Julião Sarmento traz na massa do sangue, por qualquer longiquo atavismo, um atomo das celulas vivificadas, em *Maitre* Branquebalme, pelo mais puro sangue gaulez. E' possivel que em *De Bello Gallico* se encontre documentada a remota ascendencia...

O que, todavia, parece certo, ou, pelo menos, provavel, é que o *Misterio dos 50 milhões* venha agora a ser completamente esclarecido. Ainda que não seja senão quando as galinhas tiverem dentes, data fixada, sem sombra de duvida, nas Calendas Gregas.

O torpedeamento

da representação portugueza na Exposição Internacional do Rio de Janeiro?...

Entendamo-nos claramente: se o que se pretende é torpedear a representação portugueza na Exposição do Rio de Janeiro, a ocasião não pode ser melhor. Basta que a Comissão de Comercio e Industria da Camara dos Deputados demore o seu parecer por alguns dias e está tudo perdido. Ou não iremos á Exposição ou, se formos, dificilmente deixaremos de fazer uma triste figura. Está já tudo parado, á espera que a Comissão solte os papeis e os deixe vir á discussão. Os operarios brasileiros, que no Rio de Janeiro estiveram ao serviço da secção portuguesa, trabalhando nos alicerces dos Pavilhões, «não estão em dia».

E, por mais que se faça, já não conseguiremos ter tudo pronto ao tempo da abertura da Exposição, marcada para setembro proximo.

Tudo isto agravado, ainda, pelo intriguismo que lavra dentro da Comissão de Comercio e Industria, todo empenhado em derrubar do poder o sr. Lima Bastos, por causa do negocio dos Transportes Maritimos do Estado. E é assim que se governa um paiz!

Acabai com isso. Votem ou neguem o credito. Saiba-se se Portugal vai ou não vai á Exposição do Rio de Janeiro. Mas deixem-se de habilidades prejudiciais ao bom nome da Nação no estrangeiro.

Obra patriotica e benemerita

Como se sabe, a «Fibrocalcina» é o recalcificante natural que maior soma de prodigios tem já conseguido na recalcificação dos tuberculosos. Pois apesar dos seus extraordinarios efeitos, custa cada caixa apenas 15$5. Pedidos a Raul Vieira L.da, Rua do Prato, 51.

AS LEIS 1040 e 1244

Uma habilidade... Evangelista

Pasmem os leitores!

Quando da revolta monarquica de Monsanto, de entre os oficiais que tomaram parte naquele movimento, lá prestou os seus bons e leais serviços o alferes de artilharia de campanha sr. Cerqueira de Abreu.

Foi preso, e, sendo julgado em tribunal especial, foi «mimoseado» com cinco meses de prisão correcional.

Chega emfim a 1040 de 30 de agosto de 1920, e como o nosso alferes nessa altura ainda não tinha sido reconhecido» como oficial do quadro permanente... zás... olho da rua!

Mas como o mundo é uma bola, e nunca sabemos as voltas que ele dá, aparece agora na Ordem do Exercito (2.ª serie) de 31 de maio do proximo passado, o «reconhecimento» que (em largos dias, ou sejam vinte e um meses, 630 dias, a celebre comissão do Santo Oficio depois de aturado trabalho e de muito suor) houve por bem fazer do referido oficial, dando logar a um decreto pouco mais ou menos nos seguintes termos:

«Que o alferes miliciano de artilharia de campanha, Cerqueira de Abreu por se reconhecer, que estava inscrito na escala dos 1.º sargentos do quadro permanente da sua arma, á data em que lhe foi aplicada a lei 1040, fica «sem efeito» a parte do Decreto de 16 de outubro de 1920 que o demitiu dos quadros da sua arma».

Este decreto foi publicado na Ordem do Exercito n.º 8 (2.ª serie) de 31 de maio ultimo e datado de 27 do mesmo mez e inserto na segunda pagina da mesma Ordem.

Até aqui está muito bem, pois mais vale tarde do que nunca.

Mas, como ha leis que são de funil, o referido alferes não conseguiu atravessa-lo, pois que em vez de ser reformado, como os que já foram, pela lei 1244, recebe guia de marcha para se apresentar ao serviço em Castelo Branco, no batalhão de Obuzes de campanha.

Não atingimos!

Abençoado reconhecimento que tal recompensa lhe deu, e talvez com fôrça dos nossos, e bem nossos...

— Será já a reconsideração?

Justa reparação

O distinto senador sr. Aragão e Brito, apresentou hoje no Senado um projecto de lei, com o qual plenamente concordamos.

Tudo que seja recompensar aqueles que pela Patria se sacrificaram, tem o nosso decidido apoio.

Segue o projecto:

«Considerando que a Republica Portugueza tem sempre zelado os interesses dos militares que pela Patria se sacrificaram;

Considerando que a lei 1170 reconhece o direito a recompensas, aos militares do Exercito e da Armada que se invalidaram em defesa da Patria;

Considerando que a referida lei 1170 estabelece para esses militares recompensas materiais;

Considerando que as recompensas de ordem moral devem ser generosamente concedidas como premio e incitamento á pratica das acções valorosas e patrioticas;

Considerando que a concessão de recompensas morais se inspira em principios da mais alta justiça e não importa aumento de despesa;

Tenho a honra de submeter á apreciação de v. ex.as o seguinte projecto de lei:

Art. 1.º Aos oficiais do Exercito e da Armada abrangidos pela lei 1170, com percentagem de invalidez não inferior a 30, provisoria ou definitiva é concedida a promoção, a titulo honorario, aos postos a que poderiam ascender se não tivessem passado á situação de reserva ou de reforma.

§ 1.º Esta promoção é concedida até ao posto de coronel, aos oficiais que nas condições deste artigo a requeiram e tenham exemplar comportamento.

§ 2.º Os oficiais promovidos nas condições deste artigo ficam isentos do pagamento de patente.

Art.º 2.º Os vencimentos dos oficiais a que se refere o artigo 1.º são sempre os correspondentes ao posto em que passaram á situação de reserva ou de reforma e em harmonia com as disposições da lei 1170.

Art.º 3.º Fica revogada a legislação em contrario.

O pai de Gago Coutinho

retirou de Tavira para S. Braz d'Alportel

TAVIRA, 6.— Retirou depois de curta demora nesta cidade para S. Braz de Alportel o sr. Gago Coutinho pai, onde vai passar a estação calmosa. Foi com jubilo que soube a discussão no Senado do projecto de autorisação do porto e barra desta cidade, uma das grandes aspirações de todos os taviranos.—(H)

A teoria do silencio

comprovada nos casos de Macau, de Angola e de Moçambique

As noticias ultimamente chegadas de Macau, onde o sr. ministro das Colonias pretende que reina a paz como em Varsovia, não confirmam, infelizmente, as parcas informações deste extraordinario ministro. Segundo nos consta o governador fez alocuções patrioticas exaltando o moral dos soldados, distribuem-se armas aos elementos civis e as munições que são repartidas excedem oitocentos mil cartuchos.

As trincheiras blindadas são percorridas diariamente pelos oficiais, as metralhadoras estão aprontadas para o que der e vier. Alem disso reina na cidade uma efervescencia percursora de acontecimentos importantes.

Aqui está em sucintas palavras o que se passa em Macau. Qualquer pessoa com qualidades de visão e de sensibilidade, vê nestas coisas a génese duma «poussée» ofensiva que os chineses inevitavelmente vão tentar e que de resto se conjuga com os factos de relevo que neste momento se desenrolam na China do norte e do sul.

Estamos, pois, em vesperas de ocorrencias anormais, atentatorias da nossa soberania e que poderão produzir repentinamente, sem prévia preparação, diversões de natureza desgraçada para nós.

Isto é incontestavel. Ha em Macau fócos de rebelião que alastram e ameaças de fóra contra a minuscula peninsula. Ninguem o ignora, ninguem o pode ignorar desde que saiba ler e não seja inteiramente obtuso.

Mas se se perguntar ao sr. ministro das Colonias o que se passa na nossa longinqua colonia do Extremo Oriente, indubitavelmente s. ex.ª apenas dará duas respostas: ou está tudo em dôce paz, afirmará o ministro esfregando as mãos; ou não sabe absolutamente nada, continuará o mesmo ministro, alçando os braços ao ceu. E tem o sr. ministro a ilusão de que todos ficamos muito satisfeitos.

Mas ilusão apenas porque a logica não se fez senão para os homens. Se o ministro afirma que em Macau vai tudo muito bem, ou está mal informado ou altera a verdade dos factos. E', pois, um ministro que não tem na sua mão—como deveria ter—os elementos necessarios para bem gerir os negocios que correm pela sua pasta. Se, pelo contrario, o ministro nada sabe, o caso é ainda pior, porque então não passa dum espectro de ministro, duma vaga sombra inconsistente atravez da qual passam os factos e circulam os acontecimentos, sem deixarem o mais leve vestigio.

Mas não poderá dizer-se que é unicamente em volta dos acontecimentos de Macau que se frisa claramente o mutismo do sr. Rodrigues Gaspar. Outros factos notaveis se teem desenrolado na Africa Portugusa, notavelmente em Maçambique, a proposito do futuro Convenio, e em Angola sobre uma questão de navegação. Surgiram telegramas sobre o assunto que imediatamente, no intuito evidente de se silenciar «á outrance», se pretenderam taxar como apocrifos. Tal não foi exacto e os factos se encarregaram de o demonstrar—mas o que se torna evidente por esse conjunto de circunstancias é que existe em Lisboa uma politica sul africana á qual não convem barulho nem publicidade em volta de ocorrencias reais e porventura de vastissimo alcance.

O termo que classifica estes processos é rude de mais para que o empreguemos, mas é o termo exacto. Estamos em presença de processos que não são apenas reveladores duma profunda desorganisação: mostram um proposito... um proposito em que é melhor não falar... por emquanto.

PORTUGAL LÁ FÓRA

A HOMENAGEM DO BRAZIL

aos aviadores portuguezes não tem equivalente e solicita um testemunho de gratidão e de reconhecimento da velha patria lusitana

Os ultimos telegramas recem-chegados do Brasil, dando conta das homenagens e das festas que a grande Republica Sul-americana prepara aos aviadores portugueses, são incontestavelmente uma grande lição prenhe de ensinamentos e de conclusões. Os cumprimentos que se preparam, as saudações que se desenham, as manifestações de toda a especie que principiam a tomar corpo, não partem unicamente da colonia portuguesa, vasta e notabilissima colonia, é certo, mas que só por si não poderia nunca representar o Brasil.

Com efeito, como já aqui o referimos ontem, os aviadores vão desembarcar na galeota de Dom João VI, timonada por um almirante e tripulada por aspirantes a oficiais de marinha. São as mesmas honras que se fizeram ao rei Alberto quando da sua estada no Rio de Janeiro. Pretendeu tambem o governo federal dar a Gago Coutinho e a Sacadura Cabral os mesmos postos em que foram promovidos actualmente, dentro da marinha brasileira, não o fazendo apenas por a Constituição a isso se opôr. Vai fazer aos nossos aviadores uma recepção como se costuma oferecer só aos Chefes de Estado, inaugurará um monumento a Camões na Praça Mauá, outro, alusivo ao *raid*, numa praça de Nictheroy. Finalmente, o futuro Presidente da Republica, dr. Artur Bernardes, convidou os marinheiros portugueses para uma visita oficial ao Estado de Minas Gerais, de que é actualmente presidente.

Todas estas manifestações são, na verdade, a suma expressão da amisade e da simpatia de um povo. Nem nós poderiamos pretender mais e melhor para os nossos aviadores, nem, de facto, o Brasil poderia oferecer-lhes mais. E o momento que favorece a eclosão desta simpatia vivissima, demonstra, duma forma iniludivel, a que ponto é pequena, insignificante e sem importancia, a campanha nativista que se arrasta languidamente através da indiferença ou da repulsão dos nossos irmãos brasileiros.

E' inegavel a existencia de uma simpatia provinda de brasileiros para portugueses. Pode sofrer os seus eclipses, ter periodos em que se obumbra — mas, de facto, mil misteriosas afinidades, mil pequenos elos ancestrais, ligam indissoluvelmente os dois povos, e a soberana, formidavel apoteose que neste momento acompanha os dois aviadores, em todo o litoral das terras de Santa Cruz, prova-o indubitavelmente. Não estamos unicamente em presença das manifestações da colonia portuguesa patriota além de toda a expressão. Não. São as proprias forças vivas, retintamente nacionais, áquelas nas os costumes e a tradição, que nas os costumes e a tradição que demonstram a exuberancia do seu entusiasmo e a ternura da sua admiração. Se, de facto, as homenagens da colonia portuguesa são excelsas, não é, contudo, menos verdade que os brasileiros *pur-sang* são dos mais entusiastas e porventura dos mais limpidos na sua sinceridade.

...

Já aqui o perguntámos várias vezes: Qual tem sido até hoje a homenagem de Portugal aos seus irmãos brasileiros? Com efeito, a nossa politica para com o Brasil consiste num perpetuo ajoelhar perante os nossos compatriotas de alémmar e todas as atenções governativas tentam captar as amisades, as influencias, as simpatias da nossa população residindo no Brasil. Ao Brasil, propriamente, ainda nada se fez, ainda nada se deu.

Por outro lado, verifica-se tambem que o enormissimo esforço dos portugueses do Brasil se orienta e congloba em tôrno dêsses mesmos portugueses. Citámos já nestas colunas o muito que êles têm feito, para êles proprios, mas, com a melhor boa vontade dêste mundo, não poderemos indicar coisa de vulto feita no Brasil. E' esta a incontestavel verdade.

Entretanto, êsse mesmo Brasil formidavel revivescencia de toda a Nação lusitana, prepara aos seus hospedes, que lhe chegam agora pelos ares, uma recepção real e, pela primeira vez na capital fluminense, vão reunir-se em volta de um bloco de marmore todas as entidades oficiais da grande Republica para a erecção de um monumento a Camões.

Isto passa-se precisamente no momento em que vai inaugurar-se a grande Exposição Internacional do Rio; decorrem os factos na ocasião em que todas as nações fazem a sua côrte ao Brasil com dadivas de toda a especie. E para toda a sorte de gentilezas que o Brasil diariamente põe em pratica a nosso respeito, não ha da nossa parte uma gentileza material.

...

Pois, não faltam nem motivos nem pretextos. As duas mais populares expressões da mentalidade brasileira, José de Alencar ou Gonçalves Dias, poderiam modelar-se em bronze ou em marmore pela iniciativa dos portugueses. Não faltam no Brasil soberanas individualidades a quem devamos o nosso culto e a nossa consagração. Porque se não ergue num dos jardins da magnifica cidade carioca o monumento português daqueles dois homens que melhor souberam compreender e transmitir o Brasil em paginas de uma graça e de uma frescura que não têm equivalente?

Porque ninguem pensa nisso. Porque neste desabar de ideias vai tambem o desabar de iniciativas. E o tempo das palavras elogiosas, dos discursos encomiasticos passou. Factos, obras, realizações — é o que a nossa dignidade nacional reclama. Com palavras untuosas e solicitações diplomaticas não se obtem o resultado que se precisa obter: testemunhar ao Brasil, numa dadiva permanente, o preito da nossa admiração, da nossa estima e da nossa gratidão.

"O direito do avesso,,

no Teatro de S. Carlos, hoje

Sóbe hoje á scena no teatro de S. Carlos em festa artistica da Faculdade de Direito, e a segunda «première» a revista em 2 actos e 5 quadros: «O direito do avesso». Não é bem assim, antes pelo contrario. Agora é «O avesso do direito» que «direito do avesso» foi na primeira «première», em abril. A revista que é um poema de graça—de graça? a dez escudos o fauteil—é um mimo de leveza, de inspiração, de sentimento, de bons sentimentos... Critica sem olenieir; sem molestar faz sorrir. A politica, a arte, a literatura, a Faculdade de Direito, a faculdade «mental» por excelencia e com ex.ª—tudo passa na [illegible] dessa abelha enorme que é mademoiselle Ironia—a alma da revista... «Direito do avesso» que é um pipa-rote na vida—é tambem um tiro ao alvo, um tiro em que o alvo é a raposa de Julho... O desempenho é por demais excelente e economico para que seja necessario encarece-lo. Os futuros advogados parece que frequentaram todos a Escola d'Arte de Representar... de toga. O corpo coral de formas mais maviosas que o corpo legislativo faria inveja ao director dos bailados russos—Lenine. Citar nomes? Para quê? São bem conhecidos de todos—desde o autor da revista Tito Arantes até á primeira bailarina—a primeira a contar do principio—João Boto de Carvalho. E o empresario Fernando Silva, o «quero, posso e mando», daquilo tudo! Etc. O espectaculo deve começar ás 9 horas em ponto. Natural é, porem, que comece mais tarde porque hoje é segunda feira, os barbeiros estão fechados e as gentilissimas sorrizes tê o de por suas mãos... fazer a barba.

Congresso Municipalista

Da União do Professorado Primario Oficial enviam-nos a copia do telegrama ontem enviado por aquela coletividade ao Presidente do Congresso Municipalista e que é do teor seguinte:

Ex.mo Presidente Congresso Municipalista. Lisboa—União Professorado Primario Oficial Portugues sauda v. ex.ª e ilustres congressistas pede licença protestar contra afirmação congressista sr. Agusto terem Municipios direito fiscalisa ensino pois não reconhece pedagogicamente autoridade desempenho tão alta função.

Tambem professorado ainda não esqueceu atropelos cometidos maioria camaras durante periodos administração ensino despresivel como foi tratado. — Comissão Executiva. (a) Barroso, Oliveira, Lopes, Artur, Gomes.

Em torno duma intriga

O sr. deputado e antigo ministro, capitão Velhinho Correia, Cruz de Guerra de 1.ª classe, acusado publicamente de mentiroso!

O deputado sr. Velhinho Correia, discursando na Camara dos Deputados, fez acusações graves, visando um industrial que tambem se diz jornalista. O ex-ministro do Estado fôra rudemente atacado com botes dirigidos á sua honra; restabelecendo a verdade dos factos e, apoiado por toda a Camara, o sr. Velhinho Correia demonstrou a falsidade das acusações e ripostou, por sua parte, declarando que o industrial estrangeiro o atacava porque êle, Velhinho Correia, lhe contrariara e anulara varias manigancias, tentadas quando o sr. Velhinho Correia era ministro.

Isto não impressionou demasiadamente o adversario. Eis o que êle diz, em resposta ás acusações concretas formuladas, em pleno Parlamento, por uma figura de destaque da situação politica dominante:

«Se é exacto o que vimos na imprensa, o sr. Velhinho Correia teria dito na Camara que, quando foi ministro do Comercio, o director do *Seculo* «lhe fez propostas vergonhosas e sem pudor», que repeliu, já se deixa vêr. Parece que estamos inventando, mas são as proprias palavras do jornal. Permita-nos então o sr. deputado que, o mais discretamente possivel, lhe digamos que é total o seu equivoco. Nem o director do *Seculo*, nem qualquer pessoa qualificada para o substituir em assunto de tanta transcendencia, jámais, de conhecimento nosso, procurou o sr. Velhinho Correia para lhe fazer as propostas que diz.

Nem essas, nem outras. O sr. Velhinho Correia foi enganado na sua boa fé, que deve ser muita. Alguem o desfrutaria, apresentando-se-lhe como director do *Seculo*, ou seu representante. Sem jactancia de especie alguma, é-nos licito afirmar que seriamos incapazes de apontar o sr. Velhinho num grupo qualquer de desconhecidos. Não o acusaremos de faltar conscientemente á verdade. Bem basta considerá-lo incapaz de acertar seja no que fôr. Se é verdade, pois, que proferiu a frase que o jornal lhe atribue, desfaça o sr. Velhinho a sua ilusão, que foi cruelmente mistificado.»

Em resumo: segundo o articulista, o sr. Velhinho Correia mentiu. E, como não é possivel que o ex-ministro da Republica, que é tambem oficial do Exercito ostentando a Cruz de Guerra ganha nos campos da batalha de Flandres, deixe passar em julgado o insulto, temos de admitir, sem sombra de hesitação, que o sr. Velhinho Correia, no Parlamento ou na imprensa, explicará mais claramente as suas afirmações, dizendo em que circunstancias, quando e como se viu na necessidade de reprimir a corrupção que dêle ousara aproximar-se.

Esperemos, pois: vai falar claro o sr. Velhinho Correia!

A situação dos espanhois em Marrocos

MELILA, 12.—Produziram-se varios recontros sangrentos entre as kabilas de Nenirrisgel e Beni-Said. —O fogo de metralhadoras realisado durante o dia de ontem pelas forças fieis produziram no inimigo importantissimas baixas. — Acaba de ser organisada uma forte coluna a fim de abastecer as posições avançadas, a qual realisou os seus objectivos sem ter sido hostilisada.—(Lat. Am.)

Os agradecimentos de Afonso XIII

BARCELONA, 12.—Devidamente autorisada pelo capitão general realisou-se no salão do Trono uma importante reunião, á qual assistiram todos os oficiais da guarnição. O marquez de Estrela transmitiu, em nome do rei, os seus agradecimentos pela afectuosa recepção e despedida de que havia sido alvo. Toda a guarnição resolveu enviar a Afonso XIII um telegrama reiterando-lhe a firme adesão dos votos sinceros de prosperidades da familia real de Espanha.—(Lat. Am).

O problema da emigração

NÃO É APENAS O BRAZIL QUE NOS ARREBATA O MELHOR DAS NOSSAS POPULAÇÕES CAMPEZINAS MAS TAMBEM A FEBRE DEVORADORA — — — — DAS CIDADES — — — —

E' espantoso e de assustar a debandada dos nossos campos, condenados dentro em pouco á esterilidade, por falta de braços para o amanho do grangeio. A' doentia tendencia de fuga para as cidades, em busca do emprego e de uma posição mais limpa e asseada e menos sujeita a um trabalho violento, acresce agora a sedução do trabalho em França, onde os salarios são altos e remuneradores, tornando-os o cambio actual ainda mais remuneradores e de deslumbrar.

Dantes, era só o Brasil que nos levava os nossos rapazes do campo, os melhores elementos de trabalho agricola, mas as dificuldades da viagem e o amor da casa e da familia restringiam consideravelmente o numero de emigrantes e a emigração não revestia o caracter de flagelo dos campos com que hoje se nos apresenta. Agora é o Brasil, a Norte-America, a Argentina, o Mexico, a Espanha e a França, todas as regiões do globo, porque em qualquer delas o rapaz da lavoura encontra melhor compensados os seus esforços.

A emigração é um acontecimento de alarmar, a que os nossos governantes têm de dedicar um pouco mais de atenção e cuidado, porque da boa ou má solução dêste momentoso assunto depende em grande parte o futuro economico do paiz, sendo como é a lavoura a primeira fonte de riqueza nacional. Para impedir a emigração não tem até hoje os governos adoptado outro processo mais que a repressão da passagem na fronteira. O processo não remedeia o mal e nem sequer chega a atenuá-lo. E' inutil a repressão, se os governos não atacam *in radice* as causas da emigração. As medidas de policiamento serão sempre iludidas com exito, emquanto emigrar fôr uma necessidade imposta pelo direito á vida, que é sagrada e que nenhuma força, por maior, conseguirá impedir. O que conviria era estudar as causas determinantes da emigração e, conhecidas, buscar o seu desaparecimento.

Porque emigra o nosso homem dos campos, deixando a vida trabalhosa mas alegre da aldeia, os carinhos da familia, trocando as doçuras de um clima benigno e ameno, pelos rigores e asperezas de um clima doentio? E' que lhe falta amor á terra e á familia. Não. Com que saudades êle se aparta dos seus e deixa as alegrias de uma vida de afectos domesticos e de recordações santas?!

Ou emigra e deixa a sua terra é forçado pela necessidade, porque trabalha e não vê fruto, derrete e esgota as energias sem compensação que se veja e aprecie.

A terra não dá, apesar de um trabalho desmegrado, o bastante para toda a familia, e é necessario que quem pode, o mais forte, vá em busca do pão que a terra nega, a despeito dos suores com que é regada, dos sacrificios a que obriga diariamente.

E, no entretanto, o lavrador tem amor, um apego inexplicavel ás suas brisas.

Para resgatá-las das garras do usurario ou livrá-las das dividas que as oneram, é que êle se afasta, levando comsigo a esperança de que a sua boa estrela o acompanhará e com a protecção de Deus voltará um dia rico, feliz, em condições de viver contente na sua terra.

E', pois, a dificuldade da vida agricola, a situação de miseria em que vivem o medio e pequeno lavrador, que origina a emigração, terrivel e daninho flagelo que está matando a agricultura do norte e creio que tambem do centro e sul do paiz.

Para esta situação de miseria tem concorrido em grande parte a politica agraria dos nossos governos, verdadeiramente desastrada e criminosa.

Os campos têm sido as vitimas de quantos disparates a falta de preparação e tino administrativo tem produzido em Portugal. A lavoura vive em condições dificeis, que reclamavam protecção e auxilio dos poderes publicos e êstes têm continuamente sacrificado a lavoura, onerando-a com sucessivos impostos, porque nas altas esferas do Poder se ignora completamente a vida dos campos e se formou ha muito o falso conceito de que o lavrador nada em abastança e de que a terra é inexgotavel.

Não tendo quem o defenda e vendo-se espesinhado por politicos, que o recebem desabridamente e o roubam nas repartições, usurarios que lhe tiram a pele e lhe levam tudo o que a terra produz, o lavrador emigra, deixando, cheio de dôr, a sua terra, que, madrasta, lhe não compensa os sacrificios por ela feitos, mas lhe dá miseria e uma vida de privações, em troca do comovente e dedicado carinho com que êle a trata.

E' êste um dos mais delicados e importantes problemas nacionais a resolver com urgencia.

A sua solução requere, porém, uma orientação diferente da parte dos poderes publicos e um maior interesse da parte de todos os que vivem da terra e a querem devidamente protegida contra ataques de toda a especie.

O problema das reparações

Surge na baralha um projecto inglez

Nos mercados de Londres, nos meios financeiros, segundo a imprensa, ouve-se frequentemente discutir o problema das reparações.

Sobre a questão do emprestimo, reconhecido como absolutamente necessario para que a Alemanha possa satisfazer os seus compromissos, formulam-se varias opiniões, apresentam-se diversos projectos, um dos quais nós não queremos deixar de apresentar aos nossos leitores, transcrevendo-o do «Times»:

«Segundo a opinião dos principais peritos financeiros de Inglaterra, a colocação, entre os capitalistas, de um emprestimo puramente alemão, tal como foi visto nas conferencias de Paris, apresentaria grandes dificuldades, ainda mesmo que as garantias em especificadas fossem obtidas. Para vencer estas dificuldades os banqueiros mais preponderantes de Londres darão o seu apoio a um projecto cujas bases principais seriam:

A Alemanha entregaria á C. de R. uma certa quantidade de «bonus» de juro de 7 1/2 %. Esta quantidade de bonus, a fixar por uma comissão de peritos seria repartida entre os aliados nas proporções já aceitas na conferencia de Spa: 52 % para a França, 22 % para a Inglaterra, etc.

A proporção que couber á Inglaterra seria oferecida aos portadores de bilhetes de emprestimos da guerra em troca dos titulos dos ditos emprestimos que actualmente possuem, garantindo o governo inglez para os «bonus» alemães o mesmo juro que teem os emprestimos da guerra, que seriam remidos.

Graças a esta operação a divida nacional britanica seria diminuida de uma soma igual ao montante dos «bonus» recebidos da Alemanha e o governo inglez não seria chamado a assumir uma responsabilidade maior do que aquela pela qual actualmente responde.

As vantagens dum tal emprestimo seriam as seguintes:

A quantia recebida para as reparações não podia ser realmente utilisada para outros fins que não fosse a amortisação da divida de guerra: a operação não arrastaria comsigo qualquer embaraço ao mercado monetario, visto que nenhum outro emprestimo seria necessario: equivaleria a uma conversão internacional.

No que propriamente se refere á França, que tem necessidade de especies para a restauração das regiões devastadas, ela teria a liberdade de convidar os seus nacionais a subscreverem para este «bonus», que importaria uma garantia do juro pelo governo francez, até á concorrencia de uma cifra aproximadamente correspondente ás taxas de juros das «rentes» francesas.

Por este meio a França poderia obter uma certa quantidade de dinheiro que lhe é necessario antes de ter obtido o absoluto cumprimento das obrigações para com ela contraidas pela Alemanha.»

Este projecto é, sem duvida, digno de toda a atenção, mas quer-nos parecer que as condições em que ele coloca o emprestimo não são de molde a garantir o seu sucesso.

Morfina, cocaina & C.ª

A intoxicação geral dos americanos

Um telegrama de Nova-York informa que a *American Medical Society*, representada por mais de 90 mil medicos, pediu que o Congresso fizesse um rigoroso inquerito ao vicio dos narcoticos e outras drogas e que está tomando um tal desenvolvimento, que põe em perigo o futuro da raça americana.

Este grito da Sociedade Medica Americana não é o primeiro que nos Estados Unidos se ouve. O uso de narcoticos e de estupeficantes de todas as especies está realmente abastardando a raça, e um dos maiores trabalhos de todas as alfandegas da Norte-America consiste em evitar por todos os processos a intromissão das drogas nefastas á saude e sem as quais uma grande parte dos americanos não pode passar.

A cocaina e a morfina, apesar de tôdas as proibições, apesar de mil aparelhos para lhes notificar a existencia, atravessam as fronteiras em quantidades consideraveis, notando-se que, apesar de serem os dois contrabandos mais perseguidos, são, todavia, os que se fazem com mais abundancia. E' ainda necessario acrescentar o eter, cujo uso está imensamente espalhado, e o opio, que invade toda a costa do Pacifico e que se infiltra, cada vez mais, por toda a região da California, mercê da propaganda e da distribuição que dêle fazem os chineses.

O numero de individuos que usa e abusa das injecções de morfina e de cocaina sobe de ano para ano. Os *respiradores* de eter não tem conta e os individuos que fumam o opio e se intoxicam periodicamente excede todos os calculos e mente excede todos os calculos e todas as probabilidades. Pode, no entanto, afirmar-se que uma quinta parte da população dos Estados Unidos se entrega com deleite, com delirio, a êstes variados processos de auto-destruição, que são hoje, talvez, dos mais caros, porque, em virtude da guerra que lhes é feita, o opio, a morfina e a cocaina atingem preços fabulosos e só podem ser vendidos clandestinamente.

Não é todavia só na America do Norte que êste vicio atingiu proporções culminantes. Parece ser em extremo peculiar a todos os americanos em geral e, de facto, os cocainomanos e os morfinomanos são muitissimo mais vulgares do que na Europa. No Rio de Janeiro são aos milhares e todos os dias a policia apreende depositos secretos de cocaina ou clandestinos entrepostos de qualquer droga nociva e prejudicial. Muitas fortunas do Brasil se fizeram com estas vendas e, muito provavelmente, no norte sucede a mesma coisa... com maior amplitude.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

CONTINUA O DEBATE ACERCA DOS TRANSPORTES MARITIMOS DO ESTADO

Na sessão diurna, que abriu depois das 15 horas, o sr. Velhinho Correia trata da questão dos Transportes Maritimos do Estado.

O orador demonstrou com numeros, estatisticos, que os importadores portuguezes pagam ás agencias de navios mercantes estrangeiros uma quantia aproximada de quatro milhões, que é, afinal, o prejuiso anual do país por falta de navios mercantes nacionais. Nestas condições é intuitivo que é preciso dar um criterioso destino á frota mercante portugueza, uma vez feita a liquidação dos Transportes Maritimos do Estado. Isso é absolutamente essencial!

O Estado dá subsidios para caminhos de ferro, portos estradas, etc. Mas quando se fala em subsidiar a marinha mercante nacional logo surgem todas as oposições. Isto é um contrasenso, principalmente se considerarmos que somos um país com vasto imperio colonial, um país de navegadores.

Temos fretes suficientes para a marinha mercante nacional. Em 1913 carregaram-se e descarregaram-se mercadorias, nos postos da Metropole na quantidade aproximada de quatro milhões de mercadorias. Se reservassemos para a marinha nacional apenas a quarta parte desses fretes, apurariamos um milhão de toneladas que, juntamente com a carga das colonias para o estrangeiro, prefaz um total de um milhão e duzentas mil toneladas.

Nestas condições temos de pensar em destinar 40 navios fazendo viagens redondas de dois mezes, assegurando-lhe a carga de ida e volta. O sr. Velhinho Correia demonstra, com numeros, que isso é possivel, que é mesmo certo.

Na mesma ordem de ideias, todas tendentes á defeza da contra-proposta da comissão do Comercio e Industria, o sr. Velhinho Correia prosegue nas suas considerações até se esgotar a hora destinada á 1.ª parte da Ordem do Dia. Fica com a palavra reservada.

O PROBLEMA COLONIAL

O sr. Visconde de Pedralva, em negocio urgente, lê á Camara um telegrama que recebeu de Loanda, dando conta do apoio das associações locais á administração do Alto Comissario sr. general Norton de Matos.

O sr. Pedralva em nome da maioria declarando que ela está toda concorde com a gestão administrativa do Alto Comissario de Angola.

O sr. Cancela de Abreu requer a generalisação do debate, mas a Camara regeita, unanimemente.

Entra-se, a seguir, na discussão dos orçamentos, que prosegue sem vivacidade alguma e antes com a indiferença geral pela ginastica dos numeros.

OS BENS DOS ALEMÃES APOS A GUERRA

Precedida de um relatorio, onde o sr. ministro dos Estrangeiros mostra a conveniencia de assegurar aos subditos germanicos o direito ás propriedades adquiridas por êles, em Portugal, *post bellum*, foi enviada á mesa da Camara dos Deputados a seguinte proposta de lei:

Artigo 1.º — Portugal renuncia á faculdade, que lhe é conferida pelo § 18.º do Anexo II á Parte XIII do Tratado de Versailles, de, no caso previsto por êsse paragrafo, apreender ou confiscar os bens que os nacionais alemães tenham adquirido posteriormente ao decreto n.º 7.978, de 20 de Janeiro de 1922, ou venham a adquirir, em territorio portuguese.

Art. 2.º — Fica revogada a legislação em contrario.

O CREDITO PARA A REPRESENTAÇÃO PORTUGUESA NA EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO.

A Comissão de Comercio e Industria deu parecer favoravel ao credito de 4.100 contos, proposto pelo Governo para reforço da verba de despesas com a secção de Portugal na Exposição Internacional do Rio de Janeiro.

A meio da sessão, a Camara dos Deputados aprovou, por unanimidade, um voto de saudações ao Congresso Municipalista.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio secretariado pelos srs. Godinho do Amaral e Aragão e Brito, reabrindo a sessão interrompida desde 6.ª feira ás 15,30 com 14 senadores presentes.

Prosegue a discussão sobre o projecto de lei autorisando a Camara Municipal de Tavira a proceder a varias obras no seu porto, pronunciando-se sobre ele os srs. Joaquim Crisostomo, Herculano Galhardo, Machado Serpa, Alvares Cabral, Carlos Costa, Medeiros Franco e Rego Chaves.

São 17 horas. A sessão continua.

As festas da cidade

Ainda hoje chamaram a atenção dos transeuntes, as montras ornamentadas, vendo-se em algumas ruas da baixa uma concorrencia fora do vulgar apesar do dia se ter apresentado bastante quente e por vezes abafadiço. De tarde foram expostos no estabelecimento dos srs. J. Narciso de Aguiar & C.ª, Filhos, na Avenida da Liberdade, os premios destinados pelo jury do concurso das Montras, aos caixeiros e patrões dos estabelecimentos cujas «vitrines» foram premiadas.

Durante a noite de hoje as montras devem continuar iluminadas em virtude dos folguedos populares que se realisam em varios pontos da cidade. De tarde prosseguiram no Jardim da Estrela as festas iniciadas houtem, tendo havido concerto musical pela banda do comando geral da G. N. R. a qual foi alvo de constantes aplausos.

Houve tambem «matinée» por artistas de varios teatros sendo o espectaculo dirigido pelo actor Ruidão.

A' noite realisam-se folguedos populares no Rocio, Largo de Camões e Avenida da Liberdade, devendo ter extraordinaria concorrencia a Praça da Figueira que este ano reabre as suas portas ao publico.

Conselho de Ministros

O conselho de ministros esteve hoje reunido na secretaria do interior, das 11,30 até ás 13,30.

Não forneceu nota oficiosa aos jornais, mas consta-nos que houve apenas troca de impressões sobre assuntos correntes de administração publica, visto não terem comparecido os srs. ministros da Instrucção e do Trabalho, por terem ido ao norte.

Aviação maritima

Foi nomeado director da aviação maritima, o primeiro tenente sr. Pinto de Mesquita.

Conferencia

O sr. major general da armada conferenciou hoje com o Chefe do Governo, na qualidade de presidente do Club Naval.

Duquesa do Porto

A sr.ª Duquesa do Porto procurou hoje o sr. presidente do Ministerio não conseguindo ser recebida.

Em poucas linhas

Domingos Pereira Fernandes, rua da Cruz a Santa Apolonia, 100, queixou-se á policia de que no Jardim Zoologico lhe furtaram o relogio, corrente e bolsa, tudo no valor de 180 escudos.

—Foi preso José Lourenço Simões, travessa da Memoria, 18 1.º, que furtou a quantia de 120 escudos a Emilia Chaves, rua Saraiva de Carvalho, 304, 2.º.

—Filinto Elisio de Sousa, rua da Gloria, 57, e Lazaro dos Santos, rua Barata Salgueiro, 11, foram presos por terem furtado varios artigos de vestuario no valor de 300 escudos a Maria Augusta, rua da Gloria, 75.

—No tribunal dos Açambarcadores estava anunciado para hoje o julgamento de João Guedes, com fabrica de Moagem em Oeiras acusado de ali ter escondidas e açambarcadas na quinta do Marquez de Pombal 126 sacas com farinha. O julgamento não poude realisar-se em consequencia de ter faltado o guarda civico 544 em serviço no referido conselho, ficando adiado para sexta-feira proxima.

—Foi já enviado ao Tribunal da Boa Hora o conhecido burlão Joaquim Teles de Menezes que se fazia passar por barão de Noro e que praticou varias burlas sendo tambem autor dum furto de joias no valor de 20 mil escudos.

O RAID LISBOA-BRAZIL

Segundo informações oficiais colhidas no Ministerio da Marinha, os bravos aviadores portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral partem amanhã da Bahia, pelas 7 horas e 30 minutos com destino a Porto Cabral.

O comandante do vapor «Paris City», que como se sabe recolheu proximo dos Penedos de S. Pedro e S. Paulo, os aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho, vai ser agraciado pelo Instituto de Socorros a Naufragos, com a medalha de prata de coragem e abnegação.

A subscrição aberta pelo sr. Governador Civil para o bodo aos pobres está em 54.640$75

O jornalista sr. Eduardo Fernandes «Esculapio» redactor principal da «Imprensa da Manhã» fez hoje entrega ao sr. Governador Civil de Lisboa da quantia de 1.473$02 referente á «quete» que gentis alunas do Conservatorio fizeram quando do arraial que o mesmo jornal realisou nas noites de 10 e 11 do corrente na Praça de Camões.

Essa importancia é destinada á subscrição que está aberta no Governo Civil para o grande bodo aos pobres da iniciativa do chefe do districto e que vai ser distribuido em sinal de regosijo pelo feito heroico dos bravos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

O rendimento do sarau de ha dias no Coliseu dos Recreios a favor do bodo rendeu 8.083$85, faltando agora apurar o produto da tourada realisada em Algés, o qual é calculado em cerca de 24.000 escudos.

Em breves dias a subscrição deve alcançar a bonita soma de 80.000 escudos o que permite uma distribuição mais ampla de escudos.

E' natural que sejam contemplados todos os 12.000 pobres cadastrados nas juntas de freguesia e outros pobres protegidos pelos jornais da capital.

A distribuição do bodo far-se-ha naturalmente no proximo domingo ás 10 horas, na Praça de Camões.

Na Administração do Porto de Lisboa

Reuniu no dia 11 do corrente a comissão central promotora dos festejos de homenagem a Gago Coutinho e Sacadura Cabral para apreciar os trabalhos já realisados pelas diversas sub-comissões organisadas nos diferentes entrepostos e cais livres da Administração do Porto de Lisboa, verificando-se que as importancias recolhidas atingem centenas de escudos, e ficando assente entre os membros da comissão que, além de centenares de foguetes de morteiros que subirão ao ar na ocasião da chegada dos aviadores ao Rio de Janeiro na area compreendida entre o Bom Sucesso e Santa Apolonia, serão distribuidos varios donativos ás viuvas e orfãos dos funcionarios e assalariados do Porto de Lisboa que se encontrem em precarias circunstancias.

A' noite iluminará a fachada do edificio do Escritorio Central, ao Cais Sodré, que será embelezada com bandeiras das diversas nações e com um quadro de homenagem aos dois heroicos aviadores portuguezes.

Congresso Municipalista

Encerrou hoje, pelas 14 horas, os seus trabalhos o Congresso Municipalista, tendo-se realizado a ultima sessão na Escola Agricola de Paiã, para onde os congressistas se dirigiram pelas 10 horas, em automoveis, fazendo-se a concentração na Camara Municipal.

Terminado o Congresso, os congressistas, reuniram-se em almoço de confraternização, que decorreu animadissimo.

MUSICA

Academia de Amadores de Musica

Realiza-se da proxima quinta-feira 15, ás 21 e meia horas, no seu salão, o 163.º concerto, segundo desta epoca.

No programa figura «Ociell quanticioll» Faust, de Gounod, «As papoilas» de Alberto Sarti, cantados pela sr.ª D. Amelia Serra.

«Andantino» do padre Martini, «Ungarische, rhapsodie», D. Popper pelo violoncelista professor sr. Sanvicens Molinó, acompanhado ao piano pelo professor sr. Luiz de Melo.

«In questi fieri momenti», Gioconda de Ponchielli, «La nuit» de Rubinstein, «Eternamente» de condonte, cantados pela sr.ª D. Emilia Serra, acompanhando ao violino a sr.ª D. Mariona Pimentel.

O sr. Pedro de Freitas Branco cantará «Um soneto de Camões», do Luiz de Freitas Branco e o «Minuetto», de A. Lamos, acompanhando-se a si proprio nesta ultima, á viola-de-amor, instrumento de que é eximio executante.

A avaliar por todos estes elementos vai a antiga academia proporcionar aos seus socios mais uma das inumeras noites de arte que tem realisado.

No dia 23 efectua uma importante audição dos seus alunos e o encerramento das aulas.

Oscar Bottino

Pessanha, Bottino & Pessanha, Ltd., participam o falecimento do seu socio e amigo Oscar Bottino, e que o seu funeral terá logar amanhã, 13 do corrente, pelas 16 horas, saindo o prestito funebre da Egreja do Loreto, para o cemiterio dos Prazeres.

Sociedade de Geografia de Lisboa

Tem logar amanhã pelas 21 1/2 horas na sala Algarve da Sociedade de Geografia uma conferencia feita pelo Consul Portuguez em Amsterdam sr. Johan Doetelimk cujo tema será «Os Judeus Portuguezes na Holanda e na Diplomacia.

Funcionalismo publico

Na sua ultima reunião o Gremio de Professores Primarios Oficiais de Lisboa aprovou uma moção, reiterando a sua confiança no seu delegado sr. Manoel Barrosa, dentro da Comissão do Funcionalismo Publico e elegendo o sr. Mario Vieira como delegado á Reunião Magna que vai realizar-se em Lisboa. Elegeu tambem os srs. Antonio Vicente de Sousa Lopes para presidente da assembleia geral, Mario Augusto Vieira para vice-presidente, Calisto para 1.º secretario e D. Ernestina de Sousa Neves para o Conselho Fiscal. Apreciando uma circular do Secretariado Geral da União do Professorado Primario, a assembleia resolveu dar-lhe a solidariedade moral e material no caso duma perseguição.

No Instituto dos Pupilos do Exército

Para a comemoração dos feitos dos aviadores estão-se activando os preparativos para uma festa no Instituto Profissional do Exército.

Para esse fim foi já organisada uma comissão de alunos. De cerrar-se-hão os retratos dos referidos aeronautas.

A' noite, terá logar uma brilhante récita. Serão apresentados ao publico várias poesias do poeta Augusto de Casimiro, bem como da autoria de alguns alunos daquele estabelecimento.

Honrarão a festa s. ex.ª o presidente da Republica, ministros e demais individualidades em destaque no nosso país.

PELO TELEGRAFO

O conflito mineiro

OVIEDO, 12. — O conflito da zona mineira chegou ao seu periodo mais agudo. Foi publicado um manifesto que termina como segue: «Nem um centimo menos, nem uma hora mais».—(Lat-Am).

Churchill e a Irlanda

LONDRES, 12.—Churchill teve uma demorada conferencia com delegados irlandezes.—(Lat-Am).

A politica do sr. Poincaré

PARIS, 12. —Poincaré presidiu ao banquete da associação dos trabalhadores do caminho de ferro que foram, segundo êle disse, os melhores fautores da victoria e agora trabalham na restauração da Europa e para a manutenção da paz.—(Lat-Am).

Um armisticio chinez

SHANGAI, 12.—Telegrafam de Pekim que foi celebrado um armisticio entre Wo-Pei-Fu e Chang-Tso-Lin.—(Lat.Am).

Caixa Geral de Depositos Caixa Economica Portugueza

O movimento de depositos da Caixa Economica Portugueza durante o mez de maio findo foi de 106,801.205$14, sendo 56.039.222$82 de entradas e 50.761.982$54 de saidas, donde resultou uma diferença para mais de 5.277.240$50 que adicionada ao saldo em 30 de abril prefaz em 31 de maio o de 194.436.878$42.

O numero de depositos novos constituidos durante o mesmo mez foi de 2.426.

Festival noturno

No Casino de S. José de Ribamar realiza-se hoje um grande festival nocturno, constando de ceia, iluminações, concerto, fogos de artificio e varias surprezas.

A festa que é organisada por um grupo de amigos da Empreza do teatro Chiado Terrasse, é dedicada á referida empreza e aos artistas de todos os teatros de Lisboa.

A inscrição acha-se ainda aberta, podendo a comissão ser procurada no teatro Chiado Terrasse.

São já numerosas as inscrições, tudo fazendo prever que esta festa assumirá um brilho desusado.

CASAMENTOS

A. Alberto Gonçalves

(Ex-empregado do Registo Civil)

Tendo sete anos de pratica, trata de papeis para casamentos civis ou religiosos, com dispensa ou não de editais e proclamas (isto é, dispensa de prazos). Incumbe-se de perfilhações, legitimações e de registos de nascimentos fora do prazo legal; encarrega-se tambem de divorcios, averbamentos e de adquirir na provincia certidões de nascimentos, de casamentos e obito de qualquer outros documentos. Trata de tudo quanto diga respeito a este assunto, por mais complicado que seja.

Seriedade e prontidão

Preços modicos

Rua de S. Bento, 82-1.º—Lisboa.

Theatros e Cinemas

Primeiras representações

SALÃO FOZ — «Propaganda de Portugal», *novo quadro da revista* **«Piparote»**.

Conforme é já uso e costume, passadas as primeiras dezenas de recitas de qualquer revista, ha que inova-la, sob pena de os seus auctores a verem desaparecer do cartaz. Coube agora a vez ao «Piparote», introduzindo-se-lhe um novo quadro que a não vem valorisar tanto quanto seria desejavel e do qual apenas ha que destacar dois numeros interessantes e bem desempenhados que o publico aplaudiu sem reserva. São eles a «Florinha da rua» por Laura Costa, e o dueto do «Pão e Leite» por José Moraes e Deolinda de Macedo, bem marcados, bem vestidos e desempenhados cuidadosamente por aqueles artistas que, com Antonio Gomes, constituem, em minha opinião, o melhor quarteto do Salão Foz.

ALVARO LIMA

Reposições

TEATRO NACIONAL — «O condenado», *5 actos de Afonso Gaio.*

A casa de Garrett fez, ha dois dias, reprise da peça do Afonso Gaio «O condenado» já, em tempo, representada no mesmo teatro com a novidade apenas de uma interpretação diferente. Peça regional, estudando os usos e costumes do meio em que se desenvolve a sua ação, é seguramente a obra mais bem tracejada do autor. A sua critica foi, oportunamente, feita, não tendo, portanto, que nos ocuparmos dela mas tão somente do desempenho e da «mise en-scene», esta ultima com o cuidado que, felizmente, nos vamos habituando a ver no nosso primeiro teatro de declamação.

Encarregaram-se dos principais papeis femininos Irene Grave, Palmira Torres e Laura Hirsch. A primeira procura progredir e pena é que a sua voz, apesar da boa vontade e do seu louvavel esforço, não consiga, por vezes, transmitir a publico a emotividade precisa e da qual, naturalmente, resulta o maior sucesso da interpretação. Sendo um elemento valioso na comedia ligeira, pena é que, a esse genero de teatro se não dedique inteiramente, ocupando, por direito de conquista, logares de ha muito vagos e que é necessario preencher. Laura Hirsch continua merecendo os nossos louvores e Palmira Torres na «tia Quiteria», fez brilhantemente a saida do ultimo acto. Dos homens, Joaquim Costa, bem, sem cair no ridiculo, Clemento Pinto honesto em todo o seu trabalho e Jorge Grave e Leitão, procurando tirar o melhor partido dos seus papeis. Pena é que, no conjunto, o publico notasse uma deficiencia grande de ensaios, dando logar a que, por motivo dos papeis não estarem convenientemente sabidos, a peça se arrastasse, mórmente em todo o decorrer do 3.º acto, por ventura, o mais tipico, em que o ponto, embora de bastidores, conseguia ouvir-se nitidamente, na sala.

ALVARO LIMA

Audição de alunos

No salão do teatro de S. Carlos, realisou no ultimo sabado, a costumada apresentação dos seus alunos, o brilhante violinista Francisco Benetó, com um programa artistico e variado, figurando nele obras de Godard, Beriot, Saint Saens e daquele distinto professor.

Aplaudidos todos os interpretes pela proficiencia com que executaram os diferentes trechos a seu cargo, a selecta assistencia particularmente ovacionou Mle. Maria Octavia Sena, na «Sinfonia espanhola» de Lalo, Mario Simões Dias no «Concerto da op. 26» de Max-Bruch que tocou brilhantemente, apesar de cego, o que mais valorisa ainda o seu trabalho e Mle. Maria Madalena de Sousa Lima, uma pequenita de 12 anos que nos dizem ser uma das dilectas discipulas de Benetó e cuja segurança e virtuosidade na execução da «Fantaisie-Ballet» de Beriot nos deixou a profunda impressão duma futura grande artista.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Condenado».
AVENIDA—A's 9,15—«A Maluquinha de Arroios».
POLITEAMA—A's 9,30—«A menina virtuosa»

Teatro musicado

APOLO—A's 9,15—«Porto tantos de tal»
EDEN TEATRO — A's 9 — Companhia espanhola— «El Niño Judio» e Las Bribonas.
SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparote».
CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 8,30—Animatografo e variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade
SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

Uma ascenção ao mais alto pico do globo

A expedição britanica que saiu de Londres com o objecto de subir até ao ponto mais alto do monte Everest já chegou ao pé desse monte, e a estas horas, muito provavelmente, já terá começado a sua ascenção. São varias as opiniões dos peritos sobre a possibilidade de jamais se poder atingir o cume desse monte, mesmo sob as condições mais favoraveis do clima e do tempo. Resta agora ver se a rarefação de ar permitirá subir alem duma altura de 23.000 pés ou mais.

O duque de Abruzos, quando subiu o monte de Karakoranas, conseguiu atingir uma altura de 24.600 pés, sendo esta até hoje a mais alta elevação que se alcançou.

Ha, de certo, aviadores que teem subido muito mais alto e que teem aterrado inermes e sem nenhum contratempo, mas estes não tiveram de suportar a fadiga e os esforços de ter de subir a pé.

Os exploradores ingleses levam comsigo um aparelho oxigenico para os ajudar, mas quem sabe se esse gaz, com as suas vantagens, lhes compensará o peso adicional que terão de acarretar até uma altura de 29.000 pés.

Em todo o caso a exploração preliminar feita o ano passado na região do Everest assim como a expedição realisada este ano, conseguirão elucidar os problemas principais que este importante monte nos tem até hoje apresentado.

Já se tem pedido fazer a cartografia de toda aquela zona excepto a da parte que fica do lado do Nepal, e as fotografias tiradas e que se teem visto são verdadeiramente lindas e impressivas.

E' tão grande o Himalaya, e tão formidaveis os seus picos, que as proprias fotografias produzem um encanto, uma impressão diferente de qualquer outra coisa que haja neste mundo. De uma beleza extraordinaria são tambem os vales do Tibet atapetados de flores, onde as feras «selvagens» são mansas, e onde o pacifico bodhista que tanto respeita tudo quanto tem vida, fica imensamente aflicto se qualquer naturalista tentar matar, mesmo que seja uma borboleta.

Salão Central

Estreia do 7.º episodio

O inimigo invisivel

da incomparavel fita de aventuras

Nas garras do Dragão

Anciosamente esperado este novo episodio da empolgante e maravilhosa pelicula, deu lugar á enorme concorrencia de publico que, hoje assistiu á sua estreia no sumptuoso Salão Central.

Raras vezes teem passado por diante dos nossos olhos coisas tão interessantes, que apresentem tanta novidade, como os aspectos do grandioso film, escrito para a eminente actriz Maria Walcamp e por ela interpretado com tanta arte, tanta intrepidez e tanta vivacidade.

No espectaculo desta noite volta a ser exibido o famoso episodio «O inimigo invisivel», figurando tambem no programa o drama, em 4 partes, «A menina do quarto 29», que tão grande sucesso tem obtido, pelo interesse das suas principaes cênas, cheias de novidade, e pelo primorioso desempenho do seu protagonista, a cargo do notabilissimo actor Franck Mayo.

A situação dos professores de ginastica dos Liceus

Sr. Redactor.—Leram a entrevista que o sr. ministro da Instrução Publica concedeu recentemente?

Que lindas coisas s. ex.a diz, mas o maroto do Parlamento negou-lhe a verba de 60 contos para a Festa Nacional de Ginastica.

E sobre a situação dos professores de ginastica?

O Parlamento não foi maroto, foi cruel. Cruel não, Crudelissimo, porque como resposta á intenção de melhorar a situação dos professores de ginastica, poz o disco do gramofone com a já sediça aria: «Não ha verba».

E para «animar» os pobres professores? Diz saber, comtudo, que se «pretende apresentar» um projecto de lei equiparando para todos os efeitos os professores de educação fisica aos das outras disciplinas.

Com que enorme chavão s. ex.a fechou a entrevista. Infelizes professores de ginastica que bem podeis ir lançando as vistas para outra coisa menos fatigante mas mais lucrativa!

A epoca escolar está a terminar visto já estarmos em meados de junho. E' este o ultimo mez em que os professores receberão ordenado, essa mão cheia de 180 ou 190 escudos (qualquer operario ganha normalmente 250 a 280 escudos). E será com essa quantia que terão de viver nos mezes de julho a outubro!

Que linda prespectiva não é verdade? E no entanto é forçoso esperar que se resolvam a apresentar ao Parlamento o projecto de lei de equiparação com os professores das outras disciplinas. Dado o caso de tudo seguir pelo melhor, isto é, sem o menor obstaculo, quando entra em vigor? E, a contar de que mez? De Janeiro? De Junho? De Julho ou será de Outubro com as futuras nomeações?

Suponho que nas futuras nomeações ja devem aparecer os individuos com o curso de educação fisica pelo que passam a ser os beneficiados, enquanto que os que até á data teem trabalhado, e concorreram, para o concurso documental aberto ha dois anos para efectivos provavelmente ficam para traz.

Diz s. ex.a que dar a efectividade aos actuais professores de ginastica, traria um aumento de verba em cerca de 90 contos.

Queremos parecer que ha erro de cifra.

Ja fizemos notar em artigo anterior que a maioria actual dos professores de educação fisica nos Liceus são militares, portanto, não é de crer que estes troquem o soldo da patente por um vencimento muito menor. Dos restantes professores, uns medicos mas professores oficiais noutros estabelecimentos, ou civis mas funcionarios noutros serviços do Estado, tambem não cremos que troquem o certo pelo duvidoso.

Da meia duzia de civis que só teem esse lugar não aumentam com certeza 5 contos mensais o que daria 60 contos anuais, mas aquela verba pode ser atingida se nas nomeações para efectivos entrarem os que concluirem o curso e se comprometam a fazer o exame no decorrer do ano.

Emfim, seja de que maneira fôr, ainda não será desta que os pobres professores de gimnastica terão as suas aspirações satisfeitas e... quando se derem as efectividades são... para os do curso. Não é verdade sr. ministro? visto ter sido v. ex.ª que criou o curso de Educação Fisica. Para estes ha-de haver verba ainda que fosse um aumento de 900 contos.

Mesmo a ordem natural é essa. Os primeiros desbastam o terreno, preparam-no com um labor gigante, os outros gozam-no. E' tal qual o pai que moureja diariamente e á força de muito trabalho, economia e privações, consegue amealhar para a velhice e educação dos filhos. Morre e o filho que não viu os principios do pai nem, avaliou o quanto custou deixar aquele regular peculio, goza sem olhar as canceiras.

E' natural que tendo sido o sr. dr. Augusto Noore o criador do curso de Educação Fisica, complete a sua obra nomeando para, efectivos os que possuem esse curso.

Ah! sr. ministro, se v. ex.ª por qualquer circunstancia se visse reduzido ao ordenado mensal de 200 escudos e durante os meses de Julho, Agosto, Setembro e Outubro nada ganhasse, que faria?

Pois aplique v. ex.ª essa linda situação—deveras aflitiva e nada invejavel—aos professores de gimnastica e verá se não merecem um pouco de boa vontade de v. ex.ª para que o tal projecto de lei seja apresentado quanto antes ao Parlamento e faça ver aos srs. parlamentares que apenas se trata de um acto de justiça que consiste em dar a efectividade a uma classe de funcionarios do Estado que tem sido fidelissimos compridores dos seus deveres, alem da sua muita competencia; e, que esse projecto deve «in continenti» ser aprovado e os vencimentos datarem do inicio da epoca escolar visto já esterem feitas as classificações do concurso que se abriu em 1919 salvo erro.

Assim já se evitava a triste prespectiva dos proximos meses e em que a vida cada vez encarece mais, o que o professor de ginastica terá de recorrer ao penhor e ao favor dos merceeiros, padeiros, etc.—*Um professor.*

A mais rapida travessia do Atlantico

A «Cunard» e a «White Star» rivalisam em esforços

Ha muito tempo que existe uma rivalidade entre a empresa de navegação «Cunard» e a da «White Star» com respeito á qual delas fará a travessia mais rapida do Atlantico, e agora que o grande vapor de passageiros da «White Star», o «Majestic» o maior navio do mondo, duma tonelada bruta, de 56.000, tem começado a sua carreira, promete essa rivalidade de tornar-se ainda mais avida.

Durante a sua primeira viagem, desenvolveu durante um periodo de 3 horas de marcha, uma velocidade de 27 nós por hora, e durante um dia inteiro manteve uma velocidade media de 24,9 nós.

Esta velocidade, ainda que notavel, não excede nenhuma das velocidades maximas atingidas até hoje pelo «Mauretania» pertencente á empresa «Cunard». Este ultimo vapor desenvolveu durante um dia inteiro uma velocidade media de 27,04 nós por hora, e já tem atravessado o Atlantico com uma velocidade media de 26 nós.

O «Majestic» é um navio novo, e os seus engenheiros ainda não poderam familiarisar-se com todos os detalhes das suas maquinas de propulsão e do seu admiravel sistema de combustão petrolifero. Não ha a menor duvida que, uma vez que as suas maquinas estejam bem ajustadas, a sua velocidade será ainda muitissimo maior.

O mesmo tambem se pode dizer do «Mauretania», posto que recentemente as suas maquinas se teem convertido, para a combustão petrolifera, e pelos mesmos motivos ainda não tem alcançado o maximo da sua velocidade. As velocidade atingidas até hoje por este vapor foram quando ele queimava carvão nas maquinas, e como com o uso do petroleo se pode manter uma pressão de vapor mais constante e regular, a sua velocidade deveria agora aumentar pelo menos um nó por hora, de modo que este «galgo maritimo» (como os ingleses chamam a um vapor de grande velocidade) da empresa «Cunard» não se deixará vencer sem grande esforço.

SPORT

MEMORIAS DO ATHLETA RUY DA CUNHA

Introito

Ha cerca de um ano, sentados a uma meza do Martinho falavamos de sport, e cada um vá de dizer uma anedocta passada durante a sua vida sportiva. Contei tambem alguns episodios acontecidos ha alguns anos, na vida errante de artista, por esse mundo fóra.

Um de nós, o Campos Junior, como todo o jornalista que se presa, achou novidade no assunto, e perguntou-me porque não lhe cedia eu alguns apontamentos que ele publicaria.

Dei uma desculpa mas Campos Junior «recordman do mundo» dos teimosos nunca mais me largou, e durante um ano na redacção, na rua, no teatro, emfim onde me visse, era logo: oh Ruy então as memorias?

Tornou-se uma sombra, era o meu pesadelo, e eu julgava ouvir de manhã até á noite uma voz misteriosa que me perguntava onde estavam as memorias, numa cega-rega só comparavel á do «oh mestre onde está o gato?»

Rendi-me, e eis a razão porque os leitores de «A Capital», vão ler durante algum tempo as «celebres memorias», do não menos «celebre artista Ruy da Cunha...»

E afinal o que vai ser isto?

Uma compilação de factos da vida de artista, episodios de «ring» de circo, uma ou outra aventura galante, momentos de bom humor, alternados com dias tristes, a farça de mãos dadas com o drama, a farça da vida aos 18 anos, com o drama da luta pela vida dos que mourejam de sol a sol.

E' possivel que os que começam, possam tirar ensinamento do que vão ler, pois não se faz um «metier» vinte e cinco anos seguidos sem descobrir qualquer coisa de novo.

E para terminar isto, que vai á guisa de introito, declaro «urbi et orbi» que é ao Campos Junior, e não a mim, a quem devem atribuir o prazer ou enfado que esta leitura lhes causar. Sim, porque foi ele o unico culpado do delito que estou cometendo... atenção que vai começar...

A. de Campos Junior, jornalista sportivo

I

O circo Piatti

O meu primeiro «tour de force»

Tinha eu doze anos quando o «Circo Piatti» abriu na Ribeira Nova no local onde hoje está um instituto de caridade. Morava perto, e era certo ás matinées de domingo.

O circo teve excelentes companhias, saindo uma vez até vencedor de um espectaculo no Coliseu dos Recreios, em tres partes, cada uma desempenhada por artistas dos tres circos que então funcionavam em Lisboa, Coliseu dos Recreios, Real Coliseu e Circo Piatti.

Foi ali que trabalharam pela primeira vez os Lockfords, barristas, que montaram mais tarde um numero de vôos, a «ecuyére» «Spampani», bela artista «doublée» de uma mulher encantadora, «Marius Lecusson», um dos melhores «clowns» que tenho visto, Pastous os homens de bronze, Batta, o atleta-gentleman, e o hercules Al-Marx, culpado da mania que depois me deu e que fez de mim o «homem das forças»...

Foi ali tambem que apareceu a «bela Chiquita», com a dança do ventre, que fez muitas insonias á burguesia daquela epoca. Pois um dia, Lisboa começou a ler interessada o reclamo espantoso feito ao atleta «Al-Marx, tendo até o «Seculo» publicado na primeira pagina as proezas do homem mais forte do mundo, segundo rezavam os papeis, e que eram comparadas aos feitos dos atletas gregos.

Marx, alemão, tinha efectivamente um numero bem apresentado, era forte, corpulento mas que em linguagem de circo se chama um «truc queur». Nesse tempo em que o sport era um mito entre nós, Marx impoz-se ao publico, causando delirio os trabalhos em que segurava dois bois, partia a soco uma pedra, etc.

Eu fui tambem ver... a pedra partida com um murro, o varão de ferro torcido, tudo isso apresentado com um certo «cachet» artistico voltou-me a cabeça.

Cheguei a casa, corri á cosinha, arranquei um tijolo da chaminé, arregacei a manga do casaco, e sem me importar com a creada que dizia «o menino é doido», levantei o braço e catrapus...

Dei um grito, a mão inchou, e o tijolo ficou na mesma, tendo ainda que ouvir por cima, a minha mãe, a quem a cosinheira contara o meu primeiro ensaio atletico, o que ela chamava, o que faz a ignorancia, um despropósito... No liceu havia naquela ocasião um grupo de rapazes cheios de vida, o Justino já falecido, o Artur Marques, a que se juntou mais tarde o Carlos Gonçalves, hoje mestre de armas. Entramos todos para o Real Ginasio Club Portuguez, de que começamos a ser tão assiduos frequentadores que esquecemos por vezes, mesmo muitas vezes, o liceu.

Resultado no fim da epoca. Levantava 30 quilos num braço, e tinha 30 faltas na matematica e no latim. Foi o diabo...

RUY DA CUNHA

(Continua).

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

OS NOIVOS

por JULIO CESAR MACHADO

— Que devo fazer? preguntou Carminho a sua irmã, mostrando-lhe a carta.

— Ir! respondeu Amelia.

— Não achas inconveniente nisto?

— Nenhum. Teu marido foi o primeiro a recomendar-te que fosses vêr a condessa de tempo a tempo.

— E... *êle?*

— Este *post-scriptum* assegura-te que não é convidado.

— Vem comigo, então!

— Oh! Deixar só a mamã, já vês que seria imperdoavel. Demais, que tens tu a temer?! Fizeste o que a dignidade te aconselhava e a condessa reconhece-o, a ponto de não lhe haver esquecido que, para estares em sua casa, é preciso que ali não se ache esse homem! . . .

— Sim. Não pode ser mais delicada, nem fazer-me sentir mais finamente que sabe quanto eu repeli a temeridade do seu hospede.

— E depois, distraes-te, minha pobre irmã! E tu precisas, querida, dar horizonte á tua imaginação, entretendo-a. A tua alegria não me ilude, e eu bem tenho conhecido que ha um fundo de tristeza por baixo dêsses sorrisos. Só o tempo e a sociedade podem fazer-te esquecer aquele primeiro capitulo da novela que eu te rasguei...

— Descansa. Se alguma coisa me oprime é a ideia de que... Vais zombar de mim, decerto!

— Eu, zombar... de ti! Dize tudo, meu anjo!

— E' a ideia de que, quando mesmo eu o esqueça, é êle que me não esquecerá!

— Carmo! Carmo! Isso é, ainda o amor! Isso é a vaidade dêle! A louca e perigosa ilusão de quem afere pela sua, a alma de outrem! E's tu que ainda te lembras, Carmo! E's então tu que que não te esquecerás! E's tu que o amas!

— Oh! Poupa-me! Porque atribues unicamente ás vaidades do coração o que não é mais do que resgatar de um conceito aviltante o amor dêsse homem, atribuindo-lhe a sinceridade? Em que é mais nobre e mais candida a tua maneira de julgar, do que a minha ilusão, se ilusão é? Nem a tua idade, nem a tua alma te dão o direito de já não acreditar no amor. Deixa ás presumidas, que o tempo e os desdens oprimem, essa gala ridicula de apregoar os homens como incapazes de amar! Fica-te mal, minha irmã, a afectada frieza com que julgas os que não conheces. Não te disse nunca, — e ainda to não digo! — que Carlos Eduardo me inspire confiança. Longe disso. Confessei-te eu propria, que êle me produzia o efeito de um homem que estuda e planeia os mais leves actos da vida. Resta saber se isto é um mal! Tenho evitado constantemente encontrá-lo, vê-lo, falar dêle sequer. A unica carta que se atreveu a escrever-me, queimei-a sem a ler, — já to jurei. Porque te assustas, pois, assim, condenando-me sem motivo?

— Vem! disse-lhe Amelia, apertando-a ao peito. Que eu te abrace, minha irmã, para me perdoares, sim? Sei o que tu vales, Carminho, mas, — que queres, meu anjo? — ha uma coisa de que eu tenho mais medo ainda do que de um homem...

— De quê?

— De toda a gente.

— Queres dizer?

— Do conceito publico, que condena quasi sempre antes da culpa; tanta esperança tem de que a vitima venha a errar!...

— O mundo não condena ao acaso, porque o mundo não inventa. Está nisto a minha justificação; até esta hora, seria preciso caluniar-me para me reconhecer culpada!

Pobre Carminho; ela não sonhava o que havia de profetico nos receios de sua irmã! Quando estava a vestir-se para a noite, os seus olhos humedeceram-se de lagrimas ao avistarem sobre uma mesa a carta da condessa. O prevідente *post-scriptum* tranquilizava a noiva, mas acordava-lhe ainda a adormecida ideia do perigo. — Ele não vai! Não vai, felizmente! Ainda bem que não o hei de vêr! dizia ela á sua alma, emquanto a sua alma lhe dizia: — Vês! A noite vai ser triste. Embora os cristais refuljam, as luzes brilhem, as flores embriaguem, nem as flores, nem os cristais, nem as luzes poderão dar-te alegria a ti! Vai, vai, e recorda-te. A musica, ao menos, conversará contigo; e, por mais alegre que seja a valsa, sentir-lhe-has lagrimas e saudades! Em redor de ti, os felizes da vida dançarão contentes. Uma menina de quinze anos, como tu, passará diante de teus olhos, numa *redowa* com o seu namorado. Depois, na contradança, has de ver outra da tua idade tambem, sorrindo a seu marido, um galante rapaz de vinte e cinco anos, que, de contente, morda o bigode a olhá-la. Mas nem tu já podes ter namorado, nem teu marido tem vinte e cinco anos. Um baile é sempre um baile: dançar e amar. Mas, quem não dança? Mas, quem não ama? Emfim! A melancolia tem as suas doçuras e a saudade é a fortuna dos infelizes. Vai, para te recordares!...

Emquanto se lhe colocava uma rosa no cabelo, viu um livro sobre a consola e abriu-o ao acaso. Era o volume de versos de Carlos Eduardo; um livro dos vinte anos, que dizia amor da primeira pagina á ultima. Ela leu:

......................ao baile esta noite
Tu irás, mas já sem mim!
E se entre as danças ruidosas
As saudades dolorosas
Minha imagem te lembrarem,
Chora, pensa, e dize assim:
Nunca mais! Quebrei o encanto
Do que neste mundo havia
De maior e de mais santo!
Desfolhei de flôr em flôr
A corôa que êle formara
Das galas do nosso amor.
Ai adeus! Para sempre adeus,
Amor, promessas, ciumes!
Que ainda o rubio clarão
Dêsse frenetico afecto
Me abraza o pensar inquieto
De remorsos e queixumes!
Vejo-o nas sombras longiquas
De um scismar vago e incerto.
E quanto mais longe o julgo
Mais dêle me sinto perto...
Oiço-o nas aguas dormentes
Ainda a falar-me de amor,
E nas vagas doudejantes
Entregue á raiva e á dôr!
Depois, ao clarão da lua,
Naquelas noites formosas,
Noites d'amor e de rosas,
Se fito a vista no espaço
Cuido em luminoso traço
Soletrar o nome dêle...
Depois, se a tormenta surge
E algum raio no longe cae,
Na chama cuido que vai
O resto do seu amor!
....

— Do seu amor! repetiu indistintamente a noiva, fechando o livro. O resto do seu amor!

E uma lagrima de dôr e de melancolia, das que só brotam nos olhos das angustiadas criaturas, que sobem passo a passo a montanha do arrependimento e da expiação, lhe humedeceu o olhar, anuveando-lho.

— Vai! diverte-te! disse a irmã, abraçando-a, á despedida.

— Abafe-se bem, minha menina. A noite está tão humida, meu Deus! exclamou a velha aia. Quere V. Ex.ª o seu chaile mais forte?

— Não, não! Adeus, mamã! Até logo! Minha querida Amelia, adeus! Ainda has de estar acordada quando eu voltar!..

(Continua)

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

A's quatro horas e quinze minutos soube-se em Lisboa que os aviadores portuguezes tinham chegado bem a Porto Seguro

N.º 4103—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 || LISBOA — Terça-feira, 13 de Junho de 1922 || Telefone n. 2293—Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Os paladinos do sr. Norton

Dois jornaes de Lisboa andam empenhados numa tarefa que não pode passar sem reparo: a de pretender capacitar o publico de que todos aqueles que se permitem discutir a orientação e os actos do sr. Norton de Matos no alto comissariado de Angola o fazem por motivos inconfessaveis sendo porventura um deles o desejo de que o agravamento do cambio se torne, de dia para dia, maior.

Em primeiro logar, não é admissivel a pretensão de que o sr. Norton de Matos seja indiscutivel, nas suas idéas e medidas administrativas. O sr. Norton de Matos está desempenhando em Angola uma alta funcção para que lhe foram conferidos larguissimos poderes. Mas para que a sua acção podesse ser absolutamente decisiva, seria preciso estar á frente duma colonia onde o elemento europeu estivesse muito mais numerosamente representado.

Angola embora com extensão territorial hoje vinte vezes maior do que Portugal, conta apenas com 60.000 habitantes brancos, se tanto. Disseminados por essa vastissima provincia, ainda parecem menos, e se descontarmos os funcionarios publicos, e as pessoas que se dedicam a profissões liberais, que resta? Restam 10, 12 ou 15 grandes cultivadores, que são os verdadeiros sobas brancos da provincia. Nestas condições, como é que o Alto Comissario pode ter a pretensão de proceder com uma absoluta independencia? E' impossivel. Forçosamente o seu papel tem de ser conciliar interesses, estabelecendo um maior estreitamento de relações com as outras colonias e com a metropole. O contrario é pura fantasia, de que podem resultar serios perigos.

Em segundo logar não será motivo de extranheza ver quem são os paladinos incondicionais do sr. Norton de Mattos que o defendem como se toda a vida não tivessem feito outra coisa senão integrarem-se no seu pensamento e na sua acção? O sr. Norton de Matos conhece a «Capital». Sabe que este jornal concorreu largamente para a revolução constitucional de 14 de maio, sobretudo realisada para se efectivar a participação na guerra, em que s. ex.ª teve um papel de tanta importancia e destaque. Onde estavam, em 1915, quando o sr. Norton de Matos entrava para o «comité» revolucionario, o nobre empenhava a sua energia, os que vem agora defende-lo com um zelo quixotesco, contra aqueles que tanto no movimento de 14 de maio como na campanha da intervenção da guerra, o sr. Norton de Matos viu sempre a seu lado? Onde estavam? Ninguem os viu, ou, se os viu era contrariando essa participação na guerra do que o sr. Norton de Matos foi o principal artifice.

E atrevem-se a falar em manejos inconfessaveis, atrevem-se a falar em manobras para um agravamento cambial aqueles mesmos que favorecendo a infame mistificação dos 50 milhões de dolars, levaram a libra á importancia que hoje possue, e que é verdadeiramente esmagadora!

Por muito couraçados que estejamos contra esta especie de desinteressados paladinos, ha momentos em que não se pode reprimir um movimento de indignação contra o seu cinico desplante.

O DIA DAS ACTRIZES

UMA INICIATIVA INTERESSANTE QUE, HA MUITO, DEVIA TER SIDO : : : : EFECTIVADA : : : :

No meio do teatro surge, de quando em vez, uma ideia, por vezes uma iniciativa que não consegue, em geral, lograr sucesso nem criar raizes, mercê dum facto curioso que se dá com os nossos artistas. Todos eles se agrupam, se juntam, comungam num mesmo pensamento quando se trata de prestar apoio, de concorrer com a sua arte e, por vezes, com a sua bolsa, para festas de beneficencia, para recitas de caridade, para tudo, emfim, quanto seja procurar lenitivo ás dôres alheias. Tratando-se, porém, da sua classe, do seu bem estar, da melhoria da sua situação, essa solidariedade, quando não desaparece, chegando, por vezes, á inimizade, reduz-se, quando muito, ás palavras de incentivo, ás frases elogiosas e nada mais. Ao contrario do que sucede lá fóra, não imitam os bons exemplos dos seus colegas que não perdem ocasião de se manifestarem colectivamente, procurando, ao mesmo tempo, elevar a classe a que pertencem e não deixando, um momento sequer, de cuidar das suas prorogativas e do seu bem estar. E assim é que, a velhice dos artistas estrangeiros está assegurada, antecipadamente, por modelares casas de repouso, ao passo que, entre nós, a Casa Gil Vicente destinada a identico fim, não conseguiu ainda, mercê duma inercia quasi criminosa, tornar efectivo, pelo escassear de capital, o fim que tiveram em mira os seus organisadores.

Felizmente, porem, uma ideia interessante foi lançada e muito breve se dêve efectivar: a de promover uma festa anual que se intitulará «O dia das actrizes» e cujo produto reverterá em partes iguais pasa a Casa dos jornalistas e para a Casa Gil Vicente. O entusiasmo por essa festa, faz supôr, e oxalá tal suceda, que, desta vez, alguma coisa de proficuo se fará e nós, jornalistas, temos o dever indeclinavel de a auxiliar, porque, á nossa classe ela aproveita tambem. O apoio de todos os nossos artistas está assegurado e, com ele, a certeza do sucesso.

Não basta, porem, a parte artistica, procurando dentro dela qualquer coisa de interessante e original. E' preciso que o publico se interesse e a ela concorra de alma e coração. A comissão organisadora do festival que só amanhã saberá onde o mesmo se deverá efectivar, após uma entrevista marcada com o dr. Cesar dos Santos, vereador municipal e que, para tal fim, deverá ser procurado pelas actrizes Virginia Dias da Silva, Angela Pinto, Palmira Bastos, Amelia Rey Colaço, Augusta Cordeiro, Maria Pia, Cremilda de Oliveira, Jesuina Chabi, Ilda Stichini e Laura Costa, tem recebido já valiosas adesões.

Conhecido o local onde a festa deverá ter logar, pormenorisadamente iremos informando o publico do que será o «O dia das actrizes» que marcará, estamos certos, o inicio duma solidariedade que, ha muito se apregôa mas que, infelizmente, está longe de ser o que devia ser. Do auxilio do publico não tenho eu duvidas e a ti, leitor amigo, eu pergunto: Não achas, como eu, louvavel essa iniciativa, legitima essa aspiração duma classe que, durante os 365 dias do ano te diverte, sem se poder divertir, cuja vida não pode decorrer serena como a tua, que trabalha de dia e de noite, ora aqui, ora acolá, forçada, quantas vezes, a esconder a sombra dum desgosto ou dum pesar, exteriorisando em riso as lagrimas que tu não permites que ela chore, porque se vais ao teatro é para te divertires? Não lhe deves tu, povo portuguez, uma justa compensação das muitas horrs de prazer que toda essa pleiade de artistas te tem feito usufruir? Tu, que estás sempre pronto a abrir a tua bolsa para as centenas de festas que, dia a dia, se fazem nesta linda terra e ás quais eles emprestam o melhor do seu valioso auxilio, recusarás aos pobres artistas o teu obolo por pequeno que seja?

Duvidar seria uma afronta e eu conheço bem o povo da minha terra.

ALVARO LIMA

Desnacionalisação

O dominio do estrangeiro em Portugal—Daqui a pouco só ha portuguezes... no Brazil!...

O governo norte-americano resolveu despedir todos os portugueses que tinha ao seu serviço na legação e consulados. A ordem já foi cumprida. Ha, pois, mais alguns portugueses desocupados, que vão juntar-se á legião dos sem-trabalho, vivendo do acaso.

O governo de Washington está no seu direito. Simplesmente, o caso fornece-nos ensejo para salientar a nefasta influencia que muitos estrangeiros estão exercendo, envolvendo-se audaciosamente na politica nacional, sem encontrarem a menor resistencia nos homens que governam êste paiz e que, sem duvida, são portugueses. Recorda-nos, a proposito, um incidente historico, que não é fora da oportunidade registar hoje, que os tempos são incertos:

Foi no Porto. A revolta militar de 1891 fôra aniquilada pelas forças do major Graça, da Guarda Municipal. Restabelecera-se a paz varsoviana. A monarquia triunfara.

Surgiu, então, um aventureiro francês, que fundou na capital do norte um jornal diario, intitulado a *Monarquia Portuguesa*. O gaulês dava pancada de criar bicho nos republicanos presos, exilados ou degredados, emfim vencidos, e punha nos carrapitos da lua as virtudes e mais partes das pessoas reaes, bajulando, por tabela, os homens publicos que estavam senhores do Poder e manejavam, sem entraves, os selos do Estado e a cornucopia das graças. Cremos que se publicaram dois numeros do jornal. E não se publicaram mais porque o governo ordenou a expulsão do francês, que foi conduzido á fronteira entre dois policias.

Era assim noutros tempos que se zelava a honra nacional. Hoje, o estrangeiro invade a nossa politica, injuria, difama e calunia os estadistas, especula na baixa e na alta, gosa desavergonhadamente á custa da subserviencia do Poder... E todos se dobram perante êle, mercê da cobardia que abastardou os caracteres!

Virá um dia em que só emigrando se adquira a certeza de ficar português?...

Contra isto... batatas!

O «raid» aviatorio ás colonias portuguezas é contrariado pelas estações oficiais

A Aviação Portuguesa, que os lusiadas do *raid* Lisboa-Brasil doufraram de uma aureola de gloria, quere continuar na estrada aberta pelo genio dos herois. Não faltam aviadores devotados, capazes de sustentar, perante o mundo, a tese de que o *raid* Lisboa-Brasil não foi uma excepção feliz, mas apenas o prologo da nova epopeia nacional.

Imaginou-se, por isso, um *raid* ás colonias portuguesas, o que equivaleria a realizar, pelos ares, a volta ao mundo, que um outro português, que se chamou Fernão de Magalhães, primariamente iniciou através os mares. Pois a iniciativa dos aviadores portugueses está sendo contrariada pelos variadissimos Conselheiros Empatas e Majores Evangelistas que dominam nesta Republica feita á pressa e ainda tão desconcertada. Palavriado patriotico, não falta; mas actividade não ha! E' certo que o sr. ministro das Colonias não viu desagradavelmente a proposta mas já o mesmo parece não acontecer com o seu colega da Guerra, que não ata nem desata, naturalmente porque o bravo Major Evangelista, que desde tempos imemoriais domina nas repartições do Ministerio, ainda se não convenceu da existencia real e verdadeira de aviadores, aviões e colonias: naturalmente, é tudo peta! Não é muito para surpreender o general sr. Xavier Barreto, ministro da Guerra, porque todos sabem que, depois de ter inventado a polvora sem fumo, êle não acredita em mais nada no mundo.

A Aviação Portuguesa está certa e segura do auxilio particular graças ao patriotismo de todos os portugueses. Pois, nem para isso pode apelar, porque o Governo não dá licença! E é assim que vai desfalecendo a ideia, porque não ha energias que resistam á acção dos empatores nacionais.

Jupiter já não maneja o seu feixe de raios!...

QUADROS TROPICAES

NO PARALELO 10.º

SCHEMA DUMA "FITA"

(Ao maior ministro das Colonias que tem havido)

QUADRO I

(*Argumento:* Qualquer governador quando parte para ocupar o seu cargo tem o direito de levar um criado com passagem de 3.ª classe paga pelo Governo. Quando chega ao seu posto, é recebido festivamente pelo corpo consular, autoridades locais e gentio. — O novo governador da colonia *Sempre-Rica* parte nessas circunstancias e chega ao seu destino, recebido com todas as honras).

SCENA I

Emrêz-de-Moço, novo governador da florescente colonia *Sempre-Rica*, partiu, emfim, por um arrebol doirado do ardente Julho.

Levava em sua companhia uma simpatica mulher, para quem conseguiu o titulo honroso de «criado grave». A esta, a benevola companhia de navegação concedeu uma consideravel melhoria de tratamento, sobre a requisição da passagem de 3.ª, á conta do Governo.

Durante a viagem, sobre o salso elemento, *Emrêz-de-Moço* entregou-se manifestamente ao amor de sua criada-grave.

Assim o constataram os atonitos companheiros da sua longa jornada.

Ela, a que chamaremos japonicamente «A Boa-Amiga», deliciava as horas inocupadas de seu Senhor *Emrêz-de-Moço*, homem já maduro, de ventre saliente, mas marvoticamente dado ás lutas de Eros, o deus tão celebrado de Petronio.

SCENA II

Um dia, o gageiro gritou: — *Terra!*

E, pela prôa elegante da caravela a vapor, surgiu a paisagem verde, admiravelmente verde, de *Sempre-Rica*, a colonia de que era já satrapa o lirico *Emrêz-de-Moço*.

No caes de Bisnau, porto assás florescente, desembarcou, emfim, com toda a pompa, o tão ansiado governador.

Ele ia solenemente envolto em oiros, na sua farda de gala. Ela, elegante e fragil, de branco vestida, como uma pomba de um pombal longiquo...

Oh, quadro inolvidavel de ternura!

SCENA III

O corpo consular, tendo á sua frente o representante da Galia Cisalpina, presta, afavel, suas homenagens ao grande *Emrêz-de-Moço* e a *madame* «*Boa-Amiga*».

As tropas, desenvolvendo-se em linha de combate, apresentam suas armas limpas de sangue impuro. — o clero, o funcionalismo, o povo (massa anonima e negra com raras malhas brancas) aclamam o vitorioso Desejado.

Emrêz-de-Moço agradece com solene gravidade.

Madame cumprimenta discretamente...

SCENA IV

O Bobo da côrte, só:

Já chegou o tão querido
Senhor desta terra boa;
E veiu lá de Lisboa
Sem mulher...
(maliciosamente)
mas é marido.

(Cae o pano).

QUADRO II

(*Argumento:* *Emrêz-de-Moço* chegou a Palacio e nêle vive doces horas voluptuosas em companhia de *Boa-Amiga*. Entretanto, dá os primeiros passos no caminho arido da governação da colonia. Um dia...)

SCENA I

Emrêz-de-Moço (passeando na varanda do Palacio, abraçado a *Boa-Amiga*):

— Dá-me a tua boca
Louca de volupia!

Boa-Amiga (cerrando os olhos docemente) — Pois sim, meu filho.

(Beijam-se).

Os mirones — Viva o nosso governador!

Côro dos soldados da guarda:

Hom'essa! hom'essa!
Hom'essa, cá nos fica:
Dois pombinhos arrulhando,
Governando a *Sempre-Rica*.

SCENA II

O automovel do governador estremece, como um joven grego preparando-se para a carreira heroica. Dentro dêle, *Emrêz-de-Moço*, fardado e consideravelmente condecorado, dá a direita a *Boa-Amiga*, vestida de côres claras, levemente decotada, e, pelo decote, convidando as vistas profanas a poisarem-se numa cutis rozada e humida, como a polpa do jabucati. Ao lado do *chauffeur*, um joven oficial do exercito, de grandes cordões de ajudante de ordens, recebe, ligeiramente voltado, as ultimas instruções do Satrapa.

O automovel, num grito entusiastico de buzina, parte por entre as filas de populares, que se descobrem humildemente.

E' a visita ás casernas da colonia.

Na parada do quartel, os oficiais, fardados, recebem o governador, o qual, solenemente acompanhado de *madame*, corresponde ás saudações da oficialidade, indo passar depois revista á guarda de honra, formada e em continencia.

A visita ás casernas revestiu um grande ar de nobreza.

SCENA III

No Palacio. Ha recepção oficial. Pelas salas, fardas chamarradas de oiro, a jaqueta branca, muito engomada do consul da Albionia, decotes das senhoras e caudas murmurantes, as casacas pretas e fora da moda dos funcionarios coloniais.

Emrêz-de-Moço apresenta *Boa-Amiga*. Esta recebe as senhoras com uma gentileza digna de *madame* de Rambouillet.

A's 24 horas precisas, os convidados, algum tanto embriagados, retiram para suas casas.

SCENA IV

Emrêz-de-Moço, já em pyjama, passeia pela varanda do Palacio, onde a lua põe uma grande mancha de luz velada. Dir-se-ia a aureola da gloria imanente do proprio corpo do Satrapa.

Boa-Amiga (entrando apressadamente):

— Um telegrama de Lisboa: urgente.

Emrêz-de-Moço (lendo febrilmente):

— Parto com pequena *stop* Sei tudo *stop*.

(Para *Boa-Amiga*) — Estamos tramados!

Boa-Amiga (com grande gesto de aflição):

— Ora bolas!

(Cae o pano).

F. DA SILVA PASSOS

O Misterio dos 50 Milhões

Uma carta rogatoria, expedida ás justiças francezas, para depoimento do sr. Afonso Costa—Bem se importa ele com isso!...

Os jornais da manhã publicam o seguinte oficio, enviado á mesa da Camara dos Deputados:

«*Rogo a v. ex.ª se digne providenciar para que a Camara a que v. ex.ª mui dignamente preside conceda autorização para que o deputado senhor doutor Afonso Costa possa depor como testemunha no processo ácêrca do caso dos cincoenta milhões de dollars, rogando mais a v. ex.ª que, logo que seja concedida a autorização, se digne comunicar-me, a fim de se poder passar a respectiva carta rogatoria para as justiças de Paris, onde aquele senhor deputado actualmente se acha residindo.*

Igual pedido já fiz a v. ex.ª em meu oficio n.º 451, de 10 do corrente, sem que até hoje tivesse obtido resposta. Saude e Fraternidade. O juiz de direito.»

Pela simples leitura dêste documento verifica-se que foi necessaria a teimosa insistencia do Poder Judicial para que o Poder Legislativo se dignasse permitir o depoimento do sr. Afonso Costa, indispensavel para a reconstituição da verdade encoberta nos densissimos veus do colossal conto do vigario, gravado nos anais da historia de Portugal com o sugestivo titulo de *Historia dos Cincoenta Milhões*. Iamos apostar, dobrado contra singelo, que o Congresso não ousou conceder a licença solicitada pelos tribunais criminais sem primeiramente obter o beneplacito do sr. Afonso Costa, consultado a toda a pressa através dos arames telegraficos que ligam a cidade de Ulisses á *urbes* esplendorosa da rua Blanche, na *place* Pigalle, onde floresce o voluptuoso *dancing*, especifico contra as nostalgias, quaisquer que elas sejam. Como se trata de uma rogatoria, que as justiças francesas executarão ou não, o Idolo não se opôs á diligencia platonica e a Camara dos Deputados, com uma independencia que lhe fica a matar, concedeu a licença. Ergamos os braços reverentes ao Sol, fonte universal de energia, curvemos reverentes a fronte plebeia, contrariando os instintos do sanculotismo dominador, e exclamemos todos: Salvé, divino! Que os deuses te sejam propicios, Baal!

Cumprido êste dever, tão grato ao coração de todos os portugueses, voltemo-nos para o outro lado e continuemos a resonar. E' êsse o exemplo que nos dão os mais altos poderes do Estado...

A perseguição religiosa

prosegue em toda a Russia activamente

BERLIM, 13.—Na Russia continua a perseguição religiosa. Foram presos onze padres acusados de resistencia á autoridade e foi dada ordem de confisco dos objectos do culto. Cinco dos referidos padres foram fusilados e os seis restantes condenados á pena de 20 anos de trabalhos forçados.—Lat. Am.

O Banco Industrial da China

O tribunal não tem elementos para avaliar a extensão do desastre

PARIS, 12.—O tribunal de comercio não tomou em consideração os embargos em que os acionistas do Banco Industrial da China pediam a dissolução da sociedade por motivo de perda de 3/4 do seu capital social. Nos seus considerandos o tribunal entende que é impossivel saber atualmente se podem considerar-se perdidos 3/4 do capital. Nos debates disse-se que foram ouvidas as opiniões mais diversas sobre o assunto e que a situação manifestada pelo Banco quando pedia o regulamento transacional em julho de 1921 era que o excedente do passivo montava a 4.185.775 francos. E' esta a unica cifra que o tribunal possui e o capital do Banco é de 150 milhões.—(H.)

O governo da Hungria

anula as resoluções dos governos anteriores

BUDAPEST, 13.—O conselho de ministro resolveu anular cerca de quinhentos decretos e editos governamentais.—Lat. Am.

Trotsky continua fulminando

e acusa o parlamento comunista francez

PARIS, 13.—Na sessão do comité internacional comunista Trotsky criticou o partido comunista francez acusando-o de envenenado por influencias burguezas e resolveu dirigir ao seu partido uma mensagem incitando-o a cumprir mais escrupulosamente as prescrições comunistas internacionais.—Lat. Am.

Outro jornalista expulso

por contar coisas da Russia

BERLIM, 13.—Hallinger encarregado por uma agencia telegrafica de informar imparcialmente sobre a situação da Russia foi expulso deste paiz por ter enviado telegramas com a narração de factos e comentarios que exprimiam a sua opinião acerca daqueles.—Lat. Am.

A resposta franceza ao "memorandum" britanico

e as indecisões da grande republica gauleza — acerca da proxima conferencia da Haia —

PARIS, 13—A nota franceza, que responde a cada um dos pontos do «memorandum» britanico, especifica que o fim do «memorandum» francez era provocar pormenores que dissipassem os pontos obscuros que nas discussões e notas da conferencia de Genova deixaram subsistir.

Constata que algumas nações dando-lhes uma interpretação diferente da que lhes dava a Inglaterra, nomearam diplomatas para as representar em Haia e compreenderam que na conferencia preliminar dos delegados não russos, estes deviam pôr-se de acordo sobre as ideias fundamentais a apresentar em comum aos russos.

A hora recorda que não tendo a delegação franceza assistido em Genova as reuniões com os russos posteriores a 11/5, não teve ocasião de pedir que fosse retirado o memorandum russo de 2/6. A respeito dos bens particulares, a França reconhece os direitos soberanos da Russia e principalmente o direito á requisição, mas com a condição formal de uma justa e previa indemnisação que o governo dos soviets é actualmente incapaz de assegurar, e por conseguinte a França mantem que a restituição dos bens aos estrangeiros deve ser regularisado e que a indemnisação a conceder-lhes deve ser excecional.

Cada estado soberano, como a Russia, tem o direito de reservar-se a liberdade de tratar com um paiz que não conceda aos seus naturais as garantias que são de uso entre povos civilisados. Com efeito o tratado italo-russo garante que as concessões italianas não serão expropriadas no futuro e a mesma garantia deve ser concedida aos outros estados se a reclamarem de comum acordo.

O governo francez ansioso pela restauração efectiva da Russia, lamenta a imprecisão do programa de Genova o que impediu as realisações praticas; a França declara que não tem razão de ser qualquer intenção de impor á Russia um plano de restauração sob a forma de ultimatum mas está resolvida a trabalhar na conferencia de Haia duma forma pratica e insiste em recomendar o exame previo das propostas a submeter á apreciação dos russos. No caso contrario, a conferencia de Haia arrisca-se a dar o mesmo resultado que a conferencia de Genova.—(H).

PARIS, 12.—O ministerio dos Negocios Estrangeiros entregou na embaixada britanica a resposta da França ao memorandum britanico.—(H.)

PARIS, 12.—Diz a Agencia Havas que o conselho de ministros deve resolver amanhã se a França deve tomar parte na conferencia da Haia. Em caso afirmativo os seus delegado procederão como peritos ou como observadores. A resposta do governo francez á nota britanica toma nota da declaração do governo inglez de que esta de acordo com a tese franceza, de que na conferencia haverá concordancia entre as opiniões britanica e franceza para que a conferencia ignore o memorandum financeiro bolchevista de 11/5 e insiste em afirmar a sua maneira de ver desfavoravel a reunião dos delegados aliados com os bolchevistas em 26/6 sem previamente se terem aplanado as divergencias sobre as questões tratadas e sem previamente se terem posto de acordo sobre as propostas fundamentais longe da presença dos russos.

A nota insiste tambem na necessidade de obter dos soviets a restituição dos bens particulares aos subditos estrangeiros. A respeito das dividas de guerra a França não pode admitir-se qualquer redução nas quantias que a Russia pediu emprestadas durante a guerra. Continuar-se-ha a exigir, por parte dos bolchevistas, o reconhecimento dos direitos dos portadores dos titulos dos emprestimos russos antes da guerra. O governo defende-se de querer impor á Russia um plano de restauração e preconisa pelo contrario um metodo de trabalho serio principalmente inqueritos no terreno. Na falta de acordo sobre estas questões, a conferencia do Haia está destinada a um insucesso.—(H).

O preço do tabaco

tornou outra vez a subir

O tabaco estrangeiro acaba agora de dar mais um pulo no preço. Foi do para mais caro. Os cigarros «Jorro» que eram os unicos aproximadamente fumaveis subiram de mil reis para mil e duzentos. E todo o outro vai na mesma proporção. Já só podem ter vicios!

Claro que esta alta do tabaco estrangeiro vem apenas preparar a alta do nacional. Qualquer dia o «francez» custa dois contos de reis e um maço de «Lisboa» passa a ser coisa para milionarios.

Silva Passos

O nosso colega Silva Passos, o brilhante jornalista cheio de scintilação e de fulgurancia, apresentou hoje no ministerio dos Estrangeiros uma reclamação largamente fundamentada, requerendo que lhe sejam pagas as diferenças em oiro do subsidio que o ministerio das Colonias indevidamente sempre lhe pagou em escudos o que lhe constitue um grave prejuiso.

Devemos acrescentar como informação edificante que o nosso prezado colega Silva Passos se encontra entre nós, de licença, ha quatro meses sem que até hoje as estações competentes tivessem solucionado o seu caso.

"Nuestros hermanos"

Faltam-nos em absoluto todas as relações intimas e morais com eles

Temos assistido com viva satisfação ás manifestações de amizade carinho ultimamente trocadas entre elementos espanhois e portuguezes. Desde o Congresso Scientifico Luso-Espanhol do Porto, a afeição dos dois povos tornou-se tão lisonjeira de parte a parte que acabou por desterrar a ideia de absorpção que outr'ora muito insistente. Tempos que não voltam! A antiga politica de vassalagem deu lugar á politica de expansão economica, de prestigio industrial e comercial, de infiltração de capitais e actividades, que é hoje verdadeiramente a aspiração superior das nações.

A Espanha é um grande paiz qualquer que seja o ponto de vista por que a encaremos. Nas artes, na literatura, nas sciencias, na industria, na agricultura, tem recursos de grande valor, que nós não podemos igualar, não porque o genio da raça hispanica se desvaneça entre nós, mas porque a fachada de territorio que ocupamos é muito restricta em relação á grande area da Peninsula. Somos um paiz pequeno, conquistado á ponta da espada desde o Minho ao Guadiana, legitimamente desenvolvido e defendido durante oito seculos, mas o nosso poder politico, economico e territorial fica muito aquem do seu vizinho, agora sublimado pela supremacia resultante duma neutralidade habilissima durante a grande guerra.

Se podemos hombrear com os espanhoes em materia de cavalheirismo, de grandeza historica, do espirito de graça e de generosos ideais, é certo que os deixamos ir adeante no sentido da força directriz do progresso social. A Espanha vale mais do que nós, não só por ser mais ampla, mais provida de vantagens naturais, mais populosa e mais rica, como porque a sua evolução nos ultimos vinte anos —reinado do Afonso XIII—represent uma faculdade superior de trabalho e uma disciplina social que contrasta com as nossas agitações e a instabilidade dos nossos governos. Basta confrontar o escudo á peseta. Se a moeda é a expressão da vitalidade economica, nós andamos dez ou doze pontos abaixo dos nossos visinhos.

E, todavia, as simpatias e as inclinações morais e intelectuais entre os dois povos são iniludiveis. O doutoramento do nosso grande matematico Gomes Teixeira, na Universidade de Madrid, foi uma festa tão sonora, tão expontanea, tão vibrante do entusiasmo peninsular, que não deixa a menor duvida acerca de um possivel entendimento economico entre os dois paizes visinhos.

Precisamente por serem visinhos, e porque o futuro da Iberia no conjuncto das nações europeias depende da acção perfeita dos dois povos, é que se torna sensivel a falta de um acordo de interesses materiaes, no momento em que os interesses espirituaes se acham tão intensa e tão carinhosamente reconhecidos.

E porque não estão já esses interesses materiais solidarisados? Por que é que, sendo denunciado e dado como caduco o tratado de comercio que vigorou entre os dois paizes durante vinte anos, vão passados mais seis sem que as relações convencionais de comercio, de pesca, de transito e de navegação costeira, se reatem num tratado vantajoso para os dois paizes, de modo a regularisar uma visinhança tão intima?

Andamos a negociar tratados de comercio com paizes longiquos que mediocres vantagens nos oferecem; e ficamos sem um convenio com o Brasil que tantos beneficios nos pode prestar, estamos sem um convenio com a Espanha, cujas comunicações maritimas, fluviais e ferroviarias são contiguas! Está prestes a celebrar-se um tratado de comercio entre a França e a Espanha. Porque é que a nossa diplomacia comercial deixa ir os outros á frente, e se encolhe perante um problema que ela tinha obrigação de resolver antes de qualquer outro?

Ha quem ponha suspeitas ácerca da competencia e da capacidade dos nossos diplomatas, acusando-os de gastarem, em para perda, libras, francos, pesetas e florins que fazem grande falta ao esgotado tesouro portuguez.

Nós não somos tão radicais nas nossas opiniões, antes se nos afigura que entre os nossos ministros acreditados em varias capitais ha pessoas capazes de exercer com consciencia esses elevados cargos.

Comtudo, a carencia de relações convencionais de comercio de Portugal com a Hespanha e o Brasil, é, pelos prejuisos que nos está provocando, um facto deploravel e assaz justificativo do apoucado valimento pratico da nossa diplomacia.

E' urgente sahirmos deste isolamento, desta especie de divorcio com as nações mais amigas, que por tantas fórmas nos demonstram a sua amisade, e que de nós se separam pela ausencia de convenções.

O Brasil, que podemos considerar como visinho depois que a travessia aerea levantou os corações ao alto em entusiasmos ardentes nos dois paizes, tem o direito de esperar alguma coisa de util por parte da nossa diplomacia; e a Espanha de certo não se recusará a entrar em negociações conosco para uma convenção analoga á que findou em 1913, se os diplomatas portuguezes a souberem indicar, dentro dos interesses comuns dos dois povos. O nosso ministro no Rio de Janeiro tem agora magnifico ensejo de pôr ponto no quietismo em que tem vivido; e o nosso ministro em Madrid com a sua lucida inteligencia, com o seu temperamento de patriota e com o subido conceito pessoal que lhe foi conferido por el-rei e pela côrte, dá-nos a esperança de que muito fará no desempenho da sua missão.

Entre visinhos tão ilustres e tão ligados pelos laços da raça, como são espanhois e brasileiros, Portugal não deve esperar mais tempo a redação de diplomas em que os interesses materiais sejam tão perfeitamente definidos como o são actualmente os interesses de sentimento e da solidariedade moral.

Portugal e Brasil

Por diversas vezes, na imprensa de Portugal e do Brasil, se tem debatido a necessidade de uma maior aproximação entre os dois paizes irmãos em razão das suas afinidades de raça, do seu passado e da situação geografica que indubitavelmente estão indicando o caminho que a diplomacia e os governos ainda não conseguiram realisar.

O Brasil é bem o prolongamento de Portugal e Portugal na grande nação sul-americana encontrará sempre um renovamento de vida, na vida maior e mais bela na raça juvenil e empreendedora que fala a nossa lingua, que lê os nossos escritores e que nos ama.

As relações de amisade não bastam, no tratado comercial impõe-se como se impõe necessariamente um conjuncto de relações que aproveitem os dois prizes.

E' essa a boa politica.

A guerra abriu novos caminhos, abriu, em todo o mundo, novos horisontes aos povos. Não podemos nem devemos desinteressar-nos dessas questões, tão vem a proposito dos ideias expendidas pelo escritor argentino Manuel Ugarte sobre uma federação dos Estados sul-americanos, no seu livro «El porvenir de la America espanola».

Apontando o facto de terem perdido a sua homogeneidade os vinte republicas que do uma mesma revolução brotaram, Manuel Ugarte procura, todavia, demonstrar que nenhum antagonismo fundamental as incompatibilisa e divide. Que todo esse vasto territorio fraccionado e bem mais harmonico que algumas nações da Europa, como, por exemplo, a Italia antes da sua unificação, como a Alemanha antes de confederada; e — podemos tambem dizer —como o imperio austriaco, antes da ultima guerra. Que odios existem, datem apenas de alguns anos; e, como são as atitudes dos governos, mais do que o instinto nacional, o que os realidade os motiva e alimenta não será dificil dissipal-os, de forma a que nada mais se oponha a que os Estados Unidos do Sul venham um dia a contrabalançar no continente americano, e talvez que sobre ele pretendem exercer os Estados Unidos do Norte.

O que, na opinião do ilustre escritor argentino, mais contribue para o enfraquecimento da America espanhola e a precaria situação de alguns Estados que, não tendo pela escassa população e inferioridade territorial, as necessarias condições de vida, deu ensejo a que outra as republicas mais prosperas se manifestem — a maneira dos Estados Unidos—certas ambições de predominio ou hegemonia muito de molde a envolverem o conjunto numa atmosfera de desconfiança e dissolução.

Em resumo—que as vãs querelas e rivalidades que entre hispano-americanos não vão alem de simples desacordos de familia, deveriam ceder lugar a uma mais perfeita compreensão da realidade, isto é, da situação em que se encontra a America latina perante as nações absorventes que já para ele apontam os seus numerosos tentaculos.

E, pensando em confronto a unidade dos anglo-saxões da America do Norte, solidariamente agremiados em torno de uma só bandeira, e o desmembramento dos hispano-americanos, traccionados em vinte nações diferentes e tantas vezes hostis, pergunta Manoel Ugarte se seria possivel o rapido e prodigioso desenvolvimento da America do Norte se esta, depois de 1775, tivesse sancionado a dispersão dos seus fragmentos e consentido que estes viessem a constituir-se, como os da America do Sul, em nações independentes e rivais?

Todos os esforços dos sul-americanos devem portanto convergir para que, a exemplo dos Estados Unidos se mantenha bem firme a «integridade etnica, politica e territorial do conjunto», o que equivale a dizer que, provendo, unidos, á sua segurança e defeza, eles ao mesmo tempo, garantem o futuro e o prestigio da raça.

Estas ideias, que Manuel Ugarte tão calorosamente advoga, são em parte partilhadas pelas mesmas que fundamentam expõe, com abundantes e convincentes argumentos, o ilustre escritor e diplomata peruviano, F. Garcia-Calderon, num volume—«Les democraties latines de l'Amérique»— de tão atraente e sugestiva leitura, e o escritor brasileiro dr. Alberto Seabra.

Como Manuel Ugarte, entende Garcia Calderon que as divergencias acidentais entre as diferentes republicas sul-americanas não são motivo bastante para definitivas separações; que a elas ha-de resistir a obra secular das leis, das instituições, da religião, das tradições e da lingua.

Mas emquanto que o publicista argentino se mostra partidario de uma completa união, sob a firma federativa (como na Norte-America), de todos os Estados da America latina, incluindo o Brazil, o escriptor e diplomata peruviano julga mais viavel, por considerações de ordem geografica, economica e politica, a formação de dois grandes confederações, em vez dos vinte Estados em que actualmente se divide a America do Sul.

Abordando neste momento do que diz respeito ao Brasil, que Manuel Ugarte inclue no seu plano de uma vasta confederação — o que é certo é que, tanto nas republicas espanholas da America, como na propria Espanha, cada vez mais se intensifica a propaganda para uma aproximação, como um primeiro passo para mais estreita solidariedade entre todos os povos de descendencia iberica que hoje começam a ter consciencia do alto papel que lhes compete, como guardiães da civilisação latina, em todo o vasto territorio que, como dominios — o Atlantico e o Pacifico — vai desde as fronteiras do Mexico até ao extremo sul do continente.

São a este respeito altamente significativas as palavras ha poucos meses pronunciadas por um ilustre sul-americano, D. Rafael Hernandez Usera, num grande banquete oferecido em Madrid ao presidente da Camara dos Deputados do Porto Rico, D. Cayetano Coll, e ao qual assistiram representantes das mais diversas orientações politicas, sociaes e intelectuaes de toda a Espanha.

Nessas palavras mostrou Raphael Usera a conveniencia e possibilidade de se constituir em Madrid um organismo destinado a ser o elemento executivo da «idealogia hispano-americana». E, por essa mesma ocasião o «El Sol», de Madrid, lançava tambem a ideia de uma «confederação internacional de lingua hespanhola», como sintese de um super-estado de origem hispanico, com um congresso onde se reunam representantes de toda a America hespanhola.

E, ainda no intuito de orientar num sentido pratico as relações espano-americanas, fundou-se em Espanha uma sociedade—«A Colombina»— reconhecida e subsidiada pelo governo de Madrid e com delegados em em quasi toda a America espanhola.

A êste proposito, *O Estado de S. Paulo* diz o seguinte num expressivo trecho:

«Que o itinerario do aeroplano portuguêz seja um traço de união vincado no tempo e na historia. Ao menos o augurio que êle representa ha de ser recebido como tal e como tal festejado por todos quantos, aqui e lá, anseiam por uma politica larga e humana, que aproxime os povos irmãos, reuna as suas aspirações paralelas, reforce o sentido historico da expansão da sua raça, alargue o ambito das ambições generosas comuns aos dois paizes, soldando melhor o passado de um ao futuro do outro e ligando ás glorias imensas do mais velho as conquistas possiveis do mais novo».

O jornalista espanhol Gil Fillol escrevia ha pouco no *Imparcial* de Madrid o seguinte:

«Portugal, vigia do Atlantico, olhou sempre politicamente para o Brasil. Antes de o descobrir, porque o presentia para além do Mar Tenebroso. Depois de Alvares Cabral, porque nele encontrou o seu emporio e a sua riqueza. Agora, porque não ha politica mais solida na vida de um povo do que aquela que lhe é imposta pela geografia — e a situação geografica de Portugal, mais ainda do que a sua propria historia, mais ainda do que a sua tradição, proclama a necessidade de voltar a fundir, numa aspiração comum, os interesses das duas terras de lingua portugueza».

Praza a Deus que assim seja. E com a maior satisfação constato que, tanto o jornalista brasileiro, como o jornalista espanhol, exprimem, sobre o que devam ser as relações entre Portugal e Brasil, precisamente as mesmas ideias que eu ha muitos anos defendo, tanto na imprensa portugueza, como na imprensa brasileira.

Que a luminosa trajectoria, com que os nossos dois gloriosos aviadores encurtaram a distancia que separa de Portugal e Brasil, fique ao mesmo tempo indicando um novo rumo á nossa diplomacia.

Entendimento luso-brasileiro; entendimento hispano-americano. Seriam êstes os primeiros passos para a constituição do grande bloco luso-hispano-americano, que (mais uma vez o digo) poderá ser o centro de aglutinação de toda a latinidade e fazer de Portugal e Espanha, no extremo ocidente europeu, com todas as vantagens politicas, comerciais e economicas que esta situação comportaria, como que o prolongamento da America latina.»

Na Escola Militar

A conferencia do sr. dr. Alvaro de Castro

E' no proximo sabado 17 do corrente, ás 17 horas, que no Salão Nobre da Escola Militar, o professor major sr. Alvaro de Castro, realisa a sua anunciada conferencia sobre «A paz e o Tratado de Versailles».

Ha enorme interesse em conhecer a maneira como o ilustre professor de direito internacional coloca problemas tão justificada oportunidade e em conhecer a situação de Portugal em presença da Sociedade das Nações.

Esta conferencia fecha o 1.º serie que o Conselho de Instrução da Escola Militar, presidido pelo general sr. Abel Hipolito, promoveu no actual ano lectivo.

Escola Primaria Superior Ribeiro Sanches

Está aberto desde o proximo dia 15 a 30 do corrente mez, o prazo do entrega dos documentos para o exame de admissão a esta Escola e bem assim para todos os requerimentos dos individuos que desejem matricular-se no ensino tecnico-comercial.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade Anonima. — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Divisão de Via e Obras

VENDA DE SUCATA METALICA

No dia 1o de Julho pelas 15 horas, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para a venda de sucata metalica.

As condições estão patente, em Lisboa, na Via e Obras — Armazens (edificio da estação de Santa Apolonia) todos os dias uteis das 1o ás 16 horas, e em Paris, nos escritorios da Companhia, 28 rue de Chateaudun.

O deposito para ser admitido a licitar deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relogio externo da estação do Rocio.

Lisboa, 12 de Junho de 1922.—O Director Geral da Companhia, (a) Ferreira de Mesquita.

A Provincia na "Capital,,

FARO, 11.—Com o fim de angariar receita para o sanatorio dos sargentos tuberculosos realisou-se uma festa sportiva no Largo de S. Francisco que esteve muito concorrida; abrilhantada por todo o elemento militar de terra e mar. Pela canhoneira «Quanza» foram apanhados seis vapores a pescar nas nossas aguas. Este vaso de guerra já esta semana tinha feito nova prisão a oito cercos.—H.

Centro Republicano 5 de Outubro

Reuniram as comissões, politica e administrativa, o resolveram:

Lavrar o seu veemente protesto contra a campanha levantada por certo jornal da manhã do que o devotado republicano e livre-pensador sr. Colestino de Vasconcelos, colaborou no nefasto dezembrismo.

Dar conhecimento aos sinceros republicanos e livres-pensadores, que o aludido republicano, tem prestado relevantes serviços á causa da Republica, e do Livre-Pensamento, e estar filiado em colectividades filiadas no P. R. P.

Que foi um dos fundadores dos centros republicanos democraticos «Augusto José Vieira» «10 de Janeiro», e do «Gremio Republicano Os Jovens Lusitanos».

Não ter sido nomeado 3.º oficial pelo dezembrismo, mas pelo governo do sr. Domingos Pereira.

Aprovou mais 14 novos socios entre os os dedicados republicanos, srs. Virgilio Proença, José Pedro Gonçalves, tenente Pereira Piçarra Carlos de Magalhães Ferraz e Albano Soeiro.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 1/8 — 4
» 90 dias	— 4 3/16
Paris, cheque	1150— 1186
Suissa, cheque	2474— 2552
Belgica, cheque	1172— 1196
Italia, cheque	665— 676
Berlim, cheque	40— 45
Holanda, cheque	5080— 5218
Madrid, cheque	2048— 2112
New-York, cheque	12853— 13330
Brasil, cheque	58— 52
Austria, cheque	1/2— 1 1/2
Noruega, cheque	2200— 2250
Suecia, cheque	3397— 3450
Dinamarca, cheque	2861— 2890
Libras	64$000 — 66$000

Uma grande tempestade na America

NEW YORK, 13 — Uma inesperada e violenta tempestade passou ontem sobre esta cidade, causando 50 mortes e prejuizos no valor de milhares de dollars. Como era domingo, muitas pessoas tinham ido para o campo, sendo vitimas do furacão muita gente que andava passeando em pequenos barcos, tendo-se estes voltado. A violencia do vento era tal, que arrancou a roda de ferro do parque Leroux, arremessando-a com as pessoas que estavam no carrossel sobre Long Island. Morreram 5 pessoas. A velocidade do furacão era de 88 milhas á hora. — (Lat. Am.).

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

OS TRANSPORTES MARITIMOS DO ESTADO

Continua o seu discurso o sr. Velhinho Correia.

O orador refere-se aos ataques que tem sofrido no jornal *O Seculo*, onde até lhe publicaram o retrato e dando-lhe conselhos que, aliás, o orador não seguirá. Essa campanha de injuria e difamação é simplesmente desprezivel.

Ha um ponto de discordancia absoluta entre a comissão de Comercio e Industria e o sr. ministro do Comercio; entende êste que, emquanto se não fizer a liquidação dos Transportes, os navios devem ser amarrados; entende, pelo contrario, a comissão que, durante êsse periodo transitorio, os navios devem mobilizar-se, no serviço do Estado. Em todo o caso, o sr. ministro do Comercio já concordou com a comissão neste ponto essencial.

Quanto ao regimen definitivo, o sr. Velhinho Correia entende que é possivel um acordo entre a comissão e o ministro no que respeita á formação das empresas particulares que se proponham utilizar os navios; mas ha uma divergencia irreductivel, que é aquela que respeita ás carreiras obrigatorias dos navios cedidos pelo Estado. E' ao Parlamento, e só a êle, que compete fixar essas carreiras.

O sr. ministro do Comercio errou nesse ponto. O que diz, na sua proposta, a tal respeito, é vago, indefinido. Não pode ser! O Parlamento é que ha de dizer, com precisão, quais serão as carreiras dos navios, por forma a que êstes sirvam os interesses do Estado ao mesmo tempo que forem utilizados no comercio lucrativo das emprêsas. A comissão entende que deve fixar-se, com clareza e insofismavelmente, as carreiras dos navios, por forma a ligar periodicamente os portos do continente com os das colonias e os do Brasil.

Na proposta governamental não se tratou da navegação de cabotagem. Grave falta, essa. A comissão resolveu-a, destinando alguns navios á cabotagem das colonias. Além disto, a proposta do sr. ministro do Comercio não fala dos portos de escala, mas não se esqueceu dos portos da Grecia e da Turquia. Neste ponto, o sr. ministro foi particularmente infeliz!

A proposta governamental admite ainda isto: os navios podem ser vendidos, em bloco ou parcialmente, sem concurso. Com isto não concorda a comissão. Então, para a formação das empresas ha concursos e caução de 500 contos, e para vender os navios não ha concursos nem ha cauções? Isto é monstruoso! Com isto não concordo eu nem jámais concordarei! A proposta governamental estabelece uma porta para a alienação dos navios, sem concurso, quasi que sem publicidade. Isto pode acaso admitir-se?

Ora é aqui que a comissão está em desacordo com o sr. ministro. O que é necessario é que o Governo reconheça os propositos de acertar. Se assim acontecer, facil será chegarem todos a acordo.

O sr. Velhinho Correia deu por terminado o seu discurso. O debate, para o qual ha varios oradores inscriptos, continua na sessão seguinte, passando-se na de hoje á discussão dos orçamentos.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio, secretariado pelos srs. Sousa Varela e Francisco Paula. A acta, aprovada por 18 senadores. Como o *quorum* seja de 25, aguarda-se a chegada dos retardatarios.

O sr. Aragão e Brito volta a instar pela comparencia do sr. ministro do Comercio no Senado, para se ocupar das dividas dos Transportes Maritimos.

O sr. Julio Ribeiro insta pela remessa de varios documentos pelo Ministerio da Instrução e requere copia dos documentos de habilitações literarias do professor da Universidade do Porto, sr. Francisco Homem Cristo.

O sr. Roberto Baptista envia para a mesa um projecto de lei sobre a utilização das redes radiotelegraficas do exercito e da armada, para serviço do publico.

O sr. Mendes dos Reis alude ao sarau que uma comissão de oficiais do exercito tenciona promover a favor de outros mais necessitados, o que reputa de uma vergonha para o paiz, cabendo a culpa desta situação apenas ao sr. ministro das Finanças.

O sr. Pereira Gil ensurge-se contra o facto de, até hoje, ainda não terem sido julgados os oficiais implicados no 19 de Outubro.

O sr. Ribeiro de Melo alude no mesmo assunto, protestando contra a morosidade dos processos.

A sessão continua.

O "raid,, Lisboa-Brazil

Os bravos aviadores portuguezes ganharam mais uma "etape,,

Mais uma nova «étape» acaba de ser vencida pelos bravos e heroicos aviadores portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Na Central Telegrafica foi recebida passadas as primeiras horas da manhã o seguinte despacho telegrafico:

BAHIA, ás 7,30.— Os aviadores portuguezes partiram para Porto Seguro em direcção a Victoria.

Logo que esse telegrama foi conhecido estralejaram os morteiros que tiveram o condão de fazer espalhar a noticia por toda a parte.

Pouco depois era recebido um novo telegrama noticiado que os aviadores foram vistos passar ás 11 horas sem novidade sobre Belmonte.

Pelas 16 horas e 15 minutos voltaram a estralejar os morteiros e os foguetes. E' que havia sido recebido na Central Telegrafica um novo telegrama concebido nos seguintes termos:

BAHIA, 13, ás 13.55 (hora brazileira).—Os aviadores acabam de chegar a Porto Seguro e só partirão amanhã.

Logo que a boa nova foi recebida redobrou o entusiasmo entre a população da Capital ouvindo-se constantemente os foguetes e os morteiros em toda a cidade.

Para elucidação dos nossos leitores diremos que Porto Seguro onde os bravos aviadores actualmente se encontram fica a 150 milhas ao norte de Victoria Capital do Estado de Porto Sauto e proximo da baía Cabralia, onde se encontra o cruzador «Republica».

O "Fairey 17,, em que viajam os intrepidos aviadores deve receber gazolina partindo depois para Victoria.

O cruzador «Carvalho de Araujo» largou da Bahia para o Rio de Janeiro com escala por Victoria.

A subscripção para o grande bodo aos pobres ficou hoje em 55.000 escudos

O major sr. Viriato Lobo, ilustre Governador Civil de Lisboa, continua recebendo importantes quantias para o grande bodo que vai distribuir pelos pobres da capital em sinal de regosijo por motivo do feito heroico de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Hoje foram recebidas novas verbas ficando a subscripção em 55.000 escudos. No Governo Civil está-se trabalhando activamente na carimbagem dos bilhetes que as juntas de freguezia distribuiram por 12.000 pobres.

O bodo será distribuido na Praça de Camões, no proximo domingo das 10 ás 12 horas. Os pobres deverão formar na Rua da Horta Seca e Atraz das Chagas, devendo depois seguir em bixas onde a distribuição deve ser feita em 12 mesas, devendo assistir ao acto a esposa do Chefe do Estado, Ministros, Governador Civil, etc.

Club Militar Naval

No proximo dia 15 do corrente realiza-se na Sala Portugal da Sociedade de Geografia de Lisboa, e com a assistencia do Chefe do Estado, uma sessão solene em honra dos aviadores. O inicio é ás 21,30.

CASCAIS, 12. — Está já elaborado o programa dos festejos em honra dos heroicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral no dia da chegada ao Rio de Janeiro. A comissão organisadora é composta do Presidente da Camara, administrador do Concelho e Presidente da Associação Comercial e tem mais quinze delegados doutras autoridades e colectividades concelhias.

Logo que seja recebida a comunicação oficial da chegada ao Rio de Janeiro do avião será anunciada por uma salva de morteiros devendo em seguida produzirem-se manifestações gerais durante o dia. A' noite iluminação os edificios publicos, sedes de colectividades, muitas casas particulares e havera concertos musicais e bailes populares.

Queimar-se-ha um vistoso fogo de artificio e haverá iluminações na bahia.

A comissão pede a todos os habitantes que ornamentem e iluminem as fachadas das suas habitações. Domingo são esperados os srs. ministros da Guerra e Marinha e o sr. deputado Agatão Lança que irá uma conferencia na séde da Associação Comercial.

O comercio encerrará as suas portas e os operarios abandonarão o trabalho a quando da chegada ao Rio.

Até que emfim!...

Vai ser concedida uma subvenção aos oficiais do Exercito, assim o declarou o sr. ministro da Guerra

Hoje, no Senado, foram examinados dois assuntos importantes: situação dos oficiais outubristos presos e crise economica da oficialidade de ferra e mar. Falaram os srs. Ribeiro de Melo, Mendes dos Reis e ministros da Justiça e da Guerra.

Respectivamente aos processes foi declarado que o Governo continuava a empregar todos os esforços para se fazer o julgamento o mais cedo possivel.

Acerca da situação do deses pero economico dos oficiais de terra e mar, o sr. ministro da Guerra declarou, em nome do Governo, que já fôra resolvido em conselho dar-se uma subvenção aos oficiais, mantendo-se esta situação provisoria até poderem ser devidamente aumentados os soldos.

Poeira da Arcada

Por adiamento de infeito da viagem, só amanhã é que o vapor «Ibo» sairá com malas postais para a Guiné, sendo ás 14 horas a ultima tiragem da Caixa Geral e fechando os registos ás 12.

—O sr. ministro da Instrução é esperado no «rapido» desta noite, de regresso do Porto. O sr. ministro do Trabalho só voltará do norte depois de amanhã.

—Conferenciaram hoje, com o sr. ministro das Finanças o sindico da Bolsa de Lisboa, e com o sr. ministro da Guerra, o general sr. Sousa Rosa, comandante da 3.ª divisão do Exercito.

O sr. Ismael Pais foi exonerado a seu pedido de professor da escola da séde do conselho de Oeiras, e foi autorisada a regressar á efectividade do serviço a professora na situação de licença ilimitada sra. D. Amelia Silvares Mendes.

Coronel Tomaz Birch

Vindo no vapor francez «Canadá», chegou hoje a Lisboa, o ex-ministro da America em Portugal sr. Tomaz Birch, que vem acompanhado de sua familia.

Em poucas linhas

Foi presa Adelaide de Jesus, rua Manuel Bernardes 22 3.º, que furtou artigos de vestuario no valor de 100 escudos a Mariano Martins, rua Braamcamp 5.

—Gracinda Freitas, calçada de S. Vicente 62, residencia, queixou-se de que lhe furtaram um relogio de ouro no valor de 300 escudos.

—O sr. governador civil de Lisboa está tratando de negociar um acordo entre os operarios cabouqueiros de pedra e cal, que se encontram em greve e respectivos patrões.

—Os representantes da Associação dos Cabouqueiros e os industriais tiveram hoje conferencias sobre o assunto com o chefe do districto voltando a reunir depois de amanhã uma nova conferencia.

—Antonio Gonçalves Prata, rua Freire, 5, ao Dafundo, esteve hoje reclamando junto do director da policia de investigação contra o facto de ter sido restituido á liberdade Antonio Lemos, com 5 prisões por varias burlas e que tambem o burlou em 2.350 escudos dando-se o caso escandaloso do burlão ter sido solto e sem que o queixoso fosse ouvido.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Despede-se hoje do publico de Lisboa, a companhia espanhola que tem trabalhado no Eden e que, apos longos anos, veiu de novo trazer á capital, um genero de teatro que o nosso publico tanto aprecia e que, de lamentar é que, na propria Espanha esteja quasi abolido. O teatro espanhol substituiu os seus cantares tipicos e tão lindos, pelo teatro regional de comedia de que são mestres incontestaveis os irmãos Quintero. Com a diferença, porem, de que lá se provocou e conseguiu substituir esse teatro ligeiro que constitue, quasi por assim dizer, um reportorio de «tournées» por outro que fica, que representa na evolução dos tempos, o progresso duma literatura que, dia a dia, se vem afirmando, que transpõe fronteiras e que, já hoje, pelo valor dos seus auctores, se impõe no estrangeiro.

Entre nós, tivemos tambem um genero que, nós proprios, consagramos, a «revista». Não a que, semanal e periodicamente, de ha meia duzia de anos vimos apreciando e que, justamente, pela enorme concorrencia dos escriptores que, a tal genero de teatro se dedicaram, deixou de merecer ao espectador, aquele interesse que, antecipadamente, existia quando havia a certeza de ir ver criticar usos e costumes que tal é a razão de ser da «revista.»

Mudámos tambem. Hoje são fantasias o que os nossos emprezarios oferecem ao seu publico e como estas não podem ter uma realisação tal como a sonhou a imaginativa dos autores, ficámos peor do que estavamos. Ao contrario do que sucedeu em Espanha, muito embora isso nos custe.

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

Parece confirmar-se a noticia de que o teatro da Trindade voltará a funcionar na proxima epoca de inverno.

• Regressou do Porto, a actriz Deolinda Sayal, da companhia do Apolo.

• Embora esteja marcada para 6.ª feira proxima, a inauguração do teatro Maria Victoria no Parque Mayer, podemos assegurar que, apesar de adeantados os trabalhos, só muito mais tarde, reabrirá as suas portas.

• Com a terminação dos espectaculos da companhia espanhola que hoje se despede do publico de Lisboa, volta a funcionar amanhã o Eden com cinematografo estreando-se ali a fita em 5 jornadas «As aranhas negras».

• Ainda esta semana se estreiará no Salão Foz, uma nova apotheose, em homenagem aos aviadores portuguezes.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Condenado».
AVENIDA—A's 9,15—«A Maluquinha de Arroios».
POLITEAMA—A's 9,30—«A menina virtuosa»

Teatro musicado

APOLO—A's 9,15—«Porto tantos de tal»
EDEN TEATRO — A's 9 — Companhia espanhola —«Fresco de Goya», «Alegria de la Huerta» e «Alma de Dios».
SALÃO FOZ—A's 9,30 e 10,30—«Lipa-rotes».
CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 8,30—Animatografo e variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade
SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores

Liceu Central de Pedro Nunes

XI.ª Exposição escolar

A exposição escolar dos trabalhos dos alunos deste Liceu realisa-se no dia 18 do corrente mez.

A exposição abre ás 13 horas e encerra-se ás 18. E' feita nas proprias salas de aula, onde os visitantes serão recebidos pelos alunos.

Tomará o aspecto duma festa escolar. Os alunos transformarão a sala de aula, a seu gosto, numa sala de festa, e exporão os seus cadernos, trabalhos de desenho, colecções de historia natural, etc., prestando-se a fornecer aos visitantes todas as indicações que eles lhes pedirem.

Nenhum trabalho é feito com vista a esta exposição: todos os trabalhos expostos teem sido realisados para as respectivas aulas. Não ha selecção de trabalhos expostos: todos os alunos apresentam os seus trabalhos, qualquer que seja o seu valor.

Não ha recompensas individuais: o premio para os alunos que o merecerem consiste no interesse que os visitantes mostrarem pelo seu trabalho, na satisfação com que a sua familia o apreciará, no aplauso da propria consciencia.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade Anonima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Esta Companhia recebe propostas até ao dia 27 do corrente para o fornecimento de dez mil toneladas de carvão Cardiff para entrega durante o mez de julho proximo futuro.

As condições do fornecimento estão patentes na «Divisão do Material e Tracção» (Serviço dos Armazens) no edificio da estação de Santa Apolonia.

Lisboa, 13 de Junho de 1922—O Director Geral da Companhia—(a) Ferreira de Mesquita.

O CASAMENTO NA RUSSIA

Os codigos onde o direito matrimonial é revolucionario e socialista

Durante a guerra, e mesmo depois dela, muitas e enormes teem sido as invenções espalhadas pelo mundo, atravez das agencias inglesas e francesas, relativas á situação da Russia. Como peça de efeito, insistia-se principalmente na condição criada á mulher, a qual, pela abolição do casamento, não só se via impossibilitada de constituir familia, mas até se achava reduzida á situação de coisa, pertença obrigatoria de quem a desejasse.

Ora temos nós aqui o primeiro codigo bolchevista, que justamente trata do estado civil, do direito matrimonial, de familia e de tutela, promulgado em 1919.

Na parte relativa ao direito matrimonial é ele em tudo semelhante á legislação do resto da Europa, tendo apenas de novo a disposição do art. 870, que diz: «o fundamento do divorcio tanto pode ser o consentimento mutuo dos conjuges como o desejo dum deles». E' a instituição do repudio, tal qual existia na lei romana, e que Alexandre Braga propoz á Assembleia Constituinte fosse introduzida na nossa lei.

A parte mais interessante deste codigo é sem duvida a sua introdução, de exposição doutrinaria, de que extraimos algumas passagens.

«Alexandre Horchberg, Redactor-chefe da Repartição das Leis, Socio ordinario da Academia socialista de Sciencias sociais.

Tanto se tem feito nestes poucos mezes que já podem editar-se codigos, livros sistematicos das leis da Republica Russa Socialista Federativa dos Soviets, leis não socialistas, é certo, porque numa Sociedade socialista, já solida, as leis serão superfluas, mas leis que vão abrindo e encurtando o caminho ao Socialismo.

Um codigo destas leis—leis relativas aos actos do estado civil, ao direito matrimonial, de familia e de tutela—foi já votado pela Junta Executiva Central dos Soviets, a 16 de setembro de 1919. Os outros codigos estão preparados ou em via de preparação. O governo proletario elabora os seus codigos, como todas as suas leis, duma maneira dialética; elabora-os de maneira tal que cada dia da sua existencia destroi a necessidade da sua existencia; como leis do estado, este dá-lhes como fim o torna-las inuteis,—como o filosofo Fichte dava como fim a cada governo o tornar o governo inutil.

Exactamente do mesmo modo todas as outras leis e codigos de leis proletarias devem ser igualmente elaboradas de tal modo que cada dia da sua existencia diminua o tempo da passagem da organisação antiga para a organisação socialista e que desta maneira cada dia da sua existencia destrua energicamente a sua vida.

A autoridade proletaria tem a nitida consciencia de que os seus codigos não devem ser eternos; que são criados unicamente para um tempo de passagem de certa duração que ela sem descanço procura por todos os modos reduzir. Mas esse tempo de passagem é inevitavel; é impossivel suprimi-lo. Pode tratar-se de o reduzir por varios modos; mas é impossivel salta-lo em claro. E muitas vezes o desejo, á primeira vista radical, de dar um salto directo para o futuro, redunda num salto para traz.

O direito matrimonial não é só um meio de luta contra as influencias religiosas clericais sobre a população. Este direito é revolucionario e socialista. Rompe bruscamente não só com o velho regimen das relações matrimoniais do tempo da burguezia; faz desaparecer todos os impedimentos aos casamentos patriarcais-feudais por causa da diferença de religião, as proibições religiosas de contrair casamento, etc. Estabelece, tanto quanto isso depende das regras do direito matrimonial, a igualdade completa entre o homem e a mulher. Liberta a mulher, tanto quanto a sua libertação é possivel no periodo de transição antes do estabelecimento definitivo do regimen socialista, e leva assim a assimilar melhor as ideias do socialismo que a liberta definitivamente. Não faz do nascimento dos filhos o fim do casamento. O fundamento da familia—não é o casamento como era dantes—mas a origem afectiva.

O Decreto da Junta Executiva Central de 27 de Abril de 1918 aboliu o direito de sucessão.

Este Decreto vibrou um golpe mortal á instituição da propriedade privada. Esta deixa de ser como que uma coisa eterna «em ideias», passando duma geração a outra, duma tribu a outra, segundo os principios do direito individual. A propriedade privada transforma-se, quando muito em «propriedade vitalicia». A propriedade fica ligada a uma pessoa particular, quando muito, durante uma vida e não mais. Mas depois da morte de cada possuidor individual, torna-se propriedade, não do individuo, mas duma colectividade—o Estado proletario.

O poder proletario, que ainda não decretou a nacionalização geral de todas as emprezas, decretou a abolição da sucessão; nada resta da instituição da sucessão: não se conservou de nenhum modo, de maneira alguma, nem em nenhuma das suas partes. A propriedade do defunto, toda e de qualquer especie, passa para a Republica Russa Socialista Federativa dos Soviets.»

TAUROMAQUIA

A GRANDIOSA NOTURNA DE QUINTA-FEIRA

A organisação da corrida de quinta-feira á noite no Campo Pequeno com todo o seu aparato de corrida á antiga portugueza e com todos os seus magnificos elementos, provocou um justo entusiasmo no publico.

Feitas as brilhantissimas cortezias em que figura como «neto» o popular amador José Gomes, começará a lide dos touros do muito afamado criador sr. João Coimbra.

Na bela arte de Marialva, competirão José Casimiro, Rufino da Costa, Simão da Veiga e Simão da Veiga Junior, sendo a primeira vez que este alterna com J. Casimiro. Dois espadas, ha pouco muito ovacionados, tomam parte: Alcalareño, com o seu peão José Rodas, e Calvache, com o seu peão Mariano Sanchez. Dos nossos trabalham Alfredo Santos, J. Costa, Agostinho Coelho, A. Carvalho, E. Cebola e F. Frois. O excelente toureiro Alfarero tambem entra, bem como um unido grupo de forcados chefiado pelo Manuel Loureiro.

O ex-toureiro Artur Felix dirigirá a lide.

ASSOCIAÇÃO DOS TOUREIROS

Está já organizando a sua corrida anual, cheia de surpresas e atractivos. Tem-se dirigido a varios lavradores, obtendo donativos importantes de alguns e touros dos srs. Emilio Infante, Pinto Barreiros, Antonio Teixeira, A. Silva (Salvaterra), dr. Posser de Andrade, M. Gabriel, J. Barreiro, de Alpiarça e Simão da Veiga.

Os portos do Douro e Leixões

Pela Junta Autonoma das Instalações Maritimas do Porto (Douro-Leixões) acaba de ser publicada a interessante Memoria apresentada ao congresso luso-espanhol pelo distinto engenheiro sub-director dos portos do Douro e Leixões sr. Rodrigo Antonio Machado Guimarães.

Visa especialmente este valioso trabalho a demonstrar que os dois portos devem ser considerados complementares um do outro.

Acompanha a Memoria um projecto de melhoramentos em conjunto do Douro e Leixões elaborado pelo piloto das naus de guerra José Gomes da Cruz, datado de 1755 e que existe no arquivo da Associação Comercial do Porto.

A Memoria conclue nestes termos: «O porto do Douro não pode substituir nem dispensar o de Leixões e Leixões é o complemento do Douro, pelas comodidades que oferece á navegação e que neste porto não podem criar-se».

Os tesouros religiosos da Russia

Os «soviets» tem inegavelmente formas ineditas de arranjar dinheiro. Foram agora ás egrejas russas espalhadas por todo o antigo imperio moscovita e organizaram uma verdadeira «razia» de tudo quanto lá estava dentro oferecendo algum valor.

A colheita tem sido productiva e rendeu até aos ultimos dias 180 quilos de ouro, e quasi 200,000 de prata. Alem disso, como contrapeso tambem confiscou 13 000 diamantes, 800 perolas e 30,000 rubis. Um pau por um olho. Tudo aquilo, está claro, vai agora brilhar nos hombros da alta sociedade bolchevista que deixa a Russia rebentar de fome enquanto vai arrebentando de indigestão.

SPORT

II

Esgrima--remo--ciclismo

Tantos conselhos me deram para não fazer força, que comecei a dar lições de esgrima. Fui um dos fundadores da sala d'armas que o mestre Antonio Martins teve na rua do Alecrim e que mais tarde passou para a rua da Emenda.

E' caso para dizer que foi peor a «emenda que o soneto», pois tempo depois acabou.

Fiz florete e especialisei-me no sabre, onde cheguei a estar na primeira fila.

Martins, então em pleno vigor, tinha a seu lado uma pleiade de boas vontades.

O mestre d'armas Antonio Martins

Foi a edade de ouro da esgrima entre nós, e em que Manuel Gustavo, Luis Martins, Ferreira de Castro, Vital, Pinto Coelho, Lages, Carlos Fernandes, trabalhavam por amor da esgrima, e não por amor desta ou daquela sala.

Foi ali que vi pela primeira vez Sebastião Heredia, quasi invencivel ao florete, e que ainda hoje é «alguem» como jogador de espada, e Baldaque, rapaz fortissimo e floretista eximio.

Entrei numa «poule» de florete no Salão da Trindade, para disputa dum premio do principe D. Luiz, em que alcancei o segundo logar. Atirei nessa mesma noite, pela primeira vez, ao sabre com o visconde de Reguengos, que era um jogador brilhante.

Tambem na Sociedade de Geografia, na melhor festa de esgrima que até hoje vi entre nós, atirei ao florete com Heredia, Fernandes, Lages e Romero.

O conde [de Santo Cruz, hoje marquez de Lierta e Miranda, oficial do estado maior, foram tambem meus adversarios ao sabre, em publico.

Foi depois dessa epoca que apareceu Carlos Gonçalves, mais tarde atirador e professor notavel, Magalhães, etc.

Nos entrevalos da esgrima, entrei, juntamente com Luis Ferreira, Cesar de Melo, Fernando Machado, Alberto Tota, e João Roubaud, para o Club Naval, tendo formado uma tripulação cuja especialidade eram uns passeios onde não se pensava bater «records» mas sim bater-se com um peixe frito e com um vinho branco que havia em Cacilhas, que não lhes digo nada...

Num destes passeios, Jaime Thompson, que ia de timoneiro, caiu ao rio nunca sabendo eu se a queda fôra produzida pelo mau estado do mar se pelo estado tambem mau em que a tripulação se encontrava. Nesses passeios o chefe do movimento era o Tota.

Sentindo em mim o germen dos grandes navegadores, comprei um barco á vela, no qual fazia constantes viagens no triangulo estrategico Belem, Trafaria, Dafundo.

Foi nesse barco que eu, mais o Alves Afonso, acompanhámos a primeira travessia do Tejo feita pelo Awata e Alvaro Lacerda, o unico boqueu que até hoje não quiz ser ministro...

Mas nesse tempo começou a ser moda o ciclismo, onde um grupo de autenticos campeões, como José Bento Pessoa, Heredia, Almeida Santos, Carlos Bleck pela casa «Raleigh» e Manuel Ferreira, e outros pela marca «Clement» despertaram o entusiasmo do publico.

Pessoa, que era efectivamente um «sprinter» de grande classe, dispunha facilmente de todos os corredores em Portugal e Espanha. Foi a França onde sendo menos feliz, ainda conseguiu ficar durante tempos detentor do «record» do mundo de volta da pista, tendo sido o primeiro portuguez que em sport foi «recordman» do mundo.

Formámos um grupo, entramos para o club Velocipedista, eu, o Pereira «mudo», o Russel, o Julio Costa, Barcelos, etc. Todos os domingos davamos passeios enormes, onde se juntava o util do exercicio ao agradavel dum excelente almoço em qualquer «restaurant» dos arredores.

A «Haute-gome» dava de manhã «rendez-vous» no Campo Grande, onde por vezes a rainha D. Amelia se dignava aparecer, e o grande publico enchia o velodromo D. Carlos, em Algés, para ver as corridas de velocidade.

Eu tambem quiz correr... E uma tarde, numa corrida de «junior», corria com mais dois aspirantes a campeões.

Eramos tres e cheguei terceiro..

Compreendi que não nascera para grandes velocidades e quando em casa me perguntaram se tinha corrido, tive que responder:

— Sim, corri, mas, corri... devagar...

RUY DA CUNHA

(Continua).

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

OS NOIVOS

por JULIO CESAR MACHADO

Minutos depois, a carruagem rodava surdamente por aquela longa estrada de Belem. Um nevoeiro espesso erguia-se em colunas transparentes á roda dos candieiros de gaz: ouvia-se o gemer das ondas, exasperado e lamentoso; a praia estava deserta; os navios distinguiam-se ao longe pelas lanternas dos mastros, como estrelas num ceu escuro!

Quando a noiva entrou no baile, estava palida como as rendas brancas que lhe ondeavam sobre os ombros, e o seu primeiro olhar revelava tanta anciedade, tanta inquietação, tanto terror, talvez, que a c ossenda mtarehm rathmer hm a condessa disse-lhe no primeiro beijo:

— Não veiu, socega!...

Ela respirou livremente então, como quem se salva de um perigo de morte. O baile pareceu-lhe triste, todavia; as luzes pareceram-lhe palidas, as flores sem perfume, a musica sem harmonias. As suas amigas preguntaram-lhe se tinha boas noticias de seu marido. Todos os dias ela tinha carta e todos os dias escrevera. Mas, nesse dia justamente, havia-lhe esquecido escrever, tanta perturbação lhe causara o convite da condessa. Um doloroso sentimento a oprimiu ao pensar nisso. Os labios fremeram-lhe e balbuciaram apenas não sei que ininteligivel frase. Ela não estava ainda bastante senhora do mundo e da vida, para que a sua astucia de dama soubesse valer-se dos recursos do espirito, nem possuia o indispensavel arsenal de replicas para as conversações de sociedade, em que um sangue-frio, que coisa alguma perturba, faz que a mentira saia tão graciosa de uma boca bonita, que se é obrigado a aceitá-la como verdade. Pela primeira vez na sua vida se sentiu mal no mundo e teve horror ás grandes *coquettes*, que pelo poder da sua insensibilidade, ainda mais que pelo dos seus encantos, brincam com as alegrias do ceu e com as torturas infernais. Humilde, casta, timida, passou de olhos baixos numa contradança, como se atravessasse as cerimonias de um culto, e, desfolhando distraidamente o seu *bouquet*, juncou o chão de flores.

Em redor dela, alegres, ruidosas, dançavam as outras, sorrindo e namorando, com o olhar em fogo e o penteado em desordem. Dir-se-iam os anjos do mal, criando e destruindo logo, iluminando a vida pelo amor, queimando-a pelo ciume, extinguindo-a pela indiferença! E eram belas todas; tentadoras, provocantes. Tinham a eloquencia nos labios, tinham a melodia na voz, tinham a felicidade no olhar, — aquele olhar de sedução, de voluptuosidade, de festa; aquele olhar dos bailes, da vaidade, da promessa, do encantamento! aquele olhar da noite!...

Mil frases começadas, interrompidas, quebradas, mas mil frases de amor! O incenso da adoração espalhava-se no ar! Todas elas pareciam amar e ser amadas! Era uma embriaguez delirante, que reduzia os sentidos a um unico, a felicidade!...

Só ela pensava, só ela sofria, só ela não tinha um sorriso para dar, nem via um olhar que lho pedisse! Tambem, diga-se tudo, apenas ela é que tinha medo das palavras cortezãs e dos apertos de mão, medo da alegria, medo até da vaidade, entre todas aquelas suaves criaturas, que faziam a misericordia do amor!

No melhor do baile, quando todos os corações se incendiavam, todos os olhos diziam desejos e os leques se agitavam ruidosamente para não deixarem ouvir os segredos ditos por detraz do *bouquet*, Carminho abandonou as salas e partiu inquieta, aterrada, tremula, sem se despedir sequer da condessa.

— O meu trem! disse em voz convulsa aos criados.

— Façam chegar o meu trem!

Os criados estavam sentados nos bancos, a tomar gelados e a jogar a bisca. Ergueram os olhos, viram-na isolada, palida, com o olhar indeciso e receoso, e tomaram-na por uma senhora que se retirara do baile por intimação especial da dona da casa. A bisca estava quasi no fim e eles, sem se alterarem, foram continuando o jogo. Carminho desceu ainda os ultimos degraus e a uns lacaios que estavam á porta pediu em tom suplicante que lhe mandassem chegar o seu trem; mas, o largo estava cheio de carruagens e foi preciso muito tempo para encontrar o cocheiro. Assim que a carruagem partiu, Carminho escutou uma voz que lhe falava e sentiu as suas mãos entre outras mãos; os seus olhos procuraram na sombra e ela viu Carlos Eduardo em frente de si.

— Perdão! Oh! perdão! disse êle. A extremidade do amor tem delirios fatais e sei o que ha de temeridade no que me atrevi a fazer! Mas, se era o unico meio de a aproximar e de poder falar-lhe, não mereço eu que me perdôe de o haver tentado?

Carminho sentia-se sufocada de susto. Ele continuou:

— Confie-se á lealdade de um homem de bem. Adoro-a e por isso mesmo respeito-a. Nada tem a temer pela minha ousadia. Queria apenas vê-la e estou vendo-a; queria falar-lhe apenas e tenho-a ao pé de mim. Nada mais! Que esta noite fique na lembrança de ambos nós, para mim como um instante do ceu, para si como memoria ao menos do amor que acendeu na minha alma. Ninguem o saberá além de nós, Carminho; ninguem na terra. Vê? disse êle, apontando atravez das vidraças da carruagem. O ceu está negro; Deus neste momento não olha para a terra. Oh! nem Deus o saberá!...

— E' preciso sair, senhor!

— Já? respondeu êle no tom mais meigo e humilde de um namorado. Oh! ainda não! Ha quanto tempo procuro eu esta hora, para que assim a deixe nos primeiros instantes! Temos muito tempo ainda; a noite vai em meio apenas, o baile principiava agora, na casa de V. Ex.ª dormem todos; que pensa? que espera? que receia? A minha estrela não me concede talvez, na vida, mais do que esta hora de felicidade; tem alma de querer abreviar-me êstes momentos celestes? Sim! E' a sua mão, que eu sinto e aperto entre as minhas! Esta mão alva e linda, que devia ter o condão de mandar a sorte! E hei de separar-me de si, Carmo, êstes cavalos têm uma velocidade maldita e daqui a pouco devem chegar ao seu destino; depois, a noite, que termina para a terra, continua na minha alma; eu não sei, querida, qual é maior, se o meu amor, se o meu infortunio; sei apenas que não se cabem ambos neste coração, que não se morre já!...

(Continua)

Perguntas insoluveis de toda a especie:

Continuará o sr. Ministro das Colonias a ignorar o que se passa em Angola, em Moçambique, em Macau?

Diario Republicano da Noite

N.º 4104-12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5 | LISBOA — Quarta-feira, 14 de Junho de 1922 | Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL | Oficina de Impressão — Rua da Oliva, 71 | Preço 10 centavos

A miseria em foco

Laconicamente, anuncia-se nos jornais que o sr. governador civil de Lisboa vai distribuir um bodo a 12.000 pobres. Dir-se-ia que se trata da coisa mais natural deste mundo. E ninguem tem um calafrio de horror perante este numero espantoso que autentica a miseria duma capital e que mais espantoso ainda se revela se atendermos á circunstancia de que ele representa, de facto, uma multidão maior de indigentes, porque 12.000 pobres representam 12.000 familias e, someadas, representam com certesa mais de 30.000 criaturas sujeitas ás mais crueis privações. E se calcularmos num numero igual o da chamada pobresa envergonhada, aquela que se deixa morrer sem estender a mão á caridade publica, chegamos á conclusão de que em Lisboa ha mais de 60.000 pobres, ou seja mais de 20 por cento da sua população total. E' uma vergonha e é um horror!

Eis como se desvenda, á maneira dum pano de boca que sobe repentinamente num teatro, a verdadeira situação portuguesa, e, duma maneira especial, o verdadeiro aspecto desta Lisboa que para tanta gente tem apenas o aspecto duma cidade em permanente folia.

Rasgue-se a cortina que esconde aos olhos do observador a miseria que alastra e vai minando os alicerces do edificio social. Não se fala senão em novos ricos, e a verdade é que por cada novo rico surge uma legião esqualida e tragica de novos pobres. Toda a miseria antiga se avolumou com o contingente da nova miseria, saida dos lares antigamente remediados. E' todo o futuro da classe media que está sendo patenteado numa flagrante revelação.

Não podia deixar de ser assim. A carestia da vida aumenta e dentro em pouco só milionarios desta depreciadissima moeda é que poderão contar com as refeições quotidianas e erguer as suas ambições até á compra dum par de botas. Entretanto, mesmo com o papel-moeda nem todos podem ser milionarios. O numero desses ricaços ir-se-ha restringindo dia a dia. O que aumentará sempre é o sombrio acampamento da miseria, onde todos os flagelos da terra acabarão por se desencadear.

O sr. governador civil vai ver passar na sua frente o exercito da fome, e decerto não se capacitará de que o obolo distribuido nesse dia possa debelar de qualquer forma uma situação cuja angustia é renascente. As proximidades do Governo Civil tomarão o aspecto duma autentica «Cour des Miracles». Nessa «Cour des Miracles» ainda não se aguçam chuços nem se afiam punhais, como nas brigas da Idade Media. Mas lá iremos, lá iremos! O que dá a força é o numero e não tarda que esse numero seja tão elevado que não seja facil dominar as rebeliões da fome.

Demos tempo ao tempo. Mas que tempo será necessario para que do desespero nasça a revolta?

Entretanto, além dum perigo, é uma vergonha que ameaça Lisboa. E nesse perigo e nessa ameaça reflectem-se o perigo e a ameaça que pesam sobre o paiz inteiro. Quem pode calcular a miseria portuguesa? Quem sabe o que vai por esse paiz fóra? Se tomarmos a miseria de Lisboa como uma base de calculo chegaremos a um numero esmagador, em relação ao paiz. Que é isto, então? Um colossal asilo de mendicidade? Nem isso, porque não é só em asilos que se dá pão aos indigentes duma cidade. Estamos em presença dum caso vergonhoso. Estamos em presença da morte, porque não é vida a vida dos esfomeados. E essa morte gelará todas as fontes da vida social, porque não se vive da morte.

Vai estadear-se a miseria de Lisboa. Será uma coisa dolorosa e horrorosa. Que dessa dôr, que desse horror, surja, ao menos, a noção clara da tremenda situação que atravessamos.

Justa Reparação

A proposito do artigo que ante ontem publicámos sob este titulo, recebemos a seguinte carta.

Sr. Director do jornal «A Capital» —No numero de ante ontem no jornal que v. tão proficientemente dirige e sob a epigrafe «Justa Reparação» publica v. um projecto de Lei da autoria do Senador sr. Aragão e Brito que não sugereria nenhumas considerações se não viesse a apoia-lo a força que a Imprensa traz sempre á opinião publica com as suas apreciações.

O projecto antes pelo contrario representa uma injustiça flagrante visto que o ilustre senador proponente das recompensas morais inspiradas em principios da mais alta justiça, decerto mal inspirado por quem lhe facultou os meios de tornar publico o projecto se esqueceu que entre os militares que se sacrificaram pela Patria a maioria senão quasi todos não lhes poderia pertencer mais posto nenhum do que aquele que tinham quando as balas alemãs ou outras lhes cortaram as pernas ou os braços emfim os tornaram invalidos por qualquer forma.

Expliquemos: que vantagens morais teriam os Alferes promovidos a esse posto em virtude das disposições da Lei n.º 1170. Nenhumas, visto que não possuem condições nenhumas de promoção. E no entanto são oficiais.

E baseados nos principios da mais alta justiça que regalias morais em nome dos mais altos principios de justiça auferiram os soldados os cabos e os sargentos, esses a quem chamam os «mutilados»? Nenhumas.

Talvez que com o seguinte alvitre, se remediasse, a contento de todos, e aplicando então os principios da mais alta justiça, o assunto na melhor das intenções, o creio abordado pelo ilustre senador: Introduzindo no projecto em questão mais um artigo que seria o artigo 2.º—Serão promovidos, «sem aumento nos seus vencimentos», como satisfação moral aos seus sacrificios pela Patria aos postos de tenentes, alferes, 1.º e 2.º sargentos todos os militares que tenham sido promovidos a alferes, 1.º, 2.º sargentos e cabos em virtude das disposições da Lei 1170.

Se assim se não fizer teremos outra Lei á moda Evangelista tão combatida pelo jornal de v.

De v. etc.—A. B. A.

Uma manifestação oportuna

será a do povo de Lisboa á Embaixada do Brazil, no dia da chegada dos aviadores ao Rio de Janeiro

Gago Coutinho e Sacadura Cabral devem de chegar amanhã ao Rio de Janeiro onde recepções magestoticas lhes estão reservadas. Não se trata dos cumprimentos e das manifestações que lhes vai prestar a colonia portuguesa mas sim das homenagens do Brasil oficial e poderoso. São elas invulgares seja qual for o ponto de vista porque se observem e demonstram claramente que o instante é supremo e de todo o ponto oportuna a explosão da simpatia popular para com a magnifica nação sul-americana.

No proprio dia em que os dois ilustres navegadores desembarcarem na capital carioca o povo de Lisboa, que de resto não é avesso a demonstrações, deveria manifestar-se em massa junto da Embaixada do Brasil, significando com a sua presença até que ponto se encontra grato e reconhecido com as homenagens que em todo o sul americano tem sido feitas aos nossos aviadores.

Essa atitude que não é afinal senão uma justa e necessaria atitude perante o Brasil, que tão gentilmente, tão fidalgamente acolhe os dois filhos ilustres de Portugal. Tomaria alem disso o aspecto de uma ante-manifestação de regosijo e de congratulação pela passagem do primeiro centenario da independencia brasileira. Nós, portugueses, devemos ser os primeiros a prestar ao Brasil a expressão da nossa amisade e da nossa simpatia. Não se trata duma atitude diplomatica nem elas se podem conceber partindo da alma popular mas dum simples e longo agradecimento á Patria distante que acolhendo com enternecido carinho os aeronautas portugueses, tem jus á nossa devoção inteiramente desinteressada.

O caminho aério do Polo Norte

Vai tenta-lo, de novo, Amundsen seguindo as ideias de Andrée

O capitão Roald Amundsen partiu em 3 do corrente, de Seatle, no seu navio «Maud», para o norte. Depois de atravessar o estreito de Bering, o navio seguirá a costa americana. No Cabo de Barrow o capitão Amundsen tenciona desembarcar e voar pela região polar, atravessando o polo.

O programa da expedição «Maud» era para o navio deslisar pelo Oceano Polar, emquanto que pequenos aeroplanos fariam os reconhecimentos. Acontece, porém, que novos estudos fizeram alterar o plano sobre aviação.

Com os pequenos aeroplanos de curto raio de acção, Amundsen leva tambem um poderoso aeroplano, de maneira a funcionar sem depender do navio. Escolheu um aeroplano tipo Larsen, todo de metal, tendo o «récord» de se suster no ar, sem interrupção, por trinta e duas horas. Este aparelho é conhecido pela sua solidez e segurança. Como Amundsen não tem experiencia de aviação, procurou e conseguiu um dos melhores aviadores da Noruega, O. Omdal, especialmente para o avião Larsen.

Se as condições atmosfericas consentirem, partirão no começo deste verão, da Ponta Barrew, o ponto mais ao norte do Alaska, voando através das regiões polares desconhecidas, até chegarem ao Polo Norte e depois tomarão a linha para o Cabo de Columbia (ao norte de Greenland). Neste Cabo existirá um posto organisado pelo capitão Godtred Hansen, que tem trabalhado com toda a actividade e mostrado grande capacidade. Se apanharem bom tempo durante o vôo, trarão ao mundo novas destas regiões desconhecidas—terra ou mar. Não considera este vôo um empreendimento dificultoso. A viagem deve ser feita em quinze horas. O aeroplano já provou que se póde manter no ar trinta e duas horas e ainda um dos melhores aviadores será o piloto.

Se, no entanto, se der a infelicidade de o aeroplano ter de descer forçadamente, levarão os necessarios apetrechos e alimentação.

Consentindo-o as circunstancias, voltarão para o navio no proximo ano.

O capitão Amundsen será o primeiro explorador que tenta alcançar o Polo Norte por aeroplano; mas não é o primeiro a fazê-lo pelo ar. Quem fez a primeira tentativa foi o aeronauta sueco S. A. Andrée, em 1897. Em julho desse ano, com dois companheiros, partiu das ilhas dinamarquesas, Spitsbergen, num balão que levou cinco toneladas de fornecimentos.

Subiram ás 2,30 da tarde; ás dez horas da noite Andrée atirou uma boia ao mar com uma nota do seu avanço.

Foi essa a ultima noticia dos exploradores, tendo, no entanto, corrido varios boatos de o balão ter sido encontrado na America do Norte e Siberia.

PORTUGAL A VELA!...

A obra de desnacionalisação d'Angola

O programa do encarecimento da vida e da desvalorisação da moeda nacional

A continuar tudo assim, onde iremos parar?...

O sr. ministro das Colonias fez ontem declarações importantes na Camara dos Deputados. Interrogado pelo sr. Amaral Reis, o sr. Rodrigues Gaspar explicou o caso de Angola. Defendeu, é claro, o Alto Comissario sr. Norton de Matos, mas, defendendo-o, condenou-lhe a politica economica, na parte que interessa ao continente da Republica e que constitue o aspecto destacante da questão. O celebre telegrama da Agencia Latino-Americana, que serviu de pretexto ás injurias vomitadas por um estrangeiro contra lealissimos portugueses, recebeu plena confirmação oficial. A estas horas anda o aventureiro a gemer *caim-caim*...

Que disse o sr. Rodrigues Gaspar, ministro das Colonias? Confirmou que o Alto Comissario em Angola introduziu modificações no regimen do diferencial de bandeira, embora mantivesse teoricamente o principio de protecção á marinha mercante nacional. E concluiu por confessar que, efectivamente, a metropole fôra prejudicada. Eis as palavras do ministro, segundo o extracto da sessão parlamentar, publicado no *Diario de Noticias*:

«Devo tambem acrescentar que é natural que com tais medidas a metropole sofra nas vantagens de que gozava até aqui, pois é natural que o porto de Lisboa veja diminuido o seu trafego e, porventura, algumas cambiais deixem de afluir aqui.»

Segundo o sr. ministro das Colonias, os resultados praticos das providencias adoptadas pelo Alto Comissario em Angola são, pois, êstes, relativamente á metropole:

1.º — Diminuição no trafego do porto de Lisboa;

2.º — Menor afluencia de cambiais nos mercados do continente.

Foi precisamente isto que se concluiu ao ler-se o telegrama da Agencia Latino-Americana; e verifica-se agora, pelas declarações oficiais, que a noticia enviada aos jornais era verdadeira. Porque motivo fez então tanto barulho o adventicio exotico?...

* * *

Vejamos, porém, quais foram as providencias adoptadas pelo Alto Comissario em Angola. Socorramo-nos da declaração ministerial, segundo o extracto acima citado. O sr. Rodrigues Gaspar, ministro das Colonias, disse o seguinte:

«No louvavel intuito do progredimento de Angola, o Alto Comissario propôs, e foi aprovado pelo conselho legislativo, que fossem reduzidos a 50 por cento os direitos de exportação, tanto para a metropole como para o estrangeiro, quando os exportadores entregassem 50 por cento do valor das mercadorias exportadas em cambiais sobre Inglaterra, Estados Unidos, Holanda, França e Belgica, recebendo em troca a moeda corrente em Angola, ao cambio do dia. O valor das mercadorias exportadas é o da praça destinataria, feitas as deduções legais.

Deste modo foi conservado o principio do diferencial de bandeira.

Esta orientação obedece á necessidade de ficar em Angola ouro resultante da exportação de produtos da mesma colonia, facilitando assim a aquisição de materias indispensaveis ao seu fomento.»

Mais claramente exposto, o sr. ministro das Colonias confessa o seguinte:

1.º — Em Angola foram diminuidos de 50 por cento os direitos de exportação;

2.º — Desde que os exportadores entreguem ao governo da colonia 50 por cento dêsses direitos em cambiais;

3.º — De que os exportadores serão reembolsados em moeda nacional.

O Alto Comissario manteve, acrescenta o ministro, o principio da diferencial de bandeira. Aparentemente, estamos de acordo; realmente, não, porque o Alto Comissario fez peor que derogar o principio, porque o sofismou ou iludiu. Mas isso é o menos.

O que mais importa é verificar que o Alto Comissario, atraindo as cambiais a Loanda impede que elas afluam a Lisboa. E isso tem, para nós todos, portugueses, consequencias desastrosas. Vamos explicar como e porquê.

* * *

As cambiais que afluem ao continente têm as seguintes origens principais:

1.º — Produto da exportação continental e reexportação colonial;

2.º — Importação de ouro do Brasil, canalizado, principalmente, pela Agencia Financial do Rio de Janeiro.

Estas cambiais têm os seguintes destinos:

As que são recebidas da Agencia Financial do Rio de Janeiro estão consignadas ao emprestimo dos três milhões esterlinos;

As que são recolhidas pelas alfandegas continentais estão presas ao serviço da divida publica.

O que resta, depois de tudo deduzido, serve para pagar as mercadorias de importação, entre as quais avultam o trigo e o carvão, e satisfazer encargos do Governo no estrangeiro, notavelmente as despesas com a representação diplomatica e consular da Nação.

Conclue-se desde já, sem ser indispensavel examinar mais profundamente a questão, que é impatriotico, por ser desastroso, diminuir, pouco que seja, a possibilidade de concentração de cambiais em Lisboa.

O Alto Comissario em Angola, prendendo as cambiais em Loanda, prejudicou assim, notavelmente, a metropole, dando a sua quota parte do esforço para a catastrofe financeira e economica de que já estamos sofrendo, todos nós, continentais, os efeitos precursores. A retenção de cambiais em Loanda significa mais uma enxadada na vida cara do continente da Republica, porque concorre para a desvalorização da moeda. Quanto mais rara fôr a cambial nos mercados continentais, mais papel-moeda é preciso para a adquirir. E' da fatalidade das coisas, expressa na conhecida e verificadissima lei da oferta e da procura.

A providencia adoptada pelo Alto Comissario em Angola é, pois, condenavel:

1.º — Porque desvaloriza a moeda nacional, tornando mais dificil e mais cara a aquisição de cambiais no continente;

2.º — Porque diminue o trafego nos portos continentais, nomeadamente no de Lisboa;

3.º — Porque, dest'arte, anula ou diminue consideravelmente os efeitos beneficos do principio da diferencial de bandeira, habilitando as empresas de navegação estrangeira a lutarem, com vantagem, contra a concorrencia da marinha mercante portuguesa.

Acrescentemos que, fazendo politica exclusivamente colonial, em detrimento do equilibrio financeiro de toda a Nação Portuguesa, compreendido, é claro, o imperio ultramarino, o Alto Comissario em Angola faz praticamente a propaganda da independencia de Angola, começando a destruir os laços que a prendem ao continente. Não será essa, concordamos, a sua intenção; mas será êsse o efeito, que, talvez, não seja muito remoto da obra do nativismo automatico, a que o sr. Norton de Matos se está inconscientemente dedicando, ajudado *pelo lemanfichismo* do Governo metropolitano.

Mas mais censuravel que o do sr. Norton de Matos é o procedimento do lunatico Governo que se estatela no Terreiro do Paço. O governo de Angola puxa a braza á sua sardinha, transformando a colonia em parasita da metropole, especie de sanguesuga alimentada á custa do ouro que lá fica, em vez de vir para o continente. E a acção governamental é mais censuravel, porque, com conhecimento da causa e seus desastrosos efeitos, consente que uma providencia do Alto Comissario em Angola conduza a êstes resultados imediatos: encarecimento da vida metropolitana, desvalorização da moeda nacional, aceleração do andamento para a catastrofe final, que é a Bancarota. Quanto aos efeitos remotos, é melhor nem pensar nisso!

* * *

Fica assim exposta, com clareza, a questão de Angola. Não nos dispensamos do dever de a comentar mais desenvolvidamente. Mas, como o leitor está vendo por êste artigo, que já não é pequeno, somos forçados a esperar por outra oportunidade.

A titulo de curiosidade e para elucidação mais completa do leitor, reproduzimos novamente o telegrama referente a Angola e que tanta e tão injustificada celeuma levantou.

Ei-lo:

LOANDA, 31 — O conselho legislativo da provincia aprovou uma proposta do Alto Comissario, pela qual são reduzidos de 50 por cento os direitos de exportação, *abolido o diferencial de bandeira* e é estabelecida a obrigação de os exportadores receberem na *provincia* 50 por cento, pelo menos, das cambiais resultantes da exportação.

Esta proposta é aqui considerada altamente lesiva dos interesses da metropole, pois que com a abolição do diferencial da bandeira afecta gravemente a marinha mercante nacional e mata o porto de Lisboa, porque deixará de fazer-se a reexportação e as cargas e descargas correlativas e agrava a situação cambial da metropole com a obrigação de levarem os exportadores para a provincia 50 por cento das exportações que até agora ficava todo na metropole. — *(Latino Americana)*.

No primeiro periodo dêste telegrama, as palavras em italico foram propositadamente grifadas por nós, porque a ideia que traduzem carece de interpretação. Não foi abolido o diferencial de bandeira, mas criou-se uma tal situação á navegação portuguesa de Angola para a metropole, e situação tão dificil, que afinal é mil vezes peor do que a abolição do dito diferencial.

Quanto á segunda parte do telegrama, ela não passa afinal do que recentemente confirmou o sr. ministro das Colonias.

Quer dizer, o telegrama diz, com quinze dias de antecipação, aquilo que só agora o sr. R. Gaspar teve ocasião de repetir.

Revolução?

Os boatos ultimamente teem referido com maior intensidade como de resto é natural num paiz incapaz de outro pasto intelectual.

Diz-se que rebentará em breves dias um movimento de caracter monarquico, diz-se que será chefiado por vultos em destaque entre eles, pelo general Gomes da Costa. Diz-se ainda que uma grande parte dos oficiais do Exercito vai promover um grande sarau no Coliseu para auxilio dos seus camaradas que se encontram em precarias circunstancias. E diz-se ainda tambem que esses oficiais vão promover um movimento militar para que lhes seja aumentado o soldo.

Como se vê é um bonito rol de boatos que não são evidentemente exactos. O que seria mais viavel é que se dissesse preparar-se um movimento contra a tranquilidade absoluta do governo e a soberania do Parlamento.

E é desse descontentamento latente e perfeitamente justificado que nascem com certesa os balões de ensaio que se lançam á circulação.

O aumento de soldo aos oficiais só será feito, segundo declarou o sr. presidente do Ministerio, quando se votarem as propostas de finanças, que vão onerar todos os portugueses em um aumento de imposto superior a mil contos de reis por dia. Claro que nessa altura tudo terá de ser aumentado, a principiar pelo proprio «deficit», pois não se compreende que possam ser arrancados á economia geral da nação mais dum milhão de escudos todos os dias sem que de novo voltemos a uma super carestia da vida.

O genio dos legisladores!!!

As saudações do banquete

No banquete monarquico ultimamente realisado foi feito um brinde aos elementos realistas sacrificados pela Republica. Achamos natural e rasoavel—mas notamos uma omissão que foi afinal a falta de brinde a todos os monarquicos que gosam dentro do actual regimen, situações de privilegio e de destaque, que, com certesa não teriam conseguido nunca dentro da monarquia.

Desse não se falou. Pois são ás centenas!

A situação economica do Brazil

O senador Paulo de Frontin fala das qualidades de resistencia e da reacção da grande republica

E', na verdade, notavel e vem muito a pêlo, nesta hora em que a exportação vinicola portugueza recrudesce, a opinião do senador brasileiro sr. Paulo Frontin, antigo perfeito do Rio de Janeiro e antigo ministro do Trabalho, sobre a situação comercial e economica do Brasil.

Eis o que s. ex.ª disse em Paris, na sua passagem para Vichy:

«Não obstante o levantamento da balança comercial e o sucesso dos emprestimos emitidos ultimamente no estrangeiro, o cambio não melhorou. Só daqui a alguns meses, lá para o fim do ano, se pode esperar uma melhoria cambial — quando forem cumpridos certos compromissos e a situação do comercio estiver saneada. O Brasil não aproveitou como podia a alta cambial e a alta dos preços de 1919. A reacção foi sensivel e a baixa acentuada do cambio creou uma situação comercial das mais dificeis, felizmente passageira.

A depreciação do cambio oferece graves inconvenientes e causa um prejuizo sensivel ás finanças do paiz que tem de satisfazer compromissos e de honrar o serviço dos seus serviços no estrangeiro. Mas nas circunstancias actuais uma alta acentuada criaria serias dificuldades a muitos comerciantes se se désse antes de esgotados os stoks acumulados.

«Esses stoks subiam em 30 de junho de 1921 a 500.000 volumes. O governo apercebendo-se da gravidade da situação, decretou a lei de «Emergencia» que concedia todas as facilidades, especialmente á isenção dos direitos de armazenagem, aos produtos nos entrepostos. Graças a esta intervenção, o comercio poude aliviar os seus stoks de forma a que em 30 de outubro estavam reduzidos a 80.000 volumes.

«As demoras de remessa e os «reports» dos pagamentos fazem com que só em julho proximo o comercio possa liquidar as suas contas. O cambio tenderá então a melhorar.

«O Brasil que vem de atravessar uma crise tão grave, mostrou mais uma vez quanto eram grandes a sua resistencia e a sua força de reacção.

«E' certo que se houve de tomar certas medidas em favor do principal artigo de exportação, e graças a circunstancias favoraveis, a ultima valorisação não tardou a levantar a cotação do café.

«O senador Paulo de Frontin reconhece as vantagens que deve levar ao Brasil um serviço de defesa permanente da produção, com a condição de que o Brasil saiba contentar-se com cotações razoavelmente remuneradoras e evitar o exagero. Quando as cotações do café estão na alta, os cultivadores não consideram, em geral, senão o lucro imediato.

«Outras consequencias logicas teem no entanto outro valor que não é para desprezar. As cotações elevadas são um convite á concorrencia estrangeira, á industria dos sucedaneos, e á da falsificação. E o Brasil não deve perder de vista que, se as condições da colheita no Estado de S. Paulo são excepcionalmente favoraveis, em virtude da maturidade uniforme dos cafézais, noutras regiões a colheita não é mais afortunada que noutros paizes cafeeiros estrangeiros, cuja produção é susceptivel de ser muito sensivelmente desenvolvida.

«E' pois necessario evitar a especulação.

«Segundo o ilustre homem publico, o café o café, cujo preço de produção varia entre 10 e 12 mil reis os 15 quilos, nunca devia ultrapassar o preço de 15 mil reis, a querer evitar-se o risco de comprometer no futuro a situação do café brasileiro.»

O perigo das valorisações tem de ser encarado por todos os exportadores que devem sempre lembrar-se de que a solução dos problemas comerciais é produzir muito, bom e barato, assegurando assim, pelos mercados externos, a sua expansão economica.

O preço da carne

A pouca e má que existe em Lisboa vai aumentar mais 200 réis em quilo

Noticiámos hontem o augmento de preço do tabaco estrangeiro e como consequencia imediata, a falta de tabaco nacional em todas as tabacarias sendo natural que esse tabaco somente reapareça quando poder ser vendido por maior preço. E' o que nos espera.

Mas ha melhor, muitissimo melhor: Está de novo manifestando-se a falta de carne de vaca na cidade especialmente nestes ultimos dias, tendo sido abatido grande numero de carneiros para suprir essa falta.

Hontem, por exemplo, foram unicamente abatidas 4 rezes para os hospitais e 1550 carneiros. Hoje apenas 16 para embarque.

Como resultado destas cousas vendeu-se hontem nalguns talhos a carne de carneiro por elevado preço devido á sua falta havendo alguns que fecharam as suas portas por não terem que vender. Acresce a tudo a circunstancia de que o peixe serviu a operações puramente especulativas chegando a atingir preços elevadissimos.

Como amanhã entra em vigor a nova tabela de preço de carnes, na quinta-feira já não deverá haver falta dela no mercado. E a nova tabela traz pura e simplesmente um aumento de 200 reis em quilo!

O grande ciclone de Nova-York

é um dos maiores que se tem registado

NOVA-YORK, 14.—O horrivel ciclone de domingo ultimo teve efeitos terrificos. Até agora ha nota de 49 pessoas mortas e 32 desaparecidas. Nos hospitais foram recebidos centenas de feridos. O ciclone que durou aproximadamente vinte minutos fez-se sentir em todo o Estado de Nova-York. Não ha memoria de tempestade identica em toda esta região.—(Lat. Am.)

A situação irlandeza

parece ser encarada com optimismo pelo ministerio inglez

LONDRES, 14.—A maneira optimista de encarar a situação irlandeza dos ministerios ingleses é compartilhada por Collins que chegou hoje a Londres, o qual se negou a discutir a questão mas declarou que a situação dá agora esperanças duma solução satisfatoria.

Segundo os inimigos de Collins, este veio a Londres no proposito de pessoalmente manifestar o seu apoio á nova constituição irlandeza.

Conferenciará hoje com Churchill e mais conferencias se realisarão, pois o governo tenciona ser cuidadoso para evitar novos erros.

As eleições irlandezas terão logar na sexta feira.—(Lat. Am.)

A conferencia da Haia

A razão e o bom senso aconselham que se evite nova reunião inutil

Avisinha-se da conferencia a Haia: na proxima semana (dia 15) devem reunir-se os representantes das potencias que tomaram parte na conferencia de Genova (menos a Alemanha e a Russia) para examinar as condições em que os seus peritos poderiam negociar com a comissão russa, a partir do dia 26 de Junho, que é quando verdadeiramente deve começar a conferencia.

Poincaré entendeu que devia repetir o processo já adoptado em relação á conferencia de Genova. Assim como no dia 31 de Janeiro tornou publico o memorandum em que expunha os pontos de vista do governo francez em relação a Genova, assim agora dirigiu a todas as potencias aliadas e neutras um outro em que define a atitude da França, perante a nova conferencia. E' um documento extremamente lucido, em que sobresaem as eminentes qualidades dum jurista afamado como é o ex-presidente da Republica, com os rigores de dedução que parecem herança duma familia onde se destaca o nome Henri Poincaré, um dos mais ilustres matematicos francezes de todos os tempos. E comtudo certa imprensa ingleza — a mais afecta ao sr. Lloyd George—não se dispensa de atacar o sr. Poincaré, a quem acusa de querer torpedear a conferencia. Não percebemos a razão de tanto medo dum parceiro que, com tanta antecedencia patenteia, o seu jogo. Será por acaso mais correcta, mais leal, a politica de surpresas, de improvisos, a que nos tem acostumados o primeiro ministro inglez?

Para bem compreender a maneira de pensar—e de proceder—de Poincaré (porque este bem equilibrado ministro não costuma divorciar a acção do pensamento), util seria analisar ainda o seu grande discurso do dia 1 deste mez, resposta a quatorze interpelações sobre a politica externa, e que no dia seguinte era coroado com a votação de confiança, por 486 votos contra 96. Mas o extenso memorandum fornece assunto mais que suficiente.

Poincaré analisa as causas do insucesso de Genova, e procura formular as condições para que não se repitam as mesmas decepções. A conferencia, que devia assumir um caracter essencialmente economico—pois não se pretendia realisar a reconstrução da Europa?—foi principalmente politica, pela atitude tomada pelos delegados bolchevistas. Agora o sr. Poincaré pergunta: o que são os «representantes» convidados para a sessão preparatoria do dia 15: politicos ou diplomaticos? E ficarão fazendo parte, com os peritos, da conferencia que se deve inaugurar no dia 26?

Outra causa do insucesso foi o equivoco propositadamente mantido pelos russos. As potencias convidadas, em virtude da conferencia de Cannes, deviam aceitar os principios contidos na resolução de 6 de janeiro. O sr. Barthou, para evitar duvidas, desejava que os bolchevistas declarassem expressamente que aceitavam esses principios, mas o sr. Lloyd George e o sr. Schanzer, para evitarem esse desaire aos russos, concordaram em que a sua aceitação ao convite traduzia, implicitamente, a adesão a esses principios. Viu-se depois, quasi ao terminar a conferencia, como os russos entendiam a coisa: o seu memorandum de 11 de maio renegava completamente esses principios, recusando-se ao mesmo tempo a reconhecer as dividas, a restituir os bens confiscados, etc. Como conclusão, entende o sr. Poincaré que os sovietes devem retirar aquela nota «aliás a negociação encaminhar-se-ia a um novo choque, ou a uma capitulação da Europa.»

Fiquemos hoje por aqui, que pouco é. E digamos ainda qual é o objectivo que se propoz o sr. Poincaré, ao dirigir esse memorandum ás potencias aliadas e neutras. Foi consulta-las, sem qualquer compromisso de resolução futura, porque o sr. Poincaré ainda não resolveu sequer se irá ou não á conferencia preliminar: quem o ha de decidir será o parlamento, segundo declaração do primeiro ministro. A França não deseja sujeitar-se de novo a decepções como as que experimentou em Genova; e para isso deseja que seja fixado um programa e que se determinem as condições em que devem ser admitidos os bolchevistas que—confessa-o o proprio Lloyd George — foram quem torpedeou a conferencia. Para que correr a um novo malogro?

Theatro e Cinemas

Nota do dia

Morreu o filho querido de Mercedes Blasco! E esta noticia, vulgar na aparencia, que, para muitos, será tomada á conta de um simples caso de lutuosa, para os que vivem e privam com a gente de teatro, tem um significado bem diferente.

E' que, para tanta gente que dos nossos comediantes tem a errada noção de uma vida que se resume apenas em alegria e prazer, sem ser toldada pela mais leve sombra de um pequeno desgosto ou dissabor, a morte do pequeno Marcelo não sofrerá, quem sabe, mais que o comentario banal á actriz, que, erradamente, uma parte do grande publico não supõe ser mãe amantissima, capaz de muitos maiores sacrificios do que tantas outras, ela que, justamente, em virtude da sua profissão, vive uma vida inteira de sacrificios. Mercedes Blasco está bem neste numero e o seu amor maternal demonstrou-o por tal forma, vivendo exclusivamente para o seu doente, cuja vida, dia a dia, via fugir, que seguramente, na hora derradeira, o seu filhito, se lhe não poude traduzir todo o seu enorme reconhecimento, deve, pelo menos, ter-lhe pago num longo e doloroso olhar de martir toda a dedicação e todo o enternecido afecto que ela lhe tributou durante a sua curta vida.

Daqui lhe enviamos o nosso sentido pezar.

ALVARO LIMA

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Condenado».
AVENIDA—A's 9,15—«A Maluquinha de Arroios».
POLITEAMA—A's 9,30—«A menina virtuosa»

Teatro musicado

APOLO—A's 9,15—«Porto tantos de tal»
SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparotes».
CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 8,30—Animatografo e variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade
SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores

Nas garras do Dragão

Maria Walcamp, a gloriosa interprete deste colossal «film» de aventuras, continua mimoseando o publico com os primores do seu talento e da sua arte.

No 8.° episodio, intitulado «Nas muralhas de Pekin», que hoje se estreou na «matinée» do lindo Salão Central, é tão extraordinario o seu trabalho, que a enorme concorrencia que ali afluiu ficou como paralisada diante dos actos de verdadeira intrepidez, praticados pela maravilhosa artista.

O 8.° episodio repete-se no espectaculo desta noite, acompanhado do primoroso film «A menina do quarto 29», que o publico recebeu com o maior agrado, pela graciosidade e interesse da sua acção e pelo desempenho do seu protagonista, a cargo do insigne actor Frank Mayo, e ainda pela hilariante comedia em 1 acto «Desenhador de modas».

Guerra ou paz?

Os problemas internacionais

Escusado é dizer o que são os Congressos.

Hoje tais assembléias repetem-se a cada passo, tratando as mais variadas manifestações da actividade humana. Desde os economicos, aos puramente filosoficos, os Congressos estão sempre na ordem do dia, e preconizando-se nos arraiais catolicos a realisação de Congressos «paroquiais» que é o ultimo limite da divisibilidade social, repetem-se todos os dias Congressos sem fronteiras, Congressos internacionais. São a concretização da ideia cosmopolita: o primeiro passo para considerar o homem, como realmente é, cidadão do mundo.

Debalde, todavia tentarão os homens proclamar os dogmas imperativos da solidariedade, se afastassem as suas instituições do unico pensamento capaz de os unir e unificar:—a Caridade, o Amor.

Reunam os homens em Versalhes ou em Spa, em Genova ou na Haia, a cada uma dessas reuniões que a politica organisa sem bases, outra reunião se seguirá, e as dissenções serão cada vez mais graves. Blocos de Ententes, aliados ou germanicos, bolchevistas ou manchesterianos, os homens não se entenderão, como não se entenderam, em Babel. Contra os Lloyd George derrotados numa politica imperialista, levantar-se-hão sombrios os Schitcherines, até que outros venham por seu turno derrotar os moscovitas sombrios—pesadelo da Europa liberal.

Nós estamos, porem, numa epoca de tremendas transições, num caos palingenesico, e do esfacelamento politico e social da Europa—do que ninguem duvida já—tem que surgir novo estadio da civilização. Novos avanços serão feitos na ordem social, segundo a lei do progresso, e tenderão a realizar a independencia politica, social e economica do cidadão,—proclamados pelo liberalismo, mas incompletamente realizadas até hoje. Se o «liberalismo» considerado filosofica foi mau, não o eram as liberdades que tomou por pretexto; pelo menos ha a distinguir nele, como em tudo o que é humano, bom e mau.

Onde para o imperio da Russia? A' primeira vista parece não podia ser mais profunda a modificação social, nem maior o salto, do despotismo monarquico absoluto, ao comunismo.

Puro engano.

A autocracia dos Romanoff sucedeu a autocracia dos Lenines; ao «santo» sinodo, o soviet; o moujik permanece moujik; eis tudo.

Ora foi a Russia a inventora do Tribunal da Paz em Haia, donde a politica escorraçou ha vinte anos, o Papa—não consentiu que falasse da paz quem não dispunha de obuses e dreadnoughts

E a Russia espedaçada e revolta é hoje em Genova o obstaculo da paz, que em Genova proclama a eterna voz do Pontifice.

Os espiritos argutos sintetisam; reunem em poucas ideias fundamentais o que os banais e comesinhos necessitam diluir em palavrosas pormenorisações. Ora se, ilustrados com o pensamento catolico considerarmos o mundo e os factos sociais, podemos nós tambem erguer-nos sobre a propria mesquinhez do pensamento humano; mesquinhez, bem de ver, se a compararmos com o absoluto e o eterno, porque em si é nobre essa faculdade quasi divina:

Gloria a Deus, que num atomo resume
O pensamento, que transcende o espaço!

Iamos, porem, dizendo que toda a vida social moderna a podemos reduzir, por moção do espirito divino, a duas ideias unicas: Genova, e Roma.

Genova. A manigancia da politica; o poderio judengo do capitalismo; a revolta do espirito pervertido; os odios, as dissenções, os prenuncios de nova guerra; os bandos tumultuarios de povos que se entendem e aliam para guerrear outros povos: a soberba e o egoismo, a corrupção: isto é Genova.

Roma. Roma, é a união dos povos no Amor. Uma utopia? Talvez mesmo utopia que tem vivido seculos.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

SESSÃO DIURNA

A QUESTÃO DOS TRANSPORTES MARITIMOS DO ESTADO

Continua o debate acerca da liquidação da frota dos Transportes Maritimos do Estado. E' o sr. Cancela de Abreu que inicia o debate.

O orador faz a historia dos navios apresados á Alemanha e á Austria, referindo-se ao contracto que alegou á Inglaterra parte da frota apresada. O seu discurso é de ataque formal ao sr. Afonso Costa.

Da analise do Livro Branco o orador conclue que a Inglaterra não impoz o apresamento e, muito menos, o destino deles, depois de nacionalisados. O contracto foi, portanto, um negocio do sr. Afonso Costa e, segundo o orador, é legitimo chamar ao contracto os nomes mais feios.

Segundo o contracto os navios alugados deviam ter rendido mais de 2 milhões de libras; e os navios perdidos deviam ter sido compensados pelo seguro em mais de 3 milhões esterlinos.

O contracto rendeu, pois, em moeda portugueza mais de 51 mil contos, ao cambio da epoca, e mais de 263 mil contos, ao cambio actual.

Com citações dos jornaes da epoca, o sr. Cancela de Abreu demonstra ainda que o contracto estabelecem um preço de tonelagem inferior ao que então geralmente vigorava. O contracto deu, pois, um prejuizo consideravel ao Estado.

A maioria, nesta altura, tenta desnortear o orador e exclama:

—Tudo isto é um romance!

A minoria liberal, porem, dá apoio ao sr. Cancela de Abreu, que prosegue no seu discurso.

O contracto Furness—continuou o orador—pecou, pois, por dois defeitos capitais:

1.°—Calculo inferior da tonelagem;
2.°—Desharmonia entre o preço da tonelagem e o premio do seguro.

Para demonstração destas conclusões o orador define o que são as diversas especies da tonelagem. O contracto, feito com o parecer dos tecnicos, deu um prejuizo superior a um milhão de esterlinos ou mais de 15 mil contos, ao cambio da epoca ou de mais de 66 mil contos, ao cambio de hontem. As toneladas, que se perderam deram tambem consideraveis prejuizos. Fretes e seguros deram ao Estado um prejuizo superior a 2 milhões esterlinos, que hoje renderiam mais de 123 mil contos.

O orador, que fica com a palavra reservada, conclue esta parte do seu discurso atribuindo ás más condições em que foi negociado o contracto Furness com prejuizo total, para o Estado Portuguez, superior a 456 mil contos, ao cambio actual.

Passa-se á ordem do dia, continuando a discussão dos orçamentos.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio, secretariado pelos srs. Santos Garcia e Sousa Varela. Acta aprovada por 32 senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Afonso de Lemos requer a imediata discussão do projecto de lei n.° 83 isentando do pagamento de contribuição de registo de transmissão por titulo gratuito os bens moveis ou imoveis, cujo produto se aplique a fundação ou sustentação de institutos scientificos de utilidade publica ou destinados a trabalhos de investigação ou propaganda scientifica.

Falam sobre ele os srs. Artur Costa, Afonso de Lemos e Silva Barreto, que requerem a comparencia do sr. ministro das Finanças. Como s. ex.ª não esteja presente usaram ainda da palavra sobre o assunto os srs. Alves de Oliveira, Medeiros Franco, Godinho do Amaral e Machado Serpa.

A' hora de encerrarmos este extracto (17,5) continua no uso da palavra o sr. Machado Serpa.

Portugal na Exposição do Rio de Janeiro—Mais lenha para a fogueira que consome a nacionalidade!

O Estado, entre nós, assemelha-se a uma laranja de cera, muito bem pintada e luzidia na casca, mas cheia de podridão por dentro. A laranja é encantadora, á primeira vista; se, porém, levemente se destroe a camada superficial, logo o miolo esguicha, enchendo de maus cheiros o ambiente. Ora vejam o que se passa com a participação de Portugal na Exposição do Rio de Janeiro e digam-nos, depois, se não temos carradas de razão.

Todos os serviços da Exposição estão parados, inclusivamente os trabalhos de fundações dos Pavilhões Portuguezes. Os operarios brasileiros que no Rio de Janeiro trabalham por conta do Governo desta Republica modelar, foram despedidos, *sem que integralmente lhes fossem pagas as férias*. Pregou-se-lhe cão, como já disse *A Capital*.

E' tudo isto, porquê? Simplesmente porque as comissões parlamentares não dão andamento á proposta governamental para aumento da verba destinada ás despesas da Exposição. Que lhes havemos de fazer, nós, se êles não se entendem?...

O pior é que o paiz vai sofrendo com o escandalo de tantos desregramentos. Portugal vai passar pela vergonha de não comparecer na Exposição do Rio de Janeiro, depois de se terem dispendido 2.500 contos, que assim inutilmente arremessados na voragem dos desperdicios.

Agora é a comissão de finanças da Camara dos Deputados que retem a proposta de lei, com a insensibilidade de quem não compreende as tremendas responsabilidades do fiasco que se está a engendrar.

E foi para isto que Gago Coutinho e Sacadura Cabral arriscaram a vida, realisando a maior proeza aviatoria até hoje praticada!...

Crime de aborto

A policia de investigação está tratando de apurar o que de verdade ha sobre uma queixa apresentada contra uma parteira do Alto do Pina acusada de ter provocado um aborto em Maria da Conceição, residente no Poço de Cortes, nos Olivais. A acusada interrogada na policia negou terminantemente a acusação que lhe é feita, mas as testemunhas hoje inquiridas confirmaram a queixa declarando ainda que a parteira tem provocado outros abortos.

Em poucas linhas

Luiza da Conceição, calçada dos Barbadinhos, 150, r/c., queixou-se na policia contra Lucia da Conceição, que lhe furtou de casa a quantia de 60 escudos e varias peças de vestuario, tudo avaliado em 180 escudos.

Foi preso Daniel Miranda, rua da Atalaia, 176, loja, que pelo processo do conto do vigario furtou uma corrente e um anel de ouro, no valor de 120 escudos, a José Aleixo Duarte, rua do Machadinho, 36, 3.°.

Manuel Cabral, patio do Matias, 29, Algés, queixou-se contra Antonio Feijó, largo de Santos-o-Novo, 14, e Manuel Gomes, Vila Martins, Algés, acusando-os de lhe terem furtado um anel com três brilhantes, uma *mascotte* e um fio, tudo de ouro, no valor de 1.800 escudos.

O RAID LISBOA-BRAZIL

Os bravos aviadores portuguêses só amanhã proseguem no seu vôo

Por telegrama expedido da Bahia sabe-se que os bravos aviadores portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral que hontem amerraram a Porto Seguro, não poderam proseguir hoje na sua viagem devido ao mau tempo. Esperam os intrepidos aviadores estar amanhã em Victoria caso o tempo lhes permita levantar vôo.

Ao porto de Vitoria chegou hoje afim de dar assistencia ao «Fairey 17 o cruzador «Carvalho Araujo».

O cruzador «Republica» continua em Porto Seguro e saira dali logo que o hidro-avião prosiga na sua marcha.

Segundo comunicação recebida no Ministerio da Marinha em Porto Seguro tem chuvido torrencialmente so prando vento rijo e havendo grande ondeação.

O grande bodo aos pobres A subscripção aberta no Governo Civil está já em 78.262$65

O sr. Governador Civil de Lisboa recebeu hoje importantes quantias para a subscrição destinadas ao bodo que vai ser distribuido por 14.000 pobres em sinal de regosijo pelo feito heroico de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Ate ás 18 horas de hoje a subscrição estava em 78.262$65, tendo o funcionalismo do administrador do 2.° bairro subscripto com 1.500$70.

A tourada em Algés rendeu escudos 31.417$00 e teve de despesa cerca de 8.400 escudos ficando portanto liquida a quantia de 22.716 escudos que muito contribuiu para dar um extraordinario avanço á subscrição.

Estão já recolhidas quasi todas as listas dispersas por varios postos devendo as que faltam ser entregues até amanhã á tarde no gabinete do chefe do districto.

O selo comemorativo do Brazil só será emitido

Em resposta a consulta feita pela Associação Comercial sobre a creação de um selo comemorativo do «raid» aéreo dos aviadores portuguezes, o qual seria usado pelas nações amigas do Brazil, durante as festas do Centenario da independencia, o director geral dos correios do Brasil comunicou que não é possivel fazer a emissão do referido selo á vista do que sobre a materia dispõe a convenção, postal universal. De acordo com o que prescreve a convenção, o selo emitido por um paiz só póde ser usado nas correspondencias desse paiz, não sendo admissivel que se faça uma emissão de selo para circular simultaneamente em dois paizes.

Uma comissão de socios do Club Estefania, realisa no proximo dia 24, uma festa de beneficencia em homenagem aos heroicos portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Poeira da Arcada

O alto comissario em Moçambique tenciona demorar-se alguns dias na cidade do Cabo.

—Começou a funcionar o novo farol da Ponta do Pargo (Ilha da Madeira), com o alcance de 28 milhas.

—O sr. governador civil de Lisboa conferenciou hoje com o sr. presidente do Ministerio.

— O senador sr. Julio Ribeiro conferenciou com os srs. ministros da Justiça, Finanças e Guerra, sobre varios interesses do distrito da Guarda.

—Conferenciaram com o sr. ministro das Finanças, o seu colega da justiça e o sr. Adrião de Seixas, secretario geral do Banco de Portugal

Pelo Telegrafo

Convenção com a Russia

HELSINGFORS, 14.—Foi firmada nesta cidade uma convenção com a Russia para assegurar a tranquilidade na fronteira, estabelecendo-se uma zona neutra de segurança.—(Lat. Am.)

O emprestimo á Austria

LONDRES, 14. — O chanceler anunciou na camara dos comuns que o seguimento das negociações para o emprestimo á Austria habilitam-na a levantar o seu credito nos mercados e a iniciar negociações com as casas financeiras de Londres e New-York. (Lat. Am.)

Um tratado de extradição

LONDRES, 14.—O tratado da extradição existente antes da guerra entre a Inglaterra e a Hungria foi renovado.—(Lat. Am.)

A viagem do principe de Galles

LONDRES, 14.—O «Renoure», tendo a bordo o principe de Galles partiu ontem de Port-Said para Plimouth.—(Lat. Am.)

A embrulhada chinêsa

TIEN-TSIN, 14.—Está-se dando um violento combate na visinhança de San Haitusay ao nordeste de Pekin. O comboio internacional está impedido de transitar.—(Lat-Am).

A Provincia na "Capital,,

CASTELO BRANCO, 13.—O grupo dramatico dos alunos da Escola Industrial do Reforma, de S. Fiel, realisou ante-ontem a sua estreia no nosso magnifico teatro levando á scena «A filha da Senhora Angot», «Sacristia e Mugalu» e «Arte nova», cujo rendimento, muito importante, reverteu em beneficio do Asilo dos velhos da Santa Casa da Misericordia desta cidade.

O desempenho foi o melhor que podia ser sendo por isso alguns numeros bisados a pedido da numerosa e distinta assistencia dispensando constantes aplausos aos dedicados rapazes que, uma vez mais, souberam merecer as mais justas simpatias do publico albicastrense pelo seu excelente porte e disciplina, provando assim plenamente a boa e esmerada educação recebida naquele importante estabelecimento do Estado, graças aos dedicados esforços e provada competencia do seu digno director, sr. dr. José Ramos Preto e dos seus colaboradores.

—Nos proximos dias 29 e 30 e 1 de Julho, realisar-se-ha nesta cidade o congresso da construção civil, estando o respectivo sindicato local tratando da casa para a reunião do congresso.

As memorias do ex-kaiser

compradas por mais de trez mil contos de réis

BERLIM, 14.—O Sindicato jornalistico Machere e os editores Hasper Brothers compraram os direitos exclusivos das «memorias do ex-kaiser» por 250.000 dollars.

A publicação por séries começa no dia 1 de setembro.—(Lat. Am.)

A França

tomará parte na Conferencia da Haya

PARIS, 13.—Segundo resolução do Conselho de ministros a França tomará parte na conferencia da Haya. O sr. Benoist, ministro da França na Haya será o chefe da delegação acompanhado de perito. Sómente o chefe assistirá á conferencia preleminar de 15 do corrente, e os peritos chegarão no dia 25.—H.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações	
Londres, cheque.	4 1/8—	4
» 90 dias.		— 4 3/16
Paris, cheque.	1145—	1181
Suissa, cheque.	2477—	2555
Belgica, cheque	1070—	1104
Italia, cheque.	650—	672
Berlim, cheque.	41—	45
Holanda, cheque.	5060—	5220
Madrid, cheque	2047—	2112
New-York, cheque	12960—	13385
Brazil, cheque.	58—	62
Austria, cheque.	1/2—	1 1/2
Noruega, cheque.	2276—	2312
Suecia, cheque	3338—	3451
Dinamarca, cheque.	2865—	1908

Libras . . . . . 64$000 — 66$000

A escravatura em Africa

denunciada pela imprensa ingleza que a tem em casa

ROMA, 14.—A imprensa ingleza refere-se á escravatura ainda existente na Abissinia. A legação ingleza tem tambem escravos ao seu serviço.—(Lat. Am.)

Musica

Academia de Amadores de Musica

No seu salão realisa amanhã, pelas 21,30 horas o 153.° concerto em que tomam parte os mais distintos amadores e professores de canto, violino, piano, violoncelo e viola de amor, tocando-se trechos de autores consumados conforme o programa que já publicámos.

Interesses de Angola

No gabinete dos *reporters* do Governo Civil foi hoje recebido o seguinte despacho telegrafico, copia de um outro remetido ao sr. ministro das Colonias:

LOANDA, 13 — Apoiamos energica e entusiasticamente as resoluções enviadas telegraficamente a v. ex.ª pela Associação Comercial sobre a campanha dos Altos Comissarios. — (a) *Associação Comercial de Luanda.*

Outro telegrama identico foi expedido de Benguela e assinado pelas forças vivas daquela colonia.

SPORT

MEMORIAS DO ATHLETA
RUY DA CUNHA

III

No Ginasio e no Coliseu

«On revient toujours a ses premieres amours...»

Foi o que sucedeu comigo.

A minha passagem na pista, o «turismo» em bicicleta, o jogo das armas onde, aliás, eu tinha um otimo logar, não me faziam esquecer os exercicios de força.

Arthur dos Santos professor de jogo de pau

Um dia vendi a bicicleta, deixei de frequentar o centro de esgrima e comecei a treinar com toda a força.

Em pouco tempo arranjei uma musculatura extraordinaria para o meu peso. Com 67 quilos tinha 42 centimetros de braço, e 37 de antebraço, o que constituia um «record».

Fazia 30 quilos ao «bras tendu», e 70 quilos ao «devissé».

Comecei a trabalhar dentro do Ginasio Club, até que um dia, numa festa no Coliseu não podendo ir, como de costume, o Taylor, fui eu convidado.

Este, que era muito forte e corpulento, tinha grande popularidade, pela forma como se apresentava em publico.

Camisola vermelha, com mangas tufadas, pantalonas de malha preta, barba á «Guise», fazia lembrar o retrato de Francisco I..

O confronto para mim era mau. Trabalhei e o publico aplaudiu; a imprensa, no dia seguinte, disse que «se apresentara um numero de força com elegancia pouco vista em atletas».

Fiquei sendo então o atleta oficial do Real Ginasio Club, e sempre que, durante classes, algum visitante masculino, mesmo creança aparecia, o Carlos Xafredo, director-perpetuo, e chamava-me; o Carreira punha a geito o alter de 60 quilos, que só pesava 58, e eu levantava o peso.

Era uma especie de menino prodigio, e que á primeira vista parecia educadinho...

Apesar de trabalhar com afinco com os pesos, fazia muita ginastica de classe, a melhor, a meu vêr, para um harmonico desenvolvimento do corpo, isto em que pese aos varios sabios da moderna geração... Montei com, Cesar de Melo, um numero de acrobatas, o primeiro que no genero se apresentou em publico por amadores, decalcado pelo dos «Irmãos Alessons». Foi um sucesso.

Quando trabalhei pela primeira vez no Coliseu, levei uma camisola de malha aberta ao lado e umas botas á romana.

A má lingua achou feio, pouco proprio para um amador, etc., mas nos saraus seguintes, todos os amadores foram de malha...

A volubilidade das coisas humanas...

Trabalhei em mais alguns saraus do Real Ginasio, em duas festas de caridade promovidas pelo infante D. Afonso, e recebi dois convites para trabalhar em Coimbra e na Guarda.

Ambas as festas eram de caridade e o produto liquido para os tuberculosos.

A Coimbra fui com Cesar de Melo, Boavida, João de Brito, Borges da Costa e João Gagliard.

Creio que os tuberculosos não receberam nada, visto que a respeito do produto liquido só vi os liquidos mais ou menos ardentes que ingerimos durante a estada ali, debaixo da direção do inolvidavel Pad Zé...

Na Guarda, fui com Germano Martins, Warter, Awata, Artur dos Santos, Brito, Justino, e um grupo de cavaleiros, entre eles Antonio Correia e Eduardo Macedo.

Trabalhou nesta festa um atleta chamado Neves, professor de instrução primaria, forte bastante.

Tinha sobre alimentação a seguinte ideia: que o corpo era uma maquina, que precisava só de carvão e agua.

Quando estava cançado bebia agua com assucar e ficava fino... dizia ele.

Não sei se ainda hoje terá o mesmo pensar, mas se assim é ha-de ter sofrido muito com o sistema das bichas para o assucar...

Entre os amadores desse tempo, destacavam-se Ornelas Hopps, Loreto, Alves Afonso, que sem levantaram pesos grandes, eram contudo homens fortes.

RUY DA CUNHA

(Continua).

Aos cavaleiros do Sol,

ultimos marinheiros da Armada do Infante de Sagres, Cabral e Coutinho

Do poeta João Botto de Carvalho publicamos hoje os notaveis versos escritos a proposito do «raid» levado a efeito pelos dois ilustres marinheiros Gago Coutinho e Sacadura Cabral:

Onde começa e onde acaba a nossa Historia?
—Onde começa o Mundo e aonde o Mundo acaba,
Onde o Sol se levanta, aonde o Sol descaba...
O tempo e o espaço—os dois factores da nossa gloria.

Quando as primeiras caravelas se fizeram
A caminho do Mar e Terra de milagres
Na face do Infante as lagrimas correram...
Tinha principiado o cantico de Sagres.

E quando ao fim da tarde a linha do horisonte
De novo se puzera a confundir nos ceus
O Infante ajoelhando e alevantando a fronte
Ergueu as mãos ao ar e suplicou a Deus.

E nesse gesto que rasgou um largo traço
No azul rubinisado em direcção ao poente
Fez-se o prenuncio do caminho pelo espaço
E a Ideia nasceu no coração da gente.

Depois morreu o Infante. E em sonho insatisfeito
Portugal realisa o plano que ele traça.
Em linhas se escreveu no mapa o nosso feito
E Camões escreveu o poema da Raça.

Evohé, Evohé! gritava a populaça
Hemos vencido o Mar e a Terra de milagres!
... Mas faltava acabar o poema da Raça,
Estava por acabar o cantico de Sagres.

Nos loiros da Victoria a Ideia adormeceu.
E foi agora, e foi ha dias no instante
Em que se recordou o caminho do Ceu
Que reviveu em nós a alma do Infante.

E o vaticinio incompreendido realisou-se,
E a estrada do azul percorremo-la nós.
Do rio a nave parte e vai como se fosse
Na benção e sorrir das naus suas avós.

Grácil como a gaivota e serena e tranquila
—Um berço de criança a baloucar de amor—
Domina e vence e não recua e não vacila
Ao ver ressuscitar o velho Adamastor.

Dentro da nave—Cavaleiros do Sol nado—
Dois corações de portuguezes vão batendo,
Levam o olhar no Sol—o mesmo espaço andado,
E á mesma fé e á mesma força obedecendo.

Dois corações de portuguezes... Minto, um só:
O coração de Portugal batendo forte,
Pairando no mais alto onde não chega o pó
E onde se vê mais perto o triunfar á Morte.

O Sol batendo em cheio iluminando a nave
Sobre as ondas projecta a Sombra colossal,
A sombra duma Cruz forte, serena e grave
—A benção dada ao Mar p'lo velho Portugal.

E assim abençoando a nave poisa emfim.
Perde-se para traz o Mar dos Portuguezes.
E' mais uma epopeia a que chegou ao fim
Como chegaram já as outras tantas vezes.

Vencido o Mar, no Ceu fizeram-se os milagres,
Evohé, Evohé, escutai a populaça.
Acabou finalmente o cantico de Sagres!
...Falta ainda acabar o poema da Raça.

Ide e rasgai a folha onde escreveram: Fim.
No poema de Camões onde se aprende a Historia.
Não se pode fechar um livro aonde assim
Como outrora inda hoje existe a nossa gloria.

E rasgado esse fecho acrescentai-lhe então
Em letras d'oiro e sobre a folha em pergaminho
Estas palavras só e que por si já são
Dos nossos corações a suprema oração
D'amor:—Sacadura Cabral, Gago Coutinho.

E á geração futura, a geração que passa
Deixará terminado o poema da Raça.

JOAO BOTTO DE CARVALHO

Sociedade de Radioactividade, L.da

Perante o notatario abaixo assignado e por escritura hoje lavrado a fl.° 94 do respectivo livro n.° 357 B, foi constituida entre: drs. Carlos Pires, José Alberto de Faria, Francisco Pulido Valente, Francisco Benard Guedes e Ernesto Roma, uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.°

A Sociedade adopta a denominação de Sociedade de Radioactividade, L.da e tem a sua séde em Lisboa na Rua do Corpo Santo, 40—3.°, ou em outro qualquer local em que os socios acordem.

2.°

O seu objecto é o da aquisição de radio, outras substancias radioactivas, do aparelho do raio X e ainda o de criar todos os estabelecimentos que se julguem necessarios a aplicações terapeuticas ou outras. A sociedade poderá fazer a terceiros a cedencia parcial ou total de material radiotelegrafico ou de substancias radioactivas que possua, bem como da respectiva exploração.

3.°

A sua duração é por tempo indeterminado. Havendo-se como começada em 1 de Maio de 1922.

4.°

O Capital Social é de 352.000$00 correspondente á soma das cótas dos socios que são as seguintes:

Uma de 60.000$00 pertencente ao dr. Carlos Pires, uma de 33.000$00 pertencente ao dr. José Alberto de Faria, uma de 27.000$00 pertencente ao dr. Francisco Pulido Valente, uma de 135.000$00 pertencente ao dr. Francisco Benard Guedes, uma de 97.000$00 pertencente ao dr. Ernesto Roma, todas já integralmente realisadas.

5.°

A cessão de cotas fica dependente do consentimento da Sociedade, a que se reserva, em todo o caso, o direito de preferencia; este direito, não querendo ou não podendo a Sociedade usar dele, pertencerá áquele que mais der sobre o valor a que se alude no § unico desta clausula.

§ unico. — O direito de preferencia referido neste artigo exercer-se-ha pagando-se a cóta respectiva, de pronto pelo valor que ele tiver no ultimo balanço dado e aprovado, ou, não havendo balanço, pelo valor nominal dela, acrescendo-lhe, em qualquer destes hipoteses o juro de 5 % anual em relação ao tempo decorrido do ano social em que a cessão se verificar, como compensação de lucros correspondentes a essa parte do ano.

6.°

O socio que quizer ceder a sua cóta assim o comunicará ao gerente, declarando-lhe o nome do adquerente.

O gerente, dentro de quinze dias, convocará a Assembleia Geral dos socios, e estes resolverão sobre se a Sociedade consente ou não na cessão, e, no caso afirmativo, se ela deve ou não optar.

Consentindo a Sociedade na cessão e não optando, resolverão, no mesmo acto, os socios sobre se, individualmente, alguns deles opta nos termos subreditos.

Nos dez dias seguintes á reunião será dada a resposta ao socio cedente o qual poderá desde então, se a Sociedade lho consentir e não houver quem opte, realisar a cessão que tiver ajustado.

Havendo opção, esta efectuar-se-ha pela realisação da correspondente escritura no praso de cinco dias depois dos dez referidos; ou se o cedente a tal se recusar, por meio de acção e consignação, em deposito que o optante prepara, cuja sentença deverá produzir todos efeitos emergentes da cessão.

Não haverá prestações suplementares; mas qualquer dos socios poderá emprestar á Sociedade as quantias de que esta necessite, mediante o juro anual correspondente a taxa de desconto do Banco de Portugal mais 1 %.

§ unico— O levantamento destas quantias não se poderá fazer senão com o aviso previo de seis mezes.

8.

A gerencia de todos os negocios da Sociedade e a representação desta em Juizo e fóra dele, activa e passivamente, são exercidas por um só gerente, ao qual ficam conferidos os mais amplos poderes.

§ 1.°—Para este cargo, com a remuneração de 2 o/o da receita liquida e com dispensa da caução, é nomeado desde já, o socio dr. Ernesto Roma, que será o unico que poderá usar da denominação social.

§ 2.°—Havendo empate nas votações pertence ao gerente o voto de desempate.

9.°

Nos impedimentos do gerente a gerencia será exercida por outro dos socios que, para tal fim, a Assembléa Geral eleja.

10.°

As Convocações das Assembleas Geraes serão feitas mediante cartas registadas dirigidas aos socios, para as moradas que constarem na séde da Sociedade, com cinco dias de antecipação.

11.°

O balanço será anual, referido a 31 de Dezembro de cada ano.

12.°

Os anos sociais serão os anos civis.

13.°

A escrituração andará sempre em dia e regularmente arrumada.

14.°

Dos lucros liquidos, resultantes dos respectivos balanços, deduzir-se-ha a percentagem para fundo de reserva legal que a Assembléa Geral deliberar, nunca inferior a 5 o/o e a 2 o/o já mencionados para o Gerente e o restante será dividido pelos socios na proporção das suas cotas.

15.°

A Sociedade dissolver-se-ha nos casos da lei.

16.°

A morte ou interdição de qualquer dos socios não importará a dissolução da Sociedade, que continuará com os restantes, amortisando-se a cota do socio falecido, ou interdito, pelo pagamento aos seus herdeiros ou representantes, do valor da cota respectiva apurado por um balanço especial a que se proceda com a intervenção de todos os interessados, (socios e representantes dos socios falecidos ou interdito) e que deve estar concluido no prazo maximo de 30 dias a contar do falecimento ou da sentença de interdição.

§ unico—A Sociedade poderá efectuar o pagamento a que alude este artigo ou de prompto ou no prazo maximo de um ano, em prestações trimestrais e eguaes com o juro anual de 6 %, dando garantia idonea do mencionado pagamento.

17.°

Em qualquer caso de dissolução da Sociedade se procederá a esta e á correspondente liquidação nos termos do direito, ficando, porém, estabelecido o direito de licitação, em globo, do activo e passivo da Sociedade, entre os socios, fazendo-se a adjudicação, se houver licitante ou licitantes, ao que mais oferecer, e sendo os restantes pagos de prompto e em dinheiro do que lhes pertença na Sociedade.

18.°

Para todas as questões emergentes deste contrato, fica estipulado o foro da Comarca de Lisboa.

19.°

Em tudo o mais regularão as disposições da lei aplicavel e designadamente as da lei de Abril de 1901.

Lisboa, 2 de Junho de 1922.—O Notario, *José Paes de Noronha Galvão.*

Associação dos Escoteiros de Portugal

«A A. E. P» foi convidada a fazer-se representar na Conferencia de Paris, estando indicados como seus representantes:

Dr. Tovar de Lemos—Presidente da C. E., Escoteiro Chefe e Professor da Escola de Chefes.

Dr. Luiz Passos — Director da Escola de Chefes.

Dr. Luiz Passos—Director da Escola de Chefes.

Amancio Salgueiro Jr.—Chefe Geral dos Serviços Administrativos.

Eduardo Moreira — Secretario da C. E.

Joaquim Borrego—Comis. da 2.ª Divisão e da Zona de Lisboa e Professor da Escola de Chefes.

Diniz Curson — Comis. da 3.ª Divisão, Professor da E. Chefes e Comissario Internacional.

Lima Basto—Comis. da 1.ª Divisão e Professor da E. de Chefes.

A A. E. P. recebeu convite dos Escoteiros da Tcheco Slovaquia para um jamboro a realisar em Praga em fim de Junho.

Devendo em breve realisar-se na Belgica uma exposição de Escotismo e tendo a A. E. P. sido convidada por intermedio do sr. Antonio Doria, devem os Grupos que desejem concorrer, dirigir-se á Comissão Executiva. R. Ivens 103; julga-se desnecessario encarecer as vantagens que da participação na exposição nos advem.

Tendo o C. N. resolvido que a A. E. P. se fizesse representar na Exposição do Rio de Janeiro, os Grupo devem enviar á C. E. tudo quanto lhes pareça interessante para lá figurar.

Foram nomiados: Dr. João de Barros Delgado do Grupo n.° 11 ao Conselho Nacional.

Marcelo Alves Caetano—Secretario do Serviço de Organisação e Propaganda.

Henrique de Barros—Idem do Serviço Internacional.

Manuel Jacinto Pacheco de Medeiros—Adido á Secretaria Geral.

Foram aprovados pelo C. N.

a) o plano de uniformes, o qual será oportunamente publicado, achando-se todavia desde já a Secretaria Geral apta a prestar todos os esclarecimentos sobre este assunto e a fornecer os artigos que forem requisitados;

b) o plano e programa da Escola de Chefes, que se publicará oportunamente.

As colheitas na Europa

As colheitas na Europa, segundo tudo o indica, serão razoaveis na Alemanha, Belgica, França, Hungria Italia, nos Paizes Baixos e na Polonia. Lastima-se, em geral, um atrazo muito sensivel no desenvolvimento dos cereaes, determinado pelo frio e pela humidade excessiva, principalmente durante o mez de abril.

As culturas desenvolvem-se regularmente na Inglaterra e na Irlanda e em excelentes condições na Bulgaria.

Quanto ás superficies semeadas de trigo e centeio, não se assinalam variações sensiveis em relação ao ano passado para os paizes dos quaes nos teem sido fornecidos dados.

Higiene Individual

Realisa-se hoje, 4.ª feira, ás 21 h. na Sociedade Nativista, R. da Madalena, 225-1.° a 2.ª lição do curso de higiene pratica pelo sr. Horacio Inglês Tavares, tratando dos seguintes assuntos:

A Digestão

Fome e apetite. — O que devemos comer e beber, onde e quando, e como se devem cosinhar os alimentos. — Como se deve mastigar.—Orgãos da digestão. — Diversos actos por meio dos quais se realisa a digestão.—Como se efectua normalmente a digestão.—Regras para auxiliar a digestão.—Digestão anormal —Cinzas organicas.—Preceitos que se devem seguir para gozar boa saude.

Entrada franca.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

OS NOIVOS

por JULIO CESAR MACHADO

—Oh! Cale-se! balbuciou Carmo. Para que insiste em perder-me, que tanto vale insistir nesse amor? Pode esquecer porventura quanto a minha posição é delicada e que até o escutá-lo é o oprobrio da minha alma? O que póde autorizá-lo a uma ousadia como a que neste momento me enche de sobresalto da sua parte? Não lhe fugi eu sempre, não tenho acaso evitado todas as ocasiões de o avistar no mundo? Que direitos encontra num amor tão condenavel como o seu, a sacrificar-me perante a minha consciencia e, talvez, quem sabe, perante a minha familia — mais tarde perante a sociedade! Até que ponto me cumpre ser delicada comsigo, visto que tão mal interpreta a minha timidez?

—No momento em que da primeira vez a vi, adivinhou-me o coração que ia adorá-la. Dir-se-ia que a primeira vista, que os seus olhos me lançaram, era um filtro para me encantar. Amei-a desde então e senti nesse instante um vago terror pelo futuro. A desgraça preside sempre ao meu destino: deve estar maldita esta existencia que me pesa. Se soubesse, Carmo, com que prudencia evitei sempre que o mais leve olhar, o mais leve gesto, o mais simples tom de voz, denunciassem ao mundo o meu amor por si? Se pensasse, o que seria preciso de coragem e de arte para ter a força até de desdenhar de si, eu, que me prostro e a adoro! Não ha futuro para mim, senão o que se lê nesses olhos apaixonadamente negros na tepida palidez do seu rosto, nesse oval melancolico e belo, nos seus cabelos abundantes e soberbos, no sorriso como que doente e terno, no ardor inquieto e nervoso que respira em si!

—Por Deus lhe peço, parta, deixe-me, esqueça-me! Nada houve, nada ha, nada pode haver entre nós, e contudo a vergonha está já em tudo isto. Parta sem olhar para traz, sem se lembrar mais desta noite em que Deus parece ter desamparado a terra da sua misericordia, abandonando-me a um capricho fatal. Meu marido vai voltar dentro em pouco e é preciso que eu possa aparecer-lhe ainda digna dêle. Esperar, seria uma loucura: esperar o quê? Chore-me, ou esqueça-me, mas suponha-me morta!...

—E para que havia eu de viver então? A gloria não me atrae, nem me fascina. Que poderia eu esperar dessa palida consoladora das grandes almas, que o mundo não entende? O meu amor espera, Carmo: se não esperasse, morria eu com êle. O genio não é apenas a inspiração, o amor não é apenas a chama; o amor e o genio são tambem a paciencia: é preciso passar pela cruz para ser Deus!

—Chegámos a Paço de Arcos! disse Carmo. Como ha de ser agora, senhor?

—A carruagem vai sobre a areia, o cocheiro não me sentirá saltar! Antes de partir, porém, diga que me perdôa!

—Digo-lhe só, que não procure ver-me mais!

—E nem uma palavra de amor?

—Insiste em esquecer que não sou livre? Oh! prometa que não fará a mais leve tentativa de me encontrar de novo!?

—Não. Não prometo, porque a amo! Hei de vê-la, Carmo! Ha de encontrar-me sempre no seu caminho, porque êste amor está no meu destino e porque é Deus que mo diz, sou amado por si!

—Oh!

De um salto rapido, Carlos Eduardo atirou-se á estrada. A carruagem continuou a rodar surdamente e parou instante depois. Ninguem dormia em casa. Carmo encontrou as criadas de pé e Amelia á cabeceira de sua mãe; a viscondessa, havendo-lhe repetido o ataque, achava-se perigosamente enferma. Esperava-se a cada instante o medico, a quem se enviara recado para Lisboa. O quarto estava ás escuras quasi. A chama de uma lampada parecia expirar por momentos no seu globo de cristal. Pelo tapete de que estava coberto, o sobrado absorvia o menor ruido. Quando se escutava a doente, via-se que uma respiração de abatimento e de febre a agitava e a oprimia. O olhar vago, tinha um brilho sombrio. Os labios estavam roxos. A expressão da sua fisionomia decomposta não deixava esperança. Carmo chegava do baile e encontrava a morte.

O medico chegou pouco depois. Era aquele mesmo amigo de Gonçalo, que neste conto apareceu já. Os esforços sublimes que empregara, para vir depressa, nada valeram, todavia; a viscondessa expirava no momento dêle aparecer.

—Perdi minha mãe! exclamou Amelia, entre soluços, abraçando-se-lhe.

—Tudo me abandona! disse afliticvamente a noiva, escondendo a fronte no seio de sua irmã. No espaço de alguns meses, tenho visto cairem uma por uma as minhas superstições e as minhas alegrias! Uma unica esperança me restava e já essa mesma se quebrou! A' medida que as deslusões e as amarguras iam experimentando a minha coragem, tinha eu a alegria ao menos de dizer que a alma de nossa santa mãe seria o meu refugio contra êste mundo. Agora, mais do que nunca, sinto medo da vida!

—Tu não podes ter a culpa, minha pobre irmã, nem das circunstancias nem dos acontecimentos; fique pura a tua consciencia no centro da desventura e dos revezes!

—A minha consciencia... Mas, é ela que me assusta, Amelia! Se o espelho reproduzisse os pensamentos, que são as imagens da alma, como reproduz a imagem dos corpos, bastaria um espelho para me perder!

O medico, tomando Carmo de parte, disse-lhe ao ouvido:

—A morte não separa, torna a unir o que estava separado. Ha alguma coisa mais fatal ainda do que perder mãe: é envergonhar-lhe a memoria.

—Que significa?

—E' isso que devo preguntar-lhe: o que significa encontrar eu, quando para aqui me dirigia, Carlos Eduardo perto desta casa a semelhante hora da noite?

Carminho demorou vagamente a vista na do medico, não se atrevendo sequer a desviá-la. Um indefinido terror se apoderou da sua alma e sentiu pela primeira vez o frio da vergonha gelar-lhe os labios.

—E' preciso escrever amanhã a Gonçalo, continuou o medico, e chamá-lo a esta casa. Eu cheguei tarde para a vida da mãe: não chegue êle tarde para a honra da filha!

—Doutor! exclamou Carmo, cobrindo a figura do medico com um olhar glacial. Que se atreve a dizer-me?

—O que a sociedade me tem dito a mim, o que uma carta de Gonçalo me preguntou hoje ainda e o que eu vi esta noite, eu proprio!

Quando Amelia escutou de sua irmã a confissão de toda a historia dessa noite, abraçou-se a ela chorando, e consolou-a por esta simples frase:

(Continua)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL

DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouro, 18 a 24

PORTO — 28, Praça da Liberdade, 29

Rua do Comercio, 136 a 140

Mario Duarte

Cirurgia da boca e dentes

P. RESTAURADORES, 13

Telef. 814 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.° e 2.°

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Estremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Vianna do Castelo, Villa Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue de Helder, 8, Londres 37 B Throgmorton Street, New York 28 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Thomé, Principe, Cabinda Kinshasa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Parahiba, Pará e Manaus.

Recomendam-se as Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banco Colonial Português

Séde:—Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR.—**Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: Escudos 100.000:000$

CAPITAL EMITIDO: Escudos 10.000:000$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL
e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no Paiz e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.°

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.° 2293
Fabricas — Paio Pires n.° 16
Armazens — Poço do Bispo, n.° 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.° 106, 2.°
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada

FABRICAS: No Seixal, "Moinho de Breyner"

DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Ruas, Pampilhosa do Botão e Leiria

AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamo-los a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias

Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha) — Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha) — Turbinas, instalações de ceramica, etc.

Usines Beduwé S. A. Liége (Belgica) — Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia) — Maquinas-ferramentas

Rudol & C.° Dresden (Alemanha) — Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha) — Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa) — Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia) — Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS

Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS

de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT

Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos

SECÇÃO CORKY

Pavimentos sem juntas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificos

Diario Republicano da Noite

N.º 4105 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5 | LISBOA — Quinta-feira, 15 de Junho de 1922 | Telefone n. 2233 — Endereço tel. CAPITAL | Oficina de Impressão — Rua da Rosa, 71 | Preço 10 centavos

Um aperto de mão

Chegaram hoje á Vitoria os aviadores e segundo todas as probabilidades deverão pousar amanhã nas aguas do Guanabara, defronte da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. O raid ficará integralmente cumprido e esta suprema manifestação da vitalidade portuguesa terá tido uma feliz solução.

O que toda a nação portuguesa pensa ácerca deste feito é bastante conhecido. A forma por que o Brasil e o resto do mundo têem apreciado a tentativa de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, é tambem sobejamente do dominio publico. Mas que profunda e doce emoção será a dos aviadores ao terminarem a sua façanha!

Amanhã, nas aguas placidas e resguardadas que vão da ilha das Enxadas ás penedias de Nictheroy, Gago Coutinho e Sacadura Cabral, antes que se aproxime a numerosa multidão que vae prestar-lhes uma soberana homenagem, terão dois minutos supremos. Chegaram! E poderão apertar-se legitivamente as mãos profunda e serenamente comovidos com os olhos aureolados pelo intenso clarão do triunfo e do orgulho.

São dois Homens. E tanto maiores numa terra onde eles vão desaparecendo a olhos vistos. E devem tambem ter sofrido porque não são dois rapazes. E' natural que neles a filosofia da vida decepliciada por uma ansiedade superior, lhes traga nesse momento supremo da realisação consumada, dois segundos de pensativa melancolia. Os homens que em tantas vezes viram a morte tão perto, que lutaram contra ela e que foram fortes como ela, não tendo na realidade amor pela vida, não podem evidentemente sentir uma parcela de vaidade.

Enquanto os vitoriarem num espantoso clamor fremente de entusiasmo, quasi visinho da loucura, porventura roçará por eles o desanimador pensamento de «á quoi bon?» e a salomanesca vaidade das vaidades que apregoa como um dobre a inutilidade de todos os esforços virá bailar lhes nos ouvidos. Por isso Gago Coutinho e Sacadura Cabral, homens ilustres, representantes da sua patria e dos seus maiores, realisando um acto absolutamente fóra de todas as banalidades,—são talvez os dois unicos portugueses que neste momento não compreendem a grandeza do seu raid. E isso explica a surpresa quasi magoada com que eles acolheram os primeiros entusiasmos nascidos das suas primeiras proesas e ainda hoje não concebem que tanto barulho se tenha feito em torno dum facto que eles consideram duma simplicidade limpida.

Poderão os aviadores pensar assim Mas de facto as coisas desenrolaram-se e desenrolam-se de maneira diferente e nesta ultima «etape» que termina amanhã, o mudo aperto de mão dos dois bravos deve trazer a estes dois homens a convicção irreductivel de que além de toda a sua modestia, além de toda a sua voluntaria indiferença, uma coisa subsiste que parece muito certa mas é espantosamente grande: ficaram nas paginas da Historia de Portugal.

A primeira zona polaca

Passa a ser ocupada por tropas nacionais

VARSOVIA, 15 — Na proxima segunda feira os exercitos aliados deixarão a primeira zona polaca constituida pelo distrito de Kattowitz que será ocupado pelas tropas polacas. —(Lat-Am).

As operações em Marrocos

O alto comissario telegrafa

MADRID, 15. — O alto comissario de Marrocos telegrafou dizendo que no territorio de Larache foi atacada a aguada de Yerban, ficando alguns soldados feridos. No territorio de Melilla foram encontrados cerca de Had-el-Morat quinze cadaveres que foram enterrados.

De acordo com os rebeldes foi desembarcado na praia proximo de Alhucemas um comboio de viveres para os prisioneiros.—(Lat-Am).

PORTUGAL Á VELA!...

Vida mais cara ainda, eis a que nos conduzirá a obra de desnacionalisação de Angola!... E S. Tomé, vai tambem para a voragem?...

Demonstrámos ontem, sem possibilidade de contestação, a perfeita concordancia entre a noticia contida no celebre telegrama da *Agencia Latino-Americana* e as declarações feitas pelo sr. ministro das Colonias no Parlamento. Verificou-se que era realmente verdade que o Alto Comissario em Angola alterara o estatuido no regimen do diferencial de bandeira, no intuito de arrecadar para o tesouro colonial uma parte das cambiais que até então eram concentradas em Lisboa. As consequencias imediatas para a metropole (dissemos nós) seriam uma maior desvalorização da moeda nacional com aumento proporcional no custo da vida e a aceleração da marcha para a bancarrota geral, para onde vamos caminhando numa inconsciencia de simio prestes a afogar-se. O sr. ministro das Colonias expoz ideias que fundamentalmente não diferem das nossas, resumindo assim, em pleno Parlamento, as consequencias que prevê com a adopção das medidas decretadas pelo Alto Comissario em Angola:

«Devo tambem acrescentar que é natural que, com tais medidas, a metropole sofra nas vantagens de que gozava até aqui, pois *é natural que o porto de Lisboa veja diminuido o seu trafego* e, porventura, *algumas cambiais deixem de afluir aqui.*»

Os preclaros legisladores ouviram tudo isto e... calaram-se. Ou não entenderam ou simularam não compreender. E' um cumulo, em qualquer das hipoteses!

A questão é, porém, muito mais grave do que á primeira vista se afigura. E' que a influencia da providencia legislativa do Alto Comissario em Angola pode ter, rapidamente, quasi instantaneamente, uma acção decisiva na depressão cambial, fazendo baixar a divisa pouco superior a 4, que hoje domina, para uma outra que nos ponha em situação monetaria semelhante á da Austria. E' bem lastimavel que sejamos forçados a acentuar a nota pessimista da questão de Angola: entretanto, afirmamos que ha uma coisa mais prejudicial que a verdade, por depressiva que seja: a mentira, sistematicamente mantida e perfidamente propalada pelo estrangeiro dominador dos homens e das instituições, conduz ao desespero das multidões, quando estas verificam o ludibrio em que cairam. Não será preferivel expor nitidamente o êrro, enquanto fôr tempo de o emendar ou corrigir?...

Entendemos, pois, que é obrigação nossa, como portugueses que somos e não queremos deixar de ser, e como republicanos educados na escola do sacrificio e do desinteresse, dizer a verdade á Nação. O povo vai ouvi-la. Pode ser surdo á nossa voz. Isso, é lá com êle. Mas, quando surgir a catastrofe e se reconhecer que ela é irremediavel, caber-nos-ha a vez de repetir o gesto de Pilatos, recordando que não foi por culpa nossa que Angola foi á vela. Previzamos.

* * *

Afirmamos que a depressão cambial pode ainda acentuar-se mais, se não fôr corrigido o êrro do sr. Norton de Matos. E a razão é esta: no Parlamento existe uma proposta para anexação de S. Tomé á provincia de Angola. Ora toda a gente sabe que S. Tomé é um grande fornecedor de cambiais á praça de Lisboa, graças, principalmente, ao ouro que cobra com a exportação, para paizes exoticos, dos produtos da sua agricultura regional, nomeadamente o cacau e o café. Com a anexação de S. Tomé a Angola, uma parte dessas cambiais ficará presa em Loanda, em virtude da disposição legislativa posta em vigor pelo sr. Norton de Matos. O continente da Republica será consideravelmente enfraquecido de ouro, a vida encarecerá ainda mais, a moeda nacional ficará tão desacreditada como a corôa austriaca e o papel-moeda do Banco de Portugal afogar-nos-ha definitivamente. Será o diluvio final!

Concordamos em que é indispensavel promover o progresso material e moral dos dominios de Além-mar. Essa doutrina é velha em *A Capital*. Somos de opinião que nenhum paiz tem direito a ter colonias se não pode ou não quere civilizá-las. Só podemos ser tutor de outros povos se estamos dispostos a chamá-los ao consorcio geral das nações civilizadas. Mas ninguem, seja quem fôr e a pretexto seja do que *fôr*, pode exigir que a Nação Portuguesa se suicide para que Angola viva. E' preciso encontrar fórmulas que garantam a existencia dos dois povos. Transformar Angola á custa da metropole, como se a colonia não fizesse parte integrante da nacionalidade, é encarar a questão sob um ponto de vista que não é o ponto de vista português e pode ser o aspecto maltez do problema. Ora o que o Alto Comissario em Angola fez prejudicou a Nação Portuguesa, atacando-a num dos principais elementos da sua vitalidade. Exaurir a metropole para robustecer Angola, é orientação nativista, capaz de despedaçar os laços que ligam os dois povos e em virtude dos quais o povo da Europa exerce tutela sobre a região africana. O sr. Norton de Matos errou. O Governo da metropole será criminoso de lesa-patria se não lhe impuzer a imediata correcção do êrro praticado. E o crime será imperdoavel se o Parlamento permitir a junção de S. Tomé a Angola, pondo as duas colonias sob o dominio arbitrario do Alto Comissario Norton de Matos.

A politica aparentemente independentista do Alto Comissario em Angola é, de resto, um contracenso que briga com as condições de vida dos povos da metropole e de Angola. Na provincia africana existe uma população de alguns milhões de negros e de 30.000 brancos europeus, apenas. Pretender, pois, que o continente português morra de anemia economica, para que 30.000 brancos angolanos enriqueçam e se tornem nababos, desnacionalizando-se ao mesmo tempo, é obra tão estupidamente antipatriotica, que dificilmente se concebe que possa cimentar-se, durar e tornar-se irremovivel. Será belo — e não queremos outra coisa... — que Angola se transforme numa grande potencia, á semelhança do que aconteceu com o Brasil. Vamos, porém, devagar, sem pressas excessivas. E, principalmente, não se faça isso á custa das condições de vida de todo o povo português, já tão cruelmente experimentado pelos azares dos tempos modernos.

* * *

O que é doloroso, supremamente doloroso, é verificar que, entre nós, as palavras dos homens publicos continuam a ser aparentemente contraditorias com os seus actos governativos. O sr. Rodrigues Gaspar, estadista, parlamentar, oficial superior da Armada, é um homem dotado de incontestavel e incontestada autoridade patriotica. O politico, em plena Camara, reconheceu que a providencia do Alto Comissario em Angola é desastrosa para as finanças e economia publicas, principalmente porque retem em Loanda parte das cambiais que têm vindo e deviam continuar a vir para Lisboa. Pois o estadista, que manobra, neste momento, uma das cavilhas que regulam o movimento progressivo da nau do Estado, transige com o poder magestatico de Angola, cruzando os braços perante aquilo que êle proprio julga poder levar a embarcação aos calhaus ocasionadores de um pavoroso naufragio!

Eis o que não pode ser. *E' para o sr. ministro das Colonias uma questão de honra.* Se ha realmente uma protecção divina que, através dos seculos, tem amparado a Nacionalidade Portuguesa nas contingencias incertas da luta pela vida, — que esse Poder abra os olhos do sr. Rodrigues Gaspar, se êle persistir em os conservar cerrados, hermeticamente cerrados, á luz da Verdade!

A embaixada de Paris?

Afirma-se nos meios bem informados que a Legação de Paris de que é actualmente chefe o sr. João Chagas, vai ser elevada á categoria de Embaixada. E mais se diz que será nomeado embaixador o sr. dr. Afonso Costa.

Parlamento

Nos Deputados

Não houve sessão por falta de numero

A sessão de hoje será preenchida, toda ela, com o debate acerca da questão dos Transportes Maritimos do Estado. Diz-se que o Governo está empenhado em terminar rapidamente com a questão.

Entretanto, a chamada para a sessão terminou ás 15 e 10 e não ha numero para a Camara funcionar.

Bem se fatiga o sr. Sá Pereira a reclamar o cumprimento do regimento, que manda encerrar a sessão por falta de numero. O sr. Presidente Alberto Vidal é que não se dá por convencido e vai esperando, paciente e tenazmente, que os retardatarios compareçam. Mas, por fim, cede ao imperio das circunstancias e encerra a sessão.

Eis a relação dos deputados que responderam á chamada:

Alberto Ferreira Vidal, Alberto de Moura Pinto, Albino Pinto da Fonseca, Anibal Lucio de Azevedo, Antonio Ginestal Machado, Antonio Pais da Silva Marques, Antonio Resende, Antonio de Sousa Maia, Artur de Morais Carvalho, Artur Rodrigues de Almeida Ribeiro, Carlos Candido Pereira, Felix de Morais Barreira, Francisco Cruz, Francisco da Cunha Rego Chaves, Hermano José de Medeiros, João Cardoso Moniz Bacelar, Joaquim Diniz da Fonseca, Adolfo Augusto de Oliveira Coutinho, Aires de Ornelas e Vasconcelos, José Antonio de Magalhães, José Joaquim Gomes de Vilhena, José Mendes Nunes Loureiro, José Pedro Ferreira, Lucio Alberto Pinheiro dos Santos, Luiz Antonio da Silva Tavares de Carvalho, Luiz da Costa Amorim, Manoel Eduardo da Costa Fragoso, Manoel de Sousa da Camara, Mariano Martins, Mariano Rocha Felgueiras, Martins Boleto Ferreira de Mira, Paulo Cancela de Abreu, Pedro Januario Sá Pereira, Vitorino Guimarães.

E' especialmente digno de nota o seguinte: nenhum membro do Governo compareceu.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio secretariado pelos srs. Sousa Varela e Godinho do Amaral. Acta aprovada por 28 senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Roberto Batista extranha que um jornal da manhã afirme haver divergencias no seio da sub-comissão das obras publicas do Senado, acerca da comissão do Porto de Montijo, quando é certo não se ter reunido ainda a mesma sub-comissão.

ORDEM DO DIA

Discute-se o projecto de lei n.º 30 sobre o provimento de vagas de tesoureiro da fazenda publica, usando da palavra sobre ele os srs. Alves de Oliveira e Pereira Gil, sendo o projecto retirado da discussão para ser discutido imediatamente o parecer sobre a proposta orçamental do Ministerio da Marinha.

Aprova-se o Capitulo I usando sobre ele da palavra os srs. ministro da Marinha, Carlos Costa e Roberto Baptista que envia a seguinte proposta de emenda ao artigo .... «Proponho que a rubrica a que se refere este artigo seja assim modificada: despezas gerais—mobilia e sua reparação, despezas diversas e piquetes do pessoal civil 12.000$00; despezas com o automovel do ministro, 18.000$00.» Foi aprovado.

A sessão continua.

Exposição do Rio de Janeiro

A Firma Raul Vieira Lda. vae apresentar em uma das vitrines da R. Aurea, a coleção dos 20 productos, patentes de invenção do Laboratorio Farmacologico de Lisboa, que vae ser remetida para a Exposição do Rio de Janeiro.

O secretariado particular

Provoca discussão na Camara dos Comuns

LONDRES, 15.—A oposição levantou na camara dos comuns a questão do secretariado particular do primeiro ministro compreendendo 114 pessoas como inovação perigosa para a constituição britanica.

O governo respondeu que esse secretariado não pesa sobre o orçamento e procedendo-se á votação alcançou maioria favoravel.—(Lat-Am).

COISAS DE ESPANHA

O discurso do rei D. Afonso XIII

Trouxe á superficie o ideal do exercito espanhol, que não é facil de descobrir qual seja

O discurso que o rei de Espanha pronunciou em Barcelona foi inegavelmente um grande e notavel discurso que resumiu duma forma a que não faltaram nem energia nem audacia o verdadeiro caminho que deve seguir o exercito espanhol. Todavia o ultimo ponto da alocução do monarca visinho, lança uma ideia de que se não compreende bem o alcance.

Com efeito Afonso XIII encerrando o seu discurso afirmou que a execução dos seus dictames levará o exercito espanhol a consumar o seu discurso. E ocorre perguntar qual seja o ideal do exercito espanhol.

Que a Espanha tenha um ideal debaixo do ponto de vista financeiro, economico, progressivo ou mesmo ethnologicamente unificador, eis uma cousa que se compreende e que de resto é necessario á vida de todas as nações. Mas o ideal do exercito espanhol permanece bastante vago e com um objectivo que se não afigura claramente concreto. E' sabido—e de resto os ultimos acontecimentos o tem demonstrado—que a aventura de Marrocos não só nunca foi bem aceita pelo Exercito, como até tem provocado sempre uma hostilidade surda. E de tal maneira se evidenciou esta hostilidade que mesmo sem as operações do Riff terminadas dum modo satisfatorio, o Ministerio da Guerra começou recolhendo as forças disseminadas no norte africano dando ao «terminus» da campanha uma aparencia de triunfo que ele na realidade não teve nunca desde que os espanhoes se imiscuiram nos negocios de Marrocos De facto os poderes competentes realisavam a aventura de Marrocos dando-lhe um contorno de finalidade pela absoluta impotencia em que se encontravam de prosseguir numa aventura ruinosa e antipatica para o paiz visinho. Não é pois a expansão da Espanha no norte americano o ideal do exercito hespanhol.

A Hespanha, hoje, não tem colonias nem probabilidades de as tornar a ter. Depois da guerra com os Estados-Unidos, a sua influencia nas Antilhas e nas Filipinas desapareceram totalmente como factor economico e financeiro. Resta-lhe hoje um territorio mais ficticio do que real na Costa das Canarias, especie de areal que não sendo sequer um viveiro de funcionarios muito menos é uma «pépiniére» de militares. Evidentemente o ideal do Exercito espanhol não reside pois numa expansão colonial, de resto de todo o ponto impossivel no estado actual de cousas.

Se o ideal desse Exercito está possivelmente realisavel dentro das fronteiras da Espanha, é o assunto dificil de resolver e de explicar. Com efeito não existe uma Espanha una e as suas diversas regiões são manifestamente antagonicas pelas suas aspirações, pelos seus interesses de momento e até mesmo pela sua lingua. Mas não é menos verdade que as diversas Castelas tão diferentes se manteem conglobadas em torno dum poder central por absoluta falta de factores geograficos ou historicos que lhes permitam uma vida independente ou, quando muito, autonoma. A propria Catalunha, abrangendo toda a bacia final do Ebro, admiravelmente situada para ser a orientadora do Mediterraneo ocidental, rival de Marselha e de Genova não tem viabilidade como estado independente. Os paizes baixos encontram-se nas mesmas circunstancias e todo a região industrial e mineira das Asturias perderia de vez a sua supremacia de trabalho e de produção uma vez isolada. Não existe pois não só uma Espanha desmembrada a unificar mas ainda mesmo uma Espanha em perigo de se fragmentar. O possivel ideal do Exercito espanhol não será por consequencia orientado por esse lado.

Tambem não existe uma Espanha escravisada e muito menos uma Espanha dependendo politicamente de outra nacionalidade e anelando pela sua união á corôa de Afonso XIII. Compreendia-se um ideal no Exercito francez antes da guerra, ideal que tinha por fim reaver a Alsacia e a Lorena. Admitia-se um ideal no Exercito italiano antes da conflagração quando existia um Italia a «irridenta» e todas as ambições convergiam para um Tirol e para uma Istria. Em Espanha nada disto sucede e deve de facto abstrair-se a questão do rochedo de Gibraltar que, embora de primeira importancia para o orgulho espanhol não é, no fundo, mais do que uma base naval da Inglaterra destinada a guardar e a defender o estreito e por consequencia a salvaguardar os interesses em que o paiz visinho é apenas directamente interessado. O ideal do Exercito espanhol não está pois dentro da propria Espanha.

Será então fóra. E fóra só os visinhos: a França e Portugal, especialmente Portugal. Decerto vae longe a epoca em que o passeio militar a Lisboa era considerado pelo general Weyler como uma simples bagatela. Factos importantissimos e por demais sabidos impedem por completo a absorpção de Portugal. E este conceito está tão profundamente radicado no animo de todos que de resto não existe hoje em Espanha uma corrente conquistadora, seja de que natureza fôr, nem fóra nem dentro do proprio Exercito.

Não ha pois um esforço efectivo, um fito concreto para onde convirjam e onde se centralisem os somaforios de tenacidade e de ideias que poderiam constituir o ideal do exercito espanhol. O rei de Espanha fez pois apenas uma figura de retorica que de resto era indispensavel para a peroração do seu discurso. S. M. não poderia deixar de referir-se ao ideal do seu Exercito—mas o que é verdade é que esse ideal não existe e nem pode mesmo existir.

O ex-chanceller alemão

intima o governo a fazer politica chauvinista

BERLIM, 15. — O ex-chanceler alemão Helfferich na «Deutsche Tages Zeitung» intima o governo alemão a retirar as promessas feitas na nota de 28 de maio e a recusar a fiscalisação financeira, por de parte o projecto do emprestimo forçado e cessar de comprar divisas estrangeiras até completa estabilisação do marco. — (Lat. Am).

Injurias graves

contra o sr. capitão Velhinho Correia, Cruz de Guerra de 1.ª classe

Dizia-se hoje, não sabemos com que fundamento, que o sr. Velhinho Correia, antigo ministro e parlamentar, encarregara dois amigos de pedirem a retratação formal ao auctor de artigos que o injuriaram, ou, em caso contrario, uma reparação pelas armas. A auctoria das locaes que feriram o sr. Velhinho Correia na sua honra é atribuida a um aventureiro que não é portuguez e cuja nacionalidade não está, de resto, bem averiguada. Segundo outra versão os artigos foram escriptos sob inspiração do estrangeiro mas intelectualmente alinhavados por um antigo diplomata que, aventiciamente, entretem os ocios na redação de verrinas insultantes, visando os politicos que resistem ás presões do aludido aventureiro.

Não conseguimos obter confirmação ou desmentido á versão que dá a pendencia como seguindo os tramites normaes. O que é certo é que o sr. Velhinho Correia não compareceu hoje na Camara dos Deputados, apesar de estar marcada para ordem do dia a questão dos Transportes Maritimos do Estado, que tem merecido ao referido parlamentar o mais cuidadoso estudo.

João Chagas

festejado na redação de «O Mundo», por muitos republicanos, declara que regressa definitivamente a Portugal

Hoje, na redacção de *O Mundo*, realizou-se um almoço, oferecido pelo sr. Urbano Rodrigues, director daquele jornal, ao sr. João Chagas. A' festa assistiram muitos republicanos de destaque.

A serie de brindes foi iniciada pelo sr. Urbano Rodrigues, saudando João Chagas e fazendo o panegerico da sua obra, como escriptor, diplomata e estadista.

«Chegou a hora de se fazer a união de todos os republicanos, sem preocupações de partidos. Assim o exige o prestigio das Instituições».

O sr. João Chagas respondeu, declarando que regressa definitivamente a Portugal, convicto como está de que, na hora grave que se atravessa, o esforço patriotico dos republicanos impõe o dever de uma estricta união.

O sr. Bernardino Machado elogia João Chagas, a quem brinda efusivamente e declara que a Republica necessita agora, mais do que nunca, do amparo de todos aqueles que a fundaram e ajudaram a sua consolidação.

Outros oradores, entre êles os srs. Vicente Ferreira, Domingos Pereira, Mayer Garção e Alvaro de Castro, dirigem cumprimentos afectuosissimos a João Chagas, enaltecendo as suas altas qualidades de português patriota e republicano desinteressado.

Participaram da festa, que foi brilhante, muitos homens publicos, entre os quais o chefe do Governo e os ministros da Marinha e da Guerra, Alvaro Pope, José de Castro, Veiga Simões, Gonçalves Teixeira, Jaime Athias e Ribas d'Avelar.

Um caso curioso

que necessita ser convenientemente esclarecido

Transcrevemos de «O Rebate»:

«No dia 13 de junho saiu do seu quartel a titulo de exercicio o regimento de engenharia, composto de sapadores mineiros e companhia de projectores, indo bivacar no edificio da Casa Pia onde ensarilharam armas os sapadores mineiros, e seguindo para a carreira de tiro a companhia de projectores. Uma vez naquele edificio o comandante major Anjos, mandou destroçar o regimento, depois de ensarilhadas as armas, a fim de conduzir os soldados para a igreja (á vontade). Como tivesse havido alguns protestos dos soldados que não queriam entrar na igreja, o referido comandante mandou-os para a forma e depois conduziu-os á igreja. Uma vez dentro do templo apareceu um individuo da classe civil, de barbas, que voltando-se para os soldados lhes fez uma preleção sobre Deus, as vantagens da igreja e da religião. Depois cada oficial seguiu com os seus pelotões para diversos lados da igreja, onde os oficiais fizeram outras preleções aos seus soldados, salientando-se o alferes Prego do referido regimento que disse aos seus soldados que se encontrava ali oculta a urna de Sidonio Pais, a fim dos republicanos a não deitarem ao mar.»

Dizia-se que o Governo seria hoje interrogado, na Camara dos Deputados, a respeito deste caso singular. E' sabido, porem, que não houve sessão naquela casa do Parlamento por falta de numero.

O emprestimo alemão

O limite de isenção é de 200.000 marcos

BERLIM, 15.—O conselho economico do imperio aprovou o projecto do emprestimo forçado cujo texto foi modificado pela respectiva comissão, sendo, todavia, adotada a taxa de juros que o governo fixou e elevando o limite da isenção a 200.000 marcos. —(H.)

A Aviação Maritima em França

Dispõe de creditos excessivamente reduzidos

PARIS, 14.—O ministro da marinha, sr. Raiberti, expoz perante a comissão senatorial do Exercito e da Marinha que é bastante modesta a importancia dos creditos de que dispõe a aviação maritima em França. Essa importancia é de 37 milhões de francos, ao passo que os Estados Unidos dispõem de 100 milhões e a Inglaterra de 250 milhões. Apesar disso, os resultados teem sido satisfatorios em todas as experiencias feitas e permitirão realizar os prototipos que o estado maior reclama e com os quais a Marinha ha de ser dotada em harmonia com os creditos que o parlamento conceder.—(H.)

O que é o Paraguay?

O que lá se passa
O que lá se faz
O que lá se diz

Entretem-se no presente momento o Paraguay com uma dessas revoluções tão conhecidas, infelizmente, em Portugal. A ambição de um grupo, apoiado por uma minoria insignificante, mas ousada, ataca as autoridades legalmente constituidas e guindam-se ao poder, á custa de sangue, de dinheiro, de todas as perturbações, graves consequencias do golpe de Estado.

A ultima constituição da republica do Paraguay foi votada na Assembleia Nacional de 25 de Novembro de 1870. O poder legislativo reside num congresso. Consiste este num Senado e de uma Camara de deputados, eleito por sufragio universal na proporção de um senador por cada doze mil habitantes e um deputado por cada seis mil. Cada membro do Congresso recebe um salario de cerca de mil escudos. A' frente do poder executivo encontra-se o presidente, eleito por um colegio eleitoral por quatro anos e só reelegivel decorridos oito anos consecutivos.

Colabora com o presidente um gabinete de cinco ministros responsaveis ante o Congresso. Se morre durante este periodo, ou por qualquer motivo se impossibilita de desempenhar este cargo, sucede-lhe o vice-presidente, eleito pela mesma forma, que é «ex-oficio» presidente do Senado.

O poder judicial consubstancia-se no Supremo Tribunal, que tem autoridade para sentenciar sobre a validade dos atos votados pelo Congresso. Os seus tres membros são nomeados por quatro anos pelo Congresso. A sua nomeação deve ser aprovada pelo presidente. Ha cinco Relações e tribunais de primeira instancia em todas as cidades com um certo numero de habitantes. Os codigos civil e criminal da Argentina são os adotados ali quasi sem modificação. O Paraguay divide-se para efeitos administrativos em vinte e tres «partidos», subdivididos por sua vez em comunas.

* * *

A maioria dos habitantes são indios guaranis, descendentes, com evidentes sinais do sangue estrangeiro. A civilisação só ha algumas dezenas de anos começa a fazer progressos: os habitos do povo paraguayo são mais primitivos dos que os das mais adeantadas republicas visinhas. Em geral os paraguayos são indolentes, em especial os homens. As condições climatericas obviam as necessidades de qualquer vestuario superfluo. O traje das mulheres consiste numa camisa de algodão e uma «manta» branca talhada á mourisca e que lhe tapa a cabeça e o corpo; os homens usam calça e camisa de algodão. Botas e sapatos só os usam as classes superiores. A unica doença endemica são a papeira e a lepra; os indigenas, porém, mal alimentados sofrem de diarréa e dispepsias.

A linguagem dos naturais é o guarani, embora nalgumas regiões se fale o tupi. A gente do campo que vive em redor dos centros comerciais compreende o espanhol.

Em 1893 fundou-se ali uma colonia agricola denominada «Nova Australia», por emigrantes idos da Australia, como experiencia de comunismo. Os inicios foram dificeis e a colonia teve de ser reconstituida em 1894. Os emigrantes eram, em 1908, cento e sessenta e um. A emigração tem-se feito até agora em pequena escala, mas tende a aumentar. Ha um tempo para cá o governo anima-a atraindo ao Paraguay algumas parcelas dos emigrantes italianos que se dirigem ao Brasil e Argentina.

Em 1908 a população estrangeira andava por umas dezoito mil pessoas metade das quais eram oriundas da Argentina. As principais cidades são: Assuncion capital, Vila Rica, Concepcion e Vila del Pilar.

O povoado da Encarnacion á beira do Panamá tem um grande transito comercial.

* * *

As fronteiras do Paraguay teem sido origem de consecutivas questões e dentras tantas arbitragens. Pelo tratado de 1872 a fronteira brasileira corre pelo Paraná desde a foz do Iguassu a Salto Grande ou Grande Cataracta de La Guayra; segue depois a linha de agua da serra de Maracayu, passa ao norte pela serra de Ambaya até ás nascentes do Apá e vem por aquele curso até á sua junção com o Paraguay. O tratado de Buenos Aires de 3 de fevereiro de 1876 fixou a fronteira entre a Argentina e o Paragusy. Deu ao Paraguay a porção do Gran Chaco entre Rio Verde e Baia Negra. A apropriação da porção entre Rio Verde e o Pilcomayo foi submetida á arbitragem dos Estados Unidos que, em 1878, a atribuiu ao Paraguay. A linha de fronteira com a Bolivia ainda hoje é disputada.

A cidade de Nuestra Senora de la Assuncion a capital, agora teatro de todos estes motins, que já não lhe causam estranheza, tantos teem sido, situa-se na margem esquerda do Paraguay, a 970 milhas de Buenos Ayres. A sua construção deve-se ao ditador dr. Francia. E' hoje uma cidade moderna, rasoavelmente calçada, e iluminada a luz electrica, com telefone, carris de ferro e todos os serviços de um centro civilisado. O clima é quente mas saudavel. E' sede de um bispado, que data de 1574 e contem avultado numero de edificios religiosos.

Assuncion foi tomada pelos brasileiros em 1869 e tem sido o proscenio de sucessivos actos revolucionarios. Da de 1905 resultou um bloqueio que durou varios mezes. O actual golpe de Estado não se sabe por quanto tempo usurpará os direitos da normalidade.

A Republica do Mexico

Procura o Mexico no louvavel e natural intuito de mostrar ao mundo inteiro as riquezas do seu solo e a actividade do trabalho dispendido para a sua prosperidade, ter um pessoal diplomatico e consular dedicado bastante para, juntamente com as demais funções, promover a divulgação das suas bem organisadas e elucidativas estatisticas que provam o intenso trabalho desenvolvido naquela florescente republica.

E' o «Boletim de Informacion n.° 10» que dá estatisticas desenvolvidas e variadas, até ao termo do ano de 1921.

Começando pelo censo geral da população, vê-se que, naquela data, tinha o Mexico 13.887:080 habitantes.

A sua producção agricola foi abundante em trigo, batata, café, assucar, cacau, coco, cevada, cebola, tomate, algodão e outros artigos, acusando cada um muitos milhares de toneladas.

A estatistica mineira é, talvez, a mais desenvolvida, fixando as areas dos diversos Estados e quais os minerios em exploração como ouro, prata, cobre, ferro, zinco, etc., bem como sulfatos.

A produção de ouro e prata, durante o mez de janeiro de 1921, foi: ouro, 1,194 quilos; prata, 19:213 quilos, aumentando sucessivamente nos mezes seguintes.

A produção de petroleo, que em 1901 havia sido de 10.345 barris, foi aumentando de tal maneira que em 1921 atingiu 194.755.712.

A'cerca da produção da prata no Mexico, diz mais a curiosa estatistica:

«Durante o ano anterior, o Mexico produziu 62 milhões de onças de prata, contra 50 milhões nos Estados Unidos. Portanto, o nosso paiz deu uma produção de 38 0/0 do total no mundo».

Contém ainda o citado boletim outras mais informações, todas tendentes a demonstrar o quanto o Mexico progride de ano para ano e os esforços constantemente empregados para levar ao maximo o aproveitamento do riquissimo solo mexicano.

Entre as estatisticas contam-se: as do imposto de exportação do petroleo, gazolina, etc., tendo durante o mez de dezembro sido pago por 22 Companhias petroleiras um total de 7.060,068$650; e as dos serviços telegraficos e telefonicos, que acusam um notabilissimo desenvolvimento.

«Os Sports»

Foi hoje posto á venda mais um numero deste bi-semanario

Foi hoje posto á venda mais um numero do interessante bi-semanario de educação fisica «Os Sports» que insere a seguinte colaboração.

Artigo de Mario Duarte sobre a Festa Nacional de Educação Fisica; Critica completa do encontro para o campeonato de Portugal de foot-ball Sporting-Porto; resultados e comentarios sobre o Campeonato de Atletismo do S. U. B; artigo sobre as ultimas regatas organisadas na muralha da Junqueira; Noticiario de box, esgrima, foot-ball etc., do paiz e do estrangeiro.

Salão Central

HOJE — *Soirée ás 10 horas* — HOJE

Nas Garras do Dragão

extraordinaria pelicula de aventuras interpretadas pela arrojada artista

MARIA WALCAMP

5.ª série—SALVANDO A VIDA—2 partes

6.ª série—A PRISIONEIRA — 2 p.

7.ª série—O INIMIGO INVISIVEL—2 partes

8.ª série — NAS MURALHAS DE PEKIN—2 partes

A menina do quarto 29

Admiravel pelicula em 4 actos com interpretação dos artistas norte americanos FRANK MAYO e CLARA ANDERSON

Desenhador de modas

Interessante comedia em 1 acto

MUSICA

Salão do Conservatorio

No proximo domingo realisa uma audição de piano no salão do Conservatorio a notavel pianista Lucila Moreira para apresentação dos seus alunos. O programa muito variado devorá pôr em relevo as qualidades artisticos dos discipulos de D. Lucila Moreira.

Colegio Calipolense

Depois de amanhã, 17 do corrente pelas 19 horas, realisa a sua festa anual o Colegio Calipolense, um dos primeiros institutos de educação da capital. O programa que é variadissimo, é constituido por numeros de subido interesse, a cargo de diversos alunos desta escola. Realisa-se igualmente um bodo a 200 pobres necessitados.

A festa promete revestir um excepcional brilhantismo. Agradecemos o convite que nos foi enviado.

No paiz do Imposto só o imposto domina

O engenho dos financeiros de Portugal dá para muito pouco.

Desatinados no aumento constante das despezas publicas, muitas delas justificaveis e quasi todas improdutivas, não encontram outra forma de fazer face a essas despezas, sempre crescentes, senão agravando os impostos, especialmente as contribuições directas.

Em outros Estados, procura-se descobrir novas fontes de receita no aproveitamento dos recursos de diversa natureza ainda incompletamente aproveitados.

Cá, não!

O que estava abandonado, ha trinta e mais anos, abandonado continua, salvo raras excepções, apesar dos embaraços que a guerra creou á nossa vida nacional.

Os nossos argutos financeiros não se cançam a procurar essas fontes de receitas: Acham mais comodo limitar-se a lançar a rêde do imposto, sem se importarem com as desigualdades e injustiças que possam praticar.

Temos provas do que afirmamos, provas bem concludentes e bem faceis de compreender.

Examinemos pelos orçamentos, as receitas ordinarias do Estado, propriamente ditas, desde 1914, ano do começo da guerra:

	Receitas ordinarias Contos
1913-1914	50:009
1914-1915	51:[illegible]88
1915-1916	55:670
1916-1917	58:412
1917-1918	59:638
1918-1919	76:[illegible]23
1919-1920	100:[illegible]62
1920-1921	89:[illegible]57
1921-1922	1[illegible]:416

Observando o aumento progressivo das receitas, pode alguem, leviano ou ingenuo, supor que novos recursos bafejaram este paiz, proporcionando ao Estado um justo quinhão nesses recursos.

Enganar-se-ia, mui redondamente quem tal supozesse.

Esse aumento de receitas proveiu, essencialmente, do agravamento dos impostos.

Esse agravamento não se fez durante a guerra, quando dos cofres publicos saia a quantiosas somas para a nossa comparticipação; realisou-se especialmente depois do armisticio, quando a base de incidencia do imposto era mais dificil de determinar.

Os resultados teem-se visto e hão de ver-se ainda, numa longa serie de iniquidades.

Vejamos as percentagens dos impostos directos e indirectos, nos diversos anos, em relação ás receitas do Estado:

	Proporção dos impostos para as receitas
1913-1914	80 p. c.
1914-1915	79 »
1915-1916	75 »
1916-1917	75 »
1917-1918	74 »
1918-1919	73 »
1919-1920	76 »
1920-1921	72 »
1921-1922	76 »

Do exame destas percentagens tiram-se imediatamente umas poucas de conclusões, qual delas mais eloquente:

1.°—Que as receitas do Estado são quasi inteiramente constituidas pelas contribuições.

2.°—Que as contribuições aumentam sem uma proporção determinada, havendo anos em que pós a guerra, representam 72 e 73 °/o das receitas publicas e outros em que chegam a 76 °/o, o que concorre para desorganizar a economia geral.

3.°—Que nos anos em que melhor se poderia ter recorrido ao imposto para aumentar as receitas do Estado, se abandonou este recurso, sendo agora extemporaneo tributar certos lucros.

A nota da cobrança dos impostos realisada em cada ano demonstra a verdade, que o agravamento se fez sentir nos ultimos anos.

Efectivamente a cobrança foi a seguinte, em alguns dos anos mencionados:

	Impostos
1913-1914	43:102 contos
1917-1918	44:452 »
1918-1919	55:702 »
1919-1920	82:103 »
1920-1921	6[illegible]:436 »
1921-1922	112:485 »

Conclui-se que o agravamento da contribuição e a 1918-1919 foi, em relação a 1913-1914, de 15 °/o, em 1919-1920 foi de 27 °/o, em 1920-1921 foi de 25 °/o em 1921-1922 está presumido a 33 °/o.

Estes factos são, de per si, dignos de nota.

Não é licito transformar por forma tão abrupta um regimen tributario especialmente sendo cheio de defeitos, como é em Portugal.

ULTIMA HORA

A CAMINHO DO RIO DE JANEIRO

O "raid" Lisboa-Brazil

Está vencida a penultima "étape" do glorioso vôo

Os intrepidos e arrojados aviadores portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral venceram hoje mais uma «étape», a penultima, do seu glorioso vôo, Lisboa-Rio de Janeiro.

Segundo telegrama recebido em Lisboa houve conhecimento de que os grandes navegadores do ar haviam partido de Porto Seguro em direcção a Victoria.

Esse telegrama é concebido nos seguintes termos:

PORTO SEGURO, 15. — Os aviadores partiram para a Victoria ás 7 e 50 minutos hora brasileira.

Logo que este despacho telegrafico foi recebido a Central Telegrafica fez espalhar a noticia com o auxilio de morteiros, sendo essas manifestações repetidas por outras entidades.

Quasi todas as casas bancarias bem como as sédes de companhias importantes embandeiraram imediatamente dando á cidade uma nota alegre e festiva.

Pouco depois eram recebidos mais os seguintes telegramas que os «placards» dos jornais afixaram:

Os aviadores passaram sobre o Prado ás 8 horas e 45 minutos tendo passado sobre a ponte de S. Mateus ás 10 horas e 5.

Todos estes telegramas eram tambem afixados na Central Telegrafica no Terreiro do Paço e em cujos passeios a multidão se comprimia nervosamente aguardando a noticia da chegada á Victoria.

O desejado telegrama que não se fez esperar muito, era redigido simples e laconicamente:

VICTORIA, 15. — A's 11,25. Acabam chegar aviadores.

No ministerio da Marinha recebeu-se pouco depois o seguinte despacho:

VICTORIA, 15. — O Hydro-avião que teve uma viagem linda chegou ás 11 e 25 minutos (horas locaes). Os heroicos aviadores foram recebidos por uma forma emocionante tanto no mar como em terra. Toda a cidade está em festa.

Apoio ao Alto Comissario de Angola

No gabinete dos *reporters* no Governo Civil foi hoje recebido o seguinte telegrama:

MOSSAMEDES, 13 — A Camara Municipal de Mossamedes e edilidades do Porto Alexandre, Vila Arriaga, Bahia dos Tigres, Associação Comercial de Mossamedes, Gremio Patria Livre, redacção do *Mossamedes*, interpretes do sentir geral da população do districto de Mossamedes, protestam contra a campanha movida por alguns jornais de Lisboa e alguns parlamentares contra a acção do Alto Comissario nesta provincia, apelando para o patriotismo e bom senso dos governantes, parlamentares e jornalistas, a fim de ser posto côbro a tal campanha, altamente nociva aos superiores interesses da Patria, da Republica e da colonia. Mais uma vez afirmamos a confiança que está depositada na obra encetada pelo general Norton de Matos. — (a) *Silva Dias, Sanches Barreto, José Julio Luna, Mario Barbosa, Rogerio Morgado, Pimentel Teixeira e Alberto Trindade.*

O 19 de Outubro

Ha dias, o *Diario de Lisboa* noticiou — e logo outros jornais transcreveram — que os oficiais outubristas, capitães-tenentes Procopio de Freitas e Serrão Machado, coronel Manuel Maria Coelho, capitães Camilo de Oliveira, Loureiro, Pires Falcão e Sarmento Rodrigues e tenentes Malta Meyreles e Rosa Mateus, iam pedir as suas demissões da Marinha e do Exercito logo que fossem julgados.

Podemos garantir que tal noticia não tem o menor fundamento, pois não passa de um boato. São estas as informações colhidas nos fortes da Trafaria e de S. Julião da Barra.

Em poucas linhas

Os farapios furtaram uma carteira com 370 escudos a Americo Lopes dos Santos, da Serpa, o qual se queixou á policia.

Aurora de Jesus, rua das Atafonas, 32, 2.°, recebeu em sua casa, como visita, um individuo, que teve artes de lhe furtar um cordão de ouro com uma medalha, tudo avaliado em 271 escudos.

Foram presos José Dias e Francisco José Fidalgo, beco do Surra, 7, que futaram a quantia de 535 escudos a Antonio Baptista de Carvalho, com escritorio na rua de S. Julião, 52.

Tambem a José Gabriel, rua de S. Mamede, 1, 1.°, furtaram a carteira com 940 escudos.

Um burlão

Foi hoje largamente interrogado na policia de investigação, o burlão Carlos Alberto Fernandes, preso ontem por ser o autor de uma burla no valor de 3.200 escudos com um negocio de fava e que foi vitima o sr. Joaquim Ribeiro com escritorio de comissões na rua do Jardim do Regedor.

O Fernandes que comprava a fava no escritorio do Ribeiro, satisfez a a importancia das primeiras sacas que dali levou, tendo da ultima vez pago 800 escudos pedindo logo uma nova encomenda que lhe foi entregue comprometendo-se ele a satisfazer a conta no dia seguinte, o que não fez dando logo a suspeitas que se avolumaram quando no escritorio de comissões se soube que o Fernandes vendia por 50 centavos a fava que comprava por 55.

O Fernandes confessou a burla dizendo que seu pae Constantino Fernandes com mercearia na Rua do Crecho, la satisfazer os 3.200 escudos, o que não impediu que desse entrada novamente nos calabouços a fim de evitar que se repetisse a scena que com ele se deu quando foi apresentada a queixa na policia, tendo-se ele comprometido a entrar com o dinheiro não mais voltando a aparecer.

Concurso de Montras

Como a casa Edison na rua Eugenio dos Santos vae comemorar a chegada dos nossos aviadores ao Rio de Janeiro

O estabelecimento a que nos vamos referir é apezar de recentemente instalado, já tão conhecido do publico que desnecessario se torna elogia-lo. E' porque desde que abriu as suas portas marcou logo na nossa praça no ramo do artigo que explora e no conceito da sua clientela, um tão excecional logar que o tornou hoje um dos mais importantes e concorridos estabelecimentos do seu genero.

No concurso de montras que se vem realisando por iniciativa da Associação Comercial de Lisboa tambem este estabelecimento tem marcado o logar, um logar previlegiado pelo bom gosto da exposição dos mais variados e interessantes artigos para utilidade domestica e para decoração tudo isto de procedencia alemã.

Mas não se limitou a casa Edison pela exposição dos seus produtos, que digamos de passagem, não sofreu concorrencia nos seus preços e aliando o util ao agradavel fez funcionar numa das suas montras um cinema absolutamente gratis o que tornando o reclamo bastante original fez as delicias dos numerosos espetadores que pejam a rua Eugenio dos Santos para apreciarem tão economico espectaculo.

Devem chegar amanhã ou depois ao Rio de Janeiro os nossos gloriosos aviadores, a casa Edison para comemorar essa data festiva e gloriosa num desejo intenso e patriotico de que todos possam distrairse com um espectaculo popular fará no dia da chegada de Sacadura Cabral e Gago Coutinho ao terminus da sua assombrosa viagem nas suas montras interessantes projeções luminosas.

Iniciativas desta natureza honram sobremaneira a gerencia do citado estabelecimento e são uma garantia do largo futuro que á casa Edison está reservado.

Albergaria de Lisboa

Reuniu a Direcção desta prestimosa instituição, tomando conhecimento de varios donativos e entre eles da sr.ª D. Maria Izabel Bravo Roldan Ramires que, para solenisar a data do seu consorcio, enviou a quantia de 100.00 por intermedio de seu pae director desta Albergaria, sr. Manuel Roldan y Pego e da Associação Comercial de Lisboa a quantia de 40.00.

Tomou egualmente conhecimento de todas as pessoas que se dignaram aceitar bilhetes para a festa artistica do actor Antonio Peiva efectuada no dia 25 do mez findo, no Teatro de S. Luiz, contribuindo com 50 °/o da receita liquida para esta Albergaria bem como aqueles que duma forma deveras altruista, devolveram os bilhetes conjuntamente com as respectivas importancias tendo para todos palavras de louvor e agradecimento.

A Provincia na "Capital,,

FARO, 14.—Chegaram hoje quatro barcos espanhois que andavam pescando nas nossas aguas e que foram apanhados por uma traineira.

Atum tem havido pouco este ano mas o preço tem regulado de 3 a 5 contos cada duzia.

O Jardim de Manoel Bivar está bem ornamentado com mastros e bandeiras pela comissão dos marinheiros da Armada que esperam a chegada dos aviadores ao Rio para as grandes festas nesta cidade.—(H.)

Partido Socialista Portuguez

Na sede da Federação Municipal Socialista de Lisboa, rua do Bemformoso, 150-1.°, realisa-se hoje quinta-feira, ás 21 horas, uma importante sessão para a apresentação oficial do dr. Amancio de Alpoim, que recentemente deu a sua filiação áquele partido e cuja apresentação deve ser feita pelo Presidente do C. C. dr. Ramada Curto.

A ela devem assistir todos os orgãos do Conselho Central. Confederação Regional do Sul, todos os delegados á Federação com a sua Comissão executiva, minoria socialista da Camara Municipal, representantes do Partido nas Juntas de freguezia, corpos directivos das agremiações partidarias e todos os socialistas residentes na cidade.

Isidoro Mendes Paneiro

FALLECEU

Carolina Fernandes Paneiro, Maria Adelaide Fernandes Paneiro, Eduardo Mendes Paneiro sua mulher Laura Ferreira Paneiro, e filha, Carlos Mendes Paneiro sua mulher Madalena Pastora da Silva Paneiro, e filhos, Francisco Fernandes Paneiro sua mulher Vitoria Sousa Lemi Paneiro e filhos, Ernesto Fernandes Paneiro sua mulher Benedita Alboim Inglez Paneiro e sua mulher Rosaria Fernandes Paneiro, Virgilio Mendes Paneiro, Amilcar Fernandes Paneiro e sua mulher Amelia Lopes Paneiro, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido e chorado marido, pai, sogro e avô, e que o seu funeral se realisará sexta-feira, as 16 horas, saindo o prestito funebre da sua residencia, na rua de S. João da Praça, 114 3.°, para o cemiterio ocidental não se fazendo convites especiais devido ao estado de consternação em que se encontram.

Isidoro Mendes Paneiro

FALLECEU

Os Armazens Pereira & Ferreira Lda. participam aos seus clientes e amigos, o falecimento do sr. Isidoro Mendes Paneiro, pae dos seus consocios e amigos Ernesto Fernandes Paneiro e Virgilio Mendes Paneiro, e que o seu funeral se realisará sexta feira, da sua residencia na Rua S. João da Praça 114 3.° para o Cemiterio Ocidental.

Isidoro Mendes Paneiro

FALLECEU

A Electro Oleica de Moura, L.da participa aos seus clientes e amigos o falecimento do sr. Isidoro Mendes Paneiro, pai do seu consocio e amigo Fernandes Paneiro e que o seu funeral se realisará sexta feira ás 16 horas da sua residencia na Rua S. João da Praça, 114, 3.°, para o Cemiterio Ocidental.

Isidoro Mendes Paneiro

FALLECEU

A Sociedade Mercantil de Moura, Limitada, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do sr. Isidoro Mendes Paneiro, pai do seu consocio e amigo Ernesto Fernandes Paneiro, e que o seu funeral se realiza sexta-feira as 16 horas da sua residencia sita na rua de S. João da Praça, 114, 3.°, para o Cemiterio Ocidental.

Theatros e Cinemas

O DIA DAS ACTRIZES

O que será? Começa a levantar-se uma ponta do véu

E' com sincero jubilo que escrevemos êste artigo. Ha muito que êle ficava em nós. Iniciativa não desperta em todos nós, que nos interessamos pelo teatro — uma tão desvanecedora alegria. E' já do dominio publico o que será, na sua indole, o *Dia das actrizes*: uma festa anual, cujo produto reverterá em partes iguais para a *Casa dos jornalistas* e para a *Casa Gil Vicente*. Vamos hoje levantar um pouco um dobra do veu que esconde ainda, nos seus pormenores, toda a curiosidade carinhosa dêste dia. Vamos hoje conversar um pouco com os nossos leitores, com os nossos leitores que se divertem todo o ano, e que não saberão recusar um dia o seu obolo em beneficio daqueles a quem foi dada a espinhosa missão de os divertir... Conversemos, pois. Ha muito que se sentia instintivamente entre nós, á semelhança do que se faz lá fora, a necessidade da nossa gente de teatro se associar não apenas para erguer o prestigio artistico da classe a que pertencem — mas tambem para garantir as condições materiais da sua existencia. Ainda, ha pouco, em França, se inaugurou, sob a presidencia honoraria de Sarah Bernhardt, o Museu Crillon, onde se xpõem, com um raro sentimento artistico, quadros, esculturas, desenhos, estampas, que, por qualquer razão, evoquem o nome de gente de teatro. Pois bem. O produto da venda destas preciosidades, algumas das quais devem atingir um alto valor, como, por exemplo, uma estatueta de marmore *signé* Sarah Bernhardt, destina-se á *União dos artistas franceses*. Parece que entre nós os bons exemplos começam agora a florir e que desta vez vai dar-se um grande passo para uma grande obra de solidariedade artistica. O *Dia das actrizes*, como todos os outros dias afinal, será precedido de uma vespera. Pois nesse dia da vespera, as nossas mais ilustres actrizes e os nossos mais ilustres actores percorrerão as ruas, os bancos, os cafés, as lojas, a cidade, angariando donativos... Ainda há de aparecer a primeira rua, o primeiro banco, o primeiro café, a primeira loja, a primeira criatura que negue a sua parte, por pequena que seja. De resto, os senhores estão a vêr, suponhamos, Palmira Bastos, Amelia Rey Colaço, Angela Pinto, Cremilda de Oliveira, todas as outras, pedindo, num sorriso, uma moeda, onde, por mais pequenina que seja, caiba um coração... Suponham agora, por exemplo, Nascimento Fernandes, numa das suas mais aplaudidas criações, angariando donativos nos bairros populares!? Que colheita não seria? E quem nos diz a nós que não será? De resto, estamos seguramente convencidos de que o publico, sem distinção de classes, será o primeiro a rejubilar concorrendo para esta obra altruista. São exemplo frizante as subscrições que se abrem todos os dias nos jornais e sempre tão generosamente preenchidas. Esta *vespera* será, por assim dizer, a preparação do *Dia das actrizes* — o dia grande, uma especie de domingo de Pascoa, com muitos *bonbons*, muitas amendoas, muitas boas festas... Ainda se não sabe ao certo onde se passará êste dia. A comissão de actrizes, a cuja frente se encontra a eminente Virginia, não póde encontrar-se ontem, como fôra anunciado, com o sr. Cesar dos Santos, vereador do pelouro dos jardins, pela absoluta e imprevista impossibilidade dêste comparecer. Não importa, porém. Em qualquer local da cidade — como, por exemplo, no Jardim da Estrela — as festas terão, decerto, um desusado brilho, aquele brilho que os olhos das mulheres têm o condão de comunicar a tudo aquilo que as rodeia. No *Jardim da Estrela* ficavam á maravilha as nossas estrelas... Não é verdade? Estamos a reconstituir, neste momento, traço a traço, o que será a tarde e a noite dêsse dia. Haverá barracas, barracas de doce, barracas de perfumes, barracas de *bibelots*, barracas de beijos, barracas onde se rifem beijos... Mas isto, afinal, não são barracas: são templos, são igrejas, onde cada altar será uma mulher... Uma barraca de beijos! E compras tu, leitor, uma rifa, uma rifa que, mesmo que saia branca — terá a côr dos melhores beijos, os que nunca se dão... Depois, haverá um botequim, sim senhor, um botequim, uma especie de botequim das Parras, onde haverá muitas uvas e onde pontificará Chaby Pinheiro... Estão a ver o grande actor, caracterizado de Jacinto, da *Bisbilhoteira*, preguntando por todas as mesas, na sua voz pastosa e enorme:

— V. Ex.ª deseja *groseille* ou pasteis de nata? Ou prefere salsa? Agua de Vidago — ou do Alviela?

Depois, ainda haverá bazares, tombolas; *pim, pam, puns*... Haverá uma barraca com preciosidades, por pequeninas que sejam, preciosidades que pertenceram aos nossos homens de teatro, a D. João da Camara, Augusto Rosa, tantos outros, e que serão vendidas nesse dia... Ninguem os saberá recusar, nem as familias, nem os amigos... De certo, os nossos pintores, os nossos caricaturistas, os nossos melhores poetas concorrerão com o seu talento, com os seus desenhos ou com os seus versos, para que esta festa seja aquilo que todos nós desejamos que seja... E, por hoje, não se levanta mais o veu... já não foi pouco!

Medalhão

Henrique de Albuquerque

Afastado do seu teatro por uma grave doença que o reteve no leito, reaparece amanhã no Politeama, onde faz a sua festa com a peça «Entre Giestas».

Não se póde dizer que, á semelhança de tantos dos seus colegas que se lhe não podem egualar, a sua vida artistica tenha sido bafejada pelo reclame. Muito ao contrario, a sua reputação de bem artista, porque o é na verdade, deve-a, tão somente, ao esforço proprio e ao seu incontestavel valor. Pertence ao reduzido numero dos nossos comediantes para quem não ha diferença de papeis no que respeita ao tamanho. Grande ou pequeno, é ao artista que compete valorisá-lo e Henrique de Albuquerque, limitando-se a procurar viver as suas interpretações, consegue, o aplauso unanime dum publico que o admira pelo detalhe e pela naturalidade dos seus desempenhos.

Regosijando-nos com o seu completo restabelecimento e pelo seu regresso ao tablado, daqui lhe enviamos um grande abraço, augurando-lhe uma linda festa, em tudo digna do seu valor.

Noticiario

Entre nós

Informam-nos que é primoroso o guarda-roupa confeccionado por Castelo Branco para a revista «Lua Nova» que subirá, brevemente á scena do teatro Maria Victoria.

● Continúa fazendo o mesmo sucesso em Lisboa que nas outras cidades já percorridas, a «tournée» Chaby Pinheiro, que todas as noites tem tido enchentes com a «Maluquinha de Arroios», do André Brun.

● Afirma-se que o elenco da companhia do teatro Apolo vae ser ampliado, ingressando nele as atrizes Lima Demoel e julieta Soares.

● Encontra-se melhor a actriz Auzenda de Oliveira.

● Terá a sua premiere ainda no corrente mez, a revista do «Praxedes», original de André Brun, que se destina a fazer a temporada de verão no teatro S. Luiz. O 1.º quadro dessa peça intitula-se «A' 1002.ª noite» e está assim distribuido: Shamar «Sultão», Fernando Pereira; «Ciper, ministro», Mario Campos; «Sherazade, e Dinarzade», (duas filhas), Serah Cunha e Felismina Casado; «Mustaphá, (chefe de eunuchos), Humberto do Amaral; «7 Kalifas», Francisco Sampaio, Julião Martins, Leopoldo Santos, Artur Braga, Alfredo Paulo, Artur de Andrade e Alvaro Clemente; «7 sultanas»: Aurora Gil, Antonio Ramos, Laura Marques, Maria dos Anjos, Dulce de Almeida, Soledade Costa e Irene Mariano; «Escrava caolona», Julzira de Souza; «Bailadeiras» Aurora Martins e Maria Amelia (bailarinas).

Estrangeiro

Na opera, de Paris, está-se ensaiando, com a colaboração de M. Armand e a peça «Martyre de Saint-Sebastien».

● Voltou ao cartaz do Bouffes Parisiens, a opereta «Phi-Phi» ja conhecida entre nós, cujos principais papeis são ali desempenhados por Urban Dréan e M.lle Alice Cocéa.

● No dia primeiro de Julho a sociedade dos cosinheiros de Paris, sob o patrocinio de M. Millo fará representar na Opera, em beneficio do seu orfelinato, «Au temps du roi René» ou «Caisnier par amour». Seguir-se-ha baile e cêa.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Condenado».
AVENIDA—A's 9,15—«A Maluquinha de Arroios».
POLITEAMA—A's 9,30—«A menina virtuosa».

Teatro musicado

APOLO—A's 9,15—«Porto tantos de tais».
SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparote».
CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 8,30—Animatografo e variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade.
SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

Quatro opiniões bastante velhas

que teem um magnifico sabor de actualidade

«Não falta quem sustente que Portugal deve abandonar as suas colonias; porque lhe são onerosas, e sem elas pode ser grande, como foi nos primeiros seculos da monarquia. Esta politica, trazendo a sua origem daquela mesma fonte, de tantas desgraças tem resultado a esta infeliz nação, não se dirige tanto a consolarnos das nossas perdas, como a disfarçar a sua enormidade, esconder o principio criminoso de que procedem. Portugal foi grande sem ter colonias; mas em que tempo? Quando nenhuma nação da Europa tinha colonias; quando o assucar, o chá, o café, e as fazendas da India eram desconhecidas ou pouco usadas; quando o numero, a força, e o valor davam exclusivamente aos povos a representação e o poder, em que tem hoje tão grande parte o comercio, e as riquezas que por ele se adquirem; antes que Vasco da Gama e Cristovão Colombo abrissem ao mundo uma nova era em politica, em comercio, em costumes. Tudo está mudado; e no mesmo momento em que Portugal perder as suas colonias, perde tudo o que lhes resta da sua antiga representação e grandeza.

Discorrendo por todas elas, vaga se por dilatados campos, em que os olhos não tem descoberto senão ruinas; porem debaixo destas existem terrenos mui fecundos, de que um bom agricultor pode tirar abundantes colheitas. Ainda temos algumas sementes para lançar á terra; é necessario serem bem administrados, e acudir em tempo com as providencias oportunas, antes que se percam a terra e as sementes. Estas providencias devem ser gerais, combinadas e simultaneas, formando todas um só sistema, porque acentua no estado, que é uma maquina moral complicadissima, o mesmo que nas maquinas fisicas. Todas as suas peças devem trabalhar ao mesmo tempo, e basta o desconcerto de uma delas para influir em todo o organismo. Quando padece a metropole, tambem hão de padecer as colonias: os males que afligem as colonias hão de afectar a metropole.

As nossas balanças de comercio dão um resultado, que mostra bem o quanto são faliveis os calculos de Aritmetica Politica. Ha longos anos que só nos representam perdas, sem que apareça alguem em que houvesse lucro. O alcance dos ultimos dez anos, compensadas as importações com as exportações, sobe na sua totalidade a 90 milhões, e 516 mil cruzados. Mas a perda já vem de longe; e ajuntando a esta o que se tem extorquido a Portugal ha mais de 30 anos pelos artificios da Politica, e á ponta da espada, o que consumiu a guerra, o que se tem dissipado nas revoluções, e o que está depositado nos bancos estrangeiros, ha longos tempos que teria desaparecido da circulação o ultimo real, se estes calculos fossem exactos.

Ha de haver um grande alcance enquanto não melhorarmos a nossa industria. Somente em bacalhau, arroz, manteiga e queijos nos levam os estrangeiros perto de seis milhões e meio; em algodão, 4 milhões e meio; em lanificios 3 milhões; em linificios mais de 2 milhões; em sedas 1½ milhão; em metais 2 milhões; e outros dois em drogas, madeiras e outros generos, sem falar na enorme quantia de cereais, que não pode calcular se, porque a maior parte entra por contrabando. O artigo mais importante que temos para encontrar em estas importações é o vinho; ainda exportamos de Portugal para cima de 50,000 pipas cuja importancia sobe a mais de 12 milhões, porem este valor vai descaindo. Tambem o sal foi um bom artigo mas tem diminuido extraordinariamente: 150.000 moios que se exportam, produzem meio milhão ou pouco mais. Da fruta de Espinho, e seca, escassamente poderemos tirar milhão e meio; e tudo o mais que se exporta de Portugal para os paizes estrangeiros, á excepção de algumas manufacturas para o Brazil são pequenas coisas.

Para pôr em movimento a grande maquina do Estado não basta dar boas providencias: é necessario haver quem as execute, principalmente nas extremidades, onde não chegue o olho do governo. Esta falta é uma das que mais influem na desgraça das colonias, onde o monarca não pode ver, nem obrar senão pelo intermedio dos seus delegados que de ordinario não aceitam estas comissões, senão para enriquecerem, e nada mais lhe importa. Nos nossos tempos heroicos os portugueses atravessavam os mares, e expunham-se aos maiores perigos, para adquirirem gloria e honras: hoje sómente o fazem para ganharem dinheiro; poderoso estimulo para as prevaricações, e não para os serviços. Naqueles antigos tempos tinham os nossos reis uma moeda forte, com que premiavam grandes serviços e estimulavam os homens a fazer outros serviços ainda maiores com esperança de a obterem. Esta moeda consistia em fitas e pergaminhos; mas economisava-se para não perder o valor: uma cruz pendente era uma grande honra para um vice rei da India, e Afonso de Albuquerque, o homem grande que deu a Portugal o Imperio do Oriente, não chegou a obter a patente de vice-rei. Hoje é uma moeda fraquissima pelo muito que se tem vulgarisado, e mais ainda porque em logar de servir somente para remunerar serviços e condecorar merecimentos, passou a ser o distintivo do valimento.

E ainda se não tratou (e é materia bem conexa e esta) do meio mais eficaz, e quasi infalivel para fazer prosperar tanto a metropole, como as colonias; e com ele vou concluir o meu esboço. Ele é tão importante que não deve ficar esquecido: vale mais do que quanto tem escrito, porem tal a sua evidencia, que basta rá anuncia-lo. Consiste em 2 coisas. 1.º escolher os homens; 2.º reservar e proporcionar os premios ao merecimento, e os castigos á prevaricação.

MOSES BENSABAT AMZALAK

LIBERDADE!

«The world was discovered in 1492 by Columbus.
«Men was discovered in 1776 by Jefferson.
«Woman was discovered in 1874 by Remington».

Elbert Hulbard

Vêde-as tão lindas! Como tremeluz
O seu olhar onde ha risos de aurora,
Semelhando uma estrela redentora
Que neste mar de prantos nos conduz.

Sim, a Mulher que tanto nos seduz,
E' bem a Cirenêa encantadora
Que, passo a passo, pela vida fóra,
Nos ajuda a levar a nossa cruz...

No entanto, foi sempre a pobre escrava
Que o Homem rude e egoista manietava
Num martirio feroz e truculento.

Um dia, foi liberta. Deu-se quando
Remington aparecera manobrando
O teclado feliz do seu invento.

* * *

SPORT

MEMORIAS DO ATHLETA

RUY DA CUNHA

IV

La dona é mobile-Paris

Numa das festas em que entrei, no club, notei uma menina interessante, «chic» e que me agradou.

Eu olhei, ela olhou, foi o «coup de foudre». Cartas, flores, um galego ar mado em secretario, que servia de agente de ligação entre nós dois, em fim toda a serie de coisas ridiculas, que se acham naqueles momentos encantadores, até que numa noite eu esperei num trem, Passeio, onis o... «consumatum est».

Manuel da Silveira
o melhor amador de força, portuguez

Começaram então os meus trabalhos.

Passei oito dias deliciosos, num «appartement» que aluguei.

Mas, ha sempre um mas nestas coisas, o pouco dinheiro que tinha foi se acabando e tive que reduzir os «menus», que o meu estomago de avestruz, com a ajuda da minha beldade digeria alegremente.

Pareceu-me que ela reduzia tambem a dose de carinho que destinara para mim. Não levei o caso a mal pois pensei, com razão, que efectivamente, na lua de mel as forças precisam ser restauradas amiudadas vezes.

A coisa ia de mal a peor, e dois dias mais passados, estavamos no regimen do pão com queijo saloio.

A minha deusa andava palida e triste. Fiz-lhe notar que Jesus Cristo morrera, depois de grandes sofrimentos, que a mulher tinha vindo ao mundo, para servir de amparo nas horas dificeis, mas ela ouvia e ficava silenciosa como a lagrima do Junqueiro. Efectivamente...

Na luz do seu olhar
Tão languido e tão doce,
Havia o quer que fosse
De intimo desgosto...

Naturalmente era de fraqueza...

* * *

Visto que não podia tomar mais nada, era forçoso tomar uma resolução.

Enchi-me de coragem, e sai em busca da fortuna.

Ao passar pela rua de Santo Antão, uma ideia luminosa relampejou no meu cerebro. Pois se eu já era um amador de força, com certa popularidade, se já tinha trabalhado por amor ao sport, no Coliseu, qual a razão por que não havia de empregar essa minha força, a porque não havia de trabalhar nesse mesmo circo, para ganhar a minha vida?

Tomei balanço, subi ao escritorio, e fiz-me anunciar ao empresario do Coliseu dos Recreios.

Fui recebido otimamente apresentei a minha ideia, discutimos mais ou menos, debaixo dos tóccs, que o snr. comendador Santos despedia, e por fim, chegados a um acordo, assinei um contrato de um mez, recebendo um optimo adeantamento.

No dia seguinte os jornais da capital noticiavam que fazia parte da grande companhia equestre, ginastica, acrobatica, comica, mimica e bailarina musical, o conhecido atleta Ruy da Cunha.

E foi assim, como se diz na canção que eu comecei a ser feliz...

Entrei em casa radiante, e acompanhado de um moço com um suculento jantar.

Foi uma tarde de festa, e a minha fome pagou largamente, em carinho a despeza feita.

Desconfiei desde então que ela tinha substituido o coração pelo estomago.

Nesse dos 20 anos, em que a gente ainda acredita que existe coração nas mulheres.

Debutei com exito, enchi-me de coragem, e tratei de seguir a carreira que encetara, por vocação e por necessidade.

Acabei o contrato no Coliseu e segui dias depois para Paris, onde esperava arranjar fama e proveito.

Na vespera, a minha conquista fugira, trocando-me, a quem chamava o «rei da força», por um desconhecido qualquer.

Já nesse tempo a realeza andava muito por baixo.

* * *

Todos os jornais da epoca, em Lisboa, foram amaveis, mas devo destacar uma entrevista com Rocha Martins, no «Jornal da Noite», que eu guardo no meu album, ainda hoje.

Em Paris, onde a publicidade é dificil, fui bem recebido, não devendo esquecer o professor Desbonnet, da «Escola de cultura Fisica», cuja amizade ainda hoje conservo.

O Auto, La vie au grand air, La culture physique, La vie sportive, Le monde sportif, Le Petit Parisien, L'education physique, etc., falaram largamente da chegada do campeão de Portugal.

Debutei na cidade das luzes no «Petit Casino» com exito bastante. Estive 4 mezes trabalhando em varios teatros de Paris, e, como não descurava o treino e estava numa forma perfeita, estabeleci na Sociedade Atletica de Montmartre, o «record do mundo» da cruz de ferro, com altéres.

Fui o primeiro portuguez cujo nome figurou na lista dos «recordmans do mundo», de força. Ainda hoje só Manuel da Silveira conseguiu o mesmo.

Na mesma ocasião o meu retrato figurou no livro «Os reis da força», ao lado das celebridades mundiais.

Tinha 22 anos... uma saude de ferro, um bom humor que constante, bom estomago, e algumas ilusões.

De tudo isso, apenas me ficou o estomago...

RUY DA CUNHA

(Continua).

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

OS NOIVOS

por JULIO CESAR MACHADO

— A mulher mais honesta não póde dizer ao homem por quem se não ha de portar numa circunstancia imprevista. Tu tiveste, todavia, a coragem de uma grande alma! Se a sociedade principia a acusar-te, se alguma coisa de tudo isto chegou já aos ouvidos de Gonçalo, se o doutor viu êsse homem ás três horas da noite perto da nossa casa, se a tua dignidade sofre, se a alma de nossa mãe vai sofrer...

— Então?

— Então, salvarei eu tudo!

— Tu?!

— Eu só!

A datar dessa noite, os acontecimentos precipitaram-se. Gonçalo Dantas regressou triste, desconfiado e sombrio. Uma nuvem negra pairou sobre o horizonte desta familia. Nas conversações mais simples e triviais, o marido encontrava a ocasião de lançar como que ao acaso frases irreparaveis destas coisas que a gente, na vida, está muito tempo antes de se atrever a dizer, mas que, uma vez ditas, se vão repetindo a cada hora. Estava-se nos dias palidos de Outubro; a temperatura neste mês valetudinario é cheia de variações caprichosas. São os contrastes da primavera... menos a esperança! Os ultimos raios do verão e os frios precursores do inverno encontram-se e confundem-se; o crepusculo é cheio de tormentas e a aurora de nevoeiros. As harmonias serenas e puras das noites de verão já não veem expirar no ouvido como o misterio da felicidade. Se o outono entristece a alma, é á noite principalmente, quando se interroga, através da vidraça, o ceu pesado e chuvoso, e o vemos alargar-se, a perder de vista, até ás paragens solitarias, em que o vento baixa com a noite!

A tristeza que reinou entre os noivos explicava-se pela saudade, que a morte da viscondessa viera trazer-lhes: explicava-se assim para os estranhos; para êles proprios, não!

— Com que — disse o doutor a Gonçalo, de uma ocasião em que estavam sós no terraço, a olhar para o mar: — recebeste uma carta anonima?

— Sim! respondeu o marido num tom sombrio.

— Sabes que importancia deve dar-se a êsses artificios da calunia?

— Sei que sofro.

— Para que casaste?

— Que vens a dizer nisso? E' então uma condição infalivel, que o casamento traga o infortunio? Tira ao mundo as mulheres e as flores, — que te resta? Ninguem espera encontrar, no seu proximo virtudes de ordem muito elevada; a humanidade não as comporta; mas, ha o direito de não esperar vilanias de caracter, que destroem toda a estima e todo o sentimento. Se é essa verdade que um dos meus amigos, Carlos Eduardo... noutra coisa! O que é certo apenas, é que o horizonte conjugal tem dêstes nevoeiros, de que eu por muitas vezes te previni!

— Grande razão! Porque tu leste numa noticia diversa a historia de algum divorcio, deve o resto da humanidade fugir das mulheres! Quem pode adivinhar-lhes a indole ou conhecer-lhe sequer pelo trato do mundo? Os metais preciosos experimentam-se ao tocá-los, o coração delas tambem!

— E que resolves, em referencia a tua?

— Observá-la. Se não é, como eu a suponho, um anjo, cae de bem alto, mas cae para sempre...

— E êle?

— Oh! replicou Gonçalo, com um sorriso sinistro. Ele! Como tu lês sempre os jornais... os jornais todo o dia? E' preciso que aprendam em Lisboa como se vingam os da provincia! Um marido enganado, que se zanga, é um ente brutal: o que se não zanga, é um tolo; aqui está o que êles por ahi dizem. Que farias?

— Eu sei cá!

— Não é facil de antecipar, não. Nesta scena da comedia humana, não é o actor quem é mau, é o papel! Oh! Como eu sofro!...

— Não é verdade, não. Pensa!

Todas as manhãs, Carminho e Amelia iam rezar ao pé do tumulo de sua mãe. Ao terceiro dia, quando a noiva foi a ajoelhar, viu sobre a pedra um ramo de saudades. Desde então encontrou sempre flores sobre o tumulo, sem avistar nunca a oculta mão que ia juntar a sua oferenda á dela. Uma vez, por irem mais cêdo que de costume, ou por êle se ter esquecido inteiramente, perdido nos seus sonhos, viram Carlos Eduardo encostado ás grades do mausoleu. As duas senhoras, por um movimento instintivo, pareceram querer partir, quando, ao voltarem-se, avistaram em distancia Gonçalo Dantas e o medico.

Um sentimento de perplexidade e de terror pareceu retê-las um momento; mas o braço de Amelia teve força de conduzir sua irmã até o jazigo. A noiva, assombrada e lívida, caiu de joelhos, encostada ao tumulo. Amelia teve apenas tempo de dizer debilmente a Carlos, cuja vista acabava de descobrir os dois imprevistos personagens:

— Jure-me pela alma de quem nos ouve, senhor, que aceita a unica maneira de salvar esta martir!

Ele pareceu interrogá-la num olhar.

— Sou sua! acrescentou ela.

O mancebo, que, num relampago, sentiu o que havia de sublime nesta resolução suprema, humedeceu de lagrimas a mão que beijou.

Um mês depois, Carlos Eduardo e Amelia, cujo imprevisto casamento o mundo explicava pela morte da viscondessa, como havendo-se oposto sempre esta dama á misteriosa côrte do mancebo para sua filha, partiam para Italia, na intenção de irem depois residir em Paris. O doutor, nesse dia, deu um prolongado abraço no seu amigo Gonçalo e disse-lhe com a mais solene alegria:

— Pois agora é que te confesso! Quando te declaraste em perigo pelas insinuações da maldita carta anonima que recebeste em Barcelos, e me induziste á indignidade de irmos espreitar tua mulher ao cemiterio, — julguei-te um marido... em bancarrota!...

— Reconheça-a um anjo, meu pe tulante, e pede perdão á tua consciencia!

— Ele era poeta e eu tenho medo dêles como de apanhar sol! Gente perigosa na intimidade! Cumpre a um marido evitá-los com prudencia. São como as vistas de teatro, devem vêr-se de longe! Eu tinha-o encontrado, uma noite, rondando a tua casa ás três horas da madrugada; a tua casa, percebes?

E depois, Mathusalem, a criatura humana, — já has de ter lido isto! — é extremamente fragil...

— A criatura humana é perfeita ou estupida, é o que ela é. Um homem que faz duas irmãs, de que uma só é solteira: porque se lembra o mundo de preferencia, que seja á casada que êle se dirige?!

— Tens razão! Dá cá outro abraço!...

FIM

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouro, 18 a 24, Rua do Comercio, 136 a 140

PORTO — 28, Praça da Liberdade, 29

Mario Duarte
Cirurgia da boca e dentes
P. Restauradores, 13
Telef. 814 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.da
Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Estremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Vianna do Castelo, Vila Real e Viseu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue de Helder, 8, Londres 27 E Throgmorton Street, New York 28 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Para'iba, Pará e Manaus.

Recomendamos as Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal. Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banco Colonial Português

Séde:—Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: **Escudos 100.000:000$**

CAPITAL EMITIDO: **Escudos 10.000:000$**

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, Ilhas e em todos os paizes estrangeiros

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.º

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.º 2293
Fabricas — Paio Pires n.º 16
Armazens — Poço do Bispo, n.º 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.º 163, 2.º
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada

FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner"

DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Banza, Pampilhosa do Botão e Leiria

AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamo-los a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias

Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha)
Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha)
Turbinas, instalações de ceramica, etc.

Usines Bodnuvede S. A. Liége (Belgica)
Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia)
Maquinas-ferramentas

Bedel & C.º Dresden (Alemanha)
Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha)
Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa)
Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia)
Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos, etc.

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificas

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4106-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 — LISBOA — Sexta-feira, 16 de Junho de 1922 — Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Perguntas Insoluveis de toda a especie:

Em presença do numero consideravel de pobres inscritos no bodo do sr. Governador Civil, quantos serão os esfomeados da cidade de Lisboa?

A situação politica

O nosso colega, o «Diario de Noticias», publica hoje um artigo em que nitidamente se fotografa a actual situação portuguesa. Refere-se ao chamado espirito conservador que na realidade existe entre nós. A palavra, a toda a hora a ouvimos pronunciar; mas a noção lamentavel falece. Não é conservador quem quer, diz muito bem o nosso colega. Porque não se é conservador abstraindo-se de qualquer interferencia na politica nacional, a fim de assegurar os verdadeiros principios da ordem, assim como não se é conservador apelando para a desordem, mesmo que se invoque como razão desse apelo um desejo de criar uma nova ordem, definitiva e firme. «Nem a desordem pela desordem, nem a desordem pela ordem!» Esta formula do artigo a que estamos aludindo é perfeita. Invalida duma maneira fulminante todos os pretextos com que o espirito da desordem mascára as suas agitações.

Com efeito, não ha movimento de desordem que não apregoe a necessidade da ordem. E' um paradoxo de facto; mas não o é no ponto de vista das especulações politicas ou sociais. Evidentemente, por certos modos de ver, não ha sublevação de nenhuma especie que se não escude com o argumento da ordem.

A Comuna de Paris proclamava a ordem, isto é, a segurança do seu predominio sob uma sociedade moldada nas suas aspirações socialistas. Mas emquanto essa ordem era tudo o que ha de mais hipotetico, o sangue corria, os incendios lavravam. Tambem entre nós os monarquicos estão sempre reclamando a ordem. Qual ordem? A ordem deles, não menos hipotetica, e que na realidade só tem no seu activo incursões, rebeliões, movimentos sangrentos de toda a especie. Mas vão lá dizer-lhes que não são homens de ordem, a eles, que desde 1910 não tem cessado um momento de fomentar a guerra civil entre nós.

Não é, pois, conservador quem quer, bem como não é homem de ordem quem, por qualquer pretexto, apela para a desordem. As ideias, como muito bem nota o «Diario de Noticias», não necessitam para vingar e progredir do brutal argumento da espada, da espingarda, dos canhões ou das bombas. Ha para elas muitos meios de expressão. Ha o parlamento, ha o comicio, ha a imprensa. Todos esses meios de expressão existem em Portugal. Utilise-os quem quizer. Em relação aos proprios adversarios do regimen, eles teem logar no parlamento, contam com uma imprensa que defende os seus principios, e se quizerem falar ao povo duma maneira mais directa não ha nenhuma disposição legal que lhes vede a tribuna dos comicios populares. Desde que assim sucede, e apregoando esses monarquicos que a enorme maioria da população portuguesa comunga nas suas ideias, não se compreende porque não espera da acção do tempo, com tantos meios de propaganda ao seu dispor, um triunfo definitivo e completo.

O que se não pode admitir é a saragata permanente. E que sejam criaturas que se dizem conservadoras as que lancem mão dos processos subversivos, eis o que em parte alguma se empreenderia senão no nosso paiz onde andam tão alteradas algumas das mais vulgares noções sociais. Contudo, este estado de coisas tem de se modificar. Se assim não fôr, corremos o risco de não acabar nem como Republica nem como Monarquia, mas para e simplesmente como um grande hospital de doidos.

Fran Pacheco

Uma homenagem ao nosso consul no Maranhão

O sr. Fran Pacheco que ás letras patrias tem dedicado o melhor da sua inteligencia e á propaganda da Republica em terras do Brazil tem dispendido o melhor da sua tenacidade de lutador, acaba de receber, como nosso consul no Maranhão, a mais consoladora homenagem que a um funcionario da sua categoria é dado ambicionar.

Foi toda a população daquela laboriosa terra brazileira que o saudou no dia do seu aniversario prestando-lhe as mais fervorosas homenagens pela forma brilhante como tem sabido desempenhar as suas funções, honrando o nome de Portugal, ele proprio «portuguez de coração maranhense». No momento presente, em que o Brazil vibra comnosco no mesmo entusiasmo patriotico, glorificando os dois maiores portuguezes dos tempos modernos e em que necessitamos de representantes oficiais capazes de tornar proveitosas as nossas relações com a republica irmã, enche-nos de alegria saber que um nosso consul — Fran Pacheco — tem sabido conquistar, no desempenho das suas funções a estima da colonia portugueza e o respeito e admiração da população maranhense.

GEMENDO E CHORANDO...

Lenha para a fogueira!...

Vai ser aumentada a circulação fiduciaria, ao mesmo tempo que se prepara a venda das ultimas pratas do morgado arruinado

Pensa-se em nova emissão de papel-moeda inconvertivel. A circulação fiduciaria, que já deve ter passado além de 800 mil contos, subirá a mais de um milhão de contos; e o cambio, que dificilmente se aguenta na casa dos 4, ha de depreciar-se ainda mais, com proporcional aumento no custo da vida. Ao mesmo tempo que se projecta nova inflacção fiduciaria, dão-se os ultimos retoques nas propostas de Finanças e prepara-se a atmosfera para a sua aprovação parlamentar, antes de findos os ultimos dias do primeiro semestre do ano corrente. A fim de distrair a atenção publica destes assuntos aborrecidos, o Governo dá alimento aos boatos de revoluções, que não é facil averiguar donde partem, tanto a maquina projectora se esconde nas misteriosas furnas do Terreiro do Paço.

Entende o Governo que o aumento da circulação fiduciaria é inevitavel. O Banco de Portugal está esgotado de notas. O Estado come-lhas todas. E' a boca hiante de Moloch, que jamais se sacia. Para cobrir o *deficit* governamental, são precisos mil contos por dia, trinta mil contos por mês, 360 mil contos por ano. Cada hora que passa sangra o Banco de Portugal em mais de 40 contos de papel-moeda. E se a caudalosa corrente pára um instante que seja, não ha dinheiro para pagar ás forças armadas, ao funcionalismo, aos fornecedores do Estado. O Niagara de papel-moeda precisa de ser continua e ininterruptamente alimentado. Logo, fabriquem-se mais notas e siga a dança!...

Os jornais mais afectos ao Governo, como paus que são para toda a colhér, balbuciam, desde ha três dias, uma justificação mal decorada, indigesta, incompreendida por quem a escreve e incompreensivel para quem a lê. Ao mesmo tempo que se diz que a inflacção monetaria está impedindo a aplicação proveitosa dos capitais nas industrias e no comercio honestos, preconiza-se, contraditoriamente, o engrossamento dessa mesma pletora de papel-moeda inconvertivel e de circulação forçada. E, ainda, para reforço do veneno que assim se vem infiltrando na intelectualidade popular, um alto funcionario lança na imprensa a revelação de que o contracto dos tabacos, que foi a melhor renda do Estado, dá agora um prejuizo de 24.444 contos anuais. E quem é êsse alto funcionario? E' o director geral da Contabilidade Publica, o sr. Antonio Malheiro, que sempre supozemos que era Ricardo, mas agora nos sae Antonio. Ele dá a conta pormenorizada, mas desconfiamos que se esqueceu de mencionar uma verba, aquela que representa a participação conseguida para o Estado em virtude do aumento do preço dos tabacos da companhia, permitido recentemente. E' possivel, pois, que as contas do sr. Antonio (ou Ricardo) Malheiro não estejam absolutamente certas. Estejam ou não, o facto é que o director geral da Contabilidade Publica, que acumula, em seu beneficio, cargos varios com estipendios diversos e gordos, confessa que o prejuizo é devido á depressão cambial. Então, o melhor remedio — diz complementarmente o balbuciante jornalista a que já aludimos... — é aumentar-se, ainda mais, a circulação fiduciaria. Que bataia! logica!

Mas de quanto é — pergunta agora o leitor, mais apreensivo que nunca, ácerca do dia de ámanhã — o aumento da circulação, já resolvido, em principio? Supomos que de 500 mil contos! E está muito bem. Se o Governo ha de reclamar do Parlamento, ás pinguinhas, autorizações para reformar o contrato com o Banco de Portugal, é preferivel ir logo ás do cabo. Dizemos mais: em vez de 500 mil contos, aumente-se logo um, dois, três ou vinte milhões de contos. Mortos por um, mortos por mil! Para que diabo havemos de ir agonizando aos poucos?...

O que é certo é que o Banco de Portugal já não tem disponibilidades para ocorrer ás necessidades do comercio e da industria. Reduziu ao minimo a sua carteira de descontos. O Estado, que é já quasi o unico freguês do Banco, devora todo o papel-moeda que vai parar ao balcão. Nota que caia lá, é alma que caiu no inferno: o Governo encarrega-se de a engulir e digerir. Logo, aumente-se a circulação fiduciaria. Realmente, não vemos outra saida á apavorante situação do momento!

Entretanto, a dança da Bica do Terreiro do Paço folga e ri. O chefe do Governo dá ponta-pés nas bolas sportivas, com gaudio magno das turbas embasbacadas; o sr. ministro das Finanças magica mais impostos, na ancia inextinguivel de arrancar á Nação a ultima gota de sangue; o sr. ministro da Guerra não se comove perante a miseria dos oficiais do Exercito, que são torturados pela mais cruciante angustia, que o Estado encobre cinicamente no ouropel dos galões dourados e no argenteo brilho das espadas da Ordem; o sr. ministro do Comercio não dispõe de tempo nem de geito para salvar de um desastre a representação portuguesa na Exposição do Rio de Janeiro, assoberbado na luta que sustenta com o sr. Velhinho Correia; o sr. ministro da Justiça, esfalfado com o trabalho extenuante da proposta de lei do inquilinato, já não dá sinal de vida politica; e os outros ministros, para não alongar demasiadamente a pormenorização, olham aniosamente para os lados de Paris, donde o sr. Afonso Costa lhes faz, de tempos a tempos, sinais amigaveis, embora equivocos...

E o povo?... Esse festeja o Santo Antonio, o S. João, todos os santos da côrte do céu, queima as alcachofras e deita o festivo foguetorio. Faz, em toda esta scena da vida historica da Nação, o papel da cigarra da fabula. E' possivel, que, a breve trecho, ouça a resposta da previdente formiga. Será ainda a Inglaterra que fará o papel do coleoptero?...

O Raid brasileiro

New-York-Rio-Lisboa

Está assentado o «raid» de aviação New-York-Rio-Lisboa, por dois aviadores brasileiros — o comandante Filleto dos Santos, oficial da Marinha de Guerra, brasileira e o sr. Gentil Filho, aviador civil, ambos capazes de levar a efeito esse empreendimento.

Um jornalista brasileiro encontrou este ultimo:

O momento comportava uma ligeira entrevista, tanto mais que, a Associação Comercial Brasileira está resolvida a auxiliar essa aventura dos dois aviadores patricios.

Gentil Filho disse, entrando no assunto:

—Esse nosso «raid» tem dois fins: o primeiro, prestar uma homenagem aos aviadores portuguezes conduzindo-os no avião que se chamará «Independencia», do Brasil até Lisboa.

—De quantas pessoas se compõe a equipagem?

—De cinco pessoas. Eu, o Filleto, o meu mecanico Sylvio D'orsola, um observador e um telegrafista.

«O aparelho tem tres motores e é um dos mais possantes dos Estados Unidos. Ainda ha pouco ele fez algumas evoluções com 50 pessoas.

«Eu e o Filleto, depois dum entendimento com o Presidente da Republica, pretendemos partir talvez no dia 22 para os Estados Unidos.

«Adaptado o aparelho como desejamos, partiremos para ali e seguiremos depois para Lisboa.

—E confia no exito?

—Como não. O aparelho tem capacidade para 20 horas de vôo e caso haja um defeito em um motor, os outros funcionam e o proprio aviador pode, mesmo em viagem, fazer a reparação devida.

«Já vê pois que, ao menos, ha uma grande esperança de realisar com todo o exito.

"Caminho de gloria"

«A Patria», importantissimo jornal do Rio de Janeiro, transcreve num dos seus ultimos numeros o nosso editorial «Caminho de gloria».

Colegio Calipolense

Amanhã, 17, pelas 19 horas, realisa a sua festa anual o Colegio Calipolense, um dos primeiros institutos de educação da capital. O programa que é variadissimo, é constituido por numeros do subido interesse, a cargo de diversos alunos desta escola. Realisa-se igualmente um bodo a 200 pobres necessitados.

A festa promete revestir um excepcional brilhantismo. Agradecemos o convite que nos foi enviado.

Como vive o Kronprinz

No seu desterro da pequena ilha holandeza o herdeiro imperial conversa com um jornalista

Guilherme, Kromprinz; o filho do ex-Kaiser, e que era o herdeiro do trono da Alemanha, vive com o seu pai exilado num recanto solitario da Holanda.

O governo holandez destinou lhe a ilha de Wierigen para a sua residencia; ilha situada ao norte do paiz é habitada por gente modesta e simples. A casa não se distingue muito dos edificios comuns da ilha; é um pequeno predio de seis compartimentos, notando-se que lhe falta um quarto de banho...

O altivo guerreiro de outrora, o principe general que dirigia e exaltava a ofensiva ciclopica de Verdun, transformou-se em Wierigen em um obscuro refugiado, em que as grandes ambições politicas, se apagaram e extinguiram.

Não deixa de ser curiosa a imobilidade, a quietude, a resignação, com que se adaptaram ao exilio os orgulhosos principes directores da catastrofe guerreira de 1914.

Guilherme II e o Kromprinz desde que a derrota se pronunciou inflexivelmente, parecem se haver condenado a um ostracismo perpetuo. Na Alemanha, tradicionalmente monarquista, cuja grandeza e prosperidade se desenvolvera sob os auspicios da realeza, — eles não tentaram de incentivar a campanha dos seus partidarios, e não parecem guardar a esperança de escapar um dia á dura contingencia do exilio.

A situação de seu país, desarmado e preso pelas dividas de guerra, amortecer-lhes, talvez no animo, a aspiração de reagir contra o destino a que se viram entregues, e de voltar á alta condição de imperantes sobre o povo alemão.

A Alemanha, tambem, não dou provas de desejar muito a volta de Guilherme II ou do Kronprinz.

Eles foram os imperantes e dirigentes vencidos, e os governos que levaram as nações á derrota, não inspiram mais confiança, pois que a derrota é a demonstração da sua inaptidão para guiar e defender os povos.

Compreende-se a renuncia a toda a ambição politica do ex-Kaiser e do Kronprinz diante dos factos que os isolam e os condenam a um desterro ao qual não falta o caracteristico de uma prisão.

Que pensam eles, entretanto? Que fazem no seu desterro? Que esperança alimentam?

São questões curiosas, e para satisfazer tais curiosidades um jornalista, foi especialmente a Wierigen para entrevistar o Kronprinz.

Encontrou-o cercado de livros, e concebendo livres para explicar a causa da guerra...

O filho de Guilherme II recebeu amavelmente o jornalista, que era americano, e não se furtou a nenhuma questão. Descreveu a sua vida no ambiente rustico de Wierigen.

—Amigos da Alemanha são bastante amaveis para visitar-me, ás vezes, disse ele, como deve ter observado a ilha oferece poucas distrações. Quanto a exercicios fisicos faço todos os dias excursões em minha motocicleta, e uma vez por semana vem de Amsterdam um ex-campeão de jogos pesados e «boxamos» um pouco...

Ah!... (o entrevistado ajuntou rindo) nesses encontros ás vezes eu levo a melhor parte... Toco violino de vez em quando e pinto um pouco...

Sobre as grandes questões em que é interessado o seu paiz: as reparações da guerra, Conferencia de Genova, papel dos Estados Unidos o Kronprinz falou como todo o alemão. Frizou quanto lamentava a não participação dos Estados Unidos nesses assuntos.

Quando foi interrogado sobre a monarquia na Alemanha, assim falou o principe:

—Se a monarquia fôr restaurada na Alemanha, deverá ter uma base ampla e segura, e essa base é a vontade da maioria do povo. A Republica estabeleceu-se na Alemanha e o actual estado de coisas perdurará até que o povo queira substitui-lo por algum outro. Se a monarquia restaurar-se na Alemanha não será por meio da força. Não creio em intentonas.

O principe falou de uma maneira desinteressada, comenta o entrevistador, como se não pensasse, ao menos para o momento, em si mesmo, como possivel ocupante do novo trono alemão...

E o principe terminou a entrevista, manifestando o desejo de visitar a America do Norte.

—Que resultado obteria, se algum dia escrevesse ao governo de Washington solicitando permissão para passar um ano nos Estados Unidos, estudando e viajando?

—Creio, respondeu o jornalista, que os Estados Unidos estariam dispostos a correr o risco de aceder, se a isto se opuzessem os aliados.

Parece-me, observou o Kronprinz, que alguns dos aliados não fariam oposição; não estou seguro, porem, a respeito de todos.

E manifestando a modesta aspiração de fazer «touriste» nas terras americanas, o poderoso herdeiro do trono, de outr'ora, retratou quanto está adaptada a sua ambição á vida rustica dos habitantes da ilha, longe das esperanças deslumbrantes de governar os povos e commandar brilhantes exercitos.

O testamento politico

Do presidente Deschanel, demonstra a incompatibilidade que existia entre ele e os outros organismos dirigentes da França

Os jornais franceses publicam agora um discurso que o sr. Deschanel recentemente falecido não chegou a pronunciar mas que foi encontrado entre os seus papeis e que é até certo ponto uma especie de testamento politico.

Entre outras afirmações, diz o sr. Deschanel:

«Creio ser absolutamente impossivel conduzir a nossa politica, tal como ela deve ser orientada sem corrigir os muitos pontos a nossa organisação actual. Quiseram os legisladores que fundaram a nossa Constituição evitar o retorno ao poder pessoal do Chefe do Estado, o que é segundo afirmam a causa primaria de todas as nossas discussões. Mas esqueceram-se de evitar egualmente o poder pessoal da presidencia do Conselho. Ora foi realmente este poder que aniquilou, paralisou todos os outros poderes, presidencia das Camaras, ministros, assembleias, todos os grandes organismos que orientaram e que dirigiam».

E mais adeante:

«Ocupei durante pouco tempo a Presidencia da Republica mas mesmo assim o suficiente para verificar que se numa questão qualquer a opinião presidencial não é a dos ministros, o Chefe de Estado não pode fazê-la prevalecer nem mesmo fazê-la conhecer.»

Estes pontos essenciais do testamento politico do sr. Deschanel vêem lançar alguma luz sobre os motivos que determinaram a sua saida da suprema magistratura. A doença do antigo chefe de Estado, recentemente falecido, foi sempre envolta num certo misterio e a sua saida da presidencia que se pode classificar de fortuita, não foi talvez unicamente motivada por uma saude bastante abalada. As passagens que transcrevemos deixam adivinhar a profunda dissenção que devia, com certesa, existir entre o sr. Deschanel e outros organismos do Estado e que talvez fosse o motivo que levou o politico francez a resignar esse cargo.

De resto o facto não é novo em França. O sr. Casimiro Périer que foi Presidente da Republica Francesa, uma bela manhã, sem pompa e sem reclame, saiu pura e simplesmente do Eliseu por se ver coartado em todas as suas iniciativas e até nas suas mais simples preposições. De facto não era um chefe de Estado. Era um jarrão. E por isso se foi embora. Não tinha a minima inclinação para objecto decorativo.

A conferencia da Haia

já principiou com os inevitaveis discursos

HAIA 16. — A conferencia começou quarta-feira. O primeiro discurso foi proferido pelo ministro dos Negocios Estrangeiros holandez, sr. Karnebeek. A imprensa francesa da grande importancia á presença de Stinnes na Haia.—(Lat. Am.)

Exposição do Rio de Janeiro

Prevenção

O «Iodal» (granulado de iodo [illegible]) patente de invenção do Laboratorio Farmacologico de J. J. Fernandes & C.ª conserva a embalagem nova que adoptou para figurar na Exposição do Rio de Janeiro e sem aumento de preço.

QUADROS TROPICAES

NO PARALELO 10.º

SCHEMA DUMA "FITA"

(Ao maior ministro das Colonias que tem havido)

QUADRO III

(*Argumento*: Dias passados, anciosos e largamente governativos, o Satrapa recebe em Palacio Sua Autentica Familia. Ha a necessidade de alojar sob o mesmo tecto duas pessoas distintas... e uma só verdadeira. O escandalo oficial sobe de ponto, *Boa-Amiga* sae alfim de Palacio, indo ocupar uma das casas destinadas á habitação dos funcionarios... Todos os dias, porém...).

SCENA I

Emrêz-de-Moço, dando ao diabo a invenção tsarista da *Salada-russa*, tem, no entretanto, de engulila, mercê das circunstancias. E *aquela*, que êle já estadeara na varanda do Palacio como Imperatriz, vê-se obrigada agora a desempenhar o papel secundario de *governante*. De governadora a governante vão dolorosas leguas.

Saudades longas dêsse meu Passado

Disse amargosamente o poeta Cerejeira de Albuquerque, no celebre soneto que fez ao ser reproclamada a Traulitania.

Boa-Amiga repetia os versos do vate heroico — aquele tão precioso colaborador da colonização lusa, que até a Republica não o pôde dispensar, indo buscá-lo para ministro, no que lhe ioeteu, por sinal, um grande susto...

(Mas *«isto é uma outra historia»*, como costuma dizer, com tão deliciosa malicia, o obscuro cronista da colonização inglesa, que dá pelo nome de Rudyard Kipling).

SCENA II

Junto dos pavilhões, os soldados da guarda jogam os dados e extraem dos pés, descalços, algumas calosidades incomodas.

O Bobo da Côrte (caminhando, sonambulo, sem dar pela presença da soldadesca indigena):

No mesmo ninho,
Tranquilamente,
A pomba e a garça...

Os soldados da guarda (para o Bobo):

— Siô, dá vinho...
Dá vinho á gente!

O Bobo (afastando-se, sempre absorto):

— Tragedia... ou farça!

SCENA III

A *Boa-Amiga*, segundo consta nos meios oficiais, deve sair nesse dia do Palacio. Ahi a atmosfera carregou-se; a custo se respira... Fora, pelas repartições publicas, vai o panico. O grão-vizir geral, o vizir das comunicações postais, o topografo-em-chefe e outros acham-se afastados dos seus cargos, que são exercidos, interinamente, pelos fieis apaniguados do Satrapa. O fisico-mór tambem se foi... O chefe do estado maior das guardas foi desterrado... para Cachungo.

E, como, pelas razões aduzidas, não ha falta de casas para funcionarios, *Boa-Amiga* é instalada numa delas.

Todos os dias, porém, o Satrapa vai lá dormir a sesta, do meio-dia ás duas da tarde.

(Cae o pano).

QUADRO IV

(*Argumento*: Corre a vida como sempre, docemente algumas vezes, outras vezes menos bem. Mas o Amor, que é um deus eterno, faz dos aculeos lilazes e das pedras faz boninas. O sol dos tropicos, forte, é fecundo, e, assim, a Flor deu seu fruto facilmente.

Boa-Amiga concebeu.

Com seu filho ao colo, vem a caminho de Ulissipo...

Saudades são aos montões,
Saudades, sempre saudades!
(O *Bobo* dá um conselho).

SCENA I

Na vespera e como de seu costume, o Satrapa fôra visitar a *Boa-Amiga*, saindo de Palacio no seu automovel, acompanhado de sua legitima familia e de seu ajudante de ordens. O carro estacou junto da porta. O Satrapa apeou-se, como de costume; a familia, como de costume, seguiu no seu passeio; o ajudante, como do seu costume, levava os cordões.

Agora, a banda municipal tocava o hino da *Maria da Fonte*. — O *Kronsprinz* acabava de sofrer, risonhamente, o seu baptismo de... registo civil.

Aleluia!

SCENA II

Meses depois. Um pequeno transporte da Colonia leva em seu fragil bojo o Amor e a Esperança. Vai a Bisnau largar a preciosa carga a bordo de um galeão, que irá para Ulissipo.

Vai caindo a noite. O sol, prestes a esconder-se, tinge de purpura o horizonte. Dir-se-ia um coração a sangrar.

O Satrapa (encostado á balaustrada do varandim governamental):

Saudades, sempre saudades,
A roer-me o coração!...

O Bobo da Côrte (escondido atraz do tronco de um poilhão):

P'ra matar essas saudades,
Só te resta a demissão.

(Muda a scena bruscamente).

QUADRO V

O hemiciclo da Camara dos Deputados da Falacia. Grupos discutem. Ouvem-se gritos estridentes, sem nexo. Agitação.

A meio da sala, os srs. *Proprietario da Silva*, *Carlos Sem Trava* e *Nuno de Dos Bons* (gesticulando e em côro):

Que *fita* é esta, Senhor
Gasparinho da Arreigaffa?
Responda, se faz favor!

Gasparinho:

Não sei nada; não sei nada!
Não sei nada; não sei nada!

(Cae o pano vagarosamente).

F. DA SILVA-PASSOS

As finanças da Austria

Mil corôas por seis tostões!

VIENA, 16.—As finanças da Austria tendem a melhorar. A creação do novo Banco de emissão produziu uma excelente impressão na opinião publica.

O voto da camara francesa, concedendo cincoenta e cinco milhões de francos á Austria acalmou o panico e provocou a alta da corôa.—(Lat-Am).

N. R.—Este telegrama parece indicar que a situação angustiosa da Austria se torna menos aflitiva. Com efeito a corôa desceu a tal ponto que na Bolsa de Viena eram necessarias umas mil para se poder adquirir uma libra esterlina. A Austria privada dos seus imensos territorios, distribuidos a varias potencias e outros que se constituiram em nações independentes, está hoje quasi reduzida ao ducado de Viena, antigo berço dos Habsburgos e sobre o qual convergiram todas as dividas e quasi todos os encargos do antigo imperio austro-hungaro. A sua moeda sem ter atingido ainda o quasi nulo valor do rublo russo, está no entanto de tal maneira depreciada que não é possivel obter hoje na grande capital um maço de cigarros, por exemplo, que não custe menos de 1500 coroas. Não ha no entanto motivo para emulações descabidas. Lá chegaremos.

A questão irlandeza

entra no dominio das conferencias diplomaticas

LONDRES, 17.—Realisou-se esta manhã a ultima conferencia entre Churchill e os representantes do Estado livre da Irlanda. Churchill prometeu adiar a decisão da camara dos comuns para a semana que vem. A inesperada rapidez com que se resolveu a questão da constituição está em armonia com o tratado. Na conferencia de Griffith com o gabinete ficou definitivamente assente o texto da constituição o qual será publicado amanhã, dia das eleições irlandezas. —Lat. Am.

A grande grève de Rhod Island

AS ASPIRAÇÕES DOS OPERARIOS CONTINUAM IRREDUCTIVEIS CHEGANDO FUNDOS DE TODA A PARTE PARA AUXILIO DOS GRÈVISTAS

Como em tempos se fez publico aos leitores da *Capital*, uma formidavel grève afectou todos os centros textis de Rhode Island e do Estado de Mass. Dêsse estado anormal, derivado da suspensão do trabalho, têm resultado certas complicações mais ou menos de certo vulto, que veem sendo remediadas de acordo com as circunstancias em que as mesma se passam. Destas, duas houve que devem ter registo especial, uma pelo seu caracter social e progressivo e outra por ser de melindre internacional.

A primeira, refere-se a uma clausula ganha pelos grévistas na Camara Estadoal, concernente á cruzada das 8 horas de trabalho e de determinados direitos e privilegios em favor dos menores e das mulheres, muito especialmente para estas quando se acharem em estado de parturientes.

A outra, já se teve ocasião de nela se falar quando primeiro se escreveu sobre esta guerra infame que o capitalismo iniciou contra o indefeso obreiro, que tudo produz e nada tem.

E' a morte de João Assunção, a qual foi minuciosamente investigada pelas autoridades portuguesas, por êste ser um subdito de Portugal, e que acaba de ter um fim satisfatorio em face das conclusões a que os encarregados do inquerito chegaram e dos oficios atenciosos enviados pelos altos governantes Estadoais ao consul nesta cidade.

Ainda sobre êste assunto colheram-se informes no consulado ácerca da indemnização a que a familia do morto tem direito, acrescentando o sr. Eduardo Rodrigues de Carvalho, consul em Boston, que nada ia dizer para não precipitar a boa marcha dêsse ponto da questão.

O sul do paiz, que é grande competidor nos mercados, não só americanos como estrangeiros, foi dado pelos proprietarios como causa principal dos recentes cortes nos ordenados, segundo um discurso pronunciado aos grévistas pelo presidente Mc. Mahon, que continuou dizendo ter contestado ás declarações do tesoureiro da Pacific Mills, no assegurar êste que as industrias textis da Nova Inglaterra estavam em perigo de desaparecer em vista da concorrencia do mesmo artigo do sul.

No decorrer do seu discurso, o inteligente *leader* trabalhista teve estas frases respeitosas para com o tesoureiro da Pacific Mills, sr. Edwin Farnham Green: «Ele considera os direitos e as necessidades dos *dollars* mais importante do que os direitos e as necessidades da humanidade estão sendo. Nós estamos em face de um real problema e não de uma questão teoricamente social.

«Evidentemente para êle o problema dos *profits* é «real», mas dar um viver decente aos trabalhadores textis, como guardar as mães fora das infectas oficinas, como dar escola ás criancinhas, como desenvolvê-las, torná-las mais felizes e melhor educar o povo, são apenas «questões teoricamente sociais». Muito bem, se isto são, no pensar de um homem que se diz humano, «questões teoricamente sociais», os trabalhadores organisados vão baterse até que os mesmos principiem a ser considerados problemas riais, da mesma forma que o são na questão dos *profits*.»

Mr. Green dissera que o sentimento da opinião publica parecia estar com o corte nos salarios. Eu não concordo. Em 1920 e 1922, os accionistas da Pacific Mills tinham em caixa mais do que metade (52,7 por cento) do valor inteiramente par do seu *stock*. Porque não salvou a Pacific Mills parte dos lucros da guerra, os quais, segundo o proprio sr. Green admite, foram «anormais», e os gastou em manter os ordenados na presente depreciação advinda dessa mesma guerra? Será isto por serem as condições dos textis um problema mera e teoricamente social?

Em face de tais *profits*, eu não julgo que o «bom senso», entre o povo imparcial», esteja justificando qualquer corte nos minguados ordenados.

«Ha, tambem, alguma coisa mais fundamentalmente grande a dizer ácerca da questão do norte *versus* sul. A humanidade é mais importante do que a geografia.

Nós, trabalhadores de tecidos, não somos obrigados a privar-nos de certas necessidades da vida, para, em troca, vencer inhabilidades economicas de qualquer parte do paiz.

As condições de vida no sul são muito outras que não aqui. Vive-se melhor e com menos dinheiros — assim terminou a activa sentinela dos trabalhadores em tecidos.

Diariamente são recebidas quantias de diversas partes da America, que veem auxiliar a grande causa trabalhista.

Falta de carne

A Comissão do Abastecimentos que estava adquirindo gado a 36$00 a arroba, resolveu adquiri-lo a 39$00, afim de ver se aparecia maior numero de cabeças, mas esse aumento ainda não deu resultado, pois ontem só foram abatidas 44 rezes tendo os talhos na sua maioria sido abastecidos por carneiro, tendo ontem sido abatidos cerca de 1550.

A tabela posta em execução pela Comissão do Abastecimentos em 2 do corrente continua em vigor e compete ao publico faze-la cumprir.

Uma nova marca de sardinhas de conserva

A firma Beltrão Ramos e C.ª criou uma nova marca de sardinhas de lata alusiva á travessia do Atlantico pelos aviadores portugueses e de que teve a gentileza de nos enviar um specimen que muito agradecemos.

Economia e politica

«E' hoje opinião geral que a politica não pode, de per si, resolver as multiplas questões que em todos os Estados se ventilam, após a guerra.

Quando, ao findar o ano passado, e realisou, em Paris, por proposta dos chefes de governos aliados, uma reunião de financeiros e industriais, esse facto foi reconhecido.

Já antes, em identico congresso celebrado em Londres, o visconde Birkenhead disse: «Os homens de negocio podem libertar-se, ao estudarem questões, de considerações que necessariamente restringem o horisonte e a actividade dos homens politicos e dos homens de Estado, quando são chamados a apreciar essas mesmas questões».

Assim é.

Em Portugal, porem, os politicos julgam-se, em geral omniscientes e não hesitam em procurar, por seu simples alvedrio, resolver as questões economicas, que hoje assumem os aspectos mais imprevistos e se regulam por normas que não é possivel desprezar.

Quem pretendesse hoje invocar velhas doutrinas economicas para, á face delas resolver os problemas da produção do consumo, da moeda, etc., cairia nos maiores absurdos e reconheceria a impossibilidade de fazer prevalecer na pratica esses absurdos.

A sciencia economica evolucionou: evolucionou consideravelmente, em virtude do progresso geral da cultura intelectual e em virtude dos novos aspectos do mundo economico. Quem não acompanhar essa evolução, arrisca-se a ficar na impossibilidade de apreciar devidamente muitos fenomenos novos e de achar solução para muitas questões importantes.

Ora, geralmente, os politicos são estranhos aos estudos economicos, tais como eles hoje devem ser feitos. Por isso, caem facilmente em erros, de que resultam, por vezes, serios prejuizos de toda a ordem.

A unica maneira de evitar esse grave inconveniente consiste em aproximar os politicos daqueles que techam por dever, ou pela especialisação da sua actividade, conhecimento das soluções adoptadas hoje para os diversos e variados problemas economicos.

Assim se está fazendo por toda a parte, não apenas por simples platonismo, mas pelo proposito firme e decidido de esclarecer aqueles a quem caiba gestar as mais proficuas soluções.

Em Portugal, começa a esboçar-se essa tendencia, como provam os dois congressos economicos já realisados.

Para que esse empreendimento, de iniciativa particular, produza todos os efeitos, torna-se, porem, indispensavel que governos e parlamentos se decidam a ouvir nas questões economicas aqueles que devidamente os possam esclarecer.

Pela sua parte, os homens conhecedores das mesmas questões devem levar para as suas assembleias o formal proposito de ante-porem a todas as considerações e a todos os interesses, a consideração maxima de cooperarem no bem da sua patria e o interesse maximo de promover a prosperidade coletiva.

Desta maneira, aliados politicos e homens conhecedores de questões economicas conseguirão vencer as seriessimas dificuldades que surgem de todos os lados e perante as quais não são admissiveis os expedientes banais e as ficções embusteiras de que a politica tem usado servir-se, na nossa terra.

Os tempos não vão propicios para semilhantes processos.

Exigem e impõem que se mude de processos e, aliando a economia á politica, se caminhe para o grande ideal que deve nortear os estadistas merecedores deste nome.

Fóra de tais normas, o politico continuará a ser tido por escalracho que devora o melhor suco da nossa boa terra portugueza, o mais réles comediante de uma baixa comedia.

Exposição do Rio de Janeiro

Entrega de productos destinados á Secção Portuguesa

Estão-se intensificando de uma forma que corresponde ao interesse provocado pela inscrição; as entregas de productos com destino á Secção Portuguesa na Exposição do Rio de Janeiro.

Contam-se já por centenas os volumes entregues e que deverão muito brevemente seguir para o Rio de Janeiro.

Os expositores que por qualquer circunstancia não possam desde já fazer a entrega dos seus mostruarios e que, de tal facto, ainda não hajam prevenido o Comissariado Geral, devem faze-lo quanto antes, a fim de se lhes assegurar o respectivo transporte.

Para evitar demoras ao serviço de expediente a que dá logar a recepção dos documentos referentes a cada remessa, é indispensavel que os expositores enviem ao Comissariado Geral, as «Guias de Remessa», em triplicado, com todas as informações nelas pedidas sobre cada um dos volumes que acompanham os mostruarios, principalmente o peso e o valor de cada um deles, pois são elementos indispensaveis ao calculo do frete ao vapor e do seguro das mercadorias. Acompanhando estes documentos devem ser enviados, embora estes não sejam destinados á venda.

vem ser enviados um «Questionario», com as indicações relativas aos produtos e uma «Factura» em duplicado com o detalhe dos artigos enviados, embora estes não sejam destinados a venda.

O pavilhão da Republica Argentina

na Exposição do Rio de Janeiro

Dentro de breve tempo vão ter inicio as obras do pavilhão argentino cujo projecto acaba de ser aprovado pelo governo da Republica da Prata.

A área concedida para a sua edificação é de mil metros quadrados, e ocupará um dos lugares principais á entrada da Avenida das Nações e a sua frente será voltada para a Guanabara, na cidade do Rio.

O edificio terá tres andares que, segundo o projecto, destinar-se-hão: o andar terreo, á exposição de frutas, pastas alimenticias, conservas, doces, cervejas, vinhos, licores, e todas as qualidades de generos alimenticios, que serão servidos diariamente aos convidados, para o que a comissão de representação distribuirá convites diarios.

No segundo plano, primeiro andar, será destinado á exposição de materias primas divididos e classificadas em cinco grupos, relação de transportes e obras publicas, secção de educação e economia social e a exibição especial da cidade de Buenos Aires que oferecerá interessantes atractivos.

O terceiro e o segundo andar serão ocupados na sua maior parte pelo grande salão cinematografico, onde diariamente serão feitas conferencias ilustradas, sobre os multiplos assuntos de caracter descriptivo, economico, social e etc.

A parte restante, é destinada á industria e á secção de terras, colonização, imigração e fomento.

No pavimento terreo, haverá um grande frigorifico, onde se encontrarão as melhores frutas do Prata, que serão servidas frescas, diariamente aos convidados.

O pavilhão será de typo desmontavel e a sua armação metalica. Os principaes elementos para a sua construção virão da Argentina, e, segundo o seu arquiteto, será montado e edificado em pouco tempo, pois o sr. Alejandro Christophersen, seu autor, acompanhará o material e fiscalizará a sua construção de acordo com o Ministerio das Obras Publicas.

Por aprovação da Intendencia Municipal de Buenos Aires, a direcção de passeios está preparando trabalhos e objectos que figurarão no seu palacio, com elementos demonstrativos das praças e parques da cidade e principalmente á sua riquesa ornamental.

PELO TELEGRAFO

O emprestimo á Alemanha

BERLIM, 16. — A nota suplementar da comissão de reparações expressa a esperança de ver garantidas as negociações com a Alemanha. Espera-se que antes do fim do ano seja feito o emprestimo obrigatorio que garante a Alemanha 40.000 milhões.—(Lat. Am.)

Uma greve no estado Mormon

SALTLAKE CITY, 16.—O comboio que conduzia os mineiros para as minas do carvão em Carsan County, Texas, foi atacado a tiro por individuos postados na linha em emboscada. Devem ser grevistas. Foi proclamada a lei marcial em toda a região carvoeira.—(Lat. Am.)

As eleições da Hungria

BUDAPEST, 16.—O resultado final das eleições na Hungria foi de 140 governamentais eleitos e 26 oposicionistas.—(Lat. Am.)

A Princesa Yolanda

PARIS, 16.—A princeza Yolanda, filha mais velha dos reis de Italia, chegou a Paris viajando incognita. Parte brevemente para Londres.—(Lat. Am.)

Um enciclopedico

LONDRES, 16. — Morreu o major Britchard, romancista, explorador e campeão do «cricket». A doença que o victimou foi contraida em Africa no serviço da Patria, tinha 45 anos. —(Lat-Am.)

O ex-presidente Taft

LONDRES, 16. — O ex-presidente Taft que deve chegar a Londres no sabado será recebido com todas as honras, devendo Lord Balfour fazer um discurso de boas vindas. — (Lat-Am.)

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

SESSÃO DE HOJE

Preside o sr. Domingos Pereira e a sessão abre com numero suficiente para votações.

Por proposta do sr. Lino Neto, leader da minoria catolica, a Camara aprova um voto de saudação ao 80.º aniversario natalicio de Sua Eminencia Mendes Belo, Cardeal Patriarca de Lisboa. Associaram-se ao voto os srs. Manoel Duarte, pelos monarquicos, João Camoesas, em nome da maioria democratica, Ginestal Machado, pela minoria liberal, Americo Olavo, pelo Partido de Reconstituição Nacional e Fernando Freiria, pelos independentes.

Em nome do Governo falou o sr. ministro da Agricultura que prestou homenagem as virtudes do sr. Patriarca terminando a serie de discursos por algumas palavras de assentimento pessoal, pronunciadas pelo sr. Domingos Pereira presidente da Camara.

O sr. Sá Pereira, fez declarações, recusando o seu voto á proposta.

O sr. Morais Carvalho levanta a seguinte questão: o periodo legislativo termina hoje: pergunto ao Governo e ao Parlamento se a sessão legislativa está prorogada ou qual o regimen parlamentar que está em vigor. Afim de regularisar a situação manda para a Mesa uma proposta para se reunir o Congresso afim de deliberar sobre a prorogação da sessão legislativa. A proposta é admitida e entra logo em discussão.

A questão é esta, em resumo: se a presente sessão legislativa é ordinaria, tem que ser prorogada; mas se é extraordinaria, não tem praso de duração e não necessita, pois de prorogação.

E' em torno da interpretação a dar aos artigos aplicaveis da constituição que se desenvolve o debate, em que já participaram os srs. Moura Pinto, Carlos Olavo e Alberto Xavier.

Outros deputados pronunciar-se-hão ainda sobre o assunto. E' natural que o debate se prolongue por bastante tempo.

A avaliar pelo espirito que nos parece dominar já na Camara a proposta será rejeitada.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio secretariado pelos srs. Gudinho do Amaral e Sousa Varela. Acta aprovada por 22 senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

Mgr. Dias de Andrade propoz um voto de congratulações pelo octogesimo aniversario de S. Eminencia o Cardial Patriarca de Lisboa, enaltecendo com palavras calorosas e cheias de eloquencias as virtudes, os serviços e as altas benemerencias de S. Eminencia.

Associaram-se a este voto todos os lados da Camara e o sr. ministro da Justiça em nome do Governo. Este voto vai-lhe ser comunicado oficialmente.

O sr. Rego Chagas envia para a mesa um projecto de lei determinando que no dia da chegada dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral ao Rio de Janeiro, cessem as penas disciplinares aplicadas a todos os militares do exercito e da armada, e perdoando as multas por transgressão ás leis e regulamentos fiscais pendentes, sem prejuizo dos respectivos impostos devidos.

O sr. Manoel José Pereira envia para a mesa um projecto de lei sobre cobranças de dividas ás Camaras Municipais.

ORDEM DO DIA

Discute-se novamente o projecto de lei 59, sobre o provimento de vagas de tesoureiros da Fazenda Publica.

A sessão continua.

Conselho de Ministros

O conselho de ministros reuniu-se hoje efectivamente na secretaria do interior. Segundo a nota oficiosa transmitida aos jornais ocupou-se do exame de varios assuntos de administração publica.

O tumulo do soldado desconhecido

Os srs. dr. Magalhães Lima e general Abel Hipolito, respectivamente, presidentes da grande comissão do monumento aos mortos da guerra e da sua comissão executiva, conferenciaram hoje com o chefe do Governo, a quem transmitiram as resoluções da grande comissão, respeitantes a sepultura definitiva dos doi soldados portugueses desconhecidos e á escolha do local para o monumento.

Duqueza do Porto

A sr.ª Duqueza do Porto, acompanhada do seu advogado, sr. dr. José Montez, conferenciou hoje com o Chefe do Governo, acerca das suas pretensões relativas aos bens do seu falecido marido o sr. D. Afonso de Bragança.

O RAID LISBOA-BRAZIL

Os intrepidos aviadores devem estar amanhã no Rio de Janeiro

Os heroicos aviadores portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral que ontem conforme referimos chegaram a Victoria, ainda ali se conservam devendo dali partir sómente amanhã de manhã em direcção ao Rio de Janeiro.

Segundo informação recebida no ministerio da Marinha o hidro-avião «Farey 17» que conduz os bravos aviadores deve chegar amanhã ao Rio de Janeiro, depois das 12 horas.

O grande bodo aos pobres será distribuido no domingo caso os aviadores cheguem amanhã ao Rio de Janeiro

Está definitivamente assente que o grande bôdo aos pobres, de iniciativa do sr. Governador Civil de Lisboa, seja distribuido na Praça de Camões no proximo domingo, caso os intrepidos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral cheguem amanhã ao Rio de Janeiro conforme está anunciado.

O bodo será distribuido por 14.000 pobres, ás 10 horas, devendo assistir ao acto a esposa do Chefe do Estado, os srs. ministro do Interior, Governado Civil, oficiais da policia, etc.

Ha quem tenha o sentimentalismo piegas de que se vai fazer uma parada de miseria quando afinal o que se pretende é mostrar ao publico o destino que tiveram os 80.000 escudos da subrição aberta a favor da pobreza.

Ha quem malevolamente tenha espalhado que desse 80 contos, 30 foram empregados pelo chefe do distrito na compra de um automovel!

No intuito de evitar que os pobres residentes nos bairros afastados da cidade, gastem dinheiro em transportes ou se esfalfem em vir a pé até á Praça de Camões, o sr. Governador Civil resolveu que as esmolas lhes sejam dadas nas juntas de freguezia.

Assim os pobres das áreas do Alto do Pina, Beato e Olivais receberão o bodo na séde da junta de freguezia do Beato; os do Campo Grande, Lumiar, Ameixoeira e Charneca, receberão na junta do Lumiar, os de Bemfica e de Alcantara nas respectivas juntas e os de Belem e Ajuda na junta do Belem.

A subscrição aberta no governo civil ficou hoje de tarde em 79.683$25 sendo de calcular que amanhã se encerre em 80.000 escudos pois que faltam entregar ainda bastantes listas. As pessoas a quem essas listas foram entregues devem devolve-las hoje sem falta ao sr. governador civil.

A direcção do Club dos Patos fas hoje entrega ao chefe do distrito da quantia de 635 escudos para o bodo.

Uma imponente festa de caridade

Nas salas do magestoso Club Montanha á rua da Gloria realiza-se hoje um brilhante sarau promovido pelo seu presidente da direcção sr. Maximiano Ferreira revertendo o producto a favor dos pobres da freguesia de S. José e para a subscrição para a compra das insignias a oferecer aos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

No programa figura um brilhante sarau em que tomam parte os coupletistas Maria Del. Mar, Herme, Lola Povedano, Lola Montero, Conchita Iris, Las Mirelistas e os aplaudidos artistas José de Figueiredo e Francisco de Brito.

A comissão delegada dos empregados do Matadouro Municipal, solenisa a conclusão do raid Lisboa-Rio de Janeiro, distribuindo no proximo domingo pelas 14 horas, com a assistencia do venerando Presidente da Republica, Embaixador do Brasil, membros do governo, Camara Municipal e outras entidades oficiais, um grande bodo, sendo este acto abrilhantado por um grupo de musicos.

No jardim do Matadouro tambem realisam imponentes festejos tendo sido armadas 4 barracas para venda de rifas e uma casa com um grande hidro-avião.

A Praça José Fontana será iluminada com grande numero de lampadas.

A comissão tem sido incansavel para que as festas revistam grande imponencia.

A Administração do 2.º Bairro enviou ao sr. Governador Civil para o bôdo de iniciativa daquele magistrado, os seguintes donativos:

Secretaria, 41$50; regedoria da freguezia de Arroios, 763$50; Conceição Nova, 30$00; Encarnação, 50$00; Madalena, 16$00; Pena, 33$20; Penha de França, 9$00; Restauradores, 405$00; Sacramento, 12$50; S. José, 20$00; S. Julião, 130$00; Total 1:500$70.

O regimen dos altos comissarios

No Gabinete dos «reporters» no Governo Civil foi hoje recebido o seguinte telegrama:

NOVO REDONDO, 15. — Os colonos do distrito de Quanza do Sul reunidos hoje em assembleia magna protestam contra a campanha que se está fazendo na metropole contra o regimen do Alto Comissario, certos de que essa campanha não visa o bem da Patria de que Angola faz parte integrante como sua colonia mais rica. (a)—O Presidente.

Um boato

Apreensão de armamento que se não confirma

Hoje de manhã correu com grande insistencia em toda a cidade que num dos principaes hoteis da capital havia sido apreendido muito armamento, tendo sido essa diligencia executada pelo chefe do districto e pessoal da P. S. E.

O sr. Governador Civil a quem fomos pedir informações do caso declarou-nos que não se dera qualquer apreensão, de armas ou munições sendo o boato motivado por ter sido apreendido um revolver «smith» a um cigano.

Como o sr. governador civil tivesse conhecimento de que a maioria dos ciganos andam armados e sem licença deu ordem á policia para lhes apreender as armas de fogo que lhe sejam encontradas.

Malas postais

Pelo vapor Moçambique são amanhã expedidas malas postais para a Madeira, Las Palmas, Africas ocidental e oriental, via Madeira, sendo as 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

O estado de sitio em Assumption

coincide com a publicação de um «Livro Amarelo»

BUENOS AYRES, 16. — Foi publicado no Paraguay o Livro Amarelo relativo á conferencia de Genova.

Foi proclamado o estado de sitio em seguida ao complot contra o presidente da Republica. — (Lat. Am.)

Liceu Camões

Vai realisar-se um inquerito para se averiguar da veracidade das acusações que pela imprensa estão sendo feitas ao liceu de Camões.

Em poucas linhas

Hoje de tarde recolheu novamente a um dos calabouços do governo civil o conhecido burlão José Meyreles de Almeida rua Gomes Freire, 191 1.º, que burlou ha meses a firma Zalaya em 10 mil escudos. Sendo remetido para a Boa-Hora o Meyreles conseguiu afiançar-se sendo agora novamente detido por o fiador lhe ter levantado a fiança.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

As receitas dos teatros de Paris em 1921

Nos jornais parisienses, fomos encontrar uma curiosa estatistica sobre as receitas dos teatros de Paris, em 1921, a qual nos mostra algarismos dos mais interessantes.

De facto, com a crise economica que se manifestou, na Cidade Luz, ao decorrer do ultimo ano, poder-se-ia supôr que a industria teatral seria fortemente atingida. Mas tal não aconteceu, conforme no-lo demonstra a estatistica a que nos reportamos, e que foi organizada pela administração da assistencia publica.

Com efeito, durante o ano de 1921, as somas percebidas pelo conjunto dos espetaculos da grande capital elevaram-se a 251 milhões de francos, com um aumento, portanto, de 32 milhões sobre o ano precedente e de 183 milhões sobre 1913!

O total de 251 milhões de francos reparte-se como se segue, entre as diversas categorias de espetaculos: teatros, 105 milhões; cinematografos, 76 milhões; concertos, cafés-concertos e music-halls, 54 milhões; circos e skatings, 9 milhões; bailes, 6 milhões e museus, 1 milhão.

Aparte os bailes, cujas receitas diminuiram fortemente, razão de um terço, o que parece indicar que está em franco declinio a voga deste divertimento, todas as outras categorias de espectaculos apresentam aumento de receita sobre o ano precedente.

Convem notar que, no total de 251 milhões não estão compreendidas as receitas realisadas pelos estabelecimentos alcançados no imposto denominado «dos pobres» e as sessões isoladas, avaliadas, em 1921, em 90 milhões.

De sorte que as somas reais dispendidas em espectaculos elevam-se a mais de 340 milhões de francos, ou seja 375.000 contos da nossa moeda.

Todavia, o jornal de que traduzimos estas notas apressa-se em esclarecer que estes resultados correspondem á receita bruta realisada pelos espectaculos. Este total de 340 milhões de francos compreende, com efeito, alem do preço real das localidades, o producto do imposto do Estado e do «direito dos pobres» que vem singularmente aumentar o total geral das receitas.

E' assim que, no ultimo ano, o imposto do Estado elevou-se, para o conjunto de todos os teatros da França, a mais de 48 milhões e que o «direito dos pobres» atingiu, só em Paris, 27 milhões e meio.

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

Está quasi terminada a «tournée» Carlos de Oliveira que está dando os seus ultimos espectaculos no Teatro-Circo da Madeira, devendo regressar muito breve, ao continente.

● Na festa do actor Otelo de Carvalho, que se realiza a 20 do corrente no teatro Salão Foz, representar-se-ha em «première» uma força de Pedro Bandeira, Guedes Vaz e Carlos Ferreira, intitulada «Bem prega Frei Tomaz».

● Para a revista de «Proxedes» original de André Brun, que fará a epoca de verão no S. Luiz, estão pintando scenarios Eduardo Reis, filho, Calderon & Viegas, Campos & Oliveira, Reinaldo Martins e Rendo, Serra e Anuncio.

Brasil

«A Patria», do Rio de Janeiro, insere no seu numero de 25 do mez passado uma entrevista com Lucilia Simões em que aquela artista esclarece que «foi pensando no Brazil que voltou á scena».

● No teatro Iris, agradou a nova revista de Alfredo Breda, intitulada «Do Tejo á Guanabarra».

● Não obteve sucesso, no Republica, a nova revista «Pilhas e Poras».

● No mesmo teatro e por iniciativa do actor Henrique Alves, realisou-se uma festa de homenagem a Eduardo Schwalbach, com a sua peça «Dia de Juizo».

● Com destino á companhia que está funcionando no Carlos Gomes, estão escrevendo uma revista a que puzeram o titulo «Comidas leves», os escritores Joaquim Cunha e Manuel Paradella.

● Oduvaldo Viana leu a um grupo de amigos a sua nova peça «A vida é um sonho», que brevemente subirá á scena no Trianon.

● Completou no mez passado, um ano de existencia a companhia brasileira de comedia Abigail Maia que, até á data, só tem representado peças brasileiras, algumas com grande sucesso.

● Partiu para S. Paulo, a companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho.

● Estreiou-se com sucesso no teatro Republica a companhia Satanela-Amaranto, levando á scena a opereta «Perola Negra».

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Condenado».
AVENIDA—A's 9,15—«A Maluquinha de Arroios».
POLITEAMA—A's 9,30—«Entre giestas»

Teatro musicado

APOLO—A's 9,15—«Porto tantos de tal»
SALÃO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparotes».
CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 8,30—Animatografo e variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade
SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores

Albergue das Creanças Abandonadas

As festas do seu aniversario

Continuam no domingo proximo as festas das «bodas de prata» desta simpatica e util instituição de beneficencia, que serão abrilhantadas com o concurso de duas bandas de musica, Concentração Musical 24 de Agosto ou Banda da Republica e Alunos Esperança, as quais desde o inicio do Albergue, sempre ali teem ido auxiliar a comissão dos festejos com a presença e execução de lindos peças de musica.

Alem da festa de dia, á noite realisar-se-ha uma recita no teatrinho do Albergue, a qual constará de diferentes monologos, cançonetas e canções desempenhadas pelo distincto amador dramatic J. Z. Nunes, intermedios comicos por Raul Calambum, etc.

Num dos intervalos o professor Reinaldo Varela, executará varios fados á guitarra acompanhado pelo ilmo sr. Pedro de Araujo.

O respectivo programa será oportunamente publicado.

As festas de que estamos tratando que este ano tem sido muito concorridas e cuja receita bruta já atingiu perto de dois mil escudos, só se repetem mais dois dias, para dar lugar ás que se projectam em Julho proximo na Boavista, ao Calhariz de Bemfica, por ocasião de ser ali inaugurado um pavilhão nos terrenos adquiridos para sanatorio das crianças do Albergue.

Salão Central

Dois grandes sucessos

O sacrificio de Ivone

Nas garras do Dragão

Assim se lhes deve chamar: dois grandes sucessos!

Poucas vezes os nossos écrans teem exibido peliculas tão sensacionais como as que actualmente se admiram no Salão Central.

«O sacrificio de Ivone» estreado na «matinée» de hoje, agradou em absoluto. Magnifica a sua «mise-en-scene» soberbo o seu desempenho, admiraveis os seus aspectos panoramicos.

Esta noite volta a deliciar os numerosos frequentadores do Salão Central, figurando tambem no programa o incomparavel film «Nas garras do Dragão», do qual serão exibidos os 6.º, 7.º e 8.º episodios, em que faz verdadeiros prodigios de força, de agilidade e de intrepidez a já hoje mais extraordinaria actriz norte-americana, Maria Walcamp.

Um espectaculo monstro e cheio de atracções a que ninguem de bom gosto deve faltar.

SPORT

MEMORIAS DO ATHLETA RUY DA CUNHA

V

Lembrando

Era costume antigo a Tuna Academica de Lisboa, durante as ferias fazer uma «tournée» pela provincia, «tournée» é claro que tendo o seu lado artistico, tinha em vista principalmente o lado «pagode...»

Nessas festas, os estudantes agregavam a si qualquer numero artistico, a quem tratavam com a camaradagem peculiar aos rapazes, cujo fim era apenas divertirem-se.

Fui convidado.

O espectaculo constava duma peça feita e desempenhada por estudantes, concerto pela tuna, e terminava pelo trabalho de força, que como numero «á frisson» acabava por colocar no peito uma prancha, onde subiam 6 pessoas, e que se chamava pomposamente a «ponte-humana...»

Previamente fizera-se o ensaio, devendo ao sinal do atleta os estudantes descerem com socego.

Um deles, o diabo são os rapazes, lembrou que era novidade, durante o tempo de exercicio, tocar em cima da prancha qualquer coisa, em guitarras e bandolins.

Assim se fez, tendo sido anunciada a «ponte musical», em logar de «ponte humana...»

Começou o espectaculo, com a animação do costume, e chegado ao numero apareceu o atleta...

No fim do trabalho, para a musica, ha um momento de anciedade, os 6 estudantes sobem para cima do atleta, e começam a executar um fado.

Os estudantes tocam, o publico admira, e o atleta geme...

Instantes depois, dei em voz baixa o sinal combinado, mas os rapazes entusiasmados não ouvem, e de variação em «sustenido», passam para a dita em «bémol».

O atleta geme mais, e dá novo sinal.

O publico aplaude á «outrance» o «tour de force», e os estudantes começam o «fado liró...»

Tudo acaba, mesmo as forças dum atleta celebre...

Com os olhos a sair das orbitas, e sem saber de que terra era, escapa-me um braço, e prego com o sexteto em terra, partindo o rabecão uma flauta, e algumas cabeças...

Nunca mais fiz a ponte humana, com musica...

* * *

Vou citar alguns dos melhores amadores daquele tempo.

Habbeeb, o terror dos rapazes loiros...

Filipe Taylor, especialista do «devissé»; Camilo Bouhon, belga, que vivendo entre nós, infiuiu a que se começasse a trabalhar nos movimentos classicos do «Halter-ofile Club de França», e que era forte no «bras tendu»; Anibal Franco, energico e valente; Francisco Loreto, muito forte, ainda que pouco trabalhador; Trancoso, que, sem fazer coisas extraordinarias, era um atleta de valor; Luiz Pimentel, João Roubeaud, Ornelas, muito forte no «bras tendu», Alves Afonso, valente como um leão; Leonardo Coimbra, João de Azevedo, o melhor amador dessa epoca, tão forte á direita como á esquerda, Bacelar, Ruas, Rodrigues, Neves, Oliveira e Silva, do Porto, mais conhecido pelo Oliveira «grosso»; Fragoso tambem do Porto, a quem chamavam «o meio grosso», por ser o rival de Oliveira e Silva, Rey, Arter dos Santos e Cesar de Melo.

Hoje, os amadores fazem como totalidade de quilos mais do que se fazia naquela epoca, e a razão é facil de explicar.

Independente da falta de metodo dos treinos, que antigamente eram feitos só lá diabo, não havia as provas nem incentivo dos titulos de campeão, que hoje aparecem por «dá cá» aquela palha. Porque, como robustez e qualidades fisicas, a geração atual está muito abaixo da rapaziada daquele tempo.

Como ginastas, tinha o Ginasio Club um nucleo, nunca mais igualado.

João Possolo, Awata, Carlos Loureiro, Borges da Costa, Russel, Gomes da Costa, Artur Pereira, Miranda, Bravo, Brito, Justino, Fragoso, faziam um pouco de tudo, e bem.

Se era conveniente dar um sarau, a direção abria a inscrição e escolhia os melhores. Quem ficava de fóra esperava e não amuava...

Não havia imposições, nem «cotteries...»

A preparação pela classe, era uma base para se praticar qualquer sport, superiorá as varias ginasticas mais ou menos suecas, que as «competencias misteriosas», nos infigem hoje, como panaceia universal...

Profissionais, que pelo seu trabalho em publico muito contribuiram para a propaganda da causa, lembro-me nesse tempo, alem do al Marx de que já falei, dos Paxton, os homens de bronze, Batta, o atleta-gentleman, Paris o homem da chalupa, Victorius, que depois foi para o cinema, Cacetta, Leipolds, Almazibels, Strongfort, o Trio Alfred, os 4 Clifont's, dos quais um deles era fortissimo, os Alessons, Elisabeth, e as atletas Arniotes, irmãs Sansoni, e Miss Atleta, a melhor delas todas.

Os numeros de circo diferem muito do trabalho nos ginasios, pois que, em publico, o artista tem que olhar muito para o lado espetaculoso; no entanto, alguns dos nomes que apontei eram de valor, e Victorius e Batta autenticos campeões.

Batta quando chegou a Lisboa, esteve para não debutar no dia indicado nos cartazes, por causa do material de circo não ter chegado a tempo.

Indicaram-lhe o Ginasio Club, onde, possivelmente, o campeão podia encontrar material que lhe servisse.

Batta foi á séde do Ginasio, na ocasião em que eu e um antigo socio, Cabeça, irmão do celebre operador cirurgico, nos encontravamos ali.

Batta explica a sua pretensão e eu, ancioso por fazer a minha partidinha, indico-lhe a barra de Taylor, que pesava 80 quilos e que era considerada por nós outro coisa sagrada... Cabeça sorria mefistofelicamente...

Batta despe o casaco, põe a barra a pino no chão, faz dai o «epaulement» e levanta ao «devissé» a barra, com facilidade.

Eu e o Cabeça, deixamos de sorrir.

Batta, debutou, e fez sucesso.

RUY DA CUNHA

(Continua).

NOTICIARIO

HOCKEY CLUB DE PORTUGAL

Pedestrianismo

Encerra-se no proximo domingo a inscrição para as corridas de 100, 400 e 1.500 metros entre os socios do «Hockey Club de Portugal».

As provas realisar-se-hão no domingo 25 do corrente, no seu campo desportivo de Sete-Rios.

PATINAGEM

Reina grande entusiasmo entre os socios do «Hockey Club de Portugal» pela realisação da sua festa anual no rick da Amadora, gentilmente cedido pela sua Direção, e que se realisa no proximo mez de Julho. Pelo exito obtido na festa do ano passado e agora na sua visita ao Porto, o «H. C. P.» deve ter este ano o seu esforço bem compensado.

Sociedade de Radioactividade, L.da

Perante o notario abaixo assinado por escritura hoje lavrada a f.ª 94 do respectivo livro n.º 557-B, foi constituida entre: Dr. Carlos Ferreira Pires, Dr. José Alberto de Faria, Dr. Francisco Pulido Valente, Dr. Francisco Beard Guedes e Dr. Ernesto Roma, uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º

A Sociedade adopta a denominação de «Sociedade de Radioactividade, L.da» e tem a sua séde em Lisboa na Rua do Corpo Santo, n.º 40, 3.º ou em outro qualquer local em que os socios acordem.

2.º

O seu objecto é o da adquisição de radio, outras substancias radioactivas, de aparelhos de raio X e ainda o de criar todos os estabelecimentos que se julguem necessarios a aplicações terapeuticas ou outras. A Sociedade poderá fazer a terceiros a cedencia parcial ou total de material radiologico ou de substancias radioactivas que possua, bem como da respectiva exploração.

3.º

A sua duração é por tempo indeterminado. Havendo-se como começada em 1 de Maio de 1922.

4.º

O Capital Social é de 352.000$00 correspondente á soma das cotas dos socios que são as seguintes: Uma de 60.000$00 pertencente ao Dr. Carlos Ferreira Pires; uma de 33.000$00 pertencente ao Dr. José Alberto de Faria; uma de 27.000$00 pertencente ao Dr. Francisco Pulido Valente; uma de 135.000$00 pertencente ao Dr. Francisco Beard Guedes e uma de 97.000$00 pertencente ao Dr. Ernesto Roma, todas já integralmente realisadas.

5.º

A cessão de cotas fica dependente do consentimento da Sociedade, a qual se reserva, em todo o caso, o direito de preferencia; este direito, não querendo ou não podendo a Sociedade usar dele, pertencerá aos socios individualmente, ou, querendo-o mais de um, pertencerá áquele que mais der sobre o valor a que se alude no § unico desta clausula.

§ unico. O direito de preferencia referido neste artigo exercer-se-ha pagando-se a cota respectiva, de prompto pelo valor que ela tiver no ultimo balanço dado e aprovado, ou, não havendo balanço, pelo valor nominal dela, acrescendo-lhe, em qualquer destas hipoteses, o juro de 5 0|0 anual em relação ao tempo decorrido do ano social em que a cessão se verificar, como compensação de lucros correspondentes a essa parte do ano.

6.º

O socio que quizer ceder a sua cota, assim comunicará ao gerente, declarando-lhe o nome do adquerente.

O gerente dentro de quinze dias, convocará a Assembleia Geral dos socios; e estes resolverão sobre se a Sociedade consente ou não na cessão, e, no caso afirmativo, se ela deve ou não optar.

Consentindo a Sociedade na cessão e não optando, resolverão, no mesmo acto, os socios sobre se, individualmente, algum deles opta nos termos sobreditos.

Nos dez dias seguintes á reunião será dada a resposta ao socio cedente, o qual poderá desde então, se a Sociedade lh'o consentir e não houver quem opte, realisar a cessão que tinha ajustada.

Havendo opção, esta efectuar-se-ha, ou pela realisação da correspondente escritura no praso de cinco dias depois dos dez referidos, ou se o cedente a tal se recusar, por meio de acção de consignação, em deposito que o optante proporá, cuja sentença deverá produzir todos os efeitos emergentes da cessão.

7.º

Não haverá prestações suplementares, mas qualquer dos socios poderá emprestar á Sociedade as quantias de que esta necessite, mediante o juro anual correspondente á taxa de desconto do Banco de Portugal, mais 1 0|0.

§ unico. O levantamento destas quantias não se poderá fazer senão com o aviso previo de seis meses.

8.º

A gerencia de todos os negocios da Sociedade e a representação desta em juizo e fóra dele, activa e passivamente, são exercidas por um só gerente, ao qual ficam conferidos os mais amplos poderes.

§ 1.º Para este cargo, com a remuneração de 2 0|0 da receita liquida, e com dispensa de caução, é nomeado, desde já, o socio dr. Ernesto Roma, que será o unico que poderá usar da denominação social.

§ 2.º Havendo empate nas votações pertence ao gerente o voto de desempate.

9.º

Nos impedimentos do gerente, a gerencia será exercida por outro dos socios que, para tal fim a Assembleia Geral eleja.

10.º

As convocações das Assembleias Gerais serão feitas mediante cartas registadas dirigidas aos socios, para as moradas que constarem na séde da Sociedade, com cinco dias de antecipação.

11.º

O balanço será anual, referido a 31 de Dezembro de cada ano.

12.º

Os anos sociais serão os anos civis.

13.º

A escrituração andará sempre em dia e regularmente arrumada.

14.º

Dos lucros liquidos, resultantes dos respectivos balanços, deduzir-se-ha a percentagem para fundo de reserva legal que a Assembleia Geral delibere, nunca inferior a 5 o|o e os 2 o|o já mencionados para o gerente e o restante será dividido pelos socios na proporção das suas cotas.

15.º

A Sociedade dissolver-se-ha nos casos da lei.

16.º

A morte ou interdição de qualquer dos socios não importará a dissolução da Sociedade, que continuará com os restantes, amortisando-se a cota do socio falecido, ou interdito, pelo pagamento aos seus herdeiros ou representantes, do valor da cota respectiva apurado por um balanço especial a que se proceda com a intervenção de todos os interessados, (socios e representantes de socios falecidos ou interditos e que deve estar concluido no prazo maximo de 30 dias a contar do falecimento ou da sentença de interdição.

§ unico.—A Sociedade poderá efectuar o pagamento a que alude este artigo ou de prompto ou no prazo maximo de um ano, em prestações tremestrais e eguais com o juro anual de 6 o|o dando garantia idonea do mencionado pagamento.

17.º

Em qualquer caso de dissolução da Sociedade se procederá a esta e á correspondente liquidação nos termos do direito, ficando, porem, estabelecido o direito de licitação, em globo, do activo e passivo da Sociedade, entre os socios, fazendo-se a adjudicação, se houver licitante ou licitantes, ao que mais oferecer, e sendo os restantes pagos de prompto e em dinheiro do que lhes pertença na Sociedade.

18.º

Para todas as questões emergentes deste contrato, fica estipulado o foro da Comarca de Lisboa.

19.º

Em tudo o mais regularão as disposições da lei aplicavel e designadamente as da lei de Abril de 1901.

Lisboa, 2 de Junho de 1922.

O Notario

José Paes de Noronha Galvão.

NEURASTENIA

por LUZIA

Do livro **RINDO E CHORANDO**, de Luzia, transcrevemos hoje o seguinte dialogo:

Cintra ao cair das folhas. Um canto de jardim abandonado.

MARIA — Cincoenta anos. Tem no olhar a bondade triste e compreensiva dos que sofreram. No sorriso a piedosa serenidade dos que se resignaram.

ANA — Sem idade, sem expressão. Uma sombra, um corpo a que a alma fugiu.

Estão sentadas num velho banco de pedra. Maria coze. Ana tem as mãos inertes sobre o regaço, a cabeça descae-lhe para o peito num gesto de profunda lassidão, os olhos fitam teimosamente a terra.

MARIA — Repara naquele passarinho que anda a esvoaçar entre os ramos do castanheiro... E' ele, talvez, que ouvimos cantar todas as manhãs...

ANA — Nunca ouvi.

MARIA — Abençoada alegria, abençoada despreocupação a dos passaros! Deviamos ser como eles... *(Ana continua imovel)*. Então, Ana, olha, peço-te...

ANA — Não posso levantar a cabeça.

MARIA — Um pequenino esforço...

ANA — Para quê?

MARIA — Vale a pena, asseguro-te.

ANA — Nada vale a pena.

MARIA — Queixas-te que o sol te faz mal. Não ha sol hoje. Está um dia côr daquelas perolas, minhas preferidas. Sabes quais são...

ANA *(fala sempre no mesmo tom de voz monotono, igual, sem inflexões)* — Não sei.

MARIA — Então, já esqueceste que eu adoro as perolas levemente cinzentas?... A proposito... porque não usas o teu colar?

ANA — Pesa-me.

MARIA *(sorrindo)* — Dá Deus nozes a quem não tem dentes! Se eu tivesse perolas punha-as sempre. Até dormia com elas... Dizem que se tornam mais lindas, mais palidas, ao contacto da pele. Tu dantes gostavas imenso de joias...

ANA — Pois eu gostei de alguma coisa?

MARIA — De muitas coisas, até.

ANA — Não me lembro.

MARIA — Mas eu hei de lembrar-te... Para começar: queres que mande vir os teus livros?

ANA — Já não leio.

MARIA — E porque não lês?

ANA — Porque é inutil, porque é vão tudo o que dizem os livros.

MARIA — Ha livros que consolam.

ANA *(secamente)* — Não preciso que me consolem.

MARIA — Ponhamos de parte os livros, visto que não te sentes em disposição para leituras. Pensei esta manhã que seria uma optima ideia termos aqui um piano. Se te cançasse tocar... como estás um pouco fraca...

ANA — Tudo me cança.

MARIA — Ouvias-me... Prometo-te desde já os Noturnos de Chopin e, mil vezes, se quizeres, o Lago de Haendel, a que chamavas o Lago...

ANA — Não entendo.

MARIA — Sim, has de entender e o que é mais, has de gostar. A musica faz bem aos nervos e ao coração. E' uma confidente, uma companheira, uma grande evocadora tambem... Verás que bons concertos organizarei em tua honra. Teremos de tudo, desde Wagner, o grande, Ravel, o complicado, até a banalidade *troublante* das valsas ciganas...

ANA — Não, não quero.

MARIA — A musica é evocadora, já te disse... Nunca toco essas valsas, sem que veja o *Pré Catelan* naquela luminosa tarde de Maio. Voltavamos das corridas. Havia uma extraordinaria animação. Todas as mulheres tinham vestidos claros. Dansava-se. Uma americanasinha delgada, quebradiça, parecia uma pena nos braços de um gigante loiro... Tu rias, declaravas: — Acabo por dansar tambem — Lembras-te?

ANA — Tudo passou, tudo se desfez em pó...

MARIA — Alto lá. O *Pré Catelan* não se desfez, que eu saiba... E as corridas do outono são ainda mais elegantes do que as da primavera. As folhas doiradas estalam sob os pés pequeninos das parisienses... quere dizer: a respeito de pequeninos, temos falado! Nisso levamos-lhes nós a palma. Não ha como os pés e os tornozelos das portuguesas. Os teus... Atenção, Ana... Eu estou engatilhando um madrigal... Prepara-te. Tens que agradecer.

ANA — Isso não me interessa.

MARIA — Vá lá uma pessoa ser amavel!... Mas acabou-se. Desisto do madrigal. Do piano é que não desisto. Escrevo logo para Lisboa, queres?

ANA — Não. Só a ideia me faz mal.

MARIA — Nem livros, nem piano! Oh! a grande caprichosa! Isto não pode continuar assim, Ana. Tens de entreter-te com qualquer coisa.

ANA — Deixem-me. Estou doente.

MARIA *(ternamente)* — Dize-me o que sentes, o que te doe...

ANA — Viver...

MARIA — Se não teimasses em fechar os olhos e os ouvidos... Se quizesses escutar a lição das coisas... Tanto que se aprende no campo! Foi ele que me ensinou a amar a vida, a perceber-lhe o encanto, a doçura...

ANA — Tudo é triste, tudo é amargo!

MARIA — Porque tu não sabes vêr. Achas desolador, talvez, o jardim sem flores...

ANA — Nem reparei que não havia flores...

MARIA — Como no delicioso jardim, descrito por *Beaunier*, a unica flor é a luz... E tão suave, tão discreta, que parece feita para os teus olhos magoados...

ANA — Os meus olhos só desejam a escuridão.

MARIA — Entristece-te, decerto, o cair das folhas...

ANA — Nem dei por elas.

MARIA — As arvores estão quasi despidas, mas as arvores ensinam-nos a ter esperança.

ANA — Para mim não ha esperança.

MARIA — As folhas que secam e morrem no outono, voltam a desabrochar, tenras e verdes, na primavera...

ANA — Nada volta.

MARIA — Tudo se renova. A a erva dos caminhos, mil vezes espezinhada, teima em renascer...

ANA — Para que outros pés a calquem...

MARIA — Para que a ilumine o sol e a beije o orvalho da manhã...

ANA — Do que serve a erva dos caminhos?

MARIA — Tudo serve, tudo tem uma razão de existir.

ANA — Eu já morri, esqueceram-se de enterrar-me...

MARIA — *(tentando gracejar)* — Pois trataremos das pompas funebres, um dêstes dias. E até lá, se quizesses ajudar-me... Tenho tanto que cozer para os pobres!

ANA — Não posso.

MARIA — Estás uma preguiçosa terrivel! E' isso que te faz mal. Nunca ouviste dizer que a ociosidade...

ANA — Já não presto para nada.

MARIA — Porque não avalias talvez quanto os infelizes...

ANA — Ninguem é mais infeliz do que eu.

MARIA — Os mais fracos, os mais pobres precisam de nós.

ANA — Ninguem precisa de mim.

MARIA — *Rien n'est meilleur á l'âme — Que de rendre une âme moins triste...* (sentirias menos o teu sofrimento se te ocupasses um bocadinho do sofrimento dos outros...)

ANA — Os outros não sofrem.

MARIA — Ha mães que vêem os filhos com fome e não têm que lhes dar, que vêem os filhos com frio e não têm com que os cubram.

ANA — Ter fome, ter frio... Isso não é sofrer.

MARIA — Vives encerrada no circulo estreito da tua dôr... Não tentas libertar-te...

ANA — Dêste carcere não se foge.

MARIA — Procura... Encontrarás sempre uma janela aberta...

ANA — Nem uma fresta por onde entre um raio de luz!

MARIA — Sobre nós estende-se, infinito, o ceu...

ANA — Fica longe. Não o alcanço.

MARIA — Has de mudar de ideias... *(sorrindo)* Precisas mudar de vestido tambem... Está vergonhoso, indecente êsse roupão! Até nodoas tem!

ANA — Ninguem me vê.

MARIA — Ninguem!!... Então eu não sou gente?

ANA *(suplicante)* — Tu desculpas...

MARIA — Enganas-te. Não desculpo. Acho insuportavel uma mulher desmazelada. E, depois, Ana, não é pelos outros que temos obrigação de tratar de nós, de vestir-mo-nos bem. E' por respeito proprio, por uma especie de pudor... Lembra-te que o mais amavel, o mais encantador dos santos considerava o aceio uma virtude quasi, queria que a sua devota fosse sempre a mais elegante. Tu, educada na casa de S. Francisco de Sales...

ANA — Já tantas vezes te pedi que não me falasses no passado...

MARIA — Porque foges á tristeza doce da saudade? A saudade é ainda um bocadinho do bem perdido. E se já não podes ter esperança...

ANA — Tambem não posso ter saudades. Estou cançada, Maria...

MARIA — Pois vamos para casa. Começa a escurecer. Não vejo para trabalhar. E ha tanta humidade! Sentes frio, Ana?

ANA — Nunca sinto frio.

MARIA — O mesmo não digo eu. Estou toda arrepiada! São traiçoeiras estas tardes de Cintra.

ANA — Eu deito-me já, sim? Apagam-se as luzes... Tomo o meu veronal...

MARIA *(docemente)* — Has de rezar primeiro.

ANA — Rezar?! A quem?! Para quê?!

MARIA *(sorrindo)* — Todos os dias a mesma pregunta! Rezar a Deus, a nossa Senhora, aos Santos... Deixo isso á tua escolha. Tu é que sabes das tuas devoções... Para lhes pedires saude, paz, resignação... o que quizeres, emfim...

ANA — Eu não quero nada!

Já o misterio da noite desce sobre o jardim abandonado. As arvores escorrem melancolia. Ouve-se, ao longe, o grito nostalgico dos pavões...

FIM

# A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4107-12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Redacção e Administração — R. do Norte, 5 | LISBOA — Sabado, 17 de Junho de 1922 | Telefone n. 2293—Endereço tel. CAPITAL. Officina de Impressão — Rua da Rosa, 71 | Preço 10 centavos

Avião á vista:

Monte Morino, 9,52
Guarapary, 10,18
Anchieta, 10,30
Itaparuaga, 10,52
Itapabuan, 11,4

AS HORAS SUPREMAS

ESTA' REALISADO O RAID LISBOA-RIO

Chegaram os aviadores!

Viva Portugal! Viva o Brasil!

O caso do dia, o caso dominante em todas as conversas, em todos os pensamentos, foi, no inolvidavel dia de hoje, a conclusão do "raid,, de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Desde o alvorecer do dia todas as imaginações arfavam, todos os bons votos estremeciam. A vida normal da cidade era apenas um simulacro de vida. O coração de Portugal emigrou em massa esta manhã para as terras de Santa Cruz e os olhos d'alma de seis milhões de portugueses estavam fitos no resplandecente ceu do Rio de Janeiro onde devia surgir a nave que levava pelo infinito e caricioso azul os dois homens que conceberam e realisaram a mais formidavel de todas as viagens atravez do globo, desde Hannon e desde Herodoto.

E' um momento supremo! E' um momento imperecivel! Não houve no dia de hoje portuguezes divididos, não houve nestas horas de imorredoura emoção dois pensamentos diversos, duas ambições contrarias, dois ideiais divergentes. Nunca como hoje a Nação Portugueza palpitou unisono num grande e nobre desejo de triunfo incontestavel.

Está consumada a grande viagem que será, sem duvida alguma, uma das mais importantes do seculo XX. E foi ainda o genio portuguez, que outr'ora correu os mares e deu a volta ao globo, que realisou, mais de tres seculos depois, a façanha simples e heroica. A nudesa epica de Pedro Alvares revive, renasce imarcessivel, eterna, no olhar imperioso e fulgurante de Sacadura Cabral. E a alma mystica e cavaleirosa do infante de Sagres, transluz na face iluminada de Gago Coutinho, dando-lhe quasi as mesmas feições, o mesmo sorriso do iniciador da navegação.

A cidade de Lisboa secunda e acompanha essas duas grandes figuras que unem indissoluvelmente Portugal antigo ao Portugal moderno. Lisboa teve no dia de hoje o aspecto dos grandes dias que a ninbaram de gloria em todo o seculo XVI. Por toda a parte lagrimas e gritos! Por toda a parte uma profundissima emoção! Quiz o destino das cousas que neste crepusculo cinzento clamorasse estridulamente, com o fragor das torrentes, com o ribombar do canhão a secular grandesa de Portugal.

E o clarim vibrante d'Aljubarrota, o grito sobrehumano da India, a lagrima piedosa de Alcacer-Kibir, a repetiram-se hoje.

E' uma ressurreição!

VICTORIA, 17—O avião portuguez levantou vôo desta cidade em direção ao Rio de Janeiro, ás 9,28, hora local (11,44 hora portugueza).

RIO DE JANEIRO, 17—O avião portuguez desceu magestosamente no meio de um indiscritivel delirio, nas aguas de Guanabara.

Uma republica inverosimil

dá que falar de si

Nos ultimos dias da Conferencia de Genova, S. E. Ali-Mardan Bey Topchibacheff, actual presidente legal do Parlamento e da Delegação do seu paiz, Azerbaidjan, á Conferencia, teve a gentileza de dar alguns esclarecimentos sobre a situação actual daquela Republica extraordinaria.

Natural de Tiflis, o principe Topchibacheff, «leader» dos movimentos nacionalistas da Republica do Azerbaidjan, dispõe de grandissima influencia e simpatia junto de todo o povo mussulmano, especialmente no Egypto, na Syria e na Turquia.

Foi deputado ao parlamento russo e jornalista de envergadura, exerceu o jornalismo durante vinte anos, dirigindo o diario de Bakou — «Kaspio» — do qual era tambem proprietario, redigido em russo e, do «Sisw», cujo texto era em arabe.

No dia funesto em que a sua Patria foi invadida pela horda bolchevista, o principe Topchibacheff refugiou-se em Paris, onde trabalha febrilmente pela liberdade e pelos interesses da Republica do Azerbaidjan.

Seja-nos permitido fazer um pouco de historia.

A Azerbaidjan confina ao norte com a cordilheira do Caucaso, a oriente com o mar Caspio, ao sul com a Persia, que o invadiu ha cerca de duzentos anos.

A sua população de cinco mil habitantes, é composta de 95 0|0 de turcos sendo o restante de russos e polacos.

A Republica de Azerbaidjan, no principio do seculo XVIII, estava dividida em principados chamados «Khanats».

Sob a dominação de Alexandre I e de Nicolau I, imperadores ambiciosissimos de gloria e de dominio, o exercito russo, em guerra longa e cruenta incorporou, pouco a pouco, todos aqueles territorios. Durante o odioso regimen tzarista, Azerbaidjan sofreu a pressão dum verdadeiro jugo.

Tentaram por mil processos de dar feição russa ao povo proibindo-lhe todas as manifestações hostis aos tiranos invasores e perseguindo de morte os nacionalistas.

Em 1918, aproveitando as circunstancias favoraveis, os Azerbaidjanenses revoltaram-se em massa contra o usurpador, declarando-se independentes em 22 de maio.

Em fevereiro de 1920 deu-se o reconhecimento da republica Azerbaidjan pelas potencias. Porém, dois mezes depois, o territorio de Azerbaidjan voltava a ser victima da invasão, desta vez por parte dos bolchevistas russos, que o dominam actualmente.

A maior riqueza do sólo da Azerbaidjan é constituida por inumeraveis e fecundos jazigos de excelente petroleo, sendo a sua produção antes da guerra de cerca de doze milhões de toneladas daquele preciosissimo combustivel, emquanto que hoje, sob o desgoverno «dos sovietes» a produção não vai alem de milhão e meio de toneladas.

S. E. Toptchibacheff disse-nos que [illegible] os Estados que tenham interesse em explorar os jazigos de petroleo do seu paiz, deverão, antes de tudo, entender-se com os actuais detentores do governo legal daquela republica.

No caso contrario, as populações de Azerbaidjan serão muito capazes, num momento de exasperação do animo, de destruir com o fogo todos os poços.

Ha pouco tempo foi concedida a sua exploração á «Royal Dutch Shell».

Segundo uma recentissima noticia vinda de Azerbaidjan, nas ultimas eleições do conselho dos «soviets» de Bakou foram eleitos 20 0|0 de bolchevistas, sendo os 80 0|0 restantes mussulmanos do partido do principe Topchibacheff.

O povo Azerbaidjanense está, quanto á sua civilisação, na vanguarda das populações turcas.

Foi o primeiro a reconhecer ás mulheres o direito de entrar no parlamento.

A religião musulmana prohibe, entre muitas outras coisas belas, a esculptura.

O primeiro esculptor turco será, talvez o azerbaidjanense Zenal-Bekdlieff, o qual está agora completando os seus estudos na Academia do Perú.

Noticias de Cascais

A partir da proxima semana e por ordem da autoridade administrativa todos os estabelecimentos comerciais deverão encerrar as suas portas ás 20 horas e só o não farão os que estiverem munidos de licenças especiais.

—Abriu um novo consultorio medico pertença do distinto clinico dr. Alberto Madureira, antigo assistente dos Hospitais Civis de Lisboa. A população rejubila com este facto, pois o dr. Madureira foi quem no ano passado iniciou as operações no hospital desta vila nunca recebendo nada das classes pobres.

—A chegada á Vitoria dos ilustres aviadores foi aqui recebida com grande entusiasmo, podendo mesmo afirmar que ainda com maior do que nas outras «étapes». E' que se aproxima o momento mil vezes anciado da verdadeira glorificação aos herois.

Os preparativos para as festas proseguem com afan, receando-se que não estejam prontos até domingo principalmente os trez arcos triunfais. Não é verdade que venha assistir aos festejos Sua Ex.ª o Presidente da Republica, como o «Seculo» afirmou.

Associação de Classe do Pessoal da The Anglo Portugueza Telefonica C.ª Ltd.

E' convocada para Domingo 18 pelas 13 horas nas salas da Associação dos Caixeiros a Assembleia Geral desta classe com assistencia dum delegado da Associação dos Telefones do Porto, para tratar de assuntos, de aumento de ordenado, e outros dependentes de actos administrativos.

TAUROMAQUIA

A corrida da Associação dos Toureiros

Efectua-se amanhã no Campo Pequeno a interessantissima corrida a favor do cofre da Associação de Classe dos Toureiros Portugueses que já no ano passado teve um sucesso enorme. Este ano novos atractivos se anunciam e novos nomes aparecem sobre o cartaz.

A corrida será dirigida pelo antigo cavaleiro José Bento de Araujo e auxiliado pelos toureiros espanhois Alfarero e Malagueño, sendo lidados touros cedidos pelos lavradores srs. Emilio Infante da Camara, J. Pinto Barreiros, Antonio F. da Silva, de Pessoa de Andrade, Antonio Teixeira, J. Barreira, Manuel Galrinho e Simão da Veiga.

Toureiam a cavalo, vestidos de amazonas, Custodio Domingos, José Casimiro e R. Teixeira e a pé estão no cartaz os cavaleiros José Casimiro, Rufino da Costa, Justiniano Gouveia e Simão da Veiga Junior. Ha dois grupos de forcados formados por bandarilheiros e praticantes, tendo como cabos Antonio de Carvalho e Manuel Domingos.

NUMEROS MENTIROSOS

Como se escreve a historia... dos tabacos

AS CONTAS QUE O SR. ANTONIO MALHEIRO, DIRECTOR GERAL DA CONTABILIDADE PUBLICA, ESTAMPOU NUM JORNAL DA NOITE, ESTÃO ERRADAS.—RECTIFIQUE AINDA QUE — — — — — — LHE CUSTE!... — — — — — —

O sr. Antonio Malheiro, director geral da Contabilidade Publica, balbuciou, num jornal da noite, uns sussurros hesitantes, preclara demonstração do prejuizo que o Estado está sofrendo com o contracto dos tabacos e por maleficio da depressão cambial. Pedimos desculpa de não compreender muito bem a demonstração do alto funcionario do Ministerio das Finanças. Se nisso não ofendemos o insaciavel açambarcador de empregos e benesses da Republica — de que o sr. Antonio Malheiro é um dos mais tremendissimos sustentaculos de pintura mural — ousamos expor algumas duvidas, que não serão, talvez, dificeis de desfazer. Supomos que a nossa curiosidade de cidadão, cujo republicanismo vem de longe e não está pregado com o cuspo da adesivagem oportunista, é legitima. Apesar disso, desconfiamos que o sr. Antonio Malheiro guardará o silencio do seu mestre Conrado, tão arrevezada é para êle a letra de forma. Em todo o caso, vale a pena tentar...

* * *

No resumo que o sr. Antonio Malheiro enviou á publicidade jornalistica, no louvavel intuito de preparar a opinião publica para nova inundação de papel-moeda inconvertivel e de forçada circulação, duas verbas, especialmente, deixaram densas nevoas no nosso espirito sequioso de verdade. Curvando-nos, reverentes, perante o saber do sr. director geral da Contabilidade Publica, que não tem nem jamais terá quem o bata na sciencia aritmetica das quatro operações, pedimos licença para, com o devido respeito, duvidar da exactidão das duas verbas, designadas no mapa demonstrativo sob as seguintes rubricas:

a) — Direitos de importação do tabaco estrangeiro;

b) — Amortizações.

Muito arbitrariamente designou o sr. Antonio Malheiro para os direitos de importação do tabaco estrangeiro a quantia de 700 contos. Está, por força, errado, ilustre director geral da Contabilidade Publica! Deve ser muito mais e nós vamos dizer em que se funda a nossa presunção. E cremos que, com isso, não beliscamos, nem de leve, a prosapia do ilustre varão, porque, tratando-se de calculo aproximativo, tanto podemos calcular nós como êle. Entretanto, nós dizemos a razão do nosso calculo, emquanto que o sr. Malheiro expõe *ex-cathedra*, couraçado num *magister dixit* que não é de receber, nestes tempos de democratica irreverencia. Do que sinceramente estamos arrependidos é de fazer citações corriqueiras em latim, que, se por ser lingua morta, não é nem jamais foi cultivada pelo sr. Antonio Malheiro, que, no genero, só conhece a lingua de vaca. Mas o seu continuo lá está, para a tradução...

Diziamos, pois, que a verba de 700 contos, arbitrada pelo sr. Antonio Malheiro para a receita dos direitos de importação, é demasiadamente baixa. Upa, Ex.mo Sr., upa! Acrescente-lhe um zero á direita, que talvez não seja demasiado.

Efectivamente, a importação do tabaco estrangeiro aumentou consideravelmente. No mercado quasi não se encontra á venda tabaco nacional. O publico habituou-se ao tabaco de fabricação exotica. Nós mesmos chupamos, neste instante, um cigarrinho de tabaco holandez e ainda ontem consumimos semilla brasileiro, marca Veado. E, como nós, quasi toda a população e até mesmo o sr. Antonio Malheiro, se a sua qualidade de alto funcionario do Estado lhe não der influencia suficiente para mandar buscar á Companhia alguns pacotes de *Lisboas*, ex-*Antoninos*, arrecadados nos armazens para satisfazer pedidos de amigos dilectos.

E' claro que, aumentando colossalmente, desde ha anos, o consumo do tabaco estrangeiro, tambem desmesuradamente cresceu a verba que o Estado cobra pelos direitos de importação. Logo o calculo de 700 contos, arremessado pelo sr. Antonio Malheiro á publicidade jornalistica, peca por falta. E o nosso, se não peca por excesso, deve estar certo. Em todo o caso, admitindo que não devem ser 700 contos (o que é incontestavel), nem 7.000 contos (o que pode ser duvidoso), podemos fixar uma verba intermedia, que o leitor dirá qual é, se quizer dar-se a um trabalho de adivinhação. O que nós queriamos fixar, de resto, era só isto: o sr. director geral da Contabilidade Publica errou.

Quanto á verba *Amortizações*, dizemos, muito peremptoriamente, que está tambem errada. E mais: o êrro é de palmatoria!

Diz o sr. Antonio Malheiro que o Estado dispende, em amortizações, a quantia de 2.300 contos, numeros redondos. O sr. director geral calcula a quantia exacta de amortizações, *como se, realmente, todos os portadores de obrigações recebessem a importancia dos resgates*. Mas não recebem. Ha sobras ou quebras, como se lhes queira chamar. *Ha papel que se extravia e que nunca é apresentado para cobrança.* E isso não deve perfazer uma quantia insignificante. Ora, para ser exacto, o sr. Antonio Malheiro devia calcular as amortizações com o desconto da média das amortizações não pagas até hoje. Não o fez. Então só lhe dizemos isto: o sr. director geral da Contabilidade Publica errou.

* * *

E' evidente que, com tais timoneiros, nunca a nau do Estado chegará a porto de salvamento. Fez-se a Republica em 1910, prometendo-se ao povo a regeneração nacional. Em vez de se entrar definitivamente num regimen de moralidade, a Republica adoptou os êrros da monarquia e mantem-nos até hoje. Algumas reformas sociais se têm feito, é certo; com elas se salvou a honra do convento. Mas a administração publica continua viciada. Ha tempos, uma comissão parlamentar, sindicando dos actos de um director geral, concluiu pela culpabilidade dêsse funcionario. Num paiz que não fosse uma ininterrupta representação de scenas de opera-buffa, êsse director geral seria demitido, sem mais exames. Pois arranjou-se-lhe logo outra sindicancia e, no final da comedia, ha de aparecer ainda louvado em portaria, publicada no *Diario do Governo*. E' claro que isto não se entende com o sr. director geral da Contabilidade Publica, que é um funcionario tão zeloso e trabalhador, que até tem tempo para desempenhar toda a açambarcagem dos seus empregos.

Quanto aos erros aqui apontados, o sr. Antonio Malheiro vai rectificá-los devidamente.

A conferencia da Haya

Todos estão dispostos a sacrificar pela paz... o que dos outros é...

LONDRES, 17 — Nos circulos politicos ingleses diz-se que a Conferencia da Haya não terminará sem resultados definitivos e positivos.

A Inglaterra está disposta a fazer todos os sacrificios necessarios para a reconstrução da Europa, contanto que isso não destrua a sua paz interna.

A opinião publica inglesa espera que a Conferencia da Haya chegará a uma decisão em relação ás promessas de Lloyd George na Conferencia de Genova de fazer uma redução consideravel na divida russa. — (Lat. Am.).

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Agora que todos festejam o Brazil é interessante pôr em fóco, as suas iniciativas e o incentivo que ás mesmas se presta em terras de alem mar. Do jornal «A Patria», do saudoso João do Rio, transcrevemos a seguinte noticia, a proposito do teatro brazileiro, nas festas do Centenario.

Reuniram-se ontem, a convite do empresario José Loureiro, no teatro Lirico, artistas, jornalistas e escritores teatrais para tomar conhecimento da iniciativa daquele esforçado homem de teatro, relativamente ao concurso e representação de uma peça historica brasileira, por artistas brasileiros, com decorados dos nossos scenografos durante as festas do Centenario.

O sr. José Loureiro participou que será aberto brevemente um concurso de peças historicas entre os escriptores teatraes brasileiros com 1 premio de 5 contos de reis para a peça premiada além de 150$000, por espectaculo, de direitos autoraes.

Esta peça será escolhida por um jury composto do academico dr. Afranio Peixoto, do critico Rodrigues Barbosa e do actor Leopoldo Fróes.

Será representada pelos seguintes artistas brasileiros natos e que já consultados, prestarão o seu concurso: Italia Fausta, Lucilia Simões, Córa Costa, Leopoldo Fróes, Erico Braga, João Barbosa, Atila de Morais, Alvaro Costa e outros.

A peça escolhida será levada á scena com excepcional montagem e deverá dar tanto quanto possivel perfeita idéa do grito de audamento do teatro brasileiro.

E' este não ha duvida um belo gesto do esforçado empresario José Loureiro e merecedor de remarcado destaque.

A data para entrega das peças termina a 15 de Julho e os ensaios começarão a 1 de agosto.

Ao apoio solicitado por aquele empresario á imprensa estamos certos que nenhum jornal se negará a prestá-lo, tratando-se, como se trata, de tão alevantada idéa.

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

Termina no fim do mez corrente a temporada do teatro Nacional, estando informados de que a administração daquele teatro pensa em dispensar os serviços de muitos dos seus escriturados.

● Está marcada para 4.ª feira no teatro Apolo a «première» da fantasia «A Vida», de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, musica de Bernardo Ferreira. Tem a peça um prologo, dois actos e 22 quadros, cujos titulos são os seguintes:

1.º, João de Deus; 2.º, A vida é si que mal sôa, 3.º, Eça de Queiroz. 4.º, Sobre a nudez forte da Verdade. 5.º e 6.º, O manto diafano da fantasia. 7.º, Fialho de Almeida. 8.º, Unica terra do mundo que dá saudade. 9.º, Trindade Coelho. 10.º, Terra em que os sinos cantam, soluçam e choram. 11.º, Zé Povinho. 12.º, Esta vida são dois dias. 13.º, O Santo Condestavel. 14.º, Foge lua envergonhada. 15.º, Silva Pinto. 16.º, Retorcido mundo. 17.º, Antonio Feijó. 18.º, Terra em que o vento é perfumado. 19.º, Luiz de Camões. 20.º, Terra em que a terra acaba. 21.º, E o mar começa, 22.º, Lusiadas.

● E' ainda no corrente mez que será iniciada a temporada de verão, no teatro S. Luiz com a «première» «A revista do Praxedes» original de André Brun. O 3.º e 4.º quadro dessa peça intitula-se «Rua de S. João dos Bemcasados» e nele entram além doutros, os artistas Sebastião Ribeiro, Viriato Lima, Zulmira Bettencourt, Antonia Mendes, Filomena Casado e Raquel Moreira.

● A inauguração do teatro Maria Vitoria deve realisar-se na proxima semana, com a «première» da revista em sessões «Lua Nova», original de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão. Um dos quadros da nova peça intitula-se «A vêr navios...» e está assim distribuido:

«Caranguejo» Artur Rodrigues; «Joaquim» Jorge Roldão; «Bento» Julio Burgos; «Gaivota» Matos; «Elias» Roucheh; «Simões» Miguel Pereira; «Funileiro» J. Rodrigues. Nesse quadro entram trez personagens femininas, «Gaby», «Rosa» e «Ilha», que são respectivamente desempenhadas por Clara Batista, Eliza Santos e Maria Luiza.

● Esta noite no Salão Foz, efectua, em duas sessões, a sua festa artistica o estimado actor Garcia Russ, dedicando-a á Faculdade de Sciencias, da qual, alguns estudantes interpretarão a comedia «Que pouca vergonha». Haverá tambem um acto de variedades completando os espectaculos o 2.º acto da revista «Piparote».

● Conferenciou esta tarde com o vereador do pelouro dos jardins, sr. Cesar dos Santos, a comissão de atrizes que lhe foi pedir a cedencia do Jardim da Estrela para que ali se realise, brevemente, o festival «O dia das atrizes».

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Condenado».

AVENIDA—A's 9,15—«A Maluquinha de Arroios».

POLITEAMA—A's 9,30—«Entre giestas»

Teatro musicado

APOLO—A's 9,15—«Porto tantos de tal»

SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—A comedia «Que pouca vergonha», um acto de variedades e o 2.º acto da revista «Piparote».

CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».

COLISEU DOS RECREIOS—A's 8,30—Animatografo e variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores

Os herois da Grande Guerra

Morreu o guarda da eclusa de Nieuport que salvou o exercito belga em retirada

PARIS, 17.—Morreu Carlos Coghe. Era o guarda da eclusa de Nieuport que, sob o fogo dos obuses inimigos, executou a perigosissima manobra que permitiu que a agua do mar subisse o Yser e invadisse a planicie de Flandres salvando assim o exercito belga em retirada.—(Lat-Am.)

Dr. Caetano da Veiga

O «Diario do Governo» de ontem publicou um decreto que transfere da Cadeira de Contabilidade Industrial e Agricola para as cadeiras Operações Financeiras e Seguros e Instituições de Previdencia, o professor notabilissimo e ilustre que é o dr. Caetano Beirão da Veiga, director-delegado da Empreza do «Diario de Noticias».

Esta resolução do Conselho Escolar do Instituto Superior do Comercio não é apenas uma distinção de todo o ponto merecida ao dr. Caetano da Veiga, é tambem uma honra para o Instituto que vê continuarem-se nas duas cadeiras, agora preenchidas, as tradições que nelas vincou o ilustre professor Augusto Patricio dos Prazeres, recentemente falecido e antecessor do dr. Caetano da Veiga a quem efusivamente cumprimentamos.

A questão da Alta Silesia

parece ter chegado a uma solução definitiva

BERLIM, 17 — A comissão inter-aliada na Alta Silesia e a comissão polaco-alemã assinaram o acordo contendo os detalhes para a evacuação de Oppeln.

A evacuação das tropas aliadas deve realizar-se dentro de 24 dias.

Todos os edificios publicos na Alemanha terão hoje a bandeira a meia haste em sinal de sentimento pela perda dos distritos alemães. — (Lat. Am.).

BERLIM, 17 — A Hultchinerland, que fazia parte da Silesia e que foi dada pelo Tratado de Versailles á Tcheco-Slovaquia, fez um plebiscito para provar ao mundo qual é a sua verdadeira nacionalidade. Do plebiscito resultou por votação quasi unanime que a população é alemã.

Abstiveram-se de votar 155 residentes e o numero de votos pela Tcheco-Slovaquia não chegou a 1 por cento. — (Lat. Am.).

SPORT

MEMORIAS DO ATHLETA RUY DA CUNHA

VI

Hontem e hoje

Tinha uma historia a barra de 80 quilos, de Filipe Taylor, que lhe fôra oferecida pelo Frederico Colares.

Uma vara de ferro, grossa como um pulso, torneada ao meio, o que tornava a «pega» dificil e só acessivel ao «soulevé» de quem tivesse uma grande força de mão.

Filipe levantava a barra, e ninguem ousava experimenta-la. Os mais fortes da epoca como Hopfer, Holbeche, etc., não podiam; o resto limitava-se a ve-la como coisa sagrada.

E a barra vivia virgem de qualquer mão profana...

Foi Batta, como atraz contei, quem quebrou o encanto. Anos depois, um italiano, que sob o nome de Vosson' tinha um numero de acrobatas, levantara-a depois de seis tentativas; outro italiano, que fazia parte da troupe «Cliffont», que por sinal era «gaucher» fê-la tambem ao «devisse».

Depois, só mais tarde Deriaz trabalhou com ela.

Outro alter que tem a sua historia é o que no Ginasio Club chamam de 60 quilos e que pesa apenas 58.

Mandou-o fazer Holbeche que nunca o levantou. Taylor fazia-o ao «devisse» cinco vezes; Hopfer uma vez. Azevedo á direita e á esquerda.

Hoje, imensos amadores trabalham com ele, uns mal, outros bem, mas a maioria mal, benza-os Deus...

* * *

Naquele tempo, tambem a propaganda do sport, pela imprensa era quasi nula, quando chegou, viu e venceu o José Pontes...

Foi a Pontes, que sem duvida alguma, se deve o incremento que actualmente tem o sport entre nós.

Pontes, temperamento irrequieto, com facilidade de escrever e falar, «marcou» logo de começo, no meio sportivo, e dentro em pouco, mercê da sua iniciativa, alcançou o logar de destaque que ocupou emquanto quis.

Interessou o publico, contando factos dos atletas de nomeada, e no «Jornal da Noite» começou uma propaganda bem orientada, que produziu os seus frutos.

Lançou entre nós, a luta, o «jiu-jutsu», e o box.

Criou varios jornais da especialidade, um dos quais «Os Sports Ilustrados», teve a sua aurea.

Quasi todos os mestres de hoje, devem a Pontes, grande parte da sua reputação.

E caso raro, lançado na politica, não esqueceu a boa causa.

Hoje o jornalismo sportivo faz-se a tanto a linha...

Outros tempos, outros costumes.

RUY DA CUNHA

(*Continua*).

NOTICIARIO

TAÇA ATENEU

Foram apurados finalistas nesta prova o Carcavelinhos, vencedor da 1.ª serie e o Bemfica, vencedor da 2.ª serie.

Estes Clubs, finalistas tambem do Campeonato da 4.ª categoria da A. F. L. disputam o desafio final, no proximo domingo 18, ás 15 horas, no Campo Grande antes da final da «Taça Seculo» que faz parte das festas da «Semana de Lisboa».

Está despertando muito interesse este desafio, dado o valor dos dois Grupos, e a rivalidade que entre eles existe.

A Taça, muito artistica e valiosa está em exposição na Sapataria Universo, da R. St.ª Justa, e será entregue no campo ao vencedor.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

ROMANCE DE UMA ALMA

por Julio Cesar Machado

Era uma vez um moço, que, de vez em quando, escrevia versos nos jornais literarios, excelente rapaz, que usava o cabelo comprido, cheiros no lenço, e capote á espanhola, ainda mesmo que estivesse sol, porque gostava de sol, mais que de tudo. Dava ideia do barbeiro de Sevilha da comedia e borleta dêste home em saborear a preguiça e passar semanas sem pegar na pena, conversando sósinho com as suas ideias. Lá de tempos em tempos deitava-se ao trabalho e então, como diz a boa gente, despachava obra que era um espanto.

Certa noite — uma noite de primavera, recamada de estrelas — estava o moço estirado num sofá, perna para aqui, perna para ali, fumando no seu cachimbo e com um chambre turco vestido, como cumpre a todo o homem que não viajou no oriente! As janelas abertas deixavam entrar as brisas da noite, a luz de um candieiro vacilava indecisa, numas jarras desabrochavam flores e por cima da mesa estavam umas poucas de penas de rama, frescamente aparadas, entre o tinteiro e o papel. Nessa noite o nosso homem devia principiar um conto.

Chegara ao momento terrivel em que é preciso erguer mão atrevida sobre a virgindade do papel almasso; eram horas de escrever a primeira palavra — que é o mais dificil e que, por vezes, faz recuar os mais valentes; a razão punha-se a gritar-lhe: — «Mãos á obra!» e a scisma, essa doce irmã dos dias rebeldes, murmurava-lhe ao ouvido: Deixa-te ficar comigo, vamos a passear por toda a especie de sitios bonitos, até ás estrelas; verás que olhares azues se hão de fixar em ti!

Estava vai não vai a deixar o trabalho para melhor ocasião, quando um singular rumor lhe fez voltar a cabeça. Em cima da mesa, estavam as penas a mexer. Ainda cuidou que algum insecto, torcendo caminho por ver luz, teria ido parar a casa dêle e, como tinha bom coração, ia levantar-se para lhe restituir a liberdade; mas, ficou imovel, quando viu uma pena levantar-se por si mesma, olhar-se á luz, molhar-se na tinta e desatar a escrever. A pena fez um borrãosinho e atirou comsigo para o lado, como receosa. Outra, tomou tinta tambem e principiou a correr pelo papel, parando ás vezes com hesitação numa palavra, fazendo uma garatuja e proseguindo. Assim que uma folha estava cheia, chegava-se para o lado, e apresentava-se outra, como movida por sôpro invisivel. A pena tambem, em estando cançada, deixava-se cair para o chão, e outra pena a substituia, até que uma, a ultima, escreveu em letras grandes a palavra *Fim*. O moço largou o cachimbo, em que, apesar de apagado, estava a chupar maquinalmente havia duas horas, aproximou-se da mesa, reuniu as folhas escritas, pô-las em ordem e, de olhos pasmados, leu o seguinte:

Sou uma alma que anda cumprindo o seu fado; vago através do espaço á espera de corpo, vou nas azas do vento, no azul do ceu, no canto das aves, na claridade palida da lua. Sou uma alma eterna como as minhas irmãs; durante minhas diversas existencias, ouvi mil boatos a nosso respeito; diziam uns: — «Não ha alma!» outros diziam: — «A alma é imortal!» Enganam-se todos, somos eternas, desde o instante em que Deus nos separou de si, temos vivido na terra, — quantas vezes! subindo de gerações em gerações, abandonando sem pena os corpos que nos confiaram e continuando a obra do nosso proprio aperfeiçoamento através das existencias que passamos. Pudesse eu esquecer tódas as criaturas, que têm vivido do meu sôpro, e prouvera a Deus que na minha ultima vida não viesse encontrar-me a desgraça, porque antes da minha imprudencia me ter feito perder a forma humana, eu vivia entre os homens, invejada na minha fortuna, na minha felicidade, na minha juventude.

Tinha uma amiga de minha mãe uma filha mais moça do que eu cinco anos, chamada Margarida; partilhara eu com ela todos os divertimentos de infancia e ela era mais do que uma afeição para mim, era um habito; juntos conversavamos horas inteiras e formavamos juntos mil planos de futuro; haviamos crescido ao lado um do outro e pareciamos dever atravessar a vida de mãos dadas.

Chegou a quadra da minha mocidade; eu tinha vinte anos, Margarida quinze. Fiz uma viagem de cinco meses e, quando voltei, feliz de a tornar a ver, custou-me a reconhecê-la; já não era a criança alegre, que pulava sobre os meus joelhos e brincava comigo como com um irmão; era uma menina séria e palida, com uns olhos de inefavel languidez que me perturbavam. Estavam mudados os papeis, ela agora é que ralhava comigo, a alegria extinguia-se-me ao pé dela, sentia-me triste, acanhado e sem perceber que perturbação me tomava o peito. Num dia de inverno, em que estava a cair neve, estava eu sentado ao pé do brazeiro, com a vista imovel, de cabeça baixa, a pensar em Margarida; tinha uma melancolia dolorosa e como vontade de morrer; semelhante aflição nervosa, que pela primeira vez experimentava, foi á maneira de um clarão subito, que me fez compreender que amava e gritei o nome de Margarida. Depois, quando a vi, cai de joelhos diante dela, concheguei-lhe as mãos aos meus labios e contei-lhe a revelação de amor que se operara em mim. ela baixou a fronte, fechando os olhos; depois, fixando no meu rosto o humido olhar: — «Oh! — disse — não penses que é de hoje que eu te amo!»

Desde êsse momento mudou o seu modo para comigo; tratava-me com uma reserva cheia de ternura e de pudor, perdeu o que ainda tinha de infantil, foi-se desenhando nela a mulher; era uma senhorinha de quinze anos! Eu aspirava á sua posse com a febril intensidade de um coração moço, mas atormentava-me uma tal inquietação constante, que não me deixava sequer dormir

A' força de desejar, pareceu-me que um desconhecido poder descia até mim e que, se eu ousasse querer, a minha alma poderia separar-se-me do corpo para correr á minha amada; chegou a apoderar-se de mim um terror que não se explica; eu não sentia necessidade senão de sair de mim mesmo e ir ver Margarida; ao primeiro alvor do dia ainda eu estava acordado; conduzido por um presentimento fatal, entreguei-me aos desejos e ordenei á minha propria vontade que tivesse a força de obter o milagre. Todo o mal foi obedecer-me ela; dahi veem as minhas angustias todas!

(Continua)

A OBRA EVANGELISTA

Os resultados visiveis das leis de excepção postas em pratica pelo Ministerio da Guerra

Os protegidos e os perseguidos do Terreiro do Paço

As discussões apaixonadas, suscitadas em volta das leis de excepção que o Ministerio da Guerra fez pôr em pratica contra todos os dictames da consciencia e da justiça, parecem ter entrado num caminho perigoso de surda rebelião. Com efeito nunca se falou tanto nas odiosas leis 1040 e 1244 como desde que na imprensa se tem feito sobre elas um relativo silencio. A "Capital", dando hoje novamente uma serie de casos anomalos e injustos, prepotencias monstruosas dum "posso quero e mando" inteiramente contrarios ao espirito liberal do nosso tempo, divulga um rol de inepcias a que urge pôr cobro para dignidade e decoro das proprias Instituições.

Capitão José Eugenio Ribeiro de Almeida. Este oficial encontrava-se em diligencia no Porto, comandando uma companhia. Proclamou-se a monarquia e recebeu ordem de se incorporar na coluna que marchou para o sul. Tomou parte no combate de Angeja. Reimplantada a Republica foi preso e demitido pelo então ministro da guerra sr. Helder Ribeiro. Entrou para a Penitenciaria de Lisboa, como civil, respondendo nessa qualidade em conselho de guerra (sendo absolvido «por unanimidade». O sr. Helder Ribeiro, o ministro que o havia demitido, reintegrou-o no Exercito, punindo-o porem com 8 meses de inatividade que cumpriu em Elvas. Já meio doido provavelmente, este oficial era positivamente uma bola neste tumultuar de decisões. E não ficou por aqui o desfilar perpetuo de situações diversas. Em virtude da lei 1040, publicada «dois anos depois», este oficial era demitido, depois das suas prisões no Porto e na Penitenciaria, dos seus oito meses de Elvas, depois da sua «absolvição maxima», depois de todo este fadario de Judeu Errante. Poderia supor-se que a coisa ficava por aqui. Mas não. Surge a emenda, nasce a lei 1244, e o capitão Ribeiro de Almeida é reformado!

O capitão da A. M. Eduardo Napoleão Soares de Moura e Castro. Este oficial estava na Povoa do Varzim onde era tambem professor oficial. Nesta dupla qualidade fez «duas declarações por escritos», reconheceu duplamente a monarquia. Essas declarações estão juntas ao seu processo disciplinar. Nada sofreu. E' hoje de toda a nossa confiança...

Antonio Pinto, alferes de infantaria. Acatou a monarquia fazendo para isso a declaração por escrito e aos Santos Evangelhos. Coadjuvou como ajudante do regimento todo o serviço regimental naquele periodo anormal, trabalhando para que tudo andasse como «um relogio» e não houvesse a menor hesitação no cumprimento de todas as ordens. Num dos dias da efemera monarquia em Penafiel, os srs. Fernando e Manuel Guedes, grandes proprietarios daquela cidade, deram na sua casa da Avelada uma festa noturna comemorando aquele movimento. O alferes Pinto não faltou a ela, tendo no brinde que fez esta bela imagem: «a minha espada só se desembainhará para o serviço de S. M. El-Rei e pela monarquia». Veiu a Republica e a «transformação» foi rapida... «Rapa» dum braçal verde e encarnado enfia-o no braço, e declara-se membro do comité revolucionario!!! Foi louvado em ordem regimental «pelo auxilio que prestou no lugar de ajudante do regimento para a reimplantação da Republica fazendo parte do comité revolucionario, tendo sido um dos melhores auxiliares com a sua lealdade, no que mostrou muita dedicação pela Republica». «Nota elucidativa»: Em Penafiel só houve comité revolucionario depois da reimplantação da Republica!... O «Jornal de Penafiel» orgão do partido democratico daquela cidade, publicou então uma noticia «afirmando» que aquele oficial tinha praticado «tudo aquilo» como «espião», e pelo seu grande amor á Republica!!! Este truc foi largamente explorado na defesa de muitos oficiais comprometidos, truc que nos «bonitos meninos» bons resultados produziu... Este oficial é hoje tenente e continua como ajudante do regimento de infantaria 32. Este sim, este é que é dos nossos...

Capitães de infantaria Pedro de Andrade Piçarra e Gouveia e Jaime Rodolfo Novais e Silva. Pertenciam ambos estes oficiais á Guarda Republicana do Porto tomando ambos parte na proclamação da monarquia. Continuaram na Guarda, então «Guarda Real», com «corôa e tudo» nos bonets. Os seus autos foram arquivados! São de confiança porque o primeiro fez serviço actualmente no ministerio da guerra e o segundo encontra-se arregimentado na Figueira da Foz.

Fernão Conceiro da Costa, alferes de cavalaria ao tempo dos acontecimentos do Norte, hoje tenente. Este oficial fez parte da coluna do tenente-coronel Corte Real Machado que se bateu no sul com as tropas republicanas em varios combates. Não teve o menor castigo. Este oficial é sobrinho do nosso ministro sr. Conceiro da Costa.

Manuel Joaquim Camelo major reformado do exercito colonial. Este oficial jurou «por escritos» e aos Santos Evangelhos aderir á monarquia, o que realmente fez de alma e coração... Andou de corôa no bonet e não foram poucas as que ofereceu aos seus camaradas... para eles não gastarem dinheiro... Tomou parte em todas as manifestações oficiais e particulares que se fizeram em Penafiel assistindo ás exequias de D. Carlos e de D. Luiz Filipe, no dia 1 de Fevereiro, ajudando á missa «fardado», como sacristão... Nada sofreu. Teve bons padrinhos nos mandões da terra, o que lhe não levamos a mal, tendo como recompensa dos serviços prestados o ser nomeado para a Taxa militar no distrito de recrutamento 32, lugar que actualmente exerce a contento de todos...

Alferes da A. M. Antonio Vaz de Almeida. Este oficial depois da reimplantação da Republica no norte esteve preso 126 dias, punido depois com tres mezes de inactividade, e agora pela lei 1244 foi reformado! O seu comandante Joaquim da Silva Geraldo, major da Administração Militar, comandavá o 3.º grupo da Companhia da Administração Militar na Povoa do Varzim. Deu todas as ordens de serviço ao alferes, que apenas as cumpriu. Pois o alferes «apanhou» e «apanhado», e o comandante «que é dos nossos», nada sofreu sendo nomeado «como recompensa» inspector dos Serviços Administrativos da 4.a Divisão. Passado um ano requereu a reforma, gosando actualmente os prazeres do descanso e da tranquilidade bem adquirida... Não o censuramos por isso.

Capitão, hoje major, Fernando Pedro Alfaio de Chelmicki da Administração Militar. Este oficial era capitão, e no Porto durante o tempo em que ali esteve a monarquia, fez, por conta da Junta Governativa, compra e distribuição de fardamento para as tropas, organisou comboios de viveres destinados ás colunas que combatiam as forças republicanas. Nada sofreu! Foi louvado por ordem da 3.a Divisão!!! E está actualmente em Lisboa na 2.a Repartição do Ministerio da Guerra!

Alferes Joaquim da Fonseca Patacas, da Administração Militar. Era o ajudante do major Chelmicki, coadjuvando-o portanto em todos os serviços de que aquele oficial foi encarregado. Nada sofreu como aconteceu ao seu hierarquico superior!

Tenente coronel de infantaria Acacio Mengo de Abreu. Este oficial estava no Estado Maior e em virtude da ordem da Junta Governativa fez a sua declaração de acatamento ao novo estado de coisas, como de resto o fizeram centenas de individuos. A sua declaração «foi o unico delicto cometido» mas como não fez desaparecer mais tarde a sua declaração, «como tantos outros o fizeram», foi punido com 4 meses de inactividade e pela lei 1244 foi reformado!

O alferes de infantaria Carlos Manuel Teixeira Malheiro, chegado á França e passados uns meses, sem que tivesse ao menos ouvido o troar do canhão, por não ter passado da Base, é reformado: Regressa a Portugal, e em virtude duma nova lei do país, (1917-1918), vai á junta medica e volta ao serviço activo. Quando se proclamou a monarquia no norte, aderiu a ela «com todas as véras da sua alma», num acatamento «por escrito e aos Santos Evangelhos», pelo que lhe é levantado o respectivo processo disciplinar. Qual foi a recompensa que o sr. ministro da guerra de então, lhe deu pelos seus relevantes serviços á Patria, á Republica, á Monarquia e novamente á Republica? Mandou-lhe arquivar o processo, encontra-se actualmente ao serviço, e nada sofreu! Este é dos nossos... e sempre nossos...

O tenente d'infantaria João Herminio Barbosa, tem 24 anos de serviços prestados na Africa e toda a campanha da França, pelos quais lhe resultou ser «apenas» condecorado: «Torre Espada do Valor, Lealdade e Merito (oficial)—Duas cruzes de guerra — Medalha de bons serviços—Medalha da Victoria—Medalha de prata de exemplar comportamento—Medalha comemorativa das Campanhas—Medalha 9 de abril—Distintivo do valor militar, e uma serie de louvores, um dos quais por ter praticado em Campanha, actos de que resultaram beneficios para a «Patria e Humanidade». Este oficial, como na quasi totalidade os que se encontravam no norte a quando dos acontecimentos politicos monarquicos de 1919, viram-se envolvidos nesses acontecimentos, sem os terem aconselhado ou fomentado, mas coagidos pela força das circunstancias a acatarem, e cumprirem as ordens superiores que recebiam, por se encontrarem arregimentados. Como a todos sucedeu, pelo mesmo delicto politico, e em face da legislação «ultra novissima», foi lhe levantado um auto de corpo de delicto, e um processo disciplinar, isto é, «duas redes», para que «o peixe» não podesse escapar... Em virtude do auto respondeu em conselho de guerra e ficou absolvido «por unanimidade».

Vamos á outra rede: processo disciplinar. Qual a recompensa dos serviços por este oficial prestados? Foi pelo ministro da Guerra de então «na rede que lhe restava», punido com a pena de uns mezes de inatividade. Este oficial, cumprida a penalidade, volta ao serviço, o qual prestou com boas informações; mas vem a celebre lei 1040, lança-o para o Estado Maior da arma ha perto de 2 anos, cerceando os vencimentos a quem tem a seu cargo mulher e 9 filhos, o que motivou ser lhe concedido, enquanto esteve na inactividade, a pensão da Torre e Espada com que é condecorado. Depois de 2 anos numa situação de incertezas e mal definida, aparece lhe agora a «emenda pior que o soneto» da lei 1244 que o reforma, por não ter sido, como tantos outros, «persona grata», e os serviços prestados não serem de natureza politica! Este... não é dos nossos...

Major de infanteria Afonso Henriques Barbeitos Pinto. Este oficial, durante a monarquia comandou o regimento de infanteria 9, assumindo o comando militar de Lamego. Assistiu ás exequias por alma de D. Carlos e principe D. Luiz Filipe; forneceu forças e dirigiu combates contra as forças republicanas; perseguiu sargentos e musicos mandando-os presos para a casa de reclusão do Porto, «por serem republicanos». Devido a grandes influencias politicas não foi punido e hoje comanda um batalhão isolado em Barcelos. E' de confiança.

Alferes de infanteria Francisco Cardoso e Silva. Este oficial não é dos protegidos, foi punido com quatro mezes de enatividade e foi reformado em virtude da lei 1244. A falta cometida foi ter em 23 de Janeiro de 1919, tomado parte numa formatura dum batalhão que prestou honras á bandeira monarquica. Este oficial «provou» que foi nomeado em virtude da ordem regimental, cuja copia juntou ao processo, e em que se ve, «pela redacção dessa mesma ordem», que a formatura não era para aquele fim, sabendo-se extra-oficialmente que era para uma revista de fardamento. Sete oficiais que tomaram parte nessa formatura não foram punidos!

O chefe de musica Antonio Romano, de infantaria 13, foi punido com tres meses de inactividade e foi agora reformado pela lei 1244. Cometeu o «crime» de «por ordem superior» mandar tocar á banda regimental o hino da Carta na ocasião em que se prestava as honras á bandeira monarquica.

Chefe de musica Augusto Guerreiro Alves. Era do regimento de infantaria 32, praticou egual «crime» com a agravante de «por sua livre vontade» incorporar-se numa manifestação monarquica que percorreu as ruas de Penafiel com vivório e foguetório! «Foi-lhe arquivado o processo por falta de fundamento!!!». Fez-se revolucionario quando se implantou a Republica e conseguiu ser louvado em «Ordem regimental por ter prestado serviços á Republica!!!»

Alferes da Administração Militar Antonio Seixas Alves Pires. Tinha regressado de França de licença este oficial, tendo lhe sido ordenado ir fazer serviço no 3.º Grupo de Administração Militar na Povoa do Varzim. Passados dias após a proclamação da monarquia no norte, foi lhe passada guia de marcha para se apresentar no comando da 3.a Divisão. Cumpriu a ordem do seu legitimo superior e a Divisão mandou o apresentar na Inspecção dos Serviços Administrativos afim de fazer o serviço de processos. Passados dias ordenaram lhe que acompanhasse um comboio com generos da estação das Devezas para a de Estarreja. Por somente cumprir ordens como oficial disciplinado que sempre foi, esteve preso 10 dias. Foi punido com 6 meses de inactividade e agora pela lei 1244 foi reformado! Tambem não é dos nossos...

Manuel Leal de Magalhães tenente coronel de infantaria. Era este oficial 2.º comandante de infanteria 29. Veiu a monarquia e continuou o serviço aderindo a ela. Andou de corôa no bonet, convocou as classes licenceadas para que não faltassem homens para defender as novas instituições. Determinou aos seus subordinados a entrega da declaração de acatamento á causa monarquica como se prova pela nota que se enviou ao tenente do seu regimento João Herminio Barbosa «que está assinada pelo seu proprio punho» e se encontra junto ao auto que se levantou a este oficial para ele poder provar que não cumpriu tal ordem apesar de a ter recebido «por escritos» para o fazer. Foi, emfim, um bom auxiliar... Como recompensa foi nomeado comandante da Guarda Republicana em seguida ao 13 de fevereiro, Apostamos que ninguem põe em duvida o seu republicanismo desde menino e moço...

Joaquim Jacinto Figueiras tenente chefe de musica. Era chefe de banda da Guarda Republicana no Porto ao tempo de Paiva Conceiro. O «seu crime» foi cumprir as ordens do seu comandante continuando a reger a banda. Este «terrivel» desacato foi punido com tres meses de inactividade e foi agora reformado!

Eugenio Ivo de Parada e Silva Leitão capitão de infantaria. Ao proclamar se a monarquia aderiu a ela fazendo a declaração «por escrito» ao novo regimen, declaração que está junta ao seu processo e irrefragavelmente clara. Em seguida á reimplantação da Republica conseguiu «arrancar» o seguinte louvor em ordem regimental:—«Louvado pela sua dedicação á Republica e espirito de sacrificio de que deu provas, pedindo a sua demissão de oficial do exercito logo em seguida á restauração da monarquia e como não lhe fosse aceite declarou que não assumia o comando de tropas contra forças republicanas, começando desde então a organisar elementos republicanos para derrubar a monarquia, tendo sido aclamado comandante do regimento a seguir ao movimento revolucionario de 13 de fevereiro».—Nota elucidativa: Nunca pediu a sua demissão de oficial porque não apareceu tal declaração como se prova pelas declarações dos seus camaradas, não comandou forças porque lhe não pertenceu, visto o comandante com o maximo escrupulo só ter feito nomeações «por escalas» sem indagar se o nomeado era monarquico ou republicano, ninguem soube até hoje que elementos organisou para derrubar a monarquia, ninguem o aclamou comandante do regimento de infantaria 32, ele é que se aclamou, bem assim o tenente coronel Manuel Mesquita Monteiro que chegou a mandar um telegrama para a divisão nesse sentido não tendo nem um nem outro assumido esse comando por serem demasiadamente «furta cores»... O resto do louvor... está certo... Pois está hoje na Guarda Fiscal é de confiança, e podem contar com ele para tudo... e mais alguma coisa...

O major reformado Antonio José Pires Moreira fazia serviço na companhia de saude no Porto, quando da proclamação da monarquia. Não se salientou em coisa alguma, aderindo ás novas instituições «como todos». Foi punido com 9 mezes de inactividade, esteve preso no Porto 123 dias, e agora pela lei 1244 são-lhe cerceados os vencimentos de oficial reformado.

O chefe do precedente tenente coronel medico Antonio da Cunha Preiada que dava as ordens mas que soube «jogar de porta», tendo um pé na Republica e outro na monarquia nada sofreu. Diz ele que o mundo não se fez para os tolos. E' hoje sub-chefe dos serviços de saude da 3.ª Divisão do Exercito.

Alfredo Augusto Ribeiro da Fonseca, capitão de reserva. Este oficial ao ser proclamada a monarquia no Porto apresentou-se a Paiva Conceiro e apesar de revolucionario de 5 de outubro deu-se como perseguido pela Republica e preterido na promoção pelo que foi mandado apresentar em infantaria 18 «pondo os galões de major»! Magnifico! Ao voltar da Republica «tirou os galões de major» e com este «tira» e com este «põe» conseguiu atestados que lhe fizeram «arquivar» o processo continuando no serviço efectivo. Reformou-se voluntariamente tempos depois...

Antonio Ribeiro da Silva, alferes de infantaria. Este oficial encontrava-se de licença de campanha em Penafiel. Regressára de França bastante doente e gazeado. Recebeu ordem de se apresentar no regimento sendo nomeado subalterno duma companhia que marchou para Vila Real. Foi punido com os seguintes castigos: 1.º 6 meses de inactividade; 2.º 1 mez de prisão correcional; 3.º tendo-lhe sido aplicada a lei 1040, por ter estado na guerra, «foi simplesmente reformado, porque «se não tivesse tido a sorte de ter estado em França «era simplesmente demitido»; 4.º com a lei 1244 são-lhe cerceados os vencimentos que tinha como reformado, porque aquela lei, para ainda a tornar mais odiosa, diz que não é aplicado aos oficiais reformados em virtude da lei 1040, o disposto na lei 1032! O seu antigo comandante do regimento, tenente-coronel Alexandre Carneiro Pinto, que não esteve em França, foi-lhe arquivado o auto disciplinar, punido com trez meses de prisão correcional, e agora reformado. Este oficial proclamou a monarquia com toda a solenidade no quartel, assistiu a festas, deu ordens oficiais, fez sair todas as forças requisitadas, etc.; etc. O seu comandante de divisão, coronel Henrique Batista da Silva que deu ordens para toda a divisão, durante algum tempo em que a monarquia esteve no norte, e que não esteve na França, foi punido sómente com a reforma! O pobre do subalterno que apenas cumpriu ordens apanhou ca metralha toda. O comandante do regimento que «o nomeou», e o comandante da divisão que «requisitou a força», e que eram protegidos tiveram penas muito menores.

Alferes Joaquim Ferreira da Silva, de infantaria 20, fez parte como subalterno, duma companhia que combateu contra as forças republicanas. Esteve algum tempo preso, mas como «teve bons padrinhos», foi tudo «abafado» e nada sofreu continuando a fazer serviço no seu regimento e com certeza que «é de confiança!». Este oficial é miliciano e todos os outros seus camaradas milicianos que cometeram faltas muito menores foram «todos demetidos» em virtude da lei 1214.

Inacio Chumbo, tenente de infantaria. Era este oficial da guarnição do Porto quando ali foi proclamada a monarquia, combateu em Estarreja contra as tropas republicanas. Reimplantada a Republica nomeou-se a si proprio comandante de infanteria 6 publicando uma ordem regimental proclamando a Republica! Foi-lhe levantado um processo que «foi mandado arquivar» encontrando-se actualmente este oficial arregimentado em Tomar. E é de confiança!

Alferes Alfredo Temudo Corte Real e Domingos Martins Romão. Estes oficiais eram ambos de infanteria 32 quando ali se proclamou a monarquia. O primeiro fez parte da «Juntinha». Aderiram ao «novo sol que aparecia para nos salvar» segundo a opinião do primeiro... Assistiram a todas as festanças oficiais e extra-oficiais que se faziam em Penafiel todos os dias. Fizeram a declaração «por escritos» de acatamento á monarquia o passagem ao quadro permanente, visto serem milicianos, que esta declaração envolvia. Quando se reimplantou a Republica «armaram» em revolucionarios, e como naturalmente provaram ter sido republicanos desde nascença, nada sofreram! São ambos oficiais milicianos. O primeiro está em Lisboa, o segundo no Porto, em infantaria 6, e pela lei 1244 «todos» os milicianos com multissimo menos responsabilidades que estes oficiais, foram demitidos.

Joaquim Jeronimo Cordeiro de Brito Faria, capitão, hoje major de infantaria. Este oficial estava no Porto quando se proclamou a monarquia. Aderiu a ela «andou de corôa real no bonet», prestou os seus serviços no quartel general da 3.ª divisão com o coronel Accioli, hoje demitido para que tudo «corresse bem...» Nada sofreu... Teve bons padrinhos...

Agostinho Alves, tenente da A. M. Encontrava-se arregimentado na Povoa de Varzim. O seu regimento, pela voz do seu comandante, major Silva Geraldo e por ordens «escritas e verbais» deste senhor emanadas, aderiu á monarquia. O tenente foi punido com 3 mezes de inactividade que cumpriu em Elvas, e agora pela lei 1244 foi reformado! O comandante nada sofreu! E' de confiança.

Capitão de infanteria Antonio da Cruz Junior. Este oficial estava arregimentado em infantaria 32 quando a cidade soube da proclamação da monarquia no Porto e a ela aderiu tambem. O comandante de infantaria 32 proclamou então a monarquia das janelas do quartel, mandou convocar as reservas, desembestou com tremendo aparato belico, bandeiras, hinos, toda a lira e harpa completa. Passados porem 19 dias, por estar mal de saude ou por outro motivo que de facto não vem a talho de fouce, este comandante deu parte de doente. E o oficial mais antigo, o capitão Cruz Junior, assumiu o comando, agarrou-se desesperadamente ao telegrafo e preveniu do facto a 3.ª divisão de que dependia, reclamando novo coronel, novo comandante. E de facto horas depois aparecia vindo do Porto, uma outra vitima, que estando de licença de campanha, tinha sido intimada a recolher ao regimento depois de uns dias de demora, que a custo conseguira, e que, por ser mais graduado teve de assumir o comando interino. O primitivo comandante tenente-coronel Alexandre Carneiro Pinto, o que proclamou e o que convocou, o que acedeu, o que se conformou logo, viu arquivado o seu processo disciplinar e nem pena disciplinar lhe aplicaram. O capitão Cruz Junior que, pela força das circunstancias e obedecendo a uma disposição militar teve do contra-vontade, comandar o regimento durante horas apenas, foi punido com 3 meses de inactividade. E agora pela lei 1241 foi reformado! Este oficial combateu em Africa contra os alemães de quem esteve prisioneiro. Bonita paga de serviços á Patria!

A lei que se publicou apoz a reimplantação da Republica no norte, dava atribuições ao ministro da Guerra para aplicar os seguintes castigos: Inatividade, Reforma, Separação do serviço e Demissão. Entre outras anomalias deu-se o seguinte: O coronel Henrique Batista da Silva foi comandante da 3.ª divisão durante algum tempo em que esteve implantada a monarquia no norte. Foi punido com a «reforma». Entendeu o ministro da Guerra que a sua falta merecia a «segunda penalidade». O major medico Antero Augusto Ferreira de Magalhães, cuja falta foi continuar a prestar os serviços clinicos sem se preocupar com monarquia ou republica, foi punido com 3 meses de inatividade, «primeira penalidade». Vem a lei 1244 que não atinge o coronel Batista, mas atinge o seu subordinado major Magalhães, «reformando-o». O oficial que cometeu menor falta, na opinião do ministro da Guerra que estudou os processos, «é punido duas vezes», o que cometeu maior falta, tendo exercido um logar de destaque, na opinião do mesmo ministro, «é punido uma vez»

Capitão de infantaria 8 Francisco Lopes. Este oficial comandou uma companhia composta de praças dos regimentos de infantaria 8 e 29 que saindo de Braga foi para Caminha e Viana do Castelo, guarnecer o litoral desde Esposende a Povoa de Varzim, afim de evitar o desembarque das forças republicanas. Não teve castigo algum. E' tambem «dos nossos...»

Tenente de infantaria 3, Guilherme da Purificação Mendes. Marchou com uma companhia de Viana do Castelo para Estarreja onde combateu contra as forças republicanas. Tambem não sofreu castigo algum. E' sustentaculo... dos venha a nós...

O major Manuel de Oliveira Serrano do quadro auxiliar, estava em Penafiel quando se proclamou a monarquia. Fez a declaração da adesão, tomou parte no cortejo que percorreu as ruas da cidade com vivorio e foguetorio! Embandeirou as janelas da sua casa com bandeiras só azues e brancas. Iluminou-as com lampadas azues e brancas. Arranjou atestados dos democraticos da terra, em como era antigo e bom republicano... Nada sofreu e a Republica pode abertamente contar com ele... e bem assim a monarquia se cá voltar...

Manuel Silvestro Vilhena, coronel de infantaria. Encontrava-se em Penafiel no Estado Maior. Fez a declaração por escrito de adesão á monarquia. Engalanou as janelas da sua casa com bandeiras azues e brancas, e iluminou-as com profusão de luzes. Nada sofreu por ser amigo dos democraticos da terra, que muito lhe deviam, quando foi presidente das juntas de inspeção. Foi arvorado em oficial sindicante, e devido a ele muitos oficiais foram presos e condenados...

José Antonio de Oliveira Bastos, alferes de infantaria. Comandou forças que sairam de Barcelos para a Regoa e daqui para Lamego para combater tropas republicanas. Tambem não sofreu castigo algum. «E' dos nossos...»

José Alves de Sousa Cardoso, tenente coronel do quadro de reserva. Entrou no quartel de cavalaria 9, a cujo efectivo ainda pertencia, na ocasião em que o clarim tocava a selar, e perguntando o que havia responderam-lhe que se tratava duma formatura para a recepção do ministro da Guerra. Embora estranhasse a alteração, entrou no quartel onde encontrou já montada a força disponivel do regimento e arreado o seu cavalo. Quando se preparava para montar foi chamado á secretaria e ahi informado de que estava restaurada a monarquia em Lisboa, Santarem, Coimbra, Vizeu e outras cidades, devendo por determinação superior confirmar-se o referido acto em parada geral no Monte Pedral, para o qual convergia naquele momento toda a guarnição do Porto. Seguiu, pois, para o local indicado, persuadido de que procedia correctamente e com a sua habitual subordinação, assistindo pacificamente (sem exercer quais funções) á cerimonia que se celebrava e da qual pouco ou nada percebia devido á grande distancia a que se encontrava do ponto principal. Por esta naturalissima manifestação de obediencia, foi preso demitido, separado do serviço com 50 0/0 de vencimento, preso novamente, submetido a conselho de guerra e punido por este (apesar de nenhuma testemunha o acusar) com 5 mezes de prisão correcional, demitido segunda vez pela famosa lei 1040.

Antonio Fernandes, era capitão do Secretariado Militar, chefe da 1.ª repartição do quartel general da 3.ª divisão. Quando foi proclamada a monarquia exercia aquele logar, continuando a executal-o a contento da junta governativa que nele tinha absoluta confiança. Em nada foi incomodado, dizendo-se abertamente que assim aconteceu por ter tido a sorte de ter um filho, segundo sargento, que estava filiado no revolucionario Grupo da Nau Catrineta do Norte. Olha se não fosse... não teriamos a lamentar mais uma victima das leis 1040 e 1244? Felizmente que tal não aconteceu, e aquele oficial é hoje major.

Zeferino Antonio Monteiro Falcão, tenente-coronel da Administração Militar. Como o seu camarada anterior, este oficial fazia serviço no quartel general da 3.ª divisão como chefe dos serviços administrativos. Proclamada a monarquia aderiu a ela, continuando a exercer o mesmo logar, não tendo havido a menor alteração nos serviços correndo tudo na melhor ordem, merecendo rasgados elogios de Paiva Conceiro. Reimplantada a Republica foi-lhe levantado um auto, que em nada o incomodou, porque continuou, a exercer o mesmo logar, auto que por fim foi mandado arquivar! Este oficial reformou-se depois, gosando o descanço em Chaves, sua terra natal.

Alferes Veiga Cabral da A. M. Este oficial foi director da sucursal da Manutenção Militar no Porto, quando da monarquia. Era o que dirigia todos os serviços na Sucursal, fornecendo o pão para as tropas monarquicas. Nada sofreu! Este é dos nossos...

Alferes Abreu Malheiro da A. M. da Povoa de Varzim. Este oficial ao ser proclamada a monarquia foi mandado apresentar no Porto para fazer serviço no deposito de generos, no Matadouro Novo, afim de fornecer comestiveis para as colunas monarquicas. O seu comandante, capitão Sousa, declarou que este oficial tinha prestado «relevantes serviços». Nada sofreu! E' atualmente ajudante interino do 3.º grupo. E' tambem dos nossos...

Alferes de infantaria Francisco Bernardino Pinheiro de Meireles e Manoel Barreto Costa. Estes oficiais eram da Guarda Republicana. Estiveram no Monte Pedral onde se proclamou a monarquia, e onde foi desfraldada pela primeira vez a bandeira azul e branca. Passaram á Guarda Real, nome que a junta governativa batisou a antiga guarda republicana. Veiu o 13 de fevereiro, a guarda real passou de novo a guarda republicana, mas aqueles oficiais é que «não mudaram»... «Sempre fixes», lá continuaram e ninguem os incomodou... Para o rol dos nossos...

Domingos de Sousa Magalhães, alferes de cavalaria. Este oficial tomou parte até final nas colunas monarquicas do sul. Nada sofreu. Sendo lhe arquivado o processo disciplinar.

Alberto de Laura Moreira, então major da Administração Militar, hoje tenente-coronel. Este oficial estava afastado do comando em virtude duma sindicancia ordenada pelo comando da 3.ª divisão. Apresentou-se a Paiva Conceiro que mandou arquivar a sindicancia, nomeando-o chefe da contabilidade «do seu ministerio». Dá-se a reimplantação da Republica e ele apresenta-se no 3.º grupo da Administração Militar, intitulando-se republicano «de sempre». Foi punido com quatro mezes de inatividade. Recorreu desse castigo tendo-lhe sido «trancado». Ficou como novo...

A sindicancia continua arquivada, e aquele oficial é hoje tenente-coronel, tendo se reformado para gozar a vida com tranquilidade. Deus lhe dê muitos anos.

Francisco Correia de Matos, coronel medico. Fez a declaração «por escritos» e aos Santos Evangelhos de acatamento á monarquia. Manifestou publicamente o seu jubilo pelas novas instituições, continuando durante o tempo da Junta governativa a exercer os cargos oficiais que exercia com a Republica. Nunca foi preso, como tantos outros, e o seu auto disciplinar foi mandado arquivar! As leis 1040 e 1244 não foram feitas para estes...

Eduardo Augusto de Souza Sarmento, coronel de artilharia. Este oficial foi comandante do corpo de tropas de Lisboa no tempo do sidonismo. Assistiu á proclamação da monarquia na Camara Municipal de Viana do Castelo. Tornou a tornar... isto é, veio de novo a Republica e sua ex.ª fez egual gesto... Tanto do primeiro como do segundo gesto existem fotografias, que ao tempo foram reproduzidas nos jornais, em que se vê o ilustre oficial abraçado á bandeira azul e branca e á verde e encarnada... Nada sofreu, e ainda bem. Continua no activo serviço.

Tenente de infanteria João Batista Pinto. Este oficial sendo administrador do concelho, no tempo do sidonismo, em Vila Nova de Gaia, continuou a exercer as mesmas funções com a monarquia. Tomou parte numa manifestação que a gente do seu concelho fez a Paiva Conceiro. Não sofreu por isso castigo algum, encontrando-se ainda de [illegible] tada a seu pedido! Este [illegible] nosso.

Capitão de infanteria Henrique Augusto. Comandou a quando da monarquia em Lamego uma companhia das forças do major Barbeitos Pinto, a que já nos referimos, á sombra do qual não podia deixar de ser absolvido em conselho de guerra. Contudo na «rêde» disciplinar foi punido com seis mezes de inactividade, que influencias politicas, conseguiram reduzir a zero! E' justo dizer-se que este oficial é um dos promovidos por distinção em França. Tambem é dos nossos...

Alferes Luiz Vila Verde. Este oficial fez parte da coluna «relampago» do comando de Sá Guimarães. Bateu-se bem, ninguem lho contesta, contra as forças republicanas, sendo ferido no combate na ponte de Mirandela. Nada sofreu. E é hoje tenente. Não lhe queremos mal por isso...

Tenente coronel de infantaria Moreira da Silva Este oficial encontrava-se no Estado Maior, em Penafiel, onde tinha estado arregimentado como capitão e major. Não exercia comando algum, não tinha interferencia de nenhuma especie nas instancias militares. Era um simples particular. Tinha porém a infelicidade de não ser proprietario, e habitar no mesmo predio em que vivia a senhoria. Esta senhora entendeu que proclamando-se oficialmente a monarquia naquela cidade, estando asteada a bandeira monarquica no quartel, administração do concelho, camara, tribunal, associação comercial, correios, casas de recreio, hoteis, quasi todas as casas particulares, etc. estava no seu direito de mandar pôr uma bandeira azul e branca no telhado do seu predio. Assim o fez. O oficial inquilino entendeu tambem que nada tinha com isso, visto que nas janelas da casa que ocupava nenhum distintivo pôz durante a efemera monarquia. Pois entendeu muito mal! Passados dois mezes de ser reimplantada a Republica (tempo que levou aos «novos defensores» que tinham aderido á monarquia «por escritos», a esquadrilharem motivos para cevarem os seus odios) aquele oficial recebeu ordem de prisão para o Porto, onde esteve bastante tempo. Passados mezes foi punido disciplinarmente com seis mezes de inactividade que cumpriu em Elvas. Julgando-se quite com a Justiça e suficientemente castigado por não ser proprietario e viver num andar em que a senhoria do predio mandou pôr no telhado a bandeira monarquica, veio a lei 1040, «quasi dois anos depois» e para ela o oficial devia ser demitido! Veio a lei 1244 e vai ser reformado!!! O sindicante deste oficial foi o coronel a que «A Capital» se referiu nos seguintes termos: «O coronel de infantaria Manoel Silvestre Vilhena, encontrava-se em Penafiel no Estado Maior. Fez a declaração «por escritos» de adesão á monarquia. Engalanou as janelas da sua casa com bandeiras azues e brancas e iluminou as com profusão de luzes... Nada sofreu por ser amigo dos democraticos da terra, quando foi presidente das juntas de inspeção... Foi arvorado em oficial siudicante e devido a ele muitos oficiais foram presos e condenados» A principal testemunha de acusação do dito oficial foi o capitão mestre de musica Augusto Guerreiro Alves a que «A Capital» se referiu da seguinte maneira: «O chefe de musica Guerreiro de infantaria 32, praticou o crime de «por ordem superior» mandar tocar á banda regimental o hino da Carta na ocasião em que se prestava as honras á bandeira monarquica, com a agravante porém, do seu camarada de infantaria 13 que o mesmo crime praticou e que por ele foi punido com [illegible] mezes de inactividade e é agora reformado pela lei 1244 de «por sua livre vontade» incorporar-se numa manifestação monarquica que percorreu as ruas de Penafiel com vivório e foguetório! Foi-lhe arquivado o processo por falta de fundamento!!! Fez-se revolucionario e quando se reimplantou a Republica conseguiu ser louvado em «Ordem regimental» por ter prestado serviços á Republica!!! O oficial de que estamos tratando juntou, segundo nos consta, á sua defesa uma declaração da senhoria, em que aquela senhora nobremente assumia a responsabilidade da colocação da bandeira azul e branca no telhado do predio que lhe pertencia. Tambem nos afirmam que o mesmo oficial nenhuma politica tinha e que bastantes actos de filantropia praticou naquela cidade durante os anos que ali viveu, sendo um deles o ter fundado uma escola com todo o mobiliario e utensilios escolares sómente á sua custa, pelo que foi louvado no «Diario do Governo» pelo sr. dr. Antonio José de Almeida, então ministro do Interior. Este não é dos nossos...

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL

DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouro, 18 a 24 — Rua do Comercio, 136 a 140

PORTO — 28, Praça da Liberdade, 29

Mario Duarte
Cirurgia de boca e dentes
P. Restauradores, 13
Telef. 815 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.da

Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Estremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandella, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regua, Santarem, Silves, Torres Vedras, Vianna do Castelo, Villa Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue du Helder, 8, Londres 37 E Throgmorton Street, New York 20 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda, Kinshasa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRASIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Parahyba, Pará e Manaus.

Encarregam-se as Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banco Colonial Português

Séde: — Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: **Escudos 100.000:000$**

CAPITAL EMITIDO: **Escudos 10.000:000$**

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL
e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, Ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias; descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.º

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.º 2228
Fabricas — Paio Pires n.º 16
Armazens — Poço do Bispo, n.º 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.º 106, 2.º
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada
FABRICAS: No Seixal, "Moinho de Dreyner"
DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Rana, Pampilhosa do Botão e Leiria
AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamo-los a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias

Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha) — Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik Meissen (Alemanha) — Turbinas, instalações de ceramica, etc.

Usines Rodouvede S. A. Liége (Belgica) — Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag Storebro (Suecia) — Maquinas-ferramentas

Rudel & C.ª Dresden (Alemanha) — Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha) — Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa) — Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia) — Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos

SECÇÃO CORKY
Pavimentos com lendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificas

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4106-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Segunda-feira, 19 de Junho de 1922

Telefone n. 2293—Endereço tel. CAPITAL — Officina de Impressão — Rua da Rosa, 71 — Preço 10 centavos

Os espectaculos maravilhosos:

O automovel de serviço de doentes, acondicionado para enfermos, andou hoje na praça Camões acartando em cima dos estofos os vasos e as flores da festa d'ontem e tripulado por uma chuva de garotos.

AS PRISÕES DE ONTEM

O publico ficou hoje surpreendido, ao ler nos jornais da manhã, a prisão dos srs. Xavier Pereira, Liberato Pinto, Feliciano Costa e João de Almeida, que julgamos ser o chamado «Heroe dos Dembos».

Não ha duvida que ha bastantes dias se tem vindo a falar numa nova tentativa revolucionaria. O Governo declarou já que tinha indicios desse movimento, e ninguem ignora, tambem, que se tem tomado precauções militares, na previsão dum tal acontecimento.

Qual o caracter desse movimento? Uns diziam que era monarquico, outros que era outubrista, outros ainda que o promoviam elementos do partido democratico, descontentes com o actual governo, e havia egualmente quem lhe atribuisse um caracter sidonista.

A estas horas, todos os alviçareiros devem estar satisfeitos.

Com efeito, nas prisões efectuadas ha para todos os paladares.

O ex-coronel João de Almeida é monarquico; o sr. Liberato Pinto é democratico, tendo mesmo pertencido ao ultimo Directorio do partido; o sr. Feliciano da Costa é sidonista e o sr. Xavier Pereira é um partidario do outubrismo.

Posta a questão nestes termos, parece que ela estaria resolvida se se tratasse apenas dos seus agentes, e não da sua finalidade.

Ora é sob o ponto de vista desta finalidade que nós precisamos encarar o movimento de cuja existencia as prisões tambem efectuadas devem constituir prova.

Mas que finalidade podia ser a do movimento, tendo como agentes principais criaturas de partidos diversos e até opostos?

Com é que se compreende a junção de monarquicos, sidonistas, democraticos e outubristas?

Para quê?

Que poderia sair desse movimento?

A restauração da monarquia, como o deveria desejar o ex-coronel João de Almeida.

A resurreição de Sidonio Pais, como o desejaria o sr. Feliciano da Costa?

O triunfo pleno do celebre programa outubrista, como altamente seria reclamado pelo ex-coronel Xavier Pereira?

Ou a permanencia eterna do partido democratico no poder, o que está já sendo posto em pratica sem relutancias desde o movimento de outubro do ano findo, não parece agora oferecer duvida e assim não se justificaria qualquer golpe revolucionario para conquistar o que já está conquistado.

Nestas condições, como se explica, como se compreende a junção hibrida destes elementos? Não o sabemos; não o sabe o publico, não o sabe o paiz. E é isso que se torna urgente explicar.

Tem o governo nas mãos a chave da conspiração? Não se justifica que a não tenha, desde que tomou a resolução de proceder, sem perda dum instante, ás prisões sensacionais que originam estes reparos.

Nesse caso, o governo que esclareça este misterio. Que nos elucide sobre esta reunião de elementos politicos alguns irreconciliaveis uns com outros. Que nos patenteie o laço comum que pode ligar outubristas com monarquicos, democraticos com sidonistas.

O país inteiro aguarda com anciedade esses esclarecimentos.

Se eles não vierem, ou se não forem satisfatorios, ninguem poderá convence-lo de que estas prisões obedeceram a interesses diferentes dos da justiça. Constatado semelhante facto, só ficaria de pé uma perseguição politica, engendrada no proposito de produzir a maior das confusões no espirito publico?

Aguardando uma resposta, mantenhamo-nos na espectativa.

O "DIA DAS ACTRIZES"

E' no Jardim da Estrela que brevemente a festa se realisará.

Jesuina de Chaby

Uma comissão de artistas, composta das distintas actrizes Virginia Dias da Silva, Angela Pinto, Palmira Bastos, Amelia Rey Colaço e Jesuina de Chaby, avistou-se no ultimo sabado com o sr. Cesar dos Santos, vereador do pelouro dos jandins, a fim de lhe pedir a cedencia do Jardim da Estrela para o festival que, proximamente, os nossos artistrs dramaticos pensam em levar a efeito, em favor da «Casa Gil Vicente» e «Casa dos Jornalistas». Recebida a comissão, gentilissimamente, por aquele vereador, foi-lhe feita a cedencia daquele jardim, tendo o sr. Cesar dos Santos tido palavras elogiosas para a comissão organisadora da festa, enaltecendo a ideia que á mesma preside. Os trabalhos devem ser iniciados por estes dias e então informaremos os nossos leitores do programa definitivo desse festival para o qual, diariamente, se tem recebido adesões valiosas e que será em tudo digno das classes que o promovem.

Podemos, porem, desde já, ir levantando um pouco a ponta do veu. A comissão organisadora fez já expedir aos nossos principais poetas, caricaturistas, pintores, escultores e scenografos, uma circular em que lhes pede a sua valiosa cooperação para o «Dia das actrizes», devendo reunir no «foyer» do Politeama no proximo sabado pelas 4 horas da tarde, os comediantes de todos os teatros de Lisboa a quem foram dirigidos avisos convocatorios a fim de, detalhadamente, os elucidar de tudo o que ha feito, assentando no programa definitivo e na cooperação que a Comissão orgonisadora espera de cada um. Na ultima reunião começaram já sendo divididos os trabalhos, ficando as actrizes Laura Costa, Deolinda de Macedo e Sarah Cunha de angariar donativos de varias casas para algumas pequenas barracas, o actor Robles Monteiro do pedido a fazer ás familias de Augusto Rosa, João Rosa e D. João da Camara de lembranças daqueles falecidos e saudosos artistas e a actriz Ana de Oliveira de recolher as fotografias das nossas primeiras actrizes e actores, devidamente autografados, para serem vendidas em leilão.

Palmira Bastos

Virginia

Angela Pinto

Amelia Rey Colaço

OS TABACOS

Estão erradas as contas

A Direcção Geral da Contabilidade Publica enganou-se no uso das quatro operações

Temos de insistir. E' forçoso insistir. Impõe-no o dever. Bem sabemos que será talvez inutil. Mas, que importa?... O desinteresse que ás questões vitais votam os dirigentes da Nação não nos absolveria do crime do silencio, se, por acaso, tambem o adoptassemos. Lisonjear as multidões ignaras, não entra no programa do jornalismo que se produz em *A Capital*. Não nos tenta o comodismo das conveniencias do momento. E não nos assusta o rosnar dos politicos nem o mau humor dos poderosos ocasionais. Pelo contrario: quanto maior é a cumplicidade dos outros, mais vontade temos de lhes bater. A ver se despertam...

Existe um Parlamento. Para pouco serve. Mas, emfim, existe. Pois ocupemo-nos dêle, persistindo impenitentemente em o julgar nos mesmissimos termos que já aqui foram expostos.

Não acusamos o Parlamento de mudez. Falar, fala êle... até de mais! Mas é surdo, sistematicamente surdo á voz do povo. Tapa os ouvidos e vai seguindo. Queixa-se o povo da vida insuportavelmente cara. Os seus clamores perdem-se no espaço e não são ouvidos no Palacio do Congresso. Grita o povo contra os ladrões dos cofres publicos. E o Parlamento, moita! Denunciámos neste jornal a obra impatriotica do general Norton de Matos e demos as razões do nosso julgamento. E o Parlamento, nada! E' surdo e é cego. Mas fala pelos cotovelos, quando se trata do elogio proprio ou da defesa de qualquer questiuncula de campanario. A questão da Irmandade de S. Bento da Porta Aberta apaixonou-o, mas o problema dos tabacos deixa-o impassivel. Nem ao menos a curiosidade o aguilhôa. Antigamente, mesmo já na vigencia da Republica, existiram sempre representantes do povo, que interrogavam os ministros sobre os assuntos que os jornais traziam á discussão ou sobre as manobras governamentais que eram reveladas. Agora já não ha disso. Estão todos feitos no mesmo jogo do sizudo. Entretanto, abre agua a barcaça desmantelada!

* * *

Apesar de tudo, insistimos hoje na questão dos tabacos. Ela foi trazida a publico por declarações do sr. Antonio Malheiro, director geral da Contabilidade Publica. Essas declarações não satisfazem a opinião publica. São extremamente deficientes. São destinadas a iludir e não a esclarecer. Não se mente apenas quando se nega a verdade, mas tambem quando esta é apenas parcialmente revelada. Se querem contar com o apoio do povo, têm que lhe dizer *toda a verdade e não somente uma parte dela*, aquela que só ao Poder convém no jogo politico ocasional.

O sr. Antonio Malheiro limitou-se, talvez, a dar um recado. Mas, deu-o mal. Não o soube reproduzir. Comprometeu o ministro, que, tão inconsciente como o seu subordinado, nem dá por isso. O que é indispensavel, agora, é que apareça, por acaso, um deputado ou um senador com independencia suficiente para chamar a terreiro o sr. ministro das Finanças. Ele é que tem de dizer o que foi ocultado pelo alto funcionario. Não se escondam um atraz do outro: *arcades ambo*...

Ha pontos de uma grande obscuridade. Querem manter êsses tons sombrios ou preferem inundar de luz uma questão tão importante?... E' êsse o problema. Resolvam-no. Mas o povo não se dispensa de saber até onde pode contar com o Governo da Republica...

A primeira pregunta a fazer é esta: são realmente 700 contos que o Estado cobra nas alfandegas pelos direitos que incidem sobre o tabaco estrangeiro importado pela Companhia monopolizadora? Nós dizemos que o sr. director geral da Contabilidade Publica errou. Calculou mal, com defeito evidente. De boa fé? E' possivel. Principalmente se o boa fé fôr a ignorancia. Mas isso não impede que a quantia revelada esteja muito abaixo da verdade. O sr. ministro das Finanças dirá ao Parlamento, se alguem, com qualidade para tal, lho preguntar, o motivo que forçou o sr. Antonio Malheiro a vir a publico dizer tolices.

A verba de amortizações tambem está errada. Está com certeza! E' preciso rectificá-la. *Tem que se descontar a media das quantias que não forem trocadas pelas obrigações sorteadas.* Essa quantia, que não é para desprezar, consta das contas do Governo com a Companhia. O sr. Antonio Malheiro esqueceu-se de fazer essa simples subtracção. E' muito esquecido, êste divertido funcionario. Pois é pena. A não ser que o esquecimento tenha sido propositado, por ordem superior. Diga-o, no Parlamento, o sr. Portugal Durão.

Mas ha ainda uma outra verba, que não tivemos tempo nem espaço para citar no artigo de sabado ultimo. E essa verbasinha deve ser uma verbazona. Então, o Estado, quando autorizou o aumento do preço do tabaco, não reservou para si uma determinada percentagem? Quere-nos parecer que sim. Temos de confiar, é claro, na memoria, porque não estamos no segredo dos deuses. Como não pertencemos — Deus louvado!... — á burocracia, nem mesmo como terceiro oficial de qualquer Ministerio, não manejamos os papeis que se trocam entre o Ministerio das Finanças e o poderoso monopolio. Isso, porém, não quere dizer nada, para o caso especial de que se trata. O noticiario dos jornais referiu-se a essa participação e deu-a como certa. Quanto é que êle tem rendido ao Estado? Diga-o o ministro, já que de tal se esqueceu o seu braço direito, tão canhoto, por sinal...

* * *

Vai aparecer no Congresso quem interrogue o sr. ministro das Finanças ácerca das declarações intempestivas e inexactas do sr. Antonio Malheiro, director geral da Contabilidade Publica?

No Liceu Passos Manuel

Ao receber-se a noticia da chegada dos aviadores ao Rio de Janeiro os professores e o reitor deste estabelecimento de ensino, dr. Alberto Machado, confraternisaram, tendo feito este ultimo uma alocução patriotica e tirando-se nesse momento algumas fotografias comemorativas.

De amanhã a 8 dias realisa-se a festa desportiva, para as provas finais do «sports» atleticos escolares, e distribuição de premios, assim como a sessão solene para a entrega duma lembrança ao chefe do pessoal menor sr. Sebastião Rolão, empregado muito dedicado e que ultimamente ali praticou um acto de filantropia.

Os jornais de Lourenço Marques

Do nosso colega «Jornal do Comercio», de Lourenço Marques, e com o titulo «A Capital», extrahimos o seguinte eco:

«Este denodado e importante orgão da imprensa lisboeta é credor, por parte da Provincia de Moçambique e da empresa do «O Jornal do Comercio», dums gratidão profunda pela maneira alevantada e distincta como tem tratado e vem tratando os problemas administrativos desta desgraçada colonia, colocando-se ao lado dos jornalistas que aqui teem discordado da acção administrativa do sr. Alto Comissario, e protestando contra as violencias que nos teem atingido.

Ao distincto colega nos referiremos em momento mais oportuno, para registarmos quanto nos desvanece a sua nobre atitude e a valiosa solidariedade que nos oferece.»

Muito nos desvanecem as lisongeiras referencias do nosso colega. Procuramos unicamente agitar e debater todas as questões que interessam á vida nacional.

Não somos precisamente o que se possa chamar um jornal emoliente, graças a Deus.

A 'Batalha' de Montevideo

manifestou-se na pessoa do seu director, a tiros de revolver

MONTEVIDEO, 18.—O sr. Herrera, director do jornal anarquista «Batalha» disparou cinco tiros de revolver contra o arcebispo que estava pregando na catedral e ficou ligeiramente ferido. A multidão quiz linchar o agressor. Alguns anarquistas que se achavam perto da catedral foram presos.—(H).

Exposição na Baixa

Nas montras da casa Barros e Santos, na rua Aurea 234 e 242 estão em exposição as amostras dos produtos que o Laboratorio Farmacologico de Lisboa apresenta na Exposição do Rio de Janeiro.

O plebescito na Alta Silesia

continua tumultuoso e com fusilaria

BERLIM, 18.—Dizem de Boskepitshte Silesia, á agencia Wolff que se deu ali um incidente entre a policia plebiscitaria e um destacamento francez. Os civis tomaram o partido da policia havendo violenta fusilaria de que resultou quatro civis mortos.—(H).

Nos hospitais do Porto

Os ilustres medicos srs. drs. Casimiro Barbosa, Abuilard Teixeira, Vilar Boer Neto, Bastos Viegas, Cil da Costa, João Correia, Pinto Valado, Carlos Borges, Alberto Ribeiro, Santos Pereira, João de Almada, Angelo Soares, Eduardo Reis, Raul Outeiro, José Aroso, Urbano Cardoso, etc. etc. tem tido no maior apreço os efeitos da «Fibrocalcina», que é o recalcificante de efeitos mais rapidos, por empregar a cal e o fosforo 14 assimilados pelos animais.

Coronel Xavier Pereira

O sr. coronel Xavier Pereira, que é um dos oficiaes ontem presos sob a acusação de manejos contra o regime, pede-nos para tornar publico que o revolta profundamente o facto de a sua captura ser acompanhada da de elementos sidonistas, a que sempre foi adverso. Aquele oficial, enviou ao sr. Agatão Lança um bilhete em que, protestando a sua inocencia, debaixo de palavra de honra lhe garante o seu alheiamento a manejos revolucionarios.

Somos informados que o sr. Xavier Pereira enviará o seu cartão de desafio aos srs. presidente do ministerio e ministro da Guerra, logo que estes dois senhores deixem de fazer parte do Governo.

Conselho de Ministros

O conselho de ministros esteve hoje reunido na secretaria do Interior, durando a sessão desde as 12 até ás 13,30.

Não foi fornecida á imprensa a habitual nota oficiosa, constando, porém, que o conselho se ocupou especialmente de assuntos de ordem publica.

COUSAS LEVES E TRISTES

Moçambique e a União Sul-Africana

AS PRIMEIRAS HOSTILIDADES DESENHAM-SE A PAR DE LARGOS PROJECTOS DA UNIÃO RESOLVIDA A DISPENSAR O PORTO DE LOURENÇO MARQUES, SE TANTO FOR PRECISO

O que se passa em Cap-Towa

O sr. Jagger, Ministro dos Caminhos de Ferro respondendo da União Sul-Africana a criticas feitas sobre o orçamento ferroviario, disse que o fazia rir a acusação de que estava prejudicando o comercio de carvão com o facto de não reduzir as tarifas ferroviarias.

Julgava que a produção de carvão para exportação podia ser triplicada mas a falta de facilidades em Lourenço Marques impedia que esse facto se desse.

O Governo está resolvido a obter as facilidades de que necessitava para o desenvolvimento do comercio de exportação do carvão, e se as não obtive por intermedio de Lourenço Marques obte-las-hei por intermedio de qualquer outro porto. «Evidentemente, acrescentou o sr. Jagger, devia-se dar a Lourenço Marques a primeira «chance» mas organisações que não fossem satisfatorias deviam ser remediadas».

O Ministro leu um telegrama que tinha recebido mostrando o mau estado em que os serviços estavam organisados no porto e caminho de ferro de Lourenço Marques e insistiu em que esse estado de coisas devia ser remediado.

Tinham-se feito queixas a respeito das tarifas ferroviarias do carvão para porões mas, como os contratos tinham sido fechados em fins do ano passado, qualquer redução que se fizesse somente ia meter dinheiro nos bolsos de quem fez os contratos de fornecimento.

O general Smuts, presidente do Conselho de Ministros da União Sul-Africana, tambem fez declarações importantes no seu Parlamento.

«Neste momento—disse ele—está-se procedendo a negociações com a missão portuguesa para o fornecimento de portos de saida para os nossos productos e se tais negociações forem coroadas de exito não tenho duvida de que dentro de um reduzido numero de anos a industria carvoeira tornar-se ha uma das maiores deste paiz.

Seja-me permitido dizer que confiamos não só no resurgimento da industria mineira do ouro, resurgimento que se está efectuando muito rapidamente, mas ainda em todos os outros trabalhos, não com o caracter de beneficencia, que se estão fazendo neste paiz e em que o Parlamento será em breve convidado a cooperar.

As nossas dificuldades ficarão então limitadas aos trabalhadores semi-especializados que nos ultimos anos teem inundado o Rand e que teem sido verdadeiros parasitas não só da industria mineira mas ainda das outras industrias de Witwatersrand. Para esses arranjar-se-lhes ha trabalho na realisação do programa de construções de caminho de ferro que será submetido á vossa aprovação ainda na corrente sessão legislativa, nas obras de irrigação e alorestamento, e ainda noutros serviços que serão em numero suficiente para empregarem todos os homens, mulheres e creanças que se encontram desempregados na area de Witwatersrand.»

Referindo-se ás outras industrias o general Smuts declarou que o Governo estava na intenção de proteger todo o ferro e aço produzido na União.

O que se passa em Lisboa

. . . .

Não sei nada! Não sei nada!

. . . . A patria de Albuquerque! . . . . .

. . . . Não sei . . . .

? ? ?

Abaixo a reação . . . . .

. . . . Não sei nada.

Não sei nada . . . . . .

. . . ? . . . . ? .

. . . . . A Patria . . . .

Herois do mar . . . . .

! ! ! Não sei nada ! ! ! . .

Sr. Presidente, desde a mais remota antiguidade . . . . .

Vou tomar providencias . .

Ilustre senhor! Excelentissimo senhor. . . . .

? ? ?

Peço a palavra . . . . . .

A Raça ! ! A Raça ! ! . . . .

Transmitirei ao meu digno colega . . . .

Declaro á ilustre Camara . .

Não sabe nada! Ele não sabe nada!!! . . . .

O épico incomparavel . . .

A cruz de Cristo! . . . . .

. . . . . Abaixo a reação!

Oiçam! Oiçam! . . . . .

. . . . Muito bem! . . . .

Que homem! Que talento! Que dentista! . . . . . .

O incomparavel ceu de Portugal! . . . .

A Republica, senhores . . .

! ! !

Abaixo a reação! . . . . .

Não sei nada! Não sei nada!

. . . .

Antonio Ferro

Os jornais chegados hoje do Rio de Janeiro dão conta da primeira conferencia do sr. Antonio Ferro, que segundo as noticias que publicam constituiu um exito fora de toda a espectativa.

O momento excepcional prestava-se á maravilha, e pelo que lemos, aquele poeta escritor soube aproveita-lo e tirar do «elan patriotico» de portuguezes e brasileiros o melhor partido.

Ao terminar a sua primeira conferencia o sr. Ferro foi aplaudido com o maior entusiasmo e á saida levado em triunfo até ao Hotel Palace. No dia seguinte foi-lhe oferecido um chá a que concorreu toda a gente da imprensa e escriptores brazileiros, resultando essa festa uma verdadeira apoteose a Portugal.

Congratulamo-nos pelos festejos feitos ao sr. Antonio Ferro não só pelo que representam como exito pessoal daquele escritor moderno mas especialmente pelo que significou, como corrente de simpatia para Portugal,

O consul portuguez em Vigo

E' entrevistado por um jornalista hespanhol

O Consul de Portugal em Vigo, sr. Vasco Morgado, acaba de ser entrevistado por um «reporter» do «Faro de Vigo». Uma das perguntas que o jornalista fez áquela autoridade referia-se a versão que tem corrido de que o sr. Dr. Antonio José d'Almeida se avistará oportunamente com o rei Afonso XIII. O sr. Morgado objectou que tem efectivamente lido algumas noticias na imprensa hespanhola, mas que de Portugal ainda lhe não chegou a minima informação.

Depois desta resposta o sr. Morgado referiu-se á visita do chefe de Estado portuguez á Exposição internacional do Rio de Janeiro e fez varias considerações sobre a missão dos consulados.

Uma obra nacional admiravel

As estações telefonicas do serviço dos bombeiros municipais :-:

Neste momento de resurgimento nacional, em que tanto se aspira pelo perfeiçoamento de todas as iniciativas que deem valor ao trabalho dos portuguezes; quando o problema economico portuguez depende da valorisação de todos os nossos recursos para se evitar a importação de productos estrangeiros, são dignos de aplauso os trabalhos executados com inteligencia e que revelam aptidões tecnicas, como o que tivemos ocasião de ver ha dias no quartel dos bombeiros municipais, instalado na Avenida das Cortes.

Até ha pouco tempo, o serviço telefonico efectuava-se por intermedio da rede oficial e da rede da Companhia; mas o corpo de bombeiros municipais, tendo uma grande confiança nas aptidões do pessoal das suas oficinas, tomou a iniciativa de proceder á instalação de uma rede telefonica privativa, que é um trabalho verdadeiramente modelar. E é tanto mais para apreciar esta obra, quanto é certo que para a sua execução não se contribuiu com um unico centavo dispendido na compra de material importado do estrangeiro, a não ser na aquisição de dois pequenos dinamos, que são empregados, como reserva de energia, quando falta a corrente da Companhia de electricidade. As proprias placas de duas baterias de acumuladores foram fabricadas nas oficinas dos bombeiros, sob a direcção do sr. Augusto Antonio da Cunha, que revela profundos conhecimentos de electrotecnica.

Em uma das salas do 2.º andar está instalada a estação principal, por meio da qual se dá o sinal de alarme para casa do pessoal ao serviço dos incendios; podendo essa comunicação ser feita para cada uma das 10 secções em que está dividida a area da cidade, ou para todas elas simultaneamente.

Previne-se o pessoal de que ha fogo e ao mesmo tempo indica-se para todo ele, qual a rua em que deve comparecer.

Em uma outra sala contigua está instalada a estação que estabelece a ligação entre 240 estações e entidades oficiais.

O pessoal adestradissimo e sempre vigilante estabelece as comunicações com uma rapidez assombrosa.

Obras desta natureza são dignas de todo o louvor e devem ser conhecidas de toda a gente ilustrada. Aconselhamos aos professores de diversas escolas, que levem ali os seus alunos, pois uma visita ás oficinas do Corpo de Bombeiros Municipais e ás suas instalações electricas constitue uma das missões do estado das mais proveitosas que se lhes pode proporcionar.

Faz-nos bem ao espirito, levanta-nos o moral de portuguezes, quando vemos obras como a que foi executada pelos bombeiros municipais de Lisboa, cuja corporação foi ha pouco condecorada com um dos graus da Torre e Espada, o que já não foi sem tempo.

J. CORREIA DOS SANTOS

Funcionalismo publico

Para apreciar as intenções do Governo muito especialmente acerca da situação economica dos funcionarios e assalariados do Estado, reune hoje, ás 21 horas, na rua da Madalena, 91, 1.º, a sua Comissão Central.

São esperados delegados de varias localidades do país para assistirem a esta reunião, á qual se liga bastante importancia.

A corrida do Kilometro

na Avenida da Liberdade — A... boa camaradagem de "O Seculo,,

Realisou-se, na Avenida da Liberdade, a prova do quilometro em rampa, organizada pelo Automovel Club de Portugal.

O que é interessante é que, á ultima hora, *O Seculo* surge-nos... *patrioticamente* a dizer que a prova foi organizada em honra de Sacadura Cabral e Gago Coutinho!

Mal sabiam os gloriosos aviadores que, ao levarem a efeito o magnifico *raid*, iam servir os interesses comerciais de certa gente!

A prova foi regularmente organizada, embora tivesse algumas deficiencias, como, por exemplo, a maneira como estava organizado o serviço de fiscalização, que não respeitou os cartões de imprensa, dificultando a missão dos jornalistas.

E' de notar ainda, porque foi um facto observado por toda a gente, que os carros que partiam do lado direito da Avenida eram sempre prejudicados á largada, por o juiz de partida se colocar sempre junto do outro concorrente, quando estava naturalmente indicado que desse o tiro a meio dos carros.

Não nos refeririamos mais pormenorisadamente á prova, se *O Seculo*, como de costume, não exibisse a sua... boa camaradagem, fazendo comparações descabidas entre a organização desta prova e a da *II Rampa da Pimenteira*, das quais é claro, resultavam apreciaveis vantagens para a primeira...

E, depois de disparatar jubilosamente, o simpatico camarada da imprensa, segue em calorosos elogios a si proprio, congratulando-se *efusicamente* pela maneira inteligente como colaborou na organização!

Quanto á assistencia, que *O Seculo* computa em 20.000 pessoas, se é elevada, não traduz, sem duvida, o mesmo interesse que a *Corrida da Rampa da Pimenteira*, organizada pelo jornal *Os Sports*, onde a assistencia devia ter sido aproximadamente igual, apesar do local da corrida estar situado longe do centro da cidade, para onde não ha comunicações rapidas.

E' loucura, mesmo, querer comparar a importancia da *Rampa da Pimenteira*, onde só um condutor excepcional pode triunfar, e a corrida da Avenida, onde vimos automobilistas fazer o percurso como quem faz um passeio...

* * *

A's 14 horas e 40 minutos deu-se inicio á corrida, correndo dois carros de cada vez. Como já dissemos, e o proprio vencedor da prova declarou, os concorrentes a quem cabia o lado direito da Avenida eram prejudicados no seu *tempo*, não só porque o sinal da partida era deficiente, como tambem porque o piso se encontrava dêsse lado em mau estado.

Apurados os vencedores das categorias, que foram os srs. Antonio Heredia, Artur Mimoso, Antonio Augusto Nunes e Abilio Nunes das Santos, deu-se inicio ás corridas finais.

O *match* Antonio Heredia-Artur Mimoso terminou pela vitoria do segundo, que fez o percurso em 45 segundos. A seguir, correram os srs. Antonio Augusto Nunes e Abilio Nunes dos Santos, chegando em primeiro lugar êste ultimo em 41 segundos e 2/5.

A final entre os srs. Abilio Nunes dos Santos e Artur Mimoso, terminou pela vitoria do primeiro, que, num *Daimler-Mercedes* fez o percurso em 40 segundos e 3/5.

Ha a notar, como já dissemos, a maneira como era dado o sinal da partida, que começou a ser feito com um tiro, depois com um lenço e, por ultimo, com um simples cartão.

Desaparecidos

Procurou-nos Joaquim Filipe morador no bairro Serzedelo (a Campolide) rua 2 n.º 29 cave comunicando-nos que no sabado ultimo lhe desapareceram de casa ignorando até agora o seu paradeiro, dois filhos seus, Antonio e Carlos Filipe, de 15 e de 13 anos o primeiro aprendiz de serralheiro e o segundo de electricista.

O Antonio veste calça de ganga e casaco preto. E' alto, magro, de cabelo preto.

O Carlos veste da mesma forma e usa boina. E' baixo, de cabelos dourados.

O desolado pai pede a quem saiba do seu destino o favor de lh'o indicar para a morada supra-mencionada.

Na margem do futuro Convenio

As negociações que se estão realisando na Cidade do Cabo para uma nova Convenção não avançam do modo que se esperava ou desejava, mas devemos dizer que essa opinião não nasceu das informações que temos recebido sobre o andamento dos trabalhos nem tão pouco é apoiada pelos casos referidos no proprio telegrama.

E' verdade que os delegados portuguezes estão fazendo força para que o «deferred pay» aos indigenas seja numa proporção maior, mas parece-nos que não haverá nesse ponto dificuldades insuperaveis. E' igualmente um assunto de conhecimento geral que, do lado da União, se pede que a exploração do porto seja feita dum modo mais eficiente muito especialmente no que respeita á expedição de mercadorias para o interior. A necessidade de serem melhorados esses serviços já aqui foi reconhecida e até já se tomaram medidas nesse sentido. Alem disso existe não só o desejo de se dar á administração do porto e dos caminhos de ferro a maior eficiencia possivel, como já aconteceu com a quasi totalidade do seu equipamento, mas encontram-se em preparação os planos necessarios para tal se conseguir. Assim, debaixo desses pontos de vista, não ha rasão para demoras. Se, comtudo, as negociações estão progredindo vagarosamente, esse facto, pode ser considerado um bom sinal porque nos devemos lembrar de que não se está remendando ou remodelando um acordo antigo, mas sim reunindo completamente as relações comerciais e economicas entre os dois paizes e a nova forma sob que devem aparecer deve ser moldada com todo o cuidado, o que incontestavelmente exige tempo.

O trabalho feito á pressa nem sempre é o melhor e a rapidez não é necessariamente um sinonimo do eficiencia, pelo que não sera acertado tirar imediatamente a conclusão de que se levantou um obstaculo nas negociações. De facto, tendo-se em atenção a natureza do problema a resolver e a necessidade de se obter um instrumento com caracter de permanencia nas conclusões a que se chegar, podemos dizer que as discussões estão progredindo o melhor que se poderia esperar. E esta opinião é reforçada pela noticia de que se esta negociando em Londres um emprestimo de cinco milhões para a Provincia de Moçambique.

Um emprestimo para obras de fomento e para colocar o dinheiro da colonia em bases melhores, deve ter uma importancia capital para qualquer novo acordo a que se chegue. Em virtude das graves dificuldades monetarias que em Moçambique se levantaram o comercio esta sendo sòmente estrangulado, e surgiu uma situação que monta quasi a um «beco sem saida» economico. Se não se deseja paralisar completamente o desenvolvimento do comercio e da industria do territorio, deve-se procurar encontrar um solução desse problema porque por mais perfeito que seja o tratado que se imaginar entre Moçambique e a União, será ele inutil e sem resultados praticos desde que o comercio e a industria continuem sofrendo de estrangulamento economico.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque.	4 1/16—4 1/32
» 90 dias.	—4 1/8
Paris, cheque.	1156— 1165
Suissa, cheque.	2920— 2979
Belgica, cheque	1016— 1104
Italia, cheque.	663— 665
Berlim, cheque.	40— 43
Holanda, cheque.	5140— 5180
Madrid, cheque	2070— 2095
New-York, cheque.	13323— 12427
Brazil, cheque.	58— 52
Austria, cheque.	1/2— 1 1/2
Noruega, cheque.	2250— 2275
Suecia, cheque	3421— 3448
Dinamarca, cheque.	2860— 2883
Libras	64$500 — 65$000

Alfandega de Lisboa

Leilão de salvados do vapor sueco "Vikeu,,

DOMINGO, 25, ás 14 horas, na vila de S. Martinho do Porto, proceder-se-á á venda, por conta e risco de quem pertencer, de salvados do referido vapor, que constam de: uma baleeira, madeira, sucata de cobre, tubagem, ventiladores, chapas, sucata de ferro fundido e forjado e outros que serão presentes.

As chapas e a sucata de ferro encontram-se na serra do Bouro, proximo da estação do caminho de ferro, onde pode ser examinada, sendo presentes no acto do leilão só as amostras.

Alfandega de Lisboa, 17 de Junho de 1922.

O escrivão, *Alfredo Marcolino de Almeida*.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

A sessão é consagrada á glorificação dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral

A sala dos Passos Perdidos está artisticamente ornamentada com plantas, entre as quais uma lindissima palmeira.

O sr. Presidente da Camara, dr. Domingos Pereira, profere as primeiras palavras de saudação aos lusiadas gloriosos que realisaram o grande feito da travessia aerea Lisboa-Rio de Janeiro. O seu discurso, muito eloquente e emotivo, é um hino á paz entre todos os portuguezes. Unamo-nos todos em honra á Patria Portugueza e assim teremos prestado a maior homenagem aos aviadores. A sessão será levantada em honra do grande feito historico e a Meza da Camara irá á Embaixada do Brazil levar as saudações dos representantes da Nação. Termina por erguer, com aplauso de todos os legisladores, um vibrante

—Viva a Nação!

O sr. Manuel Fragoso, pela maioria, secunda as palavras do sr. Domingos Pereira.

O orador pronuncia uma oração patriotica. Ia Portugal a ser esquecido, quando os aviadores do «raid» Lisboa-Rio de Janeiro despertaram a atenção de todos os habitantes da terra. Dois nomes correram de boca em boca: Coutinho e Cabral. Dois nomes de agora, evocadores de belas façanhas d'outr'ora. Glorifiquemo-los num côro de benções!

Ao Brasil, que entusiasticamente sauda, envia um beijo de fraternal ternura!

O sr. Manoel Fragoso pronunciou realmente um discurso modelar, na forma e nos conceitos. A Camara assim o julgou, cortando-lhe a oração de repetidos apoiados.

O sr. Moura Pinto, pelos liberaes, associa-se aos votos formulados em homenagem aos «raidmans».

Gago Coutinho e Sacadura Cabral foram os dois homens precisos no momento preciso. Eles prestaram á Nação o maior serviço que neste minuto historico se fazia mister.

Fala o sr. Carlos Olavo.

Realisou-se a gloriosa jornada. Realisou-se pela segunda vez porque ao chegarem aos rochedos de S. Pedro e S. Paulo, já o «raid» fôra virtualmente atingido. Bem haja aos homens que souberam levar a efeito tão grande, tão magnifico, tão patriotica proeza.

Abrange o Brazil na gloria conquistada. A grande nação sul-americana é habitada por homens da nossa raça. A sciencia de navegação aerea é nossa e deles: é uma sciencia luso brasileira. Bartolomeu de Gusmão era portuguez nascido no Brasil; Santos Dumont é brasileiro e a sua obra foi completada por dois portuguezes, Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

Cita Einstein e a sua revelação de que a luz se não propaga em linha reta.

Pois já em 1919, por ocasião do eclipse do sol, os astronomos portuguezes e brazileiros tinham feito observações que confirmam a descoberta do Einstein. Isto significa que os dois povos lusiadas, de Portugal e do Brazil, caminham juntos nas grandes conquistas da Civilisação.

Manda para a mesa uma moção.

E' o sr. Alvaro de Castro, «leader» dos reconstituintes, que exprime os votos do seu partido.

Com a participação na Grande Guerra, demonstrou Portugal ao mundo que era capaz de revindicar pela força o seu direito á liberdade; os aviadores Cabral e Coutinho ensinaram que Portugal continua a ser um paiz onde se cultiva a sciencia, porque revelaram ao mundo a maneira de navegar pelos ares.

Se Portugal conquistou as terras de Santa Cruz para nelas fundar uma gloriosa nacionalidade, Cabral e Coutinho conquistaram os corações de todos os brasileiros.

Prestemos aos aviadores a melhor de todas as homenagens, unindo-nos para estudar e resolver aquelas questões e aqueles problemas que mais interessam as duas nações, especialisando, entre todas, as navegações aereas entre Portugal e o Brazil, navegação tornada possivel graças á demonstração scientifica que acaba de realisar-se.

A moção que o sr. Carlos Olavo mandou para a mesa é a seguinte:

A Camara dos Deputados da Republica Portuguesa sauda na Camara dos Deputados dos Estados Unidos do Brasil toda a Nação Brasileira, afirma-lhe a sua gratidão pelo acolhimento fraternal dispensando aos aviadores portugueses uma profunda e intima confiança no destino dos dois povos irmãos.

A moção é admitida por unanimidade.

O sr. Pina de Morais diz que a geração de hoje, que herdou as glorias doutros tempos heroicos, lega, por sua parte, ás gerações futuras, a conquista dos ares, realisada pelos aviadores. As asas do avião historico farão a união que o preconceito quasi destruiu.

Pela minoria monarquica pronuncia-se o sr. Aires de Ornelas.

O sr. Aires de Ornelas terminou o seu discurso. Fala depois o sr. Lino Neto pela minoria catolica e diz que a fé religiosa noutros tempos como hoje é que guia o genio nas conquistas do progresso. Termina o seu discurso saudando o Brasil na pessoa do sr. Belford Ramos encarregado dos Negocios e dr. Macedo Soares secretario da embaixada ambos presentes na tribuna diplomatica. A Camara, o Governo e tribunas levantam-se num impulso unico ovacionando o Brasil numa manifestação afectuosa durante cinco minutos.

No final da manifestação o sr. Belford Ramos levantou um viva á Nação Portuguesa repetindo-se as manifestações com o maior entusiasmo.

Está falando o sr. Nuno Simões.

A sessão continua.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Sousa Varela. Aprovam a acta 32 senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. presidente lê uma saudação aos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho, propondo votos de homenagem para êsses dois ilustres portugueses, ao Brasil e ao sr. ministro da Marinha. Associam-se os srs. ministro da Justiça, Silva Barreto, Augusto de Vasconcelos, Lima Alves, Julio Ribeiro, Dias de Andrade, Aragão e Brito, Oriol Pena, Roberto Baptista e Alvares Cabral.

O sr. Lima Alves propõe um voto de saudação á Marinha de Guerra.

O sr. Artur Costa propõe um voto de sentimento pelos acontecimentos lamentaveis ocorridos ontem á noite no Tejo e requere um inquerito rigoroso.

O sr. Rego Chagas envia para a mesa uma exposição dos ajudantes adventicios da Administração Geral dos Correios em serviço na estação de Tavira.

Todos êstes votos são aprovados por unanimidade, prometendo o sr. ministro da Justiça mandar proceder ao inquerito pedido pelo sr. Artur Costa.

São 17,30 horas. A sessão continua.

A desgraça de hontem

No hospital de S. José encontram-se 14 feridos tendo hoje morrido um menor

Como é sabido uma desgraça se registou hontem á noite quando principiava a ser queimado o fogo de artificio no Tejo. O mesmo fogo incendiou-se ficando feridos mais ou menos gravemente 29 pessoas das quais 24 foram receber curativo ao banco do Hospital de S. José.

Desses feridos, recolheram ás enfermarias de Santo Antonio, Santa Izabel, Santa Emilia, Santo Onofre, 7 homens e 7 mulheres, sendo considerado muito grave o estado de Candida da Conceição e Ester Rodrigues que ocupam respectivamente as camas 55 e 59.

Na enfermaria Lourenço da Luz faleceu hoje de madrugada o menor Manuel dos Reis, rua da Cruz de Santa Apolonia 62, uma das vitimas da explosão. O cadaver foi removido para a casa Mortuaria.

Os restantes feridos depois de pensados recolheram a suas casa.

Uma arbitrariedade

O tenente Pio da policia prende um jornalista

Infelizmente temos que andar sempre a registar casos como o que vamos narrar:

Hontem, na Avenida Liberdade no local da partida dos automoveis, o tenente Pio da policia cometeu a arbitrariedade de prender o jornalista nosso colega A. de Campos Junior, director do jornal «Os Sports» e redactor de «A Capital», que ali se encontrava em serviço.

Apesar daquele nosso colega ter declinado a sua identidade o tenente Pio a nada se comoveu e ordenou a sua detenção para o posto do teatro Nacional onde esteve cerca de 4 horas. O nosso camarada apresentou queixa do caso ao sr. Governador Civil, afim de uma vez para sempre ficar esclarecido se os cartões de livre transito passados pela policia sem ou não validade.

PORTUGAL-BRAZIL

O sr. Presidente da Republica visita a Embaixada Brazileira

Conforme estava anunciado o sr. Presidente da Republica visitou hoje de tarde a embaixada do Brasil a fim de em nome da nação agradecer ao representante da republica irmã os carinhos disvelos e atenções que o Brasil tem dispensado aos heroicos aviadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Eram 17 horas quando á rua Antonio Maria Cardoso chegou o cortejo presidencial organisado pela seguinte forma: guarda avançada constituida por um esquadrão de cavalaria da G. N. R., landau conduzindo o secretario geral da Presidencia sr. Jaime Athias, chefe do protocolo da Presidencia sr. Luiz Barreto da Cruz, e o secretario particular do Chefe de Estado; landau transportando o sr. Presidente da Republica, presidente do Ministerio, sr. Antonio Maria da Silva e ministro dos Estrangeiros sr. Barbosa de Magalhães.

Fechava o cortejo um grupo de esquadrões da G. N. R. com terno de clarins, cavalgando o comandante desta força á estribeira da carruagem presidencial. A' porta da embaixada era a guarda de honra feita por uma força de infantaria da G. N. R., do comando de um capitão com terno de cornetas e tambores que tanto á entrada como á saida do chefe do Estado executou a marcha de continencia.

O sr. Presidente da Republica que era aguardado á entrada do palacio da embaixada pelo sr. Belford Ramos, encarregado de negocios e demais pessoal, subiu ao salão nobre onde após os cumprimentos da praxe agradeceu ao representante da republica irmã todas as atenções dispensadas aos nossos bravos aviadores. Por sua vez o sr. Belford Ramos agradeceu a gentileza do sr. Presidente da Republica fazendo o elogio de Gago Coutinho e Sacadura Cabral. A entrevista foi cordealissima como não podia deixar de suceder, tendo-se o sr. dr. Antonio José de Almeida demorado ainda alguns momentos a conversar com o pessoal da Embaixada do Brasil.

O sr. Presidente da Republica que retirou com o mesmo cerimonial foi muito saudado nas ruas do percurso principalmente no Chiado, rua do Carmo e Rocio.

O grande bodo aos pobres

Foi interessante e comovedora a distribuição do bodo aos pobres, realisada ontem na Praça de Camões.

A distribuição do bodo terminou ao meio dia e meia hora e como tivesse tarde comparecido mais alguns pobres ficou resolvido que a distribuição das esmolas se realisasse hoje de tarde no Governo Civil. Foram contemplados mais 500 pobres de ambos os sexos tendo sido distribuido a cada um 5 escudos e sendo feita essa distribuição no vestibulo do edificio pelos funcionarios do Governo Civil srs. Aurelio Neto, Coelho Duarte, Zeferino da Silva, chefe da policia de Segurança do Estado, auxiliados pelo chefe Nazareth.

O sr. ministro da Marinha tem recebido milhares de telegramas de todos os pontos do país, felicitando-o pelo resultado da viagem aerea Lisboa-Brasil.

Como se disse os aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, tencionam realisar uma serie de conferencias acerca da viagem que acabam de realisar. Essas conferencias, sob o ponto de vista scientifico realisar-se-hão no Brasil, em Portugal e nalgumas capitais extrangeiras.

A repercussão no mundo

NEW-YORK, 18.—O «New York Herald» e outros dos mais importantes periodicos norte-americanos referem-se, em termos entusiasticos a conclusão do «raid» Portugal-Brazil, exaltando o imortal gesto de Sacadura Cabral e Gago Coutinho e pondo em destaque a precisão scientifica com que foi realisada a sua viagem aerea que, neste momento prende as atenções do mundo inteiro.—(Lat Am.)

PARIS 19.—A imprensa refere-se calorosamente á viagem aerea empreendida por Sacadura Cabral e Gago Coutinho, acentuando que se trata de uma conquista scientifica e de uma bela afirmação de heroismo das quais aproveitará toda a humanidade.—(Lat. Am.)

Festas de homenagem

No passado sabado, após a chegada a Lisboa da noticia, do feliz terminus do «raid», realisou-se uma grandiosa festa demonstrativa de patriotismo, por parte do pessoal da esquadra do Vale de St.º Antonio. Para esse efeito nomeou-se uma comissão composta do 1.º cabo José Maria Barão, dos cabos, 230, Joaquim Maria Paula e 112 Luiz Maria de Andrade e do presidente da Junta de freguesia, sr. Coelmiro.

A festa que decorreu bastante animada, foi abrilhantada por um distinto grupo musical, tendo-se, queimado por entre efusivos vivas de saudação aos grandes «azes» da nossa aviação, um vistoso fogo de artificio.

Os festejos tiveram hontem a sua continuação, prolongando-se pela noite adeante, com o mesmo cerimonial da vespera. Dignaram-se dar o seu auxilio, na ajuda de ornamentação os srs. Luiz Augusto Cesar de Vasconcelos e Augusto Lopes Cesar de Vasconcelos, dignos socios da Liga de Aviação Civil de Portugal.

A esquadra brilhantemente ornamentada, esteve durante o dia de hontem patente ao publico.

Em poucas linhas

Ao banco do Hospital de S. José foram ontem receber curativo dos ferimentos no rosto e mãos e contusões pelo corpo, varias pessoas que, sendo maltratadas na Avenida pela policia, quando se estava realizando a corrida de automoveis, cairam, ferindo-se nos arames que vedavam parte do recinto.

Manuel Inacio de Campos, estrada das Amoreiras, queixou-se de que os gatunos lhe levaram de casa varios objectos avaliados em 150 escudos.

No Tribunal Militar de Santa Clara proseguiu hoje o julgamento do tenente Moreira e três co-reus, acusados de roubos no C. E. P. em França. Foi ouvida a ultima testemunha de acusação, procedendo-se depois á leitura de depoimentos de outras. A sentença só será proferida na quarta ou sexta-feira proxima.

Acusados de estarem conspirando contra a Republica, foram presos hoje: Carlos Velez, barbeiro, e José Marques, serviçal.

Um suspiro evangelista

Deve ser distribuida amanhã a Ordem do Exercito n.º 9 da 2.ª serie.

As ultimas prisões

Alem dos srs. Liberato Pinto, Feliciano Costa e Xavier Pereira, foi tambem preso o coronel Velez Caroço, parecendo que se não confirma a prisão do sr. João de Almeida.

Parece que o governo está na disposição de mandar fazer outras prisões e a fixar residencia nos termos dos regulamentos militares, aos oficiais que estão presos.

O sr. presidente do Ministerio parece taxar estes elementos de «irrequietos», motivo porque lhes fixa residencia.

O fogo dos T. M. E.

Os pessoais dos armazens que ficaram sem ferramentas no incendio dos armazens gerais dos Transportes Maritimos do Estado, conferenciaram já com o sr. ministro do Comercio, sobre a situação em que ficaram.

Malas postais

Pelo vapor «Lima» são amanhã expedidas malas postais para a Madeira e Açores, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

Theatros & Cinemas

Medalhão

Raul de Carvalho

No Politeama realiza hoje a sua festa o actor Raul de Carvalho, um dos novos que mais rapidamente conseguiu chamar sobre a sua figura a atenção do publico.

Artista dotado duma excelente figura de galã e dum tipo insinuante pos sue portanto a qualidade que muitas vezes tem os defendido como primacial um actor moderno—o fisico.

Realmente hoje não é possivel já conseguir dum degenerado esqueletico, um actor marcante, desses velhos comicos de genio, anormais e boemios que foram a romantica geração que antecedeu esta.

Raul de Carvalho possue alem dessa qualidade, que lhe dá desde logo uma inevitavél aureola de simpatia, a de ter realmente merito histrionico, revelado na representação impecavel do «Regresso» e neste galã, tão interessante e tão humano das «Azas quebradas».

Que trabalhe, e que siga bem...

Noticiario

Entre nós

A peça «As duas garotas de Paris», extraida do «film» que ha pouco foi exhibido no Olimpia, será representada na proxima epoca de verão no teatro Eden por alguns dos artistas do nosso teatro Nacional.

● Um dos quadros da revista «Lua Nova», que ainda na actual semana terá a sua «première» no novo teatro Maria Victoria, intitula-se «Nem tudo que luz é ouro» e tem a seguinte distribuição: «Guarda», Octavio de Matos; «Caixeiro», Angelita; «Compadre» José David; «Aurea» Cremilda Torres; «Antoninha» «Amelia Perry; «Domingos», Artur Rodrigues; «1.ª cereja», Margarida Martins; «2.ª cereja», Evan Viçoso; «Ginja», Maria Vieira; «Academico», Jorge Roldão; «Modernista», Elisa Santos; «Bailão», Joaquim d'Oliveira; e «Reclame», Julio Burgos.

● O final do 1.º acto da «revista de Praxedes», o original do André Brun, que fará a epoca de verão no teatro S. Luiz, realisa-se, entrando em scena 75 figuras femeninas. Esse quadro é uma apoteose em que se apresentam as delegações das danças estrangeiras.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Condenado».
AVENIDA—A's 9,15—«A Maluquinha de Arroios».
POLITEAMA—A's 9,30—«Asas quebradas».

Teatro musicado

SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparote»
CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade
SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores

O sr. Brito Camacho em Lisboa

Do Comercio de Moçambique; de Lonrenço Marques:

«No fim da semana passada espalhou-se na cidade a noticia de que o sr. Alto Comissário mais uma vez anunciara a sua ida á Metrópole, depois de realisado o Convenio com a União, a fim de poder assistir e tomar parte nos debates sobre a ratificação do mesmo Convenio no Parlamento, visto nenhum dos negociadores ter ali assento.

Um jornal diz a este respeito que não andará longe da verdade se supuser que o dr. Brito Camacho só poderá sair da provincia lá para Agosto próximo.

Deve este jornal ter razões para assim supor, e nós não especulamos sobre o caso, mas estamos convencidos de que não acaba o ano sem que vejamos grandes acontecimentos com respeito a Moçambique».

Tambem nos quer parecer. E se forem só grandes bom será!

S. Francisco de Borja

A imponencia da festa anual ao padroeiro da Hespanha Maior

A Grandeza de Espanha realisa tradicionalmente uma sumptuosa festa anual no dia de S. Francisco de Borja, seu Padroeiro. Como se sabe, este santo spanhol, que nasceu em 1510 e faleceu no ano 72 do mesmo seculo XVI, pertencia á mais alta nobreza do reino. foi o 4.º duque de Gandia e vico-rei da Catalunha. A' vista do cadaver da imperatriz Isabel, esposa de Carlos V, sofreu tal comoção que resolveu abandonar o mundo e dedicar o resto dos seus dias á vida claustral. Entrou na Companhia de Jesus de cuja Ordem, por seus altos meritos e excelsas virtudes, chegou a ser o Geral. Por isso a Grandesa de Espanha o escolheu como Patrono.

A festa religiosa realisa-se na aristocratica igreja da calle de la Flor, e a ela assistem as pessoas da familia real e todos os grandes de Espanha, bem como os representantes do corpo diplomatico estrangeiro acreditados nesta côrte. Tambem assistem as Ordens militares e Mestranças, com os seus uniformes, e outros ilustres convidados.

Este ano faltou a presença do soberano, por encontrar-se em Barcelona S. M.; mas ostentou a sua representação S. M. a rainha D. Maria Cristina, que foi recebida no portico da igreja por suas altezas, o patriarca das Indias e a deputação e conselho da Grandeza; e deu entrada no templo debaixo do palio, ao som da Marcha Real, magistralmente interpretada pela notavel banda de Alabarderos.

E' uma festa imponente, digna de admiração dos forasteiros de bom gosto. Nas paredes do templo realçam os magnificos e historicos tapetes e reposteiros das casas ducais de Medinaceli, Alba, Veragua e Vega; dos marquezes de la Mina e de Rafael e dos condes de Heredia-Spinola e de Sástago. Completam o brilhante decoração ricas colgaduras de veludo, luminosos lustres e candelabros, grandes vasos com plantas, grinaldas de flores artisticamente dispostas, etc.

No presbiterio, ao lado do Evangelho e sobre um amplo estrado, eleva-se o throno com docel para a rainha. Suas altezas tomam logar em grandes poltronas forradas de veludo carmesim, cerca do throno. Os grandes de Espanha sentam-se nos bancos colocados na nave central, e nas tribunas vêem-se as damas da aristocracia, do lado esquerdo, e do lado direito as comissões das Ordens militares, das Reais Mestranças e dos cavaleiros Filhos de algo da nobreza e o corpo diplomatico.

A guarda de honra, ao templo, é servida pelos Alabarderos com os seus uniformes de grande gala e pelos servidores da Grandeza, com as suas magnificas librés e cabeleiras brancas. Entre as riquezas do majestoso templo sagrado: as belas ornamentações realçadas por tantas luzes; o esplendor dos uniformes e a beleza das damas, ricamente ataviadas, oferece este quadro um conjuncto que poderia tentar a inspiração de um grande pintor!

Terminada a ceremonia religiosa, o duque de la Vega, secretario do Conselho da Grandeza, entregou á rainha dez sobrescriptos contendo cadernetas do Monte de Piedade com depositos de 500 pesetas cada uma, destinadas a premiar os antigos servidores, pela sua honradez e lealdade. Este é, talvez, o aspecto mais belo da festa da Grandeza! Dolores Enarriz serve em casa dos duques de Santo Mauro desde 1878. Ha 44 anos! Nestes tempos de democracia e de «novos ricos», merecem admiração estes servos honrados, que se empenham em conservar um typo que vai desaparecendo. Encontrar um criado ou uma criada, em Madrid, como em toda a parte, é hoje um problema dos mais sérios.

Em outro tempo, os criados identificavam-se com os patrões. Nas casas nobres, adquiriam carta de naturalisação, entravam na familia e acabavam por ilustrar-se. Actualmente, um servo, no melhor dos casos, é um inimigo—o peor dos inimigos que se pode ter! Mas, será a culpa só dos criados? Não! Muitos amos parecem empenhados em fazer maus os servidores. Os senhores improvisados desmoralisam a classe dos servos e tornam facil a tarefa dos agitadores de oficio, propagadores das mentiras igualitarias.

A Russia actual poderia ser uma grande lição para o rebanho que se deixa enganar por estas mentiras grosseiras. Ali, em pleno comunismo existem mais que nunca os senhores e os escravos. Os senhores, vivem regaladamente como autenticos privilegiados. Os outros, os pobres, os iludidos... resignam se a morrer de fome, quando não preferem ser fusilados em massa, como rebeldes!

Mas estas lições não aproveitam. Os ingenuos correm sempre atraz de uma miragem e nunca chegam a desiludir-se!

A Grandesa de Espanha realisa aqui uma grande obra social: mantem numerosas instituições de beneficencia e de cultura e derrama anualmente muitos milhões de pesetas. E a isso deve o seu prestigio, que em vão intentam destruir os exploradores das classes humildes.

"A Primavera"

Recebemos e agradecemos o n.º 2 deste minusculo mensario destinado ás crianças. Bem feito, bem escrito, bem orientado. E digno de futuro e de interesse. E gostosamente transcrevemos um dos artiguinhos. E' o intitulado:

Palavras de um portuguez de lei em 1855

Eu voto contra a união iberica. Os motivos porque assim voto, não os sei com certesa, mas parece-me que, além de muitos que verbalmente hei discutido com os chefes da Iberia, o mais forte é o amor de minha Patria.

Sim, eu amo Portugal. Sinto que se hoje me condenassem a deixar de lhe chamar assim; sinto que se nos unissem á Espanha, a minha alma sofreria um desgosto que ainda até hoje ignora, e o meu corpo um golpe mortal!

Como imperio, como republica, eu quero sempre ser da minha Patria, da minha Terra, do meu Paiz.

Eu quero ser pequeno em Portugal, não quero ser grande de Espanha. Eu quero cavar a terra, quero, quando me faltarem as forças, morrer de fome, mas quero cavar esta terra, cair sobre este chão, dar-lhe o derradeiro suspiro, e esconder no seu seio o meu corpo, quando o espirito o abandonar.

Já que me intimaram para pronunciar o meu voto, ele aí está. Não o fundamento com outras razões, porque ele é filho da paixão e a paixão não tem conveniencias nem interesses.

Amo a Patria como amo a Deus, como amo o anjo dos meus sonhos, como amo o nome de minha mãe e a sua memoria, a campa sob que repousam suas cinzas. Amo Portugal tal qual é, com as suas fontes, com os seus rios, com as suas montanhas, com os seus arvoredos, com os seus vales. Amo Portugal com este horisonte, com estas estrelas, com estes mares que o banham. Amo Portugal como os martires de outr'ora amavam a cruz, amo-o mais que tudo, mais que todos, amo-o como se deve amar a Patria.

E' uma paixão, é um voto individual, mas e este o meu voto: quero morrer portuguez.—João Gualberto de Barros e Cunha.

A Provincia na "Capital"

PORTALEGRE, 17.—A cidade está em festa. Desde as 15 que deante do edificio dos correios e telegrafos estacionou uma grande multidão.

Quando ás 16,45 chegam as primeiras noticias da chegada dos aviadores ao Rio de Janeiro, e sobem ao ar os primeiros morteiros, anunciando a boa nova, o entusiasmo é louco.

A Praça da Republica enche-se de povo que aclama a Patria, a Republica, e os gloriosos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Em toda a cidade o regosijo é enorme, ouvindo-se consecutivamente o estampido dos morteiros e foguetes.

Uma bateria de artilharia de montanha deu uma salva de 21 tiros.

A cidade está toda embandeirada e al uns edificios ornamentados sobresaindo-se o do Governo Civil e Estação Telegrafo Postal.

A noite as Bandas dos Bombeiros e Euterpe percorrem as ruas da cidade, realisando-se no Teatro Portalegrense, um sarau de gala em que toma parte a companhia Emilia de Oliveira.

Amanhã tem lugar a marcha aux flambeaux promovida pela Camara Municipal, e a inauguração da placa comemorativa do raid, junto ao quartel da guarda fiscal, onde usarão da palavra os cidadãos Luiz Alves de Souza Gomes, João de Brito e José Marques Lemos.—(C).

Einstein e a Sciencia franceza

Einstein, o grande sabio, auctor da teoria da relatividade que veio revolucionar a sciencia, declarou que, por ocasião das conferencias que realisou em Paris, percebeu em todos os sabios francezes um desejo discreto de colaborar com os alemães no progresso da Humanidade. Todos os representantes da sciencia se encontram dispostos a reatar as relações scienticas internacionais. Nenhum sabio francez adoptou para com ele atitudes de vencedor.

Construções economicas

Construção de casas em serie

A crise da habitação tem-se produzido em todo o mundo, nuns paizes mais, noutros menos, mas em todos se tem feito sentir. Para a resolver têm aparecido varios processos, entre êles um bastante interessante, imaginado e posto em execução na America, por S. Lake.

Trata-se da construção de casas de beton, em serie, numa oficina, sendo depois conduzidas para o local onde devem ficar. E' êste, sem duvida, o meio de construir por mais baixo preço; aproveita-se tudo: as vantagens da construção em serie, do trabalho de oficina e as aplicações do beton, que cada vez mais se tendem a generalizar.

O esqueleto da casa é em madeira creosotada, que, além disso, fica protegida pelo beton.

Conseguiu-se diminuir o peso aumentando o numero de janelas e pregando paredes de muito pequena espessura. Estas paredes são ôcas, para que a camada de ar nelas contida sirva de isolador termico. A lage exterior tem 16mm de espessura e a interior apenas 10mm. Conseguiu-se obter uma moldagem perfeita, apesar destas pequenas espessuras, revestindo as cofiagens metalicas empregadas com uma camada de asfalto, que depois se faz fundir com uma corrente de ar quente, permitindo retirar as cofiagens com toda a facilidade.

Este processo ainda tem as seguintes vantagens: a ligeira camada de asfalto, que fica aderente ao beton, torna êste impermeavel e o ar quente faz diminuir o tempo necessario para a preza. Com o beton ainda quente, projecta-se sobre êle uma ligeira camada de tinta de côr que se quizer. A betonagem é obtida de uma só vez.

Depois de concluida a casa, é conduzida a um recinto, onde fica 15 dias a secar. Depois de sêca, põe-se-lhe o telhado e instalam-se todos os acessorios, canalizações, electricidade, etc. e um caminhão automovel especial, munido de guias, etc., leva-a até ao local onde deve ficar.

Este metodo só tem sido empregado em pequenas casas operarias de 3m,80 por 8m,70 com um pêso total de 15 toneladas. Os estaleiros de Bridgeport fabricam 4 casas por dia, que são colocadas a distancias atingindo 25 quilometros.

Salão Central

«Nas garras do Dragão» é um verdadeiro acontecimento cinematografico, não só pelo encanto dos seus aspectos, como pela sua interpretação, a cargo da eminente actriz Maria Walcamp. E' preciso ver. Nada se lhe pode comparar em rasgos de heroismo, em panoramas cheios de beleza, em mil scenas, emfim, com que o publico muito se delicia. O 9.º episodio, «O esqueleto do criado» que hoje se estreou na «matinée» foi mais um legitimo sucesso para a eminente actriz.

Repete-se esta noite, acompanhado do 1 ndo film em 4 actos «O sacrificio de Ivene» d da graciosa comedia em 2 actos «Grande festança».

SPORT

MEMORIAS DO ATHLETA RUY DA CUNHA

VII

Tournée pela Europa; A luta

Reapareci no Coliseu dos Recreios com um numero de força modificado; isto é, fazia menos força e tirava mais aplausos...

E' bem certo o ditado «que viver não custa, o que custa é saber viver...»

Fiz pela primeira vez em Lisboa «poses plasticas», numero que hoje é vulgar.

Causou reparo, aparecer uma creatura meia nua, hoje causa estranheza quando apareço alguma muito vestida...

Fui ao Porto, trabalhei no Palacio de Cristal, e durante o meu contracto ahi passei uns dias deliciosos, com Jaime Valado esse boémio encantador, e Pedro Bandeira, que conjunctamente com a «elite» do Porto me ofereceu um banquete.

Percorri depois parte da provincia, trabalhando em Coimbra, Santarem, Vizeu, Braga, Vila Real, Lamego, Figueira da Foz, Espinho, Matosinhos, e Lagos.

De novo em Lisboa, apresentei um numero de sensação: a passagem do automovel.

Nessa epoca era necessario, para fazer um numero de atleta, ter os seguintes requisitos: Forte musculatura, para impressionar o publico, um certo «chic» na apresentação e finalisar o trabalho com um numero á «frisson».

Nilo tinha o carrousel humano, numero, na realidade, de efeito; Grum um trabalho identico, feito doutro modo; Mirano levantava uma «triple» ; Gerardy fazia a balança com dois cavalos, emfim, cada hercules puxava pela imaginação e pela força.

Cada artista rodeia sempre a sua invenção duma serie de cuidados que se compreendem.

E' a luta pela vida... luta para a qual não ha regulamentos...

Um desastre em Braga com o numero do automovel, outro precalço em Salamanca, fez com que puzesse de parte esse arriscado trabalho, que substitui por outro de efeito grande e de valor atletico.

Num estrado que sustentava em cima do peito, colocava um piano verdadeiro e uma senhora, que executava um trecho de musica.

Vi mais tarde esse meu numero imitado, mas com um piano «trucqué».

Depois, juntamente com um belo ginasta que fôra volante de «Os Silvas», montei um numero de acrobacias de força, sob o nome de «Da Cunhas», com o qual fiz novo contrato no Coliseu e outra «tournée» na provincia.

Era um numero forte e bem apresentado.

Já lá vai um par de anos, e no genero pouco mais se tem feito, diga-se em abono da verdade.

Continuei sempre a estar «em forma», treinando todas as manhãs, descansando do dia, escolhendo a alimentação, de modo que cheguei a fazer vulgarmente no fim do numero 10 «devissés» com o meu camarada que pesava 55 quilos.

E' quasi um record, e a prova de que o numero agradou, é que fiz no Coliseu 5 meses seguidos.

Mas a nostalgia do estrangeiro não me largava, e assim que cumpri os contratos que tinha em Portugal, fui de abalada até França, debutando dias depois da chegada no «Etoile Palace», donde fui para o «Casino de Paris».

Em Paris um numero regular pode trabalhar seis meses consecutivos. Ha duzias de pequenos concertos que renovam de 7 em 7 dias o seu programa.

Assim, foi-me facil permanecer na cidade das luzes bastante tempo, até que o agente Roche me candidatou para uma «tournée» europeia. Rouen, Lyon, Nancy, Turin, Milão, Bruxelas e Londres, foram os sitios que tiveram a «suprema felicidade» de aplaudir o atleta «Da Cunha»...

De passagem em Paris, Lutson, o emprezario da «troupe» Petersen, contratou-me para o campeonato do mundo de luta greco-romana, que se disputava no teatro Apolo.

A luta estava ainda em fôco, e a concorrencia entre as emprezas do Apolo e do Casino de Paris era extraordinaria.

O primeiro tinha Paul Pons, Petersen, ambos campeões do mundo, Constant le Marin, Vervel, Laurent de Beaucorois, como estrelas.

No casino, Padoubny, Raicovitch, Aimable de la Calmet e Zaikino eram a base do reclame.

Como se vê, qualquer dos campos tinha homens de grande valor. Recebi grandes lições desses mestres de manhã, no Ginasio Paris, que Monsieur Senois dirigia. E' ali o não em publico que se pode avaliar o que valem os campeões.

Ver lutar Vervel, que ainda hoje, quando quer, ninguem tomba, é um verdadeiro regalo para os entendedores.

E só quem viver durante alguns meses nesse meio é que pode contar os mil trucs, as «combines», como se diz em «argot» de que lançam mão os emprezarios, afim de fazerem valer os seus homens...

As feras selvagens, como Shakman, Caseaux e Smeikal, os gigantes como Antonich, os negros como Amalthous e Mourzurk, os herculos como Apolon e Ciclops dão margem para mil peripecias, levadas ao maximo quando o dirigente ao chemi Lusson ou Dumont.

RUY DA CUNHA

(Continua).

NOTICIARIO

HOCKEY CLUB DE PORTUGAL

No proximo domingo 25 do corrente, realisa o «Hockey Club de Portugal» no seu campo de Sete-Rios, diversas provas desportivas, taes como corridas de 100, 400 e 1.500 metros, de estafetas, lançamento do peso, saltos em comprimento e altura, etc.

Reina grande entusiasmo entre os socios do H. C. P. por estas provas, pois disputam-se artisticas medalhas, alem dos titulos correspondentes.

Excécionalmente, a inscrição encerra-se na proxima quinta-feira 22.

CLUB NAVAL DE LISBOA

Realisa-se no dia 16 de Julho proximo em Pedrouços uma regata entre os alunos das suas escolas, e bem assim outra para apuramento da tripulação que deverá representar o Club nas regatas do Campeonato de Portugal que se realisam no Douro a 1 de Agosto do corrente ano.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

ROMANCE DE UMA ALMA

por Julio Cesar Machado

Senti-me de repente aliviado de um grande pêso; o meu corpo perdeu a faculdade de se mover e a minha alma assustada da sua liberdade, volteava na alcova por cima daquele a quem ha pouco ainda animara, e que parecia a essa hora profundamente adormecido. Fui pelas casas dentro, passando pelas fendas das portas, metendo-me por traz dos reposteiros, encontrando caminho por qualquer buraquinho que fosse. Assim fui até ao quarto de minha mãe, que estava acordada, na cama, a lêr. Admirou-me ela não dizer nada de me ver entrar no seu quarto a semelhantes horas, cheguei a um espelho, olhei e não vi nada; já eu não tinha reflexo; puz-me a girar em roda de minha mãe, sem que ela fizesse o minimo movimento, meti-me entre o livro e os seus olhos, e ela continuava a lêr; eu via, ouvia, disfrutava uma parte imaterial dos sentidos, sem os poder manifestar; era um sôpro uma essencia, era a minha alma, emfim. Voltei para a alcova, o meu corpo ainda estava a dormir; coloquei-me nos seus labios, entrei para dentro dêle e o meu ser completo despertou!

Já brilhava o sol: o dia em abundantes efluvios entrava-me pelas janelas; era tarde já para ir ver Margarida; esperei pela noite, em ancias. Assim que anoiteceu, pretextei para me recolher uma indisposição que a minha palidez justificava; minha mãe acompanhou-me, deu-me as boas noites com o beijo do costume e fiquei só. Hesitei momentos, estava com medo de mim proprio, não me atrevia a tentar segunda experiencia do meu poder, mas ardia em mim uma curiosidade implacavel; da mesma forma que na vespera, sai do meu corpo, deixei-o imovel no meu leito e, partindo em liberdade, cortei caminho pelos ares até á habitação de Margarida.

Ainda eu mal chegara ao seu quarto, apareceu ela. Escondi-me a um cantinho para me não ver, sem pensar que de toda a maneira me perdia na transparencia do ar. Aproximou-se do espelho, entoando uma aria italiana, desprendeu os cabelos e, sorrindo, poz-se a entrelaçá-los em redor da fronte.

—Não me ficam bem as tranças, disse; e, demais, êle gosta de me ver de *bandeaux!*

O' minha alma, minha alma! pensava eu; abrigado a ti. Vi-a despir-se, tirando alfinete a alfinete; vi aparecerem os seus braços encantadores e os seus delicados ombros; contemplei-a toda á claridade da palida luz do candieiro. Depois de ter saltinhado e gorgeiado como um passarinho, fez a sua *toilette* da noite e descançou, emfim, a gentil cabeça no travesseiro; eu cheguei-me a ela, afagando-lhe o rosto e passando como um sôpro por entre os seus cabelos.

—As minhas flores já estão todas murchas! dizia, desfolhando umas rosas que tinha á cabeceira. Amanhã é preciso mudá-las e hei de pôr violetas!

Depois, fecharam-se os seus olhos pouco a pouco e, durante toda a noite, andei volteando-lhe nos labios, ao sôpro regular e brando da sua respiração.

Assim que despontou o dia, fui reunir-se ao meu corpo adormecido e o primeiro cuidado que tive foi mandar a Margarida as violetas que ela desejara.

Quando, de manhã, minha mãe me deu o Deus te salve, informou-se com cuidado da minha saude:

—Esta noite não podia dormir, disse-me ela, estava em sustos por ti, levantei-me, fui ao teu quarto; não despertaste ao ruido, estavas deitado de costas, palido e sem movimento; não te ouvia a respiração e chegaste a causar-me medo, parecias morto; beijei-te na testa, sem tu dares por isso.

Foi assim cada noite; ao partir, fechava os olhos do corpo para tornar crivel que dormisse; invisivel para Margarida, assistia com amor aos pensamentos da sua solidão; seguro da ternura dela, sentia, apesar disso, envenenar-se-me a vida de receios e não conseguia ser feliz. Decorreu um ano usando eu sempre dessa faculdade sobre-humana; guardava o meu segredo, sem o suspeitar ninguem. Quem daria credito mesmo a semelhante historia? Cai em dizer uma vez que acreditava na possibilidade da separação momentanea da alma e do corpo e respondeu-se-me rindo, que a idade havia de modificar as ideias exageradas que eu tinha.

Nunca curiosidades frivolas me afastaram do meu caminho; ao partir, tinha uma unica ideia, um unico desejo, um sonho só, um só amor — Margarida! A sua graça inefavel agitava o meu corpo, quando ao voltar lhe trazia lembranças dela; eram as suas feições de uma delicadeza incrivel e sob a sua magreza elegante presentia-se o futuro de uma incomparavel formosura. Quando ela se despia e soltava as tranças, lembravam-me as loiras naiades que sorriem ao sol, nas margens dos rios grandes, sacudindo as suas corôas de limos!

Uma noite, voltava eu de uma curta viagem, durante a qual não ouvira nunca falar de Margarida, atirei comigo para cima da cama e, ardente de impaciencia, deixei o meu corpo e parti. Quando cheguei á casa dela, fiquei admirado da ordem simetrica que reinava em tudo; os moveis estavam cobertos, haviam tirado as cortinas e não encontrei viv'alma nos quartos desertos. Esperei; esperei inquieto e ancioso. A noite ia-se adiantando; quiz ver as horas nos relogios, estavam todos parados. Fiz diligencia de me esquecer, Fiz diligencia de me esquecer, para obrigar o tempo a passar mais depressa; corria pelas casas, espiava tudo, chamava toda a ordem de ideias para me entreter — debalde; cahia sempre neste pensamento: «Porque não está ela aqui?» Tinha necessidade de a ver, já haviam passado duas longas semanas sem eu a contemplar. Um relogio da visinhança soou quatro horas. Não sei que inquietação vaga se apoderou de mim; voltei para o quarto de Margarida na esperança de ela ter já recolhido, nada! Dormia em redor de mim o mesmo silencio amargo. Eu povoava de fantasmas o socego que me cercava e, semelhante ás aves noturnas surpreendidas pela claridade, fugia e saltava aterrado da minha solidão. Esquecera tudo; a minha alma, o meu corpo e a minha mãe; não queria senão tornar a ver Margarida!

Durou a minha anciedade até de manhã, já tinha aparecido o dia quando uma imprevista circumstancia me revelou que Margarida mais sua mãe estavam no campo. Não hesitei; os terrores da noite não me deixavam reflectir; levava-me para ela uma aspiração desordenada; esqueci a hora, a distancia, o perigo e parti com as azas soltas!

A' noite, dizia eu a mim mesmo, estarei de volta; não hão de estranhar o meu sôno prolongado, em atenção á fadiga da viagem! E ia atravessando os prados, os campos, os bosques, os logarejos e os riachos; ia por baixo do céu, em companhia dos passaros e passava-lhes a diante a todos no ardor do desejo e na rapidez do vôo.

(Continua)

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4109 — 12.º anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Terça-feira, 20 de Junho de 1922

Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Officina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Perguntas insoluveis de toda a especie:

...ndo regressará a Lisboa ...dor errante Vasco da ...nalisando o seu fada... ...na penada?

SUSPEITOS

O Governo prendeu varios oficiais republicanos, e tambem um monarquico, e pelo que respeita aos oficiais republicanos decidiu envia-los para Angra do Heroismo. E' um processo já usado. Em 1913, outro governo, egualmente democratico, adoptou uma medida semelhante contra os republicanos implicados no movimento de 27 de abril, que mal chegara a desenhar-se. Mandou-os tambem deportados para as ilhas, sem nenhuma especie de julgamento. Não se pode dizer que fôsse muito feliz com esse processo, porque no fim desse ano, o governo democratico caia, coberto da maior impopularidade, apesar de ter, como agora, maioria no parlamento.

No momento actual, o governo da presidencia do sr. Antonio Maria da Silva não parece destinado a maior exito do que o governo nessa ocasião presidido pelo sr. Afonso Costa. Desta vez, mesmo, a justificação de semelhante acto ainda se afigura mais dificil do que a da medida tomada em 1913. Porque em 1913 ainda veiu para a rua um regimento; agora não houve nada, senão boatos. Os oficiais presos estão privados da liberdade e vão ser deportados para as ilhas simplesmente por suspeitos.

Interrogado sobre as prisões, o sr. governador civil de Lisboa, mostrou-se altamente surpreendido. E' crivel que o governador civil de Lisboa nada saiba duma revolução em projecto, se essa revolução efectivamente se está preparando? Por sua parte, o sr. Antonio Maria da Silva tambem não parece saber nada do que se passa. Alguns jornalistas procuraram obter de s. ex.ª quaisquer esclarecimentos. Não lhes forneceu nenhum. Mandou-os para o sr. ministro da Guerra, que não foi encontrado em parte alguma, e que, se o fosse, talvez não fosse mais afirmativo do que o chefe do governo. Que significa isto senão que não existem realmente provas de culpabilidade dos presos? Se as houvesse, o governo nem esperaria que o interrogassem: comunicaria logo ao paiz inteiro, por meio das notas oficiosas da praxe, os indicios de criminalidade dos detidos.

Assim, é só por suspeitas que dispõem da liberdade dos cidadãos. E suspeitas, não de que tenham praticado qualquer delicto, mas sim de que o possam vir a praticar. Por tal criterio, ninguem tem a liberdade segura, e os direitos individuais deixaram de possuir as garantias que a Constituição lhes estabelece.

Houve a lei dos suspeitos em França, no tempo do Terror, assim como houvera o regimen dos suspeitos em Roma, na epoca das dictaduras e da tirania imperial. Não deram bom resultado, nem á causa da grande Revolução, nem aos despotas, que em Roma estabeleceram tal regimen. Geraram coleras irreprimiveis: levaram a Thermidor, onde soou o primeiro dobre da morte da Republica, como tinham levado á decadencia romana, e ao aniquilamento de toda uma civilisação. Quando se entra no caminho das suspeições, desencadeiando o puro arbitrio, as sociedades estão doentes e as instituições em perigo.

Quer o governo fazer de Angra a nossa Ilha do Diabo? Povoa-la-ha com todos os que lhe desagradem? Permitimo-nos lembrar-lhe que da ilha do Diabo tambem se volta, sobretudo quando actos impensados dum governo dão aparencias de martires a homens que o paiz podia ver sem simpatia, mas que não quer que sejam tratados iniquamente porque isso seria uma terrivel mancha para a Republica.

A conferencia da Haia

Lloyd George e Poincaré conversam não dizendo absolutamente nada

LONDRES, 19. — A conversação entre os srs. Lloyd George e Poincaré durou das 14,30 ás 15,30 e manteve-se num tom particularmente cordial. — (H.)

PARIS, 19. — O enviado especial da Agencia Havas em Londres informa que a conversação entre os srs. Lloyd George e Poincaré versou sobre a conferencia da Haia e o problema das reparações. O sr. Poincaré telegrafou ontem á delegação franceza que se deixasse estar em Haia, por isso que tinha sido combinado: 1.º que as discussões não teriam nenhum caracter politico; 2.º que as questões tecnicas tratadas entre os delegados teriam que ser referendadas pelos respectivos governos; 3.º cada potencia terá o direito de se manter na posição tomada em Genova. O sr. Lloyd George mostrou-se muito satisfeito com as resoluções tomadas pelo sr. Poincaré.

Com respeito ao problema das reparações, os dois estadistas, assistidos do sr. Robert Horn e de lord Balfour, encararam de uma forma geral a situação creada, pelo cheque do projecto do emprestimo internacional, visto que a comissão das reparações se ocupa actualmente em organisar o «contrôle» financeiro da Alemanha. Depois das explicações trocadas, parece que não poderá haver mal entendidos serios quando se tratar da discussão da questão a fundo. — (H.)

PARIS, 19 — Os peritos franceses foram autorisados a assistir á reunião do dia 26 do corrente em Haia, não deverão tomar qualquer compromisso em nome do governo e deverão retirar-se logo que a atitude dos russos torne a conversação impossivel. Os peritos franceses observarão estritamente que nas conversações ou discussões politicas não seja abordada a posição tomada em Genova, relativamente aos bens particulares e á propriedade. — (H.)

HAIA, 19 — A composição da comissão não russa deve ser hoje notificada telegraficamente aos soviets. — (H.)

Os russos ainda e sempre em fóco

HAYA, 20 — Os delegados russos têm tido um papel preponderante nas discussões da conferencia.

Diz-se aqui que na Russia se vai dar uma nova revolução.

Em virtude da doença de Lenine, três extremistas apoderaram-se do governo em Moscovo. São eles: Stalin, Riekow e Keneff, emquanto Trotsky está organizando um exercito para o que der e vier.

Kassine regressou a Moscovo para ver se consegue evitar qualquer extremo que destruiria o seu esforço na conferencia da Haya.

Se a situação não mudar, a Russia presenciará uma nova revolução bolchevista. — (Lat. Am.).

A reação monarquica na Alemanha

BERLIM, 18 — Os jornais socialistas lançam a denuncia de uma conspiração monarquica.

Em 24 de Junho realizam-se, no Rheno, as festas do equinoxio. Os nacionalistas, aproveitando a oportunidade, pretendem realizar uma conjunção de forças reaccionarias na zona neutra, como ponto de partida para a invasão armada na Alemanha central; a revolução teria por fim derrubar o regimen da Republica imperialista, substituindo-o pela monarquia bavara.

O governo prepara-se para resistir a tais manobras. Diz-se que está iminente uma ordem de prisão contra o general Ludendorff, que a opinião publica aponta como chefe do movimento subversivo.

Comidas e bebidas

Poincaré toma o seu lunch em casa de Lloyd George

LONDRES, 20 — O sr. Poincaré lanchou ontem em casa de Lloyd George, tendo este lanche uma assistencia das mais distintas. Entre outras pessoas, encontravam-se *lord* Stamfordham, representando o rei Jorge, e os membros do gabinete.

Antes do lanche, o sr. Poincaré, acompanhado do embaixador de França, dirigiu-se a Whestminster Abbey, onde depoz flores no tumulo do soldado desconhecido inglês.

O sr. Poincaré parte hoje para Paris. — (Lat. Am.)

AS CRONICAS IMORAES

A FILOSOFIA DO "RAID"

UM «OBSCURO LEITOR» MAL INTENCIONADO E DE INSTINCTOS MALEVOLOS AGRIDE A IMPRENSA, ARCA SACRO-SANTA DO PENSAMENTO HUMANO

E' tempo, sr. redactor, de pôr as cousas no seu verdadeiro pé. Os dias que v. gastaram em escrever cousas, aproveitei-o eu em catar com socego e abundancia as vigorosas asneiras que desataram a correr mundo — partidas deste cantinho da Europa. Desde que o meu amigo Theodoro, ex-amanuense do Ministerio do Reino e que (como v. provavelmente ainda se lembra) herdou dum mandarim remoto, foi alcunhado em letra redonda, de «extra-celeste», — de facto nós não poderiamos espantar-nos com nenhuma especie de panegirico. Mas o caso, agora, excede toda a verosimilhança das cousas e eu, leitor anonimo, não podia deixar passar sem reparo, esta chuva de dislates que procede de dois meses a de estrelas cadentes, habitual no nosso firmamento portuguez.

Começarei, sr. redactor, por afirmar-lhe categoricamente a minha admiração e a minha ternura pelo ilustre feito dos aviadores portuguezes, grato ao coração e ao patriotismo de todos nós. Mas como sou um frio e tenho alem disso rolado bastante mundo, não posso deixar de encarar com serenidade de necessaria um rasgo de audacia de que me considero absolutamente incapaz mas de que posso tirar ilações e conclusões. Assim pois, sr. Redactor, eu verifiquei pacientemente que v. e os seus colegas, arrebatados por um sacrosanto amor de patria e totalmente desprovidos do sentimento do equilibrio, escreveram nos papeis publicos, coisas que a sangue frio são sumamente divertidas para evitar de dizer sumamente lamentaveis.

Não citarei, sr. redactor, faltas de gramatica. Gramatica ninguem tem neste momento em Portugal se exceptuarmos o sr. Candido de Figueiredo ou o sr. Sá Pereira. Mas apontarei á sua esclarecida atenção inepcias de outras especies, que não significam absolutamente nada e que se encontram disseminadas por uma duzia de periodicos lisbonenses. Ahi vão algumas:

O Coração da Raça
O hino ardente e clamoroso em pedras imortais
O fremito dos avós.
A vibração etnografica
A alma lusiada
O dia eterno de eterna gloria.
As azas de Portugal vogando sobre o Cruzeiro do Sul (as asas a vogar!!!!!)
A partida épica do «Bagé»
Lagrimas amassadas em triunfo
Os manes da epopeia
Acima de todos no mundo!
Os novos descobridores do Brasil «!!!!!»
A Patria que vôa!
Os netos da Epopeia
Os épicos de hoje
Os ventos heroicos (Jesus! os ventos heroicos!)

Não se pode dizer que isto seja lamentavel, sr. redactor. E' apenas pitoresco. De resto trata-se unicamente de ligeiras «en-têtes» onde as mãos desvairaram impelidas pelo entusiasmo da ocasião e todos nós sabemos como ele é facil e falacioso nas organisações em decadencia como a nossa. Mas terriveis, espantosamente, cariciosamente terriveis são os artigos inflamados em corpo mais miudo. Ora veja lá:

«Concebendo e executando o plano formidavel de unir com um sulco de luz o Tejo magestoso a essa Guanabara maravilhosa, êles foram maiores do que o Infante, do que o Principe Perfeito, do que o rei Venturoso, que só planearam os descobrimentos; maiores do que Gonçalo Velho, do que o Gama, do que o Cabral, que só os executaram. E' que então era o Ressurgimento que dealbava e agora é o Ressurgimento que triunfa. E ressurgir é vêncer a morte. As seivas novas estuam em alarido. A grei saiu desta prova mais potente, mais orgulhosa, mais nobre.»

E mais isto:

«O Passado, vive em religião nos nossos corações; mas é preciso que o futuro seja ancia, seja obstinação, seja vertigem de perfectibilidade. Povos como o nosso não morrem inanes.»

E mais isto:

«Esta hora soou e o Portugal novo, num halo de espiritualidade — vôa!»

E ainda isto:

«...E, bafejado pelo sol e pela gloria, o Sonho Imortal da Raça floresce, de novo, vivo como outrora!»

E isto:

«Portugal, que andava de olhos baixos para a terra, começa a erguer os olhos para o céu! Portugal paira neste momento como uma aguia sobre toda a terra imortal.»

Mas ha ainda mais delicioso:

«Que de hoje para o futuro cada um dos nossos gestos, das nossas atitudes, das nossas expressões, seja um avião, um avião que consiga levar ao mundo a fé, o triunfo, a gloria de Portugal.»

Mas incomparavelmente mais catita tambem se arranja:

«Foi um Portugal novo, de trabalho e de ordem, de fé e de beleza, que as mãos miraculosas de estatuarios do Ar modelaram.»

E enternecid

«Do sonho alado que foi realização sublime de beleza, surgiu a concepção magnifica do ressurgimento patrio. Da fonte de Juventa do Atlantico, onde as caravelas da Aventura e as naus do Poderio receberam o baptismo sagrado da gloria primeira, ressurge agora rejuvenescida e triunfante, ungida para a vitoria, — a alma lusiada.»

Eu não desejo sr. redactor, fazer um jornal com transcripções. Circunscrevo-me pois. (Entretanto estes recortes ligeiros podem desde já constatar falta de gramatica, falta de senso comum e falta de ponderação. E tambem podemos acrescentar falta de pudor se acrescentarmos este bocadinho de oiro:

«No momento em que num clarão magnifico de apoteose, milhões de almas aclamam os nomes dos Grandes Portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral, nós, que não podemos nem queremos esquecer a honra, que pelos intrepidos aeronautas nos foi concedida, de aceitarem para seu uso proprio, durante a travessia épica, o nosso Vinho do Porto, — dando-nos assim a gloria de proclamar que os Vinhos (aqui o nome da casa exportadora) acompanharam Coutinho e Cabral na primeira viagem que pelo ar se fez ao Brasil, — saudamos, com o mais fervoroso alvoroço, os Benemeritos da Patria, que, traçando no Ceu com as aquilineas azas das suas aeronaves a estrada que os galeões de Pedro Alvares Cabral marcaram no mar, reatam nos inicios do seculo XX, as façanhas sobrehumanas da era de Quinhentos, unindo atravez do Espaço, como já o fôra atravez das Ondas, as duas metades do coração da Raça.»

E repare v. que me tenho cingido ás inepcias puras e simples. Porque se fossemos a transcrever todas as reflexões em estilo hiperbolico e gongorico, não sei, na verdade, onde iriamos parar. Mas veja-se isto:

Lirico-parvo:

«Das flores de Aljubarrota nasceram Gago Coutinho e Sacadura Cabral.»

Lirico-melifluo:

«Enviados de Deus para apontarem o caminho á Patria Portuguesa.»

Lirico-compassado:

«Sabei, portugueses! que ainda ha portugueses!»

Lirico-beatiolgaico:

«Aquelas mãos são a pedra angular da nacionalidade!»

Lirico epico:

«Os varões assignalados que entre gente remota vão levar...»

Lirico-patriota:

«No imo peito levam a voz da Patria e são a garganta da Patria!»

Lirico-religioso:

«No ceu polytheista das nossas crenças, são mais dois santos...»

Lirico-arrebatado:

«Nunca Portugal foi tão grande!»

Lirico-sensual:

«Que homens! Que beleza!...»

Lirico-cupidinic:

«Formidavel musculatura de Lusiadas!»

Triste, profundamente triste, sr. redactor. E esses dois homens que são na realidade superiores devem sentir, um confesso, um obscuro malestar em face de todas estas coisas. E não se ria, não as critique porque ha ahi, no monte, duas ou tres que lhe dizem particularmente respeito. De v. admirador, mesmo quando escrevo asneiras, — «Obscuro leitor».

Palavras leva-as o vento...

O "raid" aviatorio ao Brazil e a representação portugueza na Exposição do Rio de Janeiro

Pronunciaram-se ontem muitas e belas palavras na Camara dos Deputados. Os ilustres representantes do povo desfizeram-se em tropos de homenagem ao Brasil, rivalizando em proezas acrobaticas de grandiloqua eloquencia. Muito bem, Optimo.

Não faltou quem destacasse a necessidade de passar de palavras a obras. O sr. Alvaro de Castro, por exemplo, disse — e muito bem — que a homenagem mais propria seria aquela que, praticamente, encurtasse, até quasi a suprimir, a distancia que nos separa da grande Republica da America do Sul.

A verdade é esta: os dois gloriosos lusiadas, maximo expoente da raça que povoa as duas nações, abriram novos horizontes. O que resta saber e só o tempo o dirá é se nós todos, portugueses e brasileiros, somos capazes de seguir o exemplo que tão generosamente nos foi doado. Em retorica bolofa somos nós ricos, somos mesmo opulentos; mas isso não basta, para se consolidar uma situação de excepcional favor.

Lembramos, a proposito, a representação portuguesa na Exposição Internacional do Rio de Janeiro. Em que termos se fará essa demonstração da vitalidade economica do nosso paiz? Esta pregunta é legitima. Não faltam almas desalentadas, que já não crêem em nada de util...

O Governo pediu ao Parlamento um credito para reforço da verba exgotada com as despesas já feitas. As comissões competentes da Camara dos Deputados deram pareceres favoraveis. Agora resta a discussão e aprovação na Camara dos Deputados, a fim de que a proposta passe para o Senado. Tudo isto se está eternizando. Leva mais tempo a fazer do que o consumido na travessia aerea do Atlantico!

E a Exposição do Rio de Janeiro abre em 1 de Setembro... Faça-se o que se fizer, já não será possivel acompanhar as outras nações nas festas que vão inaugurar a comemoração do primeiro centenario da independencia brasileira. Os pavilhões portugueses, que são a mais bela demonstração da capacidade produtora das industrias metalurgicas portuguesas, estão ainda amontoados no caes da Alfandega de Lisboa. E estão lá ha mais de trinta dias! São de ferro, felizmente. Por isso, ainda não apodreceram!

Pois, senhores, isto dá que reflectir: seremos nós uns incorrigiveis?...

O almirante Leote do Rego

Fala de Portugal no jornal parisiense «Le Temps»

PARIS, 20 — O *Temps* publicou uma entrevista com o sr. almirante Leote do Rêgo. Traduz o reconhecimento do povo português pelas manifestações de entusiasmo e de apreço com que na França foram seguidas as diferentes *étapes* do *raid*. Os proprios telegrafistas da Torre Eiffel enviaram mensagens carinhosas nos seus colegas portugueses. Acentua depois o caracter scientifico e util á humanidade do empreendimento e espera que desta vez ninguem ousará disputar-nos a primasia.

Descreve, a traços largos, os diferentes trechos da viagem e os seus mais emocionantes incidentes, em que foram postas á prova as grandes qualidades dos portugueses.

Comparando o feito com as tentativas realizadas por outros paises, frisa que nós apenas mobilisámos dois pequenos cruzadores e um aviso, e esses mesmos só para servirem de apoio no termo das diferentes *étapes*.

Como nota curiosa, faz ressaltar a coincidencia de ter sido o *Paris-City* quem primeiro foi em socorro dos heroicos aviadores. — (Lat. Am.).

A questão de Moçambique

Voltou a fazer-se um silencio tumular sobre os casos de Macau. De Moçambique, depois da aflição do sr. Freire de Andrade, nada mais se soube. De Angola, depois do debatido telegrama, que, afinal, afirmara uma verdade expressa, tambem não vieram mais noticias. De facto, Portugal-metropole está virtualmente separado de Portugal-colonias.

Mas talvez peor, mais sintomatico, Portugal está separado do resto da Europa, do resto do mundo. Não só não vamos buscar recursos áqueles factores de que podemos dispor e que nos pertencem, mas tambem não procuramos ensinamento nas lições que a todo o momento nos dão os outros paises. Dir-se-hia que nos bastamos, que prescindimos de toda e qualquer influencia estrangeira e de que em todo o globo só nós existimos.

Assim podia, de facto, ser, sem reparos de maior. Outros paises o fazem, especialmente a Dinamarca e a Suissa, que vivem na sua casa e dos recursos dela. Mas, na realidade, nós não temos nem a estabilidade nem o espirito ordeiro dêsses dois paises e, alem da falta dêstes dois elementos primordiais, estamos absolutamente divorciados de toda a visão clara das coisas que nos permita orientar os nossos esforços de uma forma concreta em prol de um objectivo previamente designado.

A questão de Moçambique, complicada com o futuro convenio, é um exemplo frisante. Debalde a imprensa local se esforça por colorir a rude realidade das coisas com uma palheta optimista; debalde as afirmações perentorias de varias entidades em destaque na politica colonial procuram lançar uma quietação vitoriosa na ordem futura das coisas. E' positivo que deveremos sair mal feridos do futuro acordo, porque todos os prodromos da questão assim o indicam. Vemos de um lado ambições fortes e vigorosas, que sabem para onde vão e sabem o que querem e antepõem os interesses da sua politica economica e financeira aos seus interesses privados. Do outro lado, do nosso lado, constatamos apenas indecisão, hesitação, moleza e porventura indiferença. Estes factores, postos em presença, não permitem uma duvida sequer sobre o resultado final.

Nós sofremos os males. Nós podemos mesmo obtemperar a êsses males com o maior ou menor espirito de sacrificio de que ainda podemos dispôr. Mas não queremos os males irremediaveis que se estão preparando. Ha processos de reconstruir, de repôr, de reparar, quando nem tudo está perdido. Mas é inteiramente impossivel galvanizar, ressuscitar o que está virtualmente morto. Os enfermos, mesmo os mais graves, são susceptiveis de cura. Os mortos, o que ha a fazer é enterrá-los. Ora, Moçambique encontra-se neste momento muito doente e o medic que lá está a tratá-la não oferece garantias de cura. E' uma verdade triste, mas é uma verdade. Urge, pois, que se não deixem morrer aquelas coisas que constituem para nós uma razão de existencia. E, infelizmente, vamos num caminho que nos vai indubitavelmente deixar a pão e laranja e que amargamente pagaremos.

Audição musical

Realisou-se no Conservatorio, a das discipulas de D. Lucila Moreira

Realizou-se no domingo uma audição das discipulas da distinta professora de piano sr.ª D. Lucila Moreira, que no nosso meio de arte, ocupa um lugar de grande e inconfundivel relevo. A sr.ª D. Lucila Moreira, atravez das suas inumerosas discipulas, patenteou nesta audição — que trouxe á vida lisboeta uma scintilante e agradavel nota com foros de acontecimento artistico — a sua magnifica escola de tecnica e de sentimento, de detalhe e de conjunto, escola que conquistou á ilustre professora a admiração de Rey Colaço, o mestre eminente.

A' audição de domingo assistiu tudo o que de mais notavel ha no nosso meio elegante e artistico.

DISCUTEM OS GABINETES

Uma consequencia importante da lucida exposição do sr. Poincaré é a modificação que se vai fazendo, a favor da França, em certos meios que estavam indispostos. Temos principalmente em vista os Estados Unidos, um tanto frios desde a conferencia de Washington, e que reatam a tradição que vem de La Fayette. E isso explicará talvez o tom agri-doce com que o sr. Lloyd George respondeu a Poincaré, criticando até uma pretensa «confusão de linguagem». Não é este um defeito muito gaulez, nem proprio do sr. Poincaré; mas devemos confessar tambem que a linguagem do sr. Lloyd George, extremamente pitoresca e salpicada de imagens felizes, é muito clara: compreendemo-la muito melhor do que a sua politica de flutuações que desconcertam.

Esta troca de opiniões entre os dois gabinetes, o de Paris e o de Londres, teve como consequencia frisar os pontos em que os dois se encontram de acordo, e marcar tambem as divergencias «actuais». E se assim dizemos é porque somos dos que entendemos que que estas permutas de ideias permitem encontrar uma conciliação muito mais feliz do que as improvisações das conferencias, onde a desharmonia só pode cessar á custa duma transigencia dolorosa — quando se não dá o caso de nem essa aparente harmonia se conseguir.

Agora vemos que o governo inglez concorda em que a conferencia seja exclusivamente de peritos, sem qualidade de plenipotenciarios, o que traz como corolario que as suas decisões serão tomadas ad referendum. O sr. Lloyd George não quer que ninguem lhe passe adeante no que toca a reconhecer a necessidade de não serem discutidas questões politicas na Haia, e tão longe vai o seu escrupulo que até vislumbra na exposição do governo francez certas passagens que poderiam dar logar a um desvio para esse terreno perigoso.

Ora Poincaré dizia: «Convem não deixar subsistir equivoco algum sobre os trez pontos que devem ser discutidos em Haia, a saber: as dividas, a propriedade particular, os creditos. E insistindo: «deve ficar bem entendido que a comissão da Haia não se ocupará senão destes trez pontos, e nenhuma coisa mais». E em seguida o memorandum ocupava-se de cada um desses pontos, desenvolvidamente, expondo a maneira de vêr do governo francez.

Pelo que diz respeito ás dividas da Russia, ha que distinguir entre as dividas anteriores á guerra e as dividas contraidas durante a guerra. Quanto ás primeiras, o governo britanico declara que os representantes dos portadores de titulos russos serão naturalmente ouvidos em Haia para auxiliarem os peritos no estabelecimento dum sistema pratico pelo qual os seus interesses possam ser satisfeitos.

Quanto ás dividas de guerra — dividas contraidas durante a guerra pelos governos do czar, ou pelos governos que lhe sucederam, antes dos bolchevistas — o governo de Londres declara-se disposto a anular uma parte consideravel da divida de guerra russa para com o governo britanico, tomando em consideração a situação presente da Russia». E estará o mesmo governo disposto a tomar identica medida em relação ás dividas de guerra franceza, italiana, portugueza, etc.? Ou faz aos bolchevistas que abandonaram os aliados, uma concessão que recusa aos que combateram a seu lado?

Quanto ás propriedades particulares confiscadas, a Inglaterra mantem a doutrina que «todo o Estado possue o direito de expropriação, qualquer que seja a natureza da propriedade, mediante pagamento duma justa indemnisação.» De acordo, dizem os francezes, mas é preciso que o Estado «possa pagar»; desde que este não paga, deve restituir.

Quanto á questão dos creditos a conceder á Russia, o proprio governo britanico conta com a iniciativa particular, isto é, com o mundo dos negocios, o qual não emprestará dinheiro senão a troco de garantias. Quer isto dizer que os governos se desinteressarão da concessão desses creditos? Supomos que não.

Estão, em linhas gerais, expostos alguns pontos de vista que serão defendidos na Haia... se a conferencia se realisar. Porque ainda está de pé a duvida, pois a França só está disposta a conversar com a Russia, se esta retirar o «memorandum» que apresentou em Genova a 11 de Maio.

Lloy George, sem pedir a retirada, declara que a conferencia deverá «ignora-lo». E' uma outra maneira de o condenar. Contentar-se-ha a França? Não sabemos, e por isso ainda ninguem pode dizer se ela tomará parte na conferencia ou não. Se ela não comparecer, como não comparecem os Estados Unidos, a conferencia não tem razão de ser.

Ordem publica

Periodicamente volta á baila da discussão o problema da ordem publica. Sem se saber porque nem quais as razões que a isso impelem a questão da ordem publica torna-se a unica preocupação dos governos porque, de um extremo a outro do paiz, circula o boato de que ela será alterada e os governos pondo de lado outros problemas importantes de cuja solução depende a prosperidade e, porventura, o porvir da Patria, dirigem para a hydra de cem cabeças as suas atenções.

Neste regimen de boatos e de possiveis alterações de ordem publica temos vivido, protelando problemas urgentissimos, pondo de parte esforços e actividades que, bem dirigidas, poderiam resultar em beneficio do paiz.

E tudo isto porquê? Porque o problema da ordem publica em Portugal continua sem ser resolvido.

Ainda ha poucos mezes se dispenderam com as tropas que fizeram o cerco de Lisboa avultadissimas quantias; deve ter ficado ao paiz por alguns milhares de contos todo esse aparato belico de um exercito em campanha assestando as bocas dos seus canhões contra uma cidade indefesa.

O paiz, cansado de revoluções, farto de aturar elementos de desordem e de viver numa constante intranquilidade, exigiu pela voz da opinião publica, que de uma vez para sempre a ordem publica ficasse assegurada.

Exigiam-lhe mais esse sacrificio, mais esse pesado encargo; o paiz submeteu-se crente de que, depois de todo esse aparato de forças, se ia, emfim, entrar numa era de socego, de tranquilidade, de productividade, emfim.

Afinal nada disso sucedeu; esses milhares de contos foram puro desperdicio, mais um punhado de ouro que se deitou fora sem proveito.

A questão ahi está novamente posta. Novamente se vivem as mesmas horas de intranquilidade e de temor que deram como resultado o já celebre cerco de Lisboa.

Ter-se-ha de recomeçar? Voltaremos a assistir a um novo aparato belico, a movimento de mais tropas?

Contra o que é contra quem?

E' certo que o paiz já não receia o perigo de novos conflitos em que tenham de entrar em acção os canhões vomitando metralha ou a fuzilaria dos regimentos de linha.

O derramamento de sangue já não é para assustar ninguem de tal forma se consegue resolver hoje em Portugal os movimentos militares, sem disparar um tiro.

Mas se as alterações de ordem publica por esse motivo não merecem ao paiz mais atenção que uma troca de facadas entre desordeiros, num bairro afastado da cidade, não deixam esses constantes movimentos de provocar a repulsa e o mais veemente protesto dos que trabalham pela repercussão que teem lá fóra e por deles se servirem os inimigos do paiz para nos desacreditarem!

Basta um simples boato para certa imprensa estrangeira, que nos vê com maus olhos, arquitectar as coisas mais fantasticas sobre a situação do paiz. E tanto lá fora é opinião geral que vivemos num regimen constante de desordem, que uma familia ha pouco chegada do Brasil, não desembarcou em Lisboa, porque no Rio de Janeiro lhe disseram que era um perigo fazê-lo impunemente!

Antigamente era costume muitos portuguezes domiciliados no Brazil e mesmo os naturais mandaram os seus filhos a educar nos colegios e universidades de Portugal.

Hoje os colegios vivem uma vida aflitiva, porque essa esplendida receita acabou.

Os que teem posses no Brasil preferem mandar educar os seus filhos em qualquer parte da Europa, menos em Portugal!

Parece, á primeira vista, de somenos importancia este facto. Talvez os nossos estadistas encolham os hombros com superioridade, achando pouco importante, para a vida do paiz, que os paes portuguezes ou brazileiros mandem ou não os filhos educar-se em Portugal. Esquecem-se, se assim o pensassem que além de tal facto demonstrar a perniciosa atmosfera que não só na Europa como na America se creou a nosso respeito, perdemos uma fonte esplendida de receita e deixa de entrar no paiz por ano, alguns milhares de contos.

Neste regime de constantes alterações de ordem publica não é possivel uma obra util de reconstrucção não é possivel nem nenhum governo a poderá levar a cabo.

Não se trabalha com intranquilidade; trabalha-se com ordem.

Não são os desordeiros que produzem: são os amigos da ordem.

O que se torna preciso pois?

Amordaçar a desordem impedindo-a de exercer a sua nefasta acção.

Ao Exercito cabe essa tarefa.

A força foi criada para manter a ordem, não para se bandear com a desordem, e não se compreende que se exija do paiz um novo e pesado sacrificio se não se lhe der as garantias de que esse sacrificio é tomado na devida conta.

Se amanhã um novo movimento se dér, os que neles entrarem—porque só se compreendem movimentos triunfantes, onde entre a força armada—não teem o direito moral de pedirem ao Estado e ao paiz que se lhes aumente os seus vencimentos. Não, não teem.

A sua missão é de ordem; sair dela é provocar uma perturbação em todo o organismo da nação, é crear a indisciplina em todas as classes, é arrastar a Patria para um precipicio.

Se amanhã aqueles a quem está, — á custa de que pesados encargos!— confiada a manutenção da ordem publica a não souberem manter, estará invertida a ordem natural das cousas e o paiz, a nação inteira não terá para quem apelar.

Pensem nisso os que nessa hora grave, intentam talvez lançar o paiz numa nova e perigosa perturbação.

A experiencia dos movimentos revolucionarios já está feita. Não é com novos governos saidos de um movimento revolucionario que a nossa situação se resolve: é cada um colocando-se no seu logar: a força armada mantendo a ordem; os politicos zelando pelo interesse do paiz; os governos trabalhando na grande obra de reconstrução economica que se impõe; os funcionarios cumprindo os seus deveres; o resto do paiz dando, para o bem comum, o seu esforço e a sua actividade.

Só assim poderemos viver: só assim seremos dignos de que para nós olhem com simpatia e confiança os que até hoje nos teem colocado pelos nossos desatinos, ao lado do turbulento Mexico.

Portugal-Brazil

A direcção da Aviação ingleza, em nome de toda a aviação de Inglaterra, enviou um telegrama ao Ministerio da Marinha felicitando a aviação e a armada de Portugal pelo feliz exito da viagem aerea Lisboa-Rio de Janeiro.

O governo do paiz visinho manifestou ao governo portuguez o desejo de Afonso XIII de que o seu representante em Portugal faça pessoalmente a entrega aos heroicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, das insignias do Merito Moral, com que foram agraciados.

No Ministerio da Marinha continuam a ser recebidos telegramas de todos os pontos do paiz e do estrangeiro felicitando o nosso paiz pelo exito da viagem aerea.

Os directores gerais do Ministerio da Instrução, em nome de todo o funcionalismo daquela secretaria de Estado, telegrafaram ao sr. Presidente da Republica, saudando-o pelo brilhantissimo exito da viagem aerea Lisboa-Rio de Janeiro.

Em resposta o sr. dr. Antonio José d'Almeida enviou o seguinte telegrama ao sr. dr. João de Barros, secretario geral do ministerio:

«Agradeço muito sinceramente a V. Ex.ª e a todo o pessoal do Ministerio da Instrução Publica, as saudações que tiveram a amabilidade de me enviar pela travessia do Atlantico, gloriosamente efectuada pelos nossos heroicos aviadores e retribuo-as afectuosamente.»

Pelo Telegrafo

O "Blue Sky,,

LONDRES, 20 — Considera-se perdido o navio *Blue Sky*, que partiu de Portsmouth na segunda-feira, 12, presumindo-se que tenha naufragado na costa, pois não tornou a haver noticias. — (Lat. Am.)

A viagem do Principe de Galles

GIBRALTAR, 20 — Esteve aqui ontem o principe de Galles, tendo passado o dia em terra. O *Renown* largou á noite com rumo a Inglaterra. —. (Lat. Am.).

A favor dos hospitaes de Londres

LONDRES, 20 — Realizar-se-ha na noite de 28 de Junho um baile *masqué* de caridade, presidido pela princeza Mary. O produto é para os hospitais de Londres. — (Lat. Am.).

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

A SESSÃO DE HOJE

Diz-se, nos Passos Perdidos, que o Governo será interrogado ácerca das prisões de oficiais recentemente feitas. Veremos se assim é. O sr. ministro da Guerra está presente.

A sessão abre á hora habitual, sob a presidencia do sr. Domingos Pereira. Para a primeira parte da ordem do dia está dada a proposta de lei que habilita o Governo com o credito de 250 contos para a consagração e divulgação oficiais do *raid* aereo Lisboa-Rio de Janeiro.

A' UNIÃO SUL-AFRICANA PERANTE A PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

O sr. Alvaro de Castro dá conhecimento á Camara de um discurso pronunciado pelo general Smuths, chefe do governo da União Sul-Africana. As palavras pronunciadas pelo general são a defesa do alargamento territorial da União, feito á custa de Moçambique. O sr. Alvaro de Castro protesta contra essas ideias, contrarias aos principios que constituiram as bases da organização da Sociedade das Nações, de que o general Smuths foi um dos mais eloquentes propagandistas. Entende que é dever do Governo pedir explicações ácerca das palavras pronunciadas pelo general Smuths.

O sr. ministro da Guerra promete transmitir as considerações do sr. Alvaro de Castro ao sr. ministro das Colonias, que não está presente á sessão.

E passa-se á

ORDEM DO DIA

que é a continuação do debate sobre a proposta do credito de 250 contos, a que já nos referimos.

O sr. Carvalho da Silva, pela minoria monarquica, opõe-se á aprovação da proposta, por espirito de economia. A minoria votará, todavia, um credito de 150 contos, sendo 100 contos para o monumento e 50 contos para a divulgação.

O sr. Jorge Nunes quere tratar, em negocio urgente, do caso da prisão de oficiais do Exercito. A Camara aprova a urgencia, mas, como não está presente o chefe do Governo, o sr. Jorge Nunes declara que espera por outra oportunidade para tratar da questão.

O sr. João Camoezas defende a proposta de lei do credito de 250 contos. Combate a argumentação do sr. Carvalho da Silva, entendendo que é indispensavel organizar os serviços de propaganda de Portugal no estrangeiro. A maioria vota, pois, o projecto, tal qual foi apresentado pelo Governo.

O sr. Mariano Martins, que assinou vencido o parecer da comissão, explica essa atitude, dizendo que nunca se demonstrou a utilidade de se gastar o dinheiro em festas. Além disso, entende que 100 contos para o monumento é uma quantia ridicula. Vota contra a proposta.

O sr. Nuno Simões não concorda com a distribuição dos 250 contos da proposta. Entende que o sr. Mariano Martins se fez éco dos bons principios administrativos, apesar de se pôr em discordancia com o sr. João Camoezas, que interpretou a opinião da maioria, da mesma maioria a que pertence o sr. Mariano Martins.

O sr. Pedro Pita entende que a proposta perdeu a oportunidade. A propaganda está feita. Não ha necessidade de se dispender dinheiro com ela. Vota contra.

A's 16 horas e meia entrou no hemiciclo o chefe do Governo. Vai, pois, interromper-se o debate, para dar lugar á questão da prisão dos oficiais, levantada pelo sr. Jorge Nunes.

Convém dizer, nesta altura, que o Governo parece mal colocado na discussão da proposta do credito de 250 contos. Terá maioria suficiente para a ver aprovada? E' duvidoso. Pode vir a acontecer que o Governo se encontre na iminencia de um cheque parlamentar.

O sr. Alvaro de Castro ocupa-se, apesar do que acima escrevemos, da proposta de lei em discussão. E' tambem contra a sua aprovação. A propaganda do *raid* será feita pelos proprios aviadores. O Governo não tem necessidade do dinheiro que pede ao Parlamento. Vota contra.

O sr. Jorge Nunes pronuncia-se tambem contra a proposta.

O sr. presidente do Ministerio renova a defesa da proposta.

Não é justa a oposição que está sendo feita á proposta. Não se trata de uma despesa absolutamente improdutiva, porque, em contrapartida, se recolherá, pela venda do livro de divulgação, o dinheiro nos cofres publicos.

Declara que a questão é aberta, não implicando a votação final a estabilidade do Governo.

O sr. Fausto de Figueiredo faz o elogio da imprensa portugueza pela propaganda que ela tem feito do *raid* Lisboa-Rio de Janeiro, sob qualquer dos seus aspectos. Insinuou-se, porém, que ha jornais que estão á espera da aprovação da proposta para receberem estipendios por essa propaganda. Diga-se, já, quais são esses jornais. Acredita que tais insinuações não têm o menor fundamento e as declarações feitas pelo chefe do Governo confirmam essa opinião.

A QUESTÃO DA PRISÃO DOS OFICIAIS DO EXERCITO

São 16 horas e 20 minutos. Em negocio urgente, o sr. Jorge Nunes vai tratar das prisões de oficiais do Exercito, recentemente ordenadas pelo Governo.

Fala em nome da minoria liberal. Quere saber o que ha sobre ordem publica. Se as respostas do sr. presidente do Ministerio forem claras, o apoio dos seus amigos politicos continuará a ser dispensado ao Governo. Mas, se não forem assim, então a atitude da minoria liberal será aquela que mais convier aos interesses nacionais.

A resposta do chefe do Governo é esta:

Até este momento, ainda ninguem foi banido do continente da Republica. Isto, porém, não será talvez resposta suficiente.

Nesse caso ele acrescenta que o sr. ministro da Guerra está no seu direito de fixar a residencia dos oficiais do Exercito, onde quiser é ou lhe convier.

A situação de ordem publica é precaria. E' pena que não haja uma lei de banimento, que pudesse ser aplicada contra potentados financeiros culpados, por provas morais de intranquilidade geral.

São indesejaveis mas, contra eles, é impotente o Governo. Para haver ordem em Portugal é preciso que os portuguezes o queiram.

O facto é este: todos diziam que ia dar-se uma revolução 48 horas depois dos aviadores chegarem ao Brasil.

Anuncia que serão chamados á responsabilidade aqueles que num banquete recente fizeram revelações inconvenientes.

O sr. Jacinto Nunes replica e o sr. presidente do ministerio treplica. Repete-se apenas. A unica solução é tirar o que ficou tudo como estava e está, como protesto, «pro forma», dos liberais. Mais nada.

A sessão continua entrando-se na continuação do debate sobre os Transportes Maritimos do Estado.

No Senado

Reaberta a sessão interrompida desde ante-ontem, á hora regimental, assumiu a presidencia o sr. Pereira Osorio, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Sousa Varela. Encontram-se presentes 32 senadores.

Prosegue a discussão sobre o projecto de lei aumentando as ajudas de custo concedidas ás pensionistas do Estado, falando sobre ele os srs. Teixeira da Silva, Ferreira de Simas, Mendes dos Reis, Augusto de Vasconcelos, Paes Gomes, Teixeira Xavier da Silva, Joaquim Crisostomo, Herculano Galhardo, Afonso de Lemos e Godinho do Amaral.

O sr. Joaquim Crisostomo requereu que todas as emendas apresentadas baixassem á comissão de finanças para se pronunciar no praso de 24 horas.

Foi aprovado sendo o projecto retirado da discussão.

O sr. presidente encerra a sessão ás 16,30 marcando a proxima sessão para as 17 horas.

Uma grande desgraça

Morrem mais vitimas da explosão no Tejo

Nas varias enfermarias do Hospital de S. José continuam em estado grave as victimas da explosão do fogo de artificio ocorrido ante-hontem no Tejo.

Na enfermaria de Santa Izabel faleceu hoje Esther Rodrigues, 19 anos, operaria da Fabrica da Polvora, filha do fogueteiro Augusto Rodrigues e de Maria da Natividade, residente na Extrangeira de Baixo, tendo falecido tambem Emilia Costa, rua do Vale de Santo Antonio 50, 2.º, duas victimas da explosão.

Em estado gravissimo encontra-se na enfermaria de Santa Izabel a menor Candida da Conceição, de 13 anos.

Da casa mortuaria do Hospital foi transferido para a Morgue o menor Manuel dos Reis, 6 anos, outra victima que faleceu hontem na enfermaria Visconde da Luz. A autopsia ao cadaver deve realisar-se ámanhã.

O director geral dos Hospitaes Civis visitou de madrugada todas as victimas.

O cançado chá que ferve...

Violencias governamentais

São deportados para Angra do Heroismo, dedicados republicanos

O governo do sr. Antonio Maria da Silva anda verdadeiramente ás aranhas sobre assuntos de ordem publica e só assim se justificam a violencias e as «gaffes» praticadas nos ultimos dias contra republicanos quando sabido é que outros que não amigos do regimen conspiram quasi que á descarada. O Governo á falta de agentes conscienciosos e habeis recorreu agora ao auxilio anonimato seguido no tempo do juiz Veiga e ultimamente quando no Dezembrismo, o cargo de comandante da policia era exercido pelo celebre capitão Pimentel.

A carta anonima, como então sucedia, passou agora a ter grande preponderancia e a ser um auxiliar valioso do ministro do Interior que com tal processo conseguiu ter á mão uma especie de agentes secretos. Segundo se afirma as recente prisões foram motivadas por uma carta anonima enviada ao sr. ministro do Interior, o qual ao que se diz deu credito ás informações que a mesma carta continha e imediatamente ordenou as prisões dos individuos que formavam o tal «Cacharolete de irrequietos», segundo a frase do sr. Antonio Maria da Silva. Contra tais prisões protestaram violentamente os presos, tendo levantado reparos principalmente a detenção do tenente coronel sr. Liberato Pinto que afastado de toda a politica partidaria se entregou ultimamente e com afinco á vida comercial. O tenente coronel sr. Liberato Pinto, convidado para varios movimentos declinou sempre tais convites declarando que alheio como estava da politica não queria nela colaborar de qualquer forma. Pois de nada serviu a orientação adoptada pelo antigo Chefe do Estado Maior da G. N. R. porque uma simples carta anonima apontando-o como chefe de um movimento revolucionario em preparação foi o bastante para de um dia para o outro «mudarem a residencia» ao antigo presidente do Ministerio.

Consultadas as estações oficiais sobre as razões de tais prisões ninguem sabe responder e o proprio director da P. S. E., o major sr. Viriato Lobo, governador civil de Lisboa, ignora em absoluto os motivos das ordens ministeriais.

* * *

Os terriveis conspiradores em conformidade com ordens governamentais seguiram hoje para Angra do Heroismo, tendo vindo de manhã da cidadela de Cascais em direção a Santos. A viagem fez-se em automovel tomando logar no mesmo veiculo o coronel sr. Xavier Pereira, tenente coronel sr. Liberato Pinto e o capitão sr. Feliciano da Costa, envergando o primeiro e o ultimo as suas fardas de campanha, e trajando á paisana o antigo chefe da G. N. R.

No caes de Santos que estava repleto era verdadeiramente extraordinaria a afluencia de deputados, senadores oficiaes de terra e mar, senhoras e amigos dos presos que iam ali apresentar-lhes despedidas sendo os referidos oficiaes alvo de carinhosas e imponentes manifestações do carinho e simpatia que bastante os comoveram.

Durante duas horas os presos receberam abraços, cumprimentos e afectuosas despedidas dos seus amigos, terminando por se fotografarem em grupo, ficando o capitão Feliciano da Costa a meio, dando a direita ao coronel Pereira e a esquerda ao sr. Liberato Pinto. Este era o unico que se apresentava mais aborrecido e contrariado porquanto a violencia de que foi alvo lhe prejudica extraordinariamente a sua vida, tanto mais que tem sua esposa gravemente enferma.

O antigo presidente do ministerio após os cumprimentos de despedida recolheu ao seu camarote a bordo do vapor «Lima» dos T. M. E. e em cujo barco os tres presos seguiram viagem.

O comandante do Lima segundo instruções do Governo mandou levantar ferro ás 12 horas em ponto, seguindo então o barco em direcção á barra.

No caes ficavam em comovedoras manifestações acenando com os lenços as pessoas amigas entre as quais se via a mãe do capitão Feliciano da Costa que a certa altura gritou para o filho:

—Queres que despeça o criado?

—Não vale a pena. Em breves dias estou de volta.....

As manifestações de simpatia dispensados aos presos foram imponentes e como poucas vezes temos visto já pela quantidade como pela qualidade das pessoas que a ela concorreram.

Não houve, vivas, nem palmas, mas demoradas scenas de lenços que de bordo davam a impressão de pombas brancas esvoaçando. De bordo os presos respondiam simplesmente:

—Até breve...

Apareceu um «maduro» que quando o «Lima» se pôz em andamento teve a infeliz lembrança de levantar um viva ao gabinete Antonio Maria da Silva.

Ninguem lhe respondeu, e o pobre diabo vendo que redundara em fiasco a encomenda que lhe fizeram desapareceu como que por encanto.

Entre a enorme assistencia via-se o irmão do malogrado Carlos da Maia, que se mostrava bastante comovido.

Interrogado pelos «reporteres», o sr. Carlos da Maia Junior, lamentou o Governo tendo dado ouvidos a uma carta anonima tivesse ordenado as prisões dos tres oficiais, praticando assim uma violencia inaudita.

De facto não se compreende a desorientação do Governo, que manda prender inocentes deixando a solta os que conspiram. E' que destes ultimos o Governo tem medo...

TAUROMAQUIA

Campo Pequeno

Uma comissão de proprietarios de Alcacer do Sal promove a corrida que no domingo se realisa no Campo Pequeno destinando o seu produto á conclusão das obras da construção da praça de touros daquela vila. A corrida é por amadores distintos alguns dos quais ainda Lisboa não viu, e a lide será de oito touros puros e um garraio tambem puro, destinado ao cavaleiro Joaquim Branco Nuncio, de 16 anos de idade que pela primeira vez trabalha em publico. Dos touros, dois são do sr. Antonio Nuncio e seis do sr. Joaquim Nuncio.

Toureiam a cavalo os srs. João Branco Nuncio e Antonio Luiz Lopes e ainda o artista Simão da Veiga Junior, a pé Patricio Cecilio, Artur Alves Ribeiro e os dois filhos de Teodoro Rafael e Francisco Gonçalves.

A conservação do calçado

Resolve-se um problema importante

A pouca duração do calçado deve-se ao emprego dos ingredientes usados no fabrico das pomadas e crémes, que o fazem estalar. Conseguiu-se agora a descoberta de um créme ideal, que conserva e dá brilho, amaciando o calçado, pondo de parte completamente, o emprego da essencia de terebentina, que é o maior destruidor dos cabedais. A sapataria Contente Ld.ª da rua do Carmo 74 conseguiu o exclusivo da representação do **Créme Cristalino**, que dispensa o uso de pomadas e dá toda a garantia, como até agora não se conhecia egual, nem mesmo nos crémes de proveniencia inglêsa.

Africa Austral Portuguesa

E' na proxima quinta-feira, 22, que pelas 21,30 horas tem lugar na sala Algarve da Sociedade de Geografia a prometida conferencia do tenente coronel Ribeiro Vilas que foi chefe do Estado maior em Angola e cujo tema será «A Africa austral portugueza».

Os socios da Sociedade de Geografia podem fazer-se acompanhar de senhoras de suas familias.

Alberto da Conceição Silva

Alberto da Conceição Silva, 18 anos, empregado na Empreza Insulana, filho do nosso querido amigo capitão da G. N. R. sr. Manuel José da Silva e da snr.ª D. Maria da Conceição de Oliveira e Silva, suicidou-se ante-hontem, dando um tiro no coração, no Parque Silva Porto, em Bemfica, por um motivo de honra. Pede-nos aquele nosso desolado amigo para noticiar que o funeral do desditoso moço se realisa amanhã, 21, ás 15 horas, saindo da Calçada de S. Vicente, 91-1.º, séde da Academia dos Leaes Amigos. A' familia enlutada os nossos sinceros pezames...

Na margem do futuro Convenio

Por lapso deixamos ontem de mencionar que o artigo publicado por nós subordinado a este titulo é do nosso colega *Lourenço Marques Guardian*.

Liceu de Camões

Em seguida á incumbencia que lhe foi cometida pelo sr. ministro da Instrução, o reitor do Liceu de Camões, sr. Claro da Rica, iniciou o inquerito sobre as afirmações feitas num jornal de Lisboa, ácerca de algumas acusações dirigidas contra tres funcionarios daquele estabelecimento de serviço.

Conferencia

O senador sr. Ribeiro de Melo, conferenciou hoje com os srs. ministro da Instrucção e secretario geral do ministerio, sobre assuntos de interesse para o districto da Guarda.

Expo'sição Interessante

A importante casa Barros & Santos da rua Aurea 234 a 242 concedeu as suas montras para expor ao publico as amostras dos produtos originais que do Laboratorio Farmacologico de Lisboa vão figurar na exposição do Rio de Janeiro.

Theatros e Cinemas

Estrangeiro

No Vieux-Colombier, de Paris, fracassou o drama «Saul» em 5 actos de M. André Gide. Toda a critica comenta desfavoravelmente a obra e o proprio desempenho.

● No teatro Marigny subiu á scena a nova revista em 2 actos e 13 quadros de MM. Zepp e Henri Batellle «La Revue de Marigny 1922».

● O teatro Femina montará no proximo mez de outubro a nova peça de Pierrô Pradier «Le Venin».

● Depois da temporada que a companhia dos bailados russos fez na Opera de Paris iniciou a mesma companhia uma serie de espectaculos no teatro Mogador onde no proximo dia 25 terá lugar uma festa em beneficio da «Sociedade de socorros aos escritores e sabios russos» sob o patrocinio do principe de Monaco.

Noticiario

Entre nós

O emprezario Luiz Ruas só interromperá a sua exploração, no teatro Apolo, em março do ano proximo, quando fôr ao Brazil, com a sua companhia, voltando, no regresso, para o referido teatro.

● Trabalha-se de dia e de noite, no teatro S. Luiz, para a inauguração da temporada de verão, cuja data, será, em breve, fixada: A peça que a preencherá é a «Revista do Praxedes», original do André Brun, com musica original e coordenada, do maestro Vasco de Macedo, o quadro dessa peça, intitulado «Rua de S. João dos Bemcasadores», foi assim distribuido: «Praxedes», Sebastião Ribeiro; «Quico», Zulmira Bettencourt; «Genoveva», Antonia Mendes; «Fifi», Filomena Casado; «Balbina», Raquel Moreira; «Genio», Viriato Lima.

● Talvez ainda na semana corrente se faça á remontagem da peça de Bernstein «O segredo», no teatro Politeama.

● José Paulo da Camara e Humberto Lima e Oliveira estão trabalhando numa nova opereta, extrahida da «Morgadinha de Val Flôr» de Pinheiro Chagas, a qual terá musica de Filipe Duarte e será uma das primeiras peças a ser levada á scena no teatro S. Luiz, na proxima epoca de inverno.

● Consta que José Ricardo e Ilda Stichini, societarios do teatro Nacional, vão requerer oficialmente a cedencia daquele teatro para nele fazerem a exploração da epoca de verão. Em seguida, farão, durante o mez de Setembro, uma pequena «tournée», com varias peças de sucesso, entre as quaes, «Simões» e «Centenario».

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Condenado».
AVENIDA—A's 9,15—«A Maluquinha de Arroios».
POLITEAMA—A's 9,30—«Entre giestas».

Teatro musicado

SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparotes»
CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade
SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores

Como se normalisa a vida economica

A redução dos transportes em Inglaterra

As companhias dos caminhos de ferro da Grã-Bretanha anunciaram ultimamente certas reduções bastante modestas na importancia dos fretes, principalmente no importe dos fretes relativos no trafego de minerios. Essas reduções são consideradas insuficientes pelo corpo comercial e industrial, e na verdade pouco mais fizeram do que estimular os comerciantes a pedir mais largas reduções, visto, segundo eles declaram elas serem absolutamente necessarias para que o comercio se restabeleça e reviva. Discorrem tambem comerciantes e industriais acrescentando que se os importes cobrados pelos fretes sofressem uma redução geral os caminhos de ferro não perderiam, porque o volume do trafego aumentaria muitissimo; ou que, mesmo no caso de resultar alguma perda temporaria de receita dos caminhos de ferro, as companhias se acham em situação de a suportar e deveriam arriscal-a no interesse geral da nação.

Ao observador extranho imparcial torna-se excecionalmente dificil julgar do valor das razões aduzidas; porquanto, áparte os relatorios sobre o trafego os quais formam um reduzido campo de que se tirem uteis deduções, não se podem obter informações suficientes relativas á actual experiencia financeira que está sendo aplicada nos caminhos de ferro britanicos.

A' imitação dos caminhos de ferro americanos, as companhias não publicam mensalmente contas claras dos resultados obtidos. Se elas o fizessem o problema do frete daria mais facilmente logar por ele proprio a uma decisão. Os comerciantes acrescentam que as companhias estão de posse de fundos suficientes, sem contar as importantes somas de compensação monetaria recebidas do governo, para assegurar a manutenção dos dividendos, senão inteiramente ao mesmo nivel, pelo menos numa altura e grau razoaveis. E o facto é que os seus argumentos parece chegarem a convencer o mundo bolsista pois que durante as ultimas semanas os fundos do caminhos de ferro britanicos teem sido a secção mais movimentada e saliente da Bolsa de Londres.

E' obvio que os compradores de fundos téem vistas favoraveis com respeito ao futuro dos caminhos de ferro, o que está em muito vivo contraste com o pessimismo dominante ha um ano, e tomando em globo os fundos ordinarios eles mostram uma alta superior ás mais baixas cotações do ano passado, a qual se eleva de 20 a 40 por cento, ou, para sermos justos, de 20 a 40 pontos.

Este movimento mostra incidentalmente que os possuidores de economias e compradores de fundos não receiam que se dêem resultados prejudiciaes com uma generosa e vasta reducção do importe dos fretes, pela qual o mundo industrial insiste com tanta firmeza. Pelo que toca a mais elevados pontos de vista, «sir» Eric Geddes, o principal especialista em transportes, acaba de enunciar a sua opinião de que a amalgamação ou união por grupos que está sendo levada agora a efeito representará eventualmente para os caminhos de ferro uma economia de 20 milhões de libras por ano.

Quando a lei dos caminhos de ferro passou o ano, passado no parlamento as companhias conseguiram que ficasse consignado nessa lei o principio de que o importe dos fretes seria fixado de maneira a fornecer aos caminhos de ferro «uma receita padrão». No terreno financeiro é do interesse dos caminhos de ferro defender fortemente este principio, mas os economistas e os homens de negocio chegam rapidamente á conclusão que o principio é falso. Se as taxas devem ser calculadas e reguladas com esta mira e fórma, nesse caso elas, deverão ser baixas nas epocas de grande actividade comercial, e altas nos periodos de estagnação comercial; ora, é precisamente, em tempos dificeis, como o actual, que o comercio necessita do estimulo e do concurso fornecido pelas baixas taxas dos fretes. A controversia está a assumir um logar importante e nas presentes discussões economicas.

Na margem do proximo Convenio

Lourenço Marques porto hulheiro

O veu que envolve as negociações do futuro Convenio foi já, ligeiramente levantado pelo presidente do Ministerio da União Sul-Africana nas referencias que fez á exportação de carvão quando manifestou a esperança de que uma porta de saida suficiente seria fornecida pelo porto de Lourenço Marques em resultado das negociações que estavam sendo entaboladas entre os dois Governos.

O general Smuts foi mais longe e predisse que, dentro de poucos anos, a industria carvoeira se tornaria numa das grandes industrias do paiz, e caso isso se dê, podemos muito bem esperar que Lourenço Marques dada a sua proximidade das areas hulhiferas do Transvaal, se transforme numa especie de Cardiff Sul Africano.

Isso não deixaria de ser agradavel mas para se conseguir, sejam quais forem as aspirações que tenhamos nesse sentido, ainda ha muito a fazer na União e nos mercados do além-mar.

O nome de Lourenço Marques como estação carvoeira deve ser firmado e mantido no mais elevado nivel, os mercados do além-mar devem ser reconquistados e alargados, e, quanto á União, não deve ela reincidir na politica ferroviaria que seguiu no passado transportando carvão para o porto do Cabo atravez de um percurso de 1.300 milhas mais do que a distancia que teria a percorrer quando enviado para Moçambique fazendo assim concorrencia a Lourenço Marques por motivos puramente politicos.

A politica dos caminhos de ferro deve ser uma politica comercial e o trafego de exportação devé ser feito atravez da porta mais proxima sendo colocado ali por um preço que lhe permita concorrer aos diferentes mercados do mundo.

Esperamos contudo que o aproveitamento deste porto se não limite ao carvão. Se Lourenço Marques é o porto mais economico para a expedição de carvão, a mesma vantagem deve oferecer, como na realidade oferece, a todo o outro trafego tanto de importação como de exportação, e alimentamos por isso a esperança de que no acordo a que se chegar, seja ele qual for, esse facto será tido na consideração devida. O general Smuts prevê um firme, e possivelmente rapido, regresso da prosperidade á Africa do Sul como consequencia em grande parte, da industria mineira de ouro entrar numa nova fase de vida.

Para essa prosperidade Moçambique contribuirá, provavelmente, de modo muito consideravel por intermedio da sua mão de obra indigena e não será demais pedir que justa e praticamente se reconheça esse facto a favor do desenvolvimento do comercio do porto numa escala maior do que no passado, tanto mais que dai advirá um beneficio directo para o comercio e industrias estabelecidas dentro da sua área geografica. Por outras palavras deve-se permitir que o movimento comercial siga, ao maximo, o seu curso natural, e quanto menos se interferir com ele por meios artificiais tanto melhor para nós e para uma vasta area da União.

A necessidade do trabalho

impõe-se de dia para dia como causa indispensavel de ressurgimento

Quer dentro das fronteiras de cada nação, quer internacionalmente, desde que findou a grande guerra, se veem continuamente sucedendo conferencias e reuniões de toda a ordem sobre os variados e multiplos problemas de caracter mundial, que profundamente e avassaladoramente assoberbam e atrofiam todos os paizes.

Alguns anos vão decorridos, depois que a sangreira horrivel terminou e que com o armisticio se procurou trazer a paz á Europa, ou melhor, ao mundo inteiro e, no emtanto, apesar de um sem numero de congressos, conferencias, comissões e scientistas se terem dedicado ao estudo desses problemas, a unica formula, até agora apresentada para tentar resolve-los, é apenas a de que se reconstitua o trabalho tal como ele estava antes de 1914.

E' pelo trabalho, sem duvida, que as nações poderão refazer-se das forças gastas durante o longo periodo da guerra; é pelo trabalho, origem de toda a producção, que as nações poderão reconstituir-se, reabilitar-se, progredir e enriquecer.

Ninguem poderá afirmar que a Alemanha não tenha sido uma das nações que mais intensamente foi abalada e ferida pela grande hecatombe e, comtudo, apesar das grandes somas que tem sido obrigada a dispender em reparações ás nações vitoriosas, a sua situação interna é inegavelmente uma das mais desafogadas, não se debatendo o povo daquele paiz com as enormissimas dificuldades com que todos os outros se debatem.

Nada ha a esperar, nenhuns resultados eficazes advirão das reuniões internacionais que se projectam realisar.

Tudo quanto ali se resolva fazer não poderá deixar de subordinar-se ao trabalho que cada nação de per si possa realisar e, nesse caso, todas as nações, mormente aquelas que, como a nossa, disponham de colonias, que uma vez aproveitadas poderão fornecer-nos de tudo quanto agora carecemos de procurar no estrangeiro, de uma terra tão milagrosamente fertil que absolutamente nos garante uma larga remuneração ao trabalho e ao capital que lhe consagremos, do produtos que representam, sem duvida, uma enormissima riqueza a explorar, de trabalhadores que nenhuns outros igualam, de todos os elementos, emfim, indispensaveis para tornar prospera e grande qualquer nação, poderão, evidentemente, reorganisar-se, á sua propria custa, desde que saibam aproveitar-se, lançar mão do que é seu, do que possuem adentro do limite das suas proprias fronteiras.

O trabalho deixou de ser uma virtude nobilitante para passar a ser considerado como uma especie de castigo que a todo o custo se deve procurar evitar. E ai está o maior, o grande, o predominante mal de que enfermam todas as nações.

A Provincia na "Capital"

Festas em honra dos aviadores

PORTALEGRE, 19.—A cidade continua em festa. Tanto os edificios publicos como os particulares continuam embandeirados, ouvindo-se de espaço a espaço o estampido dos morteiros e o estralejar dos foguetes.

A marcha aux flambeaux promovida pela Camara Municipal para a inauguração da lapide com os nomes de Gago Coutinho e Sacadura Cabral foi uma verdadeira apoteose.

Milhares de pessoas acompanhadas da Camara Municipal e Centro Democratico com os seus estandartes, elemento oficial, bandas de infanteria 22, Euterpe e Bombeiros, formavam um enorme cortejo até junto do quartel da Guarda Fiscal onde foi inaugurada a mesma lapide.

Duma das janelas do quartel da Guarda Fiscal usaram da palavra proferindo calorosos e patrioticos discursos o governador civil substituto sr. Antonio Bentes de Oliveira, José Marques Lemos e João de Brito, que eram sublinhados pela enorme multidão com grandes aplausos.

As bandas executavam a Portugueza enquanto a multidão aclamava a Patria, as Republicas Portuguesa e Brasileira e os heroicos aviadores.

O cortejo desfilou pelas ruas da cidade realisando-se em seguida no salão nobre da Camara Municipal a conferencia promovida pelo Gremi Transtagano, sendo conferente o sr. Luiz Alves de Sousa Gomes que proferiu um patriotico discurso ouvindo grandes aplausos.

A Camara Municipal distribuiu um bodo a 300 pobres.

Hoje tem lugar o festival noturno promovido pelos Bombeiros Voluntarios em que toma parte a mesma banda.—(C).

SPORT

MEMORIAS DO ATHLETA

RUY DA CUNHA

VIII

Luta...

Os «matches» nulos, a desistencia de um dos lutadores, a intervenção dos membros do juri, as apostas e os premios financeiros, as «rasteiras» e violencias» dos selvagens, a mudança do nomes, do peso e até da nacionalidade dos lutadores, tudo é medido, pesado e ensaiado.

* * *

Não quer isto dizer que não haja desafios sinceros, pois muitas vezes os lutadores lutam para afirmar o seu valor e todos os campeões do mundo são homens de grande classe como Paul Pons, Hackenschmith, Raicevitch, Zbysco, Padoubay, Laurent e Petersen, mas sempre se sabe quem em qualquer torneio sai vencedor.

A organisação de uma troupe de luta é hojo mais dificil, do que arranjar um elenco para uma companhia de declamação.

Para ter garantias de exito, e para que possa representar o grande reportorio, precisa de um campeão autentico, como Pons, Petersen, Padoubay, Zbysco ou Raicevith, que dão o nome á troupe, de um lutador simpatico, o galã da companhia, como Constant de Marin, ou Lurich, um lutador violento, o cinico da peça, como Shakman, Caseaux, Smetkal ou Ajax, e um atleta forte especialista de pezos, como Ciclop, Apolon, Le Breton ou Deriaz para os celebres matches da força contra a sciencia...

Com estes elementos está a companhia pronta a representar a peça do grande espectaculo chamado o «campeonato internacional de luta...»

E cada lutador encarna-se no papel que lhe é destinado, alguns como em savoir faire, digno de um grande actor.

E' claro que esses papeis são sempre dados ás estrelas, o resto, a figuração, os campeonatos de luta romana, são para eles apenas a luta pela vida...

* * *

Conservei-me em Paris e instalei residencia num «apartement», em companhia de Serpa Pimentel, que ali se encontrava, a banhos... de «champagne...»

Serpa, o «Xico Serpa», tipo de bohemio, fidalgo de sangue, com laivos esbatidos de marialva, fazia sempre o contrario daquilo que pensava.

Ido para Paris, tirar o curso de professor de ginastica da Escola Desbonet, aprendia no Maxim e nos bistrots de Montmart, depois matriculou-se na Escola Medica mas estudava na Ginasio de Rampazzi e o facto é que, apesar disso, tornou-se um belo exemplar de cultura fisica, e conseguiu dar conta das lições se [illegible].

Como?

Misterio, que nunca consegui desvendar...

O que fiquei sabendo é que Serpa Pimentel era um «camarada» bom «vivant», e vendo a vida com lunetas cor de rosa.

Nós dois, a quem mais tarde se juntou Alberto Silva, pintor [illegible], e Pigassou, passamos alguns [illegible], pelos quais eu daria dois [illegible] de vida.

Paul Pigassou merece menção especial.

Onde nasceu? Misterio. De quem nasceu? Outro misterio, «globe-trotter», banqueiro, «book-maker» professor de «savate», emprezario de cinemas e interpetre, Pigassou é um personagem de romance, aparecendo e gastando á larga, quando a sorte o bafejava, e fazendo ausencias grandes, quando estava em pano...

Durante alguns mezes, o segundo andar da Rua Condecet, foi teatro de scenas maquiavelicas, treinos de sport, ou bacanais romanas, com a ajuda mais ou menos desinteressada de muitas mundanas de varias cores e feitios.

Houve uma ocasião que tendo eu e Serpa uma «colage» com duas interessantes «midinettes», ambas de nome Yvone, foi decidido numera-las com os numeros 1 e 2, para evitar confusões.

Sim porque de noite todos os gatos são pardos...

No meio disto, Serpa tirou o curso e eu trabalhava, ora lutando de «catch», ora com o numero de força.

Tudo tem fim...

O curso acabou, os contractos correram, as Yvones fugiram, e eu voltei a Lisboa, deixando Serpa Pimentel numa nova fase, a de escrit[or]. Foi a que menos me admirou, pois fôra sempre costume antigo o escrever... cartas para a familia, pedindo aumento de mesada...

Tempos que não voltam mais.

(*Continua*).

RUY DA CUNHA

NOTICIARIO

COMITÉ OLIMPICO PORTUGUEZ

A Federação Portugueza de Box convida os srs. Francisco [illegible], Manuel Latino, Carlos Vilar, Carlos Esteves, Florencio Domingues, Cezar Carreira e um delegado da Comissão Organisadora da Federação de Esgrima, a comparecerem na proxima quinta-feira 22 ás 21 horas na sede provisoria da F. P. de B. (Ginasio Club Portuguez) —Rua Serpa Pinto 4, a fim de tratar dum assunto urgente que interessa o C. O. P.—Pela F. P. de B.—Francisco [illegible]s.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

ROMANCE DE UMA ALMA

por Julio Cesar Machado

Cheguei emfim. Encontrei Margarida ajoelhada numa das latadas do jardim, remexendo a terra em redor de uma flor. Levantou-se, segui-a: depois de andar pelos alegretes murmurando baixinho uma trova que eu lhe ensinara, sentou-se á sombra de um platano e endeixou as flores que trazia no avental. A's vezes interrompia-se e inclinava imperceptivelmente a cabeça sobre o ombro para observar o raminho: de repente escolheu um malmequer e arrancou uma a uma as pequeninas petalas, dizendo:

— Quere-me pouco... muito... nada!

O rosto, corado pelo calor, parece que lhe brilhava; os olhos sorriam ao mesmo tempo que os labios e a mão pendente no joelho ficou ainda segurando a flor já sem corôa, depois mesmo do oraculo ter dito a verdade, acabando em «muito!» Eu mergulhava num inefavel extase e tinha pena de estar sem corpo, para retomar uma forma e cair-lhe aos pés, expirando de felicidade! Demoro-me nestas frivolidades, porque só elas nos meus sofrimentos me animaram; elas que são agora o meu ultimo gôzo, porque, ámanhã, de nada já me lembrarei!

Passou-se aquele dia como um sonho feliz e veiu encontrar-me a noite perdido no crepusculo, contemplando Margarida, que estava a ouvir cantar os passarinhos e a ver esconder-se o sol.

Não tive forças de partir. Erguia-se em mim um tremor de encanto e de ternura, quando lhe seguia as pisadas. Em a minha alma estando sósinha ao pé dela, havia nos meus sentimentos uma pureza angelica, que já não se dava em eu estando restituido ao meu ser completo.

Nessa segunda noite esteve a cantar e eu escondi-me no seio dela, para lhe escutar a voz. Quando entrou na alcova, principiou a toucar-se de madresilva e, depois de enfeitada, poz-se a fazer cortezias diante do espelho. Era um espectaculo invejavel, vê-la meia vestida, com a fronte cheia de flores, rir e saltar com os seus pésinhos côr de rosa.

Adormeceu. Estava-lhe inquieto o sôno; o suor humedecia-lhe as fontes, agitavam-se-lhe as mãos convulsamente, ao passo que parecia lutar contra a opressão de um pesadelo; descompunha-se-lhe o rosto numa expressão de espanto e gritava de vez em quando o meu nome.

Já era tearde, quando a mãe de Margarida entrou no quarto.

— Estás doente? disse-lhe, beijando-a. Pareces abatida.

— Não, mamã, replicou Margarida; mas esta noite tive um sonho horrivel; sonhei que ouvia uma voz conhecida, que chorava debaixo da terra e outra voz que respondia: — «E' tarde! nunca mais voltarás!» A estas palavras voltou-me a memoria. Havia sessenta horas que eu abandonara o meu corpo. Passou por mim um terror vago e desprendi o vôo. O ceu estava pesado de trovoada; levava-me um vento quente como o bafo de uma forja; os passaros refugiavam-se nas arvores; os sinistros corvos grasnavam em redor de mim; e eu a dar-me pressa; e eu a correr, e eu a devorar o espaço...

Ia finalmente socegar minha mãe. Quando cheguei defronte de minha casa, surpreenderam-me dois espectaculos desusados. Estavam uns homens de tochas na mão e punham-se panos pretos nas janelas. Precipitei-me na alcova, estava tudo em desordem; e não vi o meu corpo deitado na cama. Cheio de susto, corri ao quarto de minha mãe. A pobre senhora estava com os olhos fechados, o rosto palido e de mãos juntas; falou-lhe alguem ao ouvido e murmurou palavras que eu não pude ouvir. Ela exclamou entre soluços: — meu filho! o meu querido filho! quem havia de dizer que morreria assim tão moço e de uma maneira tão cruel!

Compreendi então. Durante a ausencia da minha alma, tinham-me julgado morto e chamado os medicos. Depois de discutirem muito, haviam declarado que eu sucumbira a uma apoplexia fulminante. Para se confirmarem, fizeram autopsia e praticaram no meu pobre corpo uma abertura enorme por onde a minha alma se veria obrigada a fugir.

Ficava-me uma esperança; orei, fui á igreja e ao cemiterio. Era tarde! Já tinham resoado no meu esquife as ultimas pasadas de terra e a turba retirava triste.

Voltei para casa perdido, chorando a minha imprudencia e a faculdade maldita que a causara. Durante muitos dias, absorto na desgraça, permaneci imovel, contemplando com desespero a dôr que eu proprio suscitara.

Já se tinham passado dias desde que eu morrera para todos, quando uma manhã se abriu a porta e Margarida se lançou nos braços de minha mãe. Vi então a que ponto era eu amado e que tesouro de amor perdera. Fiz um esforço sobrehumano para falar e fazer compreender a minha presença; quiz gritar-lhes: — Oh! não choreis mais, criaturas queridas; estou ao vosso lado, invisivel, mas amando-vos sempre; o meu corpo partiu, — mas ficou a minha alma, que não vos desampararᒠ
Foram impotentes os meus esforços e permaneci mudo e impalpavel; invejava a sorte de meu corpo, que dormia para sempre e não tinha já que sofrer. Sentia-me tão infeliz, que teria querido morrer e não podia, por estar senhor da minha eternidade!

Passou-se isto ha dois anos e desde êsse tempo faço parte dessas legiões de almas, que vagam nos espaços, sem forma e sem ruido, e ficam ignoradas nos ares, até que a Deus apraza fechá-las em corpos novos!

Durante longos dias me fugiu a coragem; a desgraça quebrara-me; ao meu infortunio mesmo, á magua de ter perdido a unica pessoa para quem eu quizera viver, ao remorso dos sofrimentos que espalhara nos meus amores, juntava-se o horror do futuro. «Ao menos, dizia, já que não posso aparecer de novo aos seus olhos sob a forma que lhe agradou, nunca mais hei de deixá-la, seguir-lhe-hei a sombra e dormirei sobre as suas palpebras».

(Continúa)

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

Perguntas insoluveis de toda a especie

Qua... bam os Transportes ...ios do Estado?

N.º 4110-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Quarta-feira, 21 de Junho de 1922

Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Rosa, 71 — Preço 10 centavos

A proscripção

O que ontem se passou na Camara dos Deputados foi simplesmente assombroso. Interrogado sobre as prisões mandadas efectuar na ante-vespera e as deportações que depois se lhe seguiram, o sr. Antonio Maria da Silva não guardou da Conrart o prudente silencio, antes manteve-se numa tal esfera de generalidades, que ninguem ficou sabendo quais os motivos que o levaram a tomar uma medida, que, diga-se o que se disser, é gravissima.

O sr. presidente do Ministerio rodeou-se de evasivas, de sofismas, de subterfugios, para, na realidade, não afirmar senão duas coisas. A primeira, é que existem indesejaveis em Portugal. A segunda, é que os oficiais presos não foram senão objecto de uma simples mudança de residencia.

Interessantissima argumentação! Indesejaveis chama o sr. Antonio Maria da Silva aos oficiais presos, todos êles, republicanos, porque não ha que falar no sr. João de Almeida, que não foi banido e que parece mesmo ter sido excomungado pelos seus correligionarios monarquicos, em consequencia de não ter querido assistir ao almoço em honra do sr. Ayres de Ornelas, onde os realistas proclamaram que implantariam a monarquia quando quizessem. Mas para que êsses oficiais possam ser reputados indesejaveis, é mister que se prove andarem metidos nalguma conspiração ou terem praticado actos subversivos. A verdade é que não só não foram julgados por tais delictos, como que nem sequer o sr. presidente do Ministerio enunciou contra êles qualquer acusação concreta.

Dir-se-ha que já tomaram parte em revoluções e, por isso, se pode presumir que venham ainda a entrar noutras.

Mas, não só semelhante criterio é admissivel perante a mais rudimentar noção de justiça, como tambem nos levará muito longe se o quizermos aplicar rigorosamente. Se ter entrado em revoluções é um atestado de indesejavel, então a politica portuguesa, quer monarquica, quer republicana, estaria cheia de indesejaveis, e Portugal despovoar-se-hia.

Indesejavel, o sr. Ayres de Ornelas, que esteve em Monsanto, dirigindo o movimento monarquico, depois de faltar redondamente á sua palavra; indesejaveis, todos os monarquicos, ainda ha pouco amnistiados; indesejaveis, muitos republicanos dos mais eminentes; indesejavel, o proprio sr. Antonio Maria da Silva, que abriu e abrilhantou a sua carreira politica por meio de processos revolucionarios.

Depois disto, o chefe do Governo encontrou um eufemismo encantador para substituir as palavras: banimento, deportação, proscripção, degredo. Encontrou a palavra: mudança de residencia. O sr. Antonio Maria da Silva pega num cidadão português, que tem a sua vida, os seus negocios, a sua familia em Lisboa. Manda-o para Angra, para Angola ou para Timor. O que fez? Simplesmente transferir a residencia êsse cidadão. Não ha nada mais natural, mais inofensivo, mais vulgar. Só lhe falta que o chefe do Governo escolha tambem a casa onde êsse cidadão vá residir, e essa casa poderá ser alguma confortavel masmorra, algum aprazivel calabouço das prisões do Estado.

Em todo o caso, ha alguma coisa mais interessante ainda do que a atitude do sr. Antonio Maria da Silva. E' a atitude do publico, que deixa passar todos êstes factos, demonstrativos do mais insofismavel arbitrio, no meio de uma indiferença gelida. Onde está o sentimento do direito, indispensavel numa democracia? Onde está a sensibilidade republicana, que não pode deixar de vibrar perante um ataque ás liberdades essenciais? Nada! Deixa-se passar sem protesto um acontecimento que noutra parte daria justificadamente ensejo aos mais vivos protestos da opinião!

Não queremos saber quem são os oficiais vitimas desta autentica perseguição politica. Com a politica de todos êles estamos em desacordo. Mas entendemos que a Republica não se prestigia nem se salva, se em vez de sermos um paiz livre dermos ao mundo inteiro a impressão de que vivemos no regimen de um arbitrio, que é a negação da liberdade, do direito e até do senso comum.

EM MOÇAMBIQUE

Muito ouro!

Um pouco de estatisca e de contas, para apuramento do que custa o sr. Heitor de Magalhães Passos, director do Ensino na provincia de Moçambique.

Só num ano, a Direcção Geral do Ensino engolia para mais de Lb. 4.600.000 = 12 contos; só a sua parte o Director arrecadou e fez gastar em transportes, aproximadamente Lb. 930 = 10 contos.

Logo:

importancia gasta num ano com a Direcção do Ensino, para mais de 76 contos; importancia gasta só com o Director, um pouco mais de 46 contos.

Ligâmos o Activo com o Passivo:

A legislação saida da Direcção do Ensino até ha pouco tem 17 artigos. Se dividirmos as despesas feitas com a Direcção pelo numero de artigos da legislação produzida pelo sr. Heitor M. Passos, ver-se-ha que cada artigo ficou aos cofres publicos por mais de 4.170$000; se dividirmos a despesa feita com o Director do Ensino pelos artigos dos diplomas que escreveu, veremos que cada artigo da prosa do sr. Passos ficou ao Estado em mais de 2.705$000.

Um pouco mais expressivo: Cada linha dêsses artigos, considerando as despesas feitas com a Direcção, custou aos cofres publicos 607$00; considerando apenas a quantia absorvida pelo sr. Heitor de Magalhães Passos, cada linha ficou-nos pela bagatela de mais de 375$00.

Inclusivé considerando o tudo: Cada linha do activo do sr. Director do Ensino custou aos contribuintes de Moçambique alguma coisa mais de 315$00!

Defendam o calçado

Usando o Creme Cristalino que não engraxa e aguarda as suas fabrico. Depositario exclusivo Sanataria Cont. nic Ld. Rua do Carmo 74.

Farinha Lucto-Bulgara

O ... ideal para crianças e ... Superalimento em fracos, recomenda os intestinos e pode-se preparar com qualquer outra farinha. ... Rua Vieira Ld. Rua da ... 51

EXPOSIÇÃO — DO — Rio de Janeiro

O que se passa no Brasil e o que está acontecendo por cá

Um *reporter* do brilhante jornal *A Patria*, do Rio de Janeiro, fez uma visita ao local onde se estão levantando os pavilhões para a Exposição do Rio de Janeiro. Colheu informações dos delegados estrangeiros e verificou que, mais ou menos, tôdas as construções estavam atrazadas, á excepção das secções de Inglaterra e Portugal. Acerca da actividade que notou na secção portuguesa, o jornalista exprime-se assim:

«Uma grande e bela actividade, feita com segurança.

Muitos homens que trabalhavam com alegria. Chefes e operarios identificados pelo objectivo da obra. O dr. Malheiro Reimão, um moço de muita energia e inteligencia, é o engenheiro-chefe do serviço de construção. Sorriu e disse-nos:

— Sem a menor duvida! Como vê, tudo parece ainda por fazer. Mas já temos tudo quasi feito... No dia 7 de Setembro os dois pavilhões portugueses estarão prontos.

E, com humorismo:

— E' da letra. Pode dizer n'*A Patria*, o jornal amigo de Portugal, porque não deixaremos *A Patria* dizer uma coisa menos certa, informada aqui.

— E os demais paizes? Qual o seu prognostico?

O dr. Reimão fez-se discreto, limitando-se a estender o braço em direcção a uma area de terreno duvidosa como o departamento de um palacio traçado a giz:

— Lá está, por exemplo, o pavilhão italiano.»

A' vista disto, pode parecer que vai tudo bem. Pois vai tudo mal, muito mal mesmo!

Graças ao despreso a que o Parlamento vota todas as questões de interesse verdadeiramente nacional, as obras foram suspensas, não se pagando integralmente — ainda por cima! — aos operarios brasileiros que no Rio de Janeiro trabalhavam por conta do Governo português. Ha muito tempo que na Camara dos Deputados se arrasta lentamente uma proposta de lei reforçando o credito destinado ás despesas da secção portuguesa naquela Exposição. E' certo que as comissões de Comercio e Industria e das Finanças já deram os seus pareceres. Não ha, porém, pressa de a discutir e votar, com a circunstancia de que o Senado terá de se pronunciar depois da Camara dos Deputados. A avaliar pelos vagares até hoje havidos e verificados, o credito será concedido ou negado quando já fôr inutil, isto é, depois de encerrada a Exposição. Estas coisas só acontecem entre nós!

Devemos, a proposito, fazer uma ligeira referencia a uma afirmação ontem produzida pelo sr. Mariano Martins. O ilustre parlamentar, referindo-se a outro jornal que não a êste, entendeu dever afirmar que algumas locais, em que eram censuradas tão injustificaveis demoras, constituiam materia paga com dinheiro do Estado. Não lemos nada com o que se passa nos outros jornais. Entendemos, porém, deixar aqui bem expressa a afirmação de que as locais publicadas em *A Capital*, castigando o Governo e o Parlamento pela sua inercia, são da responsabilidade unica da redacção *e não são materia paga*. E isto fica dito duma vez para sempre.

Em vez de lançar suspeições sobre o patriotismo que guia a forma de pensar dos jornalistas, melhor faria, mais proveitosa obra realizaria o sr. Mariano Martins empregando os seus bons oficios e toda a sua influencia politica, que é muita, em dar impulso á discussão da proposta governamental que reforça o credito destinado ás despesas da representação de Portugal na Exposição. E, quando falamos em discutir, não dizemos aprovar. Discutir para aprovar ou regeitar, isso sim. Porque há uma coisa muito peor do que não concorrer á Exposição e essa coisa é concorrer mal, tarde e a más horas. Ora parece que é a isso que Portugal está condenado, por obra e graça dos estadistas que o governam.

O concurso de montras

O seu resultado provoca descontentamentos entre os comerciantes

O resultado final do concurso de montras provocou entre os comerciantes da Baixa geral descontentamento. Segundo a opinião de alguns dêsses comerciantes, as classificações do juri são iniquas, tendo obedecido aos empenhos de que foram acumulados os individuos que compunham o referido juri.

Alguns comerciantes recusam-se mesmo a receber as menções honrosas que lhes vão ser distribuidas e que, em seu entender, nada mais representam do que uma pretendida consolação, fora do programa do concurso e improvisadamente engendrada, para lhes serem tiradas as classificações e os premios a que se julgam com direito.

Não sabemos até que ponto vai o fundamento das queixas e reclamações dos comerciantes da Baixa, porque só um exame demorado e rigoroso podia determinar um criterio seguro e imparcial sobre os mostruarios mais variados que apresentaram recentemente os nossos estabelecimentos comerciais. Não ha duvida, porém, que o que resalta imediatamente ao espirito é que o juri que preside a um concurso de estetica tem de admitir, evidentemente artistas, individuos com uma intuição reconhecidamente estetica, que não são precisamente os senhores que, com tanta desenvoltura e precipitação se pronunciaram sobre este certamen.

Um extraordinario choque

Um hidro-avião vai de encontro a um paquete

PARIS, 21. — Deu-se em Cherbourg um extraordinario acidente. Quando estavam desembarcando os passageiros dum vapor da «Royal Mail» um hidro-avião pertencente á marinha francesa e que voava muito baixo, arrastou, partindo-o, um dos mastros do navio e arrasou lhe os dois cones, causando o maior panico nos passageiros.

O hidro caiu ao mar, sendo tirados do aparelho o piloto e o tenente observador gravemente feridos. — (H.)

As acusações do sr. Presidente do Ministerio

Como noutro lugar salientamos, encontramo-nos todos, portugueses, em face de acontecimentos que não logram apaixonar as grandes multidões populosas mas que teem provocado certa efervescencia em meios mais ou menos limitados onde se discute com acrimonia a atitude tomada pelo Governo.

Entre os actos do sr. presidente do Ministerio que ele justificará como puder e como entender, existem entretanto algumas afirmações que nos são directamente dirigidas a nós, imprensa, ou parte integrante da imprensa.

Começou o sr. Antonio Maria da Silva por constatar a existencia de certos elementos que ele proprio qualificou de «irrequietos» e que urge manter em severa disciplina. E referindo-se a essa disciplina, aludiu á imprensa que porventura, lhe discutia ou lhe criticava os actos publicos usando dum sacratissimo direito pago com rios de sangue, — acusando-a de enfeudada aos financeiros.

Temos fortes motivos para pensar que o sr. presidente do Ministerio se equivoca singularmente invocando uma classe que se alguem favorece e se alguem enfeuda — é pura e simplesmente o proprio governo. Ninguem pode ignorar e ninguem de boa fé ignora que a Imprensa, pelo menos a Imprensa que não é poderosa, passa neste momento por uma crise de suprema angustia, lutando contra dificuldades de toda a especie denunciadoras da absoluta ausencia de financeiros de qualquer especie. E toda a gente de bom senso pode verificar igualmente que a maquina administrativa em Portugal, se apoia unica e exclusivamente nesses financeiros que não subsidiam jornais porque porventura subsidiam o proprio Estado.

Quem é neste momento poder? Os financeiros; dentro do governo do sr. Antonio Maria da Silva existem alguns. Quem fornece ao Estado o dinheiro em ouro de que ele carece para os seus compromissos no estrangeiro? Bem sabe o sr. Silva que são os financeiros. Quem regula monta, desmonta, enfraquece e agita a desgraçada tabela de cambios que de dia para dia faz descer cada vez mais o valor intrinseco da nossa moeda? Os financeiros. E em quem se apoiam esses financeiros para poderem proceder assim? No governo. Quem vota leis? Quem as põe em execução? Quem as elabora? Quem as medita? Os financeiros. Quem mantem um regimen de pão que custa ao Estado centenas de contos por ano? Os financeiros. E seria um não acabar nunca de interrogações se pretendessemos continuá-las.

Eis os motivos porque afirmamos estar o sr. presidente do Ministerio singularmente equivocado ao afirmar que a Imprensa se encontra enfeudada aos financeiros. Quem tenha olhos para os lançar em derredor poderá verificar com facilidade que nós, Imprensa, não enriquecemos e sabemos trazer com galhardia e dignidade uma pobreza que não nos envergonha.

Pela nossa parte estamos tão pobres como o eramos antes de 1910, na epoca em que os estadistas de hoje estavam bastante silenciosos e nós já pugnavamos por um ideal e por uma ordem de coisas que defenderemos sempre com fé e sem levar nada por isso. Outro tanto não se poderá dizer dos que estão do lado de lá, financeiros de hoje que foram aventureiros de ontem e que souberam enriquecer.

Foi, pois, severo e injusto o sr. Antonio Maria da Silva. Ele sabe tão bem como nós, que as coisas são de facto assim. Sabe tambem que não pertencemos áquela classe que ele definiu com o epiteto pitoresco de «irrequietos». E sabe ainda melhor que o nosso espirito de isenção não condena nem pode condenar homens — mas simplesmente ideias. O sr. presidente do Ministerio parece querer voltar á politica de 1913. Nesse momento dirigia-a o sr. Afonso Costa, dispondo de incontestavel prestigio: o que não impediu que essa politica trouxesse ao partido em que o sr. Silva milita grandes e profundas crises. E repare s. ex.ª que essa politica é perniciosa por dois motivos: primeiro, porque os tempos são outros. E depois porque o incontestavel prestigio a que nos referimos — desapareceu por completo.

O "record" jornalistico conquistado pelo "Diario de Noticias"

Não sofremos do mal da inveja. Sabemos fazer justiça a quem a merece. Não queremos deixar passar a oportunidade de prestar homenagem ao esforço que o «Diario de Noticias» tem empregado na reportagem do que se tem passado no Brasil, a proposito do «raid» Lisboa-Brasil. Hoje, por exemplo, o «Diario de Noticias» publica, na integra, o discurso que Gago Coutinho pronunciou ontem no Gabinete Portuguez de Leitura, do Rio de Janeiro. A oração do grande lusiada é tão interessante que não resistimos ao prazer de transcrever, se bem que todos os leitores de «A Capital» a tenham já visto no «Diario de Noticias». Farão nova leitura e meditarão sobre as ideias patrioticas que no discurso se contêem. Eis, pois, como o «Diario de Noticias» descreve o emocionante momento:

«Gago Coutinho sobe á tribuna e fala. Maneiras simples, gesto curto, voz quasi humilde:

— Nem que eu fosse o maior orador do mundo poderia dizer o que sinto. Há emoções que não se exprimem pela palavra. Mas não sou orador, e neste momento nem coragem tenho para falar. Sou avesso á oratoria por temperamento, quasi direi por defeito fisico.

Por isso, em vez de falar, eu vou ler quatro frases que consegui alinhavar no papel. E o sabio aviador lê, pouco mais ou menos, o seguinte:

— Eu quiz trazer um brinde para os portugueses residentes no Brasil. Um objecto de arte seria pesado de mais para o avião, que mal podia connosco e com os combustiveis; eis tende-las vós cá; flores... As flores murcham, mesmo as de retorica. (Risos)

Queria, porem, trazer alguma coisa que fosse uma recordação de viagem e testemunhasse que foram homens da nossa raça os primeiros a aportar pelo ar a esta formosa terra, como os primeiros que o fizeram pelo mar.

E lembrei-me então de uma obra de arte que não pesa, de uma flor que não murcha, porque não morreu em quatro seculos de duração e cujo valor portugueses e brasileiros reconhecem.

Essa flor, essa obra de arte, é o livro de bordo do «Lusitania» e dos «Fairey» 16 e 17 — os «Lusiadas», o livro que canta o valor e a gloria da minha raça, que é a vossa raça, brasileiros. Trago-vo-la aqui numa edição pequena, como pequeno era o avião que nos trouxe e a bordo do qual ele constituiu toda a nossa biblioteca. Guardai-o bem, pois é o unico brinde que vos podemos trazer».

E, dizendo isto, o sabio aviador tirou da algibeira um pequeno volume amarelecido, enlaçado a fitas verdes e vermelhas e em cuja capa se achavam gravadas a letras de ouro as palavras «Fairey 400».

Entregou-o ao sr. dr. Duarte Leite, descendo apressadamente da tribuna e indo sentar-se no seu lugar, muito comovido.

Uma ovação estrondosa, retumbante, interminavel indescritivel, coroou o gesto do ilustre e simpatico marinheiro».

Viagens e aplausos

PARIS, 21. — A imprensa franceza é unanime em manifestar a sua satisfação pela entusiastica e calorosa recepção feita a Poincaré em Londres, bem como pela entrevista cordealissima tida com Lloyd George. — Lat. Am.

PARIS, 21. — Após a manifestação cordeal no Hotel de Vile ao cardeal Mercier, este partiu para Bruxelas, sendo acompanhado por grande numero de pessoas de todas as classes sociais. — Lat. Am.

O Convenio com a Africa do Sul

Um depoimento valioso

A Associação Comercial dos Lojistas de Lourenço Marques, dirigiu ao Alto Comissario um oficio do qual constam as modificações que em seu entender devem ser introduzidas na moderna Convenção com o Transvaal:

Base 1.ª — Duração. — O periodo de duração da nova Convenção não deve ser superior a 5 anos, automaticamente prorogada por periodos anuais sucessivos, se seis meses antes do fim de cada periodo não fôr denunciada por qualquer das partes contratantes.

Base 2.ª — Produtos do solo. — A faculdade reciproca, agora em vigor, de serem exportados, livres de direitos e com taxas ferro-viarias minimas os produtos do solo e de para cada um dos paizes, deve manter-se e ser extensiva a toda a Provincia de Moçambique e a toda a União, com excepção de bebidas de qualquer especie.

Esta faculdade poderá ser extensiva a produtos industriais, de produtos do solo, segundo uma lista a organisar, havendo o cuidado de eliminar aqueles que possam vir a prejudicar as actuais e futuras industrias desta Provincia.

Base 3.ª — Recrutamento de indigenas para as minas. — O recrutamento de indigenas para as minas da União deverá permitir-se sob as seguintes condições:

a) Ser feito exclusivamente por emissarios portugueses, e sem nenhuma excepção, sujeito aos regulamentos que vigoram ou venham a vigorar, para os recrutamentos internos da Provincia.

b) Não ser extensivo aos distritos do norte da Provincia, pelo menos enquanto as autoridades medicas locais não julgarem suficientes, para impedir o excesso da mortalidade dos indigenas desses regiões, os providencias sanitarias e profilaticas usadas nas minas e seus «compounds», e as condições climatericas dos locais onde os indigenas tenham que prestar serviços.

c) Limitar-se o numero de indigenas que excedam as necessidades locais, considerado individualmente as necessidades de cada região.

d) As necessidades de cada região só devem considerar-se satisfeitas depois de totalmente atendidos os pedidos de trabalhadores que tenham sido feitos ás autoridades administrativas competentes.

e) A repatriação deve ser obrigatoria, findos os seus contratos, os quais não deverão ser por periodos superiores a 18 meses de estadia na União.

Base 4.ª — Regime fiscal e aduaneiro. — Sob regime fiscal, exceptuando nenhuma especie deve ser feito aos artigos com que os indigenas se fizeram acompanhar no seu regresso á Provincia.

Esses artigos devem ficar, inteira e absolutamente, sujeitos ao regime fiscal e aduaneiro que estiver em vigor.

Base 5.ª — Pagamento de salarios. — Nos contractos de recrutamento deverá determinar-se sempre que pelo menos 75 por cento da totalidade dos salarios de cada indigena devem ser pagos na séde da circunscrição administrativa a que o indigena pertence, em dinheiro esterlino. Se os pagamentos não forem feitos em moeda, (libras e meias libras), mas sim em notas, representativas do esterlino, deverão estas ser convertidas, pelo Governo, em moeda nacional, ao cambio do dia, e nesta moeda efectuados os pagamentos aos indigenas.

Esses pagamentos serão feitos pela respectiva autoridade administrativa, podendo a êle assistir um representante do patrão do indigena.

Base 6.ª — Premios e taxas. — Os premios de recrutamento, o quaisquer outras taxas que os patrões compele pagar pelos indigenas que contratem na Provincia, nunca poderão ser inferiores aos que os mesmos patrões tenham de pagar ao Governo da União, e em caso nenhum inferiores ao dobro do que pagam presentemente ao Governo da Provincia.

Base 7.ª — Portos e caminhos de ferro. — Sobre serviços do porto de Lourenço Marques e ferro-viarios, e em consideração pelas facilidades de recrutamento indigena que lhe são concedidas, o Governo da União deve obrigar-se:

a) A proceder, dentro do prazo maximo de tres anos, a construção do projectado caminho de ferro da Swazilandia, e a liga-lo ao caminho de ferro portuguez, em Goba, conforme promessa de lord Milner feita na ..., e ainda não cumprida, ligando e estas linhas a do Selati.

b) A não abrir á navegação nenhum novo porto, que diminua as actuais vantagens geograficas do porto de Lourenço Marques em relação aos «hinterlands» da Swazilandia e da União.

c) A não entrar em acordos com companhias de navegação, nem os consentir a estas, quando elas tenham, com o Governo da União, para a ruação de quaisquer diferenciais nos fretes, taxas terminais ou outras, que beneficiem os portos da União com prejuizo do de Lourenço Marques.

d) A não dificultar, por qualquer forma, incluindo o de fornecimento de material rolante, que o trafego ferroviario, mesmo ... e designadamente pela situação geografica de Lourenço Marques e este porto deve atrair a ele afluir, e seja desviado para outros portos da União.

e) A manter as actuais taxas terminais sobre o trafego do carvão, e aplica-las a quaisquer outros produtos ou mercadorias da União, em transito pelo porto de Lourenço Marques.

Sanções — Sendo da maxima conveniencia, em virtude dos enormes prejuizos que a Provincia sofreu nos ultimos anos, por falta de cumprimento por parte da União, da Convenção existente, estabelecer no novo acordo sanções monetarias para aplicação a qualquer das partes contratantes, quando estas deixem de cumprir as clausulas a que se obrigam, é esta Associação de opinião que sejam as seguintes sanções:

a) O Governo da União deve pagar ao Governo da Provincia, a conta da União, pela quantias correspondentes ás taxas dos serviços, ou premios de engajamento de indigenas que deixem de ... a quaisquer clausulas do acordo, que por qualquer modo deixem de ser efectivadas e cumpridas.

b) A alegação de «casos de força maior» não deve ser motivo para eximir a obrigação do pagamento destas indemnizações, a não ser que esses casos de força maior sejam muitamente aceites e reconhecidos.

Epilogo de um romance

MADRID, 20. — Os jornais da manhã publicaram as declarações feitas pelo director do laboratorio de medicina legal segundo as quais e não obstante as averiguações multiplas e minuciosas a que se procedeu, não foi encontrado nas visceras do subdito canadiano Lefebre de Bellefeuille absolutamente nenhum toxico, o que permite afirmar, portanto, que não houve envenenamento.

Por outro lado os jornais da noite dizem que o juiz especial, encarregado do processo Bellefeuille recebeu já o relatorio dos medicos do Instituto Lipeente, aos quais tinha sido confiado o exame bacteriologico das visceras de Bellefeuille.

Este relatorio conclui por afirmar categoricamente a ausencia absoluta de qualquer bacilo do tetano. — (H.)

Regresso do Principe de Galles

LONDRES, 20. — De sua viagem á India e ao Japão chegou esta noite o principe de Galles, a bordo do couraçado «Renown». — (H.)

Tempo perdido

ROMA, 21. — O Vaticano foi informado de que os soviets responderam insolentemente ao apelo do clero angelicano a favor do clero ortodoxo, declarando que só a solidariedade de classe é que inspirou o protesto a favor dos principes da igreja, porisso que o clero anglicano deixou de defender a massa do clero russo das aldeias e dos operarios vitimas do bloqueio. — (H.)

Lenine numerado de 1 a 100

Mas não se sabe qual dêles está em actividade neste momento

MOSCOU, 21 — Todas as noticias sobre a doença de Lenine são sem fundamento. Já ha dias que este abandonou o leito e está impaciente com a vida inativa a que os medicos o condenam e ancioso por retomar a actividade politica. — (Lat. Am.)

N. R. — Quando Lenine esteve muito mal em 1918, o governo dos soviets estouvado que a perda de semelhante individualidade traria o fim do bolchevismo, resolveu, como anteriormente o governo ingles já o havia feito com a rainha Victoria, mandar fazer com figuras de papelão, perfeitamente imitados e com um fonografo no ventre. Estes Lenines iriam servindo uma atraz dos outros logo que o de carne e osso morresse. Quando de facto o ditador de todas as Russias faleceu, entraram em actividade os manequins. Sabe-se porem que apesar da sua perfeição, se escangalham depressa. Um Lenine em «carton-pâte» não dura em media mais de cinco meses. A republica dos soviets está pois gastando o seu «stock» mas é impossivel saber se existem ainda muitos em armazem.

Uma vingança maritima

Uma nadadora donzela engulida por um tubarão

NEW-YORK, 21. — Foi anunciada a tragica morte de miss Dorothy Mc..., de 18 anos, que tinha ganho todos os campeonatos de natação da America. Foi engulida por um monstruoso tubarão quando nadava na Florida. — (Lat. Am.)

Uma atenção seguida pela Agricultura

TERIA SOFRIDO E DIMINUIDO A TERRIVEL SITUAÇÃO EM QUE TODOS NOS -§- -§- -§- ENCONTRAMOS -§- -§- -§-

A sabedoria da lavoura é, entre todas, a mais rara, porque é tambem a mais difícil.

Nós governos quem quer por essa simples razão, o quando não se atenha á ela como regra geral, sem excepção, desgoverna-se.

A noção errada que muita gente tem da significação das palavras «politica», «economia» e «ordem» é, em geral, a fonte donde brota o desgoverno.

«Politica», ou «fazer politica», significa actualmente, entre nós, rabiscar as opiniões dos politicos de opiniões contrarias, crear-lhes uma atmosfera adversa, derrotá-los a bem ou mal (todos os meios são bons) e juzer prevalecer o principio «tracta-te mo que quem está por cima é que manda».

«Economia» é, nem mais nem menos, do que resolver o problema do momento, porque quem vier depois que se governe.

Manter a «ordem» é evitar a desordem na rua, entretendo o espirito do país em desordem, com morteiros e foguetes ou com os preparativos precisos e indicados pelas circunstancias para evitar as tentativas, ainda que na sua maioria imaginarias, dos inimigos da «ordem».

E' claro que, nestas circunstancias a arte de governar é muita mais dificil ainda.

Porque sem manifestações externas a desordem existe, de facto, e existe por que ela é uma consequencia logica da falta de governo e da situação creada por essa falta.

E a prova que assim é tem-se visto algumas vezes em que não tem havido governantes, sendo o sintoma mais evidente a melhoria cambial que por varias vezes se tem notado nos interregnos dos governos, quando demissionarios, até á nomeação de outros.

A ordem, que não pode existir sem bom governo, só se consegue com a melhoria das condições economicas do país, das quais aquela é uma consequencia logica.

Poucas vezes ou nenhumas as circunstancias nos proporcionaram ensejo mais favoravel para um ressurgimento economico como os anos decorridos desde o inicio da guerra, mas a falta de um bom governo ou a falta de um governo estavel, ou ainda porque isso não se viu ou não quiz ver, preparou-nos o desastre economico em que nos debatemos, que deve ser dos mais graves em que nos temos encontrado.

A industria agricola podia-nos ter salvo desta má passo.

O país podia estar rico e até riquissimo, mas a forma errada porque se faz a politica, divorciando-a da economia, quando estas são uma e a mesma coisa, e até os cursos elementares de sciencia se chamam de «Economia politica», não só fizeram perder a ocasião azada para o desenvolvimento da nossa industria, mas também contrariaram de tal forma que da via-se obrigada a procurar a creação de gados e no abandono da cultura uma defesa a esses ataques constantes, que chegaram ao exagero do vareio, apreensão dos generos destinados ao sustento da familia e vida dos lavradores, e até á prisão.

Podiamos ter feito politica economica como fez a visinha Espanha, que quasi se bastou a ela mesma, sobretudo em trigo, de que aliás era importadora antes da guerra.

Assim, os terrenos por arrotear e os de pousio manteem a mesma area que tinham e o que aumentou foi a nota do Banco de Portugal, que é a ruina do país.

O problema cerealifero, que nos podia ter salvo, resolvido com um pouco de criterio, foi a nossa desgraça maxima e agora ainda é para ele que se devem voltar as nossas esperanças.

Só a terra portuguesa pode remediar os erros do passado.

E' nos produtos da terra, no continente e nas provincias ultramarinas, que está o equilibrio da balança economica.

Mas poderá a situação permitir o emprego de espera enorme que é necessario fazer para produzir a reconstrução do que se perdeu e da construção que se podia ter feito?

Eis a pergunta é uma incognita, que só os sabios poderão encontrar.

Todavia, a tentativa devo fazer-se e há a crer como a taboa, a esperança ultima do naufragado.

Por consequencia, medidas urgentes e necessarias tendentes a aumentar a produção, mas é necessario não perder de vista que não é a força que produção se anima, mas sim por interesse.

Se a nossa lavoura tiv r interesse, porque procura te-lo, a produção fazer-se automaticamente.

Além do interesse é necessario haver confiança e confiança nao só importa, como proprio inquirir-se.

Para isso verdadeiramente fatores ... necessarios pôr em jogo o, entre eles, merece o perioil a ... governamental, a promulgação de leis cuja execução seja severamente ... para ... de ... circumstancias equitativas que concorram para a sua perfeição, e a certeza de que amanhã esta protecção não se retirará por um mero capricho.

E' necessario que o Estado administre com parcimonia e sso criterio os ... reduzindo todas as despesas ao maximo, até ao sacrificio que o ... viva como eles que trabalham para o trabalho.

Tudo o que seja o contrario deste ... será o caminho do «fim do ...», será o plano inclinado em que o economia publica escorregará até se ... e depois acabou-se.

Estamos certos que a nossa agricultura, tanto colonial como metropolitana, está pronta a contribuir para o ressurgimento economico, fazendo até os sacrificios maximos, o por isso julgamos que nada mais é preciso fazer senão voltar para ela os olhos e anima-la a cooperar com o Estado, porque é esse o seu interesse maximo, porque a continuação da politica economica usada, só pode trazer como consequencia a perda da propria terra.

Se o Estado entrar pelo caminho que pretende seguir para equilibrar a balança economica, o aumento das contribuições nunca mais poderá parar e depois de ser absorvido o rendimento da terra, será com a execução fiscal a propria terra, que a lavoura terá de entregar ao Estado, e isso não é politica conveniente nem para governantes nem para governados.

O aumento das contribuições só pode trazer uma consequencia inevitavel—o encarecimento de tudo—e dahi novo aumento da circulação fiduciaria e desvalorisação da moeda e o agravamento das divisas cambiais.

Resultado: os productos da terra, que hoje já roçam pela paridade estrangeira, apesar do fraco valor liberatorio do escudo, passarão a custar mais do que essa paridade e, como consequencia, a importação de trigo e de tudo aumentará por não ser sequer possivel á lavoura semear, como aliás já sucedeu com o arroz, matando-se entre nós uma industria que podia ser de alto valor e que até tinha a enorme vantagem de acabar com o paludismo nos sitios onde o ha.

Por isto se vê a enorme vantagem que ha para a lavoura em produzir o maximo e até em orientar-se de fórma em baratear as subsistencias.

Nisto está a sua defeza e o unico meio de amanhã não perder a terra que adquiriu, muitas vezes com sacrificio, ou que herdou mas que por isso mesmo lhe deve ter apêgo, porque ella representa um esforço enorme dos seus legatarios.

E' preciso embaratecer as subsistencias e para isso o lavrador deve ir até ao ponto de entrar em concorrencia cadastral com a industria manufactora, fazendo o aproveitamento maximo dos seus produtos e ainda mais acabar com os intermediarios, que fazem muitas vezes dobrar o custo de tudo, e ir entregar directamente ao consumo os seus produtos.

× × × × × × × × × × × × × ×

Teatro Avenida

Hoje ás 21.15—Reprise

O CONDE BARÃO

No 3.º acto a actriz **Cremilda de Oliveira** cantará a canção

33=Richão

× × × × × × × × × × × × × ×

Escola Preparatoria de Rodrigues Sampaio

Exames de admissão

Começa no proximo dia 1 de Julho a entrega dos requerimentos para os exames de admissão á matricula no curso desta Escola.

Este curso habilita para as carreiras comercial e industriais e serve de habilitação á matricula nos Institutos Industrial e Comercial e á Escola Pratica de Correios e Telegrafos, sendo portanto um dos cursos que mais garantias oferece aos seus alunos, não só por os preparar para a vida pratica do comercio e industria, como tambem pela larga soma de conhecimentos que ministra aos que o frequentam, como se pode constatar, pelas disciplinas que o compõem. Português, Desenho, Aritmetica, Francês, Inglês, Sciencias Naturais, Fisica e Quimica, Geografia e Historia, Escrituração e Contabilidade Comercial, Estenodactilografia e Trabalhos Manuais educativos.

No Salão da Escola estão patentes todas as minutas e formalidades a seguir e na Secretaria prestam-se todos os esclarecimentos.

As cidades de papelão

Põem inopidamente 10.000 pessoas sem abrigo

SOFIA, 20—Uma tromba de agua devastou esta cidade transformando as ruas em torrentes. Numerosas casas desabaram, sendo consideraveis os prejuisos, não havendo mortes; mas 10.000 pessoas estão sem abrigo.—(H).

Salão Central

Arte, frescura e elegancia é o que predomina nos espectaculos deste belo cinema, o que muito contribue para que a nossa primeira sociedade prefira os seus espectaculos.

Salão ventilado, filmes da mais recente novidade e bom gosto, assistencia escolhida, enfim, um sem numero de atrativos que tornam o Sal o Central o melhor frequentado de Lisboa.

«Nas garras do Dragão» é a pelicula da moda, não só pela sua impecavel interpretação, como pelos belissimos aspectos fotograficos que apresenta.

Hoje na matinée teve lugar a estreia do 10.º episodio «O comboio da morte» da colossal fita de aventuras «Nas garras do Dragão» e, como de costume, foi enorme o seu sucesso.

Quem não assistiu á função de tarde que não falte á da noite, se quer ver-se diliciosamente transportado aos mais excentricos paizes do Oriente.

PELO TELEGRAFO

A Camara de Comercio de Marselha

MARSELHA 21.—A camara do comercio de Marselha acaba de publicar a nota das percentagens comerciais com as colonias estabelecidas para 1923.—(Lat. Am.)

O funeral dum heroe belga

PARIS 21.—Realisou-se na segunda-feira o funeral de Charles Coggue. A camara ardente foi armada no Hotel de Vile, tendo assistido á cerimonia o general belga Hanotoau, representando o rei; general francez Cartier, governador militar de Dunquerque e 32 associações patrioticas.—(Lat. Am.)

Violação de neutralidade

NEW-YORK, 20.—Consta aqui que Marcellus Thompson, vice-presidente da Companhia de Navegação «Antordusanno» e o genro do embaixador da Austria são acusados em Londres de conspirar e levar navios com armamento para a Irlanda, violando assim as leis da neutralidade. Thompson jura estar inocente.—(Lat-Am).

A viagem do Principe de Galles

FILYMOUTH, 21.—O «Renoura» entrou hoje no porto conduzindo a seu bordo o principe de Galles. Foi escoltado por uma esquadrilha de torpedeiros. O principe só amanhã desembarcará.—(Lat-Am).

Os reis de Inglaterra

LONDRES, 21.—O rei e a rainha visitaram ontem a exposição de cavalos.—(Lat-Am).

O ex-presidente Taft

Foi homenageado pela alta sociedade britanica

LONDRES, 21.—Foi oferecido um banquete a William Herward Taft, ex-presidente dos Estados Unidos. A assistencia era das mais distintas, tendo enviado telegramas o rei Jorge e principe de Galles e o duque de Connaught.

Taft, respondendo ao brinde do conde Balfour, disse: «Que todos os americanos desejam ardentemente remover todas as dificuldades na negociação dos arbitragens, que na America não se esquecem as lições da guerra». Terminou o seu eloquente discurso dizendo que a America se interessa por todos os problemas da humanidade, e que uma nação tão forte e poderosa não tem o direito de se fechar num esplendido isolamento porque tem altas responsabilidades.—Lat. Am.

O novo partido democratico catolico espanhol

MADRID, 20.—O partido democratico catolico, recentemente constituido com elementos do antigo legitimismo e alguns mauristas, espalhou um manifesto dando a conhecer o seu programa. O mais interessante deste refere-se á ordem social propondo soluções avançadissimas a que não tinham chegado os partidos liberais, tais como o sindicato obrigatorio, a participação nos lucros e leis de propriedade que facultam ao Estado expropiar por motivos de utilidade social as terras cujos proprietarios as não explorem devidamente.—Lat. Am.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

SESSÃO DE HOJE

A sessão é aberta á hora regimental, presidindo o sr. Domingos Pereira.

ANTES DA ORDEM

O sr. Carvalho da Silva recedita, mais uma vez, os discursos por vezes pronunciados, acusando os governos da Republica de não protegerem devidamente a agricultura nacional. O regimen dos trigos é ruinoso, dando ao Estado um prejuizo superior a 100 mil contos anuais. Em tempo oportuno, enviará para a mesa alguns projectos de lei.

Responde o sr. Mariano Martins.

Logo se segue a votação sobre o projecto de lei em discussão, que diz respeito á abertura de creditos a favor do Ministerio da Agricultura. Aprovado por unanimidade.

A' Camara são distribuidos os pareceres impressos, respeitantes a dois projectos: um mandando aplicar 5 mil contos á arborização de serras e dunas, e outro respeitante á supresão do primeiro oficio do escrivão do juizo de direito de Elvas.

E' aprovado sem discussão o orçamento de despesas do Ministerio das Finanças.

Entra-se na

ORDEM DO DIA

que é a continuação do debate ácerca dos Transportes Maritimos do Estado.

O sr. ministro do Comercio Inicia o discurso de resposta aos oposicionistas da proposta de lei da iniciativa governamental.

A sessão continua.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio secretariado pelos srs. Fernandes de Almeida e Ramos Pereira. Acta aprovada por 22 senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

Foram aprovados sem discussão os projectos de lei n.º 123 e 48 respectivamente, garantindo aos chefes de repartição de finanças do Porto as garantias que tem os de Lisboa, no sentido de só poderem ser transferidos de bairro para bairro; e determinando que as vagas resultantes das promoções dos oficiais que ficaram abrangidos pelo § unico do artigo 1.º da lei 1250 de 6 de abril de 1922, sejam apenas preenchidas quando a esses oficiais caiba de facto a promoção por vacatura nos seus quadros.

O sr. Raimundo Pereira refere-se á forma como estão sendo organizadas as forças que vão para Angola requisitadas pelo alto comissario, lembrando as vantagens de pôr em execução as instruções em vigor até 1916.

O sr. Mendes dos Reis requer urgencia para o projecto de lei n.º 65 considerando como tendo ocorrido em campanha, conforme o n.º 1 do artigo 2.º do decreto 3632, de 29 de Novembro de 1917, a morte do capitão de infantaria, Humberto de Ataide Ramos de Oliveira. Concedida a urgencia, foi o projecto aprovado sem discussão.

A sessão continua.

POEIRA DA ARCADA

A Associação dos Agricultores e Horticultores do Distrito de Lisboa, pediu ao sr. ministro da Agricultura a criação dum posto zootecnico no vale do Tejo tendo-se oferecido o presidente daquela colectividade sr. O'Neill Pedrosa, para coadjuvar o governo e informá-lo de forma a efectivar-se o desejo dos agricultores daquela região, onde abunda gado leiteiro, sentindo-se porém a falta de reproductores de boas raças.

A associação solicitou da camara municipal de Setubal, o estabelecimento dum mercado central horticola devidamente creado, para uso dos agricultores que abastecem aquela cidade.

* * *

Os srs. presidente do Ministerio e ministro da Instrução foram hoje efectivamente a Setubal, receber as homenagens da Camara Municipal e visitar o liceu daquela cidade. Acompanharam, o chefe do Governo, o seu secretario, sr. Leonote Mendonça, o o sr. ministro da Instrução, o chefe do gabinete, sr. Tavares Ferreira e os secretarios srs. Ernesto Canavarro e Avelino Ribeiro.

Ocupação da Alta Silesia

PARIS, 21.—Continuam as autoridades polonesas e alemãs a tomar conta dos territorios da Alta Silesia. Na zona polonesa a população mostra-se satisfeita com a forma bizarra por que é tratada pela policia. Na zona alemã foram arvorados os estandartes do Imperio em vez dos da Republica.—Lat. Am.

"Raid,, Lisboa-Brazil

O comandante Sacadura enviou ontem, ás 16,55, horas locais, o seguinte telegrama ao sr. ministro da Marinha:

«Não temos palavras agradecer v. ex.ª nem exprimir quanto nos sentimos felizes ter realisado obra que é de v. ex.ª. Fazemos votos Nação não esqueça dedicação de toda a Marinha a que nos honramos de pertencer lhe endereço merecidamente maior parte afecto nos está dispensado.»

* * *

O comandante do cruzador «Republica» em seu nome e no da oficialidade e guarnição do navio, saudou tambem em telegrama o sr. ministro da Marinha pelo feliz exito na viagem aerea.

O avião que realisou a viagem deverá provavelmente ser denominado «Portugal».

* * *

O consul e as comissões para a compra dum avião e dos festejos em Pernambuco, enviaram um telegrama ao sr. ministro da Marinha, saudando-o pelo glorioso fim da jornada dos heroicos aviadores e comunicando que a subscrição aberta entre a colonia portuguesa daquela cidade, para a compra dum avião foi encerrada, devendo ser entregues aos aviadores 5.000 libras para oferecerem á Patria um aparelho para substituir o «Lusitania» e que será batisado com o nome de «Jagres».

* * *

O major sr. Viriato Lobo, Governador Civil de Lisboa, ainda hoje recebeu varias importancias para serem distribuidas pelos pobres da capital.

O jornal «A Vanguarda» enviou ao chefe do distrito a quantia de 160 escudos proveniente de uma subscrição aberta no mesmo jornal.

Por ordem do sr. Governador Civil, o sr. Jaime de Aguiar foi hoje distribuir esmolas por 12 pobres entrevados, devendo amanhã continuar essa distribuição.

* * *

No club Montanha é no domingo proximo pelas 16 horas, distribuido um bodo a 200 pobres, tendo sido confiada a distribuição dos bilhetes á junta da freguezia de S. José.

* * *

No domingo 25, na séde do Ginasio Club Portuguez, o almirante sr. Leote do Rego discursará sobre o grande feito dos seus dois camaradas. Em seguida haverá baile.

* * *

Está já em cerca de 17.000 escudos a subscrição aberta para a compra das insignias a oferecer aos bravos e heroicos aviadores portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

O conhecido empresario sr. Naximiano Ferreira director do club Montanha mandou entregar ao general sr. Gomes da Costa a quantia de escudos 127$50, para avolumar a referida subscrição.

A gatunagem desenfreada

Em Lisboa registaram-se a noite passada varios arrombamentos

A gatunagem continua desenfreada, mercê não só da falta de policia que se nota nas ruas da capital, como tambem da complacencia dos nossos tribunais, onde os larapios, na sua maioria, têm lampada acesa, conseguindo com facilidade afiançar-se após as suas proezas.

Lisboa, sem luz e sem policia, é actualmente um campo seguro para os amigos do alheio manobrarem, não sendo de admirar que se sucedam de uma maneira assustadora os assaltos, os furtos e arrombamentos, desde que se saiba que ruas ha em que não aparece a sombra de um agente da autoridade. Em compensação, os guardas, na sua maioria, estão destacados ou impedidos em comissões varias, que nada têm com o Governo Civil, tais como ordenanças dos ministros, dos varios secretarios de Estado, dos Caminhos de Ferro, das comissões eleitorais, destacamentos fora de Lisboa, etc., o que dá uma quebra de 320 homens para o serviço das ruas, ficando apenas para policiar a cidade 762 homens, ou seja 254 guardas em cada quarto de serviço. Ora, com 254 homens não se pode ter uma cidade como Lisboa devidamente vigiada, tornando-se necessario que cada um ande armado, para se defender dos maus encontros.

A noite passada foi rendosa para os gatunos, que conseguiram obter fartos lucros com os assaltos e arrombamentos praticados. No Governo Civil choveram hoje as queixas, entre as quais destacamos as seguintes:

De Eduardo Ribeiro Lopes, avenida 5 de Outubro, 18, 3.º, onde os gatunos entraram por arrombamento, levando objectos avaliados em 4.500 escudos;

De José Ferreira dos Santos, travessa da Ferrugenta, 22 loja, acusando de os larapios terem assaltado o quintal da sua residencia, donde levaram roupas no valor de 200 escudos, que ali estavam a secar;

De João de Serra Cabral, Avenida dos Defensores de Chaves, onde tambem por arrombamento entraram os gatunos, na ausencia do locatario, o qual se encontra no Alemtejo, furtando objectos no valor de 500 escudos;

De Maria da Gloria, beco das Talpas, em Chelas, acusando José Augusto e Maria Emilia de lhe terem furtado objectos de ouro e roupas no valor de 750 escudos;

De Elias Augusto da Rocha Rodrigues Bastos, rua da Esperança, 94, 2.º, a quem furtaram um anel de ouro com brilhantes no valor de 300 escudos.

Choque de vehiculos

Hoje, de manhã, na rua 24 de Julho, em frente da Rocha do Conde de Obidos, um automovel que conduzia o actor José Climaco, a actriz Amelia Perry, o distinto *sportman* e nosso camarada de redacção sr. Ruy Alves da Cunha, o operador cinematografico sr. Ernesto Baptista, o ajudante dêste sr. Manuel de Albuquerque e o representante da Empresa Cinematografica *Enigma Film* sr. Alvaro Baptista, foi apanhado por um electrico que seguia em sentido contrario, resultando ficar ferido nas mãos o actor José Climaco e muito ferida na cabeça a actriz Amelia Perry.

Foram ambos transportados ao posto da Cruz Vermelha no Terreiro do Paço, onde receberam os primeiros socorros, sendo depois novamente pensados no Banco do Hospital de S. José, recolhendo depois a suas casas.

O automovel regressava de Pedrouços, onde aqueles artistas tinham ido filmar uma fita. Os outros passageiros sairam incolumes e o automovel ficou completamente danificado.

Festa no Ginasio Club Portugues

E' no proximo domingo 25, que na festa de ginastica que o Ginasio Club organiza na sua séde que se apresenta a classe de damas, sob a direcção do professor sr. Magalhães Pedroso em varias danças em conjunto que aquele professor está ensaiando.

Nesse mesmo dia realisam-se as provas finais da classe de ginastica do Asilo de S. João de que é professor o sr. Artur dos Santos, esta classe tem sido mantida com grande vantagem pelo Ginasio Club Portugues.

A desgraça no Tejo

Continuam no mesmo estado grave os feridos da explosão de domingo passado no Tejo, quando estava sendo queimado o fogo de artificio das festas em honra dos aviadores portuguezes.

Da casa mortuaria do hospital de S. José foram hoje removidos para a Morgue, afim de serem autopsiadas Ester Rodrigues e Emilia Costa, victimas do explosão e falecidas ontem conforme já noticiámos.

Entre duas camionetes

Fica morto um ajudante de chauffeur

No Parque Eduardo VII ficou hoje entalado entre duas «camionetes» o ajudante de «chauffeur» Antonio Pires. O infeliz teve morte horrorosa, sendo o cadaver removido para a Morgue.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Para professora de uma das cadeiras da Escola d'Arte de Representar, foi nomeada a grande actriz Virginia. Se, por um lado, a sua nomeação representa um dever de homenagem ao seu incontestavel talento, por outro ha que concordar que não foi feliz a escolha. E para que se não possa supor que, da nossa parte ha o mais pequeno motivo para sermos desagradaveis a essa adoravel velhinha por quem tributamos a mais profunda admiração, vamos indicar o motivo unico da nossa descordancia. Não se trata da edade pois que Virginia, foi, é e será sempre, na beleza da sua voz, uma artista joven. A sua saude, porem, não lhe permite a assiduidade necessaria, de forma a tornar eficaz e proficua a sua acção dentro da Escola d'Arte de Representar. E, desta forma, continuaremos, por mais dos nossos pecados, a ter que encarar, aquela instituição que deveria ser, por assim dizer, a pedra de toque da nossa arte dramatica, como deficiente para ó fim para que foi creada, não dando aos seus alumnos, já não digo, garantias materiais futuras, mas, ao menos os conhecimentos tecnicos que é natural se adquiram em escolas de especialidades, visto que a regencia de muitas das principais cadeiras, algumas das quais imprescindiveis para o bom desempenho da arte histrionica, estão a cargo de pessoas proficientissimas, é certo, mas cuja assiduidade nos cargos em que foram investidas e que aceitaram deixa muito a desejar.

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

E' hoje que, definitivamente sobe á scena no Apolo, o novo original de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, num prologo, 2 actos e 22 quadros, «A vida» que alcançou grande sucesso no Porto e que nos dizem ter uma «mise-en-scene» sumptuosa.

● No Nacional faz-se hoje «reprise» da encantadora peça dos irmãos Quintero «O Centenario».

● Tambem no teatro Avenida, se faz hoje «reprise» da popular comedia «O Conde Barão» em que Chaby tem uma das suas melhores corôas e em que Cremilda d'Oliveira, no 3.º acto da peça, cantará a canção «33 rl chão».

● São os seguintes os titulos dos quadros da revista «Lua Nova», cujas primeiras estão anunciadas para a proxima sexta feira no teatro Maria Victoria:

1.º «O centenario do Pirolito».
2.º «A ver navios».
3.º «Num abrir e fechar d'olhos».
4.º «Atraz do tempo...»
5.º «... Tempo vem».
6.º «Em quatro tempos» (apoteose).
7.º «Nem tudo que luz é oiro».
8.º «Carne e renda».
9.º «A ultima moda».
10 «Amor... a quanto obrigas».
11 «Lua Nova» (apoteose).

● Na companhia Amelia Pinto, parte brevemente em «tournée» pelo Alemtejo, a actriz Pilar Trindade.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Centenario».
AVENIDA—A's 9,15—«O Conde Barão».
POLITEAMA—A's 9,30—«Entre giestas».
APOLO—A's 9,15—«A Vida».

Teatro musicado

SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparote»
CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade
SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores
COLISEU DOS RECREIOS—A's 8,30—Animatografo e variedades.

O "raid" Lisboa-Rio

Entre aviadores

Uma carta de Sacadura Cabral a Santos Dumont

Santos Dumont recebeu do ilustre aviador Sacadura Cabral a seguinte carta:

«Fernando de Noronha, 27-4-22—Exmo. sr. Santos Dumont.—Profundamente sensibilisado, pelo seu telegrama, permita-me que venha ainda agradecer-lhe a sua atenção e as amaveis palavras que me dirigiu.

Aprendi a voar em França, onde ainda se conserva bem presente o nome glorioso de Santos Dumont como o do grande pioneiro da aviação. Como sou do «metier», avalio bem as dificuldades sobrehumanas com que lutou o esforço, a coragem e a tenacidade de que é necessario ser-se dotado para conseguir o que conseguiu.

Por isso considero uma honra imerecida as suas felicitações, lamentando mais não ter feito para merecelas. A unica desculpa que tenho é a de que o meu hidro-avião não conseguiu descolar de Cabo Verde com a gasolina necessaria para ir directamente a Fernando de Noronha. Dahi o ter de adoptar o penedo de São Paulo como ponto de escala e, por consequencia, ter de correr o risco e não encontrar condições de amarragem.

Foi o que aconteceu. Cheguei ao penedo sem gasolina e encontrei ondulação cavada que não permitiu amarragem sem avaria. O nosso pouco merecimento, se algum tivemos está em termos ido encontrar um rochedo que, por ser baixo e não ter mais de 200 metros de comprido, se não vê a mais de 20 quilometros, no fim de um percurso de 1,700 quilometros, tendo a bordo apenas a gasolina suficiente para lá chegar.

Comparando este pouco com o esforço imenso que o glorioso Santos Dumont desenvolveu durante anos, esse pouco é nada e por isso a sua atenção confunde-me não sabendo como agradecê-la.

Creia no meu reconhecimento sincero e mande o seu admirador muito att.º e obr.º—(a) Artur de Sacadura Cabral.

As festas no Brazil em honra dos aviadores

RIO DE JANEIRO, 20—Preparam-se mais festas e manifestações em honra dos dois heroicos aviadores portuguezes que acabam de vencer gloriosamente a travessia aerea Portugal Brasil.

O banquete preparado pela colonia portugueza revestirá a maior grandeza sendo dificil inscrever todos os portuguezes que desejam assistir a esse bela afirmação de confraternisação portugueza e onde os credos politicos serão postos inteiramente de parte.

A subscrição entre a colonia para a compra do hidro-avião prosegue com todo o entusiasmo, destacando-se entre os donativos mais avultados os do Banco Nacional Ultramarino, Banco Portuguez do Brazil, Casa Sucena, casa Costa Pereira e visconde de Moraes. Este ilustre titular não obstante a sua avançada edade, tem tomado uma parte activa e comovedora em todas as homenagens publicamente prestadas aos dois eminentes portuguezes.—(Lat. Am.)

RIO DE JANEIRO, 20—Todos os jornais consagram as suas primeiras paginas á sessão realisada no Gabinete Portuguez de Leitura em honra de Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

O discurso de Carlos Malheiro Dias causou uma profunda impressão entre brasileiros e entre toda a colonia portugueza, sendo considerado uma das mais admiraveis peças oratorias que se teem produzido no Brasil. Grande numero de individualidades em destaque na colonia portugueza e no meio literario brasileiro teem ido a casa do ilustre escritor apresentar-lhe os seus cumprimentos de felicitação e de admiração.

O jornal «A Patria», referindo-se largamente á grande imponencia e alto significado que teve a sessão de homenagem no Gabinete Portuguez de Leitura, afirma a sua absoluta fé nos destinos gloriosos dos dois paizes irmãos—«destinos estes que se estão a preparar e a cimentar no estreitamento de relações intelectuais e comerciais que Portugal e Brasil estão triunfantemente realisando, mais por um interessante e enternecedor fenomeno natural do que pela consequencia do esforço das chancelarias».

O Lloyd e o sr. ministro da Marinha

Com a presença do sr. dr. Buarque de Macedo director-gerente do Lloyd Brasileiro, chefes de serviço, altos funcionarios e representantes da imprensa que trabalham junto ao gabinete do director da mais importante empreza de navegação brasileira foi feita a apresentação aos mesmos do comandante Marta, oficial da reserva da Marinha de guerra portugueza, e delegado da firma comercial Pinto & Souto Maior, agentes do Lloyd em Lisboa, Leixões e Funchal.

Aquele oficial foi o portador duma carta autografa do ministro da Marinha de guerra portugueza, na qual o governo daquele nobre paiz, agradece não só o oferecimento do «Bagé» para conduzir o hidro-avião, para os aviadores portuguezes, como o modo porque foi feito esse trabalho, carta essa que já foi entregue ao sr. Buarque.

As escolas de aviação no Brazil

Depois de ter visitado a Escola de Aviação Naval o aviador portuguez sr. Ortins Betencourt, visitou em companhia do tenente Fileto e do aviador Genuil Filho, a Escola de Aviação Militar, no campo dos Afonsos.

O aviador Ortins fez essa visita, acompanhado dos aviadores acima mencionados e mais dos srs. Luciano e Jorge Haguenaeur.

Visitou o ilustre aviador todas as dependencias da escola e «hangars» sempre acompanhado pelos colegas brasileiros.

Ao terminar a visita, o aviador portuguez manifestou a sua admiração pelo progresso da escola, fazendo votos pela sua crescente prosperidade.

A subscrição da colonia portugueza no Brazil

RIO DE JANEIRO, 20—A subscrição da colonia portugueza para a compra do grande aparelho a oferecer aos aviadores portuguezes, aumenta todos os dias tendo sido recebidos importantes donativos de portuguezes e brasileiros.

A homenagem do Instituto de Cegos Branco Rodrigues

O sr. Branco Rodrigues telegrafou hontem ao nosso compatriota o sr. Antonio Marques Barbosa, benemerito protector do Instituto de Cegos, que reside no Rio de Janeiro, pedindo-lhe que represente este estabelecimento de ensino especial nas homenagens prestadas naquela cidade aos insignes aviadores portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

No dia da chegada dos aviadores ao Rio de Janeiro, foi embandeirada e iluminada, durante a noite a séde da instituição e foi concedido feriado a todos os alunos nos dois dias seguintes.

Festejos no Bombarral

A chegada dos audaciosos aviadores portuguezes ao Rio de Janeiro foi muito festejada. Houve musica e salvas de morteiros no sabado e no domingo foi lançada a primeira pedra para um pequeno monumento em honra do tão heroico feito e á noite houve recita de gala pela companhia Ernesto Rodrigues.

Salão Central

HOJE — *Soirée ás 20 horas* — HOJE

ESTREIA

O comboio da morte

10.º episodio do film

Nas Garras do Dragão

protagonista

MARIA WALCAMP

NO PROGRAMA:

7.ª série—O INIMIGO INVISIVEL—2 partes
8.ª serie — NAS MURALHAS DE PEKIN—2 partes
9.ª serie — O ESQUELETO DO CRIADO—2 partes

Sacrificio de Ivone

Admiravel drama em 4 partes com interpretação de *Amleto Novelli*

A grande festança

Pelicula comica em 2 partes

Padrões da Grande Guerra

Saudação aos heroicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral

Sob a presidencia do sr. coronel Sá Cardoso reuniu-se ontem a comissão executiva dos Padrões da Grande Guerra assistindo os srs. tenente-coronel Pires Monteiro, capitães Guilherme Oom e Lima Barreto. Faltou o major sr. Vitorino Guimarães. Depois de uma vibrante saudação aos heroicos Aviadores que atravessaram os ares atlanticos a comissão resolveu continuar a sua activa propaganda de consagração da nossa intervenção militar na Grande Guerra. Partindo brevemente para Paris o vogal da Comissão Central, sr. tenente-coronel Cristovão Aires foi resolvido que como delegado especial realisasse conferencias de propaganda do «Padrão do Lacouture» no «Cercle Inter Alliée» e na «Touring Club de France». As comissões de propaganda locais tem trabalhos importantes e a Camara Municipal do Porto enviou uma entusiastica adesão.

Brevemente realisar-se-hão as interessantes conferencias dos srs. drs. Eduardo Pimenta e Carlos Olavo.

A comissão tem recebido importantes donativos mas continuará a sua propaganda.

ANUNCIO

Por sentença do Juiso de Direito da Quarta Vara Civel da comarca de Lisboa e que transitou em julgado foi autorisado o divorcio dos conjuges Francisco Pedro Monteiro e Mécia Rosa Diniz, moradores nesta cidade de Lisboa, O que se anuncia para os efeitos legais.

Lisboa, aos cinco dias do mes de abril do ano de mil novecentos e vinte e dois.

O Escrivão Interino Substituto do 2.º Oficio da 4.ª Vara Civel da comarca de Lisboa—Ernesto Silva Reis.

Verefiquei a exactidão—O Juiz de Direito da 4.ª Vara—A. J. Guerra.

TAUROMAQUIA

Brilhante tourada por amadores no Campo Pequeno

Efectua-se no domingo no Campo Pequeno uma interessantissima e atraente corrida de oito touros puros e de um garraio, sendo este e dois dos touros do sr. Joaquim Nuncio e dois touros do sr. Antonio Nuncio. A corrida é dada a favor da conclusão das obras de construção da praça de touros de Alcacer do Sal e é promovida por uma comissão de proprietarios da região, estando o cartaz organisado de maneira a chamar a atenção dos bons aficionados.

Estreia-se como cavaleiro o joven amador Joaquim Branco Nuncio, de 16 anos de idade e toureiam ainda os eximios cavaleiros amadores srs. Antonio Luis Lopes e João Branco Nuncio e o já queridissimo artista Simão da Veiga Junior. A pé trabalham os apreciadissimos amadores srs. Patricio Cecilio, toureiro completo e de grande valor, Artur Ribeiro, Rafael e Francisco Gonçalves, filhos de Teodoro Gonçalves. Os forcados são de profissão.

A Provincia na "Capital,,

A festa dos Taboleiros

RIO DE MOINHOS (Abrantes), 20.—Estão quasi concluidos os trabalhos de ornamentação dos coretos, kermesse, arcos, etc., etc., que como já dissemos devem produzir um lindo efeito.

A afluencia de forasteiros é já consideravel prevendo-se que os alojamentos sejam insuficientes.

Já chegou o fogo de Viana do Castelo pertencente aos habeis pirotecnicos Silva & Filhos sendo esperado ainda o do não menos habil pirotecnico sr. Marques Amanto.

A maior parte deste fogo queimar-se-ha no rio Tejo a fim de produzir um efeito mais deslumbrante. A procissão dos Taboleiros realisa-se no dia 23. Ha serviço de camions entre Rio de Moinhos e as localidades proximas.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 1|16— 4
» 90 dias	—4 1|8
Paris, cheque	1158— 1171
Suissa, cheque	2537— 2567
Belgica, cheque	1096— 1118
Italia, cheque	650— 660
Berlim, cheque	40— 44
Holanda, cheque	5148— 5183
Madrid, cheque	2081— 2097
New-York, cheque	13655— 13685
Brasil, cheque	58— 62
Austria, cheque	1|2— 1 1|2
Noruega, cheque	2215— 2251
Suecia, cheque	34.4— 3421
Dinamarca, cheque	2840— 1865
Libras	[illegible]

SPORT

MEMORIAS DO ATHLETA RUY DA CUNHA

A disputa do Campeonato de Portugal

O *Primeiro de Janeiro* refere-se nos termos seguintes á ida do Sporting Club de Portugal ao Porto para jogar com o Foot-ball Club do Porto:

«Com uma assistencia numerosissima, talvez de algumas oito mil pessoas, realizou-se ante-ontem, no campo do Bessa, o anunciado desafio entre o Sporting Club de Portugal (campeão de Lisboa) e o Foot-ball Club do Porto (campeão do Porto), tendo triunfado este ultimo por 3-1.

A realização deste encontro revestia-se de uma excepcional importancia, pois tratava-se da final do campeonato de Portugal, que muito e muito vinha interessando todo o mundo sportivo e sobre o resultado do qual se faziam conjecturas de toda a especie.

No encontro que ha dois domingos se efectuou entre nós, o Sporting Club de Portugal foi vencido pelo Foot-ball Club do Porto por 2-1. A vitoria, bem e justamente obtida pelos portuenses, parece não ter sido recebida com agrado pelos *sportmen* da capital, que logo fizeram correr mundo, pela sua imprensa, nem sempre imparcial e justa, que os jogadores de Lisboa haviam sido tratados com manifesto despreso pela nossa gente e pelo publico que assistiu ao desafio, atribuindo a sua derrota a circunstancias que só de uma tal atitude poderiam ter resultado. Preparado, assim, voluntaria ou involuntariamente, o meio de Lisboa, os rapazes do Porto tiveram de arrostar, no seu 2.º encontro realizado ha oito dias na capital contra o Sporting Club de Portugal, e em que este triunfou por 2-0, com uma atmosfera de hostilidade, de tal ordem, que a imprensa daqui dela se fez éco, em termos mais ou menos mordazes.

Daqui nasceu, evidentemente, no espirito, nem sempre tranquilo de muitos portuenses, o proposito de uma revindita, a pôr em pratica logo que o Sporting Club de Portugal voltasse a vir jogar ao Porto, o que, por sorteio, lhe coube, vinda que devia ter lugar, e teve com efeito, no passado domingo.

Procurou o *Primeiro de Janeiro* desfazer a tempo todos os gestos equivocos de que porventura pudesse lançar-se mão para hostilizar os rapazes de Lisboa, *sportmen* como nós, para quem só de um bom exemplo de correcção e de lealdade se devia usar. Isso bastaria a fazê-los reparar, ou, pelo menos, a reconhecer o êrro praticado.

Se é certo que o não conseguimos inteiramente, a verdade tambem é que de muito serviram as nossas palavras, pois bastante meditadas foram, o que atenuou extraordinariamente os efeitos de quaisquer maus propositos.

Estes circunscreveram-se apenas a uma ligeira assuada aos jogadores de Lisboa, logo após ao entrarem em campo, assuada que, partindo de uma parte minima do publico, imediatamente se desfez com uma reboada de palmas da grande maioria do mesmo publico, que logo, assim, quiz castigar tão infeliz e tão lamentavel ideia, apagando-a com um exemplo de grande correcção.

Esta recepção, pouco animadora de começo, mas lisonjeira e agradavel depois, influiriam de algum modo desagradavelmente no espirito dos lisboetas, privando-os por completo «da moral» de que careciam para bem se desempenharem da sua missão?

Supomos que não. E' natural que bem dispostos não ficassem, mas que o facto influisse «decisivamente» no resultado do encontro, é assunto que temos de pôr de parte.»

NOTICIARIO

PROVAS DE NATAÇÃO

Continuam abertas as inscrições para as provas de Natação que o Ginasio Club Portugues organisa nos meses de Julho e Setembro. Travessia o Tejo a nado da Trafaria a Pedrouços e a prova da 1|2 milha, que se realisa na Doca de Alcantara.

A inscrição é aberta a todos os amadores filiados na Liga Portugueza dos Clubs de Natação.

TIRO DE GUERRA

Já começaram os treinos para a prova de Tiro de Guerra, [illegible] para a disputa da Taça Ginasio Club, que ha 2 anos tem sido ganha pelo sr. Carlos Marrafa.

A prova deve realisar-se no mez de Julho.

PESOS E ALTERES

No Ginasio Club Portuguez vae realisar-se uma reunião de delegados de varios Clubs tanto de Lisboa como do Porto, para revisão do regulamento do Campeonato e a classificação de amador.

ESGRIMA DE ESPADA

Ainda este mez se fará a disputa da Taça Carlos Granha, prova disputada por equipes de 3 atiradores.

A prova é reservada a socios do Ginasio Club Portuguez.

TORNEIO DE BILHAR

Tem continuado com bastante animação o torneio inter-socios.

A prova deve terminar na proxima semana, fazendo-se no ultimo dia a entrega dos premios.

ESGRIMA

Os torneios da Semana d'Armas

Realisam-se de 24 deste mez a 3 de Junho os torneios de esgrima da Semana d'Armas.

O programa é o seguinte:

Dias 24 e 25.—Campeonato de Juniors.
Dia 26.—Campeonato Escolar.
Dias 27 e 28.—Taça Castelo Melhor.
Dias 29 e 30 Campeonato Nacional de Espada.
Dia 1 de Junho. — Campeonato Nacional de Sabre.
Dias 2 e 3.—Taça Sancho.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

ROMANCE DE UMA ALMA

por Julio Cesar Machado

Dei, desde êsse instante, toda a minha existencia a minha mãe e a Margarida. Cada dia a via crescer em beleza e exasperava-me! A' sua petulancia graciosa seguira-se uma melancolia serena; muitas vezes a ouvi chamar por mim chorando, sem lhe acudir a ideia que era a minha alma que gemia nela. Quando a gente ama e é amado, trocam-se as almas, dá-se á pessoa que nos é querida e recebe-se dela uma porção igual do sôpro, que nos anima; estamos ao mesmo tempo nela e em nós, vivendo no seu coração, como ela vive no nosso; por isso, quando um dos amantes, fatigado de ternura, impelido para gosos novos, pela sua natural inconstancia, chama para si a parte que já dera da sua alma, quebra-se o equilibrio naquele que ainda ama, como se lhe roubassem uma parte de si mesmo, e conhece então todas as angustias do amor infeliz, até alcançar a posse de uma porção de alma, que substitua a que lhe tiraram.

Quando a morte escolhe o corpo em que moramos, partimos, deixando aos que nos quizeram bem a porção de nós mesmo que lhes haviamos dado emquanto viviamos ao pé deles — e é isso a saudade em que ficam de nós. Quando nos dão uma lembrança, é a nossa voz que fala neles, é o éco do beijo que a sua alma recebe da nossa, é recordar-lhes o ente que choraram.

Em a gente sentindo tristezas vagas e aspirações para as coisas que não conhece, é a nossa alma que obedece instintivamente ao chamamento de uma de suas partes, que a morte lhe levou!

Margarida ignorava tudo. Eu seguia-a sempre; quando a mãe a levava aos bailes, volteava eu em redor dela e refrescava com o meu sôpro o seu colo ardente. Se ela soubesse que, sob a grinalda que lhe adornava a fronte, repousava a minha alma! Quantas vezes me fui deitar ao sol no calice das flores e voltei para ela rescendendo aos perfumes que lhe eram queridos!

Eu, de inverno, sofro! Já as arvores não têm folhas e as flores estão mortas. Não sei onde abrigar-me! Ando errante em busca de um refugio e acabo sempre por ir procurar Margarida. Muitas vezes, já estou quasi a chegar a casa dela, para que o seu halito me aqueça, quando um pé de vento passa e me leva. Não posso lutar; a sua força vence-me; acho-me entre as minhas irmãs, almas em martirio, é nas azas da tempestade que atravesso terras devastadas, sob um ceu agreste e cruel, nas florestas e sobre as ondas do mar, onde treme o marinheiro pálido, invocando Nossa Senhora ao ouvir passar a refrega carregada dos nossos gemidos! Se consigo escapar-me, vou, martirizado pelos furores do vento, bem longe ás vezes daquela a quem procuro, vagar nos campos, entrar nos casais e esconder-me ao cantinho entre as vergas, onde está pendurada a gaiola em que canta o grilo!

Haveriam durado esses suplicios a eternidade inteira, se Deus na sua piedade infinita não me houvesse permitido viver de novo entre a humanidade. Esta noite vai operar-se a minha incarnação e estou a aproveitar a ultima graça que Deus me concedeu, escrever estas memorias para servirem de aviso aos imprudentes, no futuro.

Estava uma noite em casa de Margarida, quando a mãe entrou. Pegou-lhe pela mão, beijou-a na testa e disse-lhe que, tendo vinte anos, era chegado o momento de escolher noivo. A estas palavras, a pobre menina baixou a cabeça e proferiu o meu nome; explicou-lhe a mãe que a lembrança de uma pessoa morta não podia servir de obstaculo a uma união que se oferecia com todas as condições que uma donzela possa exigir. Margarida hesitava, olhava para a mãe sem poder falar e, emfim, atirando-se-lhe aos braços, exclamou:

— Obedecer-lhe-hei, minha mãe!

Decidiu-se o casamento. Ela mostrou-se fria ao principio e reservada para com o noivo. Alguma coisa lhe dizia a todo o instante: — «Recorda-te! Recorda-te! Recorda-te!» Mas esse éco do meu pensamento pouco a pouco afrouxou e acabou por se extinguir. O meu amor largara o coração dela, não passando mais por ele senão como uma imagem meio apagada, semelhante ao calor que fica ainda no ninho quando as avesinhas partem!

Desesperou-me aquele esquecimento, porque não pensava que todas as dôres cicatrizassem e que o amor fosse como a Phenix, que morre muitas vezes e muitas vezes renasce!

Atravez dos tormentos do meu ciume, iluminou-me uma ideia. Eles iam casar-se e quem sabe se eu poderia obter de Deus voltar á terra sob uma forma que agradasse a Margarida. Elevei eu mesmo esta prece e Deus, compadecendo-se do longo martirio, que tão cruelmente punira a minha imprudencia, concedeu-me a graça que eu lhe implorara. Tudo vai terminar agora! e ámanhã haverá nos desesperos secretos do espaço uma alma de menos a cumprir o seu fado!

Aparecerei de novo a Margarida, sob uma aparencia, que lhe será mais querida do que nunca. Esta manhã o padre abençoou a sua união e, á noite, daqui a pouco, não tardam já muitos minutos, fechar-se-ha sobre os dois noivos a porta da alcova nupcial. Principiarão então esses misterios suavissimos, que eu tanto sonhei e que tanto chorei depois; e eu estarei ali; então, prometeu-mo Deus, tomarão a minha alma entre dois beijos e eu, que fui o amante de Margarida, serei o filho dela!

Parava nisto o manuscrito. Quando o nosso poeta terminou a leitura, entendeu que já era tarde para começar o conto; acendeu um charuto e ficou acreditando desde essa hora na transmigração das almas.

FIM

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouro, 18 a 24

PORTO — 28, Praça da Liberdade, 29

Rua do Comercio, 136 a 140

Banco Colonial Português

Séde: — Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: Escudos 100.000:000$

CAPITAL EMITIDO: Escudos 10.000:000$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, Ilhas e em todos os paizes estrangeiros

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Mario Duarte
Cirurgia da boca e dentes
9, RESTAURADORES, 13
Telef. 814 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio — Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAES NO CONTINENTE — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Estremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandella, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Vianna do Castelo, Villa Real e Vizeu.
FILIAES NAS ILHAS — Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAES NO ESTRANGEIRO — Paris Rue du Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 20 Liberty Street.
FILIAES NAS COLONIAS — S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda, Kinshasa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAES NO BRAZIL — Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Pa[illegible], Pará e Manaus.

Recommendam-se as Filiaes deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal. Correspondentes nas principaes localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa — Rua da Prata, 59, 2.º

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.º 2293
Fabricas — Paio Pires n.º 16
Armazens — Poço do Bispo, n.º 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.º 108, 2.º
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada

FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Brogner"

DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Rans, Pampilhosa do Botão e Leiria

AGENCIAS: Em varios pontos do país

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamo-los a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — LISBOA — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias

Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha)
Locomoveis e semi-fixas de todas ás potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha)
Turbinas, instalações de cerâmica, etc.

Usines Beduwe S. A. Liége (Belgica)
Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia)
Maquinas-ferramentas

[illegible] & C.ª Dresden (Alemanha)
Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha)
Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa)
Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoard[illegible] [illegible]nchi S. A. Milão (Italia)
Automoveis, motos e bicicletas

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimic[illegible]

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem juntas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificas

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

Perguntas insoluveis de toda a especie:

Enviaria o governo chinez um "ultimatum" ao governo de Macau?

N.º 4111—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 || LISBOA — Quinta-feira, 22 de Junho de 1922 || Telefone n. 2293—Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Rosa, 71 — Preço 10 centavos

Os indesejaveis

Continua a preocupar vivamente a opinião publica a medida tomada descrecionariamente pelo governo de mandar para Angra alguns elementos que reputa indesejaveis na sociedade portuguesa. Semelhante medida que tem todo o caracter duma deportação não podia realmente passar sem reparo.

Com efeito, não ha nada mais vago nem mais perigoso do que esta classificação de indesejavel que todos os governos podem aplicar aos cidadãos com cujas ideias não concordem ou de quem pretendam desembaraçar-se para não continuarem a sofrer uma critica aos seus actos. Não é a primeira vez, de resto, que se recorre a este expediente, o qual sempre tem caraterisado verdadeiros periodos de tirania.

Em 1896, o governo João Franco, empenhado na nefasta politica de engrandecimento do poder real que representava um absolutismo de facto, promulgou a lei de 13 de Fevereiro que lhe serviu para perseguir todos os elementos avançados. Muitos foram enviados para Timor, como anarquistas, e o proprio jornalista republicano, França Borges esteve preso, no Limoeiro, durante mais de dois meses como atingido incriminado por essa lei. Se o futuro director do «Mundo» não foi para Timor, pela simples publicação dum artigo que desagradou ao governo, deveu-o apenas ao protesto quasi unanime de toda a imprensa portuguesa.

Mais tarde, e tambem sob o consulado de João Franco, publicou-se o celebre decreto em que eram dados como indesejáveis os srs. Afonso Costa, João Chagas, e outro vultos republicanos e dissidentes. Esse decreto deportava-os e arrebatava-lhes a personalidade civil. A queda de João Franco apoz o regicidio evitou que o nefando decreto tivesse execução.

Mais tarde ainda e sob o consulado de Sidonio Pais, esteve elaborada uma lista de prescrição para outros indesejaveis. Continha 300 nomes, e entre eles os dos srs. Moura Pinto, Machado Santos e Antonio Maria da Silva. Não sabemos porquê; mas essa lista não chegou a ser aproveitada para um acto tão brutal. Entretanto, a intenção despotica era bem evidente.

Poi bem! São estes tristes exemplos, colhidos em epocas em que a liberdade era um mito em Portugal, são estes tristes exemplos que o governo democratico, agora entronisado no poder, procura imitar, com a famosa politica dos indesejaveis, sem se lembrar que os indesejaveis de amanhã podem ser os que neste momento apontam indesejaveis os seus advrsearios politicos!

Essas epocas de terror passaram. A lei de 13 de Fevereiro, obra de João Franco, foi uma das primeiras que a Republica aboliu. O decreto de prescrição que D. Carlos acabava de assinar quando um atentado o prostrou sem vida, foi anulado dias depois da sua publicação. Sidonio Pais, directa ou indirectamente responsavel pela lista de prescrição a que aludimos, caiu tambem, e a sua obra desfez-se como por encanto. Para que havemos de criar um estado de coisas que de leve se assemelha aos periodos mais calamitosos da nossa historia.

Nunca é tarde para emendar erros. O Governo cometeu um erro politico; sem nenhuma lei, mesmo opressiva e revoltante, embora, deportou de facto republicanos conhecidos. Chamou-lhes indesejaveis. Quando e como acabará essa prescrição? Quando é que deixarão de ser considerados indesejaveis? E que criterio se aplicará para os reputar desejaveis depois de terem deixado de o ser? Ou a deportação será perpetua? Tudo isto são interrogações que o governo certamente ha de ter visto levantarem-se perante a sua consciencia.

Não ha senão um remedio: reconsiderar, para não criar um novo precedente injusto e nefasto.

O "Raid,, Lisboa-Rio

Um artigo de «El Sol» a proposito dos rochedos de S. Pedro e S. Paulo

O «El Sol», de Madrid, insere o seguinte artigo do aviador espanhol Emilio Herrera:

«Nos primeiros dias do mes passado propozemos nestas colunas, sob a epigrafe «A Ilha Penedo S. Pedro deve ser cedida a Portugal» que este rochedo brasileiro onde os aviadores portuguezes Sacadura Cabral e Gago Coutinho pisaram pela primeira vez a terra americana no seu heroico raid aereo Lisboa-Rio de Janeiro que tão brilhantemente acabam de realisar, deveria pertencer á Patria dos seus primeiros ocupantes, e supunhamos que o Brasil não se oporia a esta cessão que sendo necessario, poderia ser auxiliado por «démarches» feitas pela Espanha. Este artigo foi traduzido e publicado integralmente em Portugal e no Brasil e era tão logica e justa a proposta que encerrava, que bastou esta indicação exposta nas colunas do «El Sol», para que o governo brasileiro resolvesse a cessão a Portugal da Ilha que de futuro figurará nos mapas com o nome de «Sacadura Cabral e Gago Coutinho».

Poder-se-ha dizer que esta cessão não tem importancia por se tratar dum pequeno ilhote desabitado, perdido no Oceano, e que não era de qualquer utilidade para o Brasil; pelo contrario, cremos que tanto a ilha como o acto da sua cessão, teem um excecional interesse que convem fazer notar.

«Este ilhote, embora pequeno, é mais do que o suficiente para se estabelecer nele com pouca despesa, um farol, uma estação radio-telegrafica e meteorologica, um pequeno porto com um cais e um deposito de aprisionamento. A sua situação na linha frequentadissima de comunicações maritimas entre a Europa e a America do Sul, é da maior importancia para estabelecer nele um farol que fazendo desaparecer o perigo que agora oferece, facilite a navegação inter-continental; ao mesmo tempo, uma estação de telegrafia sem fios situada nele, poderia servir de «Relais», e encurtaria em mais duma quarta parte o enorme espaço Praia-Fernando Noronha, de dois mil e quatrocentos quilometros, em que os transatlanticos carecem de estações radio-telegraficas com quem comunicar.

«A estação meteorologica ai colocada seria tambem de enormissima importancia pela situação desta ilha, alternativamente sob o regimen das calmarias equatoriais e dos alisios austrais do Sul, e alguns lançamentos periodicos de pequenos balões pilotos, feitos nela, forneceriam interessantissimos dados para o problema pouco estudado dos ventos contra-alisios das altas camadas da atmosfera do Atlantico equatorial.

«Todas estas aplicações, que para a navegação maritima e para a sciencia meteorologica são de grande interesse adquirem imenso relevo quando, num futuro proximo, se estabeleçam as linhas transatlanticas de navegação aerea. O raid aereo realisado pelos aviadores portuguezes que se viram obrigados a estabelecer um ponto de escala nesta ilha, demonstrou praticamente a importancia que ela ha-de ter como base de aprovisionamento ou de auxilio, quando a navegação aerea entre os continentes esteja mais desenvolvida. Portugal, neste caso, de posse das ilhas de Cabo Verde e de Sacadura Cabral-Gago Coutinho, terá, e muito merecidamente ganho, a chave da comunicação transatlantica por meio de aviões.

«A importancia deste rochedo, como a de Gibraltar, por exemplo, não se estriba nas suas dimensões mas na sua situação, com a diferença de que, assim como a importancia comercial e militar de Gibraltar vai decrescendo á medida que aumenta o alcance da artilharia e do progresso de aeronautica a daquela ilha, pelo contrario irá aumentando por este progresso até se converter numa das posições mais invejaveis do Atlantico Central.

«Por ultimo, o acto da cessão desta ilha, realisado expontaneamente pelo Brasil, constitue uma excepção sem precedentes na historia do Mundo.

«Até agora a troca de nacionalidade dum territorio tinha-se sempre feito a poder de ouro ou doutras concessões, ou pela força dos canhões e argumentos equivalentes; esta é a primeira vez que uma Nação entrega um territorio que lhe pertencia a outra Nação amiga, como premio á sciencia e ao valor dos seus subditos.

«O acto do Brasil é o primeiro caso de generosidade internacional desinteressada, de que todos se devem felicitar, pois que parece anunciar os primeiros sintomas do desaparecimento do positivismo reinante que tão funestas consequencias traz á paz do mundo, e os primeiros alvores de uma era de altruismo colectivo e de fraternidade humana. E é duplamente lisonjeador para nós o facto de que seja a nossa raça a iniciadora desta nova fase de sentimentalismo entre os povos, até agora absolutamente desconhecido».

Palavras, palavras...

Enredadas em formalidades protocolares

HAIA, 22. — O sr. Poincaré dirigiu ao Tribunal Internacional de Justiça uma carta pedindo para sobreestar no parecer pedido sobre a competencia da organisação Internacional do Trabalho agricola até que o Conselho da Sociedade das Nações receba da França o pedido para um parecer mais geral sobre o conjunto dessa questão.

O Tribunal considerou que devia proceder ao exame do primeiro pedido, porque lhe foi submetido pelos orgãos competentes e resolveu examinar o segundo pedido quando lhe fôr oficialmente apresentado.—(H).

Grande economia

No Liceu de Passos Manuel

A' festa escolar de encerramento de aulas assiste s. ex.ª o Presidente da Republica e o Governo

No edificio do Liceu de Passos Manuel a Jesus realisa-se nos dias 24 e 25 a exposição dos trabalhos dos alunos, tendo logar no ultimo destes dias uma festa desportiva e uma sessão solene para distribuição dos premios e de homenagem aos aviadores do raid Lisboa-Brazil.

Por se tratar do 1.º estabelecimento do ensino secundario de Portugal, quiz o Governo da Republica honrar a brilhante festa escolar com a sua presença.

Será aproveitada a oportunidade para se prestar tambem uma prova de agradecimento ao chefe do pessoal menor deste estabelecimento de ensino, sr. Sebastião Rolão, pelo zelo e dedicação com que sempre tem desempenhado o seu cargo, constituindo um exemplo digno de registo e aplauso.

Teofilo Braga

Passa hoje o cincoentenario da sua elevação ao professorado

Foi em 1872—ha cincoenta anos dia por dia—que Teofilo Braga começou exercendo o magisterio. Condiscipulo e amigo de todos aqueles que em Portugal vincaram superiormente na segunda metade do seculo XIX, Teofilo Braga é, como, historiador, como erudito, como homem de sciencia, uma figura de excepcional relevo. Um grande labor tem enchido tenazmente, pacientemente a sua longa existencia. A moderna investigação historico-literaria deve-lhe tudo ou quasi tudo. No seu ensino tecnico, na sua polemica intelectual foi sempre duma superior envergadura. Se por vezes o seu criterio pessoal deixa transparecer através da sua obra uma opinião e um modo de pensar particularmente seus, não é menos certo de que essa obra representa um labor consideravel, uma soma de conhecimentos invulgar e acima de tudo um espirito ordenado, metodico e indiscutivelmente previlegiado.

Na festa do seu cincoentenario de professorado vê Teofilo Braga, desfilarem perante si todos os cumprimentos a que tem direito. Não queremos ser dos ultimos a apresentar as nossas homenagens ao reputadissimo sabio.

Ainda o falecimento de Take Jonesco

A imprensa estrangeira refere-se ao estadista romaico

PARIS, 22.—A imprensa estrangeira mostra-se profundamente sentida com o falecimento de Take Jonesco. «Le Temps» diz que a Roumania acaba de perder um dos primeiros homens de Estado e um devotado defensor de corpo e alma desde a primeira hora da guerra mundial a favor dos aliados.—(Lu. Am.).

O MOMENTO

A Imprensa perante os poderes publicos

O cambio a 3—A vida cara—O caso do vapor "Mormugão", dos T. M. E.—As propostas de finanças—E o mais que consta do artigo... -:- -:- -:- -:- -:- -:-

Já não é de ontem. De ha certo tempo para cá vem-se pronunciando, por parte dos altos poderes do Estado, um ataque á imprensa, acusando-a de venal. O sr. ministro das Finanças ousou, por exemplo, lançar da tribuna parlamentar a acusação de que á imprensa se devia a baixa cambial. Esta ideia peregrina, especie de sentença salomonica, quasi passou sem julgado — e dizemos quási, porque sómente *A Capital* se insurgiu contra a insinuação inqualificavel. E, ha dois dias, o chefe do Governo tambem se atirou á imprensa como Sant'Iago aos mouros, mal disfarçando os seus terriveis propositos contra a propaganda de ideias por meio da letra de fórma.

Parece que esta tendencia agressiva dos detentores adventicios do Poder não fere demasiadamente os brios jornalisticos. A imprensa sanciona aparentemente os maus propositos dos intempestivos ataques, conservando-se silenciosa. E' natural que o azorrague ganhe impulso e que a Instituição venha a sofrer as consequencias da propria pusilanimidade. *A Capital* é que não se conforma facilmente. E, por isso, protesta só ou acompanhada, pouco importa. Protesta e devolve as invectivas aos que as proferem.

Aquilo que naturalmente se pretende é reduzir a imprensa ao papel de chancela absolutoria de todos os predominios, por criminosos que sejam. A imprensa deve dizer amen a tudo, principalmente ao que é mau. E' a isso que visam os poderosos ocasionais? Então, respondemos: não contem comnosco! Ponham-nos na cabeça do rol dos insubmissos, dos irrequietos... Já estamos velhos para aprender nova linguagem...

E' curiosa a atitude da Camara dos Deputados relativamente aos jornais de combatividade politica, no numero dos quais nos contamos. A desproposito de tudo, fala-se no dinheiro que as empresas jornalisticas cobram pela publicidade. Agora anda na boca de toda a gente a propaganda da representação portuguesa na Exposição do Rio de Janeiro. Havemos de falar longamente a êsse respeito. E muito brevemente. Mas, por hoje, temos notas de mais perfeita actualidade a destacar. Vejamos:

O publico assiste, desde muitos e interminaveis dias, a um esteril duelo oratorio, em que de um lado está o sr. ministro do Comercio e do outro o sr. Velhinho Correia. A velhissima questão dos Transportes Maritimos do Estado é proficientemente tratada. Os combatentes desfazem-se em tropos eloquentes... As palavras escondem as ideias... No final, parece assentar-se que tudo será entregue ao Poder Judicial.

Entretanto, nós, que assistimos das galerias a tão incruenta batalha, tomamos as nossas notas, filhas da observação critica. E dizemos, com os nossos botões:

— Tantas palavras... Mas, ha quanto tempo já se resolveu que o Poder Judicial liquide os escandalos dos T. M. E.? Entretanto, ainda não houve um deputado curioso e um ministro capaz, que resolvessem claramente estas questões: quanto dispenderam os T. M. E.? a quanto somam os roubos dos T. M. E.?

Ou, mais concretamente, esta simples pregunta, a que o sr. ministro do Comercio não deixaria de se considerar habilitado a responder:

Já se resolveu o incidente dos seguros do vapor *Mormugão*?...

Um caso de ontem é tambem tipico. A Camara aprovou, sem discussão, um credito de 150 mil contos *destinados á legalização das importancias dispendidas com a crise economica e ainda não escrituradas*. Houve um deputado, o sr. Carvalho da Silva, que protestou contra a precipitação com que o assunto foi posto no Parlamento. Mas nada mais fez porque, naturalmente, não compreendeu — como nós tambem não — para que se votava assim, de repente, sem dizer *agua vai*, uma tão avultada soma. Parece-nos, todavia, que 150 mil contos não são uma quantia minima! Pois a Camara, silenciosamente, lugubremente, aprovou, sem discrepancia de um voto. Nem ao menos houve um deputado que quizesse saber, ao certo, a aplicação de uma unica parcela da soma total dos 150 mil contos!

Mas o dia de ontem foi fertil em casos dignos de despertar a nossa curiosidade — e a dos legisladores, se êles quizessem exercer a função fiscalizadora. Leia-se êste *fait-divers*, que vamos redigir como se se tratasse de um atropelamento na via publica ou da surripiação habilidosa de uma carteira recheada de notas:

Ontem, ao fim da tarde, a Bolsa de Lisboa acusou uma tendencia acentuada para a baixa cambial. A divisa de 4 e poucos baixou para 3 15/16, sendo visiveis os esforços para a levar a 3 7/8. A afluencia de papel, lançado no mercado pelo grupo altista, impediu que se verificasse a ambicionada depressão; sendo possivel que a divisa cambial se mantenha hoje nas alturas de 4 1/8.

O Parlamento, que tão adverso se está mostrando á publicidade jornalistica, acalentando carinhosamente o éco das intrigas que são hostis á imprensa, poderia, se quizesse, interrogar o sr. ministro das Finanças ácerca das manobras dos altistas e baixistas, ontem bem salientadas na praça. Poderia, por exemplo, preguntar ao Governo — e em especial ao titular da pasta das Finanças — porque motivo não faz a policia uma rusga aos zangãos baixistas, que estacionam na rua Augusta, onde combinam, á vista de toda a gente, os seus golpes decisivos... O Parlamento, se lhe desse na real gana, pediria ao sr. ministro das Finanças que o esclarecesse sobre as causas visiveis e invisiveis da baixa cambial, coincidindo, muito extranhamente, com o anuncio da proximidade do debate parlamentar, ácerca das propostas de Finanças... E, para não perder o geito que vai tomando contra os jornais, poderia o Parlamento interrogar o Governo — e em especialidade o sr. ministro das Finanças — com respeito á profecia, por nós, feita ha meses, de que o cambio iria numa corrida desenfreada até valorizar o esterlino, ahi pelas alturas de Julho do ano corrente, em 80$00. Sim, senhores: oitenta escudos.

Poderia preguntar estas e muitas outras coisas. Poderia fazer como nós fazemos... Mas o Parlamento receia talvez que o Governo o apelide de indesejavel e êsse receio é muito para considerar, nestes tempos incertos, tão acentuadamente repressivos. Pela nossa parte, e usando da faculdade de interrogar que compete aos jornais, sem, aliás, termos ilusões sobre a ausencia fatal de resposta condigna, contentar-nos-iamos em que nos dissessem, por agora e com a possivel clareza, quantos biliaulaiós de libras esterlinas tem custado á Nação as variadissimas comissões de politicos da alta esfera, expedidas no *Sud-Express*, para nos representarem nas Conferencias Internacionais... Já soubemos ontem, graças a preguntas e respostas antecipadamente combinadas, que o sr. Afonso Costa não recebeu os tais 200 contos... Esses, não recebeu. Simplesmente, 200 contos não são nada! O que seria interessante saber, é quantas vezes 200 contos se tem dependido com as numerosissimas comissões que os governos e o Parlamento disparam sobre o estrangeiro, á razão de muitos esterlinos diarios — por cabeça.

Finalmente, o Governo, se alguem lhe preguntasse, alguem que fosse parlamentar e o pudesse obrigar a responder, não deixaria de informar a Nação sobre as causas que dão impulso continuo e interminavel á vida cara e a tal extremo e com tanta rapidez, que, em oito dias, os objectos de mobiliario domestico subiram 100 por cento de preço... O Governo, pela voz do sr. ministro das Colonias, que está sempre pronto (como é publico e notorio) a responder ás interrogações dos representantes da Nação, teria então oportunidade para destruir a demonstração indestrutivel já feita por nós, num dos ultimos numeros da *A Capital*, — e, segundo a qual, o açambarcamento de cambiais pelo governo de Angola havia de determinar uma baixa cambial e uma alta no custo da vida. Já ontem tivemos o cambio na casa dos 3; já ontem se verificou a alta dos preços de aquisição de mercadorias...

O Parlamento, porém, não está para se ralar. Esta vida são dois dias e tolo é quem se mata. Couraçado no aforismo egoista, o Parlamento aprova, ás cabazadas, o que lhe trazem, e suspira, impaciente, pelo momento de repouso, *sub tegmine fagi*... Pois que lhe faça bom proveito!

COUSAS LEVES E TRISTES

Será real a existencia da ilustre vereação?

NÃO SERÁ A CAMARA MUNICIPAL APENAS UMA ORGANISAÇÃO DESTINADA A COBRAR O IMPOSTO E A ARRECADAR :—: :—: :—: A MULTA? :—: :—: :—

O estado de cahotica imundicie a que se deixou chegar a cidade de Lisboa, dá bem a nota da desorganisação de todos os poderes publicos. E arremeter tambem contra a ilustre vereação é sobremodo um trabalho inutil especialmente se se der credito ao boato que afirma não saber lêr o respeitavel corpo a que aludimos. Se não houvesse em Lisboa uma Camara Municipal, é fóra de duvida que todos nos, municipes teriamos uma cidade mais decente.

A's quatro horas da tarde, com este calor sufocante, com este vento de verão peculiar á cidade, o Chiado permanece por varrer. Não se póde passar por lá. A praça dos Restauradores é um «mare magnum» de papelada onde apenas se encontram limpos e vasios os dois cestos chimericos que lá jazem não se sabe para quê. No largo da Anunciada, no recanto da Companhia das Aguas, ha, ha perto de um mez, uma poça d'agua estagnada onde pululam milhares de mosquitos. Não passa uma vassoura desde tempos imemoriais pela Praça do Brazil, a rua Silva e Albuquerque fermenta de ponta a ponta e na rua da Cruz dos Poiaes é preciso andar cuidadosamente para se não pisarem toda a sorte de embrulhos em papel de jornal, onde apodrecem espinhas de peixe. Lisboa—cousa notavel!—consegue ainda ser mais porca do que Napoles, mais microbiana do que qualquer cidade levantina. E tem já um cheiro caracteristico que nós não sentimos porque vivemos dentro dele mas que não escapa a narinas deshabituadas dos odores nacionais.

E' alem disso a unica capital europeia que ilumina a petroleo e não tem gaz. A unica onde é impossivel sahir de noite sem se correr o risco de cahir n'algum buraco. A unica que tem o tifo num estado mais ou menos endemico. A unica onde aparecem de quando em quando doenças suspeitas que duram meses, e revolvem os bairros pobres. E' ainda a unica onde conseguem aparecer pelas ruas cães hidrofos, gatos cheios de mazelas e cadaveres de ratos em putrefação. E' unica, inquestionavelmente unica.

* * *

Não falaremos já em como está irremediavelmente estragada. E' assunto patente a todos os olhos. Causa dó, causa revolta vêr a maneira porque a cidade é retalhada, moldada segundo um criterio torpe onde não existe a menor parcela de bom senso, de estetica, de gosto e de equilibrio. Estraga-se o bem de todos nós, aquilo que pertence a todos, atravez da indiferença geral. Levantam-se hediondos palacetes de mau gosto ao lado de comodas esguias e desequilibradas, as avenidas não teem perspetiva, inflétem bruscamente sem se saber porquê, sem motivo justificado, os proprios trabalhos de nivelamento não obedecem a uma ideia preconcebida e por cima de tudo isto apetem-se impiedosamente os restos que deviam conservar-se e que são na realidade o que hoje resta de belo em Lisboa.

—Não ha então uma Camara Municipal, prenhe de funcionarios e vereadores?

—Ha, sim, senhor.

—Então para que serve?

—Para cobrar o imposto e arrecadar a multa.

—Mas não zela os interesses dos municipes?

—Qual! Nem se lembra de que eles existem!

* * *

Tem culpa os ilustres vereadores deste estado de coisas? Nenhuma culpa. A culpa é toda nossa que os pusemos lá ou consentimos, com a nossa indiferença, que eles para lá fossem. A cidade, realmente, só tem o que merece. Ninguem contesta que sejam creaturas muito de bem e muito capazes de gerirem os seus interesses mas se fossem falar a estes notaveis individuos de estetica e de bom gosto, se lhes dissessem que numa cidade ha leis de perspetiva, leis geometricas, leis imprescriptiveis de higiene e de saneamento, — ficariam com certeza, muito admirados, arregalariam os bons olhos, muito redondinhos, muito piscos e extremamente muito ignorantes. Porque o que se torna sumamente divertido é facto de aqueles individuos a quem todos nós entregámos o nosso patrimonio comum, não terem a mais ligeira ideia do que estão fazendo. E nós podemos de resto rir um pouco com as tremendas congeminações (?) do Largo do Pelourinho mas com a condição de elas serem apenas inocentes sem cuidar de todo o que ainda ha de aproveitavel, cavando tolices irremediaveis.

Não tem hoje quasi que conserto a cidade de Lisboa. A ilustre vereação depois de ter feito uma propaganda feroz contra os esbanjamentos das antecessoras, gritando pela necessidade de economia, não só não tem um vintem de seu como ainda não foi capaz, desde que se deu a gerir esta aldeola de fazer cousa que geito tivesse.

Estamos todos á espera duma obra da Camara Municipal de Lisboa. Mas dir-se-hia que depois de ter espetado uns pausinhos raquiticos para umas festas inomeaveis, ficou de todo exhausta de imaginação e de criterio. Pode afirmar-se que aqueles bestuntos não dão mais? E' verosimil. E o que se torna sobretudo duma nausea insuportavel é o facto se de falar constantemente na «nossa linda cidade», na «perola do Tejo», na «rainha do Atlantico» com um lirismo sebaceo que dá vontade de chorar. Claro que nos vamos tolerando. Claro que vamos sofrendo tudo isto. Mas é tambem clarissimo que um dia a força das cousas varrerá definitivamente e com engulho, a ilustre vereação.

"As Aguias Lusitanas,,

Poemeto de Parente de Figueiredo

Numa «plaquette» muito interessante publicou o moço poeta Parente de Figueiredo um poemeto intitulado «As Aguias Lusitanas», hinno cheio de frescura e de mocidade em louvor dos dois aviadores portugueses.

Os versos do sr. Parente de Figueiredo demonstram inquestionavelmente um poeta cheio de ritimo em que abundam qualidades instintivas. Tem exaltação e tem fogo, maneja bem o verso alexandrino que tem por vezes uma amplitude teatral. Trata-se evidentemente dum poeta de largo futuro.

MACAU

Ha ou não ha «ultimatum?»

Segundo «O Mundo» constata foi enviado pelo governo chinez ao governador de Macau um «ultimatum» exigindo o castigo dos oficiais portuguezes que no ultimo conflicto desenrolado nesta nossa colonia, fizeram o seu dever mantendo rigorosamente a ordem.

Ha dias tambem nos referiamos a Macau. Os factos vão pouco a pouco aparecendo posto que se afirme nas estações competentes que nada se sabe. Desta vez nem no Parlamento houve um vago deputado que vagamente interpelasse o sr. ministro respectivo, a este proposito. Nem mesmo uma interpelaçãosinha previamente combinada e com o caracter de torcida? Nem isso? Um dia destes nós acordaremos sem colonias, muito simplesmente, muito placidamente. Nesse dia praticaremos um acto de beneficencia. Alugaremos um moço de fretes para ir comunicar o facto á residencia de certo ministro nosso conhecido. E de caminho passa tambem pelo Parlamento.

As grêves em Italia

7.772.840 dias perdidos

ROMA, 22. — A direção geral do trabalho publicou as suas ultimas estatisticas sobre as greves em Italia no ano de 1921. Houve 1045, envolvendo 644.000 operarios e tendo-se perdido 7.772.870 dias de trabalho. 50 0/0 das grêves perdidas pelos operarios, 20 0/0 foram ganhas e nas restantes 30 0/0 houve acordo entre patrões e trabalhadores.—(Lu-Am).

A Irlanda catolica

batendo-se continuamente com a Irlanda protestante, aumenta a instabilidade da sua — existencia —

O governo de Londres, depois de conceder a autonomia á Irlanda, pensa agora em reconquistá-la. Para este efeito concentrou já bom numero de batalhões em Belfast. Só esperam ordens para se espalharem pela ilha e reocupa-la. Na verde Erin, como lhe chamam os poetas, os republicanos não se entendem. Não admira, porque isso sucede em quasi toda a parte. Os partidarios de mr. De Valera brigam o melhor que podem com os de mr. Griffith. Mas ha peor do que isso. Catolicos e protestantes assassinam-se uns aos outros ainda com mais zelo e empenho que nas guerras da Reforma de medieva e sangrenta memoria.

Porque existe esta irredutibilidade?

Não são faceis de traçar, com verdade, os principios do cristianismo na Irlanda, mas não ha duvida que o primeiro missionario cristão que viu coroados os seus esforços com exitos consideraveis foi S. Patrik, desde então reconhecido como o patrono da Irlanda. Durante seis seculos a Egreja de que ele foi fundador ocupou notavel posição no cristianismo ocidental. A Irlanda, em consequencia da sua situação geografica e do espirito do seu povo, era menos actuada que os outros paizes pelo movimento das ideias europeias. Por esta razão o seu desenvolvimento social e religioso conservou-se largamente independente das influencias estranhas, quer inglesas quer romanas. A plena comunhão com a Egreja latina fez que os irlandeses mantivessem muitas particularidades, tais como o seu sistema monastico, numa epoca em que os scismas do Oriente eram ali muito conhecidos.

As incessantes incursões dos dinamarqueses que durante cerca de tres seculos devastaram a Irlanda, impediram que se realisassem as suas promessas da infancia. Quando os inglezes conquistaram a Irlanda, a população da ilha perdera muito do seu antigo zelo e independencia.

* * *

Por este tempo entrára mais no convivio da Europa. O synodo de Cashel marcou uma quadra nova na politica do reconhecimento da juridicção pontificia. As medidas ali decretadas assimilaram a Egreja irlandesa ao ritual e usos da Inglaterra. Não havia solução de continuidade, mas os traços caracteristicos da cristandade celta desapareceram gradualmente num futuro não muito remoto.

A influencia inglesa fazia-se sentir apenas na região visinha de Dublin. Alem desta zona os irlandeses não aceitavam de bom grado nem olhavam com favor as reformas eclesiasticas originarias do paiz irmão. Assim desde a época de Henrique VIII, o movimento da Reforma esbarrou na Irlanda com os prejuizos nacionais e nunca conseguiu que completamente se integrasse nele. A politica seguida depois foi erronea e estupida e pouco honra os estadistas ingleses que a dirigiram. Nenhuma tentativa foi feita para harmonisar os principios da Reforma com o sentimento nacional dos irlandeses. A medida que preconisou a tradução do livro das orações em dialecto irlandez e que sugestionou que onde o inglez não fosse compreendido poderia empregar-se o latim não deu nenhum resultado pratico.

De facto, a Egreja reformada da Irlanda foi seguida por um pequeno grupo da população.

O periodo da Reforma na ilha começa verdadeiramente com a decadencia da supremacia da Irlanda. Em Inglaterra os soberanos que sucederam a Henrique VIII ora eram protestantes ora eram catolicos. O povo irlandez continuava a ser catolico, importando-se pouco com as controvérsias religiosas da Gran-Bretanha. Quando a rainha Maria, catolica, foi aclamada, cinco bispos anglicanos abandonaram ou foram privados das suas sédes. No entanto, do outro lado do canal não houve perseguições.

Com a rainha Isabel protestante, foram demitidos dois bispos por se oporem abertamente ao novo estado de coisas, mas predominou uma certa tolerancia. Mais tarde vem James I, catolico, e o seu governo toma medidas para que prevaleça esta ultima religião.

No meio destas alternativas, a Irlanda continuava a ser catolica, exceto uma região, a do Ulster, onde a Reforma encontrará adeptos.

* * *

Convem registar que sendo a legislação britanica tolerantissima em materia de religião os subditos de S. M. Jorge V aguardam dentro do seu espirito uma boa dóse de má vontade para quem não comunga no mesmo credo.

O odio existente ha seculos entre as populações das duas ilhas — a da Grã-Bretanha e Irlanda, e nesta ultima entre protestantes e catolicos — provém, numa certa dosagem, duma especie de aversão ancestral entre os dois credos.

Tem havido estadistas bem intencionados, que trabalharam da melhor vontade para que desaparecesse esse dissidio, como por exemplo Gladstone. Nunca o conseguiu. Repete-se hoje na virdente ilha o mesmo irredutivel rancor das antigas lutas.

A Irlanda gosa hoje duma autonomia administrativa igual á dos outros dominios. Pois acima das aspirações para implantar este ou aquele regimen subsistem duas ambições que nenhum bom irlandez póde arrancar do coração — exterminar os catolicos se é protestante, destruir os protestantes se é catolico.

Acima do despeito formidavel de mr. de Valera por não ter sido eleito chefe do governo, e que tem dado enorme contingente aos assassinios todos os dias perpetrados, ha a incompatibilidade das crenças. Houve periodos de relativa tranquilidade. Explicam-se. A emigração era tão densa que poucos catolicos lá ficavam na sua patria para agredir os protestantes.

Ou nos enganamos muito ou o governo central se ha de ver obrigado a tomar medidas graves dentro de um prazo curto. A Inglaterra, que dispõe de maravilhosos missionarios, dominadores hoje dos povos mais selvagens e indomitos, nunca conseguiu realisar alem do canal de S. Jorge a catequese em que tão forte tem sido em Africa e na Asia.

Porquê?

Porque o missionario vê no cafre ou no mongol um ser susceptivel de ser convertido; um irlandez nunca o seria, nem que voltasse de novo á terra São Patrick e que dispendesse toda a sua prodigiosa eloquencia a favor da Egreja anglicana.

Os resultados economicos

obtidos pela conferencia — — de Genova — —

Os resultados economicos obtidos na Conferencia de Genova foram mais que suficientes. As questões economicas estudadas primeiramente pelos peritos reunidos em Londres foram preventivamente examinadas pelo governo italiano, o qual reconheceu que, para o saneamento economico da Europa era indispensavel voltar á colaboração economica dos povos.

Como base a este conceito, foi proposto pelo governo italiano um esboço de convenção para a abolição das proibições de importação e exportação; a abolição de qualquer medida que possa valorisar, além do justo, nos paizes productores, a posse das materias primas; a exclusão de todo o procedimento tendente a limitar a concorrencia livre no campo economico internacional; a liberdade do transito e a independencia do regimen aplicado ás mercadorias da bandeira ou nacionalidade do proprietario do navio e as facilidades para as conclusões de acordos comerciaes entre os diferentes Estados, baseados na clausula da nação mais privilegiada.

Tal esboço de convenção foi transformado pelos peritos de Londres num complexo de resoluções e recomendações menos explicitas dos principios propostos pelo governo italiano.

Apesar de isto, o governo italiano, na Conferencia de Genova, insistiu nos seus propositos, e a isso se deve, em grande parte, se as resoluções adoptadas representam a mais alta afirmação dos principios de solidariedade economica.

Foi por esta afirmação que a Italia pode dar o exemplo da propria politica liberal, apesar de exigir que os acordos alfandegarios que se prepara a estipular, sejam baseados no principio da mais rigorosa reciprocidade.

Quanto ás materias primas, a Italia propoz e a Conferencia aceitou o seguinte: que nenhuma proibição de exportação, ou taxa de exportação, a não ser de natureza fiscal, deva impedir o livre afluxo das materias primas ás nações que necessitem delas.

Que nenhuma convenção comercial particular se faça entre as diversas nações tendente a impedir que a redução dos direitos da Alfandega ou as facilitações alfandegarias que poderiam acordar-se mutuamente, sejam aplicadas a outros Estados. A delegação italiana examinou o estado das relações economicas da Italia com as outras nações que interviesram na Conferencia, conseguindo estipular dois tratados de suma importancia economica e politica: os tratados comerciais com a Polonia e a Russia dos soviets.

Alem destes, tambem se trocaram impressões sobre propostas de futuros tratados comerciais com a Estonia e Letonia.

Com respeito ás questões do trabalho os resultados não foram tão favoraveis como se esperava, tendo sido aceites todas as propostas apresentadas pela delegação italiana, não obstante os melhores esforços empregados pelos seus delegados, com algumas limitações que atenuam a sua importancia.

As atrocidades da Asia Menor

Vai iniciar-se o inquerito

Os Estados Unidos bem como a França e a Italia já aceitaram o convite do governo britanico para tomarem parte num inquerito imparcial sobre as atrocidades da Asia Menor.

Haverá duas comissões — uma para estudar e examinar o tratamento dado ás minorias cristãs pelos turcos de Angora e a outra para inquirir das acusações feitas contra os gregos na região de Smirna. A fim de assegurar um exame completo e investigações perfeitas, sugere-se que as duas comissões troquem impressões durante o inquerito.

A reunião, o exame e a verificação das provas tomarão naturalmente um certo espaço de tempo. Os gregos já déram o seu consentimento para que se faça um inquerito no territorio por eles possuido, mas até agora ainda não se recebeu de Angora resposta alguma satisfactoria.

Entretanto as terriveis narrações feitas pelas testemunhas de vista americanas que se achavam ao serviço da obra dos socorros no territorio turco teem tornado mais viva a indignação aqui sentida, e, ao que me dizem, tambem na America pelos tratos dados aos christãos. Não resta a menor duvida de que os turcos tentaram deliberadamente resolver a questão das minorias pela implacavel expulsão dessas desgraçadas minorias.

Ainda o memorandum Francez

Referimo-nos já ao memorandum que o governo francez enviou aos paizes que participarão na Conferencia do Haya. Sobre ele bordamos algumas considerações que nos pareciam cabidas.

Vejamos agora como ele será acolhido por alguns governos.

Principiemos por Moscou. Em Moscou, disso estamos certos, esse documento ha-de ser mal recebido. Os «sovietas» desde sempre que se recusaram a permitir que á situação da Russia fosse feito qualquer inquerito. Assim procederam ha cerca de dois anos, não permitindo que comissarios nomeados pelos aliados penetrassem no territorio russo, porque lhes exigiam que fosse concedida auctorisação para esses comissarios irem aonde lhes aprouvesse e achassem conveniente.

E', pois, incerto que eles aceitem o inquerito exigido e as restantes condições que lhes serão impostas.

Quanto á Inglaterra, é, sem duvida, curioso procurarmos conhecer a maneira como ela acolherá o memorando que prevê uma discussão aprofundada da questão e poderá resultar fecunda se o governo inglez em lugar de impor os seus pontos de vista, que achamos irrealisaveis, consentir e entrar nessa discussão.

Qual é a tese do govêrno francez?

E' a de que, para se poderem reatar relações normais com a Russia é necessario que ela se faça regressar a uma existencia normal.

Lloyd George e alguns congressistas de Genova chegaram a pensar que era possivel entrar-se em negociações com um paiz que regeita e combate as leis, as regras e os costumes dos paizes capitalistas.

E' natural que, dada a ancia com que a Inglaterra procura aproximar-se da Russia, Lloyd George responda que o programa francês é impraticavel porque será inutil pedir ao bolchevismo que cesse de ser bolchevismo. A resposta, porém, a êste argumento é simples:

Se é inutil pedir-se ao bolchevismo que deixe de ser bolchevismo, certamente não é menos inutil, não deixa de ser esteril o programa de Lloyd George, segundo o qual a Russia, permanecendo bolchevista, venderá e comprará como se fosse qualquer Estado burguês.

Serão inuteis, pois, os dois programas? Não sabemos.

Contudo, Poincaré e Lloyd George ficarão esperando uma transformação na Russia.

"A semana do Derby"

Decorreu brilhantemente em Londres

Têm sido, esta semana, magnificas, em Londres, as funções desportivas, cuja distinção, em varios casos, tem sido realçada pela presença do rei e da rainha e outros membros da familia real.

A «Semana do Derby», como se costuma chamar, pode talvez ser considerada como a mais interessante semana de todo o calendario inglês e a corrida do Derby, em si mesma, que é, sem a menor duvida, a corrida de cavalos mais famosa em todo o mundo, produz sempre um efeito magnetico sobre a imaginação do povo britanico.

Ha, por exemplo, muitas pessoas que nunca na sua vida assistiram á corrida de cavalos, que não seriam capazes de fazer o exame mais simples a respeito de concursos hipicos, que durante todo o ano nunca lhes passa pela cabeça uma ideia desportiva, mas que, ao chegar a semana magnetica do Derby, tornam-se partidarias entusiastas e falam dos nomes dos cavalos, da sua forma e condições comparativas e de toda a tecnologia desportiva hipica como qualquer outro que tenha frequentado e estudado toda a vida essa arte desportiva. Ha alguns até que se arriscam a tentar o que em inglês se chama «um pequeno vôo», o que quere dizer uma pequena aposta. Resta, porém, o facto que a corrida do Derby, na qual só correm cavalos de 3 anos, o evento que, na opinião geral, decide qual é o melhor cavalo corredor de todo o ano, é tanto uma instituição britanica como as corridas aquaticas das Universidades de Oxford e de Cambridge, ou como o proprio Tribunal Supremo de Justiça, e faz bem tambem saber que tanto uma como as outras são instituições igualmente além da menor suspeita no que diz respeito ao modo «limpo» e honesto com que são realisadas.

A consagração de Thomaz Hardy

O autor da «Fly» celebra o seu 82.° aniversario

Thomaz Hardy, o mais velho dos actuais literatos inglezes, acaba de celebrar o seu 82.° aniversario, em sua propria casa perto de Dorchester, em West Country, cujo povo conhece tão bem e ao qual deu um certo perfume de imortalidade pelos seus livros.

Ha quem acuse os escritores da nova escola de falta de respeito e de tendencias iconoclastas mas a verdade é que eles rivalisam com os membros da escola antiga, todos os anos, nas honras que prestam a Hardy.

Este vive uma vida de completo isolamento e a sua aparencia fisica apresenta-o quasi tão velho como a sua idade indica mas as suas qualidades são ainda inegualaveis. Com efeito, ha apenas algumas semanas foi publicado um livro de poesias por ele escritas nos ultimos meses, o qual, segundo quasi todos os criticos literarios, contem um certo numero dos mais notaveis trabalhos que ele tem produzido na sua vida.

Os dons de Hardy, não são dos que imprimem aos seus livros o que se chama «uma optima venda»; mas por isso mesmo os entusiastas de Hardy tornam-se seus grandes admiradores, visto ser uma prova de superioridade. Não ha duvida de que os seus trabalhos deveriam ser melhor conhecidos no estrangeiro e, particularmente, não podem ser ignorados dos que falam ou desejam falar com conhecimento de causa da literatura britanica.

Homenagem a Gabriel Fauvre

PARIS, 22. — Com numerosa assistencia realisou-se na Sorbone a festa dedicada a Gabriel Fauvre, encontrando-se presente o sr. Millerand. — (Lat-Am).

O acordo franco-espanhol

PARIS, 22. — O acordo comercial franco-espanhol será assinado na proxima terça-feira. — (Lat-Am).

O emprestimo romaico

MADRID, 22. — O Parlamento romaico aprovou a proposta do ministro das Finanças para que seja feito um emprestimo de cinco milhões e meio de libras. — (Lat-Am).

Convenio militar

PARIS, 22. — Mr. Patchitch partirá brevemente para Praga afim de obter as assinaturas para a continuação do convenio militar entre a Yugo-Slavia e a Tcheco-Slovia. Acompanha-lo-ha o general Vassitch ministro da guerra. — (Lat. Am.).

A guerra civil na China

PEKIN, 22. — Foi assinado o acordo entre o general Pei Fou e marechal Tchang-Tso-Lin pelo que terminou o conflito ha dias latente na China. — (Lat. Am.).

O rei de Italia na Dinamarca

ROMA, 22. — O rei Victor Manoel partiu esta manhã acompanhado do barão Alvéri para Copenhague, sendo acompanhado até á estação pelo principe real, ministros de todas as pastas e grande numero de pessoas de todas as classes sociais. — (Lat-Am).

O problema russo

ROMA, 22. — Os jornais de Amsterdam apreciam favoravelmente a entrevista concedida pelo barão Avezzano a proposito da solução do problema russo. — (Lat-Am).

Ecos & Noticias

PARTIDAS E CHEGADAS

Partiu hoje para Paris o nosso presado amigo Guilherme Pereira de Carvalho da firma da nossa praça Pereira de Carvalho Ld.ª representante dos Automoveis Bignan-Sport e Gregoire.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

HOMENAGEM AO SR. TEOFILO BRAGA

Ao abrir a sessão, o sr. Domingos Pereira, presidente, propõe um voto de saudação ao sr. Teofilo Braga, por motivo do 50.º aniversario do seu professorado.

Associam-se, fazendo o elogio do politico, de escritor e de filosofo, os srs. Alberto Vidal, pela maioria, Cancela de Abreu, pela minoria monarquica, limitando a homenagem apenas ao homem de sciencia, Lucio dos Santos, pelos independentes, Alvaro de Castro, pela minoria reconstituinte, Lino Neto, pelos catolicos, Afonso de Melo, pelos liberais, e ministro das Finanças, pelo Governo.

Entre os srs. presidente da Camara e deputados Sá Cardoso e Carvalho da Silva debate-se um incidente, que termina por louvores gerais, tributados ao sr. Domingos Pereira, pela forma imparcialissima como dirige os trabalhos. Aos votos, associou-se, com veemencia, o sr. Carvalho da Silva, falando em nome da minoria monarquica.

Como o sr. presidente do Ministerio não está presente, tem de ser alterada a ordem das propostas dadas para discussão. Põe-se de lado, primeiramente, a proposta dos 250 contos para propaganda e consagração do *raid* Lisboa-Rio de Janeiro e gasta-se o tempo no debate de outros assuntos.

Neste momento está discursando o sr. Carlos Pereira, que advoga a necessidade de se colectar numa taxa minima, de caracter puramente estatistico, o papel destinado aos jornais.

A sessão continua, devendo, na Ordem do Dia, continuar o debate sobre os Transportes Maritimos do Estado.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Fernandes d'Almeida. Acta aprovada por 34 senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. presidente pronunciou uma eloquente saudação e propoz um voto de homenagem ao ilustre professor e republicano dr. Teofilo Braga, pelo seu quinquagessimo aniversario de magisterio. Associam-se a esta homenagem os srs. Medeiros Franco, Xavier da Silva, Augusto de Vasconcelos, Julio Ribeiro, Silva Barreto, Tomaz de Vilhena, Dias de Andrade (com as reservas devidas) e ministro do Trabalho.

Foi aprovado e nomeada uma deputação para cumprimentar o eminente filosofo, composta pelos srs. Medeiros Franco, Fernandes d'Almeida, Mendes dos Reis, Dias Andrade, Libâo Soeiro e Tomaz de Vilhena.

ORDEM DO DIA

Discute-se o projecto de lei n.º 138 abrindo um credito de 150 mil contos a favor do Ministério da Agricultura para fazer face á crise economica. Pronunciam-se sobre ele os srs. Afonso de Lemos e ministro da Agricultura sendo o projecto aprovado com dispensa da ultima redacção.

SEGUROS SOCIAES

Prosegue a discussão do orçamento do Instituto de Seguros Sociaes Obrigatorios.

A sessão continua.

Os "filhos da noite"

Foi presa uma quadrilha que furtou peles no valor de 20.000 escudos

Varios agentes da policia da 3.ª secção de investigação, dirigidos pelo respectivo chefe sr. Alfredo Maria, prenderam a noite passada os «Filhos da Noite» José Pedro Junior, rua da Galé; Julio Augusto de Sousa, «O Lorpa», patio do Prior, 9; Henrique Antonio Marques, Beco dos Biguinhos, 22, 2.º; Augusto Antonio Marques, rua do Vigario, 38, 3.º; Ricardo Marques Baptista, «O Pilha», rua da Regueira, 78, 2.º; João Marques, rua da Galé, 34; Manuel Paulo dos Santos, o «Manuel dos Camarões», Praça do Duque da Terceira, 4, 5.º; Angelo Amaral, beco de S. Miguel, 29, 1.º; Miguel Faria, «O Parreco», beco da Cardosa, 3, 3.º; Joaquim de Oliveira, «O Joaquim Leiteiro», rua Castelo Picão, 52, 2.º; Luiz Manuel Pedro, «O Bochechas» beco da Era, 5.

Todos êles, que têm largo cadastro, formavam uma quadrilha que, assaltando varias embarcações no Tejo, furtaram das mesmas grande quantidade de peles, no valor de 20.000 escudos, que depois venderam á diferentes comerciantes.

A soberania de Portugal em Moçambique

LONDRES, 22. — Comunicam do Cabo á Agencia Reuter que as negociações relativas á convenção com Moçambique abortaram, tendo os delegados portuguezes retirado daquela cidade. Parece, todavia, que permanecem as relações amigaveis entre a União Sul Africana e Moçambique. — (H.)

O telegrama que acima publicamos noticiou a retirada do Alto Comissario em Moçambique, interrompendo-se as negociações para o convenio entre os governos de Pretoria e Lourenço Marques.

Esta tarde dizia-se, na sala dos Passos Perdidos, que a desinteligencia fôra devida a excessivas exigencias do governo da União Sul-Africana, exigencias que não poderiam ser aceites sem diminuição da nossa soberania.

E' de supôr que os governos de Lisboa e Londres consigam encontrar uma formula conciliatoria, capaz de manter as relações amigaveis entre a Provincia Portuguesa de Moçambique e o dominio britanico da Africa do Sul.

PORTUGAL-BRASIL

Os aviadores telegrafaram ao Ministerio da Marinha agradecendo aos seus camaradas as saudações que lhes enviaram.

O comandante do cruzador *Carvalho Araujo* telegrafou tambem ao ministro da Marinha agradecendo os louvores á guarnição daquele navio, pela forma como colaborou para a boa efectivação da viagem aerea e apresentando ao mesmo tempo saudações pela conclusão da mesma viagem, cujos resultados brilhantes foi testemunhado pelo sr. João Duarte, irmão do nha.

O sr. ministro da Instrução recebeu o seguinte telegrama:

«RIO DE JANEIRO, 20 — A Liga dos Professores do Rio de Janeiro congratula-se com o magisterio português pelo glorioso feito dos heroicos aviadores. O presidente, *Floripes Lucas*.»

Em poucas linhas

Pelo processo do conto do vigario foi burlado Francisco Mendes, de Serpa, Alemtejo que ficou sem a corrente de ouro e o relogio, tudo no valor de 120 escudos.

— Foi preso Alexandre Pereira Ramos rua de D. Estefania 9 A, que furtou a quantia de 200 escudos a Manuel Aparicio, seu companheiro de casa.

— Os larapios entraram por arrombamento em casa de Julio da Silva Costa, rua Achiles Monteverde donde furtaram objectos e dinheiro no valor de 208 escudos.

— Manuel Coimbra, rua da Beneficencia, quinta de Manuel Caterino apresentou queixa na policia contra um tal Eduardo, rua dos Canos, acusando-o de lhe ter furtado a carteira com 65 escudos.

— A policia de Segurança do Estado mandou hoje em paz o barbeiro Carlos Velez preso ha dias por boateiro. Apurou-se que tudo quanto ele dissera sobre revoluções fora nem mais nem menos exposto pelo sr. Presidente do Ministerio, em entrevistas aos jornais ou nas sessões do Parlamento.

— Tambem foram restituidos á liberdade o florista Emilio Coelho ou Antonio Emilio Coelho e o pedreiro José de Melo expulsos do Brazil como indesejaveis.

— Um grupo de grevistas da industria mobiliaria tentou hoje á tarde impedir que varios colegas trabalhassem na marcenaria do Campo de Sant'Ana. A policia dispersou os revoltosos.

Poeira da Arcada

O conselho de ministros reuniu-se hoje na Secretaria do Interior. Segundo a nota oficiosa, ocupou-se de assuntos correntes de administração publica.

Foi autorizado a regressar ao exercicio do magisterio a professora na situação de licença ilimitada, sr.ª D. Maria Alexandrina Braz dos Reis.

NO ARSENAL

Saudando a Marinha

O sr. Presidente da Republica dirige entusiasticas palavras de afecto á briosa armada portugueza

Conforme estava anunciado realisou-se hoje a visita oficial do sr. presidente da Republica á briosa Marinha de Guerra Portugueza. A cerimonia realisou-se do Arsenal, sendo a guarda de honra ao chefe do Estado prestada por uma força de Marinha com bandeira e banda e pelos aspirantes.

Estes formavam na sala da balança e a primeira estendia-se desde a entrada principal até á sala destinada para a recepção circundando a casa da balança, formavam com costas voltadas para as caldeiras os contingentes dos navios de guerra, comandados por um 1.º tenente vendo-se ainda representadas a aviação maritima e a escola de torpedos.

Na sala da balança que ostentava uma artistica decoração com bandeiras, plantas, flores, artigos nauticos e da aviação maritima, etc. via-se o ministro da Marinha que se fazia acompanhar de todos os oficiais generais da armada, comandantes de navios de guerra surtos no Tejo, e outros oficiais da marinha ostentando todos os seus grandes uniformes o que produzia belo efeito.

A's 17 horas prefixas chegou ao largo do Pelourinho o cortejo presidencial organisado pela seguinte forma: esquadrão de cavalaria da G. N. R. fazendo a guarda avançada, «landau» conduzindo o secretario geral da presidencia sr. Jaime Atias; Luiz Barreto da Cruz chefe do protocolo e J. Serras, secretario particular; landau conduzindo o sr. Presidente da Republica que se fazia acompanhar do chefe do Governo.

Apenas os dois «landaus» deram entrada no Arsenal ficando a cavalaria no largo.

O sr. Presidente da Republica apeou-se á porta da balança sendo-lhe nesta ocasião prestadas as honras do estilo pelas forças da Armada enquanto a banda executava o hino nacional.

O Chefe do Estado depois de ter recebido os cumprimentos de toda a oficialidade dirigiu-se para o tôpo da sala, proferindo então uma bela peça de oratoria de saudação á briosa Marinha de Guerra Portuguesa de qual Sacadura Cabral e Gago Coutinho são dois brilhantes ornamentos.

Respondeu ao Chefe do Estado o sr. ministro da Marinha, que, bastante comovido, agradeceu, em nome da corporação de que é chefe, a manifestação espontanea prestada á Armada pelo venerando Presidente da Republica, terminando por saudar os dois heroicos e bravos aviadores, que mais uma vez acabam de mostrar ao mundo que a raça portuguesa ainda vive.

Terminado o discurso do sr. ministro da Marinha, o Chefe do Estado foi passar revista aos contingentes da Armada, a que acima nos referimos, retirando em seguida com o cerimonial da entrada.

Albergue das Creanças Abandonadas

No domingo proximo, penultimo dia de festas comemorativas do vigessimo quinto aniversario da fundação deste estabelecimento de beneficencia, deve ir ali muita gente, não só para visitar os seus internatos, como tambem atraida pelo programa em que figura a banda da Concentração Musical 24 de Agosto, Sociedade de Recreio e Instrução, de Calhariz de Bemfica, havendo de tarde luta greco-romana, pesos e alteres e á noite espectaculo de variedades no teatrinho do Albergue no qual tomam parte o trio dos «Serranos», um grupo de creanças e o distinto guitarrista Carmo Dias, que deliciará os espectadores, tocando os seus lindos fados.

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

THEATRO APOLO—A Vida— *Fantasia revista em 2 actos, de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, musica de Bernardo Ferreira.*

Uma maioria dos que não frequentam o teatro considera, quantas vezes justificadamente, a vida como uma grande massada. A êsses devemos dizer que, no palco, embora com o auxilio dos varios elementos sem os quais essa mesma vida seria insuportavel, assim mesmo ela não merece um interesse por ahi além.

A peça de que a empresa do Apolo fez montagem e que, á primeira vista, deixara no espirito do espectador uma impressão antecipada de beleza, já pela quantidade de scenario (22 quadros), já pelo guarda-roupa, que se anunciava com um esplendor áquem da verdade, é, em nosso criterio, uma das mais fracas de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, os dois escritores portuenses, a cujo bom humor e *savoir faire* tantas vezes temos rendido justos elogios. A sua vida não é bem *A Vida* que ontem vimos, falha de interesse, confusa no desenrolar da sua acção, sem uma graça ou um dito de espirito que fique, não conseguindo sequer integrar dentro da indole literaria dos varios escritores que nos são apresentados, os diferentes numeros que se seguem á apresentação de cada um dêles.

Os autores, querendo enveredar pelo caminho da literatura e do simbolismo, não alcançaram o fim visado. E, quando mesmo, literariamente, a peça merecesse elogios, o que não sucede, pelo menos da nossa parte, visto que nada ha que nela marque mais que o lugar comum, sem afectação é certo, mas sem brilhantismo, havia que contar com o desempenho de uma companhia, cujos artistas, habituados a um genero de teatro bastante diferente, deixam muito a desejar na interpretação do teatro declamado. Limitaram-se, portanto, os artistas do Apolo, a empregar o melhor dos seus esforços, que nem sempre foram coroados de exito, merecendo, porém, aplausos Soares Correia, no *Cabeçudo*; Santos Carvalho, no *Capadocio*, e Miranda, no *Bolcheviosca*, e procurando Aurelio Ribeiro, no *compère*, animar algumas das scenas que o publico não esteve disposto a aplaudir.

Do elemento feminino, cabe o primeiro lugar a Deolinda Sayal, seguramente o melhor elemento da companhia, imprimindo vida, leveza e graça ás rabulas a seu cargo, merecendo ainda reparos pela discreção do desempenho as senhoras Alda Teixeira, Candida Rosa e Margarida Ferreira.

Do scenario, detacam-se os quadros dos escritores e os três ultimos, de Salvador & Mergulhão, e o 10.º, de Renda Serra & Amancio. Guarda-roupa, de Valverde, com grupos interessantes e bem vestidos, dos quais nos agradaram, sem restricções, o grupo dos *alpinistas* e o dos *pierrots* e *colombines*, porventura os melhores marcados de toda a peça.

A musica, com alguns numeros ligeiros, sendo de lamentar que outros haja pretensiosos em demasia.

ALVARO LIMA

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Centenario».
AVENIDA—A's 9,15—«O Conde Barão».
POLITEAMA—A's 9,30—«Entre giestas».
APOLO—A's 9,15—«A Vida».

Teatro musicado

SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparote».
CRIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade.
SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 8,30—Animatografo e variedades.

O SENTIMENTO POPULAR

perante o feito dos gloriosos portuguezes

Póde dizer-se afoitamente, porque todos o sentiram, que a alma nacional vibrou intensamente com o fecho da gloriosa travessia aerea levada a efeito por esses dois portuguezes de lei, Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

Foi bem a alma nacional, foi bem a alma da nação inteira que se exteriorisou nessas delirantes aclamações com que exprimiu o seu orgulho e a sua alegria pela victoria alcançada por dois portuguezes de raça, abrindo ao mundo o caminho aereo para o Brasil.

Mas o psicologo ou o estudioso que quizesse ir até ao fundo desse entusiasmo e dessa alegria; que quizesse como o medico, auscultar a intensidade das pulsações do largo coração da multidão, sentiria que não era só o feito glorioso dos dois aviadores que o fazia pulsar: nessas aclamações, nessas vibrações de um paiz inteiro aclamando dois dos seus filhos mais ilustres, poderia o psicologo, poderia o estudioso sentir o anceio da alma nacional, porque sobre esta desventurada terra que tantas dissenções e tantas lutas partidarias e fratricidas teem perturbado e ensanguentado, uma nova éra de paz e de concordia raie, emfim, e sobre os corações dos desavindos e dos que tão mal esquecem a Patria pelos seus proprios interesses, desça a luz miraculosa da razão e de uma mais larga e mais perfeita compreensão dos deveres que a cada portuguez e a cada patriota cabe, para a felicidade e bem comum.

A alma da Patria, a alma nacional traduziu-se bem no anceio com que a multidão, com que o paiz inteiro aclamaram os dois portuguezes.

Ninguem, ao ovacional-os, ao render-lhes o preito que o seu extraordinario feito mereceu, perguntou que filiação partidaria era a sua, ou o seu ideal politico. Para quê, tal pergunta?

Seria absurdo indagal-o.

Eram dois portuguezes, eram dois patriotas, eram, acima de tudo, dois irmãos nossos!

E isso bastou para que o paiz inteiro os aclamasse.

Ah! não o duvidemos! Foi bem a alma nacional, foi a alma da raça que mais uma vez palpitou e vibrou traduzindo o anceio, o desejo de que uma era nova floresça, como radiosa flor, de ideal pureza, neste perfumado jardim, que é Portugal.

E' esse, certamente, o desejo que os aplausos, que os vivas, que as aclamações que ainda pelo paiz fóra se repetem, querem traduzir e demonstrar.

Será tempo de assim o compreenderem os que nos governam? Será nesta hora abençoada, hora de jubilo, que emfim se compreenderá que o paiz apenas deseja que o deixem trabalhar e produzir em socego?

Bastava vel-o, a esse povo feliz e contente, pelas ruas da cidade; bastava sentir a alma da multidão atraz das aclamações com que ovacionavam os dois herois para se compreender que um paiz assim está apenas sendo ludibrio de meia duzia de ambiciosos.

Um povo que tão comunicativamente se manifesta, que tão eloquentemente toma parte no jubilo nacional, não quer, não pode desejar outra cousa que não seja isto: que o deixem tranquilamente viver, trabalhar e produzir!

Todas as vezes que a alma popular, que a alma nacional vibra e tem ocasião de manifestar-se, é esse sentimento que ela procura traduzir na sua admiravel linguagem de emoção.

Deseja apenas que a conduzam bem e o seu anceio é o anceio, é a ancia, insofrida, de encontrar quem a conduza para as grandes acções e para os grandes exemplos, que esses são os que perduram na historia dos povos e da humanidade.

Não, Não o duvidemos sequer. A hora que passa é uma hora sagrada para a Patria.

Todos os que tentaram perturba-la cometem um hediondo crime; um horroroso delito contra a nação. Fazem mais: tornam inutil a maravilhosa obra de dignificação nacional, de aproximação afectiva que os dois heroicos aviadores, por sobre o dorso encapelado das vagas, no espaço constelado de estrelas de estrelas, conseguiram realisar, unindo dois povos irmão que um começo de desinteligencia começava a afastar, tornando-os, aos olhos do estrangeiro, merecedores da estima que nos tributam.

Que os maus portuguezes não prejudiquem com os seus desvarios o que, com risco de vida, num belo gesto de audacia, levaram a cabo, tão patrioticamente e tão alevantadamente dois portuguezes tambem, dois gloriosos filhos de Portugal.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 1/16 — 4
» 90 dias	— 4 1/8
Paris, cheque	1151 — 1169
Suissa, cheque	2530 — 2569
Belgica, cheque	1094 — 1111
Italia, cheque	650 — 661
Berlim, cheque	40 — 43
Holanda, cheque	5139 — 5219
Madrid, cheque	2079 — 2111
New-York, cheque	13301 — 13500
Brazil, cheque	56 — 62
Austria, cheque	1/2 — 1 1/2
Noruega, cheque	2220 — 2255
Suecia, cheque	3424 — 3478
Dinamarca, cheque	2842 — 2885

Libras . . . . . . 65$500 — 67$000

Escola Normal Primaria de Lisboa

Aceitam-se na secretaria da Escola das 10 ás 16 horas, os documentos para a inscrição á matricula do curso de ferias do ano corrente.

Associação de Classe do Pessoal Maior dos Correios e Telegrafos

Assembléa Geral (2.ª convocação)

Por motivo de força maior fica adiada para o proximo dia 21 do corrente, pelas 21 horas prefixas, a Assembléa Geral desta Associação que estava convocada para hoje.

ORDEM DOS TRABALHOS:—1.º Pedido de demissão do Directório e sua substituição.

2.º—Atitude a tomar acêrca da constituição do sindicato unico nacional.

3.º—Diuturnidade dos 50 oficiais.

4.º—Apreciação das propostas governamentais respeitantes ao funcionalismo publico.

Pede-se a comparência de todos os associados residentes em Lisboa.

Lisboa, 19 de Junho de 1922.

O Presidente da Mesa
a) *Magalhães de Menezes*

Liga de Aviação Civil de Portugal

Na proxima sexta-feira realisa-se nas salas da Associação dos Caixeiros, rua Antonio Maria Cardoso, 20, uma sessão magna, promovida por uma comissão de socios, pelas 21 horas, para o que se pede a comparencia de todos os socios deste organismo sportivo.

SPORT

MEMORIAS DO ATHLETA RUY DA CUNHA

IX

Box — Raku

O sucesso que em Lisboa obtivera a troupe Paul Pons incitaram-me a lançar pela provincia a luta greco-romana.

Em Evora, em Braga, Porto etc., organisaram-se torneios de luta entre nacionais, torneio que eu ganhei sempre, e o sucesso foi tão grande no Porto que, depois de 15 dias de luta, fiquei contratado para fazer «matches» durante um mez.

No campeonato da Europa realisado no Porto fiquei em terceiro logar, num grupo de homens de grande classe, como Maurice Deriaz, Lemaire, Moret, etc.

Fui eu tambem que organisei o primeiro match de box entre nós com o belga Tausson e o francez Celesteri Moret.

E assim, umas vezes como emprezario, outras por conta alheia, fiz nova «tournée» lutando, boxando e outras coisas do meu vastissimo repertorio. Alem da propaganda pelo facto, que o meu trabalho fazia, tambem, em quasi todos os jornais da especialidade tinha a meu cargo secções.

Nessa epoca apareceu Raku, com o seu ju-jutsu. Foi um delirio, como sucede sempre entre nós, quando aparece qualquer coisa de novo.

O ju-jutsu foi durante alguns mezes o prato de resistencia do Coliseu dos Recreios. Depois de esgotados os encontros com os nacionais, Raku encontrou todos os lutadores da troupe Petersen-Pons, dando logar a grandes lucros ao emprezario do Coliseu e aos carpinteiros, que venderam muitas cadeiras...

Lutei cinco noites com o japonez, que era um belo artista e um optimo camarada.

Raku, era como disse um excelente artista, sabendo fazer valer o trabalho especialmente na parte do numero em que simulava, com o seu companheiro, a luta com um apache.

Como combatente, era regular, e tambem regular como professor.

De todos os japoneses que nos visitaram o mais forte era Tani, e o melhor que apareceu na Europa foi «Taro Miaki».

O «jiu-jutsu» subiu á cabeça de muita gente, que calculou ficar em algumas lições apto para vencer qualquer hercules...

Ora dos sports de combate, o jiu-jutsu e o mais dificil, pois exige qualidades de «souplesse» e de resistencia como nenhum outro.

Como utilidade é sem duvida num «corpo-a-corpo», o melhor.

Conheci alguns vi lonarios que sofreram desilusões, com a persuação, que o conhecimento vago do «jiu-jutsu» lhes dava foros de «fortes»...

Comeram poucas...

Tambem esteve entre nós um pequeno japonez de nome «Kirano», habil professor que pesava apenas 45 quilos, com quem lutei algumas vezes.

«Kirano» morreu afogado quando tomava banho, o que fez dizer a um amigo meu «blagueur» impenitente, que o jiu-jutsu perdia a sua eficacia quando mergulhado num liquido...

O jiu-jutsu passou entre nós até nova crise.

Pedidos instantes para lecionar e um convite para dirigir a secção de sport dum grande jornal diario, fez com que me retirasse da exibição de numeros em publico, e abandonasse a vida activa.

Os discipulos afluiram e dentro em pouco tinha classe de luta, box e gymnastica.

Estava eu nesse «engano de alma ledo e cego», quando dois amigos velhos me levaram uma noite á redacção de «O Mundo».

Tornei-me «habitué» da casa, comecei a dirigir alí uma secção sportiva e com a ajuda de França Borges, que me proporcionou os meios para isso, organisei a melhor manifestação de «sport» que até hoje se tem feito entre nós, com o nome de «a semana sportiva».

Mas o diabo que de vez em quando se lembra de mim, sugeriu a França Borges a ideia de me meter na politica.

Preconisava-se então a politica á «poigne», a politica de força, e é claro que eu estava naturalmente apontado com os meus 45 centimetros de «biceps»...

E lá fui «coroado» administrador do concelho de Loures, e portanto senhor de «cutelo e baraço», das regiões do «Bucelas», onde Camilo Alves oficia de pontifical, de «Odivelas» onde houve a «madre Paula» antigamente e onde hoje ha uns quartos de marmelada de se tirar o chapeu, do «Tojal», historico desde a reunião da «Mitra» e do «Zambujal» patria do saloio que lutou no Coliseu «in illo tempore».

Durante perto de três anos, lá dei conta do recado conforme pude, havendo parte do tempo, «paz», e outra parte «pozada...»

A politica... Baixezas, faltas de caracter, intrigas mesquinhas, ameaças e ofertas, tudo tive ocasião de apreciar durante o meu reinado. E' isto num logar apagado de administrador dum concelho...

O que não será nas altas regiões.

Mantive enquanto ali estive, o prestigio da autoridade, e a prova que não andei mal do todo, é que por vezes, me teem oferecido logar identico.

Mas a não ser que Loures seja proclamado um paiz independente, e eu feito «imperador», não entro de novo na politica.

Hei-de propôr o caso, á «liga das nações».

(Continua).

RUY DA CUNHA

NOTICIARIO

LIGA PORTUGUESA DOS CLUBS DE NATAÇÃO

Campeonatos Nacionais de 1922
Calendario

5 e 6 de Agosto—Campeonato de water-polo.

20 de Agosto—800 metros em 4 estilos para équipes de 4 nad; Saltos; Salvamentos.

3 de Setembro—100 metros estilo livre masculino; 400 metros estilo livre masculino; 800 metros estilo livre masculino; 1500 metros estilo livre masculino; 200 metros 4 estilos; masculino; 200 metros de bruços masculino; 100 metros de costas masculino; 400 metros estilo livre escolares; 100 metros estilo livre feminino; 200 metros de bruços feminino.

24 de Setembro — 6.000 metros (grande fundo) masculino; 1.000 metros estilo livre feminino; 200 metros estilo livre militares.

Conferencias

Na Sociedade Naturista, R. da Madalena, 225, 2.º realiza ás 21 horas hoje, 5.ª feira, o professor sr. Horacio Inglez Tavares, uma conferencia popular de higiene individual na qual tratará dos seguintes assuntos:

Os Estimulantes—Divisão dos estimulantes.—Emprego racional dos estimulantes.

A Agua — Aplicação interna. — Aplicação externa.—Banho Naturista.

Naturismo—Naturalismo e Naturismo.—A alimentação e suas divisões.—A alimentação irracional.—Efeitos do omnivorismo.—Os 22 inimigos do ser humano.—A alimentação racional.—Regimes alimentares anti-cadavericos.—Como devem ser cosidos os alimentos.—Os 12 amigos da criatura humana.—Banhos de Sol.

Entrada franca.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

O Pastor da Palhoça

por Julio Cesar Machado

E' uma verdadeira pena não conhecer o leitor o sitio da Palhoça. Não porque êsse sitio seja mais bonito do que todos os outros que conhece, mas porque a acção dêste conto é ahi que principia. A Palhoça nem é aquela casa de venda, que se encontra á beira da estrada um pouco adiante do Cercal, balançando aos ventos do inverno o ramo que tem á porta, nem tambem é a estação da mala-posta que lhe fica um pouco á direita, e que não deve chamar-se Palhoça, mas lugar dos carreiros; os campos de pastagem que ali se encontram, em tempos mais poeticos, que toleravam ainda a classica cabana de palha no meio dos montes; hoje, passaram de moda os carneirinhos brancos com fitinhas côr de rosa ao pescoço; andam ainda por lá, mas têm uma lã suja, que deita mau cheiro, e a sua principal poesia reside nas costeletas e exige-lhe batatas fritas!

Ah! Palhoça, Palhoça! Não és decerto tu que tens a culpa de que os pastores de hoje sejam uns besuntões sem geito no cabelo, esfarrapados, desairosos, esopos no andar, a mascarem um naco de pão de rolão e acompanhados de um cão esgalgado e estico com focinho de lobo, que deplora sobre os montes a decadencia da poesia pastoril!

Pois elas! Cuidam que ainda ha restos das pastoras antigas, de saia curta, corpete de fitas cruzadas e tez de lirios e rosas!? Ah! Isso houve, houve seguramente disso na Palhoça; mas, hoje, a Palhoça cedeu-as aos leques e aos biombos! Ai de mim!

Certo é, que era uma vez um pastorinho de quinze ou dezaseis anos, mas tão franzininho que não inculcava ter mais de doze, que ia conduzindo por êste mesmo sitio da Palhoça, com o ar reflectido e melancolico, particular ás criaturas que passam uma parte da sua existencia na solidão, uma duzia ou duas de carneiros, que teriam ido cada um para sua banda, se não fôra a activa vigilancia de um cãozarrão preto de orelhas esguias, que se encarregava de reunir ao grupo principal os retardatarios e os teimosos, por uma leve dentadinha dada a proposito.

Os romances não haviam dado volta ao miolo do nosso João; João é como êle se chamava, e não Tirce ou Leandro; não sabia ler. Era, todavia, sonhador e scismatico; se não vivesse na Palhoça, chamar-lhe-iam *romantico*; ficava dias inteiros encostado a uma arvore, com a vista errante pelo horizonte, numa especie de contemplação extatica. Nem êle proprio sabia em que pensava. Coisa rara em gente do campo, via o erguer e o pôr do sol, os efeitos de luz na folhagem, as diferentes côres do horizonte, sem saber o porque; supunha até fraqueza de espirito, doença quasi, o imperio que exerciam sobre êle as aguas, os arvoredos, o ceu e dizia entre si:

— Isto, por fim de tudo, não é coisa rara. Ha arvores a rôdo e uma pessoa está farta de ver terra. Porque motivo então paro eu uma hora inteira diante de um carvalho, de uma colina, deixando o comer e o beber, esquecendo-me de tudo? Se não fosse o Fiel, já teriá perdido cabeças bastas e o patrão ter-me-ia despedido! Mas porque não sou eu como os mais, alto, forte, alegre, cantando para espalhar penas, em vez de levar a vida a ver brotar a herva que os meus carneiros comem?

Chegado a um declive coberto de relva fina e luzente e semeado de arbustos que se prendiam á terra em raizes cheias de nós, de uma feição singular e pitoresca, parou, sentou-se num torrão e, com a cara encostada ao cajado curvo como os dos pastores da Arcadia, abandonou-se á tendencia habitual dos seus sonhos. O cão, discernindo sagazmente que os carneiros não se afastariam de um sitio em que a herva era tão mimosa e tão tenra, deitou-se aos pés do amo, com a cabeça estendida e os olhos fixos no olhar dêle, com a atenção apaixonada que faz do cão um ente quasi humano. Os carneiros haviam-se agrupado aqui e ali numa desordem graciosa. Um raio de luz escorregava nas folhas e fazia brilhar na herva algumas gotas de orvalho, diamantes caidos do cofre de joias da aurora e que o sol não apanhara ainda. Era um quadro completo, assinado «Deus», pintor excelente, que a nossa Academia das Belas Artes não quereria talvez mandar á exposição!

Esta foi a reflexão que fez uma senhora que, neste momento, entrava pela outra extremidade do vale.

— Que lindissimo sitio para um desenho! exclamou ela, pegando num album que levava a aia, que a seguia.

O pastor, a êste tempo, desprendeu a voz e, numa daquelas toadas populares, perfumadas de poesia campesina, cantou ingenua e melancolicamente uma trova, que eu não sei bem se dizia exactamente como êstes versos, mas que, de certeza, continha estas ideias:

Quem suspende no ceu azulado
Esse globo de luz sem rival?
Quem dá viço, verdores ao prado,
E perfumes ao verde rosal?

Quem, á noite, mil fulgidas flores
Faz nascer nas campinas do ceu?
Quem me inspira mil sonhos d'amores
Quando a lua desdobra o seu veu?

Não o sei. Vou sentar-me sòsinho
Junto ao lago d'imovel cristal!
E oiço a brisa dizer-me mansinho
«Gloria a Deus! Gloria a Deus imortal!»

E namoro uma estrela brilhante,
Cujo raio tremente e gentil
Vem mirar-se no espelho radiante
Dêsse lago de vagas d'anil.

Vem contar-me essa estrela os misterios,
Os segredos do meu coração:
Vem falar-me de sonhos etereos,
D'anjos, fadas, de branca visão.

E depois, na cabana asseriada
Longas horas eu fico a scismar,
Querendo ver o meu sonho encantado
Nas centelhas do fogo do lar.

Quando o sol vem cingir o horizonte
No oriente com rubro listão,
Oh! então, penso em Deus, curvo a fronte,
Nos meus labios desponta a oração.

Gloria a Deus que dá flores ao prado,
Voz ás selvas, ao sol resplendor,
E que ao pobre pastor isolado
Dá por socios mil sonhos d'amor!

A dama escutou-o enlevada numa melancolia doce e terna, sentada numa pedra musgosa, em risco de esverdear o seu fresco vestido branco, que pouco cuidado parecia dar-lhe; abriu o livro, colocou-o sobre os joelhos e principiou a traçar o esboço com mão leve e ousada. A sombra transparente do seu amplo chapeu de palha doirava-lhe as feições delicadas, como naquele primoroso esboceto de rapariga de Rubens, que se vê em Paris no museu do Louvre. Caiam-lhe em tranças os cabelos, de um loiro riquissimo, sobre o pescoço alvo de neve, marcado, como por coquetismo, de dois ou três sinaisinhos. Era de uma beleza encantadora e rara.

(Continua.)

A CAPITAL

Perguntas insoluveis de toda a p...
...te em Lisboa um serviço
...oesa de via publica?

Diario Republicano da Noite

N.º 4112 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Sexta-feira, 23 de Junho de 1922

Telefone n. ... — Telegr. CAPITAL — Oficina de Impressão ... da Rosa, 71

Preço 10 centavos

O Governo e a Nação

A sessão de ontem, na Camara dos Deputados, foi reconfortante para o sentimento nacional. Perante a gravidade da questão suscitada pelas relações entre a União Sul-Africana e a nossa provincia de Moçambique, a Camara, em pêso, esqueceu as suas divergencias partidarias. Só o sentimento patriotico prevaleceu. Em nome de todas as correntes representadas na assembleia, foi afirmado ao Governo, colocado em face dessa melindrosa questão internacional, que não lhe faltaria o apoio dos representantes da Nação.

Esta atitude consolou-nos, mas não nos surpreendeu. Em Portugal, diga-se o que se disser, existe uma unidade nacional. Ela manifesta-se sempre nas ocasiões criticas. O motivo de, por vezes, ela parecer inexistente, está precisamente na intensidade com que se revela quando necessita efectivamente de se demonstrar. Os grandes sentimentos são desta especie. Não se assoalham todos os dias. Correriam o risco de se banalizar.

Mas, quando é preciso, nunca deixam de se patentear e de se patentear por uma forma impressionante. Foi o que ontem sucedeu. Por momentos, dir-se-ia que não havia escolas politicas, que não havia partidos, que não havia correntes parlamentares. De todas as bocas, inspiradas pelo amor patrio, saiu uma exclamação identica.

E' que Portugal é de nós todos, e, pela sua integridade, pelo seu brio, todos nos devemos bater.

O dever mandava assegurar ao Governo o apoio do *paiz*, representado pelos seus mandatarios. Cumpriu-se êsse dever. Mas é necessario que o Governo não veja nisso uma passividade absoluta perante todos os seus actos ou uma aceitação absoluta de todas as suas medidas. Não! O que o Parlamento significou ao Governo foi que esperava, da sua parte, uma acção tão ponderada como energica, para que os direitos e interesses de Portugal sejam respeitados. E', sobretudo, para essa obra futura que se afirma a confiança parlamentar.

Estamos todos unidos perante o estrangeiro que procura humilher-nos ou prejudicar-nos. Mas quem pode garantir que a nossa politica não tenha sido desastrada?

Nem o Parlamento, nem ninguem quererá para si uma responsabilidade que não lhes cabe. Não podem sancionar o que de mau se tenha feito. O que podem é assegurar que darão todo o seu apoio ao que se fizer de bom. Dando ao Governo um voto de confiança, o Parlamento exprime a sua fé de que êle saiba levar a uma boa solução o conflicto desenhado com a União Sul-Africana.

Não acredite o Governo que fica isento de critica sobre a sua acção. Ser patriota não é ser cumplice. Em tudo quanto o Governo fizer, não deixará de incidir uma critica, que será tanto mais autorizada quanto mais desinteressada se mostrar.

Vamos todos juntos para a frente na defesa dos mais sagrados interesses da Nação? Está muito bem. Como está muito bem que se dê força ao Governo. Ele é quem representa o paiz. Mas não é indiscutivel. O Governo, com a votação de ontem, criou responsabilidades graves. Não as criaram menores os que lhe afirmaram o seu apoio. Nós estamos já fazendo historia, e não tarda que ela profira o seu *veredictum*.

O MOMENTO

Nós não sabemos que paiz haja onde, com tanto anti-patriotismo, tanta inconsciencia ou loucura se joguem os destinos de uma patria, a sua honra, o seu nome, o seu prestigio, o seu futuro, a sua propria independencia.

São constantes, ininterruptas as desordens, as revoluções, toda a casta de atentados contra a ordem publica. São de todos os dias, são de todos os momentos os boatos de alteração da ordem. Fala-se de uma revolução, anuncia-se uma revolução, indicam-se, nomeiam-se, dão-se a conhecer os seus dirigentes ... com uma sem-cerimonia, com tão estranha franqueza, que é de gente pasmar, que é da gente, em boa verdade, pensar que Portugal não é já a terra onde seis milhões de portuguêses trabalham incessantemente, ... por tornar grande e nobre a terra que os viu nascer e crear.

E verdadeiramente extraordinario, é simplesmente assombroso ... aumenta no momento em que, por toda a parte, se reconhece a absoluta necessidade de se ... pôr termo ao rodar da onda de desorientação e inconsciencia que de ha muito vem pairando sôbre a terra portuguesa. Para quem procure impulsionar ... a corrida vertiginosa em que ... nos vai rapidamente arremessando para o abismo.

E verdadeiramente extraordinario, é simplesmente assombroso que quando aos olhos de todos parece ressaltar a ideia de que se torna urgente e inadiavel que, de vez, entremos num regimen, que ... imposto por uma administração sã, conscienciosa e honrada dos dinheiros publicos, pelo incremento que procure dar á agricultura, comercio e industria nacionais, pela forma inteligente por que cuide de valorisar os nossos dominios coloniais, pelo aproveitamento consciente e concreto, enfim, de todas as nossas enormissimas riquezas, surja, de onde quer que seja, alguem, que, deixando-se arrastar por paixões, as mais insensatas, por finalidades, as mais absurdas, procure e tente perturbar a ordem, o socego, a quietação, absolutamente indispensaveis para se delinear e pôr em execução um programa de rehabilitação nacional.

Tudo se esquece, tudo se despresa, tudo se inutiliza.

Esquece-se que atravessamos presentemente um dos periodos mais graves da nossa historia, que jámais a nossa situação economica e financeira foi tão desastrada, tão temerosa, e que o estrangeiro nos olha desdenhosamente; desprezam-se os ensinamentos que nos veem dando as demais nações e que o tempo mesmo se tem encarregado de nos fornecer; inutilizam-se todas as inteligencias, todas as boas vontades, todos os esforços que se propunham realizar aquela obra verdadeiramente nacional, que de ha muito se vem exigindo dos poderes publicos.

E porquê?

Porque não apareceu ainda quem *governe a sério e como é preciso.*

Uma linha estrategica

E' planeada na região do Rheno e contrariada pelos aliados

BERLIM 23. — No Reichstag foi feita ao governo uma interpelação acerca da construção do caminho de ferro da Rhenania a que a conferencia dos embaixadores se opoz em razão do seu caracter estrategico.

Rathenau respondeu que pediria á conferencia que retirasse a sua oposição.—(Lat. Am.)

O cadastro infantil

E' aprovado pelas autoridades norte-americanas

NEW-YORK 23. — As autoridades municipais aprovaram o projecto do ministro de higiene, tornando obrigatoria a reprodução das impressões digitais dos recemnascidos sobre os assentos do registo que devem ser realizados cinco dias após o nascimento.—(Lat. Am.)

O DIA DAS ACTRIZES

A barraca dos beijos

O que será?

«A Capital» iniciará brevemente as opiniões das nossas mais ilustres actrizes sobre—o beijo

A Capital já levantou mais ou menos a ponta do reposteiro que encerra as curiosidades dêsse dia proximo, denominado *Dia das actrizes*. *A Capital* vem hoje levantar um pouco mais ainda êsse reposteiro e contar aos seus leitores o que será, nos seus traços gerais, essa barraca de beijos, que tanto interesse está despertando em todas as classes desta amorosa cidade de Lisboa. Como sabem — porque já foi dito nestas colunas — uma das notas pitorescas e originais da festa das actrizes, que se realiza em data ainda não definitivamente fixada no Jardim da Estrela, amavelmente cedido pela Camara Municipal de Lisboa — é a barraca dos beijos. O que *será* essa barraca? Nada mais simples como todas as coisas complicadas. Será uma barraca onde, em vez de *bibelots*, *bijouteries*, frascos de esencia, almofadas para alfinetes ou garrafas de vinho do Porto — se rifem simplesmente beijos. Que delicia! Um dos nossos leitores, por exemplo, compra uma rifa e, apesar da rifa ser em papel branco, não sae branca: sae premiada. V. Ex.ª, prezado leitor, tem direito a um beijo, a um beijo dado pela gentilissima actriz que a rifa designar. Mas, como nesta coisa de beijos ás vezes ha o seu quê de batota e emfim... — o certo é que cada rifa terá escrita a palavra *beijo* e a assinatura da pessoa que o ha de dar. E' pratico — e curioso. Os senhores estão a ver o que não será nesse dia a bicha de todos aqueles que desejam saber, num mixto de curiosidade e de felicidade, se a Sorte lhe concederá o infinito prazer de receber o beijo de uma mulher bonita. Que bicha! *A Capital* iniciará brevemente a publicação das opiniões das nossas actrizes sobre o beijo, sobre o beijo delicioso e eterno, que, desde que ha mundo, tem sido uma das mais absorventes preocupações de todos nós. Ficarão assim os nossos leitores conhecendo de antemão o que pensam as nossas gentilissimas actrizes sobre o beijo que elas proprias depositarão, num sorriso, sobre a face dos bemaventurados.

O que as nossas actrizes pensam sobre o beijo? Lêr brevemente em «A Capital»

O palacio da Sociedade Carvoeira

é atacado por 5.000 grévistas

NEW-YORK, 22. — No Estado de Illinois cinco mil mineiros grévistas atacaram na quarta-feira os edificios da sociedade carvoeira, havendo 14 mortos e vinte feridos, na maior parte guardas das minas.—(Lat. Am.)

A Polonia agradecida

Exprime á França a sua gratidão

PARIS, 23.—Os representantes de todos os partidos polacos reunidos em Kattovitz aclamaram a França e exprimiram os mais calorosos agradecimentos pela maneira brilhante como a imprensa francesa defendeu a causa da libertação do territorio.—(Lat. Am.)

Os vinhos portuguezes

Entrou em vigor o acordo já assinado

PARIS, 22—Entrou em vigor o «modus vivendi» assinado com Portugal no dia 30 de Janeiro; a comissão especial de membros dos sindicatos de Paris, Bordeus, Havre, Marselha e Cette dividiu entre si os 5.000 hectolitros mensais de vinhos do Porto e da Madeira, cuja importação está autorisada.

O acordo permite introduzir em França, no prazo de seis mezes, 30.000 hectolitros de vinho, em troca da supressão da sobretaxa de 50 o/o «ad valorem», que sobrecarregava as exportações mais interessantes para Portugal.—(H).

O sr. Norton de Matos

vai á cidade do Cabo

O telegrafo trouxe-nos hoje o seguinte telegrama:

LOANDA, 21.—O alto comissario, sr. Norton de Matos, vai partir brevemente para a Africa do Sul. Ignora-se o objectivo da viagem, bordando-se sobre isso várias conjecturas. Sabe-se, no entanto, que o alto comissario conta regressar a esta provincia no mez de Outubro proximo.—(Lat. Am).

Varias hipoteses se podem formular em vista deste telegrama e todos elas se podem condensar em tres. A primeira, a mais inverosimil mas todavia aceitavel, é que o sr. Norton de Matos vai descançar viajando e como simples «touriste» prefere para repouso a cidade do Cabo, como poderia preferir Cauterets ou Luxon.

A segunda hipotese — quanto romanescal — poderá atribuir ao sr. Norton de Matos o proposito de ir á União Sul Africana para influir ponderadamente no resultado final das negociações que se romperam agora a proposito do Convenio luso-transvaliano. O Alto Comissario de Angola conhece o general Smuts teve relações com ele por varias vezes e isto leva a crêr que s. ex.ª pensa melhor ou peor concertar as bases agora desfeitas, com fundamentos mais seguros. Poderá ser... poderá ser... E será muito louvavel.

Mas resta ainda uma terceira hipotese. O sr. Norton de Matos tem feito grandes obras na Provincia e precisa de muito dinheiro para elas. Dizem os entendidos que s. ex.ª se meteu numa camisa de onze varas, sendo necessaria uma de vinte e duas pelo menos para se desembaraçar. Pode muito bem (e este é o corpo da terceira hipotese) ir o Alto Comissario á capital da União tentar negociar um emprestimo de que está extremamente necessitado. E não será nada louvavel.

Infelizmente esta terceira hipose é a que parece mais viavel e só por si justifica a repugnancia que sempre demonstramos pelos poderes ilimitados e magestaticos que foram concedidos aos Altos Comissarios.

Se na realidade o sr. Norton de Matos, como tudo parece indicar, vai á Africa do Sul para fazer um emprestimo para Angola, o momento é assaz mal indicado por ir s. ex.ª enfeudar-se a potentados que neste momento não sentem por Portugal grandes desêjos de lhe serem agradaveis.

Isto são apenas meras hipoteses. O tempo os confirmará—ou talvez não. Fazemos votos por esta ultima probabilidade.

Como a Espanha comemora

os homens ilustres que a exaltaram e a tornaram grande

MADRID, 22.—Com extraordinaria solenidade celebrou-se a trasladação para a nova Necropole, dos cemiterios derruidos da Patrirroal e San Martin, dos restos de doze ilustres escritores, entre eles os do famoso romancista Antonio Flores, cujo cadaver foi trasladado em pleno estado de conservação. No prestito funebre, em cuja passagem se apinhava grande multidão, encontrava-se o Conselho Municipal e a Deputação provinciana. Presidiram ao acto o secretario do Rei, em representação deste, o capitão general e o presidente da Real Academia Espanhola, sr. Maura.—(R.)

A intriga bolchevista

Zangam-se uns com os outros os chefes dos soviets

BERLIM, 23.—O partido de Trotsky propõe Radek como sucessor de Tchitcherine que é censurado por ter comprometido os soviets a fazerem-se representar na conferencia da Haya.

Trotsky enviou uma nota a Tchitcherine dizendo que ele deveria ter dirigido um ultimatum ás potencias e concluindo por se lamentar de ter de recorrer ao exercito vermelho para com os seus canhões corrigir os erros da diplomacia.—(Lat. Am.)

Guerra Junqueiro

Volta a falar-se, com insistencia, na homenagem ao eminente poeta Guerra Junqueiro. O autor da «Patria» merece de ha muito uma consagração—uma consagração que seja de qualquer forma, em tudo digna de quem a merece e de quem a pratica. Uma consagração desta ordem terá de ser feita duma forma que terá de ser monumental. Mario Alves Pereira moço poeta cheio de talento lançou ha pouco a ideia de que sejam Coutinho e Cabral, os mais altos expoentes desta hora da Raça, a depor na fronte do grande poeta, no, Templo de Santa Maria de Belem, a corôa de louro dos eleitos. A ideia de Mario Pereira merece o nosso aplauso. Parece que a Federação Academica de Lisboa, por proposta da Delegação da Faculdade de Direito, vai realisar praticamente, a glorificação de Junqueiro, procurando pôr em pratica a ideia interessante de Mario Alves Pereira.

O tratado de comercio franco-espanhol

Telegrama de Madrid diz ter sido assinado o tratado de comercio franco-espanhol.

Já ha dias aqui tinhamos dito—porque o vimos em jornais francêses e espanhois—que o tratado estava prestes a ser concluido e que este diploma viria naturalmente a prejudicar a nossa exportação, sobretudo a dos vinhos.

O telegrama a que nos referimos diz textualmente o seguinte:

MADRID, 20.—Estão paralisadas as negociações para o tratado de comercio entre Espanha e Portugal, por o ministerio dos Negocios Estrangeiros não ter ainda dado instruções. Este facto está sendo muito comentado nos meios politicos e comerciais espanhois. O tratado comercial com a França foi assinado hoje.»

Telegrama de Paris para «El Sol», de 20, diz o seguinte a proposito do tratado:

«Nos circulos financeiros de Paris afirma-se que as negociações franco-espanholas entraram na sua fase decisiva e que em breve se assinará o acordo a não ser que sobrevenha qualquer imprevisto.

Parece ter sido vencida a ultima resistencia dos metalurgicos espanhois segundo uma formula que se baseia na insuficiencia do rendimento industrial hispanico em comparação com as exigencias imediatas do paiz.

A proibição radical da importação de productos metalurgicos ou metalicos não poderia realizar-se a não ser restringindo o consumo dos serviços publicos, especialmente os ferroviarios, medida que acarretaria o encarecimento da vida com todas as suas graves consequencias.

A França, que produz anualmente doze milhões de toneladas de fundição, apenas consome quatro milhões e precisa, por isso, de exportar.

A Espanha terá de abrir as suas fronteiras ás industrias dos paizes que em troca lhe oferecem compensações.»

* * *

A'cerca da situação vinicola em França e das vantagens que para aquele paiz advirão de um acordo comercial com a Espanha, lê-se tambem em «Le Midi Vinicole» o seguinte:

«Todos pensam na esplendida expectativa que pode resultar para o mercado de um acordo especial com a Espanha segundo o qual a esta ultima nação seja licito mandar-nos os seus vinhos em quanto se não faz uma convenção comercial definitiva.

A importação destes vinhos efetuar-se-ha pela tarifa estabelecida de francos 31,20 por hectolitro a que não ha a opor qualquer obstaculo sério como julgamos ter demonstrado.

Só esta importação poderá moderar uma alta que continua a registar-se; começará por nivelar os preços e depois fixa-los-ha até ao momento em que se torne possivel avaliar com exatidão as perspectivas da colheita de 1922.

Entretanto, na curta escala de 7 . 0 graus, cota-se o vinho do Sul entre 112 a 125 francos o hectolitro, o que equivale primeiro a 16 e depois a 14 francos o grau! E' demasiado, parece nos, a menos que não se ache excessivo. No entanto, descansem os do «grupo viticola» vendo como funciona a valvula de segurança.»

OS MIOPES...

CONTRA ISTO... BATATAS!

Para o sr. ministro da Guerra os "raids„ aviatorios são passeios...—O "raid„ ás colonias está, pois, condenado a morrer de morte macaca, logo á nascença!...

Numa entrevista recente, concedida pelo sr. ministro da Guerra a um jornalista, o celebre inventor da polvora sem fumo disse o seguinte, expondo a sua opinião pessoal ácerca do projectado *raid* aviatorio ás colonias portuguesas:

— A quanto montam as despesas? — preguntou o jornalista.

— A mil e quinhentos contos.

— Os aviadores já tiveram alguma conferencia com V. Ex.ª?

— Não senhor. Enviaram para cá um memorial, explicando os fins da viagem e pedindo os 1.500 contos. Não os dou, não os peço ao Estado — diz-nos com certa energia.

«De resto, êsse *raid*...

— Esse *raid*... — dissemos com a curiosidade a espicaçar-nos.

— Não tem para mim a importancia que lhe atribuem. O *raid* ao Brasil, sim, êsse é que honra o paiz.

— E a viagem aerea ás colonias? — fizemos um pouco admirados.

— Sim... seria interessante. Mas gastar-se 1.500 contos para um passeio, é muito.

Eis como o chefe do Exercito classifica o *tour de force* dos aviadores: um passeio, um simples passeio... ás costas africanas.

O criterio do sr. ministro da Guerra tem um aspecto muito interessante. E' simplista o mais possivel. O celebre Major Evangelista deve ter esfregado as mãos de contente e segredado ao cabo de esquadra, amanuense da sua repartição:

— Este é dos meus!...

Sem desprimor para o grande estadista que preside aos destinos do Exercito, que andou por Flandres e pelas inhospitas regiões africanas onde dominaram os germanos, permitimo-nos fazer algumas reflexões, mesmo com risco de arranjar lugar especial e de destaque na lista dos indesejaveis, irrequietos e insuportaveis portugueses, para quem, tão liberalmente, se estão talvez já fazendo as camas nos locais do desterro. Emquanto o pau vai e vem, folgam as costas: aproveitemos, pois, o tempo.

* * *

E' possivel que o sr. ministro da Guerra ignore que ha militares e Militares. Sabemos de um oficial que foi um Militar, nos tempos da nossa mocidade; êle inventou, então, a polvora sem fumo, que, por sinal, deitava fumo como todos os diabos da côrte do Averno. Mas tambem conhecemos, principalmente agora, muitos militares, á frente dos quais está, como simbolica figura, o bravo Major Evangelista, incarnação novissima daquele Bravida que Daudet criou e vivificou junto do olimpico Tartarin. Esses militares são a perfeita antitese do Militar. Exemplifiquemos, para maior clareza:

E' militar o almirante que dispara tropos encomiasticos ao ardor patriotico e á bravura dos Militares seus contemporaneos, tendo, aliás, o cuidado de se conservar entrincheirado na vida politica partidarista, sem dar o corpo ao manifesto, visto que todo êle é indispensavel á gloria platonica da Patria que o pôz; e não deixa de ser militar o cabo de guerra, cuja espada é virgem, não por fôrça das circunstancias, mas por virtude de uma oportuna prudencia...

Sacadura Cabral e Gago Coutinho são grandes Militares. São, neste momento, o maximo expoente de bravura, qualidade primacial e indispensavel a todos aqueles que fizeram do manejo das armas defensivas da Nação uma honrosa profissão. Mas é justo dizer isto: se Cabral e Coutinho não tivessem encontrado no sr. Vitor Hugo de Azevedo Coutinho outro Militar!... um homem que os compreendeu e ajudou, não teriam realizado êsse sublime feito, que nos orgulha a todos nós Portugueses. A visão do sr. ministro da Marinha foi realmente notavel, porque êle soube distinguir nos dois gloriosos lusiadas o traço do genio, que Deus só concede aos seus eleitos. *O sr. ministro da Marinha adicionou o talento politico dos dois grandes portugueses* e a prova de que se não enganou está já suficientemente demonstrada, graças á habilidade com que os dois aviadores navais aproveitam a aureola gloriosa que lhes circunda a fronte de semi-deuses em favor da nacionalidade portuguesa. Sacadura Cabral não se cansa de dizer que êles pouco fizeram, que foi a Nação que tudo realizou; e acrescentou que, se ha que especializar alguma força, essa distinção pertence, de direito e de facto, á Marinha de Guerra Portuguesa. Gago Coutinho, sublime na modestia com que pretende obscurecer-se, secunda os esforços patrioticos de Sacadura Cabral e não cessa, tambem, de exteriorizar o seu orgulho de pertencer á Corporação Militar da Marinha de Guerra Portuguesa. Como consequencia natural de tão notavel e inteligente patriotismo, os marinheiros portugueses andam orgulhosos, cheios de emulação, conscios de que uma parte da gloria de Coutinho e Cabral os eleva e os prestigia.

Agora, dizemos nós: porque se não ha de proporcionar ao Exercito o meio de conquistar florões de imarcessivel gloria, dando-lhe os meios de rivalizar em bravura e audacia com a Marinha de Guerra Portuguesa? E' certo que os fastos historicos do Exercito português são de molde a inspirar confiança na bravura dos seus oficiais aviadores. E, sendo assim, porque não aproveita o sr. ministro da Guerra uma oportunidade que tão proveitosa foi, mesmo politicamente, ao seu colega da Marinha?...

Sabemos que o sr. ministro da Guerra tem um fundamental e invencivel despreso pela imprensa. O ilustre cabo de guerra não se furta, pelo menos, a exteriorizar êsse preconceito, atribuindo a malevolas campanhas as criticas aos seus actos governamentais. Mas, repare s. ex.ª, nesta simples observação: os ministros passam e a imprensa fica... Porque esta é imortal, emquanto que a maior parte, a enorme maioria dos estadistas portugueses não vivem senão o fugido minuto em que gozam de um Poder que só o acaso lhes deu! E' claro que o nome glorioso do actual chefe do Exercito já pertence á Historia Patria, graças á descoberta da polvora sem fumo. Mas nós dizemos que não lhe ficaria de todo mal consolidar a situação já conquistada de Grande Homem escorando-se num feito que, embora praticado por outros, de alguma gloria e de merecido prestigio o salpicaria tambem. Eis algumas das razões que nos levam a encorajar o sr. ministro da Guerra, no sentido de satisfazer a patriotica devoção dos oficiais que projectam o *raid* aviatorio ás colonias portuguesas.

Quere-nos parecer, porém, que o sr. ministro da Guerra se não convencerá. Entre êle e o seu colega da Marinha ha fundamentais divergencias de orientação intelectual. Nesse caso, só é possivel uma saida para o bêco em que se vai metendo o ilustre titular da pasta da Guerra: é demitir-se ou demitirem-no. Porque, manifestamente, Portugal é que não pode esperar...

"Os Sports"

O magnifico numero de domingo

O jornal «Os Sports» que dia a dia está recebendo do publico um grande acolhimento, publica no proximo domingo uma larga reportagem do encontro final de foot-ball para o titulo de campeão de Portugal, realisado no ultimo domingo no Porto. Insere criticas do redactor que assistiu ao jogo, do correspondente de «Os Sports» e as impressões de Salazar Carreira que tambem acompanhou o team. Completa a sua colaboração, as secções de box, esgrima, hipismo automobilismo etc.

Uma tragedia nupcial

Dois noivos que q'dam com brilho e atitude

NEW-YORK, 23. — O sr. e sr.ª Wheelock resolveram fazer a sua viagem de nupcias em aeroplano. O aparelho poucos minutos depois de levantar vôo caiu morrendo imediatamente o noivo e ficando a noiva muito ferida.

O caso causou consternação em Chicago donde os infelizes noivos eram naturaes.—(R).

Portugal inculto

A necessidade de se olhar com atenção pelo baldio torna-se cada vez mais urgente

O feitio impulsivo com que Deus nos fadou, aliado á superficialidade com que soemos tratar as mais graves questões, é a causa primordial das muitas heresias e das inumeras injustiças que topamos a cada instante, ao sabor das conversas e dos escritos.

A agricultura não podia evitar esta praga, com que certamente Jehovah se esqueceu de brindar os telmosos egipcios. Tudo se tem boleado sobre a lavoura e o não menos desnaturado lavrador.

Ora, entre as afirmações mais ou menos disparatadas com que certas creaturas afanosamente procuram dar a medida da sua alta craveira intelectual, ha uma que aparece a cada instante e que, á força de repetida, acabou por se tornar em dogma para uma boa parte da nossa gente.

Para ver quanto o agricultor está longe de cumprir o seu dever perante o paiz, basta dizer que apenas uma terça parte da superficie do continente é cultivada». Eis, com ligeiras variantes, uma frase de todos os dias.

Frase absolutamente injusta e capciosa, como vamos demonstrar.

O professor Sertorio do Monte Pereira repartia da seguinte forma a superficie do continente portuguez:

area em cultura (culturas herbaceas, arbustivas e arboreas)	31,73 %
area florestal (soutos, montados, pinhais e matos diversos)	21,97 %
area inculta, mas productiva (pousios, pastagens e charnecas)	21,78 %
area inculta, improductiva mas cultivavel	16,83 %
area incultivavel (área social, caminhos, areias, etc.)	4,69 %
	100,00

Estes numeros, apresentados em 1908, não devem estar hoje muito longe da verdade.

A 3.ª e 4.ª parcelas que nos 8 anos subsequentes minguaram um pouco a favor da superficie cultivada e florestal, devem ter recuperado o terreno perdido e com excesso.

O ultimo lustro viu diminuir sensivelmente a parte cultivada.

A desastrada politica cerealifera dos governantes, conjugada com a extrema carestia dos adubos e a falta de mão de obra, obrigou muitos lavradores a abandonar a cultura de terrenos cuja pobreza natural a custo permitia tirar um magro rendimento, transformando-os em pastagens.

A superficie arborisada sofreu talvez menos. Os altos preços obtidos pelas madeiras fizeram, é certo, desbastar as nossas matas, mas essa perda deve ter sido em grande parte compensada pelo repovoamento e pelas novas plantações.

Podemos, pois, trabalhar com aqueles numeros, reduzindo um pouco a area cultivada em proveito da parte inculta, mas productiva.

¿E que nos mostra o exame desses numeros? Que dos 95,31 0/0 do territorio continental susceptiveis de producção, estão aproveitados 78,48 0/0, ou seja um pouco mais do quatro quintos da area cultivavel.

¿Mas estará este terreno bem aproveitado?

Eis uma resposta que exige algumas ocuside ações previas.

Anda muita gente iludida sobre a nossa capacidade produtiva.

A conhecida frase «Portugal é um paiz essencialmente agricola» precisa de ser modificada, ou antes explicada.

Para o vulgo ela significa que somos um paiz adequado á cultura cerealifera, e em especial á producção do trigo. Ora tal concepção é falsa.

Situado no limite norte da região da oliveira, Portugal, tem um regimen pluviometrico pouco favoravel á cultura do trigo. A grande irregularidade das chuvas e, sobretudo a sua má distribuição durante o ano cerealifero, colocam-nos em face de oscilações de producção que, em certos casos vão de simples ao quintuplo.

Este fenomeno torna-se, principalmente sensivel na provincia, onde mais se cultiva o trigo.

Porque, caso aparentemente paradoxal, se em Portugal ha alguma região indicada pelas suas condições climatericas para a producção do trigo, não é o Alemtejo, mas sim a região do Noroeste, entre o Minho e o Mondego.

O defeituoso regimen das chuvas dificulta, de um modo geral, o desenvolvimento das culturas herbaceas.

As culturas arbustivas e arboreas (vinhas, olivais e arvores de fructo) encontram um meio muito mais propicio ao seu desenvolvimento, o mesmo sucedendo á cultura florestal, a unica economicamente possivel numa boa parte do nosso territorio.

E, posto isto, analisemos os numeros citados.

E' grande a percentagem da superficie inculta? Mas uma boa parte dela é productiva.

Todo o habitante do Norte conhece o papel que a bouça representa na economia da exploração rural. E' de facto um terreno inculto, mas sem o qual se tornaria dificil, se não impossivel, a cultura do resto da propriedade.

As pastagens transformam-se em carne, leite, etc.

Nos pousios, constituidos geralmente por terrenos de extrema pobreza, a cultura é intervalada com descansos mais ou menos longos, durante os quaes a folha enriquece em principios nutritivos, servindo ainda de pasto ao gado.

Terrenos incultos, sim, mas productivos e, por vezes, indispensaveis.

Poder-se-hiam aproveitar melhor? Talvez. Mas na maior parte dos casos não é transformando-os em terras de pão, para o que lhes faltam as condições necessarias.

Se alguns hectares podiam ter vantajosamente esse aproveitamento, tambem, ha muitos outros entregues á cultura cerealifera que, em boa justiça, deveriam ter outro destino.

A superficie inculta pode e deve, em parte, desaparecer, mas a maior quinhão do terreno utilisado pertencerá ás culturas arbustivas e arbóreas e, sobretudo, á cultura florestal.

São as percentagens do terreno entregue aos pomares, olivais, montados, pinhaes e outras matas que devem acrescer. E' esse o melhor aproveitamento dos baldios esse eterno cavalo de batalha de todo o estadista incipiente.

E quanto ás culturas herbáceas, procuremos utilisar convenientemente as terras que elas já ocupam e que, em geral, são as mais adequadas a esse fim. E' nelas que devemos ensaiar irrigações, adubos, trabalhos do sólo, selecções de sementes e todas as praticas necessarias para aumentar o rendimento, por vezes irrisorio, que elas fornecem.

Organisemos a campanha da cultura intensiva nos terrenos «onde ela é economicamente possivel», e entreguemos os restantes ao seu habitante natural, a arvore.

Noticias de Almada

ALMADA, 22. — Iniciam-se hoje e terminam no domingo proximo as tradicionaes festas ao popular S. João, promovidas por uma comissão de cavalheiros desta vila. As festas terão logar na agrazivel alameda do historico castelo de Almada, constando de arraial, kermesse, iluminação electrica e á moda do Minho, festividade religiosa no dia 24, dia consagrado ao feriado do concelho, etc. Prestarão o seu concurso remunerado as filarmonicas Academia e Incrivel Almadense e Timbre Seixalense. Realisar-se-ha a costumada romaria ao historico sitio da Ramalha.

A Parceria dos vapores Lisbonense anuncia carreiras extraordinarias durante os dias das festas até de madrugada.

—Parece que a fabrica da Sociedade Aliança, sita no Cacamujo, está fornecendo ás padarias desta vila farinha bastante ordinaria, sendo certo que o pão exposto á venda tem sido de ruin qualidade.

Podimos a atenção da auctoridade competente.

—Ha muito que os moradores da Avenida Heliodoro Salgado se veem queixando, sem que providencias sejam tomadas, contra a permanencia de montes de terra, que parece nunca mais será removida, emporcalhando as casas que proximo ficam e prejudicando grandemente o embelezamento de uma das mais bonitas arterias da vila.

Será desta vez atendida tão justa reclamação?

Camara do Comercio Portuguesa

Reuniu, em Paris, a assembleia geral da Camara de Comercio Portuguesa sob a presidencia do sr. Monteiro Guedes, secretariado pelos srs. Candido Gouveia e Olindo Marques.

Foram aprovadas as contas e parecer do conselho fiscal relativas ao ano transacto.

Foram eleitos os novos corpos directivos compostos pelos srs. presidente Luiz Clercq; vice-presidente A. Vaz Coelho; secretario Leopoldo de Lys; tesoureiro J. Pinto da Costa; directores Manual Ortigão, Burnay. A. Quintanilha e Luiz Avelar.

Foi eleito por aclamação, membro de honra da Camara de Comercio Portuguesa, o sr. Carlos Gomes, presidente honorario da Associação Comercial de Lisboa.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

A sessão de hoje

A EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Logo no inicio da sessão, o sr. presidente do Ministerio requer que se consulte a Camara sobre se consente que entre imediatamente em discussão a proposta de lei, reforçando com 4.000 contos, a verba consignada ás despezas com a representação de Portugal na Exposição do Rio de Janeiro. E' aprovado.

Falam os srs. Pedro Pita, Nuno Simões, Carvalho da Silva, Agatão Lança. O debate continua mas é de prever que o credito seja ainda aprovado na sessão de hoje.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Fernandes de Almeida. Aprovam a acta 35 senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Afonso de Lemos requer a imediata discussão do projecto de lei sobre a cessão de penas disciplinares no Exercito e na Armada como homenagem aos aviadores no dia da sua chegada ao Rio de Janeiro. Foi concedido.

Foi retirado de discussão em virtude dos srs. ministros da Guerra e da Marinha terem cessado as penas, e o sr. ministro das Finanças não concordar com a cessação das multas.

O sr. José Pontes chamou a atenção do sr. ministro das Finanças para o funcionamento de algumas repartições publicas que, muitas vezes fornecem informações imperfeitas e descabidas que colocam mal os ministros diante dos parlamentares.

O sr. ministro das Finanças dá explicações sobre o facto.

Seguidamente é aprovado sem discussão o projecto de lei autorisando o governo a contrair um emprestimo até á quantia de 36.000.000$ para melhoramentos no porto de Lisboa.

Vai entrar na ordem do dia.

Professora punida

Foi transferida disciplinarmente, a sr.ª D. Cacilda de Jesus Dias, professora em Pareda de Monteiros, para Vila do Conde, concelho de Vila Pouca de Aguiar.

O Convenio luso-transvaliano

Retiram os delegados

Tendo-se rompido as negociações para o novo convenio luso-transvaliano, os delegados de Portugal, srs. Freire de Andrade, Lopes Galvão e tenente coronel Sá Carneiro, devem ter partido ontem da cidade do Cabo para a Madeira num paquete inglês, embarcando a seu tempo ali com destino a Lisboa. Tambem o alto comissario em Moçambique, sr. dr. Brito Camacho, partiu ontem, segundo consta, daquela cidade para Lourenço Marques.

O aumento da circulação fiduciaria

Já noticiámos que o governo pensava em pedir ao Parlamento uma autorisação para aumento da circulação fiduciaria.

Quaisquer que sejam os males que dahi resultem, é um facto inevitavel que, não havendo papel moeda, o governo não se encontrará habilitado no proximo mez de julho a satisfazer os seus pagamentos forçados.

Nestas condições, pensa-se em autorisar o Governo a dispender aquela verba que foi expressamente destinada a obras de desenvolvimento economico, quando se aprovou o ultimo aumento de circulação fiduciaria.

Malas postais

Pelo vapor inglez «Demerara» são amanhã expedidas malas postais para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 11 horas a ultima tiragem da Caixa geral e fechando os registos ás 9.

Mausoleu a Machado Santos

A recita que devia realisar-se no proximo domingo 25 a favor da subscrição do mausoleu ao almirante Machado Santos, foi transferida para o proximo dia 2 de Julho, assistindo a ela o Chefe do Estado.

Construção de estradas

A Associação dos Agricultores e Horticultores do distrito de Lisboa solicitou da Camara Municipal de Vila Franca de Xira que se ultime a construção da estrada no sitio do Bagolhão, para a qual contribuiram muitos agricultores. No mesmo sentido foi instado o deputado pelo circulo, sr. Emilio Infante, a quem o sr. O'Neill Pedrosa procurou em nome daquela colectividade.

A repressão do jogo

O agente Gonçalves em conformidade com instruções severas do chefe do districto tem proseguido nos assaltos aos comboios e casas de tavolagem. Por ordem superior foi hoje de madrugada encerrado e selado o Club Figueira na rua 1.º de Dezembro.

Outros clubs vão ser encerrados, tendo o chefe do districto determinado que os clubs encerrados não reabrem as suas portas.

Em poucas linhas

Manuel Martins, de Caparica, queixou-se contra dois desconhecidos que, pelo processo do conto do vigario, lhe furtaram dinheiro, um cordão de ouro e uma libra, tudo no valor de 800 escudos.

Por ter furtado uma carteira com 140 escudos a Albano Cardoso, rua do Assucar, 76, foi preso Semião Fernandes, rua do Assucar, 6, patio.

PORTUGAL - BRAZIL

Vão ser propostos para receber a comenda da Ordem de Cristo o comandante do vapor *Bagé*, sr. Francisco Cesar da Costa Mendes, que conduziu, a bordo daquele navio, até aos Penedos de S. Pedro e S. Paulo o *Fairey 16*, e o capitão de corvetas, sr. Orlando Marçal, comandante do *destroyer Pará*, pelos serviços prestados por ocasião do naufragio daquele aparelho.

* * *

Foi agraciado com a comenda da Legião de Honra o vice-almirante sr. Augusto Neuparth.

* * *

A corporação da Armada, tendo á sua frente o sr. ministro da Marinha, vai promover um grande festival maritimo, que terá lugar por ocasião do regresso a Lisboa dos heroicos aviadores srs. Gago Coutinho e Sacadura Cabral. A fim de que o festival se revista do maior brilhantismo, o sr. Vitor Hugo de Azevedo Coutinho vai mandar regressar ao Tejo todos os navios que possam ser dispensados das comissões em que se encontrarem a essa data.

A favor dos pobres

O major sr. Viriato Lobo, governador civil de Lisboa, vai realizar, nas noites de 1 e 2 do proximo mês de Julho, no Terreiro do Paço, duas festas populares a favor da Albergaria de Lisboa, a fim de a mesma instituição poder albergar as crianças que vagueiam pelas ruas da capital.

O sr. governador civil, com quem hoje nos avistámos, referindo-se ao assunto, disse-nos:

— Preciso que todos me ajudem e que, principalmente, a imprensa me auxilie. Tenho necessidade de muito dinheiro para sustentar todas essas crianças que para ahi vagueiam e cujos pais lutam com a miseria. Para angariar donativos, lembrei-me das festas populares de S. Pedro e, para isso, vou ver se poderei organizar arraiais nas noites de 1 e 2 do proximo mês, com concertos musicais, quermesses, tombolas, descantes populares, etc.

Ocioso se torna frisar que *A Capital* se encontra incondicionalmente ao lado do chefe do distrito, disposta a auxiliá-lo no que necessario seja.

Festas no Estoril

Recomeçam hoje, pelas 19 horas, no pinhal e bosque do Parque, gentilmente cedidos pela Sociedade Estoril, as festas de caridade que tiveram o seu inicio no dia 12 deste mês.

No programa, em que se destaca a luta greco-romana por dois lutadores de seis anos de idade, desafio de «box» para a disputa do titulo de campeão do Campeonato Federal e ainda um interessante acto de variedades no lindo «Teatro de Natureza».

PELO TELEGRAFO

Uma nova conferencia

LONDRES, 23. — O governo britanico, respondendo na camara dos comuns a uma pregunta sobre politica estrangeira, disse esperar que a conferencia entre a Espanha França e Gra Bretanha reuniria em Londres no fim do mez de Julho.—(Lat Am).

Um deposito clandestino de munições

BERLIM, 23.—Em Juterbog a policia criminal descobriu um deposito clandestino contendo duas metralhadoras, duzentas e seis espingardas, vinte carabinas, cento e cincoenta granadas de mão e milhares de cartuchos de espingarda e metralhadoras. O dono da casa onde foi descoberto o deposito foi preso.—(Lat-Am).

Calmaria em Marrocos

MADRID, 23.—O alto comissario de Marrocos comunica não ter ocorrido novidade nos territorios de Ceuta, Tetuan e Larache nem nos Peñones.

Na zona de Melilla apresentaram-se varios soldados que estiveram prisioneiros.—(Lat. Am.)

Orçamento geral do Estado

MADRID, 23.—Os ministeriais afirmam que até 20 de julho ficará aprovado o orçamento geral do Estado, bem como o projecto ferroviario.—(Lat. Am.)

A gréve metalurgica

MADRID, 23.—O ministro do trabalho enviou a Bilbao delegados com a incumbencia de procurarem uma solução á greve metalurgica.—(Lat. Am.)

A Liga regionalista

BARCELONA, 23.—A Liga Regionalista está fazendo importantissimos preparativos para uma assembleia que projecta celebrar a 8 de julho e que será revestida de grande importancia.—(Lat-Am).

Uma derrota do governo inglez

LONDRES, 23.—O governo sofreu uma derrota ontem na camara dos Lords. Lord Islington apresentou um projecto de adiamento á questão da Palestina.

O conde Balfour que falava pela primeira vez como orador do governo na camara dos comuns sofreu tambem um cheque quando se discutiam os projectos financeiros.—(Lat-Am).

As eleições na Irlanda

DUBLIN, 23.—O resultado das eleições na Irlanda é o seguinte:

55 deputados pertencentes á coligação a favor do tratado, 33 da coalisão republicana e 15 trabalhistas. Ainda falta apurar-se o resultado em alguns circulos.—(Lat-Am).

Um grande aquario

LONDRES 23. — A sociedade do Jardim Zoologico resolveu construir um grande aquario, o maior da Europa, que custará 50.000 libras, no Jardim Zoologico de Regents Parque em Londres.—(Lat. Am.)

TAUROMAQUIA

De bons amadores e touros de boa casta se compõe o cartaz de domingo

A comissão de proprietarios de Alcacer do Sal, organisadora da corrida de domingo no Campo Pequeno, vae certamente tirar belo resultado para os seus fins de conseguir dinheiro que custeie a conclusão da praça de touros d'aquela vila. E' que o publico, bem conhecedor do que é realmente bom, não faltará á tourada, atraidos pelos nomes brilhantes dos lidadores e pela boa procedencia dos touros, que veem das ganaderias de Joaquim e Antonio Nuncio, que não são afinal senão a continuação da famosa ganaderia do velho Antonio Nuncio, bem afamada de outros tempos.

A cavalo, alem do extraordinario artista Simão da Veiga Junior e do amador de 36 anos Joaquim Branco Nuncio, toureiam João Branco Nuncio e Antonio Luiz Lopes, dois lidadores de reconhecido merito. A pé, Patricio Cecilio, com a sua complexa e brilhante arte; Artur Ribeiro com a sua classica forma de colocar bandarilhas, e Rafael e Francisco Gonçalves, filhos de Teodoro Gonçalves, com as suas aptidões magnificas, animarão a corrida com os seus lances de arte e de valentia. As pegas correrão a cargo do grupo do valente amador vilafranquense Manoel Barrico.

Os touros são todos puros.

Os emprestimos exteriores do Brasil

Foi ha dias aberta a subscrição, nos mercados de Londres e de New-York, de um emprestimo brasileiro do montante de 9 milhões de libras das quais 7 milhões emitidos em Londres, a 97 % e 2 milhões em New York.

O sucesso da emissão foi grande, pois em New-York foi subscrita tres vezes em uma hora e em Londres coberto-se no mesmo dia com um premio de 2 1/8 %.

Este premio tem a garantia dos «stocks» do café e é do juro de 7 1/2 %.

O capital e juros são pagaveis em libras esterlinas, ou em New York ao cambio do dia sobre Londres.

O emprestimo é resgatavel o mais tardar em outubro de 1962, ao par, por sorteios anuais, ou por compra no mercado, e desde 1932 a 102 %.

Tambem a municipalidade do Rio de Janeiro acaba de contratar em New-York um emprestimo de 13 milhões de dollars, cuja emissão foi coberta varias vezes; o emprestimo é do juro de 8 0/0, am rtisado em 25 anos, e foi colocado a 95 1/2 0/0. E' garantido pelo imposto sobre os imoveis da propriedade estrangeira e destinado ao resgate do emprestimo de 1913 de 10 milhões de dollars e das dividas internas da municipalidade.

Desde 1921 o Brazil, além dos dois emprestimos, teve de recorrer ao credito estrangeiro pelas seguintes somas:

6 milhões de dollars pelo Estado de S. Paulo;

50 milhões de dollars pela União;

12 milhões de dollars pela Cidade do Rio de Janeiro;

6 milhões de dollars pelo Estado do Rio Grande do Sul;

3,5 milhões pela Cidade de Porto Alegre;

4 milhões pela cidade de S. Paulo.

Tambem o Estado do Maranhão contratou com o Guaranty Trust Company, de New York, um emprestimo de 4 milhões de dollars de 8 %, tipo de 87 %; o emprestimo é destinado aos trabalhos do porto de S. Luis.

Foi por este motivo de pedido de credito no estrangeiro, de diversos Estados brazileiros, que o governo da União fez publicar o seguinte aviso, com data de 12 de maio corrente:

«O governo brazileiro, sabendo que certos Estados da Republica procuram emitir emprestimos no estrangeiro, considera que é oportuno da sua parte declarar que não póde assumir nenhuma responsabilidade atual ou futura relativamente a esses emprestimos, visto que são devidos unicamente á iniciativa dos Estados interessados».

Pelos documentos apresentados ao congresso brasileiro, na abertura da sessão, verificou-se que as receitas tinham sido avaliadas no orçamento por 108:489 contos, oiro, e 971:15[illegible] contos, papel, são até hoje de 61:14[illegible] contos, oiro, e 468:235 contos, papel.

As despezas avaliadas em 75:60[illegible] contos, oiro, e 714:495 contos, papel, ating m presentemente 54:094 contos, oiro, e 516:588 contos, papel.

A divida externa eleva-se a 102.930:000 de libras e 322.249:[illegible] francos e 50 milhões de dollars.

A divida interna somava 1.347:043 contos, papel, de a reserva, de oiro era de 83:766 contos.

Theatros e Cinemas

...ota do dia

Um nosso colega da noite, inseria hontem uma fotografia da actriz Maria Pia, dando na sua secção de teatros a noticia de a mesma ter completado 62 anos.

Fica a gente sem saber se o jornal em questão teve em mira o prestar homenagem aquela distinta artista, ou se apenas procurou pôr em foco a sua edade.

E' o tal caso do amante que acariciava a mulher com quem vivia, dando-lhe uma tremenda sova todos os dias.

Eu entendo que a edade duma mulher e, principalmente, daquela que tem que viver para o publico, não deve nunca ser desvendada e muito menos por um jornalista. Póder-me-hão alegar que, passados os 50 anos, não ha vaidade femenina que possa tomar á conta de maldade a revelação dos anos que tem. Mas, mesmo neste caso, convem, primeiramente, ser informado com segurança para se não cahir em erro, visto que a actriz Maria Pia, de quem, aliás, não tenho procuração, passou hontem, efectivamente, o seu aniversario natalicio mas tambem não é menos verdade que ainda não chegou á casa dos secenta.

ALVARO LIMA

O dia das actrizes

Na impossibilidade de ter dirigido convites pessoais a todos os artistas, a Comissão Organisadora da festa que, brevemente, se deverá realisar no Jardim da Estrela, pede com muito empenho a todos os actores e atrizes dos teatros de Lisboa, o favor da sua comparencia ámanhã sabado, pelas 16 horas no foyer do teatro Politeama afim de deliberarem sobre a execução do programa daquela festa.

Noticiario

Entre nós

Ficou adiada para amanhã a inauguração do novo teatro Maria Victoria no parque Mayer, onde subirá á scena a revista em 2 actos «Lua Nova», original de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos.

● Está quasi definitivamente organisada a tournée que nos mezes de Agosto e Setembro percorrerá a provincia e de que são principais figuras Ilda Stichini, José Ricardo e Samwell Diniz, estando tambem já contratados João Lopes, Antonio Melo, Jesuina Motta, e Tereza Gomes. O reportorio será constituido, alem das peças «Centenario» e «Simone» pela engraçada comedia «Carta anonyma» e provavelmente por 3 originais em um acto do nosso colega Leitão de Barros.

● No Avenida continua mantendo o mesmo sucesso de gargalhada «O Conde Barão», em que Chaby Pinheiro é inexcedivel de graça.

● Está em Lisboa com curta demora o empresario portuense sr. Rocha Brito.

● Está para muito breve no teatro S. Luiz a inauguração da temporada do verão, que se efectua com a premiére de «A revista do Praxedes» que será apresentada em espectaculo completo.

Intitula-se «Cais da Europa» o 7.º quadro do novo original estando alguns dos seus papeis assim distribuidos: «Vida lisboeta» Sarah Cunha, «Praxedes» Sebastião Ribeiro. «Genio» Viristo Lima. «Valsa» Antonio Mendes. «Achtisch» Maria Amelia. «Tango argentino» Aurora Martins e Antonia Ramos. «Tarantela» Maria Amelia e Maria dos Anjos. «Fox trot» Aurora Martins e Laura Marques.

● Deve ter retirado hoje para fora de Lisboa a conselho do seu medico assistente a actriz Ausenda de Oliveira.

● Está um pouco melhor mantendo-se em Lisboa o distinto actor Alfredo Ruas.

Estrangeiro

Realisou-se ha dois dias no grande anfiteatro da Sorbonne sob a presidencia de Mr. Millerand presidente da Republica Franceza a festa de homenagem nacional a Gabriel Faure.

● A proxima epoca de inverno nos teatros francezes, dar-nos-ha as seguintes peças:

No Vaudeville, uma peça nova de Brieux e uma comedia de Leopold Marchand, intitulada «Femmes»; No Gymnase, «Judith» de Bernstein; no Edouarde VII, «reprise» de «Une petite main qui se place» e a seguir uma opereta de Sacha Guitry e André Messager; o Varietés depois de remontar «La petite Chocolatière» e «Mlle Nitouche», fará representar a nova peça de Mirande e Quinson «Le Mannequin de la rue de la Paix»; no Nouveautés, uma peça de Jacques Bousquet; no teatro de l'Oeuvre, uma peça de Crommelynck; no teatro de Paris, uma opereta de R. de Flers, F. de Croisset e Reynaldo Hahn; no teatro Michel, uma nova comedia de Louis Verneuil e uma outra de André Picard e, finalmente, no Capucines, depois da «reprise» de «Simone ést comme ça», uma revista ou uma comedia de Rip.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Centenario».
AVENIDA—A's 9,15—«O Conde Barão».
POLITEAMA—A's 9,30—«Entre giestas».
APOLO—A's 9,15—«A Vida».

Teatro musicado

SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparotes».
CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade.
SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 8,30—Animatografo e variedades.

Centro Republicano dr. Sidonio Pais

NOTA POLITICA

A Comissão Politica do P. N. R. P., reunida para apreciar e pronunciar-se sobre as ordens do Governo que determinaram as recentes prisões e deportações de oficiais, efectuadas sem qualquer razão justificativa nem fundamento legal, resolveu:

1.º — Lavrar o seu protesto contra esse acto de despotismo e contra o facto de ele ter atingido numa surpreendente promiscuidade, e sob o falso pretexto de entendimentos revolucionarios, individualidades que, não só politica, mas pessoalmente, viviam desavindas;

2.º — Registar, especialmente, o cometimento de semelhante arbitrariedade na pessoa do antigo ministro e director do jornal «A Situação», sr. capitão Feliciano da Costa, e enviar a este seu correligionario, á data da sua chegada aos Açores, uma mensagem telegrafica de saudação e de protesto contra a violencia de que foi e está sendo vitima;

3.º — Salientar o contraste entre o referido proceder do Governo e o que tem adotado para com criminosos comuns que, como o assassino do Presidente Sidonio Pais, estão impunes e gosam da mais ampla liberdade;

4.º — Afirmar que o P. N. R. P. jámais se imiscuiu em manejos revolucionarios, nem mesmo naqueles que ultimamente se preparavam, antes da investidura do sr. Antonio Maria da Silva nas funções governamentais que está exercendo, e aos quais, o actual presidente do Ministerio, se associou como anteriormente, e desde o 14 de Maio, o fizera em todos os movimentos;

5.º — Fazer notar que, pelo antecedentemente exposto, ao actual chefe do Governo falha toda a autoridade moral para classificar, quem quer que seja, de «irrequieto» e «indesejavel».

NOITE DE S. JOÃO

Palais Royal

Promete ser brilhantissima a noite de S. João neste sumptuoso club da capital

Os gerentes do «Palais Royal», um dos mais confortaveis e luxuosos clubs de Lisboa, estão preparando uma brilhante festa para a noite de S. João, rodeando de atrações os seus numerosos clientes.

No programa das suas festas exibir-se-ha em publico a afamada artista de variedades de nacionalidade russa Wanda Czernowa, nos seus bailados originalissimos, tendo escolhido para estas noites numeros duma atração sem precedentes.

A empreza do Palais Royal esmera-se na confecção de apeteciveis acepipes de molde a que o seu serviço de cosinha atinja o maximo do esmero e a modicidade nos preços, sem pretensões a lucros, mas tendo apenas em vista réclamar a sua casa.

O Palais Royal vai, pois, vestir-se de galas nas noites de S. João, dando com as suas festas um vigoroso impulso na sua já extraordinaria clientela e mostrando ao mesmo tempo que os seus proprietarios procuram todos os ensejos e ocasiões para proporcionar aos frequentadores do faustoso club, o maior numero de distrações, rodeando-os das mais exigentes comodidades.

Ninguem, portanto, deve faltar a fazer uma visita ao «Palais Royal», pois em nenhum outro ponto se poderá passar mais divertidamente essa noite.

O emprestimo á Alemanha

Não se fará, por enquanto, ao que parece, o emprestimo internacional á Alemanha.

O «comité» de banqueiros, consultado sobre as condições em que em esse emprestimo podia fazer-se «não se perdendo de vista o programa com obrigação inalteravel»,

«A C. D. R. pôde apenas convidar o «comité» a que estudasse as condições do emprestimo. Faltava, porem, o voto da França e porque assim sucedia os banqueiros não estiveram para proseguir o trabalho de estudarem as hipoteticas condições do emprestimo, limitando a sua acção a responderem ás perguntas que lhe eram formuladas o mais restrictamente possivel: «Considerando inalteravel o programa de pagamentos, que estavam fixados em 132 milhões de marcos (ouro) o quantitativo da divida alemã, proveniente das reparações.

Posto isto, os banqueiros, como nós haviamos previsto, não julgam possivel o emprestimo.

Era natural que ele se tivesse conseguido se porventura se tivesse acordado em diminuir esse quantitativo.

A França não deseja que se estude a possibilidade de um emprestimo dentro de uma limitação das obrigações, e, sendo assim, os banqueiros não teem tambem o minimo interesse em estudar condições que antecipadamente sabem não ter viabilidade.

Homens como o banqueiro Pierpont Morgan não podem consagrar-se a estudar as potencialidades da Alemanha por uma curiosidade teorica.

Desde que lhe falta o alicerce do emprestimo não ha razões para se pensar em quaesquer estudos.

Acresce, porem, a todas estas razões a de ser flagrantemente impossivel o emprestimo. O publico não está disposto a concorrer para um emprestimo a fazer á Alemanha emquanto não vir que as suas obrigações estão definidas e cabem dentro das suas capacidades.

Apesar de tudo, os banqueiros não deixam de fixar algumas condições gerais que, ao serem aceites, julgam poder condicionar o emprestimo:

1.º—Que a Alemanha ponha em ordem as suas finanças e se mostrasse disposta a satisfazer as suas obrigações.

2.º—Que desapareça a incerteza actual ácerca das reparações;

3.º—Que os credores da Alemanha unanimemente pedissem o emprestimo.

4.º—Que para que os credores da Alemanha se possam pôr de acordo sobre as reduções que, porventura, possam fazer a respeito das obrigações da Alemanha seria conveniente que chegassem tambem a um acordo sobre as obrigações inter-aliados.

Ora como estas questões não podem ser resolvidas pelos banqueiros, que esperar?

Festejos em Cascais

CASCAIS, 22.—Na Explanada continuam amanhã, depois e domingo os festejos promovidos pela Sociedade Musical. No Monte Estoril, no recinto da Patinagem, tambem se realisam bailes na vespera e dia de S. João. Haverão descantes populares e projectam-se algumas marchas «aux flambeaux».

Noutros pontos do concelho tambem o S. João será bastante festejado. —(C).

O jogo no Estoril

Escrevem-nos do Estoril:

Mais uma vez e exactamente quando a epoca balnear se aproxima, são os Casinos novamente proibidos de jogar.

Não atinamos qual o motivo por que nesta epoca se proibe o jogo.

Um verão no Monte Estoril com os Casinos fechados é um verão sem vida, um verão que é um inverno permanente.

Não dizemos isto porque sejamos partidarios do jogo. Não. Escrevemos unicamente a expressão da verdade.

Os Casinos são uma fonte de receita permanente para esta terra.

Por que se não ha-de regulamentar o jogo de modo que termine esta giga-joga de ordens e contra-ordens?

Tão depressa se permite o jogo, como imediatamente se proibe.

Não sabemos donde partiu desta vez a ordem de encerramento.—C.

Exames de admissão á Escola Normal Superior de Bemfica

Na secretaria da Escola Normal Primaria recebem-se requerimentos para exames de admissão até ao dia 30 do corrente. Esta Escola prepara para a Normal e será, dentro em breve, dotada das secções domestica, agricola, comercial e industrial.

Salão Central

O BOM LADRÃO — Estreia
Nas garras do Dragão

Programa variado, cheio de interesse e novidade.

«O bom ladrão», a pelicula estreada na matinée de hoje, obteve um legitimo sucesso pelo emocionante das suas scenas e pelo desempenho da sua principal personagem, a cargo da insigne actriz italiana Pina di Angelo.

«Nas garras do Dragão», o grande acontecimento dos ultimos tempos em Portugal, segue na sua carreira de triunfos, dando-nos a conhecer os mais extraordinarios aspectos da vida do Oriente.

Quadros duma beleza unica que dificilmente se voltarão a ver, pela enorme dificuldade em percorrer aquelas longinquas paragens.

A noite de hoje vai ser de grande sensação no Central, o cinema preferido por toda a gente de bom gosto.

Mala Real Ingleza

O relatorio anual

O relatorio da Thea Royal Mail Steam Packet Company, respeitante a 1921, principia por afirmar que o movimento de passageiros para a America do Sul foi afectado pelo cambio contrario e pela concorrencia das linhas estrangeiras, que receberam subvenções dos respectivos governos.

Durante o ano, a frota da Companhia foi acrescentada com os novos paquetes «Montgomeryshire» e com o rebocador «Lochkatrine», tendo sido vendidos o «Magdalena» e o «Trent».

A tonelagem da frota propriamente da Companhia é de 347:829 toneladas.

O dividendo proposto é de 6 %, ficando para futuro exercicio um saldo de Lb. 103:927.

SPORT

MEMORIAS DO ATHLETA RUY DA CUNHA

X

Teatro e cinema

Tendo o meu irmão José, formado empresa teatral, fui desempenhar o cargo de secretario.

Saí da politica dos partidos e fui cair noutra, a politica do palco que não lhe é inferior, como mesquinhez.

A luta de vaidades, as incompetencias, a quererem passar por celebridades, as feias convencidas que são bonitas, as velhas a jurarem que são novas, autores de peças misteriosas, garantindo serem um furo acima de «Shaskespeare dão ocasião a que se passem bocados deliciosos, a quem esteja analisando a «frio...» aquele ambiente.

O representar, que é a «arte de fingir», só atinge o seu maximo desenvolvimento no teatro fóra do palco.

Parece um paradoxo, mas é verdade.

Mesmo aqueles que no palco representam mal desempenham a primor, cá fóra, o papel de vitimas, quando dizem que a empresa lhes não aproveita o talento e se limita a dar-lhes papeis secundarios.

Nunca os papeis distribuidos lhes agradam, exigem ordenados de contos de reis por hora... e o nome nos cartazes em letra grande, etc., etc.

Elas, seja qual fôr a edade são sempre «ingenuas» ou damas «galãs»...

E o pobre empresario e o desgraçado autor dão tratos de polé para conseguir distribuir uma peça, sem que metade da companhia fique de mal com eles e com a outra metade... um pagode chinez...

Fiz depois nova tentativa para o cinema, e ao que dizem com exito. Vamos a ver se será esta ultima metamorfose por que passarei. E atualmente, entre a confecção de «films», um pouco de jornalismo e algumas lições, cá vou passando o tempo.

Tambem é curioso vêr a avalanche de pessoas de todas as categorias que se julgam aptas a rivalisarem, com vantagem, com Polo, Duncan, Bertini, etc.

Uns mezes a mais, mais outras desilusões, e a avalanche desapareceu.

E' assim tudo entre nós...

E agora, para terminar, resta-me aconselhar os novos a que trabalhem com metodo, que o façam sempre debaixo da direcção de algum professor e que de começo se habituem a seguir os conselhos dos mais experimentados, dos consagrados, que não julguem que depois da primeira vitoria são o «non plus ultra», e que não é bom dormir sobre os louros alcançados.

E principalmente que sejam disciplinados, que acatem as ordens dos dirigentes dos seus clubs, dos capitães das suas equipes, emfim, que obedeçam para, a seu tempo, saberem mandar.

Era o que se fazia no meu tempo e o que se deve hoje continuar a fazer.

Como veem, estas mal alinhavadas «Memorias», feitas sem pretenção, contam, ao de leve, casos da vida duma pessoa, que, com muita filosofia e muita tenacidade, manteve, atravez as «oscilações financeiras», a virtude de dizer alto aquilo que pensa, sabendo que isso lhe acarreta antipatia.

Mas se os meus seis leitores efectivos tiverem um momento de prazer com o que escrevi, fico largamente compensado.

FIM;

RUY DA CUNHA

NOTICIARIO

BOX

Abel da Cunha contra Saphores

A Federação Portugueza de Box, procurando fundos para o seu cofre, destinados a custear os trabalhos de propaganda sportiva a seu cargo, organisa para 30 do corrente no Coliseu uma festa de box, que comportará quatro combates de amadores e quatro demonstrações obsequiosamente feitas por profissionais.

E' este um belo programa pela quantidade mas tambem na qualidade ele se impõe, pois que um dos combates porá frente a frente o campeão portuguez dos «meios-leves» Abel da Cunha, pugilista de raro merito e Saphores amador francez que na sua categoria ganhou brilhantemente o recente torneio organisado em Paris pelo jornal sportivo «L'Auto». E' o adversario de melhor qualidade que Cunha tem tido e ha muito que a opinião sportiva reclamava para Cunha um contrario de verdadeiro valor que désse margem a bem ajuizarmos da «forma» do nosso campeão.

Os dois amadores disputarão uma taça de prata.

FESTA NO GINASIO CLUB PORTUGUEZ

Amanhã domingo efectua-se na séde do Ginasio Club Portuguez uma festa em honra dos heroicos e scientificos aviadores, havendo uma sessão em que falará o sr. Almirante Ernesto Rego.

Serão apresentadas as alunas do laureado professor sr. Artur de Magalhães a esilo de S. João que o Club custeia em ginastica e o sr. Magalhães Pedroso apresentará a sua classe de dança infantil com novos numeros modernos.

Depois seguir-se-ha um baile aos adultos.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

O Pastor da Palhoça

por Julio Cesar Machado

João, absorvido pelo recorte de folhas de um castanheiro, não dera pela aparição de um novo actor na tranquila scéna do vale. O Fiel erguera o nariz, mas, não vendo objecto de susto, retomara a sua atitude de esfinge melancolica. O aspecto daquela forma esbelta e branca, perturbou singularmente o pastorinho; sentiu comprimir-se-lhe o coração de uma maneira inexprimivel e, como para se subtrair a essa sensação, assobiou ao cão e resolveu ir-se dali.

Mas isso justamente é que não fazia conta á dama, que estava nesse instante a desenhar o pastorinho e o seu rebanho, acessorio indispensavel da paisagem; atirou para o lado o album e os lapis e, em dois saltos de corça perseguida, estava ao pé de João e levava-o á força para o mesmo torrão em que o rapaz estivera sentado.

— Senta-te ahi, disse-lhe alegremente; has de estar quieto até eu te deixar ir embora; põe o braço mais para diante, a cabeça mais para a esquerda...

E, ao passo que falava, a sua mão alva e delicada colocava a cabecita de João em atitude.

— E o mais é que tem bonitos olhos, Luiza, para olhos de pastor! disse ela, rindo, á sua aia.

Colocado novamente em atitude o modelo, a graciosa dama voltou para o seu lugar e continuou o desenho, que não levou muito tempo a concluir.

— Agora, já podes levantar-te e partir, se quizeres; mas deixa-me recompensar-te da sensaboria que te causei, fazendo-te estar para ahi como um santo de pau. Anda cá!

O pastor foi de vagar, todo envergonhado, de pescoço humilde e testa a suar; a senhora depoz-lhe vivamente uma moeda de oiro na mão.

— E' para comprares um fato novo, quando fores dançar aos domingos.

O pastorinho, que deitara um olhar fugitivo sobre o album que havia ficado entreaberto, estava como pasmado, sem pensar sequer em fechar a mão; saiam-lhe chamas dos olhos, operava-se nele uma revelação subita. Com a voz entrecortada, balbuciava, acompanhando as diferentes partes do desenho:

— As arvores, o cão, eu, tudo ahi está, e os carneiros tambem, nessa folha de papel!

A dama folgava daquela admiração e daquele pasmo ingenuo e mostrou-lhe diferentes sitios a lapis, rios, casas, rochedos; depois, e já ia caindo a noite, seguiu com a aia o seu caminho, descendo do outro lado da estrada.

João seguiu-a com a vista muito tempo ainda depois da ultima dobra do seu vestido haver desaparecido por traz do cabeço e, por mais que o Fiel lhe farejasse a mão, não conseguiu arrancá-lo da meditação em que caira. O humilde pastor principiava a compreender para o que servia contemplar as arvores, as curvas do terreno e as formas das nuvens. As inquietações e impetos que sentia em frente do campo, tinham pois um fim; não era, visto isso, imbecil nem doido!

Ele bem vira já de uma vez que fôra ao Prai um painelzinho figurando Nossa Senhora, mas era tão grosseira essa gravura, que não havia podido acordar-lhe nenhuma ideia de arte. Os desenhos do album, de uma notavel clareza de lapis e exactidão de formas, foram uma coisa de todo o ponto nova para João. Na igreja havia tambem uns quadros, mas tão escuros e sujos que já não se distinguia nada, e êle de mais a mais apenas se atrevia a levantar os olhos do portico onde ajoelhava sempre.

Chegou a noite. João fechou os carneiros e sentou-se á porta da choupana. O ceu estava de um azul sombrio. As sete estrelas brilhavam como pregos de oiro. O pastorinho, com os dedos embrenhados no pelo do cão, acocorado aos pés dêle, sentia-se deslumbrado daquele espectaculo magnifico, que êle estava a ver sosinho, festa explendida que o ceu, na sua indolente magnificencia, concede á terra adormecida.

E lembrava-se tambem da mão assetinada e debil que roçara pela sua face aspera e rude, e estremecia todo. Custou-lhe a adormecer e rebolava na palha, como o troço de um reptil, sem poder fechar as palpebras; o sôno chegou emfim, depois de se fazer rogar. O pastor sonhou.

Parecia-lhe estar sentado numa penedia, em frente de um formosissimo campo. Ia a erguer-se o sol, o espinheiro-alvar estremecia debaixo das suas flores de neve, a relva dos prados estava coberta de um suor de perolas; a colina tinha o ar de haver posto um vestido azul bordado a prata!

Ao fim de instantes, João viu caminhar para êle a gentil desconhecida do vale e, aproximando-se, dizer-lhe:

— Não basta olhar, é preciso fazer como eu!

Ao pronunciar estas palavras, colocou sobre os joelhos do pastor um cartão, uma folha de papel velino, um lapis aparado, e conservou-se de pé, atraz dêle. Principiou João a traçar uns lineamentos, mas a mão tremia-lhe e as linhas confundiam-se umas nas outras.

O desejo de que o trabalho lhe ficasse bom, a comoção e a vergonha de ver que se saía tão mal, faziam-lhe correr gotas de agua pela fronte. Haveria dado dez anos da sua vida para não se mostrar tão cheio de embaraços diante de uma mulher a tal ponto bela; contraiam-se-lhe os nervos e os contornos que tentava traçar degeneravam em zig-zags irregulares e ridiculos; a sua angustia era tão aflitiva que esteve quasi a acordá-lo; mas a dama, vendo-o assim inquieto, poz-lhe a mão numa caneta de oiro, cujo lapis brilhava como se fôra de fogo.

João não experimentou nenhuma dificuldade mais; por si mesmas as formas se descreviam e se agrupavam sosinhas no papel; o tronco das arvores erguia-se por si proprio, ousado e franco, desligavam-se as folhas e as plantas desenhavam-se com a folhagem e feição caracteristicas. A dama, reclinada sobre o ombro de João, acompanhava os progressos do trabalho com um ar de alegria, dizendo de quando em quando:

— Bem! muito bem! Assim!

Um anel dos seus cabelos, cuja enfraquecida espiral fluctuava ao vento, roçou pela cara do pastor e saltaram-lhe, a êste contacto, mil faiscas, como se fôra uma maquina electrica; um dos atomos de fogo foi cair-lhe no coração.

A dama adivinhou isto, percebeu, sentiu e disse-lhe.

— Ahi tens a faisca, adeus!

Produziu êste sonho um singular efeito em João. O coração estava-lhe realmente em chamas e a cabeça tambem; saira desde êsse dia do caos da multidão; entre o seu nascimento e a sua morte alguma coisa devia existir!

Agarrou num carvão de uma fogueira da vespera e quiz logo dar principio aos seus estudos pitorescos; as taboas exteriores da cabana serviam-lhe de papel e de tela.

Por onde principiou êle? Pelo retrato do seu melhor amigo, Fiel, porque João era orfão e não tinha senão o seu cão por familia. Os primeiros traços que esboçou, devo confessar ao leitor meu amigo, que se pareciam mais com um hipopotamo do que com um cão; mas a poder de riscar e de tornar a fazer, porque Fiel era o mais paciente modêlo de que ha noticia, conseguiu João passar do hipopotamo para o crocodilo, do crocodilo para o leitão, e finalmente do leitão para uma figura em que, para dizermos a verdade, só por si já não se reconheceria um cão.

(Continua)

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4113—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 || LISBOA — Sabado, 24 de Junho de 1922 || Telefone n. 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Perguntas insoluveis de toda a especie:

Quando começará o serviço telefonico em Lisboa a ser uma coisa possivel?

A sucessão de Moçambique

As ilações que se podem tirar do rompimento das negociações em Moçambique, entre os delegados portugueses e os seus colegas da União Sul Africana, e já as fizemos aqui, já uma parte dos nossos colegas da imprensa, as dissecaram e analisaram. E de facto o rompimento das negociações visto a sangue frio não nos pode trazer prejuiso directo embora num futuro mais ou menos remoto se pensa em admitir que ele nos venha a ser nocivo. Tudo continuará num pé amistoso, pelo-menos por agora e se possivelmente Lourenço Marques pode vir a sofrer, não é menos certo que o «interland» Africano tambem ficará mal ferido na sua vitalidade financeira-economica e isto é suficiente para nos levar a supor que as negociações serão restadas num futuro verosimilmente proximo.

Mas um facto de importancia subsiste desde já. De ha muito que se fala no regresso á metropole do Alto Comissario dr. Brito Camacho. Mesmo antes de se encetarem as conferencias dos delegados quando nada ainda fazia prever o desfecho que as negociações agora tiveram, já se falava muito no regresso do sr. Brito Camacho. Alguns dos seus amigos anunciavam a sua volta como inadiavel, outros previam-na para muito breve e ainda outros a afirmavam como indispensavel. O proprio Alto Comissario não escondia mesmo o desejo em que estava de abandonar o cargo.

E' pois licito supor, aliando a estes antecedentes, o facto do rompimento das negociações, que o dr. Brito Camacho embarque para a Metropole numa bela manhã. Ha-de aparecer inopinadamente em Portugal, talvez quando menos se falar nisso e imediatamente surgirá a necessidade de o substituir.

Resoluções desta ordem não são de atar e pôr ao fumeiro. Não são muitos os coloniais e ainda menores as competencias que tenham viabilidade de sucederem ao sr. Brito Camacho. E necessario se torna antes de tudo, prevista a hipotese do regresso do Alto Comissario, pensar no seu substituto.

Pensar que se pode adoptar para esse cargo e para Moçambique os mesmos processos que se seguem geralmente na metropole onde os governos caem e se levantam, onde os homens se sucedem uns após outros sem muito bem se saber porquê, é sem duvida laborar num profundo erro. Se a estabilidade do poder é indispensavel num paiz agitado como o nosso, torna-se ainda mais necessaria nos paizes em formação como as Africas portuguezas.

São estas razões mais do que suficientes para se pensar desde já na sucessão do sr. Brito Camacho. Mesmo para que ao menos uma vez, por acaso, possamos lembrar-nos de Santa Barbara antes de começar a trovejar.

O protesto dos embaixadores

contra o discurso do Presidente Reichstag

LONDRES, 24. — A conferencia dos Embaixadores enviou um protesto ao governo alemão contra o discurso do presidente do Reichstag, Loebe. Este declarou que apesar de ter sido sempre de opinião de seguir o caminho legal e de se aproximar da Liga das Nações de acordo com os tratados de Versailles e Saint Germain, não retira o que disse, porque entende que o estado actual da Austria não lhe consente salvar-se só. O cambio só poderá melhorar unindo-se ao alemão e no final de contar a população austriaca é na sua maioria alemã. Alem disso Loebe não reconhece á conferencia dos embaixadores o direito de censura ao Reichstag.

A imprensa alemã mostra-se indignadissima com o que ela chama a interferencia no pensamento e na palavra alemães coartando-lhe a liberdade.—(Lat. Am.)

CASOS DO DIA

O credito para a secção portugueza na Exposição do Rio de Janeiro—O "raid„ aviatorio ás colonias portuguezas — Visão politica dum Chefe do Governo

A Camara dos Deputados aprovou ontem, após indigesta discussão, toda feita em pura perda de tempo, o credito de 4.100 contos para reforço da verba destinada a despesas com a secção portuguesa na Exposição do Rio de Janeiro. Como êste caso mereceu algumas referencias á *A Capital*, entendemos dever festejar o acontecimento com algumas girandolas de foguetorio jubiloso.

Especialisemos a acção do sr. presidente do Ministerio, que foi decisiva. Embora o sr. Antonio Maria da Silva tenha intervindo um pouco tarde, evitou um grande desastre, como seria o protelamento indefinido de tão importante questão. Socorrendo-se de um despacho telegrafico expedido aflitivamente do Rio pelo sr. Malheiro Reimão, delegado do Comissariado Geral, o chefe do Governo reclamou a imediata discussão da proposta, declarando que deixava no Parlamento a responsabilidade da sua regeição, se, por desgraça, para ahi estivesse virado. Não estava, viu-se. O credito foi aprovado e, embora um pouco tarde, sempre nos parece que haverá meio de se recuperar o tempo perdido. Resta, é claro, a dicussão e votação do Senado, mas não é de supor que isso possa demorar tempo apreciavel.

O sr. Antonio Maria da Silva procedeu, pois, conforme convinha e era urgentissimo aos interesses nacionais e ao bom nome de Portugal no estrangeiro. Se o ilustre estadista lêsse *A Capital* e fôsse susceptivel de fazer justiça aos intuitos patrioticos que nos forçam, por vezes, a escrever desagradavel prosa para ouvidos demasiadamente sensiveis ao louvaminhar dos amigos ocasionais, já ha muito tempo que imporia a sua vontade ao Parlamento. Não o fez. Perderam-se muitos dias, mais de um mês. E só agora, perante o telegrama do sr. Malheiro Reimão, é que o chefe do Governo se convenceu da razão que nos assistia. Má visão!...

De resto, um outro alto funcionario já chamara para o caso a atenção do chefe do Governo. O sr. Lisboa de Lima, Comissario Geral, expoz com clareza e em tempo proprio o desastre que seria para o paiz o fracasso da representação portuguesa na Exposição Internacional do Rio de Janeiro. O sr. Lisboa de Lima fez, muito rapidamente e com extrema felicidade, aquilo que de si dependia. Assegurou o exito da exibição das amostras portuguesas, usando de uma inteligente propaganda, que fez afluir mais de mil expositores portugueses, e realizou o *tour de force* da construção da ossatura ferrea dos dois pavilhões, demonstração perfeita da capacidade das industrias metalurgicas de Portugal.

Mas, depois, parou tudo. Perderam-se dias e mais dias. Convencemo-nos, porém, que o sr. Lisboa de Lima encontrará meio de recuperar o tempo perdido. O sr. presidente do Ministerio bem merece da Nação, é certo; seria injustiça, porém, esquecer tão cedo os serviços relevantes já prestados ao paiz pelo ilustre Comissario Geral, coronel Lisboa de Lima.

Nunca a acção jornalistica foi aferida, em Portugal, pelo seu justo valor. O jornal que não está permanentemente de cócoras perante o Poder, é um mau jornal, um pessimo orientador do espirito publico: eis o que entendem aqueles que se arrogam funções de direcção politica. O jornalista que escreve sandices encomiasticas da nulidade dos homens do Governo, tem sempre razão; aquele que os aconselha, lhes mostra os perigos ou lhes designa o objectivo que a Nação quere atingir, é simplesmente uma besta. Esta carencia de discernimento para separar o trigo do joio, perde, em regra, os nossos politicos que, por culpa da sua insuperavel vaidade, se encontram, quando menos o esperam, num beco sem saida.

Apraz-nos verificar e constatar que o chefe do Governo, neste caso especial de credito a favor da representação portuguesa na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, soube guiar-se pelo verdadeiro interesse nacional. Assim nós pudessemos escrever o mesmo, sempre que temos de fazer a critica dos seus actos de governo!...

* * *

Mas não podemos. Se bem que o caso não seja das atribuições da sua pasta, parece-nos que o chefe do Governo não pode conservar-se indiferente á questão do *raid* aviatorio ás colonias portuguesas. Um tal empreendimento interessa a toda a nacionalidade e não apenas ás pastas das Colonias e da Guerra. A atitude do general sr. Xavier Barreto, contrariando absolutamente o *raid*, merece o exame ponderado do orientador supremo da politica nacional, que é, incontestavelmente, o sr. Antonio Maria da Silva, na sua dupla qualidade de chefe do Governo e ministro do Interior.

O sr. ministro da Guerra classificou o *raid* de *passeio ás colonias*. Foi uma frase infeliz, que nos repugna acreditar que traduza o seu proprio criterio e muito menos o do Governo. Basta o mais simples exame da questão, para não se negar que o *raid* aviatorio ás colonias é cheio de perigos; e é suficiente uma rudimentar inteligencia para compreender o alcance politico de tão alto feito, principalmente depois que Sacadura Cabral e Gago Coutinho abriram novos horizontes á expansão da alma nacional.

Em Sagres, o Infante D. Henrique lançou, com a fundação da sua Escola e a genial visão que o tornou credor de universal fama, os primordios das descobertas e conquistas do seculo XVI; mas a Escola de Sagres teria ficado quasi improdutiva se o Infante não houvesse tido continuadores, capazes de o compreender e completar as altas concepções de tão insigne estadista.

O caso de agora é muito parecido. O clarão genial dos lusiadas que atravessaram os ares desde Lisboa ao Rio de Janeiro vai murchar, diluir-se inteiramente na apagada e vil tristeza do momento presente? Se assim acontecer, ficará demonstrado que êles foram uma excepção, o que é muito para êles mas pouquissimo para a Nação. E será certo que assim venha a suceder se o Governo da Republica partilhar o criterio simplista, expresso pelo sr. ministro da Guerra, classificando de passeios inuteis e estereis os *raids* aviatorios.

Não ha nada mais legitimo que a ambição politica, desde que o individuo que por ela é dominado sinta e saiba que é capaz de felizes realizações. As circunstancias favorecem o sr. Antonio Maria da Silva, porque lhe proporcionam o meio de vincular o seu nome na historia do mundo. O que ainda se não sabe, mas ha de vir a saber-se, é se o estadista é só de trazer por casa ou se é mais alguma coisa. Esperemos, mas por pouco tempo, porque Portugal não pode esperar...

O "raid„ no estrangeiro

Em Berlim festeja-se a audaciosa viagem dos portuguezes

BERLIM, 23—O ministro de Portugal nesta cidade, dr. Conceiro da Costa, tem recebido calorosos cumprimentos pelo resultado feliz do glorioso raid dos aviadores portuguezes, Sacadura Cabral e Gago Coutinho Lisboa-Rio de Janeiro.

No proximo domingo realisa-se no sumptuoso palacio da Legação de Portugal na aristocratica avenida Kurfurstendam uma recepção de gala á colonia portugueza.

O dr. Conceiro da Costa ofereceu hontem um banquete ao ministro do Brazil ao qual assistiram o ministro dos negocios estrangeiros do «reich» e altos funcionarios da Wilhelmstrasse.

A imprensa desta capital refere-se elogiosamente ao raid Lisboa-Rio de Janeiro.—(It.)

"O Dia", o Governo, o sr. Afonso Costa e os manes de Zaratrusta

Noticiou o orgão monarquico «O Dia» que o sr. Afonso Costa recebera do Governo Portuguez uns 200 contos, motivados por despesas feitas com a Conferencia de Genebra. A proposito levantou-se um certo borborinho, que o sr. Germano Martins pretendeu aplacar com alguns baldes de agua frigidissima, objectivada em eloquente prosa epistolar.

Não compreendemos a que titulo vem o sr. Germano Martins meter-se na contenda. Em primeiro logar, porque o sr. Germano Martins não é o sr. Afonso Costa; em segundo porque não é o Governo Portuguez nem nenhum dos outros poderes do Estado; e em terceiro logar e ultimo, porque não é legitimo que se arrogue o direito da tutela sobre o grande exilado por vontade propria, nem a faculdade de prestar contas em nome do Estado.

Pela nossa parte e usando do direito de expor uma opinião jornalistica sobre um facto que é do dominio publico, diremos apenas que não vemos objeção séria a que ao sr. Afonso Costa fossem pagos 200 contos, ou 200 mil contos, ou 200 milhões de contos,—contanto que o Estado se constituisse devedor, por qualquer dessas quantias ou por outra ainda maior, do mundial e errante estadista. O que o publico tem o direito de saber—porque, afinal, é ele quem paga, em ultima analise—é se as contas foram bem liquidadas e estão certas. Isso é que é importante e decisivo. O resto não vale nada. E nós, que não sofremos de fobia afonsista, doença que tanto parece afligir «O Dia», e muito menos da afonsofilia que afaga os incondicionais e fetichistas corifeus do ex-chefe do P. R. P., apenas entendemos que mal tem feito e faz o Governo em não publicar, integralmente, as contas das despesas com a Conferencia de Genebra, visto que esses dispendios são postos em duvida de precipua legalidade.

O mal não é gastar-se o dinheiro; o mal é não se dizer nunca á Nação—ou quasi nunca—em que é que ele capazmente se dispende.

Assim falaria Zaratrusta, se se chamasse Mentor e tivesse sido inventado por Fenelon. O sr. Germano Martins ha-de, por força, concordar comnosco.

Foi assassinado o sr. Rathenau

causando a noticia uma viva impressão

BERLIM, 24. — O sr. Rathenau foi assassinado a tiro quando saiu do seu domicilio e se dirigia para o ministerio dos Estrangeiros.

O assassino passou num automovel junto ao sr. Rathenau e tendo-o alvejado escapou-se a toda a velocidade. — (H.)

BERLIM, 24. — O sr. Rathenau foi assassinado ás 10,50 a tiros de revolver por dois individuos que iam num automovel, o qual passou lentamente á frente do automovel do ministro sendo então, cometido o crime. O Chanceler comunicou ás 11,25 ao Reichstag a noticia que causou uma viva emoção. As comissões suspenderam imediatamente os seus trabalhos. — (H.)

O Convenio Luso-Transvaaliano

O general Freire de Andrade já embarcou para a Europa

CIDADE DO CABO, 23. — O sr. general Freire de Andrade chefe da delegação portuguesa encarregado de negociar o convenio tratado que devia substituir a actual convenção de Moçambique, embarcou hoje a bordo do «Edimburgh Castle» para Lisboa via Madeira.—(H).

Não se fará o emprestimo á Alemanha

E PROCURA-SE SOLUCIONAR O DESACORDO APARENTE ENTRE -:- A FRANÇA E A BELGICA -:-

De 24 de maio a 10 de junho esteve reunido um Comité internacional de banqueiros, encarregado pela Comissão das reparações de estudar as possibilidades dum ou mais emprestimos a conceder á Alemanha e cujo producto se destinaria ao resgate de toda ou uma parte da divida das reparações. No dia 1 de Junho esse Comité perguntava á Comissão se devia considerar o estado dos pagamentos como uma «obrigação inalteravel» ou se ela poderia examinar «a possibilidade de soluções que trouxessem modificação a esses acordos».

A pergunta não era clara: tratava-se apenas de alterar as anuidades, conforme as possibilidades de pagamento da Alemanha sem diminuir a totalidade da divida? ou procurava-se uma nova amputação, a acrescentar ás que a França já havia consentido?

A delegação franceza propunha á Comissão das reparações a seguinte resposta: que o Comité lhe desse conhecimento da forma como o produto do emprestimo seria aplicado e as modificações que dahi adviriam para a importancia das mais proximas anuidades; mas ao mesmo tempo exprimia a opinião de que o emprestimo não podia ter, nem como condição, nem como efeito uma redução das obrigações da Alemanha.

E como a França, só por si, represen a 52 por cento da importancia das reparações a pagar pela Alemanha, o Comité dos banqueiros desistiu de propor qualquer emprestimo.

Esta intransigencia da França é perfeitamente explicavel, depois das concessões sucessivas que lhe teem sido arrancadas, sem uma compensação. Agora definia a sua atitude: só poderá consentir numa revisão (quer dizer redução) da divida alemã no dia em que for conjuntamente tratada a questão das dividas entre aliados, ou destes para com os Estados Unidos.

Quer dizer, a redução da divida alemã traria consigo a redução das dividas entre aliados e especialmente o credito dos Estados Unidos, unica nação que entrou na guerra e que não se endividou. E assim, o Comité dos banqueiros, acusando a França, por não permitir essa redução, arrisca-se a acusar as outras nações que não deram o seu consentimento. O relator do Comité foi o sr. Delacroix (belga); mas vimos depois que o sr. Theunis, presidente do conselho da Belgica, mantem as declarações pelas quais a Belgica se torna solidaria com a França.

O relatorio traz ainda a assinatura do banqueiro norte-americano Pierpont Morgan; mas onde está escrito que os Estados Unidos consentiram já na redução do seu credito?

No comité dos banqueiros houve quem procurasse induzir a Belgica a separar-se da França, propondo um emprestimo limitado (1.200 milhões marcos ouro) á Alemanha, dos quais 1.000 milhões seriam para pagar o saldo da prioridade belga. Depois do que, a Belgica podia desinteressar-se. Como se vê, pretendia-se comprar a Belgica, a nação heroica, o que seria «ao mesmo tempo moral e absurdo», na frase do proprio chefe do governo de Broxelas.

Uma outra declaração que fez o sr. Theunis explica que a Belgica não se oporia á redução da divida alemã, mediante compensação—a qual não podia deixar de ser uma redução dos creditos americanos e inglezes. Como se compreende então que o sr. Delacroix, no parecer que lavrou, ponha em foco a França, culpando-a do insucesso do emprestimo, quando a atitude da França se harmonisa com a da Belgica? Mais ainda: com os proprios sentimentos do sr. Delacroix? Foi o proprio presidente do conselho belga quem revelou que um dia, no Comité dos banqueiros o sr. Delacroix «declarou que nunca a França nem a Belgica poderiam admitir uma amputação do seu credito sem contra-partida; declarou que o sentimento publico, em nenhum destes paizes, o permitiria e desenvolveu esta tese com tal força e tal autoridade que a discussão não continuou». Como é, então, que o parecer do mesmo sr. Delacroix não faz a menor alusão á redução dos creditos da guerra?

Supõe-se que o sr. Delacroix, em certa altura, tinha esperança em que essa redução fosse concedida, emquanto que a França não tinha tal confiança; nesse dia deu-se o desacordo. Os acontecimentos vieram dar razão á França: os Estados Unidos não abram o exemplo.

Quem poderá censurar a França, que foi devastada, o que tem enormes dividas a pagar á Inglaterra e aos Estados Unidos, porque ela não cede os direitos que lhe foram reconhecidos no tratado de Versailles?

O assassinio do marechal Wilson

A imprensa francesa é unanime no elogio deste chefe

PARIS, 24.—Toda a imprensa franceza deplora o assassinio do marechal Wilson. O marechal Foch declarou a um redactor do «Matin» que Wilson alem de ser um caracter probo e leal era um militar cheio de decisão e clarividencia e um dedicado amigo da França.—(Lat-Am.).

PARIS, 24.—O presidente do conselho de ministros da França enviou um telegrama de condolencias a lady Wilson por motivo do assassinio do seu esposo.—(Lat-Am).

PARIS, 24.—O telegrama enviado pelo presidente da Republica a Jorge V dizia:—«A morte tão tragica do glorioso soldado será profundamente sentida por todos os francezes que jamais poderão esquecer os sentimentos pelo heroi manifestados e o seu admiravel espirito de organisação que muito contribuiu para a vitoria dos aliados.—(Lat-Am).

LONDRES, 24.—Realisam-se na segunda feira os funerais do marechal Wilson na egreja de S. Paulo. O duque de Connaught representará o rei. Teem sido recebidos pesames de toda a parte. Lord Ypres e o general Persing, antigos camaradas do extinto, enviaram sentidos telegramas, assim como o marechal Foch. A policia prendeu mais 18 «sinn-feiners».—(Lat. Am.)

LONDRES, 24.—Foi adiada a recepção em honra do principe de Galles devido ao tragico assassinio do marechal Wilson.—(Lat. Am.)

Toda a gente milionaria

1 milhão de rublos por 13 escudos

GENEBRA, 23.—O «Comptoir d'Escomptes» de Genebra está vendendo notas russas de 1 milhão de rublos a 11 francos e meio. Os bilhetes do banco dos soviets não teem valor algum mas muita gente compra-os como coisas raras. Até agora o Banco vendeu 4.000.000.000 de rublos.—(R).

Congresso Municipalista

Reuniram numa das salas da Camara Municipal de Lisboa as comissões organisadoras do Congresso Municipalista ultimamente realisado e de redação das actas do mesmo Congresso.

Da primeira estiveram presentes os srs. Costa Gomes, presidente, Alfredo Soares, Eloy do Amaral, Joaquim Domingues, Raimundo Alves e Sousa Rocha.

O sr. presidente deu conhecimento de oficios expedidos para a Junta Geral do Distrito do Porto, e Camara Municipal da mesma cidade, acerca da constituição da Comissão Executiva do Congresso e da comissão a quem competirá a organisação do Congresso Municipalista seguinte.

Resolveu aguardar a resposta que se torna urgente a fim de que a Comissão Executiva possa dar começo aos seus trabalhos.

Apreciou as conclusões das deliberações tomadas pelo Congresso, que hão-de ser presentes á Comissão Executiva, tomou conhecimento do expediente e tratou ainda das contas do Congresso.

Da comissão de redação das actas, estiveram presentes os srs: Alfredo Soares, Boavida Portugal, Eloy do Amaral e Joaquim Domingues, tomando conhecimento do trabalho já feito e trocando sobre a forma e dar ao livro das actas do Congresso, que deverá ser oportunamente distribuido ás Camaras Municipais e Juntas Gerais.

Tres aviadores americanos

são salvos por um para quedas

WICHITA (KANSAS), 24.—Um aeroplano conduzindo o piloto e dois passageiros um dos quais um senhora virou-se a 3000 pés de altura vindo desfazer-se no solo. O piloto e os dois passageiros escaparam saindo do aparelho com para quedas.—(R.)

O tratado de comercio franco-espanhol

Acerca das negociações entre a França e a Espanha relativamente ao tratado de comercio, de que nos temos ocupado, lê-se no «Imparcial», de Madrid o seguinte:

«O ministerio do reino forneceu a seguinte nota: As delegações espanhola e franceza, encarregadas da negociação do convenio comercial, chegaram a um completo acordo, ficando apenas pendentes alguns trabalhos complementares de revisão e obriga do exame do projecto por parte dos governos respectivos, com prévia consulta, pelo que se refere a Espanha, da Junta de pautas e Avaliações e da Comissão Protectora da Produção Nacional. E' claro que o governo de S. M. se propõe activar esses trabalhos complementares».

O correspondente do «Temps» em Madrid diz, no importante diario parisiense, o seguinte ácerca do convenio franco-espanhol:

«Graças aos esforços do sr. Serruys, do nosso embaixador e dos tecnicos que os auxiliaram nestas dificeis negociações, a França obtem grandes vantagens, apesar de não ter conseguido satisfação para muitas coisas.

«Obtivemos a tarifa minima espanhola de uma maneira completa e reduções em 325 artigos, gosando ainda da clausula da nação mais favorecida.

«As reduções concedidas á Espanha sobre os direitos que oneravam as sedas, lãs, vinhos, automoveis, ferragens, cautchu, etc., são consideraveis.

«Os produtos farmaceuticos e as aguas minerais recebem um tratamento de favor muito vantajoso. O mesmo sucede com os vinhos de Champagne, cujos direitos passam de dez para tres.

«A mecanica é mais favorecida do que a metalurgia.

«Em suma, só o tratado não satisfaz todas as exigencias dos exportadores francezes, ele permitirá entretanto que se reate vantajosamente o intercambio comercial interrompido após a ruptura do «modus vivendi» em 10 de novembro ultimo.

«A Espanha tambem obteve importantes vantagens e reduções de direitos que lhe permitirão fazer entrar em França, numa proporção superior á de outras epocas, os produtos que ela exporta.»

Tudo coisas de minima importancia como se está vendo. E quanto aos nossos interesses... é o que toda a gente está vendo.

A Estatistica Aduaneira

encontra-se lamentavel- :—: mente atrazada :—:

Está muito atrazada a estatistica do comercio e da navegação. O ultimo volume publicado refere-se a 1919 e os boletins de 1920 não passam do setembro.

Não é preciso demonstrar os graves inconvenientes que resultam de similhante atrazo, que impede o estudo fundamentado de importantes problemas nacionaes.

Seja qual for o motivo desse atrazo—a falta de pessoal, ou a desorganização dos respectivos serviços—torna-se indispensavel adoptar providencias imediatas para trazer em dia a publicação das estatisticas aduaneiras.

E' já conhecido o movimento comercial de Inglaterra, no primeiro trimestre de 1922 e lembrando-nos de que em Portugal se desenvolve o relativo a dois anos transcorridos não pode deixar de causar-nos doloroso impressão.

Partido Socialista Portuguez

O Conselho Central do P. S. P. tendo na sua ultima reunião apreciado, a proposito dos boatos correntes, a possibilidade da eclosão de um movimento revolucionario de caracter monarquico, considerando que o triunfo desse movimento seria altamente prejudicial para as classes trabalhadoras e para os ideais que o P. S. P. defende, e considerando que a forma politica da democracia republicana, deve merecer a defesa do proletariado como a realisação duma etape ideologica que pode e deve servir a finalidade socialista!

Considerando que monarquismo e plutocracia se confundem, sendo as altas classes burguezas, monarquicas, declarada ou tacitamente.

Considerando que a reacção monarquica, revestiria as suas peores formas clerical, plutocrata e militarista resolveu fazer um apelo a todos os trabalhadores no sentido de se prepararem, em todos os campos, para a hipotese de, na eclosão do falado movimento defender a formula da democracia representada pela Republica.

Congresso beirão

Já se encontram em Coimbra muitos dos produtos destinados á grande exposição regional. De Gouveia e Ceia vieram trezentos e tantos produtos das varias secções, estando o sr. Eduardo Lopes, importante industrial daquela vila, encarregado de dirigir os trabalhos da exposição daquele mostruario, de acordo com as comissões das respectivas secções.

Póde asseverar-se de uma forma definitiva que a exposição será grandiosa e interessantissima.

A comissão encarregada de dirigir a secção artistica da exposição instalou-se já no edificio da Associação Academica, na rua Larga, onde estiveram instalados o Museu de Antiguidades e o Instituto, trabalhando-se activamente na preparação de tudo. Ali podem ser entregues os objectos destinados á exposição, a qualquer hora do dia.

A comissão que tomou para si o encargo de organizar a secção industrial instalou-se na rua Alexandre Herculano, na Associação Cristã dos Estudantes, para onde podem ser enviados directamente quaisquer produtos ao dr. Torres Correia. A direcção daquela Associação cedeu as suas salas á comissão, em face das dificuldades que a esta se depararam, devendo ali instalar-se parte da exposição de produtos industriais e outra parte no Claustro do Silencio, em Santa Cruz.

A exposição agricola será feita na Associação dos Artistas, onde a respectiva comissão está já instalada, devendo pedir-se esclarecimentos ou dirigirem-se directamente os produtos ao sr. dr. Mario Ramos.

Quaisquer esclarecimentos sobre a exposição de pecuaria poderão ser pedidos ao sr. dr. José Goulão, rua Antero do Quental.

Esta secção da exposição realizar-se-ha no Rocio de Santa-Clara, que será para êsse efeito devidamente preparado, no dia 2 de Julho, domingo, estando aberta desde as oito horas da manhã até ás 6 ou 7 da tarde. Para esta exposição estão já inscritos mais de 50 criadores do distrito de Coimbra.

Todos os produtos devem ser enviados desde já, com exclusão dos que se possam deteriorar, como frutas, manteiga e outros semelhantes, que podem ser entregues no dia 30 até ás 10 horas.

As guias de produtos despachados devem ser enviadas ao dr. José Cardoso secretario geral do Congresso, rua Anthero de Quental.

—Já foram requisitados e entregues algumas centenas de bilhetes de identidade. Todos os pedidos devem ser feitos ao secretario geral.

Tambem se fornecem bilhetes na Associação Academica, Farmacia do Castelo, Sociedade de Defesa e Propaganda (Pateo do Castilho) e Livraria França e Armenio, ao Arco de Almedina.

Quaisquer pedidos e informações sobre alojamentos de congressistas devem ser feitos á Sociedade de Defesa ou á Secretaria do Congresso. E' indispensavel que esses pedidos se façam a tempo, para bem se poder organisar esse serviço.

—No dia 5 realisar-se-ha uma excursão á Lousã, em comboio especial, fazendo-se um passeio á Serra (mais de mil metros de altitude) em automoveis e camions. Aos elementos oficiais será oferecido um almoço no Parque de Alfucsira. Nesse dia será a Lousã visitada por tres aeroplanos, que farão evoluções e acrobacia sobre a vila, aterrando no magnifico campo da Chã do Freixo, depois de terem passado sobre Condeixa e Penacova, onde nesse mesmo dia tambem irão excursões.

—Algumas das teses que vão ser discutidas nas sessões do congresso entre elas a do ilustre professor de direito, sr. dr. José Alberto dos Reis vão ser publicadas no Boletim diario do Congresso, que já está em preparação. Esse Boletim publicar nos cinco numeros mais de 300 fotogravuras de assuntos das Beiras, bem como algumas paginas de anuncios a côres. Será impresso em bom papel «couché» e terá uma variada colaboração das maiores individualidades literarias das Beiras.

PELO TELEGRAFO

Homenagem a Mazzini

ROMA, 24.—Por iniciativa da sociedade operaria italiana de Londres inaugurou-se na séde da sociedade uma lapide de Mazzini com a intervenção do embaixador.—(Lat-Am).

O Uruguay felicita Portugal

MONTEVIDEU, 24.—O presidente da Republica do Uruguay tambem dirigiu as suas felicitações ao presidente da Republica portuguesa pela travessia aerea dos aviadores portuguezes.—(H.)

A questão da Siberia

OPPELN, 23.—A Polonia ocupou a região Koenigshutte e a Alemanha a do Loetschnetz, sem nenhum incidente.—(H.)

Vanderwold em viagem

BERLIM, 23.— Os defensores dos socialistas revolucionarios russos chegaram esta manhã. Vanderwold e outros deram parte á mesa do partido majoritario das suas impressões partindo em seguida para Bruxelas.—(H.)

O regimen do alcool

PARIS, 24.—O oficial publica hoje o decreto promulgando 1.º a convenção assinada em St. Germain em 10 de Setembro de 1919 entre as potencias aliadas e associadas sobre o regimen das bebidas alcoolicas em Africa. 2.º a convenção assinada em St. Germain em 10 de Setembro de 1919 entre as mesmas potencias revendo a acta geral de Berlim de 26 de Fevereiro de 1885 e a declaração de Bruxelas de 2 de Julho de 1890.—(H.)

Portugal em Roma

ROMA, 23.—O presidente do conselho de ministros recebeu hoje o sr. Eusebio Leão ministro da Republica Portuguesa em Roma.—(H.)

Uma cheia na America Central

S. SALVADOR, 24.—Uma terrivel cheia inundou a parte baixa da cidade causando muitas mortes e prejuizos materiais incalculaveis.—(Lat-Am).

As Filipinas reclamam a independencia

NEW YORK, 23.—O presidente Harding recebeu uma comissão de filipinos que vieram pedir a independencia incondicional das ilhas filipinas. Harding recusou concede-la dizendo-lhes que podiam alimentar a esperança de conseguir essa independencia, mas que por enquanto era cedo para pensar nisso.—(Lat-Am).

A politica interna da Alemanha

BERLIM, 24. — Depois de tres dias de debates o Reichstag aprovou finalmente, apesar da oposição dos nacionalistas, dos populistas e dos comunistas, os acordos de Wiesbaden, Bamelmans e Gilet.—(H.)

Os reis de Italia na Dinamarca

COPENHAGUE, 24. — Os reis de Italia receberam o corpo diplomatico e assistiram com os soberanos dinamarquezes á inauguração solene da praça de Dante, cimentando a primeira pedra do pedestal da coluna enviada de Roma.

A' noite assistiram ao espectaculo de gala no teatro real sempre aclamadissimos por enorme multidão.

Os jornais continuam a publicar artigos entusiasticos relativamente á Italia, salientando com especial simpatia a presença do ministro dos estrangeiros, sr. Schanzer.—(Lat-Am).

A prohibição do alcool

NEW-YORK, 24. — Tem havido grande discussão no parlamento por causa da modificação da lei proibitiva da venda do alcool. O povo deseja que se modifique pelo menos no que diz respeito á venda da cerveja. Ha muitos partidarios da modificação da lei porque a actual, extremamente severa, provoca o desassocego da população.—(Lat-Am).

O mercado da borracha nos Estados Unidos

O «Jornal do Comercio», do Rio, ocupando-se de marcas de borracha, diz que a importação deste produto nos Estados Unidos vai subindo cada vez mais e excede de mais de 200 mil toneladas da nossa propria produção.

As manufacturas de borracha nos Estados Unidos assumiram tal importancia, que só a exportação de seus produtos atingiu a 50 milhões de dollars em 1920 contra 9 milhões em 1910.

Ha vinte anos, os Estados Unidos supriam-se no Brasil e um pouco nos outros paizes da America e na Africa. Agora segundo a Rubber Association of America, 39 %, das importações provem do Oriente, 8 % do Brasil e Perú e 2 % da Africa.

Pelas estatisticas norte-americanas a importação de borracha foi em 1919 de 535.940:421 libras, peso, e de 215.820:113 dolars.

Ecos & Noticias

FALECIMENTO

Na casa da sua residencia na rua Ilha Terceira, 9, 3.º, faleceu o sr. João Sergio Ferreira Borges, antigo funcionario dos matadouros, irmão do sr. Francisco Firmo Ferreira Borges, 1.º oficial chefe da secretaria dos Matadouros. O funeral, tem logar amanhã ás 10 horas para o Cemiterio dos Prazeres sendo o acompanhamento de [illegible].

Albergue das Crianças Abandonadas

Prosseguem amanhã, no Albergue das Crianças Abandonadas, as festas do aniversario, cujo programa é o seguinte:

1.º — Exposição do Albergue, das 11 ás 18 horas;

2.º — Quermesse e tombolas;

3.º — Concerto pela banda da Concentração Musical e Sociedade Instrucção e Recreio do Calhariz de Bemfica;

4.º — A's 21 horas, luta greco-romana, entre Henrique Soares (Piedade (campeão dos leves) e José Carlos Lima, 3.º classificado no Campeonato de Portugal;

5.º — Pesos e alteres, por D. Armanda de Brumão e Antonio Ferreira;

6.º — Esgrima — Assaltos á espada franceza, por J. C. Santos e Camara Manuel;

7.º — Recita no teatro, com espectaculo variado;

8.º — Fados, pelo distinto guitarrista sr. Carmo Dias.

Exposição do Rio de Janeiro

A Sociedade Vidago & Pedras Salgadas ofereceu gratuitamente ao Comissariado Geral 50.000 garrafas de agua para serem vendidas no bufete da Exposição Portugueza, devendo o producto liquido da venda reverter em partes eguais para Beneficencia Portugueza e para a Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro.

A mesma Sociedade ofereceu ainda a um preço reduzido outras 30.000 garrafas de agua para serem vendidas no citado bufete por conta do Comissariado Geral.

Uma récita pelas educandas do Asilo-oficina Santo Antonio

Na proxima semana realisa-se na séde Asilo, Avenida Almirante Reis 38, a inauguração do novo teatrinho com a representação pelas educandas de duas interessantes operetas. Os socios e protectores teem preferencia na marcação de logares, que poderão fazer na séde do Asilo ou na Rua Augusta, n.º 212.

Agricultura e agricultores

O empenho, geralmente demonstrado, de promover o resurgimento economico de Portugal pela agricultura, não está sendo devidamente secundado pelos poderes publicos.

Bom fôra que êsse salutar movimento encontrasse apoio, por parte do Estado, porque desta forma poderia esperar-se que as consideraveis riquezas agricolas de que dispomos pudessem ser, em breve, devidamente utilizadas.

O movimento associativo agricola é já muito para notar. Constitue uma voz que deve ser escutada nas regiões do poder.

Infelizmente não sucede sempre assim, como se depreende da representação, ultimamente enviada ao sr. ministro da Agricultura pelo Sindicato Agricola de Braga.

Publicando essa representação, reclamamos que a voz da agricultura seja escutada pelos poderes publicos, com a atenção que merece.

Eis a representação a que aludimos:

«Ex.mo ministro da Agricultura—Lisboa. — Cumprimento v. ex.ª e comunico que desde longos anos tenho feito justissimas reclamações em prol da agricultura e da população: mas, infelizmente, não têm sido atendidas, o que assás lamento.

Mais uma vez faço a reiteração de algumas delas e exponho apenas a sua sumula, a fim de não ocupar muito o tempo de v. ex.ª

Que seja iniciada, com urgencia, e imprescindivel, util e adequada arborização em todo o paiz e, sobretudo, nos terrenos incultos e nas margens das estradas, onde não prejudiquem as culturas existentes. A arborização aumentará, certamente, a nossa riqueza e melhorará as condições climatericas;

Que sejam arroteados os terrenos incultos, a fim de serem ampliadas as culturas e especialmente as de cereais e das oliveiras, e com todos os aperfeiçoamentos, para obter-se a precisa produção para o consumo e até para a exportação. Realmente, sr. ministro, causa profunda desolação quando se observa a imensidade de terrenos sem arboricultura e sem culturas;

Que as pobres das aldeias sejam socorridas prontamente, quando adoecerem, pois que muitos falecem no mais completo abandono, sem medico, remedios, alimentação, agasalho e ainda mais sem serem devidamente examinados antes de serem lançados nos covais e por isso alguns podem ser enterrados ainda vivos;

Que o policiamento rural seja constante, de dia e de noite, e bem organizado;

Que sejam postas em circulação as precisas cedulas limpas e em bom estado e retiradas as que estiverem imundas, esfarrapadas, mal cheirosas, que causam aversão e constituem um grave perigo, para a saude e vida, pois que podem facilmente originar qualquer infecção:

Que, por todos os meios, se procure dar o preciso ensino aos homens e mulheres que se empregam em trabalhos da agricultura, horticultura e viticultura, a fim de conhecerem bem os novos e aperfeiçoados processos e acabarem com a nefasta rotina, que, infelizmente, ainda campeia por toda a parte. E concluo solicitando a v. ex.ª que, desta vez se digne prestar a sua atenção ao que reclamo e desde já agradeço. — Saude e Fraternidade. — Braga, 5 de Junho de 1922. — O presidente do Sindicato Agricola, *Simão Duarte de Oliveira.»*

Em poucas linhas

Foi preso Frederico Ramires, Alto do Longo, 35 rez do chão, que com o auxilio de chave falsa furtou a quantia de 1.680 escudos de um cofre pertencente a Honorio de Almeida Moniz, largo da Sé 68 e 70. O Ramires era empregado do roubado.

—Emilio Coelho, de Braga e acidentalmente em Lisboa rua do Carmo 55 e 57 queixou-se contra dois individuos que fardados de marinheiros lhe furtaram um alfinete de ouro e dois aneis no valor de 148 escudos.

Mausoleu a Machado Santos

Récita no Colisêu dos Recreios

Tem afluido á séde da comissão, na rua dos Fanqueiros 306, os pedidos de camarotes e fauteuils para a récita que se realisa no proximo domingo 2 de Julho pelas 14 horas, com a assistencia de s. ex.ª o sr. Presidente da Republica. A' recita que está despertando grande interesse prestam o seu concurso, além da conferencia proferida pelo sr. dr. Leonardo Coimbra, que será apresentado pelo grande republicano e companheiro do 5 de Outubro do malogrado Machado Santos, coronel Sá Cardoso, a grande Banda da Guarda Nacional Republicana regida pelo maestro Fernandes Fão, que executará um escolhido reportorio adequado ao ato, canções regionais por distinctas otristes portuguezas, acompanhadas pelos côros dos teatros de Lisboa, fechando o espectaculo a «Ceia dos Cardeais» composição do maestro Luis Filgueiras, desempenhada por D. Francisco de Almeida (Chico Redondo) e seus alunos, estando a direção dos côros confiada ao maestro Alfredo Mantua.

O programa definitivo da recita de homenagem a Machado Santos, será publicado talvez amanhã.

ULTIMA HORA

Parlamento

No Senado

Aberta a sessão á hora regimental sob a presidencia do sr. Gaspar de Lemos, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Fernandes de Almeida, aprovam a acta 27 senadores.

Na bancada ministerial, apenas o sr. ministro dos Estrangeiros.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Xavier da Silva chama a atenção do sr. ministro dos Estrangeiros para as suas considerações acerca das necessidades que há em satisfazer as dividas dos Transportes Maritimos ás varias casas de Moçambique, desenvolvimento da navegação e fixação da categoria de funcionarios daquela colónia.

O sr. ministro dos Estrangeiros promete comunicar ao seu colega das Colonias as considerações do orador.

O «leader» continuando no uso da palavra envia para a mesa um projecto de lei, requerendo para ele a urgencia, sobre a concessão, de uma amnistia aos crimes de liberdade de imprensa, a partir do dia da chegada dos aviadores ao Rio de Janeiro.

Foi concedida a urgencia.

O sr. Augusto de Vasconcelos lamenta tambem a ausencia do sr. ministro das Colonias para chamar a atenção de s. ex.ª para as exigentes pretensões da União Sul Africana, e pregunta qual a atitude do governo inglez sobre este assunto.

O sr. ministro dos Negocios Estrangeiros afirma estar o governo inglez na disposição de fazer justiça a Portugal.

A sessão continua.

As negociatas com as farinhas

No tribunal dos Açambarcadores que funciona no Governo Civil realisou-se finalmente hoje após dois adiamentos o julgamento da firma José Guedes L.da, com fabrica de moagem em Oeiras, acusada de ter escondidos e sonegados na quinta do Marquez de Pombal, na referida localidade, 125 sacos de farinha.

Presidiu á audiencia o juiz sr. dr. Carvalho Magro, apresentando-se o reu defendido pelo sr. dr. Luiz Folque. A sentença só é proferida depois de amanhã.

Poeira da Arcada

Segundo o boletim de sanidade interna, apresentado na ultima sessão do conselho superior de higiene, na semana finda em 17 do corrente manifestaram-se em Lisboa 9 casos de difteria, 1 de escarlatina, 2 de febre tifoide e 7 de variola.

Aviação Maritima

O hidro avião «D. D. 4» andou no rio fazendo experiencias, pilotado pelo segundo tenente aviador sr. Santos Mola. Voou até ao quadro dos Navios de Guerra indo depois fora da barra.

O 19 de Outubro

O juiz auditor do 1.º Tribunal Militar de Santa Clara esteve hoje ouvindo os srs: capitães João Pedro da Silva, José Lucio, João de Almeida Matos, Manuel Joaquim Pereira; major Santa Barbara, e tenente Horacio Gonçalves, todos testemunhas do capitão sr. Camilo de Oliveira, preso em S. Julião da Barra.

A desgraça no Tejo

Continuam no mesmo estado os feridos da explosão de ha dias no Tejo.

A' enfermaria de S. Francisco do hospital de S. José recolheu hoje novamente por ter piorado Carlos Alberto de Oliveira Magro, surdo-mudo que ha dias havia tido alta da enfermaria de Santo Antonio.

Na morgue realisaram-se hoje sob a presidencia do juiz auxiliar sr. dr. Alfeu Cruz as autopsias de Esther Rodrigues e Emilia Costa duas vitimas do terrivel desastre.

POLITICA

A minoria liberal perante o governo

Segundo informam os jornais da manhã, a minoria parlamentar liberal vai ser dirigida por um directorio, tendo desaparecido a acção isolada e independente de um ou mais *leaders*. Resolveu-se, segundo parece, a crise interna do partido, derivada de duas correntes divergentes de opinião, uma que entendia oportuna uma oposição acentuada ao Governo, e outra, muito mais moderada, que não escondia o proposito de dar auxilio ao gabinete, fazendo-se-lhe apenas uma simulada oposição.

O que ainda se não sabe é se a junta ou directorio dos *leaders* imprimirá ou não actividade oposicionista á minoria parlamentar que passa a dirigir. O mais provavel é continuar tudo como estava, vencendo praticamente o criterio da oposição moderada, só a sufficiente para manter a inofensiva esperança dos impacientes ou irriquietos.

As circumstancias criaram ao gabinete uma situação de estabilidade muito original. Não é apenas a minoria liberal que o quere manter no Poder; são todas as oposições, até mesmo a monarquica. De quem o Governo se arreceia não é, pois, das oposições, mas sim da propria maioria. O sr. Lima Basto, ministro do Comercio, falando ha dias e, por sinal, muito bem — acerca dos T. M. E., teve uma frase tipica, capaz de definir, por si só, o estado actual da politica, dentro do Parlamento. Assim, referindo-se ao sr. Velhinho Correia, deputado da maioria, disse:

— O deputado sr. Velhinho Correia, que representa a oposição dêsse lado da Camara...

E é assim mesmo. Ha, dentro da maioria, um grupo de oposição, que umas vezes é latente e outras é manifesta. Se êsse vicio se alarga e invade o organismo, o Governo pode, de um momento para o outro, encontrar-se desacompanhado por uma parte sensivel da maioria.

De modo que, para sustentar-se no Poder, precisa dos votos das minorias republicanas, que, aliás, lhe não são negados, tanto terror inspira, neste instante, a questão dos negocios publicos.

Se o gabinete Antonio Maria da Silva se demitisse, surgiria, fatalmente, o problema da constituição de um Ministerio de concentração republicana. Como as minorias querem fugir a isso, vão sustentando o Ministerio, até contra vontade de alguns parlamentares democraticos.

Tudo isto indica, pois, que a formação do directorio ou junta parlamentar liberal não introduz sensivel modificação no estado geral da politica nacional.

Um telegrama da faculdade de Medicina do Porto

O sr. ministro da Instrução recebeu o seguinte telegrama:

PORTO, 23.—O Conselho da Faculdade de Medicina do Porto, a que actualmente presido, em sua sessão de ontem, primeira realisada depois de ultimado o «raid» aereo Lisboa-Brasil, aprovou a minha proposta para que se apresentassem a V. Ex.ª entusiasticas congratulações pelo brilhante exito do feito scientifico e verdadeiramente epico dos heroicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral cometimento que tão notavelmente honra a sciencia e a Patria.—(a) Professor Lopes Martins.

Ministro da Agricultura

O sr. ministro da Agricultura partiu hoje de manhã para o Luso.

Ministro de Inglaterra

O sr. ministro de Inglaterra conferenciou hoje com o sr. presidente do Ministerio.

O Convenio

Segundo consta, as negociações relativas ao novo convenio luso-transvaliano passarão a ser feitas directamente pelo Ministerio dos Negocios Estrangeiros visto terem fracassado os trabalhos realisados pelos delegados portuguezes que foram a Africa do Sul e, que, como se sabe retiraram já para a Africa.

Alto Comissario de Angola

No Ministerio das Colonias nada consta acerca da ida do sr. Norton de Matos a Moçambique.

Presidencia da Republica

O sr. Presidente da Republica assiste ao espectaculo de hoje no Teatro Politeama onde faz a sua apresentação o Orfeon Poveiro.

Amanhã o Chefe do Estado acompanhado do sr. Presidente do Ministerio e ministro da Marinha assiste á grande recita de caridade que se realisa pelas 21 horas no Club Estefania.

Com o diabo no corpo

Um fiscal do ministerio da Agricultura alveja a tiros varias pessoas

Pouco depois das 4 horas e meia da manhã uma patrulha da G. N. R. constituida pelos soldados 557 Leandro Augusto Gaspar e 219 Antonio de Carvalho Campos, a qual andava pelos sitios de S. Bento foi informada de que na rua de Santo Amaro andava um individio disparando tiros a granel, dando a impressão de que estava com o diabo no corpo.

A referida patrulha seguiu para o local indicado notando então que o desconhecido dava ás de Vila Diogo motivo porque foi em sua perseguição mandando-o fazer alto. O fugitivo fazendo frente aos soldados disparou contra eles um tiro voltando a seguir pela rua abaixo em carreira desordenada. A patrulha não mais largou o endiabrado conseguindo somente prende-lo quando ele se refugiava em casa, na rua de S. Bento 141, 2.º o guarda civico n.º 504 que tambem auxiliou a prisão veio a apurar que se tratava de Carlos Anhão Marques, agente n.º 46 da fiscalisação do ministerio da Agricultura, o qual ao que parece se encontrava com um pouco de vinho. O Anhão que ficou ferido no cotovelo esquerdo, foi receber curativo ao Hospital Militar da Estrela onde egualmente foi pensado o guarda noturno Antonio de Freitas travessa do Baluto A. F. o qual foi atingido de raspão por uma das balas disparadas pelo endiabrado.

O preso recolheu depois a um dos calabouços do Governo Civil.

Uma scena de facadas

Na rua 24 de Julho em frente á rua Tenente Valadim envolveram-se hoje em desordem Luciano Pereira, travessa da Boa-Hora, 59 cave e o servente de pedreiro Alfredo dos Santos. Este a certa altura da contenda vibrou duas facadas no peito do antagonista o qual foi pensado no posto da Cruz Vermelha da Junqueira, seguindo depois para o hospital de S. José e recolhendo em estado grave á sala de observações.

O agressor foi preso.

A questão do Ulster

continua a ser a preocupação dominante da politica ingleza onde de novo regressou sir Edward Grey

Durante os ultimos dias, a situação irlandeza manifestou-se de novo consideravelmente ameaçadora. Actos de agressão contra o territorio do Norte, praticados pelos extremistas do Sul, tornaram o governo do Ulster sériamente apreensivo e receoso de uma invasão organisada pelas forças armadas dos irlandezes do Sul, e para evitar uma tal eventualidade e as desastrosas consequencias que se lhe seguiriam para toda a população da Irlanda, o governo britanico enviou mais tropas para a Irlanda do Norte, tendo o duplo fim de impedir uma séria violação do territorio do Norte e evitar a colisão entre as forças irlandezas opostas. A presença das tropas britanicas muito fez para restaurar a confiança do povo do Ulster, mas seria despeoposito negar que o receio da guerra civil na Irlanda é ali ainda muito real e geral.

Não ha duvida que este receio foi grandemente estimulado, se é que não foi inteiramente creado, pelo recente acordo assignado pelos srs. Collins e de Valera. Os «leaders» do Estado Livre teem estado em Londres fazendo esforços por persuadir o gabinete britanico de que o referido acordo por fórma alguma invalida o tratado e que não é uma capitulação para com os republicanos. Nem o governo britanico, nem o povo, nutrem quaesquer ilusões a este respeito. O sr. Churchill, num discurso animado do espirito do verdadeiro homem de Estado, tornou isto perfeitamente claro na camara dos comuns.

Ao mesmo tempo reconheceu francamente as gravissimas dificuldades do governo provisorio do Estado Livre Irlandez, e o seu apelo ao povo britanico, para que tenha paciencia, obteve a mais generosa resposta.

Na opinião de muita gente o sr. Colins e os seus colegas estariam em uma situação muito mais forte se não tivessem feito caso das ameaças da minoria republicana e tivessem antes mesmo procedido por uma forma independente. Esta maneira de ver é apoiada pelo facto que, a despeito daquela tentativa, para sob o regimen do novo acordo, levar a cabo na Irlanda do Sul eleições gerais, nas quaes não poderá haver escolha independente de candidatos, o proprio povo se recusou a sofrer esta indignidade e afrontou em grande numero de circulos as furias dos «meninos bonitos» da coalisão, designando os seus candidatos parlamentares.

Na presente situação tres pontos ha que deveriam ser esclarecidos perante os paizes estrangeiros. O primeiro é que, se o povo irlandez podesse votar livremente sem ser ameaçado pela ditadura militar, ele votaria, por uma esmagadora maioria, a favor do tratado e do governo autonomo dentro do Imperio. O segundo é que o povo britanico nunca permitirá, em qualquer circunstancia, que se estabeleça uma republica em qualquer parte da Irlanda. O terceiro é que ele nunca permitirá que o Ulster seja forçado ou destruido pela força das armas em virtude duma agressão do Sul. A paciencia do governo britanico parece inexgotavel, mas o certo é que governo algum poderia sobreviver neste paiz se désse ocasião a serem postos em pratica os dois ultimos pontos ou qualquer deles.

* * *

«Nas ilhas britanicas, e á excepção da Irlanda, a qual só tem de censuravel os seus disparates, fica-se impressionado pelos crescentes sinais de manifesta prosperidade observados em toda a parte e pelas mais estaveis e regulares condições de vida, quer nas cidades, quer na provincia. Ha tambem legitimo e grande desejo de paz, não só pelo que toca ao paiz, mas tambem ao estrangeiro e a profunda convicção de que nada a realisação de um acordo internacional sobre as vitais questões que agitam a politica europeia nada poderiam impedir agora o paiz de retomar o primeiro logar entre as nações no comercio e na industria.

A principal causa de anciedade provém, neste momento, das perspectivas agricolas. O admiravel sol que tem havido nas ultimas semanas foi ideal para os que, ao terminar a semana, vão espairecer por esses campos e jardins, assim como para os milhares de pessoas que na Inglaterra se entregam aos desportos tradicionais nesta quadra do ano; mas a não ser que sobrevenha uma completa e rapida mudança do tempo, as novidades e colheitas serão gravemente prejudicadas e ver-nos hemos constrangidos a afrontar uma crise muito parecida com a que a notavel séca do ano passado originou.

* * *

Despertou muita curiosidade no publico o casamento do visconde Grey de Falladon com a sr.ª Glenconner. O visconde Grey, mais conhecido antes da guerra pelo nome de Sir Edward Grey, secretario dos negocios estrangeiros da Gran-Bretanha, retirou-se da politica durante os ultimos anos da guerra. Ultimamente, porem, reapareceu em publico para criticar a politica estrangeira britanica, e o seu casamento com a sr.ª Glenconner, uma mulher notavel e pessoalmente muito prendada, é considerado como um sinal de que o visconde Grey pretende tomar de futuro uma parte importante na politica britanica.

E' um homem cuja integridade é plenamente reconhecida por toda a gente; em todo o caso, posto ele seja por isso mesmo muito respeitado por este paiz, nunca o publico se sentiu muito atrahido por ele, e as suas vistas estão muito longe do aspecto apresentado pela politica do momento presente.

Ainda que seja membro do parlamento liberal, os seus recentes discursos em publico parece terem dado tão pequena satisfação a muitos liberaes independentes como aos outros partidos do governo.

O sentir politico actual do povo britanico, ou os amigos do visconde Grey, que o consideram como um futuro primeiro ministro, estão laborando num evidente equivoco.

Se amanhã se fizessem as eleições geraes não cremos que os liberaes independentes ou o partido trabalhista oficial teriam tantas probabilidades de victoria como mesmo as que tinham ha seis mezes. Não ha paiz na Europa o qual a continuidade da administração e da politica nacional tenha maiores probabilidades de ser firmemente assegurada do que a Gran-Bretanha.

VIDA SPORTIVA

Coisas de sport...

Apreciando o campeonato nacional de foot-ball diz Mario Duarte o seguinte:

Mas se é certo que foi ainda a questão das receitas que os levou a decidir pelo Porto ou mesmo por Lisboa mais censuravel é ainda a sua conduta, porque acima dos interesses materiais nós devemos sobrepôr sempre a causa sportiva; e esta não tinha razão de se subordinar áquela.

E' que o antigo sportman pensa ainda que está no tempo, em que havia amadores de «verdade»...

* * *

A Federação Portugueza de Box, organisa por sua conta e risco um destes dias, uma festa de box.

Deve ser com certeza obra aceiada.

Organisação perfeita, combates equilibrados, arbitragem imparcial, etc.

«Noblesse oblige»...

O que não bate certo, e anunciam que o adversario do amador portuguez é campeão de França.

«Trop de zele» do reclamista, que a F. P. B. não pode aplaudir.

* * *

Segundo se diz, vai fazer-se uma revisão do regulamento do campeonato de Portugal de força.

E' tempo perdido; porque eles não entram.

A balança assusta os...

RUY DA CUNHA

NOTICIARIO

HOCKEY CLUB DE PORTUGAL

Provas de atletismo

No seu campo desportivo de Sete Rios, realisa amanhã o «Hockey Club de Portugal» uma prova de atletismo entre os seus associados, constando de corridas de 100, 400 e 1.500 metros, de estafetas, saltos em altura e comprimento, lançamento do peso, etc.

E' para felicitar a boa organisação desportiva deste jovem mas prospero Club, que apesar de se especialisar em hockey e patinagem, não deixa todavia de parte os restantes ramos do desporto.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Centenario».
AVENIDA—A's 9,15—«O Conde Barão».
POLITEAMA—A's 9,30 — «Sarau pelo Orfeão Poveiro».
APOLO—A's 9,15—«A Vida».

Teatro musicado

SALÃO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparote»
CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade
SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores
COLISEU DOS RECREIOS—A's 8,30—Animatografo e variedades.

A Alemanha e os Imperialistas

O espirito de revolta permanece latente

O chanceler do «Reich» foi em visita oficial a Munich, mas a recepção não primou por cordeal. Pelo contrario. Os estudantes e imperialistas mais exaltados assobiaram-no e apuparam-no. O motivo, embora não conste do texto dos telegramas, não é muito dificil de adivinhar: politica. A Alemanha, não obstante encostar-se aos bolchevistas, continua imperialista e cada vez mais.

A nação alemã, que não se sabe ao certo em que regimen vive, se é imperio se republica, não se saiu tão bem da aventura em que uma parte dos spartakistas a meteu, quando se tornou necessario aceitar o armisticio de 1919, que se abrace com a fé dos crentes ferverosos á democracia. O imperio creado em Versailles em 1871 e derrubado no mesmo historico palacio em 1920, lançou fundas raises no coração do povo alemão para que de lá sejam desarreigadas com uma simples penada, embora manejada pelos mais conspicuos estadistas dos paises que contra ela se coligaram. Em os aliados levantando a sua mão de ferro de cima da população germanica, isto é, em os exercitos da Entente evacuando o territorio ocupado, ver-se-ha ás claras quais são os seus sentimentos politicos.

* * *

Quando o conde de Brockdorff-Rantzau assinava o tratado de Versailles como delegado alemão, por cima da galeria dos Espelhos, no pavimento superior, acompanhava-lhe talvez os gestos o retrato de um dos seus antepassados, que morreu no serviço de Luiz XIV. Foi uma curiosa figura da Historia Josias de Rantzau, marechal de França. Brilhante, fidalgo, condottiere intrépido e bebedor terrivel o conde Josias perdeu, á frente das tropas francesas, um olho em Dôle, uma das mãos e uma perna em frente de Arras, o que lhe fez dizer um dia que «não tinha já nada inteiro senão o coração». Pela sua indomavel bravura—recebeu sessenta feridas na sua vida—Gastão de Orleans, regente, entregou-lhe ele proprio o bastão de marechal.

O seu retrato está exposto na sala dos marechais em Versailles. Representa-o caracoleando no seu cavalo, com a perna de pau assentado no estribo, com a mão ausente substituida por um gancho segurando as redeas, com o olho vasado coberto por uma faixa de seda preta.

A situação não era agradavel para o conde Brockdorff Rantzau. Ora todas estas tradições, embora sobre elas paire um certo remorso, não são de molde a democratisar o Estado alemão.

* * *

Os outros paizes da Entente, afóra a França, vão-se humanisando com a Alemanha. Uma porção de principes alemães, mesmo durante a guerra, continuaram a ser lords inglezes. Para lhes tirar essa regalia era preciso uma lei especial e, ao que nos conste, essa lei nunca foi publicada. Estavam nessas circunstancias o duque reinante de Brunswick, casado com a unica filha do Kaiser, e que era duque de Cumberland e Teviotdale e conde de Armagh; o duque de Cumberland; o duque de Albany, neto da rainha Victoria e duque reinante da Saxonia-Coburgo-gotha.

A maior parte destes principes não sairam da Alemanha, continuam nas mesmas terras e talvez até a governarem, á capucha.

Tambem os antigos soberanos, não são uns pobretões como o infeliz imperador da Austria Carlos IV, que quasi não deixou dinheiro para lhe fazerem um enterro condigno.

A familia real da Saxonia possue um serviço de oiro do valor de muitos milhões, o que compreende além de baixela, jardineiras e vinte e dois candelabros de cinco braços, que são verdadeiras obras primas de ourivesaria.

No tesouro dos Wittelsbach figura igualmente um serviço de oiro, que data de 1685, e cujo valor, só no peso, é de dez milhões de francos. Além destes ha os principes de Schaumburg Lippe, descendente do general do mesmo nome que veio a Portugal, e de Thurn e Taxis, etc.

* * *

Ao mesmo tempo o exemplo que deu uma parte da esquadra alemã em fins de 1918, minada pelos revolucionarios, não catequisa prosélitos para as ideias avançadas.

Foram, realmente, nos navios da frota do alto mar e dos grandes portos militares alemães que se acenderam os primeiros brandões da sedição, os germens das revoltas que se propagaram através da Alemanha e semearam durante algum tempo a anarquia bolchevista e apressaram o advento de um governo socialista e democratico.

Ainda estão bem presentes os factos da revolução maritima que se ampliou á Austria Hungria e o papel que desempenharam os marinheiros do Baltico durante a revolução russa. Os assassinios, as peores atrocidades, foram as mais das vezes cometidas por marinheiros vermelhos. As guarnições russas formavam a guarda do corpo do maximalismo.

Estes acontecimentos passados servem de lição no presente e de aviso para o futuro.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 1|16— 1
» 90 dias	— 4 1|8
Paris, cheque	1150— 118[illegible]
Suissa, cheque	2560— 26[illegible]0
Belgica, cheque	1050— 1120
Italia, cheque	640— 690
Berlim, cheque	40— 45
Holanda, cheque	5200— 5000
Madrid, cheque	2000— 2140
New-York, cheque	13400— 13850
Brazil, cheque	58— 52
Austria, cheque	1|2— 1 1|2
Noruega, cheque	2240— 2300
Suecia, cheque	3400— 3520
Dinamarca, cheque	2880— 2980
Libras	64$300 — 66$500

TAUROMAQUIA

Campo Pequeno

Animadissima deve ser a tourada de amanhã no Campo Pequeno, porque nela tomam parte amadores muito experimentados e se lidam touros das ganaderias do antigo lavrador srs. Antonio e Joaquim Nuncio, de Alcacer.

Tourearam a cavalo os srs. Antonio Luiz Lopes e João Branco Nuncio, o novel e mimoso artista Simão da Veiga Junior e o amador de 16 anos que se estreia Joaquim Branco Nuncio.

A pé tourearam os srs. Patricio Cecilio, Artur Ribeiro, Rafael e Francisco Gonçalves.

Os forcados são profissionais e têm como cabo Manuel Burrico. Os artistas Teodoro Gonçalves e Luciano Moreira auxiliarão a lide que será dirigida pelo sr. José Serra Lyrio, de Alcacer.

Primeiro ano juridico de 1907-1908

Convidam-se todos os bacharels em direito, que cursaram o primeiro ano juridico no ano lectivo 1907-1908 a reunirem em Coimbra nos dias 27, 28 e 29 do corrente mez de junho.

Toda a correspondencia e pedidos de alojamento devem ser inderegados ao primeiro dos signatarios.

Os condiscipulos residentes em Coimbra:—Antonio Pinto da Costa, Antonio Carneiro de Assis Teixeira (Felgueiras), Antonio Luiz da Costa Rodrigues, Fernando da Costa Ferreira Lopes, Henrique Antonio das Neves Bravo, José Ferreira Rodrigues Figueiredo dos Santos, Pedro de Sande Mexia Aires de Campos (Juncal) e Victor Monteiro Simões.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

O Pastor da Palhoça

por Julio Cesar Machado

Dizer a satisfação do pastorinho quando acabou o desenho, seria coisa dificil. Miguel Angelo quando deu o ultimo toque de pincel na capela Sixtina e recuou cruzando os braços para contemplar a sua obra imortal, não experimentou uma alegria mais intima e mais profunda.

—Se aquela senhora de ontem visse o retrato de Fiel! dizia entre si o pequenino artista.

Deve fazer-se-lhe a justiça de declarar que essa embriaguez foi de pouca dura. Depressa compreendeu quando aquele esboço estava disforme e diferente do verdadeiro Fiel; apagou-o e desta vez tentou fazer um carneiro; conseguiu-o um pouco melhor, isto é, um pouco *menos mal*, devendo isso mesmo á experiencia de instantes que alcançara; o carvão todavia esmigalhava-se-lhe sob os dedos, e a tabua mal junta atraiçoava os seus esforços.

—Tivesse eu papel e lapis, dizia ele, e já isto iria melhor; mas de que forma hei de eu arranjá-lo?

João não se lembrava sequer de que fosse capitalista. Avudiu-lhe isso á ideia, todavia, e, uma bela madrugada, confiando o rebanho a um companheiro, foi resolutamente até ás Caldas da Rainha, e comprou ahi numa loja papel e lapis de muitas qualidades. João gem contentissimo de haver cumprido a missão heroica e dificil de comprar tão singulares objectos, voltou para os seus carneirinhos e, sem se descuidar dêles, consagrou ao desenho todo o tempo que os pastores costumam empregar em tocar a gaita-campestre, em talhar cajados e em fazer armadilhas para os passaros e para as doninhas.

Sem poder explicar a si mesmo que motivo lhe guiava os passos, o certo é que êle conduzia quasi sempre o rebanho para o sitio onde encontrara a dama, que durante dias não tornou a ver.

Estaria João enamorado dela? Não, no sentido que se liga a esta palavra. Semelhante amor seria impossivel e é necessario mesmo ao coração mais humilde e timido um clarão de esperança. Simples e rustico como era, João bem conhecia, entretanto, que havia um abismo entre êle, pobre pastor andrajoso, ignorante, inculto, e uma senhora moça, bela e rica. Quem é que, a não ser louco, vai deveras amar uma rainha? Sente-se alguem infeliz, se não fôr poeta, por não poder beijar as estrelas? João não cogitava disso. A fidalga — era assim que êle a designava a si proprio — aparecia-lhe branca e radiante, com um lapis de oiro na mão, e êle adorava-a com a simples devoção terna e fervorosa dos catolicos da idade media pela Virgem Santa; sem o cuidar, sem o saber, sem poder explicá-lo a si mesmo, ela era para êle a Beatriz, a musa!

Uma ocasião, ouviu o galope de um cavalo; o Fiel soltou um latido extenso e, instantes depois, viu a dama levada pelo corcel fogoso, que debalde castigava com o chicote, para o tornar a meter na estrada; o animal, indocil, impelido talvez pelo medo, não atendia ao freio, nem á espora, nem á redea, e, por um sobresalto violento, antes de João, que atirava comsigo do alto da colina, tivesse tempo de chegar, desembaraçou-se da amazona, que caiu estirada na charneca. A violencia da queda fez-lhe perder os sentidos e João, mais palido ainda do que ela, foi buscar á cavidade de um rodado de carro de mato, onde se juntara a chuva, com grande beneficio de uma rã que estabelecera ali a sua barca de banhos, algumas gotas de agua clara, que lançou sobre o rosto desmaiado da fidalga. Com grande terror seu, viu filetes vermelhos mesclarem-se ás azuladas linhas da sua fronte; estava ferida.

João tirou da algibeira um pobre lenço de quadros e pôz-se a estancar o sangue que abria caminho através das canudos de cabelos, tão piedosamente e com um respeito tão sagrado, como as santas mulheres a enxugarem os pés de Cristo. De uma das vezes ela tornou a si, abriu os olhos e deu a João um vago olhar de reconhecimento que lhe penetrou na alma.

Ouviu-se um rumor de passos, o resto da cavalgata andava em cata da dama; levantaram-na, meteram-na na carruagem e desapareceu tudo.

O pastor conchegou precisamente ao peito o lenço impregnado daquele sangue tão puro e á noite foi ás Caldas saber noticias da senhora. A ferida não era perigosa. Esta boa noticia socegou-o mais — a êle, que julgava perdido tudo, desde que vira levarem exanime e como morta aquela formosa criatura!

A estação ia adiantada; a fidalga ao aproximar-se o outono regressou a Lisboa, e João, apesar de não estar habituado senão a entrever ao longe e como de escapada o chapeu de palha e o vestido claro, sentiu-se imensamente só; quando estava triste, tirava o lenço com que estancara a ferida da fidalga e beijava a mancha de sangue, que cobria um dos quadrados; era a sua consolação. Desenhava a matar, como diz o povo, com pressa, com sofreguidão, com ancia, e esgotara já quasi a sua provisão de papel; eram rapidos os seus progressos, porque não tinha mestre; nenhum sistema vinha meter-se entre êle e a natureza; fazia o que via.

Eram, todavia os seus desenhos rudes e barbaros, conquanto transluzindo de ingenuidade e de sentimento; trabalhava na solidão sob ás vistas de Deus, sem conselho, sem guia, sem mais ajuda do que o seu coração e a sua tristeza.

A's vezes, á noite, em sonhos, tornava a ver a fidalga e o lapis doirado brilhava entre os seus dedos, traçando desenhos maravilhosos; mas, de manhã, apagava-se tudo, o lapis tornava-se rebelde, as formas fugiam, apesar de ter gastar todo o miolo do seu pão em apagar os traços errados.

Entretanto, desenhara uma vez uma choupaninha com a sua figueira á porta, atirando uma espiral de fumo até ao cimo das arvores quasi despidas de folhas; figurava mais no quadro um trabalhador que dera remate á lida do seu dia e que fumava um cigarro tranquilamente sentado ao pé do brazeiro e, no fundo da palhocinha, por uma porta meio aberta, entrevia-se vagamente uma mulher embalando com o pé um berço e fiando na sua roca. Esta pintura foi a obra prima de João, que dava parabens a si proprio do acerto do seu talento.

De repente, viu uma sombra no papel: a sombra de um chapeu de três bicos, que não podia ser outro senão o do padre, que ainda era bastante bom para conservar essa tradição do traje dos priores de aldeia. O caso é que era ele em pessoa; observava em silencio o trabalho do pastor, que se fez côrado até ás orelhas por ter sido apanhado em flagrante. O venerável eclesiastico era um padre [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] trabalhos de João [illegible] Verdade [illegible] [illegible] O padre sentiu-se [illegible] [illegible] espalhava [illegible] perfumes [illegible] de Deus [illegible] [illegible] devoção [illegible] alguns fragmentos da obra [illegible] do criador [illegible]

Olha, meu rapazito, apesar da modestia ser um sentimento louvavel, não ha necessidade de te fazeres corado por semelhante coisa. Isso é talvez um movimento de secreto orgulho... Quem fez uma coisa em toda a sinceridade do seu coração e com os esforços de que é susceptivel, não deve receá mostrá-la. Não é nenhuma maldade desenhar, principalmente quando não se põem de parte os outros deveres. O tempo que passas nesse entretenimento, poderias perdê-lo a não fazer nada. A ociosidade é má na solidão! [illegible] que ahi pintaste ha seu merecimento, meu filho; essas arvores têm verdade, e as hervas estão cada uma com as folhas que lhes convem. Bem se conhece que [illegible] contemplado [illegible] [illegible] pelo qual leves sentir [illegible] de viva admiração [illegible] já o fazer uma [illegible] [illegible]

(Continua)

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4114-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Segunda-feira, 26 de Junho de 1922

Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Perguntas insoluveis de toda a especie:

Poder-se-ha obter dos poderes competentes que o Chiado seja varrido e lavado a tempo e horas?

Portugal e Espanha

Fala-se muito actualmente em estreitar relações com a Espanha, e ninguem mais do que nós faz votos por essa aproximação.

Mercê de varias circunstancias historicas, os dois povos da peninsula viveram muito numa situação quasi permanente de guerra. Essas circunstancias, porem, modificaram-se, e hoje o interesse de ambos está, não num prolongamento desses antigas luctas ou mesmo numa especie de desconhecimento mutuo, mas sim numa ligação que por ser puramente afectiva póde e deve representar uma força muito maior do que qualquer outra em que só se atenda a desejos de predominio.

E' assim que os povos podem viver e auxiliar-se mutuamente, mas por isso mesmo que não esquecem todo um passado de luctas importa que esse estreitamento de relações se efectue duma maneira muito prudente e ponderada.

Houve um tempo em que na Espanha se pensou muito a serio na união iberica, não realisada por meio das armas, mas por meio dum processo diplomatico. A nossa sensibilidade nacional alarmou-se com o facto, e a candidatura de D. Fernando ao trono de Espanha, tão cara ao general Prim, não poude ir por diante.

E' preciso não forçar a nota duma aproximação entre os dois paizes. Quando em 1892, se não estamos em erro, um grupo de republicanos portuguezes foi a Badajoz encontrar se com outro grupo de republicanos espanhois, a opinião resentiu-se, e apesar de não se tratar senão duma demonstração de efeito, o prestigio do partido republicano portuguez sofreu quebra.

São sempre muito melindrosas todas as aproximações com paizes estrangeiros. Só ha um que não é estrangeiro para nós, E' o Brazil. Mas esse compreende-se, porque se trata povo da mesma raça, da mesma lingua, e das mesmas aspirações.

Quer isto dizer que não vemos com prazer o estreitamento de relações entre portuguezes e espanhois! De modo algum. Já o dissemos, e repetimos. Desejamos, porem, pôr em guarda contra quaisquer exageros aqueles que lealmente desejam essas boas relações.

Não compreendemos com esses exageros a obra de confiança reciproca que necessariamente tem de ser demorada, tratando-se de dois paizes que durante seculos andaram em luta. Essa confiança não se estabelece num dia, e, infelizmente, se se estabelecer apoz largo praso, pode num dia desaparecer.

Não somos dos que entendem que pode e deve haver uma politica peninsular; mas a maneira de a efectivar é que é dificil, o que não quer dizer que seja impossivel.

Tambem não supomos impossivel que os dois povos esqueçam os seus antigos dissidios. Para isso são necessarios actos, e esses actos não devem escassear. Simplesmente, é preciso não lhes dar qualquer aspecto que em vez de gerar a confiança acorde uma desconfiança qualquer.

Portugal não odeia a Espanha. O que é, e ninguem certamente o duvida é muito cioso da sua independencia. Não se lhe pode levar a mal esse zelo. Origina-o o patriotismo mais extremado. Mas como não tem razão para odiar a Espanha, nem a Espanha tem razão para nos odiar, segue-se que um entendimento cada vez mais intimo se torna possivel. O que é necessario é dar tempo ao tempo, e em todas as ocasiões que possam ser proveitosas a esse entendimento proceder com ponderação e firmeza.

Até a Islandia

Ilha gelada e morta vae ter um governo autonomo

LONDRES, 25—Consta que o governo dinamarquez concederá um governo autonomo á Islandia que passará a ser governada directamente pelo Comité da Islandia.—(R)

MERCEDES BLASCO

Da actriz Mercedes Blasco, recebêmos a carta que segue:

Sr. Director.—Agradeço-lhe, do fundo d'alma, as palavras de bondade que o seu estimado jornal me endereçou, pela pena comovida de Alvaro Lima, quando meu filho morreu.

São favores que nunca mais esquecem.

Permito-me agradecer aqui tambem aos meus colegas no teatro e na imprensa e ao publico de toda a parte de Portugal as provas de carinho e estima que me dispensaram, nessa quadra de desolação e dôr. Muito grata pelo espaço cedido, creia-me sempre amiga certa

Mercedes Blasco.

A exportação do comercio Sul-Africano

e o ostracismo a que parecem votados os distritos de Lourenço Marques e de Téte

Existe uma certa comunidade de interesses entre Moçambique e o Natal tanto mais que tanto uma como o outro possuem portos que podem e devem ser considerados as principais portas de saida de toda a Africa do Sul. Em vista disto não passaram desapercebidas as pertinentes considerações feitas por Sir Frederick Moor numa assembléia da União Agricola do Natal, realisada ultimamente. Discutia-se a politica ferroviária e s. ex.ª procurou saber por que razão eram as mercadorias para exportação transportadas a uma distancia de mil milhas ou mais quando um percurso apenas de tresentas milhas as poderia levar aos portos. Ficou, é claro, sem resposta. Um silencio semelhante tem obtido a mesma pergunta todas as vezes, e teem sido muitas, que a temos formulado neste jornal com respeito á exportação dos productos do Transvaal Oriental. Algumas das áreas agricolas desse distrito encontram-se a menos de cem milhas do porto de Lourenço Marques e, apesar disso, os artigos de exportação continuam a ser levados de caminho de ferro até á distante Cidade do Cabo, simplesmente porque até agora ainda ninguem teve a iniciativa de se aproveitar dos vapores que tocam regularmente no porto aludido e que, mesmo que não pudessem levar frutas para o bem abastecido mercado de Londres, poderiam contudo descarregar os produtos desta região em qualquer dos outros pontos do Continente, onde mercados novos prometem um desenvolvimento que até hoje nem sequer se sonhou.

Um momento houve em que o mesmo se podia dizer da exportação de carvão que era conduzido vagarosamente desde a área carvoeira de Witbank até á Cidade do Cabo, voltando os vagons vazios pelo mesmo caminho. Esse sistema esteve em pratica durante mais de um mês e isso, exactamente num momento em que se dizia que os Caminhos de Ferro da Africa do Sul tinham falta de material circulante. Era a um sistema desses que se dava o nome de: explorar os Caminhos de Ferro em «principios comerciais»! Felizmente brev surgiu o bom-senso, como no geral acontece, e como ha-de acontecer infalivelmente no caso do comercio geral de exportação das areas fronteiriças do paiz visinho, que deve encontrar a sua porta de saida do porto que tiver mais proximo. Não é demasiado dizer que, no momento presente, os limites de vários territorios e districtos da Africa do Sul se encontram no cadinho da fusão e que cedo as considerações de ordem politica serão impotentes para a elaboração de condições comerciais que desviem o trafego para canais artificiais. Em todo o Transvaal e na Rhodesia está-se dando um desenvolvimento agricola monumental e a sua realisação economica só se póde encontrar na exportação para o alem-mar. O porto natural para o embarque de todos esses produtos é este, e, quando tal se reconhecer como deve, este porto tomará a posição que lhe compete como aconteceu com a exportação do carvão. Este é um assunto que deve ser considerado devidamente. Quando feita a Convenção que expirou as atenções concentravam-se quasi inteiramente no trafego de importação, porque a Africa do Sul não era nesse momento um paiz exportador. Agora é-o. Nos ultimos dez anos tem-se realisado silenciosamente uma verdadeira revolução economica e esse paiz está agora alimentando os mercados de que anteriormente se alimentava. Este é um factor de peso e o seu significado aumentará num futuro proximo. O porto natural de exportação e importação de um importante «hinterland» é Lourenço Marques, e, tanto nós como os productores desse «hinterland» devemos insistir em colher os beneficios desse facto incontestavel.

Uma manifestação ao sr. Ministro das Colonias

Projecta-se levar, junto do sr. ministro das Colonias, os protestos de apoio da Nação, significando-lhe a confiança que nêle deposita o povo. Estamos de acordo. O momento parece-nos oportuno. E convem que lá fora, no estrangeiro, não possa haver duvidas quanto aos sentimentos do povo português respectivamente á intromissão indebita do estrangeiro na nossa vida interna. Acresce a circunstancia, para nós de muito valor, de que o sr. Rodrigues Gaspar não é nem nunca foi um politico faccioso e tem sabido captar as simpatias de todos os portugueses, principalmente pela forma elevada como soube conduzir as negociações entre os governos de Moçambique e da União Sul-Africana.

E' claro que não se trata de uma manifestação de caracter partidarista, á qual não nos associariamos, porque, sendo apenas republicanos, nunca podemos entender-nos com clientelas agrupadas em partidos politicos.

A manifestação, a realizar-se, deve ter um caracter exclusivamente nacional, servindo principalmente de pretexto para claramente afirmar o proposito firme de todos os portugueses, que defenderão o que é seu, a todo o custo e através de todas as contingencias.

E' esta a nossa opinião.

Os estremecimentos da Imperial Alemanha

Ainda a morte de Rathenau

BERLIM, 26—As reuniões de protesto contra a morte de Rathenau, que os socialistas realisaram em Lustgartem foram muito concorridas e decorreram em perfeita ordem.—(H.)

Uma revivescencia medieval

POTSDAM, 26—Com a presença do marechal Hindenburgo e dos principes Eitel Frederico e Oscar Augusto Guilherme realisaram-se as festas dos cavaleiros de S. João de Jerusalem.—(H.)

As negociações do Convenio

O primeiro resultado imediato

Do «Primeiro de Janeiro», dum artigo sobre o futuro convenio luso-transvaliano, agora desfeito, destaca-se o seguinte periodo:

«O que, porém, resulta sem forma de ser evitada é a guerra aberta de «tarifas» e de directrizes ferroviarias que os hão-de desviar do porto e caminho de ferro de Lourenço Marques o trafego que ainda nele, por força das suas grandes vantagens, de posição geografica, do traçado e de apetrechamento, se eleva, o do carvão, excedendo muito 1.000.000 de toneladas por ano.»

Com efeito não se podem improvisar dum momento para o outro portos apetrechados como Lourenço Marques. Nem Durban nem Port-Elisabeth, tais como se encontram podem disputar-nos a primasia mas podem desde já fazer-nos bastante mal se a União prescindir do nosso porto e sobretudo se por revindicta começar efectivando os melhoramentos que ha muito tempo projecta no litoral da Schwasilanitra e do Natal.

A cura do cancro

O dr. Roux, discipulo de Pasteur julga ter-se encontrado

PARIS, 26—O dr. Roux, director do Instituto Pasteur apresentou á Academia de Sciencias um trabalho muito importante dos drs. Levaditi e Nicolau que abre novos horisontes para a procura de metodos terapeuticos contra o cancro.

Estes sabios constataram que o virus da vacina se cultiva e se reproduz admiravelmente nos tecidos de certos tumores cancerosos de natureza epitelipmatosa. Se um animal for portador de uma lesão cancerosa deste genero, o virus vacinal injectado no organismo fixa-se sobre o tumor, altera-lhe os tecidos e provoca-lhe a necrose, sendo a destruição do tumor ás vezes tão perfeita que o desenvolvimento do cancro pára completo.

Este facto só foi constatado até agora em ratos nos quais se enxertaram artificialmente tumores canceroos. E' contudo muito interessante porque prova a ação possivel deste virus sobre a lesão neoplasica.—(R.)

Portugal na Exposição do Rio

Está-se restabelecendo a tendencia para o equilibrio

O nosso colega *Diario de Noticias* publicou uma entrevista sobre a propaganda de Portugal na Exposição do Rio de Janeiro, que definitivamente classifica a forma por que a publicidade tem sido efectivada. A par dêsse detalhe, outros se têm levantado, mas, de tudo quanto já se disse apura-se isto: a imprensa periodica criou, ao Comissariado Geral um ambiente de confiança. E' verdade. Para isso concorreu *A Capital* quanto póde. E por esta simples razão: se não houvesse confiança no Comissariado, não haveria expositores e, portanto, fracassaria lamentavelmente a participação de Portugal na festa com que o Brasil celebra o primeiro centenario da sua independencia politica. Bem sabemos que não faltariam almas derrancadas que exultassem com o facto. Ha gente para tudo. Mas nós já estamos velhos para mudar de processos e não aceitariamos o programa dissolvente daqueles que, não sendo capazes de realizações patrioticas, todos se abespinham quando outros pensam e actuam de forma diversa.

E' certo que na propaganda que temos feito nos auxiliou uma circunstancia feliz. O sr. Lisboa de Lima tem um excelente nome, já vinculado, por factos de valor excepcional, na historia da gerencia dos negocios publicos. E foi isso que singularmente facilitou a obra de propaganda da imprensa. Ele e nós não temos senão que nos felicitar pelos resultados já obtidos e de nos orgulhar, como portugueses patriotas, pelo exito antecipadamente assegurado á representação portuguesa na Exposição Internacional do Rio de Janeiro.

A provincia de Macau faz-se representar na grande Exposição do Rio de Janeiro por uma forma digna de apreço, figurando no seu *stand* secções de objectos de latão cinzelados, de indumentaria, de conservas, vinhos, tecidos, trabalhos de verga, sabões, pivetes, papeis pintados, panchões, cordoaria, armações de pesca, mobiliario, quadros bordados, curiosidades chinesas, pratarias, lampiões, etc.

Uma fita de Macau, especialmente tirada para a Exposição, figurará no cinema que o Comissariado ali instalará.

4.000 contos

Para centrar confortavelmente no nada!

NEW-YORK, 26—Na sua casa em Tarrytown faleceu o milionario William Rockfeller. Tinha acabado a construção dirigida por ele proprio dum mausoleu que custou 275.000 dollars.—(R.)

Os diamantes do polo sul

Vae fundar-se uma companhia para a sua exploração

LONDRES, 25—Os mineralogistas que navegam a bordo do «Quest» na expedição Shacleton-Rowett ao Antartico tem verificado que o Oceano Antartico contem diamantes. Julga-se que uma companhia de pesca da cidade do Cabo intentará a sua exploração.—(R.)

Correio dos Açores

No nosso arquipelago insular, a imprensa é condignamente representada por um esplendido jornal, que acaba de atingir a 3.ª «étape» da sua curta jornada.

Reunindo a colaboração dos melhores valores locaes, o nosso colega «Correio dos Açores», é na sua apresentação grafica e esplendida redacção, um valor jornalistico que se tem imposto pela campanha presistente que consagra a revindicação autonomica que as ilhas insistentemente reclamam do Poder Central.

Ao grande orgão da opinião açoreana, as nossas saudações.

Morrerão todos?

Tchitcherine gravemente doente

LONDRES, 25—Comunicam de Berlim que se encontra ali doente de gravidade o Comissario dos Negocios Estrangeiros da Russia, Tchitcherine.—(R.)

AS NOSSAS COISAS

Os professores de ginastica dos liceus

A situação destes funcionarios é inteiramente intoleravel

A situação dos professores de ginastica nos liceus é por demais insustentavel. Pode um professor do liceu viver com 160 escudos mensais no tempo presente?

Ainda que se trate de um professor que viva com a familia e seja solteiro. Não nos esqueçamos que o professor do liceu deve apresentar-se decentemente vestido e bem alimentado. No trajar não é só decentemente que se deve apresentar, mas sim ser um verdadeiro modelo de boa estetica.

Realmente, não faz sentido que o professor se apresente em frente dos discipulos com o fato limpo sim, mas já muito coçado e remendado, o calçado apropriado, mas rebentado com o uso e dificilmente substituido, justamente por não ganhar o preciso.

Todas as classes têm reclamado melhoria de situação para fazerem face á vida; a todas se tem atendido, excepto aos da ginastica.

Agora mesmo se faz uma larga campanha a favor do aumento dos vencimentos nos oficiais do Exercito e da Marinha. Tudo quanto se faça para melhorar a situação dêstes servidores do Estado é justo e mesmo justissimo, mas tambem o professorado da ginastica é merecedor de ver melhorada a sua precaria e triste situação, porque não é com aquela ridicularia de vencimento que se prestigia quem deve dar o exemplo de probidade profissional.

Muito honestos são os professores de ginastica dos liceus, que, não obstante todas as contrariedades sofridas e todos os deveres impostos, cumprem-nos zelosamente, sem esperança alguma de melhoria.

Se compararmos a situação dos professores provisorios de ginastica com os provisorios das outras disciplinas, vemos enormes diferenças. Por exemplo: o da ginastica aufere o vencimento mensal iliquido minimo de 160 escudos; o das outras disciplinas têm 180 ou 190$. O da ginastica, por cada hora extraordinaria, ganha mensalmente o ilíquido de 5 escudos, emquanto o outro ganha 8 escudos. O da ginastica só pode ter um maximo de 6 horas extraordinarias, emquanto o outro pode ir até ás 9 horas. Vendo pelos maximos, temos: o da ginastica, 160$ mais 30$, ou sejam 190$ mensais iliquidos; o das outras disciplinas, 190$ mais 72$, ou sejam 262$ mensais iliquidos. Se levarmos a comparação para os agregados, notamos maior diferença, e, se formos buscá-la com os efectivos, então a distancia é muito superior.

Ora, existindo o professorado da ginastica nos liceus ha mais de dez anos e tendo-se já aberto um concurso documental para colocar como efectivos os actuais professores de ginastica, não compreendemos a razão do empate que se faz nas nomeações.

Todo o desenvolvimento fisico e a larga divulgação a favor do desporto não é devido á ginastica que os professores incutem nos liceus? E' claro que sim, porque incute não só o gosto, como dá o habito do exercicio.

Já ouvimos alguns professores dizerem que a ginastica que se ministra nos liceus não tem valor, porque só se vê os rapazes mexerem os braços, as pernas, a cabeça e o tronco!!! A observação dêstes professores indica ignorancia, pois a ginastica pedagogica que é adoptada nos liceus, apenas serve para corrigir alguns defeitos e principalmente para preparar o organismo a estar apto a mais tarde receber a ginastica atletica ou desportiva. Por isso, torna-se incoerente as dispensas dadas a certos alunos que frequentam clubs de atletismo e aos domingos disputam violentos desafios de *foot-ball*.

O professor de ginastica dos liceus tem uma missão talvez mais espinhosa e muito mais fatigante que o professor das outras disciplinas. Uma analise superficial mostrará esta verdade.

O professor de ginastica tem de manter a disciplina á força de muita energia e revelar ao aluno não só competencia, como decisão. As lições são dadas sempre em voz alta e bastante sonante. Executa o exercicio para exemplificar; corre, salta, marcha, trepa, etc. Como castigo para o aluno, é a repreensão amigavel, diante da classe, e a expulsão. No final dos periodos, as notas são substituidas por letras, o que é imoral, porque o aluno que merecer 13 ou 14 valores, tem a mesma letra do que aquele que merece um 10 favoravel. Estas letras influencia alguma exercem nas outras disciplinas.

O professor das outras disciplinas entra na aula, senta-se. Chama um ou mais alunos para darem a lição. Se sabem, passa adiante; se não sabem, chama outros e vai marcando valores baixos, representados por algarismos. O aluno teme o zero e, por isso, quando estude pouco porta-se bem. Mas acima do zero, ha a repreensão amigavel, repreensão diante do curso e expulsão da aula. Mas, quando o catedrico usa dêste ultimo recurso, é porque o aluno é incorrigivel. Para a nova lição, o professor expõe ou chama um aluno e com êle vai expondo. Como se vê, o trabalho é menor. Esforço do intelecto produzem os dois, porque o da ginastica tem de estudar um esquema de exercicios que possa ser vantajoso para todos ou quasi todos os alunos da turma. Sendo, portanto, o trabalho do professor de ginastica superior, porque é que o seu ordenado é muito inferior?

Tantas coisas êste paiz imita do estrangeiro, ao menos, com o professorado da ginastica, imitem os dinamarqueses, suecos, noruegueses, americanos, ingleses, etc.

Interesses de Moçambique

Uma grande comissão representando as forças vivas da provincia de Moçambique foi hoje apresentada ao sr. ministro das Colonias pelo deputado sr. Delfim Costa. Este parlamentar discursou, manifestando quanto fôra agradavel aos comissionados e a todos quantos se interessam pela provincia de Moçambique a atitude que o sr. Rodrigues Gaspar assumiu no Parlamento a proposito das negociações para o convenio luso-transvaaliano. Afirmou que o Governo pode contar com o apoio de toda aquela colonia para a manutenção da integridade territorial e soberania portuguesa. Em seguida, falou o sr. Mariano Machado, que tambem poz em relevo a atitude patriotica do ministro e, por ultimo, o sr. Rodrigues Gaspar, que ratificou o que dissera no Parlamento, e afirmou que á provincia de Moçambique dedicará toda a sua atenção, a fim de que ela possa atingir o maximo desenvolvimento sob todos os pontos de vista.

Conferencias

Conferenciou hoje com o sr. ministro das Colonias o sr. Costa Carneiro, chefe do gabinete do Alto Comissario em Moçambique, sobre varios assuntos respeitantes áquela provincia, principalmente acerca do convenio luso-transvaaliano.

A viagem do sr. Norton de Matos

No Ministerio das Colonias continua a afirmar-se que não foi recebida ali qualquer comunicação relativa á viagem do Alto Comissario em Angola á Africa do Sul. Apenas foi recebido um telegrama em que o general sr. Norton de Matos diz que no proximo mês de Julho partirá para Katanga, em visita á região mineira.

"O Intransigente"

Um grupo de antigos colaboradores do jornal «O Intransigente» em homenagem ao seu fundador, o malogrado vice-almirante Machado Santos, resolveu de acordo com o seu antigo administrador, fazer publicar no proximo domingo 2 de Julho, dia em que se realisa a recita de homenagem no Coliseu dos Recreios, o ultimo numero de «O Intransigente», revertendo o produto liquido da venda, a favor do cofre da Comissão do Mausoléu a erigir no Cemiterio do Alto de S. João.

NA AFRICA DO SUL

Conceitos infelizes do general Smuts, primeiro ministro da União-Sul Africana

O general Smuths aproveitou mais uma ocasião para se referir, com desprimor, a Portugal. Falando perante o Parlamento da União, o primeiro ministro declarou que, entre outras dificuldades para um entendimento perfeito na Africa do Sul, existia a instabilidade dos governos portugueses, que impediam o seguimento regular das negociações.

O palavriado do general Smuths é aquilo a que, entre nós, se chama uma desculpa de mau pagador. E' certo que os governos de Portugal têm sido instaveis e de efemera duração. Essa circunstancia não se tem feito sentir, todavia, nas relações internacionais, visto que todas as obrigações assumidas com governos estrangeiros têm sempre sido religiosa e escrupulosamente cumpridas. Bem caro fica á Nação o pagamento dos encargos da divida publica externa, pesando enormemente na drenagem constante de ouro para fora de fronteiras e agravando, *ipso facto*, a economia interna do paiz. A instabilidade dos governos portugueses não impediu que enviassemos os nossos soldados á guerra, quer na Europa, quer na Africa. E o general Smuths sabe muito bem que, graças á devoção portuguesa, pôde organizar os primeiros exercitos sul-africanos, armados e municiados com aquilo que lhes podemos imediatamente fornecer.

O argumento do general Smuths não tem valor algum na hipotese de que se trata. A efemera duração dos Ministerios portugueses não afecta a vida internacional. O estrangeiro não tem nada com isso. E' puramente uma questão de politica interna, de que havemos de nos desenvencilhar com tempo e geito. Que temos nós com a duração dos governos da União Sul-Africana? Não temos nada. Isso é lá com êles. Da mesma maneira, a União Sul-Africana deve conservar-se estranha a um assunto que em nada afecta a sua vida propria.

Alsacia-Lorena

Pretende-se fundar uma Republica?

Segundo um telegrama de Washington, tem circulado ultimamente nos Estados Unidos um grande numero de cartas pedindo donativos para auxiliar um movimento a favor do estabelecimento de uma republica na Alsacia Lorena. As cartas são encimadas pela legenda «Comissão Executiva da Republica Alsacia Lorena» e são assinadas por H. Math, secretario e tesoureiro. A sua séde é em Baden-Baden, na Alemanha. As auctoridades deram conhecimento destas informações ao representante da França, naquela capital, e julgam tratar-se de uma campanha para levantar dissenções nas referidas provincias.

A proposito do assunto correu em New York a noticia de que a casa bancaria Ladenburgh Neumont C.ª daquela cidade tem recebido os fundos obtidos pelos promotores dos projectos de formação dessa republica. Um dos socios do Banco, o sr. Neumond, declarou que não sabia quem favorecia esse movimento e que recebia os donativos a pedido do Disconto Gelischaft, importante casa bancaria alemã. Segundo as circulares que teem sido distribuidas, o plano consiste em agitar a opinião publica nas duas provincias a favor de um plebiscito para separa-las da França e formarem uma republica independente.

Silva Passos

Encontra-se já ha bastantes dias retido no leito acometido por um ataque de febres contraidas no Senegal o nosso camarada de redacção, Silva Passos, consul de Portugal em Dakar, «doublé» dum jornalista de scintilante espirito.

Fazemos votos pelo seu pronto restabelecimento.

O Albergue de Marinheiros em New-York

UM NOTAVEL INSTITUTO QUE TOMOU A SEU CARGO A PROTECÇÃO FISICA E MORAL DOS MARINHEIROS NA METROPOLE AMERICANA : : : : : : : : :

A conduta mais prudente e segura nas epocas de dificuldades economicas, é manter a normalidade dos negocios, fazer frente a qualquer perspectiva ameaçadora, a qualquer mudança desvantajosa; e nunca como na presente era de reconstrução, se poderia encarecer com mais justificadas razões a conveniencia de não parar nesse caminho. Os homens com fé nas victorias do trabalho, os que teem confiança em si mesmos e no invencivel poder das suas proprias energias, são os elementos que mais poderosa influencia podem exercer na estabilidade da vida dos povos. São esses homens os que manteem em constante actividade o funcionamento das industrias, e trazem á nação os elementos da sua prosperidade. Mas é preciso não olvidar que a normalidade dos negocios depende irremissivelmente da normalidade internacional, pois nenhuma nação se pode cerrar e limitar a si mesma, e se tal fizesse sucumbiria na barbarie.

O comercio tem tecido uma rede pela qual estão ligadas todas as nações do mundo, e dentro dessas malhas universais ha um factor de incomparavel importancia: o marinheiro; o condutor heroico, infatigavel e abnegado que deveria encontrar em todas as partes o calor fagueiro do lar domestico e da patria, porque sem ponto de repouso faz caminhar as suas energias vivificadoras por todas as latitudes, expõe-se sob todos os céus, derrama o suor do seu rosto sobre todos os mares e semeia por todas as partes, com o seu exemplo, o amor á vida, a fé no porvir e a confiança nas consequencias redentoras do trabalho.

O marinheiro necessita de alojamentos adequados e comodos nos diferentes portos que, por força, tem de visitar, e é obvio que ele, por si mesmo, não pode achar tudo isso, que lhe é tão indispensavel. Dessa necessidade, associada a tal incapacidade, surgiram males horrendos, especialmente nos portos populosos, onde o marinheiro vinha a ser a mosca inescapavel de enfurecidas aranhas. Partidas de vagabundos, homens e mulheres desalmadas, dedicavam-se a estudar a vida e os costumes do marinheiro, as suas inclinações, gostos e necessidades, e com a maior facilidade se apoderavam dele como para agasalhal-o e divertil-o, embriagavam-no, roubavam-lhe miseravelmente quanto dinheiro levava no bolso, e para cumulo de iniquidades faziam-no contrair enfermidades, ás vezes incuraveis; estragavam-lhe o corpo, corrompiam-lhe a alma, e punham-lhe no fundo do coração o veneno mortal do scepticismo e do desapego. Os marinheiros teem hoje um esplendido albergue na metropole americana.

O «Albergue do Marinheiro» de New-York é uma instituição cujos fundadores e mantenedores teem ido trabalhando vigorosamente mesmo nas circunstancias mais dificeis; e na actualidade hospeda nos seus dormitorios uns mil marinheiros cada noite, oferece-lhes diversões para os seus momentos desocupados, ministra-lhes medico e assistencia medica nos casos em que isso seja necessario, e está trabalhando constantemente na realisação de planos tão amplos como ainda não foram levados a cabo em parte alguma do mundo. Com a creação da marinha mercante dos Estados Unidos tem de vir a haver um grande bairro naval, limpo, sadio e decente na cidade de New-York, e até ahi se estendem os projectos da mencionada instituição.

No extremo sul de Manhattan se ergue o Albergue de Marinheiros com treze andares sobre o solo e tres por baixo do nivel de leste; e nele halha o homem pode carecer na vida usual. Esse amplo edificio é hotel, club, templo e sobretudo é placido e risonho lar domestico, onde o marinheiro recupera as suas forças fisicas e morais, e cobra novos brios para continuar o seu meretissimo labor no comercio do mundo.

O terreno, o edificio e o equipo geral vieram a custar $1,[illegible],000, e toda essa soma foi angariada entre pessoas interessadas pela protecção aos marinheiros, esses homens benemeritos que deixam a sua casa e terra, para se entregarem no trabalho do comercio internacional.

O edificio do Albergue da Marinha acabava de ser construido quando estalou a guerra mundial, e como não se equipou convenientemente como se fosse para começar sem perda de tempo a prestar os seus importantes serviços.

Imediatamente os hospedes começaram a afluir ali, e dentro de pouco o pedido de acomodações subiu tanto que foi preciso converter em dormitorios uma secção destinada a recreio, e ainda não foi possivel fazer voltar essa secção ao seu primitivo lugar e destino. Naufragos, tripulantes de barcos submarinos, e navegantes que por qualquer motivo tinham de permanecer alguns dias nesta cidade chegavam ao Albergue em tal numero que houve ás vezes que improvisar camas no chão pois que se devia seguir o principio de que a nenhum marinheiro se podia dizer que não havia alojamento para ele naquela casa em situação.

* * *

No actual momento ha 714 hospedes no Albergue, e o marinheiro que necessita de dormida, deve inscrever-se no livro correspondente, antes das dez da manhã. Manteem-se sempre alguns dormitorios destinados aos marinheiros enfermos, que veem a terra a horas em que não podem entrar no hospital, assim como para os que saem do hospital a alguma hora tarde. Muitos marinheiros em bom estado de saude fingem de enfermos, para ver se conseguem uma destas camas de reserva, mas quando se lhes pede provas da enfermidade, chega se ao resultado de que efectivamente... estiveram enfermos no ano passado. O pedido de quartos continua sendo muito grande, de tal maneira que hora após hora a instituição se vê na necessidade de recusar pedidos. Durante o ano de 1920 alojaram-se no Albergue de Marinheiros 260,440 homens, e em cada caso as credenciais dos homens foram cuidadosamente examinadas, visto a instituição não poder receber senão marinheiros em serviço activo. Os preços variam entre 30 centavos e $1.00, por noite; sendo o primeiro preço por uma cama num grande dormitorio e o outro por quarto com uma só cama. Cada quarto tem janela para receber ar de fora, e calefação nos meses de inverno. O edificio tem esplendidos banhos de chuva, em cada andar.

Ainda de mais importancia que uma cama comoda e limpa, é para o marinheiro um logar seguro onde guardar a bagagem que tenha e todas as coisas. No seu saco de viagem e na sua maleta leva frequentemente quantas coisas pessoais necessita diariamente, e mesmo as que não está usando constantemente. Ali tem os objectos de valor que pode empenhar em momentos de apuros economicos, ali tem as roupas com que costuma aparecer nas reuniões de amigos e apresentar-se em teatros, templos, etc., e naturalmente o marinheiro tem sumo interesse em que tais objectos estejam em lugar inacessivel aos ratoneiros. Por isso, a instituição mantem uma secção de bagagens, na qual durante o ultimo ano foram depositadas 82,543 peças de diferentes especies.

Nas imediações do Albergue havia varias vendas de comidas, com entradas convidativas e anuncios fagueiros, onde o marinheiro que se aventura a entrar encontra frequentemente entusiastas amigos que o obsequiam... e o roubam. E para combater esse perigo, o Albergue de Marinheiros estabeleceu um restaurant bem servido, com muito boa e variada comida, e livre de ratos e ratoneiros.

Durante o ultimo ano foram servidos 597,670 pratos ou refeições, ao preço medio de 33 centavos cada um. Na secção de refrescos foram vendidas durante o mesmo ano, 450,000 bebidas diferentes e gelados de varias classes.

O marinheiro, geralmente, é fatalista; pensa que quando soa a hora da partida não ha esforço que valha, e parece que tais ideias são proprias dos homens que vivem em luta perpetua com as grandes forças da natureza. Nesse fatalismo está a base duma conduta que não poderia ser facilmente compreendida pela generalidade dos homens que vivem em centros muito diferentes do agitado centro do marinheiro. O marinheiro muito rara vez atende á conveniencia da economia; contenta-se com viver dia a dia, sem pensar no que pode necessitar no dia de amanhã e deixa a sua pobre familia sumida na miseria. Contra esse mal, cuja transcendencia é inegavel, o Albergue de Marinheiros estabeleceu uma Caixa de Salarios Maritimos, onde o ano passado foram depositados 1 milhão e 201,067 dollars, dos quais, a pedido dos depositantes, foram enviados 238,701 a familias residentes em 21 paises diferentes.

Um dos grandes problemas do marinheiro é manter-se em comunicação com os seus parentes e amigos. Muitos trabalham em vapores sem linha fixa e não sabem, na hora de empreender a viagem, em que portos tocarão ou em que pais estará o termo da navegação; por conseguinte, não sabem quando regressarão. Já em viagem informam-nos de que tocarão em tal ou tal porto, e escrevem imediatamente ordenando que para ali dirijam a correspondencia; mas depois o navio toma outro rumo, e entretanto a correspondencia chega ao porto indicado, permanece ali por algum tempo e por fim é devolvida ao ponto de partida. A familia e os amigos do marinheiro não sabem onde se dirigir e ficam na espectativa, anciosos por noticias, ao mesmo tempo que o pobre navegante sofre laboriosamente as lainas usuais do trabalho quotidiano, a fundo pena que padece pela ausencia dos seus e pelo abismo do silencio que o separa do seu lar domestico. Para remediar isto a instituição de que tratamos, tem duas secções muito bem organisadas e mantidas. Uma é uma repartição postal que guarda a correspondencia durante seis meses, pelo menos, e outra é a Repartição de Individuos Extraviados, encarregada de encontrar o marinheiro e fazê-lo regressar á sua familia e amigos. A repartição do Correio da instituição está organisada e mantida, como as que o Governo montou nas cidades maiores de quinze mil habitantes. Durante o ano passado entraram nessa repartição 214,169 cartas, e foram recebidos 6,000 avisos de novas direcções. Muitos marinheiros ordenam que se lhes guarde a correspondencia nessa repartição até ao seu regresso; outros pedem que lhes seja enviada a tal ou tal porto.

A Secção de Extraviados dá a lista respectiva numa publicação denominada «Mission Men Bulletin», que é a enviada a vinte e um paizes para ser afixado, como cartas, nos portos principais.

Por esse motivo tem-se podido encontrar um marinheiro na Australia e fazer com que regresse á sua casa na Inglaterra.

No ano passado o Albergue recebeu mais de 1.000 cartas, perguntando por marinheiros perdidos, dos quais uns quinhentos foram restituidos ás suas respectivas casas, depois de separações mais ou menos longas, desde um até oito anos.

Um importante trabalho do ano passado consistiu em descobrir o paradeiro de individuos naturaes da Europa Central, separados das suas familias desde antes da guerra.

Este trabalho continua na hora presente, pois ha ainda muitos marinheiros em diversas partes do mundo que não teem podido reunir-se aos seus, depois da catastrofe mundial que os separou.

A instituição visa a reunir dentro dos seus muros tudo quanto o marinheiro possa necessitar, e assim tem estabelecido outras secções que satisfazem a esse proposito; um estabelecimento de roupa feita, uma lavandaria, uma alfaiataria, uma barbearia, e um escritorio de embarque.

Além disso, a instituição tem em conta que o homem não vive só de pão; que o marinheiro chega a terra ancioso por descanso e conforto, e portanto, tem um andar todo destinado a recreios, com teatro para cinematografia e salão de concertos.

As noites de domingo celebram-se reuniões em que se serve café e doces, se ouve as harmonias de uma orquestra e se improvisam diversões semelhantes ás de uma grande reunião de lar domestico.

PELO TELEGRAFO

O aniversario do tratado de Versailles

PARIS, 26.—Dois decretos proibiram as manifestações do dia 28 de junho pelo aniversario do tratado de Versailles e as festas regimentais.—Lat-Am.

A viagem dos reis de Italia

LONDRES, 26.—O ministro dos Estrangeiros de Italia sr. Schanzer chegou ontem á tarde a esta cidade vindo de Copenhague onde acompanhou os soberanos italianos.—Lat-Am.

Constantinopla base naval

CONSTANTINOPLA, 26.—A nota do governo de Angora protesta contra a utilisação helenica de Constantinopla como base naval contrariamente á neutralidade proclamada pelos aliados.—Lat-Am.

A estatua de Dante em Copenhague

ROMA, 26.—O sindico enviou ao burgomestre de Copenhague um telegrama de saudação exprimindo sentimentos de cordealidade por ocasião da inauguração da estatua de Dante naquela cidade.—Lat-Am.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

SESSÃO DIURNA

Hoje estão marcadas duas sessões. Para a diurna, ha duas questões marcadas para a Ordem do Dia: orçamento dos Correios e Telegrafos e liquidação dos Transportes Maritimos do Estado. A' noite discutir-se-ha a questão cerealifera.

Defronte do Palacio ha um certo aparato policial fora do costume. Trata-se de uma reclamação que ao Parlamento vem trazer algumas dezenas de operarios manipuladores de pão, que querem aumento de salario para êles e pão mais caro para os outros.

Logo ao abrir da sessão, o sr. presidente do Ministerio disse isto:

«Faltam quatro dias para o fim do mês. Já disse que, se os orçamentos não forem aprovados até á meia noite de 30 do corrente, o Governo demitir-se-ha. Já o disse e repito-o. Ora, consta-me que ainda não foi discutido nesta casa o orçamento do Ministerio das Finanças.»

Estas palavras parece não terem impressionado a Camara. E tanto assim, que se resolve entrar imediatamente em discussão uma interpelação pelo sr. Agatão Lança. Vai, pois, tratar-se, mais uma vez, da

QUESTÃO DOS OFICIAIS OUTUBRISTAS PRESOS

Impõe-se — diz o sr. Agatão Lança — a constituição de um tribunal especial para julgamento dos indiciados nos crimes de 19 de Outubro. Um tribunal especial não é um tribunal de excepção; o que o orador quere é um tribunal que sómente se ocupe dêsse julgamento, por forma a que êle se faça rapidamente, mas não quere nada que altere a forma processual e as disposições legais em vigor. Presentemente ha cinco entidades a intervir continuamente na instrução dos crimes: dois tribunais militares e três juizes de instrução. Assim, jámais se chega ao fim! No Tribunal Territorial Militar ha novecentos e tantos processos para julgar. Quando chegará a vez ao julgamento dos oficiais presos? E' licito supor que, entre os presos, haja inocentes. E' justo que êsses sofram, por tempo indeterminado, uma prisão preventiva?... Anuncia que vai mandar para a mesa um projecto de lei criando o tribunal especial a que se tem referido. Requere urgencia e dispensa do regimento para o projecto de lei.

Responde o sr. presidente do Ministerio. O seu discurso resume-se em declarar que aceita o projecto de lei do sr. Agatão Lança.

Como o projecto traz aumento de despesa, o sr. presidente declara que, antes de ser ouvido o sr. ministro das Finanças, que não está presente, não pode proseguir o debate.

No seu discurso, o sr. Agatão Lança aludiu a um acontecimento que se produziria dentro de dois meses, afirmando que êle terá um grande alcance sob o ponto de vista internacional. Não disse o ilustre deputado que acontecimento seria êsse, o que deixou intrigada a Camara. Supomos que o sr. Agatão Lança quiz veladamente referir-se á viagem do sr. Presidente da Republica ao Brasil.

Em negocio urgente, o sr. Cunha Leal começou a tratar da prisão do deputado sr. Virgilio Costa, prisão que o orador entende ser injustificavel e dela responsavel o sr. presidente do Ministerio.

O orador é ouvido, como de costume, com extrema atenção.

A sessão continua.

No Senado

Preside o sr. Gaspar de Lemos secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Fernandes de Almeida. Acta aprovada por 26 Senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Godinho do Amaral envia para a mesa o parecer favoravel ao projecto de lei perdoando os crimes de liberdade de imprensa.

O sr. presidente consulta o Senado no sentido de pôr á discussão para a ordem do dia o orçamento do ministerio da Instrução.

O sr. Augusto de Vasconcelos requere para que seja discutido na ordem do dia da sessão de hoje. A Camara concedeu.

ORDEM DO DIA

Volta, pela 6.ª vez, á discussão, o projecto de lei n.º 50 sobre o provimento de vagas de tesoureiros da Fazenda Publica. Pronunciam-se sobre ele os srs. Joaquim Crisostomo e Meddeiros Franco.

Ás 17 horas. A sessão continua, prometendo eternizar-se a discussão sobre este assunto.

A exoneração do sr. Aires d'Albuquerque

O sr. Aires de Cardo e Albuquerque voltou hoje a instar com o sr. presidente do Ministerio pela sua exoneração de chefe dos serviços telegraficos e telefonicos da cidade de Lisboa.

Conselho de Ministros

O conselho de ministros esteve hoje reunido na Secretaria do Interior, desde as 11,30 até ás 14 horas. Segundo a nota oficiosa, ocupou-se de assuntos de administração publica.

POEIRA DA ARCADA

Amanhã são expedidas malas postais pelo *Cap Polonio*, para Las Palmas, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, e pelo *Arlanza*, para a Madeira, Cabo Verde, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 8 horas a ultima tiragem da caixa geral para o primeiro, e ás 11 para o segundo, fechando para êste os registos ás 9 horas.

Machado Correia

Uma comissão de amigos deste velho jornalista autor dramatico promove uma recita em sua homenagem, que se efectua na proxima sexta-feira no Politeama, com uma das melhores peças do reportorio daquela casa de espectaculos e um acto de variedades no qual toma parte ilustres artistas e o sr. Luiz da Gama, o distinto amador que toda a boa sociedade conhece e estima e que espontaneamente se ofereceu ao nosso amigo e camarada.

Tambem figura nesse acto o nome de Emilio Fernandes, o laureado discipulo da Escola de Arte de Representar, que é uma esperança luminosa do teatro portugues.

Estão tomados para este espectaculo de que daremos ámanhã o programa definitivo, grande numero de camarotes e os melhores lugares de plateia.

A revolução monarquica na Alemanha parece iminente

BERLIM, 26.—O assassinato de Rathenau produziu panico na Bolsa. O dolar subiu a 350 marcos. O crime é considerado como o principio de convulsões internas.—(Lat. Am.)

"Raid,, Lisboa-Brazil

Os aviadores Cabral e Coutinho demoram-se bastante tempo no Brasil

RIO, 25.—Não está ainda marcado o dia para a partida dos aviadores portuguezes. E' certo que irão visitar S. Paulo, Belo Horisonte, Porto Alegre, Pará e Manaus.

Os aviadores estiveram hoje no Orfeon Portuguez donde seguiram para o chá que lhes é oferecido pelo jornal «A Noite».—P.

O sr. ministro da Instrução recebeu o seguinte telegrama:

CASTELO BRANCO, 25 — O corpo docente do liceu de Nun'Alvares felicita em v. ex.ª o Governo da Republica pela realização do notavel feito da travessia aerea do Atlantico.— (a) O reitor, *Barros Nobre.*

As propostas de finanças

Está marcada para hoje uma reunião conjunta das comissões parlamentares de Finanças, Comercio e Agricultura, para apreciarem o parecer da sub-comissão ás propostas do sr. Portugal Durão. Com identico fim, se reunirão tambem hoje os parlamentares do partido liberal, numa das salas da Camara dos Deputados.

Em Londres

Uma morte misteriosa

LONDRES, 26. — A policia está investigando qual a causa da morte misteriosa do Serreford Saltus, milionario americano que apareceu morto no Hotel Metropole de Londres. O cadaver estava na cama tendo ao lado um copo de prata com alcool e foram encontrados no quarto 1500 dollars.—(Lat-Am).

Os roubos na Exploração do Porto de Lisboa

O chefe Xavier, da 1.ª secção de policia de investigação auxiliado pelo agente Oliveira Braga proseguem hoje nas suas diligencias sobre os importantes furtos ultimamente descobertos nos armazens do entreposto de Santos da Exploração do Porto de Lisboa.

O chefe desses armazens Joaquim de Magalhães foi largamente interrogado negando os crimes.

A policia vai efectuar novas diligencias.

Um policia suspeito

A um dos calabouços do Governo Civil recolheu o guarda civico 801 Lino Francisco, da esquadra do palacio D. Fradique e em cuja residencia foram aprendidos 130 balas para espingardas extraidas dos respectivos involucros. Na busca que lhe foi passada á casa foram encontrados retratos do ex-rei D. Manuel e um cartão de identidade das Juventudes Monarquicas conservadoras, com o n.º 6.6[illegible] e passado em nome do referido guarda. Este antes de se alistar na corporação havia furtado a seu patrão um anel de ouro no valor de 1.0[illegible] escudos.

Em poucas linhas

Por arrombamento entraram os gatunos em casa do sr. Henrique Bensaude, rua do Lumiar 54 e na ausencia do locatario levaram tudo o que de valor encontraram.

— José dos Santos, rua do Vale de Santo Antonio, 107, loja queixou-se de que lhe furtaram a carteira com 145 escudos.

— Foi preso Ernesto da Cruz Machado, rua de S. João da Mata, 74, que furtou o relogio e a corrente de ouro a Antonio Farinha, rua do Diario de Noticias.

— No tribunal dos Açambarcadores que funciona no Governo Civil foram hoje presentes a julgamento João Rodrigues Santos e Ana Antunes Pinto, ambos da Povoa de Santa Iria acusados de fazerem venda de azeite com excesso de acidez. Presidiu á audiencia o juiz sr. dr. Carvalho Méga sendo os reus defendidos pelo sr. dr. Herlander Ribeiro. A sentença é lida hoje, juntamente com a da firma João Guedes, Ltd., com fabrica de moagem em Oeiras.

— Na 1.ª repartição do Governo Civil já se recebem para reformar, as licenças de porta aberta para o 2.º semestre do ano corrente referentes a tabernas, cafés leitarias, restaurantes etc.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Na reunião realizada no ultimo sabado, no teatro Politeama, dos artistas dramaticos dos diferentes teatros da capital, deixou-nos a consoladora impressão de que, com um poucochinho de boa vontade, se conseguirá, dentro de um curto periodo de tempo, tornar efectiva uma solidariedade, que, para brilho e orgulho daquela classe, é absolutamente necessario efectivar. O *Dia das actrizes*, cujas festas terão logar nos proximos dias 14, 15 e 16 do proximo mês de Julho, no Jardim da Estrela, deixou de ser uma aspiração para entrar, definitivamente, no caminho pratico das coisas a realizar e não é exagero supôr que êsse festival, pelos seus elementos componentes, auxiliado por um publico que, digam o que disserem, tem uma adoração pelos nossos actores e pelas nossas actrizes, se revestirá de um brilho extraordinario. Reune ámanhã, pela primeira vez, a comissão organizadora e as diferentes sub-comissões, a fim de, praticamente, darem começo aos trabalhos dessa grandiosa festa. Pelo nosso colega Leitão de Barros, um dos mais entusiasticos paladinos da festa e membro tambem da comissão organizadora, sabemos que será apresentado o cunho da medalha comemorativa de *O dia das actrizes*, de que o mesmo ficou encarregado e, muito brevemente, terá o publico ocasião de admirar nas montras das principais casas de Lisboa, os primeiros cartazes-reclames da festa.

Quanto ao publico, está antecipadamente, tenho a certeza, integrado dentro da festa. E' o 1.º de Maio das actrizes! Fará de conta que, anualmente, terá que acorrer a mais um *beneficio*. E, se ao artista A ou B, êle, tantas vezes, esgota a lotação, tratando-se de um *beneficio colectivo*, tenho a certeza da garantia do sucesso.

ALVARO LIMA.

Noticiario

Entre nós

A inauguração da temporada de verão no S. Luiz deve ser inaugurada na proxima 5.ª feira, sob a «premiére» «A Revista do Praxedes», original de André Brun.

◆ Desligou-se da Companhia do teatro Salão Foz o maestro Luiz Filgueiras.

◆ Sofreram, no Sabado passado, a operação das amidalas pelo dr. Abel Alves Vallares, os dois filhinhos da graciosa actriz Ilda Stichini.

◆ Está marcada para ámanhã, no Avenida Parque, a inauguração do teatro Maria Vitoria, com a «premiére» em duas sessões, da revista em 2 actos «Lua Nova», original de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, Jo o Bastos e Henrique Roldão.

◆ O actor Otelo de Carvalho contratou para a sua companhia, do teatro Salão Foz, o actor Alberto Ghira e o maestro Antonio Lopes, do Porto.

Estrangeiro

No conservatorio de Paris, obteve, este ano, o primeiro premio de violoncheio, M. Quatrocki.

◆ No teatro Port-Saint-Martin, voltou a fazer-se reprise do «Correio de Lyon».

◆ No Trianon Lyrique, subiu á cena a comedia de Alexandre Bisson e Antony Mars «Surprises du Divorce».

◆ Termina em 30 do corrente, o prazo concedido aos assinantes da Comedie-Française, para a preferencia aos seus logares na proxima epoca d'inverno.

◆ No dia 28 deste mez o sob o patrocinio do Presidente da Republica Argentina, realisa-se no Colisée de Paris, um festival franco-argentino.

◆ George Carpentier, o celebre boxeur francez, está presentemente filmando em Londres, uma fita com Flora Breton, intitulada «Amour d'Avril».

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Centenario».
AVENIDA—A's 9,15—«O Conde Barão».
POLITEAMA—A's 9,30 — «Entre Giestas».

Teatro musicado

SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparotes»
CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».
APOLO—A's 9,15—«A Vida».

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade
SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores
COLISEU DOS RECREIOS—A's 8,30—Animatografo e variedades.

LEI DO INQUILINATO

O problema das casas

Não ha nada de novo debaixo do sol!

O problema das casas, foi de sempre: Em julho de 1869 havia para cima de mil e quinhentas casas para alugar, mais de cincoenta só na rua de S. Bento, e muita gente se queixava de estar prestes a ir para o meio da rua. Causa? Construiram-se só moradias para familias ricas e nenhumas para as de poucos meios.

No primeiro semestre de 1878 entraram na Camara Municipal 49 projectos para edificações 20 para reedificações e apenas 4 para vivendas de entre tres a cinco divisões.

Nesse mesmo ano de 1869, no segundo semestre, surgiu um estorvo doutra especie. Os tabeliães recusaram reconhecer a assignatura dos locatarios nos arrendamentos, por causa do decreto de 9 de setembro desse ano, que, no seu artigo 9.º, exigia que o tabelião verificasse se os bens imoveis se achavam inscritos na matriz. Foi um pavor. Depois, á ultima hora, como é da praxe, tudo se remediou.

Em 1871, um deputado quiz tornar responsaveis os senhorios pelo imposto pessoal dos inquilinos. Tal qual como agora, mas ao contrario. Não foi por diante a imposição.

Em 16 de abril de 1875 apareceu na caixa dos requerimentos o seguinte:

«Ex.mos srs. presidente e vereadores da Camara Municipal de Lisboa.

Dizem os directores dos bancos ultimamente creados neste paiz, que, apesar dos esforços empregados e dos preços oferecidos, não teem podido conseguir comprar predios na rua dos Capelistas, para funcionar os seus estabelecimentos:

Sendo esta dificuldade altamente nociva aos suplicantes, por isso que, coloca os antigos, estabelecimentos em condições superiores aos modernos, por se acharem aquelos situados na rua mais propria para as operações bancarias:

Lembram-se os suplicantes de pedir a v. ex.as se dignem conceder-lhes estabelecer kiosques na referida rua, para ali realisarem as referidas operações:

Como taes construcções deverão conter os cofres-fortes destinados á guarda de valores, denominar-se-hão «kiosques-burras».

Os suplicantes obrigam-se a sujeitar oportunamente á aprovação da Camara os desenhos dos referidos kiosques, comprometendo-se desde ja a fazer-lhes tantas janelas, quantas forem os membros da direcção.

Egualmente se obrigam os suplicantes a pagar o imposto que, d'acordo com a ex.ma Camara, fôr combinado, sendo tal imposto aplicado á conservação da limpeza do recinto dos mesmos kiosques. — E. R. M. — Os directores de novos bancos em projecto.»

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 1|32 — 4
» 90 dias	— 4 3|32
Paris, cheque	1142 — 1150
Suissa, cheque	2561 — 2581
Belgica, cheque	1086 — 1095
Italia, cheque	633 — 638
Berlim, cheque	39 — 42
Holanda, cheque	5196 — 5220
Madrid, cheque	2100 — 2116
New-York, cheque	13375 — 1367[illegible]
Brasil, cheque	— — —
Austria, cheque	1|2 — 1 1|2
Noruega, cheque	— — —
Suecia, cheque	3452 — 3479
Dinamarca, cheque	— — —
Libras	65$000 — 67$000

SPORT

Provas de força

Modificações a fazer

Deve, brevemente, realizar-se o campeonato nacional de pesos e alteres, que anualmente o Ginasio Club organiza.

Para discutir e modificar o regulamento, reuniram ou vão reunir os delegados dos clubs que possivelmente se farão representar.

Todos os anos, efectivamente, os regulamentos das provas sportivas deviam ser revistos e modificados, sempre que se visse possibilidade de os melhorar e, sobretudo, para que as provas estejam sempre a par da evolução sportiva.

Não sei o que querem fazer os membros do juri do futuro campeonato de Portugal, mas, certo é, que têm muito que fazer se quizerem actualizar o concurso e fazer interessar o publico, condição sine qua é impossivel levantar do esquecimento em que caiu o belo sport de pesos e alteres.

Entre nós, a rotina é dificil de vencer e, numa especialidade em que para estar a par da evolução, é preciso estudar e ler, como sucede no sport, a rotina representada por meia duzia de bonzos de competencia duvidosa é quasi invencivel.

Assim, as provas de força disputam-se, entre nós, como ha 20 anos, com a diferença para peor, pois que hoje falta quasi em absoluto a materia prima, isto é, os atletas, que brilham pela sua ausencia...

Os franceses, chauvinistas no sport, como em tudo, já hoje seguem á maneira alemã e austriaca na forma de serem disputados os torneios de força.

Os movimentos do Haltérofile Club de France, seguidos apenas numa pequena parte da Europa, são os usados entre nós. Comquanto não seja em absoluto partidario dessa maneira de trabalhar, não vejo, de momento, facilidade em, de repente, pormos de parte êsse metodo, que, aliás, tem coisas boas.

Mas, o que se deve banir em absoluto é o modo monotono com que são disputadas as provas, o numero de tentativas concedidas aos concorrentes, a maneira de arbitrar, etc.

Os austriacos dão, para cada movimento, três tentativas, nas quais o atleta deve fazer o seu maximo, começando por onde quizer. Os alemães obrigam os concorrentes a passarem todos pelo mesmo pêso.

Ora, tanto dêsse como doutro modo, o publico segue passo a passo a prova e assiste, mesmo que seja profano, á luta.

A' portuguesa, nem Santo Antonio percebe em que altura vão os concorrentes.

E ainda deve o Ginasio Club pensar que, se faltarem desta vez os amadores, o que dificultará a prova, deve remover essa dificuldade deixando concorrer todos, profissionais e amadores. Ou, então, eliminar essa prova do seu calendario sportivo.

RUY DA CUNHA

AMANHÃ

O Campeonato de Portugal de foot-ball no Porto

NOTICIARIO

LAW-TENNIS INTERNACIONAL

Campionato do Club. Está aberta a inscripção para a mais importante prova do Club desde o dia 17 do corrente, encerrando-se em 29 (proxima 5.ª feira).

Prometem ser brilhantes as provas de *mens singles* e *mens doubles* para as quais já se encontram inscritos os melhores jogadores portuguezes sócios do Club, entre as quais o campião de Portugal sr. D. José Verda.

As provas devem realisar-se nos proximos sabado e domingo, respectivamente 1 e 2 de Julho.

Companhia de Seguros A PAZ

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Escudos 1.000.000$00

Séde — Rua da Assunção, 52, 1.° — LISBOA

Relatorio do Conselho de Administração

SENHORES ACIONISTAS:

Cumprindo o disposto no § 2.º do Art.º 31.º dos Estatutos desta Companhia, vem o Conselho de Administração dar-vos contas da sua gerencia no ano que findou.

A receita da Companhia foi de Esc. 165.739$33, superior á de 1920, e maior seria se não fosse o escrupulo que sempre fizemos na escolha dos riscos que tomamos, que nos leva a rejeitar grande parte das responsabilidades que nos são oferecidas, ja por serem más, já por os premios serem baixos.

A principal receita foi nos ramos Incendio e Acidentes do Trabalho, a que mais nos temos dedicado, não tendo porem descurado os ramos Transportes e Vida.

O ano que findou não foi bom para a Companhia havendo um prejuizo de Esc. 13.801$14 que atribuimos á crise que a industria de seguros atravessa, sendo os principais factores desta crise a redução das taxas e os encargos de toda a natureza que aumentam de dia para dia.

O balanço que temos a honra de vos apresentar, acusando um saldo negativo, é apurado depois de feitas todas as reservas matematicas, de garantia e de seguros vencidos, orientação que sempre seguimos.

A situação dificil que esta Companhia, como todas, tem atravessado contamos vêla muito em breve modificada, se as negociações pendentes conduzirem ao resultado que esperamos conseguir e que influirão já consideravelmente no corrente exercicio.

Pelos livros e mais documentos que estão á vossa disposição um melhor juizo podereis fazer da nossa gerencia.

Agradecemos ao digno Conselho Fiscal o concurso que sempre nos prestou; aos nossos dignos Delegados no Porto, srs. Pinto da Fonseca & Irmão, e mais Agentes e Empregados da Companhia, em quem sempre encontramos a melhor vontade e a mais valiosa cooperação, egualmente apresentamos os nossos agradecimentos.

Concluindo temos a honra de vos propôr:

1.º—Que aproveis as contas apresentadas.
2.º—Que a importancia do fundo de reserva social e do fundo para despesas eventuais seja transferida para a conta de Ganhos e Perdas.

Lisboa, 18 de Abril de 1922.

OS ADMINISTRADORES

Alvaro Rego
Artur de Campos Henriques
Carlos de Sousa Rego
Carlos da Silva Oliveira.
Ruben da Silva Leitão (Administrador-Delegado)

Balanço em 31 de Dezembro de 1921

ACTIVO

Accionistas		900.000$00
Instalação		6.000$40
Cobrança pelo Correio		4$98
Papeis de Credito		2.900$90
Mobilia e Utensilios		4.175$61
Impressos e Chapas		2 1[illegible]$57
Deposito de Garantia na Caixa Geral de Depositos		50.000$00
		667$0[illegible]
Letras a receber		4.490$[illegible]
Valores depositados		6 6[illegible]$[illegible]
Premios a cobrar (Fracções)		3 806$73
Comissões a liquidar (Vida)		14.342$[illegible]
Cobrança em Lisboa		10.716$15
Caucionados		13.134$25
Depositos á Ordem		4.950$[illegible]
Delegação do Porto		2.540$45
Caixa		
C|correntes—Agencias	20.692$77	
C|correntes—Companhias Reseguradas	25.732$84	
C|correntes—Companhias Reseguradoras	66$33	
C|correntes—Sinistros	57.775$11	
C|correntes—Diversos	9.845$16	113.51[illegible]$21
Reservas efectuadas (á ordem do I. S. S. O. P. G.)		4.520$12
Contas em suspenso:		
Despesas c|questões em litigio		1.106$12
Liquidação c|Espanha		1.002$64
Sinistros acidentes		110$82
Ganhos e perdas:		
Saldo em 1920	14.937$77	
» » 1921	13.701$14	28.733$91
		1.175.675$28

PASSIVO

Capital		1.000.000$00
Provisões do Ramo Acidentes de Trabalho		[illegible]
Credores por caução		[illegible]
Reservas matematicas		
Ramo Acidentes de Trabalho	11.890$00	
» Vida	22.716$57	[illegible]
Reservas para sinistros a liquidar		
Ramo Incendio	1.993$16	
» Cristais	98$29	
» Vida	2.000$00	
» Transportes	37.745$30	[illegible]
Reserva de Garantia		[illegible]
Reserva Social		[illegible]
Aplicações Estatuarias		[illegible]
Fundo para despezas eventuais		[illegible]
Comissões a abonar		[illegible]
Dividend s a pagar		[illegible]
C|correntes—Agencias	932$14	
C|correntes—Diversos	11.693$6[illegible]	
C|correntes—Companhias reseguradas	2.482$79	
C|correntes—Companhias Reseguradoras	34.264$83	
C|correntes—Sinistros	835$16	[illegible]
Letras a pagar		[illegible]
		1.175.675$28

Conta de Ganhos e Perdas

RECEITA

Premios de Seguros	165.739$33
Comissões de Reseguros	24.078$65
Custo de Apolices	881$00
Rendimentos, diferença de cambios e lucros em papeis de Credito	7.739$84
Contribuições (percentagem cobrada)	7.412$56
Consorcio Geral de Seguros (n| quota-parte)	16.317$90
Saldo desta conta	28.733$91
	2[illegible]9.951$19

DESPESA

Saldo da conta de Ganhos e Perdas em 1920	15.032$77
Comissões	27.674$02
Premios de reseguros	116.[illegible]
Comissões á liquidar (Vida)	1.0[illegible]
Fracções de premios a cobrar (Diminuição)	1.[illegible]
Despesas especiais (Diversos Ramos)	2.[illegible]
Despesas gerais	42.[illegible]
Premios de descontes	[illegible]
Selos de reseguros	[illegible]
Consorcio Portugues (n| quota-parte)	2.[illegible]
Sinistros (n| quota-parte)	24.0[illegible]
Reservas de garantia (Aumento)	1.[illegible]
Reservas matematicas (Aumento)	11.910$[illegible]
	2[illegible]9.951$19

Lisboa 31 de Dezembro de 1921

Parecer do Conselho Fiscal

Senhores Accionistas:

Cumprindo o disposto do Art.º 23.º dos Estatutos, vimos desobrigar-nos do mandato que nos foi conferido.

Examinamos com o maior cuidado os livros de escrita verificando que esta se encontra devidamente arrumada.

Pelo Relatorio se vê que ainda o exercicio deste ano não foi lisongeiro, não obstante todos os esforços que reconhecemos terem sido feitos pelo Conselho de Administração, o qual atribue esse facto á grande crise que a industria de seguros atravessa, opinião que perfilhamos.

Tem o Conselho de Administração pendentes negociações que em breve conta ver ultimadas e das quais provirá sem duvida uma modificação favoravel aos interesses da Companhia.

Régista o Conselho de Administração os serviços prestados por todos os Delegados, Agentes e Empregados, louvores a que nos associamos.

Agradecendo ao ex.mo Conselho de Administração as amaveis referencias que nos dirige terminamos por vos propor:

1.º—Que aproveis as conclusões do Relatorio do Digno Conselho de Administração.
2.º—Que tributeis um voto de louvor ao mesmo Conselho, pelo zêlo e dedicação com que geriu os negocios da Companhia.

Lisboa, 19 de Abril de 1922.

O Conselho Fiscal

Alvaro de Sousa Rego
Antonio Casanovas Augustine
Fernando Moraes d'Almeida (Conde de Castelo Mendo),
Manuel Rueda
Octavio da Silva Leitão

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

O Pastor da Palhoça

por Julio Cesar Machado

Assim animava a João o bom prior; teve êle a primeira confidencia dêsse talento que havia de ir tão alto e tão longe.

— Trabalha meu filho, lhe dizia; has de ser um pintor excelente. Já ouvi contar de um, e é nome notavel na arte, mas que neste momento não me acode á lembrança, — que guardando cabras como tu guardas carneiros, alcançou tanto do seu talento, que um dos seus quadros, figurando a sagrada imagem da Mãe do divino Salvador, andou passeado em procissão nas ruas de uma cidade da Italia pelo entusiasmo do povo!

O prior, durante as noites compridas do inverno, que davam a João muito tempo para se aplicar, sem que os carneirinhos, que estavam agasalhadamente metidos no curral, o reclamassem, ensinou-lhe a ler e a escrever, dando-lhe por esta maneira as duas chaves da sabedoria. O pastor fez progressos rapidos, porque o seu coração fazia tanto empenho em aprender como o seu espirito. O digno padre, ao passo que se acusava um pouco de dar ao seu discipulo uma instrução acima dos seus humildes destinos, folgava de ver desabrochar os calices daquela viçosa alma. Para êsse jardineiro atento, era um espectaculo interessante o de semelhante florejar interior, cujo segredo sabia êle só.

Dissipou-se a neve; as flores da primavera principiaram a despontar timidas, e João tornou ao seu fadario de acompanhar os carneiros que no principio dêste conto encontrámos; havia crescido e encorpado.

A natureza apelara para os seus recursos na intenção de auxiliar a despesa de faculdades novas. A medida do desenvolvimento do seu cerebro havia-lhe alargado a fronte; os olhos demorados por costume num ponto ou noutro, tinham a vista firme e clara. Como em todas as cabeças em que uma ideia reside, via-se brilhar na fisionomia dêle o reflexo de uma chama interior. Não é porque se devorasse nos ardores doentios de uma ambição precoce, nem o vinho da sciencia, comquanto derramado pelo bom padre com uma descrição prudente, produzia naquela moça alma uma especie de embriaguês que poderia tornar-se em orgulho. Felizmente, João não tinha publico. As arvores e os rochedos não costumam lisongear ninguem!

Reconduzia-o ao sentimento da sua pequenez, a imensidade da natureza que êle admirava. Fornecido com abundancia pelo padre, de papel e de lapis, fez um grande numero de estudos e, ás vezes, acordado mesmo, cuidava ter nas mãos o lapis de ponta doirada e ouvir a dama, encostada ao seu ombro, estar dizendo-lhe:

— Muito bem, João! Não deixaste apagar a faisca que lancei no teu coração. Persevera e terás a recompensa!

O pastor, que adquiria um fino sentimento da forma, compreendia a que ponto era formosa a dama e o seu peito agitava-se por êsse pensamento.

Olhava para o lenço de quadros, onde a marcha, comquanto que apagada quasi, se distinguia ainda, e dizia comovido:

— Feliz sangue, que correste em suas veias, e do coração dela subiste á sua cabeça!

João estava namorado agora, namorado com todas as forças da sua alma. A imagem adorada nunca o desamparava; via-a nas arvores, nas nuvens, na agua dos riachos, nas flores silvestres dos valados. Por isso, que de imensos progressos! Havia já nos seus trabalhos um elemento, que dantes lhe faltava: o desejo!

Um acontecimento extremamente simples na aparencia e que de nenhuma forma pode aspirar a dramatico, ao que hão de resignar-se já agora, porque a historia não tem pretensões a complicada — decidiu subitamente da vocação do pastor e veiu mudar a face da sua existencia.

Um personagem influente da localidade quiz fazer presente á igreja de um quadro; o pintor, que era homem de talento, cuidadoso das suas obras, acompanhou êle proprio a tela e quiz escolher o lugar em que devia ser colocada. O prior, que esteve conversando com êle, falou-lhe de um pastor do sitio, dotado de muito gosto para o desenho e cujas tentativas anunciavam uma disposição maravilhosa. A pasta dos esboços de João foi apresentada ao pintor. O rapazito, palido como defunto, comprimindo o coração com a mão, para não o deixar saltar, conservava-se em pé ao lado da mesa. Esperava anciosa a condenação dos seus sonhos, por não poder cuidar que um sujeito bem vestido, de luvas, com um anel lindissimo, autor de um quadro que se metera numa moldura doirada, pudesse achar algum merecimento nos seus entretenimentos de ignorante.

Folheou o pintor alguns desenhos sem dizer palavra e iluminou-se-lhe a fronte; subiu-lhe ás faces um leve rubor e dizia a si mesmo frases curtas, exclamativas, no *estilo* dos artistas:

— Como está *catita*! Tomara o Cristino o carvão dêste diabo! Olhem se o Anunciação pilhasse êste carneiro!

Ergueu-se, depois de ter examinado tudo, foi-se direito a João, apertou-lhe a mão cordialmente e disse-lhe:

— Com a breca! Isto fica entre nós, mas sempre lho digo, apesar de não fazer honra aos professores, tomarámos que todos os nossos discipulos soubessem tanto como você! Quere vir comigo para Lisboa? Em seis meses far-lhe-hei perceber os segredos da festa e depois caminhará sósinho e, se não parar no caminho, posso assegurar-lhe que ha de ir longe.

João, depois de muitos sermões e conselhos e bem prevenido dos perigos da cidade, partiu com o pintor, em companhia do Fiel, do qual não quiz separar-se e que o artista lhe consentiu trazer comsigo, com a delicada bondade de alma que acompanha sempre o talento. Unicamente Fiel o que não quiz foi ir na *diligencia* do José Paula e seguiu-a a correr, com uma admiração profunda, mas sôcegado pela fisionomia amigavel do amo, que se sorria para êle pelo postigo.

Não acompanhemos dia a dia os progressos do pastor; levar-nos-hia isso muito longe. As obras dos grandes mestres de que fazia frequentes copias ensinaram á sua disposição mil meios de expor a sua ideia, o que sósinho não poderia adivinhar. Passou da escola severa e grave as graciosidades luminosas, do ardor fantasioso á verdade tomada do facto, mas não se deixou prender de nenhum estilo em particular; tinha originalidade de mais para isso. Não fizera como a maior parte dos pintores que principiam fechados numa casa e vão depois deixar o seu bilhete de visita á natureza, em excursões de quinze dias; excepto quando no seu quarto, — já que os nossos pintores, coitados, nem *atelier* têm, a maior parte dêles! — pintam rochedos diante de uma cadeira e cascatas defronte de uma bilha! Fôra impregnado do aroma dos bosques, com a vista enlevada em aspectos campestres, em sequencia a uma longa e discreta familiaridade com a natureza, que êle pegara primeiro num lapis e depois num pincel. Os conselhos da arte haviam-lhe chegado a tempo de êle não tomar por algum caminho errado e chegavam tarde já para conseguirem que falseasse a sua ingenuidade.

Ao fim de dois anos de um trabalho assiduo, João teve um quadro admitido á exposição da Academia das Belas Artes. Bem houvera querido tornar a ver a dona do lapis doirado, mas, por mais que olhasse atentamente nos passeios, no teatro, nas igrejas, para todas as mulheres que podessem da... ares dela, não pôde acertar. Não lhe sabia o nome, nem dela conhecia mais do que a formosura. Uma esperança vaga o sustinha todavia; dizia-lhe o que quere que fosse no fundo do coração, que o destino não acabara entre ambos. Modesto como era, tinha contudo a consciencia do seu talento; aproximara-se do céu e a impossibilidade de alcançar a estrela dos seus sonhos diminuia de dia em dia. Passeava de vez em quando o nosso moço artista em roda do quadro, fingindo considerar atentamente outra coisa proxima dela, na intenção de escutar as opiniões dos espectadores; e depois dizia a si mesmo, não sem tristeza, que a fidalga, que tinha tanta paixão pela pintura e que, ela propria, desenhava tão bem, se estivesse em Lisboa iria alguma vez visitar a exposição.

(Continua)

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4115 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 — LISBOA — Terça-feira, 27 de Junho de 1922 — Telefone n. 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Atalaia, 71 — Preço 10 centavos

Perguntas insoluveis de toda a especie:

Quando terminam as obras do Rocio?

As propostas de finanças

Ainda não está concluida a discussão do orçamento, o apesar de tudo indicar que ela não deixará de terminar até ao fim deste mes, porque de contrario o sr. presidente do ministerio não deixaria de efetivar a sua declaração de que abandonaria o poder, a verdade é que não falte quem levante reparos á morosidade dos trabalhos parlamentares. O caso é tanto mais para ponderar quanto é certo que as propostas de finanças deverão entrar em discussão logo apoz o orçamento geral do Estado, e nessa discussão é que sem duvida terão de se gastar muitos dias, pois se trata duma questão aberta sobre a qual hão de incidir muitas observações e reparos mais ou menos justificados.

Assim é necessario, com efeito. As propostas de finanças requerem largo estudo e ninguem pode com rasão, negar que se nelas ha muitas disposições aproveitaveis, tambem nelas não escasseiam disposições iniquas e inexequiveis. São essas que reclamam modificação. Sem duvida o parlamento as modificará. Mas não pode nem deve fazê-lo com precipitação, o que não quer dizer que se arraste sobre elas uma dessas discussões interminaveis que a certa altura revestem todos os aspectos dum debate bisantino.

A verdade é que a sessão parlamentar já vai longa. Não tarda que se comece a chorar sobre a sorte dos legisladores que teem de suportar em uma vasta sala e, sem dispenderem nenhum esforço o mesmo calor que suportam os habitantes de Lisboa que não podem sair da capital para veranear, nem mesmo lhes é dado, na maioria dos casos, abandonar a oficina, a fabrica ou o escritorio. De maneira que se corre o risco de não votar as propostas de finanças, ou de as votar atabalhoadamente, o que seria do mais efeito para o paiz, porque não se ganha em nada em determinar aquilo que não se pode cumprir.

Já com a discussão do orçamento e apesar das pressões constantes do sr. Antonio Maria da Silva que ameaça com a sua saida do governo, se tem gasto muito tempo sem uma discussão apreciavel. Votar-se-hão as propostas de fazenda da mesma maneira? Será preciso fazer tudo á ultima hora com a corda na garganta? E' a pecha do nosso sistema parlamentar que, na sua falta de metodo comunica seus movimentos impulsivos, reflete desgraçadamente o que ha de pior no caracter nacional.

O que seria desejavel ora que a discussão das propostas de finanças se iniciasse o mais depressa possivel, e que fossem discutidas criteriosamente sem se vislumbrarem propositos de obstrucionismo nem tambem o proposito de as fazer votar de afogadilho, evitando assim a correcção das suas deficiencias ou exageros.

Não se interessando nas sessões outros debates, alguns absolutamente extemporaneos, conseguir-se-ia esse «desideratum». E então o paiz poderia alimentar esperanças de as propostas poderem salvar o Estado sem sofixiar a sociedade.

O contrario será a continuação do «gachis» existente, em que nada se resolve ou se resolve mal, não dando margem a que uma claridade de otimismo ilumine os nossos horizontes.

As grandes ascensões

Foi quasi atingido o cume do Monte Everest, a maior altitude do globo

LONDRES, 27.—Dizem de Calcutta que a expedição que faz a ascensão do Monte Everest atingiu uma altitude de 8.260 metros. E' provavel que apesar de todos os esforços ela não possa subir mais alto devido ao mau tempo e ao frio.—(R.)

Uma batalha campal numa região hulheira

E' na provincia de Wisconsin que os mineiros se degladiam

NEW-YORK, 27.—Houve uma verdadeira batalha no Illinois entre mineiros sindicatos e não sindicatos. Os sindicatos fusilaram os prisioneiros adversarios, tendo arrastado outros amarrados a automoveis e tendo ainda recusado agua aos feridos. Neste combate foram mortas 40 pessoas tendo ficado muitas feridas.—(U).

DEFINIÇÕES

O projecto de lei do sr. Agatão Lança

Primeiro que tudo, respeito pela Lei Fundamental—Para o resto, arranjem as coisas como quizerem e entenderem . . .

Nós não queremos assumir o ingrato papel de desmanchar prazeres. Mas, que diabo! não havemos tambem de deixar passar, sem observações innoxias, uma insignificante *gaffe*, que pode vir a redundar em inobservancia clarissima no preceituado na letra e no espirito da Constituição da Republica. Referimo-nos ao projecto de lei criando um tribunal especial para julgamento dos acusados de nefandos crimes, praticados por ocasião do pronunciamento militar de 19 de Outubro, onde tiveram lugar de destaque — só no pronunciamento, é claro — muitos homens com praça assente no agrupamento democratico do P. R. P. Esse projecto de lei, que foi ontem enviado para a mesa da Camara dos Deputados pelo seu autor, o sr. Agatão Lança, e que, mais ou menos claramente, teve a virtude de ser medrosamente apadrinhado pelo chefe do Governo — êsse projecto de lei é, a nosso ver, simplesmente inconstitucional e está impossibilitado, portanto, de ser recebido pela mesa. Demonstremos:

O projecto de lei determina a formação imediata de um tribunal especial para julgamento daqueles que o sr. presidente do Ministerio se obstina em denominar de presumidos delinquentes, mas que a nós mais agrada classificar de presumidos inocentes. Ora, a Constituição diz o seguinte, no n.º 21 do artigo 3.º:

«Ninguem será sentenciado senão pela autoridade competente, por virtude da lei anterior e na forma por ela prescrita.»

A letra da Lei Fundamental é, pois, expressa: a formação, *ad hoc*, de um tribunal especial briga com a disposição constitucional. E nem mesmo é possivel um sofisma comodista, que dê ocasião a admitir a hipotese formulada no projecto de lei do sr. Agatão Lança. Quando a Lei diz *por virtude de lei anterior*, não há forma de interpretar senão assim: *por virtude de lei anterior ao crime*. Se o sofista quizesse fazer prevalecer uma interpretação que, por exemplo, dissesse *por virtude de lei anterior á sentença*, cair-se-hia no absurdo da retro-actividade das leis.

Se a sanção formal tem, pois, de ser expressa na lei que vigora no minuto anterior á pratica do acto criminoso, a autoridade competente para julgar não pode deixar de ser aquela que já estava preceituado, em correlação intima com a lei que prescreve a sanção. Da mesma maneira se compreende o respeitante á forma do julgamento.

De resto, se admitissemos, a titulo de simples hipotese, uma interpretação diferente da que expomos, seria inutil prever os crimes e legislar ácerca dêles, porque ficava o campo aberto para a sanção penal a aplicar a cada crime depois de perpretado e tambem para a forma de julgamento que se devia adoptar para aplicação da penalidade. Regressar-se-hia, assim, pouco a pouco, á forma primitiva de julgamentos, adoptada, por certo, nos primeiros estagios da humanidade, onde, á sombra frondosa de um carvalho secular, o ancião da tribu ditava, a seu arbitrio e segundo um barbaro criterio, a pena que ia ferir o delinquente... ou o inocente. Ha ainda, em Portugal, vestigios da idade da pedra. Os legisladores da Republica, admitindo o projecto de lei do sr. Agatão Lança, podem instituir um tribunal especial em qualquer vetustissimo dolmen e, sob as pedras do templo ou do tumulo dos nossos longiquos antepassados, ditar a lei que condenará ou absolverá os pretensos indecentes dos crimes de 19 de Outubro.

O que tem de se procurar até se encontrar, é simplesmente isto: sem sair da lei, abreviar os julgamentos. Estes não devem demorar. Depende disso a segurança e prestigio da Republica. Confinados dentro dêste criterio, estaremos todos de acordo. O bordão, a que desesperadamente se agarra o Governo, quando diz que não é licito intervir o Poder Executivo na acção do Poder Judicial, é tão fragil, que não passa de um caniço. Vivemos no regimen republicano democratico parlamentar. Isto significa que, além dos poderes do Estado, definidos na Lei Fundamental, a expressão da opinião publica não é para desprezar e que ela deve ter repercussão decisiva no espirito dos legisladores. Os poderes da Republica são harmonicos, é evidente, mas podem não ser iguais. Como o regimen é parlamentar, o Poder Legislativo é superior aos outros, sendo sua função formular as leis que regem a Nação, — contanto, é claro, que elas não vão de encontro á Constituição, que é fundamental, indistrutivel e insofismavel. Ao Governo e ao Parlamento, harmonicamente empregados no mesmo esforço, compete, no caso sujeito, encontrar uma formula que abrevie os julgamentos, segundo reclama (e a tal respeito não nos parece que possa haver duvidas) a opinião nacional.

Um dos grandes argumentos — talvez mesmo o unico... — empregados em favor da constituição do tribunal especial foi êste: os tribunais ordinarios têm centenas de processos para julgar e a vez dos presos só chegará daqui a um ano, pouco mais ou menos; forme-se, pois, um tribunal especial, que só dêles se ocupe. O argumento tem o valor que se lhe quizer dar. Para nós, não vale muito. Se a Razão de Estado, tomada como expressão final da opinião publica, quere que os julgamentos dos presumidos inocentes de 19 de Outubro sejam feitos instantaneamente, ponham-se de parte todos os outros processos e cuide-se só daquele até sua finalização.

Não sabemos nem nos compete saber se isto é justo ou injusto, é viavel ou inviavel. Não fazemos parte de nenhum dos Poderes do Estado, nem somos assalariados de qualquer dêles. Somos apenas cidadãos republicanos, expondo um criterio no uso legitimo do seu direito. E' aos outros, principalmente aos ministros e aos parlamentares, que incumbe a obrigação de encontrarem a solução ao problema, — contanto que não nos ofendam, a nós, simples cidadãos, com mais tratos de polé infligidos á Constituição.

E se não é como dizemos, digam-nos então como é...

A melhor maneira de manietar o dragão

E' estudada pelos politicos franceses

PARIS, 27. — O sr. Le Trocquer, ministro das obras publicas, dacordo com o sr. Poincaré, estudou em que medida a Alemanha poderia tomar parte no conjunto das grandes obras de interesse geral para a França, depois da aprovação da comissão das reparações, em conformidade com os direitos inscritos no tratado de Versailles. Os trabalhos de que se trata são produtivos e o seu rendimento seria destinado á reparação das regiões devastadas.

A mão de obra alemã será regulamentada e agrupada em grandes oficinas. O sr. Trocquer enceta um programa que em primeira linha comporta trabalhos hidraulicos e distribuição de energia electrica. O total deste programa é de 18 biliões e meio de francos e a Alemanha contribuiria com a mão de obra e com os materiais necessarios. O sr. Poincaré deu conhecimento do projecto á delegação franceza da comissão das reparações. O sr. Le Trocquer tem já pronto o dossier completo relativo ao primeiro grupo de trabalhos para a comissão das reparações e nenhuma duvida existe de que se chegará imediatamente a um acordo com ela, o que permitirá levar a efeito a primeira serie das realisações.—(H.)

Dois artistas portuguezes

adornam as praças publicas brazileiras com as suas estatuas

Chegaram ao Rio de Janeiro, de regresso de Amsterdam, o sr. Rodolfo Pinto do Couto e sua esposa D. Nicolina Vaz do Couto, escultores portuguezes.

Os dois artistas voltam da Italia, onde foram dirigir os trabalhos de fundição dos seus dois monumentos, que serão erguidos no Brazil: a estatua de Pinheiro Machado, no Rio Grande do Sul e a de Eça de Queiroz, na Academia Brasileira.

A sr.ª D. Nicolina do Couto, além disso, fez fundir uma fonte monumental que se destinará á municipalidade paulista.

A estatua de Pinheiro Machado foi fundida em Florença

O Vaticano e os Soviets

ROMA, 26.—O «Osservatore Romano», orgão oficial do Vaticano, publicou a correspondencia trocada entre o Vaticano e os bolchevistas sobre o assunto do patriarca Tykhon. Este jornal começa por desmentir a afirmação feita em alguns jornaes de que a Santa Sé recusará partecipar na iniciativa dos bispos anglicanos para conseguir a liberdade do Patriarca detido.

Diz que muito antes do protesto dos bispos ingleses chegar ao Vaticano, o Papa tinha encomendado a Mgr. Pizzardo a missão de escrever a Tchitcherine para Genova dizendo-lhe que S. S. «agradeceria profundamente a S. E. se pela sua autorisada intervenção pudesse ser libertado o citado eclesiastico, o que produziria nas actuaes circunstancias a melhor impressão». Acrescentava-se que segundo um telegrama dirigido ao Papa por Mgr. Tiepaak, as autoridades de Petrogado insistiam em entregar os tesouros das Igrejas para que o dinheiro que se obtivesse pela sua venda, fosse dedicado a ajudar os russos famintos. O Papa indicou que compraria de bom grado os ditos tesouros. No dia 14 de Maio, Tchitcherine respondeu dizendo que o «Patriarca Tikhon estava processado mas não encarcerado. Quanto á sua oferta transmitia-se imediatamente para Moscow e tenho a segurança de que merecerá o mais benevolo estudo por parte do meu Governo». Finalmente no dia 7 de Junho, o Cardeal Gasparri dirigiu ao mesmo Lenine uma recomendação sobre o mesmo assunto.—(Lat-Am).

PAULO BARRETO

A "Associação de Trabalhadores de Imprensa,, vai promover-lhe uma justa homenagem por ocasião do seu aniversario

Da direcção da A. T. I. recebemos a seguinte nota:

«Na hora bela de triunfo racico que atravessam Portugal e Brasil comungando na mesma e imensa alegria provocada pela viagem epopeica de Gago Coutinho e Sacadura Cabral;

No momento em que, portuguezes e brasileiros, sentem pal ar em comum os corações plenos de entusiasmo e orgulho, de amor e carinhosa admiração pela conquista scientifica de dois homens ilustres;

«Na hora unica em que a imprensa de ambos os paizes lança atravez as colunas dos seus jornais as palavras santas duma consagração heroica;

A «Associação de Trabalhadores de Imprensa», o mais antigo agremiado de jornalistas portuguesos, evoca saudosa e comovidamente a figura do grande jornalista, do notavel escritor e amigo de Portugal, Paulo Barreto resolvendo efectivar no dia do aniversario da mesma Associação a resolução tomada na sua ultima assembleia geral de dezembro passado efectuando uma sessão de homenagem em honra da sua memoria e inaugurando-lhe o retrato na sua séde,

A A. T. I. apela para todos os jornalistas portugueses a fim de que a sua iniciativa resulte na merecida consagração do jornalista ilustre que foi «João do Rio».

* * *

Todas as adesões devem ser comunicadas á direcção da A. T. I.

O funeral do marechal Wilson

LONDRES, 27. — Foi imponentissimo o funeral do marechal Wilson. Conduziram o corpo o marechal de campo Lord Grenfell, o conde de Ypres, o conde Haig, Lord Horne, Lord Methuen e Sir Robertson. Seguiam o corpo Lord Beatty e muitas figuras proeminentes da grande guerra. O duque de Connaught, tio do rei, acompanhado do marechal Foch, general Néville, embaixadores da Belgica e da Italia e numerosos oficiais dos exercitos aliados seguiam-nos. Em seguida uma carruagem conduzindo a espada e a velha mãe do falecido.

Uma numerosa multidão de cabeça descoberta assistia á passagem do prestito. Uma imensidade de flores foi enviada por todas as classes, desde o rei até aos mais humildes. A coroa oferecida por Foch levava a seguinte inscrição: «Ao meu melhor amigo».—(Lat. Am.)

POR MOÇAMBIQUE

Um discurso do sr. Brito Camacho

Uma colonisação de funcionarios, a menos productiva para a colonia é tambem a menos vantajosa para os colonos

Num recente discurso referiu-se o sr. dr. Brito Camacho ao povoamento da Provincia com gente branca, afirmando que mais europeus se teriam fixado na Provincia se tivesse havido a preocupação de preparar habitações convenientes, higienicas e confortaveis, quando mais não fosse para os funcionarios civis e militares.

E' realmente uma medida administrativa recomendavel essa de preparar habitações para o funcionalismo. Inda agora é uma das preocupações do Governador Lippens, do Congo Belga, depois dessa observação ter sido feita pelo actual rei dos belgas quando, como principe herdeiro, atravessou aquela colonia. Todavia, nem um nem outro encararam essa medida como fundamental para promover a colonisação. Simplesmente como a condição indispensavel para tornar comoda e util, no mais elevado grau, a vida do funcionario na colonia. Por igual forma encaramos a necessidade imperiosa de o Estado prover os seus funcionarios de habitação conveniente.

Como factor de colonisação atribuimos-lhe um valor infinitamente pequeno.

Mas, de um modo geral, consideramos como muito dificil provocar essa colonisação ainda que se venha a estudar e a elaborar esse plano que, muito embora esta afirmação, não deixa de ser necessario que se faça.

Em materia de colonisação concordamos com o modo de pensar de Freire de Andrade quando dizia:

«A emigração depende dos impulsos do proprio interesse e não se sujeita a regras e a preceitos; se queremos em Moçambique uma emigração portuguesa sã e valida, que tão necessaria nos é, preparemos a colonia abrindo estradas, melhorando as condições higienicas; procuremos a vinda de largos capitais, eduquemos o preto para o trabalho rude dos campos e adoptemos outras largas medidas administrativas que tendam a dar á colonia a vida, a actividade e a produção que agora escasseiam».

Acrescentemos que a lentidão com que se está fazendo o povoamento europeu da Provincia não é um motivo para descredito da nossa administração e das nossas faculdades.

A Africa do Sul que tem muitas mais condições para ser um paiz de brancos do que a nossa costa, e que tem sido teatro de fenomenos migratorios importantes durante uns bons 250 anos, tem hoje uma população de 1.250.000 brancos contra 6.000.000 de indigenas, estando acertado que a população indigena cresce numa proporção muito maior do que a população branca.

A colonisação da Africa do Sul começou 150 anos antes da colonisação da Australia que num seculo, apenas formou uma população de 7.000.000 brancos!

Moçambique não possue minas de ouro, não depende de uma Metropole que tenha empurrado para as suas possessões ultramarinas massas de gente fugida a perseguições religiosas e politicas, como aconteceu com a Nova Inglaterra e com o Canadá, ou que viessem em busca de metais ricos e de pedras preciosas, como aconteceu com a Australia, com o Mexico e com os paises da America do Sul.

A colonisação de Moçambique, portanto, só pode realizar-se pela via lenta de uma sedimentação social proveniente das aluviões do funcionalismo e da colonisação capitalista para não falar já dessa aluvião que foi a base do povoamento da Australia, os convictos, porque as modernas teorias da sciencia colonial já não admitem a deportação que por tanto tempo se praticou por todas as nações coloniais e ainda hoje adotamos em Angola, onde muitos condenados se regeneraram no suavidade do cativeiro que lhe facultamos, transformando-se alguns em abastados e honrados comerciantes e agricultores, embora o paradoxo de semelhante circunstancia.

Com efeito, a maioria dos pequenos proprietarios, negociantes e agricultores que se encontram nas nossas colonias africanas, incluindo Moçambique, foram militares, funcionarios ou empregados subalternos das grandes empresas do comercio e da agricultura que animados por uma scentelha de audacia, estimulados pela ambição da fortuna, educados ou instruidos pelas praticas que presenceavam e excitados pelo sucesso de exemplos analogos, se desprenderam das suas ambições e empregos iniciais e se decidiram a enterrar aqui as suas economias. A sua demora na Provincia ou a sua fixação definitiva, que vem a ser o que chamamos a sedimentação social, base da unica segura colonisação que poderemos fazer, deriva da demora na frutificação dos seus esforços, quando animada pela esperança da victoria.

Pensar que possam vir para aqui familias ignorantes de tudo, sem que lhes possa oferecer o atractivo da formação da fortuna facil e rapida, é um erro. Será mesmo um crime promover essa vinda que não pelo processo natural indicado, pois que de outra forma conseguir-se-ha apenas a formação de nucleos de miseria branca que é mais horrivel de suportar em Africa do que nas proprias terras de cada um.

Se, pois, pretendemos fixar aqui portuguezes não alimentemos ilusões, eles têm que vir por intermedio da colonisação capitalista ou por intermedio do funcionalismo civil e militar donde se desprenderão os elementos mais empreendedores, se o Estado souber criar os atractivos de fixação e as facilidades de trabalho indispensaveis para converter em produtores autonomos os serventuarios dos interesses do Estado e do capital.

Para promover esse movimento espontaneo de iniciativa propria é indispensavel, como dizia Freire de Andrade, primeiro, criar facilidades á colonisação capitalista, dar depois facilidades na acquisição de terras aos colonos saidos das etadas origens, permitir que os salarios e a subsistencia da vida se mantenham baixos e relacionados com as necessidades dos pequenos capitais resultantes de economias que pode reunir essa classe de colonos.

Não é isto, porém, o que se tem feito, nem o que se está fazendo, nem mesmo o que se promete fazer. Presentemente cerca-se de regalias maximas o funcionalismo como se o Estado tivesse falta de pessoal e dificuldade em encontra lo, e cerceia-se por todas as formas, ferozmente mesmo, as facilidades que deviam ser concedidas a todas as classes de empreendimentos, Ha, portanto, toda a vantagem em se cristalisar naquela classe e só ha a perspectiva do risco e inconvenientes em passar-se para as classes produtoras.

Do que deriva que, enquanto se se mantiver o presente estado de coisas não será possivel descongestionar os quadros, continuando a colonisação a ser do funcionalismo, que é a menos produtiva para a colonia e a menos vantajosa para essa especie de colonos, pois que simplesmente se aumenta o consumo sem por qualquer forma se aumentar a produção, o que traz como consequencia fatal e inevitavel a bancarrota.

O Estado livre da Irlanda

Continua preocupando a opinião publica inglesa

LONDRES, 27 — Churchill, discursando no Parlamento, disse que o governo inglês desde Dezembro de 1921 tinha reconhecido o Estado livre da Irlanda e que as assinaturas irlandesas no tratado representam para o governo inglês a maioria da opinião irlandesa.

O objectivo da politica inglesa tinha sido sempre preocupar-se com a opinião do povo irlandês sem quebrar o direito de soberania da Inglaterra. No entanto, De Valera fez tudo para desacreditar o governo provisorio e fazer uma terrivel intriga entre o Ulster e a Irlanda do Sul. Os horrores passados em Belfast foram devidos á organização de duas divisões do exercito republicano do Sul no Ulster e aos esforços dos extremistas para deitarem abaixo o governo do Norte, para submeter á vontade de Dublin toda a Irlanda.

A Inglaterra forneceu armamento a Irlanda do Norte para defender o seu territorio. Terminou declarando que a situação agora melhorou muito.

Os *sinnfeiners* devem estar convencidos que não ganharão a provincia do Ulster senão por vontade propria, acrescentando que com as novas eleições na Irlanda o governo provisorio não tem desculpa se faltar ao acordo e á letra e espirito do tratado. (Lat. Am.)

Ainda e sempre a Russia

Não deve diminuir a propaganda mostrando a obra destruidora do bolchevismo

A Russia era ainda ha poucos anos o paiz mais rico do mundo. Cêrca de 85 por cento da população vivia da agricultura; mas os camponeses eram ignorantes, na sua grande maioria analfabetos e, por isso, se deixaram impregnar tão facilmente dos idiais revolucionarios. Os trabalhadores do campo eram, pode dizer-se, escravos dos proprietarios. A falta da liberdade na Russia era flagrante. Só em 1905 êste paiz conseguiu alcançar a constituição. A expansão dos idiais revolucionarios começou na mocidade das escolas. A causa inicial da Revolução foi a falta de viveres na cidade. A Revolução Vermelha foi a principio acolhida com entusiasmo pela população russa; ao ser iniciado o movimento, julgou-se que êle traria para o povo russo uma era de paz e de felicidade.

A palavra liberdade andava em todas as bocas, mas o trabalho e a produção paralizaram por completo.

Em 1917, após a revolução, quem entrasse em Petrogrado sentia-se-lhe franger-se-lhe o coração, em face do quadro presenciado. O povo estão livre, que ninguem queria trabalhar. O descontentamento resultante da grande guerra era cada vez maior. As pessoas de peior caracter é que conseguiam alcançar as melhores situações e a direcção do movimento. As fabricas fecharam, a industria paralizou. Lenine tinha dito: «As fabricas para os trabalhadores»; e os operarios assassinaram os tecnicos, tendo as fabricas sido encerradas.

Hoje, na Russia, é quasi impossivel viver-se. Não ha estradas transitaveis, não ha caminhos de ferro. O exercito vermelho tem assassinado povoações inteiras.

Lenine, quando lhe foram dizer que era necessario enviar alimentos para certa terra porque o povo morria de fome, respondeu com a seguinte frase: «isso não me interessa nem me importa. O que me interessa é a destruição de todas as organizações da civilização actual». O chefe da revolução conseguiu os seus fins, visto que o estado da Russia é verdadeiramente miseravel. Já ali se chegou ao extremo de se comer carne humana.

Foi preciso promulgar uma lei especial para evitar êstes crimes. Pela ultima estatistica foram êste inverno condenados á morte (em virtude da fome?) 35 milhões de russos.

Todas as instituições de beneficencia criadas a favor dos russos famintos apenas podem socorrer um milhão. Não é possivel acudir a mais por falta de transportes.

Ha lugares em que os cadaveres, nos montes, são comidos pelos cães.

A onda da miseria aumenta sem cessar e está assim explicado o protesto universal contra o bolchevismo.

Ha russos que afirmam que a Russia está sofrendo para que mais nenhum povo se veja tentado a provar as belesas do comunismo. Hoje, que a Russia está na miseria, Lenine convida os capitalistas europeus a entrarem naquele paiz para o reconstruirem. O bolchevismo é um sistema politico violentamente anti-religioso. Desde o principio que vem fazendo guerra á religião.

Chegou a transformar as igrejas em salas de bailes e animatografos. Proibiu todos os actos de culto, chegando a assassinar sacerdotes.

Entretanto, o povo russo é essencialmente religioso. Alguns camponeses chegaram a ceder o seu cavalo em troca de uma biblia.

A Conferencia da Haia

Os delegados russos já se encontram instalados

HAIA, 27. — Os delegados sovieticos Litvinof, Krassinski, Sakalnikal e Pascal acham-se instalados para tomar parte na conferencia. O sr. Litvinof foi conferenciar com o presidente Patym deixando estabelecidas as bases para a organisação dos trabalhos das sub-comissões respeitantes á Russia.—(H.)

O problema da alimentação

Municipalisação das carnes

Do que se tem escrito ultimamente ácerca do modo pelo qual se efectua o fornecimento das carnes ao publico, pode concluir-se que, embora haja da parte da vereação os maiores desejos de zelar os interesses dos municipes e de os servir com vantagem superior á que lhes provém do exercicio livre da função dos marchantes, êsses desejos perdem-se na pratica do que se convencionou chamar a municipalização das carnes.

Trata-se de um serviço de industria e comercio, cuja execução livre pode realmente dar lugar a conluios com gravissimo prejuizo do consumo, quer em preço, quer em qualidade. A municipalização seria o processo de evitar êsse prejuizo publico, uma vez que o sistema fosse aplicado em toda a extensão que o significado da palavra indica. Municipalizar é transferir para a actividade do municipio a execução integral de um serviço publico. Neste caso, portanto, a compra do gado, a sua escolha, o exame sanitario devem estar a cargo da camara e por igual a seu cargo devem estar os trabalhos do matadouro, a distribuição e a venda ao publico nos talhos. Para que o sistema municipalista frutificasse, não haveria talhos de propriedade particular, não porque êles fossem expressamente proibidos, mas simplesmente porque com a isenção, a economia e a exemplar administração dos talhos municipais não poderiam êles concorrer lealmente. Se se provasse a concorrencia desleal, isto é, a existencia de talhos particulares, que, para guerrearem a municipalização, oferecessem vantagens excepcionais, perdendo temporariamente nessa guerra, a autoridade judicial se encarregaria de legitimamente os castigar.

Estamos convencidos de que a municipalização é um grande principio de direito administrativo, um meio de levantar moralmente o prestigio dos municipes e uma conquista democratica do mais alto valor social. Mas uma coisa é municipalizar, outra coisa é misturar serviços de caracter municipal com outros de caracter particular. Esta combinação está provado que não dá os resultados da municipalização propriamente dita. A carne do Porto, outrora tão gabada pelos forasteiros, é hoje, por ezes, muito ordinaria e sempre mais cara do que em outros concelhos do distrito.

O motivo dêste desastre está em que a camara não municipaliza. Encarregando-se apenas dos serviços do matadouro e condução, ela não faz a aquisição e a compra do gado directamente aos criadores ou aos negociantes da especialidade; não tem empregados de confiança que façam aquisições directas nas feiras; não está ao corrente do valor das transacções dia a dia, nem das oscilações dos preços nos mercados; não possue um organismo seu que lhe permita comprar bem por sua conta, em qualquer ponto do paiz, o gado que pretende servir ao publico portuense. Além disto, a camara não tem talhos de sua propriedade, com empregados seus e regulamentos adequados a tão complexo e dificil mister. Comprando o gado a intermediarios, ela vende a carne a carniceiros, que, por seu turno, a vendem ao publico.

Evidentemente, isto não é municipalisação. Pôdem dizer-nos que a Camara entra nos serviços da carne com os elementos que possue; que não tem, ao presente, recursos para alargar a sua acção; que os seus relações com os vendedores do gado e com os compradores da carne se conhecem com a maxima satisfação; enfim, que a sua boa vontade não póde ser posta em duvida; ao sentido de evitar os maiores abusos do regimen livre. Sinceramente crêmos na verdade de todas estas alegações. Todavia, o regimen em vigor não satisfaz. Se a municipalisação integralmente realisada, posto a vigorar em toda a latitude não é possivel, é preciso adoptar outro regimen que não é a carne mais cara nem peor do que em outros concelhos, e não provoque o estabelecimento de matadouros clandestinos como natural consequencia da má organisação actual dos serviços. Nesta organisação, um matadouro ignorado dentro de barreiras, é uma fonte abundante de lucros ilicitos e de perigos para a saude publica.

Não sendo louvavel esta semi-municipalisação; não sendo possivel municipalisar de uma forma total; o senso do extrema conveniencia meter o serviço dentro do serviço das carnes, outros processos legais ha a examinar. No primeiro dos fragmentos do Codigo Administrativo, que a republica promulgou, «Decreto de 7 de Agosto de 1913» ha o artigo 3.º que trata das atribuições das camaras municipais, e se consigna em numero de 41. O numero 10.º diz que as camaras podem deliberar sobre a municipalisação dos serviços locais; sendo, porém, esta uma atribuição vaga, expressa numa unica linha do texto, e não havendo legislação onde o principio se ache claramente elucidado, entendemos que para as camaras deliberarem sobre o assunto, teriam previamente de o definir, ou de solicitar ao respectivo ministerio disposições necessarias. E' um ponto de direito que demanda estudo.

Mas mais explicitamente, o visando o serviço municipal das carnes diz a atribuição 35.º que as camaras deliberem sobre e venda de carnes verdes, podendo estabelecer o exclusivo do seu fornecimento, ou para o darem de arrematação, ou para o fazerem de conta propria, conforme as circunstancias. O exclusivo já a camara municipal do Porto o tomou para si, exercendo-o nas condições conhecidas. Seria agora vantajoso arremata-lo? E' uma experiencia a ensaiar.

Se a concessão fôr dada pelo tempo maximo de um ano, e bem acautelados os interesses do municipio e do consumidor, mediante uma rigorosa fiscalisação hygienica e economica, — é provavel que o serviço das carnes melhore. Mas se ao fim desse ano, se verificar que não ha vantagem no exclusivo sobre a liberdade de industria e do comercio, o remedio é, no uso de tantas experiencias, voltar-mos á livre concorrencia, sob a observancia das disposições do Codigo Penal, que, enquanto, infelizmente, numa «Poço em que as suas combinações «riam providenciais».

PELO TELEGRAFO

O arcebispo de Cambrai

PARIS, 27.—O automovel em que seguia o arcebispo de Cambrai voltou-se e incendiou-se, ficando gravemente ferido o queimado o arcebispo e inteiramente carbonisado o vigario que o acompanhava.—(Lit. Am.)

Em torno do assassinio de Rathenau

BERLIM, 27.—Realisou-se nesta cidade um grande comicio a que assistiram cerca de 250 mil pessoas, de protesto contra o assassinio de Rathenau.—(Lit. Am.)

BERLIM, 27.—O governo prometeu um premio de um milhão de marcos a quem conseguisse prender os assassinos de Rathenau.

A proclamação da lei marcial estende-se a toda a Alemanha.—(Lit. Am.)

Conversam os dirigentes

LONDRES, 27.—O ministro dos estrangeiros italiano, sr. Schanzer, que ontem chegou a esta capital, sendo aguardado na estação por Lloyd George e pelo pessoal da embaixada e do consulado italiano, vai encetar conversações com varios homens politicos e economicos estreitissimos italo-inglezes.—(Lit. Am.)

A Grécia agitada

SALONICA, 27.—Uns desconhecidos atacaram ôntem de noite os postos militares gregos da linha ferroviaria de Salonica a Dedeagac, trocando viva fusilaria.—(Lit. Am.)

Falecimento dum cardeal

ROMA, 27.—Morreu o cardeal Valfré di Bonzo, antigo nuncio em Viena e actual perfeito da congregação dos religiosos. Contava 70 anos de edade.—(Lit. Am.)

Os bancos romaicos

BUDAPEST, 27.—Os Bancos romenos foram autorisados a abrir numerario nesta cidade.—(Lit. Am.)

A confederação do trabalho

NEW-YORK, 27.—Gompers foi eleito pela quarta vez presidente da confederação do trabalho americano.—(Lit. Am.)

A influencia francesa na Tunisia

TUNIS, 27.—O presidente geral chegou a esta cidade trazendo a aprovação do governo francez do conjunto de projectos de reforma de ordem economica e administrativa.—(Lit. Am).

A questão da Siberia

BERLIM, 27. — Tem-se dado sérios conflitos entre as tropas francezas e civis alemãs em Gleiwitz.—(Lat-Am).

As grandes iniciativas

LONDRES, 27.—Financeiros inglezes completaram o plano de construção do Hotel do Washington que deverá custar nove milhões de dollars. —(Lat-Am).

O filho do milionario Morgan

NEW-YORK, 26.—O filho de Pierpont Morgan casa brevemente com miss Pathemie Adams, filha dum conhecido juiz. O casamento terá logar depois de Morgan entrar nas corridas de Harvard.—(Lat.-Am.)

Fim duma gréve

CALCUTTA, 26. — Terminou a gréve do trabalhadores do mar que retomaram o trabalho sem impôr mais condições.—(Lat-Am).

Iniciou-se hontem a conferencia da Haya

Os emprestimos e os creditos á Alemanha e á Russia

Na hora presente, duas grandes questões estão para ser resolvidas, e ambas elas tocam com a situação financeira das grandes potencias da Europa: a questão das reparações, que exige a concessão dum grande emprestimo á Alemanha, e a questão da Russia, que é principalmente uma questão de creditos a conceder aos soviets.

Sem um emprestimo á Alemanha, está não pode satisfazer os seus compromissos internacionais, nem valorisar o marco (digamos que esta valorisação importa pouco a certos potentados da industria alemã, que com a depreciação da moeda do Reich tem feito enormes fortunas). Sem conceder á Russia importantes creditos, a sua reconstrução torna-se impossivel; e impossivel se torna satisfazer as naturais exigencias das potencias que pretendem recobrar as suas dividas ou as dividas dos seus nacionais e a indemnisação dos bens confiscados. E' por isso que a conferencia da Haia, terá por principal objectivo o dos creditos, que podem prejudicar completamente os outros dois — dividas da Russia, reconhecimento do direito de propriedade particular (obrigação das indemnisações).

No recente encontro Lloyd George Poincaré estas questões não deixariam de ser tratadas. Os jornais não esqueceram de citar a cordealidade da entrevista, como é natural entre dois presidentes cujas politicas oferecem tantos pontos de divergencia.

Os politicos diplomatas reservam o seu mau humor para os amigos intimos. De resto á conferencia presidiu um espirito que Lloyd George não podia destruir—o espirito da Entente que Eduardo VII criou, e que seu filho aviva quando em Genova franceses e ingleses não se entendiam.

De que tratam os dois chefes do governo? Um assunto onde a cordealidade se poderia manifestar eficazmente, e de forma a impressionar as nações que jogam com as rivalidades entre a França e a Inglaterra, seria o pacto franco-britanico. Ora um jornal afecto ao sr. Lloyd George afirmou que tal questão está muito abaixo do horizonte das coisas possiveis.

O sr. Lloyd George continua com a sua tactica de regatear, aferrado ao seu criterio de que o pacto é unilateral, simplesmente vantajoso para a França. Por isso, antes de o assinar, pretende negociar com a França relativamente ao Oriente, a Tanger, á Russia, e mesmo talvez á Alemanha (questão das reparações). Lembre-se talvez do precedente de 1904, quando se fundo a Entente: as principais questões que dividiam a Inglaterra e a França foram préviamente aplanadas.

Mas as condições agora são outras: a Entente está fundada, a solidariedade entre as duas nações cimentou-se com o sangue vertido na Flandres. A Inglaterra saiu da guerra sem preocupações (pelo menos imediatas) quanto á sua segurança, e tendo obtido compensações; a França, por defeito do tratado, nem se considera segura, nem recebeu as indemnisações que lhe foram estabelecidas. A diversidade da situação exigiria uma diversidade de tratamento que não é o que Lloyd George está seguindo, a avaliar pelas ultimas noticias relativas á questão greco-turca.

O sr. Lloyd George pretende que se envie uma especie de ultimatum aos turcos, para que eles aceitem os projectos que no dia 26 de março lhes foram apresentados como bases de negociações. A Turquia prestava-se a entrar em negociações, a Grecia não respondeu. E agora a Inglaterra deseja que a França adopte a sua maneira de ver, sob pena de deixar os gregos e turcos entregues a si mesmos, isto é, a nova guerra, se não acharem maneira de se entenderem, o que realmente parece impossivel.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

SESSÃO DIURNA

Duas sessões, hoje. Mas que trabalho de Hercules o de conseguir numero para a diurna! Hoje, o sr. Afonso de Melo, que preside, na ausencia do sr. Domingos Pereira, teve de fazer verdadeiros *tours de force* para prolongar o interregno indispensavel á chegada dos retardatarios. Mas o regimento! E' um farrapoide, do qual se não faz caso.

Mas, emfim, abriu a sessão e ela cá está a funcionar.

Aprova-se, para começar, um voto de pezar pelo falecimento do principe soberano do Monaco. E imediatamente um outro, por motivo dos assassinios do marechal Wilson e do ministro dos Estrangeiros da Alemanha, sr. Rathenau.

O sr. Hermano de Medeiros tem esta frase:

—... Em nome dos Açores, dou o meu aplauso ao voto de sentimento pela morte do principe de Monaco...

O sr. Hermano de Medeiros foi, logo, muito cumprimentado, especialmente pelo chefe do Governo.

E' de notar, a proposito, o *raid* que o sr. Antonio Maria da Silva executou sobre as bancadas da minoria liberal. A avaliar pelas fisionomias risonhas e prazenteiras, a incursão do chefe do Governo foi coroada de pleno exito. E' de crer, pois, que á tempestade parlamentar de ontem suceda um dia glorioso e criador... dos orçamentos e propostas de finanças.

O sr. Lelo Portela, que há mais de três meses enviou uma nota de interpelação ao sr. presidente do Ministerio ácerca dos crimes de 19 de Outubro, quere tratar do caso em negocio urgente. A maioria pronuncia-se contra, pela voz do sr. Almeida Ribeiro. Estabelece-se um certo sussurro. Posto á votação o negocio urgente, é rejeitado. E passa-se ao debate sobre o

PROJECTO DE LEI DE «HABEAS-CORPUS»

Inicia a discussão, na generalidade, o sr. Crispiniano da Fonseca, que defende a instituição do *Habeas-Corpus*, demonstrando a influencia benefica que êste poderá exercer nos nossos costumes nacionais. Faz referencia pormenorizada a certas disposições do projecto, o que faz prever que, na discussão sobre a especialidade, o orador apresentará emendas ou substituições.

Teriamos realmente muito desejo de acompanhar, com atenção, o debate ácerca do *Habeas-Corpus*. Mas é impossivel. O sussurro da Camara é de tal ordem, que a voz do orador não chega á tribuna, onde trabalhamos. Vê-se que o *Habeas-Corpus* não apaixona a Camara. O contrario é que seria para admirar. De resto, o debate é interrompido, para se tratar de outros assuntos.

Ainda se não sabe quais serão. Acerca disso ha discussão. Mas sejam quais forem, não nos parece que os debates de hoje mereçam mais desenvolvida referencia. Se, todavia, houver qualquer incidente, mencioná-lo-hemos á ultima hora.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Fernandes de Almeida. Acta aprovada por 28 senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Ramos Pereira requere urgencia para um projecto de lei creando uma nova epoca de exames na Escola Naval. Foi concedido.

O sr. Augusto de Vasconcelos requer a suspensão da sessão até se encontrar presente algum dos srs. ministros. Aprovado.

Reaberta a sessão com a presença dos srs. ministros da Instrução, Estrangeiros e Marinha, o sr. José Sequeira pede providencias para a crise que, em Portalegre, esta atravessando a industria corticeira devido á falta de transportes.

PRINCIPE DE MONACO

O sr. presidente propõe um voto de sentimento pela morte do grande homem de sciencia, S. A. o Principe de Monaco.

Foi aprovado por todos os lados da Camara, tendo-se associado, em nome do governo o sr. ministro dos Estrangeiros.

ORDEM DO DIA

Passando-se a segunda parte dos trabalhos, entrou em discussão o orçamento do Ministerio de Instrução, usando da palavra sobre ele os srs. Silva Barreto, Francisco José Pereira, Dias de Andrade e Augusto de Vasconcelos, o qual á hora de encerramento este extracto continua no uso da palavra.

Ainda a corrida do Kilometro

Recebemos a seguinte carta:

Sr. Director de «A Capital»:—Tendo sido publicado no jornal «O Seculo» de 23 do corrente sobre ter a de entrevista com o sr. Joaquim Maria, um reclamo a certa marca d automovel em que este sr. era designado com o 1.º premio de profissionais, enviei a este jornal a seguinte carta que não foi publicada:

«Sr. Redactor:—Sobre a prova do Kilometro chamaram-me a atenção para uma entrevista publicada no seu jornal de 23 do corrente com o sr. Joaquim Maria designando-o por 1.º premio dos profissionais. Ora dos profissionais foi o carro conduzido por mim que fez o melhor percurso, isto é, menos 10 segundos e um quinto do que o sr. J. Maria e menos 1 segundos que o sr. A. Nunes, classificado em 4.º logar.»

O seu a seu dono. Pode-se fazer o reclamo a uma marca sem depreciar quem haja feito melhor.—De v. etc. —Manuel de Sousa, chauffeur profissional.

Duqueza do Porto

A sr.ª duqueza do Porto voltou hoje a procurar o sr. presidente do ministerio, não conseguindo porém, ser recebida.

Festival maritimo

Como noticiamos prepara-se um festival maritimo que se realisará por ocasião da chegada ao Tejo dos aereos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Um dos numeros do programa dessas festas é um grande cortejo fluvial, devendo o maior numero de barcos possivel ir fora da barra aguardar o navio em que regressam á Patria.

Alto Comissario de Moçambique

E' esperado em Lisboa nos primeiros dias de agosto proximo o Alto Comissario de Moçambique sr. dr. Brito Camacho.

Afirma-se que aquele funcionario manifestará ao governo o desejo de deixar o cargo, e que na hipotese d persistir nesse proposito, o sr. dr. Alvaro de Castro será novamente instado para aceitar o Alto Comissariado.

Donativo

«A Capital» oficiou ao sr. Governador Civil, remetendo 100 escudos destinados a casas de beneficencia de Lisboa.

Em poucas linhas

O sr. dr. Rafael da Cunha Franco Avenida Presidente Wilson, 15, queixou-se contra a sua criada Maria das Dores Moreis acusando-a do lhe ter furtado duas notas de 1.000 escudos. Foi encarregado de prender a gatuna o agente Veríssimo que tambem se houve que conseguiu detê-la e não quando ela seguia hoje em um carro electrico.

—Tambem foi preso José Pinto rua Tele Moinhos 1 potes, que furtou uma porção de chumbo no valor de 58 escudos a Benjamin Coelho dos Santos rua Almirante Barroso R. S.

—Tambem foi preso José Lago Portela sem residencia que por arrombamento duma mala furtou a Genaro Martins boca da Amendoeira 6 pates varios objectos avaliados em 100$00

—A um dos calabouços do Governo Civil recolheu José Maria de Silva rua de S. Miguel 61, que furtou um relogio ao seu companheiro de casa José da Silva [illegible].

—As comissões politicas do P. R. P. do concelho de Cascais procuraram hoje o chefe do distrito afim de lhe solicitar que á frente daquele concelho continue o actual administrador o qual é acusado de exigir dos clubs e cafés e casinos maiores taxas de licenças o que não foi aceite, seguindo-se o encerramento expontaneo dos referidos casinos por parte dos seus directores.

—A comissão executiva da Camara Municipal do Barreiro foi hoje participar ao sr. Governador Civil de Lisboa que não queria mais naquele concelho o actual administrador. E, como as simpatias da Camara pelo referido administrador não são nenhumas vai da contar-lhe a gratificação que as Camaras concedem aos administradores.

—Manuel Joaquim de Almeida, preso do grupo B da cadeia do Limoeiro, que devia responder amanhã no Boa Hora acusado do crime de homicidio na sua mulher, foi hoje vitima de queda na referida cadeia, sofrendo [illegible] de uma perna. O Almeida recolheu ao hospital de S. José em estado grave e o julgamento ficou adiado.

—As comissões politicas do P. R. P. de Cintra cumprimentaram hoje o sr. Governador Civil e aproveitaram o ensejo para lhe solicitar a sua atenção sobre a concessão de uma licença para a saida de uma procissão em Belas no dia 2 de julho proximo.

O "Habeas-Corpus,,

Virá, finalmente, a ser objectivado?...

Não prevemos a sorte que está reservada ao projecto de lei do *Habeas-Corpus*, que o sr. Pedro Pita elaborou e, com habilidade, conseguiu fazer entrar em discussão na Camara dos Deputados. Não nos repugna acreditar que espiritos desempoeirados simpatisem baldados esforços para o converter em lei do paiz. Já o mesmo aconteceu no Parlamento que sucedeu á Assembléa Nacional Constituinte, embora então um outro projecto chegasse a ser aprovado na generalidade.

Ha uma força poderosa a impedir que instituição do *Habeas-Corpus* seja incluida nas nossas geringonças de leis. Os homens publicos receiam a legalidade, porque supõem que só é possivel governar com o arbitrio. Quando, por acaso, se fazem boas leis, logo se inventa o processo de as sofismar, tão inveterado está no organismo nacional o vicio do um sistema despotismo. A Liberdade, que não é nem pode ser outra coisa senão o justo equilibrio dos direitos dos cidadãos, quer governantes, quer governados, assusta os estadistas portugueses, porque, em regra, êles não encaram o Poder senão como um meio de opressão exercida sobre o fraco e o pobre em favor do forte e do rico. O *Habeas-Corpus*, dando garantias de defesa aos primeiros, hostiliza preconceitos, que são, em Portugal, a expressão mais visivel de um produto doentio de atavismos perdidos nas gerações que fundaram a nacionalidade e a consolidaram em lutas porfiadas.

A simples concepção do *Habeas-Corpus*, aplicavel á sociedade portuguesa, é, todavia, só por si, uma conquista. As aspirações de *A Capital* já, por vezes, têm sido formuladas.

Entendemos que a Republica glorificaria e dignificaria, traduzindo num facto o que, até hoje, não teio passado de uma vaga promessa da Constituição. Seguimos, atentamente, os debates parlamentares.

O sr. ministro da Instrução recebe saudações pelo «raid»

O sr. ministro de Instrução recebeu o seguinte telegrama:

VIANA DO CASTELO, 26.—O conselho da escola primaria do ensino geral n.º 2, de Viana do Castelo, apresenta a v. ex.ª as suas melhores felicitações pelo brilhante resultado do «raid» aereo Lisboa-Rio de Janeiro. Antonio Pinto Dias de Amorim.

Marinha de guerra

Não esta ainda assente se os cruzadores «Republica» e «Carvalho Araujo» acompanharão os dois aviadores na viagem que projectam a varios portos do Brasil parecendo porém que é regundo desejos [illegible] será brevemente mandado regressar ao Tejo

* * *

As novas subvenções

Uma comissão de pessoal operario da Casa da Moeda procurou hoje o sr. ministro das Finanças, a fim de tratar de interesses da classe com o das questão da nova subvenção. Foi atendida pelo chefe do gabinete, sr. Vianna de Carvalho.

* * *

Constando que as classes dos assalariados do Estado não serão atingidas pela nova subvenção a conceder ao funcionalismo publico, a comissão de melhoramentos do pessoal da Imprensa Nacional procurou hoje o sr. presidente do ministerio, para se informar da veracidade ou inexactidão do boato.

De todo o mundo

Foi detido o governador do Estado de Oklahoma, America, por se ter provado que recebeu 25.000 dollars para favorecer determinados operações de uma entidade bancaria.

* * *

Segundo um telegrama de Miami (Florida), em Nassau, ardeu o Colonial Hotel, o maior da cidade, com mais de trezentos quartos, subindo os prejuizos a mais de dois milhões de dollares.

* * *

Noticias recebidas de Wasington, dizem que durante o mês de Fevereiro, o «Shipping Board» teve um novo edificio de 3.079.459 dollars. Só os navios tanques de petroleo e gazolina deram lucro, tendo havido grande perda nos navios de carga e passageiros.

* * *

Chegou a Londres a primeira consignação do gado da Friesland, criado na Africa do Sul, tendo sido muito apreciado pelas sua ridades agricolas.

* * *

Segundo um telegrama de Cristiania o governo da Noruega submeteu ao parlamento um projecto de lei obrigando os pais a escolher um nome de familia para os filhos quando êles não lhe tiver sido dado quando nasceu. Nomes proprios não podem servir do apelidos e os pais ficam proibidos de dar aos filhos nomes que sejam de mau gosto.

* * *

A pensão de raparigas duma cidade sul-africana ficou espantada quando se tornou conhecido que uma criada indigena que tinha entrado para o serviço da pensão era ... um rapaz elegantemente vestido de mulher. Tinha entrada livre no quarto das raparigas e nenhuma delas suspeitou de que se tratava de um rapaz. Por ultimo roubou um a saia da patroa, e ao ser levado á presença do Magistrado foi condenado a um mez de prisão e mandado para a cadeia. Ali o carcereiro deu ordem para se despir afim de tomar banho, descobrindo-se então o seu sexo. Conduzido de novo ao Magistrado foi punido com mais dez vergastadas.

* * *

Em Durban uma senhora de nome Whitmash, de 36 anos de edade tomou uma porção de veneno tendo morrido no hospital. Antes de morrer declarou que tinha tomado veneno em cumprimento de uma ordem do marido e porque ele já a não amava. Pedia-lhe para abandonar uma outra mulher dizendo que se tal não fizesse tomaria veneno. «Então toma-o», foi a resposta do marido. No inquerito feito as testemunhas disseram que a suicida sofria de ataques de neurastenia.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Fui hontem visitado pelo maestro Manuel Benjamin que, aproveitando a ocasião de me vir agradecer a quasi nenhuma interferencia que tive no incidente suscitado a proposito do beneficio que lhe foi feito e que é, já, do dominio publico, me informou, ao mesmo tempo que o mesmo continua de pé e sem qualquer solução satisfatoria, com grave prejuizo seu, não só material mas até da propria saude. Fiquei, confesso, admirado, pois não se compreende que, uma festa promovida com o intuito altruista de ajudar alguem, procurando, ao mesmo tempo, fazer-lhe recuperar a vista sem a qual, todo e qualquer conforto, será sempre infimo, venha tornar mais amargurada ainda a existencia de quem se pretendeu auxiliar. Confessamos que não está certo. Manuel Benjamim, cego, doente e vivendo em precarias circunstancias, tinha ainda, nessa dolorosa situação, como todos nós, meia duzia de amigos que, materialmente, o auxiliavam, o que não impediu, como é facil de presumir, que se empenhasse. Faz-se-lhe um beneficio, sem condições previas, segundo creio, rende essa festa o melhor de perto de 20 contos de reis e a comissão, da qual fazem parte, aliás, pessoas de toda a consideração, estabelecem-lhe uma tutela e arbitram-lhe uma mezada de 450 escudos, sem cuidarem das dividas já contrahidas, da precisão de uma assistencia medica continua e da necessidade imperiosa de, a conselho do seu medico assistente ir fazer uso das Aguas de Melgaço. Continua a não estar certo. Os amigos que o julgam, senão rico, pelo menos remediado, retrahiram-se e que é natural e desta forma, eu pergunto, para que serviu afinal esse beneficio?

Até agora para lançar apenas, publicidade o que tenha sido até então, uma pobreza envergonhada e que por isso mesmo, nos deve merecer um maior respeito e consideração. Porque se não ha-de entregar o producto da festa a Manoel Benjamin se para ele é que ela foi feita? Não se procedeu assim com a grande Virginia que, seguramente, não estava em tão criticas circumstancias? Porque se ha de querer um Deus para uns e um Diabo para os outros?

ALVARO LIMA.

Noticiario

Entre nós

No dia 8 do proximo mez, estreia-se no Barreiro, seguindo dali para varias localidades do Alemtejo, a companhia Amelia Pinto, de que fazem parte, a actriz Pilar Trindade e os actores Luiz de Sousa Pinto e Januario Ruivo.

◆ Estão marcadas para a proxima 5.ª feira, as primeiras representações das novas revistas «Luz Nova» e «Revista do Praxedes», respectivamente no novo teatro Maria Victoria e teatro S. Luiz.

◆ No mesmo dia e com o penultimo espectaculo da epoca no teatro Nacional, realisa ali a sua festa anual, o estimado camaroteiro Gouveia Pinto.

◆ Começaram ja no Eden, os ensaios da peça de Schwalbach, «As duas garotas de Paris», com que será inaugurada a epoca de verão naquele teatro.

Estrangeiro

A grande actriz que, durante alguns dias esteve em Paris, incognita vai dar em Milão, uma serie de representações com a peça de Pierre Frondaie «Le Reflet», actualmente em scena no teatro Femina.

◆ O actor ilustre que é Signoret, embarcou para a America do Sul onde vai fazer uma grande «tournée» representando as melhores peças do teatro contemporaneo, entre as quais «Ceia dos Cardeais» e «Rosas de todo o anno», de Julio Dantas.

◆ O teatro do Vaudeville, de Paris, tendo sido comprado por um banco, deverá desaparecer em 1924, caso, até lá, se não chegue a qualquer acordo entre os compradores e os respectivos empresarios.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Centenario».
AVENIDA—A's 9,15—«O Conde Barão».
POLITEAMA—A's 9,30 — «Entre Giestas».

Teatro musicado

SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparote»
CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».
APOLO—A's 9,15—«A Vida».

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade
SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores
COLISEU DOS RECREIOS—A's 8,30—Animatografo e variedades.

O Petroleo

A sua producção mundial

O «American Petroleum Institut» publicou a estatistica da producção de petroleo em 1921.

Ainda que o ano tenha marcado uma profunda baixa no preço do petroleo; a producção mundial revela-se superior a 65 milhões de barris, ou seja um pouco mais de 9 por cento do que a de 1920. A America é a principal produtora, 469 milhões de barris. O Mexico vem a seguir com 195 milhões. Apesar das inundações de agua salgada, a producção mexicana aumentou 32 milhões de barris, ou seja 20 por cento, no passo que a extracção americana aumentou sómente 26 milhões, ou seja 6 por cento.

Todos os grandes paizes productores registam um acrescimo de producção, exceptuando sómente as Indias e a Polonia (Galicia). O acrescimo da Galicia é muito mais sensivel: 3 milhões contra 5 milhões de barris.

Sobre este assunto falou-se de «dificuldade de operações de sondagem» insuficiencia na exploração. A importancia dos interesses francezes empregados na industria polaca no nafte, torna esta crise actual dos petroleos galicios particularmente sensivel para os mercados francezes.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque.	4—3 15|16
» 90 dias.	—4 1|16
Paris, cheque.	4:34— 1152
Suissa, cheque.	2590— 2631
Belgica, cheque.	1083 — 1100
Italia, cheque.	637— 647
Berlim, cheque.	36— 40
Holanda, cheque.	5293— 5309
Madrid, cheque.	2114— 2148
New-York, cheque.	13745 — 1396.
Brazil, cheque.	340— 32|5
Austria, cheque.	1|2— 1 1|2
Noruega, cheque.	2272— 2308
Suecia, cheque.	3470— 3?3
Dinamarca, cheque.	29?2— 2948
Libras	6?900 — 67?00

As letras da Gloria e da Aventura

GA GO CO CA

que entram nos nomes dos heroicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, fazem tambem parte dos nomes imortais de todos os grandes navegadores e exploradores do passado

E' consolador encontar, entre todas as miserias e desanimos do presente, as heroicas revivencias ancestrais do passado, como afirmação imarcessivel da vitalidade duma raça imortal, e poder fazer um paralelo entre homens de hoje com os Gamas, os Cabrais, os Coutinhos, os Magalhães, os Zarcos, os Corte Reaes e tantos «outros em quem poder não teve a morte» e foram senhores, dominadores dos oceanos de lenda e de traição.

Gago Coutinho e Sacadura Cabral erguendo as azas pandas, proximamente no mesmo local donde abalaram as naus á descoberta da India, eram, naquela madrugada da partida, uma visão do passado, a reencarnação do Gama, clamando á multidão estupefacta, como a Basilica de «La Nove»: «Noro temere. Ho transportato meco d'otremaro una follia non mai vedutta sopra le acque». Os nomes dos dois intrepidos navegadores do ceu, que mais uma vez levantam o nome de Portugal, até junto do clarão das estrelas, por designio do destino, teem como fermento de gloria e heroicidade, quatro silabas comuns aos nomes dos nossos maiores descobridores e exploradores. São elas: Ga Go Ca Co, que, como facilmente se verifica, se encontram tambem nos nomes de Vasco da Gama, que traçou a rota maritima para a India; de Pedro Alvares Cabral, que descobriu o Brasil; de Fernão de Magalhãis, que deu, pela primeira vez, a volta ao mundo; de Diogo Cam, descobridor do Congo e do rio Zaire onde assentou um padrão; de Gonçalves Zarco, que descobriu a Madeira; de Gonçalo Velho Cabral, que descobriu as ilhas de S. Miguel, e Santa Maria dos Açores; de Gaspar Corte Real, que percorreu a terra do Lavrador e chegou ao rio das Malvas, á ilha dos Bacalhaus e do Caramelo; de Pedro de Mascarenhas, descobridor da ilha da Reunião; de Duarte Coelho, que foi pela primeira vez á Conchinchina; de D. João de Castro, que visitou os portos do mar Vermelho; de Ruy Pereira Coutinho, descobridor da costa ocidental de Madagascar; de Lourenço de Almeida, descobridor das ilhas Maldivas; de Gonçalo da Silveira, que penetrou a Africa de Inhambane até Olongue, Cuama, Quelimane, Gilôa e Zambeze; de Correia Monteiro, Pedro Gamito, Hermenegildo Capelo, Henrique de Carvalho, Antonio Maria Cardoso, Vitor Cordon, exploradores da Africa Central; de Pedro Escobar, que descobriu o cabo de Santa Catarina; de Diogo de Azambuja, descobridor da Guiné; de Pero da Covilhã, que chegou a Aden em demanda do Preste João das Indias.

Ainda poderiamos citar Duarte Pacheco, Gaspar da Cruz, e alguns mais.

E para terminar lembremos ainda o nome de Camões, cantor das nossas glorias maritimas.

Os recentes tumultos nos Estados Unidos

PARIS, 26.—O correspondente do New-York-Herald em Chicago diz que os incidentes provocados pelos grevistas perto de Marion foram muito serios. Os mineiros que continuavam trabalhando, foram reunidos aos grupos de 4 e 6 e os grevistas mandaram-lhes que corressem e ao obedecer dispararam as espingardas contra eles e deram-lhes a morte. Outros foram atados fortemente e atirados ao lago. Muitos foram enforcados. Por ultimo os grevistas fizeram saltar com dinamite as oficinas e todos os utensilios das minas.—(Lat-Am)

SPORT

A União Portugueza de Foot-ball e o Campeonato de Portugal

Um protesto do Sporting Club de Portugal

A falta de senso comum, a mira na ganancia, indesculpavel tratando-se de amadores, a indisciplina enorme devida á falta de força moral dos dirigentes do «sport», deu em resultado o espectaculo vergonhoso que se viu na «bela» do campeonato nacional de «foot-ball».

A forma «arte nova» de dois encontros um em Lisboa e outro no Porto, a que se seguiu o desempate tambem no Porto, quando este se devia ter disputado em campo neutro, em Aveiro ou mesmo Coimbra, a ideia infeliz, de fazer arbitrar o «match» por um portuense, quando era publico e notorio que se preparava recepção pouco amigavel ao «team» lisboeta, de tudo isto a «União» não fez caso.

Corria a massa era o essencial...

* * *

Um grupo de mal intencionados fez correr no Porto, que em Lisboa o «team» portuense fôra mal recebido. A imprensa fez eco desta fabula, e formou-se um ambiente de «revanche» que transformou o campo de jogos, num «batuque» africano.

Para que nos não acusem de exagero vamos dar a opinião de alguns colegas nossos.

Assim o «Diario de Noticias», diz:

O campeão de Lisboa apresentou um protesto á União Portuguesa de Foot-Ball requerendo a anulação do desafio. Fundamenta-o com a depressão moral resultante da franca e tumultuosa hostilidade do publico assistente. Não aceita que propositadamente se provoque, insulte e ameace um grupo que se apresenta em campo para jogar, cumprindo um dever desportivo. E estranha, com razão, que para arbitrar um jogo de tanta responsabilidade se escolha um individuo que, sendo portuense, não podia subtrair-se a uma certa influencia do meio.

O nosso collega «Os Sports» referindo-se ao arbitro afirma que:

A arbitragem de Neves Eugenio foi abaixo de toda a critica.

Marcou «off-sides» imaginarios e não apitou os que se deram.

Marcou «penalties» em circunstancias muito para discutir e deu em todo o encontro provas manifestas da sua incompetencia.

A 2.ª bola do Porto, nitidamente off-side e por ele validada, viciou em absoluto o resultado.

Estamos crentes que com arbitros desta natureza, dificilmente o foot ball progredirá entre nós, pois todas as fuigranças e deslealdades são permitidas, aliadas a decisões que as regras inglesas nunca supuzeram nem previram.

O correspondente no Porto dum jornal de Lisboa, que é portuense, é o proprio que confirma o caso dizendo que:

O jogo decorre movimentado e energico entre ditos e chufas de espirituosos que ali assentaram arraiais e que, com a sua má compreensão teem contribuido para o estado latente de indisciplina que se vem notando.

E comenta que:

creaturas que desconhecem a proverbial hospitalidade do povo portuense, e sem que o queiram, talvez, deitam por terra, em poucos momentos, o trabalho arduo e penoso de muitos anos de luta em prol do engrandecimento do sport.

* * *

O nosso amigo dr. Salazar Carreira que foi representar o «Sporting Club Portugal», descreve o que viu da seguinte forma:

A primeira palavra com que me mimosearam no Porto foi: «malandrecos» —o que é uma verdadeira amabilidade, comparado com o que posteriormente nos dedicaram; a Torres Pereira que, com sua esposa, seguia a meu lado ameaçaram da gentalha: «Deixa estar..., que não perdes com a demora».

Desde este momento apenas ouvi insultos quando só ou em pequeno grupo passava por grande aglomerado, a coragem da desafronta, se é que esse era o desejo dos insultadores portuenses, tem fraco nivel na cidade do Porto.

Foi assim que, indo eu com Jorge Vieira e João Crespo aos correios enviar alguns telegramas, fomos avisados por um rapaz de Lisboa residente no Porto e que se nos disse socio do Benfica, de que ouvira um grupo formular ameaças a Jorge dizendo que ele era um dos que haviam de pagar estas ameaças, porém, não passaram de bons propositos, talvez porque estavamos juntos e sempre eramos quatro. Limitaram-se os fedelhos, daqueles que se desmancham com um soco, a chamar-nos alfacinhas, não compreendendo que isso era um epiteto honroso pois assim nos distinguiam dos da sua laia.

E depois ao entrar o «team» de Lisboa no campo dos jogos Carreira descreve:

Os assobios, a pateada, as chufas que nos acolheram nesse momento são um facto inconcebivel; creio nelas porque as ouvi, e ainda bem, para poder afirmar bem alto aos muitos amigos que tenho na minha terra que numa cidade de Portugal fomos recebidos como inimigos, peor do que como estrangeiros, pelo crime grave de haver vencido em Lisboa e de sportivamente ser superior a uma gente que não sabe perder e que transborda de vaidade balofa e ambição desmedida.

Se o Sporting houvesse ganho no Porto, afirmo que os seus jogadores haveriam sido vitimas de agressões graves e ninguem pode medir até onde haveriam chegado os acontecimentos posteriores.

Como se vê houve o proposito do vexame.

A bela cidade do Porto não é responsavel pelo que se passou, mas o facto é, que na tarde do campeonato se perdeu o que se tinha feito sem tanto exito, durante anos.

* * *

O que fará a «União Portugueza de Foot-ball», perante a reclamação do club do sul?

E' o que resta saber, mas o que é facto incontestavel é que o «Sporting» foi batido, sem que se saiba se pelo seu adversario, se pelo publico.

RUY DA CUNHA

Liga de Aviação Civil de Portugal

A reunião que esta Liga havia anunciado para a passada sexta feira ficou transferida por motivo de força maior para o dia 3 de julho, pelas 20 horas, na Associação dos Caixeiros de Lisboa, rua Antonio Maria Cardoso, 20.

TAUROMAQUIA

Algés

Na proxima segunda-feira ha em Algés um atraente divertimento promovido pela Associação de Classe dos Vendedores de Produtos Agricolas e Horticolas, tomando parte na festa, muito naturalmente, elementos desses meios. Assim, toureará a cavalo Bento Magala e serão espadas Luiz Amaral e Alberto dos Condes. Tambem toureará a cavalo, por deferencia para com os promotores, o conhecido e apreciado amador José Casimiro Gomes.

Ha grande numero de bandarilheiros, dois grupos de forcados, um grupo de campinos, uma troupe de «Charlot's» taurinos e um combate de «box». Outros atractivos se preparam, que tornarão a festa uma boa tarde de gargalhada e diversão para o publico e para os despretenciosos e improvisados amadores, que garantem rivalisar em arrojo e boa vontade.

Banco de Moçambique

A antiga casa bancaria de Lourenço Marques denominada Empreza Internacional de Comercio, Ltd., resolveu que a mesma Empreza se passasse a denominar Banco de Moçambique e aumentasse o seu capital para 2:000,00 $.

São directores do novo Banco, os accionistas srs. Luciano Inacio Felix e José Joaquim Bragança Gil.

N. R. P. REPUBLICA

Fernando Noronha 24.5.22

Ex.mos Srs. Directores da Sociedade Industrial de Chocolates

Profundamente reconhecidos agradecemos a V.as Ex.as as suas felicitações [illegible] e a gentileza da sua lembrança. Os deliciosos chocolates da S I C a bordo [illegible] foram muito apreciados e [illegible] sempre [illegible] [illegible] quando em viagem [illegible]

De V.as Ex.as At.os Ob.os

Gago Coutinho
Arthur de Sacadura Cabral

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

O Pastor da Palhoça

por Julio Cesar Machado

Effectivamente, uma manhã, antes da hora em que a multidão afluia, João viu avançar para o lado do seu quadro uma senhora vestida de preto; não pôde distinguir-lhe a cara; ao principio, mas um pedacinho do pescoço, alvo de neve, que brilhava entre a cabeça e a abinha do chapeu, fez-lhe logo reconhecer com aquela segurança de olhar que o habito faculta aos pintores.

Era realmente ela; o luto que trazia tornava mais saliente ainda a sua alvura e, moldurado no negrume do chapeu, o seu perfil fino e puro tinha a transparencia do marmore.

Perturbou, êsse luto, o ex-pastor.

— Quem lhe morreria? O pai, a mãe... ou porventura estará ela livre? disse entre si, no mais secreto cantinho da sua alma.

A paisagem exposta pelo moço artista representava exactamente o logar desenhado pela dama e para o qual se haviam disposto em atitude êle, o Fiel e os carneiros. João, por um pensamento de religião e de amor, escolhera para assunto do seu primeiro quadro o sitio em que recebera a revelação da pintura. O declive relvoso, as arvores da encosta, os torrões vermelhos entremeando o verde manto de herva, as piteiras do valado, o descarnado tronco de um carvalho atravessado do raio, tudo estava de escrupulosa exactidão. João encostara-se ao cajado, com ar scismatico, o Fiel aos pés e na posição que a dama do album lhe indicara.

Ficou por muito tempo essa senhora contemplando o quadro, examinando-o atentamente, recuando e aproximando-se, para julgar os efeitos. Uma ideia a preocupava. Abriu o folheto e procurou o numero da tela, o nome do pintor e o assunto do seu trabalho. O nome era-lhe desconhecido; o folheto não resava mais que esta palavra: «Paisagem». Depois, como ferida de uma reminiscencia luminosa, ela disse alguma coisa em voz baixa á velha criatura, decerto aia, que a acompanhava.

Depois de haver olhado ainda para alguns quadros, com uma vista distraida e fatigada, saiu.

João, levado de um poder feiticeiro e receando perder ocasião tão propicia, seguiu de longe a dama e viu-a subir para a carruagem. Atirar comsigo num tivoli e dizer ao cocheiro que não perdesse de vista a carruagem azul de libré branca, foi caso de um minuto.

O cocheiro fustigou energicamente os tisicos cavalos e seguiu na pista do trem.

A carruagem entrou na rua de Santa Izabel, numa casa de boa aparencia. O portão fechou-se logo, depois e tudo serviu de indicio de ser ali que morava a dama.

Saber uma pessoa a rua e residencia do seu ideal, é já de si uma posição excelente e não me parece pouco, nem ao leitor tambem, poder dizer um homem: «O meu sonho mora em tal quarteirão da rua tal», ou ainda: «no andar tal» ou ainda mais: «do lado tal». Com tanto como isto, com menos talvez, Lovelace ou D. Juan haveriam levado por diante uma aventura cheia de lances galantes. Restava a João saber o nome da dama dos seus pensamentos, fazer-se apresentar em sua casa e conseguir que ela o distinguisse e o amasse, três pequeninas dificuldades, que não deixavam de causar embaraço ao ex-pastor da Palhoça.

Veiu felizmente o acaso em seu auxilio e o meio que procurava por si mesmo se ofereceu. Certa manhã, um pequeno que lhe fazia os recados entregou-lhe uma carta que havia levado á Academia um criado de libré: carta que exalava um perfume que obrigou o rapaz a contorsões e dilatações de nariz, como se estivesse a cheirar um raminho de flores.

Pela letra elegante e fina não podia deixar de se conhecer mão de senhora e de senhora bem educada, que não dispunha só da ortografia do coração, mas tambem... da outra.

A carta dizia assim:

«Acabo de ver na exposição da Academia um lindo quadro seu. Teria o maior gosto em o possuir na minha pequenina galeria, mas receio chegar tarde já. Se êsse quadro lhe pertence ainda, queira ter a bondade de me prometer que não o venderá a alguem e de o mandar, assim que a exposição termine, á rua de Santa Izabel, n.º... As suas condições serão as minhas. — *A. Rio Belo*.»

A rua e o numero concordavam exactamente com a casa para onde João tinha visto a carruagem entrar. Essa senhora Rio Belo era, pois a fidalga do lapis doirado, que lhe dera a libra com que êle comprara as primeiras folhas de papel e de quem êle guardava preciosamente uma gota de sangue no seu lenço de riscado!

João foi a casa da senhora D. Adelaide Rio Belo e estabeleceram-se entre êles relações frequentes. O espirito ingenuo e leal, entusiasta e sensato ao mesmo tempo de João, a quem chamaremos assim até ao fim desta historia para não divulgar um nome tornado celebre, agradava infinitamente a Adelaide, que não reconhecera no artista o pastor que lhe servira de modelo.

Todavia, desde a primeira visita, tivera uma reminiscencia vaga de haver visto algures aquela fisionomia. Não quiz dizer-lhe que tambem desenhava, para não se dar ares de ter pressa em tornar conhecido o seu talento. Uma noite, sucedeu falar-se de pintura e Adelaide declarou o que João sabia já que havia feito alguns desenhos, simples esboços, ou *esquiços* como os pintores lhes chamam, mas que por não os considerar dignos de tal honra evitara sempre mostrar-lhos.

Poz o album sobre a mesa, voltando as folhas mais ou menos rapidamente, conforme considerava os desenhos dignos ou indignos de exame.

Quando chegou ao sitio em que estavam representados João e o seu rebanho, disse ela ao pintor:

— E' pouco mais ou menos o mesmo sitio que figurou no seu quadro, que comprei para ver realizado o que eu tentara fazer. E' singular semelhante encontro! Pois passou alguma vez pela Palhoça?

— Passei sim; estive por lá uns tempos!

— E' um lugar que não tem de bom senão os pontos de vista, mas êsses são admiraveis. Ora, já que tirei o meu album, por sua causa, não se ha de ficar rindo: aqui tem uma pagina em branco, esboce ahi qualquer coisa!

João desenhou a charneca onde Adelaide caira do cavalo, representando a amazona estirada por terra e um pastorinho a refrescar-lhe as fontes com um lenço molhado em agua.

— Que coincidencia! exclamou a senhora de Rio Belo. Cahi de um cavalo num sitio exactamente como êsse, mas não havia testemunhas dêsse caso, senão um pastorinho a quem vagamente entrevi no meu desmaio e que não encontrei nunca mais. Quem foi que lhe contou isto?

— E' que sou eu mesmo o João, êsse João pastor de quem se está lembrando. Olhe para o lenço que enxugou o sangue que lhe corria da fronte, onde ainda estou vendo a cicatriz da ferida sob a forma de uma imperceptivel arranhadura branca!

Adelaide estendeu a mão ao pastor, que lhe imprimiu nos dedos um beijo respeitoso e terno; depois com voz comovida e tremula, contou-lhe toda a sua vida, as vagas aspirações que o perturbavam, os seus sonhos, os seus esforços, o seu amor emfim, uma vez que estava vendo claramente na sua alma, e que, se de principio amara em Adelaide a musa, agora amava a mulher.

Que mais lhe direi? Não é dificil de adivinhar o fim desta historia e bem sabem que ajustámos não haver surpreza nem catastrofe. João teve a felicidade rara de casar com o seu ideal e viver com o seu sonho, sem se manchar em uniões vulgares. Gastava [illegible] po e fez-se um grande pintor de paisagem; amava uma [illegible] casou com ela. Feliz mancebo! Bem tinham razão os novelleiros do principio dêste seculo, quando terminavam as conceituosas aventuras dos seus herois por esta frase edificante: — Que coisa ha, que um amor [illegible] e uma [illegible] de não consiga?!

FIM

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4116-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 — LISBOA — Quarta-feira, 28 de Junho de 1922 — Telefone n. 2293 — Endereço: CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Perguntas insoluveis de toda a especie:

Poderá a ilustre vereação mandar varrer as ruas de Lisboa?

O parlamento e a carestia da vida

A todo o momento, na imprensa, em associações de classe, por essas ruas, nos lares familiares, em toda a parte, emfim, se ouve falar na carestia da vida. O flagelo alastra de norte a sul, e a todos punge, com excepção apenas duma minoria que não só frue todos os gosos da existencia, como ainda ultraja com a sua opulencia a miseria dos outros. Só ha um logar onde não se fala nunca na carestia da vida que afflige toda a nação. Esse logar é o Parlamento, onde realisa as suas sessões a representação nacional.

O clamor cá fora é constante, e progride numa escala assustadora. Os que hontem eram remediados são hoje pobres. No espaço de alguns mezes rendimentos ou honorarios que se presumiram suficientes para garantir a existencia manifestam-se insuficientes. Antigamente contava-se por dezenas de mil reis; hoje conta-se por milhares de escudos. A unidade é o conto. E essa unidade ha milhões de portuguezes que a não possuem.

Tudo se queixa, tudo reclama. Só loucos é que não preveem a catastrofe. E dir-se-ia que do paiz inteiro sae um brado aflitivo, impetrando medidas de salvação. Só o Parlamento é que não ouve a voz do paiz, ele que deveria estar sempre atento a essa voz, porque é esse o seu principal dever.

Para os representantes da nação não ha carestia da vida. Somos levados a acreditar que os deputados e senadores não teem dificuldades de existencia. Nas suas casas não existe a agonia. Não sofrem privações de nenhuma especie.

E, todavia, não será certo que os parlamentares portuguezes ganham uma diminuta quantia?

E' certo. Os parlamentares ganham pouco. Muitos teem a familia a sustentar. E o que ganham como membros do Parlamento é relativamente uma insignificancia. Dir-se-hia que nestas condições levantariam um protesto clamoroso contra a asfixia social que se esboça. Mas nada! Os proventos dos parlamentares são milagrosos. Vivem do maná do céo, como os judeus de Moysés caminhando para a Terra da Promissão.

Seja, porem, qual fôr a explicação deste extranho fenomeno, a verdade é que o Parlamento continua silencioso sobre o custo da vida. Não é porque ignore que ha pobreza. Não é porque não saiba que ha miseria.

Ainda outro dia foi dado em Lisboa um bodo a 12.000 indigentes, o que, como então acentuámos, corresponde a outras tantas familias, com 36.000 necessitados pelo menos. E por esse paiz fora! Quantos sofrimentos, quantas privações, quantos horrores! A fome dentro em breve dizimará um povo inteiro, porque só os ricos poderão sustentar-se. E o Parlamento portuguez não se preocupa com nenhum destes terriveis aspectos. Dir-se-hia que acha tudo natural, que está convencido de que a elasticidade do organismo social é infinita. Pois não ha em Portugal questão mais grave do que esta. Esta é a grande, quasi diriamos a unica questão. Se ela se atenuar, todas as outras se atenuarão tambem. Se se agravar a catastrofe será inevitavel.

Talvez então os parlamentares reconheçam que a vida se torna impossivel para todos.

Um copo de "ginger-beer,,

Que leva um milionario para um mundo melhor

LONDRES, 28. — A policia averiguou que o milionario americano que foi encontrado morto no Hotel Metropole foi victima dum engano tendo bebido um copo de veneno por «ginger-beer». — (R.)

DEFINIÇÕES

O projecto de lei do sr. Agatão Lança

O que nos diz um leitor de «A Capital», em discordancia com o nosso artigo de ontem

A carta que abaixo publicamos contradiz a doutrina exposta no numero de ontem dêste jornal. Diremos ámanhã o que nos fôr sugerido pela leitura do artigo do nosso eventual colaborador.

Sr. redactor: — Consinta-me esta declaração prévia, antes das ligeiras considerações que me proponho fazer ao seu artigo, ácerca do projecto de lei, apresentado na Camara dos Deputados pelo sr. Agatão Lança, tendente a abreviar o julgamento dos incriminados no movimento sedicioso de 19. Sou, em principio, meio e fim, contra todas as leis e tribunais de excepção. E sou contrario a todas as arbitrariedades e violencias legais, não só porque toda a violencia me repugna, mas tambem porque, na verdade, as chamadas *leis de excepção* só merecem essa designação por serem, de facto, de excepção para os amigos e de aplicação para os adversarios. De resto, os codigos têm suficiente materia para que se faça uma regular distribuição de justiça. O caso é que não falte espirito justiceiro. Posto isto, permita-me tambem, sr. redactor, que manifeste esta sincera opinião: não somos só nós, v. e eu, os unicos mortais que temos da justiça semelhante noção.

Eu creio que o valoroso oficial de marinha, que, na sua qualidade de deputado, apresentou o referido projecto de lei, apesar de todo o seu horror pelos atentados de 19 e do seu legitimo interesse sentimental em ver punidos rigorosamente os criminosos, nunca pensou em restabelecer o tribunal do Santo Oficio, em Lisboa, com auto de *fé* e tudo. Faço essa justiça a um homem que não é apenas moço na idade, mas que tem demonstrado *por palavras e obras* a concordancia do seu espirito com o desanuviado da época.

O que eu vejo, o que viu o ilustre deputado, o que vimos todos nós e até v. não se recusa a ver, é que no caso da liquidação de responsabilidades dessa tragedia, a justiça continua a ter aquele andamento de caranguejo que é sobejamente conhecido. E' o caso: as pessoas de bem, que, por circunstancias independentes da sua vontade, têm de recorrer á justiça perdem o tempo, o feitio, a paciencia e o dinheiro. Os patifes vivem regaladamente, antegozando uma como que impunidade. O castigo, quando vem, é tarde e a más horas. Ora, emquanto o pau vai e vem folgam os criminosos.

Como, pois, evitar as delongas neste e noutros processos? A unica maneira é desdobrar, multiplicar os agentes de distribuição de justiça, que são os juizes, exercendo as suas funções não bucolicamente, como nos tempos primitivos, á sombra de arvores seculares, mas nos tribunais.

Acontece que v., sr. redactor, parece esquecer que, para a função da justiça como para o resultado de uma soma, é indiferente a ordem das parcelas, a junção ou desdobramento de quaisquer delas. Só assim se compreende a furia legalista com que v. ataca o projecto do sr. Agatão Lança, que, diga-se de passagem, me não deu procuração para o defender.

O que a Constituição da Republica dispõe, e dispõe muito bem, é que os incriminados respondam perante autoridades competentes. E autoridades competentes são todos os juizes no exercicio das suas funções. A Constituição não fixou, nem podia fixar, o que seria tolice, o numero de tribunais. Haver mais ou menos é uma questão de caracter administrativo, orçamental. São autoridades competentes para julgar e sentenciar nos tribunais comuns os juizes, nos especiais as autoridades investidas, pela lei, dessas funções. Assim funcionam as capitanias dos portos, os tribunais de arbitros avindouros, os tribunais de acidentes no trabalho, os tribunais de marinha, os tribunais de guerra, exercendo normalmente a sua função.

Ha tribunais, mesmo numa grande cidade como Lisboa, que têm processos a menos; outros ha que os têm a mais. Quasi mil instaurados em cada novo ano. Dahi haver, pelo menos, tantos sequiosos de justiça, como os do Alviela, quando o sol cae a pino sobre a cidade de Ulisses.

E' evidente que a maneira de dessedentar tanta sêde de justiça era desdobrar os tribunais, onde a acumulação de processos o justificasse. Por exemplo, as acções comerciais. Como ha apenas um tribunal da especialidade, êsses processos arrastam-se, anos e anos, com satisfação e gaudio dos *traficantes* e em prejuizo do comercio honesto e serio.

Que especie de agravo haveria para a Constituição, para o sagrado principio da justiça, se, em vez de um, funcionassem dois tribunais do comercio: um oriental, outro ocidental? Se em nada fosse alterada a norma do processo e a letra da lei a aplicar, no seu desdobramento, só haveria vantagem para todos, menos, é claro, para quem teme o rigor da lei e, diante da fatalidade do castigo, espera sofrer-lhe o mais tarde possivel as consequencias.

Manda ainda a Lei Fundamental da Republica que ninguem deve ser julgado por lei que não exista á data do delicto. Ora, como o projecto em questão não alvitra materia em contrario á Constituição, creio-me dispensado de me referir a êsse ponto.

Preguntará v. agora: não tendo procuração para defender o autor do projecto, porque bulas vem você com esta carta? Corresponder ao seu apêlo. Desejo que os processos sigam de pressa; quero, como o sr. Agatão Lança que os criminosos de 19 sejam julgados urgentemente e não sabe como remediar o mal. Pondere, tranquilize os sobresaltos da sua consciencia por excesso de amor á Constituição, e verá que o unico processo é aquele. Oxalá o Parlamento votasse com aquela uma outra lei: Sempre que um tribunal tivesse um determinado numero de processos, e a acumulação embarace o serviço da justiça, o desdobramento seria obrigatorio.

Com os meus agradecimentos. — *Um leitor.*

O jogo em Cascais

Lê-se numa correspondencia de Cascais:

«Ainda não está resolvida a questão do jogo neste concelho.

Como em alguns jornais tivesse aparecido uma local referente a uma provavel demissão do sr. João Antonio de Araujo do cargo de administrador deste concelho, por motivo de um conflito com o juiz sr. Bessa, as comissões politicas do Partido Republicano Português reuniram-se e resolveram dar o seu apoio ao sr. Araujo, bem como protestar contra a dita local que classificam de insidiosa. O conflito do jogo, como acima dizemos, ainda não está resolvido, mas informou-nos pessoa de toda a confiança ser muito natural que o jogo reabra, após um entendimento seguro sobre o assunto fixando-se uma determinada verba a pagar pelos casinos que será em parte para a assistencia municipal e o restante para melhoramentos concelhios de maior urgencia. Cremos não andar muito longe da verdade dando esta noticia em primeira mão».

Como se vê trata-se da coisa mais natural do mundo e o correspondente expõe-as com uma candida simplicidade. Supunhamos nós que o jogo estava severamente proibido e até perseguido com rigor. Pelo visto era engano. E' cousa corrente e normal.

Decerto o jogo devia ser regulamentado. Muitas vezes aqui temos defendido este caso mas o que é verdade é que por enquanto ainda o não está, circonstancia está que dá que pensar coisas tristes a quem leia o extracto acima citado. Está ou não está proibido o jogo? A esse respeito não ha duas opiniões? Como se explica então a notavel simplicidade de que está revestida a possibilidade do jogo em Cascais?

A defeza aeria de Inglaterra

Mais dez esquadrilhas creadas pela comissão imperial

LONDRES, 28. — A comissão de defeza imperial decidiu aumentar em mais dez esquadrilhas as forças aerias inglezas. — (R.)

A batuta omnipotente

Direcção dos trabalhos na Camara dos Deputados

O sr. Afonso de Melo, ex-centrista e actual liberal, é positivamente «the right man» para a circunstancia. A forma como o ilustre estadista dirige os trabalhos da Camara dos Deputados é modelar, — sob o ponto de vista democratico. Quem tal diria! Os correligionarios liberais do sr. Afonso de Melo devem sentir-se realmente orgulhosos do homem precioso que tão escrupulosamente ajusta ás ações politicas de momento os integros principios da «O'nião».

Na ausencia do sr. Domingos Pereira, o sr. Afonso de Melo preside ás sessões da Camara dos Deputados. Cremos que tambem o faz por não estar presente o sr. Alberto Vidal. Ora o sr. Afonso de Melo, cuja função não está legalmente dependente do proprio arbitrio, não quer saber das historias consagradas no regimento da Camara. Se ha numero, ha sessão; mas se não ha numero, ha tambem sessão. E para se arranjar numero, o sr. Afonso de Melo recorre até ao expediente de mandar atrazar o relogio da sala das sessões, o que, devemos confessar, é positivamente um cumulo!

Não é possivel descortinar quais são as esporas que o exministro do Estado pretende conquistar com tão flagrantes violações da legalidade. E tambem não é facil de desvendar o atomo de prestigio que a elasticidade do criterio politico do sr. Afonso de Melo venha a acrescentar á «O'nião». Mas é justo dizer que o actual regente do Sol-e-Dó da Representação Nacional tem demonstrado um «entrain» verdadeiramente original.

A Associação dos Medicos Alemães

vai celebrar o centenario da sua fundação

A notavel Associação dos Naturalistas e Medicos alemães tenciona celebrar o centenario da sua fundação nos dias 18 a 24 de Setembro do ano corrente, em Leipzig, não fazendo o governo alemão convites a estrangeiros por se tratar duma festa organisada por uma corporação scientifica particular.

Entre outras, haverá conferencias pelos professores Einstein, Schlick, Bier, Lexer, Meisenheimer, Ostwald, Johannsen, de Copenhague, Spiro, de Bâle, etc., sobre a teoria da relatividade, cirurgia de reconstrução, transmissão hereditaria, efeitos electrolyticos no organismo, etc.

O explorador Sven Hedin fará uma conferencia sobre o planalto do Tibet e seus habitantes.

Dando conta da comunicação do sr. ministro da Alemanha chamamos a atenção dos interessados para este centenario em que se tratarão assuntos de interesse geral e scientifico, dignos de toda a consideração.

O credito dos 3 milhões

O termo do prazo

Termina no dia 30 do corrente mez (sexta-feira proxima), pela 1 hora da tarde, o prazo para a entrega dos pedidos dos varios interessados que desejem utilisar-se da parte do credito destinada pelo Governo aos particulares.

Nos termos do decreto n.º 8.172, de 3 deste mez, os referidos pedidos deverão ser feitos em triplicado e serão acompanhados de carta de garantia dos bancos ou banqueiros, egualmente em triplicado.

Todos estes documentos deverão ser entregues na Direcção Geral do Comercio e Industria — Secretaria da Comissão de Importação de Mercadorias Inglezas, edificio da Repartição da Propriedade Industrial, onde todos os dias uteis das 11 da manhã ás 5 da tarde, serão dadas quaesquer informações sobre este assunto e bem assim fornecidos os necessarios impressos.

A mixordia a que Lisboa chama leite vai aumentar de preço

E' a miseria imposta e reclamada a toda a população pobre da cidade

No canto mais sumido de todos os jornais de Lisboa apareceu esta manhã a seguinte local:

«Por um oficio da Associação dos Agricultores do Distrito de Lisboa, enviado á Associação dos Proprietarios de Vacarias, sabemos que os produtores vão aumentar o preço do leite nas areas de Algés, Amadora, Paiã, Caneças, Loures, Apelação, Camarate e Sacavem, ou seja na maior parte das regiões que servem a capital.

Os proprietarios das vacarias e leitarias reunem-se ámanhã, ás 9 horas da noite, para apreciar o referido oficio.»

Ninguem se importou com isto. Ninguem leu isto. Ha cavalheiros que vão apreciar o referido oficio e dizer meia duzia de palavras inuteis. Ninguem ouvirá coisa alguma, ninguem fará a menor referencia — e uma destas manhãs a infecta mixordia que se vende por ahi com o nome de leite aparecerá a dez tostões o litro.

E, entretanto, prepara-se o atentado mais vil, mais miseravel que pode fazer-se a toda a população de Lisboa, que sofre e pena num inenarravel sofrer e penar. E prepara-se no meio da indiferença daqueles que têm o sagrado dever de velar por estas coisas. O leite, como o café, como o pão, é a base da alimentação da população pobre de Lisboa. Ninguem o ignora. Tudo que na cidade vem para a rua trabalhar logo nas primeiras horas de luz, faz a sua refeição de café com leite e um bocado de pão. Vivem ás crianças do leite, os valetudinarios, os enfermos, os velhos, os pobres sobretudo. Mas ha organismos que não contentes em tirar a pele a tudo quanto é miseravel e necessitado, pretendem ainda beber-lhes o sangue.

O pão que nós comemos é um pão politico, amassado com todos os interesses inconfessaveis que pode inventar a cupidez dos poderosos. O leite que Lisboa bebe e que impudentemente vai agora subir de preço, todos sabem que é a mais hedionda falsificação, o mais perverso veneno que se pode dar a milhares de criaturas. Distribue-se êsse veneno ás escancaras, sem pudor de especie alguma, sem fiscalização, sem policia, sem multa, sem vigilancia. As transgressões não se provam nem se efectivam, as multas não se pagam e nenhum laboratorio quimico de Lisboa, — nenhum! — poderá afirmar que o leite contido na primeira bilha que se encontrar no caminho é puro e limpo de toda a mistura.

Toda a gente sabe isto, toda a gente se cala, toda a gente será irremediavelmente obrigada a esportular pelo veneno mais uns tantos réis que lhe vão ser impostos. Não pode ser; não deve ser. Se a população de Lisboa guerrear o leite, se o não comprar mais, se reduzir ao minimo o consumo dêle, terá tudo a lucrar. E' uma mistela a menos que terá de engulir e não irá arredondar mais os ventres dos negociantes de leite que exploram a cidade como se ela fosse uma roça.

Não abandonaremos esta questão. Antes, pelo contrario, provaremos com numeros, com dados de toda a especie que o leite que se vende em Lisboa é nauseabundamente falsificado, que a fiscalização a que está sujeito é um simples simulacro de uma fiscalização vergonhosa, que todas as multas impostas se não pagam, que ha entendimentos de toda a especie para fazer prosperar êste criminoso negocio, que a impudencia dos vendedores não tem limites e que de dia para dia se vai carregando numa população que se não queixa e que se exprime numa imensa multidão de miseraveis, ignobilmente, para enriquecer ainda mais quem já está rico á custa de todas as lagrimas e de todos os sacrificios de uma cidade trabalhadora e pobre.

Não procuramos chamar a atenção das autoridades. As autoridades estão neste momento a fazer frases sobre a raça e sobre os destinos da raça; não têm tempo para se ocupar destas minudencias e é infinitamente mais pratico parolar inepcias do que pôr côbro a insolencias. Mas procuraremos fazer-nos ouvir de todos aqueles para quem a situação se torna cada vez mais insustentavel, de todos aqueles que estão fartos, fartissimos, arqui-fartos de frases e de projectos e que querem realidades.

Torna-se vergonhoso que todos estejamos á mercê de sindicatos, á mercê de senhores de muito comida. Basta de expoliação e basta de impudencia. Para que meia duzia de previlegiados atirem dinheiro pelas janelas fora, para que uma duzia de ventres trilhem o nosso paiz como terra conquistada, a miseria vai subindo. E' hoje uma coisa sem nome e sem calculo. Os miseraveis tambem são gente!

E um dia chegará em que os miseraveis falem! Está proximo êsse dia. Podem exigir-se, devem exigir-se sacrificios. Mas não se admitirão nunca ladroeiras. Quem porventura imaginar que se pode pressurar uma cidade até aos extremos limites, engana-se. Quem quizer ver o que vai por ahi, não tem que descer o Chiado ou subir a Avenida, não tem que parar nas etalagens das *vitrines* onde um mundo de madamas sem fosforo e sem idéias atira ás mancheias, como um escarro, como um insulto, o esforço e a pobreza de milhões de miseraveis. Não! Mas irá ás alfurjas, ás baiucas desta pobrissima cidade, onde se chora, onde se grita, onde se urra pela vergonhosa codea de pão intragavel, onde as crianças morrem de mingua porque são alimentadas com êsse inconfessavel leite a que se pretende agora aumentar o preço. Os falladores, os pardeiros como se enganam! Tambem se enganou assim, durante alguns seculos, um bando de marqueses. Depois, um dia, êsse irreprimivel grito de miseria, transbordou, ecoou, veiu á superficie a lagrima imensa dos desherdados. Os marqueses passeavam a sua insolencia. E sucedeu que êsse grito, que já se não podia conter, encontrou um marquês que passeava proximo de um candieiro. Um homem trouxe uma corda. *Sauté, marquis!*

A admiravel instituição da lanterna! As coisas não melhoraram, mas os marqueses, por um tempo, emagreceram...

O Imperador do Annam

Pasma para as delicias de Paris e é cumprimentado pela multidão

PARIS, 28. — O imperador do Annam assistiu ao «grand prix», chegando a Longchamps em «landau» de gala com o principe herdeiro, o ministro das Colonias e o governador geral da Indo China. Foi muito aclamado pelo publico elegante que pejava o recinto da pesagem.

Kai Dinh tomou logar na tribuna oficial ao lado do presidente da Republica e só abandonou o hipodromo depois da ultima corrida, sendo novamente muito aclamado.

A noite foi á Opera assistir á representação do «Fausto». A entrada do imperador e do principe, acompanhados pelos srs. Alberto Sarraut, Mauricio Long e varias altas personalidades da Indo China foi saudada pela Marselheza ouvida de pé por toda a assistencia.

Na segunda feira ás 10 horas da manhã teve logar em Nogent-sur-Marne uma comovente cerimonia. Kai Dinh foi recebido á porta do jardim colonial pelo sr. Gordon o qual pouco depois pronunciou um eloquente discurso glorificando o papel dos soldados vindos da Asia para combater e morrer em defesa da França.

Kai Dinh agradeceu em termos calorosos e depois depôz, com grande recolhimento, na base do monumento comemorativo dos soldados coloniais uma palma ornamentada com fitas das côres anamitas e francesas.

O imperador entregou a seguir a varias senhoras enfermeiras a cruz vermelha, organisando-se um cortejo que entre alas de atiradores se dirigia para o Pagode construido em memoria dos anamitas mortos durante a guerra.

O imperador entrou no templo e, segundo os ritos da sua religião, prestou homenagem aos manes dos defuntos queimando perfumes e consagrando oferendas. — (Lst. Am.)

PARIS, 28. — Alguns oficiaes que faziam parte do sequito do imperador do Annam estiveram no Ministerio dos Estrangeiros onde entregaram os presentes do imperador para o presidente do conselho e sua esposa e consistiam em dois magnificos vasos em prata lavrada e cinzelada e um cofre com riquissimas sêdas bordadas. — (L).

Porque falharam as negociações do Convenio

O QUE OFERECIAM OS DELEGADOS PORTUGUEZES E O QUE OFERECIA A UNIÃO

As exigencias da União, expressas pelo general Smuts, iam além do que era licito aceitar com dignidade.

Segundo declarações categoricas feitas pelo sr. ministro das Colonias, na Camara dos Deputados, pretendia a União Sul-Africana que se fizesse uma união dos caminhos de ferro da chamada zona de competencia do porto de Lourenço Marques, com os nossos recursos e porto, creando-se uma administração autonoma, cuja maioria pertencesse á União.

Num memorial enviado pelo general Smuts ao alto comissario portuguez, no qual estipulava a creação do referido conselho autonomo, estabelecia-se que se contrairiam emprestimos para todas as obras necessarias nos caminhos de ferro, tanto nacionaes, como da União, «sob a sua directa administração», e ao porto de Lourenço Marques, suportando os dois paizes os emprestimos, segundo as obras efectuadas nas duas colonias.

Mais dispunha que a convenção durasse 50 anos e, quanto á mão de obra e questões comerciaes, que ficassem para depois serem resolvidas.

Os delegados portuguezes apresentaram uma contra-proposta, pela qual Moçambique se comprometia a realisar todas as obras necessarias, tanto nas linhas ferreas, como no porto, para satisfazer cabalmente ás necessidades do trafego da União, e, ao mesmo tempo, concedia-se ainda o fornecimento de mão de obra ao sul do paralelo 22 graus.

Não quiz o general Smuts aceitar a contra-proposta, apesar dos termos conciliatorios em que era formulada.

Restava aos delegados portuguezes fazer o que verdadeiros portuguezes sempre fizeram, em defeza dos interesses da sua Patria. — Retirarem-se, trazendo, como bons lacedemonios e espartanos, o escudo e a espada do Direito e da Justiça, que comsigo haviam levado.

Percebia-se bem que, para Smuts, o ponto essencial era a tal comissão ou conselho autonomo, «com maioria sua e a mandar em nossa casa!

Não podia ser!

Smuts esqueceu-se de que, depois da guerra, as circunstancias internacionaes se modificaram consideravelmente e o direito da força deixou de prevalecer sobre a força do Direito.

O Pacto da Sociedade das Nações que Portugal e a Gran-Bretanha assignaram, foi tambem assignado pela Africa do Sul, representada pelos generaes Botha e Smuts.

Os tres Estados, membros natos da Sociedade das Nações, ali declararam, pelo artigo 1.º:

— Aceitar certa obrigação de não recorrer á guerra; e manter francas relações internacionaes fundadas na justiça e na honra.

— Observar rigorosamente as prescripções do Direito internacional, tido ora ávante como regra de proceder efectivo dos governos;

— Estabelecer o predominio da justiça e respeitar escrupulosamente todas as obrigações dos tratados nas relações reciprocas dos povos organisados.

Sendo assim não deve ser esquecido que, pelo tratado de 1891, celebrado entre Portugal e a Gran-Bretanha, dentro da qual fica a Africa do Sul, foram definidos os direitos e obrigações reciprocas, em toda a Africa Central e Austral. Demais, vigora, presentemente, entre as duas potencias, ao norte de Moçambique e ao sul de Benguela, o tratado luso-germanico de 1886. Acima de tudo está porem, o estatuto da Sociedade das Nações, que realisou a consagração absoluta do Direito Internacional.

Em tais condições, as imposições de Smuts não podiam deixar de ser consideradas, além de descabidas, verdadeiramente insustentaveis.

Temos, é certo, uma grande obra a realisar em Moçambique e é preciso que a realisemos, com perseverança: A nossa principal empreza tem de ser a fixação e civilisação do indigena, o rapido estabelecimento de colonos portuguezes nas regiões salubres e intensa exploração das riquezas naturais e de algumas industrias no districto de Moçambique, na Zambezia, em Inhambane, em Gaza e em Lourenço Marques.

Com isso se não compadece a livre entrada e circulação dos productos do Transvaal em Moçambique e dos productos de Moçambique no Transvaal; é preferivel, pois, que apenas se adopte um regimen de favores reciprocos para determinadas mercadorias, como foi praticamente possivel. Quanto aos pagamentos aos nossos trabalhadores, é natural que sejam feitos em ouro, para dahi tirar algum proveito a nossa colonia, como era da essencia do «modus vivendi» e das convenções anteriores.

Perante a atitude irreductivel dos representantes da União Sul-Africana, os delegados de Portugal tinham um só caminho a seguir:

Retiram-se.

O comercio dos Estados Unidos da America

O que foi o seu movimento no ano de 1921

Os Estados Unidos tiveram durante a guerra uma prosperidade comercial extraordinaria. As compras dos Aliados e dos paizes extra europeus, que não se podiam suprir, como dantes, na Europa aumentaram a exportação, a balança comercial tornou-se extremamente favoravel, as grandes potencias europeias venderam os seus titulos para pagar as dividas, mas depois tiveram de enviar ouro.

O afluxo de ouro foi sem precedentes, e os Estados Unidos passaram de paiz devedor, que era, a paiz credor.

Em 1920 os Estados Unidos compraram mais do que anos anteriores, mas em 1921 a exportação diminuiu como a importação; houve uma redução de cerca de cincoenta por cento e o saldo mercantil ficou muito menor.

O aparelhamento para uma produção maior não pôde, portanto, funcionar, e isto acarretou uma crise no comercio exterior que afectou afinal, toda a economia da grande nação.

A balança comercial mais favoravel foi a de 1919, mas o comercio de 1920 foi muito mais amplo.

O retrahimento do comercio exterior dos Estados Unidos é em grande parte devido á baixa de preço dos produtos exportados e importados.

A deflação contribuiu para esse resultado.

A quantidade diminuiu muito menos do que o valor. Segundo os calculos, no ano de 1920, o conjunto da exportação e da importação foi de cerca de libras peso 250,000.000.000, e em 1921 de 200,000.000.000 libras peso, ou uma redução de 20 por cento, emquanto a redução de valor foi de 49 por cento.

As exportações, sobre o valor, diminuiram em quasi todas as classes. As exportações de algodão bruto foram de 5 % maiores em quantidade do que em 1921, mas o seu valor foi consideravelmente menor, tendo sido sómente de 534 milhões de dolars contra 1.136 milhões em 1923.

Esta enorme diferença compreende-se quando se compare o preço medio do algodão em rama exportado em 1920 e 1921. Em 1920 a cotação era de 35 7 centavos por libra e em 1921 de 16 centavos. Essa diferença nos preços cifra-se por um total de cerca de 600 milhões de dolars na diminuição das exportações em 1921, ou cerca de um decimo da perda total.

A exportação do oleo mineral em 1921 foi um pouco menor do que no ano precedente, mas foi muito maior a redução em valor.

Houve um afrouxamento de mais de 9 % no numero de galões expedidos para fóra, tendo sido as remessas de 2.797.000.000 de galões em 1921, contra galões 3.098.000.000 em 1920. A diminuição no valor foi, entretanto de 30 %, pois passou o total, de 339.357.212 dolars em 1920, a 281.224 541 dolars, em 1921.

A exportação de objectos manufacturados, prontos para o consumo ou para novo uso em manufacturo, constituiu mais de 35 % do total das exportações em 1921, emquanto que a proporção em relação ao valor total de todas as exportações dos Estados Unidos era de 50 %.

Em 1920, entretanto, o valor dessa categoria de exportações foi mais do dobro de 1921.

As materias alimentares em estado bruto ou em parte manufaturadas, foram representadas num terço total de todas as expedições para o exterior em 1921 emquanto que em 1920 constituiram só mente um quarto do total mas para os mercadas estrangeiros o movimento foi consideravelmente menor em 1921 do que em 1920.

Em valor as exportações para o ultimo periodo foram somente de 70 o|o das exportações do ano precedente.

As exportações de materias brutas para usos industriais figuram com 20 o|o no total das exportações de 1 92 contra 23 o|o em 1920.

Um terço total das importações dos Estados Unidos nos dois anos de 1920 e 1921 consistiu em materias brutas, para transformação pelas manufaturas locais. Em generos alimenticios, brutos ou em parte manufaturados, as importações em 1921 foram somente de 27 o|o do total das importações, emquanto que em 1920 representaram mais de um terço. O valor desta categorias de importações foi, em 1920, 30 o|o maior do que em 1921. Nos objectos manufaturados, prontos para um novo trabalho fabril, as importações atingiram a 38 o|o do total de todas as importações, emquanto que em 1920 formaram um pouco mais de 30 o|o.

Para os paizes europeus as exportações de 1921 foram somente de 54 o|o do valor total, para os mesmos paizes, em 1920 e foram menos da metade de 1919. A baixa foi notavel para a França, a Italia, a Belgica.

Houve, entretanto, aumento de valor para a Alemanha, aumento que se eleva a cerca de 40 o|o em relação ao ano precedente e a mais de 750 o|o em comparação com 1919. Uma larga redução aparece para o valor das exportações para a America do Sul, com uma só excepção, aliás bem modesta, a da Guyana Franceza.

As exportações para a Argentina e o Brasil foram reduzidas.

O Mexico apresenta um consideravel aumento no valor das mercadorias que recebeu dos Estados Unidos não somente em relação a 1920 mas tambem em relação a 1919.

As importações dos principais paises do mundo para os Estados Unidos, na maior parte dos casos, mostraram uma importante diminuição em relação ao ano precedente. As importações alemãs foram avaliadas em 15 o|o de menos do que em 1920 e as de Inglaterra representaram sómente 40 o|o do valor das importações nos Estados Unidos.

As exportações para os mercados da Asia, da Africa e da Oceania, foram reduzidas em 1921 mas a sua depressão foi menos acentuada.

A baixa para a China foi de 24 o|o e para o Japão as remessas diminuiram de 40 o|o.

As importações de prata não foram tão grandes como nos tres anos precedentes, mas esse periodo posto do lado de 1921 é ainda um «record», tendo sido de 68.243,000 dollars contra 88,060 em 1920.

Os dois terços de prata importada em 1921, ou 41.250,000 dollars, procediam do Mexico. As exportações de prata elevaram-se a 51.575,000 dollars contra 113,616,000 em 1920. Oitenta por cento das exportações destinaram-se ao Extremo Oriente e á Inglaterra, sendo naturalmente as deste ultimo paiz transportadas para as Indias.

O ano de 1921 foi de crise: todos os valores baixaram no comercio de todos os paizes. Entretanto, convém fixar os seus dados para apanhar no seu movimento as repercussões que possam interessar-nos, e as condições de natureza permanente.

Academia de Amadores de Musica

A audição dos alunos das classes de violino, piano e canto coral, que ontem se realizou, foi mais uma brilhante demonstração do valor desta util e antiga instituição artistica.

Depois de umas breves palavras do coronel sr. Patacho pela direcção, Tomás Borba pelo corpo docente e Alvaro Barata pelos alunos, foram executados os numeros do programa, manifestando os seus executantes o melhor aproveitamento, alguns havendo que, pela forma como se houveram, revelaram aptidões de futuros artistas como tantos outros que daquela Academia têm saido.

Em violino, destacaram-se as meninas Maria da Luz Antunes, Natalia Pissarro Gouveia e Valentina Capela de Oliveira e os srs. Leone Couto de Almeida, Joaquim Andrade Batalha Ribeiro, Manuel Mergulhão Junior e Julio Vicente Ribeiro. No piano, destacaram-se as meninas Isaura Mergulhão e Maria José Spencer. Os coros foram muito correctos e harmoniosos, produzindo a melhor impressão no publico escolhido, que enchia por completo o vasto salão e salas anexas.

Os alunos de violino ofereceram ao seu professor sr. Ivo Cunha e Silva uma eloquente mensagem artisticamente encerrada numa pasta com encrostações em prata, sendo muito cumprimentado e aplaudido por toda a assistencia, que igualmente se manifestou e aplaudiu os professores srs. Tomás Borba, D. Sarah de Sousa e D. Cecilia Borba.

Com esta audição, encerraram-se as aulas dêste ano escolar, começando os exames no proximo dia 3 de Julho.

Albergue das Crianças Abandonadas

Festas do aniversario

Correram com muito entusiasmo as festas do domingo ultimo. Receberam-se varios donativos, entre eles um de 50$00 de um bemfeitor para comemorar a data do falecimento dum filho querido.

Um outro bemfeitor inscreveu um filhinho como socio, cuja quota remiu com 100$00. A direcção da banda da Concentração além do seu concurso artistico deu o donativo de 11$55 Inscreveram-se socios muitos outros bemfeitores.

O ilustre encarregado dos negocios do Brazil em Portugal dr. Bellord Ramos, foi uma das pessoas que no domingo visitou esta casa de caridade tecendo os melhores elogios á sua direcção.

Domingo proximo é o ultimo dia de festas este ano no Albergue das Crianças Abandonadas; continuando mais tarde na Boa Vista, quando for inaugurado o pavilhão destinado ao Sanatorio.

Para o dia 2 de Julho conta a comissão com os seguintes atractivos: Banda da Academia Filarmonica «Verdi», Tuna do Club Recreativo Musical 6 de Setembro de 1903, kermesse, tombola, e á noite espectaculo variado no elegante teatrinho do Albergue e á meia noite lindo fogo de artificio no jardim.

A direcção do Albergue espera que o sr. ministro do Trabalho visite no proximo domingo aquele estabelecimento.

A situação irlandeza

O que se diz no Parlamento inglez...

LONDRES, 28.—No debate de hontem na camara dos Comuns sobre a situação da Irlanda e o assassinio do marechal Wilson o sr. Churchill comunicou que o governo provisorio tinha sido avisado de que agora apoiado como estava pela grande maioria do povo irlandez devia imediatamente dissolver o exercito republicano rebelde e mandar evacuar os quatro tribunaes de Dublin que estavam em poder dos rebeldes, tomar as medidas mais energicas contra os crimes de assassinio e prender os assassinos e que se isto não fosse cumprido o tratado seria dado como não existente. —(Lat. Am.)

... E o que se faz na verde Erin

DUBLIN, 28.—As tropas do estado livre da Irlanda prenderam o comandante Henderson dos irregulares irlandezes que ocupam os quatro tribunaes de Dublin mas estes ripostaram prendendo e conservando como refens o tenente-general O'Connel chefe do estado maior das forças regulares irlandezas.—(Lat. Am.)

"Diario dos Açores"

Comemorando a chegada ao Rio de Janeiro dos heroicos aviadores portuguezes, o «Diario dos Açores», que é o jornal de maior tiragem no arquipelago e aquele em que o progresso açoreano encontra o mais desvelado e fervoroso propulsionador, publicou um numero a côres, brilhantemente colaborado, que honra a industria grafica das ilhas adjacentes.

A situação desesperada da Austria

Sucedem-se as gréves por toda a parte sem solução de continuidade

VIENA, 28.—As gréves sucedem-se umas ás outras. Foi resolvida a gréve dos caminhos de ferro, a dos telegrafos e a dos telefones mas declarou-se a gréve dos carros electricos. Os empregados dos carros electricos tinham dado plenos poderes a uma comissão para tratar com a municipalidade mas a meio das negociações discordaram com o comité e declararam-se em gréve. O governo deseja que eles retomem o trabalho sem condições. O governo prometeu aos funcionarios publicos promulgar já uma lei na qual se estabeleça que os vencimentos dos funcionarios variam conforme o custo da vida.—(R.)

Um desejo dos alunos do 5.º ano dos Liceus

Os alunos da quinta classe dos Liceus de Lisboa que, por via de média obtida, foram admitidos a exame:

Considerando que são os ultimos alunos abrangidos pela antiga reforma; considerando que já deram durante o ano, manifestas provas da sua aplicação; considerando a disparidade existente entre a antiga e nova reforma; considerando a improfiquidade dos exames, exprimem, por este meio, o seu veemente desejo de que seja quanto antes, submetido á discussão e, consequentemente, aprovado um projecto da autoria do deputado sr. Angelo Sampaio Maia, tendente a dispensar, este ano, os alunos internos do exame de quinta classe.

O desenlace dum grande film de aventuras

Ficou hoje satisfeita a curiosidade do publico. A estreia do ultimo episodio da colossal pelicula «Nas garras do Dragão», não só chamou uma selecta concorrencia ao Salão Central como despertou o maior entusiasmo. Sabiamos que o 12.º episodio, intitulado «Retribuição» era esperado com enorme anciedade, mas o que não pensamos é que o interesse por assistir á sua exibição tivesse fóros de verdadeira apoteose.

Poucas vezes se tem visto em animatografos uma tão colossal enchente!

E não ficará por aqui, pois que já são poucos os bilhetes que restam para a função desta noite

PELO TELEGRAFO

Ainda o Banco da China

PARIS 28. — No conselho de ministros, o ministro das Finanças, mr. Lasteyrie, expoz as linhas gerais do relatorio da comissão encarregada de dar o parecer ácerca da reconstituição do Banco Industrial da China. As conclusões do relatorio foram aprovadas pelo conselho.—(Lat. Am.)

A compra de dominios rurais

PARIS 28. — Foi assinada pelo presidente da republica a lei que concede ás municipalidades facilidades para acquisição de dominios rurais com o fim de os dividir em pequenos lotes e tornar possivel aos trabalhadores aspirarem á propriedade. — (Lat. Am.)

A profissão de enfermagem

PARIS 28. — Foi publicado um decreto que regula o exercicio de profissão de enfermagem. Institue um conselho de aperfeiçoamento e obriga os candidatos a um exame para obterem o respectivo diploma. — (Lat. Am.)

O principe de Monaco

PARIS 28. — O principe herdeiro do principiado de Monaco, coronel Grimaldi, adido ao estado maior do general Le Rond, na Alta Silecia, foi promovido a general de brigada. — Lat. Am.)

A Alemanha republicana

Assiste ao funeral de Rathenau

BERLIM, 28.—Todos os habitantes da cidade assistiram ao funeral de Rathenau que foi imponentissimo. As casas comerciais fecharam. O caixão coberto com a bandeira do ministerio dos estrangeiros era conduzido numa carreta de artilharia. Centenares de deputações acompanharam o prestito funebre. A familia de Rathenau, entre a qual se via sua velha mãe, foi despedir-se do corpo acompanhada do chanceler á galeria Imperial. A' saida do funeral a orchestra da Opera tocou magistralmente uma marcha funebre.

Ebert discursou, agradecendo em nome da Alemanha os serviços prestados por Rathenau á Patria e enaltecendo as suas qualidades eminentes que o fizeram abandonar os seus interesses particulares para se dedicar ao salvamento da Alemanha.

Em seguida foi o corpo encerrado em jazigo de familia, tendo-o acompanhado até ali sua mãe que era conduzida pelo presidente Ebert.—(Lat. Am.)

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

SESSÃO DIURNA

A sessão abre pouco depois das 15 horas, sob a presidencia do dr. Domingos Pereira e com 51 legisladores presentes.

Na bancada governamental está presente o sr. ministro da Justiça.

No expediente foram lidos os seguintes telegramas:

Rogo a V. Ex.ª para ilucidar a Camara dos Deputados que eu e os oficiais presos estamos incriminados sem culpa formada segundo o art.º 81 § 1.º do Codigo Militar. Sendo o crime de coligação militar com revolução o motivo da nossa prisão, o que é absurdo, como disse na sessão de ontem o sr. presidente do ministerio, protestamos perante o Parlamento sobre tamanho desprezo pela lei. (a) Coronel Coelho.

Em oposição á afirmação do Presidente do Ministerio, declaro que a grande maioria dos oficiais presos estão incriminados na coligação militar que exige reclusão, prisão fechada. Outras incriminações permitem o goso de liberdade até ao julgamento. Estamos presos ha 22 dias em virtude de incriminação com a revolução. Isto é absurdo e talvez feito para nos vexar. (a) Coronel Nobre da Veiga.

O «HABEAS CORPUS»

Prosegue a discussão na generalidade do projecto de lei ácerca do «Habeas-Corpus». O sr. Crispiniano da Fonseca continua o discurso iniciado na sessão anterior.

O orador discorda da orientação geral do projecto em discussão, referindo-se ligeiramente a um outro projecto apresentado á Assembleia Nacional Constituinte, expondo a opinião de que os dois projectos foram elaborados com muita infelicidade.

Restringindo a analise ao projecto que está em discussão, o orador salienta, especialmente, que as garantias dadas aos peticionarios não lhe parecem suficientes, visto que tornam a concessão de «habeas-corpus» dependente do criterio dos escrivães.

Manifesta-se contrario á contagem de emolumentos e salarios judiciais nos processos de «habeas-corpus», preferindo que se substituissem pelo imposto.

O orador é contrario á prisão por simples suspeitas. Termina fazendo votos para que a Camara estude cautelosamente o projecto em discussão e o não converta em lei senão depois de ficar assegurado que o principio do habeas-corpus não virá a converter-se, na pratica, em elemento de anarquia para a sociedade portugueza.

Segue-se no uso da palavra o sr. Lelo Portela. Não nos é possivel segui-lo nas suas considerações, porque o ilustre deputado discursa muito longe de nós. Apenas compreendemos que o sr. deputado Lelo Portela aproveita a ocasião para se referir aos oficiais deportados para os Açores, censurando o Governo por um acto que julga arbitrario.

A maioria é que parece não gostar disso. Ha protestos. Reclama-se que o orador seja chamado á ordem. O sr. presidente da Camara adverte o orador que vai entrar-se, dentro de minutos, na ordem do dia. Se o orador quer ficar com a palavra reservada...

Ouvem-se protestos da maioria. Grita-se:

—Era o que faltava...

E dão-se alguns murros nas carteiras.

Mas o orador não se perturba. Agora ataca o partido democratico.

Trava-se dialogo com invectivas mutuas. O sr. Hermano de Medeiros dá um tremendo murro na carteira e o sr. Artur Brandão grita:

—Não querem ouvir as verdades.

Os srs. Manuel Fragoso e Carlos Pereira interrompem o sr. Lelo Portela. Ha tumulto. Mas como désse a hora o orador senta-se ficando com a palavra reservada.

A moralidade que se pode tirar da excitação denunciada na parte da sessão que acabamos de extratar, pode ser esta: a minoria liberal pelo menos uma parte dela, acentua a sua oposição ao Governo. Não surpreende de ninguem isso, porque toda a gente sabe, aproxima-se a discussão parlamentar das propostas de finanças.

Entra-se na

ORDEM DO DIA

Que é a discussão e votação das emendas do Senado aos orçamentos já aprovados na Camara dos Deputados.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio tendo como secretarios os srs. Fernandes d'Almeida e Ramos Pereira. Acta aprovada por 26 senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Raimundo Meira requer que o projecto de lei 1170, aprovado na sessão passada baixe á comissão de redacção do Senado para fazer rectificações. Foi aprovado.

Foram enviados para a meza os orçamentos dos ministerios dos Estrangeiros, Agricultura, Serviços Autonomos Florestais e Administração Autónoma dos Correios e Telegrafos.

ORÇAMENTO DO MINISTERIO DO INTERIOR

Inicia-se a discussão do orçamento do ministerio do Interior, usando da palavra sobre ele os srs. Medeiros Franco, Pais Gomes e ministro do Interior, continuando este ultimo no uso da palavra.

E' provavel que este orçamento fique hoje mesmo aprovado.

Amanhã ha sessão.

Um furto de 1.800 contos

Ao que se diz não tem fundamento á noticia publicada em alguns jornais da manhã de hoje de que a policia de investigação está procedendo a averiguações sobre um furto na importancia de 1.800 contos.

A subvenção á policia

Não é verdade conforme referem os jornais da manhã que a policia civica tenha sido incluida na subvenção a dar aos funcionarios do Estado.

Nas estações oficiais esqueceram-se dos guardas civicos, esses leais servidores do Estado.

A «gaffe» está sendo agora reparada pelo sr. governador civil de Lisboa.

Alfandega de Lisboa

Uma comissão de adventicios da Alfandega de Lisboa, acompanhada do director geral das Alfandegas sr. Manuel dos Santos, conferenciou com o sr. ministro das Finanças sobre interesses de classe.

OS FERRO-VIARIOS

Uma comissão de ferroviarios da Companhia Nacional procurou o sr. ministro do Comercio para tratar da forma de ser melhorada a situação economica daquela classe. A comissão foi atendida pelo chefe do gabinete, coronel sr. Ramos da Costa.

Um celeiro que vae ser uma escola

O tenente-coronel sr. Tavares de Carvalho esteve hoje na Direcção Geral de Assistencia, tratando da cedencia de um celeiro da Misericordia da Cunha, concelho de Aldegalega, á junta daquela freguesia, para ser adaptado a uma escola de ensino primario geral.

Um atropelamento

Ao fim da tarde de hoje na Praça dos Restauradores foi colhido por um automovel guiado pelo conhecido «Sportman» sr. Sebastião Teles, uma criança de 8 anos que seguia acompanhada do pai.

A pequena cuja identidade é por enquanto desconhecida foi conduzida ao hospital de Santa Marta em perigo de vida.

O sr. Sebastião Teles recolheu ao Governo Civil parecendo não ter culpa alguma no desastre o que foi confirmado pelo pai do atropelado.

Dr. Costa Cabral

O sr. dr. Costa Cabral, director geral do ensino secundario, que parte depois de ámanhã para Fornos de Algodres, no gozo de licença, fica substituido pelo chefe de repartição, sr. dr. Sousa Coutinho Junior

Ministro da Instrução

O sr. ministro da Instrução acompanhado do seu secretario sr. Avelino Ribeiro, visitou hoje os liceus Passos Manuel e Pedro Nunes

Em poucas linhas

Foi preso Antonio Martins rua de S. Paulo, 40, 1.º, que, pelo processo do conto do vigario, tentou burlar o sr. José dos Santos rua Morais Soares, 15, cave, exigindo-lhe uma medalha de ouro no valor de 200 escudos.

A firma comercial Marques Nunes, com estabelecimento na rua Augusta 199 e 203, apresentou queixa na policia contra um tal Armando Cruz, rua de S. Nicolau, 23, 3.º, que tendo feito encomenda de artigos no valor de 156 escudos no referido estabelecimento, ficou de posse dêsses artigos, recusando-se depois a pagar e desaparecendo.

Foram detidos Carlos da Silva, rua do Vale de Santo Antonio, 85, 2.º e Mariana Alexandrina Rodrigues rua do Arco da Graça, 1, 1.º, que furtaram objectos de ouro e prata, no valor de 466 escudos, a Artur da Silva, rua da Bela Vista á Graça, 72.

Os larapios assaltaram o quintal da residencia do sr. Antonio Ferreira, no Campo Grande, 71, donde furtaram objectos avaliados em 100 escudos.

Os gatunos furtaram da taberna de Antonio Valente, rua Morais Soares 162 uma mala de mão, contendo a quantia de 900 escudos, dois aneis de ouro com brilhantes, um revolver, uma corrente de ouro com medalha e uma bolsa, tudo no valor de 3.000 escudos.

Um individuo, que andava espreitando, entrou em casa de Maria de Jesus Rodrigues e, na ausencia da locataria furtou dali objectos no valor de 80 escudos.

Maria Nazareth Pousada, rua Bernardim Ribeiro, 42, 1.º, apresentou queixa na policia contra Clemente José Ribeiro, travessa de Campo de Ourique, 2, 1.º, acusando-o de lhe ter furtado um fato de fazenda no valor de 120 escudos.

Augusto de Almeida, rua do Paraiso, 18, 2.º, queixou-se contra os seus hospedes Carlos Sequeira e Maria Ribeiro Cordeiro, que, na sua ausencia, lhe furtaram uma corrente de ouro e um alfinete de brilhantes no valor de 235 escudos.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Anunciam-se pára ámanhã, duas novas revistas que iniciam a epoca de verão dos teatros de Lisboa. Ambas de autores consagrados, se alguma não fôr adiada o que, á força de costume, é muito provavel, o critico de qualquer jornal vê-se em serios embaraços para saber a qual delas deverá dar a preferencia. Compreendo, embora a não admita, a concorrencia entre empresarios cuidando do seu comercio e relegando a um segundo plano a parte artistica desse mesmo comercio. Mas quanto a mim, é aos autores a quem eu faço a justiça de supôr que apreciam o seu trabalho sob este segundo aspecto que competia empregar o melhor dos seus esforços, no sentido de acabar de vez com um facto que, justificadamente, não merece a simpatia do publico que, tendo predileção especial pela «revista», não admite a possibilidade de perder uma dessas primeiras representações. A propria disposição de espirito se modifica, ao ter que escolher o espectaculo. Que nem todos teem a filosofia de, como eu, deixar á sorte o indicar-me a primeira peça a que devo assistir, declaração que faço para que se não possa supor que tenho preferencias especiais por A. ou B.

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

No Coliseu dos Recreios deve estrear-se nos primeiros dias da segunda quinzena do proximo mez de julho uma companhia de opereta italiana.

● Consta tambem que o aplaudido tenor Tito Schippa virá dar naquela sala de espectaculos uma serie de concertos.

● Retirando inesperadamente para Paris teve a amabilidade de nos deixar um cartão de despedida, que agradecemos, a actriz Cinira Polonio.

● O 8.º quadro de «A revista de Praxedes» cuja primeira representação está marcada para amanhã no S. Luiz tem a seguinte distribuição:

Tradição portuguesa— Antonia Mendes. Outras tradições—Antonio Ramos e Dulce de Almeida. Gemo— Viriato Lima. Praxedes—Sebastião Ribeiro.

A apoteose final tem tres fases que se intitulam: Na fabrica, no mar e no campo.

Retirada dum grande actor

MADRID, 27.— O grande actor Fernando Diaz de Mendosa que se encontra em Almeria convalescendo de uma grave enfermidade comunicou a alguns amigos intimos a sua intenção de não voltar á scena.—(R.).

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«O Condenado».
AVENIDA—A's 9,15 — «A Maluquinha de Arroios».
POLITEAMA — A's 9,30 — «Azas quebradas».—Variedades.

Teatro musicado

SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Piparotes»
CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».
APOLO—A's 9,15—«A Vida».

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade
SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores
COLISEU DOS RECREIOS—A's 8,30—Animatografo e variedades.

Padrões da Grande Guerra

Os Padrões do Touring-Club de France

Reune-se hoje sob a presidencia do sr. Coronel Sá Cardoso e Comissão Executiva dos Padrões da Grande Guerra na Rua do Comercio n.º 56, a fim de tomar importantes resoluções de caracter administrativo, acerca da propaganda a continuar para aumentar os fundos da subscrição e para responder ao Touring-Club de France, que coloca á disposição de Portugal alguns dos Padrões a erguer no antigo sector defendido na Flandres Franceza pelas nossas tropas.

OS PROBLEMAS DA ALIMENTAÇÃO

O consumo e a produção do arroz

NÃO SE SABE O QUE PRODUZ PORTUAL DESTE GENERO ALIMENTICIO, CUJA PROCURA É CADA VEZ MAIOR

Este genero alimenticio tão popular, tão querido das mesas ricas e pobres, tem hoje entre nós um consumo muito menor do que antes da guerra, não porque o seu valor sápido ou nutritivo tenha diminuido, mas tão só porque o seu preço aumentou dez a quinze vezes.

Em 1213, importaram-se para consumo do paiz 30,697 toneladas; desceu este numero no ano seguinte a 27,500; porem a partir de então, declarada a guerra na Europa, as nossas importações de arroz baixaram rapidamente á sexta parte do que eram. Cerca de 5.000 toneladas se receberam em 1918, custando um preço superior ao que custaram as 27.500 toneladas de 1914.

Comquanto os nossos arrozais estivessem já produzindo umas 7.000 a 8.000 toneladas, o povo portuguez viu enormemente reduzida a sua ração de arroz por efeito da guerra.

O mesmo se deu, e ainda se está dando, com os cereais que o nosso paiz tem larga capacidade para produzir, e infelizmente não produz pelos motivos de desleixo administrativo que este jornal tantas vezes tem assinalado.

A orizicultura portugueza vem merecendo ultimamente aos governos uma certa consideração legislativa, mas os progressos da nossa produção marcham lentamente, embora no sul haja orizicultores entusiastas, como o sr. Antonio dos Santos Jorge, proprietario em Aldeia Galega, que acaba de oferecer gratuitamente ao Estado um terreno com perto de 93.000 metros quadrados de superficie na area da 25.ª sub-região agricola, para a instalação de um posto orizicola que se destine á aplicação dos melhores processos de cultura, seleção de sementes e estudo dos meios de combate ás causas do sesonismo. Esta oferta, que o Governo aceitou, mostra o grande interesse que a muitos lavradores do sul inspira a cultura do arroz, uma das mais lucrativas do paiz pela relativa pouquidão da despesa que demanda e pela abundancia dos resultados que derrama.

Conta-se que o grande lavrador José Maria dos Santos afirmava ser a cultura do arroz de todas a mais estimavel porque não dispendendo com ela mais de 15 contos anualmente obtinha colheitas que vendia por mais de 100 contos.

O actual governo, aproveitando o terreno cedido para os fins a que era destinado, deliberou promulgar o decreto n.º 8.082, de 29 de março findo, pelo qual é criado o Posto Orizicola de Aldeia Galega, e mantido pelas verbas de 150 e 60 contos, já consignadas nos orçamentos dos Ministerios do Trabalho e da Agricultura para fins analogos.

A iniciativa particular e a governamental conjugam-se, portanto, para imprimirem um forte impulso a á orizicultura nacional, que oxalá frutifique, não se limitando ao papel como tantas das nossas leis de fomento agricola e industrial. Não basta lavrar decretos: é preciso que pela sua execução sejam postas em exercicio as atenções das estações competentes, e que venham regularmente para publico os beneficios resultantes de tentativas que, como esta, visam ao desenvolvimento economico do paiz, isto para não haver razão de se dizer sistematicamente que os governos nada fazem em tal sentido.

A organização dos Postos Agrarios para ensaios e propulsão das culturas foi instituida em 1914. Tem sido coroada de bom exito? Tem-se obtido as vantagens previstas nessa organização? Não sabemos responder, porque os documentos oficiais sobre estes e outros assuntos de interesse economico raro nos chegam ás mãos, se acaso existem. Estamos, porem, inclinados a crer que do Posto Orizicola de Aldeia Galega, dada a origem da sua criação, hão de provir resultados beneficos ao desenvolvimento da cultura do arroz, tão necessaria a uma população que consumia antes da guerra umas 40,000 toneladas, e agora limita o seu consumo em consequencia do alto preço do arroz estrangeiro, com possibilidade de substituição por alimentos farinaceos equivalentes. E' um aspecto da crise alimenticia que muita gente não vê, mas que muito mais sofre e deplora.

Sem estatistica actual, não podemos frisar as quantidades produzidas no paiz, durante os ultimos anos: Conjecturamos pelas informações anteriores que se estarão produzindo cerca de 10,000 toneladas, das quais mais de metade nos distritos de Lisboa, Santarem e Coimbra, onde existem arrozais extensos.

A cultura estende-se, menos extensiva, pelos distritos de Aveiro, Faro, Portalegre, Leiria, Evora e Beja, decrescendo respectivamente em cada distrito, até ao minimo de 100 toneladas.

E' um começo lisongeiro que, tendo bons incentivos, poderá atingir em poucos anos uma parte consideravel das necessidades do consumo. E o que se verifica na produção do arroz pode constatar-se na cultura de todos os cereais. Portugal é um paiz riquissimo que bem cultivado poderia dispensar-se de pagar ao estrangeiro um unico escudo em fornecimentos de alimentação.

PORTUGAL - BRAZIL

O "raid,, no estrangeiro

BERLIM, 28. — O governo alemão dirigiu calorosas felicitações ao ministro de Portugal pelo bom exito do raid Lisboa Rio de Janeiro.

A recepção á colonia portugueza na legação e o banquete oferecido pelo dr. Conceiro da Costa ao ministro do Brazil foram adiados por motivo do assassinio do dr. Rathenau. — (Lat. Am.)

Uma homenagem do Instituto Branco Rodrigues

O sr. Antonio Marques Barbosa, um dos mais ilustres membros da colonia portugueza do Rio de Janeiro e benemérito protector do Instituto de Cegos Branco Rodrigues (Estoril) mandou fazer e ofereceu a Gago Coutinho e Sacadura Cabral, em nome deste estabelecimento de ensino, uma «corbeille» de cravos, rosas, violetas, camelias e narcisos, medindo dois metros de largura, por trez metros de altura.

Esta «corbeille» colossal esteve exposta ao publico, no ultimo domingo 25, no atrio do Palace Hotel, onde estão hospedados os inclitos aviadores.

REPUBLICA DA CUBA

O governo de Cuba acaba de informar por cabograma, o consul daquela nação nesta cidade de que, tendo o sr. Presidente da Republica de Cuba aceitado a demissão apresentada pelos membros do governo anterior designou para os substituir os seguintes srs:

Dr. Carlos Manuel de Céspedes, exterior; dr. Ricardo Lancis, interior; general Pedro Bettencourt, agricultura; dr. Francisco Zayas, instrução publica; coronel Manuel Despaigne, fazenda; capitão Demetrio Castilo Duany, obras publicas; dr. Erasmo Regueiferos, justiça; dr. Aristides Agramonte, higiene; brigadier Armando Montes, guerra e dr. José Manuel Cortina, secretario da presidencia.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque. . .	3 7/8—3 13/16
» 90 dias. . . .	—3 15/16
Paris, cheque. . . .	1174— 1193
Suissa, cheque. . . .	2660— 2704
Belgica, cheque . . .	1115— 1131
Italia, cheque. . . .	663— 676
Berlim, cheque. . . .	39— 42
Holanda, cheque. . .	5380— 5469
Madrid, cheque . . .	2188— 2218
New-York, cheque. . .	14040 — 14.70
Brazil, cheque. . . .	—
Austria, cheque. . .	—
Noruega, cheque. . .	2265— 2302
Suecia, cheque . . .	1615— 3702
Dinamarca, cheque. .	2979— 3048
Libras	65$500 — 68$000

Os electricos de Lisboa

O relatorio da Lisbon Electric Tramways, respeitante a 1921, acusa prejuizo na importancia de Lb. 29,184. O saldo negativo do balanço fica assim elevado a Lb. 48,468. O relatorio atribue esse resultado desfavoravel ás greves e observa que, apesar de aumentar a receita, o agravamento do cambio fez aumentar as despesas.

SPORT

Por aqui e acolá...

Depois da nota que aqui demos sobre o «reclame» da festa de box que a Federação Portuguesa de Box está organisando tem este sido feito com criterio e verdade.

Todos teem a lucrar com isso: os organisadores que se enchem de força moral, o publico que não é iludido e os boxeurs, a quem deste modo os titulos de campeões não sobem á cabeça. Isto custa, mas ha de ir...

* * *

Continua a lamuria dos professores de gimnastica sobre os seus parcos vencimentos

O outro dia havia um que dizia que o «metier» era duro pois era preciso «correr, saltar e trepar».

Pois é justamente isso que faz com que alguns não possam ser tomados a serio.

Vão dizer ao Anibal Pinheiro chefe da «troupe» do reclame e das cortezias aos ministros que «corra, salte ou trepe»...

Ele mal pode andar...

Pois teve habilidade de arranjar uma «coterie» que hoje oficia de pontifice e que em reuniões misteriosas puzeram de parte pessoas que eles não vêem com bons olhos, por lhes dizer alto e bem que são uns incompetentes.

Felizmente que apezar da «cegada» bem montada, isto não vai como eles querem.

O Anibal Pinheiro...

E' de morrer a rir...

* * *

Faustino Pereira, o modesto rapaz que á força de trabalho conseguiu no nosso meio de sport um logar de destaque, organisa no proximo domingo um sarau de box.

Que seja feliz, puilista e financeiramente faladdo. É o que lhe desejo.

* * *

Dizem-nos que alguns profissionais estão dispostos a entrar no campeonato de Portugal de força unicamente pelas medalhas, se isso lhe consentirem, unicamente para que a prova se não deixe de efectuar.

Aqui está um gesto que deve ser apreciado.

RUY DA CUNHA

Asilo d'Espie Miranda

Nesta instituição, situada na quinta da Mineira, em Campolide, realisa-se definitivamente no domingo 9 de Julho, a festa do 22.º aniversario da abertura deste Asilo. Brevemente publicaremos o programa da festa.

A publicidade dos soviets

Os bolchevistas fazem a propaganda da sua maravilhosa organisação

BERNE, 28.— Os bolchevistas abriram uma repartição de propaganda em Zurich tencionando abrir outras noutras cidades da Suiça. Fs jornais suíços acautelam os seus leitores contra este desenvolvimento da propaganda sovietica.—(R.).

Conferencias

Na Sociedade Naturista, Rua da Madalena, 225, 1.º, ás 21 horas realiza o professor sr. Horacio Inglez Tavares uma conferencia de vulgarisação higienica na qual falará sobre os seguintes assuntos:

«Como fazer a transição alimentar, A crise curativa, O naturismo actual. O que horrorisa actualmente o naturista. Como resolver o problema da alimentação frutivora. De que maneira se começa a vida naturista. Como deve andar o naturista. O naturismo no futuro. A vivenda naturista. A constituição da Terra. O que ha de alegrar no futuro o naturista. Vantagens do naturismo fisico ou naturalismo. Partos sem dor. Uma das maiores vantagens do naturismo fisico ou naturalismo. Maneira de avaliar os beneficios do naturismo fisico. A transformação fisica da Humanidade. Consequencias do naturismo.—De ordem moral—Igualdade naturista, —De ordem moral e social.»

Aceita-se controversia e a entrada é publica.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

O Diabo no Penim

por Julio Cesar Machado

A população acorda ao som das bandas marciais.

E' uma alegria de que não ha memoria, ver os ranchos e ranchos de passeantes, que trepam vermelhos e inchados a calçada da Estrela. E' uma tarde de quinta-feira e está-se no furor do verão.

— Ainda ontem, diz o burguez falando á sua esposa, ainda ontem passámos aquela agradavel tarde no passeio de S. Pedro de Alcantara, aos encontrões uns nos outros, e já hoje temos mais folia! Lisboa está um paraiso! Um paraiso, minha esposa!...

— O' sr. Estanislau — grita atraz dele uma donzelona esguia, vistosa, que acompanha sempre nestes regabofes, — já ouvin dizer que tambem vai haver musica na praça das Flores?

— Até me certificam que não só ahi, mas no campo de Santa Clara e praça da Alegria!

— Tão boa roda como na Estrela é que não se arranja em nenhuma outra parte; tambem já lho digo!

— Em caindo a noite, replica Estanislau com um leve ar malicioso, eu lhe direi se a roda é boa!...

A esposa faz-se vermelha...

— Contenha-se nesses juizos, sr. Estanislau! Não se faça povo!

O burguês endireita o colarinho, puxa a gola da sobrecasaca e, dando-se ares cavalheirescos, diz ternamente a sua mulher:

— Lembras-te D. Polixena, ainda nós nos namoravamos, daquele aperto de braco no jardim Mitologico, faz agora dez anos? Por que to dei eu e por que mo consentiste tu, se não por já ser lusco-fusco? O mesmo ha de ser na Estrela, em se indo o ar do dia; um homem por si se julga! A experiencia é o que me faz falar!...

— Sr. Estanislau, acode D. Polixena, vermelha como uma romã, faz-se suar com êsses ditos!

— E' da subida, filha! E' da subida! Ditos meus nunca fizeram suar ninguem!...

A este tempo, a donzelona vai já acompanhada pelo seu namorado, algum rapagão de bigode, que fume cigarro e haja sido sargento do batalhão da carta. Trocam-se meias frases, a titulo de parar um instante por cansaço.

— E, diga-me vossa senhoria — pondera a donzelona em tom assucarado e pudico — isto é para casamento ou outra ideia?

— Outra ideia — responde o ex-sargento com a maior sinceridade.

A dama, ofendida e iracunda, afasta-se do mocetão e vai dar o braço ao burguez, do lado direito, emquanto sua esposa lhe dá o seu, do lado esquerdo.

Estanislau, assim ajoujado com êste doce fardo, entra no passeio da Estrela, tomando a rua pelo volume de sua pessoa e largura dos merinaques das senhoras a quem acompanha.

— Esta barraca! exclamá o burguez, afrontado esta barraca de bebidas, enjoa-me! Dá-me ideia de levar á minha familia a um pouco retiro de pescadinhas de rabo na boca!...

— Sr. Estanislau, olhe que nos observam! acode a esposa. O senhor parece-me um homem ordinario; — falar em peixe frito em sitios publicos!

Passam familias e familias... de Campo de Ourique.

Uma menina, pelo braço de seu primo, mostrando-lhe um janota, que passa a acender um charuto:

— Quem é aquele rapaz, sabe primo?

O primo. E' o filho do negociante * * que quebrou ha dois anos.

A menina. Ah! E' da baixa?

O primo. E'. Anda comprometido num negocio de que era gerente; parece que aliviou o cofre... do peso que tinha!

A menina (com o maior desprezo). E' janota do Chiado e basta! Cá por Campo de Ourique não ha dessas prendas, felizmente! E conhece o primo gente dessa qualidade?!...

O primo (fazendo-se córado). Chego a envergonhar-me, confesso, mas que quere que lhe faça? E' um rapaz das minhas relações, tem trem, vive como um principe e embolsa cada ano os seus dois contos de réis de renda!...

A menina (largando o braço do primo). Ah! Sim? O' primo, êle nunca virá para o lado dos Terremotos?

O passeio, durante todo êste tempo tem recebido constantemente ondas e ondas de povo. A's sete horas já custa a andar; ás sete e meia já ninguem anda; ás oito andam uns pelos pés dos outros, lançados numa verdadeira maré humana!... Não se houve então, senão:

— Quem me pisou?

— O que é isto? que mão é esta?

— O' senhor, olhe que me faz cair!...

— Minha senhora, a sua *crinolina* acaba de me quebrar uma perna!

— E' incrivel! Meu marido ainda esta tarde me não fez ciumes! (E' um marido barrigudo e sombrio). Que tens tu, querido? Em que vais pensando?

— Nos meus calos!...

E' ao cair da noite; uma daquelas nortadas rijas, frequentes nos verões de Lisboa, a que a gente chama brisas por delicadeza para com o clima, arranca as folhas e agita a rama das arvores. O passeio ganha nesse instante um encanto melancolico, que compensa a feição burguesa que tentámos descrever. Uma nuvem de poeira fecha o horizonte, o vento leva os sons do sino que bate oito horas, as luzes apagam-se, os guardas resmungam e a multidão retira pouco a pouco, ponderando gravemente algumas considerações:

— Tanto calor esta tarde, semelhante vento agora! Forte castigo!

Muitos vão para perto do coreto e ficam ali abrigados, sentindo apenas o gemer do vento em distancia. O passeio deixa-se dominar de uma feição bucolica: a iluminação é tão frouxa que se está numa penumbra deliciosa, esquecido do mundo, esquecendo o mundo, aspirando, gozando, sonhando. As senhoras recostam-se fatigadas. Pelas ruas, cruzam-se em todas as direcções figuras palidas, que fazem em passo lento, recordando as ninfas de que fala Virgilio, que se esquivavam de vagar... para que as apanhassem. O amor, a êste tempo, tendo-se posto de acordo com a musica, os corações palpitam segundo o *crescendo* ou o *pianissimo* das sinfonias. Durante a introducção do Nabuco apertam-se as mãos ás escondidas com um fervor quási biblico e, depois, em todo o tempo que dura não sei que mazurca, sorri-se meigamente e pisa-se a ponta do pé. Um trecho do Belizario enche os peitos de susto e, ao escutar-se o *Tremo Bizancio*, sobresaltam-se os peitos num terror sincero pela autoridade paterna ou pelos direitos maritais.

Um mancebo, que a principio passeara com visiveis sinais de impaciencia, mostrando, pelo curto espaço que circunscrevia, esperar alguem, veiu sentar-se ao lado de uma menina, que pareceu acenar-lhe, quando êle passava, num distintivo do antigo namoro nacional, asoando-se.

— Olha, Henrique, nem tu sonhas o que me custou de artificios ficar no passeio com esta familia da nossa amisade e conseguir da minha familia, que se retirou já, deixar-me ouvir mais uma pouca de musica. A culpa é tua, só tua, para dizermos a verdade. Foi ideia tiveste em quereres ser [illegible] Valeu muito a pena de seres estudado em aulas e seres um rapaz fino. A minha familia gostava de ti e estariamos casados hoje. Em vez de nos vermos ás escondidas no Passeio da Estrela, escudados pela multidão e protegidos pela bulha da xaranga, estariamos sentadinhos no lado um do outro, na nossa casinha, conversando [illegible]-nos; pois não é [illegible] Henrique?

(Continua)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouro, 18 a 24; Rua do Comercio, 136 a 140

PORTO — 28, Praça da Liberdade, 29

Mario Duarte

Cirurgia da bocca e dentes
P. Restauradores, 11
Telef. [illegible] C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.da

Rua Augusta, 75, 1.° e 2.°

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAES NO CONTINENTE—Aveiro, Barcellos, Beja, Braga, Bragança, Castello Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Estremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandella, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Vianna do Castello, Villa Real e Vizeu.
FILIAES NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAES NO ESTRANGEIRO—Paris Rue du Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 25 Liberty Street.
FILIAES NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda, Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Timor.
FILIAES NO BRASIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Parahyba, Pará e Manaus.

Recommendam-se as Filiaes deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal. Correspondentes nas principaes localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banco Colonial Português

Séde: — Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: **Escudos 100.000:000$**

CAPITAL EMITIDO: **Escudos 10.000:000$**

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, Ilhas e em todos os paizes estrangeiros

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.°

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.° 2293
Fabricas — Paio Pires n.° 16
Armazens — Poço do Bispo, n.° 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.° 108, 2.°
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada

FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner,,

DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Runa, Pampilhosa do Botão e Leiria

AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamo-los a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias

Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha)
Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha)
Turbinas, instalações de ceramica, etc.

Usines Bollinckx S. A. Liége (Belgica)
Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia)
Maquinas-ferramentas

Bedal & C.° Dresden (Alemanha)
Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha)
Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suisse)
Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia)
Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos, etc.

SECÇÃO CORKY
Pavimentos com lousas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de [illegible] e frigorificas

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

Perguntas insoluveis de toda a especie:

Quando se pagam os debitos aos credores dos Transportes Maritimos do Estado?

N.º 4117 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 | LISBOA — Quinta-feira, 29 de Junho de 1922 | Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

O dever do Estado

O novo agravamento do cambio que desceu da casa dos 4 para entrar na dos 3 é um facto que não pode deixar de se considerar alarmante. Se não se toma qualquer providencia acerca da qual não se evite novo agravamento, como se obtenha alguma melhoria cambial, a «degringolade» será uma cousa terrivel. Dentro em pouco atingir-se-ha o limite em que a moeda nem já se pode considerar desvalorisada, porque o seu valor será nulo.

Nas casas mais altas da escala cambial a diferença dum ponto não representa uma enorme diferença. Ter o cambio a 20 ou a 21 é, nas circunstancias estabelecidas pelo abalo que sofreram os mercados durante e após a guerra, uma alteração relativamente insensivel. Mas se quando a libra está na casa dos 5 quer diser que está a 48 escudos, quer diser que se vai para a casa dos 4, passa a valer 60 escudos, e se vai para a casa dos 3 passa a valor 80. Isto é, em dois pontos, o valor da libra quasi que duplica!

Que será se resvalarmos para a casa dos 2 e dahi para a de 1? então no primeiro caso a libra ficará a 120 escudos, e no segundo a 240. Estas hipoteses que ainda ha pouco se reputavam absurdas e irrealisaveis, já não nos é licito considera-las como tais, mas sim como terriveis eventualidades, não só previstas mas fatais, se não se suspender esta galopada para o abismo.

O governo tem de tomar medidas urgentes para evitar uma semelhante catastrofe. Não ha libras? O Estado não pode desinteressar-se dessa questão. O Estado precisa viver, e não pode viver sem dinheiro. Não o tendo precisa procura-lo. Tendo-o, necessita aproveita-lo.

Ora o Estado tem ouro, e desde o momento em que tem ouro evidente se torna que precisa emprega-lo da maneira mais util para a sua existencia. Não se pode admitir que o não tenha para esse fim; que é o essencial, e que o tenha para outros fins, sem duvida uteis, mas que se relacionam com outras condições de vida que não são as actuais. Em tempos normais, deve-se acudir a tudo. Em tempos anormais, tem de se acudir ao indispensavel. Até o necessario se torna, muitas vezes, superfluo.

Vem isto a proposito de certas importancias consideraveis que o governo considera afectas a determinadas obras que podem esperar, porque é forçoso que esperem. Só num banco de Hong-Kong tem o governo depositados 6 milhões de patacas, destinadas ás obras do porto de Macau, que tiveram de se suspender por complicações com o governo da China. Esses 6 milhões de patacas devem valer 2 milhões de libras, ou seja 120.000 contos da nossa moeda. Com esta importancia, já o governo estaria habilitado durante tres mezes a fazer face ao «deficit», e em tres mezes pode-se, deve-se fazer muita cousa!

O que é inegavel é que o Estado tem de proceder nestas condições, como procedem os particulares em identicas circunstancias. Se tiveram vicissitudes, se estão em más circunstancias, se devem, sem duvida o que tem a fazer é realisar economias, aproveitar os seus recursos e tratar de receber aquilo que tambem lhe devem. E' assim que se põe em ordem uma casa. E' assim que é preciso salvar o Estado.

A questão irlandeza

Continua a mesma intranquilidade e a mesma indecisão

DUBLIN, 29. — Foram chamados ás fileiras os membros do exercito republicano que hoje não estavam de serviço. Mais tarde começou uma série de ataques contra as tropas do governo provisorio, ouvindo-se os tiros de espingarda na maior parte dos pontos da cidade. A's 15,30 ainda continuava o fogo das metralhadoras. O governo provisorio determinou uma rigorosa censura a todas as comunicações telegraficas. — (H.)

DUBLIN, 29. — O governo organisou uma verdadeira ofensiva contra os rebeldes que nos ultimos dias se apoderaram do palacio de justiça desta cidade e nele estabeleceram o seu quartel general, assim como deste edificio. — (Lat-Am).

DUBLIN, 29. — O governo provisorio publicou uma nota oficiosa ontem, declarando que está firmemente resolvido a cumprir o seu dever protegendo a vida e propriedades contra os actos praticados por pessoas que pretendem ter autoridade.

O combate entre Michael Collins e o chefe rebelde Rury Oconnor começou com toda a energia. Usaram no ataque bombas, espingardas metralhadoras e revolveres. Os rebeldes foram derrotados e retiraram para Tyrfourts.

Os partidarios destes tomaram algumas casas na visinhança onde armaram ciladas aos soldados do governo, tendo incendiado o «Memorial Hall». — (Lat-Am).

DEFINIÇÕES

O projecto de lei do sr. Agatão Lança

Resposta á carta que ontem publicamos, assignada por «Um leitor»

A Capital publicou ontem a carta que lhe enviou um leitor, contradizendo a doutrina de inconstitucionalidade, que sustentamos, no numero anterior, em critica ligeira ao projecto de lei do deputado sr. Agatão Lança instituindo um tribunal especial para julgamento dos individuos, civis e militares, acusados de autoria ou cumplicidade nos crimes de 19 de Outubro. Os argumentos apresentados não tiveram a virtude de nos convencer que estavamos em êrro. Nessas condições, continuamos a sustentar a nossa tese, com argumentos novos, que abaixo exporemos.

Antes, porém, de os expor, convém, para constatação da inteira verdade, dizer já o seguinte: *A Capital* não fez qualquer ataque ao sr. Agatão Lança; é, pois, descabida a posição de seu defensor, que o autor da carta graciosamente se arrogou. O sr. Agatão Lança só tem amigos e admiradores neste jornal. O excesso de zêlo de «Um leitor» é, pois, completamente injustificado.

E' absolutamente certo que *A Capital* sempre sustentou a necessidade da liquidação legal, rapida, por assim dizer instantanea, da situação falsa em que se encontram os pretensos incriminados nos crimes de 19 de Outubro. A tal respeito estamos em perfeita concordancia de opiniões com o missivista de ontem. Simplesmente, nós dizemos: *est modus in rebus*, ou, traduzindo, *nem tanto ao mar nem tanto á terra*. E' de necessidade que os julgamentos se façam rapidamente, mas o *modus faciendi* deve ser rigorosamente constitucional. Ora o projecto de lei do sr. Agatão Lança, se bem que não ofenda clamorosamente a Constituição, não se ajusta, com a perfeição indispensavel, á letra e muito menos ao espirito da Lei Fundamental. Já dissemos, muito sucintamente, porquê; vamos acrescentar novos argumentos aos já expostos.

* * *

Reproduzamos, de novo, o que diz a Constituição, porque é sobre isso que tem de incidir a discussão. O n.º 21 do artigo 3.º reza isto:

«Ninguem será sentenciado senão pela autoridade competente, por virtude da lei anterior e na forma por ela prescrita.»

E', pois, indispensavel, para que o projecto de lei do sr. Agatão Lança seja constitucional, que êle não ofenda a letra e o espirito dêste artigo. Sem querermos impor uma opinião, mas firmemente convencidos que estamos com a verdade, nós dizemos que o projecto de lei altera fundamentalmente as condições da investigação criminal, violando assim a lei anterior a que se refere o artigo da Constituição que estamos analizando. Vejamos se é assim ou não é:

Pelas leis em vigor, ou *por virtude da lei anterior*, a instrução dos processos compete aos três juizos de investigação criminal e aos dois tribunais militares do Exercito e da Marinha. E' assim que se está procedendo e isso mesmo serve de argumento, a nós e a toda a gente, para condenar uma organização judicial que, por tão complicados meios, protela indefinidamente o julgamento de individuos que nós persistimos em considerar como pretensos inocentes, emquanto um *veridictum* final os não cobrir com o oprobrio da infamia criminosa. Ora o projecto criando o tribunal especial e *concentrando nêle só* as investigações, que são a base da sentença final, modifica, nêsse particular, a lei vigente, violando o preceito constitucional que insofismavelmente preceitua que ninguem pode ser sentenciado senão por lei anterior ao crime. E, note-se ainda, para mais justeza de raciocinio, que a Lei Fundamental se não limitou a prescrever que ninguem pode ser sentenciado senão por virtude da lei anterior, mas acrescentou, por evitar duvidas, que era indispensavel a forma prescrita nessa lei anterior: *ninguem pode ser sentenciado sendo por virtude da lei anterior e na forma por ela prescrita*. Admitimos que o projecto de lei do sr. Agatão Lança não infringe a Constituição na parte que se refere á autoridade competente para sentenciar, visto que o tribunal especial não é (ou não deverá ser) senão um desdobramento do fôro actual, mas confessamo-nos irredutiveis aos pontos que acima vão expressos.

Para dar mais força á nossa argumentação, vamos socorrer-nos de uma autoridade na materia, como é o sr. dr. Lopes Praça. Este ilustre Mestre, comentando o artigo em questão (Dr. Lopes Praça, *Estudos sobre a Carta Constitucional*) diz que *é preciso que a competencia das autoridades e que as leis, segundo as quais o devem fazer, sejam previamente fixadas no meio da reflexão fria e imparcial; criar a competencia e as leis depois do facto é substituir á razão a paixão, á ordem prudencial o arbitrario, á imparcialidade a suspeita e a vindicta*. E' esta tambem a nossa opinião, mas devemos lealmente dizer que não é a de todos os tratadistas, como, por exemplo, o sr. Márnoco e Sousa, que entende que *a competencia da autoridade pode ser estabelecida depois do facto praticado* (Marnoco e Sousa, *Constituição Politica da Republica Portugueza, Comentario*, 1913). Pode ainda ler-se, a proposito, o que dizem os srs. Chaves e Castro, *Organização e Competencia dos Tribunais de Justiça Portuguesa*, Caeiro da Mata, *Direito Criminal Português*, Posada, *Tratado de Derecho Politico*, etc.

O sr. Caeiro da Mata (obra citada) dá mesmo uma interpretação um pouco diferente da nossa ao artigo em analise. O ilustre professor criminalista entende que a disposição constitucional se deve restringir aos casos em que, com *a aplicação da lei nova, venham a ofender-se direitos garantidos e reconhecidos pela Constituição*, mas o sr. Marnoco e Sousa contesta dizendo que, dest'arte, o numero do artigo *não representava uma garantia nova, constituindo disposição superflua e incompreensivel* (*Comentario á Constituição*, já citado).

O que especialmente nos fere, no proecto de lei do sr. Agatão Lança, é a alteração que se faz á lei substantiva anterior. E, a tal respeito, não encontramos divergencias de opinião, parecendo-nos que todos os tratadistas estão de acordo na inconstitucionalidade que atribuimos ao projecto. E' certo, todavia, que ha quem defenda o principio de que a lei anterior pode ser modificada, contanto que a lei penal nova seja mais benevola para o acusado (Florian, *La Legge penale nel tempo*).

Bastaria ficar por aqui para termos conseguido fazer uma boa defesa do nosso ponto de vista legalista. Queremos, todavia, aproveitar ainda um resto do espaço que podemos consagrar a êste assunto, destacando um pormenor, que não é desvalioso.

Os crimes de 19 de Outubro foram cometidos por civis e militares, dentro e fora dos estabelecimentos militares. Isso deu causa, ou poderia e deveria vir a ocasionar, conflitos de jurisdição, que só os tribunais superiores poderiam resolver. O projecto de lei do sr. Agatão Lança resolve-os instantaneamente, fixando a competencia no tribunal especial creando. Logo, altera a lei anterior, até mesmo na parte substantiva e viola o disposto na letra e no espirito da Constituição.

E acabou-se.

* * *

A' laia de *post-scriptum*, temos alguma coisa a acrescentar.

Manda a boa hermeneutica que, havendo duvidas quanto á aplicação das leis penais, se deve optar pela formula mais favoravel ao incriminado. Ora, é mais que certo que ha duvidas quanto á constitucionalidade do projecto de lei do sr. Agatão Lança, mas que não ha a certeza de que êle é realmente inconstitucional. E, como é certo que, convertido em lei, o projecto abrevia os julgamentos, não teriamos duvida em lhe dar o nosso voto de aprovação plena, se, por injusto acaso, o povo português nos investisse em mandato identico áquele que tão honrosamente e com tanto brilho é exercido pelo sr. Agatão Lança.

A questão dos exames

Corta-se o mal pela raiz: não se fazem!!

Ao que nos consta nos meios bem informados a solução dada á questão dos exames liceais, a qual tem vindo perturbando e preocupando os espiritos de muitos pais de alunos, é a de se deixarem passar os alunos internos dos liceus, para a classe seguinte, sem os sujeitar á prova final do ano. Não podemos de forma alguma concordar com a solução improvista e anti-pedagogica dado pelo Parlamento ou pelo titular da pasta da instrução, que demais a mais usa o decorativo titulo de lente dessa Faculdade. Toda a gente sabe que um ensino feito durante um ano, contando com um acto final, uma vez que este desapareça, fica para o aproveitamento final prejudicado em cincoenta por cento.

As nossas crianças, nossos filhos, com os nossos vicios e as nossas virtudes, herdaram infalivelmente o de deixarem sempre para a ultima hora aquilo que podiam fazer com vagar — e o estudo para os exames é a embalagem final indispensavel.

No que respeita á 5.ª classe ainda emfim, esse facto, seria admissivel; mas no que diz respeito á 5.ª, tirar o exame final do «curso geral dos liceus», é tão absurdo que, embora nós já conheçamos as altas trapalhadas do Ministerio da Instrução nos custa a acreditar que o sr. dr. Costa Cabral, mais responsavel ainda neste caso que o ministro pela sua situação de professor e de Director Geral, não faça sentir a sua orientação e o seu criterio.

Esperamos que assim suceda.

O congresso luso-espanhol da Imprensa

Os promotores do congresso luso-espanhol da imprensa elegem amanhã as suas comissões instaladoras pelas 6 horas da tarde na Sociedade de Geografia.

«A Capital» inscrita na pessoa do seu director não se fará talvez representar. Quer-nos parecer que não tendo sido a imprensa convocada previamente para nomear os seus delegados a esse congresso, os nomes indicados para nele figurarem não representam em verdade a designação dessa mesma imprensa.

Trata-se dum criterio dictatorial e que não podemos subscrever e é esse o motivo porque nós não fazemos representar como acima dissemos.

Os salteadores do Mexico

Renovam com exito as proezas de "Fra Diavolo,,

MEXICO CITY, 29. — Os salteadores que aprisionaram Bielaski e os seus companheiros de viagem em numero de 40, são chefiados pelo general Gonzaga e devem andar por 240 homens bem armados.

Estes bandidos destruiram as propriedades pertencentes á companhia de petroleo Cortcy. O companheiro de Bielaski, Barcenda foi solto e entrou em negociações para pagar o resgate deste. — (Lat. Am.)

Machado Correia

Para o espectaculo que amanhã se efectua no Politeama, em homenagem ao nosso camarada Machado Correia, promovida por amigos do antigo jornalista e autor dramatico, tem havido grande procura de bilhetes.

Alem do amador sr. Luis da Gama, que veio expressamente de Obidos para tomar parte na recita que produzirá uma notavel imitação do velho actor Vale, tomam parte no interessante espectaculo, a sr.ª D. Emilia Fernandes, laureada discipula da Escola de Arte de Representar, e distintos artistas dos quais amanhã daremos a lista completa que gostosamente concorrem com o seu talento e a sua solidariedade para que a homenagem prestada a Machado Correia, seja digna do velho jornalista.

O Assassinato de Rathenau

As diligencias da policia berlinense e a sucessão do estadista

BERLIM, 29. — A policia descobriu já o automovel dos assassinos de Rathenau e a garage onde o «chauffeur» recolheu o veiculo algumas horas depois do atentado. Este desapareceu mas os sinais dele coincidem perfeitamente com os que foram dados pelo guarda florestal, que viu os assassinos. — H.

BERLIM, 29. — Fala-se em que será o sr. Hermes quem sucederá a Rathenau na pasta dos negocios estrangeiros. — H.

BERLIM, 29. — Um comunicado oficial diz que a prefeitura de policia indicou os sinais e outros detalhes dos tres assassinos de Rathenau. Foram presos varios individuos como cumplices. — H.

IDEIAS AO VENTO...

A crise nacional, as causas que a determinam e os remedios a aplicar — E sem demora, emquanto é tempo...

Temos o câmbio na casa dos 3. Isto prova que a politica financeira do Governo não tem sido de molde a inspirar confiança á Nação. Nem a operação dos três milhões esterlinos, nem o anuncio de um proximo equilibrio orçamental obtido á custa de pesados impostos, nem as economias de alguns milhares de contos fixadas nos orçamentos dos diversos Ministerios, — coisa alguma evitou que a *debacle* se pronuncie vitoriosamente, arrastando a Nação para um tremendo despenhadeiro. Se o bom senso inspirasse os homens do Govêrno, facilmente concluiriam que seguem por errado caminho; as lições da experiencia não conseguem, todavia, inspirar outras providencias governativas que não sejam aquelas que o empirismo mais rudimentar ensina. Pois nós temos dito e repetimos que não é pelos processos ordinarios que é possivel reconstituir a finança publica. Não reeditamos, descansem! os argumentos já expostos. Mas vamos fixar outros, encarando o problema sob novas modalidades do mesmo fundamental ponto de vista. E êste concretiza-se, afinal, em duas palavras unicas: salvação nacional.

* * *

Cremos que foi em Março do ano corrente que *A Capital* revelou que no estrangeiro estavam depositados, á ordem de cidadãos portugueses, cêrca de 80 milhões esterlinos. Se não foi em Março, foi pouco antes ou pouco depois. Não vale a pena ir consultar á colecção do jornal para evitar um tão insignificante êrro de memoria. O que é indispensavel é dizer, alto e bom som, que foi *A Capital* o primeiro periodico que revelou a existencia de facto tão alarmante. O Governo parecia desconhecê-lo, porque só mais tarde é que o sr. ministro das Finanças e o sr. Vitorino Guimarães o confirmaram em pleno Parlamento, reduzindo, aliás, a importancia de 80 milhões por nós fixada em cêrca de 50 milhões. Pois dêmos-lhe ainda um desconto e admitamos, por hipotese, que não excede a 30 milhões esterlinos o dinheiro português que emigrou para os bancos londrinos. Ainda assim é incontestavel que a reentrada dêsse montante de ouro em Portugal não só evitaria o descalabro cambial como melhoraria a situação financeira e economica de uma forma talvez decisiva para o futuro da nacionalidade.

Um jornal de ontem citou, a proposito, a opinião de um banqueiro inglês, que não compreende como os capitalistas portugueses tenham menos confiança na sua moeda que os estrangeiros. A observação é justa e demonstra quanto é grande, a ponto de parecer irremediavel, a doença de anarquia espiritual de que sofre a Nação.

Essa anarquia é ainda maior do que parece ao primeiro exame. Basta, para o demonstrar, citar um outro facto ainda inedito: a maior parte dos depositantes portugueses dos bancos exoticos nem ao menos levanta regularmente os juros vencidos. Capitalisam tudo, capital e juros. E a situação é, assim, cada vez mais agonizante!

O exodo do ouro português acentua-se, cada dia que passa. O anuncio dos proximos impostos incita á emigração dos capitais. Apesar de não possuirmos elementos estatisticos que o confirmem, supomos que a depressão cambial recente não tem outra causa senão essa continua e ininterrupta corrente emigratoria, que se aproxima do panico mais acentuado.

A doença atinge, pois, o periodo agudo. Ela matará o intoxicado pelo terror, se o Governo persistir na orientação simples da aplicação de remedios empiricos. Só cederia, talvez, a energicos revulsivos. Ou, então, a uma politica financeira prudente, que já em tempo foi aqui delineada e que vamos encarar sob novos aspectos.

* * *

Não conhecemos senão três processos para deter o exodo do ouro português e chamar para dentro de fronteiras aquele que anda lá por fora, isto é, 30 milhões esterlinos, pelo menos. Digamos quais êles são:

1.º

Consiste o primeiro meio em esperar pacientemente que passe o terror, ajudando cautelosamente o restabelecimento da confiança geral. E' indispensavel, para isso, que não haja revoluções, desordens ou tumultos — *nem mesmo receios disso*. O Governo, sempre pronto a reprimir jámais a acautelar manteiu, pelo contrario, a desconfiança geral, porque é o *primeiro a incutir na opinião publica a suspeita de que está para breve um novo movimento insurreccional*. Por outro lado, o Governo deixa correr, por si mesmo e sem de tal curar, a continua elevação do custo da vida, não demonstrando competencia para outra coisa que não seja a aplicação do emoliente das subvenções sempre crescente, a uma carestia que promete não ter fim. E' evidente que, nestas condições, o terror não desaparece, antes se acentua mais, cada dia que passa, e graças, principalmente, á insciencia dos politicos que estão á frente dos destinos da Republica.

Conclusão: não se pode esperar que a confiança renasça pela cessação do terror.

2.º

O outro meio seria o da pressão exercida pelo Estado sobre os capitalistas depositantes de ouro nos bancos estrangeiros.

Não sabemos se o Governo tem elementos seguros para os identificar. Se tem, a pressão poderia exercer-se por varios modos, desde o imposto incidindo sobre os bens imobiliarios que êsses argentarios possuem, até á supressão temporaria da sua liberdade individual, supressão realizada por virtude de leis adequadas ás circunstancias ocasionais. A aplicação dessas providencias supõe, é claro, uma independencia governativa que se não compadece, facilmente, com a instituição inabalavel das clientelas politicas e as ligações, sentimentais do parentesco, da amisade e do compadrio.

Conclusão: a pressão sobre os capitalistas que fazem o exodo do ouro português é inexequivel ou, pelo menos, de dificil execução.

3.º

O terceiro processo consiste na adopção de medidas de ordem financeira que atraiam o capital português emigrado.

Uma politica franca e aberta, de situações claras e definidas, de objectivos realizaveis a breve prazo, inspiraria a confiança necessaria para determinar a imigração dos capitais portugueses que andam em vilegiatura pelo estrangeiro? Cremos que sim. Mas, para que tal se faça, *é preciso saber fazer*, e o nosso pessimismo, a tal respeito, é quasi absoluto...

Seria preciso saber jogar — e saber jogar bem... — com os valores nacionais. Temos os tabacos, temos os fosforos, possuimos, ainda, uma certa capacidade tributaria; temos o cacau de S. Tomé, os algodões e os assucares africanos, as especiarias da India, o sandalo e a canfora de Timor; temos os caminhos de ferro continentais, o imposto do sêlo, as quedas de agua, tanto do continente como do ultramar: estão intactos, emfim, muitos valores que são da Nação... O que seria preciso fazer? Seria preciso movimentar todas essas riquezas, por forma a valorizar a moeda nacional, desenvolver as industrias e o comercio, dar novo e poderoso impulso ás forças economicas nacionais, aumentando a produção pelo trabalho intensivo de todos os cidadãos. Porque — e êste ponto é importante — se não nos faltam recursos proprios, tambem somos um paiz onde abundam os vadios improdutivos, quer enclausurados em prisões, quer encostados ás esquinas das ruas da Alfama ou do Chiado...

* * *

E' possivel encontrar em Portugal uma *élite* de intelectos capaz de realizar essa grande obra de reconstituição nacional? Se é possivel, que ela se apresente para o fazer. E depressa... Porque, de contrario...

As propostas de finanças

e o protesto da nação

O que se tem passado, relativamente ás propostas financeiras do Governo, não é de molde a deixar logar a duvidas.

A opinião publica, pela voz de algumas das mais respeitaveis corporações, tem feito sobejamente sentir a sua reprovação pelas medidas que o governo entendeu apresentar ao Parlamento, no sentido de diminuir os embaraços financeiros do tesouro publico.

Nem uma só voz se tem erguido nas corporações comerciais e industriais, contra a necessidade de cada qual concorrer com maior contribuição para as despezas publicas.

Ninguem se mostra, porém, ingenuamente disposto a suportar encargos tributarios que não hajam sido devidamente ponderados, como ninguem aceita de bom mente sacrificios sem que previamente se haja afirmado contrição sincera em gastar inconsideradamente, loucamente.

O que se tem passado é mais que suficiente para se reconhecer a necessidade absoluta de rever cuidadosamente as propostas do governo e de as substituir por medidas que possam utilmente transformar a economia geral.

Não foi a voz da politica, na acepção geral do termo, que se fez ouvir ali; não foi a voz do egoismo dos interesses pessoais que moveu as respeitaveis corporações portuguesas e outras ainda. Foi, sobretudo o reconhecimento dos males que adviriam para a economia nacional foi o empenho de solucionar uma crise geral.

A opinião publica reconheceu, geralmente, que as propostas do sr. ministro das Finanças não obedecem a um plano reconhecido e devidamente estudado, mas apenas ao proposito de conseguir receitas, seja por que processo fôr, ainda que se esmaguem e inutilisem recursos valiosos.

Similhantes processos de crear receitas não são nem podem ser admissiveis.

Sobrecarregar de impostos o contribuinte só porque as despesas do Estado cresceram assombrosamente pode ser comodo mas é profundamente ilegitimo.

De 1913 para cá as despesas com pessoal aumentaram 6,036 por cento, no ministerio do Trabalho, 1,960 por cento, no do interior, 3,142 por cento no da instrução, e 992 por cento no da guerra.

Com tal aumento de pessoal esses serviços melhoraram? Foram necessidades averiguadas de serviço que reclamaram mais gente das repartições publicas, ou houve apenas o proposito de servir clientelas, como tudo faz crer?

Sendo assim, o contribuinte não se conforma nem se pode conformar com o absurdo de lhe imporem sacrificios para continuar semelhante desregramento.

Pessoal que em 1913-1914 custava 20.266 contos, custa agora 262.275!

E, pelo que se vai vendo, não ha emenda em fazer novas nomeações, de forma que, passados alguns anos, veremos, certamente, aumentada a legião de funcionarios, aliás hoje considerados dispensaveis.

Cremos que ás altas regiões do poder não chegam os protestos da opinião publica. Se chegassem certamente já se teria mudado de rumo, porque esses protestos revestem, por vezes, tal caracter de violencia e de justiça que não deixam logar a ilusões.

A voz da nação é bem clara, bem expressiva. Só não a houvem surdos de entendimento, só não a compreendem os que, na vertigem da insensatez, vão de erro em erro, como que dementados e sem compreender os destinos deste malfadado paiz.

Quem assim pensar mal calcula a gravidade das responsabilidades que assume!...

O furto de 1.800 contos

Noticiámos ontem dizendo que era falsa uma noticia publicada em alguns jornais de que na policia de investigação não existia nenhuma queixa acerca dum roubo de 1.800 contos de reis.

De facto houve uma queixa, não daquela quantia mas sim de 200 contos dum desfalque praticado na repartição de finanças de Torres Vedras pelo respectivo tesoureiro José Fogaça.

A queixa foi ontem de tarde apresentada pelo respectivo administrador daquele concelho ao sr. governador civil e este por sua vez a entregou á noite ao Director da policia de investigação que ordenou que uma brigada de agentes da policia de investigação fizesse um cerco a um predio na rua Luciano Cordeiro e que em todos os andares fossem passadas rigorosas buscas porque havia a denuncia que o Fogaça se achava ali refugiado, diligencia esta que não deu resultado não tendo sido ainda capturado o Fogaça.

A situação aflictiva

— EM QUE SE DEBATEM AS — MISERICORDIAS PORTUGUEZAS

Muitas vezes se tem dito na imprensa que as Misericordias atravessam um periodo de dificuldades como nunca. Algumas teem sido socorridas pelo Estado, mas tal é a penuria em que se encontram que se torna indispensavel a repetição d'esse socorro. Ainda agora lêmos n'um jornal que o sr. ministro do Trabalho se ocupa do assunto, elaborando propostas a apresentar no parlamento no sentido de fornecer subsidios ás casas de beneficencia que por todo o paiz existem sem poderem, como outr'ora, exercer sua missão de protecção aos infelizes.

Não podemos deixar de reconhecer que, se a piedade publica deixou de favorecer as Misericordias, compete ao Estado substituil-a. Nasceram essas instituições do sentimento publico pela desgraça, sendo beneficiadas por legados e donativos d'aqueles que, bafejados pela fortuna, dispunham em vida de uma parte dos seus bens a favor d'essas casas de beneficencia. Era precisamente o exercicio da Misericordia, uma inclinação de solidariedade humana, que manda aos poderosos proteger os fracos. Profundamente religioso, esta tendencia vigorou emquanto se nutria a certeza da aplicação caritativa dos fundos instituidos pelos legados. Aqueles que os administravam faziam-no por dever religioso, compenetrados da sua elevada funcção de distribuir pelos pobres e desamparados os rendimentos que a piedade dos ricos juntava. Ainda hoje, os hospitaes das Ordens Terceiras são geridos por uma fé e por uma dedicação que só as crenças religiosas explicam.

Mas ao passo que estes hospitais manteem a toda a altura o sentimento religioso das suas tradições, as Misericordias foram em regra invadidas pelo neutralismo que a Constituição da Republica proclama.

Principiou aqui o mal. Logo nos primeiros anos do novo regimen se fez sentir o retraimento dos legados para a beneficio das Misericordias, e isto, a nosso vêr, porque deixaram de ser regidas pela fé religiosa, a base mais sólida da caridade e da virtude social.

O retraimento prolongou-se e continua ao presente, apesar de haver hoje fortunas maiores e mais numerosas do que anteriormente a esta deploravel crise de piedade.

Os corações endureceram para as Misericordias; mas a ausencia do sentimento religioso nas administrações destes estabelecimentos de beneficencia contribuiu consideravelmente para esse endurecimento.

Sobreveio a guerra e com ela a desvalorisação da moeda, dois factos que deviam agravar o mal—o primeiro pela dose de egoismo que lançou sobre as populações, e o segundo pela depressão dos rendimentos dos titulos de divida publica, em que foram convertidos os bens das Misericordias. Reduzido o grau da caridade, diminuidos os recursos financeiros, perdido o fervor das crenças que era a segurança dos legados e a condição fundamental do prestigio dessas instituições, as Misericordias já não são o que eram—as Misericordias desapareceram!

E, se ainda hoje elas representam uns restos de valimento que podem ser uteis aos desventurados, cuja legião aumenta sempre, só o Estado pode acudir-lhes, suspendendo-as no declive em que resvalam. Do mal, o menos. Entre o desabamento dessas instituições benemeritas por falta de fé cristã que as fundou, e a intervenção do Estado que procura salva-las, não ha que hesitar. Venha, portanto, o Estado socorrer as Misericordias! Ele é neutro em materia religiosa, ele não quer saber dos principios que presidiram historicamente á fundação dessas instituições; ele não distingue o sentimento religioso das cartas de lei que possam equivale-lo nos seus resultados praticos; mas, emfim, as Misericordias não devem morrer tão ingloriamente, depois de terem prestado os mais altos serviços ao infortunio popular.

No dia longinquo em que a Republica verifique que a religião é uma grande força cohesiva das sociedades, o uso para com ela da tolerancia e do respeito que lhe são devidos, pode suceder que a sociedade portugueza recupere o seu antigo valor moral, e reorganise as Misericordias no sentido da expontanea solidariedade em que foram instituidas. Tarde virá o remedio eficaz ao mal que sofremos. Em todo o caso, a evolução das ideias do governo não é uma mentira. Os factos ensinam. Se se soubesse que a rajada de materialismo contemporanea da proclamação da Republica devia produzir tantos estragos na vida moral da nação, certos estamos que os estadistas republicanos deveriam torcer caminho. Tanto isto é verdade que já o torcem; já não ha repugnancia em transigir com Roma, e já não existe aquele feroz jacobinismo que a principio assaltava os templos.

Devagar se vai ao longe. Um dia se haverá de reconhecer que a religião tem direitos inalienaveis, e que a sua influencia no meio social não póde ser senão benefica. Nesse dia as Misericordias renascerão, não para que o Estado as auxilie, mas para que exerçam expontaneamente a sua missão augusta de agasalhar os que sofrem e de levar o alivio ás multidões desprotegidas. Misericordias subsidiadas pelos cofres publicos, só nesta quadra de desorganisação moral e de cepticismo religioso, se podem aceitar. São anomalias inevitaveis da epoca. Assim tem de ser!

Sim, desapareceram! Desde que o Estado se encontra com o aplauso geral, forçado a vir em socorro das Misericordias, estas perdem o caracter que lhes é proprio de fundações sociaes creadas pela solidariedade humana, e passam a revestir o caracter de delegações da Assistencia Publica. A Misericordia é, conforme a palavra o indica, uma instituição essencialmente social, formada pelos donativos dos que pódem a beneficio dos que não podem. Nada tem que vêr com os favores do tesouro, nem com o dinheiro dos contribuintes, cuja aplicação visa a fins muito diversos. Nem o Estado pode ser misericordioso, nem a Misericordia, tal como ela deve ser vista na sua origem, na sua tradição e no seu objectivo, poderia esperar normalmente, que o Estado viesse em seu auxilio. Creação de caridade e piedade colectivas, a Misericordia é puramente o fruto sentimental dos que teem a favor dos que não teem.

E, todavia, é dolorosamente lastimavel que as Misericordias, recebendo socorros do Estado, deixem de ser o que foram. A sociedade abandonou-as.

Um emprestimo brazileiro

Acerca da realisação do emprestimo brasileiro de nove milhões de esterlinos, subscrito, em maio ultimo, nas praças de Londres e New-York, a importante revista fluminense «O Economista» faz as seguintes considerações sobre a natureza da operação e a sua significação:

«No dia 4 de maio foi subscrito em Londres e New-York o emprestimo brasileiro de nove milhões de esterlinos.

O sucesso do nosso credito foi notavel e honra até certo ponto a nossa administração financeira.

O emprestimo foi negociado com os banqueiros londrinos Rottschild and Sons, Baring Brothers e J. Henry Schroeder & Comp. O seu valor é de nove milhões de esterlinos e o seu objectivo principal o de consolidar as dividas provenientes da defeza do café.

Durante as negociações, os snrs. Dillon Read, and Company, de New-York, que foram e são os agentes do emprestimo norte americano de 50 milhões de dollars, demonstraram desejos de participar da operação para atender a esse apêlo, tão honroso para o nosso credito, o governo e os banqueiros inglezes combinaram que estes cedessem 2 milhões de libras de titulos aos snrs. Dillon Read & Comp., para que les lançassem na praça de New-York.

O sucesso do emprestimo é sobremaneira honroso para nós. Em poucos minutos, os subscriptores inglezes cobriram varias vezes os sete milhões de libras esterlinas de sua quota e com a mesma rapidez os norte-americanos ofereceram quantia superior aos 2 milhões de libras que lhes cabiam. Foi, portanto, necessario fazer o rateio para não prejudicar a todos os subscriptores.

A Inglaterra começa assim a entrar nos mercados financeiros. A razão principal é a baixa da taxa de juros no interior quando na Inglaterra se oferecem 6 e 7 0|0, ninguem se abalançaria a emprestar a pouco mais para o estrangeiro. Agora que o aluguel de dinheiro baixou, que a taxa do Banco de Inglaterra está a 4 0|0 e que nos Bancos privados o juro de depositos desceu a 2 0|0 é natural que se retome a actividade para os creditos estrangeiros interrompidos quando o proprio Estado inglez socilitava creditos a 6 0|0.

O capital do novo emprestimo brazileiro é de libras 9.000.000, o prazo de 33 anos, o resgate ao par e os juros a vencer de 7 1|2 0|0. Os titulos foram oferecidos ao tipo de 97, que é dos melhores para o periodo de transição e da crise que ainda todo o mundo atravessa.

O exito do emprestimo foi completo reencetando o intercambio, financeiro entre a Inglaterra e o Brasil, permitindo a consolidação das transacções para a defeza do café, e dando ao governo novas disponibilidades para cobrir as despezas que está realisando na Europa e nos Estados Unidos.

Essas despesas são grandes!

De que natureza serão? Compra de «stock» de cafe, pagamento de «coupons», pagamento das despezas feitas para reorganisação da exercito e obras contra as secas, consolidação dos emprestimos efectuados aqui e no estrangeiro para defeza do nosso principal produto? Parece que se trata disso tudo.

As respesas como se vê são grandes mas depois do novo abalo economico de 1820 outra coisa não se poderia esperar.

Ficamos com um deficit de 50 milhões de libras na balança economica e quando começamos a pagar precisamos de novos emprestimos porque não tivemos nem temos o saldo correspondente na balança mercantil.

Na bala ça mercantil temos o mesmo deficit a julgar pelo que revelam as estatisticas. O saldo é devido em grande parte ao café. Ora parte do café exportado foi por conta do governo e os preços elevados de todas as remessas foram simplesmente subsidiados pelo governo que teve de tirar esse dinheiro das operações de credito e da receita publica.

De modo que o movimento do comercio exterior, acusando um saldo aparente, se resolve de facto, em «deficit», porque o saldo é producto de um sacrificio do contribuinte e do aumento das nossas dividas.

O sucesso do emprestimo demonstra a confiança justa nas nossas forças economicas e financeiras. Os oferecimentos que o governo recebeu e continua a receber, a rivalidade cordial entre as praças de Londres e New-York, que ambos nos queriam servir, a presteza com que fomos atendidos e as propostas de que todos os grandes centros financeiros nos chegam, as condições que obtivemos, melhores do que as obtidas por velhos paizes, tudo contribue para honrar o credito do Brasil e do actual governo».

NA CAPITAL DO NORTE

II Salão Automobilista

Vai realisar-se no Palacio de Cristal de 20 a 30 de julho proximo

Vae realisar-se no Porto de 20 a 30 de Julho, organisado pela delegação do Automovel Club de Portugal o II Salão Automobilista.

O interesse no nosso meio já é grande, sendo de prever largas representação de Lisboa. Consta que no dia do encerramento da exposição realisar-se-ha no Porto, uma prova automobilista.

O jornal «Os Sports» vai acompanhar largamente o «II Salão», pensando enviar para aquela cidade um dos seus redactores que fará toda a reportagem. A iniciativa daquele nosso colega mereceu-nos o nosso aplauso, pois mais uma vez contribuiu inteligentemente para a propaganda do automobilismo em Portugal.

Publicamos a seguir o regulamento do «II Salão» por onde todos os interessados se podem guiar para a representação dos seus produtos.

O Regulamento é o seguinte:

Artigo 1.º—O 2.º Salon Automobile do Porto, é promovido pela Delegação no Porto do Automovel Club de Portugal que delegaram na Direcção da S. A. P. C.

Art. 2.º—A delegação resolverá todos os assuntos que digam respeito ao Salon, tendo os expositores de acatar essas resoluções.

Art. 3.º—O Salon compreende as seguintes secções:

Automoveis, chassis, carrosseries, camions, auto-omnibus, avions, canots, cicle-cars, motocicletes, bicicletes, eclairages, magnetos, pneus, oleos, etc.

Art. 4.º—O fim do Salon consiste na apresentação ao publico do maior numero de marcas possivel dos artigos mencionados no art. 3.º, não podendo a Comissão recusar a qualquer representante ou constructor, um Stand de cada categoria, desde que o haja disponivel.

Art. 5.º—Os Stands serão devidamente registados pela ordem de recepção dos pedidos mais antigos.

Art.º 6.º—No acto do pagamento do aluguer dos Stands que terá lugar, o mais tardar até ao dia 30 de junho de 1922, serão dados aos expositores recibos com os numeros correspondentes a recepção dos pedidos.

§ unico—Os recibos servem para se fazer o sorteio dos Stands que terá lugar no dia 1 de julho de 1922, ao meio dia na nave central do Palacio de Cristal Portuense, recinto onde se realisa o Salon.

Art.º 7.º—Para os tomadores de mais de um Stand só se fará o sorteio do que tenha um preço de aluguer maior cabendo-lhe os outros mais proximos a esse. Depois do sorteio serão apostos nos recibos os numeros dos Stands que lhe couberam.

Art. 8.º — Ao sorteio podem assistir todos os expositores ou quem os represente, desde que se apresentem munidos com os respectivos recibos comprovativos do pagamento dos *Stands* tomados.

Art. 9.º — A comissão declina toda a responsabilidade pelos prejuizos que os artigos possam sofrer, fazendo no entanto o mais rigorosamente possivel o policiamento do local e não consentindo que depois do encerramento diario entre seja quem fôr no recinto da exposição, que ficará fechado até ao dia seguinte e guardado por pessoal de absoluta confiança da comissão.

Art. 10.º — Nenhum artigo exposto poderá ser retirado antes de encerrada definitivamente a Exposição, assim como terão de estar no local quatro dias antes da abertura, podendo a comissão, em caso de força maior reconhecido, e só ela, autorizar a entrada ou retirada dos artigos expostos.

Art. 11.º — A comissão encarregar-se-ha da ornamentação geral das naves e palco e do fornecimento e colocação das colunas e cordões divisorios dos *Stands*, ficando a cargo dos expositores a ornamentação do *Stand* que lhe couber, sujeita á aprovação da comissão.

Art. 12.º—Todos os automoveis, chassis e motocicletes entrarão na nave depois de devidamente vasios os depositos de gasolina, afim de evitar qualquer incendio.

Art. 13.º—Todos os prejuisos causados pelos expositores quer no edificio do Palacio de Cristal, quer nas ornamentações, serão pagos por eles.

Art.º 14.º—A limpesa dos artigos expostos e dos Stands durante a Exposição será feita pelas expositores até ás dez horas da manhã.

Art.º 15.º—A Comissão reserva-se o direito exclusivo de publicar um catalogo geral da Exposição que será vendido no recinto da mesma e para o qual recebe todos os esclarecimentos que os expositores lhe queiram fornecer até 30 de junho.

Art. 16.º — E' expressamente proibida a afixação dos preços nos artigos expostos, podendo apenas, caso lhes convenha, colocarem dentro dos seus *Stands* o numero de modelos vendidos anteriormente e durante a exposição, descrição dos mesmos, força, fotografias, etc. e uma tabuleta por cima de cada *Stand*, indicando a marca que êle encerra.

Art. 17.º — E' expressamente proibido fazer uso das cornetas expostas ou quaisquer outros sinais que possam incomodar o publico.

Art. 18.º — E' expressamente proibido aos expositores ou a quem os represente referirem-se ás outras marcas ou a quaisquer artigos expostos depreciando-os, sob pena de qualquer resolução dos membros da comissão, que o expositor acatará, isto para boa ordem do Salon.

Art. 19.º — A comissão roga a todos os expositores para que tomem todas as precauções e seguros contra o risco de fogo e acidentes do seu pessoal, pois que ela não toma a minima responsabilidade dêstes casos.

Art. 20.º — Cada expositor tem direito a dois bilhetes de ingresso no Salon e dois de serviço para os seus empregados, absolutamente intransmissiveis. Os cartões de expositores terão afixadas as fotografias dos seus possuidores.

Art. 21.º — O preço de aluguer é de 1$00 por metro quadrado.

Art. 22.º — Qualquer caso não previsto neste regulamento será resolvido pela comissão da forma mais pratica possivel, que o expositor terá de acatar, procurando sempre a melhor forma para que o Salon atinja o fim comercial a que é destinado.

PELO TELEGRAFO

O rei de Espanha beneficente

MADRID, 29.—O presidente do conselho esteve a despacho com o rei seguindo depois juntos para Val-de-Latas, a inaugurar o pavilhão para tuberculosos custeado pela marqueza de Arguelles.—(Lat. Am.)

Berenguer continua melhorando

MADRID, 29.—De Tetuan dizem que o alto comissario Berenguer continua melhorando esperando o medico, dr. Carmena, que o tumor do pé direito se curará em sete dias o que lhe permitirá chegar a Madrid na primeira decada de julho.—(Lat. Am.)

A acção espanhola em Marrocos

MADRID, 29.—O chefe da kabila de Grapana, agora nesta cidade, procurou o chefe do governo para solicitar que na zona do protectorado seja estabelecida uma escola de ensino tecnico para os indigenas.

Interrogado pelos jornalistas mostrou confiar na acção da Espanha em Marrocos.—(Lat. Am.)

Presidencia do conselho municipal

PARIS, 29.—Foi eleito presidente do conselho municipal, desta cidade, o sr. Luiz Peuch conhecido pelo estudo aprofundado que tem feito dos problemas da higiene.—(Lat. Am.)

As reparações

PARIS, 29.—A comissão de reparações aprovou as modificações introduzidas nas combinações de 15 de março do corrente ano relativas ás prestações em material.—(Lat. Am).

As garantias

PARIS, 29. — As subcomissões do comité de garantias continuam os seus trabalhos. Quando estejam terminados o comité reunir-se-ha em sessão plenaria.—(Lat-Am).

Uma corrida automobilista

STRASBURGO, 29.—Está-se trabalhando na organisação do circuito para o «grand prix» automobilista no proximo mez de julho e na recepção e alojamento para os numerosos touristes que aqui afluirão.—(Lat-Am).

As despesas da Sociedade das Nações

PARIS, 29—A comissão de repartição das despezas da sociedade das nações que ontem reuniu nesta cidade, compõe-se de Reveillo, presidente, representante da França, Strakoss representante de Africa do Sul, Barbosa Carneiro pelo Brazil; Solcri pela Italia e Jancojici pela Romenia. (Lat. Am.).

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

SESSÃO DIURNA

Presidencia do sr. Domingos Pereira. Abertura da sessão ás 15 horas, com 45 legisladores presentes.

ANTES DA ORDEM

Continua o debate na generalidade, sobre o projecto de lei de *Habeas-Corpus*.

O sr. Lelo Portela conclue o seu discurso; que não incide sobre o projecto e divaga sobre os acontecimentos de 19 de Outubro.

Fala a seguir o sr. Almeida Ribeiro. Como de costume, o discurso é segredado aos parlamentares que estão proximos do ilustre *leader* democratico. E'-nos impossivel, pois, extractar o seu discurso, mesmo muito resumidamente que seja.

OS ORÇAMENTOS

Amanhã, ultimo dia do ano economico de 1921-22, devem ficar aprovados os orçamentos de todos os Ministerios. O sr. Antonio Maria da Silva fez expedir avisos para os parlamentares da maioria, ausentes de Lisboa, a fim de que não faltem ás sessões diurna e nocturna de amanhã.

Entra em discussão na

ORDEM DO DIA

o orçamento da Caixa Geral dos Depositos.

No Senado

Preside o sr. Afonso de Lemos, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Sousa Varela. Acta aprovada por 31 senadores.

O sr. Francisco Paula envia para a mesa um projecto de lei desanexando a freguesia de Alfreneda da de Vila Velha de Rodam.

Os srs. Mendes dos Reis e Augusto de Vasconcelos instam pela presença dos srs. ministros da Instrução e Colonias.

Os srs. Xavier da Silva e Aragão e Brito ocupam-se das dividas dos Transportes Maritimos do Estado.

O sr. ministro do Comercio declara aguardar a votação da proposta pendente na outra Camara.

O sr. Pedro Chaves envia para a mesa um telegrama do presidente da camara de Albergaria-a-Velha pedindo para não ser aprovada no Parlamento a proposta de lei que reduz os direitos de importação de papel de jornal, a fim das fabricas de pasta e papel do paiz não terem de cerrar as suas portas.

O sr. Tomás de Villena protesta contra a exagerada velocidade dos automoveis nas ruas, contra o uso de morteiros a todas as horas e, aludindo ao banquete oferecido ao sr. Aires d'Ornelas, afirma não terem sido feitos ali quaisquer protestos revolucionarios, se bem que o ser revolucionario hoje é uma honra, como se poderá dizer — exclamou — o sr. presidente do Ministerio.

O sr. Machado Serpa protesta contra as acusações feitas ao sr. governador civil da Horta, fazendo o elogio daquela autoridade.

A sessão continua.

Os roubos na Exploração do Porto de Lisboa

Foi hoje enviado para juizo Joaquim de Magalhães, chefe do Entreposto de Alcantara que ha dias se achava acusado de ter praticado varios roubos na Exploração do Porto de Lisboa.

Ao chefe Xavier foi pedida uma copia das investigações que a policia procedeu sobre o caso a fim de junto ao processo da sindicancia que ali se está procedendo.

Um alucinado

dá um tiro na cabeça depois de ter tentado assassinar uma mulher

Ha anos frequentava as vielas do Bairro Alto e Praça da Alegria uma interessante rapariga que era muito questada pelos «habitués boemios» daqueles bairros.

Essa rapariga tinha um genio muito irrascivel e era temida pelas suas companheiras e até pelos proprios homens devido a sua grande valentia a ponto de ter dado bastante que fazer á policia pelo que tinha grande numero de prisões simplesmente por desordens e agressões.

A sua mania era agredir os homens, tendo até em tempos ficado gravemente ferido um cabo de policia.

Ha 8 anos farta de sofrer torturas encontrou um individuo proprietario de uma leitaria com quem viveu alguns anos, vindo pouco depois a casar com um chaufeur do quem está actualmente separada vivendo com um ex-fiscal das padarias da Companhia Portugal e Colonias.

Esta rapariga chama-se Barbara Teixeira e deve ter hoje os seus 40 anos, vivia com João Ferreira Tenente o referido fiscal, numa casa na rua da Caridade e hontem á noite resolveram ambos ir passear para o parque Mayer, onde estiveram numa barraca comendo e bebendo.

Ao fechar da feira saíram os dois em direcção a um baile popular que se realisava na rua do Cardal em procura dum individuo que ha dias se envolvera em desordem com o Tenente e que lhe rasgou o casaco, ficando o mesmo individuo de dar 50 escudos pelo prejuizo.

Chegados ao baile o Tenente puxou de uma navalha para agredir a sua amante mas não o fez em consequencia de não poder de repente abrir a navalha, dando tempo a que a Barbara se pudesse desviar.

Em seguida a este arrufo, foram os dois para casa, mas a Barbara com receio de ser agredida.

Ao chegarem a casa, o Tenente dirigiu-se para um quarto, pedindo a sua amante para o acompanhar e que se sentasse numa cadeira.

Ela respondeu-lhe que não, e que não estava para o aturar devido ás constantes bebedeiras que tomava e que melhor era procurar outro modo de vida, pois que havia 8 mezes que andava desempregado e que era ela quem o sustentava e que era auxiliada pelo seu antigo amante, o tal proprietario da leitaria, que hontem mesmo lhe dera 20 escudos, quantia esta destinada para irem ambos ao parque Mayer.

Quando a Barbara acabou de dizer que não queria o Tenente, este desesperado atirou-se a ela dizendo-lhe que lhe cortava a cara, e n'essa ocasião puxou de um revolver e apontou-o á Barbara, pedindo esta que não o matasse, e voltando a arma para si, deu um tiro na cabeça.

A Barbara gritou por socorro, comparecendo alguns populares e a policia que ali perto andava de serviço que fizeram conduzir o ferido ao hospital de S. José, mas quando ali chegou era cadaver, motivo porque foi removido para a Morgue, ao mesmo tempo que a Barbara era presa e conduzida para o governo civil onde se encontra nos calabouços particulares, em consequencia de que na rua da Caridade correr a versão que o Tenente tinha sido morto pela a Barbara quando esta se vira ameaçada com a navalha.

No entanto a policia procede ás necessarias investigações e aguarda o resultado da autopsia a fim de averiguar o que ha de verdade.

A navegação para a Africa

O sr. ministro das colonias tenciona apresentar brevemente ao Parlamento uma proposta de lei tendente a resolver o problema da navegação para as possessões ultramarinas.

Conselho de Ministros

O conselho de ministros reuniu-se hoje na secretaria do Interior, ocupando-se de assuntos de administração publica, segundo diz a nota oficiosa.

O papel-moeda na Africa Ocidental

Vai ser aumentada a circulação fiduciaria na provincia de Angola.

O serviço de exames

A fim de não prejudicar o serviço dos exames liceaes, o sr. ministro da Instrucção, resolveu não conceder, a partir de depois de amanhã, mais dispensas de idade e a entrega de documentos fora do praso legal. Os interessados que forem ou forem atendidos, teem pois de entregar até 1 de julho, na direcção geral de ensino secundario, os selos fiscais para as respectivas portarias.

Funcionarios de Angola

Foi elevado o subsidio eventual aos delegados de procurador da Republica e conservadores do registo predial em Angola passando a receber com o rendimento 10.120$ anuais alem dum subsidio de familia correspondente a 100 por cento dos respectivos vencimentos de catego-

As propostas de finanças

Atitude da minoria parlamentar liberal

Está convocada, para esta tarde, uma reunião da maioria liberal, a fim de deliberar definitivamente, qual a atitude a assumir perante as propostas de finanças. Essa reunião efectua-se logo que o sr. Cunha Leal chegue á Camara. A's 16 horas ainda o ilustre parlamentar não aparecera no hemiciclo.

E' de prever que os parlamentares liberais assumam uma posição de oposição formal ao governo. Alguns dos seus parlamentares não ocultam a opinião de que a aprovação das propostas de finanças marcará inevitavelmente um periodo de graves perigos para a Republica, sem proveito absolutamente algum, porque a cobrança dos impostos votados será praticamente inexequivel. Nessas condições defendem a these de que é preferivel correr o risco duma crise ministerial de solução dificil, embora não impossivel, a lançar o paiz em contingencias mais perigosas.

Um novo convenio luso-africano

Deram já entrada no Ministerio dos Negocios Estrangeiros todos os documentos relativos ás negociações para o novo convenio luso-transvaliano, visto, como noticiámos, passar o assunto a ser tratado directamente por aquela secretaria.

"Raid" Lisboa-Brazil

Os aviadores portuguezes no Brazil

Segundo comunicação recebida no Ministerio da Marinha, os aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral devem partir em 2 de Julho proximo para os portos da Victoria, Bahia e Pernambuco.

Os dois heroicos oficiais vão realisar conferencias em Paris e Londres, acerca da viagem que acabam de realisar.

O governo grego felicita o gabinete portuguez

O governo da Grecia, por intermedio do seu consul geral em Lisboa, sr. Costas Nearchos, felicitou o governo portuguez pelo brilhante exito da viagem aerea Lisboa-Rio de Janeiro.

Policia de investigação

Constava hoje no Governo Civil que seria publicado no «Diario do Governo» uma portaria reintegrando no seu logar de chefe da policia de investigação o sr. Manuel de Jesus Sequeira que após o movimento de 19 de outubro fora afastado do serviço.

Um caso triste

Na sala das observações do Hospital de S. José deu hoje entrada, tendo falecido momentos depois, Maria Suzana de Almeida, de 20 anos, professora de musica, moradora na Praça da Alegria 46-3.º que se suicidou, precipitando-se duma janela do 4.º andar do Hotel Francfort.

O cadaver recolheu á casa mortuaria.

Theatros e Cinemas

Noticiario

Entre nós

O 11.º quadro da «Revista de Praxedes» cuja primeira representação está marcada para sabado, é passado em Traz-os-Montes e tem como subtitulo «A Lareira» e o 12.º no Douro, por ocasião das vindimas. A acção do 13.º quadro decorre em Coimbra, no Choupal e o 14.º na Beira Alta, Serra da Estrela.

A peça é apresentada a rigor, com scenarios feitos expressamente feitos cabendo a responsabilidade de guarda roupa em que abundam os trages caracteristicos ao probo costumier Castelo Branco.

◆ Comunica-nos o empresario O. Donnell que encerrando temporariamente as suas portas o cinema Olimpia, para beneficiações, reparações e pinturas, todo o stoch de filmes pertencentes áquele Salão serão passados a partir do 1.º do proximo mez no Edon Teatro e Cinema Parque, (Parque Mayer).

◆ No teatro Nacional realisa hoje a sua festa anual o estimado camaroteiro Gouveia Pinto.

◆ No proximo dia 5 de julho realisam a sua festa no Eden os estimados actores Nascimento e Sarah Cunha com um programa que comportará a «Cavalaria Rusticana», «D. Ramon de Capichuelo» e Rosas de todo o ano».

Para esta festa, para a qual foi convidado o sr. Presidente da Republica tiveram os beneficiados a gentileza de nos enviarem 4 cadeiras para serem vendidas e cujo produto reverterá a favor dos nossos pobres.

◆ São os seguintes os quadros do primeiro acto da revista «Frufu», dos nossos colegas Armando Ferreira, Luiz Guimarães e João Ameal que deve inaugurar a epoca de inverno num dos nossos teatros do genero:

1.º—Fruto prohibido.—2.º Um pouco de genebra.—3.º Academia Matematica de Beleza.—4.º Lisboa em retalhos.—5.º No alto da Baixa.—6.º Entre as 10 e as 11.—7.º O cantico do galo (apoteose).

◆ No teatro Apolo, em seguida á fantasia «A Vida», far-se-ha reprise das revistas «Belo Sexo» e «Pica Pau» montando-se depois a nova revista de Abreu e Sousa e Ascenção Barbosa «Cigarro brejeiro».

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9—«A Cavalgada das Nuvens» e «O Centenario».
AVENIDA—A's 9,15—«A Maluquinha de Arroios».
POLITEAMA—A's 9,30—«Entre giestas».

Teatro musicado

SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Pipa-rote».
CHIADO TERRASSE—A's 8,30 e 10,30—«Tiro ao Alvo».
APOLO—A's 9,15—«A Vida».

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade
SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores
COLISEU DOS RECREIOS—A's 8,30—Animatografo e variedades.

A epidemia anarquica

lavra assustadoramente no nosso meio social

No sentido usual e popular, a palavra «anarquia» significa desordem, confusão, desorganisação. E' o avesso da disciplina, da sensatez, da regra logica que rege a vida social. Onde a anarquia começa, se se lhe não opõe um remedio eficaz, lavra com intensidade galopante, invade toda a extensão da modalidade social em que se gera, e passa a atacar as outras numa labareda de furor destrutivo. A anarquia nas funções colectivas dum povo é como a lepra na epiderme dum organismo. Ou vem um medico que a vença á força de cauterio, ou a morte será o termo fatal da doença.

Tanto os povos como os individuos se acham expostos a varias enfermidades. A anarquia é o morbus mais vulgar nos primeiros. Recorde-se a Espanha de Isabel II, a França de Robespierre, a Inglaterra de Carlos I as republicas italianas do seculo XVI. Aqui, a anarquia chegou a um ponto tal, que um escritor dos mais ilustres daquele tempo aconselhava ao principe que, para segurança do seu governo, usasse de perfidia, de traição, de intrigas e falsidades, liquidando os seus inimigos pelo punhal e pelo veneno! No Portugal dos nossos dias ha tambem quem pense na pena de morte para a liquidação dos malfeitores. E' a perversão do sentimento, o regresso a uma fase extinta da evolução da justiça, a anarquia intelectual coroando a obra de todas as formas anarquicas que nos cercam!

Tão adeantada vai a doença da anarquia no nosso meio social, que já os homens mais inteligentes propõem aberrações juridicas, supondo que com elas póde salvar-se a nação do mal que a invadiu. Nem o espectaculo que estamos presenceando quanto á punição dos crimes de 19 de outubro, em que, como nos assassinios politicos anteriores, não se sabe quem mandou matar, póde suspender a ideia de se restabelecer nos nossos tribunais a pena de morte! Não se vê que na grande maioria dos crimes mais hediondos, o agente do crime é o menos culpado. Influencias directas ou indirectas, ocasionais ou ancestrais, doentias ou de incultura, condicionam o crime, sendo muitas vezes o homem que esfaqueia, ou que lança bombas explosivas sobre edificios ou comboios, o mero instrumento dos que o incitam, o desvairam e lhe armam a mão. Faça-se a analise psicologica do criminoso, investiguem-se as taras que o acompanham desde a barbarie antiga, verifique-se o meio associativo em que viveu, as ideias sinistras que nesse meio lhe foram inoculadas, as leituras que o excitaram, a receptividade mórbida que o distingue—e haverá de concluir-se que só uma leve percentagem de delinquentes praticaram os crimes conscientemente, voluntariamente. Ainda neste limitado numero de casos, alguns haverá que parecendo espontaneos são filhos de perversões e anormalidades.

Como é possivel, pois, fazer justiça, matando legalmente quem mata alucinadamente? Matando o agente do crime, e deixando impune aquele que o preparou e industriou? Condenar á morte um scelerado que a sociedade e o Estado não souberam educar, nem separar das influencias perniciosas que esse mesmo Estado tolera?

A sentença da pena ultima seria um crime maior do que o crime que ela pretende punir: seria a morte reflectida em castigo da morte exaustinada.

Na eclosão actual desta ideia barbara, nós não vemos senão o alastramento da anarquia que de ha anos a esta parte fulmina a sociedade portugueza, mais, particularmente, a sociedade lisbonense, fóco da doença que se estende á provincia, e vai lavrando por toda a nação.

Começou o mal pela anarquia politica, eleitoral e parlamentar; derivou para as finanças e para os cambios; entrou na religião e nos costumes civicos; arruinou a ortografia da lingua; galgou para o Exercito e para a Marinha; tem feito imensos estragos no comercio pela intromissão do comerciante miliciano; pos de rastos a instrução publica e algumas classes do professorado; provocou o odio das classes trabalhadoras contra os patrões; gerou o problema das subsistencias, origem da miseria popular; e começa agora a sua obra de desorientação na intelectualidade nacional.

A anarquia intelectual é a ultima «étape» desta desorganisação colectiva; é como que um prenuncio de loucura social; a manifestação da impotencia num campo que deveria dar luz e animo a todos os outros campos da actividade; e que, progredindo, abafará o ultimo alento desta nacionalidade gloriosa.

Vamos levar ao Brazil, segundo consta—o quê? Terra! Dizem que ha nisto um simbolismo poetico de grandeza e de virtude.

Os nossos conterraneos ficarão profundamente impressionados com essa ideia original, vendo e palpando essa pequena porção do sólo portuguez, onde nasceram e onde têem presas as suas mais gratas aspirações. Mas os brazileiros nativos e os estrangeiros que vão tomar parte no concurso, dirão aos representantes de Portugal.

«Estamos encantados com a vossa terra, contida neste vaso artistico de filigrana. E o povo de vosso paiz, habitante dessa terra sagrada, como passa? Como vive? Como realisa ele o pensamento de progresso social que é o fim moral de todos os povos?

A estas perguntas, se os nossos delegados quizerem dizer a verdade, responderão.— «O povo portuguez não vive bem, não é feliz, não é progressivo. Uma anarquia furiosa reina em todas as formas da actividade do Estado e do corpo social. O Estado não sabe como dominar a anarquia politica, financeira, economica, moral e religiosa. Comtudo esperamos reduzir este mal ao minimo, mediante um principio de justiça a que a anarquia não resistirá.»

A dificuldade está em encontrar a definição concreta desse principio dentro das justas e normais regras do nosso tempo.

O que são as Hurdes?

Terra misteriosa de Hespanha por onde andou ultimamente Afonso XIII

A população hespanhola está agora entretida, neste começo de estio, com o chamado «caso das Hurdes»—ou jurdes—que das duas maneiras se ortografa o nome da região actualmente em evidencia.

O dicionario de Alemany, na sua parte scientifica, dá-nos a seguinte nota ácerca das Hurdes: «Comarca da provincia de Caceres, nos confins da Salamanca, ao sul das Batuecas, cujos habitantes, dedicados ás mais humildes fainas agricolas ou á mendicidade, vivem miseravelmente, apartados da civilisação».

Mas esta nota sucinta do Alemany é agora prolixamente ampliada por alguns auctores que precederam o rei na visita á desolada região e por outros que já não foram. O «descobrimento» das Hurdes ou Jurdes determinou um verdadeiro desbordamento de literatura jornalistica, em que se observam duas tendencias: a primeira sentimentalista, construtora, sincera, impulsiva e bem intencionada; a outra utilitaria, negadora, hipocrita calculada e malevola, visando uns politicos. Todos os topicos e logares communs capazes de alvoroçar a opinião indocumentada são usados por esta segunda literatura, a que se poderia chamar «de exportação».

De todos os modos o soberano sempre attento em escutar as palpitações da nação—alli foi com alguns technicos, a fim de estudar no proprio terreno a situação e vêr se o remedio é coisa factivel.

De toda esta avalanche de litteratura (singela e maliciosa) deduz-se que a comarca se divide em Baixas Hurdes e Altas Hurdes. Na primeira, o terreno é propicio á agricultura e a sua população, laboriosa e ordenada, vive geralmente uma existencia rural, como em qualquer parte. Na segunda, a natureza é abrupta e infecunda, e os seus habitantes, mais affeiçoados á vida mendicante que ao trabalho, habitam choupanas immundas, em uma lamentavel promiscuidade de sexos e em communidade com os animaes.

O problema não é, pois, tão simples como podem pensar ingenuamente os rehabilitadores das Hurdes, ou como pretendem os derrotistas empenhados em demonstrar que Hespanha é o paiz mais atrazado e inculto do mundo.

Ha quarenta annos houve em Hespanha outra invasão de litteratura a respeito das Hurdes ou Jurdes. Fizeram-se interpellações e pomposos discursos no parlamento: enviaram-se actas á «Sociedad Española de Antropologia» e outras corporações doutas: visitaram a região, medicos, engenheiros, professores, etc. E as Hurdes ficaram como estavam, porque tudo aquillo não passou de fogo de palha. Mas, era já então uma novidade o «caso das Hurdes»?... Não. As Côrtes de Cadiz já se haviam occupado do assumpto e tambem não fizeram nada. O que se gastou foi muito tempo e muita palavriado.

A Provincia na "Capital,,

RIO DE MOINHOS, (Abrantes), 29. — Terminaram os festejos dos Taboleiros os quaes decorreram na melhor ordem e com o maior explendor possivel. Devemos salientar a maneira ordeira como se efectuaram as festas de egreja e procissão. O fogo de artificio pertencente aos distintos pirotecnicos de Viana do Castelo e Mouriscos, respectivamente srs. Silva & Filhos e Marques Amante, foi deslumbrante. De todos os lados se ouviam palmas e gritos de entusiasmo, pelo que os pirotecnicos ficaram muito gratos não só á Comissão como a todos que tiveram a felicidade de apreciar o seu trabalho. A Comissão e em especial o Exm.º Sr. Manoel Alexandre Sellada tem sido muito cumprimentados. A Comissão encarregou-me por meio deste conceituado jornal, vir agradecer a todos que honraram com a sua presença tão brilhantes festejos, a forma ordeira e verdadeiramente alevantada como se portaram. Igualmente agradecem á Exm.ª Comissão encarregada da construcção do novo coreto a sua vistosa ornamentação.

CEIA, 28. — Acaba de dar-se aqui um facto lamentavel, Antonio Borges de Melo, proprietario de Sandomil, tendo sido mordido ha mezes por um cão atacado de hidrofobia, havia recebido imediato tratamento no instituto anti-rabico, donde regressou depois do competente curativo. Sucedeu, porém, que lhe apareceram manifestações de raiva, vindo a falecer hoje apoz atrocissimos sofrimentos, causando a sua morte um alarme justificado em todos quantos tiveram conhecimento do tristissimo acontecimento. —(H).

Padrões da Grande Guerra

Os Padrões do Touring :—: Club de France :—:

Reuniu-se a Comissão Central dos Padrões da Grande Guerra sob a presidencia do sr. general Gomes da Costa, assistindo o sr. general Abel Hipolito, coroneis Sá Cardoso e Viçoso May, capitão de fragata Afonso Cerqueira, tenentes Alvaro Poppe e Pires Monteiro, major Vitorino Guimarães, capitães Guilherme Oom e Lima Barreto, tenente-medico da Armada Garcia da Silva. Enviaram cartas e telegramas de adesão os srs. Henrique Lopes de Mendonça, Bispo de Beja, D. José do Patrocinio general Ferreira Gil, almirante Almeida d'Eça e coronel Vitoriano Cesar.

A comissão tomou conhecimento das verbas já subscritas e resolveu prorogar a fase da propaganda até ao fim do ano corrente, a pedido de algumas comissões de propaganda local, pois que o facto bem memoravel do prodigioso «raid» atlantico de Gago Coutinho e Sacadura Cabral veio desviar atenções por esta nova gloria da Nossa Patria.

A comissão resolveu contribuir para a construção dos dois Padrões, que o Touring Club de France vai erguer em Saint Floris e Le Touret. Recebeu informação de que o sr. Bapio, ilustre ministro de França em Lisboa, actualmente de licença em Paris, recebeu o delegado da comissão, sr. Sousa Lopes, mostrando muito interesse na obra dos Padrões.

As maquetes dos padrões de Lacouture, Angola e Moçambique vão ser esboçadas por alguns dos nossos primeiros artistas.

Em Braga realisa-se no proximo dia 1 uma importante recita de Gala que está despertando grande interesse, á qual assistirá como delegado da comissão Central o sr. tenente-coronel Alvaro Peppe.

SPORT

NOTICIARIO

LIGA PORTUGUESA DOS CLUBS DE NATAÇAO

Desafios de Water-polo

Os resultados dos desafios de Water-polo de 3.as categorias realisados no passado domingo na doca do Bom Sucesso, tiveram os seguintes resultados:

Casa Pia Atletico Club empatou com Club Sportivo de Pedrouços 1-1.

Sporting Club Oeiras venceu Club Nacional de Natação 2-0.

Os proximos desafios realisam-se domingo 2 de Julho, pelas 10 horas da manhã, na doca de Alcantara entre os seguintes teams:

Sport Algés e Dafundo contra Ateneu Comercial de Lisboa.

Club Sportivo de Pedrouços contra Club Nacional de Natação.

UM LIVRO SOBRE ATLETISMO

Tem obtido no nosso meio grande sucesso o livro sobre atletismo «Tecnica e Preparação Atletica» que o jornal «Os Sports» acaba de editar da autoria do sr. dr. José Salazar Carreiro. O nosso meio sportivo que não possue livros uteis em portuguez, deve dentro em pouco ter uma biblioteca que «Os Sports» tomou a iniciativa de fazer.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

O Diabo no Penim

por Julio Cesar Machado

— Era melhor, talvez; era melhor, sim! respondeu o moço, apertando sob o mantelete o braço creio e bonito da donzela. Mas, que queres? E' um ascendente invencivel. O teatro tenta-me e atrae-me. Sonho com êle de dia, não penso á noite senão nêle; devora-me o desejo de viver na criação dos poetas, parece-me ter vinte existencias. Cada papel que represento abre-me uma vida nova; não ha paixão nenhuma das que exprimo, que eu não sinta; se ha coisa que me aflija é que os melhores talentos de Portugal estejam arredados do teatro: que Castilho desdenhe a scena, que Mendes Leal haja preferido a politica, que Rebelo da Silva preze mais a tribuna do que o palco e Camilo Castelo Branco troque a plateia pelo leitor!

— E' tudo isso justo e bonito, mas estás muito bem ao facto de que a minha gente não quererá um comico para genro!

— Não hão de querer um actor obscuro, pobre artista ambulante, como eu, que representei êste ano na Chamusca o *Frei Luiz de Sousa* e em Vila Franca o *Homem da mascara negra*; mas quererão um grande artista coberto de gloria e de aplausos, mais bem pago que um conselheiro, isso hão de êles querer por mais dificeis que sejam. Quando eu fôr pedir a tua mão, bem colocado já, bem conhecido, bem apregoado pela imprensa e bem pago pelo governo no teatro normal, cuidas que hão de regeitar-me?

— Decerto não. Mas quem te diz a ti que chegarás a essas alturas? Tens muito talento, mas o talento não basta, é preciso tambem fortuna. Quando chegares a ser o grande actor que esperas, haverá passado o melho tempo da nossa mocidade e então quererás tu ainda ser noivo da tua velha Julinha, tendo á tua disposição os amores de todas aquelas princezas de teatro, tão graciosas e enfeitadas?

— Está mais proximo êsse futuro do que tu pensas; tenho uma escritura na Rua dos Condes e a direcção ficou tão satisfeita do meu ultimo papel, que me deu um relogio como gratificação!

— Bem sei, replicou a donzela num tom de voz grave e melancolico, o papel de diabo na peça nova. Olha, Henrique, deixa dizer-te que me aflige ver um cristão pôr a mascara do inimigo do genero humano e pronunciar palavras que são blasfemias. Quando fomos, a semana passada, ver essa peça, parecia-me a cada instante que um verdadeiro fogo do inferno sahia dos alçapões por onde te somes num turbilhão de chama e fumo! Voltei para casa cheia de inquietação e tive sonhos horriveis.

— São quimeras, Julinha, quimeras improprias da tua fina inteligencia!

— Desde que entrámos no teatro estive num sobresalto sempre. Meu pai recordou-se muito dos tempos antigos dêsse teatro e disse, com uma seriedade que me fez impressão, que nunca ali se tinham representado peças fantasticas nem magicas grosseiras senão agora; que havia sido aquele o berço da arte dramatica em Portugal e ali se tinham criado numa escola discreta e nobre os unicos artistas que têm merecido estima; que se haviam estreado ali os mais festejados talentos da literatura da época. Mendes Leal, pelos *Dois renegados*; Pereira da Cunha, pela *Herença do Barbadão*, Andrade Corvo, pela *D. Maria Pais*; Alexandre Herculano, *pelo Cruzeiro de Africa*: dramas, dizia meu pai, em que se cultivavam com esmero e amor os dotes dos artistas scenicos, em vez de se oferecer como agora o espectaculo penoso de vocações que se vilipendeiam num genero, que apenas invoca o terror ou o riso!

— Podes socegar, que é ámanhã a ultima representação e nunca mais tornarei a vestir o traje negro e vermelho que tanta raiva te inspira!

— Ainda bem! E' porque não sei que vagas apreensões, que susto instintivo me agita o espirito e tenho medo de que êsse papel proveitoso talvez á tua fama, não o seja á salvação da tua alma. E, depois, tomas maus costumes com aqueles comicos com quem vives; desconfio que nunca vais á missa e és capaz de já ter perdido o crucifixosinho que te dei para trazeres ao pescoço!

Henrique justificou-se entreabrindo o peitilho da camisa e deixando brilhar uma cruz pequenina, de oiro. O toque da sineta preveniu-os pela segunda vez que era tempo de se apartarem e, como a familia a quem Julia ficara entregue se erguer para sair, tiveram tempo apenas os dois namorados de se apertarem ternamente as mãos. Ele seguiu-a ainda com a vista por entre a nuvem de poeira que o vento levantava, até não distinguir senão uma figurinha confusa que se perdia na noite. Os musicos tocavam uma ultima peça, não sei que valsa vertiginosa e louca que acordava toda a qualidade de tentações. Levantou-se o moço, como tomando uma resolução heroica e, rompendo por uma pirueta, foi-se num passo rapido até uma tasca conhecida apenas pelos estudantes, pelos actores e pelo povo, a que se chama o Penim.

E' uma baiuca na rua do Regedor, com as duas classicas entradas, uma pela porta principal para os fregueses sinceros, outra por uma escada contigua, para os envergonhados. Tem tido essa tasca obscura um par de fregueses gloriosos; um grande poeta, cuja memoria viverá sempre na saudade dos espiritos delicados, não desdenhava ir ali de vez em quando com uma sociedade de quatro ou cinco amigos, jantar, ao cair a noite; o criado conhecia-o, conhecia-o o patrão da locanda, conhecia-o até o cozinheiro, que, ao vê-lo passar, o saudava do seu nicho, tirando com respeito o barrete branco de *mirmiton*. Era um espectaculo original ver o sentimento literario de que aqueles honestos locandeiros davam prova e o sorriso de alegria intima que se lhe espalhava por todo o gordo semblante ao saudarem o sublime talento daquele grande homem, que segurara ao mesmo tempo a lira e as redeas do Estado, indo, dias depois de deixar o poder, jantar alegremente, não como ministro, não como poeta, não como conselheiro, mas como rapaz ... rapaz de sessenta anos, que é o que êle era ... á humida e popular tasca, em que a sua vez, que o parlamento escutava ancioso, pedia num tom de ambição ... ciroz grelhada!

O Penim! Mas é um estudo, semelhante casa: estudo que reclama um futuro Hogart para inortalizar na tela as feições, os tipos, os grupos; ou um Eugenio Sue de bom humor, que dispa o *frack* para vestir a *blouse*, e vá ... entre daquela sociedade ... parte, buscar um romance de costumes. ... Rodolfo. Rodolfo é o unico personagem que o Penim não acolheu até hoje, no seu desdem pelos principes. Tudo o mais ferve ali: ha Rollantes que é uma praga, Flores de Maria a rôdo e Corujas por dá cá aquela palha: do meio dia á uma hora jantam ali os timidos comensais, que principiam o convivio por uma posta de peixe e terminam-no logo por uma azeitona com pão; da uma hora ás três seguem os convivas normais, que escolhem coelho guisado para primeiro prato e pedem um caldo ao moço — o caldo no Penim gosa dos foros de oferta e cada freguês recebe, a titulo de presente, numa tijela de loiça da terra, duas cabeças de nabo a boiarem num caldo substancioso; das três ás cinco aparecem os vagabundos, gente sem eira nem beira, que come a credito, até o locandeiro lhe dar baixa de talher, pobres diabos que recomendam ao criado que lhes troque meio pão grande, em vez de um pão pequeno, porque custa o mesmo e rende mais, Saltabadil sem futuro, que usam de uma ponta de cigarro por sobremesa e consideram que um freguês ... uma ... variedade da especie humana.

(Continua)